JOGOS VORAZES

A TRILOGIA

SUZANNE COLLINS

ROCCO DIGITAL

Sumário

LIVRO I
Jogos vorazes

LIVRO II
Em chamas

LIVRO III
A esperança

A AUTORA

CRÉDITOS

JOGOS VORAZES

SUZANNE COLLINS

ROCCO DIGITAL

SUZANNE COLLINS

JOGOS VORAZES

Tradução
Alexandre D'Elia

ROCCO DIGITAL

Para James Proimos

PARTE I

“OS TRIBUTOS”

Quando acordo o outro lado da cama está frio. Meus dedos se esticam à procura do calor de Prim, mas só encontram a cobertura áspera do colchão. Ela deve ter tido sonhos ruins e pulou para a cama de nossa mãe. É claro que foi isso. Hoje é o dia da colheita.

Eu me apoio sobre o cotovelo. Há luz suficiente no quarto para que eu possa enxergá-las. Minha irmãzinha, Prim, encolhida junto ao corpo de minha mãe, suas bochechas coladas. Dormindo, minha mãe parece mais jovem, ainda um pouco acabada, mas não inteiramente arrasada. O rosto de Prim é tão fresco quanto uma gota de chuva, tão adorável quanto a flor que lhe deu o nome. Minha mãe também já foi muito bonita. Pelo menos é o que se diz.

Sentado aos pés de Prim, vigiando-a, está o gato mais feio do mundo. Nariz esmagado, metade de uma orelha arrancada, olhos da cor de abóbora podre. Prim o chama de Buttercup, insistindo que a coloração amarelada de seu pelo combina com a da flor de mesmo nome. Ele me odeia. Ou pelo menos desconfia de mim. Apesar de já ter se passado muito tempo, acho que ele ainda se lembra de como tentei afogá-lo num balde quando Prim o trouxe para casa. Gatinho raquítico, com a barriga inchada por causa dos vermes e cheio de pulgas. A última coisa que eu precisava era outra boca para alimentar. Mas Prim implorou tanto – até chorou – que fui obrigada a deixá-lo ficar. No fim, deu tudo certo. Minha mãe o livrou dos vermes e ele se provou um excelente caçador de ratos. De vez em quando pega até alguma ratazana. Às vezes, quando acabo de limpar uma caça, dou as entranhas a Buttercup. Ele parou de chiar para mim.

Entranhas. Fim dos chiados. Isso é o mais próximo de amor que conseguiremos atingir.

Jogo as pernas para fora da cama e deslizo-as para dentro de minhas botas de caça. Couro maleável que se amoldou aos meus pés. Visto as calças, uma camisa, enfio minhas longas tranças pretas em um quepe e pego minha mochila de provisões. Sobre a mesa, debaixo de uma tigela de madeira para protegê-lo de ratos e gatos vorazes, está um perfeito queijo de

cabra enrolado em folhas de manjericão. O presente de Prim para mim no dia da colheita. Coloco cuidadosamente o queijo em meu bolso e saio.

A parte em que vivemos no Distrito 12, apelidada de Costura, nesta hora do dia está normalmente apinhada de mineiros se dirigindo ao turno matinal. Homens e mulheres com os ombros caídos e as juntas inchadas, muitos dos quais há tempo desistiram de limpar a fuligem negra de suas unhas quebradas e de apagar as profundas rugas de seus rostos. Hoje, porém, as ruas cinzentas de carvão estão vazias. As persianas das casas baixas e escurecidas estão fechadas. A colheita só começa às duas. Pode dormir mais um pouco. Se você conseguir.

Nossa casa fica quase no limite da Costura. Eu só preciso passar por alguns portões para alcançar o descampado miserável chamado Campina. Separando a Campina da floresta, na verdade, circundando todo o Distrito 12, encontra-se uma cerca alta de arame farpado. Teoricamente, ela deveria estar eletrificada 24 horas por dia para afugentar os predadores que vivem na floresta – bandos de cães selvagens, pumas solitários, ursos – que costumavam ameaçar nossas ruas. Mas como, na melhor das hipóteses, só conseguimos duas ou três horas de eletricidade durante a noite, normalmente é seguro tocar a cerca. Mesmo assim, sempre espero um pouco para ouvir o zunido que indica que ela está ativa. Nesse momento, está tão silenciosa quanto uma pedra. Escondida em um aglomerado de arbustos, encolho a barriga e deslizo por baixo de uma abertura de meio metro que está lá há anos. Existem vários outros pontos frágeis na cerca, mas esse aqui fica tão perto de casa que quase sempre entro na floresta por ele.

Assim que chego às árvores, retiro um arco e um estojo de flechas de um tronco oco. Eletrificada ou não, a cerca tem tido sucesso em manter os comedores de carne afastados do Distrito 12. Na floresta, eles correm livremente, e há ainda outras preocupações no local, como cobras venenosas e animais raivosos, e nenhuma trilha por onde se orientar. Mas também tem comida, se você souber como achar. Meu pai sabia, e me ensinou algumas coisas antes de explodir pelos ares numa mina de carvão. Nem sobrou nada do corpo para ser enterrado. Eu tinha onze anos. Cinco anos depois, ainda acordo gritando para que ele corra.

Mesmo sendo proibido entrar na floresta e a caça ilegal incorrer em penas mais severas, mais pessoas correriam o risco se possuíssem armas. A maioria, porém, não tem a ousadia suficiente para se aventurar portando

apenas uma faca. Meu arco é uma raridade, produzido por meu pai junto com alguns outros que guardo bem escondidos na floresta, cuidadosamente cobertos com uma capa à prova d'água. Meu pai poderia ter ganhado um bom dinheiro vendendo-os, mas se os funcionários descobrissem, ele teria sido executado em praça pública por incitar uma rebelião. A maioria dos Pacificadores faz vista grossa para os poucos de nós que caçam porque eles são tão ávidos de carne fresca quanto qualquer outra pessoa. Na realidade, eles estão entre nossos melhores clientes. Mas a simples ideia de que alguém pudesse estar enchendo a Costura de armas jamais teria sido permitida.

No outono, umas poucas almas corajosas penetram na floresta para colher maçãs. Mas sempre numa posição visível da Campina. Sempre perto o suficiente pra correr de volta para a segurança do Distrito 12 se algum problema surgir. "Distrito 12, onde você pode morrer de fome em segurança", murmuro. Então, olho de relance por cima de meu ombro. Mesmo aqui, no meio do nada, você fica preocupado de alguém estar te ouvindo.

Quando eu era mais nova, assustava minha mãe pra valer com as coisas que eu soltava sobre o Distrito 12, sobre as pessoas que governam nosso país, Panem, da longínqua cidade chamada Capital. Com o tempo entendi que isso apenas traria mais problemas. Então, aprendi a controlar a língua e a mascarar minhas feições de modo que ninguém pudesse jamais ler meus pensamentos. Aprendi a fazer meu trabalho calada na escola. Somente falar o mínimo necessário, e de maneira educada, no espaço público. Discutir apenas compra e venda no Prego, o mercado negro onde ganho grande parte do meu dinheiro. Mesmo em casa, lugar que me incomoda, evito abordar assuntos problemáticos, tais como a colheita, ou a escassez de comida, ou os Jogos Vorazes. Prim poderia começar a repetir minhas palavras e então como é que ficaríamos?

Na floresta, está me esperando a única pessoa com quem posso ser eu mesma. Gale. Posso sentir os músculos de meu rosto relaxando, meus passos se acelerando enquanto escalo o morro até nosso local, uma saliência de rocha que dá vista para um vale. A visão dele esperando lá em cima me faz dar um sorriso. Gale diz que eu nunca sorrio, exceto na floresta.

– Oi, Catnip – cumprimenta Gale. Meu verdadeiro nome é Katniss, mas quando eu disse o nome a ele pela primeira vez eu estava quase

sussurrando. Então ele pensou que eu tivesse dito Catnip, uma flor selvagem muito apreciada pelos gatos. Aí, uma vez, quando um lince louco começou a me perseguir, o nome passou a ser meu apelido oficial. Eu acabei tendo de matar o lince porque ele afugentava minha caça. Quase lamentei o fato porque ele não era uma má companhia. Mas consegui um preço bastante bom por sua pele.

"Olha só o que abati." Gale está segurando um pedaço de pão com uma flecha enganchada. Eu rio. É um pão realmente assado, diferente daqueles pãezinhos amassados que a gente faz com a ração de grãos. Eu o pego, retiro a flecha e posiciono o nariz em frente ao furo, inalando a fragrância que faz minha boca se encher de saliva. Um pão tão bom assim é para ocasiões especiais.

– Mmm, ainda está quentinho – comento. Ele deve ter passado na padaria bem cedinho para comprá-lo. – Quanto custou?

– Um esquilo apenas. Acho que o velho estava sentimental hoje de manhã – responde ele. – Até me desejou boa sorte.

– Bem, todos nós nos sentimos mais próximos uns dos outros hoje, não é? Prim deixou um queijo para nós. – Eu o retiro da mochila.

O semblante dele se ilumina com o presente.

– Obrigado, Prim. Vamos ter um verdadeiro banquete. – De repente, ele passa a falar com o sotaque da Capital enquanto imita com mímicas Effie Trinket, a mulher otimista ao extremo que aparece uma vez por ano para ler os nomes na colheita. – Quase esqueci! Feliz Jogos Vorazes! – Ele arranca algumas amoras. – E que a sorte... – Ele joga uma amora na minha direção. Pego-a com a boca e rompo com os dentes a delicada película. A suave acidez explode em minha língua. – ... esteja *sempre* com você! – Termino com a mesma vivacidade. Nós temos de fazer piada com isso porque a alternativa é ficar totalmente aterrorizado. Além disso, o sotaque da Capital é tão afetado que faz com que quase tudo dito nele soe engraçado.

Observo Gale pegar sua faca e fatiar o pão. Ele podia ser meu irmão. Cabelos lisos e pretos, pele morena, ambos temos até os mesmos olhos cinzentos. Mas não somos parentes, pelo menos próximos. A maioria das famílias que trabalham nas minas se parecem umas com as outras.

É por isso que minha mãe e Prim, com seus cabelos louros e olhos azuis, sempre parecem deslocadas. Elas estão. Os parentes de minha mãe faziam parte da pequena classe de mercadores que abastecia os

funcionários, os Pacificadores e ocasionais clientes da Costura. Eles tinham uma loja de botica na parte mais simpática do Distrito 12. Como quase ninguém tem condições de pagar um médico, os boticários são nossos curandeiros. Meu pai conheceu minha mãe porque, às vezes, coletava ervas medicinais em suas calçadas e as vendia para sua loja para que fossem posteriormente transformadas em remédios. Ela deve ter realmente se apaixonado por ele, já que abandonou sua casa para morar na Costura. Tento me lembrar disso quando tudo que consigo enxergar é a mulher que fica lá sentada, muda e inalcançável, enquanto suas filhas viram pele e osso. Tento perdoá-la por causa de meu pai. Mas, honestamente, não sou do tipo que perdoa.

Gale espalha as fatias de pão com o macio queijo de cabra, cuidadosamente colocando uma folha de manjericão em cada uma enquanto colho amoras. Nós nos recostamos em um canto das rochas. Desse local, somos invisíveis, mas temos uma visão bem nítida do vale, que está apinhado de vida devido ao verão. Vegetais a serem colhidos, raízes a serem desenterradas, peixes iridescentes à luz do sol. O dia está glorioso, com um céu azul e uma suave brisa. A comida está maravilhosa, com o queijo de cabra derretendo sobre o pão quente e as amoras se desfazendo em nossa boca. Tudo seria perfeito se hoje fosse realmente um feriado, se esse dia de folga significasse poder vagar pelas montanhas com Gale em busca de caça para a ceia. Em vez disso, nós teremos de estar em pé na praça às duas da tarde esperando os nomes serem anunciados.

– A gente teria como fazer isso, sabe – diz Gale, calmamente.

– O quê? – pergunto.

– Sair do Distrito. Fugir daqui. Viver na floresta. Você e eu, a gente conseguiria – completa.

Não sei como responder. A ideia é absurda demais.

– Se a gente não tivesse tantas crianças – acrescenta ele rapidamente.

Elas não são nossas crianças, é claro. Mas bem que poderiam ser. Dois irmãozinhos de Gale e uma irmã. Prim. E você pode colocar também nossas mães, porque como elas viveriam sem a gente? Quem alimentaria aquelas bocas que estão sempre pedindo mais? Com nós dois caçando diariamente, haverá noites em que a caça terá de ser trocada por banha de porco ou cadarços ou lã, e noites em que teremos de dormir com nossos estômagos vazios.

– Eu jamais vou querer ter filhos – comento.

– Talvez eu tivesse, se eu não morasse aqui.

– Mas você mora – digo, irritada.

– Esquece isso – retruca ele.

A conversa parece completamente fora de foco. Ir embora? Como eu poderia abandonar Prim, que é a única pessoa no mundo que tenho certeza de amar? E Gale é dedicado à família dele. Nós não podemos ir embora, então por que se incomodar falando sobre isso? E mesmo que a gente fosse embora... de onde veio essa história de ter filhos? Nunca houve nada romântico entre Gale e eu. Quando nos conhecemos, eu era uma magricela de doze anos, e embora fosse apenas dois anos mais velho do que eu, ele já parecia um homem. Demorou um bom tempo até que pudéssemos ao menos nos considerar amigos, até que parássemos de discutir todas as transações e começássemos a colaborar um com o outro.

Além disso, caso deseje ter filhos, Gale não terá nenhuma dificuldade em encontrar uma esposa. Ele é bem-apessoado, é suficientemente forte para trabalhar nas minas e ainda caça. A forma com que as garotas sussurram a seu respeito quando Gale chega na escola já indica que elas estão interessadas nele. Eu fico com ciúme, mas não pelo motivo que você está imaginando. Bons parceiros de caça são difíceis de encontrar.

– O que você quer fazer? – pergunto. Nós podemos caçar, pescar ou colher.

– Vamos pescar no lago. Nós podemos deixar as varas e fazer uma coleta na floresta. Pegar alguma coisa legal pra hoje à noite – diz ele.

Hoje à noite. Depois da colheita, todos devem celebrar. E muitas pessoas o fazem, por alívio porque suas crianças foram poupadas por mais um ano. Mas pelo menos duas famílias deixarão suas persianas cerradas, trancarão suas portas e tentarão descobrir como sobreviverão às dolorosas semanas seguintes.

Nós nos viramos bem. Os predadores nos ignoram nos dias em que presas mais fáceis e mais apetitosas aparecem em abundância. Ao fim da manhã nós já temos doze peixes, uma sacola de verduras e, melhor de tudo, uma cesta de morangos. Eu encontrei o canteiro alguns anos atrás, mas foi Gale que teve a ideia de gradear o local para manter os animais afastados.

No caminho de volta para casa, nós passamos no Prego, que funciona em um armazém abandonado que no passado guardava o carvão. Quando eles encontraram um sistema mais eficiente para transportar o carvão diretamente das minas para os trens, o Prego foi aos poucos ocupando o

espaço. A maioria dos negócios não está mais funcionando a essa hora em dia de colheita, mas o mercado negro ainda está razoavelmente agitado. Nós trocamos com facilidade seis peixes por pães de qualidade e outros dois por sal. Greasy Sae, a velha ossuda que vende sopa quente de uma chaleira grande, pega metade das verduras de nossas mãos em troca de alguns pedaços de parafina. Podemos fazer negócios até melhores com outras pessoas, mas nós nos esforçamos para manter um bom relacionamento com Greasy Sae. Ela é a única pessoa que conhecemos que com certeza adquire cães selvagens. Nós não temos intenção de caçá-los, mas se você é atacado e leva um ou outro cão, você sabe como é, carne é carne.

– Quando está misturado na sopa eu chamo de bife e pronto – diz Greasy Sae, com uma piscadela. Ninguém na Costura torceria o nariz para um bom pernil de cão selvagem, mas os Pacificadores que frequentam o Prego podem se dar ao luxo de escolhas mais sofisticadas.

Quando terminamos nosso comércio no mercado, vamos para a porta dos fundos da casa do prefeito vender metade dos morangos, já que sabemos que ele nutre um particular apreço por eles e pode pagar o preço. Madge abre a porta. Ela está no mesmo ano que eu na escola. Como é a filha do prefeito, você já espera que ela seja esnobe, mas ela é legal. Só que prefere se preservar. Como eu. Como nenhuma de nós possui um grupo de amigos, acabamos ficando bastante juntas na escola na hora do almoço, durante as assembleias e nas atividades esportivas. Raramente trocamos algumas palavras, o que é bem conveniente para ambas.

Hoje ela trocou o uniforme pardo da escola por um caríssimo vestido branco, e seus cabelos louros estão presos com uma fita rosa. Roupas da colheita.

– Bonito vestido – elogia Gale.

Madge lança um olhar para ele, tentando ver se o elogio é sincero ou se ele está apenas sendo irônico. O vestido é bonito sim, mas ela jamais o usaria em circunstâncias normais. Ela junta os lábios e sorri.

– Bem, se eu acabar indo para a Capital, vou querer estar com uma boa aparência, não é?

Agora é a vez de Gale ficar confuso. Será que ela está falando sério? Ou será que ela está fazendo pouco dele? Aposto na segunda opção.

– Você não vai para a Capital – diz Gale, friamente. Seus olhos aterrissam em um pequeno broche arredondado que enfeita o vestido dela.

Ouro de verdade. Magnificamente trabalhado. Poderia garantir o pão de uma família por meses e meses. – Quantas vezes você já se inscreveu? Cinco? Com doze anos eu já tinha me inscrito seis vezes.

– Isso não é culpa dela – interrompo.

– Não, não é culpa de ninguém. As regras são assim e pronto – continua ele.

O rosto de Madge se fechou. Ela coloca o dinheiro dos morangos em minha mão.

– Boa sorte, Katniss.

– Pra você também – retribuo, e a porta se fecha.

Caminhamos na direção da Costura em silêncio. Não gosto do fato de Gale ter implicado com Madge, mas ele tem razão, é claro. O sistema da colheita é injusto, com os pobres ficando com a pior parte. Você se torna elegível para a colheita no dia em que completa doze anos. Nesse ano, seu nome é inscrito uma vez. Aos treze, duas vezes. E assim por diante até você atingir a idade de dezoito anos, o último ano elegível, quando seu nome aparece sete vezes no sorteio. É assim que acontece para todos os cidadãos nos doze distritos em todo o país de Panem.

Mas aí vem a jogada. Digamos que você seja pobre e esteja passando fome como nós estávamos. Você pode optar por adicionar seu nome mais vezes em troca de tésseras. Cada téssera vale um escasso suprimento anual de grãos e óleo para cada pessoa. Você também pode fazer isso para cada membro de sua família. Assim, aos doze anos de idade, meu nome foi inscrito quatro vezes no sorteio. Uma vez porque era obrigatório e outras três vezes por causa das tésseras que garantiram grãos e óleo para mim, para Prim e para minha mãe. Na verdade, precisei fazer isso a cada ano. E as inscrições são cumulativas. Então agora, com dezesseis anos, meu nome aparecerá vinte vezes na colheita. Gale, que tem dezoito e tem ajudado ou alimentado sozinho uma família de cinco pessoas por sete anos, aparecerá 42 vezes no sorteio.

Dá para entender por que alguém como Madge, que jamais necessitou de tésseras, pode irritá-lo. A chance de ela ser sorteada é muito pequena comparada a nós que moramos na Costura. Não é impossível, mas é pequena. E muito embora as regras tenham sido estabelecidas pela Capital, não pelos distritos e, certamente, não pela família de Madge, é difícil não ficar ressentido com as pessoas que não precisam ir atrás de tésseras.

Gale sabe que a raiva que ele sente por Madge é mal direcionada. Outras vezes, no meio da floresta, eu o ouvi discursando sobre como as tésseras não passam de mais um instrumento para aumentar a miséria em nosso distrito. Uma maneira de plantar ódio entre os trabalhadores esfomeados da Costura e aqueles que podem normalmente contar com uma ceia, e assim garantir que jamais confiaremos uns nos outros. "É vantajoso para a Capital nos deixar divididos", talvez ele dissesse se não houvesse mais ouvidos além dos meus. Se hoje não fosse dia de colheita. Se uma garota com um broche dourado e nenhuma téssera não tivesse feito o que tenho certeza que ela imaginava ser um comentário absolutamente inofensivo.

À medida que caminhamos, olho de relance para o rosto de Gale, ainda fervendo por baixo do semblante pétreo. O ódio dele me parece sem sentido, embora eu jamais diga algo parecido. Não é que eu não concorde com ele. Concordo. Mas o que nos ajuda ficar vociferando contra a Capital no meio da floresta? Não muda coisa alguma. Não torna as coisas mais justas. Não enche nosso estômago. Na verdade, acaba até assustando os animais que estamos caçando. Mas deixo ele berrar. Melhor ele berrar aqui na floresta do que no distrito.

Gale e eu dividimos nossos despojos: dois peixes, alguns pães de boa qualidade, verduras, uma porção de morangos, sal, parafina e um pouco de dinheiro para cada um.

– A gente se encontra na praça.

– Vê se veste alguma roupa bonita – diz ele, sem alterar a voz.

Em casa, minha mãe e minha irmã estão prontas para sair. Minha mãe está usando um lindo vestido da época do boticário. Prim está usando as roupas que usei pela primeira vez em um dia de colheita, uma saia e uma blusa franzida. Estão um pouco grandes nela, mas minha mãe ajustou com alfinetes. Mesmo assim, ela está tendo alguns problemas em manter a blusa presa nas costas.

Uma banheira de água quente me espera. Eu esfrego a sujeira e o suor, e até lavo o cabelo. Para minha surpresa, minha mãe separou para mim um de seus belos vestidos. De um azul bem suave e com sapatos combinando.

– Tem certeza? – pergunto. Estou tentando superar a vontade que sempre tenho de rejeitar as ofertas dela. Tinha uma época que eu ficava tão zangada que não permitia que ela fizesse nada por mim. E isso aqui é algo muito especial. Suas roupas do passado são muito preciosas para ela.

– É claro. Vamos levantar esses cabelos também – completa ela. Eu a deixo enxugá-los e fazer uma trança em minha cabeça. Mal consigo me reconhecer ao olhar para o espelho quebrado encostado na parede.

– Você está linda – diz Prim, com a voz abafada.

– E completamente diferente de mim mesma – concluo. Eu a abraço, porque sei que essas próximas horas serão terríveis para ela. A primeira colheita de sua vida. Ela está com o máximo de segurança que se pode imaginar, já que seu nome está sendo inscrito no sorteio pela primeira vez. Eu não permitiria que ela pegasse nenhuma téssera. Mas ela está preocupada comigo. Com a possibilidade do impensável acontecer.

Eu protejo Prim de todas as formas que posso, mas não tenho poderes contra a colheita. A angústia que sempre sinto quando ela está com algum desconforto enche meu peito e ameaça transparecer em meu rosto. Reparo que a blusa dela escapou novamente da saia na altura das costas e me forço a manter a calma.

– Enfia a saia, patinho – digo, colocando a blusa de volta no lugar.

Prim dá uma risadinha e faz:

– Quaque!

– Quaque pra você também – sorrio levemente. O tipo de coisa que somente Prim consegue arrancar de mim. – Vamos comer – convido, e dou um beijinho rápido na testa dela.

O peixe e as verduras já estão cozinhando, mas serão para a ceia. Nós decidimos guardar os morangos e o pão assado para a refeição noturna, para fazer uma coisa especial, digamos assim. Então, tomamos leite da cabra de Prim, Lady, e comemos o pão rústico feito com o grão adquirido com téssera, embora ninguém esteja exatamente com apetite.

À uma da tarde partimos para a praça. A presença é obrigatória, a menos que você esteja à beira da morte. À noite, os funcionários aparecerão para verificar se esse é mesmo o caso. E, se não for, você será preso.

Na realidade, é muito ruim que a colheita seja na praça – um dos poucos locais no Distrito 12 que se pode chamar de agradável. A praça é cercada de lojas e, nos dias de feira, principalmente se o tempo estiver bom, dá uma sensação de feriado. Mas hoje, apesar dos vistosos cartazes pendurados nos prédios, o que se tem é uma atmosfera de terror. As equipes de filmagem, empoleiradas como gaviões em cima dos telhados, apenas pioram a sensação.

As pessoas formam a fila para a inscrição em silêncio. A colheita também é uma boa oportunidade para a Capital manter a população sob vigilância. Os jovens entre doze e dezoito anos são arrebanhados em áreas separadas por cordas e assinaladas com as respectivas idades, os mais velhos na frente e os jovens, como Prim, na parte de trás. Os familiares se alinham em torno do perímetro, segurando com firmeza as mãos uns dos outros. Mas há outros também que não possuem ninguém que estimam correndo risco, ou que não se importam mais, mas se metem no meio da multidão para fazer apostas sobre os dois jovens cujos nomes serão lançados. Especulações são feitas sobre suas idades, se são da Costura ou mercadores, se ficarão desesperados e começarão a chorar. A maioria se recusa a lidar com esses exploradores, mas cuidado, muito cuidado. Essas mesmas pessoas normalmente são informantes, e quem é que nunca burlou a lei? Eu podia ser fuzilada diariamente por caçar, mas o apetite daqueles que estão no poder me protege. Nem todo mundo pode se dar a esse luxo.

De qualquer modo, Gale e eu concordamos que, entre morrer de fome ou com um tiro na cabeça, a bala é bem mais rápida.

O espaço fica mais apertado, mais claustrofóbico, à medida que as pessoas vão chegando. A praça é bem grande, mas não o suficiente para acomodar as oito mil pessoas do Distrito 12. Os que chegam mais tarde são dirigidos às ruas adjacentes, onde poderão assistir ao evento nos telões, já que tudo é transmitido ao vivo para todo o país.

Eu me encontro de pé junto a um aglomerado de jovens de dezesseis anos da Costura. Nós todos nos cumprimentamos de modo conciso e depois direcionamos nossa atenção para o palco temporário que foi montado diante do Edifício da Justiça. Podemos ver três cadeiras, um pódio e duas grandes bolas de vidro, uma para os garotos e uma para as garotas. Eu miro as tirinhas de papel na bola das garotas. Vinte delas estão com o nome Katniss Everdeen escrito com uma caligrafia cuidadosa.

Duas das três cadeiras são ocupadas pelo pai de Madge, o prefeito Undersee, homem alto e calvo, e por Effie Trinket, a representante do Distrito 12, recém-chegada da Capital e com seus assustadores dentes brancos, cabelos cor-de-rosa e um primaveril vestido verde. Eles murmuram um com o outro e em seguida olham com preocupação para a cadeira vazia.

Assim que o relógio da cidade dá as badaladas indicando que são duas da tarde, o prefeito sobe ao pódio e começa a leitura. É a mesma coisa

todos os anos. Ele conta a história de Panem, o país que se ergueu das cinzas de um lugar que no passado foi chamado de América do Norte. Ele lista os desastres, as secas, as tempestades, os incêndios, a elevação no nível dos mares que engoliu uma grande quantidade de terra, a guerra brutal pelo pouco que havia restado. O resultado foi Panem, uma resplandecente Capital de treze distritos unidos que trouxe paz e prosperidade a seus cidadãos. Então, vieram os Dias Escuros, o levante dos distritos contra a Capital. Doze foram derrotados, o décimo terceiro foi obliterado. O Tratado da Traição nos deu novas leis para garantir a paz e, como uma lembrança anual de que os Dias Escuros jamais deveriam se repetir, também nos deu os Jogos Vorazes.

As regras dos Jogos Vorazes são simples. Como punição pelo levante, cada um dos doze distritos deve fornecer uma garota e um garoto – chamados tributos – para participarem. Os vinte e quatro tributos serão aprisionados em uma vasta arena a céu aberto que pode conter qualquer coisa: de um deserto em chamas a um descampado congelado. Por várias semanas os competidores deverão lutar até a morte. O último tributo restante será o vencedor.

Levar as crianças de nossos distritos, forçá-las a se matar umas às outras enquanto todos nós assistimos pela televisão. Essa é a maneira encontrada pela Capital de nos lembrar de como estamos totalmente subjugados a ela. De como teríamos pouquíssimas chances de sobrevivência caso organizássemos uma nova rebelião. Pouco importam as palavras que eles utilizam. A mensagem é bem clara: "Vejam como levamos suas crianças e as sacrificamos, e não há nada que vocês possam fazer a respeito. Se erguerem um dedo, nós destruiremos todos vocês da mesma maneira que destruímos o Distrito Treze."

Para fazer com que a coisa seja humilhante, além de torturante, a Capital nos obriga a tratar os Jogos Vorazes como uma festividade, um evento esportivo que coloca todos os distritos como inimigos uns dos outros. O último tributo vivo recebe uma vida tranquila ao voltar para casa, e seu distrito recebe uma enxurrada de prêmios, principalmente comida. Durante o ano seguinte a Capital fornecerá ao distrito vencedor cotas extras de grãos e óleo, e até mesmo guloseimas tais como açúcar, enquanto o resto de nós luta contra a fome.

– É não só um tempo de arrependimento como também um tempo de agradecimento – entoa o prefeito.

Então, ele lê a lista de vencedores do passado provenientes do Distrito 12. Em 74 anos nós tivemos exatamente dois. Apenas um continua vivo. Haymitch Abernathy, um homem pançudo de meia-idade, que nesse exato momento aparece berrando alguma coisa ininteligível, sobe ao palco cambaleando e desaba sobre a terceira cadeira. Está bêbado. Muito bêbado. A multidão responde com aplausos, em reconhecimento, mas ele está confuso e tenta dar um abraço efusivo em Effie Trinket, que mal consegue se desviar.

O prefeito parece aflito. Como tudo isso está sendo transmitido, nesse instante o Distrito 12 é o grande motivo de chacota de toda Panem, e ele sabe bem disso. Rapidamente ele tenta voltar o foco para a colheita anunciando Effie Trinket.

Cintilante e borbulhante como sempre, Effie Trinket encaminha-se para o palco e lança sua marca registrada:

– Feliz Jogos Vorazes! E que a sorte esteja *sempre* a seu favor! – Seus cabelos cor-de-rosa devem ser uma peruca porque os cachos mudaram levemente de posição depois do encontro com Haymitch. Ela segue falando um pouco sobre a honra que é estar ali, embora todos saibam que ela está ansiosa para ser levada logo a outro distrito, um melhor, onde haja vencedores apropriados e não bêbados que fazem afronta na frente de toda a nação.

Em meio à multidão identifico Gale olhando para mim com cara de poucos amigos. A colheita desse ano está até um pouco divertida. Mas, de repente, lembro de Gale e as 42 tirinhas de papel com o nome dele naquela bola e de como suas chances não são tão grandes assim. Não se comparadas a muitos outros garotos. E talvez ele esteja pensando a mesma coisa em relação a mim porque seu rosto ficou fechado e ele olhou para o outro lado.

– Mas ainda há milhares de papeizinhos – sussurro, desejando que ele pudesse me ouvir.

Está na hora do sorteio. Effie Trinket, como faz todos os anos, diz:

– Primeiro as damas! – E cruza o palco até a bola com os nomes das garotas. Ela se aproxima, enfia a mão bem fundo na bola e retira uma tirinha de papel. A multidão suspira coletivamente e depois o silêncio é tão grande que é possível se ouvir até um alfinete caindo no chão. E estou me sentindo nervosa e desejando desesperadamente que não seja eu, que não seja eu, que não seja eu.

Effie Trinket cruza novamente o palco, alisa o papelzinho e lê o nome com uma voz alta e clara. E não sou eu.

É Primrose Everdeen.

Uma vez, quando eu estava de tocaia em uma árvore, imóvel, esperando a caça aparecer, adormeci e caí de costas no chão de uma altura de três metros. Foi como se o impacto tivesse expulsado cada centímetro cúbico de ar de meus pulmões. E fiquei lá deitada, lutando para respirar, para me mover, enfim, para fazer qualquer coisa.

É assim que me sinto agora, tentando lembrar como se respira, incapaz de falar, totalmente atordoada, ouvindo o nome repicar no interior de meu crânio. Alguém está segurando meu braço, um garoto da Costura, e talvez eu tenha começado a cair e ele me pegou.

Deve ter havido algum engano. Isso não pode estar acontecendo. Prim era uma tirinha de papel entre milhares! Suas chances de ser escolhida eram tão remotas que nem me dei o trabalho de me preocupar. Eu não tinha feito tudo? Não tinha pego as tésseras e me recusado a deixar que ela fizesse o mesmo? Uma tirinha de papel. Uma tirinha de papel em milhares. A probabilidade era completamente favorável a ela. Mas não adiantou nada.

Em algum lugar distante, consigo ouvir a multidão murmurando com tristeza, como sempre acontece quando alguém de doze anos é escolhido, porque ninguém acha isso justo. E então eu a vejo, o rosto lívido, os punhos cerrados ao lado do corpo, caminhando com passos curtos e resolutos em direção ao palco. Ela passa por mim e vejo que a parte de trás da blusa escapou novamente da saia. É esse detalhe, a blusa para fora da saia formando um rabo de pato, que me traz de volta à realidade.

– Prim! – O grito estrangulado sai de minha boca e meus músculos começam novamente a se mexer. – Prim! – Eu não preciso abrir caminho em meio à multidão. Os outros garotos dão passagem imediatamente, permitindo que eu chegue rapidamente ao palco. Eu a alcanço quando ela está a ponto de pisar no primeiro degrau. Empurro-a para trás de mim com meu braço.

– Eu me ofereço! – digo eu, arquejando. – Eu me ofereço como tributo!

Há um certo burburinho no palco. O Distrito 12 não tem um voluntário há décadas, e o protocolo já está enferrujado. A regra diz que, uma vez que o nome de um tributo foi retirado da bola, outro garoto elegível, se foi lido um nome de um garoto, ou outra garota, se foi lido o nome de uma garota, pode se apresentar para tomar o lugar dele ou dela. Em alguns distritos em que vencer a colheita é uma grande honra, as pessoas ficam ansiosas para arriscar sua vida, o que torna o voluntariado algo bem complicado. Mas no Distrito 12, onde a palavra *tributo* é quase sinônimo de *cadáver*, voluntários estão mais do que extintos.

– Magnífico! – diz Effie Trinket. – Mas eu acredito que haja um probleminha quando algum voluntário se apresenta depois do nome do vencedor da colheita ter sido anunciado. Se isso acontece... bem... nós... – interrompe-se, um pouco atrapalhada.

– Qual é o problema? – indaga o prefeito. Ele está olhando para mim com pesar estampado no rosto. Ele não me conhece de fato, mas alguma coisa em seu jeito indica que ele me reconhece. Eu sou a garota que leva os morangos. A garota de quem sua filha deve ter falado em alguma ocasião. A garota que cinco anos atrás estava encolhida com sua mãe e com sua irmã quando ele a premiou com uma medalha de honra ao mérito. Uma medalha pelo pai dela, que evaporara nas minas. Será que ele está se lembrando disso? – Qual é o problema? – repete ele, com aspereza. – Deixem que ela se aproxime.

Prim está gritando histericamente atrás de mim. Ela enroscou os bracinhos magricelas em meu corpo como se fosse um parafuso.

– Não, Katniss! Não! Você não pode ir!

– Prim, me solta – devolvo, com dureza, porque isso tudo está me deixando descontrolada e não quero chorar. Quando eles reprisarem o programa hoje à noite, todo mundo vai reparar em minhas lágrimas e eu serei identificada como um alvo fácil. Uma fraca. Não vou dar essa satisfação a ninguém. – Solta!

Posso sentir alguém puxando-a de minhas costas. Eu me viro e vejo que Gale ergueu Prim do chão e ela está se debatendo nos braços dele.

– Sobe logo, Catnip – diz, com uma voz que ele está lutando para manter estável. Em seguida, carrega Prim até minha mãe. Eu enrijeço o corpo e subo os degraus.

– Bravo! – esguicha Effie Trinket. – Esse é o espírito dos Jogos! – Ela finalmente está satisfeita por estar em um distrito em que há ação. – Qual é

o seu nome?

Eu engulo em seco e respondo:

– Katniss Everdeen.

– Aposto que você é irmã dela. Não quer que ela lhe roube a glória, não é? Vamos lá, todos juntos! Uma salva de palmas para nosso mais novo tributo! – gorjeia Effie Trinket.

Para eterno crédito da população do Distrito 12, nem uma só pessoa bateu palmas. Nem mesmo as que estavam segurando os papeizinhos de aposta, as que normalmente não ligam para mais nada. Possivelmente porque me conhecem do Prego, ou conheceram meu pai, ou conhecem Prim, cujo encanto não escapa a ninguém. Então, em vez de agradecer ao aplauso, eu fico parada enquanto eles participam da forma mais ousada de protesto que conseguem. O silêncio. O que quer dizer que nós não concordamos. Nós não perdoamos. Tudo isso é errado.

Então, algo inesperado acontece. Pelo menos eu não esperava, porque eu não imagino o Distrito 12 como um lugar que se importa comigo. Mas uma mudança ocorreu desde que subi os degraus e tomei o lugar de Prim. Agora parece que me tornei algo precioso. A princípio, um, depois outro, depois quase todas as pessoas da multidão tocam os três dedos médios de suas mãos esquerdas em seus lábios e os mantêm lá em minha homenagem. É um gesto antigo de nosso distrito, e raramente utilizado. Eventualmente visto em enterros. Significa agradecimento, admiração, adeus a alguém que você ama.

Agora estou realmente a ponto de chorar, mas, por sorte, Haymitch escolhe esse momento para atravessar o palco cambaleando para me cumprimentar.

– Olha só pra ela. Olha só pra essa aqui! – berra ele, jogando um dos braços sobre meus ombros. Ele é surpreendentemente forte para alguém em tal estado de penúria. – Eu gosto dela! – O hálito dele fede a bebida, e faz muito tempo que não toma banho. – Muita... – Ele não consegue achar a palavra adequada. – Coragem! – diz, triunfante. – Mais do que vocês! – Ele me solta e se dirige ao proscênio. – Mais do que vocês! – grita ele, apontando diretamente para uma câmera.

Ele está mesmo se dirigindo ao público ou está bêbado demais a ponto de escarnecer da Capital? Jamais saberei, porque quando estava abrindo a boca para continuar, Haymitch desabou do palco e ficou inconsciente.

Ele é nojento, mas eu lhe sou grata. Com todas as câmeras alegremente apontadas para ele, tenho tempo suficiente para deixar escapar um som que estava engasgado em minha garganta e me recompor. Coloco as mãos atrás do corpo e miro ao longe. Vejo as montanhas que escalei hoje de manhã com Gale. Por um instante, anseio por alguma coisa... a ideia de nós sairmos do distrito... de vivermos na floresta... Mas sei que estava certa em relação a não fugir. Porque quem mais se ofereceria para tomar o lugar de Prim?

Haymitch é levado embora em uma maca, e Effie Trinket tenta fazer com que a festa prossiga.

– Que dia fantástico! – gorjeia ela, tentando ajeitar a peruca, que tombou acentuadamente para a direita. – Mas muitas coisas interessantes ainda vão acontecer! É chegada a hora de escolhermos nosso tributo masculino! – Claramente tentando controlar seus cabelos, ela coloca uma das mãos na cabeça enquanto cruza o palco em direção à bola que contém os nomes dos garotos e pega a primeira tirinha de papel que encontra. Volta chispando para o pódio e nem tenho tempo de desejar boa sorte a Gale quando ela lê o nome.

– Peeta Mellark.

Peeta Mellark!

Oh não, penso. *Ele não*. Porque reconheço esse nome, embora eu jamais tenha falado diretamente com o proprietário dele. Peeta Mellark.

Não, a sorte não está do meu lado hoje.

Eu o observo caminhar até o palco. Estatura mediana, atarracado, cabelos louros que caem em ondas sobre a testa. O choque do momento está registrado em seu rosto, você consegue ver a luta que ele está empreendendo para se manter desprovido de emoções, mas seus olhos azuis demonstram o medo que já testemunhei tantas vezes nas presas que caço. Mas ele sobe com firmeza os degraus em direção ao palco e toma seu lugar.

Effie Trinket pergunta se há algum voluntário, mas ninguém se apresenta. Ele tem dois irmãos mais velhos, eu sei, eu os vi na padaria, mas um deles talvez seja velho demais para ser voluntário e o outro não quer. Procedimento padrão. A devoção familiar, para a maioria das pessoas, termina quando começa o dia da colheita. O que fiz foi a coisa mais radical do mundo.

O prefeito começa a ler o longo e chato Tratado da Traição, como faz todos os anos nesse ponto da cerimônia – é obrigatório –, mas eu não estou

ouvindo nada.

Por que ele? Eu me pergunto. Então, tento me convencer de que isso não tem importância. Peeta Mellark e eu não somos amigos. Nem mesmo vizinhos. Nós não conversamos. Nossa única interação real aconteceu anos atrás. Provavelmente ele já até esqueceu. Mas eu não, e jamais esquecerei...

Foi durante a pior época da minha vida. Meu pai havia morrido no acidente da mina três meses antes, no janeiro mais amargo que alguém pode ter notícia. O entorpecimento da perda havia passado, e a dor me atingia repentinamente, fazendo meu corpo se contorcer, se sacudir de soluços. *Onde você está?* Eu gritava na minha cabeça. *Pra onde você foi?* É claro que jamais obtive uma resposta.

O distrito nos dera uma pequena quantia de dinheiro como compensação pela morte dele, o suficiente para cobrir um mês de luto, e depois disso minha mãe deveria arranjar um emprego. Mas ela não arranjou. Ela não fazia nada além de ficar sentada em uma cadeira o tempo todo ou, mais frequentemente, debaixo dos cobertores na cama com os olhos fixos em algum ponto distante. De vez em quando, ela se agitava e se levantava, como se movida por algum motivo urgente, mas, em seguida, voltava à imobilidade de sempre. Nem os mais fervorosos pedidos de Prim pareciam comovê-la.

Eu ficava aterrorizada. Hoje em dia, acredito que minha mãe ficara enclausurada em alguma dimensão sombria de tristeza. Mas, ao mesmo tempo, tudo o que eu sabia naquele momento era que eu havia perdido não somente o pai, mas também a mãe. Com onze anos, e Prim com apenas sete, assumi a chefia da família. Não havia escolha. Eu comprava nossa comida no mercado e cozinhava da melhor forma possível, e tentava fazer com que eu e Prim tivéssemos uma apresentação ao menos razoável. Porque o distrito teria nos levado para longe de minha mãe e nos colocado no lar da comunidade se fosse tornado público que ela não tinha mais condições de cuidar de nós. Cresci vendo esses garotos na escola. A tristeza, as marcas das mãos raivosas em seus rostos, a desesperança que fazia com que eles andassem de cabeça baixa. Eu nunca poderia deixar que isso acontecesse com Prim. A doce e pequenina Prim, que chorava quando eu chorava, antes mesmo de saber o motivo, que penteava e trançava o cabelo de minha mãe antes de irmos à escola, que limpava todas as noites o espelho que meu pai usava para se barbear porque ele odiava a camada de fuligem que se juntava em todas as coisas na Costura. O lar da comunidade

a esmagaria como se ela fosse um graveto. Então, mantive nossos apuros em segredo.

Mas o dinheiro acabou e nós começamos lentamente a morrer de fome. Não há outra maneira de colocar a coisa. Eu não parava de dizer a mim mesma que se conseguisse aguentar até maio, até o dia oito de maio, eu chegaria aos doze anos e poderia me candidatar às tésseras e pegar a preciosa porção de grão e óleo para nos alimentar. Só que ainda faltavam várias semanas. Já podíamos muito bem estar todas mortas antes disso.

Morrer de fome não é um destino incomum no Distrito 12. Quem não viu as vítimas? Pessoas mais velhas que não podem trabalhar. Crianças de alguma família com muitos para alimentar. Pessoas feridas nas minas. Vagueando pelas ruas. Então, um dia desses você vê um deles sentado, imóvel, encostado em algum muro ou deitado na Campina. Você ouve os lamentos de alguma casa e os Pacificadores são chamados para retirar o corpo. A fome nunca é a causa oficial da morte. É sempre a gripe, o abandono ou a pneumonia. Mas isso não engana ninguém.

Na tarde em que me encontrei com Peeta Mellark, a chuva estava caindo em incessantes jatos gelados. Eu estivera na cidade tentando trocar algumas roupas velhas de bebê pertencentes a Prim no mercado público, mas não aparecera nenhum comprador. Embora já tivesse estado no Prego em diversas ocasiões com meu pai, eu estava muito assustada para me aventurar naquele lugar seco e tosco sozinha. A chuva tinha encharcado a jaqueta de caçada de meu pai, deixando-me com frio até os ossos. Por três dias nós não havíamos consumido nada além de água fervida com algumas folhas de menta, já bem passadas, que eu tinha encontrado atrás do armário da cozinha. Quando o mercado fechou, eu já estava tremendo tanto que deixei cair a trouxa com a roupa de bebê em uma poça de lama. Não peguei de volta por medo de cair e não ter forças para levantar. Além disso, ninguém ia querer mesmo aquelas roupas.

Eu não podia ir para casa porque lá estavam minha mãe com seus olhos mortos e minha irmãzinha com suas bochechas descarnadas e os lábios rachados. Eu não podia entrar naquela casa, que era aquecida com os galhos úmidos queimados que eu havia escavado na borda da floresta depois que o carvão acabara, com as mãos vazias de qualquer esperança.

Quando dei por mim, estava caminhando aos trancos e barrancos ao longo de um beco enlameado atrás das lojas que servem aos moradores mais ricos da cidade. Os mercadores moram em cima de suas lojas, então,

para falar a verdade, eu estava nos quintais deles. Lembro-me mais ou menos de algumas camas de jardim ainda não montadas para a primavera, uma cabra ou duas no cercado, um cachorro ensopado preso a um poste, todo encolhido e indefeso frente ao lamaçal.

Todas as formas de roubo são proibidas no Distrito 12. Puníveis com morte. Mas passou pela minha cabeça que talvez houvesse alguma coisa nas latas de lixo, o que me parecia razoavelmente justo. Talvez um osso na casa do açougueiro ou vegetais apodrecidos na casa do quitandeiro, algo que nenhuma outra família além da minha estaria desesperada para comer. Infelizmente, as latas de lixo já haviam sido esvaziadas.

Quando passei pela casa do padeiro, o cheiro de pão fresquinho foi tão arrebatador que fiquei tonta. Os fornos ficavam nos fundos, e um brilho dourado escapava pela porta aberta da cozinha. Fiquei lá parada, hipnotizada pelo calor e pelo aroma delicioso até a chuva interferir, passando seus dedos gelados pelas minhas costas e me forçando a voltar para a vida real. Levantei a tampa da lixeira do padeiro e a encontrei brutalmente vazia.

De repente, alguém berrou na minha direção e vi a mulher do padeiro mandando eu sair dali, e perguntando se eu queria que ela chamasse os Pacificadores, e dizendo que não aguentava mais esses moleques da Costura remexendo sua lata de lixo. As palavras eram feias e eu não tinha nenhuma defesa. Enquanto recolocava cuidadosamente a tampa da lixeira no lugar e me afastava, reparei a presença dele, um garoto louro espiando por detrás da mãe. Eu o vira na escola. Ele estava no mesmo ano que eu, mas eu não sabia o nome dele. Ele andava com os garotos da cidade, portanto era impossível eu saber. A mãe voltou para a padaria, resmungando, mas ele deve ter ficado me observando enquanto eu contornava o cercado onde estavam os porcos e me encostava em uma velha macieira. A percepção de que eu não conseguira coisa alguma que pudesse levar para casa finalmente se instalara em mim. Meus joelhos fraquejaram e escorreguei até as raízes da árvore. Era demais para mim. Eu estava doente, fraca e muito, muito cansada mesmo. *Que chamem os Pacificadores e nos levem para o lar da comunidade,* pensei. *Melhor ainda, deixem-me morrer aqui mesmo na chuva.*

Ouvi um barulho de metal na padaria e a mulher gritando novamente e, em seguida, o som de uma explosão, e vagamente imaginei o que estaria acontecendo. Pés chapinharam sobre a lama na minha direção e pensei: *É*

ela. Ela está vindo me expulsar daqui com um cabo de vassoura. Mas não era ela. Era o garoto. Em seus braços ele segurava dois grandes pães que devem ter caído no fogo, pois estavam bem chamuscados.

A mãe estava berrando.

– Dê para os porcos, criatura idiota! Por que não? Nenhuma pessoa decente poderia querer um pão queimado!

Ele começou a arrancar pedaços das partes mais chamuscadas e lançou para os animais. A campainha da padaria soou e a mãe foi correndo atender algum cliente.

O garoto em momento algum olhou na minha direção, mas eu o observava o tempo todo. Por causa do pão, por causa do vergão avermelhado que eu via em seu rosto. Com que tipo de objeto ela batera nele? Meus pais nunca bateram na gente. Eu não conseguia nem imaginar algo assim. O garoto deu uma olhada na padaria, como se estivesse se certificando de que a área estava limpa e então, com a atenção de volta aos porcos, jogou um pão na minha direção. Logo em seguida veio o segundo, e ele chapinhou de volta à padaria, fechando com firmeza a porta atrás de si.

Mirei os pães sem conseguir acreditar em meus olhos. Eles estavam bons, perfeitos, na verdade, exceto algumas poucas partes queimadas. Será que o garoto quis que eu ficasse com eles? Acho que sim, porque caíram pertinho de mim. Antes que alguém pudesse testemunhar o que havia acontecido, enfiei os pães embaixo da roupa, apertei a jaqueta contra o corpo e fui embora sem alarde. O calor do pão esquentava minha pele, mas eu o apertava mais ainda contra o corpo, grudando-me à vida.

Ao chegar em casa, os pães já tinham esfriado um pouco, mas o miolo ainda estava quentinho. Quando os joguei sobre a mesa, as mãos de Prim logo se aproximaram para arrancar um pedacinho, mas eu disse a ela que se sentasse, forcei minha mãe a se juntar a nós à mesa e servi chá. Raspei a parte chamuscada e fatiei o pão. Nós comemos um pão inteiro, fatia por fatia. Era um pão de qualidade, bem vigoroso e recheado de passas e nozes.

Coloquei minhas roupas para secar no fogo, fui para a cama e mergulhei num intenso sono sem sonhos. Somente na manhã seguinte me ocorreu a ideia de que o garoto pudesse ter queimado o pão de propósito. Talvez ele tivesse jogado os pães nas chamas, mesmo sabendo que seria punido, e depois os tivesse dado a mim. Mas não levei em consideração essa ideia. Deve ter sido um acidente. Por que ele teria feito isso? Ele nem me conhecia. No entanto, o simples fato de ter jogado os pães para mim foi

uma enorme gentileza que certamente resultaria em uma surra se ele fosse descoberto. Eu não conseguia encontrar uma explicação para o gesto dele.

Nós comemos fatias de pão no café da manhã e seguimos para a escola. Era como se a primavera tivesse começado na noite anterior. Uma atmosfera deliciosa. Nuvens fofinhas. Lá, cruzei com o garoto no corredor, seu rosto estava inchado e seu olho roxo. Ele estava com os amigos e não deu nenhuma mostra de me conhecer. Mas, à tarde, quando busquei Prim e estávamos tomando nosso caminho de volta para casa, eu o peguei olhando para mim do outro lado do pátio. Nossos olhos se encontraram por um segundo apenas e então ele virou a cabeça para o outro lado. Desviei o olhar, constrangida, e foi então que eu vi. O primeiro dente-de-leão do ano. Um sino soou em minha cabeça. Pensei em todas as horas passadas na floresta com meu pai e descobri como sobreviveríamos daquele momento em diante.

Até hoje não consigo deixar de fazer a ligação entre esse garoto, Peeta, o pão que me deu a esperança e o dente-de-leão que me fez lembrar que eu não estava condenada. E mais de uma vez flagrei seus olhos sobre mim no corredor da escola, por mais fugazes que fossem esses olhares. Sinto uma espécie de dívida para com ele. E detesto dívidas. Quem sabe se eu não tivesse agradecido a ele em alguma ocasião eu não estaria sentindo o conflito que me consome agora. Essa possibilidade passou algumas vezes pela minha cabeça, mas a oportunidade nunca se fez presente. Agora, isso jamais acontecerá. Porque seremos jogados em uma arena para lutar até a morte. Que chance eu teria de agradecer-lhe em um lugar como esse? No mínimo seria desonesto, já que meu propósito lá vai ser cortar a garganta dele.

O prefeito termina a assustadora leitura do Tratado da Traição e faz um gesto para que Peeta e eu apertemos as mãos. As mãos dele são tão sólidas e quentes quanto aqueles pães. Peeta olha bem em meus olhos e aperta minha mão com o que parece ser uma confiança absoluta. Talvez seja apenas um espasmo nervoso.

Nós nos viramos para encarar a multidão quando começa a tocar o hino de Panem.

Bem, penso, *seremos 24 por lá. Há muita probabilidade de outra pessoa matá-lo antes de mim.*

Mas é claro que, ultimamente, as probabilidades não andam muito confiáveis.

Assim que o hino acaba, somos colocados em custódia. Não estou dizendo que somos algemados ou qualquer coisa assim, mas um grupo de Pacificadores nos conduz pela entrada principal do Edifício da Justiça. Talvez alguns tributos tenham tentado escapar no passado. No entanto, nunca vi algo assim acontecer.

Lá dentro, sou conduzida a uma sala onde sou deixada sozinha. É o local mais rico em que estive em toda a minha vida, com carpetes grossos e profundos, um sofá de veludo e poltronas. Conheço veludo porque minha mãe tem um vestido cujo colarinho é feito desse material. Quando me sento no sofá, não consigo parar de passar os dedos sobre o tecido. Isso ajuda a me acalmar enquanto tento me preparar para a hora seguinte. O período de tempo que é permitido aos tributos despedirem-se das pessoas que amam. Não posso me dar ao luxo de ficar chateada, de sair dessa sala com os olhos inchados e o nariz vermelho. Chorar não é opção. Haverá mais câmeras de televisão na estação de trem.

Minha irmã e minha mãe chegam primeiro. Vou ao encontro de Prim e ela pula em meu colo, seus braços em volta de meu pescoço e a cabeça em meu ombro. Minha mãe se senta ao meu lado e nos abraça. Por alguns minutos, não dizemos nada. Então, começo a dizer a elas todas as coisas que deverão se lembrar de fazer agora que não estarei lá para fazer por elas.

Prim não deve pegar nenhuma téssera. Elas podem sobreviver, se forem cuidadosas, da venda do leite e do queijo da cabra de Prim, e do pequeno boticário que minha mãe agora administra para as pessoas na Costura. Gale vai pegar as ervas que ela não conseguir cultivar, mas ela deve ser bastante cuidadosa na descrição das plantas porque ele não é tão familiarizado com elas quanto eu. Ele também levará caça às duas, e provavelmente não pedirá nada em troca por isso, mas deveriam retribuir de alguma maneira, com leite ou remédios, quem sabe.

Não perco tempo sugerindo a Prim que aprenda a caçar. Já tentei ensinar a ela algumas vezes, e foi desastroso. A floresta a aterrorizava, e sempre que eu atirava em alguma coisa ela começava a chorar e a falar que

a gente talvez conseguisse curar o ferimento do bicho se fôssemos correndo para casa. Mas ela cuida muito bem da cabra, concentro-me nisso.

Quando termino com as instruções sobre combustível, transações comerciais e sobre a importância de frequentar a escola, eu me viro para minha mãe e aperto seu braço com força.

– Escuta. Está me ouvindo? – Ela faz que sim com a cabeça, assustada com a veemência do gesto. Ela deve estar imaginando o que está por vir. – Você não pode se ausentar novamente.

Os olhos de minha mãe se fixam no chão.

– Eu sei. Não vou fazer isso. Não pude evitar o que...

– Bem, você vai ter de evitar dessa vez. Você não vai poder ir embora e abandonar Prim. Eu não estou mais lá pra manter vocês duas vivas. Não importa o que aconteça. Não importa ao que você assista na televisão. Você tem de me prometer que vai lutar! – Minha voz se transformou em um grito no qual estão contidos toda a raiva, todo o medo que senti no momento em que ela nos abandonou.

Ela puxa o braço, agora ela mesma demonstrando raiva.

– Eu estava doente. Podia ter me tratado se naquela época eu tivesse os remédios que tenho hoje.

Essa parte da doença dela talvez seja verdade. Depois desse período, eu a vi curando pessoas que sofriam da mesma tristeza paralisante. Talvez seja mesmo uma doença, mas é uma doença que não temos condições materiais de ter.

– Então toma esses remédios e cuida dela!

– Eu vou ficar legal, Katniss – diz Prim, acariciando meu rosto. – Mas você também precisa tomar cuidado. Você é tão rápida e tão corajosa. De repente você vence.

Não tenho como vencer. Prim deve saber disso bem no fundo do coração. A competição supera minhas habilidades. Garotos de distritos mais ricos, onde a vitória é uma honra descomunal, que treinaram a vida inteira para esse momento. Garotos que são duas ou três vezes maiores do que eu. Garotas que sabem mais de vinte maneiras de te matar com uma faca. Ah, mas também vai ter gente como eu. Gente que vai ser logo eliminada do jogo antes que a verdadeira diversão comece.

– De repente – repito, porque será difícil convencer minha mãe a seguir em frente se eu mesma já estou sem esperanças. Além disso, não é

da minha natureza cair sem lutar, mesmo quando as coisas parecem insuperáveis. – Aí nós ficaríamos tão ricas quanto Haymitch.

– Não me importo se ficarmos ricas. Tudo o que quero é que você volte pra casa. Você vai tentar, não vai? Tentar mesmo, mesmo, mesmo! – pergunta Prim.

– Mesmo, mesmo, mesmo. Eu juro que vou tentar – confirmo. E sei que terei de tentar. Por causa de Prim.

Então, o Pacificador está na porta, assinalando que nosso tempo acabou, e nós três nos abraçamos com tanta força que chegou a doer.

– Eu amo vocês. Eu amo vocês duas. – É tudo que digo. Elas dizem a mesma coisa, e então o Pacificador manda elas saírem e a porta se fecha. Enterro minha cabeça em um dos travesseiros de veludo, como se isso pudesse bloquear tudo o que havia se passado.

Alguém entra na sala, e quando levanto os olhos, fico surpresa de ver que é o padeiro, o pai de Peeta Mellark. Não posso acreditar que ele tenha vindo me visitar. Afinal, logo, logo estarei empenhada em matar seu filho. Mas nós dois nos conhecemos um pouco, e ele conhece Prim ainda mais. Quando ela vende seus queijos de cabra no Prego, separa duas unidades para ele e ele dá a ela uma quantidade bem generosa de pão em troca. Nós sempre esperamos a bruxa da mulher dele se afastar para fazer negócio porque ele é bem mais simpático. Tenho certeza de que ele jamais bateria em seu filho da maneira que ela fez na ocasião do pão queimado. Mas por que será que ele veio me ver?

O padeiro se senta desajeitadamente na beirada de uma das cadeiras elegantes. Ele é um homem grande, de ombros largos e com cicatrizes de queimaduras devido a todos os anos em que trabalhou nos fornos. Ele deve ter acabado de se despedir de seu filho.

Ele puxa um pacote de papel branco do bolso da jaqueta e me entrega. Eu o abro e encontro biscoitos. Isso é um luxo que nós jamais podemos desfrutar.

– Obrigada – digo. O padeiro já não é de falar muito em circunstâncias agradáveis. Hoje, ele simplesmente não tem palavras. – Comi um pouco do seu pão hoje de manhã. Meu amigo Gale te deu um esquilo em troca. – Ele balança a cabeça em concordância, como se estivesse se lembrando do esquilo. – Não foi sua melhor transação comercial. – Ele dá de ombros, como se isso não tivesse a menor importância.

Então, não consigo pensar em mais nada e nós ficamos sentados em silêncio até que um Pacificador o convoca a se retirar. Ele se levanta e tosse para limpar a garganta.

– Vou ficar de olho na menininha. Pra ter certeza de que ela está comendo direitinho.

Sinto um pouco de alívio em meu peito com as palavras dele. As pessoas se relacionam comigo, mas elas têm afeição mesmo é por Prim. Talvez haja afeição suficiente para mantê-la viva.

Minha visita seguinte também é inesperada. Madge caminha diretamente para mim. Ela não está chorosa ou evasiva. Ao contrário, sinto uma urgência em seu tom de voz que me surpreende.

– Eles permitem que você use na arena alguma coisa de seu distrito. Uma lembrança de sua casa. Você poderia usar isso? – Ela está segurando o broche de ouro circular que estava em seu vestido horas atrás. Eu não tinha prestado muita atenção nele antes, mas agora estou vendo que é um pequeno pássaro voando.

– Seu broche? – pergunto. Usar um símbolo de meu distrito é a última coisa que passaria pela minha cabeça em um momento como esse.

– Aqui está. Vou colocá-lo em seu vestido, certo? – Madge não espera a resposta, apenas se inclina e prende o pássaro em meu vestido. – Katniss, você me promete que vai usá-lo na arena? – pergunta ela. – Promete?

– Prometo – respondo. Biscoitos. Um broche. Estou ganhando todos os tipos de presente hoje. Madge me dá mais outro. Um beijo no rosto. Depois ela vai embora e fico pensando que talvez Madge tivesse sido realmente minha amiga esse tempo todo.

Por fim, Gale está aqui. Talvez não haja nada romântico entre nós, mas, quando abre os braços, não hesito nem um pouco em abraçá-lo. Seu corpo me é bem familiar, a maneira como ele se move, o cheiro de fumaça de madeira. Até mesmo as batidas de seu coração eu consigo reconhecer devido aos momentos em que somos obrigados a ficar no mais absoluto silêncio durante as caçadas. Mas essa é a primeira vez que realmente o sinto, esguio e musculoso, junto ao meu corpo.

– Ouça – diz ele. – Arrumar uma faca deve ser bem fácil, mas você precisa arranjar um arco. Essa é sua melhor opção.

– Nem sempre eles disponibilizam arcos – digo, pensando no ano em que os tributos só tinham disponíveis clavas com pregos nas pontas para golpear uns aos outros até a morte.

– Então, faça um você mesma – insiste Gale. – Até um arco não muito bom é melhor do que nenhum arco.

Já havia tentado copiar os arcos de meu pai e os resultados foram desalentadores. A coisa não é assim tão simples. Até ele precisava jogar fora seu próprio trabalho às vezes.

– Nem sei se haverá árvores no local – retruco. Num outro ano eles jogaram todo mundo num descampado com nada além de pedras, areia e arbustos ásperos. Eu, particularmente, odiei aquele ano. Muitos competidores foram picados por cobras venenosas e enlouqueceram de sede.

– Quase sempre há árvores – pondera Gale. – Desde aquele ano em que metade das pessoas morreram de frio. Não foi nem um pouco divertido.

É verdade. Nós passamos uma edição dos Jogos Vorazes assistindo aos competidores morrerem de frio à noite. Você mal conseguia enxergá-los porque eles ficavam todos encolhidos e não tinham lenha pra fogueira ou tochas ou nada desse tipo. Todas aquelas mortes tranquilas e sem luta foram consideradas muito pouco atraentes na Capital. Desde aquele ano, sempre tem madeira para fazer fogueiras.

– É, normalmente tem algumas – concordo.

– Katniss, a coisa não passa de uma caçada. Você é a melhor caçadora que conheço.

– Não é só caçada. Eles estão armados. Eles usam a cabeça.

– Assim como você. E você tem mais experiência. Experiência real. Você sabe como matar.

– Não pessoas.

– E que diferença pode ter? – indaga Gale, de modo sinistro.

A parte mais horrorosa é que se eu puder esquecer que se trata de pessoas, não vai fazer a menor diferença.

Os Pacificadores voltam cedo demais e Gale pede um pouco mais de tempo, mas eles o levam embora e começo a entrar em pânico.

– Não deixe que elas morram de fome! – grito, agarrando a mão dele.

– Não vou deixar! Você sabe que eu não vou deixar! Katniss, lembre que eu... – Eles nos separam e batem a porta, e jamais saberei do que ele queria que eu me lembrasse.

É uma caminhada curta do Edifício da Justiça até a estação de trem. Nunca estive em um carro. Raramente andei de carroças. Na Costura, nós só andamos a pé.

Eu estava certa em não chorar. A estação está infestada de repórteres com suas câmeras, que mais parecem insetos, apontadas diretamente para meu rosto. Mas tenho muita experiência em retirar os traços de emoção do rosto. E estou fazendo isso agora. Vislumbro rapidamente minha aparência numa tela de televisão que está transmitindo minha chegada ao vivo e me sinto gratificada por parecer quase entediada.

Peeta Mellark, por outro lado, esteve obviamente chorando e, o que é bastante interessante, parece não ter tentado esconder o fato. Imediatamente imagino se essa será a estratégia dele nos Jogos desse ano. Parecer fraco e assustado para assegurar aos outros tributos que ele não está competindo com ninguém, e depois aparecer lutando. Isso funcionou muito bem para uma garota do Distrito 7, Johanna Mason, alguns anos atrás. Ela parecia uma chorona tão covarde e boba que ninguém se importou com ela até que só restavam alguns competidores. Na verdade, ela matava sem remorso. Muito esperto o desempenho dela. Mas parece uma estratégia estranha para Peeta Mellark, porque ele é filho de padeiro. Todos esses anos com comida farta e manejando bandejas de pão para cima e para baixo fizeram dele um garoto de ombros largos e bem forte. Será preciso muita choradeira para convencer todo mundo a não prestar atenção nele.

Nós temos de ficar de pé por alguns minutos na entrada do trem enquanto as câmeras devoram nossas imagens. Nosso embarque é permitido e as portas se fecham inapelavelmente atrás de nós. O trem começa a se mover em questão de segundos.

A velocidade a princípio me tira o fôlego. É claro que jamais estive em um trem, pois viajar entre um distrito e outro é proibido, exceto para tarefas oficialmente sancionadas. Para nós, isso significa quase sempre transportar carvão. Mas esse não é um trem para o simples transporte de carvão. É um daqueles modelos de alta velocidade da Capital que atingem quase 400 quilômetros por hora. Nossa viagem até lá vai durar menos de um dia.

Na escola, aprendemos que a Capital foi construída em um local que antes era conhecido como Montanhas Rochosas. O Distrito 12 ficava na região conhecida como Montes Apalaches. Havia centenas de anos já se retirava carvão daqui. E é por isso que nossos mineiros precisam escavar tão fundo.

De algum modo, quase tudo na escola acaba se relacionando com carvão. Além de leitura básica e matemática, grande parte de nosso ensino

remete ao carvão – exceto a palestra semanal sobre a história de Panem. E não passa de conversa mole sobre o que devemos à Capital. Sei que deve haver muito mais coisas do que o que nos é ensinado. Deve haver algum relato real do que aconteceu durante a rebelião. Mas não passo muito tempo pensando nisso. Seja lá qual for a verdade, não vejo como ela me ajudará a colocar comida na mesa.

O trem dos tributos é mais chique até do que a sala do Edifício de Justiça. Cada um de nós recebe um aposento pessoal que contém um quarto, um vestíbulo e um banheiro privado com água quente e fria. Nós não temos água quente em casa, a não ser fervida.

Há gavetas com as mais belas roupas, e Effie Trinket diz que posso fazer o que quiser, que tudo está à minha disposição. Só preciso estar pronta para a ceia daqui a uma hora. Dispo o vestido azul de minha mãe e tomo uma chuveirada quente. Nunca tomei banho de chuveiro antes. É como estar numa chuva de verão, só que quente. Visto uma camisa e uma calça verde-escuras.

No último instante, eu me lembro do broche dourado de Madge. Pela primeira vez, dou uma boa olhada nele. Parece até que alguém confeccionou um pequeno pássaro dourado e depois prendeu um anel em volta dele. O pássaro está preso ao anel somente pelas pontas das asas. De repente, eu o identifico: um tordo.

Esses pássaros são engraçados e a ideia funciona como um tapa na cara da Capital. Durante a rebelião, a Capital criou animais geneticamente modificados para serem usados como arma. O termo usual para eles era *bestantes*, que às vezes era substituído por *bestas*, simplesmente. Um deles era um pássaro especial, conhecido como gaio tagarela, que tinha a habilidade de memorizar e repetir conversas humanas em sua totalidade. Eram pássaros que retornavam ao lar, exclusivamente machos, e que eram lançados nas regiões em que se sabia que os inimigos da Capital estavam escondidos. Depois que os pássaros juntavam as palavras, eles voavam de volta aos centros para que o conteúdo fosse gravado. Demorou um tempo até que as pessoas se dessem conta do que estava acontecendo nos distritos, de como conversas particulares estavam sendo transmitidas. Aí, é claro, os rebeldes começaram a fornecer à Capital as mais diversas mentiras, e essa era a piada. Então, os centros foram fechados e os pássaros foram abandonados na natureza para morrer.

Só que eles não morreram. Ao contrário, os gaios tagarelas cruzaram com fêmeas de tordos, criando uma nova espécie que podia reproduzir não só os cantos dos pássaros como também as melodias humanas. Eles haviam perdido a habilidade de enunciar palavras, mas ainda conseguiam imitar os timbres vocais dos humanos, do trinado agudo de uma criança aos tons mais graves de um homem adulto. E podiam recriar canções. Não apenas algumas notas, mas canções inteiras com múltiplos versos, se você tivesse paciência para cantar para eles e se eles gostassem da sua voz.

Meu pai gostava particularmente dos tordos. Quando íamos caçar, ele assobiava ou cantava canções complicadas para eles que, depois de uma pausa educada, sempre cantavam de volta. Nem todo mundo é tratado com a mesma consideração. Mas sempre que meu pai cantava, todos os pássaros na área ficavam em silêncio e ouviam. A voz dele era tão bonita, alta e clara, e tão cheia de vida que fazia você sentir vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Jamais consegui reproduzir aquele prodígio depois que ele se foi. Ainda assim, há algo de reconfortante em relação a esse pequeno pássaro. É como ter um pedacinho de meu pai comigo, me protegendo. Aperto o broche na camisa e, com o tecido verde-escuro como pano de fundo, sou quase capaz de imaginar o tordo voando pelas árvores.

Effie Trinket aparece para me levar à ceia. Eu a sigo ao longo de um corredor estreito até uma sala de jantar com refinadas paredes revestidas de madeira. Há uma mesa onde todos os pratos são altamente quebráveis. Peeta Mellark está sentado à nossa espera, a cadeira perto da dele está vazia.

– Onde está Haymitch? – pergunta Effie Trinket, reluzente.

– A última vez que o vi, ele estava indo tirar uma soneca – diz Peeta.

– Bem, o dia foi exaustivo – diz Effie Trinket. Acho que ela está aliviada pela ausência de Haymitch. Quem poderia culpá-la?

A ceia chega em diferentes estágios. Uma encorpada sopa de cenoura seguida de salada verde e depois costeleta de cordeiro e purê de batata, queijo e frutas. Para encerrar, bolo de chocolate. Ao longo da refeição, Effie Trinket não para de nos lembrar que devemos reservar espaço porque ainda vem mais. Mas já estou empanturrada porque nunca comi uma comida tão boa e em tanta quantidade, e porque provavelmente a melhor coisa que posso fazer até que comecem os Jogos é ganhar um pouco de peso.

– Pelo menos vocês dois têm bons modos – diz Effie Trinket assim que terminamos o prato principal. – O par do ano passado comeu tudo com as mãos, como um casal de selvagens. Perturbou completamente minha digestão.

O par do ano passado eram dois adolescentes da Costura que jamais, em nenhum dia de suas vidas, tiveram comida suficiente em suas mesas. E quando tiveram comida, a etiqueta certamente foi a última coisa em que pensaram. Peeta é filho de padeiro. Minha mãe ensinou a mim e a Prim como comer com educação, o que significa que consigo, sim, manusear um garfo e uma faca. Mas odeio tanto o comentário de Effie Trinket que decido comer o restante de minha comida com os dedos. Depois limpo as mãos na toalha de mesa. Isso faz com que os lábios dela fiquem franzidos de irritação.

Agora que a refeição terminou, estou lutando para manter a comida no estômago. Vejo que Peeta também está com a aparência um pouco esverdeada. Nenhum dos dois está acostumado a banquetes desse tipo. Mas se posso aguentar a mistura de carne moída, entranhas de porco e cascas de árvores que Greasy Sae prepara – uma especialidade do inverno –, não há motivos para não suportar tudo isso aqui.

Vamos para outro compartimento assistir à reprise das colheitas em toda Panem. Eles tentam escaloná-las ao longo do dia de modo que todos possam assistir a tudo ao vivo, mas só os residentes da Capital conseguem fazer isso já que eles não são obrigados a participar das colheitas.

Uma após a outra, vemos as outras colheitas, os nomes sendo chamados, os voluntários se apresentando ou, o que é mais comum, não se apresentando. Nós examinamos o rosto dos garotos que competirão conosco. Alguns se destacam em minha mente. Um garoto monstruoso que se apresenta como voluntário do Distrito 2. Uma garota ruiva de cabelos lisos e cara de raposa do Distrito 5. Um garoto com um problema no pé do Distrito 10. E, o que mais me assustou, uma garota de doze anos do Distrito 11. Ela tem a pele e os olhos escuros, mas fora isso, é bem parecida com Prim no tamanho e no jeito. Quando ela sobe ao palco e perguntam se há algum voluntário, tudo o que se consegue ouvir é o vento soprando nos edifícios decrépitos em torno dela. Não há ninguém disposto a tomar seu lugar.

Por último, aparece o Distrito 12. Todos podem ver o desespero em minha voz quando empurro minha irmã para trás de mim, como se eu

estivesse com medo de ninguém estar me escutando e Prim fosse levada à minha revelia. Mas é claro que eles escutam. Vejo Gale puxando-a de mim e me vejo subindo ao palco. Os comentaristas não têm muita certeza do que dizer sobre a recusa da multidão em aplaudir. A saudação silenciosa. Um diz que o Distrito 12 sempre foi um pouco atrasado, mas os costumes locais são até charmosos de vez em quando. Como se houvesse ensaiado, Haymitch desaba do palco, e eles resmungam de maneira cômica. O nome de Peeta é anunciado e ele toma seu lugar lentamente. Nós apertamos as mãos. Eles cortam para o hino mais uma vez e o programa acaba.

Effie Trinket está desconcertada com o estado de sua peruca no evento.

– Seu mentor tem muito o que aprender sobre apresentações e sobre como se portar diante das câmeras de televisão.

Peeta solta um riso inesperado.

– Ele estava bêbado – comenta ele. – Todo ano ele está bêbado.

– Todo dia – acrescento. Não posso evitar um sorriso sardônico. Effie Trinket faz parecer que Haymitch tem um comportamento rude que poderia ser corrigido com algumas dicas da parte dela.

– Pois é – sibila Effie Trinket. – É estranho que vocês dois achem isso engraçado. Vocês sabem que o mentor de vocês é seu salva-vidas nesses Jogos. A pessoa que vai aconselhar vocês, elencar os patrocinadores e comandar o envio de quaisquer dádivas. Haymitch pode muito bem ser a diferença entre a vida e a morte de vocês dois!

Só então Haymitch entra cambaleando no compartimento.

– Perdi a ceia? – pergunta ele, com uma voz ininteligível. Então vomita sobre o caro carpete e cai por cima da sujeira.

– Podem rir! – diz Effie Trinket. Ela contorna a poça de vômito com seus sapatos de salto alto e sai do recinto.

Por alguns instantes, Peeta e eu permanecemos na cena de nosso mentor, tentando nos manter afastados do repugnante material pegajoso que saíra de seu estômago. O fedor de vômito e de bebida barata quase faz com que eu vomite meu jantar. Trocamos olhares. Obviamente Haymitch não é lá essas coisas, mas Effie Trinket tem razão a respeito de um ponto. Uma vez que estejamos dentro daquela arena, ele será nossa única referência. Seguindo uma espécie de acordo mudo, Peeta e eu pegamos os braços de Haymitch e o ajudamos a se erguer.

– Eu tropecei? – Haymitch pergunta. – Cheiro ruim. – Ele esfrega a mão no nariz, sujando todo o rosto de vômito.

– Vamos levá-lo para seu quarto – diz Peeta. – Precisamos limpá-lo um pouco.

Nós meio conduzimos, meio carregamos Haymitch de volta a seu compartimento. Como não podemos exatamente colocá-lo sobre a colcha bordada, nós o içamos até a banheira e abrimos o chuveiro em cima dele. Ele quase não nota.

– Está bom assim – diz Peeta. – Eu assumo de agora em diante.

Mal posso evitar uma sensação de gratidão, já que a última coisa que desejo fazer é tirar a roupa de Haymitch, retirar o vômito dos pelos de seu peito e levá-lo para a cama. Possivelmente, Peeta está tentando causar uma boa impressão nele para ser seu favorito quando os Jogos começarem. Mas a julgar pelo estado em que se encontra, Haymitch não se lembrará de nada disso amanhã.

– Tudo bem – digo. – Eu posso mandar alguém da Capital vir te ajudar. – Há muitos deles no trem. Cozinhando para nós, nos vigiando. O trabalho deles é cuidar de nós.

– Não. Eu não quero eles aqui – diz Peeta.

Balanço a cabeça em concordância e vou para minha sala. Entendo o que Peeta está sentindo. Eu também não consigo suportar a visão do pessoal da Capital. Mas obrigá-los a cuidar de Haymitch poderia funcionar como uma boa vingança. O que me faz imaginar o motivo pelo qual ele insiste em tomar conta de Haymitch. Então, subitamente, me ocorre o

seguinte pensamento: *É porque ele está sendo gentil. Da mesma forma que foi gentil em me dar aqueles pães.*

A ideia me deixa um pouco paralisada. Um Peeta Mellark gentil é muito mais perigoso para mim do que o contrário. Pessoas gentis conseguem se instalar dentro de mim e criar raízes. E não posso permitir que Peeta faça isso. Não posso deixar que ele chegue lá. Então, decido que, de agora em diante, terei o mínimo de contato possível com o filho do padeiro.

Quando volto ao meu compartimento, o trem está parando numa plataforma para abastecer. Rapidamente, abro a janela, jogo fora os biscoitos que o pai de Peeta me deu e a fecho de volta com força. Chega. Chega desses dois.

Infelizmente, o pacote de biscoito atinge o chão e se abre, revelando uma coleção de dentes-de-leão. Só consigo ver a imagem por um instante porque o trem volta a andar. Mas foi o suficiente. O suficiente para me fazer lembrar daquele outro dente-de-leão no pátio da escola anos atrás...

Eu havia acabado de desviar o olhar do rosto cheio de hematomas de Peeta quando vi o dente-de-leão e tive a certeza de que a esperança não havia se perdido completamente. Eu o colhi cuidadosamente e corri para casa. Peguei um balde e a mão de Prim e me dirigi à Campina. E, é verdade, ela estava toda coberta de ervas douradas. Depois de colhê-las, nos acotovelamos ao longo da cerca por mais de um quilômetro até enchermos o balde com folhas, caules e flores de dentes-de-leão. Naquela noite, nós nos empanturramos com salada de dente-de-leão e com o que restara do pão.

– E agora? – perguntou Prim. – Que outra comida podemos encontrar?

– Todo tipo de coisa – prometi a ela. – Só preciso me lembrar do quê.

Minha mãe tinha um livro que trouxera do boticário. As páginas eram de pergaminho bem antigo e cobertas de desenhos de plantas feitos a nanquim. Palavras muito bem desenhadas indicavam os nomes delas, o local em que poderíamos colhê-las, onde elas floresciam e suas utilidades medicinais. Mas meu pai acrescentou outros itens ao livro. Plantas comestíveis, não curativas. Dentes-de-leão, erva-dos-cancros, cebolas selvagens, pinheiros. Prim e eu passamos o resto da noite debruçadas sobre aquelas páginas.

No dia seguinte, não tínhamos aula. Zanzei um pouco pela Campina, e por fim arrumei coragem para passar por baixo da cerca. Era a primeira vez

que eu ia lá sozinha, sem as armas de meu pai pra me proteger. Mas recuperei o pequeno arco e as flechas que ele fizera para mim e que estavam guardados no oco da árvore. Provavelmente não adentrei mais do que vinte quilômetros na floresta aquele dia. Na maioria das vezes, fiquei empoleirada nos galhos de um velho carvalho esperando que alguma caça aparecesse. Depois de várias horas, tive a sorte de matar um coelho. Eu já havia atirado em alguns coelhos antes, com a orientação de meu pai. Mas aquele eu matara sozinha.

Não comíamos carne havia meses. A visão do coelho pareceu animar minha mãe. Ela deixou a apatia de lado, tirou a pele do animal e preparou um cozido com a carne e alguns vegetais que Prim havia colhido. Em seguida, ela teve uma reação meio confusa e voltou para a cama, mas quando a comida ficou pronta, nós a convencemos a comer um pouco.

A floresta se tornou nossa salvadora, e a cada dia eu me aventurava mais em seus domínios. A princípio, a coisa caminhava lentamente, mas eu estava determinada a alimentar minha família. Roubava ovos dos ninhos, pegava peixes com rede, às vezes conseguia atirar em um esquilo ou coelho para fazer um cozido, e colhia as diversas plantas que cresciam embaixo de meus pés. Plantas são ardilosas. Muitas delas são comestíveis, mas basta pôr a boca na planta errada e você está morto. Eu comparava várias vezes as plantas que colhia aos desenhos de meu pai. Eu mantinha nossa família viva.

Qualquer sinal de perigo, um uivo distante, um galho inexplicavelmente se partindo, e eu voava imediatamente de volta para a cerca. Então, comecei a me arriscar, subindo nas árvores para fugir dos cães selvagens que rapidamente ficavam entediados e iam embora. Ursos e gatos viviam mais no interior da floresta, talvez por não gostarem do fedor de fuligem de nosso distrito.

No dia 8 de maio, fui até o Edifício da Justiça, fiz a inscrição para as tésseras e levei para casa meu primeiro suprimento de grãos e óleo na carroça de brinquedo de Prim. No oitavo dia de cada mês eu tinha direito a repetir o mesmo processo.

É evidente que eu não tinha condições de parar de caçar e de colher as plantas. Não tínhamos como sobreviver apenas com os grãos, e necessitávamos de outros itens, como sabão, leite e linha. O que conseguíamos passar sem comer eu vendia no Prego. Era assustador entrar naquele lugar sem meu pai ao meu lado, mas as pessoas sempre o

respeitaram, portanto, fui aceita por todos. Afinal, caça era caça, independente de quem houvesse atirado. Eu também vendia na porta dos fundos dos clientes mais ricos da cidade, tentando lembrar o que meu pai havia me dito e também aprendendo outros truques depois. O açougueiro comprava meus coelhos, mas não os esquilos. O padeiro gostava de esquilos, mas só comprava algum se sua mulher não estivesse por perto. O chefe dos Pacificadores adorava peru selvagem. O prefeito tinha paixão por morangos.

No alto verão, eu estava me lavando em um laguinho quando reparei nas plantas ao meu redor. Altas e com folhas que mais pareciam pontas de flechas. Florações com três pétalas brancas. Eu me ajoelhei na água, meus dedos mergulhando bem fundo na lama macia, e arranquei um punhado de raízes. Pequenos tubérculos azulados que não tinham a melhor das aparências, mas que cozidos ou assados eram tão gostosos quanto qualquer batata. "Katniss", eu disse em voz alta. Era a planta que inspirara meu nome. E ouvi a voz de meu pai fazendo uma piada: "Enquanto você conseguir se achar, nunca vai passar fome." Passei horas remexendo o leito do laguinho com meus dedos e um pedaço de pau, arrancando as raízes que flutuavam até o topo. Naquela noite, pela primeira vez em meses, fizemos um banquete de peixe e raízes de katniss até que ficamos todos satisfeitos.

Lentamente, minha mãe foi voltando ao nosso convívio. Ela começou a limpar, a cozinhar e a guardar um pouco da comida que eu trazia para o inverno. As pessoas nos davam coisas em troca ou nos pagavam pelos remédios que ela fornecia. Em uma ocasião eu a ouvi cantando.

Prim ficou encantada por tê-la de volta, mas eu continuava prestando atenção, esperando que ela novamente nos abandonasse. Não confiava nela. E, em algum lugar recôndito dentro de mim, eu a odiava por sua fraqueza, por sua negligência, pelos meses que ela nos obrigara a suportar. Prim a perdoara, mas eu já dera um passo atrás em relação à minha mãe, erguera um muro para me proteger da necessidade que tinha dela, e tudo entre nós duas passou a ser diferente desde então.

E agora estou prestes a morrer sem que esse problema tenha sido resolvido. Pensei em como havia berrado com ela no Edifício da Justiça. Mas eu também havia dito a ela que a amava. Então, talvez tudo tenha se equilibrado de uma maneira ou de outra.

Por um instante, fico parada olhando através da janela do trem, desejando poder abri-la novamente, mas sem ter certeza do que poderia

acontecer a uma velocidade dessas. Ao longe, vejo as luzes de outro distrito. O 7? O 10? Não sei. Penso nas pessoas em suas casas, se encaminhando para suas camas. Imagino minha casa, com suas persianas cerradas. O que estariam fazendo a uma hora dessas minha mãe e minha irmã? Será que conseguiram comer a ceia? O cozido de peixe e os morangos? Ou será que eles ficaram intocados em seus pratos? Será que elas assistiram à reprise dos eventos do dia na velha e acabada televisão que fica na mesa encostada na parede? Certamente mais lágrimas se seguiram. Será que minha mãe está conseguindo se controlar, será que está conseguindo se manter forte para Prim? Ou será que já começou a tirar o corpo fora, deixando o peso do mundo sobre os frágeis ombros de minha irmã?

Prim, com certeza, dormirá essa noite com minha mãe. A imagem daquele velho e desprezível Buttercup se postando na cama para tomar conta de Prim me conforta. Se ela chorar, ele encostará o focinho em seus braços e se enroscará ali até que ela se acalme e caia no sono. Estou muito contente por não tê-lo afogado.

Imaginar minha casa me faz sofrer de solidão. O dia de hoje foi interminável. Será que Gale e eu comemos mesmo aquelas amoras hoje de manhã? Parece que isso aconteceu há uma eternidade. Como se fosse um longo sonho que vai piorando até se transformar em um pesadelo. Talvez, se eu dormisse, quem sabe eu não acordasse no Distrito 12, que é o meu lugar.

Provavelmente as gavetas contêm uma boa quantidade de pijamas, mas apenas tiro a camisa e as calças e pulo na cama com a roupa de baixo. As cobertas são feitas de um tecido sedoso e macio. O colchão fofo e espesso garante um conforto imediato.

Se eu tiver de chorar, agora é o momento para isso. De manhã já terei sido capaz de enxugar os estragos causados pelas lágrimas em meu rosto. Mas não há nenhuma lágrima. Estou cansada ou entorpecida demais para chorar. A única coisa que sinto é um desejo de estar em qualquer outro lugar. Então, deixo o trem me embalar até o esquecimento.

Uma luz cinzenta está vazando pelas cortinas quando a batida me desperta. Ouço a voz de Effie Trinket me mandando levantar.

– Acorde, acorde, acorde! O dia vai ser muito, muito longo! – Tento imaginar, por um instante, como deve ser o interior da cabeça dessa mulher.

Que pensamentos preenchem as horas em que está acordada? Que sonhos tem à noite? Não faço a menor ideia.

Coloco de volta o uniforme verde, já que não está exatamente sujo, apenas levemente amassado por ter passado a noite no chão. Meus dedos percorrem o pequeno pássaro dourado e penso na floresta, em meu pai. E em minha mãe e Prim acordando, sendo obrigadas a providenciar tudo. Dormi com as elaboradas tranças que minha mãe fez para mim para o dia da colheita, e o penteado não parece tão ruim, de modo que deixo assim mesmo. Pouco importa. Não deve faltar muito até chegarmos à Capital. E, de qualquer maneira, assim que alcançarmos a cidade, meu estilista vai ditar minha aparência para a cerimônia de abertura amanhã à noite. Eu só espero arranjar um que não pense que a nudez é a última palavra em moda.

Assim que entro no vagão-restaurante, Effie Trinket passa às pressas por mim com uma xícara de café puro. Está sussurrando algumas obscenidades. Haymitch, com o rosto inchado e vermelho devido às tolerâncias do dia anterior, está rindo à toa. Peeta está segurando um pãozinho e parece um pouco constrangido.

– Sente-se! Sente-se! – diz Haymitch, acenando para mim. No instante em que me sento, me servem um enorme prato de comida. Ovos, presunto e pilhas de batatas fritas. Uma terrina de frutas está sobre um leito de gelo para manter a temperatura. A cesta de pãezinhos que é depositada à minha frente manteria minha família alimentada por uma semana. Vejo um elegante copo de suco de laranja. Pelo menos, parece ser suco de laranja. Só provei suco de laranja uma vez na vida, na festa de ano-novo, quando meu pai comprou um frasco especialmente para a ocasião. Uma xícara de café. Minha mãe adora café, item que quase nunca tínhamos condições de ter em casa, mas, para mim, o gosto é amargo e sem densidade. Uma xícara de uma robusta substância marrom que jamais vi na vida.

– Chamam isso de chocolate quente – diz Peeta. – É gostoso.

Eu dou um gole no líquido cremoso e quente, e um calafrio percorre todo o meu corpo. Apesar de o resto da refeição ser bastante convidativo, ignoro tudo até enxugar a xícara de chocolate. Então, ponho para dentro tudo o que consigo – o que é uma quantidade substancial –, tomando cuidado para não cometer nenhum excesso com tanta coisa boa. Uma vez minha mãe me disse que eu sempre comia como se estivesse vendo a comida pela última vez. E eu disse: “Só não é a última vez porque sempre trago comida pra casa.” Isso fez com que ela calasse a boca.

Quando meu estômago começa a dar a sensação de que vai se abrir em dois, eu me recosto e me ponho a acompanhar meus companheiros de café da manhã. Peeta ainda está comendo, pegando pedacinhos de pão e mergulhando-os no chocolate quente. Haymitch não presta muita atenção a seu prato, mas bebe com sofreguidão um copo de suco de cor vermelha ao qual não para de adicionar um líquido transparente de uma garrafa. A julgar pelo aroma, deve ser algum tipo de bebida alcoólica. Não conheço Haymitch, mas já o vi muitas vezes no Prego jogando notas e mais notas de dinheiro sobre o balcão da mulher que vende bebida. Quando chegarmos à Capital seu comportamento já estará incoerente.

Percebo que odeio Haymitch. Não é surpresa que os tributos do Distrito 12 jamais tenham alguma chance. Não apenas por sermos mal alimentados e nos faltar um treinamento adequado. Alguns de nossos tributos eram fortes o suficiente para ter uma sobrevida. Mas raramente conseguimos patrocinadores, e grande parte do motivo é ele. As pessoas ricas que subvencionam os tributos – ou porque estão apostando neles ou porque simplesmente querem se gabar por terem escolhido o vencedor – esperam lidar com uma pessoa com o perfil um pouco mais clássico do que o de Haymitch.

– Então você é o encarregado de nos dar conselhos – digo para Haymitch.

– Aí vai um pequeno conselho: mantenham-se vivos – diz Haymitch, e depois cai na gargalhada. Troco olhares com Peeta antes de me lembrar que prometi a mim mesma não manter mais nenhum contato com ele. Estou surpresa de ver a dureza em seus olhos. Ele geralmente parece tão suave.

– Isso é muito engraçado – diz Peeta. De repente ele dá um golpe no copo que está na mão de Haymitch. O vidro se esfacela no chão, fazendo com que o líquido vermelho-sangue escorra para os fundos do trem. – Mas não pra nós.

Haymitch pondera o ato por alguns segundos e então dá um soco no queixo de Peeta, lançando-o para fora da cadeira. Quando ele se volta para pegar a bebida, cravo minha faca na mesa, entre a mão dele e a garrafa, por pouco não acertando seus dedos. Eu me preparo para receber o golpe dele, mas nada acontece. Ao contrário, ele se recosta na cadeira e nos encara com olhos estreitos.

– O que é isso, afinal? – pergunta Haymitch. – Será que realmente peguei um par de lutadores esse ano?

Peeta se levanta e pega um pouco de gelo embaixo da terrina. Ele começa a erguê-lo na direção da marca avermelhada em seu queixo.

– Não – diz Haymitch, interrompendo-o. – Deixa o hematoma aparecer. O público vai pensar que você saiu no tapa com algum outro tributo antes mesmo de entrar na arena.

– Isso é contra as regras – diz Peeta.

– Só se eles te pegarem. Esse hematoma vai indicar que você lutou e que não foi pego. Melhor ainda – diz Haymitch. Ele se volta para mim. – Você consegue acertar alguma coisa com aquela faca além da mesa?

O arco e flecha é a minha arma. Mas também já passei um bom tempo arremessando facas. Às vezes, se firo algum animal com o arco, é melhor jogar uma faca também, antes de me aproximar. Percebo que se desejo chamar a atenção de Haymitch, essa é a oportunidade de causar uma boa impressão. Arranco a faca da mesa, agarro a lâmina e então arremesso-a na parede do outro lado do salão. Na verdade, só tinha esperança de conseguir que ela ficasse grudada em algum lugar, mas ela se alojou na costura entre dois painéis, fazendo com que minha habilidade parecesse bem maior do que realmente é.

– Fiquem os dois em pé aqui – diz Haymitch, indicando com a cabeça o centro do salão. Nós obedecemos e ele gira em torno de nós, cutucando-nos como se fôssemos animais, verificando nossos músculos, examinando nossos rostos. – Bem, vocês não estão totalmente condenados. Parecem em forma. E assim que os estilistas entrarem em ação, vocês vão ficar suficientemente atraentes.

Nem eu nem Peeta questionamos a colocação. Os Jogos Vorazes não são um concurso de beleza, mas parece que os tributos mais atraentes sempre conseguem arregimentar mais patrocinadores.

– Tudo bem, vou fazer um trato com vocês. Vocês não interferem na minha bebida e fico sóbrio o suficiente para ajudá-los – propõe Haymitch. – Mas vocês vão ter de fazer exatamente o que eu disser.

Não é de fato um trato, mas ainda assim é um grande passo em relação a dez minutos atrás, quando não contávamos com nenhuma orientação.

– Certo – diz Peeta.

– Então nos ajude – concordo. – Quando a gente chegar na arena, qual a melhor estratégia na Cornucópia pra alguém que...

– Uma coisa de cada vez. Daqui a alguns minutos vamos chegar à estação. Vocês serão colocados nas mãos de seu estilista. Vocês não vão

gostar nem um pouco do que ele vai fazer com vocês. Mas, independentemente do que seja, vocês não devem se opor – diz Haymitch.

– Mas... – começo.

– Sem "mas". Não se oponham – diz Haymitch. Ele pega a garrafa de bebida na mesa e sai do vagão-restaurante. Assim que a porta se fecha atrás dele, o vagão escurece. Ainda há algumas luzes no interior, mas, do lado de fora, a impressão que se tem é que anoiteceu novamente. Eu me dou conta de que devemos estar dentro de algum túnel que percorre as montanhas até a Capital. As montanhas formam uma barreira natural entre a Capital e os distritos ao leste. É quase impossível entrar pelo leste, exceto pelos túneis. Essa vantagem geográfica foi um dos principais fatores que possibilitaram a derrota dos distritos frente à Capital na guerra, o que me levou a ser um tributo hoje. Como os rebeldes tinham de escalar as montanhas, eles se tornavam alvos fáceis para a força aérea da Capital.

Peeta Mellark e eu ficamos em silêncio enquanto o trem passa a toda a velocidade. O túnel parece interminável, e, quando começo a imaginar as toneladas de rocha que me separam do céu, sinto um aperto no peito. Eu odeio ficar emparedada na pedra dessa maneira. Isso me faz lembrar das minas e de meu pai, preso naquela armadilha, incapaz de alcançar a luz do sol, enterrado para sempre na escuridão.

O trem finalmente começa a diminuir a velocidade, e, de repente, luzes brilhantes inundam o compartimento. Não conseguimos evitar. Peeta e eu corremos para a janela para ver o que só conhecíamos pela televisão. A Capital, a cidade que governa Panem. As câmeras não mentiram a respeito da grandiosidade do local. Se tanto, elas não chegaram a captar a magnificência dos edifícios esplendorosos num arco-íris de matizes que se projeta em direção ao céu, os carros cintilantes que passam pelas avenidas de calçadas largas, as pessoas vestidas de modo esquisito, com penteados bizarros e rostos pintados que nunca deixaram de fazer uma refeição. Todas as cores parecem artificiais, os rosas intensos demais, os verdes muito brilhantes, os amarelos dolorosos demais aos olhos, como as balas redondas e duras que nunca temos condições de comprar nas lojinhas de doce do Distrito 12.

As pessoas começam a apontar para nós com veemência ao reconhecer o trem dos tributos chegando à cidade. Eu me afasto da janela, enjoada com aquela excitação, ciente de que eles mal podem esperar para assistir à nossa morte. Mas Peeta mantém sua posição. Na verdade, está até acenando e

sorrindo para a multidão de paspalhões. Ele só para quando o trem chega à estação, tirando-nos de vista.

Ele me vê fitando-o e dá de ombros.

– Quem sabe? Um deles pode ser rico.

Eu o julguei erroneamente. Penso nas ações dele desde que a colheita começou. O amigável aperto de mão. O pai dele aparecendo com os biscoitos e prometendo alimentar Prim... Será que Peeta o convenceu a fazer isso? As lágrimas dele na estação. Ter se apresentado para lavar Haymitch, para depois desafiá-lo hoje de manhã quando, aparentemente, a abordagem do garoto bonzinho havia fracassado. E agora o aceno na janela, já tentando ganhar a multidão.

Todas as peças já estão se encaixando, mas sinto que ele tem um plano em gestação. Ele não aceitou morrer. Ele já está lutando com afinco para se manter vivo. O que também significa que o gentil Peeta Mellark, o garoto que meu deu os pães, está lutando com afinco para me matar.

Brrrr! Cerro os dentes quando Venia, uma mulher de cabelos azul-claros e tatuagens douradas acima das sobrancelhas, dá um puxão numa tira de tecido na minha perna e arranca o pelo que está embaixo.

– Desculpa! – diz ela, com seu sotaque ridículo da Capital. – É que você é cabeluda demais!

Por que essa gente fala com uma voz tão aguda? Por que suas bocas quase não se abrem quando eles falam? Por que o fim das sentenças sempre tem um tom acentuado, como se estivessem fazendo uma pergunta? Vogais esquisitas, palavras abreviadas, e sempre a letra S sibilando... Não é para menos que é impossível deixar de parodiá-los.

Venia me dirige um olhar supostamente simpático.

– Mas tenho boas notícias. Essa é a última parte. Pronta? – Eu aperto com força a borda da mesa sobre a qual estou sentada e faço que sim com a cabeça. O que resta de pelo em minha perna é exterminado com um doloroso puxão.

Estou no Centro de Transformação há mais de três horas e ainda não conheci meu estilista. Aparentemente, ele não tem nenhum interesse em me ver antes de Venia e os outros membros da minha equipe de preparação terem solucionado alguns problemas óbvios. O que inclui esfregar meu corpo com uma espuma densa que removeu não apenas a sujeira, mas pelo menos três camadas de pele, fazer minhas unhas adquirirem um formato uniforme e, principalmente, retirar todos os pelos de meu corpo. Minhas pernas, braços, torso, axilas e partes das sobrancelhas foram depiladas, me deixando com a aparência de um pássaro depenado e pronto para ser assado. Não gosto. Minha pele ficou sensível e pinicando, e intensamente vulnerável. Mas mantive minha parte do trato com Haymitch, e nenhuma objeção me escapou pela boca.

– Você está indo muito bem – diz um cara chamado Flavius. Ele sacode os cachos alaranjados e passa um batom roxo na boca. – Se tem uma coisa que não suporto é gente que fica choramingando. Passa a cera nela toda!

Venia e Octavia, uma mulher roliça cujo corpo todo foi tingido de uma tonalidade esverdeada, me esfrega de alto a baixo com uma loção que no início pinica, mas logo alivia minha pele sensível. Depois, eles me puxam da mesa, removendo o roupão fininho que me permitiram usar vez por outra. Fico lá em pé, completamente nua, com os três a minha volta empunhando tesouras para remover os últimos resquícios de pelo de meu corpo. Eu sei que deveria estar constrangida, mas eles são tão inumanos quanto um trio de aves coloridas ciscando aos meus pés.

Os três recuam e admiram o trabalho.

– Excelente! Agora você está quase parecida com um ser humano! – diz Flavius, e todos riem.

Eu forço um sorriso para demonstrar o quanto estou grata.

– Obrigada – digo eu, suavemente. – Nós não temos muitos motivos para ter uma boa aparência no Distrito Doze.

Isso os conquista inteiramente.

– Claro que não, coitadinha! – diz Octavia, batendo as mãos para mim em aflição.

– Mas não se preocupe – diz Venia. – Quando Cinna tiver terminado tudo, você vai ficar absolutamente deslumbrante!

– Nós prometemos! Sabe que, agora que a gente se livrou de todos esses pelos e de toda essa sujeira, você não está nem um pouco horrível? – diz Flavius, me incentivando. – Vamos chamar Cinna!

Eles saem correndo da sala. É difícil odiar minha equipe de preparação. Eles são uns idiotas totais. Porém, mesmo assim, apesar de não saber explicar bem o motivo, sei que eles estão sendo sinceros em me ajudar.

Olho para as paredes frias e brancas e resisto ao impulso de colocar de volta o roupão. Esse Cinna, meu estilista, certamente vai me obrigar a ficar despida. Em vez disso, minhas mãos vão até meu penteado, a única área de meu corpo que minha equipe de preparação foi orientada a não mexer. Meus dedos sentem os cachos sedosos que minha mãe penteou com tanto cuidado. Minha mãe. Deixei o vestido azul e os sapatos dela no chão do vagão de trem, sem jamais pensar na possibilidade de recuperá-los ou de me agarrar a alguma coisa dela, de casa. Agora estou arrependida.

A porta se abre e um homem jovem, que deve ser Cinna, entra na sala. Fico embasbacada pela aparência normal dele. A maioria dos estilistas que são entrevistados na televisão tem os cabelos tão tingidos, são tão

artificiais e cirurgicamente alterados que ficam até grotescos. Mas o cabelo bem aparado de Cinna parece ter uma natural tonalidade castanha. Ele está usando uma camisa preta simples e calças. A única concessão à automodificação parece ser um delineador dourado-metálico para os olhos, levemente aplicado, que parece ressaltar pontinhos dourados em seus olhos verdes. E, apesar de não gostar nem um pouco da Capital e de suas modas hediondas, sou obrigada a aceitar que o visual é bem atraente.

– Oi, Katniss. Sou Cinna, seu estilista – cumprimenta ele, com uma voz calma, algo quase sempre raro em meio a toda a afetação da Capital.

– Oi – respondo, cautelosamente.

– Me dá só um minutinho, certo? – Ele contorna meu corpo nu, sem me tocar, mas medindo cada centímetro dele com os olhos. Resisto ao impulso de cruzar os braços sobre o peito. – Quem fez seus cabelos?

– Minha mãe.

– Estão lindos. Clássicos mesmo. E com um equilíbrio quase perfeito com seu perfil. Ela tem dedos muito bons – comenta ele.

Eu estava esperando uma pessoa afetada, uma pessoa mais velha tentando desesperadamente parecer jovem, que me visse como um pedaço de carne a ser preparada para uma refeição. Cinna não correspondeu a nenhuma dessas expectativas.

– Você é novo aqui, não é? Eu acho que nunca te vi antes – procuro saber. A maioria dos estilistas me é familiar, imutáveis em meio às levas anuais de tributos sempre diferenciados. Alguns eu conheço desde pequena.

– É verdade, esse é meu primeiro ano nos Jogos – diz Cinna.

– Quer dizer que deram a você o Distrito 12 – concluo. Recém-chegados geralmente acabam com a gente, o distrito menos desejável.

– Eu pedi pra trabalhar com o Distrito 12 – diz ele, sem maiores explicações. – Por que você não veste seu roupão pra gente bater um papo?

Pego o roupão e o sigo até uma sala de estar. Dois sofás vermelhos estão frente a frente com uma mesinha no centro. Três paredes estão vazias, a quarta é totalmente de vidro, proporcionando uma janela para a sala. Vejo pela luz que deve ser mais ou menos meio-dia, embora o céu tenha ficado encoberto. Cinna me convida a sentar em um dos sofás e se senta à minha frente. Ele aperta um botão ao lado da mesa. O topo se divide e surge uma outra mesinha com nosso almoço. Frango com pedaços cozidos de laranja em um molho cremoso sobre um leito de grãos perolados, ervilhas

pequeninas e cebolas, rolinhos na forma de flor e, de sobremesa, um pudim cor de mel.

Tento imaginar como faria para servir uma refeição dessas em casa. Frango é caro demais, mas eu poderia substituir por peru selvagem. Teria de atirar em um segundo peru para trocar pelas laranjas. O leite de cabra teria de substituir o creme. Podemos cultivar ervilhas no jardim. Eu teria de colher cebolas selvagens na floresta. Não identifico esse grão. Nossa ração de téssera depois de cozida fica com uma cara amarronzada muito pouco atraente. Esses rolinhos bonitinhos só seriam possíveis mediante outra troca com o padeiro, de repente por dois ou três esquilos. Quanto ao pudim, não consigo nem imaginar o que contém. Dias e dias de caça e colheita para prover essa única refeição, e mesmo assim não passaria de um pobre substituto da versão original da Capital.

Como deve ser, imagino, viver num mundo onde a comida surge com um apertar de botões? Como eu passaria as horas que agora dedico vasculhando a floresta em busca de sustento se a comida fosse assim tão fácil de se conseguir? O que eles fazem o dia inteiro, essa gente da Capital, além de decorar os próprios corpos e esperar cada novo suprimento de tributos que vão morrer para garantir a diversão deles?

Levanto a vista e vejo os olhos de Cinna fixos nos meus.

– Como devemos parecer desprezíveis para você – diz ele.

Será que ele viu isso em meus olhos ou leu meus pensamentos de algum modo? Mas ele está certo. Todas as pessoas aqui são absolutamente desprezíveis.

– Pouco importa – completa Cinna. – Então, Katniss, a respeito de sua roupa para a cerimônia de abertura. Minha parceira, Portia, é a estilista de seu amigo Peeta. E nossa ideia atual é vesti-los de modo complementar – explica ele. – Como você sabe, é costume dos Jogos refletir o que mais identifica o distrito.

Para a cerimônia de abertura você deve vestir algo que sugira a principal atividade de seu distrito. Distrito 11: agricultura. Distrito 4: pesca. Distrito 3: fábricas. Isso significa que, por sermos oriundos do Distrito 12, Peeta e eu estaremos usando algum tipo de composição que tenha a ver com minérios. Como os macacões soltos dos mineiros não são exatamente adequados, nossos tributos normalmente acabam usando uniformes não apropriados e chapéus com lanternas na cabeça. Teve um ano em que nossos tributos ficaram completamente nus e cobertos de pó

preto para representar a fuligem do carvão. É sempre horroroso e não nos favorece em nada junto à multidão. Fico preparada para o pior.

– Quer dizer que vou usar um uniforme de mineiro? – pergunto, na esperança de que o traje não seja indecente.

– Não exatamente. Veja bem, Portia e eu achamos os trajes dos mineiros muito ultrapassados. Ninguém vai lembrar de você usando algo assim. E nós dois entendemos que nossa tarefa é deixar os tributos do Distrito 12 inesquecíveis – começa Cinna.

Vou ter de ficar pelada com toda certeza, imagino.

– Então, em vez de focar na mineração propriamente dita, vamos focar no carvão – conclui ele.

Pelada e coberta de fuligem preta.

– E o que nós fazemos com o carvão? Nós queimamos. Katniss, você não tem medo de fogo, tem? – Ele percebe minha expressão e dá um risinho.

Algumas horas depois, estou vestida em algo que ou vai ser a mais sensacional ou a mais horrenda roupa da cerimônia de abertura. Estou usando uma peça única preta que me cobre do tornozelo ao pescoço. Botas de couro bem engraxadas com cadarços até os joelhos. Mas são a pelerine esvoaçante – com matizes de laranja, amarelo e vermelho – e o chapéu que definem a roupa. Cinna planeja iluminá-los com fogo pouco antes de nossa carruagem entrar nas ruas.

– Não são chamas reais, é claro, é apenas um foguinho sintético que Portia e eu inventamos. Você vai estar perfeitamente segura – tranquiliza-me ele. Mas não estou convencida de que quando chegarmos ao centro da cidade não estarei parecendo um churrasquinho.

Meu rosto está relativamente livre de maquiagem. Tem só um pouquinho de realce aqui e acolá. Meus cabelos foram penteados e trançados em minhas costas, no meu estilo tradicional.

– Eu quero que o público a reconheça quando você estiver na arena – diz Cinna, sonhador. – Katniss, a garota quente.

Penso se a calma e o comportamento normal de Cinna não mascaram um homem completamente louco.

Apesar da revelação do comportamento de Peeta ocorrida na manhã de hoje, fico aliviada quando ele aparece vestido com uma roupa idêntica, para falar a verdade. Ele deveria ter experiência sobre fogo, já que é filho de padeiro e tudo o mais. Sua estilista, Portia, e sua equipe o acompanham, e

todos estão absolutamente atordoados de excitação com a impressão que ele vai causar. Exceto Cinna. Ele parece um pouco exausto ao receber os cumprimentos.

Fomos levados às pressas para o nível inferior do Centro de Transformação que, em essência, é um estábulo gigantesco. A cerimônia de abertura está para começar. Pares de tributos estão sendo colocados dentro de carruagens puxadas por grupos de quatro cavalos. Os nossos são pretos como carvões. Os animais são tão bem treinados que não há nenhuma necessidade de alguém segurar suas rédeas. Cinna e Portia nos direcionam para a carruagem e colocam cuidadosamente nossos corpos em posição, ajeitando o drapejamento de nossas pelerines antes de se afastarem para discutir os últimos detalhes.

– O que você acha desse fogo? – sussurro para Peeta.

– Arranco sua pelerine se você arrancar a minha – sugere ele, com os dentes cerrados.

– Combinado – concordo. Talvez evitemos as piores queimaduras se conseguirmos arrancá-las o quanto antes. Mas a coisa não é tão fácil assim. Eles vão nos jogar na arena independente de nossas condições. – Eu sei que prometemos a Haymitch que faríamos exatamente o que eles dissessem, mas acho que ele não chegou a considerar esse ângulo.

– Aliás, onde está Haymitch? Não é função dele nos proteger desse tipo de coisa? – questiona Peeta.

– Com todo aquele álcool dentro dele, não deve ser nem um pouco aconselhável que fique perto de fogo – respondo.

E, de repente, nós dois começamos a rir. Aposto que estamos tão nervosos com os Jogos e, o que é mais estressante ainda, tão paralisados com a possibilidade de virarmos tochas-humanas, que não estamos conseguindo agir de maneira sensata.

A música de abertura começa. É fácil ouvi-la, já que é tocada a todo o volume na Capital. Portas gigantescas se abrem, revelando ruas cheias de gente. A viagem dura mais ou menos vinte minutos e acaba no Círculo da Cidade, onde vão nos dar as boas-vindas, tocar o hino e nos acompanhar até o Centro de Treinamento, que será nossa casa/prisão até o começo dos Jogos.

Os tributos do Distrito 1 circulam em uma carruagem puxada por cavalos brancos como neve. Eles parecem tão belos, pintados com um spray prateado, vestidos em túnicas cintilantes repletas de joias. O Distrito

1 produz artigos de luxo para a Capital. Dá para ouvir os gritos da multidão. Eles são sempre os favoritos.

O Distrito 2 se posiciona para segui-los. Em questão de segundos, já estamos nos aproximando da porta e percebo que, entre o céu encoberto e a chegada da noite, a luz está ficando acinzentada. Os tributos do Distrito 11 estão passando quando Cinna aparece com uma tocha acesa.

– Aqui vamos nós – anuncia, e, antes que possamos reagir, ele acende nossas pelerines. Arquejo, esperando o calor, mas sinto apenas uma leve comichão. Cinna sobe ao nosso lado e acende nossas toucas. Ele deixa escapar um sinal de alívio. – Funciona. – Então, delicadamente, ele coloca a mão sob meu queixo. – Lembrem-se, cabeças erguidas. Sorrisos. Eles vão adorar vocês!

Cinna desce da carruagem e tem uma última ideia. Grita algo para nós, mas a música está mais alta que a voz dele. Grita novamente e faz um gesto.

– O que ele está dizendo? – pergunto a Peeta. Pela primeira vez, olho para ele e percebo que, em meio a todas aquelas chamas, ele está esplendoroso. E devo estar também.

– Acho que ele disse para nós ficarmos de mãos dadas – responde Peeta. Ele segura minha mão direita com sua mão esquerda e nós olhamos para Cinna em busca de confirmação. Ele assente e levanta o polegar, e isso é a última coisa que vejo antes de entrarmos na cidade.

O susto inicial da multidão com nossa chegada se transforma rapidamente em palavras de incentivo e gritos de "Distrito 12!". Todas as cabeças estão viradas em nossa direção, tirando o foco das três carruagens à nossa frente. A princípio, fico paralisada, então, vejo nossas imagens em uma grande tela de televisão e fico impressionada como nosso visual está de tirar o fôlego. No entardecer cada vez mais acentuado, o fogo ilumina nossos rostos. Parece que nós estamos deixando um rastro de chamas atrás de nossas pelerines esvoaçantes. Cinna estava certo em relação à pouca maquiagem. Nós dois estamos mais atraentes, mas, ainda assim, totalmente reconhecíveis.

Lembrem-se, cabeças erguidas. Sorrisos. Eles vão adorar vocês! Eu ouço a voz de Cinna em minha cabeça. Levanto o queixo um pouco mais, apresento meu sorriso mais conquistador e aceno para a multidão com minha mão livre. Estou contente agora que tenho Peeta para me ajudar a ficar equilibrada. Ele está bem estável, sólido como uma rocha. À medida

que vou ganhando confiança, mando até alguns beijos para a multidão. A população da Capital está ficando enlouquecida, lançando uma enxurrada de flores em nossa direção, gritando nossos nomes e sobrenomes, que tiveram o trabalho de procurar no programa.

A música alta, os incentivos, as demonstrações de admiração penetram meu sangue, e não consigo suprimir meu entusiasmo. Cinna me deu uma grande vantagem. Ninguém se esquecerá de mim. Não se esquecerão de meu visual, de meu nome. Katniss. A garota quente.

Pela primeira vez, sinto uma pontinha de esperança percorrendo meu corpo. Certamente, algum patrocinador estará disposto a me bancar! E com alguma ajuda extra, um pouco de comida, a arma correta, por que razão eu deveria excluir minhas possibilidades de vencer esses Jogos?

Alguém joga uma rosa vermelha para mim. Eu a pego, cheiro-a delicadamente e mando um beijo na direção da pessoa que a jogou. Uma centena de mãos se aproxima para receber meu beijo, como se ele fosse uma coisa real e tangível.

– Katniss! Katniss! – Ouço meu nome sendo gritado de todos os lados. Todos querem meus beijos.

Somente quando entramos na cidade é que percebo que devo ter interrompido completamente a circulação sanguínea na mão de Peeta, de tanto apertá-la. Olho para nossos dedos unidos enquanto alivio a pressão, mas ele aperta novamente.

– Não, não me solte – pede ele. A luz do fogo faz seus olhos azuis tremeluzirem. – Por favor, posso cair desse troço a qualquer momento.

– Tudo bem. – E continuo apertando, mas não consigo evitar uma sensação estranha em relação à maneira com a qual Cinna nos uniu. Não é exatamente justo nos apresentar como uma equipe e depois nos aprisionar na arena para que um mate o outro.

As doze carruagens preenchem o anel do Círculo da Cidade. Nos edifícios que circundam o Círculo, todas as janelas estão lotadas com os mais prestigiosos cidadãos da Capital. Nossos cavalos puxam nossa carruagem até a mansão do presidente Snow, onde paramos.

O presidente, um homem pequeno e magro, com cabelos finos e brancos, dá boas-vindas a oficiais da varanda acima de nós. É tradicional as redes de televisão fazerem um corte para mostrar os rostos dos tributos durante o discurso. Mas vejo na tela que estamos recebendo muito mais do que nossa cota usual de exposição. À medida que anoitece, tirar os olhos de

nossas chamas vai ficando mais difícil. Quando começa a tocar o hino nacional, eles se esforçam para fazer um corte rápido para os rostos de cada par de tributos, mas a câmera se mantém na carruagem do Distrito 12 enquanto ela desfila em torno do Círculo pela última vez e desaparece no Centro de Treinamento.

Mal as portas se fecham atrás de nós e já somos tomados pela equipe de preparação, cujas palavras de saudação mal conseguimos entender. Quando olho em volta, reparo que vários outros tributos estão nos olhando com cara feia, o que confirma o que eu havia suspeitado. Nós, literalmente, roubamos o brilho de todos os outros. Então, Cinna e Portia aparecem e nos ajudam a descer da carruagem, removendo com cuidado nossas pelerines e toucas flamejantes. Portia apaga-os com uma espécie de spray.

Noto que ainda estou colada a Peeta e forço meus dedos enrijecidos a se abrirem. Ambos massageamos nossas mãos.

– Obrigado por continuar segurando minha mão. Estava ficando um pouco trêmulo lá em cima – diz Peeta.

– Não parecia – digo. – Tenho certeza de que ninguém notou.

– Tenho certeza de que ninguém notou nada além de você. Você devia usar essas chamas com mais frequência – comenta ele. – Elas ficam bem em você. – Então ele lança um sorriso em minha direção que parece tão genuinamente doce, e com a quantidade exata de timidez, que um inesperado fervor toma conta de mim.

Um sinal de alerta reverbera em minha cabeça. *Não seja tão idiota. Peeta está bolando uma maneira de te matar,* lembro a mim mesma. *Está te seduzindo para te transformar em uma presa fácil. Quanto mais simpático aparenta ser, mais mortífero será.*

Mas, como duas pessoas podem jogar esse mesmo jogo, fico na ponta dos pés e beijo seu rosto. Bem no hematoma.

O Centro de Treinamento possui uma torre exclusivamente projetada para os tributos e suas equipes. Aqui será nossa casa até que os Jogos comecem efetivamente. Cada distrito possui um andar inteiro. Você simplesmente entra num elevador e aperta o número de seu distrito. Facílimo de lembrar.

Já andei duas vezes no elevador do Edifício de Justiça do Distrito 12. Uma vez para receber a medalha pela morte de meu pai, e a segunda vez – ontem mesmo – para me despedir de meus amigos e familiares. Mas o de lá é uma coisa escura e desconjuntada, que se move como um caramujo e tem cheiro de leite azedo. As paredes do elevador daqui são feitas de cristal, para que você possa ver as pessoas no térreo encolherem até ficarem do tamanho de formigas à medida que você dispara céu acima. É uma coisa hilariante e estou tentada a perguntar a Effie Trinket se não podemos andar novamente nele. Mas isso me parece um pouco infantil da minha parte.

Aparentemente, as tarefas de Effie Trinket não foram concluídas na estação. Ela e Haymitch ficarão nos supervisionando até o momento em que entrarmos na arena. De uma certa forma, isso é bom para nós, porque pelo menos podemos confiar que ela nos conduzirá aos locais na hora marcada, ao passo que Haymitch sumiu de vista desde nosso encontro no trem, quando concordou em nos ajudar. Provavelmente, desmaiou em algum lugar. Effie Trinket, por sua vez, parece estar nas alturas. Nós somos a primeira equipe sob sua tutela que fez um sucesso tão estrondoso na cerimônia de abertura. Está se sentindo lisonjeada não apenas com nossas roupas, mas também pela maneira com a qual nós nos portamos. E, como ela mesma diz, Effie conhece todo mundo que é alguém na Capital, e tem falado muito bem de nós, tentando arranjar patrocinadores para mim e para Peeta.

– Mas tenho andado um pouco nas nuvens – diz ela, seus olhos quase fechados. – Porque, é claro, Haymitch nem se preocupou em me dizer quais eram as estratégias de vocês. Mas dei o melhor de mim naquilo em que eu mais devia trabalhar: como Katniss sacrificou a si mesma pela irmã. Como

vocês dois lutaram com sucesso para superar a barbárie do distrito em que vivem.

Barbárie? Isso chega a ser irônico vindo de uma mulher que está nos ajudando a nos preparar para uma chacina. E em que ela está baseando nosso sucesso? Em nossas maneiras à mesa?

– Todo mundo tem suas dificuldades, naturalmente. Vocês vêm do distrito carvoeiro, por exemplo. Mas eu disse, e isso foi muito esperto da minha parte: "Bem, se vocês trabalharem o carvão com tenacidade, ele vai se transformar em pérolas!" – Effie Trinket nos mira com tanto brilho nos olhos que não temos escolha a não ser responder à sua esperteza com entusiasmo. Mesmo sabendo que ela está equivocada.

Carvão não se transforma em pérolas. Elas são encontradas em conchas. Possivelmente, quis dizer que o carvão se transforma em diamante, mas isso também não é verdade. Ouvi falar que existe um tipo de máquina no Distrito 1 que consegue transformar grafite em diamante. Mas não retiramos grafite no Distrito 12. Isso fazia parte das tarefas do Distrito 13 até ele ser destruído.

Imagino se as pessoas com as quais ela tem mantido contato durante o dia inteiro sabem disso, ou mesmo se importam com o fato.

– Infelizmente, não posso chancelar as propostas de patrocínio de vocês. Só Haymitch pode fazer isso – diz Effie, com pesar. – Mas não se preocupem. Vou levá-lo até a mesa sob a mira de um revólver, se preciso for.

Embora deixe a desejar em vários departamentos, Effie Trinket possui uma determinação que sou obrigada a admirar.

Meus aposentos são maiores do que toda nossa casa. São elegantes como o vagão do trem, mas também possuem tantas geringonças automáticas que tenho certeza de que nunca terei tempo para apertar todos os botões. Só o chuveiro possui um painel com mais de cem opções a escolher: regulagem da temperatura da água, pressão, sabonetes, xampus, essências aromáticas, óleos e esponjas para massagem. Quando você sai do boxe e pisa sobre um capacho, aquecedores são acionados para secar seu corpo. Em vez de lutar com os nós em meus cabelos molhados, simplesmente coloco minha mão sobre uma caixa que envia uma corrente para meu couro cabeludo, desembaraçando, separando e secando meus cabelos quase instantaneamente. Eles ficam flutuando sobre meus ombros como se fossem uma cortina acetinada.

Programo o closet para uma roupa que esteja a meu gosto. As janelas aproximam e afastam partes da cidade ao meu comando. Você só precisa sussurrar em um bocal algum prato de um menu colossal e ele aparece, fumegante, diante de você em menos de um minuto. Caminho pelo quarto comendo fígado de ganso com pão macio até ouvir uma batida na porta. Effie está chamando para o jantar.

Bom. Estou morrendo de fome.

Peeta, Cinna e Portia estão em uma varanda com vista para a Capital quando entramos na sala de jantar. Estou contente de ver os estilistas, principalmente depois de ouvir que Haymitch se juntará a nós. Uma refeição presidida apenas por Effie e Haymitch está fadada ao desastre. Além do mais, o jantar não diz respeito exatamente à comida, diz respeito ao planejamento de nossas estratégias, e Cinna e Portia já provaram o quanto são inestimáveis nesse quesito.

Um jovem calado, vestido com uma túnica branca, oferece taças de vinho a todos nós. Cogito recusar, mas nunca tomei vinho, exceto um troço caseiro que minha mãe usa para curar a tosse, então aceito porque imagino que jamais terei outra oportunidade de provar a bebida. Tomo um gole do líquido ácido e seco e secretamente imagino que o sabor poderia ser melhorado com algumas colheres de mel.

Haymitch aparece quando o jantar está sendo servido. Parece que também esteve com algum estilista porque está limpo e arrumado, e sóbrio como jamais o vi antes. Não recusa o vinho, mas, quando começa a tomar a sopa, percebo que é a primeira vez que o vejo comendo alguma coisa. Talvez ele realmente se controle o suficiente para nos ajudar.

Cinna e Portia parecem exercer uma influência civilizadora sobre Haymitch e Effie. Pelo menos estão se dirigindo um ao outro de maneira educada. E ambos são só elogios para o ato de abertura produzido por nossos estilistas. Enquanto jogam conversa fora, eu me concentro na comida. Sopa de cogumelo, folhas verdes com tomates do tamanho de ervilhas, rosbife em fatias fininhas como papel, espaguete ao molho verde, queijo que derrete na boca servido com uvas suculentas. Os garçons, todos jovens vestidos com túnicas brancas como aquela do rapaz que nos serviu vinho, se movem sem dizer uma palavra, mantendo os pratos e as taças sempre cheios.

Quando minha taça está quase pela metade, começo a me sentir zonza, então, mudo para água mineral. Não gosto da sensação e espero que passe

logo. Como Haymitch pode aguentar ficar o tempo todo assim é um mistério para mim.

Tento focar na conversa – cujo tema passou a ser nossos trajes de entrevista –, quando uma garota coloca um bolo com um visual esplendoroso sobre a mesa e o ilumina com destreza. A vela se acende e então as chamas ficam tremeluzindo um pouco ao redor da borda até que finalmente somem. Fico em dúvida por alguns instantes.

– O que a mantém acesa? É o álcool? – pergunto eu, olhando para a garota. – Essa é a última coisa que eu gost... Oh! Eu te conheço!

Não consigo saber de onde a conheço ou quando a conheci e nem lembrar seu nome. Mas tenho certeza de que a conheço. Os cabelos ruivos, as feições arrebatadoras, a pele branca e lisa como porcelana. Mas, no exato momento em que lhe dirijo as palavras, sinto minhas entranhas se contraindo de ansiedade e culpa ao vê-la, e apesar de não saber exatamente o quê, sei que há alguma lembrança desagradável associada a ela. A expressão de terror que está estampada em seu rosto apenas intensifica minha confusão e minha inquietude. Ela balança a cabeça, negando com veemência, e se afasta rapidamente.

Quando volto meu olhar para a mesa, os quatro adultos estão me observando como se fossem falcões.

– Não seja ridícula, Katniss. Como você poderia conhecer uma Avox? – dispara Effie. – Inimaginável.

– O que é uma Avox? – pergunto, de modo estúpido.

– Alguém que cometeu um crime. Eles cortaram a língua dela para ela não falar mais – explica Haymitch. – Provavelmente é alguma traidora. Pouco provável que você a conheça.

– E mesmo que conhecesse, você não pode se dirigir a eles, a menos que seja para dar alguma ordem – diz Effie. – É claro que você não a conhece de fato.

Mas eu a conheço sim. E agora que Haymitch mencionou a palavra *traidor,* me lembro de onde. A desaprovação é tão grande que jamais poderia admitir o fato.

– Não, acho que não a conheço. Eu só... – gaguejo, e o vinho não ajuda em nada.

Peeta estala os dedos.

– Delly Cartwright. É ela. Também estava achando o rosto dela bem familiar. Aí então me lembrei que ela é uma sósia de Delly.

Delly Cartwright é uma garota loura, pálida e desajeitada que parece tanto com nossa garçonete quanto um besouro se parece com uma borboleta. Talvez ela seja também a pessoa mais simpática da face da terra – ela sorri constantemente para todo mundo na escola, até para mim. Em momento algum vi essa garota ruiva sorrir. Mas acato a sugestão de Peeta com fervor e gratidão.

– É claro! Era nela mesmo que eu estava pensando. Devem ser os cabelos.

– Alguma coisa nos olhos também me faz lembrar dela – continua Peeta.

O clima pesado à mesa fica mais brando.

– Ah, bom. Se é isso – diz Cinna. – E respondendo sua pergunta, o bolo contém uma bebida alcoólica, mas todo o álcool foi consumido no fogo. Mandei prepará-lo especialmente em homenagem à estreia feérica de vocês.

Nós comemos o bolo e mudamos para uma sala de estar para assistir à reprise da cerimônia de abertura que está sendo transmitida. Algumas outras duplas dão uma ótima impressão, mas nenhuma chega aos nossos pés. Até mesmo nossa própria equipe deixa escapar um "Ahh!" enquanto a televisão nos mostra saindo do Centro de Treinamento.

– De quem foi a ideia de vocês ficarem de mãos dadas? – pergunta Haymitch.

– De Cinna – responde Portia.

– O toque perfeito de rebeldia – diz Haymitch. – Muito bom.

Rebeldia? Preciso refletir sobre isso por um instante. Mas quando me lembro das outras duplas, com os tributos rigidamente separados, sem jamais se tocar e dando a impressão de que sequer foram apresentados uns aos outros, como se um companheiro não se desse conta da existência do outro, como se os Jogos já houvessem começado, consigo compreender a que Haymitch está se referindo. O fato de nós termos nos apresentado não como adversários, mas como amigos, nos distinguiu tanto quanto nosso traje flamejante.

– Amanhã de manhã acontece a primeira sessão de treinamento. Encontrem-me no café da manhã e direi a vocês exatamente como quero que atuem. – Haymitch se dirige a mim e a Peeta. – Agora vão dormir um pouco enquanto os adultos conversam.

Peeta e eu andamos lado a lado pelo corredor até nossos quartos. Quando chegamos à porta de meu quarto, ele encosta na moldura, não exatamente bloqueando minha entrada, mas insistindo para que eu prestasse atenção nele.

– Delly Cartwright. Imagina só encontrar uma sósia dela por aqui.

Está pedindo uma explicação, e estou tentada a lhe fornecer uma. Nós dois sabemos que ele me ajudou a escapar dessa. Então aqui estou eu novamente em débito com ele. Se contar a ele a verdade sobre a garota, talvez tudo se equilibre de alguma maneira. Que mal pode haver nisso? Mesmo que ele revelasse a história, não haveria mal algum. Foi só uma coisa que testemunhei. E ele mentiu tanto quanto eu com relação a Delly Cartwright.

Percebo que realmente desejo falar com alguém sobre a garota. Alguém que possa ser capaz de me ajudar a entender a história. Gale seria minha primeira escolha, mas é pouco provável que eu volte a vê-lo. Tento imaginar se contar a Peeta poderia lhe dar alguma possível vantagem sobre mim, mas não vejo como. Quem sabe compartilhar uma confissão vai, na verdade, fazer com que ele acredite que o vejo como um amigo.

Além disso, imaginar a garota com a língua mutilada me assusta. Ela me fez lembrar do motivo de eu estar nesse lugar. Não para vestir roupas modernosas e comer guloseimas. Mas para sucumbir a uma morte sangrenta enquanto a multidão incentiva meu matador.

Contar ou não contar? Minha cabeça ainda está lenta devido ao vinho. Olho para o corredor vazio, como se a decisão estivesse ali.

Peeta repara em minha hesitação.

– Você já esteve no telhado? – Balanço a cabeça negativamente. – Cinna me mostrou. Dá pra ver praticamente a cidade toda. Mas o vento está um pouco forte.

Traduzo a frase dessa maneira em minha cabeça: “Ninguém vai nos ouvir conversando.” Aqui existe essa sensação de que podemos estar sendo vigiados.

– Podemos ir lá em cima?

– Claro. Vamos lá – diz Peeta. Eu o sigo até uma escada que leva ao telhado. Há uma pequena sala em formato de domo com uma porta para o exterior. Assim que entramos e sentimos o vento frio da noite, fico perplexa com a vista. A Capital pisca como um vasto campo repleto de vaga-lumes. A eletricidade no Distrito 12 não é algo constante. Normalmente, contamos

apenas com algumas horas diárias de luz. Frequentemente, as noites são passadas à luz de vela. A única ocasião em que podemos contar com a luz é durante as transmissões dos Jogos ou quando alguma mensagem importante do governo é veiculada, e todos são obrigados a assistir. Mas aqui não há racionamento de energia. Jamais haveria.

Peeta e eu caminhamos até um parapeito na borda do telhado. Olho bem para baixo, em direção à rua, que está cheia de gente. Dá para ouvir os carros, um grito ou outro e um estranho ruído metálico. No Distrito 12, a uma hora dessas, todos já estariam pensando em ir para a cama.

– Perguntei a Cinna por que eles nos deixam subir aqui em cima. Será que eles não ficam preocupados com a possibilidade de algum tributo se jogar? – questiona Peeta.

– O que ele disse? – quero saber.

– É impossível – responde Peeta. Ele ergue a mão no que parece ser um espaço vazio. Ouvimos um ruído agudo e ele baixa a mão. – Tem um tipo de campo de força que te lança de volta ao telhado.

– Sempre preocupados com nossa segurança – comento. Apesar de Cinna ter mostrado o telhado a Peeta, imagino se podemos mesmo estar aqui agora, tão tarde e a sós. Nunca vi tributos no telhado do Centro de Treinamento. Mas isso não significa que nós não estamos sendo filmados. – Você acha que estamos sendo filmados?

– Talvez – admite ele. – Venha ver o jardim.

Do outro lado do domo, construíram um jardim com leitos de flores e árvores. Dos galhos pendem centenas de sinos de vento que são os responsáveis pelo barulhinho metálico que eu tinha ouvido. Aqui no jardim, nessa noite ventosa, é fácil fazer com que a conversa de duas pessoas que não querem ser ouvidas passe despercebida. Peeta olha para mim na expectativa.

Finjo examinar uma floração.

– Estávamos caçando na floresta um dia. Escondidos, esperando alguma caça aparecer – sussurro eu.

– Você e seu pai? – sussurra de volta Peeta.

– Não, eu e meu amigo Gale. De repente, todos os pássaros pararam de cantar. Exceto um. Como se estivesse dando um alerta. Foi quando a vi. Tenho certeza de que era a mesma garota. Tinha um garoto com ela. Suas roupas estavam em frangalhos. Estavam com olheiras. Estavam correndo como se a vida deles dependesse disso.

Por um instante fico em silêncio enquanto me lembro como a imagem daquele casal estranho, visivelmente não pertencente ao Distrito 12, fugindo pela floresta, nos imobilizou. Mais tarde, imaginamos se não poderíamos tê-los ajudado a escapar. Talvez pudéssemos tê-los escondido, se tivéssemos nos movido com rapidez. Gale e eu fomos surpreendidos, fomos sim, mas somos ambos caçadores. Nós sabemos como os animais se comportam quando estão sendo caçados. Nós percebemos que o casal estava em perigo assim que o vimos. Mas só observamos.

– O aerodeslizador apareceu do nada – continuo. – Quero dizer, em um dado momento o céu estava vazio, e no outro a coisa estava lá. Não fez nenhum som, mas eles viram. Uma rede desceu sobre a garota e a levou para cima com a rapidez de um elevador. Eles arremessaram uma espécie de lança sobre o garoto. Era atada a um cabo e eles o içaram da mesma maneira. Mas tenho certeza de que ele estava morto. Ouvimos a garota gritar uma vez. O nome do garoto, eu acho. Então o aerodeslizador já não estava mais lá. Desapareceu no ar. E os pássaros começaram a cantar novamente, como se nada houvesse acontecido.

– Eles viram vocês? – pergunta Peeta.

– Não sei. Estávamos embaixo de algumas pedras – respondo. Porém, na verdade, sei. Houve um momento, depois do aviso do pássaro, e antes do aerodeslizador, em que a garota nos viu. Ela fixou seus olhos nos meus e pediu ajuda. Mas nem eu nem Gale respondemos.

– Você está tremendo – observa Peeta.

O vento e a história arrancaram todo o calor de meu corpo. O grito da garota. Terá sido o último?

Peeta tira a jaqueta e a coloca por cima de meus ombros. Eu me preparo para recuar, mas acabo permitindo, tomando a decisão de aceitar naquele momento não só a jaqueta como também sua gentileza. Um amigo faria isso, não é mesmo?

– Eles eram daqui? – pergunta ele, e abotoa a jaqueta em meu pescoço.

Balanço a cabeça em concordância. Eles possuíam aquele visual da Capital. O garoto e a garota.

– Para onde você acha que estavam indo? – Ele quer saber mais.

– Isso eu não sei – respondo. O Distrito 12 é bem o fim da linha. Mais além, só existe vastidão selvagem. Isso se você não contar as ruínas do Distrito 13, que ainda estão ardendo devido às bombas tóxicas. Eles mostram isso de vez em quando na televisão, só para nos lembrar. –

Também não sei por que teriam saído daqui. – Haymitch tinha chamado os Avoxes de traidores. Contra o quê? Só podia ser contra a Capital. Mas possuíam tudo aqui. Não havia motivo para se rebelarem.

– Eu sairia daqui – dispara Peeta. Em seguida, olha ao redor de modo tenso. A frase saiu alto o suficiente para ser ouvida. Ele ri. – Eu iria para casa agora se permitissem. Mas você tem de admitir que a comida é de primeira.

Ele despistou novamente. Se fosse só isso o que você ouvisse, não passaria de palavras de um tributo assustado, não de alguém contemplando a inquestionável benevolência da Capital.

– Está ficando frio. É melhor a gente ir embora – pondera ele. O interior do domo está quente e iluminado. Ele está disposto a conversar. – Seu amigo Gale. Foi ele que afastou sua irmã na colheita?

– Foi. Você conhece ele?

– Não. Ouço as garotas falarem muito sobre ele. Pensava que ele fosse um primo seu ou alguma coisa assim. Vocês se gostam – afirma ele.

– Não, não somos parentes.

Peeta balança a cabeça, enigmático.

– Ele veio se despedir de você?

– Veio – respondo, observando-o cuidadosamente. – Assim como o seu pai. Ele trouxe biscoitos pra mim.

Peeta ergue as sobrancelhas, como se isso fosse uma novidade para ele. Mas, depois de testemunhar o quanto ele mente bem, não dou muito crédito.

– É mesmo? Bem, ele gosta de você e da sua irmã. Acho que ele gostaria de ter tido uma filha em vez de uma casa cheia de garotos.

A possibilidade de eu ter virado assunto de conversa – em torno da mesa de jantar, nos fornos da padaria, ou apenas de passagem – na casa de Peeta me deixa sobressaltada. Devia ser nas ocasiões em que a mãe não estava presente.

– Ele conhecia sua mãe dos tempos de criança – diz Peeta.

Outra surpresa. Mas provavelmente verdadeira.

– Ah, sim. Ela cresceu na cidade – digo. Parece pouco educado dizer que ela jamais mencionou o padeiro, exceto para elogiar seu pão.

Estamos em frente à porta de meu quarto. Devolvo a jaqueta dele.

– Nos vemos amanhã de manhã, então.

– Certo – diz ele, e segue pelo corredor.

Quando abro a porta, a garota ruiva está retirando minha peça única e as botas de onde as deixei, no chão do banheiro. Quero pedir desculpas pela possibilidade de tê-la deixado em uma situação difícil, mas lembro que não devo falar com ela a não ser que seja para dar alguma ordem.

– Ah, desculpa – começo a dizer. – Eu deveria ter devolvido isso a Cinna. Sinto muito. Você pode levar pra mim?

Ela evita meus olhos, balança levemente a cabeça e se encaminha para a porta.

Eu havia planejado dizer a ela que sentia muito pelo jantar. Mas sei que minhas desculpas vão muito mais além; que estou envergonhada por não ter tentado ajudá-la na floresta; que deixei a Capital matar o garoto e mutilá-la sem erguer um dedo contra isso.

Como se eu estivesse assistindo aos Jogos.

Chuto sapatos e pulo debaixo das cobertas com a roupa do corpo. O tremor não parou. Talvez a garota não tenha se lembrado de mim. Mas sei que ela se lembrou. Você não esquece o rosto da pessoa que representou sua última esperança. Cubro a cabeça com as cobertas, como se a ação pudesse me proteger da garota ruiva que não pode falar. Mas consigo sentir os olhos dela me encarando, atravessando as paredes e as portas, e as roupas de cama.

Imagino se ela vai se divertir assistindo à minha morte.

Meu cochilo está recheado de sonhos perturbadores. O rosto da garota ruiva se mistura com imagens sangrentas de edições anteriores dos Jogos Vorazes, com minha mãe afastada e inalcançável, com Prim esquelética e aterrorizada. Acordo berrando para que meu pai corra porque a mina está explodindo em um milhão de pedacinhos mortíferos de luz.

A manhã está surgindo na janela. A Capital está com um ar enevoado e fantasmagórico. Minha cabeça dói e devo ter mordido a parte interna de minha bochecha durante a noite. Passo a língua na carne áspera e sinto gosto de sangue na boca.

Lentamente, arrasto-me da cama até o chuveiro. Aperto arbitrariamente alguns botões no painel de controle e acabo saltando no boxe quando jatos de água gelada e quente alternam seus ataques sobre meu corpo. Então, sou inundada de espuma com aroma de limão que sou obrigada a esfregar no corpo com uma pesada e áspera escova. Bom, pelo menos meu sangue está fluindo.

Depois de me secar e aplicar uma loção hidratante, encontro um traje que foi deixado para mim em frente ao closet. Calças pretas justas, uma túnica lilás de mangas compridas e sapatos de couro. Penteio os cabelos com uma única trança caindo pelas costas. Essa é a primeira vez em que estou parecendo comigo mesma desde a manhã da colheita. Nada de penteado ou roupas extravagantes, nada de pelerines. Somente eu. Como se estivesse indo para a floresta. Isso me acalma.

Haymitch não nos deu uma hora exata para o encontro no café da manhã e ninguém me contatou hoje de manhã, mas estou faminta, de modo que me encaminho para a sala de jantar na esperança de encontrar comida. Não fico decepcionada. Apesar da mesa vazia, um longo aparador que fica ao lado foi abastecido com pelo menos vinte tipos de iguarias. Um jovem, um Avox, está atento nas proximidades da mesa. Quando pergunto se posso me servir, ele balança a cabeça em aquiescência. Encho um prato com ovos, salsichas, bolos cobertos com uma densa camada de geleia de laranja e fatias de melão. À medida que ponho tudo para dentro, observo o sol se erguendo sobre a Capital. Faço um segundo prato com grãos quentes

envoltos no vapor de bife cozido. Por fim, encho um prato com pãezinhos e sento-me à mesa, cortando-os em pequenos pedaços e mergulhando-os no chocolate quente, da mesma maneira que Peeta havia feito no trem.

Minha mente vagueia até minha mãe e Prim. Elas já devem estar de pé. Minha mãe preparando o angu que elas comem de manhã. Prim tirando o leite da cabra antes de ir para a escola. Há apenas duas manhãs, eu estava em casa. Será isso mesmo? Sim, apenas duas manhãs. E agora, como a casa parece vazia, mesmo a distância. O que eles disseram ontem à noite sobre minha estreia feérica nos Jogos? Será que isso os deixou esperançosos ou simplesmente aumentou sua sensação de terror quando viram a realidade de vinte e quatro tributos enfileirados, cientes de que somente um poderá escapar com vida?

Haymitch e Peeta aparecem, me dão bom-dia e enchem seus pratos. Fico irritada ao ver que Peeta está vestindo exatamente o mesmo traje que eu. Preciso falar uma coisa com Cinna: essa ideia de nos transformar em gêmeos vai acabar explodindo em nossas cabeças assim que os Jogos começarem. Eles devem saber disso, com toda certeza. Então, lembro-me de Haymitch me aconselhando a fazer exatamente o que os estilistas me dissessem para fazer. Se fosse qualquer um, exceto Cinna, talvez ficasse tentada a ignorar o conselho. Porém, depois do triunfo da noite de ontem, não tenho muito espaço para criticar suas escolhas.

Estou nervosa em relação ao treinamento. Haverá três dias nos quais todos os tributos treinarão juntos. Na última tarde, nós teremos uma chance de nos apresentar sozinhos diante dos Idealizadores do Jogos. A simples ideia de ficar cara a cara com os outros tributos já me deixa enjoada. Viro e reviro em minhas mãos o pãozinho que acabei de tirar da cesta, mas meu apetite sumiu.

Após terminar de comer várias porções de cozido, Haymitch empurra o prato com um suspiro. Pega um frasco no bolso, dá um longo gole e apoia os cotovelos sobre a mesa.

– Vamos começar a trabalhar. Treinamento. Primeira coisa, se vocês concordarem, vou treinar os dois separadamente. Decidam agora.

– Por que nos treinar separadamente? – pergunto.

– Digamos que você tenha uma habilidade secreta que não queira que o outro conheça – sugere Haymitch.

Troco olhares com Peeta.

– Não tenho nenhuma habilidade secreta – diz ele. – E já sei quais são as suas, certo? Quero dizer, já comi muitos dos seus esquilos.

Jamais imaginei Peeta comendo os esquilos que caço. De alguma maneira, sempre visualizei o padeiro se afastando rapidamente e fritando-os para consumo próprio. Não por ganância, mas porque as famílias da cidade normalmente comem as carnes caras vendidas nos açougues. Bife de boi, frango e cavalo.

– Você pode nos treinar juntos – digo a Haymitch. Peeta balança a cabeça, concordando.

– Tudo bem, então por que vocês não me dão alguma ideia do que são capazes de fazer?

– Não sou capaz de fazer nada – informa Peeta. – A não ser que fazer pães adiante alguma coisa.

– Sinto muito, mas acho que não serve pra muita coisa. Katniss. Já sei que você tem habilidade com facas – diz Haymitch.

– Não muita. Mas sei caçar – completo. – Com arco e flecha.

– E você é boa nisso? – pergunta Haymitch.

Preciso pensar a respeito. Tenho colocado comida na mesa de casa há quatro anos, o que não é pouca coisa. Não sou tão boa quanto meu pai era, mas ele tinha muito mais experiência do que eu. Minha mira é melhor que a de Gale, mas tenho mais experiência do que ele. Ele é um gênio com armadilhas e arapucas.

– Dá pro gasto – respondo.

– Ela é excelente – diz Peeta. – Meu pai compra os esquilos dela. Ele sempre comenta sobre como as flechas nunca penetram o corpo. Ela atinge todos os bichos nos olhos. É a mesma coisa com os coelhos que ela vende no açougue. Ela consegue abater até gamos.

Essa avaliação que Peeta faz das minhas habilidades me pega totalmente de surpresa. Primeiro por ele ter notado e segundo por ele estar me incentivando.

– O que você está fazendo? – pergunto a ele, com ares de suspeita.

– O que você está fazendo? Se ele vai te ajudar, ele precisa saber do que você é capaz. Não se subestime – devolve Peeta.

Não sei por quê, mas isso tudo está me irritando um pouco.

– E você? Já te vi no mercado. Você consegue levantar sacos de farinha de 45 quilos – rebato. – Diga isso a ele. Isso não é pouca coisa.

– Eu sei, e tenho certeza de que na arena vai ter um monte de sacos de farinha pra eu jogar nas pessoas. Isso não é a mesma coisa que usar uma arma. Você sabe que não – retruca ele.

– Ele é bom em luta livre – informo a Haymitch. – Ele ficou em segundo lugar no campeonato da escola ano passado. Só perdeu pro irmão.

– E pra que serve isso? Quantas vezes você viu alguém matar alguém lutando? – pergunta Peeta, chateado.

– Sempre tem algum combate corpo a corpo. Basta você aparecer com uma faca que já vai ter alguma chance. Se eu for pega assim estou morta! – Consigo ouvir minha própria voz se elevando com a raiva que estou sentindo.

– Mas isso não vai acontecer! Você vai estar empoleirada em alguma árvore comendo esquilo cru e acertando as pessoas com suas flechas. Você sabe o que minha mãe disse pra mim quando veio se despedir? Só pra me dar ânimo? Ela disse que podia ser que o Distrito 12 tivesse finalmente um vencedor dessa vez. Depois, percebi que ela não estava se referindo a mim, mas a você! – explode Peeta.

– Ah, ela estava se referindo a você mesmo. – Balanço a mão, como se estivesse desconsiderando a afirmação.

– Ela disse: "Ela é uma sobrevivente, aquela lá." Ela disse *ela* – repete Peeta.

Isso me faz dar um freio na discussão. Será que a mãe dele realmente disse isso a meu respeito? Será que ela preteriu o próprio filho em relação a mim? Vejo a dor nos olhos de Peeta e me dou conta de que ele não está mentindo.

De repente, transporto-me para os fundos da padaria e consigo sentir o frio da chuva escorrendo pelas minhas costas, o vazio em minha barriga. Pareço ter treze anos de idade quando falo:

– Mas só porque alguém me ajudou.

Os olhos de Peeta oscilam na direção de minhas mãos, e me dou conta de que ele também se lembra daquele dia. Mas ele apenas dá de ombros.

– As pessoas vão te ajudar na arena. Eles vão se digladiar pra te patrocinar.

– Não mais do que a você – discordo. Peeta dirige o olhar para Haymitch.

– Ela não faz ideia do efeito que causa. – Ele passa a unha na madeira da mesa, recusando-se a me encarar.

O que será que ele está querendo dizer, afinal? Como assim, as pessoas vão me ajudar? Quando estávamos morrendo de inanição ninguém me ajudou! Ninguém a não ser Peeta. Assim que comecei a ter mercadorias para trocar as coisas mudaram. Sou uma comerciante dura na queda. Sou ou não sou? Que efeito isso causa? Que sou fraca e necessitada? Será que ele está sugerindo que sou privilegiada porque as pessoas sentem pena de mim? Tento imaginar se ele tem razão. Talvez alguns dos comerciantes fossem um pouco generosos em suas transações, mas sempre atribuí esse fato ao longo relacionamento que eles mantiveram com meu pai. Além disso, a caça que vendo é de primeira classe! Ninguém nunca sentiu pena de mim!

Miro intensamente o pãozinho, tendo a certeza de que ele quis me insultar.

Depois de mais ou menos um minuto nisso, Haymitch diz:

– Ok, então. Ok, ok, ok. Katniss, não há nenhuma garantia de que haverá arco e flecha na arena, mas durante sua sessão particular com os Idealizadores dos Jogos, mostre a eles o que você é capaz de fazer. Até lá, fique longe dos arcos. Você é boa em armadilhas?

– Sei montar algumas arapucas básicas – murmuro.

– Isso pode ser importante em termos de comida – diz Haymitch. – E Peeta, ela tem razão, nunca subestime a força de alguém na arena. Com muita frequência, a força física faz a vantagem pender para o lado de determinado competidor. No Centro de Treinamento há halteres, mas não revele o quanto você consegue levantar na frente dos outros tributos. O plano é o mesmo para vocês dois. Vocês vão para o treinamento de grupo. Passam o tempo tentando aprender alguma coisa que desconhecem. Arremessar uma lança. Manusear uma clava. Aprender a dar um nó decente. Tudo menos mostrar no que vocês são bons. Até chegarem às sessões particulares. Estamos entendidos? – pergunta Haymitch.

Peeta e eu assentimos com a cabeça.

– Uma última coisa. Em público, quero vocês um do lado do outro o tempo todo – pede Haymitch. Nós começamos a discordar, mas Haymitch bate a mão com força sobre a mesa.

– O tempo todo! Isso não está aberto à discussão! Vocês dois concordaram em fazer o que eu dissesse! Vocês vão ficar juntos, vão parecer amáveis um com o outro. Agora saiam. Effie estará esperando vocês no elevador às dez horas pra começar o treinamento.

Mordo meu lábio e saio da sala, fazendo tudo para que Peeta ouça a porta batendo com força. Sento-me na cama, odiando Haymitch, odiando Peeta, odiando a mim mesma por falar sobre aquele dia na chuva, muito tempo atrás.

Que piada! Peeta e eu andando por aí fingindo que somos amigos! Elogiando a força um do outro, insistindo para que o outro tenha crédito por suas respectivas habilidades. Porque, na verdade, em algum ponto, teremos de acabar com isso e aceitar que somos adversários um do outro. O que eu estava preparada para fazer agorinha mesmo, se não fosse pela estúpida instrução de Haymitch para que permanecêssemos juntos durante o treinamento. Mas acho que foi culpa minha. Pelo fato de eu ter dito que ele não precisava nos treinar separadamente. Mas aquilo não significava que eu estivesse disposta a fazer tudo ao lado de Peeta que, por sua vez, tampouco demonstra vontade de ser meu parceiro.

Ouço a voz de Peeta em minha cabeça. *Ela não faz ideia do efeito que causa*. Obviamente, aquilo tinha a intenção de me humilhar. Certo? Mas uma pequenina parcela de mim mesma imagina se não foi, na verdade, um elogio. Se ele não quis dizer que, de alguma maneira, eu era atraente. É esquisito o quanto ele reparou em mim. Tipo, o quanto ele prestou atenção às minhas caçadas. E, aparentemente, também não fui assim tão desatenta com ele quanto imaginava. A farinha. A luta livre. Sempre mantive o garoto do pão em rédeas curtas.

Quase dez horas. Escovo os dentes e penteio novamente o cabelo. A raiva bloqueou temporariamente meu nervosismo em relação ao encontro com os outros tributos, mas, agora, estou sentindo minha ansiedade surgindo novamente. Quando encontro Effie e Peeta no elevador, já estou roendo as unhas. Paro imediatamente.

As verdadeiras salas de treinamento ficam no subsolo de nosso edifício. Com esses elevadores, a viagem não dura mais do que um minuto. As portas se abrem para um enorme ginásio repleto de diversas armas e sequências de obstáculos. Embora ainda não sejam dez horas, somos os últimos a chegar. Os outros tributos estão reunidos em um círculo retesado. Cada um deles possui um quadrado de pano com o número de seu distrito preso às camisas. Enquanto alguém prende o número *12* em minhas costas, dou uma olhada geral. Eu e Peeta somos os únicos que estão vestidos da mesma maneira.

Assim que nos juntamos ao círculo, a treinadora principal, uma mulher alta e de porte atlético chamada Atala, dá um passo à frente e começa a explicar como será a rotina de treinamento. Os peritos de cada habilidade permanecerão em suas estações. Nós ficaremos livres para transitar de uma área para outra de acordo com a escolha que fizermos, seguindo as instruções de nosso mentor. Algumas estações ensinam técnicas de sobrevivência, outras técnicas de combate. Nós somos proibidos de nos engajar em qualquer exercício de combate com outro tributo. Há assistentes à disposição se quisermos praticar com algum parceiro.

Quando Atala começa a ler a lista das estações de habilidades, não consigo evitar algumas olhadelas nos outros tributos. É a primeira vez que estamos todos reunidos, no mesmo nível e com roupas comuns. Meu ânimo desaba. Quase todos os garotos e, pelo menos, metade das garotas são maiores do que eu, embora muitos deles nem tenham sido adequadamente alimentados. Dá para ver pelos ossos, pela pele e pelo olhar vazio de alguns deles. Posso ser menor por natureza, mas pelo menos os recursos que minha família me disponibilizou me garantiram uma vantagem nesse quesito. Tenho uma boa postura e, apesar de magra, sou bem forte. A carne e os vegetais da floresta combinados aos exercícios necessários para obtê-los me proporcionaram um corpo mais saudável do que a maioria dos que estou vendo ao meu redor agora.

As exceções são os garotos dos distritos mais ricos, os voluntários, aqueles que foram alimentados e treinados durante toda a vida para esse momento. Os tributos dos Distritos 1, 2 e 4 são tradicionalmente assim. É tecnicamente contra as regras treinar tributos antes que eles cheguem à Capital, mas todo ano isso acontece. No Distrito 12, nós os chamamos Tributos Carreiristas ou, simplesmente, Carreiristas. E quase sempre o vencedor é um deles.

A leve vantagem que possuo ao chegar ao Centro de Treinamento – minha entrada feérica na noite anterior – parece sumir na presença de meus competidores. Os outros tributos ficaram com ciúmes de nós, não porque fomos fantásticos, mas porque nossos estilistas foram. Agora não vejo nada além de desprezo nos olhares dos Tributos Carreiristas. Cada um deles deve ter entre vinte e quarenta quilos a mais do que eu. Eles exalam arrogância e brutalidade. Quando Atala nos libera, eles se encaminham diretamente para

as armas com as aparências mais mortíferas do ginásio e as manuseiam com facilidade.

Estou pensando que tenho sorte de ser uma corredora veloz quando Peeta cutuca meu braço, me fazendo pular. Ele ainda está ao meu lado, de acordo com as instruções de Haymitch. Sua expressão é de sensatez.

– Por onde você quer começar?

Olho para os Tributos Carreiristas, que estão se exibindo, claramente tentando intimidar a todos. Então, olho para os outros, os subalimentados, os incompetentes, recebendo com os corpos trêmulos as primeiras lições com uma faca ou com um machado.

– Que tal fazermos alguns nós? – sugiro.

– Ótima ideia – diz Peeta. Atravessamos o ginásio em direção à estação vazia, onde o treinador parece grato por receber alunos. Você tem a nítida sensação de que a aula de como fazer nós não é uma das grandes atrações dos Jogos Vorazes. Quando percebe que tenho alguma noção de arapucas, o treinador nos mostra uma armadilha simples, porém excelente para deixar um competidor pendurado numa árvore por uma perna. Nós nos concentramos nessa habilidade específica por uma hora até os dois adquirirem pleno domínio sobre o processo. Então, passamos para a camuflagem. Peeta parece genuinamente adorar essa estação, esfregando na pele clara uma combinação de lama, argila e extratos de frutas silvestres, tecendo disfarces a partir de galhos de vinhas e folhas. O treinador que coordena a estação de camuflagem está bastante entusiasmado com o trabalho dele.

– Sou eu que faço os bolos – admite ele para mim.

– Bolos? – pergunto. Eu estava preocupada em observar o garoto do Distrito 2 arremessar uma lança no coração de um boneco a uma distância de catorze metros. – Que bolos?

– Em casa. Os gelados, para a padaria – responde ele.

Ele está falando dos bolos que ficam na vitrine. Bolos bem decorados, com flores e coisinhas bonitinhas pintadas no glacê. São bolos de aniversário e de ano-novo. Quando estávamos na praça, Prim sempre me arrastava para admirá-los, embora jamais pudéssemos imaginar que algum dia teríamos condições de adquirir algum deles. Mas há tão pouca beleza no Distrito 12 que dificilmente nego a ela esse prazer.

Olho mais criticamente para o desenho no braço de Peeta. Os padrões alternantes de luz e sombra sugerem a luz do sol penetrando nas árvores da

floresta. Imagino como ele conhece esse efeito, pois duvido que já tenha ultrapassado a cerca alguma vez. Será que foi capaz de sacar a coisa só olhando para aquela velha e descarnada macieira que ele tem no quintal de casa? De alguma maneira, a coisa toda – a habilidade dele, os tais inacessíveis bolos, o elogio do perito em camuflagem – me irrita.

– É lindo. Se ao menos você pudesse congelar alguém até a morte – comento.

– Não seja tão superior. É impossível saber o que você vai encontrar na arena. E se o bolo for de fato gigantesco? – começa Peeta.

– E se a gente fosse pra outra estação? – interrompo o devaneio.

Então, os três dias seguintes transcorrem com Peeta e eu indo silenciosamente de estação em estação. Adquirimos realmente algumas habilidades valiosas: acender fogueiras, arremessar facas, fazer abrigos. Apesar da ordem de Haymitch para que parecêssemos medíocres, Peeta é excelente no combate corpo a corpo, e eu passo no teste das plantas comestíveis sem piscar um olho sequer. Contudo, mantemo-nos distantes do arco e flecha e do levantamento de peso, reservando para nossas sessões particulares.

Os Idealizadores dos Jogos apareceram cedo no primeiro dia. Vinte e tantos homens e mulheres vestidos com túnicas lilases. Eles se sentam nas arquibancadas elevadas que circundam o ginásio, às vezes andando para nos ver, tomando notas, outras vezes comendo no interminável banquete que foi instalado para eles, ignorando-nos a todos. Mas parecem mesmo prestar atenção aos tributos do Distrito 12. Diversas vezes os observei e vi um deles com os olhos fixos sobre nós. Também fazem consultas aos treinadores durante nossas refeições. Encontramos todos reunidos quando voltamos ao treinamento.

Café da manhã e jantar são servidos em nosso andar, mas, na hora do almoço, os vinte e quatro tributos comem na sala de jantar que fica fora do ginásio. A comida é arrumada em carrinhos que ficam espalhados pela sala e todos se servem. Os Tributos Carreiristas tendem a se reunir de modo desordeiro em torno da mesa, como se estivessem demonstrando superioridade, passando a mensagem de que não têm medo uns dos outros e que consideram os restantes de nós abaixo da crítica. A maioria dos outros tributos se senta sozinha, como ovelhas desgarradas. Ninguém dirige uma palavra a nós. Peeta e eu comemos juntos e – como Haymitch não para de nos orientar – tentamos manter uma conversa animada durante as refeições.

Não é fácil encontrar um assunto. Falar de casa é doloroso. Falar do presente é insuportável. Um dia, Peeta esvazia nossa cesta de pão e aponta como eles foram cuidadosos em incluir pães típicos dos diversos distritos junto com os pães mais refinados da Capital. O de formato de peixe com uma tonalidade esverdeada e com algas do Distrito 4. O pãozinho meia-lua salpicado de sementes do Distrito 11. De alguma maneira, embora seja feito do mesmo material, ele parece muito mais apetitoso do que os biscoitos horrorosos que são o padrão lá em casa.

– E aí está – diz Peeta, jogando os pães de volta à cesta.

– Com certeza você tem muitos conhecimentos – comento.

– Só sobre pães – define ele. – Tudo bem, agora pode rir para dar a impressão de que o que acabei de dizer era engraçado.

Nós dois damos uma risada até certo ponto convincente e ignoramos os olhares na sala.

– Certo, vou continuar sorrindo prazerosamente e você fala – sugere Peeta. A orientação de Haymitch para que demonstremos amizade está nos desgastando, porque desde que bati a porta na cara dele, a atmosfera entre nós tem estado um pouco fria. Mas temos ordens a seguir.

– Já te contei do dia em que fui perseguida por um urso? – pergunto.

– Não, mas parece fascinante – responde Peeta.

Eu tento animar minha cara enquanto relembro o evento, uma história verdadeira, em que disputei estupidamente uma colmeia com um urso preto. Peeta ri e faz perguntas como se fosse um ator. Ele é muito melhor nisso do que eu.

No segundo dia, enquanto estamos treinando arremesso de lança, ele sussurra para mim:

– Acho que tem alguém nos vigiando.

Arremesso a lança – atividade em que na realidade não sou ruim se não sou obrigada a acertar muito longe – e vejo a garotinha do Distrito 11 nos observando de uma certa distância. É a tal garota de doze anos, a que me lembrou Prim em estatura. De perto, parece ter dez anos. Ela tem olhos escuros e brilhantes e uma pele morena acetinada, e está se equilibrando sobre as pontas dos dedos do pé com os braços levemente estendidos para os lados, como se estivesse pronta para alçar voo ao menor barulho. É impossível não imaginar um pássaro.

Pego outra lança enquanto Peeta arremessa a sua.

– Acho que o nome dela é Rue – diz ele suavemente.

Mordo o lábio. Rue é uma pequena flor amarela que se encontra na Campina. Rue. Primrose. Nenhuma das duas atingiria trinta quilos em uma balança. Nem que estivessem encharcadas.

– O que podemos fazer a respeito? – pergunto a ele, com mais dureza do que pretendia.

– Nada a fazer – retruca ele. – É só pra manter a conversação.

Agora que sei que ela está lá, é difícil ignorar a criança. Ela desliza e se junta a nós em estações diferentes. Como eu, é esperta com plantas, escala com elegância e possui uma boa mira. Sempre consegue acertar o alvo com uma atiradeira. Mas o que significa uma atiradeira contra um homem de noventa quilos portando uma espada?

De volta ao andar do Distrito 12, Haymitch e Effie nos enchem a paciência durante o café da manhã e o jantar, obrigando-nos a contar todos os detalhes do dia. O que fizemos, quem nos observou, como avaliamos os outros tributos. Cinna e Portia não estão por perto, de modo que não há ninguém que possa acrescentar um pouco de sanidade às refeições. Não que Haymitch e Effie estejam novamente discutindo. Ao contrário, parecem estar agindo em sintonia um com o outro, determinados a nos torturar até que estejamos em forma. Cheios de intermináveis orientações a respeito do que devemos ou não fazer nos treinamentos. Peeta tem mais paciência, mas fico de saco cheio e mal-humorada.

Quando finalmente escapamos para a cama na segunda noite, Peeta resmunga:

– Alguém deveria arrumar uma bebida pro Haymitch.

Faço um som que está entre um ronco e um riso. Então me controlo. Ficar tentando manter a aparência de amizade quando na verdade não somos amigos está confundindo a minha cabeça. Pelo menos, quando entrarmos na arena, saberei como será nossa relação.

– Não vamos fingir quando não há ninguém por perto, certo?

– Certo, Katniss – diz ele, com o ar cansado. Depois disso, passamos a conversar somente na presença de outras pessoas.

No terceiro dia de treinamento, começam a nos chamar na hora do almoço para nossas sessões particulares com os Idealizadores dos Jogos. Distrito após Distrito, primeiro o tributo masculino, depois o tributo feminino. Como de costume, o Distrito 12 está destinado a ser o último. Esperamos na sala de jantar, sem ter certeza sobre para onde iríamos. Ninguém volta depois que sai. À medida que a sala fica vazia, a pressão

para parecer amigável se acentua. Quando chamam Rue, nós ficamos sozinhos. Ficamos sentados em silêncio até que convocam Peeta. Ele se levanta.

– Lembre-se do que Haymitch disse: para não esquecermos de arremessar os pesos. – As palavras saem de minha boca sem permissão.

– Obrigado. Vou lembrar disso – diz ele. – Você... vê se acerta bem na mira.

Balanço a cabeça, concordando. Não sei nem por que eu disse alguma coisa. Embora prefira que Peeta vença, se for para eu perder, e não os outros. Melhor para nosso distrito, para minha mãe e para Prim.

Depois de mais ou menos quinze minutos, eles chamam meu nome. Aliso os cabelos, ajeito os ombros e caminho em direção ao ginásio. Imediatamente, percebo que estou encrencada. Estão aqui faz muito tempo, os Idealizadores dos Jogos. Sentados assistindo a outras vinte e três apresentações. Tomaram muito vinho, todos eles. Querem mais do que qualquer outra coisa voltar para suas casas.

Não há nada que eu possa fazer a não ser prosseguir com o plano. Caminho até a estação de arco e flecha. Oh, as armas! Há dias estou ansiosa para botar as mãos nelas! Arcos feitos de madeira, de plástico, de metal e de materiais que nem conheço. Flechas com penas cortadas em linhas uniformes e perfeitas. Escolho um arco, testo a corda e ponho a aljava correspondente no ombro. Tem uma série de alvos a distância, mas é limitada demais. Olhos de touro tradicionais e silhuetas humanas. Caminho em direção ao centro do ginásio e escolho meu primeiro alvo. O boneco usado antes para o treinamento com faca. No momento exato em que puxo a flecha percebo que há algo errado. A corda é mais apertada do que a que eu costumava utilizar em casa. O arco é mais rígido. Acerto alguns centímetros longe do boneco e perco a pouca concentração que tinha. Por um instante, sinto-me humilhada. Então, volto ao olho de touro. Atiro novamente e mais uma vez até dominar as novas armas.

De volta ao centro do ginásio, tomo minha posição inicial e espeto o boneco bem no coração. Depois, rasgo a corda que segura o saco de areia do treinamento de boxe e ele se abre caindo no chão. Sem parar, posiciono-me de joelhos e mando uma flecha na direção de uma das luzes que ficam penduradas no teto do ginásio. Uma chuva de fagulhas explode no artefato.

A mira foi excelente. Eu me viro para os Idealizadores dos Jogos. Uns poucos estão indicando aprovação, mas a maioria está fixada no porco

assado que acaba de chegar ao banquete deles.

De repente, fico furiosa pelo fato de que, mesmo com minha vida por um fio, eles não prestam a mínima atenção em mim. Por meu espetáculo estar sendo preterido por um porco morto. Meu coração começa a bater. Sinto meu rosto queimando. Sem parar para pensar, puxo uma flecha da aljava e mando na direção da mesa dos Idealizadores dos Jogos. Ouço gritos de alerta à medida que as pessoas se afastam da mesa aos trancos e barrancos. A flecha espeta a maçã na boca do porco e a prende à parede. Todos me encaram sem conseguir acreditar.

– Obrigada pela consideração de vocês. – Então, faço uma leve mesura e caminho diretamente para a saída sem ter sido dispensada.

Enquanto sigo em direção ao elevador, jogo o arco para um lado e a aljava para outro. Passo correndo pelos Avoxes boquiabertos que guardam os elevadores e aperto o número doze com o punho cerrado. As portas deslizam e eu subo. Consigo chegar ao meu andar antes que as lágrimas comecem a escorrer por meu rosto. Ouço os outros me chamando na sala de estar, mas atravesso o corredor voando, entro às pressas no quarto e pulo na cama. Aí, sim, começo a soluçar.

Agora consegui! Agora arruinei tudo! Se é que eu tinha alguma chance ínfima, ela desapareceu por completo no instante em que lancei aquela flecha na direção dos Idealizadores dos Jogos. O que será que eles vão fazer comigo agora? Vão me prender? Vão me executar? Vão cortar minha língua e me transformar em uma Avox para servir aos futuros tributos de Panem? O que passou pela minha cabeça naquele momento? Atirei nos Idealizadores dos Jogos? É claro que não, atirei naquela maçã porque estava com muita raiva por estar sendo ignorada. Eu não estava tentando matar nenhum deles. Se estivesse, eles estariam mortos!

Ah, o que isso importa? Eu não venceria esses Jogos mesmo. Quem se importa com o que eles possam fazer comigo? O que realmente me assusta é o que eles poderiam fazer com minha mãe e com Prim. Como minha família poderia sofrer agora por causa da minha impulsividade. Será que eles vão tomar os poucos pertences delas, ou mandar minha mãe para a prisão e Prim para o lar comunitário? Ou será que vão matar as duas? Eles não as matariam. Será que matariam? Por que não? Por que se importariam com elas?

Eu deveria ter ficado lá e ter pedido desculpas. Ou rido, como se tudo não tivesse passado de uma grande piada. Aí quem sabe eu teria conseguido algum perdão. Mas, em vez disso, dei o fora do local da maneira mais desrespeitosa possível.

Haymitch e Effie estão batendo na porta. Grito para irem embora, e, por fim, vão. Levo pelo menos uma hora para esgotar todas as minhas lágrimas. Em seguida, fico enroscada na cama, golpeando os lençóis de seda, observando o sol se pôr sobre a frívola e artificial Capital.

A princípio, espero guardas aparecendo para me levar. Mas, à medida que o tempo passa, a coisa parece menos provável. Eu me acalmo. Eles ainda precisam de um tributo do sexo feminino do Distrito 12, não precisam? Se os Idealizadores dos Jogos querem me punir, podem fazê-lo em público. Podem esperar até que eu entre na arena para em seguida atiçar animais selvagens atrás de mim. Pode apostar que se encarregarão de garantir que eu não tenha comigo um arco e flecha para me defender.

Antes disso, entretanto, vão me dar uma nota tão baixa que nenhum patrocinador em sã consciência vai querer me bancar. É isso o que vai acontecer hoje à noite. Como o treinamento não é aberto ao público, os Idealizadores dos Jogos anunciam um placar para cada jogador. Isso dá ao público um ponto de partida para as apostas que ocorrerão ao longo dos Jogos. O número, que vai de um a doze – um sendo irremediavelmente ruim e doze sendo inalcançavelmente alto –, significa o quanto um tributo é promissor. A marca não garante que determinado tributo vencerá. É apenas uma indicação do potencial que o tributo demonstrou durante o treinamento. Com frequência, devido a algumas variáveis na realidade da arena, tributos com marcas bem altas perdem quase imediatamente. E, alguns anos atrás, o garoto que venceu os Jogos só recebeu uma nota três. Ainda assim, o placar pode ajudar ou prejudicar um determinado tributo em termos de patrocínio. Estava com a esperança de que minha habilidade com o arco e flecha pudesse me angariar um seis ou um sete, mesmo eu não sendo particularmente forte. Agora, tenho certeza de que vou ter o placar mais baixo entre os vinte e quatro tributos. Se ninguém me patrocinar, minhas chances de permanecer viva decrescem a quase zero.

Quando Effie bate na porta para me chamar para o jantar, decido que talvez seja melhor eu ir. Os placares serão transmitidos hoje à noite. Não vou conseguir esconder para sempre o que aconteceu. Vou para o banheiro e lavo o rosto, mas minha cara ainda está vermelha e borrada.

Todos estão esperando à mesa, até Cinna e Portia. Queria que os estilistas não tivessem aparecido porque, por algum motivo, a possibilidade de decepcioná-los me desagrada. É como se eu estivesse jogando no lixo, de maneira irrefletida, todo o bom trabalho que eles fizeram na cerimônia de abertura. Evito olhar para todos enquanto dou pequenas colheradas em minha sopa de peixe. O gosto salgado me faz lembrar de minhas lágrimas.

Os adultos começam um bate-papo sobre a previsão do tempo e permito que meus olhos se encontrem com os de Peeta. Ele ergue as

sobrancelhas. Uma pergunta. *O que aconteceu?* Apenas balanço a cabeça levemente. Então, enquanto o prato principal está sendo servido, ouço Haymitch dizer:

– Certo, chega de papo-furado. Como é que vocês foram hoje?

Peeta se adianta.

– Não sei se adiantou alguma coisa. Quando me apresentei, já não tinha mais ninguém se importando em prestar atenção em mim. Eles estavam cantando alguma música relacionada a bebida, eu acho. Então, fiquei arremessando alguns objetos pesados até eles falarem para eu ir embora.

Isso faz com que me sinta um pouco melhor. Não que Peeta tenha atacado os Idealizadores dos Jogos, mas pelo menos ele também foi provocado.

– E você, queridinha? – pergunta Haymitch.

De alguma maneira, o fato de Haymitch me chamar de queridinha me deixa suficientemente irritada a ponto de me encorajar a emitir algumas palavras.

– Lancei uma flecha na direção dos Idealizadores dos Jogos.

Todos param de comer.

– Você fez o quê?

O horror embutido na voz de Effie confirma meus piores temores.

– Atirei uma flecha neles. Não exatamente neles. Na direção deles. Foi como Peeta disse, eu estava atirando e eles estavam me ignorando, aí eu... eu simplesmente perdi a cabeça e acertei uma flecha na maçã daquele porco idiota que estava na mesa deles! – explico, desafiadoramente.

– E o que eles disseram? – pergunta Cinna, cuidadosamente.

– Nada. Não que eu tenha visto. Saí de lá em seguida – respondo.

– Sem ter sido dispensada? – arqueja Effie.

– Eu mesma me dispensei. – eu lembro como prometi a Prim que realmente tentaria vencer e sinto como se uma tonelada de carvão tivesse caído sobre minha cabeça.

– Bem, é isso aí – diz Haymitch. E em seguida passa manteiga num pedaço de pão.

– Você acha que eles vão me prender? – pergunto.

– Duvido. Seria um baita problema substituir você a essa altura – responde Haymitch.

– E minha família? Será que eles vão castigar minha mãe e minha irmã?

– Acho que não. Não faria muito sentido. Eles teriam de revelar tudo o que aconteceu no Centro de Treinamento para que houvesse algum efeito sobre a população que valesse a pena. As pessoas teriam de saber o que você fez. Mas elas não podem, já que é segredo, de modo que seria um esforço à toa. – diz Haymitch. – É mais provável que eles tornem sua vida um inferno na arena.

– Bem, eles já prometeram fazer isso com a gente de um jeito ou de outro – comenta Peeta.

– Verdade absoluta – concorda Haymitch. E percebo que o impossível aconteceu. Eles, na verdade, me reanimaram. Haymitch pega uma costeleta de porco com os dedos, o que faz Effie franzir as sobrancelhas, e a mergulha no vinho. Arranca um pedaço de carne e começa a rir. – Como é que eles ficaram?

Sinto meus lábios franzindo.

– Chocados. Aterrorizados. Ah, ridículos, alguns deles. – Uma imagem surge em minha mente. – Um homem tropeçou e caiu sobre uma tigela de ponche.

Haymitch dá uma gargalhada e todos nós começamos a rir, exceto Effie, embora até ela esteja suprimindo um sorriso.

– Bem, eles mereceram. É o trabalho deles prestar atenção em vocês. E o fato de vocês terem vindo do Distrito 12 não é desculpa para eles ignorá-los. – Então os olhos dela ficam inquietos, como se ela tivesse dito alguma coisa totalmente ultrajante. – Sinto muito, mas é isso o que eu acho – completa, sem se dirigir a alguém.

– Vou ter notas bem ruins – comento.

– Notas só importam se elas forem bem altas. Ninguém presta muita atenção nas ruins ou nas medianas. Para todos os efeitos, você poderia estar muito bem escondendo seus talentos para receber uma nota ruim de propósito. Tem gente que usa essa estratégia – diz Portia.

– Espero que as pessoas interpretem assim a nota quatro que eu provavelmente receberei – diz Peeta. – Se tanto. Na realidade, será que existe alguma coisa menos atraente do que observar uma pessoa pegar uma bola pesada e arremessá-la alguns metros adiante? Uma delas quase caiu no meu pé.

Dou um risinho para ele e noto que estou faminta. Corto um pedaço de porco, molho no purê de batata e começo a comer. Está tudo bem. Minha família está salva. E se está salva, nada de ruim foi feito.

Depois do jantar, vamos para a sala de estar assistir aos placares anunciados na televisão. Primeiro eles mostram uma foto de um tributo e em seguida começa a piscar a nota abaixo do rosto. Os Tributos Carreiristas, naturalmente, conseguem notas entre oito e dez. A maioria dos outros jogadores tem média cinco. Surpreendentemente, a pequena Rue consegue um sete. Não sei o que ela mostrou aos jurados, mas ela é tão pequenina que deve ter sido algo impressionante.

O Distrito 12 aparece por último, como de costume. Peeta consegue um oito, o que indica que pelo menos alguns Idealizadores dos Jogos estavam prestando atenção nele. Enterro as unhas nas palmas das minhas mãos quando meu rosto surge na televisão, à espera do pior. Então o número onze começa piscar na tela.

Onze!

Effie Trinket dá um berro, e todos estão me dando tapinhas nas costas, e me saudando, e cumprimentando. Mas a coisa não parece real.

– Deve haver algum engano. Como... como isso poderia acontecer? – pergunto a Haymitch.

– Acho que eles gostaram do seu temperamento – responde ele. – Eles organizam um show. Eles precisam de jogadores com sangue quente.

– Katniss, a garota quente – diz Cinna, e me dá um abraço. – Ah, espera só o seu vestido de entrevista.

– Mais chamas? – eu pergunto.

– Mais ou menos – diz ele, de modo malicioso.

Peeta e eu congratulamos um ao outro, mais uma situação estranha. Nós dois fomos bem, mas o que isso significa para o outro? Escapo rapidamente para meu quarto e me enfio debaixo das cobertas. O estresse do dia, particularmente o choro, me deixara esgotada. Caio no sono, enlevada, aliviada, e com o número onze ainda piscando em minha mente.

De madrugada, deito-me na cama por um tempo, observando o sol nascer em uma bela manhã. É domingo. Dia de descanso em casa. Imagino se Gale já está na floresta. Normalmente, dedicamos todo o domingo para fazer o estoque da semana. Acordamos cedo, caçamos e colhemos, e depois vendemos no Prego. Penso em Gale sem mim. Nós dois sabemos caçar sozinhos, mas somos melhores formando uma dupla. Principalmente se

estivermos tentando caçar algum animal grande. Mas ter um parceiro ao lado sempre diminui o fardo, inclusive nas coisas mais simples. Pode até transformar a tarefa árdua de alimentar minha família em uma coisa agradável.

Eu lutava na floresta por conta própria havia mais de seis meses quando conheci Gale. Era um domingo de outubro, o ar estava frio e com um cheiro penetrante de coisas mortas. Eu havia passado a manhã competindo com os esquilos por nozes. À tarde, levemente mais quente, passei colhendo katniss em fontes de água rasa. A única carne que conseguira abater havia sido um esquilo que praticamente passara por cima de meus pés em busca de bolotas, mas os animais ainda estavam caminhando quando a neve enterrou minhas outras fontes de comida. Tendo percorrido muito mais do que o usual, eu estava correndo de volta para casa, carregando meus sacos de estopa, quando dei de cara com um coelho morto. Estava pendurado pelo pescoço em um arame fino acima de minha cabeça. Mais ou menos uns quinze metros adiante estava outro. Reconheci as arapucas porque meu pai costumava usá-las. Quando a presa é pega, ela fica pendurada no ar, fora do alcance de outros animais famintos. Eu tentara usar arapucas durante todo o verão sem nenhum sucesso, então, não pude evitar soltar os sacos para examinar a que acabara de encontrar. Meus dedos estavam percorrendo o arame acima de um dos coelhos quando ouvi uma voz.

– Isso é perigoso.

Dei um grande salto quando Gale surgiu de trás de uma árvore. Ele deve ter ficado me observando o tempo todo. Tinha apenas catorze anos, mas já tinha 1,80m de altura e para mim era tão bom quanto um adulto. Eu o via nas proximidades da Costura e na escola. E também em outra oportunidade. Ele perdera o pai na mesma explosão que matara o meu. Em janeiro, eu estava por perto quando ele recebeu a medalha de honra ao mérito no Edifício da Justiça, mais um filho mais velho sem pai. Eu me lembro de seus dois irmãos menores grudados à mãe, uma mulher cuja barriga inchada anunciava que estava a poucos dias de dar à luz.

– Qual é o seu nome? – disse ele, aproximando-se e soltando o coelho da arapuca. Ele tinha mais três pendurados no cinto.

– Katniss – respondi, com uma voz quase inaudível.

– Bem, Catnip, roubar é punível com a morte. Ou será que você nunca ouviu falar disso?

– Katniss – repeti, mais alto. – E eu não estava roubando nada. Só queria dar uma olhada na sua arapuca. A minha nunca pegou nada.

Ele não ficou convencido e me deu uma bronca.

– Então onde é que você conseguiu esse esquilo?

– Com uma flecha.

Puxei o arco de meu ombro. Eu ainda estava usando a versão menor que meu pai havia feito para mim, mas praticava com um do tamanho normal sempre que podia. Tinha esperança de que na primavera eu já estaria caçando animais maiores.

Os olhos de Gale fixaram-se sobre o arco.

– Posso ver?

Estendi a arma para ele.

– Mas não se esqueça. Roubo é punível com a morte.

Essa foi a primeira vez que o vi sorrindo. Fez com que ele deixasse de ser uma pessoa ameaçadora para se transformar em alguém que valia a pena conhecer. Mas passaram-se vários meses até que eu retribuísse aquele sorriso.

Nós conversamos a respeito de caça naquela ocasião. Contei que talvez eu conseguisse arranjar um arco para ele em troca de alguma coisa que não fosse comida. Eu queria conhecimento. Queria armar minhas próprias arapucas, que pudessem capturar uma fileira de coelhos rechonchudos em um único dia. Ele concordou e disse que talvez pudesse pensar em alguma coisa. À medida que as estações se sucediam, nós começamos, não sem alguma relutância, a compartilhar nosso conhecimento, nossas armas, nossos lugares secretos cheios de ameixas e perus selvagens. Ele me ensinou a armar arapucas e a pescar. Mostrei a ele quais plantas eram comestíveis e, por fim, dei a ele um de nossos arcos mais preciosos. Então, um belo dia, sem que disséssemos uma palavra, nos transformamos em uma dupla. Passamos a dividir o trabalho e os despojos e a garantir que nossas famílias tivessem comida.

Gale me deu uma sensação de segurança que me faltava desde a morte de meu pai. Seu companheirismo substituiu as longas e solitárias horas na floresta. Eu me tornei uma caçadora muito mais habilidosa quando não precisei mais olhar para trás constantemente, quando passei a ter alguém me cobrindo. Mas ele passou a ser muito mais do que um parceiro de caçadas. Ele se tornou meu confidente, alguém com quem eu podia compartilhar pensamentos que jamais expressaria do lado de dentro da

cerca. Em troca, ele me confiava os dele. Estar na floresta com Gale... às vezes me deixava realmente feliz.

Eu o chamo de meu amigo, mas no último ano a palavra passou a parecer casual demais para o que Gale representa para mim. Uma saudade agônica me golpeia o peito. Se ao menos ele estivesse ao meu lado agora! Mas, é claro, não desejo isso. Não o quero na arena, onde ele morreria em poucos dias. Eu só... eu só estou com muita saudade dele. E odeio ficar aqui tão sozinha. Será que ele sente saudades de mim? Deve sentir.

Penso no onze piscando embaixo do meu nome na noite passada. Sei exatamente o que ele diria para mim. "Bem, ainda podemos melhorar." E então me daria um sorriso e agora eu lhe retribuiria sem nenhuma hesitação.

Não consigo evitar comparar o que acontece entre mim e Gale ao que estou fingindo que acontece entre mim e Peeta. Como o fato de eu nunca questionar os motivos de Gale ao passo que não faço nada além de duvidar a respeito dos de Peeta. Não é uma comparação justa, na verdade. Gale e eu nos juntamos por uma mútua necessidade de sobrevivência. Peeta e eu sabemos que a sobrevivência do outro significa nossa própria morte. Como desviar de um golpe como esse?

Effie está batendo na porta, lembrando-me de que tenho outro "grande, grande, grande dia!" pela frente. Amanhã à noite acontecerão nossas entrevistas televisionadas. Aposto que toda a equipe deve estar com as mãos cheias nos preparando para a ocasião.

Eu me levanto e tomo uma chuveirada rápida, tendo um pouco mais de cuidado com os botões que aperto, e me dirijo à sala de jantar. Peeta, Effie e Haymitch estão amontoados em volta da mesa falando com vozes baixas. Isso parece esquisito, mas a fome vence a curiosidade e encho o prato antes de me juntar a eles.

O cozido hoje foi feito com tenros pedaços de carneiro e ameixas secas. Perfeito sobre o leito de arroz selvagem. Eu já bati quase a metade do prato quando percebo que ninguém está falando nada. Dou um gole longo no suco de laranja e enxugo a boca.

– E aí, o que está acontecendo? Você vai nos treinar para a entrevista de hoje, não é?

– Exato – confirma Haymitch.

– Não precisa esperar eu terminar. Consigo ouvir e comer ao mesmo tempo.

– Bem, houve uma mudança de planos. A respeito de nossa estratégia atual – começa Haymitch.

– O que é? – pergunto. Não estou certa de qual é nossa estratégia atual. Tentar parecer medíocre na frente dos outros tributos é a única parte que me lembro dessa discussão.

Haymitch dá de ombros.

– Peeta pediu para ser treinado separadamente.

Traição. Essa é a primeira coisa que me vem à cabeça, o que é risível, pois não há nenhuma traição. Para que isso ocorresse deveria ter havido confiança antes. E confiança não fez parte do acordo. Somos tributos. Mas o garoto que se arriscou a apanhar da mãe para me dar pão, o que me equilibrou na carruagem, que cobriu minha história com a Avox ruiva, que insistiu para que Haymitch soubesse de minhas habilidades de caçadora... Havia por acaso alguma parte de mim que não pudesse confiar nele?

Por outro lado, estou aliviada por podermos parar com o fingimento de sermos amigos. Obviamente, seja lá qual for a tênue conexão que nós tenhamos tolamente formado, foi destruída. E já estava mais do que na hora. Os Jogos começam em dois dias, e confiança significará apenas fraqueza. Seja lá o que desencadeou a decisão de Peeta – e suspeito que tenha tido alguma coisa a ver com o fato de minha apresentação ter superado a dele no treinamento –, eu deveria estar inteiramente grata a isso. Talvez ele tenha finalmente percebido que quanto mais cedo aceitarmos abertamente que somos inimigos, melhor para os dois.

– Que bom – digo. – Então como será a rotina de treinamento agora?

– Vocês dois terão cada um quatro horas com Effie para a apresentação e quatro comigo para o conteúdo – diz Haymitch. – Você pode começar com Effie, Katniss.

Não consigo imaginar que coisas Effie terá de me ensinar num período de quatro horas, mas ela me põe para trabalhar até o último minuto. Vamos para meus aposentos e ela me manda botar uma bata que vai dos pés à cabeça e calçar sapatos de salto alto, não os que vou usar para a entrevista real, e me instrui acerca de como caminhar. Os sapatos são a pior parte. Nunca usei salto alto e não consigo me acostumar com a sensação de ficar sambando sobre os calcanhares, porque, em essência, é isso o que acontece. Mas Effie anda com eles o tempo todo, e ponho na cabeça que, se ela consegue, então também posso conseguir. A bata me cria outro problema. Ela fica embolada em volta de meus pés e então, é claro, tenho de suspendê-la, e aí Effie se aproxima de mim como se fosse um gavião, batendo em minhas mãos e gritando: “Acima dos tornozelos não!” Quando

finalmente domino meu caminhar, ainda falta a maneira de se sentar, a postura – aparentemente tenho tendência a deixar a cabeça pender para a frente –, o jeito de olhar, os gestos com as mãos e o sorriso. Sorrir significa, em suma, sorrir cada vez mais. Effie me obriga a dizer uma centena de frases banais começando com um sorriso, enquanto estou sorrindo ou terminando com um sorriso. Na hora do almoço os músculos de meu rosto já estão se contraindo devido ao excesso de uso.

– Bem, isso é o melhor que eu consigo fazer – diz Effie, com um suspiro. – Mas lembre-se, Katniss, você quer que o público simpatize com você.

– E você acha que eles não vão simpatizar?

– Não se você ficar olhando para eles com essa cara raivosa o tempo todo. Por que você não guarda essa fúria para a arena? Em vez disso, imagine que você se encontra entre amigos – sugere Effie.

– Eles estão apostando quanto tempo eu vou permanecer viva! – explodo de raiva. – Eles não são meus amigos!

– Bem, tente fingir! – retruca Effie. Então, ela endireita a postura e dá um sorriso exultante. – Veja. Assim. Estou sorrindo para você, mesmo sabendo que você está me confrontando.

– É, parece mesmo convincente – devolvo. – Vou comer.

– Dou um bico nos sapatos e saio correndo na direção da sala de jantar, levantando a saia até acima das coxas.

Peeta e Haymitch parecem estar de ótimo humor, então imagino que a sessão de conteúdo deve ser bem melhor do que a que tive pela manhã. Não poderia estar mais equivocada. Depois do almoço, Haymitch me leva para a sala de estar, me conduz até o sofá e então simplesmente franze as sobrancelhas para mim durante um tempo.

– E aí? – pergunto finalmente.

– Estou tentando imaginar o que fazer com você – responde ele. – Como nós vamos apresentar você. Você vai ser charmosa? Distante? Firme? Até agora você tem brilhado como uma estrela. Você se apresentou para salvar sua irmã. Cinna fez com que você ficasse inesquecível. Você conseguiu a pontuação mais alta do treinamento. As pessoas estão intrigadas, mas ninguém sabe quem você é. A impressão que você der amanhã decidirá exatamente o que poderei conseguir para você em termos de patrocinadores.

Por assistir a vida inteira às entrevistas dos tributos, sei que há verdade no que ele está falando. Se você for atraente para a multidão, seja por seu bom humor ou sua brutalidade ou sua excentricidade, você sai em vantagem.

– Qual é a estratégia de Peeta? Ou será que não tenho permissão para fazer essa pergunta?

– Ser simpático. Ele possui um certo humor autodepreciativo que é bastante genuíno – responde Haymitch. – Ao passo que você, quando abre a boca, parece muito mais carrancuda e hostil.

– Não pareço não! – discordo.

– Ah, por favor. Não sei onde você foi arrumar aquela garota alegre e simpática que passou na carruagem, mas não a vi nem antes nem depois daquela cerimônia de abertura – retruca Haymitch.

– E por acaso você me deu algum motivo para ser alegre? – disparo.

– Mas você não tem que me agradar. Não vou te patrocinar. Então vamos lá, finja que sou o público – incentiva Haymitch. – Entretenha-me.

– Certo! – rosno. Haymitch assume o papel do entrevistador e tento responder a suas perguntas com uma postura de vencedora. Mas não consigo. Estou com muita raiva de Haymitch pelo que ele disse e pelo fato de ainda ter de responder às perguntas. Só consigo pensar no quanto todo o sistema desses Jogos Vorazes é injusto. Por que sou obrigada a ficar saltitando de um lado para o outro como se fosse alguma cadela amestrada tentando agradar pessoas que odeio? À medida que a entrevista avança, minha fúria parece subir cada vez mais à superfície, até que estou literalmente cuspindo as respostas para ele.

– Tudo bem, já é o suficiente – encerra ele. – Nós temos de achar outro ângulo. Além de você ser hostil, não sei nada a seu respeito. Eu te fiz cinquenta perguntas e ainda não sei nada sobre sua vida, sobre sua família, sobre as coisas de que você gosta. Eles querem te conhecer, Katniss.

– Mas não quero que eles me conheçam! Eles já estão roubando o meu futuro! Eles não vão poder ter as coisas que foram importantes para mim no passado!

– Então minta! Invente algo! – rebate Haymitch.

– Não sou boa em mentir.

– Bom, é melhor aprender rapidinho. Você tem tanto charme quanto uma lesma morta.

Ai. Isso doeu. Até Haymitch deve ter notado que foi duro demais porque a voz dele ficou mais suave.

– Aqui vai uma ideia. Tente agir de modo humilde.

– Humilde – ecoo.

– Tente dar a impressão de que você mal consegue acreditar que uma garotinha do Distrito Doze chegou tão longe. Que toda a coisa foi muito mais do que você jamais poderia ter sonhado. Fale sobre as roupas de Cinna. Sobre como as pessoas estão sendo simpáticas. Sobre como a cidade é fantástica para você. Se você não falar sobre si mesma, então pelo menos faça uma saudação ao público. Basta ficar repetindo esse tipo de coisa. Basta se derramar para a plateia.

As horas seguintes são agonizantes. De imediato, fica evidente que não consigo me derramar. Nós tentamos fazer com que eu banque a garota de nariz empinado, mas simplesmente não sou suficientemente arrogante para esse papel. Aparentemente, sou "vulnerável" demais para um comportamento feroz. Não sou sagaz. Ou engraçada. Ou sexy. Nem misteriosa.

Ao final da sessão, já não sou mais ninguém. Haymitch começou a beber quando eu estava incorporando a personalidade sagaz, e a voz dele adquiriu um tom desagradável.

– Eu desisto, queridinha. Basta responder às perguntas e tentar não deixar o público ver o quanto você sumariamente o despreza.

Naquela noite, janto em meu quarto. Peço uma ultrajante quantidade de guloseimas, como até enjoar e depois exorcizo minha raiva de Haymitch, dos Jogos Vorazes e de cada ser vivo residente na Capital despedaçando os pratos nas paredes do quarto. Quando a garota ruiva aparece para fazer minha cama, os olhos dela ficam esbugalhados com a bagunça.

– Deixa tudo como está!

Eu a odeio também, com aqueles olhos de reprovação que estão me chamando de covarde, de monstro, de marionete da Capital, não só agora como também naquela época. Para ela, a justiça finalmente está acontecendo. Pelo menos minha morte vai ajudar a compensar a morte do garoto na floresta.

Mas em vez de sair correndo do quarto, a garota fecha a porta e vai até o banheiro. Ela retorna com um pano úmido, esfrega delicadamente meu rosto e então limpa o sangue de minhas mãos, feridas por um dos pratos

quebrados. Por que ela está fazendo isso? Por que estou permitindo que ela faça isso?

– Eu deveria ter tentado te salvar – sussurro.

Ela balança a cabeça. Será que isso significa que nós estávamos agindo corretamente não fazendo nada? Significa que ela está me perdoando?

– Não, o que eu fiz foi errado.

Ela bate com os dedos nos lábios e depois aponta para o meu peito. Acho que ela quer dizer que eu também teria acabado como uma Avox. Provavelmente teria. Ou me transformado em uma Avox ou executada.

Passo as horas seguintes ajudando a garota ruiva na limpeza do quarto. Depois de retirar o lixo e de limpar o que restara de comida, ela arruma minha cama. Pulo para baixo das cobertas como se fosse uma garotinha de cinco anos de idade e deixo que ela me coloque para dormir. Em seguida, ela vai embora. Quero que ela fique até que eu caia no sono. E que ela esteja presente quando eu acordar. Quero a proteção dessa garota, mesmo sabendo que ela nunca contou com a minha.

De manhã, não é a garota, mas minha equipe de preparação que ocupa meus pensamentos. Minhas lições com Effie e Haymitch estão encerradas. O dia de hoje pertence a Cinna. Ele é minha última esperança. Talvez consiga fazer com que eu pareça maravilhosa, assim ninguém vai se importar com as coisas que saírem da minha boca.

A equipe trabalha em mim até o fim da tarde, transformando minha pele numa seda cintilante, desenhando figuras em meus braços, pintando chamas em minhas vinte unhas aparadas com perfeição. Então, Venia começa a trabalhar em meus cabelos, tramando fios avermelhados que começam na minha orelha esquerda, envolvem minha cabeça e depois caem numa trança única sobre meu ombro direito. Apagam meu rosto com uma camada de maquiagem branca e redesenham minhas feições. Enormes olhos escuros, lábios grossos e vermelhos e cílios que lançam fagulhas de luz quando pisco. Finalmente, eles me cobrem toda com um pó que deixa o meu corpo com um brilho dourado.

Então, Cinna entra com o que presumo ser meu vestido, mas não consigo ver muito bem porque está coberto.

– Feche os olhos – ordena.

Sinto a textura sedosa quando eles deslizam a peça sobre meu corpo nu, e depois o peso. Deve ter uns vinte quilos. Aperto a mão de Octavia

enquanto piso cegamente em meus sapatos, contente por descobrir que eles são pelo menos cinco centímetros mais baixos do que o par com o qual Effie me obrigou a treinar. Alguns ajustes são feitos e um pouco de inquietação paira no ar. Depois, o silêncio.

– Posso abrir os olhos? – pergunto.

– Pode – responde Cinna. – Abra.

A criatura que está em pé diante de mim no enorme espelho veio de outro planeta. De um planeta onde a pele brilha e os olhos faíscam e, aparentemente, onde fazem suas roupas a partir de joias. Porque meu vestido, ah, meu vestido é inteiramente coberto de preciosas gemas que refletem luminosidade: vermelho, amarelo e branco com um pouquinho de azul que acentua as pontas dos desenhos das chamas. O mínimo de movimento dá a impressão de que sou engolida por línguas de fogo.

Não estou bonita. Não estou bela. Estou tão radiante quanto o sol.

Por um instante, todos nós olhamos fixamente para mim.

– Oh, Cinna – finalmente sussurro. – Obrigada.

– Dá uma voltinha – pede ele. Estendo os braços e dou um giro formando um círculo. A equipe de preparação inteira dá um grito de admiração.

Cinna dispensa a equipe e me pede para andar um pouco com o vestido e os sapatos, que são infinitamente mais maleáveis do que os de Effie. O vestido tem um caimento tão perfeito que não preciso erguer a saia ao caminhar. Menos uma preocupação para mim.

– Então, está tudo pronto para a entrevista? – pergunta Cinna. Vejo pela sua expressão que ele andou conversando com Haymitch. Que está ciente do quanto sou revoltante.

– Estou me sentindo péssima. Haymitch me chamou de lesma morta. Por mais que eu tente, é impossível pra mim. Simplesmente não consigo ser uma dessas pessoas que ele quer que eu seja.

Cinna pondera um pouco a respeito disso.

– Por que você não age como se fosse você mesma?

– Eu mesma? Isso também não vai dar certo. Haymitch diz que sou carrancuda e hostil.

– Bem, você está... trabalhando com Haymitch – Cinna dá um risinho. – Eu não acho que você seja assim. A equipe de preparação te adora. Você persuadiu até os Idealizadores dos Jogos. E quanto aos cidadãos da Capital,

bem, eles não param de falar de você. Ninguém consegue deixar de admirar seu espírito.

Meu espírito. Isso é uma novidade. Não sei exatamente o que significa, mas indica que sou uma lutadora. De uma maneira mais ou menos corajosa. Não sou sempre antipática. Tudo bem, não saio por aí amando todo mundo que encontro pelo caminho, meus sorrisos não aparecem com facilidade, mas me importo com as pessoas.

Cinna segura minhas mãos geladas com suas mãos quentes.

– Suponha que quando você estiver respondendo às perguntas você esteja se dirigindo a um velho amigo. Quem seria seu melhor amigo? – pergunta Cinna.

– Gale – respondo, instantaneamente. – Só que isso não faz sentido, Cinna. Jamais diria a Gale esse tipo de coisa a meu respeito. Ele já sabe.

– E quanto a mim? Será que você conseguiria pensar em mim como um amigo? – pergunta Cinna.

De todas as pessoas que conheci desde que saí de casa, Cinna é de longe a de que mais gosto. Gostei dele de cara e ele não me decepcionou até agora.

– Acho que sim, mas...

– Estarei sentado na plataforma principal junto com os outros estilistas. Você vai poder olhar diretamente para mim. Quando lhe fizerem uma pergunta, você me procura e responde da maneira mais honesta possível – orienta Cinna.

– Mesmo que a coisa em que eu estiver pensando seja horrível? – pergunto. – Porque, de repente, vai ser.

– Principalmente se a coisa em que você estiver pensando for horrível – afirma Cinna. – Você tenta?

Assinto com a cabeça. É um plano. Ou pelo menos é algo a se tentar.

O tempo passa rápido e já é hora de ir. As entrevistas ocorrem em um palco construído em frente ao Centro de Treinamento. Depois de sair do quarto, só terei alguns minutos até ficar frente a frente com a multidão, as câmeras, toda a Panem.

Quando Cinna gira a maçaneta, interrompo o movimento de sua mão.

– Cinna... – O medo da plateia tomou conta de mim.

– Lembre-se, eles já amam você – diz ele com delicadeza. – Seja você mesma.

Nós nos encontramos com o resto do pessoal do Distrito 12 no elevador. Portia e sua gangue trabalharam intensamente. Peeta está com um visual incrível, vestido com um terno preto com detalhes de chamas desenhados. Apesar de nossas roupas combinarem muito bem, é um alívio que não sejam as mesmas. Haymitch e Effie estão muito elegantes para a ocasião. Evito Haymitch, mas aceito os elogios de Effie. Ela pode ser cansativa e enigmática, mas não é destrutiva como Haymitch.

Quando a porta do elevador se abre, os outros tributos estão sendo enfileirados para subir ao palco. Todos os vinte e quatro nos sentamos em um grande arco durante toda a duração das entrevistas. Serei a última, ou penúltima, já que os tributos do sexo feminino precedem os do sexo masculino de cada distrito. Como eu gostaria de poder ser a primeira e tirar logo todo esse peso de cima de mim! Mas vou ter de escutar como todos os outros são sagazes, engraçados, humildes, firmes e encantadores antes de subir ao palco. E ainda por cima, a plateia vai começar a ficar entediada, assim como os Idealizadores dos Jogos ficaram. E não posso simplesmente atirar uma flecha na multidão para despertar a atenção deles.

Pouco antes de desfilarmos até o palco, Haymitch chega por trás de mim e de Peeta e rosna:

– Lembrem-se, vocês ainda são um par feliz. Então, ajam dessa forma.

O quê? Pensei que tínhamos abandonado isso quando Peeta solicitou o treinamento separado. Mas acho que a questão era particular, e não pública. De qualquer maneira, não há muita possibilidade de interação agora, enquanto caminhamos em fila única para os assentos e nos sentamos em nossos lugares.

O simples fato de pisar o palco já acelera minha respiração. Sinto minha pulsação ressonando em minhas têmporas. É um alívio chegar à cadeira porque, entre meus calcanhares e minhas pernas trêmulas, sinto que vou tropeçar. Embora esteja anoitecendo, o Círculo da Cidade está mais iluminado do que em dia de verão. Uma unidade com assentos elevados foi colocada para acomodar os convidados ilustres, com os estilistas ocupando a primeira fileira. As câmeras vão focalizá-los quando a multidão estiver reagindo à criatividade deles. Uma grande varanda em um edifício à direita foi reservada para os Idealizadores dos Jogos. Equipes de televisão ocuparam a maior parte das outras varandas. Mas o Círculo da Cidade e as avenidas que desembocam nele estão completamente abarrotados de gente. Só há espaço para as pessoas ficarem de pé. Nas casas e nos espaços

públicos por todo o país, todos os aparelhos de televisão estão ligados. Todos os cidadãos de Panem estão assistindo ao evento. Hoje não haverá blecaute em lugar nenhum.

Caesar Flickerman, o homem que apresenta as entrevistas há mais de quarenta anos, sobe ao palco. É um pouco assustador porque a aparência dele sempre foi rigorosamente a mesma durante todos esses anos. A mesma cara debaixo de uma camada de maquiagem branca. O mesmo cabelo que ele tinge com uma cor diferente a cada edição dos Jogos Vorazes. O mesmo traje cerimonial azul-marinho com milhares de pequenas lâmpadas que brilham como estrelas. Na Capital, as pessoas fazem cirurgias para parecerem mais jovens e magras. No Distrito 12, parecer velho significa mais uma conquista já que tantas pessoas morrem cedo. Você vê uma pessoa mais velha e deseja logo congratulá-la pela longevidade, sente vontade de perguntar a ela o segredo da sobrevivência. Uma pessoa rechonchuda é invejada porque não está ralando como a maioria de nós. Mas aqui a coisa é diferente. Rugas não são desejáveis. Uma barriga pronunciada não é sinal de sucesso.

Neste ano, o cabelo de Caesar está azulado e suas pálpebras e lábios estão com a mesma coloração. Ele parece uma aberração, menos assustador do que no ano passado, no entanto, quando estava com uma cor encarnada e parecia estar sangrando. Caesar conta algumas piadas para aquecer o público, mas logo dá início aos trabalhos.

A garota do Distrito 1, com um visual sensual emoldurado por uma bata dourada transparente, pisa no centro do palco para ser entrevistada por Caesar. É fácil adivinhar que o mentor dela não teve nenhum trabalho em inseri-la no contexto. Com aquele cabelo longo e louro, aqueles olhos da cor de esmeralda, o corpo alto e exuberante... ela é toda sexy.

Cada entrevista dura apenas três minutos. Então uma campainha soa e o próximo tributo aparece. É preciso dizer isso sobre Caesar: ele realmente faz o possível para que os tributos brilhem. Ele é amigável, tenta acalmar os mais nervosos, ri de piadas fracas e consegue transformar respostas ruins em memoráveis declarações pela maneira como reage.

Eu me sento como uma dama, da maneira que Effie me mostrou. Enquanto isso os distritos vão se seguindo: 2, 3, 4. Todos parecem estar tentando se ajustar a determinado figurino. O garoto monstruoso do Distrito 2 é uma implacável máquina de matar. A garota com cara de raposa do Distrito 5 é manhosa e evasiva. Avistei Cinna assim que chegou, mas

nem a presença dele consegue me deixar relaxada. 8, 9, 10. O garoto deficiente do 10 é bastante quieto. As palmas de minhas mãos estão suando intensamente, mas o vestido cheio de joias não absorve o suor e elas deslizam se tento secá-las nele. 11.

Rue, que está vestida com uma bata finíssima arrematada com asas, parece adejar até Caesar. Um silêncio paira na multidão diante da visão desse filete mágico em forma de tributo. Caesar é muito doce com ela, cumprimentando-a pela nota 7 que recebera no treinamento, uma marca excelente para uma pessoa tão pequena. Quando pergunta qual será o ponto forte dela na arena, a garota não hesita em dizer:

– Sou muito difícil de pegar – responde ela, com uma voz trêmula. – E se eles conseguirem me pegar, não conseguirão me matar. Então, não fiquem achando que não tenho chance.

– Nem em um milhão de anos eu pensaria uma coisa dessa – diz Caesar, incentivando-a.

O garoto do Distrito 11, Thresh, tem a mesma pele escura de Rue, mas a semelhança para por aí. Ele é um dos gigantes, provavelmente 1,95m de altura e corpulento como um touro, mas notei que rejeitou os convites dos Tributos Carreiristas para que se juntasse a eles. Ao contrário, é solitário, não fala com ninguém, demonstra pouco interesse no treinamento. Mesmo assim conseguiu um 10, e não é muito difícil imaginar que ele tenha conseguido impressionar os Idealizadores dos Jogos. Ele ignora as tentativas de gozação de Caesar e responde com um sim ou com um não, ou simplesmente fica em silêncio.

Se ao menos eu tivesse o tamanho dele, poderia ignorar solenemente o fato de ser carrancuda e hostil e ainda me dar bem! Aposto que metade dos patrocinadores estão pelo menos considerando a possibilidade de bancá-lo. Se eu tivesse dinheiro, eu mesma apostaria nele.

E então chamam Katniss Everdeen e, como se fosse um sonho, descubro a mim mesma subindo ao palco central. Aperto a mão estendida de Caesar, e ele tem a fineza de não enxugar a dele imediatamente em seu terno.

– E então, Katniss, a Capital deve ser uma mudança e tanto em relação ao Distrito 12. O que mais te impressionou desde que chegou aqui? – pergunta Caesar.

O quê? O que foi que ele disse? É como se as palavras não fizessem sentido.

Minha boca ficou tão seca quanto serragem. Desesperada, encontro Cinna no meio da multidão e fixo os olhos nele. Imagino as palavras saindo da sua boca. "O que mais te impressionou desde que chegou aqui?" Sacudo minha mente em busca de alguma coisa que tenha me deixado feliz aqui. *Seja honesta*, penso comigo mesma. *Seja honesta.*

– O cozido de carneiro – respondo, tentando escapar.

Caesar ri, e vagamente percebo que uma parte do público se juntou a ele.

– O que vem com ameixas secas? – Caesar quer saber. Balanço a cabeça em concordância. – Ah, sou capaz de comer uma panela inteira daquilo. – Ele olha de soslaio para o público, fazendo uma cara de nojo, a mão sobre o estômago. – Nem parece, não é? – As pessoas dão gritos de incentivo e o aplaudem. É isso o que quero dizer sobre Caesar. Ele tenta ajudar.

– Agora, Katniss – começa ele, em tom confidencial –, quando você apareceu na cerimônia de abertura, meu coração quase parou. O que você achou daquela roupa?

Cinna ergue uma sobrancelha para mim. Seja honesta.

– Você quer dizer logo depois de eu superar o pavor de ser queimada viva?

Muitos risos. Inclusive da plateia.

– Exatamente. Comece por aí – diz Caesar.

Cinna, meu amigo, preciso contar a ele de qualquer maneira.

– Achei que Cinna foi brilhante e foi o traje mais maravilhoso que vi na minha vida, e não podia acreditar que era eu mesma que estava usando. Também não consigo acreditar que estou usando esse aqui. – Levanto um pouco a saia para mostrá-lo. – Olha só pra isso!

Enquanto o público suspira, vejo Cinna fazendo um diminuto movimento circular com o dedo. Mas sei o que ele está dizendo. *Dá uma voltinha.*

Giro uma vez e a reação é imediata.

– Ah, mais uma vez, por favor – diz Caesar, e, então, levanto os braços e dou um giro e depois outro, fazendo a saia voar, fazendo o vestido me engolir em chamas. O público não se contém de tanto entusiasmo. Quando paro, agarro o braço de Caesar.

– Não pare! – diz ele.

– Eu preciso! Estou ficando tonta! – Também estou rindo à toa, e acho que é a primeira vez na vida que isso acontece. Mas o nervosismo e os giros me desorientaram.

Caesar coloca um braço protetor sobre meu ombro.

– Não se preocupe, você está comigo. Não posso deixar você seguir os passos de seu mentor.

Todos estão vaiando quando as câmeras encontram Haymitch, que já está famoso por seu mergulho de cabeça no dia da colheita. Ele faz pouco caso da manifestação e aponta de volta para mim.

– Está tudo bem – diz Caesar, tranquilizando a plateia. – Ela está a salvo comigo. Então, e quanto à nota no treinamento? On-ze. Você pode nos dar uma noção do que aconteceu lá?

Olho de relance para os Idealizadores dos Jogos na varanda e mordo o lábio.

– Hum... tudo o que sei é que foi a primeira vez que uma coisa como essa aconteceu.

As câmeras estão focadas nos Idealizadores dos Jogos, que estão rindo e balançando a cabeça em concordância.

– Você está acabando com a gente – diz Caesar, como se estivesse realmente sentindo alguma dor. – Detalhes! Detalhes!

Dirijo-me à varanda.

– Não tenho permissão para falar sobre isso, tenho?

O Idealizador que caiu sobre a tigela de ponche grita:

– Não tem, não!

– Obrigada – respondo. – Sinto muito. Minha boca é um túmulo.

– Vamos voltar então para o momento em que sua irmã foi chamada, durante a colheita – diz Caesar. Seu tom agora está mais calmo. – E você se apresentou. Pode nos contar algo a respeito dela?

Não. Não, para nenhum de vocês, exceto Cinna, quem sabe. Acho que não estou conseguindo imaginar a tristeza no rosto dele.

– O nome dela é Prim. Ela só tem doze anos. E eu a amo mais do qualquer coisa no mundo.

Dava para ouvir um alfinete caindo no chão do Círculo da Cidade nesse instante.

– O que foi que ela disse a você depois da colheita? – pergunta Caesar.

Seja honesta. Seja honesta. Engulo em seco.

– Ela me pediu para lutar com afinco e tentar realmente vencer. – O público está paralisado, concentrado em cada palavra que digo.

– E o que foi que você disse a ela? – interroga Caesar, com delicadeza.

Em vez de calor, sinto uma rigidez gélida tomar conta de meu corpo. Meus músculos ficam tensos, como antes de uma caçada. Quando começo a falar, minha voz parece uma oitava mais baixa.

– Eu jurei que venceria.

– Aposto que você disse isso – diz Caesar, me abraçando. A campainha soa. – Sinto muito, nosso tempo acabou. Muita sorte pra você, Katniss Everdeen, tributo do Distrito Doze.

Os aplausos continuam muito tempo depois de eu me sentar. Olho para Cinna para saber se fui bem. Ele levanta levemente o polegar para mim.

Ainda estou um pouco tonta durante a primeira parte da entrevista de Peeta. Mas ele tem a audiência nas mãos desde o início. Dá para ouvir os risos, os gritos. Ele desempenha bem o papel do filho do padeiro, comparando os tributos aos pães de seus respectivos distritos. Então, conta uma piada engraçada sobre os perigos dos chuveiros da Capital.

– Diga-me, ainda tenho cheiro de rosa? – pergunta ele a Caesar, e então há uma corre-corre onde um começa a cheirar o outro que arrebata o público. Estou voltando a mim quando Caesar pergunta se ele não tem uma namorada.

Peeta hesita, e então balança a cabeça de modo pouco convincente.

– Um rapaz bem-apessoado como você deve ter alguma garota especial. Vamos lá, Peeta, qual é o nome dela?

Peeta suspira.

– Bem, há uma garota. Sou apaixonado por ela desde sempre. Mas tenho certeza de que ela não sabia que eu existia até a colheita.

Sons de solidariedade ecoam da multidão. Amores não correspondidos com os quais eles se identificam.

– Ela tem namorado?

– Não sei, mas muitos garotos gostam dela.

– Então, olha só o que você vai fazer. Você vence e volta pra casa. Ela não vai poder te recusar nessas circunstâncias, vai? – diz Caesar, incentivando-o.

– Não sei se vai dar certo. Vencer... não vai ajudar nesse caso.

– E por que não? – quer saber Caesar, aturdido.

Peeta enrubesce e gagueja.

– Porque... porque... porque ela veio pra cá comigo.

PARTE II

“OS JOGOS”

Por um momento, as câmeras focalizam o olhar abatido de Peeta enquanto suas palavras são absorvidas. Então, consigo ver meu rosto – a boca quase aberta numa mistura de surpresa e protesto – aumentado em todas as telas enquanto me dou conta do que está acontecendo. *Eu! Ele está falando de mim!* Pressiono os lábios e miro o chão, na esperança de esconder as emoções que começam a se agitar dentro de mim.

– Ah, isso sim é falta de sorte – diz Caesar, e há realmente uma pontinha de dor em sua voz. A multidão está murmurando em concordância, algumas pessoas já deram até uns gritos de agonia.

– Não é uma coisa legal – concorda Peeta.

– Bem, acho que todos aqui entendem sua situação. Seria difícil não se apaixonar por aquela jovem – diz Caesar. – Ela não sabia?

Peeta balança a cabeça.

– Não até agora.

Permito que meus olhos se fixem na tela de televisão o tempo suficiente para ver que o rubor em meu rosto é indisfarçável.

– Vocês não iam adorar se ela voltasse aqui e desse uma resposta? – pergunta Caesar ao público. A multidão berra em concordância. – Lamentamos muito, mas regras são regras, e Katniss Everdeen já esgotou seu tempo. Bem, toda a sorte pra você, Peeta Mellark, e acho que estou falando por toda Panem quando digo que nosso coração está com você.

O barulho da multidão é ensurdecedor. Peeta arrasou com todos nós definitivamente com sua declaração de amor a mim. Quando o público finalmente se acalma, ele deixa escapar um soluçante "Obrigado" e volta para seu assento. Nós nos levantamos para o hino. Tenho de erguer minha cabeça por conta do respeito patriótico e não consigo deixar de reparar que todas as telas estão agora dominadas por uma imagem minha e de Peeta, separados por alguns metros que, na cabeça dos telespectadores, jamais poderão ser apartados. Que tragédia a nossa.

Mas sei que não é bem assim.

Depois do hino, os tributos voltam enfileirados para o saguão do Centro de Treinamento e entram nos elevadores. Faço questão de entrar

num que não esteja com Peeta. A multidão obriga nosso séquito de estilistas, mentores e acompanhantes a andar devagar, de modo que só os tributos acabam entrando nos elevadores. Ninguém dá uma palavra. Meu elevador para para depositar quatro tributos antes que eu consiga ficar sozinha e então vejo que as portas se abrem no décimo segundo andar. Peeta mal saiu de seu elevador e bato a palma da mão com força em seu peito. Ele perde o equilíbrio e se choca com uma urna horrível cheia de flores falsas. A urna se parte em centenas de pedacinhos. Peeta cai sobre os fragmentos e imediatamente começa a sair sangue de suas mãos.

– Pra que isso? – pergunta ele, estupefato.

– Você não tinha o direito! Não tinha o direito de sair dizendo aquelas coisas sobre mim! – grito com ele.

Agora os elevadores se abrem e toda a equipe está lá, Effie, Haymitch, Cinna e Portia.

– O que está acontecendo? – pergunta Effie, um tom de histeria na voz. – Você caiu?

– Depois que ela me empurrou – diz Peeta, enquanto Effie e Cinna o ajudam a se levantar.

Haymitch se volta para mim.

– Empurrou ele?

– Isso foi ideia sua, não foi? Fazer com que eu parecesse uma idiota na frente do país inteiro!

– Foi ideia minha – diz Peeta, estremecendo ao retirar algumas farpas de suas mãos. – Haymitch só me ajudou.

– Sei, Haymitch é muito prestativo. Pra você!

– Você *é* uma idiota mesmo – diz Haymitch, chateado. – Você acha que ele te magoou? Aquele garoto deu a você uma coisa que você jamais conseguiria por conta própria.

– Ele me fez parecer fraca!

– Ele fez você parecer desejável! E vamos encarar os fatos, você pode usar toda a ajuda que conseguir nesse departamento. Até ele dizer que te queria, você era tão romântica quanto um monte de sujeira. Agora todos te querem. Vocês dois estão monopolizando todas as conversas. Os dois amantes desafortunados do Distrito Doze! – diz Haymitch.

– Mas nós não somos amantes desafortunados! – retruco. Haymitch segura meus ombros e me encosta contra a parede.

– Quem se importa? Isso aqui é um grande espetáculo. O que importa é como você é percebida. O máximo que eu poderia dizer sobre você depois de sua entrevista é que você era uma pessoa legal, embora isso já fosse um pequeno milagre por si só. Agora posso dizer que você destrói corações. Oh, como os garotos lá do seu distrito caem aos seus pés. Qual vocês acham que vai receber mais patrocinadores?

O cheiro de vinho no hálito dele me deixa enjoada. Retiro suas mãos de meus ombros e me afasto, tentando clarear a mente.

Cinna se aproxima e me abraça.

– Ele está certo, Katniss.

Não sei o que pensar.

– Alguém devia ter me dito, para que eu não ficasse com aquela cara de idiota.

– Não, sua reação foi perfeita. Se você soubesse, não teria parecido tão real – diz Portia.

– Ela só está preocupada com o namorado dela – diz Peeta, rispidamente, jogando longe um pedaço da urna cheio de sangue.

Minhas bochechas queimam novamente ao pensar em Gale.

– Eu não tenho namorado.

– Não importa – diz Peeta. – Mas aposto que ele é suficientemente esperto para identificar um blefe. Além do mais, *você* não disse que *me* amava. Então, qual é o problema?

Estou absorvendo as palavras. Minha raiva está desaparecendo. Agora estou dividida entre achar que fui usada e achar que adquiri uma vantagem. Haymitch está certo. Sobrevivi à entrevista, mas o que fui de fato? Uma garota tola rodopiando num vestido cintilante. Rindo à toa. O único momento de alguma substância que tive foi quando falei sobre Prim. Faça uma comparação com Thresh, com seu poder silencioso e mortífero, e me torno esquecível. Tola, cintilante e esquecível. Não, não totalmente esquecível. Tenho minha nota onze no treinamento.

Mas agora Peeta fez de mim um objeto de amor. Não apenas dele. De acordo com suas palavras, devo ter muitos admiradores. E se o público realmente pensa que nós estamos apaixonados... eu me lembro de como eles responderam com fervor à confissão dele. Amantes desafortunados. Haymitch está certo, eles consomem esse tipo de coisa na Capital. Subitamente, fico preocupada de não ter reagido adequadamente.

– Depois que ele disse que me amava vocês acharam que eu também pudesse estar apaixonada por ele? – pergunto.

– Eu achei – diz Portia. – Pela maneira com a qual você evitou olhar para as câmeras, o rubor.

Os outros interrompem, concordando.

– Você está coberta de ouro, queridinha. Vai ter uma fila de patrocinadores dobrando a esquina pra te bancar – diz Haymitch.

Estou constrangida com a minha reação. Eu me forço a pedir desculpas a Peeta.

– Sinto muito pelo empurrão.

– Não tem importância – diz ele, dando de ombros –, embora seja tecnicamente ilegal.

– Suas mãos estão legais?

– Vão ficar – diz ele.

No silêncio que se segue, deliciosos aromas do nosso jantar penetram o ambiente.

– Vamos comer – convida Haymitch. Nós todos o seguimos até a mesa e nos sentamos em nossos lugares. Mas Peeta está sangrando bastante e Portia o leva até a enfermaria. Começamos a comer a sopa cremosa de pétalas de rosa sem eles. Já havíamos terminado a refeição quando voltaram. As mãos de Peeta estão enroladas em bandagens. Não consigo evitar a sensação de culpa. Amanhã estaremos na arena. Ele me fez um favor e respondi com uma agressão. Será que minhas dívidas com ele jamais terminarão?

Depois do jantar, assistimos à reprise na sala de estar. Pareço frívola e vazia, girando e rodopiando em meu vestido, embora os outros me assegurem que estou encantadora. Peeta está verdadeiramente charmoso e parece um campeão no papel do garoto apaixonado. E lá estou eu, ruborizada e confusa, tornada bela pelas mãos de Cinna, desejável pela confissão de Peeta, trágica pelas circunstâncias e, para todos os efeitos, inesquecível.

Quando o hino termina e a tela fica escura, o silêncio toma conta da sala. Amanhã, bem cedo, seremos despertados e preparados para a arena. Os Jogos verdadeiros só começam às dez horas porque muitos residentes da Capital acordam tarde. Mas Peeta e eu devemos começar cedo. Não há como dizer quanto tempo levaremos até a arena que foi preparada para os Jogos desse ano.

Sei que Haymitch e Effie não irão conosco. Assim que saírem daqui, irão para o quartel-general dos Jogos começar, espero eu, uma convocação ensandecida de patrocinadores para nós dois, e também montar uma estratégia sobre como e quando entregar nossas dádivas. Cinna e Portia viajarão conosco até o ponto de onde nós seremos transportados para a arena. Mas, ainda assim, as últimas despedidas terão de ser feitas aqui.

Effie segura nossas mãos e, com lágrimas sinceras nos olhos, nos deseja boa sorte. Agradece por sermos os melhores tributos que ela jamais teve o privilégio de patrocinar. E, então, por ser Effie e porque, aparentemente, é obrigada pela lei a dizer algo desagradável, ela acrescenta:

– Eu não ficaria nem um pouco surpresa se fosse promovida a um distrito decente ano que vem!

Depois disso, ela nos beija no rosto e sai às pressas, atarantada com a despedida emocional ou com a possível melhoria de sua sorte.

Haymitch cruza os braços e olha para nós dois.

– Algum último conselho? – pergunta Peeta.

– Quando o gongo soar, deem o fora de lá. Nenhum dos dois está preparado para o banho de sangue na Cornucópia. Simplesmente sumam de lá, distanciem-se o máximo que puderem um do outro e dos outros tributos, e achem uma fonte de água – diz ele. – Entenderam?

– E depois disso? – pergunto.

– Fiquem vivos – diz Haymitch. É o mesmo conselho que nos deu no trem, mas ele não está bêbado e rindo dessa vez. E apenas balançamos nossas cabeças, concordando. O que mais há para ser dito?

Quando me encaminho para o quarto, Peeta fica para falar com Portia. Fico contente. Quaisquer que sejam as estranhas palavras de despedida que devemos trocar, podem muito bem esperar até amanhã. Minha cama está feita, mas não há nenhum sinal da Avox ruiva. Gostaria de saber o nome dela. Eu deveria ter perguntado. Talvez ela pudesse escrever. Ou fazer uma mímica. Mas talvez isso apenas resultasse em castigo para ela.

Tomo um banho e removo a tinta dourada, a maquiagem e o cheiro de produtos de beleza do meu corpo. Tudo o que resta dos esforços da equipe de moda são as chamas nas unhas. Decido mantê-las como uma lembrança para o público de quem eu sou, Katniss, a garota quente. Talvez isso me dê algo a que me agarrar nos dias vindouros.

Visto um pijama grosso de flanela e pulo na cama. Levo mais ou menos cinco segundos para perceber que nunca vou conseguir dormir. E preciso desesperadamente dormir porque na arena cada momento que eu ceder à fadiga será um convite à morte.

Não é nada bom. Uma hora, duas, três horas se passam e minhas pálpebras se recusam a se fechar. Não consigo parar de tentar imaginar em que tipo de terreno exatamente serei jogada. Deserto? Pântano? Uma terra desolada e gélida? Acima de tudo, espero que haja árvores no local, o que talvez me dê uma chance de me esconder, além de comida e abrigo. Frequentemente há árvores, porque paisagens áridas são chatas e os Jogos se decidem muito rapidamente sem elas. Mas como será o clima? Que armadilhas os Idealizadores dos Jogos esconderam para animar os momentos mais lentos? E também tem os meus companheiros tributos...

Quanto mais ansiosa fico para dormir, mais o sono me evita. Por fim, minha inquietude é tão grande que nem consigo mais ficar deitada. Ando de um lado para o outro, o coração batendo a mil por hora, a respiração acelerada. Meu quarto parece uma cela de prisão. Se eu não puder respirar um pouco de ar fresco vou começar a jogar tudo de novo nas paredes. Corro pelo corredor até a porta no telhado. Não só ela está destrancada como também está escancarada. Talvez alguém tenha esquecido de fechá-la, mas pouco importa. O campo de força que cerca o telhado impede qualquer forma desesperada de fuga. E não quero fugir, apenas encher os pulmões de ar. Quero ver o céu e a lua na última noite que disponho antes de começar a ser caçada.

O telhado não fica iluminado à noite, mas assim que meus pés descalços alcançam a superfície de telhas vejo a silhueta escura dele em contraste com as luzes que brilham eternamente na Capital. Há uma agitação nas ruas, música, cantorias e buzinas de carros, sons que eu jamais teria a oportunidade de ouvir através das espessas janelas de vidro de meu quarto. Eu poderia sair agora, sem que ele reparasse na minha presença. Ele não me ouviria em meio ao alarido. Mas o ar da noite está tão gostoso que não consigo suportar a ideia de voltar para aquela jaula abafada que chamam de quarto. E que diferença faz nos falarmos ou não?

Meus pés se movem silenciosamente por cima das telhas. Estou a apenas um metro dele.

– Você deveria estar dormindo um pouco.

Ele começa a dizer alguma coisa, mas não se vira. Posso vê-lo balançar levemente a cabeça.

– Não quis perder a festa. Afinal, é em nossa homenagem.

Eu me aproximo dele e me inclino sobre o parapeito. As ruas largas estão cheias de pessoas dançando. Aperto os olhos para distinguir melhor os detalhes das figuras pequeninas.

– Eles estão fantasiados?

– Quem poderia dizer? – responde Peeta. – Com essas roupas loucas que eles usam aqui! Também não conseguiu dormir?

– Não consegui desligar minha mente.

– Pensando na família?

– Não – admito, cheia de culpa. – Tudo o que consigo fazer é imaginar como vai ser amanhã. O que não faz sentido, é claro. – Com a luz que vem de baixo consigo ver o rosto dele, e a maneira esquisita com a qual segura as mãos enfaixadas. – Sinto muito mesmo pelas suas mãos.

– Não tem problema, Katniss. Nunca tive ilusão de disputar nada nesses Jogos mesmo.

– Você não deveria pensar dessa forma.

– Por que não? É verdade. O máximo que eu posso sonhar é não macular minha honra e... – Ele hesita.

– E o quê?

– Não sei bem como dizer isso. É que... quero morrer como eu mesmo. Isso faz algum sentido? – pergunta ele. Balanço a cabeça. Como ele poderia morrer a não ser como ele mesmo? – Não quero que eles mudem meu jeito de ser na arena. Não quero ser transformado em algum tipo de monstro que sei que não sou.

Mordo o lábio, sentindo-me inferior. Enquanto eu estava ruminando acerca da disponibilidade de árvores, Peeta estava lutando para saber como faria para manter a identidade. Seu eu puro.

– Você está querendo dizer que não vai matar ninguém?

– Não, quando surgir a oportunidade, tenho certeza de que vou matar como qualquer outro tributo. Não posso cair sem lutar. Só fico desejando que haja alguma maneira de... de mostrar à Capital que eles não mandam em mim. Que sou mais do que somente uma peça nos Jogos deles.

– Mas você não é. Nenhum de nós é. É assim que os Jogos funcionam.

– Tudo bem, mas, mesmo dentro dessa estrutura, ainda existo eu, ainda existe você. Dá pra entender?

– Um pouco. Só que... não quero ofender, mas quem se importa com isso, Peeta?

– Eu me importo. O que quero dizer é o seguinte: com o que mais tenho o direito de me importar nesse estágio? – pergunta, com raiva. Ele fixou os olhos azuis nos meus, demandando uma resposta.

Dou um passo para trás.

– Você pode se importar com o que Haymitch disse. Sobre a gente se manter vivo.

Peeta sorri para mim, triste e zombeteiro.

– Tudo bem. Valeu pela dica, docinho.

É como se fosse um tapa na cara ele usar a expressão condescendente de Haymitch.

– Olha aqui, se você quer passar as últimas horas da sua vida planejando uma morte nobre na arena, a escolha é sua. Eu quero passar as minhas no Distrito Doze.

– Eu não ficaria surpreso se você conseguisse. Mande lembranças à minha mãe quando voltar, certo?

– Pode contar com isso – respondo. Então me viro e saio do telhado.

Passo o resto da noite adormecendo e acordando, imaginando as colocações curtas e grossas que farei a Peeta Mellark na manhã seguinte. Peeta Mellark. Veremos quanta altivez e poder ele possui quando estiver cara a cara com a morte. Ele provavelmente se tornará um desses tributos enfurecidos, do tipo que tenta comer o coração de alguém que acabou de matar. Havia um garoto assim alguns anos atrás. Ele era do Distrito 6 e se chamava Titus. Ficou completamente selvagem, e os Idealizadores dos Jogos tiveram de atordoá-lo com armas elétricas para recolher os corpos dos jogadores que havia matado antes que ele pudesse comê-los. Não há regras na arena, mas canibalismo não cai bem junto ao público da Capital, de modo que a prática precisou ser barrada. Houve alguma especulação a respeito do fato de que a avalanche que finalmente matou Titus teria sido especificamente arquitetada para garantir que o vencedor não fosse um lunático.

Não vejo Peeta de manhã. Cinna aparece antes do dia amanhecer, me entrega uma simples muda de roupa e me conduz até o telhado. Os últimos preparativos, incluindo a arrumação da minha roupa, serão feitos nas catacumbas que ficam abaixo da própria arena. Um aerodeslizador aparece do nada, assim como aquele da floresta no dia em que vi a garota Avox

sendo capturada, e uma escada desliza para baixo. Coloco minhas mãos e pés nos degraus mais baixos e instantaneamente parece que fui congelada. Algum tipo de corrente me mantém grudada à escada enquanto sou erguida em segurança para dentro do veículo.

Fico na expectativa de me soltar da escada, mas ainda estou grudada quando uma mulher com um casaco branco se aproxima carregando uma seringa.

– Isso aqui é seu rastreador, Katniss. Se você ficar bem imóvel eu o injetarei de forma rápida e eficiente – diz ela.

Imóvel? Sou um estátua. Mas isso não me impede de sentir uma picada dolorosa quando a agulha insere o dispositivo metálico em meu antebraço. Agora os Idealizadores dos Jogos sempre poderão rastrear minha posição na arena. Eles não ficariam felizes em perder algum tributo, não é mesmo?

Assim que o rastreador está no lugar, a escada me libera. A mulher desaparece e Cinna é resgatado do telhado. Um garoto Avox surge e nos dirige a uma sala onde o café da manhã está sendo servido. Apesar da tensão no estômago, como o máximo que consigo, embora nenhum item da deleitável refeição me impressione muito. Estou tão nervosa que comeria até poeira de carvão. A única coisa que me distrai é a vista da janela, enquanto voamos por cima da cidade em direção à natureza selvagem. Essa é a visão dos pássaros. Só que eles estão livres e seguros. Exatamente o oposto de mim.

A viagem dura mais ou menos meia hora. Então as janelas escurecem, indicando que estamos nos aproximando da arena. O aerodeslizador aterrissa e Cinna e eu voltamos para a escada, só que dessa vez ela nos conduz a um tubo subterrâneo que nos leva às catacumbas que ficam abaixo da arena. Seguimos instruções até meu destino, uma câmara onde serão feitos meus últimos preparativos. Na Capital, eles chamam o lugar de Sala de Lançamento. Nos distritos, se referem a ela como o Curral. O local onde os animais são mantidos antes de serem abatidos.

Tudo é novíssimo em folha, serei o primeiro tributo a usar essa Sala de Lançamento. As arenas são sítios históricos, preservados após os Jogos. Destinos populares para os visitantes da Capital em férias. Passar um mês, rever os Jogos, passear pelas catacumbas, visitar os locais onde as mortes ocorreram. Você pode até participar das remontagens.

Dizem que a comida é excelente.

Luto para manter o café da manhã no estômago enquanto tomo banho e escovo os dentes. Cinna faz meu cabelo com minha marca registrada: a trança única caindo sobre as costas. Então chegam as roupas, a mesma para todos os tributos. Cinna não deu opinião sobre meu traje – não sabe nem o que encontrará no pacote –, mas me ajuda a vestir a roupa de baixo, as calças marrons de feitio simples, a blusa verde, o cinto marrom robusto e a jaqueta preta com capuz que chega até minhas coxas.

– O material da jaqueta é projetado para refletir o calor do corpo. Pode esperar noites frescas – diz ele.

As botas, que visto sobre meias apertadas, são melhores do que eu poderia imaginar. Couro macio, não muito diferentes das que tenho em casa. Mas as daqui têm uma sola de borracha flexível e proteções do lado. Boas para correr.

Quando penso que a coisa acabou, Cinna puxa do bolso o broche dourado com o pássaro. Tinha esquecido completamente dele.

– Onde você conseguiu isso? – pergunto.

– No traje verde que você usou no trem – diz ele. Agora me lembro do momento em que o retirei do vestido de minha mãe e o prendi à camisa. – É o símbolo do seu distrito, não é? – Eu balanço a cabeça em concordância e ele o prende em minha camisa. – Por pouco ele não passa na vistoria. Algumas pessoas acharam que o broche poderia ser usado como arma, dando a você uma vantagem que seria injusta. Mas, por fim, eles deixaram passar – diz Cinna. – Mas eliminaram um anel daquela garota do Distrito Um. Quando eles giraram a pedra contida na joia, um esporão foi liberado. Venenoso. Ela afirmou que não sabia que o anel se transformava dessa maneira e não havia como provar o contrário. Mas ela perdeu o símbolo. Pronto. Você está toda equipada. Mexa-se um pouco para ter certeza de que está confortável.

Ando, corro em círculo, balanço os braços para cima e para baixo.

– Está ótimo. O tamanho está perfeito.

– Então não há mais nada a fazer a não ser esperar a convocação – diz Cinna. – A menos que você consiga comer um pouco mais. Consegue?

Recuso a comida, mas aceito um copo d'água, que bebo aos pouquinhos enquanto espero no sofá. Não quero roer as unhas ou morder os lábios, então, acabo mastigando a parte interna da bochecha que ainda não sarou completamente das estocadas de alguns dias atrás. Logo o sabor de sangue toma conta da minha boca.

O nervosismo se transforma em terror à medida que começo a prenunciar as coisas que estão por vir. Posso estar morta, completamente morta, daqui a uma hora. Talvez em menos tempo. Meus dedos percorrem obsessivamente o pequeno calombo duro em meu antebraço, no local onde a mulher injetou o dispositivo rastreador. Eu o pressiono, apesar da dor, eu o pressiono com tanta força que um pequeno hematoma começa a se formar.

– Você quer conversar, Katniss? – pergunta Cinna. Balanço a cabeça em negativa, mas depois de um instante estendo a mão para ele. Cinna a envolve com suas duas mãos. E é assim que ficamos sentados, até que uma agradável voz feminina anuncia que está na hora de eu me preparar para o lançamento.

Ainda apertando uma das mãos de Cinna, caminho em direção ao círculo de metal.

– Lembre-se do que Haymitch disse. Corra e encontre água. O resto será consequência – diz ele. Balanço a cabeça em concordância. – E lembre-se disso: não posso apostar, mas se pudesse, minhas fichas iriam todas pra você.

– Verdade? – sussurro.

– Verdade – diz Cinna. Ele se inclina e me beija a testa. – Boa sorte, garota quente. – E então um cilindro de vidro começa a abaixar em torno de mim, interrompendo nosso aperto de mão, separando-o de mim. Ele dá um tapinha com os dedos debaixo do queixo. Cabeça erguida.

Ergo o queixo e fico o mais aprumada possível. O cilindro começa a subir. Por uns quinze segundos, fico em total escuridão. Em seguida, sinto o círculo de metal me empurrando para fora do cilindro, em direção ao ar livre. Por um instante, meus olhos ficam ofuscados pela intensa luz do sol e a única coisa que consigo sentir é um vento forte com o auspicioso aroma de pinheiro.

Então, ouço a voz do lendário locutor, Claudius Templesmith, retumbar ao meu redor.

– Senhoras e senhores, está aberta a septuagésima quarta edição dos Jogos Vorazes!

Sessenta segundos. Esse é o tempo que nos mandam permanecer em nossos círculos de metal até que o som de um gongo nos libere. Pise fora do círculo antes do minuto se encerrar e minas terrestres levarão suas pernas pelos ares. Sessenta segundos para ingressar no ringue de tributos, todos equidistantes da Cornucópia, um chifre dourado gigante no formato de um cone com uma cauda curvada, cuja boca tem pelo menos seis metros de altura e está recheada das coisas que nos manterão vivos nessa arena. Comida, contêineres de água, armas, remédios, equipamentos, fósforos. Espalhados ao redor da Cornucópia encontram-se outros suprimentos, o valor dos quais decresce quanto mais distantes do chifre eles estão. Por exemplo, a apenas alguns passos de meus pés está um pedaço de plástico de dez centímetros quadrados. Certamente ele poderia ser de algum uso num temporal. Mas, lá na boca, estou vendo uma mochila com uma barraca que me protegeria de quase qualquer tipo de intempérie – se eu tivesse coragem de chegar lá e lutar por ela com os outros vinte e três tributos, o que fui instruída a não fazer.

Estamos em uma faixa de terreno aberta e plana. Uma planície de terra batida. Além dos tributos que estão na minha frente não consigo enxergar nada, indicando que ali só pode haver ou um declive bem íngreme ou um penhasco. À minha direita fica um lago. À minha esquerda e atrás de mim, esparsos pinheiros. É para lá que Haymitch mandaria que eu fosse. Imediatamente.

Ouço suas instruções em minha cabeça: “Simplesmente sumam de lá, distanciem-se o máximo que puderem um do outro e dos outros tributos e achem uma fonte de água.”

Mas é tentador, muito tentador, quando vejo o butim que está lá esperando por mim. E sei que se não pegá-lo, outra pessoa o fará. Sei também que os Tributos Carreiristas que sobreviverem ao banho de sangue dividirão entre eles a maior parte do que restar daquilo. Alguma coisa me chama a atenção. Lá, sobre um monte de cobertores, está uma aljava prateada cheia de flechas e um arco, já preparado, somente esperando para ser usado. *É meu*, penso. *Aquilo foi feito para mim.*

Sou veloz. Consigo correr mais rápido do que todas as garotas da escola, embora algumas delas possam me vencer em corridas de longa distância. Mas essa distância de quarenta metros está perfeita para mim. Sei que consigo, que posso chegar lá antes de todos, mas a questão é o quão rapidamente posso fazê-lo. Quando eu tiver escalado as mochilas e agarrado as armas, outros já terão chegado ao chifre. Um ou outro talvez eu consiga abater, mas digamos que seja uma dúzia deles. Daquela distância, poderiam me derrubar com lanças e com porretes. Ou com os próprios punhos poderosos.

Mas ainda assim não serei o único alvo. Aposto que vários outros tributos deixariam passar uma garota menor – mesmo que ela tenha tirado nota onze no treinamento – para se concentrar em abater os adversários mais difíceis.

Haymitch nunca me viu correndo. Se tivesse visto, talvez ele me mandasse ir. Apanhar a arma. Já que essa é exatamente a arma que pode significar minha salvação. E só consigo ver um arco naquela pilha toda. Sei que o minuto já deve estar se esgotando e terei de decidir qual será minha estratégia. Então, posiciono meus pés para correr, não na direção da floresta circunvizinha, mas na direção da pilha, na direção do arco. Subitamente, reparo a presença de Peeta, que está mais ou menos cinco tributos à minha direita, uma distância razoável. Mas, ainda assim, posso ver que está olhando para mim e imagino que talvez esteja balançando a cabeça. Mas o sol está em meus olhos, e, enquanto estou ponderando a situação, o gongo soa.

E eu perdi! Perdi a chance! Pois esses poucos segundos extras que perdi por não estar pronta são suficientes para mudar minha cabeça a respeito de ir. Meus pés dançam por um momento, confusos acerca da direção que meu cérebro quer tomar, e então dou um salto à frente, pego a folha de plástico e um pedaço de pão. O que pego é tão pouco e estou com tanta raiva de Peeta por ter me distraído que dou uma corrida de vinte metros para retirar uma mochila amarela para guardar todas as coisas porque não aguento ir embora dali sem praticamente nada nas mãos.

Um garoto, acho que do Distrito 9, alcança a mochila ao mesmo tempo que eu, e por um curto espaço de tempo nós nos digladiamos pelo objeto até ele começar a tossir, respingando sangue em meu rosto. Dou um passo para trás, enojada pelo jato quente e pegajoso. Então, o garoto desliza para o chão. Só então vejo a faca em suas costas. Outros tributos já alcançaram a

Cornucópia e estão se espalhando para atacar. Sim, a garota do Distrito 2, dez metros adiante, está correndo em minha direção, uma das mãos agarrando meia dúzia de facas. Eu a vi arremessando durante o treinamento. Ela nunca erra. E sou seu próximo alvo.

Todo o medo genérico que eu estava sentindo se condensa em um medo imediato dessa garota, essa predadora que pode me matar em questão de segundos. A adrenalina toma conta de mim, jogo a mochila por cima de um ombro e corro a toda a velocidade em direção à floresta. Posso ouvir a lâmina assoviando atrás de mim e, por puro reflexo, levanto a mochila para proteger minha cabeça. A lâmina se aloja na mochila. Agora, com as duas alças nos ombros, dirijo-me para as árvores. De alguma maneira, sei que a garota não vai me perseguir. Sei que ela vai voltar para a Cornucópia antes que todas as coisas boas tenham sumido. Um risinho me atravessa o rosto. *Obrigada pela faca*, penso.

No limite da floresta, viro-me por um instante para inspecionar o campo. Mais ou menos uns doze tributos estão no chifre, atacando uns aos outros com selvageria no chifre. Vários já estão mortos no chão. Aqueles que fugiram estão desaparecendo nas árvores ou no vazio à minha frente. Continuo correndo até as árvores me esconderem dos outros tributos e então diminuo a velocidade para um ritmo mais estável, que imagino poder manter por um bom tempo. Durante as horas que se seguem, alterno entre a corrida e caminhada, colocando o máximo de distância que posso entre mim e meus competidores. Perdi meu pão durante a luta com o garoto do Distrito 9, mas consegui enfiar meu plástico na manga, de modo que, enquanto caminho, dobro-o com cuidado e o coloco no bolso. Também libero a faca – é um ótimo exemplar com uma lâmina longa e afiada, serrilhada perto do cabo, que será bem útil para serrar alguma coisa – e a deslizo para o cinto. Ainda não ouso parar para examinar o conteúdo da mochila. Continuo andando, parando apenas para verificar se há algum perseguidor por perto.

Posso andar durante um bom tempo. Sei disso devido aos dias que já passei na floresta. Mas vou precisar de água. Essa foi a segunda instrução de Haymitch, e como praticamente arruinei a primeira, mantenho um olhar aguçado atrás de algum sinal de água. Não tenho sorte.

A floresta começa a crescer, e os pinheiros estão misturados a uma variedade de árvores, algumas reconheço, outras são inteiramente estranhas a mim. Em determinado momento, ouço um ruído e puxo a faca, pensando

que talvez tenha de me defender, mas só assustei um coelho. “Bom te ver”, sussurro. Se tem um coelho aqui, pode haver centenas só esperando para cair em alguma arapuca.

Surge um declive. Não me deixa particularmente feliz. Vales me fazem sentir em uma armadilha. Quero estar no alto, como nas colinas em volta do Distrito 12, de onde eu possa ver meus inimigos se aproximando. Mas não tenho alternativa além de seguir em frente.

É engraçado, mas não estou me sentindo muito mal. Todos esses dias me empanturrando valeram a pena. Estou com força suficiente mesmo tendo dormido pouco na noite passada. Estar na floresta é revigorante. Estou contente pela solidão, mesmo sendo uma ilusão, porque provavelmente estou aparecendo na televisão agora mesmo. Não o tempo todo, mas de vez em quando. Há tantas mortes a mostrar no primeiro dia que um tributo andando na floresta não tem nenhuma sedução. Mas eles vão me mostrar o suficiente para que as pessoas saibam que estou viva, inteira e em movimento. A abertura é um dos dias em que as apostas são mais acirradas, quando as primeiras vítimas aparecem. Mas isso não pode ser comparado ao que acontece quando o campo começa a encolher e só restam alguns competidores.

Está anoitecendo quando começo a escutar os canhões. Cada tiro representa um tributo morto. O combate deve ter finalmente cessado na Cornucópia. Eles nunca recolhem os corpos do banho de sangue até que os matadores tenham se dispersado. No dia de abertura, eles nem dão tiros de canhão até que o combate inicial tenha terminado porque é muito difícil acompanhar todas as fatalidades. Eu me permito uma pausa, arquejando, enquanto conto os tiros. Um... dois... três... e assim por diante até atingir onze. Onze mortos no total. Treze permanecem na competição. Minhas unhas raspam o sangue seco que o garoto do Distrito 9 tossiu em meu rosto. Ele se foi, com certeza. Penso em Peeta. Será que ele sobreviveu ao dia? Vou ficar sabendo em poucas horas. Quando eles projetarem as imagens dos mortos no céu para os que sobraram de nós poderem ver.

Subitamente, sou acometida pela perspectiva de que Peeta já pode ter morrido, ter virado um cadáver, sido recolhido e estar sendo transportado de volta à Capital para ser limpo, vestido e enviado em um caixão simples de madeira para o Distrito 12. Não está mais aqui. Está voltando para casa. Tento fortemente me lembrar se o vi logo depois que a ação começou. Mas

a última imagem que consigo vislumbrar em minha mente é Peeta balançando a cabeça quando o gongo começou a soar.

Talvez seja melhor mesmo que já tenha ido. Ele não tinha confiança de que pudesse vencer. E não vou acabar tendo de realizar a desagradável tarefa de matá-lo. Talvez seja melhor que ele já tenha caído fora.

Desabo ao lado da mochila, exausta. De uma forma ou de outra preciso examiná-la antes que anoiteça. Preciso ver quais coisas tenho à minha disposição. Assim que começo a soltar as alças, percebo que o material é resistente, embora a cor seja uma tristeza. Esse laranja vai praticamente brilhar no escuro. Ponho na cabeça que a primeira coisa a fazer amanhã é camuflá-la.

Puxo a aba. O que mais quero nesse momento é água. A orientação que Haymitch forneceu para encontrar água de imediato não foi arbitrária. Eu não vou durar muito sem isso. Por alguns dias serei capaz de funcionar com os desagradáveis sintomas da desidratação, mas depois disso minha situação se deteriorará até o total desamparo, e, no máximo em uma semana, estarei morta. Ponto. Espalho cuidadosamente as provisões. Um saco de dormir fino e preto que reflete o calor do corpo. Um pacote de biscoito. Um pacote de tirinhas de carne seca. Uma garrafa de iodo. Uma caixa de fósforos. Um pequeno rolo de arame. Um par de óculos escuros. E uma garrafa de plástico de um litro com uma tampa para carregar água, mas absolutamente seca.

Nenhuma água. Por que seria tão difícil para eles encher a garrafa? Tomo consciência da secura em minha garganta e boca, as rachaduras em meus lábios. Estive em movimento o dia inteiro. Estava quente e suei bastante. Fico desse jeito na floresta perto de casa, mas sempre tem algum córrego, ou neve para descongelar, que dá conta da situação.

Enquanto recoloco as coisas na mochila um pensamento horrível me acomete. O lago. Aquele que vi enquanto esperava o gongo soar. E se essa for a única fonte de água na arena? Assim eles nos obrigariam a lutar. O lago fica a um dia inteiro de viagem de onde estou agora, uma jornada muito mais difícil sem nada para beber. E mesmo que eu o alcançasse, com certeza ele estaria muito bem vigiado por algum Tributo Carreirista. Estou a ponto de entrar em pânico quando me lembro do coelho que assustei hoje cedo. Ele também precisa beber água. Só preciso descobrir onde.

O crepúsculo já se anuncia e vou ficando inquieta. As árvores são finas demais para garantir um esconderijo. A camada de agulhas de pinheiro que

abafa meus passos também dificulta a procura por animais e preciso de seu rastro para encontrar água. E ainda por cima estou descendo cada vez mais na direção de um vale que parece interminável.

Também estou faminta, mas ainda não ouso atacar meu precioso estoque de biscoito e carne. Ao contrário, pego a faca e começo a trabalhar em um pinheiro, arrancando as cascas externas e raspando uma boa quantidade das cascas internas, mais macias. Mastigo lentamente a coisa enquanto caminho. Após uma semana ingerindo a melhor comida do mundo, é um pouco duro ser obrigada a engolir esse troço. Mas já comi muito pinheiro na minha vida. Vou me adaptar rapidamente.

É certo que terei de achar um local para acampar daqui a uma hora. As criaturas da noite estão começando a aparecer. Posso ouvir de vez em quando um pio ou um uivo, o primeiro indício de que terei de competir com predadores naturais pelos coelhos. Quanto a mim mesma ser considerada uma fonte de alimento, ainda é cedo para dizer. Os mais diversos animais podem estar me espreitando nesse momento.

Mas, nesse exato instante, decido fazer de meus companheiros tributos uma prioridade. Tenho certeza de que muitos deles continuarão caçando noite adentro. Os que lutaram na Cornucópia terão comida, uma abundância de água do lago, lanternas e armas que estão doidos para começar a utilizar. Minha única esperança é ter viajado para bem longe e em tempo hábil para estar fora do alcance deles.

Antes de me assentar, pego o arame e monto duas arapucas numa moita. Sei que é arriscado ficar montando armadilhas, mas a comida vai se esgotar rapidamente por aqui e não posso montar arapucas enquanto estiver me deslocando. Mesmo assim, caminho mais cinco minutos antes de acampar.

Escolho minha árvore com cuidado. Um salgueiro, não extraordinariamente alto, porém posicionado em meio a vários outros salgueiros, oferecendo um bom esconderijo em suas longas ramificações. Escalo a árvore, grudando-me aos galhos mais fortes que estão próximos do tronco, e encontro uma forquilha resistente o suficiente para fazer de cama. Leva algum tempo, mas arrumo o saco de dormir de uma maneira relativamente confortável. Coloco minha mochila aos pés do saco e em seguida deslizo para dentro. Como precaução, removo o cinto, enrolo-o entre um galho e o saco de dormir e prendo-o novamente em minha cintura. Se eu rolar durante o sono não vou cair no chão. Sou suficientemente

pequena para encaixar a extremidade de cima do saco em minha cabeça, mas também coloco o capuz. À medida que anoitece, o ar esfria rapidamente. Apesar do risco que assumi ao pegar a mochila, sei que tomei a decisão correta. Esse saco de dormir, irradiando e preservando o calor do meu corpo, será inestimável. Tenho certeza de que há outros tributos cuja preocupação principal nesse exato momento é arranjar um meio de se manter aquecido, ao passo que posso até me dar ao luxo de dormir algumas horas. Se ao menos eu não estivesse com tanta sede...

Acaba de anoitecer quando ouço o hino que dá prosseguimento à recapitulação dos mortos. Por entre os galhos, consigo ver a insígnia da Capital, que parece flutuar no céu. Na verdade estou vendo uma outra tela, uma enorme, que é transportada por um daqueles aerodeslizadores que somem de repente. O hino vai acabando e o céu escurece por um instante. Em casa, estaríamos assistindo à reportagem completa de todas as mortes, mas imagina-se que isso daria uma vantagem injusta aos tributos que estão vivos. Por exemplo, se pegasse meu arco e acertasse alguém, meu segredo seria revelado a todos. Mas aqui não: na arena, tudo o que vemos são as mesmas fotografias que eles mostraram quando transmitiram as notas de nosso treinamento. Tomadas simples de nossa cabeça. Mas agora, em vez de notas, eles colocam apenas os números dos distritos. Respiro bem fundo enquanto os rostos dos onze tributos mortos aparecem e faço a contagem com meus dedos.

A primeira a aparecer é a garota do Distrito 3. Isso significa que todos os Tributos Carreiristas do 1 e do 2 sobreviveram. Nenhuma surpresa nisso. Então, o garoto do 4 aparece. Esse eu não esperava, normalmente todos os Carreiristas sobrevivem ao primeiro dia. O garoto do Distrito 5... Aposto que a garota com cara de raposa conseguiu. Ambos os tributos do 6 e do 7. O garoto do 8. Os dois do 9. Sim, lá está o garoto que lutou comigo pela mochila. Conto os dedos, só falta um tributo morto. Será Peeta? Não, é a garota do Distrito 10. Fim. A insígnia da Capital retornou com uma fanfarra musical final. Então a escuridão e os sons da floresta retornam.

Estou aliviada por Peeta estar vivo. Penso mais uma vez que se eu for morta, a vitória dele beneficiará significativamente minha mãe e Prim. Isso é o que digo para mim mesma para explicar as emoções conflitantes que afloram quando penso em Peeta. A gratidão por ele ter me dado uma vantagem ao confessar seu amor por mim na entrevista. A raiva por seu ar

de superioridade no telhado. O horror que me traz a possibilidade de termos de ficar frente a frente a qualquer momento nessa arena.

Onze mortos, mas nenhum do Distrito 12. Tento descobrir quem restou. Cinco Tributos Carreiristas. Cara de raposa. Thresh e Rue. Rue... quer dizer então que ela sobreviveu ao primeiro dia, afinal. Não consigo esconder minha felicidade. Com ela, somamos dez. Os outros três eu lembrarei amanhã. Agora que está escuro e estou bem cansada pela jornada e aninhada bem no alto dessa árvore, devo tentar descansar.

Não durmo de fato há dois dias, e também teve a longa viagem até a arena. Lentamente, permito que meus músculos relaxem; que meus olhos se fechem. A última coisa em que penso é que tenho sorte por não roncar...

Clique! O som de um galho se partindo me desperta. Por quanto tempo dormi? Quatro horas? Cinco? A ponta do meu nariz está gelada. *Clique! Clique!* O que está acontecendo? Isso não é o som de um galho sendo pisado, mas o estalido agudo de um som que vem de uma árvore. *Clique! Clique!* Calculo que o barulho venha de centenas de metros à minha direita. Lentamente, silenciosamente, viro-me naquela direção. Por alguns minutos, não há nada além de negritude e algum arrastar de pé. Então vejo uma fagulha e uma pequena fogueira começa a ficar visível. Um par de mãos se aquece sobre as chamas, mas não consigo distinguir muito mais do que isso.

Preciso morder o lábio para não gritar todos os palavrões que conheço para os responsáveis pela fogueira. O que eles estão pensando? Uma fogueira acesa ao anoitecer é uma coisa. Os que lutaram na Cornucópia, com sua força superior e abundância de suprimentos não teriam como estar suficientemente próximos a ponto de avistar as chamas. Mas agora? Quando provavelmente estão vasculhando a floresta há horas em busca de vítimas? Seria melhor desfraldar uma bandeira e gritar: “Venham me pegar!”

E aqui estou eu, à distância de uma pedrada do maior idiota dos Jogos. Amarrada a uma árvore. Sem ousar fugir, pois minha localização acaba de ser transmitida para todos os matadores que tiverem interesse. Enfim, sei que aqui está frio e nem todo mundo possui um saco de dormir. Mas aí você cerra os dentes e aguenta até que amanheça!

Fico espumando de raiva no meu saco pelas horas seguintes, pensando que, se realmente conseguir sair daqui, não vou ter o menor problema em acabar com meu vizinho. Meu instinto me mandou fugir, não lutar. Mas,

obviamente, essa pessoa é um risco. Gente estúpida é perigosa. E esse aqui, provavelmente, não tem arma nenhuma, ao passo que eu possuo essa excelente faca.

O céu ainda está escuro, mas já posso sentir os primeiros sinais da manhã se aproximando. Estou começando a pensar que na verdade nós – estou me referindo à pessoa cuja morte estou agora planejando e eu – talvez nem tenhamos sido notados. Então o escuto. O som de várias pessoas começando a correr. A pessoa que acendeu a fogueira deve ter cochilado. Ela foi alcançada antes que pudesse escapar. Agora sei que é uma garota. Pelas súplicas, pelos berros agonizantes que se seguem. Então, ouço uma gargalhada e congratulações de várias vozes. Alguém dá um grito: "Doze abatidos e onze a caminho!", que recebe uma série de apupos apreciativos.

Então estão lutando em bando. Não estou realmente surpresa. Alianças são frequentemente formadas nos primeiros estágios dos Jogos. Os mais fortes se juntam para caçar os fracos e, quando a tensão atinge proporções insuportáveis, começam a se voltar uns contra os outros. Não preciso me esforçar muito para saber quem fez essa aliança. Só podem ter sido os Tributos Carreiristas dos Distritos 1, 2 e 4. Dois garotos e três garotas. Os que almoçavam juntos.

Por um momento, eu os ouço verificando se a garota não possuía suprimentos. Dá para ver pelos comentários que não encontraram nada de bom. Imagino se a vítima é Rue, mas rapidamente abandono o pensamento. Ela é inteligente demais para fazer uma fogueira dessa maneira.

– Melhor dar o fora, para que eles possam recolher o corpo antes que comece a apodrecer.

Estou quase certa de que esse é o garoto grosseiro do Distrito 2. Há murmúrios de concordância e então, para meu horror, ouço o bando seguir em minha direção. Eles não sabem que estou aqui. Como poderiam? E estou bem escondida no meio dessas árvores. Pelo menos enquanto o sol não nascer. Quando isso acontecer meu saco de dormir preto vai deixar de ser uma camuflagem para se transformar em problema. Se eles continuarem andando, vão passar por mim e estarão distantes em questão de minutos.

Mas os Carreiristas param na clareira mais ou menos a dez metros da minha árvore. Eles têm lanternas, archotes. Consigo ver um braço aqui, uma bota acolá, por entre os galhos. Sou uma pedra, não ouso nem respirar.

Será que me avistaram? Não, ainda não. Dá para saber pelas palavras deles que suas mentes estão em outro lugar.

– A gente já não devia ter ouvido um canhão?

– Eu diria que sim. Não há nenhum empecilho para eles atirarem imediatamente.

– A menos que ela não esteja morta.

– Ela está morta. Eu mesmo acertei ela.

– Então onde está o canhão?

– Alguém devia voltar. Pra ter certeza de que o trabalho foi feito.

– É mesmo, ninguém aqui vai querer caçá-la de novo.

– Eu disse que ela está morta!

Uma discussão tem início e só acaba quando um tributo silencia os outros.

– Nós estamos perdendo tempo! Vou lá terminar o serviço nela e a gente segue caminho!

Quase caio da árvore. A voz é de Peeta.

Graças a Deus tomei a precaução de me prender ao cinto. Rolei para o lado na forquilha e estou encarando o chão, segura pelo cinto, uma das mãos e meus pés estão escarranchados dentro do saco de dormir, que está atado ao tronco. Deve ter havido algum barulho de folhas quando tombei para o lado, mas os Carreiristas estavam muito envolvidos em sua própria discussão para prestar atenção nisso.

– Vai lá então, Conquistador – diz o garoto do Distrito 2. – Veja você mesmo.

Só consigo vislumbrar Peeta – iluminado por um archote – voltando para onde estava a garota da fogueira. Seu rosto está inchado e cheio de hematomas. Há um curativo ensanguentado em um dos braços e, pelo som de sua andada, vejo que ele também está mancando. Eu me lembro dele balançando a cabeça, me dizendo para não entrar na briga para pegar suprimentos. Mas na verdade ele próprio planejara se lançar no meio do furacão. Exatamente o oposto do que Haymitch o orientara a fazer.

Tudo bem, vou dar uma aliviada. Ver todos aqueles suprimentos foi tentador. Mas isso aqui... isso aqui é bem diferente. Juntar-se ao bando de chacais dos Carreiristas para caçar o resto de nós... Ninguém do Distrito 12 jamais pensaria em fazer algo assim! Os tributos Carreiristas são demasiadamente perversos, arrogantes, mais bem alimentados, mas apenas porque são os cachorrinhos de estimação da Capital. Universal e solidamente odiados por todos, exceto os residentes de seus próprios distritos. Posso imaginar as coisas que estão dizendo sobre ele em nosso distrito nesse exato momento. E Peeta teve o desplante de falar comigo sobre desonra?

Obviamente, o nobre garoto no telhado estava fazendo mais um de seus joguinhos comigo. Mas esse será o último. Vou vigiar ansiosamente os céus noturnos em busca de sinais de sua morte. Isso se eu mesma não o matar antes.

Os Carreiristas ficam em silêncio até terem certeza de que não podem mais ser ouvidos e então abafam as vozes.

– Por que a gente não mata ele agora e acaba logo com isso?

– Vamos continuar com ele. Qual é o perigo? E ainda por cima, ele é bom com aquela faca.

É mesmo? Isso é novidade para mim. Quantas coisas interessantes estou aprendendo hoje sobre meu amigo Peeta.

– Além disso, ele representa nossa principal chance de encontrar a garota.

Levo um instante para perceber que a "garota" à qual eles estão se referindo sou eu.

– Por quê? Você acha que ela comprou aquela historinha romântica?

– Talvez sim. A coisa toda pareceu muito simplória pra mim. Sempre que penso nela rodopiando naquele vestido sinto vontade de vomitar.

– Gostaria de saber como foi que ela conseguiu aquela nota 11.

– Aposto que o Conquistador sabe.

O som de Peeta voltando os silencia.

– Ela estava morta? – pergunta o garoto do Distrito 2.

– Não. Mas agora está – diz Peeta. Só então ouvimos o tiro do canhão. – Vamos indo?

O bando de Carreiristas parte assim que surgem os primeiros raios da manhã e o canto dos pássaros preenche o ar. Permaneço em minha posição esquisita por mais algum tempo, os músculos tremendo, e então retorno ao meu galho. Preciso descer, seguir caminho, mas por um momento fico lá parada, digerindo o que acabei de ouvir. Não apenas Peeta está com os Carreiristas, como também os está auxiliando em minha caçada. A garota simplória que precisa ser levada a sério por causa de sua nota onze. A que sabe usar arco e flecha. E que Peeta conhece melhor do que ninguém.

Mas ele ainda não contou para eles. Será que está guardando essa informação porque sabe que isso é tudo o que o mantém vivo? Será que ele ainda está fingindo me amar para o público? O que estará acontecendo em sua cabeça?

De repente, os pássaros ficam em silêncio. Um deles emite um sinal agudo. Uma única nota. Como a que Gale e eu ouvimos quando a garota ruiva Avox foi capturada. Bem acima da fogueira moribunda, um aerodeslizador se materializa. Um conjunto de grandes dentes de metal é abaixado. Lentamente, delicadamente, a garota morta é erguida até o veículo. Então desaparece. Os pássaros voltam a cantar.

"Mexa-se", sussurro. Escorrego para fora de meu saco de dormir, enrolo-o e o coloco na mochila. Respiro fundo. Enquanto estive oculta pela

escuridão, pelo saco de dormir e pelas folhas do salgueiro, deve ter sido difícil para as câmeras obterem uma boa tomada minha. Mas sei que devem estar me rastreando nesse exato instante. Assim que eu pisar no chão, com certeza elas me pegarão em close.

A audiência deve ter ficado enlouquecida, sabendo que eu estava nas árvores, que ouvi a conversa dos Carreiristas, que descobri que Peeta estava com eles. Até planejar exatamente como trabalhar tudo isso, é melhor eu me manter acima dos fatos. Sem me mostrar perplexa e, certamente, sem me mostrar confusa ou assustada.

Não, eu preciso mirar um passo à frente do jogo.

Então, quando deslizo pela folhagem em direção à luz da manhã, faço uma pequena pausa, dando tempo para que as câmeras me enquadrem. Em seguida, empino levemente a cabeça para o lado e sorrio deliberadamente. Pronto! Vamos deixar eles descobrirem o que isso significa!

Estou a ponto de partir quando lembro das arapucas. Talvez seja imprudente verificá-las com os outros tributos tão próximos. Mas eu preciso. Muitos anos de caçadas, acho que esse é o motivo. E o atrativo da carne. Fui recompensada com um coelho. Em questão de segundos, limpo e eviscero o animal, deixando a cabeça, os pés, o rabo, a pele e os miúdos debaixo de uma pilha de folhas. Estou sonhando com uma fogueira – comer coelho cru pode transmitir tularemia, uma lição que aprendi da pior maneira –, quando penso na garota que morreu. Corro de volta ao acampamento dela. Com toda certeza os carvões da fogueira ainda estão quentes. Corto o coelho, improviso um espeto com alguns gravetos e os coloco sobre os carvões.

Agora estou contente pela presença das câmeras. Quero que os patrocinadores vejam que sei caçar, que sou uma boa aposta porque não serei atraída a armadilhas tão facilmente quanto os outros que estão famintos. Enquanto o coelho está assando, trituro um pedaço de galho carbonizado e começo a camuflar minha mochila laranja. A raspa preta diminui um pouco a intensidade do laranja, mas acho que uma camada de lama ajudaria muito mais. É claro que, para haver lama, eu teria de ter água...

Pego meus equipamentos, agarro o espeto, chuto um pouco de terra sobre os carvões e parto na direção oposta à que foi tomada pelos Carreiristas. Como metade do coelho no caminho e envolvo o que resta em meu plástico para comer mais tarde. A carne interrompe os resmungos de

meu estômago, mas faz pouco para saciar a minha sede. Água é minha prioridade máxima a partir de agora.

À medida que caminho, tenho certeza de que ainda estou sendo focalizada pelas câmeras da Capital, então tomo cuidado para esconder as emoções. Como Claudius Templesmith deve estar se divertindo com os comentaristas convidados, dissecando o comportamento de Peeta, minha reação. Como interpretar tudo isso? Será que Peeta revelou sua verdadeira índole? Como isso afeta as apostas? Perderemos patrocinadores? Será que temos *mesmo* patrocinadores? Sim, tenho certeza de que temos, ou pelo menos tínhamos.

Certamente Peeta desfigurou a dinâmica de nosso amor desafortunado. Ou será que não? Como ele não tem falado muito em mim, de repente ainda possamos explorar a coisa por mais algum tempo. Talvez as pessoas pensem que a coisa toda foi tramada por nós dois se eu começar a demonstrar que estou me divertindo com a situação.

O sol nasce no céu, e mesmo por entre o dossel, parece brilhar intensamente. Passo um pouco da gordura do coelho nos lábios e tento não ficar ofegante, mas é inútil. Estamos apenas no primeiro dia e já estou desidratando com rapidez. Tento pensar em tudo que sei a respeito de como encontrar água. Ela desce pelas montanhas, então, na verdade, não é uma má ideia continuar descendo esse vale. Se ao menos eu pudesse localizar o rastro de algum animal ou avistar alguma vegetação particularmente rica, talvez isso me ajudasse. Mas nada parece mudar. É sempre o mesmo declive gradual, os pássaros, as mesmas árvores.

À medida que o dia passa, sei que estou fadada a ter problemas. A pouca urina que consegui produzir está com a coloração escura, minha cabeça está doendo, e há um pedaço da minha língua com uma secura que não passa. O sol castiga meus olhos, de modo que pego os óculos escuros, mas, quando os coloco, alguma coisa engraçada acontece com a minha visão. Então, simplesmente jogo-os de volta à mochila.

Só consigo encontrar ajuda no fim da tarde. Avisto um aglomerado de arbustos de amoras e saio correndo para colher a fruta, para sugar o suco adocicado de sua polpa. Mas assim que encosto a fruta em meus lábios, olho fixamente para elas. O que eu imaginava que fosse uma amora possui um formato levemente diferente, e quando abro uma delas o interior é da cor de sangue. Não reconheço essas amoras – pode ser que elas sejam comestíveis –, mas para mim isso deve ser algum truque maligno dos

Idealizadores dos Jogos. Até a instrutora de plantas do Centro de Treinamento fez questão de nos alertar para que evitássemos amoras, a menos que tivéssemos cem por cento de certeza de que elas não eram tóxicas. Coisa que eu já sabia, mas estou com tanta sede que preciso me lembrar do aviso dela para ter coragem de jogar as frutas fora.

A fadiga está começando a tomar conta de mim, mas não é o cansaço habitual que se segue a uma longa caminhada. Preciso parar e descansar com uma certa frequência, embora saiba que a única cura para meus sofrimentos resida em continuar a busca. Tento uma nova tática: escalar a árvore mais alta que conseguir em meu estado de fraqueza para procurar algum sinal de água. Mas em todas as direções, só há a mesma faixa implacável de floresta.

Determinada a continuar até o cair da noite, ando até começar a tropeçar nos próprios pés.

Exausta, subo em uma árvore e me prendo com o cinto. Não tenho apetite, mas sugo um osso de coelho só para dar alguma função à boca. Cai a noite, o hino toca, e, no alto do céu, vejo a foto da garota que, aparentemente, era do Distrito 8. A que Peeta voltou para terminar de matar.

O medo que sinto do bando dos Carreiristas nem se compara à sede que me queima a garganta. Além disso, eles estavam seguindo na direção oposta à minha e, a essa altura, também já devem estar sendo obrigados a parar para descansar. Com a escassez de água, talvez eles tenham até retornado ao lago para se reabastecer.

Talvez esse seja o único destino para mim também.

A manhã traz aflição. Minha cabeça lateja no ritmo do coração. Os mais simples movimentos proporcionam golpes dolorosos em minhas juntas. Em vez de pular, caio da árvore. Levo vários minutos para juntar todo o equipamento. Algo dentro de mim me diz que estou cometendo um erro. Eu deveria estar agindo com mais cautela, me movimentando com mais urgência. Mas minha mente parece enevoada, e fazer um planejamento é muito difícil. Eu me recosto no tronco da árvore, um dedo escrupulosamente inspecionando a superfície ressecada de minha língua, enquanto avalio minhas opções. Como vou conseguir água?

Retornar ao lago. Nada bom. Jamais conseguiria.

Esperar que chova. Não há nenhuma nuvem no céu.

Continuar procurando. Sim, essa é minha única chance. Então, outra ideia me passa pela cabeça, e o acesso de raiva que se segue me traz de volta ao real.

Haymitch! Ele poderia me enviar água! Apertar o botão e mandar de paraquedas para mim em questão de segundos. Sei que devo ter patrocinadores, pelo menos um ou dois, que poderiam me mandar um litro do líquido para mim. Sim, custa caro, mas essa gente é cheia de dinheiro. E eles também vão estar apostando em mim. Talvez Haymitch não esteja se dando conta do quanto estou necessitada.

Digo com a voz mais alta que consigo.

– Água.

Espero, toda esperançosa, um paraquedas descer do céu. Mas nada aparece.

Tem alguma coisa errada. Será que estou delirando a respeito de possuir algum patrocinador? Ou será que o comportamento de Peeta fez com que todos pensassem duas vezes? Não, não acredito nisso. Tem alguém lá fora que deseja comprar água para mim, só que Haymitch está se recusando a deixar que isso se realize. Como meu mentor, ele é o responsável pelo controle do fluxo de dádivas provenientes dos patrocinadores. Sei que ele me odeia. Ele deixou isso bem claro. Mas claro o suficiente a ponto de me deixar morrer? De sede? Ele não pode fazer uma coisa dessas, pode? Se um mentor tratar mal seus tributos, ele será responsabilizado pelos telespectadores, pela população do Distrito 12. Nem mesmo Haymitch se arriscaria a isso, não é mesmo? Diga o que quiser sobre meus companheiros de comércio no Prego, mas duvido muito que eles o recebessem de braços abertos se ele me deixasse morrer dessa forma. E aí onde é que ele ia conseguir a bebida dele? E... e então? Será que ele está tentando me fazer sofrer porque o desafiei? Será que está direcionando todos os patrocinadores para Peeta? Será que está simplesmente bêbado demais para ao menos notar o que está acontecendo neste exato momento? Alguma coisa me diz que isso não é verdade, e também não acredito que ele esteja tentando me matar por pura negligência. Na verdade, ele tem tentado – do seu jeito pessoal desagradável – me preparar para tudo isso de modo bastante sincero. Então, o que será que está acontecendo?

Enterro o rosto em minhas mãos. Não há risco de lágrimas agora. Não conseguiria produzir alguma sequer para salvar minha vida. O que Haymitch está fazendo? Apesar da minha raiva, do meu ódio e da minha

suspeita, uma voz fininha lá no fundo da minha cabeça sussurra uma resposta.

Talvez ele esteja te enviando uma mensagem, diz a voz. Uma mensagem. Dizendo o quê? Então, descubro. Só pode haver um motivo para Haymitch estar se recusando a me fornecer água. Porque ele sabe que estou prestes a achar o que estou procurando.

Cerro os dentes e me levanto. Minha mochila parece ter triplicado de peso. Encontro um galho quebrado que vai servir de bengala e me ponho a caminho. O sol está forte, e queimando muito mais do que nos primeiros dois dias. Estou me sentindo como um velho pedaço de couro, seco e quebradiço devido ao calor. Cada passo é um esforço, mas me recuso a parar. Eu me recuso a me sentar. Se me sentar, há uma boa chance de não conseguir mais me levantar, de não conseguir mais me lembrar de qual é a minha tarefa.

Que presa fácil eu sou! Qualquer tributo, até mesmo a pequenina Rue, poderia me derrubar agora. Bastaria me empurrar e me matar com minha própria faca. Eu teria poucas forças para resistir. Mas se tem alguém no lado da floresta em que me encontro, está me ignorando. A verdade é que estou me sentindo a um milhão de quilômetros do ser vivo mais próximo.

Mas não sozinha. Não, certamente deve haver alguma câmera me rastreando agora. Lembro-me dos anos em que eu ficava assistindo aos tributos famintos, congelados, ensanguentados e desidratados até a morte. Só não estarei sendo transmitida se estiver realmente acontecendo uma boa luta em algum lugar.

Meus pensamentos se voltam para Prim. Provavelmente, ela não estará me assistindo ao vivo, mas eles mostrarão os últimos acontecimentos na escola durante o almoço. Por causa dela, tento parecer o menos desesperada possível.

Porém, à tarde, já estou certa de que o fim está próximo. Minhas pernas estão trêmulas e meu coração está acelerado demais. Estou toda hora esquecendo o que estou fazendo exatamente. Tropecei repetidamente e consegui me levantar, mas, quando o bastão escorrega, finalmente caio no chão e não consigo me levantar. Mantenho os olhos fechados.

Interpretei Haymitch equivocadamente. Ele não tem nenhuma intenção de me ajudar.

Está tudo bem, penso. *Não está tão ruim aqui*. O ar está menos quente, o que significa que a noite está se aproximando. Há um aroma levemente

doce que me faz lembrar lírios. Meus dedos penetram o chão macio, deslizando com facilidade pela superfície. *Esse é um bom lugar para morrer*.

As pontas de meus dedos fazem pequenos desenhos espiralados na terra fresca e escorregadia. *Eu adoro lama,* eu penso. Quantas vezes já não cacei animais com a ajuda desse tipo de superfície macia e agradável? Boa para picadas de abelha também. Lama. Lama. Lama! Meus olhos se arregalam e enterro os dedos na terra. É lama! Meu nariz se empina no ar. E essas flores aqui são lírios d'água!

Agora começo a rastejar na lama, me arrastando na direção do cheiro. Cinco metros de onde caí, rastejo por um aglomerado de plantas até uma fonte. Flutuando na superfície, amarelos e em plena florescência, estão meus belos lírios.

Faço um imenso esforço para não mergulhar meu rosto na água e engolir o quanto posso. Mas ainda me resta um pouco de sensatez para me controlar. Com as mãos trêmulas, pego o frasco e encho de água. Acrescento o número certo de gotas de iodo – de acordo com minha lembrança – para purificá-la. A meia hora de espera é pura agonia, mas consigo. Pelo menos, meia hora é o tempo que lembro, mas certamente é o tempo que posso aguentar.

Lentamente, com calma agora, digo a mim mesma. Tomo um gole e me obrigo a esperar. Então tomo outro. Durante as duas horas seguintes, bebo a garrafa inteira. Depois mais outra. Preparo uma outra antes de me retirar para uma árvore onde continuo bebericando, comendo coelho e até mesmo me deliciando com meus preciosos biscoitos. Quando o hino começa a tocar, já estou me sentindo extraordinariamente bem. Não há rostos esta noite, nenhum tributo morreu hoje. Amanhã vou ficar aqui, descansando, camuflando minha mochila com lama, pescando alguns daqueles peixinhos que vi na fonte, colhendo as raízes dos lírios para fazer uma boa refeição. Entro no saco de dormir e fico segurando minha garrafa d'água como se fosse minha vida. O que, na verdade, é.

Algumas horas mais tarde, um barulho de pessoas correndo interrompe meu cochilo. Olho ao redor, embasbacada. Ainda não amanheceu, mas meu olhar penetrante consegue enxergar.

Seria difícil não perceber a parede de fogo vindo na minha direção.

Meu primeiro impulso é saltar da árvore, mas estou presa pelo cinto. Não sei como, mas meus dedos conseguem soltar a fivela e caio no chão, ainda dentro do saco de dormir. Não há tempo para empacotar coisa alguma. Felizmente, minha mochila e a garrafa d'água já estão no saco. Empurro o cinto, coloco a mochila no ombro e fujo.

O mundo se transformou em chamas e fumaça. Galhos queimados se soltam das árvores e caem perto de mim em torrentes de fagulhas. A única coisa que posso fazer é seguir os outros, os coelhos e os cervos, e ainda consigo avistar uma matilha de cães selvagens atravessando a floresta. Confio em seu senso de direção porque seus instintos são mais aguçados do que os meus. Mas eles são bem mais rápidos – voando sobre a vegetação rasteira com tanta desenvoltura ao passo que minhas botas tropeçam em raízes e galhos caídos – que não há nenhuma possibilidade de acompanhá-los.

O calor está horrível, mas pior do que isso é a fumaça, que ameaça me sufocar a qualquer momento. Puxo a parte de cima da minha camisa – grata por encontrá-la encharcada de suor, garantindo uma proteção a mais – e cubro o nariz. E corro – engasgada, meu saco de dormir balançando em minhas costas, meu rosto cortado pelos galhos que se materializam na névoa cinzenta sem nenhum aviso – porque sei que devo correr.

O que está acontecendo não é resultado da fogueira de algum tributo que escapou ao controle, não é uma ocorrência ocasional. As chamas que me perseguem possuem uma altura descomunal, uma uniformidade que as caracteriza como algo produzido por seres humanos, por máquinas, por Idealizadores dos Jogos. Estava tudo muito quieto hoje. Nenhuma morte, talvez nenhuma luta. O público na Capital vai ficar entediado, afirmando que a edição deste ano dos Jogos está ficando uma chatice. Essa é a única coisa que os Jogos não podem ser.

Não é difícil seguir o raciocínio dos Idealizadores. Há o bando de Carreiristas e o resto de nós, provavelmente espalhados por todos os cantos da arena. Esse incêndio tem a intenção de nos tirar do esconderijo, de nos

reunir. Talvez não seja o dispositivo mais original que eu já tenha visto, mas é muito, muito efetivo mesmo.

Salto sobre um pedaço de madeira em chamas, mas o movimento não é perfeito. A parte traseira da minha jaqueta pega fogo e tenho de parar para rasgá-la e apagar o fogo. Mas não ouso abandoná-la. Mesmo calcinada como está, corro o risco de enfiá-la no saco de dormir, na esperança de que a ausência de ar acabe com o que não consegui extinguir. Tudo o que possuo está nas minhas costas, e é muito pouca coisa para garantir a sobrevivência de alguém.

Em questão de minutos, minha garganta e meu nariz estão queimando. A tosse começa logo em seguida e meus pulmões começam a me dar a sensação de que estão sendo cozidos. O desconforto se transforma em angústia até que cada inalação de ar proporciona uma dor excruciante em meu peito. Consigo me abrigar embaixo de um afloramento de pedra no exato momento em que o vômito começa, e lá se vai minha frugal ceia e toda a água que estava em meu estômago. De quatro, vomito até que não haja mais nada para sair.

Sei que tenho de continuar andando, mas agora estou trêmula e tonta, arquejando em busca de ar. Permito que uma colherada de água umidifique um pouco minha boca e depois cuspo. Em seguida, tomo alguns goles da garrafa. *Você dispõe de um minuto,* penso. *Um minuto para descansar.* Uso o tempo para reordenar meus suprimentos, dobrar o saco de dormir e enfiar tudo de maneira bagunçada dentro da mochila. Meu minuto acabou. Sei que está na hora de ir embora, mas a fumaça enevoou meus pensamentos. Os animais de patas ágeis que funcionavam como bússola para mim me deixaram para trás. Sei que jamais pisei nessa parte da floresta. Não havia nenhuma pedra do tamanho dessa que está me abrigando em minhas viagens anteriores. Para onde os Idealizadores dos Jogos estão me levando? De volta ao lago? Para um território totalmente novo cheio de novos perigos? Tinha acabado de encontrar algumas poucas horas de paz naquela fonte quando esse ataque teve início. Será que haveria alguma maneira de eu viajar paralela ao fogo e assim voltar para onde estava? Para aquela fonte de água? A parede de fogo deve ter um fim. O fogo não vai queimar eternamente. Não porque os Idealizadores dos Jogos não teriam como manter a combustão, mas porque, como eu disse antes, isso poderia incitar acusações de tédio por parte do público. Se eu pudesse voltar para trás da parede de fogo, poderia evitar o encontro com os Carreiristas. Eu tinha

acabado de tomar a decisão de tentar retornar dando voltas em torno do fogo – embora isso requeresse me afastar quilômetros do inferno e depois uma rota de volta cheia de zigue-zagues – quando a primeira bola de fogo explode na pedra a mais ou menos meio metro da minha cabeça. Escapo às pressas da saliência, fortificada pelo medo renovado.

O jogo deu uma virada. A única finalidade do incêndio foi nos obrigar a realizar um deslocamento. Agora o público vai poder se divertir de verdade. Quando ouço de novo o ruído, fico grudada ao chão, sem perder tempo em olhar. A bola de fogo atinge a árvore à minha esquerda, envolvendo-a em chamas. Permanecer imóvel significa morrer. Ainda nem estou totalmente de pé quando a terceira bola de fogo atinge o chão onde eu estava deitada, lançando uma pilha de fogo atrás de mim. Enquanto tento freneticamente desviar dos ataques o tempo perde o significado. Não consigo ver de onde as bolas são lançadas, mas elas não vêm de um aerodeslizador. Os ângulos não são compatíveis. Provavelmente, todo esse segmento da floresta foi armado com disparadores de precisão escondidos nas árvores ou nas rochas. Em algum lugar, em alguma sala fria e imaculada, um Idealizador está sentado em frente a um painel de controle, os dedos no gatilho que poderia acabar com a minha vida em um segundo. Tudo o que ele precisa é acertar o alvo.

Seja lá qual tenha sido o plano vago que eu traçara para retornar à minha fonte, está apagado de minha mente enquanto corro em zigue-zague, e mergulho, e pulo para evitar as bolas de fogo. Cada uma tem o tamanho de uma maçã, mas alcança um poder tremendo no instante do contato. Todos os meus sentidos estão canalizados para a necessidade de sobreviver. Não há tempo para julgar se o movimento é correto. Quando ouço o ruído, entro em ação ou morro.

Mas alguma coisa está me mantendo em movimento. Toda uma vida assistindo aos Jogos Vorazes me permite saber que determinadas áreas da arena são aparelhadas para certos tipos de ataques. E que se eu conseguir simplesmente me afastar dessa área, talvez possa sair do alcance dos disparadores. Também arrisco cair diretamente em um fosso cheio de víboras, mas não tenho como me preocupar com isso agora.

O tempo que passo lutando para me desviar das bolas de fogo eu não saberia dizer, mas os ataques finalmente começam a diminuir. O que é bom, porque estou vomitando novamente. Dessa vez é uma substância ácida que escalda minha garganta e chega até o nariz. Sou forçada a parar

enquanto meu corpo entra em convulsão, tentando desesperadamente se livrar das toxinas que aspirei durante o ataque. Espero o ruído da próxima bola, o sinal da próxima explosão. Não acontece nada. A força que fiz para vomitar me deixou lágrimas nos olhos. Minhas roupas estão encharcadas de suor. De algum modo, em meio à fumaça e ao vômito, sinto cheiro de cabelo chamuscado. Minha mão mexe em minha trança e descobre que uma bola de fogo queimou pelo menos quinze centímetros dela. Fios de cabelo enegrecido pelo fogo se quebram em meus dedos. Olho para eles, fascinada pela transformação, quando o ruído reaparece.

Meus músculos reagem, só que não de maneira suficientemente rápida dessa vez. A bola de fogo se espatifa no chão ao meu lado, mas não antes de atingir minha panturrilha esquerda. A visão de minha perna queimando me tira do sério. Eu me contorço e me debato com os pés e as mãos, berrando, tentando me salvar do horror. Quando, por fim, recupero um pouco o bom-senso, rolo a perna para a frente e para trás no chão, o que apaga a pior parte. Mas aí, sem pensar, rasgo o tecido restante com minhas próprias mãos.

Eu me sento no chão, alguns metros distante do local onde a bola de fogo explodiu. Minha panturrilha está protestando, minhas mãos estão cobertas de vergões avermelhados. Estou trêmula demais para me mover. Se os Idealizadores dos Jogos estão dispostos a acabar comigo, a hora é essa.

Ouço a voz de Cinna, portando imagens de tecidos suntuosos e joias resplandecentes. “Katniss, a garota quente.” Que boas risadas os Idealizadores dos Jogos devem estar dando com tudo isso. Talvez os belos trajes de Cinna também tivessem causado essa particular tortura a mim. Sei que ele não poderia ter previsto que o resultado seria tão doloroso porque, na verdade, acredito que ele goste de mim. Mas apesar de tudo isso, quem sabe aparecer completamente nua naquela carruagem não tivesse sido mais seguro.

O ataque finalmente acabou. Os Idealizadores dos Jogos não querem me ver morta. Pelo menos, ainda não. Todos sabem que eles podem nos destruir segundos após o gongo soar. O verdadeiro esporte dos Jogos Vorazes é assistir aos tributos matando uns aos outros. Vez por outra, matam algum tributo só para lembrar os competidores de que eles têm esse poder. Porém, quase sempre, eles nos manipulam para que nos enfrentemos

cara a cara. O que significa que, se não estou mais sendo alvejada, deve haver algum outro tributo nas proximidades.

Eu me arrastaria até alguma árvore e me esconderia agora mesmo se pudesse, mas a fumaça ainda está espessa o suficiente para me matar. Obrigo-me a ficar de pé e a começar a mancar para longe da parede de chamas que ilumina o céu. Ela não parece mais estar me perseguindo, exceto pelas malcheirosas nuvens negras.

Uma outra luz, a do dia, começa a emergir suavemente. Fios de fumaça escurecem os raios de sol. Minha visibilidade é precária. Consigo ver, talvez, no máximo quinze metros em cada direção. Um tributo poderia estar facilmente oculto aqui, sem que eu o percebesse. Deveria pegar minha faca como precaução, mas não confio em minha habilidade para segurá-la por muito tempo. A dor em minhas mãos não pode de maneira alguma ser comparada à que sinto na panturrilha. Eu odeio queimaduras, sempre as odiei, até mesmo uma sem muita importância, como ao puxar uma bandeja de pão do forno. É o pior tipo de dor, na minha opinião, mas nunca experimentei algo parecido.

Estou tão exausta que nem noto que estou imersa na fonte até o tornozelo. A água, que vem borbulhando de uma rachadura em algumas rochas, é deliciosamente fria. Mergulho minhas mãos e sinto um alívio imediato. Não é isso que a minha mãe sempre diz? O primeiro tratamento para queimadura não é água fria? Ela não leva embora o calor? Mas ela se refere a queimaduras menores. Provavelmente, recomendaria isso para minhas mãos. Mas e quanto à panturrilha? Embora não tenha tido coragem de examiná-la, estou apostando que é um ferimento com características completamente diferentes.

Deito de bruços na borda da piscina natural por um tempo, mexendo as mãos na água, examinando as pequenas chamas em minhas unhas, que estão começando a descascar. Bom. Meu contato com fogo já foi suficiente para uma vida inteira.

Limpo o sangue e as cinzas do rosto. Tento lembrar tudo o que sei a respeito de queimaduras. São ferimentos comuns na Costura, onde cozinhamos e aquecemos nossas casas com carvão. Também há os acidentes nas minas... Uma vez uma família trouxe um jovem inconsciente lá para casa, implorando para que minha mãe o ajudasse. O médico do Distrito que é responsável pelo tratamento dos mineiros já o havia desenganado. Mandara a família levá-lo para que morresse em casa. Mas

eles não aceitavam isso. Ele estava deitado em nossa mesa da cozinha, insensível a tudo que o cercava. Dei uma olhadinha no ferimento em sua coxa – escancarado, a carne calcinada, visivelmente queimada até o osso – antes de sair de casa correndo. Fui para a floresta e cacei o dia inteiro, assustada com o aspecto aterrorizante daquela perna, lembranças da morte de meu pai. O mais engraçado é que Prim, que tem medo até da própria sombra, ficou lá e ajudou. Minha mãe diz que o dom da cura nasce com a pessoa, não se adquire. Elas fizeram o melhor que puderam, mas o homem morreu, exatamente como o médico dissera.

Minha perna precisa de atenção, mas ainda não consigo olhar para ela. E se a queimadura for tão feia quanto a do homem e o osso estiver visível? Então me lembro de minha mãe dizendo que se uma queimadura é grave, a vítima pode nem sentir dor porque os nervos foram destruídos. Incentivada por essa lembrança, sento-me e balanço a perna.

Quase desmaio diante da visão de minha panturrilha. A carne está bem vermelha e coberta de bolhas. Eu me forço a respirar lenta e profundamente, com a certeza quase absoluta de que as câmeras estão centradas em meu rosto. Não posso demonstrar fraqueza com esse ferimento. Principalmente se preciso de ajuda. Pena não traz ajuda alguma. Já admiração diante de sua recusa em se entregar pode trazer. Corto o que resta da calça até o joelho e examino o machucado mais detidamente. A área queimada é mais ou menos do tamanho da minha mão. Nenhuma parte da pele está preta. Acho que não está tão ruim a ponto de não poder molhar. Cautelosamente, estico minha perna em direção à piscina, colocando o salto da bota em cima de uma rocha para que o couro não fique muito encharcado, e suspiro, porque o alívio é imediato. Sei que existem ervas – se eu pudesse encontrá-las – que acelerariam o processo de cura, mas elas não me vêm à mente. Água e tempo, provavelmente, serão os únicos meios com os quais poderei contar.

Será que eu deveria voltar a andar? A fumaça está lentamente desaparecendo, mas ainda está pesada demais para ser saudável. Se continuar me distanciando do fogo, não estarei caminhando diretamente para as armas dos Carreiristas? Além disso, sempre que tiro a perna da água, a dor retorna tão intensamente que tenho de afundá-la novamente. Minhas mãos demandam um pouco menos. Elas conseguem aguentar pequenos intervalos fora da água. Então, lentamente coloco meu equipamento de volta no lugar. Primeiro encho a garrafa com a água da

fonte, purifico-a, e, após esperar o tempo necessário, começo a hidratar novamente o corpo. Depois de um tempo, obrigo-me a mastigar um biscoito, o que ajuda a tranquilizar meu estômago. Enrolo meu saco de dormir. Exceto por algumas marcas pretas, ele está relativamente sem danos. Minha jaqueta é outra história. Fedida e queimada, e com uma boa parte das costas arruinada. Corto a área destruída e fico com um utensílio que vai até as costelas. Mas o capuz está intacto e é bem melhor do que nada.

Apesar da dor, a letargia começa a aparecer. Iria até uma árvore e tentaria descansar, só que eu seria um alvo muito fácil. Além disso, abandonar minha fonte parece impossível. Arrumo com esmero os suprimentos, coloco até a mochila nos ombros, mas nada parece indicar que vou partir. Avisto algumas plantas aquáticas com raízes comestíveis e preparo uma pequena refeição com meu último pedaço de coelho. Bebo um pouco da água. Observo o sol arquear-se lentamente no céu. Que lugar seria mais seguro do que aqui, afinal? Eu me recosto na mochila, acometida pela letargia. *Se os Carreiristas me querem, que eles me encontrem, então,* penso antes de entrar em estado de completo estupor. *Que eles me encontrem.*

E é exatamente o que eles fazem. Por sorte, estou pronta para partir, porque quando ouço os passos, disponho de menos de um minuto para fugir. Está anoitecendo. Assim que desperto, já me levanto e começo a correr, chafurdando na fonte, voando na direção da vegetação rasteira. Minha perna me torna mais lenta, mas também sinto que meus perseguidores não são mais tão velozes quanto eram antes do incêndio. Ouço tosses, as vozes roucas chamando uns aos outros.

Mas, ainda assim, estão se aproximando, como uma matilha de cães selvagens. Então, faço o que sempre fiz em tais circunstâncias. Escolho uma árvore bem alta e começo a escalá-la. Se correr é doloroso, escalar é agonizante porque requer não apenas esforço físico como também um contato direto de minhas mãos com as cascas da árvore. Mas sou rápida, e quando eles alcançam a base da minha árvore, já estou seis metros acima. Por um momento, paramos e nos avaliamos mutuamente. Espero que eles não consigam ouvir as batidas de meu coração.

Poderia ser agora, penso. Que chance tenho contra eles? Todos os seis estão lá, os cinco Carreiristas e Peeta, e meu único consolo é que estão bem arrasados também. Mas ainda assim, vejo as armas. Vejo seus rostos, com

os dentes à mostra e rosnando para mim, uma vítima certa acima de suas cabeças. Parece uma situação bastante desesperadora. Então uma outra coisa me passa pela cabeça. São maiores e mais fortes do que eu, não resta dúvida, mas também são mais pesados. Há um motivo para ser eu e não Gale quem se aventura para colher as frutas mais altas ou para roubar os ovos dos ninhos mais remotos. Devo pesar uns vinte a vinte e cinco quilos a menos do que o menor Carreirista.

Agora sorrio.

– E aí, como é que vocês estão? – digo a eles, cheia de entusiasmo.

Isso os pega de surpresa, mas sei que a multidão vai adorar.

– Estamos bem – diz o garoto do Distrito 2. – E você?

– Está um pouco quente pro meu gosto. – Estou quase ouvindo as gargalhadas na Capital. – O ar é bem melhor aqui em cima. Por que vocês não sobem?

– Acho que eu vou – diz o mesmo garoto.

– Aqui, Cato, pega isso – diz a garota do Distrito 1, e dá para ele um arco de prata e uma aljava cheia de flechas. Meu arco! Minhas flechas! A simples visão da arma me deixa com tanta raiva que tenho vontade de gritar comigo e com aquele traidor do Peeta por ter me distraído na hora em que eu ia pegá-los. Tento estabelecer um contato visual, mas ele parece estar intencionalmente evitando meu olhar enquanto limpa a faca com a ponta da camisa.

– Não – diz Cato, empurrando o arco para o lado. – Farei melhor com a minha espada. – Consigo ver a arma. Uma lâmina curta e pesada em seu cinto.

Dou tempo para que Cato suba na árvore e continuo minha escalada. Gale sempre diz que o faço lembrar de um esquilo pela maneira com a qual eu me equilibro até mesmo nos galhos mais leves. Parte do motivo é meu peso, mas a experiência também conta. Você tem de saber onde colocar os pés e as mãos. Estou nove metros mais acima quando escuto um barulho e vejo Cato cair com galho e tudo. Ele atinge o chão com toda força e espero que tenha quebrado o pescoço, mas ele se levanta, praguejando como um demônio.

A garota com as flechas, ouço alguém chamando-a de Glimmer – argh, os nomes que as pessoas do Distrito 1 dão a seus filhos são tão ridículos –, escala a árvore até que os galhos começam a quebrar embaixo de seus pés e então ela tem o bom-senso de parar. Agora estou a um altura de mais ou

menos 25 metros. Ela tenta me dar uma flechada, mas fica logo evidente sua absoluta incompetência com o arco. Uma das flechas, entretanto, fica alojada na árvore perto de mim e consigo pegá-la. Fico balançando o objeto no ar só para implicar com a garota, como se esse fosse o único motivo para guardá-lo, mas na verdade minha intenção é usá-lo assim que tiver uma oportunidade. Poderia matá-los a todos se aquelas pecinhas prateadas estivessem em minhas mãos.

Os Carreiristas se reagrupam no chão e consigo ouvi-los resmungando entre eles de maneira conspiratória, furiosos por eu tê-los feito de bobos. Mas o crepúsculo chega e a janela que eles tinham para me atacar está se fechando. Finalmente, ouço Peeta dizer duramente:

– Ah, deixa ela ficar lá em cima mesmo. De lá ela não vai poder sair. A gente cuida dela amanhã de manhã.

Bem, ele tem razão com relação a uma coisa. Não vou poder sair daqui. Todo o alívio proporcionado pela água da fonte acabou, e só me resta ficar aqui sentindo toda a potência das minhas queimaduras. Desço até uma forquilha e tento improvisar uma cama bem tosca. Visto a jaqueta. Deito em meu saco de dormir. Prendo-me com o cinto e tento evitar gemer. O calor do saco é demais para minha perna. Corto um talho do tecido e deixo a panturrilha pendurada. Jogo um pouco de água na ferida e nas mãos.

Toda a minha bravura se foi. Estou fraca por causa da dor e da fome, mas não consigo comer. Mesmo que consiga sobreviver a essa noite, o que me acontecerá de manhã? Miro a folhagem tentando me obrigar a descansar, mas as queimaduras me proíbem. Os pássaros estão se preparando para a noite, cantando para seus filhotes. As criaturas da noite emergem. Uma coruja começa a arrolar. O leve aroma de uma doninha atravessa a fumaça. Os olhos de algum animal me espiam de alguma árvore próxima – talvez um gambá – seguindo os archotes dos Carreiristas. De repente, eu me apoio sobre um dos cotovelos. Esses olhos não são de gambá, conheço muito bem o olhar vidrado desse tipo de animal. Na verdade, esses olhos não são de animal nenhum. Com os últimos raios de luz, eu a identifico, observando-me silenciosamente por entre os galhos.

Rue.

Há quanto tempo será que ela está aqui? Provavelmente desde o início. Imóvel e indistinguível enquanto toda a ação se desenvolvia abaixo dela. Talvez tenha subido na árvore pouco tempo depois de mim, ao ouvir que o bando estava tão próximo.

Durante um tempo, ficamos nos encarando. Então, sem mexer uma folha sequer, sua pequena mão desliza no ar e aponta alguma coisa acima de minha cabeça.

Meus olhos seguem a linha de seu dedo até a folhagem acima de minha cabeça. A princípio, não faço a menor ideia do que ela está apontando, mas então, uns quatro metros acima, consigo distinguir uma forma vaga na luminosidade tênue. Mas a forma... do quê? De algum tipo de animal? Parece do tamanho de um guaxinim, mas está pendurado em um galho, levemente pendido. Mas tem outra coisa. Entre os sons familiares da floresta à noite, meus ouvidos registram um zumbido baixo. Agora já sei do que se trata. É um ninho de vespas.

O medo toma conta de mim, mas tenho o bom-senso de me manter imóvel. Afinal, não sei que tipo de vespa mora aqui. Poderia ser a do tipo comum deixa-a-gente-em-paz-que-a-gente-deixa-você-em-paz. Mas esses são os Jogos Vorazes e coisas comuns não são a norma. É muito mais provável que elas sejam da Capital, teleguiadas. A exemplo dos gaios tagarelas, essas vespas assassinas foram geradas em um laboratório e dispostas estrategicamente, como minas terrestres, nos distritos durante a guerra. Maiores do que as vespas comuns, elas possuem um corpo sólido e dourado bem característico, e uma ferroada que deixa um calombo do tamanho de uma ameixa. A maioria das pessoas não tolera mais do que algumas ferroadas. Algumas morrem imediatamente. Se você sobreviver, as alucinações proporcionadas pelo veneno vão levá-lo à loucura. E tem mais uma coisa, essas vespas vão caçar qualquer pessoa que perturbe seu ninho ou que tente matá-las. Por isso são chamadas teleguiadas.

Depois da guerra, a Capital destruiu todos os ninhos que cercavam a cidade, mas aqueles perto dos distritos foram deixados intactos. Mais uma lembrança de nossa fraqueza, suponho. Exatamente como os Jogos Vorazes. Mais um motivo para não pular a cerca do Distrito 12. Quando Gale e eu damos de cara com um ninho de teleguiadas, imediatamente seguimos para a direção oposta.

Então é isso que está pendurado acima de mim? Olho para Rue em busca de ajuda, mas ela está grudada em sua árvore.

Pelas circunstâncias em que me encontro, aposto que não importa que tipo de ninho de vespa é esse. Estou ferida e presa em uma armadilha. A

escuridão me concedeu uma breve trégua, mas, quando o sol nascer, os Carreiristas já terão formulado algum plano para me matar. Não há nada que possam fazer além disso, tendo em vista a maneira como os ridicularizei. Aquele ninho talvez seja a última opção que me resta. Se eu puder jogá-lo sobre eles, talvez consiga escapar daqui. Mas arriscarei minha vida no processo.

É claro que jamais serei capaz de me aproximar o suficiente do ninho a ponto de poder cortá-lo. Terei de serrar o galho do tronco e mandar o troço todo para o chão. A parte serrilhada de minha faca deve ser capaz disso. Mas será que minhas mãos conseguirão? E se os Carreiristas descobrirem o que estou fazendo e desmontarem o acampamento? Isso poria todo o plano a perder.

Chego à conclusão de que a melhor chance que terei para serrar sem chamar atenção é durante o hino. Que pode começar a tocar a qualquer momento. Eu me arrasto para fora do saco, certificando-me de que a faca está presa no cinto, e começo a subir a árvore. Isso em si já é perigoso, pois os galhos estão ficando cada vez mais finos para mim, mas sou perseverante. Quando atinjo o galho que suporta o ninho, o zumbido torna-se mais característico. Ainda está estranhamente fraco, se é que elas são mesmo teleguiadas. *É a fumaça,* penso. *Elas ficaram sedadas pela fumaça*. Essa foi a única saída que os rebeldes encontraram para combater as vespas.

A insígnia da Capital brilha acima de mim e o hino soa em altos brados. *É agora ou nunca*, e começo a serrar. Bolhas surgem em minha mão direita à medida que arrasto a faca para a frente e para trás de modo canhestro. Assim que consigo fazer um sulco, o trabalho passa a requerer menos esforço, mas é mais do que consigo suportar. Cerro os dentes e continuo o movimento, olhando ocasionalmente para o céu para ver que não houve nenhuma morte hoje. Muito bom. O público vai ficar saciado me vendo ferida e presa na árvore, e o bando abaixo de mim. Mas o hino está tocando e só serrei um pouco mais do que a metade do galho quando a música acaba, o céu fica escuro e sou forçada a parar.

E agora? Poderia terminar o trabalho pelo tato, mas talvez esse não seja o plano mais astucioso. Se as vespas estiverem grogues demais; se o ninho ficar preso em algum galho na descida; se eu tentar escapar, tudo isso poderia ser uma mortífera perda de tempo. Melhor opção, penso, é ficar

aqui escondida durante a madrugada e jogar o ninho na cabeça de meus inimigos.

Sob a luz tênue dos archotes dos Carreiristas, volto à minha forquilha e tenho a maior surpresa da minha vida. Em cima de meu saco de dormir encontra-se um pequeno recipiente de plástico preso a um paraquedas prateado. Minha primeira dádiva de um patrocinador! Haymitch deve ter mandado o objeto durante a execução do hino. O recipiente se encaixa facilmente na palma da minha mão. O que será? Certamente não é comida. Desenrosco a tampa e sei pelo cheiro que são remédios. Cuidadosamente, examino a superfície do unguento. O latejar na ponta de meu dedo desaparece.

– Oh, Haymitch – sussurro. – Obrigada. – Ele não me abandonou. Não me deixou inteiramente indefesa. O custo desse remédio deve ser astronômico. Provavelmente não apenas um, mas vários patrocinadores devem ter contribuído para comprar esse pequeno frasco. Para mim, ele não tem preço.

Enfio dois dedos no frasco e delicadamente espalho o bálsamo sobre a panturrilha. O efeito é quase mágico, apagando a dor ao contato, deixando uma agradável sensação refrescante. Isso não é uma das misturas herbóreas que minha mãe prepara a partir da moagem de plantas da floresta, é um remédio de alta tecnologia desenvolvido nos laboratórios da Capital. Quando termino o tratamento na panturrilha, esfrego uma fina camada em minhas mãos. Após envolver o recipiente no paraquedas, acondiciono-o cuidadosamente na mochila. Agora que a dor abrandou, tudo o que consigo é me ajeitar novamente no saco de dormir antes de mergulhar no sono.

Um pássaro empoleirado a alguns centímetros de mim me alerta para a chegada de um novo dia. Na luz acinzentada da manhã, examino minhas mãos. O remédio fez com que as partes mais feias e avermelhadas do ferimento adquirissem uma tonalidade rosada de pele de bebê. Minha perna ainda está inflamada, mas a queimadura era bem mais profunda. Eu aplico outra camada de remédio e com toda a calma empacoto meu equipamento. O que quer que venha a acontecer, terei de me mover, e me mover com rapidez. Também me obrigo a comer um biscoito e uma tirinha de bife, e a beber alguns goles de água. Quase nada ficou em meu estômago ontem, e já estou começando a sentir os efeitos da fome.

Abaixo de mim, vejo Peeta e o bando dos Carreiristas adormecidos no chão. Pela sua posição, encostada no tronco da árvore, diria que Glimmer

deveria estar montando guarda, mas a fadiga a venceu.

Meus olhos fazem um esforço para tentar penetrar na árvore ao lado, mas não consigo distinguir Rue. Como ela me alertou acerca do ninho de vespas, é mais do que justo que eu a alerte. Além disso, se acontecer de eu morrer hoje, gostaria que Rue fosse a vencedora. Mesmo significando um pouco menos de comida extra para minha família, a ideia de Peeta sendo coroado vencedor me é insuportável.

Pronuncio o nome de Rue com um sussurro e os olhos aparecem de imediato, abertos e alertas. Ela aponta novamente para o ninho. Estendo a faca e faço um movimento de quem está serrando. Ela balança a cabeça em concordância e desaparece. Ouço um farfalhar de folhas numa árvore próxima. Em seguida, o mesmo som aparece, só que dessa vez um pouco mais distante. Reparo que ela está saltando de árvore em árvore. Faço um esforço tremendo para não cair na gargalhada. Terá sido isso o que ela mostrou aos Idealizadores dos Jogos? Imagino-a voando sobre o equipamento do Centro de Treinamento sem jamais tocar o chão. Ela deveria ter recebido pelo menos um dez.

Faixas rosadas de luz estão surgindo a leste. Não posso esperar mais. Em comparação com a agonia da escalada de ontem à noite, isso aqui é uma brincadeira de criança. No galho de árvore que sustenta o ninho, posiciono a faca no sulco e estou a ponto de começar a cortar a madeira quando vejo algo se movendo. Lá no ninho. O brilho dourado de uma teleguiada preguiçosamente percorrendo a superfície fina e cinzenta. Sem dúvida está agindo de maneira um pouco contida, mas a vespa está se movendo e isso significa que as outras também sairão a qualquer momento. Suor começa a brotar nas palmas das minhas mãos, formando bolhas em cima do unguento, e faço o possível para secá-las na camisa. Se não conseguir cortar esse galho em questão de segundos, corro o risco de ser atacada por todo o enxame.

Não há sentido algum em desistir da operação. Respiro fundo, seguro o cabo da faca e prossigo na tarefa com afinco. *Para a frente, para trás, para a frente, para trás!* As teleguiadas começam a zumbir e ouço-as saindo do ninho. *Para a frente, para trás!* Uma dor aguda atinge meu joelho, e sei que uma delas me encontrou e as outras logo chegarão. *Para a frente, para trás.* E assim que a faca termina o serviço empurro a extremidade do galho para o mais distante que posso de mim. Ele vai caindo e arrebentando os galhos mais baixos, fica enganchado

temporariamente em alguns, mas logo se contorce e desaba no chão com um barulho forte. O ninho se abre todo como se fosse um ovo, e um furioso enxame de teleguiadas começa a voar.

Sinto uma segunda ferroada na bochecha, uma terceira no pescoço, e o veneno me deixa zonza quase imediatamente. Grudo à árvore com um braço enquanto arranco os ferrões farpados de minha carne. Por sorte, apenas essas três teleguiadas haviam se dado conta da minha presença antes de o ninho cair. O restante dos insetos escolheu seus alvos no chão.

É uma carnificina. Os Carreiristas acordaram com um ataque maciço de teleguiadas. Peeta e alguns outros têm o bom-senso de deixar tudo para trás e sair em disparada. Ouço gritos de: "Para o lago! Para o lago!" e sei que eles têm a esperança de se livrar das vespas ao entrar na água. O lago deve estar perto se eles imaginam que podem deixar para trás os furiosos insetos. Glimmer e uma outra garota, a do Distrito 4, não têm a mesma sorte. Elas recebem múltiplas ferroadas antes mesmo de saírem de meu campo de visão. Glimmer parece ter ficado completamente louca, gritando e tentando espantar as vespas com o arco, o que é inútil. Ela pede ajuda aos outros, mas ninguém a acode, é claro. A garota do Distrito 4 sai de vista cambaleando, mas aposto que jamais alcançou o lago. Observo Glimmer cair, se contorcer histericamente no chão por alguns minutos e depois ficar imóvel.

O ninho agora parece uma concha vazia. As vespas desapareceram na perseguição aos outros. Não acho que retornarão, mas não quero arriscar. Desço da árvore e atinjo o chão já correndo na direção oposta. O veneno dos ferrões me deixa zonza, mas encontro o caminho de volta à minha pequena fonte e afundo quase inteiramente na água, como precaução caso alguma vespa ainda esteja me perseguindo. Depois de mais ou menos cinco minutos, arrasto-me até as rochas. As pessoas não exageraram nem um pouco os efeitos dos ferrões das teleguiadas. Para falar a verdade, a ferroada em meu joelho é mais do tamanho de uma laranja do que o de uma ameixa. Um líquido verde e malcheiroso sai do local de onde retirei os ferrões.

O inchaço. A dor. O líquido verde. Observar Glimmer se contorcer no chão até morrer. São muitas coisas para administrar em minha cabeça antes mesmo de o sol nascer no horizonte. Não quero imaginar como deve estar a aparência de Glimmer a uma hora dessas. O corpo desfigurado. Os dedos inchados segurando obstinadamente o arco...

O arco! Em algum canto de minha mente embaralhada um pensamento se conecta ao outro e levanto-me, tateando em meio às árvores até Glimmer. O arco. As flechas. Preciso pegá-los. Ainda não ouvi os tiros dos canhões, o que quer dizer que talvez Glimmer esteja em algum tipo de coma, seu coração ainda deve estar lutando contra o veneno das vespas. Mas assim que parar e o canhão sinalizar sua morte, um aerodeslizador vai aparecer para recolher seu corpo e levar o único arco e flecha que vi nos Jogos até agora. E me recuso a deixar que ele escape de meus dedos novamente!

Alcanço Glimmer no exato instante em que o canhão dá o tiro. As teleguiadas desapareceram. Essa garota, tão extraordinariamente bela em seu vestido dourado na noite das entrevistas, está irreconhecível. Suas feições foram erradicadas, seus membros estão três vezes maiores do que o tamanho normal. Os calombos do ferrões começaram a explodir, expelindo o líquido verde pútrido para todos os lados. Tenho de quebrar com uma pedra vários do que antes foram seus dedos para soltar o arco. A aljava com as flechas está grudada embaixo do seu corpo. Tento rolá-la puxando um dos braços, mas a carne se desintegra em minhas mãos e caio no chão.

Isso é mesmo real? Ou será que as alucinações começaram? Aperto os olhos com força e tento respirar, dando ordens a meu próprio corpo para que não adoeça. O café da manhã precisa ficar no estômago. Talvez demore dias até eu conseguir caçar novamente. Um segundo canhão atira e estou adivinhando que a garota do Distrito 4 acaba de morrer. Ouço os pássaros ficarem em silêncio e então um deles dá o sinal, o que significa que um aerodeslizador está para aparecer. Confusa, imagino que seja para Glimmer, embora isso não faça muito sentido porque ainda estou na cena, ainda estou lutando pelas flechas. Fico de joelhos e as árvores ao meu redor começam a girar em círculos. No meio do céu avisto o aerodeslizador. Salto sobre o corpo de Glimmer, como se estivesse tentando protegê-lo, mas então vejo a garota do Distrito 4 sendo içada e sumindo no ar.

– Faça logo isso! – ordeno a mim mesma. Cerrando os dentes, enterro as mãos embaixo do corpo de Glimmer, seguro o que parece ser a região das costelas e coloco-a de bruços. Minha respiração está bastante acelerada agora, não tenho como evitar. A coisa toda é tão digna dos piores pesadelos que acabo perdendo a noção do que é e do que não é real. Puxo com força a aljava com as flechas, mas está presa em alguma coisa, nos ombros talvez. Até que, finalmente, consigo soltar o objeto. Mal acabara de envolver a

aljava com os braços quando escuto os passos, vários passos, sobre a vegetação rasteira, e percebo que os Carreiristas voltaram. Eles voltaram para me matar, para pegar suas armas ou para fazer ambas as coisas.

Mas não há mais tempo para correr. Puxo uma flecha viscosa da aljava e tento posicioná-la na corda do arco, mas em vez de uma corda eu estou enxergando três e o fedor das ferroadas é tão repulsivo que não consigo, não consigo. Simplesmente não consigo.

Estou desamparada quando o primeiro caçador surge em meio às árvores, com a lança erguida, preparada. O choque estampado no rosto de Peeta não faz nenhum sentido para mim. Espero o golpe. Ao contrário, ele abaixa o braço.

– O que você ainda está fazendo aqui? – pergunta, sibilando. Olho para ele sem conseguir compreender coisa alguma quando uma gota d'água escapa de um ferroada de vespa embaixo de sua orelha. Todo o seu corpo começa a brilhar, como se estivesse coberto de orvalho. – Você está louca? – Ele agora está me cutucando com a ponta da lança. – Levante-se! Levante-se! – Eu me levanto, mas ele ainda está me empurrando. O quê? O que está acontecendo? Ele me empurra com força para longe dele. – Corra! – grita ele. – Corra!

Atrás dele, Cato avança em meio à vegetação. Ele também está todo molhado e com uma ferroada bem feia embaixo de um dos olhos. Sinto o brilho da luz do sol refletindo em sua espada e faço o que Peeta está mandando. Seguro meu arco e flecha com firmeza, esbarro em árvores que surgem do nada, tropeço e caio enquanto tento manter o equilíbrio. Passo novamente pela minha fonte e chego numa floresta que não me é familiar. O mundo começa a adquirir uma curvatura alarmante. Uma borboleta infla até atingir o tamanho de uma casa e em seguida se espatifa em um milhão de estrelas. Árvores se transformam em sangue e espirram sobre minhas botas. Formigas começam a rastejar de dentro das bolhas em minhas mãos e não consigo sacudir o braço para me livrar delas. Os insetos estão escalando meus braços, meu pescoço. Alguém está berrando, um berro longo e agudo que nunca para. Tenho uma vaga ideia de que talvez seja eu. Tropeço e caio num pequeno poço ladeado por pequeninas bolhas amarelas que produzem um zumbido igual ao do ninho das teleguiadas. Encaixo os joelhos no queixo e fico esperando a morte.

Doente e desorientada, sou capaz de formar um único pensamento: *Peeta Mellark acabou de salvar minha vida.*

Então, as formigas rumam em direção aos meus olhos e eu desmaio.

Entro em um pesadelo do qual acordo repetidamente apenas para achar um terror ainda maior esperando por mim. Todas as coisas que mais abomino, todas as coisas que mais abomino que aconteçam com os outros se manifestam em detalhes tão vívidos que só posso acreditar que são mesmo reais. A cada vez que acordo, penso: *Finalmente acabou,* mas não. É apenas o começo de um novo capítulo de tortura. De quantas maneiras diferentes assisto à morte de Prim; revivo os últimos momentos de meu pai; sinto meu próprio corpo sendo dilacerado? Essa é a natureza do veneno das teleguiadas, cuidadosamente criado para atingir os locais onde o medo se aloja em seu cérebro.

Quando finalmente readquiro meus sentidos, fico deitada imóvel, esperando a sequência seguinte de carnificina visual. Por fim, aceito que o veneno deve ter enfim saído de meu organismo, deixando meu corpo arrasado e enfraquecido. Ainda estou deitada de lado, fechada na posição fetal. Ergo uma das mãos até os olhos para encontrá-los saudáveis, intocados pelas formigas, que jamais existiram. O simples esticar de um braço requer um enorme esforço. São tantas partes do meu corpo doendo que parece nem valer a pena fazer um inventário de todas elas. Lenta, muito lentamente, consigo me sentar. Estou em um buraco raso, não com as bolhas alaranjadas que zunem da minha alucinação, mas com folhas mortas. Minha roupa está encharcada, mas não sei se a causa é a água da fonte, orvalho, chuva ou simplesmente suor. Por um longo tempo, tudo o que consigo fazer é tomar pequenos goles da minha garrafa e observar um besouro passear num arbusto de madressilvas.

Por quanto tempo será que estive fora de mim? Era de manhã quando perdi a razão. Agora é de tarde. Mas minhas juntas emperradas sugerem que mais de um dia se passou, possivelmente dois. Se isso for mesmo verdade, não terei como saber quais tributos sobreviveram ao ataque daquelas teleguiadas. Nem Glimmer nem a garota do Distrito 4. Mas havia o garoto do Distrito 1, os dois tributos do Distrito 2 e Peeta. Será que eles morreram em decorrência das ferroadas? Com toda certeza, se sobreviveram, seus últimos dias devem ter sido tão horríveis quanto os

meus. E quanto a Rue? Ela é tão pequena que não seria necessário muito veneno para matá-la. Mas... as teleguiadas teriam de pegá-la, e ela estava com uma boa margem de vantagem.

Um sabor ruim, de coisa podre, impregna minha boca, e a água não surte muito efeito sobre ele. Arrasto-me até o arbusto de madressilvas e arranco uma flor. Puxo delicadamente o estame pelo botão e coloco a gota de néctar na boca. A doçura se espalha até a garganta, acalentando minhas veias com lembranças de verão, da floresta perto de casa e da presença de Gale ao meu lado. Por algum motivo, nossa discussão naquela última manhã retorna à minha mente.

– A gente teria como fazer isso, você sabe.

– O quê?

– Sair do distrito, fugir daqui. Viver na floresta. Você e eu, a gente conseguiria.

E, de repente, não estou mais pensando em Gale, mas em Peeta e... Peeta! *Ele salvou minha vida!* Porque, quando nos encontramos, eu já não tinha nenhuma condição de distinguir entre o real e as alucinações que o veneno das teleguiadas haviam inoculado em mim. Mas se ele me salvou mesmo, e meus instintos me dizem que sim, qual foi o motivo? Será que ele está simplesmente desempenhando o papel do Conquistador que iniciou na entrevista? Ou será que estava realmente tentando me proteger? E se estava, o que fazia na companhia daqueles Carreiristas, para começo de conversa? Nada disso faz sentido.

Por um instante, imagino o que Gale achou do incidente, mas logo tiro a coisa toda da minha cabeça porque, por algum motivo, Gale e Peeta não coexistem muito bem em meus pensamentos.

Então, concentro-me na única coisa realmente boa que aconteceu comigo desde que aterrissei na arena. Arranjei um arco e flecha! Doze flechas ao todo, se contarmos com aquela que retirei na árvore. Elas não estão com nenhum traço do muco esverdeado e pernicioso que saía do corpo de Glimmer – o que me leva a crer que talvez a coisa não tenha sido inteiramente real –, mas estão com uma razoável quantidade de sangue seco. Posso limpá-las mais tarde, mas perco alguns minutos acertando algumas em uma árvore próxima. Elas se parecem mais com as armas que vi no Centro de Treinamento do que com as que tenho em casa, mas e daí? Posso trabalhar com elas assim mesmo.

As armas mudam completamente minha perspectiva dos Jogos. Sei que tenho oponentes duros de encarar. Mas deixei de ser apenas mais uma presa que corre e se esconde ou toma decisões desesperadas. Se Cato surgisse agora mesmo da floresta, eu não fugiria. Atiraria. Descubro que, na verdade, estou antegozando o momento.

Primeiro, no entanto, tenho de recuperar um pouco da força de meu corpo. Estou bastante desidratada novamente e meu suprimento de água está perigosamente limitado. O pequeno recheio que pude colocar para dentro ao me empanturrar durante o tempo de preparação na Capital agora já era, assim como alguns quilos extra. Os ossos da cintura e da costela estão mais proeminentes do que consigo me lembrar desde aqueles meses horríveis que se seguiram à morte de meu pai. E não vamos nos esquecer dos ferimentos com os quais tenho de lidar: queimaduras, cortes e hematomas causados pelos choques com as árvores, e três ferroadas de teleguiadas que estão mais doloridas e inchadas do que nunca. Cuido das queimaduras com o unguento e tento passar um pouco do creme também nas ferroadas, mas o remédio não tem nenhum efeito sobre elas. Minha mãe conhecia um tratamento para essas ferroadas, algum tipo de folha que conseguia retirar o veneno, mas raramente surgia alguma oportunidade para usá-lo, portanto nem me lembro do nome, quanto mais da aparência do remédio.

Primeiro água, penso. *Agora você pode caçar ao longo do caminho.* É fácil ver a direção de onde vim pelo rastro de destruição que meu corpo enlouquecido deixou na folhagem. Então, ando na direção oposta, na esperança de que meus inimigos ainda estejam presos no mundo surreal do veneno das teleguiadas.

Não consigo me mover com muita rapidez, minhas juntas rejeitam qualquer movimento abrupto. Mas estabeleço o passo lento de caçador que utilizo quando estou no rastro de algum animal. Depois de alguns minutos, avisto um coelho e mato minha primeira vítima com meu arco e flecha. Não é o meu tradicional tiro certeiro entre os olhos, mas dá certo assim mesmo. Depois de mais ou menos uma hora, encontro um riacho, raso porém largo, e mais do que suficiente para minhas necessidades. O sol está quente e implacável, então, enquanto espero a água ser purificada, fico só com a roupa de baixo e me jogo na corrente tépida. Estou imunda da cabeça aos pés. Tento molhar o corpo todo, mas acabo somente deitada na água por alguns minutos, deixando-a lavar a fuligem, o sangue e os resíduos de pele

que começaram a descascar na altura das queimaduras. Depois de lavar as roupas e pendurá-las em alguns arbustos para secar, sento-me à margem do rio para tomar um pouco de sol, desembaraçando o cabelo com os dedos. Meu apetite retorna e como um biscoito e uma tirinha de bife. Com um punhado de limo, limpo o sangue das minhas armas prateadas.

Refrescada, trato mais uma vez das queimaduras, prendo de volta o cabelo e visto as roupas úmidas, ciente de que o sol vai secá-las em pouco tempo. Seguir o riacho contra a corrente parece ser o plano mais inteligente. Agora estou subindo um aclive, o que prefiro, com uma fonte de água fresca não apenas para mim mesma como também para possíveis animais que venha a caçar. Acerto facilmente uma estranha ave que deve ser algum tipo de peru selvagem. De qualquer maneira, o bicho me parece bastante comestível. No fim da tarde, decido fazer uma pequena fogueira para cozinhar a comida, apostando que a penumbra ajudará a esconder a fumaça e sabendo que posso apagar o fogo ao anoitecer. Limpo a caça, tomando um cuidado extra com a ave, mas não há nada alarmante a seu respeito. Depois de tirar as penas, seu tamanho não é maior do que o de uma galinha, mas é gordo e firme. Acabo de colocar o primeiro pedaço em cima do carvão quando ouço um galho se partindo.

Com um movimento, volto-me para a direção do som, levando o arco para o ombro. Não há ninguém lá. Pelo menos ninguém que eu consiga enxergar. Então, avisto a ponta de uma bota de criança saindo de trás de um tronco de árvore. Meus ombros relaxam e sorrio. Ela se move pela floresta como se fosse uma sombra, precisamos lhe dar esse crédito. De que outra forma teria me seguido até aqui? As palavras escapam de minha boca antes que eu possa pará-las.

– Você sabe que não são só eles que têm o direito de fazer alianças, não sabe?

Por um momento, nenhuma resposta. Então, um dos olhos de Rue aparece ao lado do tronco.

– Você me quer como aliada?

– Por que não? Você me salvou com aquelas teleguiadas. Você é suficientemente esperta pra ainda estar viva. E de qualquer modo, parece que não tenho mesmo como me livrar de você. – Ela pisca para mim, tentando decidir. – Você está com fome? – Posso vê-la engolir em seco, o olho tremeluzindo na direção da carne. – Vem cá, matei dois animais hoje.

Rue pisa na clareira de modo hesitante.

– Posso curar suas ferroadas.

– Pode? Como?

Ela enfia a mão na mochila que carrega e puxa um punhado de folhas. Estou quase certa de que são as mesmas que minha mãe usa.

– Onde você encontrou?

– Por aí. Sempre andamos com elas quando saímos para trabalhar nos pomares. Deixaram vários ninhos lá. E também tem muitos aqui.

– É isso mesmo. Você é do Distrito 11. Agricultura. Pomares, hein? Deve ser por isso que você consegue voar pelas árvores como se tivesse asas. – Rue sorri. Toquei em uns dos poucos temas em relação aos quais ela admite ter orgulho. – Bem, vem cá, então. Vem me curar.

Jogo-me ao lado do fogo e arregaço a calça para revelar a ferroada no joelho. Para minha surpresa, Rue coloca um punhado de folhas na boca e começa a mastigá-las. Minha mãe utilizaria outros métodos, mas aqui não dispomos de tantas opções assim. Depois de mais ou menos um minuto, Rue pressiona um maço verde e pegajoso de folhas mastigadas e cheias de cuspe sobre meu joelho.

– Ohhh!

O som sai da minha boca antes que consiga evitar. É como se as folhas estivessem realmente sugando a dor diretamente da ferroada.

Rue dá uma risada.

– Foi sorte você ter tido o bom-senso de puxar os ferrões. Do contrário, você estaria bem pior.

– Agora no pescoço! No pescoço! – Estou quase implorando.

Rue enfia mais um punhado de folhas na boca, e começo logo a rir porque o alívio é delicioso demais. Noto uma longa queimadura no antebraço de Rue.

– Tenho uma coisa pra isso.

Ponho de lado as armas e aplico o remédio para queimadura em seu braço.

– Você tem bons patrocinadores – diz ela, desejosa.

– Você já conseguiu alguma coisa? – pergunto. Ela balança a cabeça.

– Mas vai. Observe. Quanto mais próximos ficamos do fim, mais as pessoas vão se dando conta de como somos inteligentes. – Viro a carne.

– Você não estava brincando quando disse que me queria como aliada? – pergunta ela.

– Não, estava falando sério – respondo. Quase consigo ouvir Haymitch espumando de raiva ao saber que estou trabalhando em conjunto com uma garotinha frágil. Mas eu a quero. Porque é uma sobrevivente, e confio nela. E por que não admitir? Ela me lembra Prim.

– Tudo bem – diz ela, e estende a mão. Trocamos um aperto de mãos. – É um trato.

É claro que esse tipo de trato só pode ser temporário, mas nenhuma das duas toca no assunto.

Rue contribui para a refeição com um grande punhado de tubérculos. Grelhados, têm o sabor doce e intenso de pastinaca. Ela também reconhece a ave, algum tipo de animal selvagem que chamam de ganso silvestre em seu distrito. Diz que às vezes acontece de um bando deles invadir o pomar, o que garante um almoço decente naquele dia. Por um tempo, toda a conversa é interrompida enquanto forramos nosso estômago. O ganso silvestre possui uma carne deliciosa, tão gordurosa que até pinga da boca quando mordemos algum pedaço.

– Oh – suspira Rue. – É a primeira vez que tenho uma coxa inteira só pra mim.

Aposto que sim. Aposto que carne raramente cruza seu caminho.

– Pega a outra – indico.

– Posso mesmo?

– Pode pegar o quanto você quiser. Agora que tenho um arco e flecha posso caçar outros. E ainda tenho arapucas. Posso te mostrar como armar. – Rue ainda olha para a coxa da ave sem muita convicção. – Pode pegar! – insisto, colocando o pedaço de carne na mão dela. – Só vai durar alguns dias de qualquer modo, e a gente ainda tem o resto da ave e o coelho.

– Assim que põe a mão na carne, o apetite a vence e ela enfia tudo na boca.

– Imaginava que no Distrito 11 vocês tivessem mais fartura de comida do que nós. Afinal, vocês cultivam a comida.

Os olhos de Rue ficam arregalados.

– Oh, não, não temos permissão para comer o que cultivamos.

– Vocês são mandados pra prisão, alguma coisa assim?

– A pessoa é chicoteada na frente de todo mundo. O prefeito é bem rígido quanto a isso.

Diria, pela sua expressão, que esse tipo de ocorrência não é tão incomum assim. Alguém ser chicoteado em público é uma coisa rara no

Distrito 12, embora ocorra ocasionalmente. Tecnicamente, Gale e eu poderíamos ser chicoteados diariamente por caçar ilegalmente na floresta – bem, tecnicamente, poderíamos receber penas bem piores –, só que todos os funcionários compram nossa carne. Além disso, nosso prefeito, o pai de Madge, não parece gostar muito desse tipo de evento. Talvez o fato de sermos o distrito menos prestigioso, mais pobre e mais ridicularizado do país tenha lá suas vantagens. Tais como sermos solenemente ignorados pela Capital contanto que nossa cota de carvão seja produzida regularmente.

– Você tem todo o carvão que deseja? – pergunta Rue.

– Não. Só o que a gente compra e o que vem grudado em nossas botas.

– Eles nos dão um pouco mais de comida no período da safra, para as pessoas durarem mais.

– Você não tem de frequentar a escola?

– Não no período da safra. Todos trabalham nessa época do ano.

É interessante ouvir como é sua vida. Temos tão poucas chances de nos comunicarmos com pessoas de outros distritos. Na verdade, imagino se os Idealizadores dos Jogos não estão bloqueando nossa conversa porque, mesmo que a informação pareça inofensiva, não querem que as pessoas de distritos diferentes saibam das vidas umas das outras.

Seguindo a sugestão de Rue, espalhamos toda a nossa comida para fazer o planejamento dos dias que se seguirão. Ela já viu a maior parte de meus suprimentos, mas acrescento os últimos biscoitos e as tirinhas de bife à pilha. Ela colheu uma boa coleção de raízes, nozes, verduras e até algumas amoras.

Giro nos dedos uma amora que não me é familiar.

– Tem certeza de que isso é seguro?

– Ah, sim, comemos isso lá em casa. Tenho comido essas amoras há dias – diz ela, enfiando um punhado na boca. Mordo uma delas com uma boa dose de hesitação, e o sabor é tão bom quanto as que comemos em casa. Ter Rue como aliada parece ser a melhor opção em todas as ocasiões. Dividimos nossos suprimentos de comida de modo que, caso nos separemos, ambas estaremos seguras por alguns dias. Fora a comida, Rue possui um pequeno odre de água, uma atiradeira caseira e um par de meias sobressalentes. Também tem um pedaço de pedra bem afiado que usa como uma faca. – Sei que não é muita coisa – diz ela, aparentemente constrangida –, mas eu precisava sair rápido da Cornucópia.

– Você fez o certo – afirmo. Quando espalho meu equipamento, ela arqueja um pouco ao ver os óculos de sol.

– Como foi que você conseguiu isso?

– Na mochila. Até agora não serviram pra nada. Eles não bloqueiam o sol e pioram a visão – informo, dando de ombros.

– Não são para o sol, são para o escuro – exclama Rue. – Às vezes, quando a gente é obrigada a trabalhar durante a noite, eles entregam alguns pares desses óculos aos que estão mais alto nas árvores. Onde as lanternas não atingem. Uma vez, um garoto chamado Martin tentou ficar com o par. Escondeu nas calças. Mataram-no ali mesmo.

– Mataram um garoto por roubar um troço desses?

– Mataram, e todos sabiam que ele não era nem um pouco perigoso. Martin era meio ruim da cabeça. Enfim, ainda agia como se tivesse três anos de idade. Só queria ficar com os óculos pra brincar – responde Rue.

Ouvir isso me faz ter a sensação de que o Distrito 12 é uma espécie de refúgio seguro. É claro que as pessoas caem mortas de fome o tempo todo, mas não consigo imaginar os Pacificadores assassinando um garoto com deficiência mental. Há uma garotinha, uma das netas de Greasy Sae, que perambula pelo Prego. Ela não regula muito bem, mas é tratada como se fosse um bichinho de estimação. As pessoas jogam coisas para ela.

– Então pra que serve esse negócio? – pergunto a Rue, pegando os óculos.

– Eles permitem que você enxergue na escuridão total – explica Rue. – Experimente os óculos à noite, depois do pôr do sol.

Dou alguns fósforos a Rue e ela me dá uma boa quantidade de folhas, caso as minhas ferroadas inflamem novamente. Apagamos a fogueira e seguimos rio acima até o entardecer.

– Onde você dorme? – pergunto a ela. – Nas árvores? – Ela balança a cabeça em concordância. – Só com a jaqueta?

Rue me mostra o par de meias sobressalentes.

– Uso isso aqui nas mãos.

Penso em como as noites têm sido frias.

– Você pode dividir comigo o saco de dormir, se quiser. Tem espaço suficiente pra nós duas. – Seu rosto se ilumina. Diria que isso é muito mais do que ela jamais ousaria esperar.

Pegamos uma forquilha bem no alto de uma árvore e nos assentamos para a noite no exato instante em que o hino começa a tocar. Nenhuma

morte hoje.

– Rue, só acordei hoje. Quantas noites perdi? – O hino deveria bloquear nossas palavras, mas mesmo assim sussurro. Tomo até a precaução de cobrir a boca com a mão. Não quero que o público saiba o que estou planejando contar a ela a respeito de Peeta. Seguindo meu exemplo, ela faz o mesmo.

– Duas – diz ela. – As garotas dos Distritos 1 e 4 estão mortas. Restam dez tributos, incluindo a gente.

– Alguma coisa estranha aconteceu. Pelo menos é o que acho. Talvez tenha sido o veneno das teleguiadas me fazendo imaginar coisas – começo a dizer. – Você conhece Peeta, o garoto de meu distrito? Acho que ele salvou minha vida. Mas estava com os Carreiristas.

– Ele não está mais com eles – diz ela. – Espionei o acampamento deles perto do lago. Voltaram antes de apagar o fogo por conta das ferroadas. Mas ele não está lá. Talvez tenha salvo você, sim. E depois precisou fugir às pressas.

Não retruco. Se de fato Peeta me salvou, estou novamente em dívida com ele. E isso não pode ser retribuído.

– Se ele me salvou mesmo, provavelmente a coisa toda foi parte do papel que está representando. Você sabe, aquela história de fazer com que as pessoas pensem que está apaixonado por mim.

– Oh! – diz Rue, pensativa. – Pra mim ele não estava representando.

– Claro que está. Bolou isso tudo com nosso mentor. – O hino acaba e o céu escurece. – Vamos experimentar esses óculos. – Puxo os óculos e os coloco no rosto. Rue não estava brincando. Consigo enxergar tudo, das folhas nas árvores ao gambá zanzando pelos arbustos a uns quinze metros de distância. Poderia matá-lo daqui se estivesse disposta a isso. Poderia matar qualquer pessoa.

– Imagino quem mais possui um par desses óculos – divago.

– Os Carreiristas possuem dois pares. Mas tiveram de jogar tudo no chão perto do lago – informa Rue. – E são fortes demais.

– Nós também somos fortes. Só que de maneira diferente.

– Você é forte. Você sabe atirar – diz ela. – E eu? O que sei fazer?

– Você sabe como arranjar alimento. Será que eles sabem?

– Não precisam. Eles têm todos aqueles suprimentos – retruca Rue.

– Digamos que não tivessem. Digamos que os suprimentos acabassem. Quanto tempo eles durariam? Enfim, isso aqui são os Jogos Vorazes, certo?

– Mas, Katniss, eles não estão com fome.

– Não, não estão. Esse é o problema – concordo. E pela primeira vez, tenho um plano. Um plano que não é motivado pela necessidade de fuga ou de evasão. Um plano ofensivo. – Acho que teremos de dar um jeito nisso, Rue.

Rue decidiu confiar inteiramente em mim. Sei disso porque assim que o hino para de tocar ela se enrosca em mim e cai no sono. Também não tenho nenhuma desconfiança dela, portanto não tomo nenhuma precaução particular. Se quisesse me ver morta, ela só precisaria ter sumido daquela árvore sem me apontar o ninho das teleguiadas. Mas o que está alfinetando minha mente é bastante óbvio: nós duas não podemos vencer esses Jogos. Mas como as probabilidades de nenhuma das duas sobreviver são ainda maiores, consigo ignorar o pensamento.

Além do mais, estou concentrada em minha última ideia a respeito dos Carreiristas e de seus suprimentos. De algum modo, Rue e eu devemos achar uma forma de destruir sua comida. Tenho certeza absoluta de que teriam muita dificuldade se precisassem arrumar comida. Tradicionalmente, a estratégia dos tributos Carreiristas é tomar posse de toda a comida logo no início e trabalhar a partir daí. Os anos em que não fizeram essa proteção muito bem – num ano um bando de répteis hediondos destruiu toda a comida, em outro uma enchente produzida por um Idealizador dos Jogos inundou tudo – foram normalmente os anos em que os tributos de outros distritos venceram. O fato de os Carreiristas terem sido mais bem alimentados ao longo do crescimento, na verdade, é uma desvantagem para eles, porque eles não sabem o que é estar faminto. Não da forma como eu e Rue sabemos.

Mas estou exausta demais para começar qualquer plano detalhado agora. Meus ferimentos ainda em tratamento, minha mente ainda um pouco enevoada devido ao veneno, o calor de Rue ao meu lado e sua cabeça aninhada em meu ombro deram-me uma sensação de segurança. Percebo pela primeira vez como tenho estado solitária na arena. O quão confortável pode ser a presença de outro ser humano. Cedo ao entorpecimento, resolvendo que amanhã viraremos a mesa. Amanhã serão os Carreiristas que terão de tomar cuidado.

O estrondo do canhão me acorda de supetão. O céu está com faixas de luz, os pássaros já estão tagarelando. Rue se equilibra em um galho na

minha frente, suas mãos segurando alguma coisa. Esperamos ouvir outros tiros: não há, porém, mais nenhum.

– Quem você acha que morreu? – Não consigo evitar imaginar que tenha sido Peeta.

– Não sei. Pode ter sido qualquer um dos outros – diz Rue. – Acho que saberemos à noite.

– Quem é que restou mesmo? – pergunto.

– O garoto do Distrito 1. Os dois tributos do 2. O garoto do 3. Thresh e eu. E você e Peeta – conta Rue. – Oito ao total. Espera aí, tem também o garoto do 10, o que tem a perna ruim. Com ele são nove.

Tem mais alguém, mas nenhuma das duas consegue lembrar quem é.

– Imagino como esse último tenha morrido – comenta Rue.

– Não dá pra saber. Mas é bom pra nós duas. Uma morte deverá segurar a multidão um pouco. Talvez tenhamos tempo pra fazer alguma coisa antes que os Idealizadores dos Jogos decidam que tudo está andando muito lentamente. O que você está segurando?

– O café da manhã – responde Rue. Ela estende as mãos e revela dois ovos grandes.

– Que espécie de ovo é essa?

– Não tenho certeza. Tem uma região pantanosa naquela direção. Deve ser de algum tipo de pássaro aquático – sugere ela.

Seria bom cozinhá-los, mas nenhuma das duas quer correr o risco de acender uma fogueira. Minha hipótese é que o tributo morto hoje foi vítima dos Carreiristas, o que significa que eles estão suficientemente recuperados para voltar à disputa. Cada uma de nós suga o interior de um ovo, come uma perna de coelho e algumas amoras. É um bom desjejum em qualquer circunstância.

– Está pronta pra fazer aquilo? – pergunto, puxando a mochila.

– Fazer o quê? – devolve Rue, mas pela forma como se anima, dá para ver que estaria disposta a fazer qualquer coisa que eu propusesse.

– Hoje a gente vai pegar a comida dos Carreiristas – afirmo.

– É sério? Como? – Dá para ver o brilho de entusiasmo nos seus olhos. Nesse ponto ela é exatamente o oposto de Prim, para quem as aventuras são uma tortura.

– Não faço a menor ideia. Vamos, a gente bola um plano enquanto caça.

Mas não obtemos muita caça porque estou ocupada arrancando de Rue cada pedacinho de informação que posso sobre o acampamento-base dos Carreiristas. Ela só os espiou muito brevemente, mas observou bastante. Montaram o acampamento ao lado do lago. Seus suprimentos estão localizados a uns trinta metros de distância. Durante o dia, têm deixado um outro tributo, o garoto do Distrito 3, vigiando os suprimentos.

– O garoto do Distrito 3? – pergunto. – Ele está trabalhando com eles?

– Está. Fica no acampamento o tempo todo. Também foi ferroado, quando estavam fugindo das teleguiadas em direção ao lago – informa Rue. – Acho que concordaram em deixá-lo vivo se atuasse como vigia. Mas não é muito grande.

– Que armas tem?

– Não vi muitas. Uma lança. Talvez consiga lutar contra alguns de nós usando essa lança, mas Thresh o mataria com facilidade – diz Rue.

– E a comida fica ao relento? – pergunto. Ela balança a cabeça em concordância. – Tem alguma coisa nesse esquema todo que não está muito certa.

– Eu sei. Mas não saberia dizer exatamente o quê – comenta Rue. – Katniss, mesmo que você conseguisse chegar à comida, como você se livraria dela?

– Queimando. Jogaria tudo no lago. Jogaria combustível em cima, sei lá. – Cutuco Rue na barriga, da mesma forma que faria com Prim, se ela estivesse aqui. – Comeria tudo! – Ela dá uma gargalhada. – Não se preocupe, vou pensar em alguma coisa. Destruir é muito mais fácil do que construir.

Durante um tempo, desenterramos raízes, colhemos amoras e verduras, montamos uma estratégia aos sussurros. E passo a conhecer Rue, a filha mais velha de seis irmãos, protetora contumaz de todos eles, que dá suas porções de comida aos mais novos, que vasculha as campinas num distrito em que os Pacificadores são bem menos condescendentes do que no nosso. Rue, que ao ser perguntada sobre a coisa que mais ama no mundo, responde:

– Música.

– Música? – questiono. Em nosso mundo, colocaria a música em algum lugar entre fitas de cabelo e arco-íris em termos de utilidade. Pelo menos o arco-íris fornece uma dica sobre o tempo. – Você tem muito tempo pra isso?

– Nós cantamos em casa. E também no trabalho. É por isso que adoro seu broche – diz ela, apontando para o tordo que mais uma vez eu havia esquecido.

– Existem tordos no seu distrito?

– Existem. Tenho alguns que são meus amigos especiais. Cantamos juntos por horas e horas. Levam mensagens pra mim.

– Como assim?

– Normalmente estou bem no alto de alguma árvore, então sou a primeira a ver a bandeira que sinaliza o fim da jornada. Há uma cançãozinha especial que canto – conta Rue. Ela abre a boca e canta uma pequena melodia de quatro notas com uma voz doce e límpida. – E os tordos espalham a informação por todo o pomar. É assim que todo mundo fica sabendo que já pode ir pra casa – continua ela. – Mas às vezes podem ser perigosos, se você se aproximar demais de seus ninhos. Mas não dá pra culpá-los por isso.

Solto o broche e entrego a ela.

– Aqui está. É seu. Tem mais significado pra você do que pra mim.

– Oh, não! – diz Rue, fechando meus dedos no broche. – Gosto de ver você usando ele. Foi por isso que decidi que podia confiar em você. Além do mais, tenho isso aqui. – Ela puxa um colar feito com o mesmo tipo de material que a sua camisa. Nele está pendurada uma estrela de madeira toscamente talhada. Ou talvez seja um flor. – É um talismã de boa sorte.

– Bem, até agora deu certo – comento, prendendo de volta o tordo na camisa. – Talvez seja melhor mesmo você continuar com esse aí.

Na hora do almoço, já estamos com o plano delineado. Ao fim da tarde, estamos preparadas para levá-lo a cabo. Ajudo Rue a coletar e a dispor a madeira para as duas primeiras fogueiras; a terceira ela terá tempo de fazer sozinha. Decidimos nos encontrar mais tarde no local onde comemos nossa primeira refeição juntas. O riacho deve me ajudar a chegar lá. Antes de sair, certifico-me de que Rue está com uma boa provisão de alimento e fósforos. Até insisto para que ela pegue meu saco de dormir, caso nosso encontro não seja possível até o cair da noite.

– E você não vai ficar com frio? – pergunta ela.

– Não se eu pegar outro saco no lago. Afinal, roubar não é ilegal aqui – respondo, sorrindo levemente.

Na última hora, Rue decide me ensinar o canto de alerta do tordo, o que ela usa para indicar que a jornada de trabalho acabou.

– Talvez não funcione. Mas se você ouvir os tordos cantando, você vai saber que estou bem, só não estarei em condições de responder de imediato.

– Há muitos tordos aqui?

– Você não viu? Há ninhos deles por todos os lados – diz ela. Tenho de admitir que não reparei.

– Tudo bem, então. Se tudo correr de acordo com o plano, a gente se encontra pro jantar.

Inesperadamente, Rue abre os braços para mim. Minha hesitação dura apenas um segundo antes de corresponder ao abraço caloroso.

– Tome cuidado – aconselha.

– Você também – retribuo. Viro-me e volto para o riacho, um pouco preocupada: com a possibilidade de Rue ser morta, com a possibilidade de Rue não ser morta e nós duas sermos deixadas por último, com o fato de deixar Prim abandonada. Não, Prim tem minha mãe e Gale, e um padeiro que prometeu que ela não passará fome. Rue só tem a mim.

Assim que alcanço o riacho, só preciso segui-lo até o local onde o localizei pela primeira vez, depois do ataque das teleguiadas. Mas tenho de ser cuidadosa ao me mover pela água porque me dou conta de que meus pensamentos estão ocupados com questões não respondidas, a maioria das quais concernentes a Peeta. O tiro de canhão de hoje de manhã significou a morte dele? Pelas mãos de algum Carreirista? E será que isso foi uma vingança por ele ter me deixado escapar? Luto mais uma vez para me lembrar daquele momento em que eu estava sobre o corpo de Glimmer e ele apareceu de repente por entre as árvores. Mas o simples fato de que ele estava brilhando já me deixa com dúvidas sobre a veracidade do acontecimento.

Ontem eu devia estar me movendo muito lentamente porque alcanço o córrego raso onde tomei banho em poucas horas. Paro para me abastecer de água e adiciono uma camada de lama à minha mochila. Parece que ela cisma em voltar à cor alaranjada, não importa quantas vezes eu a cubra.

Minha proximidade do acampamento dos Carreiristas aguça meus sentidos e, quanto mais chego perto deles, mais cautelosa fico, parando frequentemente para escutar sons estranhos e deixando uma flecha posicionada na corda do arco. Não vejo nenhum outro tributo, mas noto algumas das coisas que Rue mencionou. Faixas de terra com amoras suculentas. Um arbusto com as folhas que curaram minhas ferroadas. Aglomerados de ninhos de teleguiadas nas vizinhanças da árvore em que eu

estava trepada. E aqui e ali, um lampejo das asas pretas e brancas de um tordo nos galhos acima de minha cabeça.

Quando alcanço a árvore com o ninho abandonado no chão, paro por um instante para reunir coragem. Rue me deu instruções específicas sobre como chegar ao melhor ponto de espionagem perto do lago da posição em que me encontro. *Lembre-se*, digo para mim mesma, *agora você é a caçadora, não eles.* Aperto o arco com firmeza e prossigo. Chego ao pequeno bosque ao qual Rue se referiu e mais uma vez sou obrigada a admitir a sagacidade da garota. Ele fica bem no limite da floresta, mas a folhagem é tão densa e baixa que consigo facilmente observar o acampamento dos Carreiristas sem ser avistada. Entre nós fica a extensão de terra onde os Jogos tiveram início.

Há quatro tributos. O garoto do Distrito 1, Cato e a garota do Distrito 2. E um garoto magricela e pálido que deve ser o do Distrito 3. Quase não reparei em sua presença durante todo o tempo que permanecemos na Capital. Não me lembro quase nada dele. Não me lembro da roupa, não me lembro da nota que tirou no treinamento, não me lembro da entrevista. Mesmo agora, ali, mexendo em uma espécie de caixa de plástico, é facilmente ignorável na presença desses companheiros bem maiores e mais vistosos. Mas ele deve ter algum valor, ou não teriam se importado em deixá-lo vivo. Ainda assim, vê-lo só aumenta minha inquietação a respeito do motivo de os Carreiristas o terem escalado para montar guarda; do motivo pelo qual permitiram que ele permanecesse vivo.

Todos os quatro tributos parecem ainda estar se recuperando do ataque das teleguiadas. Mesmo a essa distância, consigo ver os imensos calombos inchados em seus corpos. Não devem ter tido o bom-senso de remover os ferrões ou, se tiveram, não sabiam nada a respeito das folhas curativas. Aparentemente, sejam lá quais forem os remédios que encontraram na Cornucópia, não surtiram efeito algum.

A Cornucópia está em sua posição original, mas seu interior foi desbastado. A maioria dos suprimentos, dispostos em engradados, em sacos de estopa e lixeiras de plástico, está organizadamente empilhada numa pirâmide que está, ao que parece, a uma distância questionável do acampamento. Outros estão espalhados em volta do perímetro da pirâmide, quase imitando a disposição dos suprimentos em volta da Cornucópia no início dos Jogos. Uma cobertura de rede que parece inútil para tudo, a não ser para espantar os pássaros, protege a pirâmide.

Todo o esquema é completamente intrigante. A distância, a rede e a presença do garoto do Distrito 3. De uma coisa tenho certeza: destruir esses suprimentos não vai ser tão simples quanto parece. Algum outro fator está em jogo aqui, e é melhor eu ficar bem atenta até descobrir qual é. Minha hipótese é que a pirâmide está, de alguma maneira, recheada de armadilhas. Penso em fossos ocultos, redes que caem em cima de você, num fio que, quando partido, lança um dardo venenoso na direção de seu coração. Na verdade, as possibilidades são intermináveis.

Enquanto estou ponderando minhas opções, escuto Cato dar um grito. Está apontando para a floresta, bem além de mim, e sem me virar, sei que Rue deve ter acendido a primeira fogueira. Garantimos que não faltasse madeira para fazer uma fogueira que fosse bastante chamativa. Os Carreiristas começam a se armar de imediato.

Uma discussão tem início. Os tons das vozes são altos o suficiente para que eu entenda que diz respeito ao garoto do Distrito 3. Se ele deve acompanhá-los ou se deve permanecer no acampamento.

– Ele vem com a gente. Nós precisamos dele na floresta e, de qualquer maneira, o trabalho dele aqui já acabou. Ninguém pode tocar nesses suprimentos – diz Cato.

– E quanto ao Conquistador? – pergunta o garoto do Distrito 1.

– Vou repetir mais uma vez. Esquece ele. Sei onde enfiei a faca nele. É um milagre ainda estar vivo depois de perder tanto sangue. Na pior das hipóteses, não tem condições de nos perseguir – diz Cato.

Então, Peeta está lá na floresta, e com um ferimento horrível. Mas ainda estou no escuro sobre o que o motivou a trair os Carreiristas.

– Vamos embora – chama Cato. Ele coloca uma lança na mão do garoto do Distrito 3, e eles correm na direção do fogo. A última coisa que ouço quando estão entrando na floresta é Cato dizendo:

– Quando nós a encontrarmos, vou matá-la do meu jeito e ninguém vai se meter.

Alguma coisa me diz que ele não está falando de Rue. Ela não jogou um ninho de teleguiadas nele.

Fico alerta por mais ou menos meia hora, pensando no que fazer com os suprimentos. A única vantagem que tenho com o arco e flecha é a distância. Poderia, com muita facilidade, lançar uma flecha em chamas no interior da pirâmide – sou boa o suficiente com o arco para fazer com que a flecha passe pelas pequenas aberturas na rede –, mas não há garantia de que

o fogo se espalhará. É muito mais provável que a flecha queime, e depois o quê? Eu não teria conseguido nada e teria, isso sim, revelado muitas informações sobre mim para eles: que eu estava aqui, que tenho uma parceira, que sei usar o arco e flecha com precisão.

Não há alternativa. Vou ter mesmo de me aproximar e ver se não consigo descobrir o que exatamente protege os suprimentos. Na realidade, estou a ponto de sair do esconderijo quando um movimento me chama a atenção. Várias centenas de metros à minha direita, vejo alguém emergindo da floresta. Por um segundo, imagino que seja Rue, mas aí reconheço a Cara de Raposa – ela era o tributo de que não conseguíamos nos lembrar hoje de manhã – se esgueirando na direção da clareira. Quando se convence de que está segura, corre para a pirâmide com passos curtos e rápidos. Pouco antes de alcançar o círculo de suprimentos que haviam sido empilhados em torno da pirâmide, ela para, examina o chão, e cuidadosamente coloca os pés em um determinado ponto. Então, começa a se aproximar da pirâmide com saltos curtos e estranhos, às vezes aterrissando em um único pé, oscilando levemente, às vezes arriscando alguns passos. Em um ponto, ela se projeta no ar por sobre um pequeno barril e aterrissa na ponta dos pés. Mas ultrapassou um pouco o limite, e o impulso a levou para a frente. Ouço seu grito agudo quando suas mãos atingem o chão, mas nada acontece. De imediato, ela se levanta e continua até alcançar a pilha de suprimentos.

Quer dizer então que estava certa a respeito da armadilha, mas sem dúvida é bem mais complexa do que eu imaginava. Também estava certa em relação à garota. Foi muita astúcia de sua parte ter descoberto essa trilha que dá acesso à comida e ter sido capaz de segui-la com tanta engenhosidade. Ela enche sua mochila, escolhendo alguns itens de uma variedade de contêineres: biscoitos de um engradado, um punhado de maçãs de um saco de estopa que está suspenso por uma corda ao lado de uma lata de lixo. Mas somente um punhado de cada coisa, não o suficiente para que se dê pela falta da comida. Não o suficiente para causar suspeita. E então volta a fazer aqueles movimentos esquisitos para sair do círculo e sumir novamente no interior da floresta, sã e salva.

Percebo que estou com os dentes cerrados de pura frustração. Cara de Raposa confirmou o que eu já havia adivinhado. Mas que tipo de armadilha montaram que requer tanta destreza? Será que possui tantos pontos de disparo? Por que ela deu aquele grito quando suas mãos tocaram o chão?

Dá para imaginar que... e lentamente a coisa toda começa a se formar na minha cabeça... dá para imaginar que o próprio chão estava prestes a explodir.

– Está minado – sussurro. Isso explica tudo. A despreocupação dos Carreiristas em deixar os suprimentos. A reação de Cara de Raposa, o envolvimento do garoto do Distrito 3, onde se localizam as fábricas, onde produzem televisores e automóveis e explosivos. Mas onde ele as conseguiu? Nos suprimentos? Esse não é o tipo de arma que os Idealizadores dos Jogos normalmente disponibilizam, tendo em vista que gostam de ver os tributos sangrando no corpo a corpo. Saio dos arbustos e vou até um dos círculos de metal que trouxeram os tributos para a arena. A terra em volta dele foi escavada e depois recolocada. As minas terrestres foram desabilitadas depois dos sessenta segundos que nós ficamos nos círculos, mas o garoto do Distrito 3 deve ter conseguido reativá-las. Nunca vi ninguém fazer uma coisa dessas em nenhuma edição dos Jogos. Aposto que foi um choque até mesmo para os Idealizadores.

Bem, palmas para o garoto do Distrito 3 por armar uma para cima deles, mas o que faço agora? Obviamente, não posso sair andando na direção daquela bagunça sem explodir pelos ares. Quanto a lançar uma flecha em chamas, a ideia agora é mais risível do que nunca. As minas são ativadas por pressão. Mas também não precisa ser muita pressão. Uma vez, uma garota deixou cair seu símbolo – uma pequena bola de madeira – enquanto estava no círculo de metal, e foi preciso, literalmente, remover do chão todos os pedacinhos dela.

Meu braço está em boas condições, talvez eu consiga arremessar algumas pedras no local e ativar o quê? Uma mina, quem sabe? Isso poderia acarretar uma reação em cadeia. Será mesmo? Será que o garoto do Distrito 3 dispôs as minas de tal forma que uma única delas não interferiria nas outras, e dessa forma elas protegeriam os suprimentos ao garantir a morte do invasor? Mesmo que só conseguisse explodir uma única mina, eu atrairia os Carreiristas de volta com certeza. E, de qualquer maneira, o quê que estou pensando? Há aquela rede, visivelmente colocada para impedir tais ataques. Além disso, o que realmente teria de fazer seria arremessar umas trinta pedras no local de uma vez só, acarretando uma gigantesca reação em cadeia e pondo abaixo tudo aquilo.

Olho de relance para a floresta. A fumaça da segunda fogueira de Rue está subindo em direção ao céu. A uma hora dessas os Carreiristas

provavelmente já terão começado a suspeitar de alguma espécie de truque. O tempo está se esgotando.

Há uma solução para isso, sei que há. Se ao menos eu pudesse me concentrar o suficiente... Miro a pirâmide, as latas de lixo, os engradados, pesados demais para serem derrubados com uma flechada. Talvez algum deles contenha óleo para cozinhar, e a ideia da flecha em chamas está começando a se tornar viável novamente quando recordo que poderia acabar perdendo todas as minhas doze flechas e não conseguir atingir nenhuma lixeira, já que estaria apenas supondo tudo isso. Estou seriamente pensando em tentar reproduzir os passos de Cara de Raposa até a pirâmide, na esperança de encontrar novos meios de destruição quando meus olhos brilham na direção do saco de estopa cheio de maçãs. Poderia cortar a corda em uma única tentativa. Por acaso não fiz a mesma coisa no Centro de Treinamento? É um saco grande, mas talvez ele só sirva para uma explosão. Se ao menos pudesse fazer com que as maçãs saíssem sozinhas...

Sei o que fazer. Preparo-me e disponibilizo três flechas para realizar a tarefa. Coloco meus pés com cuidado e me isolo do resto do mundo enquanto preparo uma mira meticulosa. A primeira flecha acerta o lado do saco perto do topo, deixando um corte na estopa. A segunda o amplia para o tamanho de um buraco. Consigo ver a primeira maçã escapando quando mando a terceira flecha, pegando a aba rasgada da estopa e soltando-a do saco.

Por um momento, tudo parece congelado no tempo. Então, as maçãs começam a se derramar pelo chão e sou jogada bruscamente para trás.

O impacto com a terra dura me deixa sem ar. Minha mochila pouco faz para aliviar o golpe. Por sorte, minha aljava ficou presa no cotovelo, poupando não só sua integridade como também meu ombro, e meu arco está firmemente seguro em minha mão. Ele ainda treme devido às explosões. Não consigo escutar o barulho. Não consigo escutar nada no momento. Mas a maçãs devem ter ativado uma quantidade suficiente de minas, fazendo com que os estilhaços, por sua vez, ativassem outras. Consigo proteger o rosto com os braços enquanto pedaços de várias coisas, alguns dos quais em chamas, chovem em cima de mim vindos de todas as direções. Uma fumaça ácida cobre o ar, o que não é o remédio ideal para alguém que está tentando recuperar a capacidade de respirar.

Depois de mais ou menos um minuto, o chão para de vibrar. Rolo para o lado e me permito um momento de satisfação diante da visão dos destroços fumegantes que há pouco tempo tinham a feição de uma pirâmide. Os Carreiristas dificilmente conseguirão salvar qualquer coisa do local.

É melhor sair logo daqui. *Eles virão diretamente para cá*. Mas assim que me levanto, noto que escapar não deve ser uma tarefa tão simples. Estou tonta. Não aquele tipo de tonteira leve, mas o tipo que faz com que as árvores rodopiem à sua volta e a terra se mova em ondas embaixo de seus pés. Dou alguns passos e acabo ficando de quatro. Paro alguns minutos para esperar a sensação passar, mas ela não passa.

Começo a entrar em pânico. Não posso ficar aqui. Fugir é essencial. Mas não consigo nem andar nem ouvir nada. Coloco uma das mãos no ouvido esquerdo, o que estava virado na direção da explosão, e, quando olho, ele está cheio de sangue. Será que fiquei surda devido à explosão? A ideia me assusta. Confio tanto em meus ouvidos quanto em meus olhos nas caçadas. Às vezes, sou obrigada a confiar até mais nos ouvidos. Mas não posso permitir que meu medo apareça. É líquido e certo que eu esteja agora ao vivo em todas as telas de televisão de Panem.

Sem rastros de sangue, digo para mim mesma, e cubro a cabeça com o capuz, amarrando a corda embaixo do queixo com dedos pouco dispostos a

cooperar. Isso deve ajudar a secar o sangue. Não consigo andar, mas será que consigo rastejar? Faço um movimento para a frente, hesitante. Sim, se for bem lentamente, consigo rastejar, sim. As árvores daqui não oferecem muitas possibilidades de esconderijo. Minha única esperança é chegar ao bosque de Rue e me esconder na vegetação. Não posso ser pega aqui, de quatro, a céu aberto. Certamente teria de encarar não simplesmente a morte, mas uma morte longa e dolorosa nas mãos de Cato. A imagem de Prim sendo obrigada a assistir a tudo isso faz com que eu avance infatigavelmente, centímetro a centímetro, na direção do esconderijo.

Uma outra explosão me faz grudar o rosto no chão. Uma mina desgarrada, ativada por algum engradado em queda. Acontece por mais duas vezes. O som me faz lembrar dos últimos grãos de milho que explodem quando eu e Prim fazemos pipoca na lareira de casa.

Dizer que consigo escapar no último segundo só pode ser uma piada. Mal acabei de me arrastar, literalmente, até o emaranhado de arbustos na base das árvores quando avisto Cato, correndo em disparada, e logo seguido de seus companheiros. Sua raiva é tão extrema que poderia até ser cômica – quer dizer então que as pessoas realmente arrancam os cabelos e dão socos no chão –, se eu não soubesse que ela é endereçada a mim, ao que fiz com ele. Acrescente isso à minha proximidade, minha impossibilidade de correr ou de me defender e, na verdade, a coisa toda me deixa aterrorizada. Estou contente de meu esconderijo tornar impossível para as câmeras conseguirem dar um close em mim, porque estou roendo as unhas como se não houvesse amanhã. Arrancando os últimos resquícios de esmalte, tentando evitar que meus dentes trepidem.

O garoto do Distrito 3 joga pedras nas ruínas e deve ter declarado que todas as minas foram ativadas, porque os Carreiristas estão se aproximando dos destroços.

Cato encerrou a primeira fase de seu ataque e agora transfere sua raiva para os restos fumegantes, chutando vários contêineres. Os outros tributos estão remexendo a bagunça em busca de algo que possa ser salvo, mas não há nada. O garoto do Distrito 3 executou muito bem seu trabalho. Essa ideia também deve estar ocorrendo a Cato, porque ele se volta para o garoto e parece estar gritando com ele. O garoto do Distrito 3 só tem tempo de se virar e correr antes de Cato pegá-lo por trás com uma gravata. Consigo ver os músculos se retesando nos braços de Cato à medida que ele torce a cabeça do garoto para o lado com força e precisão.

Rápida assim. A morte do garoto do Distrito 3.

Os outros dois Carreiristas parecem estar tentando acalmar Cato. Dá para ver que ele quer voltar para a floresta, mas eles não param de apontar para o céu, o que me deixa confusa. Aí me dou conta: *é claro. Eles pensam que quem quer que tenha ocasionado a explosão agora está morto.* Eles não sabem nada sobre as flechas e as maçãs. Eles reconhecem que a armadilha era defeituosa, mas que o tributo que explodiu os suprimentos morreu no ato. Se houve um tiro de canhão, ele pode muito bem ter passado despercebido nas explosões subsequentes. Os restos esmigalhados do ladrão teriam sido removidos pelo aerodeslizador. Eles se retiram para a extremidade lateral do lago para permitir que os Idealizadores retirem o corpo do garoto do Distrito 3. E esperam.

Suponho ter ouvido um tiro de canhão. Um aerodeslizador aparece e leva o corpo do garoto morto. O sol se põe no horizonte. A noite cai. No céu, vejo a insígnia e sei que o hino deve ter começado. Um instante de escuridão. Eles mostram o garoto do Distrito 3. Eles mostram o garoto do Distrito 10, que deve ter morrido hoje de manhã. Então, a insígnia reaparece. Quer dizer que agora eles sabem. O detonador da bomba sobreviveu. À luz da insígnia, consigo ver Cato e a garota do Distrito 2 colocarem seus óculos de visão noturna. O garoto do Distrito 1 acende um galho e usa como tocha, iluminando a sombria determinação em todos aqueles rostos. Os Carreiristas retornam à floresta para caçar.

A tonteira melhorou e, apesar de meu ouvido esquerdo ainda estar inoperante, consigo ouvir alguma coisa com o direito, o que parece ser um bom sinal. Todavia, sair do meu esconderijo está fora de questão. Aqui, no local de crime, estou mais segura do que em qualquer outro lugar. Provavelmente, estão pensando que o detonador está com duas ou três horas de vantagem sobre eles. Mas, mesmo assim, ainda vai demorar muito até que me arrisque a me mexer.

A primeira coisa que faço é colocar meus óculos, o que me relaxa um pouco, para ter pelo menos um dos meus sentidos funcionando. Bebo um pouco de água e lavo o sangue do ouvido. Temendo que o cheiro de carne atraia predadores indesejáveis – sangue fresco já é suficientemente ruim –, faço uma boa refeição com verduras, raízes e amoras que eu e Rue colhemos hoje.

Onde está minha pequena aliada? Será que conseguiu chegar ao local de encontro? Será que está preocupada comigo? Pelo menos o céu mostrou

que ambas estamos vivas.

Conto com os dedos os tributos sobreviventes. O garoto do Distrito 1, os dois do 2, Cara de Raposa, os dois do 11 e do 12. Apenas oito de nós. As apostas devem estar fervendo na Capital. Devem estar fazendo reportagens especiais sobre cada um de nós. Provavelmente entrevistando nossos amigos e familiares. Faz um bom tempo desde a última vez que algum tributo do Distrito 12 conseguiu chegar entre os oito primeiros. E agora estamos os dois. Embora, se levarmos em conta as palavras de Cato, Peeta esteja nas últimas. Não que Cato represente a palavra final sobre o que quer que seja. Não foi ele próprio que acabou de perder todo o estoque de suprimentos?

Que a septuagésima quarta edição dos Jogos Vorazes comece, Cato.Que ela comece de fato.

Uma brisa fria começou a soprar. Procuro meu saco de dormir antes de me lembrar que o emprestei a Rue. Era para eu ter pego algum outro, mas com as minas e tudo o mais, acabei esquecendo. Começo a tremer. Tendo em vista que ficar empoleirada a noite toda em uma árvore não é muito sensato, cavo um buraco embaixo dos arbustos e me cubro com folhas e agulhas de pinheiro. Ainda estou com frio. Coloco minha folha de plástico sobre a parte superior do corpo e posiciono a mochila no sentido oposto ao do vento. Fica um pouco melhor assim. Começo a ficar um pouco mais solidária com a garota do Distrito 8 que acendeu a fogueira na primeira noite. Mas agora sou eu que preciso cerrar os dentes e aguentar firme até o amanhecer. Mais folhas, mais agulhas de pinheiro. Puxo os braços para dentro da jaqueta e encaixo os joelhos no peito. Não sei como, mas acabo adormecendo.

Quando abro os olhos, o mundo parece levemente fraturado, e levo um minuto para perceber que o sol já deve estar bem alto e os óculos estão fragmentando minha visão. Enquanto me sento e os removo, escuto um riso em algum lugar perto do lago e fico paralisada. O riso é distorcido, mas o fato de ter ao menos registrado sua presença significa que estou recuperando minha audição. Sim, meu ouvido direito está escutando novamente, embora ainda esteja ecoando. Quanto ao meu ouvido esquerdo, bem, pelo menos o sangramento parou.

Espio por entre os arbustos, com medo de os Carreiristas terem retornado, de terem me abandonado nessa armadilha por um tempo indefinido. Não, é Cara de Raposa quem está em pé sobre os destroços da

pirâmide e rindo. É mais esperta do que os Carreiristas. Na verdade, está encontrando alguns itens úteis em meio às cinzas. Um pote de metal. Uma lâmina de faca. Estou perplexa com seu bom humor até perceber que, após a eliminação das provisões dos Carreiristas, talvez ela efetivamente tenha alguma chance. Assim como o resto de nós. Passa pela minha cabeça a ideia de revelar minha presença e alistá-la como uma segunda aliada contra o bando. Mas descarto a hipótese. Tem alguma coisa nesse riso astucioso que me faz ter certeza de que fazer amizade com Cara de Raposa terminaria por me arranjar uma facada nas costas. Com isso em mente, talvez agora seja uma excelente oportunidade para acabar com ela. Mas ela ouviu alguma coisa. Não foi nenhum barulho do meu lado porque a cabeça dela virou para outra direção, para a direção do despenhadeiro, e ela corre para a floresta. Eu espero. Ninguém. Coisa alguma aparece. Mas ainda assim, se Cara de Raposa imaginou que fosse perigoso, talvez seja o momento de eu sair daqui também. E além do mais, estou ansiosa para contar a Rue a respeito da pirâmide.

Como não faço a menor ideia de onde estão os Carreiristas, voltar pelo riacho parece uma possibilidade tão boa quanto qualquer outra. Corro, arco e flecha preparado em uma das mãos, um pedaço de ganso silvestre frio na outra, porque agora estou morrendo de fome, e não é fome de folhas e amoras, mas de gordura e proteína da carne. A viagem até o riacho ocorre sem incidentes. Uma vez lá, reabasteço-me e me lavo, tomando um cuidado especial com meu ouvido machucado. Então, subo a montanha usando o riacho como guia. Em determinado ponto, encontro pegadas de botas na lama ao longo da margem. Os Carreiristas estiveram aqui, mas não por muito tempo. As pegadas são profundas porque foram feitas em lama macia, mas agora estão quase secas devido ao sol. Não fui suficientemente cuidadosa em relação ao meu próprio rastro, contando com as passadas leves e com as agulhas dos pinheiros para ocultar minhas pegadas. Agora retiro as botas e as meias e ando descalça no leito do riacho.

A água fria exerce um efeito revigorante em meu corpo, em meu humor. Pego dois peixes no riacho com muita facilidade e como um deles cru, mesmo tendo acabado de comer o ganso silvestre. Guardo o segundo para Rue.

Gradualmente, sutilmente, o eco em meu ouvido direito diminui de intensidade até que acaba inteiramente. Mexo periodicamente no ouvido, tentando retirar seja lá o que possa estar impossibilitando o órgão de

coletar sons. Se há alguma melhoria, é impossível de ser detectada. Não consigo me ajustar à surdez. Fico com uma sensação de desequilíbrio e fragilidade do lado esquerdo. É como se fosse uma cegueira. Minha cabeça não para de se virar para o lado problemático enquanto meu ouvido direito tenta compensar o paredão vazio onde ontem mesmo havia um fluxo constante de informação. Quanto mais o tempo passa, menos esperança tenho de que o ferimento possa ser curado.

Quando alcanço o local de nosso primeiro encontro, tenho a nítida sensação de que está vazio. Não há nenhum sinal de Rue, nem no chão, nem nas árvores. O que é estranho. Ela já deveria ter voltado, já que é meio-dia. Sem dúvida, passou a noite em cima de uma árvore em algum lugar por aí. O que mais ela poderia fazer sem luz e com os Carreiristas com seus óculos de visão noturna trombeteando na floresta? E a terceira fogueira que deveria ter acendido – embora eu tenha esquecido de verificá-la ontem à noite – seria a mais distante de todas de nosso local. Provavelmente, estava apenas sendo cautelosa em relação à sua volta. Gostaria que se apressasse porque eu não quero ficar parada aqui por muito tempo. Quero passar a tarde viajando para um local mais alto, e caçar alguma coisa no caminho. Mas não há nada que eu realmente possa fazer a não ser esperar.

Removo com água o sangue da minha jaqueta e do cabelo e limpo minha lista cada vez maior de ferimentos. As queimaduras estão bem melhores, mas ponho um pouco de remédio assim mesmo. Minha principal preocupação agora é evitar alguma infecção. Faço um esforço e como o segundo peixe. Eles não vão durar muito nesse calor, mas não devo ter muita dificuldade para pegar mais alguns para Rue. Se ao menos ela aparecesse.

Sentindo-me bastante vulnerável no chão devido à minha audição desigual, resolvo escalar uma árvore e esperar. Se os Carreiristas aparecerem, aqui vai ser um excelente local para alvejá-los. O sol se move lentamente. Faço coisas para passar o tempo. Mastigo folhas e as aplico sobre as ferroadas que estão inchadas, mas ainda macias. Penteio os cabelos úmidos com os dedos e faço uma trança. Amarro o cadarço das botas. Verifico o arco e as nove flechas restantes. Testo repetidamente meu ouvido esquerdo esfregando uma folha perto dele, em busca de sinais de vida, mas sem resultado algum.

Apesar do ganso silvestre e do peixe, meu estômago está roncando, e sei que terei o que chamamos no Distrito 12 de um dia vazio. É o tipo de

dia em que não importa o quanto você coloque de comida no estômago, nunca será suficiente. Não ter nada para fazer além de ficar sentada em uma árvore só piora a sensação, então, decido ceder. Afinal, perdi muito peso na arena. Sinto necessidade de algumas calorias extras. E dispor do arco e flecha me deixa mais confiante a respeito de minhas perspectivas futuras.

Lentamente, descasco e como um punhado de nozes. Meu último biscoito. O pescoço do ganso silvestre. Essa parte é boa porque demora a ficar limpa. Finalmente, uma asa de ganso e a ave vira história. Mas é um dia vazio, e, mesmo com tudo isso, começo a sonhar com comida. Especificamente, com os pratos indulgentes servidos na Capital. A galinha com molho cremoso de laranja. Os bolos e os pudins. Pão com manteiga. Macarrão ao molho verde. O carneiro e o cozido de ameixas secas. Sugo algumas folhas de menta e digo a mim mesma que é hora de parar com isso. Menta é bom porque sempre bebemos chá de menta após a ceia, então ela acaba enganando meu estômago, fazendo-o crer que a refeição está encerrada. Mais ou menos isso.

Balançando na árvore ao calor do sol, a boca cheia de menta, meu arco à mão... esse é o momento mais relaxante que tive desde que entrei na arena. Se ao menos Rue aparecesse, poderíamos dar o fora daqui. À medida que as sombras crescem, cresce também minha inquietação. Ao fim da tarde, já estou decidida a sair em sua busca. Posso pelo menos passar no local onde ela acendeu a terceira fogueira e ver se há alguma pista de seu paradeiro.

Antes de ir, espalho algumas folhas de menta em volta de nossa antiga fogueira. Como nós duas colhemos as folhas a uma boa distância daqui, Rue vai entender que estive aqui, ao passo que para os Carreiristas elas não terão nenhum significado.

Em menos de uma hora, estou no local onde combinamos de acender a terceira fogueira, e sei que alguma coisa está errada. A madeira foi cuidadosamente arrumada, habilidosamente intercalada com lenha, mas não foi acesa em momento algum. Rue preparou a fogueira, mas nunca retornou ao local. Ela se encrencou em algum momento entre a segunda coluna de fumaça que espionei antes de explodir os suprimentos e esse ponto aqui.

Tenho de me lembrar que ela ainda está viva. Ou será que não? Será que o tiro de canhão anunciando sua morte foi dado de manhã cedinho,

quando até meu ouvido bom estava em péssimas condições para ouvi-lo? Será que ela vai aparecer no céu hoje à noite? Não, recuso-me a acreditar nisso. Centenas de outras explicações seriam cabíveis. Ela poderia ter se perdido. Corrido na direção de um bando de predadores ou de algum outro tributo, como Thresh, e ter sido obrigada a se esconder. Seja lá o que aconteceu, tenho quase certeza de que ela está presa em algum lugar, algum lugar entre a segunda fogueira e essa fogueira não acesa aqui aos meus pés. Alguma coisa a está mantendo em cima de uma árvore.

Acho que vou descobrir o que é.

É um alívio fazer algo depois de ficar a tarde toda sentada. Esgueiro-me silenciosamente por entre as sombras, permitindo que elas me ocultem. Mas nada parece suspeito. Não há sinal de nenhum tipo de luta. Nenhuma folha arrebentada no chão. Depois de parar por um instante, ouço alguma coisa. Preciso empinar a cabeça para ter certeza, mas ouço novamente. A canção de quatro notas de Rue saindo da boca de um tordo. A que indica que ela está bem.

Sorrio e me movo na direção do pássaro. Um outro, apenas um pouco distante daqui, reproduz as notas. Rue cantou para eles, e não faz muito tempo. Porque senão estariam cantando outra canção. Meus olhos se dirigem para as árvores, em busca de algum sinal seu. Tento cantar de volta, na esperança de que ela compreenda que é seguro se juntar a mim. Um tordo repete a melodia para mim. E então ouço o grito.

Um grito de criança, o grito de uma garota jovem. Não há mais ninguém na arena capaz de reproduzir esse som a não ser Rue. E agora estou correndo, ciente de que isso pode ser uma armadilha, ciente de que os três Carreiristas podem estar prontos para me atacar, mas não consigo evitar. Ouço mais um grito agudo, dessa vez é meu nome.

– Katniss! Katniss!

– Rue! – grito de volta, para que ela saiba que estou próxima. Para que *eles* saibam que estou próxima. E que a sorte me ajude a fazer com que a garota que os atacou com as teleguiadas e tirou um onze que eles até agora não conseguem explicar seja o suficiente para desviar sua atenção de Rue. – Rue! Estou chegando!

Assim que entro na clareira, ela está no chão, desesperadamente emaranhada em uma rede. Ela só tem tempo de colocar a mão para fora da malha e dizer meu nome antes de a lança entrar em seu corpo.

O garoto do Distrito 1 morre antes de poder pegar a lança. Minha flecha penetra profundamente o centro de seu pescoço. Ele cai de joelhos e testemunha o pouco que lhe resta de vida arrancando a flecha e mergulhando na poça de seu próprio sangue. Estou com outra preparada no arco, mudando a mira de um lado para outro, enquanto grito para Rue:

– Tem mais algum? Tem mais algum?

Ela precisa dizer não várias vezes até eu conseguir ouvi-la. Rue rolou para o lado, seu corpo está curvado em volta da lança. Jogo o garoto para longe dela e puxo a faca, soltando-a da rede. Uma olhada rápida no ferimento e sei que está bem além de minha capacidade de cura. Além da capacidade de qualquer pessoa, provavelmente. A ponta da lança está enterrada em seu estômago. Rastejo até ela, mirando impotentemente a arma enfiada. Não há nenhum sentido em dizer palavras reconfortantes; em dizer que ela vai ficar boa. Ela não é nenhuma imbecil. Rue estende a mão e a agarro como se fosse uma corda salva-vidas. Como se fosse eu que estivesse morrendo e não ela.

– Você explodiu a comida?

– Até o último grão.

– Você precisa vencer.

– Eu vou. Agora vou vencer por nós duas – prometo a ela. Ouço um canhão e levanto os olhos. Deve ser para o garoto do Distrito 1.

– Não vá. – Rue aperta minha mão com mais força.

– É claro que não. Vou ficar bem aqui. – Aproximo-me dela, puxando sua cabeça para meu colo. Delicadamente, jogo seus cabelos escuros e espessos para trás da orelha.

– Cante – diz ela, mas quase não consigo ouvir a palavra.

Cantar? Cantar o quê? Sei algumas canções. Acredite ou não, tempos atrás também havia música na minha casa. Música que ajudei a fazer. Meu pai possuía uma voz extraordinária que me atraía muito, mas desde que ele morreu não tenho mais cantado muito. Exceto quando Prim está muito doente. Aí, canto para ela as mesmas canções que ela gostava quando criança.

Cantar. Minha garganta está apertada por causa das lágrimas, rouca devido à fumaça e ao cansaço. Mas como esse é o último pedido de Prim, quer dizer de Rue, tenho pelo menos de fazer uma tentativa. A canção que me vem à mente é uma cantiga bem simples com a qual ninamos bebês agitados e esfomeados. É muito antiga, acho. Foi feita há muito tempo em nossas montanhas. O que minha professora de música chamava de ar da montanha. Mas a letra é fácil e tranquilizadora, prometendo que o amanhã será bem mais esperançoso do que este horroroso período de tempo que chamamos de hoje.

Tusso um pouco, engulo em seco e começo:

Bem no fundo da campina, embaixo do salgueiro
Um leito de grama, um macio e verde travesseiro
Deite a cabeça e feche esses olhos cansados
E quando se abrirem, o sol já estará alto nos prados.
Aqui é seguro, aqui é um abrigo
Aqui as margaridas te protegem de todo perigo
Aqui seus sonhos são doces e amanhã eles serão lei
Aqui é o local onde sempre te amarei

Os olhos de Rue se fecharam. Seu peito se move, mas apenas levemente. Minha garganta solta as lágrimas e elas deslizam por minhas bochechas. Mas tenho de terminar a canção para ela.

Bem no fundo das campinas, bem distante
Num maço de folhas, brilha o luar aconchegante
Esqueça suas tristezas e aquele problema estafante
Porque quando amanhecer de novo ele não será mais tão pujante
Aqui é seguro, aqui é um abrigo
Aqui as margaridas te protegem de todo perigo

As últimas estrofes são quase inaudíveis.

Aqui seus sonhos são doces e amanhã serão lei

Aqui é o local onde sempre te amarei.
Tudo está tranquilo e quieto. Então, de maneira quase fantasmagórica, o tordo reproduz minha canção.

Por um instante, permaneço lá sentada, observando minhas lágrimas se derramarem no seu rosto. O canhão de Rue soa. Inclino-me para a frente e pressiono meus lábios na sua têmpora. Lentamente, como se não quisesse acordá-la, coloco sua cabeça no chão e solto sua mão.

Eles vão querer que eu dê o fora agora. Para que possam recolher os corpos. E não há nenhum motivo para ficar aqui. Rolo o garoto do Distrito 1 para que fique deitado de costas e pego sua mochila. Retiro a flecha que acabou com sua vida. Corto também a mochila de Rue de suas costas, ciente de que ela gostaria que eu ficasse com ela. Mas deixo a lança em seu estômago. Armas em corpos são transportadas para o aerodeslizador. Não tenho nenhuma utilidade para uma lança, então, quanto mais cedo for embora da arena, melhor para mim.

Não consigo parar de olhar para Rue, que me parece menor do que nunca. Um filhote de animal enroscado em um ninho. Não consigo me convencer a deixá-la assim. Fora de perigo, mas parecendo totalmente indefesa. Odiar o garoto do Distrito 1, que também parece muito vulnerável na morte, soa inadequeado. É a Capital que odeio. Por fazer isso com todos nós.

A voz de Gale está em minha cabeça. Suas invectivas contra a Capital não são mais despropositadas; não merecem mais ser ignoradas. A morte de Rue me forçou a confrontar minha própria raiva contra a crueldade, a injustiça que infligem sobre nós. Mas aqui, de modo até mais forte do que em casa, sinto minha impotência. Não há como se vingar da Capital. Será que há?

Então, lembro-me das palavras de Peeta no telhado: *"Só fico desejando que haja alguma maneira de... de mostrar à Capital que eles não mandam em mim. Que sou mais do que somente uma peça nos Jogos deles"*. E, pela primeira vez, compreendo o que ele estava querendo dizer.

Quero fazer alguma coisa, aqui mesmo, nesse exato momento, para envergonhá-los, para responsabilizá-los, para mostrar à Capital que o que quer que façam ou nos forcem a fazer aqui, haverá sempre uma parte de cada tributo que não está sob suas ordens. Que Rue era mais do que uma peça no seu Jogo. E também eu.

Dentro da floresta há um amontoado de flores silvestres. Talvez não passem de algum tipo de erva, mas estão florescendo em belos tons de violeta, amarelo e branco. Junto um punhado delas e volto para o lado de Rue. Lentamente, um caule atrás do outro, decoro seu corpo com as flores. Cubro o ferimento horroroso. Faço uma grinalda em seu rosto. Tranço seus cabelos com cores vivas.

Terão de mostrar isso. Ou, mesmo que escolham virar as câmeras para algum outro ponto agora, eles terão de trazê-las de volta quando os corpos forem recolhidos e todos então a verão e saberão que fiz isso. Afasto-me e olho Rue uma última vez. Ela poderia muito bem estar apenas adormecida nessa campina, afinal de contas.

– Tchau, Rue – sussurro. E pressiono os três dedos médios de minha mão esquerda em meus lábios e os ergo na sua direção. Então, começo a caminhar sem olhar para trás.

Os pássaros ficam em silêncio. Em algum lugar, um tordo dá o aviso que precede o aerodeslizador. Não sei como ele sabe. Deve ouvir coisas que os humanos não ouvem. Faço uma pausa, meus olhos focados no que está à frente, não no que está atrás de mim. Não demora muito e a cantoria geral dos pássaros recomeça. Então sei que ela se foi.

Outro tordo, um jovem, a julgar pela aparência, aterrissa em um galho diante de mim e extravasa a melodia de Rue. Minha canção, o aerodeslizador, era tudo muito pouco familiar para que esse novato aprendesse de pronto, mas ele dominou com maestria as notas de Rue. As que querem dizer que ela está a salvo.

– Sã e salva – digo enquanto passo por baixo do galho do pássaro. – Nós não precisamos mais nos preocupar com ela. – Sã e salva.

Não faço a menor ideia de para onde devo ir. A tênue sensação de lar que desfrutei àquela noite com Rue desapareceu. Meus pés vagam para uma direção e depois para outra até o cair da noite. Não estou com medo, não estou nem mesmo vigilante, o que me torna uma presa fácil. Exceto pelo fato de que mataria qualquer pessoa que encontrasse pelo caminho. Sem emoção alguma e sem o menor tremor nas mãos. O ódio que sinto pela Capital não diminuiu nem um pouco o ódio que sinto por meus concorrentes. Principalmente pelos Carreiristas. Eles, pelo menos, podem ser obrigados a pagar pela morte de Rue.

Mas ninguém se materializa à minha frente. Não restam muitos de nós e a arena é bem grande. Logo, logo eles vão colocar para funcionar algum

outro dispositivo que nos obrigue a nos reunir. Mas hoje já houve sangue o suficiente. Talvez até consigamos dormir um pouco.

Estou a ponto de jogar minhas mochilas numa árvore para montar um acampamento quando um paraquedas prateado flutua e aterrissa na minha frente. Uma dádiva de um patrocinador. Mas por que agora? Tenho estado na penúria com relação a suprimentos. Talvez Haymitch tenha notado meu desespero e está tentando me entusiasmar um pouco. Ou será que é alguma coisa para ajudar meu ouvido?

Abro o paraquedas e encontro um pequeno pedaço de pão. Não é aquele pão branco de primeira da Capital. É feito de grãos de ração escurecidos e tem a forma de meia-lua. Salpicado de sementes. Rememoro a lição de Peeta no Centro de Treinamento a respeito dos pães dos vários distritos. Esse pão veio do Distrito 11. Ergo cautelosamente o pedaço ainda quente. O que isso não deve ter custado às pessoas do Distrito 11, que nem conseguem se alimentar direito... Quantas pessoas não devem ter ficado sem nada só para arranjar um trocado para produzir esse pãozinho? Foi mandado para Rue, certamente. Mas, em vez de recolherem a dádiva assim que ela morreu, autorizaram Haymitch a dá-lo para mim. Como agradecimento? Ou porque, como eu, eles não gostam de deixar de quitar as dívidas? Seja lá qual for o motivo, isso é algo inédito. Uma dádiva de um distrito ser entregue a um tributo de outro distrito.

Ergo meu rosto e percebo os últimos raios de luz do dia.

– Meus agradecimentos ao povo do Distrito 11 – digo. Quero que eles saibam que sei de onde vem a dádiva. Que todo o valor daquela dádiva foi reconhecido.

Escalo perigosamente uma árvore bem alta, não em busca de segurança, mas para me afastar o máximo que posso do dia de hoje. Meu saco de dormir está muito bem acondicionado na mochila de Rue. Amanhã, vou selecionar os suprimentos. Amanhã, vou traçar um novo plano. Mas, agora de noite, tudo o que consigo fazer é me amarrar ao tronco e dar algumas mordidas no pão. É gostoso. Tem sabor de casa.

Logo a insígnia aparece no céu e escuto o hino em meu ouvido direito. Vejo o garoto do Distrito 1. E Rue. Isso é tudo por hoje. *Restam seis de nós*. *Apenas seis*. Com o pão ainda preso nas mãos, caio imediatamente no sono.

Às vezes, quando as coisas estão particularmente ruins, meu cérebro me proporciona um sonho feliz. Uma visita à floresta com meu pai. Uma hora tomando sol e comendo bolo com Prim. Hoje, ele me envia Rue, ainda

emoldurada pelas flores, empoleirada no topo de um oceano de árvores tentando me ensinar a falar com os tordos. Não vejo nenhum sinal de seus ferimentos, nenhum sangue, apenas uma garota vivaz e risonha. Ela canta canções que jamais ouvi com uma voz límpida e melodiosa. Uma atrás da outra. A noite toda. Há um intervalo modorrento em que ouço as últimas estrofes de sua música, embora ela esteja perdida nas folhas. Quando desperto completamente, fico momentaneamente reconfortada. Tento segurar a sensação de paz contida no sonho, mas ela se esvai com rapidez, deixando-me mais triste e mais solitária do que nunca.

Sinto um peso tomar conta de todo meu corpo, como se chumbo líquido estivesse passando em minhas veias. Perdi a vontade de realizar as mais simples tarefas, de fazer qualquer coisa a não ser ficar aqui deitada, mirando a copa da árvore sem piscar. Por várias horas, permaneço imóvel. Como de costume, é a imagem do rosto ansioso de Prim me assistindo na televisão que me tira da letargia.

Dou a mim mesma uma série de comandos simples, tais como "agora você tem de se sentar, Katniss", "agora você tem de beber água, Katniss".

Reajo às ordens com movimentos lentos e robotizados.

"Agora você tem de selecionar os suprimentos, Katniss."

A mochila de Rue contém meu saco de dormir, seu odre de água quase vazio, um punhado de nozes e raízes, uma porção de coelho, suas meias sobressalentes e sua atiradeira. O garoto do Distrito 1 possui diversas facas, duas pontas de lança soltas, uma lanterna, uma pequena bolsa de couro, um kit de primeiros socorros, uma garrafa de água cheia e um pacote de frutas secas. Um pacote de frutas secas! Entre todas as coisas que ele poderia ter escolhido! Para mim, isso é um sinal de extrema arrogância. Por que se importar em carregar comida se você dispõe de um suprimento de tal magnitude quando chega ao acampamento? Se você retorna para sua casa antes de sentir fome após matar rapidamente seus inimigos? Só posso esperar que os outros Carreiristas tenham tido a mesma falta de zelo no que diz respeito à comida e agora estejam sem nada.

Por falar nisso, meu próprio estoque de comida está começando a rarear. Termino de comer o pãozinho do Distrito 11 e o que sobrou do coelho. Como a comida some num piscar de olhos! Tudo o que me resta são as raízes e as nozes de Rue, as frutas secas do garoto e uma tirinha de bife. *Agora você precisa caçar, Katniss*, digo a mim mesma.

Reúno obedientemente os suprimentos que quero e os acomodo na mochila. Depois de descer da árvore, escondo as facas e as pontas de lança do garoto em uma pilha de pedras, de modo que ninguém mais possa usá-las. Perdi meu rumo com toda a perambulação que realizei ontem à noite, mas tento seguir a direção geral do riacho. Sei que estou no caminho certo quando avisto a terceira fogueira de Rue, a que não foi acesa. Pouco tempo depois, descubro um bando de gansos silvestres empoleirados numa árvore e flecho três antes que saibam o que pode tê-los atingido. Retorno à fogueira e a acendo, sem me importar com o excesso de fumaça. *Onde está você, Cato?*, pergunto-me enquanto grelho as aves e as raízes de Rue. *Estou esperando bem aqui.*

Quem sabe onde os Carreiristas estão agora? Ou longe demais para me alcançar ou com muita certeza de que isso aqui é uma armadilha ou... será possível? Com muito medo de mim? Eles sabem que estou armada com arco e flecha, é claro. Cato me viu quando peguei a arma do corpo de Glimmer. Mas será que já somaram dois mais dois? Será que descobriram que explodi os suprimentos e matei seu amiguinho Carreirista? Possivelmente, devem estar achando que foi Thresh quem fez tudo isso. Não seria bem mais provável que ele, e não eu, estivesse disposto a vingar a morte de Rue, já que ambos pertenciam ao mesmo distrito? Não que ele tenha demonstrado algum interesse nela.

E quanto a Cara de Raposa? Será que ela ficou por perto para me ver explodindo os suprimentos? Não. Quando a peguei rindo em meio às cinzas na manhã seguinte, a impressão que tive é que alguém havia lhe proporcionado uma linda surpresa.

Duvido que eles estejam pensando que foi Peeta que acendeu a fogueira de aviso. Cato tem certeza absoluta de que ele está morto. Flagro-me desejando poder contar a Peeta a respeito das flores que coloquei em Rue. Desejando poder contar que agora consigo compreender o que ele estava tentando dizer no telhado. Talvez, caso vença os Jogos, ele me veja na noite do vitorioso, quando repetem os momentos mais importantes na tela que fica no palco em que fizemos as entrevistas. O vencedor se senta em um local de honra sobre a plataforma, cercado por sua equipe de apoio.

Mas eu disse a Rue que estaria lá. Por nós duas. E, de algum modo, isso parece ainda mais importante do que a promessa que fiz a Prim.

Agora realmente acho que tenho uma chance. Vencer. Não é somente o fato de ter o arco e flecha e poder ter iludido os Carreiristas algumas vezes,

embora essas coisas ajudem. Alguma coisa aconteceu quando segurei a mão de Rue e fiquei assistindo à vida se esvair do seu corpo. Agora estou determinada a vingá-la, a tornar sua falta inesquecível. E só vou conseguir isso vencendo e, por conseguinte, também me tornando inesquecível.

Demoro cozinhando em excesso as aves na esperança de que alguém aparecesse para ser executado, mas ninguém aparece. Talvez os outros tributos estejam por aí, enfrentando-se uns aos outros de maneira tresloucada. O que seria bom. Desde o banho de sangue, tenho aparecido nas telas muito mais vezes do que gostaria.

Depois de um tempo, guardo minha comida e volto ao riacho para beber um pouco de água e encher a garrafa. Mas o peso da manhã toma conta de meu corpo novamente e, muito embora ainda esteja cedo, escalo uma árvore e preparo um pouso para a noite. Meu cérebro começa a repetir os eventos de ontem. Continuo vendo Rue vitimada pela lança, minha flecha penetrando o pescoço do garoto. Nem sei por que eu deveria me preocupar com aquele garoto.

Aí então me dou conta... Ele foi minha primeira vítima. Junto com outras estatísticas que eles divulgam para ajudar as pessoas em suas apostas, cada tributo possui uma lista de vítimas. Acho que, tecnicamente, seria creditada em meu favor a morte de Glimmer e também a da garota do Distrito 4, por eu ter jogado aquele ninho sobre elas. Mas o garoto do Distrito 1 foi a primeira pessoa que eu sabia que morreria por causa de minhas ações. Inúmeros animais perderam suas vidas em minhas mãos, mas somente um ser humano. Escuto Gale dizendo: “E qual é a diferença, afinal?”

Incrivelmente similar na execução. Um arco retesado, uma flecha atirada. Totalmente diferente nos desdobramentos. Matei um garoto cujo nome nem mesmo sei. Em algum lugar, sua família está chorando por ele. Seus amigos clamam por meu sangue. Talvez tivesse uma namorada que realmente acreditava que ele voltaria...

Mas então penso no corpo sem vida de Rue e sou capaz de banir o garoto de minha mente. Pelo menos por enquanto.

Foi um dia sem muitos acontecimentos importantes, de acordo com o céu. Nenhuma morte. Imagino quanto tempo ainda temos até que a próxima catástrofe nos reúna mais uma vez. Se for hoje à noite, quero dormir um pouco antes. Cubro meu ouvido bom para bloquear o som do hino. Então, escuto os trompetes e me sento, prevendo problemas.

Na maior parte das vezes, a única comunicação que os tributos recebem do mundo exterior é a contagem das mortes à noite. Mas, ocasionalmente, há trompetes seguidos de algum anúncio. Normalmente, é a chamada para algum ágape. Quando a comida está escassa, os Idealizadores dos Jogos convidam os jogadores para uma refeição em algum local de conhecimento de todos, como a Cornucópia, por exemplo, para induzir à reunião e ao combate. Às vezes, há um banquete, às vezes, não há nada além de um pãozinho mofado pelo qual os tributos devem competir. Eu não iria pela comida, mas essa poderia ser uma boa oportunidade para acabar com alguns competidores.

A voz de Claudius Templesmith ribomba acima de mim, congratulando os seis de nós que ainda restam. Mas ele não está nos convidando para um ágape. Está dizendo alguma coisa bem confusa. Houve uma mudança na regra dos Jogos. Uma mudança na regra! Isso em si já é de enlouquecer, já que não temos exatamente regras a seguir, exceto não pise fora do círculo por sessenta segundos e a regra não falada a respeito de não comermos uns aos outros. Sob a nova regra, dois tributos de mesmo distrito serão declarados vencedores se forem os últimos dois a permanecer vivos. Claudius faz uma pausa, como se soubesse que não estamos entendendo muito bem, e repete a mudança.

A novidade é absorvida. Dois tributos podem vencer esse ano. Se forem do mesmo distrito. Ambos podem viver. Nós dois podemos viver.

Antes de conseguir me conter, pronuncio o nome de Peeta.

PARTE III

“O VITORIOSO”

Tapo a boca com as mãos, mas o som já escapou. O céu fica preto e escuto um coro de sapos começando a cantar. *Que idiotice! Que ideia mais idiota!* Espero, paralisada, a floresta adquirir vida com a presença de agressores. Então, lembro-me que quase ninguém sobrou.

Peeta, que está ferido, agora é meu aliado. Quaisquer dúvidas que eu tenha tido em relação a ele estão dissipadas porque se um de nós tirar a vida do outro agora, seremos considerados párias quando retornarmos ao Distrito 12. Na realidade, sei que, se estivesse assistindo, eu odiaria qualquer tributo que não se aliasse imediatamente a seu companheiro de distrito. Além disso, faz todo o sentido do mundo um proteger o outro. E, no meu caso – na condição de parte integrante dos amantes desafortunados do Distrito 12 –, é um requisito absoluto se desejo mais alguma ajuda de patrocinadores solidários.

Os amantes desafortunados... Peeta deve ter desempenhado esse papel o tempo todo. Por que outro motivo os Idealizadores dos Jogos teriam feito essa mudança sem precedentes nas regras? Para dois tributos terem o direito de sentir o gostinho da vitória, nosso "romance" deve estar tendo uma repercussão tão grande junto ao público que condená-lo colocaria em xeque o sucesso dos Jogos. Não graças a mim. Tudo o que fiz foi no sentido de não matar Peeta. Mas o que quer que ele tenha feito na arena, deve ter convencido o público de que o fez para me manter viva. Balançar a cabeça em negativa para me impedir de correr para a Cornucópia. Lutar com Cato para me deixar escapar. Até a aliança com os Carreiristas deve ter sido uma estratégia para me proteger. Peeta, ao que parece, nunca representou uma ameaça para mim.

A ideia me faz sorrir. Solto as mãos e levanto o rosto na direção do luar, de modo a garantir que as câmeras tenham uma excelente tomada.

Então, dos que sobraram, quem devo temer? Cara de Raposa? O garoto do seu distrito está morto. Está agindo sozinha, à noite. E sua estratégia tem sido se esquivar, não atacar. Acho que, mesmo que ouvisse minha voz, ela não faria nada. Simplesmente esperaria alguém me matar.

Em seguida, temos Thresh. Tudo bem, ele é uma ameaça especial. Mas não o vi, nem uma única vez, desde que os Jogos começaram. Imagino como Cara de Raposa deve ter ficado em pânico quando ouviu um barulho no local da explosão. Mas ela não entrou na floresta, foi na direção exatamente oposta. Foi na direção daquela área da arena que vai dar não sei onde. Tenho quase certeza de que a pessoa de quem ela fugiu era Thresh e que aquele é seu domínio. Ele nunca teria me ouvido de lá e, mesmo que tivesse ouvido, estou numa posição alta demais, mesmo para alguém de seu tamanho alcançar.

Então, restam Cato e a garota do Distrito 2, que certamente devem estar celebrando a nova regra a uma hora dessas. Entre os que restaram, são os únicos que se beneficiam da mudança além de Peeta e eu. Será que devo fugir deles agora, sabendo que me ouviram chamar Peeta? *Não. Deixe que eles venham.* Deixe que venham com seus óculos de visão noturna e seus corpos pesados que nenhum galho suporta. Diretamente para o alcance de minhas flechas. Mas sei que não virão. Se não vieram até mim de dia, não vão arriscar entrar à noite no que poderia ser mais uma armadilha. Quando vierem, será nas suas condições, não porque permiti que descobrissem meu paradeiro.

Fique preparada e durma um pouco, Katniss, instruo a mim mesma, embora meu desejo fosse começar a procurar Peeta agora mesmo. *Amanhã você o achará.*

Consigo dormir, mas de manhã estou supercautelosa, imaginando que apesar de os Carreiristas estarem hesitantes em me atacar na árvore, são totalmente capazes de preparar uma emboscada para mim. Tomo todas as precauções possíveis para me preparar para o dia – ingerir um farto café da manhã, verificar a mochila, deixar as armas a postos – antes de descer. Tudo lá no chão, porém, parece tranquilo e sem perturbações.

Hoje, terei de ser escrupulosamente cuidadosa. Os Carreiristas saberão que estarei tentando localizar Peeta. Eles podem muito bem querer esperar até que eu o encontre para só então agir. Se ele estiver tão ferido quanto Cato supõe, serei obrigada a defender a nós dois sem qualquer assistência. Mas se ele está tão incapacitado assim, como conseguiu permanecer vivo? E, por tudo o que é sagrado, como é que conseguirei encontrá-lo?

Tento pensar em qualquer coisa que Peeta tenha dito que possa me dar alguma indicação de onde está escondido, mas nada me ocorre. Então, retorno ao último momento em que o vi brilhando na luz do sol, gritando

para que eu corresse. Em seguida, Cato apareceu de espada em punho. E depois que saí de lá, ele feriu Peeta. Mas como Peeta escapou? Talvez tenha reagido melhor ao veneno das teleguiadas do que Cato. Talvez essa tenha sido a variável que lhe permitiu escapar. Mas ele também foi ferroado. Então, até onde poderia ter ido, golpeado e cheio de veneno? E como tem conseguido permanecer vivo desde então? Se o ferimento e os ferrões não o mataram, certamente a sede já teria acabado com ele depois de todos esses dias.

E assim descubro a primeira pista do seu paradeiro. Ele não poderia ter sobrevivido sem água. Sei disso por causa dos meus primeiros dias aqui. Ele deve estar escondido em algum lugar próximo a uma fonte. Tem o lago, mas acho essa opção bastante improvável já que é muito próxima do acampamento dos Carreiristas. Há algumas piscinas naturais. Mas a pessoa seria um alvo muito fácil deitado em uma delas. E o riacho. O que começa no acampamento que Rue e eu fizemos, passa perto do lago e desemboca em algum lugar além. Se ele se manteve próximo ao riacho, teve a possibilidade de mudar sua localização sem precisar se afastar da água. Ele pode ter caminhado na água sem deixar rastros. Pode até ter conseguido pescar um ou outro peixe.

Bem, de qualquer maneira, já é um começo.

Para confundir a cabeça de meus inimigos, acendo uma fogueira com muita madeira e folhas. Mesmo que imaginem que se trata de um truque, espero que eles tenham como certo que estou acampada em algum lugar próximo a ela. Quando, na verdade, estarei no encalço de Peeta.

O sol derrete a névoa matinal quase instantaneamente, e posso garantir que o dia vai ser mais quente do que o habitual. A água está fria e agradável nos meus pés descalços à medida que desço o riacho. Fico tentada a gritar o nome de Peeta enquanto ando, mas decido não fazer isso. Terei de encontrá-lo com meus olhos e com o ouvido bom, ou então ele terá de me encontrar. Mas ele saberá que o estou procurando, certo? Ele não terá um conceito tão ruim de mim a ponto de imaginar que eu ignoraria a nova regra e permaneceria fazendo tudo sozinha, não é? Ele é muito imprevisível, o que talvez seja interessante em outras circunstâncias, mas no momento proporciona apenas um obstáculo a mais.

Não demora muito até eu alcançar o local onde me desviei para chegar ao acampamento dos Carreiristas. Nenhum sinal de Peeta, mas isso não me surpreende. Subi e desci esse córrego três vezes desde o incidente com as

teleguiadas. Se ele estivesse nas proximidades, certamente eu já teria suspeitado antes. O riacho começa a fazer uma curva para a esquerda em direção a uma parte da floresta que é nova para mim. Margens enlameadas cobertas de um emaranhado de plantas aquáticas vão dar em rochas imensas que só aumentam de tamanho até eu começar a me sentir numa espécie de armadilha. Não seria uma coisa das mais simples escapar desse riacho agora. Lutar com Cato ou com Thresh enquanto escalo esse terreno rochoso. Na verdade, acabei de decidir que estou em uma pista totalmente equivocada; que um garoto ferido seria incapaz de navegar nessa fonte de água. É quando vejo o rastro de sangue descendo a curva de um penedo. Está seco faz muito tempo, mas as linhas manchadas correndo de um lado a outro sugerem que alguém – que talvez não estivesse em total domínio de suas faculdades mentais – tentou apagá-las.

Abraçando as rochas, movo-me lentamente na direção do sangue, em busca dele. Encontro mais algumas manchas de sangue, uma com alguns fios de tecido grudado, mas nenhum sinal de vida. Não me contenho e grito o nome dele com a voz abafada.

– Peeta! Peeta!

Então um tordo aterrissa em uma árvore desgastada e começa a imitar minha voz, o que me faz parar. Desisto e desço de volta ao riacho. *Ele deve ter seguido caminho. Deve ter descido o riacho ainda mais.*

Meu pé mal acabou de pisar a superfície da água quando escuto uma voz.

– Você está aqui pra acabar comigo, docinho?

Rodopio. Veio da esquerda, o que significa que não ouvi muito bem. E a voz era áspera e fraca. Mas ainda assim, deve ser de Peeta. Que outra pessoa nessa arena me chamaria de docinho? Meus olhos examinam a margem do riacho, mas não vejo nada. Apenas lama, as plantas, a base das rochas.

– Peeta? – sussurro. – Onde você está? – Nenhuma resposta. Será que imaginei tudo? Não, tenho certeza que a voz era real e bem próxima também. – Peeta? – Movo-me ao longo da margem.

– Por favor, não pise em mim.

Salto para trás. Sua voz veio de debaixo dos meus pés. Mas ainda não consigo enxergar nada. Então seus olhos se abrem, inequivocamente azuis em meio à lama marrom e às folhas verdes. Arquejo e sou recompensada com alguns dentes brancos quando ele ri.

É a última palavra em camuflagem. Esqueça aquela história de ficar arremessando pesos. Peeta deveria ter ido à sua aula particular com os Idealizadores dos Jogos e pintado a si mesmo como uma árvore. Ou como um penedo. Ou como uma margem de rio enlameada e cheia de ervas.

– Feche novamente os olhos – ordeno. Ele obedece, e sua boca também desaparece completamente. Grande parte do que imagino ser seu corpo está na verdade embaixo de uma camada de lama e plantas. Seu rosto e braços estão tão magnificamente disfarçados que até parecem invisíveis. Ajoelho-me ao seu lado.

– Imagino que todas aquelas horas decorando bolos tenham valido a pena.

Peeta sorri.

– É isso aí. Cobertura de bolo. A última defesa dos moribundos.

– Você não vai morrer – afirmo a ele.

– Quem diz? – A voz dele está áspera demais.

– Eu digo. Nós agora estamos na mesma equipe, você sabe disso.

Os olhos dele se abrem.

– Foi o que ouvi. Legal de sua parte achar o que restou de mim.

Pego minha garrafa de água e dou um gole a ele.

– Cato te esfaqueou?

– Perna esquerda. No alto – responde ele.

– Vamos lá pro riacho pra você se lavar. Assim vou poder ver que tipo de ferimento você tem.

– Abaixa aqui um minutinho – pede ele. – Preciso te dizer uma coisa. – Inclino-me e ponho o ouvido bom na altura da sua boca, que faz cócegas quando ele sussurra. – Lembre-se, nós somos loucamente apaixonados um pelo outro, então não há problema algum em você me beijar sempre que tiver vontade.

Afasto bruscamente a cabeça, mas acabo rindo.

– Obrigada, não vou me esquecer disso. – Pelo menos, ele ainda é capaz de fazer piada. Mas quando começo a ajudá-lo a ir em direção ao riacho, toda a frivolidade desaparece. São só cinquenta centímetros, será assim tão difícil? Muito difícil, quando percebo que ele não é capaz de se mover nem um centímetro sequer por conta própria. Está tão fraco que o melhor que consegue fazer é não resistir. Tento arrastá-lo, mas apesar de saber que ele está fazendo o máximo possível para ficar em silêncio, gritos agudos de dor escapam de sua boca. A lama e as plantas parecem tê-lo

aprisionado e, finalmente, tenho de dar um puxão gigantesco para livrá-lo delas. Ele ainda está deitado cinquenta centímetros distante da água, com os dentes cerrados, lágrimas produzindo trilhas ao longo de seu rosto enlameado.

– Escuta, Peeta, vou rolar você até o riacho. É bem raso aqui, certo?

– Excelente.

Rastejo para o seu lado. Independentemente do que aconteça, digo a mim mesma, não pare até que ele esteja na água.

– No três, hein? Um, dois, três!

Só consigo rolá-lo uma vez antes de parar por causa dos horríveis sons que está emitindo. Agora ele está na borda do riacho. Talvez seja melhor assim.

– Tudo bem, mudança de planos. Não vou colocar você todo na água – digo a ele. Além do mais, se colocá-lo, quem garante que serei capaz de retirá-lo depois?

– Não vai mais me rolar? – pergunta ele.

– Acabou. Vamos fazer uma limpeza em você. Fica de olho na floresta pra mim, certo? – peço. É difícil saber por onde começar. Ele está tão cheio de lama e de folhas que nem consigo ver suas roupas. Se é que ele está usando alguma roupa. O pensamento me faz hesitar um pouco, mas prossigo com a tarefa. Corpos nus não chamam tanto a atenção na arena, não é mesmo?

Tenho duas garrafas de água e o odre de Rue. Encosto as duas garrafas nas rochas do riacho, de modo que estarão sempre cheias, enquanto jogo o conteúdo do odre sobre o corpo de Peeta. Leva um tempo, mas, por fim, consigo retirar lama o suficiente para achar suas roupas. Delicadamente, abro sua jaqueta, desabotoo a camisa e a retiro. Sua camiseta está tão emplastrada nos ferimentos que tenho de cortá-la com a faca e molhá-la novamente para que ela se solte de seu corpo. Ele tem uma queimadura bem feia no peito e quatro ferroadas de teleguiadas, se contarmos a que está abaixo da orelha. Mas estou me sentindo um pouco melhor. Este nível de ferimento consigo curar. Decido cuidar da parte superior de seu corpo – para aliviar um pouco da dor – antes de encarar quaisquer que tenham sido os estragos feitos por Cato em sua perna.

Tendo em vista que tratar dos ferimentos de Peeta com ele deitado no que se transformou em um bolo de lama parece despropositado, dou um jeito de escorá-lo num penedo. Ele fica lá sentado, sem reclamar, enquanto

retiro todos os resquícios de sujeira de seu cabelo e de sua pele. Sua carne está bem pálida à luz do sol e ele não está mais com aquela aparência forte e atarracada. Tenho de cavar os ferrões dentro dos calombos deixados pelas teleguiadas, o que o faz estremecer. Contudo, assim que aplico as folhas ele suspira de alívio. Enquanto seca ao sol, lavo a camisa e a jaqueta imundas e as estendo sobre o penedo. Depois aplico o creme para queimaduras em seu peito. Aí então percebo como a pele está ficando quente. A camada de lama e as garrafas de água disfarçaram o fato de que ele está ardendo em febre. Meto a mão no kit de primeiros socorros que peguei do garoto do Distrito 1 e acho uns comprimidos que fazem baixar a temperatura. Minha mãe, na verdade, até compra uns desses quando os seus remédios caseiros falham.

– Engole isso – indico a ele, e ele toma o remédio obedientemente. – Você deve estar faminto.

– Pra falar a verdade, não estou não. É engraçado. Faz vários dias que não sinto fome – diz Peeta. Na realidade, quando lhe ofereço um pouco de ganso silvestre, ele torce o nariz e vira a cara. Então, consigo ver o quanto está doente.

– Peeta, nós precisamos botar algum alimento em você – insisto.

– Eu vou vomitar tudo – responde ele. O máximo que consigo fazer é convencê-lo a comer alguns pedaços de maçã seca. – Obrigado. Estou bem melhor, é sério. Posso dormir agora, Katniss?

– Logo, logo – prometo. – Primeiro preciso dar uma olhada em sua perna. – Tentando ser o mais delicada possível, removo suas botas, suas meias e então, muito lentamente, vou tirando sua calça. Consigo ver o rasgão que a espada de Cato produziu no tecido, na altura da coxa, mas isso de maneira alguma me prepara para o que se encontra embaixo. O talho profundo e inflamado que exsuda sangue e pus. O inchaço da perna. E, o pior de tudo, o cheiro de carne supurada.

Quero sair correndo. Desaparecer na floresta como fiz no dia em que levaram aquele homem queimado lá para casa. Sair para caçar enquanto minha mãe e Prim cuidavam do que eu não tinha nem a habilidade nem a coragem para enfrentar. Mas não há ninguém aqui além de mim. Tento reproduzir a postura calma que minha mãe assume quando tem de lidar com casos particularmente difíceis.

– Bem feio, hein? – comenta Peeta. Ele está me observando atentamente.

– Mais ou menos – digo, e dou de ombros para dar a impressão de que a coisa não é tão grave. – Você tinha de ver algumas pessoas que são trazidas das minas pra minha mãe cuidar. – Contenho-me para não dizer que normalmente dou o fora de casa sempre que ela está tratando de algo mais grave do que um resfriado. Imagine só, não gosto nem de ficar perto de pessoas tossindo. – A primeira coisa a fazer é limpar bem o ferimento.

Não tirei o short de Peeta porque ele não está em mau estado e não quero puxá-lo por cima da coxa inchada e... tudo bem, talvez imaginá-lo despido me deixe desconfortável. Esse é outro detalhe em relação à minha mãe e Prim. A nudez não tem nenhum efeito sobre elas, não as deixa nem um pouco constrangidas. Ironicamente, a essa altura dos Jogos, minha irmã mais nova seria de muito mais utilidade para Peeta do que estou sendo. Enfio meu quadrado de plástico embaixo dele para que eu possa lavar o resto de seu corpo. Quanto mais água jogo sobre ele, pior fica a aparência do ferimento. O resto da parte inferior de seu corpo está em bom estado, apenas um ferrão e algumas pequenas queimaduras que trato com rapidez. Mas o talho na perna... por tudo o que é sagrado, o que posso fazer com aquilo?

– Por que a gente não deixa ele tomando um pouco de ar e depois... – Baixo o tom de voz.

– E depois você conserta tudo? – continua Peeta. Ele parece estar quase sentindo pena de mim, como se soubesse o quanto estou perdida.

– É isso aí. Enquanto isso, você come isso aqui. – Coloco algumas peras secas em sua mão e volto para o riacho para lavar o que resta da sua roupa. Quando elas estão estendidas secando, examino o conteúdo do kit de primeiros socorros. É coisa bem básica. Curativos, comprimidos para febre, remédios para o estômago. Nada do calibre que necessito para tratar de Peeta.

Vamos ter de experimentar um pouco, admito. Sei que a ferroada das teleguiadas deixa uma infecção demorada, então começo por aí. Alguns poucos minutos depois de começar a pressionar um punhado de folhas mastigadas no ferimento, uma boa quantidade de pus começa a escorrer pela perna. Digo a mim mesma que isto é um bom sinal e mordo com força o interior da bochecha porque meu café da manhã está ameaçando me sair pela boca.

– Katniss? – chama Peeta. Encontro seus olhos, ciente de que meu rosto deve estar com uma tonalidade esverdeada. Ele pronuncia as palavras.

– Que tal aquele beijo?

Tenho um acesso de riso porque a coisa toda é tão revoltante que mal consigo aguentar.

– Algum problema? – pergunta ele, um pouco ingênuo demais.

– Eu... eu não sou boa nisso. Não sou minha mãe. Não faço a menor ideia do que estou fazendo e odeio pus – digo. – Argh! – Permito-me dizer, soltando um grunhido enquanto retiro a primeira leva de folhas e aplico a segunda. – Arghhhhh!

– Como é que você caça? – pergunta ele.

– Pode acreditar. Matar é bem mais fácil do que isso. Apesar de que, pra todos os efeitos, estou te matando também.

– Você pode se apressar um pouco?

– Não. Cala a boca e come essas peras.

Após três aplicações e o que parece um balde de pus, o ferimento parece realmente melhor. Agora que o inchaço reduziu, consigo ver o quanto foi profundo o corte da espada de Cato. Até o osso.

– E agora, dra. Everdeen?

– Talvez eu coloque um pouco do unguento para queimaduras nele. Acho que deve ajudar na infecção, sei lá. Fazer um curativo, de repente? – sugiro. Faço, e a coisa toda parece bem mais apresentável, coberta de algodão. Embora, em contraste com o curativo esterilizado, o debrum do short pareça imundo e repleto de bactérias contagiosas. Pego a mochila de Rue. – Aqui, cubra-se com isso que vou lavar seu short.

– Ah, não me importo de você me ver nu – comenta Peeta.

– Você é exatamente como o resto da minha família... Eu me importo, certo? – Viro as costas e olho para o riacho, até que o short é jogado na água. Ele deve estar se sentindo um pouquinho melhor se está conseguindo jogar as coisas assim.

– Pra uma pessoa tão letal, até que você é bem enjoadinha – diz Peeta enquanto esfrego o short na rocha. – Gostaria de ter deixado você dar banho em Haymitch, afinal de contas.

Enrugo o nariz com a lembrança.

– O que ele te mandou até agora?

– Nada – informa Peeta. Então há uma pausa até ele ser atingido pelo assunto. – Por quê? Você recebeu alguma coisa?

– Remédio pra queimadura – respondo, quase acanhada. – Ah, e um pouco de pão.

– Sempre soube que você era a favorita dele.

– Por favor, ele não suporta ficar na mesma sala que eu.

– Porque vocês dois são muito parecidos – sussurra Peeta. Mas eu ignoro o comentário porque este não é realmente o momento para eu ficar insultando Haymitch, que é a primeira coisa que me vem à cabeça.

Deixo Peeta cochilar enquanto suas roupas secam, mas ao cair da tarde, não ouso mais esperar. Delicadamente, sacudo seu ombro.

– Peeta, precisamos ir embora agora.

– Ir embora? – Ele parece confuso. – Pra onde?

– Pra longe daqui. Descer o riacho, talvez. Algum lugar em que a gente possa se esconder até que você se fortaleça. – Ajudo-o a se vestir, deixando-o descalço para que possamos caminhar na água, e o coloco de pé. Seu rosto fica pálido assim que ele joga o peso sobre a perna. – Vamos lá, você consegue.

Mas ele não consegue. Pelo menos, não por muito tempo. Andamos mais ou menos cinquenta metros rio abaixo com ele apoiado em meu ombro, e já dá para ver que vai desmaiar. Eu o sento na margem, empurro sua cabeça para o meio das pernas e dou uns tapinhas em suas costas enquanto avalio a área. É claro que eu adoraria transportá-lo para uma árvore, mas isso não vai acontecer. Mas poderia ser pior. Algumas rochas formam pequenas estruturas parecidas com cavernas. Avisto uma delas mais ou menos vinte metros acima do riacho. Quando Peeta consegue se levantar, eu meio o guio, meio o carrego até a caverna. Para ser honesta, gostaria mesmo de dar uma olhada ao redor para ver se encontrava um local melhor, mas esse aqui vai ter se servir porque meu aliado está ferido. Branco como uma folha de papel, arquejando e – apesar da temperatura estar apenas fresca – tremendo.

Cubro o chão da caverna com uma camada de agulhas de pinheiro, desenrolo meu saco e dormir e o encaixo dentro. Consigo fazê-lo ingerir alguns comprimidos e um pouco de água quando ele não está atento, mas ele se recusa a comer até mesmo a fruta. Então, simplesmente fica lá deitado, seus olhos fixos em meu rosto enquanto construo um tipo de persiana com galhos de vinha para esconder a entrada da caverna. O resultado é insatisfatório. Talvez um animal não questione o objeto, mas uma pessoa veria num piscar de olhos que aquilo havia sido produzido por um ser humano. Rasgo tudo, frustrada ao extremo.

– Katniss – chama ele. Vou até ele e tiro o cabelo de seus olhos. – Obrigado por me encontrar.

– Você teria me encontrado se pudesse – digo. Sua testa está ficando mais quente. Como se o remédio não estivesse fazendo nenhum efeito. De repente, sem explicação, a perspectiva da morte iminente de Peeta me aterroriza.

– Teria, sim. Olha, se eu não voltar... – começa ele.

– Não fale assim. Não drenei todo aquele pus à toa.

– Eu sei. Mas caso eu não... – Ele tenta continuar.

– Não, Peeta. Nem quero discutir essa hipótese – interrompo-o, colocando meus dedos em seus lábios para tranquilizá-lo.

– Mas eu... – insiste ele.

Impulsivamente, inclino-me em sua direção e o beijo, cortando suas palavras. De qualquer modo, talvez eu tenha protelado muito o ato, já que ele tem razão: supostamente, somos loucamente apaixonados um pelo outro. É a primeira vez na minha vida que beijo um garoto, o que em si já deveria causar um impacto, acho eu, mas tudo o que consigo registrar é como seus lábios estão estranhamente quentes devido à febre. Afasto-me e puxo o saco de dormir para cobri-lo.

– Você não vai morrer. Eu proíbo. Certo?

– Certo – sussurra ele.

Saio da caverna para respirar um pouco do ar frio da noite no exato instante em que um paraquedas flutua no céu. Meus dedos desatam rapidamente o nó, na esperança de encontrar algum remédio para tratar a perna de Peeta. Em vez disso, encontro um pote de caldo quente.

Haymitch não podia estar me enviando uma mensagem mais clara. Um beijo é igual a um pote de caldo. Quase consigo escutá-lo rosnando: para todos os efeitos, vocês se amam, docinho. O garoto está morrendo. Vê se adianta meu lado!

E ele está certo. Se eu quero manter Peeta vivo, tenho de despertar mais simpatia no público. Amantes desafortunados desesperados por voltar para casa. Dois corações batendo como um só. Romance.

Como nunca me apaixonei, a coisa vai ser um pouco complicada. Penso em meus pais. Em como meu pai jamais deixou de levar presentes da floresta para minha mãe. Em como o rosto de minha mãe se iluminava ao ouvir o som de suas botas no batente da porta. Em como ela quase parou de viver quando ele morreu.

– Peeta! – chamo-o, tentando o tom especial que minha mãe costumava usar somente com meu pai. Ele cochilou novamente, mas beijo-o para acordá-lo, o que parece sobressaltá-lo. Então, ele sorri como se estivesse feliz com a perspectiva de ficar ali deitado olhando para mim eternamente. Ele é maravilhoso nisso.

Mostro o pote.

– Peeta, olha só o que Haymitch mandou pra você.

Levo uma hora para persuadir Peeta a tomar o caldo. Imploro, ameaço e, claro, beijo, mas finalmente, gole após gole, ele esvazia o pote. Então, deixo que ele caia no sono e vou cuidar de minhas próprias necessidades, colocando para dentro uma ceia de ganso silvestre e raízes enquanto assisto à reportagem diária no céu. Nenhuma nova vítima. Ainda assim, Peeta e eu proporcionamos ao público um dia razoavelmente interessante. Se tivermos sorte, os Idealizadores dos Jogos vão nos permitir uma noite tranquila.

De maneira automática, observo nosso entorno, atrás de uma boa árvore para me aninhar antes de perceber que isso acabou. Pelo menos por enquanto. Não posso deixar Peeta desprotegido no chão. Deixei intocado o local de seu último esconderijo na margem do riacho – como é que eu poderia escondê-lo? – e nós estamos no máximo a 50 metros rio abaixo. Coloco os óculos, deixo minhas armas preparadas e me posiciono para montar guarda.

A temperatura cai rapidamente e logo estou congelada até os ossos. Por fim, cedo e deslizo para dentro do saco de dormir e me junto a Peeta. Está bem quentinho e me enrosco gratificada até perceber que está muito mais do que quente. Está fervendo, porque o saco está refletindo a febre dele. Verifico a testa de Peeta e vejo que está quentíssima e seca. Não sei o que fazer. Deixá-lo no saco e esperar que o calor excessivo acabe com a febre? Levá-lo para fora e esperar que o ar frio da noite o refresque? Acabo simplesmente umedecendo uma bandagem e colocando-a sobre sua testa. Não confio muito na ação, mas estou com medo de fazer alguma coisa drástica demais.

Passo a noite meio sentada, meio deitada, próxima a Peeta, refazendo o curativo e tentando não pensar no fato de que, ao me associar a ele, acabei me tornando muito mais vulnerável do que quando estava sozinha. Amarrada ao chão, montando guarda, com uma pessoa bem doente para tomar conta. Mas eu sabia que ele estava ferido. E, ainda assim, fui atrás dele. Vou ser obrigada a acreditar que qualquer que tenha sido o instinto que me levou a encontrá-lo, foi bem-intencionado.

Quando o céu adquire uma tonalidade rosada, reparo o brilho do suor na boca de Peeta e descubro que a febre passou. Ele não voltou ao normal, mas a temperatura baixou alguns graus. Na noite passada, quando eu estava colhendo vinhas, dei de cara com um arbusto cheio das amoras de Rue. Arranquei a fruta e amassei tudo no pote do caldo com água gelada.

Quando chego à caverna, Peeta está fazendo um enorme esforço para se levantar.

– Acordei e você tinha saído – diz ele. – Fiquei preocupado com você.

Tenho de rir ao ajudá-lo a se deitar novamente.

– Você ficou preocupado comigo? Por acaso você já viu o seu estado?

– Imaginei que talvez Cato e Clove pudessem ter te achado. Eles gostam de caçar à noite – diz ele, ainda sério.

– Clove? Quem é essa aí?

– A garota do Distrito 2. Ela ainda está viva, certo?

– Certo. Só restam eles e nós e mais Thresh e Cara de Raposa. Esse é o apelido que dei pra garota do Cinco. Como você está se sentindo?

– Melhor do que ontem. Isso aqui é um grande avanço em relação à lama – diz ele. – Roupa limpa, remédios, saco de dormir... e você.

Ah, tudo bem, a historinha romântica. Eu me aproximo para tocar seu rosto e ele pega minha mão e a pressiona contra os lábios. Lembro-me de meu pai fazendo exatamente a mesma coisa com a minha mãe e imagino onde Peeta aprendeu o gesto. Certamente não foi com o pai e nem com aquela bruxa da sua mãe.

– Não vai mais ganhar beijo até comer – informo.

Ajudo-o a se escorar na parede da caverna e ele engole obedientemente as colheradas da papa de amoras que lhe dou. Mas recusa novamente o ganso silvestre.

– Você não dormiu – comenta Peeta.

– Estou bem – minto. A verdade é que estou exausta.

– Dorme um pouco agora. Eu monto guarda. Acordo você se alguma coisa acontecer – oferece ele. Eu hesito. – Katniss, você não vai poder ficar acordada pra sempre.

Ele tem razão nesse ponto. Em algum momento, terei de dormir. E, provavelmente, será melhor fazê-lo agora que ele parece estar relativamente alerta e nós dispomos da luz do dia como nossa aliada.

– Tudo bem. Mas só por algumas horas. Depois, você me acorda.

Está quente demais para dormir no saco agora. Estiro-o sobre o piso da caverna e me deito, uma das mãos de prontidão no arco, caso seja necessário utilizá-lo às pressas. Peeta está sentado ao meu lado, encostado na parede, sua perna ferida esticada à minha frente, seus olhos fixos no mundo exterior.

– Vai dormir – diz ele, suavemente. Sua mão retira carinhosamente os fios de cabelo rebeldes de minha testa. Ao contrário dos beijos encenados e das carícias que vinham se desenrolando até agora, esse gesto parece natural e reconfortante. Não quero que ele pare e ele não para. Ainda está acariciando meus cabelos quando caio no sono.

Demais. Durmo demais. Assim que abro os olhos, percebo que já estamos no meio da tarde. Peeta está bem ao meu lado, sua posição imutável. Eu me sento, sentindo-me um pouco na defensiva, mas muito mais descansada do que estive em vários dias.

– Peeta, você devia ter me acordado antes.

– Pra quê? Não tem nada acontecendo aqui. Além do mais, gosto de te ver dormir. Você perde a carranca. Melhora muito sua aparência.

Isso, é claro, proporciona uma carranca que o faz rir. Então, percebo o quanto seus lábios estão secos. Sinto sua temperatura. Está quente como um forno. Ele afirma que tem bebido água, mas os contêineres ainda me parecem cheios. Dou a ele mais alguns comprimidos e fico na sua frente enquanto bebe água, primeiro um galão e depois outro. Então trato os ferimentos menores, as queimaduras, as ferroadas, que estão melhorando a olhos vistos. Tomo coragem e desenrolo o curativo da perna.

Meu coração dá uma salto. Está pior, muito pior. Não há mais pus, mas o inchaço aumentou e a pele brilhante está inflamada. Em seguida, vejo as listras vermelhas subindo-lhe pelas pernas. Septicemia. Se não for tratada, vai matá-lo com certeza. Minhas folhas mastigadas e o unguento não fecharão essa ferida. Vamos precisar de antibióticos fortes vindos da Capital. Não consigo imaginar o custo de remédios tão potentes. Se Haymitch juntasse todas as doações de todos os patrocinadores, será que ainda assim conseguiria? Duvido muito. Dádivas sobem de preço à medida que os Jogos avançam. O que compra uma refeição completa no primeiro dia compra um biscoito no décimo segundo. E o tipo de medicamento que Peeta necessita deve ser uma dádiva difícil de se conseguir desde o início.

– Bem, inchou um pouco mais, mas não tem mais pus – observo, com a voz instável.

– Sei o que é septicemia, Katniss – diz Peeta. – Mesmo minha mãe não sendo curandeira.

– Você terá de superar os outros, Peeta. Na Capital eles terão como curar isso depois que você vencer.

– Sim, esse me parece um bom plano. – Sinto que ele diz isso mais por minha causa.

– Você precisa comer. Precisa se manter forte. Vou fazer uma sopa pra você.

– Não acenda uma fogueira. Não vale a pena.

– Vamos ver.

Quando levo o pote até o riacho, fico impressionada com o quanto ele está brutalmente quente. Juro que os Idealizadores dos Jogos estão aumentando progressivamente a temperatura durante o dia e baixando durante a noite. Mas o calor das pedras do riacho cozidas pelo sol me dá uma ideia. Talvez não seja preciso acender uma fogueira.

Posiciono-me sobre uma grande rocha achatada a meio caminho entre o riacho e a caverna. Depois de purificar metade de um pote de água, coloco-o ao sol e acrescento várias pedras quentes, do tamanho de ovos. Sou a primeira a admitir que não sou uma cozinheira exemplar, mas já que o preparo de uma sopa envolve basicamente jogar tudo dentro de um pote e ficar esperando, o resultado é um de meus melhores pratos. Pico pedaços de ganso silvestre até virarem praticamente uma papa e misturo com algumas raízes de Rue. Por sorte, elas já tinham sido grelhadas, de modo que só falta aquecê-las. A água já está morna entre os raios de sol e as pedras. Coloco a carne e as raízes dentro do pote, substituo as pedras e vou atrás de alguma verdura para acentuar um pouco o sabor. Em pouco tempo, descubro um tufo de cebolinhas na base de algumas rochas. Perfeito. Corto-as em pedaços bem fininhos e as adiciono ao pote. Troco novamente as pedras, tampo o pote e deixo tudo cozinhando.

Vi poucos sinais de caça nas redondezas, mas não me sinto confortável deixando Peeta sozinho enquanto caço, então armo meia dúzia de arapucas e fico na esperança de ter alguma sorte. Imagino como estarão os outros tributos; como eles estarão se virando agora que sua principal fonte de alimento foi pelos ares. Pelo menos três deles, Cato, Clove e Cara de Raposa, tinham isso como garantia. Thresh, por sua vez, provavelmente não tinha. Tenho a sensação de que ele deve compartilhar um pouco dos conhecimentos de Rue a respeito de como obter recursos alimentícios da

terra. Será que estão lutando uns contra os outros? Atrás de nós? Talvez um deles tenha nos localizado e esteja apenas esperando o momento certo para atacar. A ideia me faz retornar à caverna.

Peeta está esticado em cima do saco de dormir na sombra das pedras. Embora se alegre um pouco quando apareço, seu sofrimento é mais do que visível. Coloco panos frios em sua cabeça, mas estes esquentam assim que tocam sua pele.

– Você quer alguma coisa? – procuro saber.

– Não – responde ele. – Obrigado. Espera aí, quero sim. Conta uma história.

– Uma história? Sobre o quê? – pergunto. Não sou muito de contar histórias. É como cantar. Mas, de vez em quando, Prim consegue me convencer a contar uma ou outra.

– Alguma coisa alegre. Conta pra mim qual foi o dia mais feliz da sua vida – sugere Peeta.

Algo entre um suspiro e um resmungo de exasperação me escapa da boca. Uma história alegre? Isso vai requerer muito mais esforço do que a sopa. Vasculho minha mente em busca de lembranças agradáveis. A maioria delas tem a ver comigo e com Gale caçando e, de alguma maneira, não acho que isso cairia bem com Peeta ou mesmo com o público. Sobra Prim.

– Já te contei como consegui a cabra de Prim? – pergunto. Peeta sacode a cabeça e olha para mim na expectativa. Então, começo. Mas com cuidado. Porque minhas palavras estão sendo transmitidas para toda Panem. E embora as pessoas não tenham dúvidas de que caço ilegalmente, basta somar dois e dois, não quero causar transtornos a Gale ou a Greasy Sae ou ao açougueiro ou mesmo aos Pacificadores em meu distrito, que são meus clientes, anunciando publicamente que eles também estão infringindo a lei.

Aqui está a verdadeira história de como consegui o dinheiro para comprar Lady, a cabra de Prim. Era uma noite de sexta-feira, o dia anterior ao décimo aniversário de Prim, no fim de maio. Assim que terminou a aula, Gale e eu fomos correndo para a floresta porque eu queria vender muito para poder comprar um presente para Prim. Talvez algum tecido para um vestido novo ou uma escova de cabelos. Nossas arapucas haviam funcionado muito bem e a floresta estava repleta de verduras, mas nada muito além do que normalmente conseguíamos em nossas empreitadas das

sextas-feiras. Fiquei decepcionada assim que voltei, mesmo com Gale dizendo que, com certeza, nos sairíamos melhor no dia seguinte. Estávamos descansando um pouco perto do riacho quando o vimos. Um jovem gamo, provavelmente um filhote, pelo seu tamanho. Seus chifres estavam apenas surgindo, ainda pequenos e aveludados. Disposto a correr, mas temeroso de nossa presença. Total falta de familiaridade com seres humanos. Belo.

Menos belo, talvez, no instante em que duas flechas o acertaram, uma no pescoço, a outra no peito. Gale e eu atiramos ao mesmo tempo. O gamo tentou correr, mas tropeçou, e a faca de Gale cortou-lhe a garganta antes que ele pudesse saber o que havia acontecido. Momentaneamente, senti uma angústia por matar algo tão jovem e inocente. E, então, senti um nó no estômago ao imaginar toda aquela carne jovem e inocente.

Um cervo! Gale e eu só tínhamos matado, até então, três da espécie ao todo. O primeiro, uma corça que havia ferido a perna de alguma maneira, quase não contava. Mas sabíamos, a partir daquela experiência, que não deveríamos carregar a carcaça para o Prego. O bicho causara um caos tremendo, com as pessoas fazendo lances por determinadas partes e até mesmo tentando arrancar alguns pedaços elas mesmas. Greasy Sae interveio e nos mandou para o açougue junto com nosso cervo, mas não antes de o animal ser seriamente danificado, com pedaços de carne arrancados e o couro cheio de furos. Embora todos tenham pago um preço justo, o valor final da caça ficou muito aquém do esperado.

Dessa vez, esperamos até o anoitecer e deslizamos para dentro de um buraco na cerca, próximo ao açougue. Apesar de sermos caçadores conhecidos de todos, não teria sido bom carregar um cervo de setenta quilos pelas ruas do Distrito 12 à luz do dia, como se estivéssemos esfregando o bicho na cara dos funcionários.

A açougueira, uma mulher baixinha e atarracada chamada Rooba, veio até a porta dos fundos. Ninguém regateia com Rooba. Ela dá um preço e você aceita ou não, mas o preço é sempre justo. Nós aceitamos sua oferta e ela incluiu no preço alguns bifes do animal que nós poderíamos pegar depois. Mesmo com o dinheiro dividido por nós dois, nem Gale nem eu jamais havíamos tido tanto de uma vez em nossa vida. Decidimos manter segredo e fazer uma surpresa para nossas famílias com a carne e o dinheiro no fim do dia seguinte.

Foi assim que consegui de fato o dinheiro para a cabra, mas conto a Peeta que vendi um antigo medalhão de prata de minha mãe. Isso não vai

atrapalhar a vida de ninguém. Então, prossigo com a história a partir do fim da tarde do dia do aniversário de Prim.

Gale e eu fomos ao mercado na praça para que eu comprasse alguns materiais para a confecção do vestido. Enquanto eu estava passando o dedo sobre um pedaço de tecido azul de algodão, alguma coisa me chamou a atenção. Há um velho que possui um pequeno rebanho de cabras do outro lado da Costura. Não sei seu nome verdadeiro, todo mundo só se refere a ele como o Homem das Cabras. Suas juntas são inchadas e deformadas, e ele tem uma tosse seca que prova que passou vários anos nas minas. Mas tem sorte. De alguma maneira, conseguiu juntar dinheiro suficiente para as cabras e agora tem o que fazer na velhice, além de morrer de fome lentamente. Ele é imundo e impaciente, mas as cabras são limpas e seu leite é bem nutritivo, se você tiver como pagar por ele.

Uma das cabras, branca com manchas pretas, estava deitada em cima de uma carroça. Era fácil ver o motivo. Alguma coisa, provavelmente um cão, havia machucado o ombro esquerdo do bicho e um processo infeccioso havia se instalado. Estava tão ruim que o Homem das Cabras precisava erguê-la para poder lhe dar leite. Mas ocorreu-me que talvez eu soubesse como curar a enfermidade.

– Gale – sussurrei. – Quero dar aquela cabra a Prim.

Possuir uma cabra pode mudar sua vida no Distrito 12. Esses animais sobrevivem com quase tudo, a Campina é um lugar perfeito para eles se alimentarem e a espécie consegue produzir quase quatro litros de leite por dia. Para beber, para se fazer queijo, para ser vendido. Não é contra a lei.

– Ela está bem machucada – observou Gale. – É melhor a gente olhar de perto.

Nós nos aproximamos e compramos um copo de leite para tomarmos juntos. Então, ficamos perto da cabra, como se estivéssemos apenas curiosos.

– Deixa ela em paz – advertiu o homem.

– Só estamos olhando – respondeu Gale.

– Então olha rápido. Ela está indo pro açougue. Quase ninguém compra o leite dela e ainda por cima só pagam metade do preço – informou o homem.

– Quanto a açougueira está dando por ela? – perguntei.

O homem deu de ombros.

– Fica por aí que você vai ver. – Virei-me e vi Rooba atravessando a praça e vindo em nossa direção. – Sorte sua você ter aparecido – disse o Homem das Cabras assim que ela chegou. – A garota está de olho na sua cabra.

– Não se ela já estiver prometida – disse, descuidadamente.

Rooba me olhou de cima a baixo e então franziu o cenho na direção da cabra.

– Não vejo como. Olha só aquele ombro. Aposto que metade da carcaça deve estar podre demais. Não deve dar nem pra fazer salsicha.

– O quê? – surpreendeu-se o Homem das Cabras. – Mas a gente tinha feito um trato.

– A gente tinha feito um trato com relação a um animal com algumas marcas de dentes. Não isso aqui. Vende o bicho pra garota se ela for idiota o suficiente pra pagar pelo bicho – disse Rooba. Quando ela se pôs a caminho, pude vê-la piscando para mim. Levamos meia hora para chegar a um acordo sobre o preço. Uma multidão considerável já havia se juntado para dar opinião. Seria um negócio excelente se a cabra vivesse. Eu teria sido roubada se ela morresse. As pessoas tomaram partido na discussão, mas acabei levando a cabra.

Gale ofereceu-se para carregá-la. Acho que ele queria ver a cara de Prim tanto quanto eu. Num momento de total irreflexão, comprei uma fitinha cor-de-rosa e a amarrei em torno do pescoço do bicho. Em seguida, corremos de volta para minha casa.

Você tinha de ver a reação de Prim quando aparecemos com aquela cabra. Lembre-se que essa é a garota que chorou para salvar Buttercup, aquele gato horroroso. Ela ficou tão entusiasmada que começou a chorar e rir ao mesmo tempo. Minha mãe não se alegrou tanto ao ver o machucado, mas a dupla logo começou a trabalhar nele, picando ervas e persuadindo o animal a ingerir tudo.

– Elas parecem você – comenta Peeta. Eu quase havia me esquecido de sua presença.

– Ah não, Peeta. Elas fazem mágica. Aquela coisinha não morreria nem que tentasse. – Então, mordo a língua, percebendo o que aquelas palavras poderiam significar para Peeta, que está morrendo nas minhas mãos incompetentes.

– Não se preocupe. Não estou tentando – brinca ele. – Termina logo essa história.

– Bem, é isso. Só lembro que naquela noite Prim insistiu muito para dormir com Lady sobre um cobertor próximo à lareira. E pouco antes das duas adormecerem, a cabra lambeu seu rosto, como se estivesse lhe dando um beijo de boa-noite ou alguma coisa assim – conto. – A cabra já estava apaixonada por ela.

– Ela ainda estava usando a fitinha cor-de-rosa? – pergunta ele.

– Acho que sim. Por quê?

– Estou apenas tentando visualizar a cena – responde, pensativo. – Dá pra ver porque esse dia te deixou tão feliz.

– Bem, eu sabia que aquela cabra seria uma pequena mina de ouro.

– Sim, é claro que eu estava me referindo a isso e não à duradoura alegria que você proporcionou à irmã que você ama tanto, a ponto de substituí-la na colheita – diz Peeta, secamente.

– A cabra se *pagou*. Muitas e muitas vezes o preço que paguei por ela – retruco, num tom de superioridade.

– Bem, ela não ousaria fazer qualquer outra coisa depois de você ter salvado a vida dela – devolve Peeta. – Pretendo fazer o mesmo.

– Jura? Quanto foi que você me custou mesmo? – pergunto.

– Uma boa quantidade de problemas. Não se preocupe. Você vai receber tudo de volta.

– Você não está dizendo coisa com coisa. – Coloco a mão na sua testa. A febre não para de subir. – Mas está menos quente.

O som de trompetes me sobressalta. Levanto-me e vou até a boca da caverna num átimo, disposta a não perder uma sílaba sequer. É meu novo melhor amigo, Claudius Templesmith e, como eu já esperava, está nos convidando para um ágape. Bem, nós não estamos tão famintos assim e, na verdade, estou dispensando sua oferta com indiferença quando ele diz:

– Esperem um pouco. Alguns de vocês já devem estar declinando de meu convite. Mas esse não será um ágape qualquer. Cada um de vocês precisa desesperadamente de alguma coisa.

De fato, preciso desesperadamente de alguma coisa. De alguma coisa que possa curar a perna de Peeta.

– Cada um de vocês encontrará essa alguma coisa na Cornucópia, ao amanhecer, dentro de uma mochila marcada com o número de seu distrito. Pensem bem antes de se recusarem a comparecer. Para alguns de vocês, essa será a última chance – conclui Claudius.

Não há mais nada, apenas suas palavras suspensas no ar. Dou um pulo quando Peeta agarra meu ombro por trás.

– Não – diz ele. – Você não vai arriscar sua vida por mim.

– Quem disse que arriscaria?

– Quer dizer então que você não vai?

– É claro que não. Vê se me dá um pouco de crédito. Você acha que vou sair correndo pra encarar um vale-tudo com Cato, Clove e Thresh? Não seja idiota – respondo, ajudando-o a voltar para a cama. – Vou deixar que eles se engalfinhem e depois vamos ver quem aparece no céu à noite. A partir daí, traçamos um plano.

– Você mente tão mal, Katniss. Não sei como você sobreviveu tanto tempo. – Ele comenta e depois começa a me imitar: – *Eu sabia que aquela cabra seria uma pequena mina de ouro. Mas está menos quente. É claro que não.* – Ele balança a cabeça. – Nunca blefe no jogo. Você vai perder tudo.

Uma sensação de raiva me enrubesce o rosto.

– Tudo bem, eu vou, e você não vai me impedir!

– Posso te seguir. Pelo menos parte do caminho. Pode ser que eu não chegue na Cornucópia, mas se eu berrar o seu nome, aposto que alguém vai poder me encontrar. E aí vou morrer com certeza.

– Você não consegue andar cem metros com essa perna.

– Então, eu me arrasto – diz Peeta. – Você vai e eu também.

Ele é suficientemente teimoso e, quem sabe, suficientemente forte para fazê-lo. Para vir uivando atrás de mim na floresta. Mesmo que um tributo não o encontre, pode ser que alguma outra coisa o faça. Ele não pode se defender. Provavelmente, eu teria de prendê-lo na caverna simplesmente para conseguir eu mesma sair. E quem sabe o que o esforço não faria a ele?

– O que devo fazer então? Ficar aqui sentada assistindo à sua morte? – Ele deve saber que essa não é uma opção. Que o público me odiaria por isso. E, francamente, eu mesma me odiaria também se nem ao menos tentasse.

– Não vou morrer. Prometo. Se você prometer não ir – diz ele.

Estamos numa espécie de impasse. Sei que não tenho condições de convencê-lo, de modo que nem tento. Finjo, relutantemente, prosseguir com seu jogo.

– Então você vai ter de fazer o que eu disser. Beber a água, me acordar quando eu disser e comer toda a sopa por pior que seja o gosto dela! – rebato.

– Aceito. Ela está pronta?

– Espera aqui. – O tempo esfriou, apesar de o sol ainda estar alto. Estou certa em relação aos Idealizadores dos Jogos estarem bagunçando a temperatura. Imagino se a coisa que alguém necessita desesperadamente não seja um bom cobertor. A sopa ainda está boa e quente no pote de ferro. E o sabor não é tão ruim assim.

Peeta come sem reclamar, até raspa o pote para demonstrar entusiasmo. Ele começa a divagar sobre como está deliciosa, o que parece estimulante se você desconhece o que a febre faz com as pessoas. Ele está parecendo o Haymitch antes de o álcool afogá-lo na incoerência. Dou a ele mais uma dose do remédio para febre antes que ele perca completamente as estribeiras.

Enquanto desço ao riacho para me lavar, só consigo pensar que ele vai morrer se eu não for ao ágape. Vou conseguir mantê-lo por um ou dois dias, mas depois a infecção atingirá o coração ou o cérebro ou o pulmão e ele estará morto. E estarei aqui o tempo todo. Novamente. À espera dos outros.

Estou tão imersa em pensamentos que quase não percebo o paraquedas flutuando bem ao meu lado. Então, vou atrás dele, arrancando-o da água, rasgando o tecido prateado para retirar o frasco. Haymitch conseguiu! Ele arranjou o remédio – não sei como, persuadiu algum bando de tolos românticos a vender suas joias, talvez – e vou poder salvar Peeta! Mas é um frasco pequeno demais. O conteúdo deve ser bem forte para curar alguém tão doente quanto Peeta. Uma pontinha de preocupação percorre meu corpo. Desatarraxo o frasco e aspiro profundamente. Meu espírito quase se desintegra diante do aroma doce e enjoativo. Só para me certificar, coloco uma gota na ponta da língua. Não há dúvida, é xarope do sono. É um remédio comum no Distrito 12. Barato, para um medicamento, mas causa muita dependência. Quase todo mundo já tomou uma dose em algum momento da vida. Temos um pouco em casa. Minha mãe o administra a pessoas histéricas que necessitam de pontos em algum ferimento grave e precisam ser tranquilizadas, ou simplesmente o utiliza para ajudar pessoas com dor a passar a noite. Basta uma pequena quantidade. Um frasco desse tamanho poderia tirar Peeta do ar por um dia inteiro, mas para que isso serviria? Estou com tanta raiva que estou a ponto de jogar a última dádiva

de Haymitch no riacho quando uma ideia me ocorre. Um dia inteiro? Isso é mais do que preciso.

Misturo um punhado de amoras, de modo que o sabor não fique tão acentuado a ponto de ser reconhecido, e adiciono algumas folhas de menta para equilibrar. Então, volto para a caverna.

– Trouxe um presentinho pra você. Acabei de achar mais um pé de amoras descendo o riacho.

Peeta abre a boca para a primeira mordida sem hesitar. Engole e em seguida franze levemente a sobrancelha.

– Como são doces!

– São sim. São amoras de olmeiro. Minha mãe faz uma geleia maravilhosa com elas. Você nunca experimentou? – pergunto, enfiando mais uma colherada na sua boca.

– Não – diz ele, um pouco perplexo. – Mas o sabor é bem familiar. Amoras de olmeiro?

– Ah, não dá pra encontrar no mercado com muita facilidade, elas só crescem na natureza – explico. Outra colherada. Basta mais uma.

– O sabor é doce como xarope – diz ele, tomando a última colherada. – Xarope. – Seus olhos ficam arregalados quando ele percebe a verdade. Empurro a mão com força em sua boca e em seu nariz, forçando-o a engolir em vez de cuspir a bebida. Ele tenta vomitar o líquido, mas é tarde demais, já está perdendo os sentidos. Enquanto ele se vai, vejo em seus olhos que o que acabei de fazer é imperdoável.

Fico sentada sobre os calcanhares, olhando para ele com uma mistura de tristeza e satisfação. Um rastro de amora escorre de seu queixo e eu o limpo.

– Quem é que não sabe mentir, Peeta? – pergunto, embora saiba que ele não pode me ouvir.

Não tem problema. Panem inteira pode.

Nas horas que restam antes do anoitecer, reúno algumas pedras e faço o melhor possível para camuflar a abertura da caverna. É um processo lento e árduo, mas, depois de muito suor e de mudar várias coisas de um lado para o outro, sinto-me plenamente satisfeita com meu trabalho. A caverna agora parece fazer parte de uma pilha de rochas bem maior, como tantas outras nos arredores. Ainda consigo rastejar até Peeta por meio de uma pequena abertura que, no entanto, é impossível de ser detectada do exterior. Isso é bom, porque vou precisar compartilhar aquele saco de dormir novamente hoje à noite. E, se eu não conseguir retornar do ágape, Peeta estará escondido, porém não inteiramente aprisionado. Embora duvide que ele possa aguentar muito mais tempo sem medicamentos. Se eu morrer no ágape, será pouquíssimo provável que o Distrito 12 tenha um vencedor.

Faço uma refeição com um peixe menor e ossudo que habita o riacho por aqui, encho todos os contêineres de água e os purifico. Em seguida limpo as armas. Restam-me nove flechas ao todo. Pondero a possibilidade de deixar a faca com Peeta para que ele tenha alguma proteção enquanto estou fora, mas, na verdade, a ideia não faz muito sentido. Ele estava certo quando afirmou que a camuflagem era sua última defesa. Talvez eu ainda tenha algum uso para a faca. Quem sabe o que encontrarei pela frente?

Aqui vão algumas coisas que tenho certeza de que encontrarei. Sei que pelo menos Cato, Clove e Thresh estarão à mão quando o ágape começar. Não estou certa quanto à Cara de Raposa, já que um confronto direto não é seu estilo, ou mesmo sua característica mais forte. Ela é até menor do que eu e está desarmada, a menos que tenha conseguido alguma arma recentemente. Provavelmente, estará em algum local nas proximidades, espreitando para saber o que poderá arrancar dali. Mas os outros três... Estarei com as mãos cheias. Minha habilidade para matar a distância é meu principal trunfo, mas sei que terei de penetrar no meio da confusão para pegar aquela mochila, a que está com o número *12*, segundo as palavras de Claudius Templesmith.

Observo o céu, na esperança de que mais um oponente tenha caído, mas ninguém aparece. Amanhã com certeza surgirão rostos no céu. Os

ágapes sempre resultam em mortes.

Rastejo para o interior da caverna, pego os óculos e me enrosco ao lado de Peeta. Por sorte pude dormir aquelas várias horas hoje. Preciso ficar acordada. Não acho que alguém possa realmente atacar nossa caverna à noite, mas não posso arriscar perder a hora.

Está tão frio, tão brutalmente frio esta noite. Parece até que os Idealizadores dos Jogos enviaram uma infusão de ar gelado para a arena, o que eles podem muito bem ter feito. Fico deitada perto de Peeta no saco de dormir, tentando absorver o máximo que posso de seu calor febril. É estranho estar tão fisicamente próxima de alguém que está tão distante. Se Peeta estivesse na Capital, ou no Distrito 12, ou mesmo na Lua nesse exato momento, não estaria mais inalcançável do que aqui. Nunca me senti tão solitária desde que os Jogos começaram.

Simplesmente aceite que a noite será ruim. Tento evitar, mas não consigo deixar de pensar em minha mãe e em Prim. Fico imaginando se elas conseguirão pregar os olhos essa noite. Nessa fase adiantada dos Jogos, com um evento importante como o ágape, provavelmente as aulas estarão suspensas. Minha família pode assistir naquela velha televisão cheia de estática lá de casa ou se juntar à multidão na praça para assistir nos telões com imagens de primeira qualidade. Em casa, terão privacidade, mas na praça terão apoio. As pessoas darão palavras de incentivo, serão gentis. Darão até um pouco de comida, se puderem. Imagino se o padeiro as procurou – principalmente agora que Peeta e eu formamos uma equipe – e cumpriu a promessa de manter a barriga de minha irmã cheia.

Os ânimos devem estar exaltados no Distrito 12. É muito raro termos alguém por quem torcer nesse ponto dos Jogos. Certamente as pessoas estão entusiasmadas comigo e com Peeta, especialmente agora que estamos juntos. Se eu fechar os olhos, consigo imaginá-los gritando para as telas de televisão, incentivando-nos. Vejo seus rostos – Greasy Sae e Madge, e até mesmo os Pacificadores que compram minha carne – torcendo por nós.

E Gale. Eu o conheço. Ele não vai estar gritando e torcendo. Mas estará assistindo a cada lance, cada virada, cada guinada da competição, e desejando que eu volte para casa. Imagino se está esperando que Peeta também consiga voltar. Gale não é meu namorado, mas será que seria se eu lhe abrisse essa porta? Ele repetia aquela conversa sobre nós dois fugirmos juntos. Será que aquilo era apenas um cálculo prático de nossas chances de sobrevivência longe do distrito? Ou será que era algo mais?

Imagino o que ele achou de todos aqueles beijos.

Através de uma greta na rocha, observo a lua cruzar o céu. Agora que, de acordo com meus prognósticos, faltam três horas para o amanhecer, dou início aos últimos preparativos. Tenho o cuidado de deixar Peeta com água e o kit médico bem ao lado. Nada mais será de muito uso se eu não voltar, e mesmo esses itens só prolongariam sua vida por um período muito curto. Após alguma ponderação, tiro sua jaqueta e a visto sobre a minha. Ele não tem necessidade disso. Não agora que está no saco de dormir e com febre e, durante o dia, se eu não estiver aqui para removê-la, ele ficará cozinhando dentro dela. Minhas mãos já estão endurecidas devido ao frio, então, pego o par de meias sobressalentes de Rue, faço furos para os dedos e os polegares, e as calço. De qualquer maneira, deve ajudar. Encho a pequena mochila com um pouco de comida, uma garrafa de água e curativos, prendo a faca no cinto, pego o arco e flecha. Estou a ponto de sair quando me lembro da importância de manter a rotina dos amantes desafortunados, e me inclino sobre Peeta para lhe dar um longo e duradouro beijo. Imagino os suspiros lacrimosos emanando da Capital e finjo enxugar também minhas próprias lágrimas. Então, esgueiro-me pela fresta das rochas e saio.

Minha respiração produz pequenas nuvens brancas ao atingir o ar. Está tão frio quanto uma noite de novembro no meu distrito. Uma noite em que adentro a floresta, lanterna na mão, para me juntar a Gale em algum local previamente combinado onde ficamos sentados colados um no outro, bebericando chá de ervas em frascos de metal, enrolados em colchas, esperando que algum animal passe por nós à medida que a manhã avança sobre a madrugada. *Oh, Gale. Se ao menos eu tivesse seu apoio agora...*

Movo-me o mais rápido que posso. Os óculos são realmente fantásticos, mas ainda sinto muito a falta de meu ouvido esquerdo. Não sei exatamente o que aconteceu, acho que a explosão causou algum dano profundo e irreparável. Pouco importa. Se eu voltar para casa, vou estar tão podre de rica que serei capaz de pagar alguém para ouvir as coisas para mim.

A floresta sempre tem uma aparência diferente à noite. Mesmo com os óculos, as coisas surgem com um ângulo pouco familiar. Como se as árvores, as flores e as pedras que encontramos durante o dia tivessem ido para a cama e enviado versões levemente mais sinistras delas próprias para ficar em seus lugares. Não tento ser esperta experimentando outro caminho. Subo de volta o riacho e sigo a mesma trilha que leva ao esconderijo de

Rue perto do lago. Ao longo do caminho, não vejo nenhum sinal de outro tributo, nenhuma lufada de respiração, nenhum balançar de galhos. Ou sou a primeira a chegar ou os outros se posicionaram ontem à noite. Faz mais de uma hora que estou aqui, talvez duas, quando me insinuo em meio à vegetação rasteira e fico esperando o sangue começar a jorrar.

Mastigo algumas folhas de menta, meu estômago não suporta muito mais do que isso. Graças a Deus estou com a jaqueta de Peeta além da minha. Se não estivesse, seria forçada a ficar me movimentando para me manter aquecida. O céu adquire uma névoa cinza matinal e ainda não há sinal de nenhum outro tributo. Mas, na verdade, isso não é nenhuma surpresa. Todos são competidores que se distinguiram ou pela força, ou pela implacabilidade, ou pela sagacidade. Será que eles acham – imagino eu – que estou acompanhada de Peeta? Duvido que Cara de Raposa e Thresh saibam que ele está ferido. Tanto melhor que pensem que ele está me dando cobertura quando eu for atrás da mochila.

Mas onde ela está? A arena já está suficientemente iluminada para que eu possa retirar os óculos. Ouço os pássaros da manhã cantando. Já não está na hora? Por um segundo, entro em pânico por achar que estou no local errado. Mas não, tenho certeza de me lembrar que Claudius Templesmith se referiu especificamente à Cornucópia. E aí está ela. E aqui estou eu. Então onde está o ágape?

No instante em que o primeiro raio de sol reluz na Cornucópia dourada, ocorre um distúrbio na planície. O chão na frente da boca do chifre se divide em dois e uma mesa redonda revestida com um tecido branco como a neve surge na arena. Sobre a mesa encontram-se quatro mochilas, duas grandes e pretas com os números *2* e *11*, uma verde de tamanho médio com o número *5* e uma pequena de cor laranja – eu poderia carregá-la até enrolada no pulso – que deve estar marcada com o número *12*.

Mal a mesa é fixada no lugar, uma figura sai de dentro da Cornucópia, agarra a mochila verde e escapa a toda a velocidade. Cara de Raposa! Só mesmo ela para delinear um plano tão astuto e arriscado! Nós todos ainda estamos parados ao redor da planície, avaliando a situação, e ela já está de posse de sua mochila. Ainda nos deixou numa armadilha, porque ninguém está disposto a caçá-la, não enquanto suas próprias mochilas estão precariamente dispostas sobre aquela mesa. Cara de Raposa deve ter deixado as outras mochilas intactas propositalmente, ciente de que, se

roubasse alguma que não contivesse seu número, seria impiedosamente perseguida. Essa deveria ter sido minha estratégia! Quando consigo superar as emoções de surpresa, admiração, raiva, inveja e frustração, aquela cabeleira ruiva já estava desaparecendo nas árvores e completamente fora de alcance. Argh! Estou sempre apavorada com os outros, mas talvez Cara de Raposa seja minha verdadeira oponente aqui.

Ela também me fez perder tempo, porque agora já está claro que devo ser a próxima a chegar na mesa. Qualquer um que chegue antes de mim vai pegar minha mochila com facilidade e sair correndo. Sem hesitação, disparo na direção da mesa. Consigo sentir a chegada do perigo antes de vê-lo. Por sorte, a primeira faca passa zunindo à minha direita, de modo que posso ouvi-la e consigo desviá-la com o arco. Viro-me, repuxando a corda do arco e dou uma flechada certeira no coração de Clove. Ela se vira no momento exato para evitar um ferimento fatal, mas a ponta perfura seu braço esquerdo. Infelizmente, é destra, mas o golpe foi suficiente para que ela perca um pouco de tempo, sendo obrigada a tirar a flecha do braço e avaliar a gravidade da lesão. Continuo em movimento, posicionando automaticamente a próxima flecha, como somente uma pessoa que caça há anos consegue fazer.

Estou na mesa agora, meus dedos agarrando a diminuta mochila laranja. Minha mão desliza por entre as correias e prendo-a ao braço, é realmente pequena demais para ser encaixada em qualquer outra parte de minha anatomia, e estou sendo atacada novamente quando uma segunda faca me acerta a testa. Ela rasga minha carne acima da sobrancelha, abrindo um talho que faz o sangue jorrar e escorrer por meu rosto, impedindo-me de enxergar, enchendo minha boca com o gosto forte e metálico de meu próprio sangue. Cambaleio de volta, mas ainda consigo mandar uma flecha na direção geral de minha agressora. No instante em que a flecha parte, sei que não acertará o alvo. E então Clove me dá um soco, me jogando de costas no chão, prendendo meus ombros com os joelhos.

É o fim, imagino, e espero que seja rápido por causa de Prim. Mas Clove deseja saborear o momento. Até sente que tem tempo. Sem dúvida, Cato está em algum lugar por perto, cobrindo-a, esperando Thresh e possivelmente Peeta.

– Onde está seu namorado, Distrito 12? Ainda está vivo? – pergunta ela.

Bem, enquanto estivermos conversando permanecerei viva.

– Ele está por aí. Caçando Cato – rosno na sua direção. Então, grito a plenos pulmões: – Peeta!

Clove pressiona o punho em minha traqueia de modo bem efetivo, cortando minha voz. Mas sua cabeça está se mexendo de um lado para outro e sei que, pelo menos por um momento, está considerando a possibilidade de eu estar dizendo a verdade. Como nenhum Peeta aparece para me salvar, ela se volta para mim.

– Mentirosa – acusa ela, dando um risinho. – Ele está quase morto. Cato sabe muito bem onde enfiou a espada. Provavelmente, você amarrou ele em alguma árvore enquanto tenta manter o coração dele batendo. O que tem nessa linda mochila? O remédio pro Conquistador? Que pena que ele nunca vai pôr as mãos nele.

Clove abre sua jaqueta. Contém uma impressionante coleção de facas. Cuidadosamente, ela seleciona um exemplar de aparência quase requintada, com uma lâmina curva de aspecto cruel.

– Prometi a Cato que se ele deixasse você por minha conta, eu daria um show inesquecível ao público.

Estou agora lutando para desequilibrá-la, mas não adianta nada. Ela é pesada demais e está me apertando com muita força.

– Esquece isso, Distrito 12. Nós vamos te matar. Da mesma forma que fizemos com sua ridícula e pequena aliada... como era mesmo o nome dela? A que pulava de galho em galho nas árvores. Rue? Bem, primeiro Rue, depois você, e então eu acho que a gente vai simplesmente deixar a natureza cuidar do Conquistador. O que você acha disso? Agora, por onde começar?

Ela retira de qualquer maneira o sangue de meu ferimento com a manga da jaqueta. Por um instante, examina meu rosto, virando-o para um lado e depois para outro, como se fosse um bloco de madeira e estivesse decidindo exatamente que formas entalharia. Tento morder sua mão, mas ela agarra meu cabelo e me força a voltar para o chão.

– Eu acho... – ela está quase rugindo – acho que começaremos pela boca. – Cerro os dentes à medida que ela traça o contorno de meus lábios com a ponta da lâmina só para me provocar.

Não vou fechar os olhos. O comentário sobre Rue me encheu de fúria, fúria suficiente para que eu morra com alguma dignidade, acho eu. Como meu último ato de provocação, vou encará-la enquanto puder, o que, tudo

indica, não será um período de tempo muito longo, mas vou encará-la. Não vou chorar, vou morrer do meu jeito, invicta.

– Pois é, eu acho que você não vai ter mais muito o que fazer com essa boca. Quer mandar um último beijo pro Conquistador? – pergunta ela. Produzo uma quantidade suficiente de sangue e saliva e cuspo na sua cara. Ela fica vermelha de raiva. – Tudo bem, então. Vamos começar.

Enrijeço-me toda para a agonia que certamente sofrerei. Mas assim que sinto a ponta da faca começando a cortar minha boca, uma força descomunal arranca Clove de cima de mim e, então, ela começa a berrar. A princípio, fico embasbacada, totalmente incapaz de processar o que acabou de acontecer. Será que Peeta conseguiu de alguma forma aparecer para me salvar? Será que os Idealizadores dos Jogos mandaram algum animal selvagem para incrementar a diversão? Será que um aerodeslizador inexplicavelmente a jogou para longe?

Mas quando me sustento sobre meus braços dormentes, vejo que não é nenhuma das opções acima. Clove está pendurada no ar, aprisionada nos braços de Thresh. Arquejo, vendo-o assim, assomando sobre mim, segurando Clove como se ela fosse uma boneca puída. Lembrava que ele era grande, mas parece estar ainda mais gigantesco, mais poderoso do que consigo recordar. No mínimo, parece ter ganhado peso na arena. Ele gira o corpo de Clove e a arremessa em direção ao chão.

Quando ele grita, pulo, já que é a primeira vez que o ouço pronunciar algo além de um sussurro.

– O que você fez com aquela garotinha? Você a matou?

Clove está recuando, de quatro, como um inseto em frenesi, chocada demais até para chamar por Cato.

– Não! Não! Não fui eu!

– Você falou o nome dela. Eu ouvi. Você a matou? – Um outro pensamento produz uma nova onda de fúria em suas feições. – Você a cortou como ia cortar essa outra garota aqui?

– Não! Não! Eu... – Clove vê a pedra na sua mão, mais ou menos do tamanho de um pão de forma, e perde o controle. – Cato! – berra ela. – Cato!

– Clove! – Ouço a resposta de Cato, mas ele está longe demais, presumo, para lhe dar algum auxílio. O que ele estava fazendo? Tentando pegar Cara de Raposa ou Peeta? Ou será que ele estava esperando por Thresh e simplesmente errou sua localização?

Thresh bate a pedra com força na têmpora de Clove. Não está sangrando, mas vejo a reentrância na cabeça e sei que ela já era. Mas ainda há algum sinal de vida nela, dá para ver pelo movimento do peito, pelo gemido baixo que lhe escapa dos lábios.

Quando Thresh gira o corpo em minha direção, a pedra erguida, sei que não é uma boa ideia correr. E meu arco está vazio, já que a última flecha pronta eu havia utilizado em Clove. Estou encurralada no brilho de seus estranhos olhos cor de âmbar.

– O que ela estava querendo dizer quando disse que Rue era sua aliada?

– Eu... eu... Nós fizemos uma parceria. Explodimos os suprimentos. Tentei salvá-la, juro que tentei. Mas ele chegou antes de mim. Distrito 1 – respondo. Talvez se ele souber que ajudei Rue, não escolherá alguma maneira lenta e sádica de acabar comigo.

– E você o matou? – pergunta ele.

– Matei. Matei ele, sim. E enterrei ela com flores. E cantei pra ela dormir.

Lágrimas brotam de meus olhos. A tensão e a luta abandonam meu corpo quando a lembrança se instala. E fico dominada por Rue, e pela dor em minha cabeça, e pelo medo de Thresh, e pelos gemidos da garota moribunda alguns metros distante.

– Pra dormir? – diz Thresh, mal-humorado.

– Quando ela estava morrendo. Cantei até que ela morresse. – Seu distrito... eles me enviaram pão. – Estendo a mão, mas não para a flecha que sei que jamais vou alcançar. Para esfregar o nariz. – Seja rápido, Thresh. Certo?

Emoções conflitantes estão estampadas no rosto de Thresh. Ele abaixa a pedra e aponta para mim, de modo quase acusatório.

– Vou deixar você escapar, mas só dessa vez. Pela garotinha. Agora eu e você estamos quites. Não te devo mais nada. Tá me entendendo?

Balanço a cabeça porque entendo, sim. Entendo a dívida. Entendo o ódio que ele sente por isso. Entendo que se Thresh vencer, ele terá de voltar e encarar um distrito que já infringiu todas as regras para me agradecer, e ele também está infringindo as regras para me agradecer. E entendo que, por enquanto, Thresh não vai esmagar meu crânio.

– Clove! – A voz de Cato está bem mais próxima agora. Dá para sentir pela dor que emana que ele está vendo a garota no chão.

– Melhor correr agora, Garota Quente – diz Thresh.

Não preciso ouvir duas vezes. Dou um salto e meus pés se enterram na terra dura à medida que corro para longe de Thresh e de Clove, e do som da voz de Cato. Somente quando alcanço a floresta, viro-me por um instante. Thresh e as duas mochilas grandes estão desaparecendo no limite da planície e seguindo na direção da área onde nunca estive. Cato se ajoelha ao lado de Clove, lança na mão, implorando para que ela fique com ele. Em questão de segundos, vai se dar conta de que sua súplica é inútil, ela não pode ser salva. Chego às árvores atabalhoadamente, retirando sem cessar o sangue que me cai nos olhos, fugindo como a criatura selvagem e ferida que sou. Depois de alguns minutos, escuto o canhão e sei que Clove morreu; que Cato virá atrás de algum de nós. Ou de Thresh ou de mim. Estou aterrorizada, enfraquecida por causa do ferimento na cabeça, trêmula. Coloco uma flecha no arco, mas Cato pode arremessar aquela lança quase tão rápido quanto eu posso atirar a flecha.

Só uma coisa pode me acalmar. Thresh está com a mochila de Cato, que contém as coisas de que ele precisa desesperadamente. Se eu tivesse de apostar, diria que Cato foi atrás de Thresh, não de mim. Mas, mesmo assim, não diminuo a velocidade quando chego à água. Mergulho imediatamente, com botas e tudo, e chapinho na corrente. Retiro as meias de Rue que estava usando como luvas e as pressiono na testa, tentando estancar o fluxo de sangue, mas elas ficam encharcadas em minutos.

Consigo, de alguma maneira, chegar à caverna. Espremo o corpo e passo pelas pedras. Na luz parca, puxo do braço a pequena mochila laranja, abro-a e jogo o conteúdo no chão. Uma caixa fina contendo uma agulha hipodérmica. Sem hesitar, enfio a agulha no braço de Peeta e pressiono lentamente até o fim.

Minhas mãos vão até minha cabeça e depois caem em meu colo, pegajosas de sangue.

A última coisa de que me lembro é uma mariposa verde e prata extraordinariamente bela aterrissando na curva de meu pulso.

O som da chuva batendo no telhado de nossa casa me conduz delicadamente de volta à consciência. Contudo, luto para voltar a dormir, enrolada em um aconchegante casulo de cobertores, a salvo no lar. Estou vagamente ciente das dores em minha cabeça. Possivelmente estou gripada e é por isso que me é permitido permanecer na cama, mesmo sabendo que já dormi demais. A mão de minha mãe acaricia meu rosto e não a empurro para longe como faria se estivesse acordada, sem querer que ela saiba o quanto anseio por esse toque delicado; o quanto sinto sua falta, muito embora ainda não confie nela. Então, ouço uma voz, a voz errada, não a voz de minha mãe, e fico com medo.

– Katniss – diz a voz. – Katniss, consegue me ouvir?

Meus olhos se abrem e a sensação de segurança desaparece. Não estou em casa, não estou com minha mãe. Estou em uma caverna mal-iluminada e friorenta, meus pés estão congelados apesar da coberta, o ar está contaminado com o inconfundível cheiro de sangue. O rosto abatido e pálido de um garoto surge em meu campo de visão, e após um susto inicial, sinto-me melhor.

– Peeta.

– Oi – responde. – Bom poder ver seus olhos novamente.

– Quanto tempo fiquei apagada?

– Não tenho certeza. Acordei ontem à noite e você estava deitada ao meu lado em uma assustadora poça de sangue. Acho que finalmente parou, mas eu não me mexeria se fosse você.

Levo a mão cautelosamente até a cabeça e vejo que ela está enfaixada. Esse gesto simples me deixa tonta e fraca. Peeta encosta uma garrafa em meus lábios e bebo sofregamente.

– Você está melhor – observo.

– Muito melhor. Seja lá o que for que você injetou em meu braço teve um efeito mágico. Hoje de manhã, quase todo o inchaço na perna já tinha acabado.

Ele não parece estar zangado por ter sido ludibriado, por ter sido drogado por mim e por eu ter corrido até o ágape. Talvez eu esteja

simplesmente arrasada demais e serei obrigada a ouvir tudo depois, quando estiver mais revigorada. Mas, por enquanto, ele é só gentileza.

– Você comeu? – pergunto.

– Desculpe, mas botei pra dentro três pedaços daquele ganso silvestre antes de me dar conta de que eles deveriam durar mais tempo. Não se preocupe, voltei pra minha dieta rígida.

– Não, você fez bem. Você precisa comer. Logo, logo vou caçar.

– Não tão logo, certo? Deixa eu cuidar de você um pouco. Nada indica que eu tenha muita escolha. Peeta me alimenta com pedaços de ganso e passas e me obriga a tomar muita água. Ele massageia meus pés até esquentá-los e os enrola em sua jaqueta antes de fechar novamente o saco de dormir abaixo de meu queixo.

– Suas botas e meias ainda estão úmidas e o tempo não está ajudando muito – informa ele.

Ouço um trovão e vejo um raio eletrizar o céu através de uma abertura nas pedras. Chuva goteja por diversos buracos no teto, mas Peeta construiu uma espécie de dossel sobre minha cabeça e a parte superior do corpo, encaixando o quadrado de plástico nas pedras acima de mim.

– Imagino o motivo dessa tempestade. Quem é o alvo dela, afinal? – quis saber Peeta.

– Cato e Thresh – respondo, sem pensar. – Cara de Raposa deve estar em sua toca em algum lugar, e Clove... ela me cortou e depois... – Baixo o tom da voz.

– Sei que Clove está morta. Vi no céu ontem à noite – diz ele. – Você a matou?

– Não. Thresh quebrou a cabeça dela com uma pedra.

– Sorte ele também não ter te pego.

A lembrança do ágape retorna com força total e fico enjoada.

– Ele me pegou, mas me deixou escapar. – Então, é claro que tenho de contar a ele. Coisas que mantive em segredo porque ele estava doente demais para perguntar e eu não estava preparada para reviver. Como a explosão, e meu ouvido, e Rue morrendo, e o garoto do Distrito 1, e o pão. Tudo isso conduz ao que aconteceu com Thresh e a maneira com a qual ele pagou aquela espécie de dívida.

– Ele te deixou escapar porque não estava disposto a dever nada a você? – pergunta Peeta, descrente.

– Isso. Não espero que você entenda. Você sempre teve tudo de que precisava. Mas se morasse na Costura, eu não teria de explicar nada.

– E não tente. Obviamente sou muito burro pra entender isso.

– É como o negócio do pão. Tenho a impressão de nunca conseguir deixar de ter essa dívida com você.

– Pão? O quê? Da época que a gente era criança? Acho que a gente pode esquecer aquilo. Enfim, você me trouxe de volta dos mortos.

– Mas você não me conhecia. A gente nunca tinha nem mesmo conversado. Além disso, a primeira dádiva é sempre a mais difícil de retribuir. Eu nem estaria aqui se você não tivesse me ajudado naquela ocasião. Aliás, por que você fez aquilo?

– Por quê? Você sabe por quê – diz Peeta. Sacudo levemente a cabeça, apesar da dor. – Haymitch disse que eu ia precisar de muito tempo pra te convencer.

– Haymitch? O que ele tem a ver com isso?

– Nada. Cato e Thresh, hein? Aposto que deve ser demais esperar que os dois acabem um com o outro simultaneamente, o que você acha?

Mas a ideia só me inquieta.

– Acho que a gente ia gostar de Thresh. Acho que ele seria nosso amigo no Distrito 12 – digo.

– Então vamos esperar que Cato acabe com ele, assim a gente fica dispensado disso – diz Peeta, impiedosamente.

Não quero de maneira alguma que Cato mate Thresh. Não quero que mais ninguém morra. Mas isso não é o tipo de coisa que os vitoriosos podem sair por aí dizendo na arena. Apesar de meus esforços, sinto lágrimas começando a encharcar meus olhos.

Peeta olha para mim preocupado.

– O que é isso? A dor está forte demais?

Dou outra resposta a ele, não só porque é igualmente verdadeira mas porque também pode ser encarada como um fugaz instante de fraqueza e não como um definitivo pedido de arrego.

– Quero ir pra casa, Peeta – digo, melancolicamente, como uma criancinha.

– Você vai. Eu prometo – diz ele, e se inclina para me dar um beijo.

– Quero ir pra casa agora.

– Vou te dizer uma coisa. Você volta a dormir e sonha com sua casa. E você vai voltar pra lá de verdade antes mesmo de saber. Certo?

– Certo – sussurro. – Pode me acordar se quiser que eu monte guarda.

– Estou bem e descansado, graças a você e a Haymitch. Além do mais, quem sabe o quanto isso aqui vai durar?

A que ele está se referindo? À tempestade? À breve pausa que ela nos proporciona? Aos próprios Idealizadores dos Jogos? Não sei, mas estou triste e cansada demais para perguntar.

Já é noite quando Peeta me acorda novamente. A chuva se transformou em um temporal, lançando torrentes de água em nosso teto, no local onde antes caíam apenas pingos. Peeta colocou o pote debaixo do pior buraco e reposicionou o plástico para desviar de mim a maior parte da água. Estou me sentindo um pouco melhor, capaz de me sentar sem ficar tonta demais, e absolutamente faminta. Assim como Peeta. Está claro que estava esperando que eu acordasse para comer e está ansioso para começar.

Não restou muita coisa. Dois pedaços de ganso silvestre, uma pequena mistura de raízes e um punhado de frutas secas.

– Será que a gente devia racionar a comida? – pergunta Peeta.

– Não, vamos acabar com ela e pronto. O ganso está ficando passado, de qualquer modo, e a última coisa que a gente precisa é ficar doente por causa de comida estragada – respondo, dividindo a comida em duas pilhas iguais. Nós tentamos comer lentamente, mas estamos ambos tão famintos que terminamos tudo em alguns minutos. Meu estômago não fica satisfeito em hipótese alguma.

– Amanhã é dia de caçada.

– Não vou poder ajudar muito nisso – diz Peeta. – Jamais cacei na minha vida.

– Eu mato e você cozinha. E você também pode colher vegetais.

– Gostaria de encontrar por aí algumas plantas que dão pão – diz Peeta.

– O pão que eles me mandaram do Distrito Onze ainda estava morno – suspiro. – Aqui, mastiga isso aqui. – Dou a ele algumas folhas de menta e coloco algumas na minha boca.

É difícil até assistir à projeção no céu, mas há nitidez suficiente para ver que não aconteceu mais nenhuma morte hoje. Então, Cato e Thresh ainda não se enfrentaram.

– Pra onde foi Thresh? Enfim, o que é que existe na extremidade do círculo? – pergunto a Peeta.

– Um campo. Até onde dá pra enxergar, o local é coberto por um matagal que vai até meus ombros. Não sei não, mas de repente uma parte dele é de cultivo de grãos. Há partes de cores diferentes. Mas não tem nenhuma trilha até lá – diz Peeta.

– Aposto que uma parte do local é de grãos, sim. Também aposto que Thresh sabe quais são. Você esteve lá?

– Não. Ninguém na verdade queria seguir Thresh até aquele matagal. O lugar é meio sinistro. Sempre que olho pra esse campo só me ocorrem imagens de coisas escondidas. Cobras, animais raivosos e areia movediça. Deve ter todo tipo de coisa por lá.

Não falo, mas as palavras de Peeta me fazem lembrar dos avisos que nos dão a respeito de não ultrapassar a cerca no Distrito 12. Não consigo evitar, por um instante, compará-lo a Gale, que veria nesse campo uma fonte potencial de comida além de uma ameaça. Thresh certamente enxergou isso. Não é que Peeta seja exatamente frouxo, e provou que não é nenhum covarde. Mas há certas coisas que você acaba não questionando muito, acho eu, se sua casa está sempre com um cheirinho de pão fresco. Gale, por sua vez, questiona tudo. O que Peeta pensaria de toda aquela pândega irreverente que ocorre entre nós quando infringimos diariamente a lei? Será que ele ficaria chocado com as coisas que falamos a respeito de Panem? Com as invectivas de Gale contra a Capital?

– De repente há plantas que dão pão naquele campo. Quem sabe não é essa a razão de Thresh parecer estar mais bem alimentado agora do que no início dos Jogos.

– Ou isso ou ele possui patrocinadores bem generosos – sugere Peeta. Imagino o que a gente teria de fazer pra conseguir que Haymitch mandasse um pouco de pão pra nós.

Ergo as sobrancelhas antes de me lembrar que ele desconhece a mensagem que Haymitch nos enviou algumas noites atrás. Um beijo equivale a um pote de caldo. Mas isso também não é o tipo de coisa que posso falar assim, sem mais nem menos. Reproduzir meus pensamentos em voz alta revelaria ao público que o romance foi fabricado para angariar simpatias, o que resultaria no fim da comida. De alguma maneira realista, tenho de fazer com que as coisas voltem aos eixos. Algo simples, para começar. Aproximo-me e pego sua mão.

– Bem, provavelmente ele gastou muitos recursos me ajudando a te nocautear – digo, maliciosamente.

– Sei... Por falar nisso – começa Peeta, prendendo os dedos nos meus –, vê se não tenta repetir esse tipo de coisa.

– Ou o quê?

– Ou... ou... – Ele não consegue encontrar nada interessante para dizer. – Só um minutinho.

– Qual é o problema? – pergunto, dando um risinho.

– O problema é que nós dois ainda estamos vivos. O que apenas reforça a ideia na sua cabeça de que você tomou a atitude correta – responde ele.

– Eu tomei a atitude correta, sim – reafirmo.

– Não! Não mesmo, Katniss! – O aperto em meus dedos ficou mais forte, machucando minha mão, e há uma raiva real na sua voz. – Não morra por minha causa. Você não estará me fazendo nenhum favor, certo?

Estou atônita pela intensidade das palavras, mas reconheço uma excelente oportunidade para arranjar comida, o que me faz manter a pegada.

– Talvez eu tenha feito isso por mim mesma, Peeta. Já parou pra pensar nessa possibilidade? Talvez você não seja o único que... que se preocupa com... como seria se...

Balbucio. Não sou tão desenvolta com as palavras quanto Peeta. E enquanto eu estava falando, a perspectiva de perdê-lo de fato atingiu-me novamente e me dei conta do quanto desejo que ele fique vivo. E não tem nada a ver com os patrocinadores. E não tem nada a ver com o que vai acontecer quando chegarmos em casa. E não é pelo simples fato de que eu não quero ficar sozinha. É por ele. Não quero perder o garoto com o pão.

– Se o quê, Katniss? – pergunta ele, suavemente.

Gostaria de poder fechar as persianas para impedir que esse momento fosse alvo dos olhares enxeridos de Panem. Mesmo que isso signifique perder comida. Seja lá o que for que estou sentindo, só diz respeito a mim e a mais ninguém.

– Esse é exatamente o tipo de assunto do qual eu deveria manter distância, como Haymitch frisou diversas vezes – comento, evasivamente, embora Haymitch jamais tivesse mencionado qualquer coisa dessa natureza. Na verdade, ele provavelmente deve estar me amaldiçoando nesse exato momento por deixar a peteca cair durante um momento tão emocionalmente intenso. Mas Peeta entende a situação, de uma forma ou de outra.

– Então eu mesmo vou ter de preencher as lacunas – diz ele, e se aproxima de mim.

Esse é o primeiro beijo do qual estamos plenamente conscientes. Nenhum dos dois está acometido de alguma doença ou dor ou simplesmente inconsciente. Nossos lábios não estão nem quentes de febre e nem gelados de frio. Esse é o primeiro beijo que eu realmente sinto chacoalhar meu peito. Gostoso e estranho. Esse é o primeiro beijo que me faz querer mais.

Mas não recebo outro. Bem, recebo um segundo beijo, mas somente um beijinho rápido na ponta do nariz porque Peeta distraiu-se.

– Acho que sua ferida está sangrando novamente. Deita aqui, já está mesmo na hora de dormir.

Minhas meias estão secas o suficiente para serem usadas. Convenço Peeta a recolocar sua jaqueta. O frio úmido parece cortar meus ossos, o que significa que ele também deve estar quase congelado. Insisto também para ser a primeira a montar guarda, embora nenhum de nós imagine a possibilidade de alguém aparecer com esse tempo. Mas ele não concorda, a menos que eu também esteja dentro do saco, e estou tremendo tanto que não faz sentido discordar. Num contraste gritante com duas noites atrás, quando eu tinha a sensação de que Peeta estava a milhões de quilômetros de distância, nossa proximidade agora é arrebatadora. Enquanto nos acomodamos, ele puxa minha cabeça para baixo para usar seu braço como travesseiro. O outro se mantém sobre mim, de modo protetor, até mesmo quando vai dormir. Ninguém me ampara dessa forma há muito tempo. Desde que meu pai morreu e parei de confiar em minha mãe, nenhum outro par de braços fez com que eu me sentisse tão segura.

Com a ajuda dos óculos, fico observando as gotas da chuva pingando no chão da caverna. Ritmadas e calmantes. Diversas vezes caio no sono, mas logo em seguida acordo num estalo, culpada e zangada comigo mesma. Depois de três ou quatro horas, não consigo evitar, sou obrigada a despertar Peeta porque não consigo mais manter os olhos abertos. Ele não parece se importar.

– Amanhã, quando estiver seco, vou achar um lugar bem no alto de uma árvore pra gente poder dormir em paz – prometo, ao cair no sono.

Mas o amanhã não será melhor com relação ao tempo. O dilúvio continua, dando a impressão de que os Idealizadores dos Jogos estão com a intenção de submergir todos por aqui. O trovão é tão potente que parece

sacudir o chão. Peeta está pensando na possibilidade de seguir caminho de qualquer maneira para conseguir comida, mas digo a ele que com essa tempestade a ideia não faz sentido. Não vai conseguir enxergar três palmos à frente e vai acabar encharcado até a alma. Ele sabe que estou certa, mas o ronco em nosso estômago está começando a ficar doloroso.

O dia se arrasta até virar noite e o tempo não dá trégua. Haymitch é nossa única esperança, mas nada é enviado, ou por falta de dinheiro – tudo deve custar uma fortuna exorbitante – ou porque ele está insatisfeito com nosso desempenho. A segunda opção é a mais provável. Eu seria a primeira a admitir que não estamos particularmente atraentes hoje. Esfomeados, enfraquecidos devido aos ferimentos, tentando não reabrir as feridas. Estamos enroscados um no outro e enrolados no saco de dormir, sim, estamos, mas principalmente para nos mantermos aquecidos. A coisa mais excitante que qualquer um dos dois faz é tirar uma soneca.

Não tenho muita certeza sobre como agitar esse romance. O beijo de ontem à noite foi legal, mas preparar um outro vai demandar muito planejamento prévio. Há algumas garotas na Costura, algumas comerciantes, que navegam nessas águas com muita desenvoltura. Mas nunca tive muito tempo ou jeito para esse tipo de coisa. De qualquer modo, está mais do que claro que um simples beijo já não é mais suficiente, porque, se fosse, teríamos recebido comida ontem à noite. Meus instintos me dizem que Haymitch não está apenas atrás de afeição física, ele quer algo mais pessoal. O tipo de coisa que ele estava tentando me convencer a falar sobre mim mesma quando estávamos praticando para a entrevista. Sinto nojo disso, mas Peeta não. Talvez a melhor opção seja fazer com que ele fale.

– Peeta – chamo, levemente. – Você disse na entrevista que sempre foi apaixonado por mim. Quando foi que esse sempre começou?

– Ah, vamos ver. Acho que no primeiro dia de aula. Nós éramos cinco. Você estava usando um vestido vermelho e seus cabelos... estavam presos com duas tranças em vez de uma. Meu pai apontou pra você quando a gente estava esperando pra entrar na fila.

– Seu pai? Por quê?

– Ele disse: “Está vendo aquela garotinha ali? Eu queria me casar com a mãe dela, mas ela preferiu um trabalhador das minas.”

– O quê? Você está inventando tudo isso!

– Não! É verdade! E eu disse: “Um trabalhador das minas? Por que ela preferiu um trabalhador das minas se podia ter você?” E ele disse: “Porque quando ele canta... até os pássaros param pra ouvir.”

– Isso é verdade. Eles param mesmo. Enfim, eles paravam. – Estou perplexa e surpreendentemente comovida, pensando no padeiro contando isso a Peeta. Acaba de me ocorrer que minha própria relutância em cantar, meu próprio desdém pela música, talvez não seja realmente o fato de eu achar que isso é uma perda de tempo. Talvez seja porque me faça lembrar demais de meu pai.

– Então, naquele dia, na aula de música, a professora perguntou quem conhecia a canção do vale. Sua mão logo se ergueu. Ela colocou você em um banquinho e mandou você cantar pra gente. E juro, todos os pássaros do lado de fora ficaram em silêncio.

– Ah, por favor – rio.

– Não, aconteceu mesmo. E assim que você terminou a canção, percebi, exatamente como sua mãe, que eu estava caído por você. Então, pelos onze anos seguintes, tentei preparar os nervos pra falar com você.

– Sem sucesso – acrescento.

– Sem sucesso. Aí, num certo sentido, meu nome ter sido escolhido na colheita acabou sendo um verdadeiro golpe de sorte.

Por um momento, estou sentindo uma felicidade quase tola, e então uma atrapalhação total toma conta de meu ser. Porque nós deveríamos estar inventando essa coisa toda, representando nosso amor, e não nos amando de fato. Mas a história de Peeta possui um quê de verdade. Aquela parte sobre meu pai e os pássaros. E cantei mesmo no primeiro dia de aula, embora não me lembrasse mais da canção. E aquele vestido vermelho... existia mesmo, um vestidinho de segunda mão que depois foi de Prim e que virou trapo após a morte de meu pai.

Isso explicaria uma outra coisa também. Por que Peeta levou aquela surra para me dar o pão naquele dia horroroso. Então, se todos esses detalhes são verdadeiros... será que tudo isso é verdade?

– Você possui uma... memória notável – comento, hesitante.

– Eu lembro de tudo a seu respeito – diz Peeta, colocando um fio de cabelo solto para trás de minha orelha. – É que você nunca prestou atenção.

– Agora estou prestando.

– Bem, aqui eu não tenho tantos competidores – diz ele.

Quero mudar de assunto, fechar novamente as persianas, mas sei que não posso. É como se eu pudesse ouvir Haymitch sussurrando em meu ouvido: “Fale! Fale!”

Engulo em seco e deixo as palavras saírem de minha boca:

– Você não tem competidores em lugar nenhum.

E dessa vez sou eu quem se aproxima.

Nossos lábios estão quase se tocando quando a explosão do lado de fora me faz dar um pulo. O arco já está na minha mão, a flecha preparada para voar, mas não há mais nenhum outro som. Peeta espia por entre as pedras e em seguida emite um grito de entusiasmo. Antes que eu possa impedir, ele já está na chuva me entregando alguma coisa. Um paraquedas prateado atado a uma cesta. Abro-a imediatamente com um rasgão e encontro um verdadeiro banquete dentro: pãezinhos frescos, queijo de cabra, maçãs e, o melhor de tudo, uma terrina com aquele incrível cozido de carneiro com arroz selvagem. O mesmo prato que eu havia dito a Caesar Flickerman ser a coisa mais impressionante que a Capital tinha a oferecer.

Peeta se contorce todo para entrar na caverna, seu rosto iluminado como o sol.

– Imagino que Haymitch tenha finalmente ficado cansado de nos ver passar fome.

– Imagino que sim – respondo.

Mas, na minha cabeça, posso ouvir as palavras presunçosas e levemente exasperadas de Haymitch: “Sim, é *isso* o que eu estou procurando, docinho.”

Todas as células de meu corpo desejam que eu enfie a cara no cozido e me empanturre até dizer chega. Mas a voz de Peeta me faz parar.

– É melhor a gente comer devagar esse cozido. Lembra a primeira noite no trem? A comida pesada me deixou enjoado, e eu nem estava com tanta fome assim.

– Você tem razão. E eu bem que podia engolir isso aqui tudo! – comento, lamentando a situação. Mas não faço isso. Somos bastante sensatos. Cada um come um pãozinho, metade de uma maçã e uma porção do tamanho de um ovo de cozido e arroz. Obrigo-me a comer o cozido em pequenas colheradas, eles mandaram até pratos e talheres de prata, saboreando cada mordida. Quando terminamos, eu miro saudosamente o prato. – Quero mais.

– Eu também. É o seguinte, a gente espera uma hora, se a comida assentar no estômago, aí a gente come mais um pouco – sugere Peeta.

– Combinado. Vai ser uma hora bem demorada.

– Talvez não tão demorada. O que era mesmo que você estava dizendo antes de a comida chegar? Alguma coisa a meu respeito... nenhum competidor... a melhor coisa que aconteceu com você na sua vida...

– Não me lembro dessa última parte – retruco, na esperança de que a iluminação esteja bem fraca aqui dentro para que as câmeras não consigam mostrar meu rosto vermelho.

– Ah, certo. Isso era o que *eu* estava pensando. Chega pra lá, estou congelando.

Deixo um espaço para ele no saco de dormir. Nós nos encostamos contra a parede da caverna, minha cabeça sobre o seu ombro, ele abraçado a mim. Posso sentir Haymitch me cutucando para prosseguir com a encenação.

– Então, éramos cinco e você nunca reparou nas outras garotas?

– Não. Eu reparava em todas as garotas, mas nenhuma delas me deixou uma impressão tão duradoura quanto você.

– Tenho certeza de que esse negócio de você gostar de uma garota da Costura emocionaria muito seus pais.

– Dificilmente. Mas isso não me importa nem um pouco. De qualquer modo, se a gente conseguir voltar, você não vai mais ser uma garota da Costura, você vai ser uma garota da Aldeia dos Vitoriosos.

É isso aí. Se nós vencermos, cada um de nós vai ganhar uma casa na parte da cidade reservada aos vitoriosos dos Jogos Vorazes. Muito tempo atrás, por ocasião do início dos Jogos, a Capital construiu uma dúzia de belas casas em cada distrito. É claro que no nosso apenas uma está ocupada. A maioria das outras jamais foi utilizada.

Um pensamento perturbador me ocorre.

– Mas então, nosso único vizinho vai ser Haymitch!

– Ah, isso vai ser legal – diz Peeta, abraçando-me com mais intensidade. – Você e eu e Haymitch. Bem aconchegante. Piqueniques, aniversários, longas noites de inverno ao redor da lareira, rememorando antigas histórias dos Jogos Vorazes.

– Eu te disse, ele me odeia! – argumento, mas não consigo evitar dar uma risada ao imaginar Haymitch se tornando meu novo amigo.

– Só às vezes. Quando ele está sóbrio, nunca fala qualquer coisa negativa sobre você.

– Ele nunca está sóbrio! – protesto.

– É verdade. Em quem estou pensando, afinal? Ah, já sei. Cinna. É Cinna que gosta de você. Principalmente porque você não tentou correr quando ele tocou fogo em você. Por outro lado, Haymitch... bem, se eu fosse você, eu evitaria Haymitch completamente. Ele te odeia.

– Pensei que você tinha dito que eu era a favorita dele.

– Ele me odeia mais ainda. Acho que, no geral, gente não é o negócio dele.

Sei que o público vai gostar de nós estarmos nos divertindo à custa de Haymitch. Está aí há tanto tempo, é praticamente um velho amigo de alguns deles. E depois que ele desabou do palco, todos o conhecem. A uma hora dessas, já devem tê-lo arrastado para fora da sala de controle para dar entrevistas sobre nós. Não dá para afirmar que tipo de mentiras inventou. Ele está um pouco em desvantagem porque a maioria dos mentores possui um parceiro, um outro vitorioso para auxiliá-los, ao passo que Haymitch precisa estar pronto para entrar em ação a qualquer momento. Mais ou menos como eu, quando estou sozinha na arena. Imagino como ele está segurando as pontas com a bebedeira, a atenção e o estresse de tentar nos manter vivos.

É engraçado. Haymitch e eu não nos damos muito bem juntos, mas talvez Peeta esteja certo quando diz que somos parecidos, porque ele parece ser capaz de se comunicar comigo, se levarmos em conta seu *timing* perfeito no envio das dádivas. Por exemplo, como eu sabia que deveria estar perto da água se ele reteve a informação e como sabia que o xarope do sono não era apenas para aliviar a dor de Peeta e como sei agora que tenho de representar o romance. Ele não fez tanto esforço assim para se conectar com Peeta. Talvez ele pense que uma tigela de caldo seria apenas uma tigela de caldo para Peeta, ao passo que eu saberia ver o que está por trás dela.

Um pensamento me ocorre, e fico impressionada pela pergunta ter demorado tanto a aflorar. Talvez seja porque só recentemente eu tenha começado a ver Haymitch com algum grau de curiosidade.

– Como você acha que ele conseguiu?

– Quem? Conseguiu o quê? – pergunta Peeta.

– Haymitch. Como você acha que ele venceu os Jogos?

Peeta pondera a pergunta durante um bom tempo antes de responder. Haymitch é bem corpulento, mas não é nenhuma maravilha física como Cato ou Thresh. Não é particularmente bonito. Não da maneira que faz com que os patrocinadores despejem dádivas sobre você. E é tão intratável que é difícil imaginar alguém se aliando a ele. Só há uma maneira de Haymitch ter vencido, e Peeta deixa escapar a resposta no exato momento em que eu mesma estou chegando à conclusão.

– Ele foi mais esperto do que os outros.

Balanço a cabeça em concordância e abandono a conversa. Mas, secretamente, estou imaginando se Haymitch ficou sóbrio por tempo suficiente para ajudar Peeta e a mim porque pensou que nós dois talvez tivéssemos a sagacidade necessária para sobreviver. Talvez ele não tenha sido um beberrão a vida inteira. Talvez, no início, tenha tentado ajudar os tributos. Mas, então, a coisa ficou insuportável. Deve ser um horror ser mentor de dois garotos e depois assistir à morte deles pela televisão. Ano após ano após ano. Percebo que se conseguir escapar daqui, esse se tornará meu emprego. Orientar a garota do Distrito 12. A ideia é tão repulsiva que a arranco de minha cabeça.

Quase meia hora se passou quando decido que preciso comer novamente. Peeta também está muito faminto para se opor. Enquanto como

mais duas pequenas porções de cozido de carneiro e arroz, ouvimos o início do hino. Peeta encosta os olhos na greta das pedras para observar o céu.

– Não deve haver nada para se ver hoje – comento, muito mais interessada no cozido do que no céu. – Não aconteceu nada, senão a gente teria escutado o canhão.

– Katniss – diz Peeta, tranquilo.

– O quê? Quer dividir outro pãozinho?

– Katniss – repete ele, mas meu desejo é ignorá-lo.

– Vou dividir. Mas vou guardar o queijo pra amanhã. Peeta está olhando para mim. – Que é?

– Thresh morreu.

– Não pode ser.

– O tiro do canhão deve ter sido durante a tempestade e a gente nem se deu conta.

– Tem certeza? Enfim, está chovendo a cântaros lá fora. Não sei como você consegue enxergar alguma coisa. – Eu o empurro para o lado e espremo os olhos na direção do céu escuro e chuvoso. Por mais ou menos dez segundos, vislumbro a imagem distorcida de Thresh e então ele desaparece. Num piscar de olhos.

Meu corpo desaba contra as pedras e esqueço por um momento a tarefa que estava realizando. Thresh morto. Eu deveria estar feliz, certo? Menos um tributo a encarar. E poderoso, ainda por cima. Mas não estou feliz. Só consigo pensar em Thresh me deixando escapar, me deixando correr por causa de Rue, que morreu com aquela lança no estômago...

– Você está bem? – pergunta Peeta.

Dou de ombros evasivamente e coloco as mãos nos cotovelos, aproximando-os do corpo. Tenho de ocultar a dor verdadeira porque quem é que vai apostar em um tributo que não para de choramingar por causa das mortes de seus oponentes? Rue era diferente, éramos aliadas. Ela era jovem demais. Mas ninguém vai entender a tristeza que sinto pelo assassinato de Thresh. A palavra me deixa em estado de alerta em um segundo. Assassinato! Ainda bem que não falei em voz alta. Isso não me daria muitos pontos na arena. Faço outro comentário:

– Só que... se a gente não vencesse... eu queria que Thresh vencesse. Porque ele me deixou viver. E por causa de Rue.

– Certo, eu sei. Mas isso significa que a gente está um passo mais próximo de voltar pro Distrito 12. – Ele aproxima um prato de comida de

minhas mãos. – Come. Ainda está quente.

Dou uma mordida no carneiro para mostrar que não estou ligando tanto assim, mas sinto gosto de borracha na boca e preciso me esforçar bastante para engolir.

– Também significa que Cato voltará para nos caçar.

– E ele está novamente com suprimentos – diz Peeta.

– Ele está ferido, aposto.

– Por que você está dizendo isso?

– Porque Thresh jamais cairia sem luta. Ele é muito forte. Enfim, era forte. E eles estavam no território dele.

– Bom. Quanto mais ferido Cato estiver, melhor. Imagino como Cara de Raposa está se virando.

– Ah, ela está bem – comento, irritada. Ainda estou com raiva por ela ter pensado em se esconder na Cornucópia e eu não. – Provavelmente é mais fácil pegar Cato do que ela.

– Talvez um pegue o outro e a gente vá pra casa. Mas é melhor sermos mais cuidadosos com a vigilância. Eu cochilei algumas vezes.

– Eu também. Mas não essa noite.

Terminamos a refeição em silêncio e então Peeta se oferece para montar guarda em primeiro lugar. Entoco-me no saco de dormir ao lado dele e cubro o rosto com o capuz para escondê-lo das câmeras. Só preciso de alguns instantes de privacidade para poder deixar minhas emoções aflorarem em meu rosto sem serem vistas. Debaixo do capuz, despeço-me silenciosamente de Thresh e o agradeço por me deixar viva. Prometo lembrar sempre dele e, se puder, fazer alguma coisa para ajudar sua família e a de Rue, se sair vencedora. Então, mergulho no sono, confortada pela barriga cheia e pelo calor estável de Peeta ao meu lado.

Quando ele me acorda mais tarde, a primeira coisa que registro é o cheiro de queijo de cabra. Ele está segurando metade de um pãozinho com o material branco e cremoso e com fatias finas de maçã por cima.

– Não fique chateada. Eu precisava comer de novo. Aqui está sua metade.

– Ah, como é bom – comento, mordendo imediatamente um pedaço enorme. O queijo forte e gorduroso tem o sabor igual ao que Prim faz, a maçã está doce e crocante. – Hummm.

– Nós fazemos uma torta de queijo de cabra e maçã na padaria.

– Aposto que é bem cara.

– Cara demais pra minha família comer. A menos que fique muito rançosa. É claro que praticamente tudo o que a gente come é rançoso. E Peeta enrola-se no saco de dormir. Em menos de um minuto está roncando.

Argh. Sempre imaginei que os comerciantes tivessem uma vida mansa. E é verdade, Peeta sempre teve comida suficiente. Mas é meio deprimente passar a vida comendo pão velho, aqueles pães secos e duros que ninguém mais quis. Lá em casa, como eu trago comida diariamente, a maior parte dela é tão fresca que você precisa ficar atenta para ela não acabar num piscar de olhos.

Em algum momento do meu turno de guarda a chuva para, não de maneira gradual, mas de uma vez só. O temporal acaba e há somente gotas residuais nos galhos e a correnteza do riacho que transbordou. Uma lua cheia e bela surge no céu e, mesmo sem os óculos, consigo enxergar o exterior. Não consigo decidir se a lua é real ou meramente uma projeção dos Idealizadores dos Jogos. Sei que ela estava cheia pouco antes de eu sair de casa. Gale e eu a observamos surgir quando estávamos caçando a altas horas da noite.

Quanto tempo já passei aqui? Imagino que tenha passado mais ou menos duas semanas na arena, e houve aquela semana de preparação na Capital. Talvez a lua tenha completado seu ciclo. Por algum motivo, desejo muito que essa seja a minha lua, a mesma que vejo da floresta que cerca o Distrito 12. Isso me daria algo a que me agarrar no mundo surreal da arena, onde a autenticidade de tudo deve ser colocada em xeque.

Restam quatro de nós.

Pela primeira vez, permito-me verdadeiramente pensar na possibilidade de que talvez eu consiga mesmo voltar para casa. E atingir a fama. E riqueza. E conseguir minha casa própria na Aldeia dos Vitoriosos. Minha mãe e Prim morariam lá comigo. Não teríamos medo da fome. Seria um novo tipo de liberdade. Mas... e aí? Como seria minha vida diária? A maior parte dela é dedicada à busca de comida. Se tirarem isso de mim, nem tenho mais certeza de quem sou, de qual é a minha identidade. A ideia me assusta um pouco. Penso em Haymitch, com todo o dinheiro que tem. Em que se transformou sua vida? Ele vive sozinho, sem mulher ou filhos, e bêbado a maior parte do tempo. Não quero acabar desse jeito.

– Mas você não vai estar sozinha – sussurro para mim mesma. Tenho minha mãe e Prim. Bem, por enquanto. Depois... não quero pensar sobre depois, quando Prim tiver crescido, quando minha mãe tiver morrido. Sei

que nunca vou me casar, nunca vou correr o risco de colocar uma criança nesse mundo. Porque se tem uma coisa que ser vitoriosa não garante, é a segurança de seus filhos. Os nomes dos meus filhos apareceriam nas bolas da colheita como quaisquer outros. E juro que nunca vou deixar isso acontecer.

O sol se ergue por fim, sua luz deslizando sobre as gretas e iluminando o rosto de Peeta. Em quem ele vai se transformar se voltarmos para casa? Esse garoto desconcertante, de boa índole, que consegue bolar mentiras tão convincentes que toda a Panem acredita que ele esteja perdidamente apaixonado por mim. E vou ter de admitir, há momentos em que até eu acredito. O que acontecerá com ele? *Pelo menos, nós seremos amigos*. Nada vai mudar o fato de que salvamos a vida um do outro aqui. E, além disso, ele nunca vai deixar de ser o garoto com o pão. *Bons amigos.* Mas nada além disso... e eu sinto os olhos cinzas de Gale me observando observar Peeta lá do Distrito 12.

O desconforto me obriga a me mover. Aproximo-me e sacudo o ombro de Peeta. Seus olhos se abrem sonolentos e quando se fixam em mim, ele me puxa e me dá um longo beijo.

– Estamos perdendo tempo de caçada – digo, quando finalmente consigo me afastar.

– Eu não chamaria isso de perda – diz ele espreguiçando-se longamente enquanto se senta. – Quer dizer então que a gente caça de estômago vazio pra ter uma vantagem?

– Não, não. A gente enche a barriga pra ficar mais poderoso.

– Pode contar comigo – diz Peeta. Mas dá para ver que ele fica surpreso quando divido o resto do cozido e do arroz e dou a ele num prato cheio. – Tudo isso?

– A gente recupera hoje – respondo e ambos mergulhamos em nossos respectivos pratos. Mesmo frio, é uma das melhores coisas que já provei na minha vida. Deixo o garfo de lado e raspo os últimos resquícios de molho com o dedo. – Já estou até vendo Effie Trinket estremecendo com meus modos.

– Ei, Effie! Olha só pra isso! – chama Peeta. Ele joga o garfo por cima do ombro e literalmente lambe o prato com a língua, produzindo ruídos de extrema satisfação. Depois, manda um beijo para ela e diz: – Estamos com saudade de você, Effie!

Cubro sua boca com minha mão, mas estou rindo.

– Para com isso! Cato pode estar aqui fora!

Ele retira minha mão e diz:

– E eu com isso? Agora tenho você pra me proteger – diz Peeta, puxando-me para perto dele.

– Dá um tempo – peço, exasperada, tentando me livrar da sua pegada, mas não antes de receber outro beijo.

Assim que estamos com tudo arrumado e em pé do lado de fora da caverna, deixamos as brincadeiras de lado e ficamos sérios. É como se nos últimos dias, protegidos pelas pedras da tempestade, da chuva e das preocupações de Cato em relação a Thresh, nós tivéssemos tido uma trégua, uma espécie de feriado. Agora, embora o dia esteja ensolarado e quente, nós dois estamos com a sensação de estar de volta aos Jogos. Entrego minha faca a Peeta, já que todas as armas que ele possuía já não existem há muito tempo, e ele a prende no cinto. Minhas últimas sete flechas – das doze, sacrifiquei três na explosão e duas no banquete – chacoalham soltas na aljava. Não posso me dar ao luxo de perder mais nenhuma.

– Ele já deve estar na nossa cola a uma hora dessas – diz Peeta. – Cato não é do tipo que espera sua presa aparecer.

– Se ele não estiver ferido... – começo.

– Isso não vai fazer diferença – interrompe Peeta. – Se puder se mover, ele virá.

Com toda aquela chuva, o riacho transbordou pelos dois lados da margem. Paramos para encher as garrafas de água. Verifico as arapucas que montei dias atrás e vejo que estão vazias. Não é nenhuma surpresa, pelo tempo que estava fazendo. Além do mais, não avistei muitos animais ou sinais de algum nessa área.

– Se a gente quer comida, é melhor a gente voltar pro meu antigo local de caçada – sugiro.

– Você manda. Basta me dizer o que você quer que eu faça – diz Peeta.

– Fica de olho – digo. – Fica nas pedras o máximo possível, não faz sentido a gente deixar rastros pra ele seguir. E ouça por nós dois. – Está mais do que claro, a essa altura, que a explosão destruiu definitivamente a audição do meu ouvido esquerdo.

Eu caminharia na água para evitar qualquer tipo de pegada, mas não tenho certeza se a perna de Peeta aguenta a correnteza. Embora os medicamentos tenham erradicado a infecção, ele ainda está bem fraco. Minha testa dói no local onde a faca entrou, mas, depois de três dias, o

sangramento parou. Estou com o curativo em volta da cabeça, caso o esforço físico abra a ferida novamente.

Enquanto subimos o riacho, passamos pelo local onde encontrei Peeta camuflado na lama. Uma boa notícia: entre o temporal e o transbordamento do riacho, todos os sinais de seu esconderijo foram apagados. Isso significa que, se preciso for, podemos voltar para a caverna. Do contrário, eu não arriscaria fazer isso com Cato em nosso encalço.

Os penedos se transformam em rochas que, por fim, transformam-se em pedras, e então, para meu alívio, estamos de volta às agulhas de pinheiro e à delicada inclinação do piso da floresta. Pela primeira vez, percebo que temos um problema: andar pelo terreno pedregoso com uma perna machucada. Bem, não há como não fazer algum ruído – é natural – mas, mesmo caminhando sobre o macio leito de agulhas de pinheiro, Peeta faz barulho. E quando digo barulho é barulho mesmo, como se ele estivesse batendo o pé com toda a força ou algo assim. Viro-me e olho para ele.

– O que é? – ele pergunta.

– Você precisa fazer menos barulho ao andar – respondo. – Não estou nem me referindo a Cato, mas você deve estar espantando todos os coelhos num raio de dez quilômetros.

– É mesmo? Desculpa, eu não sabia.

Então, recomeçamos e ele está um pouquinho melhor, mas mesmo com um único ouvido funcionando, ele me faz dar pulos.

– Você consegue tirar essas botas? – sugiro.

– Aqui? – pergunta ele, sem conseguir acreditar, como se eu tivesse pedido que caminhasse descalço sobre brasa ou algo parecido. Tenho de me lembrar que ele ainda não está familiarizado com a floresta, que é o local assustador e proibido localizado além das cercas do Distrito 12. Penso em Gale, com sua pisada de veludo. É arrepiante como ele produz tão pouco som, mesmo após as folhas terem caído, quando é um desafio fazer qualquer movimento sem espantar a caça. Tenho certeza de que ele está gargalhando em casa.

– Isso – respondo, impaciente. – Também vou tirar as minhas. Assim os dois fazem menos barulho. – Como se eu estivesse fazendo algum barulho. Então, nós dois tiramos nossas botas e meias e, apesar de alguma melhora, eu poderia jurar que ele está se esforçando para quebrar todos os galhos que vê pelo caminho.

Não preciso nem dizer que, embora sejam necessárias várias horas para alcançar o antigo acampamento que compartilhei com Rue, ainda não atirei em nada. Se o riacho se aquietasse, os peixes poderiam ser uma solução, mas a correnteza ainda está forte demais. Quando paramos para descansar e beber água, tento encontrar uma solução. O ideal seria deixar Peeta colhendo algumas raízes fáceis de localizar enquanto eu caçasse, mas aí ele teria de ficar com uma única faca para se defender das lanças e da força superior de Cato. Então, o que eu realmente gostaria de fazer é tentar escondê-lo em algum lugar seguro, sair para caçar e depois voltar para buscá-lo. Mas tenho a sensação de que seu ego não acatará essa sugestão.

– Katniss – chama ele. – Precisamos nos separar. Sei que estou espantando os animais.

– Só porque sua perna está machucada – digo, com generosidade, porque na verdade é visível que isso é apenas uma pequena parte do problema.

– Eu sei. Então, por que você não vai? Mostra pra mim algumas plantas que eu possa colher e assim nós dois seremos úteis.

– Não se Cato aparecer e te matar. – Tentei dizer isso de modo simpático, mas, mesmo assim, ainda parece que estou pensando que ele é um fracote.

Surpreendentemente, ele apenas ri.

– Olha aqui, consigo encarar Cato. Já lutei com ele antes, não lutei?

Certo, e o resultado foi fantástico. Você acabou quase morto naquela lama. É isso o que quero dizer, mas não consigo. Afinal, ele realmente salvou minha vida ao enfrentar Cato. Tento uma outra tática.

– E se você subisse em uma árvore e ficasse de vigia enquanto eu caço? – sugiro, tentando fazer com que a coisa soe como um trabalho bem importante.

– E se você me mostrasse o que é comestível por aqui e fosse atrás de alguma carne pra gente comer? – pergunta ele, imitando meu tom de voz. – Só não vai muito longe porque se precisar de ajuda vai ser difícil.

Suspiro e lhe mostro algumas raízes que ele pode arrancar. Nós precisamos de comida, isso é inquestionável. Uma maçã, dois pãezinhos e um pedacinho de queijo do tamanho de uma ameixa não sustentam ninguém por muito tempo. Não vou me distanciar tanto e espero que Cato esteja bem longe.

Ensino-lhe um assobio de pássaro – não uma melodia como a de Rue, mas um assobio simples de duas notas – que podemos usar para comunicar um ao outro que estamos bem. Felizmente, ele é bom nisso. Vou embora, deixando-o com a mochila.

Sinto-me como se tivesse onze anos novamente, acorrentada não à segurança da cerca, mas a Peeta, permitindo a mim mesma percorrer vinte, quem sabe trinta metros de área de caça. Contudo, distante dele, a floresta está viva e repleta de sons de animais. Estimulada por seus assobios periódicos, eu me permito aventurar-me um pouco mais além e logo tenho dois coelhos e um esquilo gordo como recompensa. Decido que já é o bastante. Posso armar as arapucas e quem sabe pescar algum peixe. Com as raízes de Peeta, teremos comida suficiente por enquanto.

Enquanto percorro a curta distância de volta, noto que nós não trocamos sinais há algum tempo. Quando meu assobio não recebe resposta, corro. Quase imediatamente, encontro a mochila e uma pilha bem arrumada de raízes em seu interior. O pedaço de plástico foi estendido no chão onde o sol atinge a camada única de amoras que o cobre. Mas onde está ele?

– Peeta! – grito, em pânico. – Peeta! – Volto-me na direção de um farfalhar de arbustos e quase acerto uma flecha nele. Felizmente, puxo meu arco no último segundo e ela se gruda num carvalho à sua esquerda. Ele dá um salto para trás, soltando um punhado de amoras na relva.

Meu medo se transforma em raiva.

– O que você está fazendo? Você deveria estar aqui e não correndo na floresta!

– Achei algumas amoras perto do riacho – diz ele, visivelmente confuso com meu ataque de cólera.

– Eu assobiei. Por que você não assobiou de volta? – retruco.

– Não ouvi. A água é barulhenta demais, acho – responde ele. Peeta se aproxima e coloca as mãos em meus ombros. Só então percebo que estou tremendo.

– Pensei que Cato tivesse te matado! – Estou quase gritando.

– Não, eu estou bem. – Ele me abraça, mas eu não retribuo. – Katniss?

Empurro-o para longe, tentando organizar meus sentimentos.

– Se duas pessoas combinam de fazer um sinal elas precisam ficar ao alcance uma da outra. Porque se uma delas não responder os dois vão ficar encrencados, certo?

– Certo!

– Certo. Porque foi isso o que aconteceu com Rue e acabei sendo obrigada a assistir à morte dela! – Dou as costas a ele, vou até a mochila e abro uma nova garrafa de água, embora ainda reste um pouco na minha. Mas ainda não estou pronta para perdoá-lo. Noto a comida. Os pãezinhos e as maçãs estão intactos, mas alguém com toda certeza pegou um dos pedaços de queijo. – E você, ainda por cima, comeu sem mim! – Para falar a verdade, não dou a mínima, só quero mais um motivo para ficar com raiva.

– O quê? Não comi, não – diz Peeta.

– Ah, então as maçãs devem ter comido o queijo, quem sabe.

– Eu não sei o que comeu esse queijo – diz Peeta, lenta e educadamente, como se estivesse tentando não perder a calma –, mas não fui eu. Eu estava no riacho colhendo amoras. Quer um pouco?

Até que eu queria, para ser sincera, mas não quero abrandar a situação tão cedo. Caminho até elas e dou uma olhada. Nunca vi esse tipo antes. Não, vi sim. Mas não na arena. Essas não são as amoras de Rue, embora sejam semelhantes. E nem combinam com nenhuma que eu tenha estudado em meu treinamento. Abaixo-me e pego algumas na mão, enrolando-as entre os dedos.

A voz de meu pai ecoa em meu ouvido: "Essas não, Katniss. Essas nunca. São amoras-cadeado. Você morre antes que elas cheguem ao seu estômago."

Nesse exato instante, ouvimos um tiro de canhão. Giro o corpo, na expectativa de Peeta desabar no chão, mas ele apenas ergue as sobrancelhas. O aerodeslizador aparece a uns cem metros de distância. O que resta do corpo descarnado de Cara de Raposa é erguido no ar. Posso ver os lampejos de seu cabelo ruivo à luz do sol.

Eu deveria ter percebido assim que vi o queijo sumido...

Peeta está me segurando pelo braço, puxando-me na direção da árvore.

– Suba. Ele vai estar aqui a qualquer momento. A gente vai ter mais chance se lutar do alto.

Interrompo-o, subitamente calma.

– Não, Peeta, foi você quem matou ela, não Cato.

– O quê? Não me encontro com ela desde o primeiro dia. Como é que eu poderia ter matado essa garota?

Como resposta, estendo as amoras.

Levo um tempo explicando a situação a Peeta. Como Cara de Raposa roubou a comida da pilha de suprimentos antes de eu explodi-la; como ela tentou pegar o suficiente para se manter viva, mas não o bastante a ponto de alguém dar falta; como ela não teria motivos para questionar se as amoras eram venenosas ou não se nós mesmos estávamos nos preparando para comê-las.

– Imagino como ela nos encontrou – diz Peeta. – Acho que foi culpa minha, se fiz mesmo todo esse barulho que você disse.

Fazíamos tão pouco barulho quanto uma manada de bois, mas tento ser gentil.

– E ela é bem esperta, Peeta. Bem, era esperta. Até você se provar mais raposino do que ela.

– Mas não foi de propósito. Não me soa muito justo. Enfim. Nós dois estaríamos mortos também se ela não tivesse comido as amoras primeiro. – Ele verifica com os próprios olhos. – Não, é claro que a gente não comeria isso aqui. Você reconheceu, não foi?

Balanço a cabeça em concordância.

– A gente chama de amoras-cadeado.

– Até o nome parece mortífero – diz ele. – Desculpa, Katniss. Realmente imaginei que elas eram do mesmo tipo que aquelas que você tinha colhido.

– Não precisa pedir desculpas. Significa apenas que estamos mais próximos de casa, certo?

– Vou me livrar das que restaram – diz Peeta. Ele recolhe o plástico azul, com cuidado para prender as amoras do lado de dentro, e vai jogá-las na floresta.

– Espera aí! – grito. Encontro a bolsa de couro que pertenceu ao garoto do Distrito 1 e encho-a com um punhado de amoras que estavam no plástico. – Se elas enganaram Cara de Raposa, quem sabe não enganam Cato também. Se ele está nos perseguindo ou coisa parecida, a gente pode fingir que deixou essa bolsa cair sem querer e se ele comer as frutas...

– Aí, olá Distrito 12! – diz Peeta.

– É isso aí – respondo, prendendo a bolsinha no cinto.

– Ele deve saber onde a gente está agora. Se ele estava em algum lugar por perto e viu aquele aerodeslizador, já sabe que a gente matou a Cara de Raposa e está em nosso encalço.

Peeta está certo. Essa pode ser a oportunidade que Cato está esperando. Mas, mesmo que corrêssemos agora, há a carne para cozinhar e nossa fogueira será mais um sinal de nosso paradeiro.

– Vamos fazer uma fogueira. Agora mesmo. – E começo a juntar alguns gravetos.

– Já está pronta para encarar ele?

– Estou pronta pra comer. Melhor cozinhar nossa comida enquanto temos chance. Se ele sabe que a gente está aqui, ele sabe e pronto. Mas ele também sabe que somos dois e provavelmente imagina que a gente estava caçando Cara de Raposa. Isso significa que você já está recuperado. E a fogueira significa que a gente não está escondido, mas que estamos, isso sim, convidando ele a vir aqui. Você apareceria?

– Talvez não – responde ele.

Peeta é um ás com fogo, obtendo uma chama a partir de madeira úmida. Em questão de segundos, coloco os coelhos e o esquilo para grelhar, e as raízes, envoltas em folhas, ponho para cozinhar nos carvões. Nós nos revezamos para colher verduras e para manter uma vigilância cuidadosa sobre Cato mas, como eu havia previsto, ele não dá o ar da graça. Quando a comida está pronta, empacoto quase tudo, deixando uma perna de coelho para comermos enquanto caminhamos.

Quero um local mais alto na floresta; escalar uma boa árvore e montar um acampamento para a noite, mas Peeta discorda.

– Eu não consigo subir tão bem quanto você, Katniss, principalmente com minha perna nesse estado, e não acho que conseguiria dormir quinze metros acima do chão.

– Não é seguro ficar aqui embaixo a céu aberto, Peeta.

– Não dá pra gente voltar pra caverna? Tem água por perto e lá é fácil se defender.

Suspiro. Várias horas mais caminhando – ou será que eu deveria dizer nos arrebentando – na floresta para alcançar uma área que teremos de abandonar na manhã seguinte para caçar. Mas Peeta não está pedindo muito. Seguiu minhas instruções o dia todo e tenho certeza de que se as coisas fossem ao contrário, ele não me obrigaria a passar a noite em cima

de uma árvore. Acaba de me ocorrer que não tenho sido muito gentil com Peeta hoje. Reclamando do barulho que estava fazendo, gritando com ele por ter desaparecido. O romance teatral que havíamos sustentado na caverna desapareceu quando saímos de lá e encaramos o sol quente e a espreita ameaçadora de Cato. Provavelmente Haymitch estava começando a se divertir, já o público...

Aproximo-me e lhe dou um beijo.

– Com certeza. Vamos voltar pra caverna.

Ele parece satisfeito e aliviado.

– Bem, foi até fácil.

Retiro a flecha do carvalho, com cuidado para não estragar a ponta. Essas flechas agora significam comida, segurança e nossa própria vida.

Jogamos mais um monte de madeira na fogueira. Ela deve produzir fumaça por mais algumas horas, embora eu duvide que Cato conclua alguma coisa a partir disso. Quando alcançamos o riacho, vejo que a água baixou consideravelmente e voltou ao fluxo normal, de modo que sugiro que o caminho de volta seja feito nele. Peeta simpatiza com a proposta e, já que ele faz bem menos barulho na água do que em terra, a ideia é duplamente boa. Contudo, é uma longa caminhada de volta à caverna, mesmo sendo uma descida, mesmo com o coelho nos dando energia extra. Estamos ambos exaustos por causa de nossa marcha de hoje e ainda muito subalimentados. Mantenho o arco e flecha a postos, não só para Cato, como também para algum peixe que eventualmente apareça, mas o riacho parece estranhamente vazio de seres vivos.

Quando alcançamos o destino, nossos pés já estão se arrastando e o sol já está baixo no horizonte. Enchemos nossas garrafas de água e escalamos o pequeno aclive até nossa toca. Não é nada de mais, mas aqui na natureza selvagem, é o mais próximo que podemos chamar de casa. Também é mais quente do que uma árvore, porque está protegida do vento do oeste que começou a soprar com firmeza. Começo a preparar um bom jantar, mas, antes que fique pronto, Peeta já está cochilando. Após dias de inatividade, a caçada está cobrando seu preço. Digo-lhe que entre no saco de dormir e separo o resto de sua comida para quando ele acordar. Ele adormece imediatamente. Puxo o saco de dormir até seu queixo e beijo-lhe a testa, não pelo público, mas por mim. Porque estou muito grata por ele ainda estar aqui, e não morto no riacho, como eu havia imaginado. Estou muito contente por não ser obrigada a encarar Cato sozinha.

O brutal e sanguinário Cato, que consegue quebrar um pescoço com um girar de braço, que teve poder para superar Thresh, que não vai com a minha cara desde o início. Provavelmente, ele nutre um ódio especial por mim desde que fiz mais pontos do que ele no treinamento. Um garoto como Peeta simplesmente daria de ombros para uma coisa como essa. Mas tenho a sensação de que isso fez com que Cato se distraísse. O que não é tão difícil assim. Relembro a ridícula reação que teve ao ver os suprimentos pelos ares. Os outros ficaram irritados, é claro, mas ele ficou completamente fora de si. Chego até a pensar que Cato talvez não tenha plena posse de suas faculdades mentais.

O céu se ilumina com a insígnia, observo Cara de Raposa brilhando e, em seguida, sumindo definitivamente do mundo. Ele não disse, mas não acho que Peeta tenha se sentido muito bem por matá-la, apesar da importância do ato. Não posso fingir que vou sentir sua falta, mas sou obrigada a sentir uma certa admiração por ela. Meu palpite é que, se eles nos tivessem feito passar por alguma espécie de teste, ela teria sido eleita a mais astuta de todos os tributos. Se estivéssemos, de fato, montando uma armadilha, aposto que ela teria percebido e evitado as amoras. Foi a própria ignorância de Peeta que a derrubou. Passei tanto tempo me obrigando a não subestimar meus oponentes que acabei esquecendo que é igualmente perigoso superestimá-los.

Isso me traz de volta a Cato. Mas, se por um lado eu imaginava que conhecia Cara de Raposa, que sabia quem era e como agia, por outro ele é uma substância um pouco mais escorregadia. Poderoso, bem treinado, mas será que é astuto? Não sei. Não da maneira que ela era. E com uma imensa defasagem no que diz respeito ao autocontrole que Cara de Raposa demonstrava. Acredito que Cato poderia perder facilmente sua capacidade de julgamento em meio a um acesso de cólera. Não que me sinta superior nesse quesito. Lembro-me do momento em que lancei a flecha na direção da maçã na boca do porco quando estava enfurecida. Talvez eu entenda Cato melhor do que eu imagine.

Apesar da fadiga em meu corpo, minha mente está alerta, de modo que deixo Peeta dormir bem mais do que o combinado. Na verdade, um dia levemente cinzento já surgiu quando sacudo seu ombro. Ele olha, quase assustado.

– Dormi a noite toda. Isso não é justo, Katniss, você deveria ter me acordado.

Dou uma espreguiçada e me enfio no saco.

– Vou dormir agora. Pode me acordar se alguma coisa interessante acontecer.

Aparentemente, nada acontece, porque quando abro meus olhos, o sol brilhante e quente da tarde penetra as frestas da caverna.

– Algum sinal de nosso amigo? – pergunto. Peeta balança a cabeça.

– Não, o desprendimento dele chega a ser perturbador.

– Quanto tempo você acha que a gente vai ter até que os Idealizadores dos Jogos nos reúnam? – pergunto.

– Bem, Cara de Raposa morreu há quase um dia, então, já houve tempo suficiente para o público fazer suas apostas e ficar entediado. Imagino que a coisa aconteça a qualquer momento.

– É mesmo, e estou com a sensação de que hoje é o dia – comento. Sento-me e olho para a paisagem tranquila. – Imagino como eles farão isso.

Peeta permanece em silêncio. Na verdade, não há nenhuma resposta razoável.

– Bem, até que isso aconteça, não faz sentido desperdiçar um dia de caçada. Mas talvez fosse uma boa ideia a gente comer o máximo que conseguir caso haja alguma encrenca.

Peeta empacota nosso equipamento enquanto preparo uma farta refeição. O que restou dos coelhos, raízes, verduras, os pãezinhos com os últimos pedaços de queijo. As únicas coisas que deixo de reserva são o esquilo e a maçã.

Quando terminamos, tudo o que sobra é uma pilha de ossos de coelho. Minhas mãos estão gordurosas, o que só aumenta minha sensação de imundície. Pode ser que não tomemos banho diariamente na Costura, mas nos mantemos mais limpos do que tenho estado ultimamente. Exceto por meus pés, que caminharam no riacho, estou toda coberta por uma camada de sujeira.

Sair da caverna dá uma sensação de conclusão. Algo me diz que não haverá outra noite na arena. De uma forma ou de outra, morta ou viva, estou com a sensação de que escaparei hoje. Dou um tapinha de despedida nas pedras e rumamos em direção ao riacho para nos lavar. Sinto minha pele ansiosa pela água fria. Vou lavar os cabelos e prendê-los úmidos mesmo. Estou imaginando se não seria possível lavarmos rapidamente nossas roupas quando chegamos ao riacho. Ou ao que costumava ser o

riacho. Agora só existe um leito seco ao extremo. Baixo as mãos para senti-lo.

– Nem mesmo uma ligeira umidade. Eles devem ter drenado tudo enquanto a gente estava dormindo – comento. Um temor da língua rachada, do corpo dolorido e da mente confusa proporcionados por minha desidratação anterior invade minha consciência. Nossas garrafas e odres estão razoavelmente cheios, mas, com duas pessoas bebendo e esse sol de rachar, não vai demorar muito até o suprimento se esgotar.

– O lago – lembra Peeta. – É pra lá que eles querem que a gente vá.

– Talvez as fontes ainda estejam com alguma água – imagino, cheia de esperança.

– Podemos verificar. – Mas ele só está sendo condescendente comigo. Também estou sendo condescendente comigo mesma porque sei o que vou achar quando retornarmos à fonte onde afundei minha perna. Um buraco poeirento que mais parece uma boca arreganhada. Mas seguimos até lá assim mesmo, só para confirmar o que já sabemos.

– Você tem razão. Eles estão levando a gente pro lago – admito. Onde não há proteção. Onde eles terão a garantia de um combate sangrento até a morte com nada que possa atrapalhar sua visão. – Você quer ir direto ou esperar até que a água volte?

– Vamos agora, enquanto temos comida e estamos descansados. Vamos acabar logo com isso.

Balanço a cabeça em concordância. É engraçado. Estou quase me sentindo como se fosse novamente o início dos Jogos. Como se eu estivesse na mesma posição. Vinte e um tributos estão mortos, mas ainda tenho de matar Cato. E, vamos ser sinceros, não era ele a pessoa que eu tinha de matar desde sempre? Agora parece que os outros tributos eram apenas obstáculos de menor importância, distrações que nos mantinham afastados da verdadeira batalha dos Jogos. Cato e eu.

Mas não, há também o garoto que está esperando aqui do meu lado. Sinto seus braços me envolvendo.

– Dois contra um. Vai ser mamão com açúcar – diz ele.

– Nossa próxima refeição vai ser na Capital – respondo.

– Pode apostar que sim.

Ficamos lá durante um tempo, abraçados, um sentindo o outro, os dois sentindo a luz do sol, o farfalhar das folhas no chão. Então, sem dizer uma palavra, nós nos separamos e seguimos na direção do lago.

Não me importa agora que os passos de Peeta espantem os bichos, que façam com que os pássaros voem. Temos de lutar com Cato e eu preferia fazer isso aqui. Mas duvido que tenha essa chance. Se os Idealizadores dos Jogos nos querem a céu aberto, então, a céu aberto nós estaremos.

Paramos para descansar por alguns minutos embaixo da árvore onde os Carreiristas me emboscaram. O invólucro do ninho das teleguiadas, completamente destruído pela chuva pesada e ressecado pelo sol causticante, confirma a localização. Toco-o com a ponta da bota e ele se dissolve em poeira que é rapidamente levada pelo vento. Não consigo evitar uma olhada na árvore onde Rue estava secretamente empoleirada, esperando para salvar minha vida. Teleguiadas. O corpo deformado de Glimmer. As alucinações aterrorizantes...

– Vamos sair daqui – digo, querendo escapar da escuridão que cerca o local. Peeta não discorda.

Devido ao fato de termos começado o dia com um certo atraso, alcançamos a planície já ao anoitecer. Não há nenhum sinal de Cato. Nenhum sinal de nada, exceto a Cornucópia dourada brilhando em meio aos oblíquos raios de sol. Só para ficarmos alertas caso Cato tente dar uma de Cara de Raposa, circundamos a Cornucópia para nos certificar de que está vazia. Então, obedientemente, como se estivéssemos seguindo instruções, vamos até o lago e enchemos nossos contêineres de água.

O sol poente me faz franzir as sobrancelhas.

– Não é uma boa pra nós lutarmos com ele na escuridão. Só temos um par de óculos.

Peeta despeja cuidadosamente algumas gotas de iodo na água.

– Vai ver é exatamente isso o que ele está esperando. O que você pretende fazer? Voltar pra caverna?

– Ou isso ou achar uma árvore. Mas vamos dar a ele mais meia hora. Depois disso a gente procura abrigo.

Nós nos sentamos às margens do lago, inteiramente visíveis. Agora não há mais sentido em nos escondermos. Vejo os tordos, esvoaçando nas árvores da extremidade da planície, cantando animadamente como se fossem um coro de bolas coloridas. Então canto a melodia de quatro notas de Rue. Posso senti-los parando, curiosos com o som da minha voz, ouvidos atentos à espera de mais. Repito as notas em silêncio. Primeiro um tordo reproduz a canção, depois outro. Em seguida o mundo todo parece adquirir vida com o som.

– Exatamente como seu pai – comenta Peeta.

Meus dedos acham o broche em minha camisa.

– Essa é a canção de Rue. Acho que eles se lembram.

A música infla e reconheço seu brilho. À medida que as notas se sobrepõem, eles saúdam uns aos outros, formando uma harmonia bela, celestial. Então era esse som que, graças a Rue, sinalizava aos trabalhadores do Distrito 11 o momento de voltar para suas casas. Imagino se alguém a está substituindo nessa tarefa, agora que está morta.

Durante um tempo, apenas fecho os olhos e escuto, encantada pela beleza da canção. Então, alguma coisa começa a perturbar a música. Sons cortados abruptamente em frases distorcidas e imperfeitas. Notas dissonantes intercaladas na melodia. As vozes dos tordos se elevam num grito agudo de alerta.

Ficamos imediatamente de pé, Peeta segurando a faca, eu preparada para atirar. Então, Cato sai da floresta aos trancos e barrancos e avança rapidamente em nossa direção. Não está segurando nenhuma lança. Na verdade, suas mãos estão vazias e no entanto ele corre diretamente para nós. Minha primeira flecha atinge seu peito e, inexplicavelmente, cai no chão.

– Ele está usando alguma espécie de armadura! – grita Peeta.

Em cima da hora, porque Cato já está em cima da gente. Preparo-me para o confronto, mas ele dispara entre nós sem fazer esforço algum para diminuir a velocidade. Dá para ver pelo ritmo da respiração, pelo suor que escorre de seu rosto arroxeado, que ele está correndo em alta velocidade há muito tempo. Não atrás de nós, mas fugindo de alguma coisa. Mas do quê?

Meus olhos rastreiam a floresta em tempo hábil para avistar a primeira criatura saltar em direção à planície. No instante em que me viro, vejo mais meia dúzia delas se juntando à primeira. Então, já estou tropeçando e correndo cegamente atrás de Cato sem pensar em mais nada além de salvar minha própria pele.

Bestantes. Nenhuma dúvida a respeito. Nunca vi essas bestas, mas não são animais naturais. Parecem lobos imensos, mas que espécie de lobo aterrissa e depois se equilibra com tanta facilidade sobre suas pernas traseiras? Que espécie de lobo faz sinal com a pata dianteira para que o resto do bando avance, como se tivesse um punho? Essas coisas consigo perceber a distância. De perto, tenho certeza de que as características mais ameaçadoras desses bichos serão reveladas.

Cato foi em linha reta até a Cornucópia, e o sigo sem pestanejar. Se ele acha que lá é o local mais seguro, quem sou eu para discutir? Além do mais, mesmo que eu conseguisse chegar às árvores, seria impossível para Peeta superá-los em velocidade devido à sua perna. Peeta! Minhas mãos acabam de aterrissar na pontuda cauda metálica da Cornucópia quando me lembro que faço parte de uma equipe. Ele está mais ou menos quinze metros atrás de mim, mancando o mais rápido que pode, mas as bestas estão se aproximando dele. Dou uma flechada no bando e um deles cai, mas há muitos para assumir o posto.

Peeta está acenando para que eu vá para a Cornucópia.

– Vai, Katniss! Vai!

Ele tem razão. Não tenho como proteger nenhum dos dois aqui no chão. Começo a subir, escalando a Cornucópia com as mãos e os pés. A superfície de ouro puro foi desenhada para parecer o chifre serpenteado que nós enchemos durante a colheita das safras, de modo que há pequenas arestas e sulcos que permitem uma pegada decente. Mas após um dia sob o sol da arena, o metal está quente o suficiente para encher minhas mãos de bolhas.

Cato está deitado de lado no topo do chifre, seis metros acima do chão, arquejando fortemente para retomar o fôlego enquanto vomita na borda. Agora é minha chance de acabar com ele. Paro no meio do caminho e coloco outra flecha no arco, mas assim que estou pronta para atirar, escuto Peeta gritar. Giro o corpo e vejo que ele acabou de alcançar a cauda e as bestantes estão em seus calcanhares.

– Sobe! – berro. Peeta começa a subir, dificultado não só pela perna como também pela faca que está segurando. Acerto a flecha no pescoço da primeira bestante que coloca as patas no metal. Ao morrer, a criatura reage com violência, acertando inadvertidamente alguns de seus companheiros. É então que consigo dar uma boa olhada em suas garras. Dez centímetros de comprimento e visivelmente afiadas como lâminas.

Peeta alcança meus pés, agarro seu braço e o puxo para cima. Então lembro de Cato esperando no topo e giro o corpo, mas ele está recurvado e com cãibras, aparentemente mais preocupado com as bestantes do que conosco. Ele deixa escapar algumas palavras ininteligíveis. O som áspero e fanhoso que emana das bestas não ajuda em nada.

– O quê? – grito para ele.

– Ele disse: "Elas conseguem escalar?" – responde Peeta, fazendo com que meus olhos voltem a se concentrar na base do chifre.

As bestas estão começando a se reunir. À medida que se juntam, erguem-se novamente para se pôr facilmente sobre as pernas traseiras, o que dá a elas uma aparência fantasmagoricamente humana. Todas possuem uma pelagem espessa, algumas com pelos retos e lisos, outras com pelos ondulados, e as cores variam entre o preto retinto e o que só posso descrever como louro. Há uma outra coisa a respeito delas, uma coisa que faz os cabelos em minha nuca se eriçarem, mas eu não posso colocar meus dedos lá.

Elas colocam os focinhos no chifre, farejando e saboreando o metal, arranhando as patas na superfície e então emitindo sons agudos umas às outras. Deve ser assim que elas se comunicam, porque o bando se afasta como se estivesse dando passagem a alguém. Então, uma delas, uma besta de tamanho razoável, com um pelo sedoso louro e ondulado, dá um impulso e sobe no chifre. Suas pernas traseiras devem ser incrivelmente poderosas porque aterrissam poucos passos abaixo de nós, seus lábios rosados franzidos num rosnado. Por um instante, ela fica lá parada, e, neste momento, percebo o que mais me havia desconcertado em relação às bestas. Os olhos verdes que brilham para mim não são iguais ao de nenhum cão ou lobo, ou qualquer outro animal canino que eu jamais tenha visto. Eles são eminentemente humanos. Estou quase registrando a revelação quando reparo o colar com o número 1 adornado com joias, e todo o horror me atinge como um raio. O cabelo louro, os olhos verdes, o número... é Glimmer.

Um grito me escapa da boca e estou tendo dificuldades para manter o arco no lugar. Eu estava esperando o momento de atirar, ciente de que meu suprimento de flechas está escasseando. Esperando para ver se as criaturas podem, efetivamente, subir. Mas agora, mesmo com a besta tendo começado a deslizar para o lado – incapaz de achar algum apoio no metal – e mesmo eu podendo escutar o lento arranhar das garras produzindo um ruído como o de unhas no quadro-negro, acerto a garganta do bicho. Seu corpo se contorce e cai no chão fazendo um estrondo.

– Katniss? – Sinto Peeta apertando meu braço.

– É ela!

– Quem? – pergunta Peeta.

Minha cabeça vai de um lado a outro à medida que examino o bando, captando os diversos tamanhos e cores. O menor com a pelagem vermelha e olhos cor de âmbar... Cara de Raposa! E lá, o cabelo grisalho e os olhos castanhos do garoto do Distrito 9 que morreu enquanto lutávamos pela mochila! E o que é pior, a menor besta de todas, com uma pelagem escura e brilhante, imensos olhos castanhos e um colar onde está escrito *11* em palha trançada. Dentes cerrados destilando ódio. Rue...

– O que é, Katniss? – pergunta Peeta, sacudindo meu ombro.

– São eles. São todos eles. Os outros. Rue e Cara de Raposa e... todos os outros tributos – digo, quase engasgando.

Ouço Peeta suspirando ao reconhecê-los.

– O que será que fizeram com eles? Você não está achando que... você acha que esses poderiam ser os olhos reais deles?

Os olhos são a menor das minhas preocupações. E o cérebro? Será que as bestas receberam alguma lembrança dos tributos reais? Será que foram programadas para odiar especificamente nossos rostos porque sobrevivemos e eles foram assassinados de maneira tão cruel? E os que matamos de fato... será que acreditam que estão vingando sua própria morte?

Antes que eu possa responder, as bestas dão início a um novo ataque em cima do chifre. Elas se dividiram em dois grupos nas laterais do chifre e estão usando seus poderosos quadris para se lançar em nossa direção. Uma bocarra se fecha a poucos centímetros de minha mão e então ouço Peeta dando um grito. Sinto o puxão em seu corpo, todo seu peso somado ao da besta me jogando para o lado. Se não fosse o aperto em meu braço, ele teria caído lá de cima. Mas, da maneira que está, preciso usar toda a

minha força para nos manter sobre a curva traseira do chifre. E mais tributos estão chegando.

– Mata ele, Peeta! Mata ele! – grito, e, embora mal consiga ver o que está acontecendo, sei que ele deve ter apunhalado a coisa, porque o puxão diminui de intensidade. Agora consigo içá-lo de volta ao chifre, onde nos arrastamos na direção do topo onde o menor dos problemas nos espera.

Cato ainda não conseguiu ficar de pé, mas sua respiração está voltando ao normal e sei que logo, logo ele estará suficientemente recuperado para vir nos atacar, para nos arremessar em direção a nossas mortes. Empunho o arco, mas a flecha acaba atingindo uma besta que só pode ser Thresh. Quem mais poderia dar um salto dessa altura? Sinto um alívio momentâneo porque finalmente conseguimos superar a linha de bestas e estou me virando para encarar Cato quando Peeta é arrancado do meu lado. Estou certa de que o bando o pegou até seu sangue espirrar em meu rosto.

Cato está em pé na minha frente, quase na extremidade do chifre, segurando Peeta com uma espécie de chave de cabeça, impedindo-o de respirar. Peeta está golpeando o braço de Cato, mas sem muita força, como se estivesse confuso em relação ao que seria mais importante: respirar ou tentar deter o fluxo de sangue que jorra da fenda que uma besta deixou em sua panturrilha.

Miro uma das minhas duas últimas flechas na cabeça de Cato, ciente de que ela não fará nenhum efeito em seu tronco ou membros que, agora sim, posso ver, está revestido com uma malha vermelha e justa no corpo. Alguma armadura de alta qualidade proveniente da Capital. Seria isso o que estava na mochila que ele achou no ágape? Uma armadura para se defender de minhas flechas? Bem, eles se esqueceram de enviar uma proteção para o rosto.

Cato apenas ri.

– Atire em mim e ele cai comigo.

Ele tem razão. Se eu atirar e ele cair onde estão as bestas, Peeta certamente morrerá com ele. Chegamos a um impasse. Não posso atirar em Cato sem matar Peeta também. Ele não pode matar Peeta sem garantir que não receberá uma flecha em seu cérebro. Ficamos como estátuas, os dois procurando uma saída.

Meus músculos estão tão retesados que parece até que vão se distender a qualquer instante. Meus dentes estão cerrados ao extremo. As bestas

ficam em silêncio e a única coisa que consigo escutar é o sangue latejando em meu ouvido bom.

Os lábios de Peeta estão ficando azulados. Se eu não fizer alguma coisa rapidamente, ele vai morrer asfixiado e então o terei perdido, e Cato provavelmente utilizará seu corpo como uma arma contra mim. Na verdade, tenho certeza de que esse é o plano de Cato porque, apesar de ter parado de rir, seus lábios estão emoldurando um sorriso triunfal.

Como um último esforço, Peeta ergue os dedos – respingando sangue da perna – na direção do braço de Cato. Em vez de tentar escapar lutando, seu dedo indicador muda de direção e traça deliberadamente um X nas costas da mão de seu agressor. Cato percebe o que isso significa exatamente um segundo depois de mim. Dá para ver pela maneira pela qual o sorriso desaparece de seu rosto. Um segundo é tarde demais porque, a essa altura, minha flecha já está penetrando sua mão. Ele dá um grito e, num reflexo, libera Peeta, que investe contra ele. Durante um momento de puro horror, acho que ambos estão caindo. Dou um mergulho para a frente e agarro Peeta enquanto Cato perde o equilíbrio sobre o chifre escorregadio devido ao excesso de sangue, e desaba.

Escutamos quando ele atinge o chão, o ar deixando seu corpo com o impacto, e, então, as bestas o atacam. Peeta e eu amparamos um ao outro, esperando pelo canhão, esperando o fim da competição, esperando nossa libertação. Mas isso não acontece. Não ainda. Porque esse é o clímax dos Jogos Vorazes, e o público espera um show.

Não assisto, mas consigo ouvir os rosnados, os grunhidos, os uivos de dor não só do ser humano como também das feras à medida que Cato enfrenta o bando de bestas. Não consigo entender como ele ainda está vivo até me lembrar da armadura que o protege do tornozelo até o pescoço, e percebo como essa noite ainda pode ser longa. Cato também deve ter uma faca ou espada ou algo do tipo, algo que ele guardava escondido nas roupas, porque, vez por outra, podemos ouvir um grito de morte de uma besta ou o som de metal batendo em metal à medida que a lâmina colide com o chifre dourado. O combate se espalha para a lateral da Cornucópia, e sei que Cato deve estar tentando a única manobra que poderia lhe salvar a vida: contornar de volta a cauda do chifre e se juntar novamente a nós. Mas ao fim, apesar de suas notáveis força e habilidade, ele simplesmente é superado pelas bestas.

Não sei quanto tempo demorou, talvez uma hora ou mais, até Cato atingir o chão e nós ouvirmos as bestas o arrastando de volta à Cornucópia. *Agora elas acabarão com ele*. Mas ainda não ouvimos nenhum canhão.

A noite cai e o hino toca e não há nenhuma foto de Cato no céu, apenas uns tênues gemidos vindo do metal abaixo de nós. O ar gelado soprando na planície me faz lembrar que os Jogos não estão terminados e podem não estar por não sei quanto tempo, e ainda não há nenhuma garantia de vitória.

Volto minha atenção para Peeta e descubro que sua perna está sangrando mais do que nunca. Todos os nossos suprimentos, nossas mochilas, permanecem perto do lago onde nós os deixamos quando fugimos das bestas. Não tenho nenhum curativo, nada que possa estancar o fluxo de sangue de sua panturrilha. Embora esteja tremendo nesse vento cortante, arranco minha jaqueta, removo a camisa e volto a colocar a jaqueta o mais rápido que posso. O breve período que fico exposta ao frio faz com que meus dentes comecem a bater descontroladamente.

O rosto de Peeta está cinza à luz pálida do luar. Faço com que ele se deite e, em seguida, examino o ferimento. Sangue quente e escorregadio me escorre pelos dedos. Um simples curativo não será suficiente. Já vi minha mãe fazendo torniquetes inúmeras vezes e tento reproduzir a ação. Libero uma das mangas de minha camisa, enrolo-a duas vezes em volta de sua perna logo abaixo do joelho e faço metade de um nó. Não tenho nenhum pedaço de madeira aqui, então, pego a última flecha que me resta e a insiro no nó, torcendo-a até onde a coragem me permite. É um processo arriscado – Peeta pode acabar perdendo a perna – mas em comparação com perder a vida, que alternativa me resta? Cubro o ferimento com o que resta de minha camisa e me deito ao seu lado.

– Não durma – digo a ele. Não tenho certeza se esse é um procedimento médico, mas estou aterrorizada com a possibilidade de ele não acordar mais, caso caia no sono.

– Você está com frio? – pergunta ele. Ele abre a jaqueta e eu colo meu corpo ao dele enquanto ele a fecha sobre mim. É um pouco mais confortável compartilhar o calor de nosso corpo dentro das duas camadas de jaqueta, mas a noite ainda é uma criança. A temperatura continuará a cair. Posso sentir até a Cornucópia, que era tão quente na primeira vez que a escalei, lentamente se transformando em gelo.

– Cato ainda pode vencer esse negócio – sussurro para Peeta.

– Não acredite nisso – diz ele, puxando meu capuz, mas ele está tremendo mais do que eu.

As horas seguintes são as piores de toda a minha vida, o que, se você parar para pensar, não é pouca coisa. O frio em si já seria tortura suficiente, mas o verdadeiro pesadelo é ouvir Cato gemendo, implorando e finalmente choramingando à medida que as bestas acabam aos poucos com ele. Após um curto espaço de tempo, não me importa mais quem ele é ou o que ele fez, tudo o que quero é que o sofrimento termine.

– Por que eles não matam logo ele e pronto? – pergunto a Peeta.

– Você sabe por quê – diz ele, e me puxa para mais perto dele.

E sei por quê. Nenhum telespectador conseguiria tirar os olhos do programa agora. Sob o ponto de vista dos Idealizadores dos Jogos, essa é a palavra final em entretenimento.

A coisa segue e segue e segue até que, por fim, consome inteiramente minha mente, bloqueando lembranças e esperanças em relação ao amanhã, apagando tudo que não seja o presente. E começo a acreditar que jamais mudará. Jamais haverá coisa alguma a não ser o frio e o medo, e os sons agonizantes do garoto morrendo no chifre.

Peeta começa a cochilar agora e, cada vez que isso acontece, flagro a mim mesma berrando seu nome cada vez com mais intensidade porque se ele morrer em meus braços agora, sei que ficarei completamente louca. Ele está lutando contra isso, provavelmente mais por minha causa do que por ele mesmo, e é duro porque a inconsciência seria a própria forma de escape. Mas a adrenalina que tomou conta de meu corpo jamais permitiria que eu o seguisse, de modo que não posso deixar que ele se vá. Simplesmente não posso.

A única indicação da passagem do tempo reside nos céus, a sutil mudança da lua. Então, Peeta começa a apontá-la para mim, insistindo para que eu identifique seu progresso e, às vezes, por apenas alguns segundos, sinto uma pontinha de esperança até que a agonia da noite novamente tome conta do meu ser.

Por fim, escuto-o sussurrar que o sol está nascendo. Abro meus olhos e percebo as estrelas desaparecendo na pálida luz da madrugada. Também consigo ver como o rosto de Peeta ficou descorado. Como lhe resta pouco tempo. E sei que tenho de levá-lo de volta à Capital.

Mas, ainda assim, não ouvimos nenhum canhão. Pressiono meu ouvido bom no chifre e só consigo distinguir a voz de Cato.

– Acho que ele está mais próximo agora. Katniss, você consegue atirar nele? – pergunta Peeta.

Se ele estiver perto da boca, talvez eu possa acertá-lo. Seria um ato de misericórdia nas atuais circunstâncias.

– Minha última flecha está em seu torniquete – respondo.

– Pode usar – diz Peeta, abrindo a jaqueta e me soltando.

Então, libero a flecha, amarrando novamente o torniquete com o máximo de força que meus dedos congelados conseguem reunir. Esfrego minhas mãos, tentando regularizar a circulação. Quando rastejo até a boca do chifre e me penduro sobre a borda, sinto as mãos de Peeta me agarrando para me sustentar.

Levo alguns instantes para achar Cato na luminosidade tênue, em meio à carnificina. Então, o pedaço de carne viva que era meu inimigo produz um som, e identifico o local onde se encontra sua boca. E eu acho que a frase que ele está tentando pronunciar é *por favor*.

Um sentimento de pena, não de vingança, lança minha flecha na direção de sua cabeça. Peeta me puxa de volta, arco na mão, aljava vazia.

– Acertou nele? – sussurra ele.

O canhão dá um tiro em resposta.

– Então nós vencemos, Katniss – diz ele, sem entusiasmo.

– Saudações a nós dois – consigo deixar escapar. Mas não há regozijo de vitória em minha voz.

Um buraco se abre na planície e, como se seguissem instruções, as bestas restantes se jogam dentro dele, desaparecendo à medida que a terra se fecha sobre elas.

Esperamos para ver o aerodeslizador levar os restos mortais de Cato; para ouvir os trompetes da vitória que deveriam se seguir a ele. Mas nada acontece.

– Ei! – grito para o ar. – O que está acontecendo? – A única resposta é o burburinho dos pássaros despertando.

– Pode ser o corpo. Talvez a gente tenha de se afastar dele – diz Peeta.

Tento me lembrar. É preciso se afastar do tributo morto após o último combate? Meu cérebro está confuso demais para ter certeza, mas que outro motivo poderia existir para o atraso?

– Tudo bem. Você acha que consegue chegar ao lago? – pergunto.

– Acho melhor tentar – responde Peeta. Descemos até a cauda do chifre e caímos no chão. Se meus próprios membros estão assim tão

rígidos, como Peeta consegue se mover? Sou a primeira a me levantar, balançando e mexendo os braços e pernas até achar que estou pronta para ajudá-lo. De alguma maneira, conseguimos voltar ao lago. Pego com a mão um pouco de água gelada para Peeta e levo uma segunda até meus lábios.

Um tordo dá um assobio longo e lágrimas de alívio inundam meus olhos quando o aerodeslizador aparece e leva o corpo de Cato. Agora eles nos levarão. Agora poderemos ir para casa.

Mas, novamente, nada acontece.

– O que eles estão esperando? – pergunta Peeta, com a voz fraca. Entre a perda do torniquete e o esforço que empreendeu para chegar no lago, seu ferimento reabriu.

– Não sei – respondo. Seja lá qual for o motivo para a demora, não consigo vê-lo perder mais sangue. Levanto-me para tentar encontrar um bastão, mas quase imediatamente dou de cara com a flecha rechaçada pela armadura de Cato. Vai funcionar tão bem quanto a outra. Assim que me abaixo para pegá-la, a voz de Claudius Templesmith retumba na arena.

– Saudações aos últimos competidores da septuagésima quarta edição dos Jogos Vorazes. A revisão anterior foi revogada. Um exame mais minucioso do livro de regras revelou que apenas um vencedor pode ser permitido – diz ele. – Que a sorte esteja sempre a seu lado.

Há um pequeno ruído de estática e, então, nada mais acontece. Miro Peeta em total descrença à medida que absorvo a verdade. Eles jamais tiveram a intenção de permitir que nós dois vivêssemos. Tudo isso foi articulado pelos Idealizadores dos Jogos para garantir a mais dramática disputa final da história. E eu, como uma tola, aceitei tudo.

– Se você pensar bem, não é assim tão surpreendente – diz ele, suavemente. Observo-o se levantar em meio às dores. Então ele começa a andar em minha direção, como se estivesse em câmera lenta, sua mão puxando a faca do cinto...

Antes mesmo de me dar conta de minha ação, meu arco já está preparado com a flecha apontada diretamente para o seu coração. Peeta ergue as sobrancelhas e vejo que a faca já saiu de sua mão e está viajando em direção ao fundo do lago. Baixo o arco e dou um passo para trás, meu rosto queimando pelo único motivo possível: vergonha.

– Não – diz ele. – Vai em frente. – Peeta manca em minha direção e coloca novamente a arma em minhas mãos.

– Não posso. Não vou fazer isso.

– Vamos lá. Antes que eles enviem aquelas bestas de volta ou algo parecido. Não quero morrer como Cato.

– Então você atira em mim – retruco, furiosamente, jogando o arco para ele. – Você atira em mim e volta pra casa e vive com isso! – E enquanto digo isso, sei que morrer aqui e agora seria a opção mais fácil.

– Você sabe que não posso – diz Peeta, descartando a arma. – Tudo bem, vou primeiro de qualquer modo. – Ele se inclina e rasga o curativo da perna, eliminando a última barreira entre o sangue e a terra.

– Não, você não pode se matar. – Estou de joelhos, recolocando desesperadamente o curativo na ferida.

– Katniss. É isso o que eu quero.

– Você não vai me deixar aqui sozinha. – Porque se ele morrer, nunca vou poder ir para casa. Nunca mesmo. Vou passar o resto da vida nessa arena tentando traçar um caminho de volta.

– Escuta – diz ele, puxando-me de volta. – Nós dois sabemos que eles precisam de um vitorioso. Só pode ser um de nós. Por favor, vença. Por mim. – E ele prossegue dizendo o quanto me ama, como sua vida seria sem mim etc. Mas parei de ouvir porque suas palavras anteriores estão presas em minha cabeça, sacudindo-a desesperadamente.

Nós dois sabemos que eles precisam de um vitorioso.

Sim, eles precisam de um vitorioso. Sem um vitorioso, a coisa toda explodiria nas mãos dos Idealizadores dos Jogos. Eles teriam fracassado diante da Capital. Talvez fossem até executados, lenta e dolorosamente, com as câmeras transmitindo para todas as telas de televisão do país.

Se Peeta e eu morrêssemos, ou se eles imaginassem que nós tivéssemos...

Meus dedos remexem a bolsinha em meu cinto, liberando-a. Peeta a vê e sua mão agarra meu pulso.

– Não, não vou deixar você fazer isso.

– Confie em mim – sussurro. Ele fixa seus olhos nos meus por um bom tempo e então me solta. Desamarro a parte de cima da bolsinha e coloco algumas amoras na palma de sua mão. Depois, coloco um pouco na minha. – Contamos até três?

Peeta se inclina e me beija uma vez, delicadamente.

– Até três – diz ele.

Nós ficamos parados, nossas costas pressionadas uma contra a outra, nossas mãos vazias apertadas uma na outra.

– Mostra bem as amoras. Quero que todo mundo veja – diz ele.

Estendo meus dedos e as amoras escuras brilham ao sol. Aperto uma última vez a mão de Peeta como um sinal, como um adeus, e nós começamos a contar.

– Um. – Talvez esteja errada. – Dois. – Talvez eles não liguem se nós dois morrermos. – Três! – Tarde demais para mudar de ideia. Ergo minha mão até a boca, dando uma última olhada para o mundo. As amoras estão quase dentro de minha boca quando os trompetes começam a soar.

A voz frenética de Claudius Templesmith berra por cima deles.

– Parem! Parem! Senhoras e senhores, tenho o prazer de anunciar os vitoriosos da septuagésima quarta edição dos Jogos Vorazes, Katniss Everdeen e Peeta Mellark! Eu apresento... os tributos do Distrito 12!

Cuspo as amoras, esfregando a língua com a ponta da camisa para ter certeza de que nenhum resquício da fruta permanece em meu corpo. Peeta me puxa para o lago onde nós dois lavamos nossas bocas e em seguida caímos nos braços um do outro.

– Você não engoliu nada? – pergunto a ele.

Ele balança a cabeça.

– E você?

– Imagino que já estaria morto a uma hora dessas se tivesse – digo. Posso ver seus lábios se movendo em resposta, mas não consigo ouvi-lo devido ao barulho da multidão na Capital, que estão transmitindo ao vivo pelos alto-falantes.

O aerodeslizador se materializa acima de nossas cabeças e duas escadas são jogadas, só que não solto Peeta de maneira nenhuma. Mantenho um braço em volta dele enquanto o ajudo a subir, e cada um de nós coloca um pé no primeiro degrau da escada. A corrente elétrica nos paralisa no local, e, dessa vez, estou contente porque não tenho lá muita certeza se Peeta consegue realmente se sustentar a viagem toda. E, como meus olhos estavam olhando para baixo, vejo que, apesar de nossos músculos estarem imóveis, nada está impedindo o sangue de sair da perna de Peeta. Com toda certeza, assim que a porta se fechar atrás de nós e a corrente parar, ele vai desabar inconsciente no chão.

Meus dedos ainda estão agarrando a parte de trás da jaqueta com tanta força que no momento em que ele é levado, ela se rasga, deixando-me com uma ponta de tecido preto na mão. Médicos em roupas brancas esterilizadas, com máscaras e luvas, já prontos para a cirurgia, entram em ação. Peeta está pálido demais e ainda sobre a mesa prateada. Tubos e fios estão saindo de todos os lados e, por um momento, me esqueço de que estamos fora dos Jogos e vejo os médicos simplesmente como mais uma ameaça, mais um bando de bestas com o intuito de matá-lo. Petrificada, corro até ele, mas sou agarrada e conduzida a outra sala, e uma porta de vidro nos divide. Bato no vidro, gritando a plenos pulmões. Todos me

ignoram, exceto um assessor da Capital que surge atrás de mim e me oferece algo para beber.

Desabo no chão, meu rosto grudado à porta, mirando o copo de cristal em minha mão sem conseguir compreender nada. Gelado, cheio de suco de laranja, um canudo branco com umas ondulações. Como o objeto soa estranho em minhas mãos imundas e ensanguentadas, com minhas unhas negras e as várias cicatrizes. Minha boca se enche de água ao sentir o aroma, mas eu coloco o copo cuidadosamente no chão, sem conseguir confiar em nada tão limpo e bonitinho.

Através do vidro, vejo os médicos trabalhando incessantemente em Peeta, suas testas enrugadas de concentração. Vejo o fluxo de líquidos bombeado nos tubos, observo um paredão de números e luzes que não significam coisa alguma para mim. Não tenho certeza, mas tenho a impressão de que o coração dele parou duas vezes.

É como estar novamente em casa, naquelas ocasiões em que uma pessoa irremediavelmente destroçada por alguma explosão nas minas, ou alguma mulher em seu terceiro dia de trabalho de parto, ou uma criança esfomeada lutando contra a pneumonia são recebidas por minha mãe e Prim com essas mesmas rugas de preocupação nos rostos. É a hora de correr para a floresta, para me esconder nas árvores até que o paciente há muito já tenha ido embora, e em outra parte da Costura os martelos já estejam preparando o caixão. Mas estou presa aqui não só pelas paredes do aerodeslizador como pela mesma força que segura aqueles que amam aos que estão para morrer. Quantas vezes não os vi, ao redor da mesa de nossa cozinha, e ficava imaginando: *Por que não vão embora? Por que ficam para ver?*

E agora sei a resposta. É porque não há alternativa.

Tomo um susto quando pego alguém olhando diretamente para mim a alguns centímetros de distância e então me dou conta de que é meu próprio rosto refletido no vidro. Olhos selvagens, bochechas descarnadas, meus cabelos um emaranhado só. Virulenta. Feroz. Furiosa. Não é à toa que todos estão mantendo uma distância segura de mim.

Percebo em seguida que nós aterrissamos de volta sobre o telhado do Centro de Treinamento e eles estão levando Peeta, mas me deixando atrás da porta. Começo a me jogar contra o vidro, berrando, e acho que acabei de vislumbrar uma cabeleira cor-de-rosa – deve ser Effie, tem de ser Effie vindo em meu socorro – quando a agulha me penetra por trás.

Quando acordo, a princípio estou com medo de me mexer. Todo o teto brilha com uma luz amarela suave, permitindo-me ver que estou em uma sala onde só existe minha cama. Nenhuma porta, nenhuma janela está visível. O ar cheira a algo forte e antisséptico. Meu braço direito está com vários tubos atados à parede atrás de mim. Estou nua, mas a roupa de cama massageia minha pele. Tento em vão erguer minha mão esquerda acima da coberta. Não só a mão foi limpa como também as unhas estão perfeitamente cortadas e as cicatrizes das queimaduras estão menos proeminentes. Toco minha bochecha, meus lábios, a cicatriz franzida acima de minha sobrancelha, e estou começando a percorrer os dedos pelos cabelos sedosos quando fico paralisada. Apreensivamente, balanço os cabelos acima de meu ouvido esquerdo. Não, não foi uma ilusão. Estou ouvindo novamente.

Tento me sentar, mas uma espécie de tala restritiva em volta da minha cintura me impede de erguer-me mais do que alguns centímetros. O confinamento físico me faz entrar em pânico e estou tentando me erguer para passar os quadris por dentro da tala, quando uma parte da parede se abre e a garota ruiva Avox entra no recinto carregando uma bandeja. Acalmo-me ao vê-la e paro de tentar escapar. Quero lhe fazer um milhão de perguntas, mas tenho medo de que uma demonstração de familiaridade possa causar-lhe algum problema. Obviamente, estou sendo monitorada de perto. Ela coloca a bandeja em cima de minhas coxas e aperta algum botão que me coloca na posição sentada. Enquanto ela ajusta meus travesseiros, arrisco uma pergunta. Pronuncio em voz alta, com tanta clareza quanto permite minha voz rouca, de modo que nada possa parecer secreto.

– Peeta sobreviveu?

Ela faz que sim com a cabeça e, enquanto desliza a colher para minha mão, sinto a pressão da amizade.

Imagino que ela não tenha desejado minha morte, afinal. E Peeta sobreviveu. É claro que sobreviveu. Com todo aquele equipamento caro que eles possuem aqui... Mas ainda assim, eu não estava certa até agora.

Quando a Avox sai, a porta se fecha atrás dela sem fazer nenhum ruído e me volto vorazmente para a bandeja. Uma tigela com um caldo claro, uma pequena porção de molho de maçã e um copo de água. *Isso é tudo?,* penso, mal-humorada. Meu jantar de retorno não deveria ser um pouco mais espetacular? Mas descubro que é uma dificuldade terminar a parca refeição que está diante de mim. Meu estômago parece haver encolhido até

ficar do tamanho de uma castanha, e preciso imaginar quanto tempo estive inconsciente porque na última manhã que passei na arena não tive nenhuma dificuldade para ingerir uma quantidade bem razoável de comida no café da manhã. Normalmente, há um intervalo de alguns dias entre o fim da competição e a apresentação do vitorioso para que eles possam recuperar a integridade física do esfomeado e massacrado restolho humano. Em algum lugar, Cinna e Portia devem estar criando nossos modelitos para as aparições públicas. Haymitch e Effie estarão preparando o banquete para nossos patrocinadores, revisando as perguntas para nossas entrevistas finais. Lá em casa, o Distrito 12 estará provavelmente um caos, com todos tentando organizar as comemorações de retorno ao lar para mim e para Peeta, já que a última vez que isso aconteceu foi há quase trinta anos.

Casa! Prim e minha mãe! Gale! Até a imagem do gato velho e horroroso de Prim me faz sorrir. Logo estarei em casa!

Quero sair dessa cama. Ver Peeta e Cinna, descobrir mais a respeito do que está acontecendo. E por que eu não deveria sair daqui? Estou me sentindo bem. Mas assim que começo a tentar escapar da tala, sinto um líquido frio entrando em minha veia por um dos tubos e perco a consciência quase imediatamente.

Isso acontece de modo intermitente por uma quantidade de tempo indeterminada. Acordo, como e, mesmo resistindo ao impulso de tentar escapar da cama, sou nocauteada novamente. Pareço estar imersa em um estranho e contínuo crepúsculo. Apenas algumas coisas são registradas por minha mente. A garota ruiva Avox não voltou desde que me trouxe a comida, minhas cicatrizes estão desaparecendo e... será que estou imaginando coisas ou estou mesmo ouvindo um homem berrando? Não no sotaque da Capital, mas nas cadências mais rudes de meu distrito. E não consigo evitar uma sensação vaga e reconfortante pelo fato de que alguém está cuidando de mim.

Então, finalmente, chega a hora em que acordo e não há mais nada plugado em meu braço direito. A restrição em volta de minha cintura foi removida e estou livre para me mover. Começo a me sentar, mas sou tomada de surpresa pela visão de minhas mãos. A perfeição da pele, macia e brilhante. Não apenas as cicatrizes da arena, mas também todas aquelas acumuladas ao longo de tantos anos caçando, desapareceram sem deixar vestígios. Minha testa parece uma seda, e quando tento encontrar a queimadura em minha panturrilha, não há mais nada.

Deslizo minhas pernas para fora da cama, ansiosa para saber como vão sustentar meu peso e as encontro fortes e firmes. Aos pés da cama encontra-se um traje que me deixa perplexa. Foi usado por um dos tributos na arena. Encaro-o como se o objeto possuísse dentes até me lembrar que, é claro, isso é o que vestirei para saudar minha equipe.

Visto-me em menos de um minuto e estou irrequieta na frente da parede, onde sei que há uma porta mesmo que não consiga enxergá-la, quando, subitamente, ela se abre. Piso num corredor amplo e deserto que parece não possuir mais nenhuma porta. Mas deve possuir. E atrás de uma delas deve estar Peeta. Agora que estou consciente e podendo me mover, estou cada vez mais ansiosa em relação a ele. Ele deve estar bem, senão a Avox não teria dito. Mas preciso vê-lo com meus próprios olhos.

– Peeta! – grito, já que não há mais ninguém a quem perguntar. Escuto meu nome em resposta, mas não é a voz dele. É uma voz que, primeiro provoca irritação e depois impaciência. Effie.

Eu me volto e vejo todos esperando em uma grande câmara ao fim do corredor – Effie, Haymitch e Cinna. Meus pés partem sem hesitação. Talvez um vitorioso devesse demonstrar mais comedimento, mais superioridade, principalmente quando sabe que aparecerá na televisão, mas não dou a mínima. Corro até eles e surpreendo até a mim mesma ao me lançar nos braços de Haymitch em primeiro lugar. Quando ele sussurra em meu ouvido "Bom trabalho, docinho", seu tom não soa sarcástico. Effie está um pouco lacrimosa e não para de acariciar meus cabelos e de falar como contou para todo mundo que nós éramos verdadeiras pérolas. Cinna apenas me abraça com força e não diz nada. Então, noto que Portia está ausente e tenho um mau pressentimento.

– Onde está Portia? Ela está com Peeta? Ele está bem, não está? Enfim, ele está vivo, não está? – deixo escapar.

– Ele está ótimo. Só que eles querem que vocês se reencontrem ao vivo na cerimônia – diz Haymitch.

– Ah, é isso? – O momento de horror em que novamente imaginei que Peeta houvesse morrido se esvai. – Imagino que eu mesma gostaria de ver tudo isso.

– Vá com Cinna. Ele precisa te aprontar – diz Haymitch.

É um alívio ficar a sós com Cinna, sentir seu braço protetor em volta de meus ombros enquanto me leva para longe das câmeras por algumas passagens até um elevador que nos conduz ao saguão do Centro de

Treinamento. Então, o hospital fica bem no subterrâneo, mais abaixo até do que o ginásio onde os tributos treinaram a preparação de nós e o arremesso de lanças. As janelas do saguão estão escuras, e um punhado de guardas está a postos. Ninguém mais está lá para nos ver entrar no elevador dos tributos. Nossos passos ecoam no vazio. E enquanto subimos até o décimo segundo andar, os rostos de todos os tributos que jamais voltarão surgem em minha cabeça e sinto meu peito se contraindo.

Quando a porta do elevador se abre, Venia, Flavius e Octavia me abraçam, falando com tanta rapidez e com tanto arrebatamento que mal consigo entender as palavras. Mas o sentimento é claro. Eles estão verdadeiramente emocionados por me ver e estou feliz por vê-los também, embora não da mesma maneira que estava ao ver Cinna. Esse encontro seria mais como rever um trio de animais de estimação ao fim de uma jornada particularmente árdua.

Eles me empurram para dentro da sala de jantar e sou agraciada com uma refeição de verdade – rosbife, ervilhas e pãezinhos macios –, embora minhas porções ainda estejam estritamente controladas. Porque quando peço para repetir, não sou atendida.

– Não, não e não. Eles não querem que toda essa comida seja regurgitada em pleno palco – diz Octavia, mas sem que ninguém veja, ela me passa um pãozinho extra por baixo da mesa para que eu saiba que ela está do meu lado.

Voltamos para meu quarto e Cinna desaparece por um tempo enquanto a equipe de preparação me apronta.

– Oh, eles fizeram um polimento realmente fantástico em seu corpo – diz Flavius, com inveja. – Não ficou nenhuma falha na sua pele.

Mas quando olho para meu corpo nu no espelho, tudo o que consigo ver é como estou magra. Enfim, tenho certeza de que estava bem pior quando voltei da arena, mas posso contar minhas costelas com facilidade.

Eles cuidam dos controles do chuveiro para mim, e começam a trabalhar em meus cabelos, unhas e maquiagem depois que termino o banho. Eles falam tanto, e sem parar, que quase não consigo responder a todos, o que é bom, já que não estou muito disposta a conversar. É engraçado, porque apesar de eles estarem tagarelando sobre os Jogos, só falam sobre onde estavam ou o que estavam fazendo ou o que sentiram quando determinado evento ocorreu. “Eu ainda estava na cama!” “Eu tinha

acabado de tingir as sobrancelhas!" "Eu juro que quase desmaiei!" Tudo se refere a eles, não aos jovens que estavam morrendo na arena.

Não nos comportamos assim a respeito dos Jogos no Distrito 12. Nós cerramos os dentes e assistimos porque devemos tentar voltar ao trabalho o mais rápido possível quando a transmissão acaba. Para não odiar a equipe de preparação, simplesmente me desligo de quase tudo o que eles estão dizendo.

Cinna volta com o que parece ser um despretensioso vestido amarelo nos braços.

– Você desistiu de todo aquele aparato da "garota quente"? – pergunto.

– Você que está dizendo isso – diz ele, e desliza o vestido por cima de minha cabeça. Imediatamente, noto o revestimento sobre meus seios, adicionando curvas que a fome roubou de meu corpo. Minhas mãos vão até o peito e franzo as sobrancelhas.

– Eu sei – diz Cinna, antes que eu possa reclamar. – Mas os Idealizadores dos Jogos queriam te alterar cirurgicamente. Haymitch teve uma discussão pesada com eles sobre isso. Esse foi o acordo. – Ele me interrompe antes que eu possa olhar meu reflexo. – Espera aí, não esqueça dos sapatos. – Venia me ajuda a calçar um par de sandálias de couro baixas e me viro para o espelho.

Ainda sou a "garota quente". O tecido diáfano brilha suavemente. Até o mais leve movimento no ar faz meu corpo ondular. Comparando, o traje da carruagem parece vulgar e o vestido da entrevista parece artificial demais. Nesse vestido, dou a impressão ilusória de estar vestindo uma vela acesa.

– O que você acha? – pergunta Cinna.

– Acho que esse é o melhor de todos – respondo. Quando consigo desviar meus olhos do tecido bruxuleante, estou mais ou menos num estado de choque. Meus cabelos estão soltos, mantidos presos por uma simples fitinha. A maquiagem suaviza e preenche os ângulos duros de meu rosto. Um esmalte claro cobre minhas unhas. O vestido sem mangas está justo nas costelas, não na cintura, eliminando quase que por completo toda a ajuda que o revestimento pudesse porventura dar à minha aparência. A bainha está bem na altura dos joelhos. Sem salto alto, dá para ver minha estatura real. Em poucas palavras, estou parecendo uma garota. Uma garota jovem. Catorze anos no máximo. Inocente. Inofensiva. Sim, é chocante Cinna ter bolado esse vestido se considerarmos que eu acabei de vencer os Jogos.

Esse é um visual bem calculado. Nenhuma das produções de Cinna é arbitrária. Mordo meu lábio tentando destrinchar sua motivação.

– Imaginei que Peeta fosse gostar mais desse aí – responde ele, com cuidado.

Peeta? Não, isso não tem nada a ver com Peeta. Tem a ver com a Capital e com os Idealizadores dos Jogos. E com o público. Embora eu ainda não entenda o propósito de Cinna, o vestido é uma lembrança de que os Jogos ainda não estão totalmente encerrados. E, por trás de sua réplica benigna, sinto um alerta. Ou algo que ele não pode nem mesmo mencionar na frente de sua própria equipe.

Entramos no elevador e subimos até o nível em que realizamos nosso treinamento. É de praxe que o vitorioso e sua equipe de apoio surjam da parte de baixo do palco. Primeiro a equipe de preparação, seguida do acompanhante, do estilista, do mentor e, finalmente, do vitorioso. Só que nesse ano, com dois vitoriosos que compartilham um acompanhante e um mentor, a coisa toda teve de ser repensada. Estou em uma área parcamente iluminada abaixo do palco. Uma placa de metal novinha em folha foi instalada para me transportar até o palco. Ainda é possível ver pequenas pilhas de serragem e sentir o cheiro de tinta fresca. Cinna e a equipe de preparação se despem para vestir seus próprios trajes e tomar suas posições, deixando-me sozinha. Na penumbra, vejo uma parede improvisada a mais ou menos dez metros de distância e imagino que Peeta está atrás dela.

O ribombar da multidão é ensurdecedor, de modo que não reparo a presença de Haymitch até ele me tocar o ombro. Dou um salto, surpresa, metade de meu ser ainda vivendo as agruras da arena, presumo.

– Calma, sou eu. Vamos dar uma olhada nisso – diz Haymitch. Estendo meus braços e dou uma voltinha. – Dá pro gasto.

Não é exatamente um elogio.

– Mas? – pergunto.

Os olhos de Haymitch percorrem o espaço úmido e desconfortável em que estou, e ele parece tomar uma decisão.

– Mas nada. Que tal um abraço pra dar sorte?

Tudo bem, esse é um pedido um tanto ou quanto esquisito da parte de Haymitch mas, afinal, somos vitoriosos. Talvez um abraço para dar sorte caia bem. Só que, quando eu coloco meus braços em volta de seu pescoço,

fico presa em seu abraço. Ele começa a falar, muito rapidamente, muito tranquilamente em meu ouvido, meus cabelos escondendo seus lábios.

– Escuta. Vocês estão encrencados. Estão falando por aí que a Capital está furiosa com vocês por terem armado pra cima deles na arena. A única coisa que eles não conseguem suportar é ser motivo de riso e eles são a piada de Panem no momento.

Sinto o pavor tomando conta de mim, mas rio como se Haymitch estivesse dizendo algo totalmente agradável porque não há nada cobrindo minha boca.

– E daí?

– A única chance de vocês escaparem dessa é provar que vocês estavam tão loucamente apaixonados um pelo outro que não podem ser responsabilizados por suas ações – diz Haymitch, puxando-me de volta e ajustando a fitinha em meu cabelo. – Sacou, docinho? – Ele poderia estar falando sobre qualquer outra coisa agora.

– Saquei – respondo. – Você contou isso pra Peeta?

– Não preciso – diz Haymitch. – Ele já sacou.

– E você acha que eu não? – pergunto, aproveitando a oportunidade para endireitar uma chamativa gravata-borboleta vermelha que Cinna deve ter empurrado para cima dele.

– Desde quando o que eu acho tem alguma importância? – responde Haymitch. – Melhor a gente ir logo pros nossos lugares. – Ele me conduz ao círculo de metal. – Essa é a sua noite, docinho. Aproveite. – Ele me beija a testa e desaparece na penumbra.

Puxo a saia, desejando que fosse mais longa, que cobrisse os machucados em meus joelhos. Então, percebo que não há sentido nisso. Todo o meu corpo está tremendo como vara verde. Por sorte ele está fadado ao entusiasmo. Afinal, é minha noite.

O cheiro úmido e rançoso do espaço abaixo do palco ameaça me dar ânsias de vômito. Um suor pegajoso surge em minha pele e não consigo me livrar da sensação de que os estrados acima de minha cabeça estão a ponto de cair e me enterrar viva embaixo dos destroços. Assim que saí da arena, assim que os trompetes soaram, deveria estar a salvo. Daquele momento em diante. Pelo resto da vida. Mas se o que Haymitch disse é verdade, e ele não tem nenhum motivo para mentir, jamais estive em um local tão perigoso em toda a minha vida.

É muito pior do que ser caçada na arena. Lá, o máximo que poderia acontecer era eu morrer. Fim de papo. Mas aqui, Prim e minha mãe, Gale, o povo do Distrito 12, todas as pessoas de quem gosto podem ser punidas se eu não conseguir representar o papel da garota-louca-de-amor que Haymitch sugeriu.

Mas ainda tenho uma chance. Engraçado, na arena, quando coloquei aquelas amoras na boca, só estava pensando em enganar os Idealizadores dos Jogos, não estava pensando em como minhas ações iriam refletir na Capital. Mas os Jogos Vorazes são sua arma e ninguém pode se sentir capaz de derrotá-los. Então, agora a Capital agirá como se eles tivessem estado no controle o tempo todo. Como se tivessem orquestrado todo o evento, até o duplo suicídio. Mas isso só funcionará se eu desempenhar meu papel junto com eles.

E Peeta... Peeta também sofrerá, se tudo isso der errado. Mas o que foi mesmo que Haymitch disse quando perguntei se ele havia contado a situação a Peeta? Que ele deveria fingir estar desesperadamente apaixonado?

Não preciso. Ele já sacou.

Já sacou a situação e está pensando novamente à frente de mim nos Jogos e bem ciente dos perigos em que estamos envolvidos? Ou... já sacou no sentido de já estar desesperadamente apaixonado por mim? Não sei. Nem mesmo comecei a analisar meus sentimentos a respeito de Peeta. É complicado demais. O que fiz como parte dos Jogos em oposição ao que fiz por pura raiva na Capital. Ou por causa da maneira com a qual isso seria visto no Distrito 12. Ou simplesmente porque essa era a única coisa decente a ser feita. Ou o que fiz porque gostava dele.

Essas são questões para desenredar quando chegar em casa, na santa paz da floresta, quando ninguém estiver assistindo. Não aqui, com todos esses olhos sobre mim. Mas não terei esse luxo por não sei quanto tempo. E nesse exato momento, a parte mais perigosa dos Jogos Vorazes está para começar.

O hino retumba em meus ouvidos, e ouço Caesar Flickerman saudando o público. Será que ele sabe o quanto é crucial escolher as palavras certas de agora em diante? Ele deveria saber. Ele vai querer nos ajudar. A multidão irrompe em aplausos quando a equipe de preparação é apresentada. Imagino Flavius, Venia e Octavia gingando em direção ao palco e recebendo as mais ridículas mesuras. É líquido e certo que eles não fazem a menor ideia. Então, Effie é apresentada. Quanto tempo ela não esperou por esse momento. Espero que seja capaz de aproveitar bastante porque por mais que Effie seja mal orientada, ela possui um instinto bem certeiro para certas coisas e deve, pelo menos, estar suspeitando de que estamos em apuros. Portia e Cinna recebem imensas demonstrações de entusiasmo, é claro. Eles foram brilhantes, fizeram uma estreia esplendorosa. Agora compreendo o vestido que Cinna escolheu para eu usar essa noite. Vou precisar parecer mais ingênua e inocente do que nunca. A aparição de Haymitch proporciona uma rodada de efusivos aplausos que dura pelo menos cinco minutos. Bem, ele conseguiu um feito inédito. Manteve não só um, mas dois tributos vivos. E se ele não tivesse me alertado em tempo hábil? Será que eu agiria de maneira diferente? Será que eu ostentaria o episódio das amoras e o esfregaria na cara da Capital? Não, acho que não. Mas eu poderia facilmente me portar de modo muito menos convincente do que preciso agora. Neste exato momento. Porque estou começando a sentir a placa de metal me erguendo até o palco.

Luzes ofuscantes. O bramido ensurdecedor sacode o metal embaixo de mim. Então, vejo Peeta a apenas alguns metros de distância. Ele parece tão límpido, saudável e belo, que mal o reconheço. Mas seu sorriso é o mesmo, seja na lama, seja na Capital e, quando o vejo, dou três passos e me lanço em seus braços. Ele cambaleia para trás, quase perdendo o equilíbrio, e é então que percebo que o equipamento de metal fininho em sua mão é uma espécie de bengala. Ele endireita a postura e nós grudamos um no outro enquanto o público entra em estado de ebulição. Ele está me beijando e o tempo todo estou pensando, *Você sabe? Você sabe o quanto estamos correndo perigo?* Depois de mais ou menos dez minutos disso, Caesar

Flickerman dá um tapinha em seu ombro para que o show possa prosseguir, e Peeta simplesmente o empurra para o lado sem nem mesmo olhar para ele. O público enlouquece. Ciente ou não da história, Peeta está, como de hábito, desempenhando seu papel com muito talento.

Por fim, Haymitch nos interrompe e nos dá um empurrãozinho bem-intencionado na direção da cadeira do vitorioso. Normalmente, é uma única e bela cadeira de onde o tributo vencedor assiste a um filme com os melhores momentos dos Jogos, mas como há dois vencedores, os Idealizadores dos Jogos providenciaram um elegante sofá de veludo vermelho. Tão pequeno que minha mãe o chamaria de sofá do amor, eu acho. Sento-me tão perto de Peeta que praticamente estou no seu colo, mas uma olhadinha na direção de Haymitch me diz que isso não é o suficiente. Chutando as sandálias, ponho os pés ao lado e encosto a cabeça no ombro de Peeta. Seu braço me envolve automaticamente e tenho a sensação de estar de volta à caverna, enroscada nele, tentando me manter aquecida. Sua camisa é feita do mesmo material amarelo que meu vestido, mas Portia o colocou em calças compridas pretas. Em vez de sandálias, está usando um par de robustas botas pretas que ele mantém solidamente plantadas no chão do palco. Gostaria que Cinna tivesse me dado um traje similar, sinto-me muito vulnerável nesse vestido diáfano. Mas imagino que essa era exatamente a proposta.

Caesar Flickerman faz mais algumas piadas e então chega a hora do show. Vai durar exatamente três horas e todas as pessoas de Panem devem assistir. À medida que as luzes começam a diminuir de intensidade e a insígnia aparece na tela, percebo que estou despreparada para tudo isso. Não quero assistir à morte dos meus vinte e dois colegas tributos. Vi mortes suficientes ao vivo. Meu coração começa a bater com força e sinto um impulso muito forte para sair correndo dali. Como os outros vitoriosos encaram isso sozinhos? Durante os melhores momentos, eles mostram de tempos em tempos a reação do vencedor num quadradinho no canto da tela. Recordo-me de anos anteriores... alguns são triunfantes, socando o ar, batendo no peito. A maioria parece simplesmente atônita. Tudo o que sei é que a única coisa que está me mantendo nesse sofá do amor é Peeta – seu braço em meu ombro, sua outra mão segura pelas minhas duas. É claro que os vitoriosos anteriores não tinham em seu encalço a Capital em busca de uma maneira de destruí-los.

Condensar várias semanas em três horas é um feito impressionante, principalmente se considerarmos a quantidade de câmeras que estavam sendo usadas de uma vez. Quem quer que seja o responsável pela edição dos melhores momentos tem de escolher que tipo de história deseja privilegiar. Esse ano, pela primeira vez, eles estão contando uma história de amor. Sei que Peeta e eu vencemos, mas uma quantidade desproporcional de tempo foi gasta conosco, desde o início. Mas estou contente, porque isso acaba apoiando toda aquela coisa dos loucamente apaixonados que é a minha defesa por haver desafiado a Capital, e ainda por cima significa que nós não teremos muito tempo para sentir remorso pelas mortes.

A primeira meia hora focaliza os eventos que antecederam a entrada na arena, a colheita, a viagem de carruagem pela Capital, nossas notas no treinamento e nossas entrevistas. Há uma espécie de trilha sonora enaltecedora amparando as imagens que as torna duplamente horríveis porque, é claro, quase todos que aparecem na tela já estão mortos.

Assim que chegamos à arena, há uma cobertura detalhada do banho de sangue e então os diretores basicamente alternam entre tomadas dos tributos morrendo e tomadas de nós dois. A maioria de Peeta, na verdade, é inegável que ele carregou nos ombros o negócio do romance. Agora vejo o que o público viu, como ele enganou os Carreiristas a meu respeito, permaneceu acordado a noite inteira embaixo da árvore das teleguiadas, lutou com Cato para que eu escapasse e, mesmo enquanto estava deitado na lama, sussurrou meu nome durante o sono. Comparada a ele, eu pareço uma desalmada – lançando bolas de fogo, deixando cair ninhos de vespas e explodindo suprimentos – até começar a rastrear Rue. Eles mostram sua morte integralmente, o arremesso da lança, minha fracassada tentativa de resgate, minha flecha atravessando a garganta do garoto do Distrito 1, os últimos suspiros de Rue em meus braços. E a canção. Apareço cantando todas as notas da canção. Algo dentro de mim se fecha e fico insensível a tudo. É como assistir a pessoas totalmente estranhas em outra edição dos Jogos Vorazes. Mas reparo que eles omitem a parte em que a cubro de flores.

Certo. Porque até isso tem cheiro de rebelião.

As coisas melhoram para mim no momento em que eles anunciam que dois tributos do mesmo distrito podem ficar vivos e grito o nome de Peeta, e depois tapo a boca com a mão. Se pareci indiferente a ele antes, compenso agora, encontrando-o, cuidando para que ele volte a ter saúde,

indo ao ágape em busca de medicamentos e sendo bastante liberal com meus beijos. Objetivamente, consigo ver que as bestas e a morte de Cato são tão hediondas agora quanto antes, mas, ainda assim, é como se tudo isso estivesse acontecendo com pessoas que nunca vi na vida.

Então, chega o episódio das amoras. Posso ouvir o público pedindo silêncio, disposto a não perder nada. Uma onda de gratidão aos diretores do filme toma conta de mim quando vejo que eles terminam não com o anúncio de nossa vitória, mas comigo dando socos na porta de vidro do aerodeslizador, berrando por Peeta enquanto eles tentam ressuscitá-lo.

Se tomarmos como base os critérios que garantirão minha sobrevivência a partir de agora, esse é o meu melhor momento em toda a noite.

O hino está sendo tocado novamente e nós nos levantamos quando o Presidente Snow em pessoa sobe ao palco seguido de uma garotinha carregando uma almofada onde se vê uma coroa. Só há uma coroa, entretanto, e dá para ouvir a perplexidade da multidão – qual das cabeças receberá a coroa? – até que o Presidente Snow torce o objeto, separando-o em duas metades. Ele coloca a primeira metade na testa de Peeta com um sorriso. Ele ainda está sorrindo quando coloca a segunda metade em minha cabeça, mas seus olhos, apenas alguns centímetros distantes dos meus, estão tão implacáveis quanto os de uma serpente.

É aí que percebo que, muito embora nós dois tivéssemos a intenção de comer as amoras, sou eu a culpada por ter tido a ideia. Eu sou a instigadora. Sou eu quem merece a punição.

Muitas mesuras e saudações entusiasmadas se seguem. Meu braço está a ponto de cair de tanto acenar para a multidão quando Caesar Flickerman finalmente dá o boa-noite ao público, lembrando a todos que sintonizem amanhã para acompanhar as últimas entrevistas. Como se houvesse alternativa.

Peeta e eu somos conduzidos até a mansão do presidente para o Banquete da Vitória, onde temos muito pouco tempo para comer, já que funcionários da Capital e patrocinadores particularmente generosos acotovelam-se no caminho tentando tirar fotos conosco. Rostos e mais rostos resplandecentes despontam de todos os lados, cada vez mais embriagados à medida que a noite avança. Ocasionalmente, vislumbro Haymitch, o que é reconfortante, ou o Presidente Snow, o que é

aterrorizante, mas continuo rindo e agradecendo as pessoas e sorrindo para as fotos. A única coisa que nunca faço é soltar a mão de Peeta.

O sol está começando a surgir no horizonte quando nos dispersamos de volta ao décimo segundo andar do Centro de Treinamento. Imagino que agora vou poder finalmente conversar a sós com Peeta, mas Haymitch o manda ir com Portia arrumar alguma coisa apropriada para a entrevista e me acompanha pessoalmente até meus aposentos.

– Por que não posso falar com ele? – pergunto.

– Vai ter tempo de sobra pra falar com ele quando a gente chegar em casa – diz Haymitch. – Vai dormir, você vai estar no ar às duas.

Apesar da interferência apressada de Haymitch, estou determinada a ver Peeta privadamente. Depois de virar e revirar na cama por algumas horas, vou até o corredor. Meu primeiro pensamento é verificar o telhado, mas está vazio. Mesmo as ruas da cidade bem abaixo estão desertas após a celebração da noite de ontem. Volto para a cama por um tempo e então decido ir diretamente ao quarto dele, mas quando tento girar a maçaneta, descubro que a porta do meu quarto foi trancada pelo lado de fora. Suspeito de Haymitch, a princípio, mas sinto um temor muito mais insidioso de que a Capital possa estar nos monitorando e nos confinando. Estou impossibilitada de escapar desde que os Jogos Vorazes começaram, mas isso aqui é diferente, muito mais pessoal. Isso aqui me dá a sensação de que fui aprisionada por um crime e que estou aguardando a sentença. Volto rapidamente para a cama e finjo dormir até que Effie Trinket aparece para me alertar para o começo de mais um "grande, grande, grande dia!".

Tenho mais ou menos cinco minutos para comer uma tigela de grãos refogados antes da chegada da equipe de preparação. Tudo o que tenho de dizer é: "A multidão adorou vocês!" e é desnecessário falar pelas próximas horas. Quando Cinna aparece, ele dispensa todo mundo e me dá um vestido branco bem extravagante e sapatos cor-de-rosa. Em seguida, ajusta pessoalmente minha maquiagem até parecer que estou irradiando um brilho suave e rosado. Ficamos conversando, mas estou com medo de perguntar a ele alguma coisa realmente importante porque, depois do incidente da porta, não posso me livrar da sensação de estar sendo constantemente observada.

A entrevista acontece na sala de estar ao fim do corredor. Um espaço foi reservado e o sofá do amor está agora em outra posição e cercado de

vasos com flores vermelhas e rosas. Só há um punhado de câmeras para registrar o evento. Pelo menos não há plateia no local.

Caesar Flickerman me dá um abraço afetuoso quando adentro o local.

– Congratulações, Katniss. Como está?

– Bem. Nervosa com a entrevista – respondo.

– Não fique. Será uma experiência agradabilíssima – diz ele, dando um tapinha encorajador em minha bochecha.

– Não sou muito boa em falar sobre mim mesma.

– Você não cometerá nenhum deslize.

E penso: *Oh, Caesar, se ao menos isso fosse verdade. A verdade é que o Presidente Snow deve estar preparando alguma espécie de "acidente" para mim enquanto estivermos conversando.*

Então, Peeta aparece, vistoso em vermelho e branco, puxando-me para o lado.

– Quase não consigo te ver. Haymitch parece empenhado em manter a gente afastado.

Haymitch, na verdade, está empenhado em nos manter vivos, mas há ouvidos demais nos escutando, de modo que digo apenas:

– É mesmo, ele tem estado muito responsável ultimamente.

– Bem, só falta essa entrevista e voltamos pra casa. Aí ele não vai mais poder ficar vigiando a gente o tempo todo.

Sinto uma espécie de arrepio percorrendo-me o corpo e não disponho de tempo para a analisar o motivo, porque eles já estão à nossa espera. Nós nos sentamos no sofá do amor com uma certa formalidade, mas Caesar diz:

– Ah, vamos lá, pode se enroscar nele se quiser. Fica muito bonitinho. – Então, levanto os pés e Peeta me puxa para perto dele.

Alguém faz a contagem regressiva e, num átimo, nós estamos sendo transmitidos ao vivo para todo o país. Caesar Flickerman é maravilhoso, implica, faz piada, se engasga quando a ocasião é propícia. Ele e Peeta já possuem a cumplicidade que estabeleceram naquela noite da primeira entrevista, aquele estado de espírito alegre, então, eu apenas sorrio bastante e tento falar o menos possível. Enfim, tenho de falar um pouco, mas, sempre que posso, redireciono a conversa para Peeta.

Mas chega um momento em que Caesar começa a colocar questões que demandam respostas completas.

– Bem, Peeta, sabemos, pelos dias que passamos naquela caverna, que foi amor à primeira vista da sua parte desde quando, os cinco anos de

idade? – pergunta Caesar.

– Desde o momento em que pus os olhos nela pela primeira vez – diz Peeta.

– Mas, Katniss, que coisa, hein? Imagino que a parte mais excitante para o público tenha sido assistir a você cedendo aos encantos dele. Quando você se deu conta de que estava apaixonada por ele? – pergunta Caesar.

– Hum, essa é difícil... – Dou um risinho leve e olho para minhas mãos. Socorro.

– Bem, eu sei quando a coisa me tocou. Na noite em que você gritou o nome dele daquela árvore – diz Caesar.

Obrigada, Caesar!, penso comigo mesma, e desenvolvo a ideia.

– Foi mesmo, acho que foi lá. É o seguinte, até aquele momento, simplesmente tentava não pensar quais poderiam ser meus sentimentos, falando com toda honestidade, porque a coisa toda era muito confusa e imaginar que eu realmente sentia alguma coisa por ele só pioraria tudo ainda mais. Mas aí, naquela árvore, tudo mudou.

– Por que você acha que isso aconteceu? – demanda Caesar.

– Talvez... porque pela primeira vez... haveria uma chance de eu ficar perto dele.

Atrás do *cameraman*, vejo Haymitch dando uma espécie de rosnado de alívio e sei que fiz a coisa certa. Caesar pega um lenço e precisa de um tempo porque está emocionado demais. Sinto Peeta pressionando a testa na minha têmpora e em seguida perguntando:

– Então, agora que estou perto de você, o que é que você vai fazer comigo?

Volto-me para ele e digo:

– Vou te colocar em algum lugar onde você não possa se machucar.

E, quando ele me beija, as pessoas na sala dão um suspiro.

Para Caesar, esse é o momento natural para engatar a conversa com todas as formas de ferimentos de que fomos vítimas na arena, queimaduras, ferroadas e perfurações as mais diversas. Mas só esqueço que estou na frente das câmeras quando o assunto passa a ser as bestas. E quando Caesar pergunta a Peeta como sua "nova perna" está funcionando.

– Nova perna? – E não consigo evitar levantar a barra da calça de Peeta. – Oh, não – sussurro, tocando o equipamento de metal e plástico que substituiu a carne.

– Ninguém contou pra você? – pergunta Caesar, delicadamente. Balanço a cabeça.

– Eu não tive oportunidade – diz Peeta, dando ligeiramente de ombros.

– É minha culpa. Porque usei aquele torniquete.

– Sim, é culpa sua eu estar vivo – diz Peeta.

– Ele tem razão – diz Caesar. – Ele certamente teria sangrado até morrer se não fosse por isso.

Imagino que seja verdade, mas não consigo deixar de me sentir chateada com relação a isso, a ponto de sentir vontade de chorar, mas aí me lembro que todo o país está me assistindo, então, simplesmente enterro meu rosto na camisa de Peeta. Eles levam alguns minutos para me convencer a tirar o rosto da camisa porque lá é bem mais confortável, ninguém pode me ver. E quando reapareço, Caesar para um pouco de me fazer perguntas para que eu tenha tempo de me recuperar. Na realidade, ele me deixa em paz até o episódio das amoras.

– Katniss, sei que você acabou de ter um choque, mas sou obrigado a perguntar. No momento em que você pegou aquelas amoras, o que se passava em sua cabeça?

Faço uma longa pausa antes de responder, tentando organizar meus pensamentos. Esse é o momento crucial, que decidirá se desafiei mesmo a Capital ou fiquei tão louca com a perspectiva de perder Peeta que não posso ser responsabilizada por minhas ações. O incidente parece clamar por um grande e dramático discurso, mas tudo o que sai da minha boca é uma frase quase inaudível.

– Não sei, eu simplesmente... não consegui suportar a ideia de... viver sem ele.

– Peeta? Alguma coisa a acrescentar? – pergunta Caesar.

– Não, acho que isso serve para nós dois.

Caesar faz um sinal e a entrevista se encerra. Todos estão rindo e chorando e se abraçando, mas ainda não tenho certeza até alcançar Haymitch.

– Foi bom? – sussurro.

– Perfeito – responde ele.

Volto ao quarto para pegar algumas coisas e descubro que não há nada a ser pego a não ser o broche com o tordo que Madge me deu. Alguém o devolveu em meu quarto depois dos Jogos. Eles nos conduzem pelas ruas em um carro de janelas escuras, e o trem está esperando por nós. Quase não

temos tempo de nos despedir de Cinna e Portia, mas teremos de nos encontrar daqui a alguns meses, quando faremos a turnê pelos distritos para participarmos de várias cerimônias de comemoração pela vitória. É a maneira de a Capital lembrar às pessoas que os Jogos Vorazes nunca se encerram de fato. Nós receberemos várias medalhas inúteis e todos terão de fingir que nos amam.

O trem começa a se mover e nós mergulhamos na noite até ultrapassarmos o túnel, quando consigo respirar livremente pela primeira vez desde a colheita. Effie está nos acompanhando, assim como Haymitch, é claro. Nós comemos um farto jantar e nos sentamos em silêncio em frente à televisão para assistir à reprise da entrevista. Com a Capital a cada segundo mais distante de nós, começo a pensar em minha casa. Em Prim e em minha mãe. Em Gale. Peço licença para trocar o vestido por uma calça e uma camisa simples. À medida que retiro lenta e cuidadosamente minha maquiagem do rosto e prendo os cabelos, começo a me transformar novamente em mim mesma. Katniss Everdeen. Uma garota que mora na Costura. Caça na floresta. Negocia no Prego. Miro o espelho enquanto tento lembrar quem sou e quem não sou. Quando reencontro os outros, a pressão do braço de Peeta em meus ombros já parece bem distante de mim.

Quando o trem faz uma breve parada para reabastecer, nos é permitido sair para tomar um pouco de ar fresco. Não há mais nenhuma necessidade de sermos vigiados. Peeta e eu caminhamos ao longo do trilho, de mãos dadas, e não consigo achar nada para dizer, agora que estamos sozinhos. Ele para para colher um maço de flores silvestres para mim. Quando ele me entrega, faço um grande esforço para parecer satisfeita. Porque ele não tem como saber que as flores rosas e brancas são a cobertura das cebolas selvagens e só me fazem lembrar das horas que passei colhendo-as na companhia de Gale.

Gale. A perspectiva de encontrar Gale em questão de horas faz meu estômago revirar. Mas por quê? Não consigo enquadrar bem a coisa em minha mente. Só sei que é como se estivesse mentindo para alguém que confia em mim. Ou mais precisamente, para duas pessoas. Estive me esquivando disso até agora por causa dos Jogos. Mas lá em casa não haverá Jogos Vorazes atrás dos quais poderei me esconder.

– Algum problema? – pergunta Peeta.

– Nada – respondo. Nós continuamos a caminhada até o fim do trem, até onde tenho certeza quase absoluta de que não há nenhuma câmera

escondida nos arbustos rasteiros que margeiam o trilho. Ainda assim nenhuma palavra me escapa da boca.

Haymitch me assusta ao colocar a mão em minhas costas. Até agora, no meio do nada, ele mantém o tom de voz baixo.

– Excelente trabalho, vocês dois. Basta manter o ritmo no distrito até que as câmeras desapareçam. A gente vai se dar bem.

Observo-o retornar ao trem, evitando os olhos de Peeta.

– O que ele quis dizer? – pergunta Peeta.

– É a Capital. Eles não gostaram da nossa armação com as amoras – solto.

– O quê? Do que você está falando? – pergunta ele.

– A coisa pareceu rebelde demais. Aí Haymitch tem me orientado nos últimos dias para eu não piorar tudo.

– Orientado você? Mas não a mim – diz ele.

– Ele sabia que você era suficientemente esperto para proceder da maneira correta.

– Eu não sabia que havia algum motivo pra proceder de maneira correta – diz Peeta. – Então, o que você está dizendo é que, nesses últimos dias e também eu acho que... lá na arena... aquilo não passou de uma estratégia que vocês dois bolaram?

– Não, eu nem conseguia conversar com ele na arena, não lembra? – insisto.

– Mas você sabia o que ele queria que você fizesse, não sabia? – diz Peeta. Mordo o lábio. – Katniss? – Ele solta a minha mão e eu dou um passo à frente, como se estivesse tentando me equilibrar. – As suas atitudes foram todas em função dos Jogos – diz Peeta.

– Nem todas – retruco, segurando minhas flores com força.

– Então quais foram e quais não foram? Não, não. Esquece isso. Aposto que a verdadeira questão é o que vai sobrar quando a gente chegar em casa.

– Não sei. Quanto mais a gente se aproxima do Distrito 12, mais confusa eu fico. – Ele espera mais alguma explicação, mas nada acontece.

– Bem, me avisa quando você tiver alguma resposta – diz ele, e a dor em sua voz é perceptível.

Sei que meus ouvidos estão curados porque, mesmo com o barulho do motor, consigo escutar todos os passos que ele dá de volta ao trem. No momento em que subo a bordo, Peeta já está em seu quarto para passar a

noite. Também não o vejo na manhã seguinte. Na realidade, ele só reaparece quando estamos entrando no Distrito 12. Ele me acena com a cabeça, o rosto inexpressivo.

Quero dizer a ele que sua atitude não é justa. Que nós éramos estranhos. Que fiz o que era preciso para permanecer viva, para que nós dois permanecêssemos vivos na arena. Que não tenho como explicar como são as coisas com Gale porque não conheço nem a mim mesma. Que não é uma boa ideia me amar porque nunca vou me casar mesmo e ele ia acabar me odiando mais cedo ou mais tarde. Que não importa se tenho algum sentimento por ele, porque jamais serei capaz de proporcionar o tipo de amor que se transforma em uma família, em filhos. E como ele será capaz? Como ele será capaz depois de tudo o que passamos naquela arena?

Também quero dizer a ele o quanto já estou sentindo a sua falta. Mas isso não seria justo de minha parte.

Então, apenas ficamos parados em silêncio, observando nossa pequena e encardida estação crescer à nossa volta. Pela janela, vejo que a plataforma está repleta de câmeras. Todos devem estar assistindo ansiosamente à nossa volta para casa.

Com o canto do olho, vejo Peeta estender a mão. Olho para ele, sem muita certeza.

– Uma última vez? Para o público? – diz ele. Sua voz não está zangada, o que é pior. O garoto do pão já está me escapando.

Pego a sua mão, segurando com firmeza, preparando-me para as câmeras e abominando o momento em que finalmente terei de soltá-la.

Copyright © 2008 *by* Suzanne Collins

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br
www.facebook.com/roccojovensleitores
www.facebook.com/jogosvorazesatrilogia

EM CHAMAS

SUZANNE COLLINS

O segundo livro de JOGOS VORAZES

ROCCO

SUZANNE COLLINS

EM CHAMAS

Tradução
Alexandre D'Elia

ROCCO DIGITAL

Para meus pais,
Jane e Michael Collins,

e meus sogros,
Dixie e Charles Pryor

PARTE I

“A FAGULHA”

Aperto o cantil com firmeza em minhas mãos, muito embora a quentura do chá já tenha se dissipado há muito no ar gelado. Meus músculos estão rígidos devido ao frio. Se uma matilha de cães selvagens aparecer nesse instante, as chances de escalar uma árvore antes de eles atacarem são francamente desfavoráveis. Eu deveria me levantar, dar uma circulada, e tentar anular a rigidez de meus membros. Mas em vez disso, mantenho-me sentada, imóvel como a rocha que está embaixo de mim, enquanto o amanhecer começa a iluminar a floresta. Não tenho como lutar contra o sol. Posso apenas observar impotentemente como ele me carrega em direção a um dia que tenho abominado há meses.

Por volta do meio-dia eles estarão na minha nova casa na Aldeia dos Vitoriosos. Os repórteres, as equipes com as câmeras, até mesmo Effie Trinket, minha antiga acompanhante, terão se dirigido ao Distrito 12, vindos da Capital. Imagino se Effie ainda estará usando aquela ridícula peruca cor-de-rosa, ou se estará com alguma outra cor artificial especialmente para a Turnê da Vitória. Haverá outras pessoas esperando também. Uma equipe encarregada de cuidar de todas as minhas necessidades na longa viagem de trem. Uma equipe de preparação encarregada de me embelezar para as aparições públicas. Cinna, meu estilista e amigo, que desenhou o esplêndido traje que fez com que a audiência reparasse em mim pela primeira vez nos Jogos Vorazes.

Se pudesse escolher, tentaria esquecer por completo os Jogos Vorazes. Jamais falaria neles. Fingiria que não eram nada além de um sonho ruim. Mas a Turnê da Vitória torna isso impossível. Estrategicamente situada quase que entre um Jogo e outro, ela é uma maneira de manter o horror vivo e presente. Não apenas nós, residentes dos distritos, somos forçados a nos lembrar da mão de ferro do poder da Capital a cada ano, como também somos forçados a comemorá-la. E esse ano eu terei de viajar de distrito em distrito para aparecer diante das multidões entusiasmadas, que secretamente me odeiam, para olhar bem nos rostos dos familiares cujos filhos eu matei...

O sol persiste em se levantar, de modo que eu me ponho de pé. Todas as minhas juntas reclamam e minha perna esquerda está dormente há tanto tempo que leva vários minutos de caminhada para que eu volte a senti-la. Estou na floresta há três horas, mas como não fiz nenhuma tentativa real de caçar, não tenho nada comigo. Isso não tem mais importância para a minha mãe ou para a minha irmãzinha, Prim. Elas podem comprar carne no açougue da cidade, embora nenhuma de nós prefira o sabor do que se encontra por lá ao da carne de caça recém-abatida. Mas o meu melhor amigo, Gale Hawthorne, e sua família estão contando com o suprimento de hoje e eu não posso deixá-los na mão. Começo a jornada de uma hora e meia que será necessária para cobrir a nossa linha de armadilhas. Na época em que estávamos na escola, tínhamos tempo nas tardes para verificar a linha e caçar e coletar e ainda voltar para a cidade a tempo de realizar a venda. Mas agora que Gale foi trabalhar nas minas de carvão – e não tenho nada para fazer o dia inteiro –, passei a desempenhar essa função.

A essa altura Gale já terá batido o cartão de ponto nas minas, entrado no elevador que revira o estômago em direção às profundezas da terra e começado a martelar o revestimento de carvão. Sei muito bem como é lá embaixo. Todos os anos a minha turma da escola faz um tour nas minas como parte do treinamento. Quando era pequena, a experiência era simplesmente desagradável. Os túneis claustrofóbicos, o ar viciado, a escuridão sufocante em todos os lados. Mas depois que o meu pai e vários outros mineiros foram mortos numa explosão, mal podia me aproximar daquele elevador. O tour anual tornou-se uma enorme fonte de ansiedade para mim. Por duas vezes fiquei tão enjoada devido à expectativa do evento que minha mãe me deixou em casa porque imaginou que eu tivesse contraído uma gripe.

Penso em Gale, que só se sente realmente vivo na floresta, com ar fresco, luz do sol e a água límpida do rio. Não sei como ele aguenta. Bom... sei, sim. Ele aguenta porque essa é a única maneira de alimentar sua mãe, os dois irmãos e a irmã menor. E aqui estou eu com baldes e mais baldes de dinheiro, mais do que o suficiente para alimentar ambas as nossas famílias, e ele não admite pegar uma única moeda sequer. É ainda mais duro para ele permitir que eu leve a carne, embora ele tivesse com toda certeza suprido a minha mãe e Prim caso eu tivesse morrido nos Jogos. Digo a ele que está me fazendo um favor, que enlouqueço se tiver de ficar sentada o dia inteiro

sem fazer nada. Mesmo assim, nunca deixo a caça quando ele está em casa. O que é uma coisa fácil, já que ele trabalha doze horas por dia.

Agora eu só consigo ver Gale aos domingos, quando nos encontramos na floresta para caçar juntos. Ainda é o melhor dia da semana, mas não é mais como costumava ser, quando podíamos falar o que bem entendíamos um com o outro. Os Jogos estragaram até isso. Fico na esperança de que, à medida que o tempo passe, consigamos pouco a pouco readquirir a liberdade que existia entre nós, mas uma parte de mim sabe que isso é algo sem sentido. Não há como voltar atrás.

Tive sorte nas armadilhas – oito coelhos, dois esquilos e um castor que nadou em direção a um artefato de arame bolado pelo próprio Gale. Ele é um ás das armadilhas, amarrando-as em troncos curvados de modo que as presas fiquem fora do alcance dos predadores, equilibrando toras de madeira em delicados gatilhos formados por pequenos galhos, tecendo cestas para pegar peixes impossíveis de serem evitadas. À medida que avanço, montando as armadilhas novamente com todo o cuidado do mundo, sei que jamais serei capaz de rivalizar seu instinto para o equilíbrio, seu instinto para o momento em que a presa cruzará a trilha. É muito mais do que experiência. É um dom natural. Tal qual a maneira como acerto um animal, mesmo na mais completa escuridão, abatendo-o com uma única flecha.

Quando volto para a cerca que envolve o Distrito 12, o sol já está bem alto. Como sempre, paro para escutar por um instante, mas não há nenhum zumbido indicando uma corrente de eletricidade passando pela cerca. Quase nunca há, muito embora a barreira supostamente permaneça eletrificada 24 horas por dia. Eu me espremo através da abertura embaixo do muro e chego na Campina, que fica a um arremesso de pedra de minha casa. Minha antiga casa. Nós ainda a mantemos já que, oficialmente, o local ainda é a residência designada para minha mãe e minha irmã. Se eu caísse morta agora mesmo, elas seriam obrigadas a voltar para lá. Mas hoje as duas estão confortavelmente instaladas na nova casa, na Aldeia dos Vitoriosos, e sou a única pessoa que utiliza o lugar apertadinho onde fui criada. Para mim, aquela é a minha verdadeira casa.

Vou para lá agora trocar de roupa. Trocar a velha jaqueta de couro de meu pai por um elegante casaco de lã que sempre parece apertado demais nos meus ombros. Substituir as minhas botas de caça gastas e macias por um par de caros sapatos feitos numa máquina, os quais minha mãe imagina

que são mais apropriados para alguém com o meu status. Já guardei o meu arco e as minhas flechas num tronco oco da floresta. Embora o tempo esteja se esgotando, permito-me ficar sentada na cozinha alguns minutinhos. O local exala uma sensação de abandono, sem fogo algum na lareira, sem toalha em cima da mesa. Tenho saudades de minha antiga vida aqui. Nós mal conseguíamos nos manter vivas, mas sabia onde me encaixava, sabia qual era o meu lugar na trama bem-urdida que era a nossa vida. Gostaria muito de poder voltar para cá porque, olhando o passado, ela parece tão segura em comparação à que vivo agora, sendo tão rica e tão famosa e tão odiada pelas autoridades na Capital.

Um gemido na porta dos fundos chama minha atenção. Abro a porta e encontro Buttercup, o gato velho e sujo de Prim. A nova casa desagrada a ele quase tanto quanto a mim, e ele sempre sai de lá quando minha irmã está na escola. Nós nunca fomos particularmente amigos, mas agora temos esse novo laço. Eu o deixo entrar, dou-lhe um naco de gordura de castor e até faço um carinho entre as suas orelhas.

– Você é horrível, sabia? – digo a ele. Buttercup encosta na minha mão em busca de mais carinho, mas nós temos que ir embora. – Vamos lá. – Eu o agarro com uma das mãos, pego o saco que contém a minha caça com a outra e carrego tudo para a rua. O gato se solta de mim e desaparece debaixo de um arbusto.

Os sapatos pinicam os meus tornozelos à medida que vou pisando a rua cinzenta de carvão. Atravessando becos e passando por quintais, chego à casa de Gale em questão de minutos. Sua mãe, Hazelle, debruçada na pia da cozinha, me vê pela janela. Ela seca as mãos no avental e desaparece para me receber na porta da casa.

Gosto de Hazelle. Eu a respeito. A explosão que matou meu pai também levou seu marido, deixando-a com três garotos e um bebê a caminho. Menos de uma semana depois de dar à luz, ela estava nas ruas à caça de trabalho. As minas não eram uma opção, sobretudo com um bebê para tomar conta, mas ela conseguiu arrumar roupa para lavar com alguns comerciantes da cidade. Aos quatorze anos, Gale, o mais velho dos garotos, tornou-se o principal sustentáculo da família. Ele já era candidato a tésseras, o que lhes dava o direito de receber um mísero suprimento de grãos e óleo em troca de Gale inscrever seu nome diversas vezes no sorteio anual dos tributos. E ainda por cima, naquela época ele já era um habilidoso montador de armadilhas. Mas isso não era o suficiente para

manter uma família de cinco pessoas sem que Hazelle trabalhasse no tanque até que seus dedos ficassem em carne viva. No inverno, as mãos dela ficavam tão vermelhas e quebradiças que sangravam ao mais simples toque. E sangrariam até hoje se não fosse por um unguento preparado por minha mãe. Mas Hazelle e Gale estavam determinados a não permitir que as outras crianças, Rory, de doze anos, Vick, de onze, e Posy, o bebê de quatro anos, jamais se candidatassem a tésseras.

Hazelle sorri quando vê a caça. Ela pega o castor pelo rabo, sentindo seu peso.

– Isso aqui vai dar um belo de um cozido. – Ao contrário de Gale, ela não liga nem um pouco para o nosso acordo referente à caça.

– Boa pele também – respondo. É reconfortante estar aqui com Hazelle. Avaliando os méritos da caça como sempre fizemos. Ela serve uma caneca de chá de ervas em torno da qual envolvo os meus dedos enregelados com muita gratidão. – Estava pensando em levar Rory pra dar um passeio comigo um dia desses, quando voltar da turnê. Depois da aula. Ensinar ele a atirar.

Hazelle balança a cabeça em concordância.

– Isso ia ser bom. Gale também quer fazer isso, mas ele tem o domingo livre, e acho que gosta de reservar esses dias pra você.

Não consigo impedir o rubor que inunda o meu rosto. É uma bobagem, claro. Quase ninguém me conhece melhor do que Hazelle. Conhece os laços que compartilho com Gale. Tenho certeza de que inúmeras pessoas imaginavam que mais dia menos dia nos casaríamos, mesmo que tal coisa jamais tivesse passado pela minha cabeça. Mas isso foi antes dos Jogos. Antes de meu companheiro tributo, Peeta Mellark, anunciar que estava loucamente apaixonado por mim. Nosso romance tornou-se a estratégia central para nossa sobrevivência na arena. Só que para Peeta não foi apenas uma estratégia. Não tenho certeza do que foi para mim. Mas agora sei que o episódio foi tremendamente doloroso para Gale. Sinto um aperto no peito só de pensar em como Peeta e eu teremos de nos apresentar novamente como amantes durante a Turnê da Vitória.

Dou um gole no chá, embora a bebida esteja quente demais, e me afasto da mesa.

– É melhor eu ir andando. Preciso dar um trato no visual para me apresentar diante das câmeras.

Hazelle me abraça.

– Aproveite a comida.

– Com certeza – digo.

Minha próxima parada é o Prego, onde tradicionalmente comercializo minhas mercadorias. Anos atrás o local era um armazém que servia para estocar carvão, mas, quando entrou em desuso, virou ponto de encontro para todo tipo de transação comercial ilegal e, em seguida, transformou-se num mercado negro. Se o lugar atrai um determinado tipo de elemento criminoso, então é o meu local, imagino. Caçar na floresta que cerca o Distrito 12 viola pelo menos uma dezena de leis e a punição é a morte.

Embora jamais mencionem isso, devo muito às pessoas que frequentam o Prego. Gale me contou que Greasy Sae, a velha que serve sopa, começou a coletar donativos para nos patrocinar, a mim e a Peeta, durante os Jogos. Era para ser apenas uma coisa do Prego, mas muitas outras pessoas ficaram sabendo e resolveram contribuir. Não sei exatamente quanto foi arrecadado, só que o preço de cada dádiva na arena era exorbitante. Mas até onde sei, para mim a iniciativa representou a diferença entre a vida e a morte.

Ainda acho estranho abrir aquela porta da frente segurando um saco vazio, nenhuma caça, nada para vender e, ao invés, sentir os bolsos cheios de moedas pesando em minha cintura. Tento ir ao máximo de barracas possível, dividindo minhas compras entre café, pães, ovos, seda e óleo. Depois lembro de acrescentar três garrafas de aguardente branca que compro de uma mulher de um braço só chamada Ripper, uma vítima de um acidente na mina que foi esperta o suficiente para achar uma maneira de continuar viva.

A aguardente não é para minha família. É para Haymitch, meu mentor e de Peeta nos Jogos. Ele passa a maior parte do tempo de cara amarrada, agressivo e bêbado. Mas Haymitch fez o trabalho dele – mais do que isso até – porque, pela primeira vez na história, foi permitido que dois tributos vencessem. Por isso, independentemente de quem seja Haymitch, devo muito a ele também. E a dívida é eterna. Vou levar a aguardente branca porque, há algumas semanas, o estoque dele acabou e não havia mais nenhuma garrafa à venda, o que o levou a ter uma crise de abstinência, tremendo e berrando para coisas assustadoras que somente ele conseguia enxergar. Ele deixou Prim morrendo de medo e, para ser franca, eu também não achei nem um pouco divertido vê-lo naquele estado. Desde então, tenho

estocado o produto para a eventualidade de ele voltar a sumir das prateleiras.

Cray, nosso Pacificador Chefe, franze a testa quando me vê com as garrafas. É um homem idoso com alguns fios de cabelo grisalhos penteados para os lados, sobre a cabeça brilhante e rosada.

– Esse troço é forte demais pra você, menina. – Ele deve saber. Fora Haymitch, nunca conheci uma pessoa que bebesse tanto quanto Cray.

– Ah, minha mãe usa isso aqui em alguns remédios – digo, indiferente.

– Bom, isso mata praticamente qualquer coisa – responde ele, e me dá uma moeda por uma garrafa.

Quando chego a barraca de Greasy Sae, dou um pulo, sento-me no balcão e peço um pouco de sopa, que parece uma mistura de abóbora com feijão. Um Pacificador chamado Darius chega e compra uma tigela enquanto tomo a sopa. De todos os membros da força policial, ele é um dos meus favoritos. Não fica dando uma de fortão e tem sempre uma boa piada para contar. Provavelmente está na faixa dos vinte e poucos anos, mas não parece ser muito mais velho do que eu. Algo em seu sorriso, em seus cabelos ruivos desalinhados, lhe dá um aspecto de menino.

– Você não deveria estar no trem uma hora dessas? – pergunta ele.

– Eles vão me pegar ao meio-dia – respondo.

– Você não podia estar mais arrumadinha? – pergunta ele num sussurro. Não consigo deixar de sorrir para a implicância, apesar do humor em que me encontro. – Poderia colocar uma fitinha nos cabelos ou alguma coisa assim. – Ele dá uma sacudida na minha trança e afasto a mão dele.

– Não se preocupe. Quando eles tiverem terminado comigo, estarei irreconhecível – digo.

– Bom – diz ele. – Vamos mostrar um pouquinho de orgulho pelo nosso distrito, só pra variar, hein, senhorita Everdeen? – Ele balança a cabeça para Greasy Sae como quem finge estar indignado e vai se juntar aos amigos.

– Quero essa tigela de volta – grita Greasy Sae na sua direção, mas, como está rindo, seu tom não parece lá dos mais sérios. – Gale vai se despedir de você? – pergunta-me ela.

– Não, ele não estava na lista – digo. – Mas estive com ele no domingo.

– Imaginei que estivesse na lista, já que é seu primo e coisa e tal – disse ela, com ironia.

É mais uma parte da mentira que a Capital produziu. Quando Peeta e eu ficamos entre os oito finalistas nos Jogos Vorazes, eles enviaram repórteres ao distrito para traçar um perfil de nós dois. Quando perguntaram sobre meus amigos, todos se dirigiram a Gale. Mas não era possível que eu tivesse Gale como melhor amigo com toda aquela história romântica entre Peeta e eu rolando na arena. Gale era bonito demais, másculo demais, e não estava nem um pouco disposto a sorrir e a dar uma de simpático para as câmeras. Entretanto, somos bem parecidos fisicamente. Ambos temos aquele visual típico da Costura. Cabelos lisos e escuros, pele morena, olhos cinzentos. Aí, algum gênio resolveu fazer dele meu primo. Não tinha noção de nada disso até o momento em que voltei para casa. Quando desci do trem e pisei na plataforma, minha mãe disse: "Seus primos estão loucos para vê-la!" Em seguida, virei-me e vi Gale e Hazelle e todas as crianças esperando por mim, então a única coisa que podia fazer era continuar com a farsa.

Greasy Sae sabe que não somos parentes, mas mesmo algumas pessoas que nos conhecem há anos parecem ter esquecido disso.

– Não aguento mais esperar! Quero que tudo isso acabe logo – sussurro.

– Eu sei – diz Greasy Sae. – Mas você precisa primeiro passar pelo meio da coisa para que ela acabe. É melhor não se atrasar.

Uma neve branda começa a cair enquanto me dirijo à Aldeia dos Vitoriosos. Fica a mais ou menos um quilômetro de caminhada da praça no centro da cidade, mas o local parece um mundo completamente diferente. É uma comunidade separada construída ao redor de um lindo campo verde repleto de plantas e flores. São doze casas, cada qual suficientemente grande para acomodar em seu interior dez casas iguais àquela em que fui criada. Nove estão vazias, como sempre estiveram. As três que estão em uso pertencem a Haymitch, Peeta e eu.

As casas habitadas pela minha família e pela de Peeta possuem um aconchegante brilho de vida. Janelas iluminadas, fumaças de chaminés, vários feixes de milho coloridos pendurados nas portas da frente como decoração para o Festival da Colheita que se aproxima. Entretanto, a casa de Haymitch, apesar do cuidado do caseiro, exala um ar de abandono e descaso. Paro na frente da casa dele, preparando-me para entrar, ciente de que será uma experiência desagradável, e em seguida entro.

Torço o nariz de puro nojo. Haymitch se recusa a deixar que alguém entre para fazer uma limpeza e o que ele faz para resolver o problema sozinho não adianta de nada. Ao longo dos anos, os odores de bebida e vômito, repolho cozido e carne queimada, roupa suja e dejetos de ratos têm se misturado a um fedor que enche meus olhos de lágrimas. Vou abrindo caminho em meio a uma verdadeira lixeira de embalagens usadas, vidro quebrado e ossos para chegar ao lugar onde sei que vou encontrar Haymitch. Ele está sentado à mesa da cozinha, braços esparramados na madeira, o rosto em cima de uma poça de álcool, roncando em alto e bom som.

Cutuco o ombro dele.

– Levanta! – grito bem alto, porque sei que não existe um jeito sutil de acordá-lo. Seu ronco para por um momento, como se ele estivesse avaliando a situação, e em seguida recomeça. Eu o empurro com força. – Acorda, Haymitch. Hoje é o nosso dia! – Abro a janela, respirando bem fundo o ar puro que vem de fora. Meus pés remexem o lixo no chão, desenterro uma cafeteira de cobre e a encho na pia. O fogão ainda não se apagou completamente e consigo acender uma chama a partir de alguns carvões. Despejo um pouco de pó de café na xícara, o suficiente para garantir uma mistura boa e forte, e coloco a cafeteira no fogo.

Haymitch continua morto para o mundo. Como nada mais funcionou, encho uma bacia com água gelada, derramo em cima da cabeça dele e saio da frente correndo. Um som gutural e animalesco sai de sua garganta. Ele dá um salto, chutando a cadeira para trás, segurando uma faca. Esqueço que ele sempre dorme agarrado a uma faca. Devia ter arrancado o objeto de sua mão, mas minha cabeça já está cheia demais. Vociferando um monte de blasfêmias, ele dá alguns golpes no ar antes de voltar a si. Enxuga o rosto na manga da camisa e volta-se para o parapeito da janela onde fico empoleirada para o caso de precisar sair rapidamente.

– O que você está fazendo? – ele explode.

– Você pediu pra lhe acordar uma hora antes das câmeras chegarem – respondo.

– O quê? – diz ele.

– A ideia foi sua – insisto.

Ele parece estar se lembrando.

– Por que estou todo molhado?

– Não consegui acordá-lo de outro jeito – digo. – Escute, se você queria ser tratado como um bebê era melhor ter pedido a Peeta.

– Pedido o quê? – Só de ouvir o som da voz dele meu estômago já se contorce em meio a uma coleção de emoções desagradáveis como culpa, tristeza e medo. E saudade. Eu poderia muito bem admitir que tem um pouco disso também. Só que a competição é muito grande para que ela tenha alguma chance de vencer.

Observo Peeta atravessar a cozinha em direção à mesa, a luz do sol que entra pela janela refletindo o brilho da neve em seus cabelos louros. Ele parece forte e saudável, muito diferente do garoto doente e faminto que conheci na arena, e mal se percebe que está mancando. Ele coloca um pão recém-saído do forno em cima da mesa e estende a mão para Haymitch.

– Pedi pra vocês me acordarem, não para me causar uma pneumonia – diz Haymitch, soltando a faca. Ele tira a camisa imunda, exibindo uma camiseta igualmente suja, e se esfrega de alto a baixo com a parte seca.

Peeta sorri e molha a faca de Haymitch na aguardente branca da garrafa que está no chão. Ele enxuga a lâmina na manga da camisa até deixá-la bem limpa e corta uma fatia de pão. Peeta sempre nos fornece pão fresquinho. Eu caço. Ele faz pão. Haymitch bebe. Temos nossas próprias maneiras de nos manter ocupados, de manter as recordações de nossa experiência como competidores nos Jogos Vorazes devidamente controladas. Só depois de dar a Haymitch a ponta do pão é que Peeta olha para mim pela primeira vez.

– Quer um pedaço?

– Não, comi no Prego – digo. – Mas muito obrigada assim mesmo. – Minha voz não parece pertencer a mim, está formal demais. Exatamente como tem sido todas as vezes em que falo com Peeta desde que as câmeras terminaram de filmar o nosso feliz retorno a nossos lares e vidas reais.

– Fique à vontade – diz ele friamente.

Haymitch joga a camisa em algum ponto da bagunça.

– Brrr. Vocês dois precisam fazer um bom aquecimento antes do show.

Ele tem razão, é claro. A audiência estará à espera do par de pombinhos que venceu os Jogos Vorazes. Não de duas pessoas que mal conseguem se olhar nos olhos. Mas a única coisa que digo é:

– Vá tomar um banho, Haymitch. – Em seguida, giro o corpo na janela, pulo e ando em direção à minha casa pela relva verde.

A neve ficou mais densa, e deixo um rastro de pegadas atrás de mim. Na porta, paro para sacudir os sapatos úmidos antes de entrar. Minha mãe tem trabalhado noite e dia para deixar tudo perfeito para as câmeras, de modo que não tem nenhum cabimento sujar de neve o chão que ela deixou brilhando. Mal pisei dentro de casa e ela já está lá segurando o meu braço como se quisesse me impedir de entrar.

– Pode deixar, estou tirando-os aqui – digo, deixando os sapatos no capacho.

Minha mãe dá um sorriso esquisito, como de alívio, e retira do meu ombro o saco com a caça.

– É só neve. A caminhada foi boa?

– Caminhada? – Ela sabe muito bem que passei quase a noite toda na floresta. Então, vejo o homem em pé atrás dela na porta da cozinha. Só de olhar para seu terno bem-cortado e para suas feições cirurgicamente perfeitas, sei que ele é da Capital. Há algo errado. – Caminhada nada, foi mais uma patinação. Está super escorregadio lá fora.

– Tem alguém aqui lhe esperando – diz minha mãe. Seu rosto está pálido demais e consigo perceber a ansiedade que ela está tentando esconder.

– Pensei que só chegariam ao meio-dia – digo, fingindo não reparar o estado dela. – Cinna chegou mais cedo para ajudar a me preparar?

– Não, Katniss, é o... – começa minha mãe.

– Por aqui, por favor, senhorita Everdeen – diz o homem. Ele faz um gesto para que eu me dirija ao corredor. É estranho ser conduzida dentro de sua própria casa, mas sei muito bem que é melhor não fazer nenhum comentário a respeito.

Enquanto sigo, sorrio por cima do ombro para minha mãe, a fim de garantir a ela que não há nada de errado.

– Provavelmente mais instruções para a turnê. – Eles têm me enviado todo tipo de material sobre o itinerário e sobre os protocolos a serem observados em cada distrito. Mas, à medida que vou andando em direção à porta do estúdio, uma porta que nunca vi fechada até aquele momento, sinto que minha mente começa a disparar torpedos de alerta para todos os lados. Quem está aqui? O que será que eles querem? Por que a minha mãe está tão pálida?

– Entre – diz o homem da Capital que me conduziu pelo corredor.

Giro a maçaneta de metal polido e entro. Meu nariz registra aromas conflitantes de rosas e sangue. Um homem pequeno e de cabelos brancos que me parece vagamente familiar está lendo um livro. Ele ergue um dedo como que para dizer: “Só um instante.” Em seguida se vira, e meu coração quase para de bater.

Estou olhando bem nos olhos de serpente do presidente Snow.

Na minha cabeça, o presidente Snow deveria ser visto em pilares de mármore adornados com bandeiras gigantescas. É perturbador vê-lo cercado de objetos comuns em minha sala. É como tirar a tampa de uma panela e encontrar uma víbora com os dentes arreganhados em vez do cozido.

O que poderia estar fazendo aqui? Minha mente volta rapidamente aos dias de abertura de outras turnês da vitória. Lembro-me de ter visto os tributos vitoriosos com seus mentores e estilistas. Até alguns oficiais do alto escalão do governo apareciam vez por outra. Mas nunca havia visto o presidente Snow. Ele participa das celebrações na Capital. Ponto.

Para ter feito todo esse percurso desde a sua cidade só pode significar uma única coisa. Estou em sérios apuros. E se estou mesmo, minha família também está. Um calafrio percorre meu corpo quando penso em minha mãe e minha irmã perto desse homem que me despreza. E sempre me desprezará. Porque passei a perna em seus sádicos Jogos Vorazes, obriguei a Capital a fazer papel de boba e consequentemente minei seu controle.

Tudo o que estava tentando fazer era manter Peeta e eu vivos. Qualquer ato de rebelião que possa ter existido foi puramente casual. Mas quando a Capital decreta que apenas um tributo pode ficar vivo e você tem a audácia de desafiá-la, imagino que isso por si só já seja uma rebelião. Minha única defesa era fingir que estava sendo levada à loucura pela minha paixão por Peeta. Então nós dois tivemos permissão para continuar vivos. Para ser coroados como vitoriosos. Para poder voltar para casa, comemorar, dar adeus às câmeras e ser deixados finalmente em paz. Até agora.

Talvez seja a novidade da casa, ou o choque de vê-lo, ou a compreensão mútua de que ele poderia mandar me matar em um segundo que faz com que me sinta uma intrusa. Como se aquela fosse a casa dele e eu fosse a penetra. Então, não lhe dou as boas-vindas nem lhe ofereço uma cadeira. Não digo nada. Na realidade, trato-o como se fosse uma verdadeira cobra, do tipo mais venenoso. Fico imóvel, olhos grudados nele, avaliando as possibilidades de uma fuga.

– Acho que podemos tornar toda essa situação muito mais simples se concordarmos que um não deve mentir para o outro – diz ele. – O que você acha?

Acho que minha língua ficou congelada e falar seria algo impossível, então surpreendo-me respondendo com uma voz firme:

– Sim, isso nos poupará tempo.

O presidente Snow sorri e reparo em seus lábios pela primeira vez. Estou esperando lábios de serpente, o que significa nenhum lábio. Mas os dele são grossos, a pele bastante esticada. Sou obrigada a imaginar se a sua boca foi modificada para fazer com que ele ficasse mais atraente. Se for o caso, foi uma perda de tempo e de dinheiro porque ele não é nem um pouco atraente.

– Meus conselheiros estavam preocupados com a possibilidade de você ser uma pessoa difícil, mas você não está planejando ser uma pessoa difícil, está? – pergunta ele.

– Não – respondo.

– Foi o que disse para eles. Eu disse que uma garota que passou por tantos infortúnios para se manter viva não vai estar interessada em jogar tudo isso fora de mão beijada. Sem falar na família que ela precisa proteger. Sua mãe, sua irmã e todos aqueles... primos. – Pelo jeito como demorou para falar a palavra “primos”, posso dizer de antemão que ele sabe que Gale e eu não compartilhamos nenhuma parte de nossa árvore genealógica.

Bom, todas as cartas estão sobre a mesa agora. Talvez seja melhor assim. Eu não me dou muito bem com ameaças ambíguas. Prefiro saber logo como está o placar.

– Vamos sentar. – O presidente Snow senta-se à grande escrivaninha de madeira polida onde Prim faz seus deveres de casa, e minha mãe, seus orçamentos. A exemplo de nossa casa, esse é um local onde ele não tem nenhum direito (apesar de ter, no fundo, no fundo, todos os direitos) de ocupar. Sento-me em frente à escrivaninha em uma das cadeiras entalhadas de encosto reto. Ela é feita para uma pessoa mais alta do que eu, de modo que somente as pontas dos meus pés tocam o chão.

– Estou com um problema, senhorita Everdeen – diz o presidente Snow. – Um problema que começou no momento em que você pegou aquelas amoras envenenadas na arena.

Esse foi o momento em que imaginei que se os Idealizadores dos Jogos tivessem de escolher entre assistir a Peeta e eu cometermos suicídio – o que teria significado a falta de um vencedor – e permitir que nós dois permanecêssemos vivos, eles ficariam com a segunda opção.

– Se o Chefe dos Idealizadores dos Jogos, Seneca Crane, tivesse alguma coisa naquela cabeça, ele teria transformado você em pó ali mesmo. Mas ele teve um desafortunado ataque de sentimentalismo. Então você está bem aqui. Pode imaginar onde ele está? – pergunta ele.

Balanço a cabeça porque, pela maneira como ele fala, está mais do que claro que Seneca Crane foi executado. O cheiro de rosas e de sangue ficou ainda mais forte agora que apenas uma escrivaninha nos separa. Tem uma rosa na lapela do presidente Snow, o que pelo menos sugere uma fonte para o perfume de flor, mas ela deve ser geneticamente aprimorada, porque nenhuma rosa verdadeira exala um aroma como aquele. Quanto ao sangue... eu não sei.

– Depois disso, não havia mais nada a fazer além de deixar que vocês dois prosseguissem com sua pequena encenação. E você foi muito boa nisso também, como aquele jeitinho de estudante loucamente apaixonada. As pessoas na Capital ficaram bastante convencidas. Infelizmente, nem todo mundo foi enganado por seu ato dramático – diz ele.

Meu rosto deve estar registrando pelo menos uma pontinha de espanto por ele tocar nesse assunto.

– Isso, é claro, você não sabe. Você não tem acesso a informações sobre o clima nos distritos. Em vários deles, todavia, as pessoas viram o seu pequeno truque com as amoras como um ato de desafio, não como um ato de amor. E se uma garota do Distrito 12, logo esse!, pode desafiar a Capital e escapar incólume, o que os impedirá de fazer o mesmo? – diz ele. – O que poderá impedir, digamos, um levante?

Demora um pouco para a última sentença dele penetrar na minha cabeça. Então todo o peso dela me atinge em cheio.

– Ocorreram levantes? – pergunto, não só tremendo de medo, mas também um pouco exultante diante da possibilidade.

– Ainda não. Mas ocorrerão se o curso dos acontecimentos não mudar. E é sabido que levantes levam a revoluções. – O presidente Snow esfrega um ponto em cima da sobrancelha esquerda, o exato ponto onde eu mesma tenho as minhas dores de cabeça. – Você faz alguma ideia do que isso significaria? De quantas pessoas morreriam? Das condições que os

sobreviventes teriam de enfrentar? Independentemente dos problemas que alguém possa ter com a Capital, acredite quando digo que se ela lançar suas garras sobre os distritos, mesmo que por um curto período de tempo, todo o sistema desmoronará.

Fico chocada com a franqueza e mesmo com a sinceridade do discurso. Como se a sua principal preocupação fosse o bem-estar dos cidadãos de Panem, quando na verdade nada poderia ser mais distante da verdade do que isso. Não sei como ouso dizer as palavras seguintes, mas digo.

– Ele deve ser muito frágil mesmo, se um punhado de amoras pode derrubá-lo.

Há uma longa pausa enquanto ele me examina. Então ele apenas diz:

– É frágil, sim, mas não da maneira que você imagina. Alguém bate na porta e em seguida o homem da Capital estica a cabeça.

– A mãe dela quer saber se o senhor quer chá.

– Eu gostaria. Gostaria muito de tomar um chá – diz o presidente. A porta se abre ainda mais e lá está minha mãe em pé segurando uma bandeja com um serviço de chá de porcelana que ela trouxe para a Costura quando se casou. – Pode colocar aqui, por favor. – Ele coloca o livro que estava lendo no canto da escrivaninha e dá uma batidinha com a mão no centro.

Minha mãe coloca a bandeja na escrivaninha. Ela contém um bule de chá e xícaras de porcelana, leite e açúcar, e um pratinho com biscoitos lindamente decorados com suaves flores coloridas. A decoração só pode ser obra de Peeta.

– Que visão mais convidativa. Você sabe, é engraçado o quanto as pessoas frequentemente se esquecem que os presidentes também precisam comer – diz o presidente Snow, com todo o seu charme. Bom, de qualquer modo o gesto parece acalmar um pouco a minha mãe.

– O senhor deseja mais alguma coisa? Posso preparar alguma coisa mais substanciosa se o senhor está com fome – oferece ela.

– Não, melhor do que isso impossível. Muito obrigado – diz ele, dispensando-a. Minha mãe curva a cabeça, olha para mim de relance e vai embora. O presidente Snow serve o chá para nós dois e coloca leite e açúcar em sua xícara. Em seguida, passa um bom tempo mexendo. Sinto que ele já disse tudo o que tinha a dizer e está esperando a minha resposta.

– Eu não tive intenção de começar nenhum levante – digo a ele.

– Acredito em você. Pouco importa. Seu estilista acabou sendo profético na escolha de seu traje. Katniss Everdeen, a garota em chamas, você acendeu uma fagulha que, se não for contida, pode crescer e se transformar num inferno que destruirá Panem – diz ele.

– Por que o senhor simplesmente não me mata agora? – solto a pergunta.

– Publicamente? Isso apenas acrescentaria combustível às chamas.

– Providencie um acidente, então – sugiro.

– Quem acreditaria nisso? – pergunta ele. – Você não acreditaria, se estivesse assistindo.

– Então o senhor poderia simplesmente dizer o que deseja que eu faça. É só dizer que eu faço.

– Se ao menos a coisa fosse assim tão simples. – Ele pega um dos biscoitos floridos e o examina. – Magnífico. Foi a sua mãe que fez?

– Peeta. – E, pela primeira vez, descubro que não sou capaz de encará-lo. Vou pegar o chá, mas o coloco de volta quando ouço o ruído da xícara roçando no pires. Para disfarçar, pego rapidamente um biscoito.

– Peeta. Como está o amor da sua vida?

– Bem – digo.

– Em que momento ele se deu conta do grau exato de sua indiferença? – pergunta ele, mergulhando o biscoito no chá.

– Eu não sou indiferente.

– Mas talvez não tão encantada com o jovem quanto fez o país acreditar – diz.

– Quem diz que eu não sou?

– Eu digo. E não estaria aqui se fosse a única pessoa que tivesse dúvidas a esse respeito. Como anda o primo bem-apessoado?

– Eu não sei... eu não... – Minha ojeriza em relação a essa conversa, a discutir com o presidente Snow meus sentimentos por duas das pessoas que mais estimo, faz com que as minhas palavras saiam engasgadas.

– Fale, senhorita Everdeen. Posso matá-lo facilmente se não chegarmos a uma resolução feliz – diz o presidente. – Você não está fazendo nenhum favor a ele desaparecendo na floresta em sua companhia todos os domingos.

Se ele sabe disso, o que mais ele sabe? E como ele sabe disso? Muitas pessoas podiam dizer a ele que Gale e eu passamos nossos domingos caçando. Por acaso, não aparecemos no fim de cada um desses dias

abarrotados de caça? E não fazemos isso há anos? A verdadeira questão é o que ele acha que acontece na floresta além do Distrito 12. Certamente não temos sido rastreados lá. Ou temos? Será que fomos seguidos? Isso parece impossível. Pelo menos de ser feito por uma pessoa. Câmeras? Até agora isso não havia passado pela minha cabeça. A floresta sempre foi nosso local mais seguro, nosso local além do alcance da Capital, onde somos livres para dizer o que sentimos, para ser o que realmente somos. Pelo menos antes dos Jogos. Se temos sido observados desde então, o que eles viram? Duas pessoas caçando, dizendo coisas traiçoeiras contra a Capital, sim, não resta dúvida. Mas não duas pessoas que se amam, o que parece ser a conclusão do presidente Snow. Estamos livres dessa acusação. A menos que... a menos que...

Aconteceu uma única vez. Foi rápido e inesperado, mas aconteceu de fato.

Depois que Peeta e eu voltamos dos Jogos, passaram-se várias semanas até que eu ficasse a sós com Gale. No início, eram as celebrações obrigatórias. Um banquete para os vitoriosos para o qual somente as pessoas dos mais altos escalões eram convidadas. Um feriado para todo o distrito com comida de graça e animadores trazidos da Capital. O Dia da Parcela, o primeiro de doze, em que pacotes de comida foram entregues a todas as pessoas do distrito. Essa foi minha celebração favorita. Ver todas aquelas crianças famintas da Costura correndo de um lado para o outro brandindo latas de creme de maçã, carne enlatada e até balas. Em casa, pesados demais para serem carregados, seriam encontrados sacos de grãos, latas de óleo. Saber que uma vez por mês por um ano inteiro todos eles receberiam uma nova parcela. Essa foi uma das únicas vezes em que realmente me senti bem por ter vencido os Jogos.

Então, entre cerimônias e eventos e repórteres documentando todos os meus passos enquanto me apresentava em público e agradecia e beijava Peeta para a audiência, eu não tinha nenhuma privacidade. Depois de algumas semanas, as coisas finalmente arrefeceram. As equipes de filmagem e os repórteres foram embora. Peeta e eu assumimos a fria relação que tínhamos tido desde então. Minha família se estabeleceu em nossa casa na Aldeia dos Vitoriosos. A vida cotidiana do Distrito 12 – trabalhadores nas minas, crianças na escola – voltou a sua rotina e a seu ritmo normais. Esperei até achar que o território estava de fato limpo e

então, num domingo, sem dizer nada a ninguém, levantei-me horas antes do nascer do sol e me encaminhei para a floresta.

A temperatura ainda estava quente o suficiente para que não precisasse de casaco. Levei um saco cheio de comidas especiais: galinha fria, queijo, pães assados e laranjas. Na minha antiga casa, vesti minhas botas de caçada. Como de costume, a cerca não estava eletrificada e foi simples deslizar para a floresta e pegar meu arco e as minhas flechas. Fui para o nosso local, meu e de Gale, onde tomamos café da manhã juntos na manhã da colheita que me mandou para os Jogos.

Esperei por pelo menos duas horas. Tinha começado a pensar que ele havia desistido de mim nas semanas que haviam passado. Ou que ele não gostava mais de mim. Ou até me odiava. E a ideia de perdê-lo para sempre, meu melhor amigo, a única pessoa a quem confiei meus segredos, era tão dolorosa que eu mal conseguia suportar. Não depois de tudo o mais que havia acontecido. Sentia as lágrimas escorrendo em meus olhos e a garganta começando a se fechar como sempre ocorre quando fico chateada.

Então, levantei os olhos e lá estava ele, a três metros de distância, apenas me observando. Sem nem mesmo pensar, dei um salto e o abracei com força, deixando escapar um estranho som que misturava riso, engasgo e choro. Ele me abraçava com tanta força que eu nem conseguia ver o seu rosto, e demorou um bom tempo até que me soltasse, mas, então, ele já não tinha muita escolha porque eu estava tendo uma crise de soluços tão inacreditável que precisava urgentemente beber alguma coisa.

Naquele dia, fizemos o que sempre fazíamos. Tomamos nosso café da manhã. Caçamos, pescamos e colhemos. Conversamos sobre as pessoas na cidade. Mas não sobre nós, sua nova vida nas minas, o período que passei na arena. Sobre outras coisas apenas. Quando estávamos no buraco do muro que fica próximo ao Prego, acho que eu realmente já estava acreditando que as coisas poderiam voltar a ser como sempre foram. Que poderíamos ser como sempre fomos. Havia entregue toda a caça para Gale vender, já que tínhamos comida de sobra agora. Disse para ele que não iria ao Prego dessa vez, mesmo estando com muita vontade de aparecer por lá, porque minha mãe e minha irmã não sabiam nem mesmo que eu tinha saído para caçar, e ficariam imaginando onde eu poderia estar. Então, de repente, enquanto eu sugeria assumir as armadilhas que precisavam de um cuidado diário, ele segurou o meu rosto e me beijou.

Eu estava completamente despreparada. Alguém poderia pensar que depois de todas aquelas horas que passei com Gale – observando-o falar e rir e se preocupar –, eu saberia tudo o que deveria saber sobre os lábios dele. Mas não imaginava que eles seriam tão cálidos em contato com os meus. Ou que aquelas mãos, que podiam montar as mais intricadas armadilhas, pudessem me prender com a mesma facilidade. Acho que alguma espécie de ruído escapou do fundo da minha garganta, e lembrei vagamente dos meus dedos, bem fechados e pousados em seu tórax. Então ele me soltou e disse:

– Eu precisava fazer isso. Pelo menos uma vez. – E foi embora.

Apesar de o sol estar se pondo e de minha família estar possivelmente preocupada, sentei-me ao lado de uma árvore próxima ao muro. Tentei decifrar o que estava sentindo em relação ao beijo, se tinha gostado dele ou se ele tinha me deixado indignada, mas só me lembrava de fato da pressão dos lábios de Gale e do aroma das laranjas, que ainda estava perceptível em sua pele. Não tinha sentido comparar aquele beijo com os muitos que eu trocara com Peeta. Ainda não estava claro para mim se algum deles havia realmente contado. Por fim, fui para casa.

Naquela semana, cuidei das armadilhas e deixei a carne com Hazelle. Mas só vi Gale no domingo seguinte. Tinha um discurso na ponta da língua sobre como não queria um namorado e nunca tinha planejado me casar etc. e tal, mas acabei não usando. Gale se comportou como se o beijo jamais houvesse acontecido. De repente, ele estava esperando que eu dissesse alguma coisa. Ou que eu retribuísse o beijo. Em vez disso, a exemplo dele, simplesmente fingi que a coisa jamais acontecera. Mas havia acontecido. Gale havia despedaçado alguma espécie de barreira invisível entre nós dois com aquele beijo, qualquer esperança que eu pudesse ter tido de reatar nosso antigo e descomplicado relacionamento. Seja lá o que eu pudesse estar fingindo, jamais poderia voltar a olhar para aqueles lábios da maneira como sempre olhei.

Tudo isso passa como um raio na minha cabeça enquanto os olhos do presidente Snow fixam-se em mim logo depois de sua ameaça de matar Gale. Como fui estúpida em pensar que a Capital simplesmente me ignoraria assim que voltasse para casa! Talvez eu não soubesse nada sobre os potenciais levantes. Mas sabia que eles estavam zangados comigo. Em vez de agir com a extrema cautela que a situação exigia, o que foi que eu fiz? Do ponto de vista do presidente, ignorei Peeta e ostentei minha

preferência pela companhia de Gale diante de todo o distrito. E, ao fazer isso, deixei bem claro que estava, na realidade, fazendo pouco da Capital. Agora havia deixado Gale em perigo, e sua família e minha família e Peeta também, em função da minha falta de cuidado.

– Por favor, não faça nenhum mal a Gale – sussurro. – Ele é só um amigo meu. Ele é meu amigo há anos. Nossa relação não passa disso. Além do mais, agora todo mundo pensa que nós somos primos.

– Só estou interessado em como isso afeta a sua dinâmica com Peeta e, portanto, como isso afeta o clima nos distritos – diz ele.

– Vai ser a mesma coisa na turnê. Estarei apaixonada por ele como estava antes.

– Como você está agora – corrige o presidente Snow.

– Como estou agora – confirmo.

– Só que o seu desempenho terá de ser bem melhor para que os levantes possam ser evitados – diz ele. – Essa turnê será a nossa única chance de controlarmos essa situação.

– Eu sei. Vou me empenhar. Vou convencer todo mundo nos distritos de que não estava desafiando a Capital, de que estava loucamente apaixonada.

O presidente Snow se levanta e limpa os lábios grossos com um guardanapo.

– Mire mais alto caso você esteja falhando.

– Como assim? Como é que eu posso mirar mais alto? – pergunto.

– Convença a mim. – Ele joga o guardanapo e pega o livro. Não estou olhando para ele quando se dirige à porta, então estremeço quando sussurra em meu ouvido:

– A propósito, estou sabendo do beijo. – Em seguida, a porta se fecha atrás dele.

O cheiro de sangue... estava no hálito dele.

O que ele faz?, imagino. Será que ele bebe? Eu o imagino tomando em uma xícara de chá. Mergulhando um biscoito na coisa e puxando-o embebido em vermelho.

Do lado de fora, um carro dá o ar de sua graça, suave e quieto como o ronronar de um gato, e depois some ao longe. O veículo desaparece da mesma forma que apareceu, sem ninguém notar.

A sala parece estar girando em círculos lentos e assimétricos, e acho que vou desmaiar. Curvo-me para a frente e agarro a escrivaninha com uma das mãos. A outra ainda está segurando o lindo biscoito de Peeta. Acho que havia um lírio-tigrino nele, mas agora tudo se reduz a farelos na minha mão. Eu nem sabia que estava esmagando o biscoito, mas imagino que tenha sido obrigada a me agarrar em alguma coisa enquanto o mundo dava voltas ao meu redor.

Uma visita do presidente Snow. Distritos à beira de levantes. Uma ameaça de morte direta a Gale, com outras a caminho. Todos que eu amo condenados. E quem sabe quem mais vai pagar pelas minhas ações? A menos que eu coloque a situação sob controle nessa turnê. Tranquilize o descontentamento e apazigue a mente do presidente Snow. Mas como? Provando ao país que amo Peeta Mellark, sem deixar a menor sombra de dúvida.

Não posso fazer isso, penso. *Não sou tão boa assim*. Peeta é a pessoa boa, aquele que todos gostam. Ele consegue fazer as pessoas acreditarem em qualquer coisa. Eu sou a que cala a boca e fica sentada deixando-o falar o máximo possível. Mas não é Peeta quem precisa provar sua devoção. Sou eu.

Escuto a passada leve e rápida de minha mãe no corredor. *Ela não pode saber*, penso. *Sobre nada disso*. Coloco as mãos em cima da bandeja e rapidamente limpo o farelo do biscoito que ficou nos dedos. Dou um gole no chá com as mãos trêmulas.

– Está tudo bem, Katniss? – pergunta ela.

– Tudo bem. A gente nunca vê isso na televisão, mas o presidente sempre visita os vitoriosos antes da turnê para desejar boa sorte a eles – digo com entusiasmo.

O rosto de minha mãe fica inundado de alívio.

– Ah, pensei que fosse algum problema.

– Não, nada disso – digo. – O problema vai começar quando minha equipe de preparação descobrir que deixei as sobrancelhas crescerem novamente. – Minha mãe ri, e penso em como passou a ser impossível deixar de cuidar da família depois que assumi essa função com a idade de onze anos. E em como sempre terei de proteger a minha mãe.

– Posso começar a preparar o seu banho? – pergunta ela.

– Ótima ideia – digo, e posso perceber como ela fica satisfeita com minha resposta.

Desde que voltei para casa, tenho tentado com afinco melhorar o relacionamento com minha mãe. Pedir que ela faça coisas para mim em vez de dispensar qualquer oferta de ajuda, como fiz durante anos por pura raiva. Deixar que ela cuide de todo o dinheiro que recebo. Retribuir os abraços dela em vez de simplesmente tolerá-los. O período que passei na arena fez com que me desse conta do quanto precisava parar de puni-la por algo que ela não tinha como evitar. Especificamente, a devastadora depressão na qual ela caiu depois da morte de meu pai. Porque, às vezes, acontecem coisas com as pessoas com as quais elas não estão preparadas para lidar.

Como é o meu caso, por exemplo. Neste exato momento.

Além do mais, ela fez uma coisa maravilhosa quando voltei para o distrito. Depois que nossas famílias e amigos cumprimentaram a mim e a Peeta na estação de trem, foram permitidas algumas perguntas dos repórteres. Alguém perguntou a minha mãe o que ela pensava de meu novo namorado e ela respondeu que, apesar de Peeta ser o modelo perfeito do que um jovem deveria ser, eu não estava suficientemente madura para ter nenhum namorado. Ela afirmou isso olhando fixamente para Peeta. Houve muito riso e comentários do tipo: “Tem alguém aí em perigo”, da parte da imprensa, e Peeta soltou a minha mão e se afastou um pouco de mim. Isso não durou muito tempo – havia muita pressão para que nosso comportamento fosse o oposto –, mas nos deu uma desculpa para sermos um pouco mais reservados do que havíamos sido na Capital. E talvez essa tenha sido a razão por eu ter sido vista tão poucas vezes na companhia de Peeta depois que as câmeras foram embora.

Subo a escada em direção ao banheiro, onde uma banheira fumegante me espera. Minha mãe colocou um saquinho de flores secas que perfuma o ar. Nenhuma das duas está acostumada ao luxo de girar uma torneira e ter uma quantidade ilimitada de água quente ao nosso dispor. Nós tínhamos apenas água fria em nossa casa na Costura, e um banho significava ter de esquentar no fogo o que sobrava de água. Tiro a roupa e mergulho na água sedosa – minha mãe providenciou também uma espécie de óleo – e tento entender o que está acontecendo.

A primeira questão é a quem contar, se é que devo contar a alguém. Não para minha mãe e nem para Prim, obviamente; elas ficariam desesperadas de preocupação. Não para Gale. Mesmo que eu conseguisse falar com ele. O que ele faria com a informação, de qualquer maneira? Se ele estivesse sozinho, talvez tentasse persuadi-lo a fugir. Certamente teria condições de sobreviver na floresta. Mas ele não está sozinho e jamais abandonaria a família. Ou a mim. Quando chegar em casa, terei de explicar a ele por que os nossos domingos passarão a ser uma coisa do passado, mas não consigo pensar nisso agora. Só consigo pensar em meu próximo passo. Além do mais, Gale já está tão irritado e frustrado com a Capital que às vezes penso que ele vai fazer seu próprio levante. A última coisa que ele precisa é de um incentivo. Não, não posso contar para nenhuma das pessoas que deixarei aqui no Distrito 12.

Ainda existem três pessoas em quem talvez possa confiar, a começar por Cinna, meu estilista. Mas meu palpite é de que talvez Cinna já esteja correndo risco, e não quero aumentar ainda mais os seus problemas ligando-o a mim. Então sobra Peeta, que vai ser meu parceiro nessa enganação, mas como começar essa conversa? *E aí, Peeta, lembra quando eu disse que estava meio que fingindo estar apaixonada por você? Bom, preciso realmente que você esqueça isso por enquanto e se comporte como se estivesse duplamente apaixonado por mim ou então o presidente Snow pode acabar matando Gale*. Não posso fazer uma coisa dessas. Além do mais, Peeta vai ter um bom desempenho sabendo ou não o que está em jogo. Com isso sobra apenas Haymitch. O bêbado, mal-humorado e hostil Haymitch, em quem acabei de despejar uma bacia de água gelada. Como meu mentor nos Jogos, sua tarefa era me manter viva. Só espero que ele ainda esteja apto para a função.

Mergulho a cabeça na água, bloqueando todos os sons ao meu redor. Gostaria muito que a banheira ficasse bem grande para que eu pudesse sair

nadando como costumava fazer nos domingos de verão quando ia à floresta com meu pai. Aqueles dias significavam um prazer especial. Nós saíamos de manhã bem cedinho e penetrávamos na floresta mais do que o habitual para chegar a um pequeno lago que ele havia encontrado enquanto caçava. Nem lembro de ter aprendido a nadar, já que ele me ensinou quando eu era bem pequena. Só lembro de mergulhar, de dar saltos mortais e de ficar nadando de um lado para o outro. O leito lamacento do lago embaixo dos meus pés. O cheiro das flores e das plantas. Boiar, como estou fazendo agora, mirando o céu azul enquanto o barulho da floresta era abafado pela água. Ele ensacava os patos que faziam seus ninhos na margem, caçava ovos na grama e nós dois cavávamos bem fundo à procura de raízes de katniss, a planta em homenagem à qual recebi o meu nome. De noite, quando chegávamos em casa, minha mãe fingia não me reconhecer porque eu estava limpa demais. Então ela preparava um jantar fantástico com pato grelhado e tubérculos de katniss assados com molho.

Nunca levei Gale ao lago. Poderia ter levado. Demora muito para se chegar lá, mas os patos são tão fáceis de capturar que dá para compensar o tempo que se perde de caçada. Mas é um local que eu nunca quis realmente compartilhar com ninguém, um local que pertencia apenas a meu pai e a mim. Desde o fim dos Jogos, quando passei a ter poucas coisas com as quais me ocupar, estive lá algumas vezes. Nadar continuava sendo uma coisa prazerosa, mas na maioria das vezes a visita me deixava deprimida. Ao longo dos últimos cinco anos, o lago permaneceu inacreditavelmente intocado e estou quase irreconhecível.

Mesmo debaixo d'água, consigo ouvir os sons agitados. Buzinas de carros, gritos de saudação, portas batendo. Isso só pode significar que a minha equipe de preparação chegou. Só tenho tempo para me enxugar e entrar num robe antes que a equipe invada o banheiro. A noção de privacidade não existe. Em relação a meu corpo, nós não temos segredos, essas três pessoas e eu.

– Katniss, suas sobrancelhas! – Venia dá um grito, e mesmo com a nuvem escura pairando sobre mim, sou obrigada a conter o riso. Seus cabelos azulados foram estilizados de modo a ficarem pontudos em toda a cabeça, e as tatuagens douradas que antes se concentravam acima de suas sobrancelhas agora também contornam os olhos, contribuindo para a expressão de choque que produzi nela.

Octavia aparece e dá um tapinha tranquilizador nas costas de Venia, seu corpo cheio de curvas parecendo ainda mais roliço do que de costume ao lado do corpo angular e magro de Venia.

– Pronto, pronto. Você pode ajeitar isso em dois segundos. Mas o que é que eu vou fazer com essas unhas? – Ela agarra a minha mão e a coloca bem aberta entre suas mãos cor de ervilha. Não, a pele dela não está exatamente da cor de ervilha. O verdinho é mais suave. A mudança de tom é, sem sombra de dúvida, uma tentativa de acompanhar as volúveis tendências de moda da Capital. – Com toda a sinceridade, Katniss, você podia ter deixado alguma coisa onde eu pudesse fazer o meu trabalho! – choraminga ela.

É verdade. Roí as unhas até a raiz nos últimos meses. Pensei na possibilidade me livrar do vício, mas não consegui encontrar um bom motivo para isso.

– Desculpa – murmuro baixinho. De fato, não tenho passado muito tempo me preocupando em saber como isso pode afetar a minha equipe de preparação.

Flavius levanta alguns fios dos meus cabelos molhados. Balança a cabeça como quem está desaprovando o que vê, o que faz com que seus cachinhos alaranjados balancem para todos os lados.

– Alguém tocou nisso aqui desde a última vez em que você esteve com a gente? – pergunta ele seriamente. – Você lembra que a gente pediu especificamente para você não mexer nos cabelos?

– Lembro! – digo, grata por poder mostrar que não havia me esquecido totalmente deles. – Enfim, não, ninguém os cortou, não. Lembro disso. – Não, eu não me lembrava. É como se o assunto jamais houvesse sido mencionado. Desde que voltei para casa, tudo o que tenho feito é mantê-los na minha tradicional trança que cai pelas costas.

Isso parece acalmá-los um pouco, e todos eles me beijam, me colocam numa cadeira e, como de costume, começam a falar sem parar e sem se preocupar em notar se estou escutando ou não. Enquanto Venia reinventa as minhas sobrancelhas e Octavia me aplica unhas falsas e Flavius faz uma massagem com creme em meus cabelos, ouço tudo sobre a Capital. Que sucesso foram os Jogos, como as coisas têm sido chatas desde então, como todos estão esperando ansiosamente a próxima visita minha e de Peeta ao término da Turnê da Vitória. Depois disso, não vai demorar muito até que a Capital comece a se preparar para o Massacre Quaternário.

– Não é emocionante?

– Você não está se achando a pessoa mais sortuda do mundo?

– No seu primeiro ano como vitoriosa já vai ser a mentora num Massacre Quaternário!

As palavras deles se sobrepunham em meio a uma bruma de excitação.

– Ah, sim – digo, com neutralidade. É o melhor que consigo fazer. Num ano normal, ser mentor dos tributos é um verdadeiro pesadelo. Não posso mais passar pela escola sem imaginar que crianças terei de treinar. Mas, para piorar ainda mais as coisas, este ano se realiza a septuagésima quinta edição dos Jogos Vorazes, e isso significa que também é o ano do Massacre Quaternário. Ele ocorre a cada vinte e cinco anos, marcando o aniversário da derrota dos distritos com comemorações de alto nível e, para garantir uma diversão extra, algumas mudanças terríveis para os tributos. É claro que essa é a primeira vez que testemunho um desses eventos. Mas, na escola, lembro de ouvir que no segundo Massacre Quaternário a Capital exigiu que fossem levados para a arenas o dobro do número de tributos. Os professores não entraram em muitos detalhes, o que é surpreendente, porque esse foi o ano em que o Distrito 12 recebeu sua coroa com o representante Haymitch Abernathy.

– É melhor que Haymitch esteja se preparando para receber muita atenção! – grita Octavia.

Haymitch jamais conversou comigo sobre sua experiência pessoal na arena. Eu jamais perguntaria. E se alguma vez vi os Jogos dele reprisados na televisão, devia ser muito nova para me lembrar. Mas a Capital não vai permitir que ele se esqueça desse ano. De certa forma, é uma boa coisa Peeta e eu estarmos disponíveis como mentores durante o Massacre, porque é líquido e certo que Haymitch será destruído.

Depois de exaurirem o tópico do Massacre Quaternário, minha equipe de preparação desanda a falar sobre vários outros assuntos referentes a suas vidas inconcebivelmente tolas. Quem disse o quê sobre alguém de quem nunca ouvi falar, e que tipo de sapatos eles acabaram de comprar, e uma longa história de Octavia sobre o tremendo erro que foi mandar todo mundo usar penas na festa de aniversário dela.

Logo as minhas sobrancelhas começam a pinicar, meu cabelo fica sedoso e macio, e minhas unhas estão prontas para serem pintadas. Aparentemente, eles receberam instruções para preparar apenas as minhas mãos e o meu rosto, provavelmente porque tudo o mais ficará coberto por

conta do clima frio. Flavius quer muito usar em mim o batom púrpura que é sua marca registrada pessoal, mas se contenta em usar o rosa assim que eles começam a pintar o meu rosto e as minhas unhas. Consigo ver pelas cores que Cinna escolheu que estamos fazendo uma produção estilo garotinha, não uma coisa mais sexy. Bom. Nunca vou convencer ninguém de coisa alguma se tentar ser provocante. Haymitch deixou isso muito claro quando me treinava para a entrevista que antecede os Jogos.

Minha mãe entra, um pouco tímida, e diz que Cinna pediu para ela mostrar à equipe de preparação como havia feito o meu penteado no dia da colheita. Eles ficam entusiasmados e então observam, absolutamente atentos, ela destrinchar o processo do elaborado penteado da trança. No espelho, vejo suas caras sérias seguindo todos os passos, a ansiedade de todos quando chega a vez de eles tentarem realizar o passo. Na realidade, os três são tão prontamente respeitosos e simpáticos com minha mãe que me sinto mal pelo ar de superioridade que às vezes tenho com eles. Quem sabe quem seria eu ou sobre o quê falaria se tivesse sido criada na Capital? Talvez a coisa que mais lamentasse fossem também os trajes de pena na minha festa de aniversário.

Quando meus cabelos ficam prontos, encontro Cinna na sala do andar de baixo, e só de olhar para ele sinto uma esperança renovada. Sua aparência é a de sempre, roupas simples, cabelos castanhos cortados bem curtos e apenas um leve toque de delineador dourado nos olhos. Nós nos abraçamos, e sinto uma enorme vontade de cuspir todo o episódio com o presidente Snow. Mas não, decidi contar primeiro para Haymitch. Ele vai saber melhor quais são as pessoas que podem aguentar esse rojão. Mas é tão fácil conversar com Cinna. Ultimamente, nós temos conversado muito pelo telefone que vem com a casa. É meio que uma piada, porque mais ninguém que a gente conhece usa um. Tem o Peeta, mas obviamente não ligo para ele. Haymitch arrebentou o dele na parede anos atrás. Minha amiga Madge, a filha do prefeito, tem um telefone em sua casa, mas se nós queremos conversar, fazemos pessoalmente. No início, o aparelho quase nunca era usado. Aí Cinna começou a me ligar para aprimorar o meu talento.

Todos os vitoriosos devem possuir um. Seu talento é a atividade que você assume, já que não precisa trabalhar nem na escola, nem na atividade industrial de seu distrito. Pode ser qualquer coisa, na verdade, qualquer coisa a respeito da qual eles possam fazer entrevistas com você. Peeta, para

todos os efeitos, possui um talento, que é a pintura. Ele tem decorado bolos há anos na padaria de sua família. Mas agora que é rico, pode se dar o luxo de manchar telas de verdade com sua tinta. Não possuo nenhum talento, a menos que você leve em consideração a caça ilegal, e eles não levam. Ou, quem sabe, cantar, coisa que eu não faria para a Capital nem em um milhão de anos. Minha mãe tentou fazer com que eu me interessasse por uma variedade de alternativas cabíveis de uma lista que Effie Trinket enviara a ela. Culinária, arranjos florais, tocar flauta. Nenhuma delas deu certo, embora Prim tivesse queda pelas três. Finalmente, Cinna entrou em cena e se ofereceu para me ajudar a desenvolver a paixão que eu tinha por design de roupas, o que requeria de fato um certa habilidade, já que era algo completamente inédito. Mas só concordei porque isso significava poder estar em contato com Cinna, e ele prometeu que faria todo o trabalho.

Agora ele está arrumando várias coisas na minha sala: roupas, tecidos e cadernos com desenhos feitos por ele. Pego um dos cadernos e examino um vestido supostamente criado por mim.

– Quer saber, acho até que eu prometo – digo.

– Vista-se, coisinha sem valor – diz ele, jogando vários itens de roupa na minha direção.

Posso não ter nenhum interesse por design de roupas, mas amo as produções que Cinna faz para mim. Como estas. Calças com um caimento perfeito feitas de um material grosso e gostoso. Uma camisa branca confortável. Um suéter tecido com fios de lã macios verdes, azuis e cinzas. Botas de couro com cadarço que não pinicam os meus dedos.

– Eu mesma criei o meu traje? – pergunto.

– Não, você espera um dia criar seus trajes e ser como eu, seu herói da moda – diz Cinna. Ele me entrega uma pequena pilha de cartões.

– Você vai ler isso aqui para as câmeras enquanto estiverem filmando as roupas. Tente parecer interessada.

Só então Effie Trinket chega com uma peruca cor de abóbora para lembrar a todos:

– Estamos seguindo o cronograma a contento! – Ela me beija nos dois lados do rosto enquanto acena para a equipe de filmagem, e, então, me pede para ficar em posição. Effie é a única razão pela qual chegamos pontualmente a qualquer compromisso na Capital, então tento seguir suas orientações. Começo a zanzar de um lado para o outro como se fosse uma marionete, segurando roupas e dizendo coisas sem sentido como: “Isso não

é o máximo?" A equipe de som grava a leitura que faço dos cartões com uma voz entusiasmada, para inseri-la mais tarde na edição final. Em seguida, sou tirada da sala para que possam filmar em paz as criações feitas por mim/por Cinna.

Prim chegou cedo da escola para o evento. Agora ela está na cozinha sendo entrevistada por outra equipe. Está linda num vestidinho azul-celeste que ressalta seus olhos, seus cabelos louros presos com uma fitinha na mesma cor. Ela está um pouco curvada para a frente nas botas branquíssimas, como se estivesse a ponto de alçar voo.

Bum! É como se alguém tivesse me dado um soco de verdade no peito. Ninguém fez isso, é claro, mas a dor é tão real que dou um passo para trás. Aperto os olhos e não enxergo Prim – enxergo Rue, a garota de doze anos do Distrito 11 que foi minha aliada na arena. Ela voava como um pássaro, de árvore em árvore, agarrando-se nos galhos mais finos. Rue, que não consegui salvar. Que deixei morrer. Eu a visualizo deitada no chão com a lança ainda cravada no estômago...

Quem mais vou deixar de salvar da vingança da Capital? Quem mais vai ser morto se eu não fizer o que o presidente Snow deseja?

Percebo que Cinna está tentando colocar um casaco em mim, então levanto os braços. Sinto o contato com a pele, dentro e fora, encaixando-me. Não é de nenhum animal que eu tenha visto antes.

– Arminho – diz ele enquanto alcanço a manga branca. Luvas de couro. Um cachecol vermelho-vivo. Alguma coisa peluda cobre minhas orelhas. – Você está trazendo os protetores de orelha de volta à moda.

Odeio protetores de orelha, penso. Eles dificultam a audição e, desde que fiquei quase surda de um ouvido devido a uma explosão na arena, gosto menos ainda deles. Depois que venci, a Capital tratou o meu ouvido, mas ainda continuo testando minha capacidade de audição.

Minha mãe chega correndo com alguma coisa na mão.

– Para dar sorte – diz.

É o broche que Madge me deu antes de eu ir para os Jogos. Um tordo voando num círculo de ouro. Tentei dá-lo para Rue, mas ela nunca aceitou. Rue dizia que o broche era o motivo pelo qual ela decidira confiar em mim. Cinna o prende no nó do cachecol.

Effie Trinket está por perto, batendo palmas.

– Atenção, todo mundo! Vamos fazer nossa primeira tomada externa, onde os vitoriosos cumprimentam uns aos outros no começo de sua

maravilhosa viagem. Muito bem, Katniss, dê um sorrisão, você está superentusiasmada, certo? – E não exagero quando digo que ela me empurra porta afora.

Por um instante, não consigo enxergar direito por causa da neve, que agora está caindo intensamente. Então, consigo distinguir Peeta saindo pela porta de sua casa. Na minha cabeça, escuto a ordem do presidente Snow: "*Convença* a mim." E sei que é exatamente isso o que tenho de fazer.

Meu rosto se abre num imenso sorriso e começo a andar na direção de Peeta. Então, como se não conseguisse suportar mais um segundo sequer, começo a correr. Ele me pega e gira o meu corpo no ar e então escorrega – ele ainda não está totalmente acostumado com sua perna artificial – e nós dois caímos na neve, eu por cima dele, e é lá que nos beijamos pela primeira vez em meses. É um beijo cheio de pelo e flocos de neve e batom, mas por baixo de tudo isso, sinto a firmeza que Peeta sempre proporciona a tudo. E sei que não estou só. Por mais que o tenha magoado, ele não vai me expor na frente das câmeras. Não vai me condenar com um beijo chocho. Ele ainda está cuidando de mim. Exatamente como fazia na arena. De alguma maneira, esse pensamento me dá vontade de chorar. Em vez disso, eu o ajudo a se levantar, encaixo o meu braço no dele e saímos os dois a caminhar alegremente.

O resto do dia é um borrão na memória: chegar na estação, se despedir de todo mundo, o trem partindo, a velha equipe – Peeta e eu, Effie e Haymitch, Cinna e Portia, a estilista de Peeta – desfrutando de um jantar indescritivelmente delicioso que não consigo me lembrar como era. E então estou vestindo um pijama e um robe muito largo, sentada em meu elegantíssimo compartimento, esperando os outros dormirem. Sei que Haymitch vai ficar acordado por horas e horas. Ele não gosta de dormir quando está escuro.

Quando o trem parece estar quieto, calço a pantufa e vou até o compartimento dele. Preciso bater diversas vezes até ele atender, resmungando, como se tivesse certeza que eu estava trazendo más notícias.

– O que você quer? – diz ele, quase me derrubando com o hálito carregado de vinho.

– Preciso falar com você – sussurro.

– Agora? – diz. E balanço a cabeça em concordância. – É melhor que seja algo bom. – Ele espera, mas tenho certeza que qualquer palavra

proferida por nós em algum trem da Capital está sendo registrada. – E aí? – late ele.

O trem começa a frear. Por um segundo acho que o presidente Snow está me observando e não aprova o fato de eu estar confiando a informação a Haymitch, e decidiu seguir em frente e me matar agora mesmo. Mas estamos apenas parando para abastecer.

– O trem está abafado demais – digo.

É uma frase totalmente inofensiva, mas vejo os olhos de Haymitch se estreitarem assim que ele entende a situação.

– Sei do que você precisa. – Ele passa bruscamente por mim e desce o corredor às pressas em direção a uma porta. Quando a abre, depois de um certo esforço, uma rajada de neve nos atinge. Ele salta para o chão.

Um atendente da Capital vem correndo ajudar, mas Haymitch o dispensa educadamente enquanto continua cambaleando na neve.

– Só quero um pouco de ar fresco. É só um minutinho.

– Desculpe. Ele está bêbado – digo. – Vou pegá-lo. – Salto e sigo desajeitadamente atrás dele ao longo da trilha, ensopando minha pantufa de neve, enquanto ele me conduz além do último vagão para não sermos ouvidos. Em seguida, ele se volta para mim.

– O que é?

Conto tudo a ele. Sobre a visita do presidente Snow, sobre Gale, sobre como nós todos vamos morrer caso eu fracasse.

Seu rosto fica sóbrio, adquire um aspecto mais maduro à luz vermelha dos faróis traseiros.

– Então você não pode fracassar.

– Se você pudesse me ajudar a transformar essa viagem num êxito... – começo.

– Não, Katniss, não é só a viagem – diz ele.

– Como assim? – digo.

– Mesmo que você obtenha êxito na viagem, eles vão voltar daqui a alguns meses para nos levar pros Jogos. Você e Peeta, vocês serão mentores agora, todos os anos de agora em diante. E a cada ano eles vão relembrar o romance e transmitir os detalhes de sua vida privada, e você jamais, em hipótese alguma, será capaz de fazer coisa alguma além de viver feliz para sempre com aquele garoto.

Todo o impacto do que ele está dizendo me atinge em cheio. Jamais terei uma vida com Gale, mesmo que eu queira. Jamais terei permissão

para viver sozinha. Terei de estar eternamente apaixonada por Peeta. A Capital exigirá isso. Quem sabe não terei alguns anos, porque ainda tenho dezesseis, para ficar com a minha mãe e com Prim. E depois... e depois...

– Você compreende o que eu estou querendo dizer? – ele insiste.

Balanço a cabeça afirmativamente. Ele quer dizer que só há um futuro possível, se eu quiser manter aqueles que amo vivos e permanecer viva. Terei de me casar com Peeta.

Voltamos ao trem em silêncio com as mesmas passadas difíceis da ida. No corredor em frente à porta do meu compartimento, Haymitch dá um tapinha no meu ombro e diz:

– O seu desempenho podia ser bem pior do que isso, você sabe. – Ele se dirige a seu compartimento levando consigo o hálito forte de vinho.

Na minha cabine, retiro a pantufa encharcada, o robe molhado e o pijama. Há outros itens iguais nas gavetas, mas eu apenas rastejo para debaixo das cobertas em cima da cama com a roupa de baixo mesmo. Fixo o olhar na escuridão, pensando em minha conversa com Haymitch. Tudo que ele disse sobre as expectativas da Capital, meu futuro com Peeta e até mesmo seu último comentário, era verdade. É claro que meu desempenho podia estar bem pior do que o de Peeta. Mas essa não é exatamente a questão, é? Uma das poucas liberdades que temos no Distrito 12 é o direito de nos casar com quem queremos ou simplesmente não casar e pronto. E agora até isso me foi tirado. Imagino se o presidente Snow ainda vai exigir que a gente tenha filhos. Se a gente tiver, eles terão de enfrentar a colheita ano após ano. E por acaso não seria qualquer coisa ver o filho não de um, mas de dois vitoriosos escolhido para a arena? Filhos dos vitoriosos já estiveram antes no ringue. Isso sempre proporciona muita excitação e gera muita conversa sobre o azar que acompanha essa determinada família. Mas acontece com muita frequência para ser apenas uma questão de sorte ou azar. Gale está convencido de que a Capital faz isso de propósito, manipula o resultado para acrescentar uma carga extra de dramaticidade. Tendo em vista todos os problemas que causei, provavelmente garanti que qualquer filho meu estará presente nos Jogos.

Penso em Haymitch solteiro, sem família, tapando o mundo com a bebida. Ele poderia ter escolhido qualquer mulher do distrito. Mas escolheu a solidão. Solidão, não – isso soa tranquilo demais. A coisa é mais um confinamento solitário. Será que foi porque, tendo estado na arena, ele sabia que era melhor não arriscar? Senti o sabor dessa alternativa quando eles cantaram o nome de Prim no dia da colheita e a observei caminhar em

direção ao palco e à morte certa. Mas na condição de sua irmã, eu podia tomar o seu lugar, opção proibida para minha mãe.

Minha mente procura freneticamente uma saída. Não posso deixar o presidente Snow me condenar a isso. Mesmo que signifique a necessidade de eu tirar a minha própria vida. Mas antes disso, tentaria fugir. O que eles fariam se eu simplesmente fugisse? Desaparecesse na floresta e jamais voltasse? Será que eu conseguiria ao menos levar comigo todas as pessoas que amo, começar uma nova vida bem no meio da natureza selvagem? Altamente improvável, porém não impossível.

Balanço a cabeça para me livrar dessa ideia. Não é o momento de ficar fazendo planos mirabolantes de fuga. Preciso focar na Turnê da Vitória. O destino de muitas pessoas depende de eu dar um bom show.

A manhã nasce antes de o sono chegar, e Effie já está batendo na porta. Pego a primeira roupa que encontro em cima da mesinha de cabeceira e me arrasto para o vagão-restaurante. Não vejo que diferença faz acordar, já que essa é uma viagem de um dia inteiro, mas acabo descobrindo que a maquiagem de ontem foi apenas para me levar para a estação. Hoje, vou receber a atenção da minha equipe de preparação.

– Por quê? Está frio demais pra que alguma coisa apareça – resmungo.

– Não no Distrito 11 – diz Effie.

Distrito 11. Nossa primeira parada. Eu preferia começar em qualquer outro distrito, já que era aqui que Rue morava. Mas não é assim que a Turnê da Vitória funciona. Normalmente ela começa no 12 e então desce os distritos até o 1, e em seguida vem a Capital. O distrito do vitorioso é pulado e deixado por último. Como o 12 realiza a comemoração menos fabulosa de todas – normalmente apenas um jantar para os tributos e um desfile da vitória na praça, onde parece que ninguém se diverte –, provavelmente é melhor nos tirar do caminho o quanto antes. Este ano, pela primeira vez desde que Haymitch venceu, a última parada da turnê será no 12, e a Capital vai bancar as festividades.

Tento desfrutar a comida como Hazelle disse. O pessoal da cozinha claramente deseja me agradar. Eles prepararam meu prato favorito, cozido de carneiro com ameixas secas, entre outras guloseimas. Suco de laranja e uma caneca com chocolate fumegante está à minha espera em meu lugar à mesa. Então eu como muito, a refeição está impecável, mas não posso dizer que esteja aproveitando. Também estou preocupada com o fato de que ninguém, com exceção de mim mesma e Effie, apareceu para jantar.

– Onde estão os outros? – pergunto.

– Ah, quem sabe por onde andará Haymitch? – diz Effie. Eu não estava de fato esperando Haymitch, porque ele provavelmente está indo para a cama agora. – Cinna ficou trabalhando até tarde organizando o seu vagão de enfeites. Ele deve ter mais de cem trajes pra você. Suas roupas de noite são belíssimas. E o pessoal da equipe de Peeta provavelmente ainda está dormindo.

– Ele não precisa de preparação? – pergunto.

– Não do jeito que você precisa – responde Effie.

O que isso significa? Significa que tenho de passar a manhã tendo os pelos do meu corpo arrancados enquanto Peeta dorme. Não tinha pensado muito nisso, mas na arena pelo menos alguns dos garotos ainda tinham pelos no corpo ao passo que nenhuma garota tinha. Consigo me lembrar dos de Peeta agora, enquanto eu o banhava no riacho. Muito louro à luz do sol, assim que a lama e o sangue saíram com a água. Apenas seu rosto permanecia completamente liso. Nenhum dos garotos tinha barba, e muitos já tinham idade para tal. Imagino o que fizeram com eles.

Se eu me sinto arrasada, minha equipe de preparação parece em piores condições, tomando café atrás de café e pílulas coloridas. Até onde sei, eles nunca se levantam antes do meio-dia, a menos que haja alguma espécie de emergência nacional, como os pelos das minhas pernas. Fiquei muito feliz quando eles voltaram a crescer. Como se isso fosse um sinal de que as coisas talvez estivessem voltando ao normal. Passo os dedos ao longo da penugem macia e encaracolada em minhas pernas e me entrego à equipe de preparação. Nenhum deles está falante como de costume, de modo que consigo ouvir cada fio sendo arrancado do folículo. Tenho de me enfiar numa banheira cheia de uma solução espessa e de cheiro desagradável, enquanto o meu rosto e os meus cabelos são empapados de creme. Dois outros banhos se seguem, com misturas menos agressivas. Sou esfregada, depilada, massageada e umedecida até o meu corpo ficar em carne viva.

Flavius levanta o queixo e suspira:

– É uma pena o Cinna ter dito para não fazer nenhuma alteração em você.

– Pois é, a gente podia fazer uma coisa bem especial em você – diz Octavia.

– Quando ela estiver mais velha – diz Venia de uma maneira quase agourenta. – Aí ele vai ser obrigado a deixar a gente fazer.

Fazer o quê? Encher os meus lábios como fizeram com o presidente Snow? Tatuar os meus seios? Tingir minha pele de magenta e implantar gemas sob a superfície? Esculpir padrões decorativos no meu rosto? Dotar-me de garras curvadas? Ou de bigodes iguais aos de um gato? Vi todas essas coisas e muito mais nas pessoas que vivem na Capital. Será que elas realmente não fazem a menor ideia de como a sua aparência fica monstruosa para as outras pessoas?

A ideia de ficar entregue aos caprichos estilísticos da minha equipe de preparação só faz aumentar ainda mais as misérias que competem pela minha atenção – meu corpo vítima de abuso, minha falta de sono, meu casamento obrigatório e o terror de ser incapaz de satisfazer as demandas do presidente Snow. Quando me apresento para o almoço, onde Effie, Cinna, Portia, Haymitch e Peeta já começaram a comer sem mim, já estou me sentindo pesada demais para conversar. Eles estão animadíssimos, falando sobre a comida e sobre como costumam dormir bem em trens. Todos estão bastante entusiasmados com a turnê. Bom, todos exceto Haymitch. Ele está curtindo uma ressaca e mordendo um *muffin*. Eu também não estou exatamente com fome, talvez porque tenha me empanturrado demais de coisas deliciosas no café da manhã ou porque esteja triste demais. Fico remexendo uma tigela de caldo, comendo apenas uma colher ou duas. Não consigo nem olhar para a cara de Peeta – o marido que me foi designado –, embora saiba que nada disso é culpa minha.

As pessoas reparam, tentam me colocar no meio da conversa, mas eu simplesmente as repilo. Em determinado momento, o trem para. A pessoa que está nos servindo relata que a parada não é apenas para abastecer – alguma parte do trem apresentou defeito e precisa ser substituída. Será necessária pelo menos uma hora para o conserto. A informação deixa Effie agitada. Ela pega o cronograma e começa a tentar entender como o atraso vai atrapalhar todos os eventos até o fim de nossas vidas. Finalmente, não consigo ouvir mais uma palavra sequer do que ela está falando.

– Ninguém se importa, Effie – rebato. Todos à mesa olham fixamente para mim, inclusive Haymitch, que todos imaginariam estar ao meu lado nesse assunto, já que Effie o enlouquece. Coloco-me imediatamente na defensiva. – Bom, ninguém se importa mesmo! – digo, levantando e saindo do vagão-restaurante.

O trem subitamente parece se mover e agora estou completamente enjoada. Encontro a porta de saída, abro-a com força – desencadeando uma

espécie de alarme, que ignoro – e salto em direção ao chão na esperança de aterrissar na neve. Mas o contato do ar na minha pele é quente e agradável. As árvores ainda estão com folhas verdes. Quantos quilômetros em direção ao sul percorremos em um dia? Caminho ao longo de uma trilha, estreitando os olhos para o brilho intenso da luz do sol, já lamentando as palavras ditas a Effie. Ela seria a última pessoa a ser culpada pelas minhas agruras atuais. Deveria voltar e pedir desculpas a ela. Minha explosão foi o cúmulo da falta de educação, e boa educação é algo tremendamente importante para ela. Mas meus pés continuam ao longo da trilha, ultrapassam o trem, deixam-no para trás. Uma hora de atraso. Posso andar pelo menos durante vinte minutos em qualquer direção e retornar com tempo suficiente. Em vez disso, após uns duzentos metros, desabo no chão e fico lá sentada olhando ao longe. Se tivesse um arco e flecha comigo, será que continuaria andando?

Depois de um tempo, começo a ouvir passos atrás de mim. Deve ser Haymitch, vindo para me chamar a atenção. Não que eu não mereça, mas mesmo assim não estou disposta a ouvir a reprimenda.

– Eu não estou com saco para ouvir lição de moral – vou logo avisando, olhando para os arbustos aos meus pés.

– Vou tentar ser rápido. – Peeta se senta ao meu lado.

– Pensei que fosse o Haymitch – digo.

– Não, ele ainda está concentrado naquele *muffin*. – Observo Peeta posicionar sua perna artificial. – O dia está difícil, hein?

– Não é nada – digo.

Ele respira fundo.

– Escuta aqui, Katniss, faz tempo que estou a fim de conversar com você sobre a maneira como me comportei no trem. Estou me referindo àquele último trem. O que trouxe a gente de volta. Eu sabia que você tinha alguma coisa com Gale. Eu tinha ciúmes dele antes mesmo de conhecer você oficialmente. E não era justo prender você ao que quer que tenha havido nos Jogos. Peço desculpas.

O pedido de desculpas dele me pega de surpresa. É verdade que Peeta se afastou de mim depois que confessei que o meu amor por ele durante os Jogos era apenas uma encenação. Mas não cobro isso dele. Na arena, desempenhei o papel romântico em todos os sentidos. Havia momentos em que eu francamente não sabia o que sentia por ele. E, na verdade, ainda não sei.

– Eu também peço desculpas – digo. Não tenho certeza do motivo exatamente. Talvez porque haja uma possibilidade efetiva de estar a ponto de destruí-lo.

– Você não tem por que pedir desculpas. Você estava apenas nos mantendo vivos. Mas não quero que a gente continue assim, ignorando um ao outro na vida real e caindo na neve todas as vezes que tem uma câmera por perto. Aí pensei que se parasse de agir como se estivesse tão, enfim, magoado, a gente poderia passar a ser amigos, simplesmente – diz ele.

Todos os meus amigos provavelmente acabarão mortos, mas recusar o pedido de Peeta não iria mantê-lo seguro.

– Tudo bem – digo. A oferta dele faz com que eu me sinta melhor. Menos enganadora, de uma forma ou de outra. Seria legal se ele tivesse me dito isso há mais tempo, antes que eu soubesse que o presidente Snow tinha outros planos e que ser apenas amigos não era mais opção para nenhum dos dois. Mas, de um jeito ou de outro, estou contente de estarmos conversando novamente.

– E aí, qual é o problema? – pergunta ele.

Eu não posso contar para ele. Agarro um punhado de folhas.

– Vamos começar com uma coisa mais básica. Não é estranho o fato de eu saber que você arriscaria a sua vida para salvar a minha... e ao mesmo tempo não saber qual é a sua cor favorita? – diz ele.

Um sorriso se forma em meus lábios.

– Verde. E a sua?

– Laranja – diz ele.

– Laranja? Como os cabelos de Effie? – digo.

– Um pouco menos intenso – diz ele. – É mais tipo... o pôr do sol.

O pôr do sol. Consigo vê-lo imediatamente, a borda do sol se pondo, o céu estriado com suaves sombras alaranjadas. Lindo. Lembro-me do biscoito de lírio-tigrino e, agora que Peeta está novamente falando comigo, lembrar do biscoito é tudo o que consigo fazer para não contar a história toda do presidente Snow. Mas sei que Haymitch não iria gostar que eu fizesse isso. É melhor continuar falando besteiras.

– Sabia que todo mundo fala maravilhas das suas pinturas? Eu acho muito chato não ter visto nenhuma delas – digo.

– Bom, tenho um vagão inteiro cheio delas. – Ele se levanta e me oferece a mão. – Vamos lá.

É bom sentir os dedos dele novamente entrelaçados nos meus, não para um show, mas em função de uma amizade real. Caminhamos de volta ao trem de mãos dadas. Na porta, eu me lembro:

– Antes de mais nada preciso pedir desculpas a Effie.

– Não tenha medo de exagerar nessa parte – Peeta me diz.

Então, quando volto para o vagão-restaurante, onde os outros ainda estão almoçando, faço um pedido de desculpas a Effie que me parece efusivo, mas que na opinião dela provavelmente consegue apenas compensar a minha falta de etiqueta. Para ganhar um pouco de crédito, Effie aceita as desculpas graciosamente. Ela diz que está claro que estou sob muita pressão. E seus comentários acerca da necessidade de *alguém* cumprir o cronograma duram apenas uns cinco minutos. Escapei dessa com facilidade, para ser sincera.

Quando Effie termina, Peeta me conduz através de alguns vagões para que eu veja suas pinturas. Não sei o que esperava. Versões maiores dos biscoitos de flor, quem sabe. Mas o que encontro é algo totalmente diferente. Peeta pintou os Jogos.

Algumas cenas são impossíveis de serem compreendidas de imediato, se a pessoa que está vendo não esteve ela própria na arena. Água pingando pelas rachaduras em nossa caverna. O leito seco da fonte. Um par de mãos, as dele, cavando em busca de raízes. Outras, qualquer pessoa reconheceria. O chifre dourado chamado Cornucópia. Clove arrumando as facas em sua jaqueta. Um dos bestantes, inquestionavelmente o louro de olhos verdes que só podia ser Glimmer, rosnando enquanto avançava sobre nós. E eu. Estou por toda parte. No alto de uma árvore. Batendo uma camisa contra as pedras no riacho. Deitada inconsciente numa piscina de sangue. E uma que não consigo situar – talvez essa tenha sido a minha aparência quando a febre dele estava alta –, emergindo de uma névoa cinza que combina perfeitamente com os meus olhos.

– O que você acha? – pergunta ele.

– Odeio tudo isso – digo. Quase consigo sentir o cheiro de sangue, a sujeira, a respiração artificial do bestante. – A única coisa que faço atualmente é tentar esquecer a arena e aí você traz tudo aquilo de volta. Como é que você se lembra de todos esses detalhes?

– Eu vejo essas cenas todas as noites – diz ele.

Sei o que ele quer dizer. Pesadelos – que antes dos Jogos não me eram estranhos – agora me assolam assim que adormeço. Mas aquele mais

antigo, o de meu pai indo pelos ares nas minas por causa de uma explosão, atualmente é raro. Em vez dele, tenho revivido versões do que aconteceu na arena. Minha tentativa infrutífera de salvar Rue. Peeta sangrando até a morte. O corpo inchado de Glimmer desintegrando-se em minhas mãos. O fim horrendo de Cato nas mãos dos bestantes. Esses sãos os meus visitantes mais frequentes.

– Eu também. Isso ajuda alguma coisa? Pintar essas cenas todas?

– Não sei. Acho que estou com um pouco menos de medo de dormir à noite, ou pelo menos é isso que digo para mim mesmo – diz ele. – Mas eles não foram embora.

– De repente eles nunca vão mesmo. Os de Haymitch não foram. – Haymitch não diz isso, mas tenho certeza de que é por isso que ele não gosta de dormir no escuro.

– Não. Mas pra mim é melhor acordar com uma pintura do que com uma faca na mão – diz ele. – Quer dizer então que você realmente odiou os quadros?

– Odiei. Mas eles são extraordinários. São mesmo – digo. E realmente são. Mas não quero mais olhar para eles. – Quer ver o meu talento? Cinna fez um grande trabalho.

Peeta ri.

– Mais tarde. – O trem avança, e consigo ver a terra se movendo pela janela. – Vamos lá, estamos quase chegando no Distrito 11. Vamos dar uma olhada.

Andamos até o último vagão do trem. Há cadeiras e sofás para nos sentarmos, mas o que é maravilhoso é que as janelas traseiras sobem até o teto, de modo que você tem a nítida sensação de que está a céu aberto, no ar fresco, e você consegue ver uma boa parte da paisagem. Imensos campos abertos com manadas de vacas leiteiras pastando. Tão diferente de nosso lar cheio de árvores. A velocidade diminui ligeiramente e acho que talvez estejamos nos aproximando de mais uma parada, quando uma cerca se ergue diante de nós. Com pelo menos 10 metros de altura e dotada de nefastos rolos de arame farpado no topo, ela faz a nossa cerca do Distrito 12 parecer coisa de criança. Meus olhos inspecionam rapidamente a base, que contém enormes placas de metal alinhadas. Há poucas chances de se cavar um buraco, poucas chances de uma escapada para caçar. Então vejo as torres de vigilância, situadas com a mesma distância uma da outra,

recheadas de guardas armados, tão deslocadas em meio às flores silvestres em torno delas.

– Aquilo ali é uma coisa bem diferente – diz Peeta.

Rue me deu a impressão de que as regras no Distrito 11 eram impostas de uma maneira mais dura. Mas nunca imaginei nada parecido com isso.

Agora começam a aparecer os campos cultiváveis, que se estendem até onde a vista alcança. Homens, mulheres e crianças usando chapéus de palha para se proteger do sol erguem seus troncos, viram-se em nossa direção, perdem um momento esticando as costas enquanto observam a passagem de nosso trem. Consigo ver pomares ao longe, e imagino se esse é o local onde Rue trabalhava, colhendo as frutas dos galhos mais finos no topo das árvores. Pequenas comunidades de casebres – em comparação com as da Costura, elas poderiam ser consideradas de alta categoria – surgem aqui e ali, mas estão completamente vazias. Todas as mãos devem ser necessárias na colheita.

Os campos são intermináveis. Não consigo acreditar no tamanho do Distrito 11.

– Quantas pessoas você acha que vivem aqui? – pergunta Peeta. Balanço a cabeça em negativa. Na escola eles se referem a ele como um distrito grande, e é só. Nenhum número real a respeito da população. Mas essas crianças que nós vemos na câmera, esperando a colheita a cada ano, só podem ser uma pequena amostra dos que realmente habitam esse distrito. O que eles fazem? Convocações preliminares? Pegam os vencedores antes do tempo e garantem a presença deles na multidão? Como exatamente Rue acabou naquele palco com nada além do vento se oferecendo para lhe substituir?

Começo a me cansar da vastidão, da interminável vastidão desse lugar. Quando Effie vem nos dizer que está na hora de nos vestirmos, não me oponho. Vou para o meu compartimento e deixo a equipe de preparação fazer o meu cabelo e a maquiagem. Cinna entra com um vestido laranja bonitinho, adornado com folhas de outono. Imagino o quanto Peeta vai gostar da cor.

Effie me coloca junto a Peeta e recapitula o programa do dia uma última vez. Em alguns distritos, os vitoriosos percorrem a cidade enquanto os residentes dão os vivas. Mas no 11 – talvez porque não haja exatamente uma cidade para começo de conversa, tudo sendo tão espalhado, ou talvez porque eles não queiram desperdiçar tantas pessoas enquanto a colheita

está em curso – a aparição em público limita-se à praça. A cerimônia acontece em frente ao Edifício da Justiça, uma enorme estrutura de mármore. No passado, deve ter sido uma construção bonita, mas o tempo já apresentou sua fatura. Mesmo na televisão, é possível ver as trepadeiras tomando conta da fachada a ponto de desmoronar e o telhado quase despencando. A praça em si está rodeada de lojas em péssimo estado de conservação, a maioria abandonada. Onde quer que morem os bem de vida no Distrito 11, certamente não é aqui.

Nossa apresentação pública será inteiramente ao ar livre, no que Effie se refere como a varanda, o espaço coberto de telhas entre as portas da frente e a escada, protegido do sol por um telhado amparado por colunas. Peeta e eu seremos apresentados, o prefeito do 11 lerá um discurso em nossa honra, e nós responderemos com um muito obrigado escrito à mão fornecido pela Capital. Se um vitorioso tinha algum aliado especial entre os tributos mortos, é considerado de bom-tom acrescentar também alguns comentários pessoais. Eu deveria dizer alguma coisa a respeito de Rue, e também de Thresh, na realidade, mas todas as vezes que tentei escrever sobre eles em casa, acabei com um papel em branco me olhando fixamente. É difícil para mim falar sobre eles sem me emocionar. Felizmente, Peeta preparou uma coisinha e, com algumas leves alterações, o texto pode servir para nós dois. Ao fim da cerimônia, receberemos uma espécie de placa, e então poderemos nos retirar para o Edifício da Justiça, onde um jantar especial será servido.

Quando o trem começa a parar na estação do Distrito 11, Cinna faz os últimos retoques no meu traje, mudando a faixa de cabelo cor de laranja por uma em tom dourado metálico e prendendo em meu vestido o broche com o tordo que eu usava na arena. Não há nenhum comitê de boas-vindas na plataforma, apenas um esquadrão de oito Pacificadores que nos dirigem ao interior de um caminhão blindado. Effie torce o nariz assim que a porta se fecha atrás de nós.

– Dá até pra achar que somos todos criminosos – diz ela.

Todos não, Effie. Só eu, penso.

O caminhão nos deixa nos fundos do Edifício da Justiça. Somos levados para dentro apressadamente. Sinto o cheiro de uma excelente refeição sendo preparada, mas ele não bloqueia os odores de mofo e podridão. Não nos deram tempo algum para darmos uma olhada ao redor. Quando nos dirigimos rapidamente para a entrada da frente, ouço o hino

começando a ser executado na praça. Alguém prende um microfone em mim. Peeta pega minha mão esquerda. O prefeito está nos apresentando no exato instante em que as maciças portas se abrem com um gemido.

– Olha o sorriso! – diz Effie, e nos dá uma cutucada. Nossos pés começam a se mover para a frente.

É isso. É aqui que tenho de convencer a todos de como estou apaixonada por Peeta, penso. A cerimônia solene está muito bem-mapeada, de modo que não tenho muita certeza de como fazer a coisa. Não é um momento propício para um beijo, mas talvez eu consiga dar um jeito nisso.

Aplausos calorosos se seguem, mas nada parecido com as reações que recebemos na Capital, os vivas e gritos entusiasmados e assovios. Atravessamos a varanda protegida do sol até o fim do telhado e estamos em pé no topo de uma grande escadaria de mármore debaixo de um sol fortíssimo. À medida que meus olhos vão se ajustando, vejo que os prédios na praça estão com vários cartazes pendurados que ajudam a cobrir o estado de abandono em que eles se encontram. O local está cheio de gente mas, novamente, isso significa apenas uma fração do número de pessoas que ali residem.

Como de costume, uma plataforma especial foi construída na base do palco para as famílias dos tributos mortos. Do lado de Thresh há apenas uma mulher idosa com as costas curvadas e uma garota alta e musculosa que imagino ser a irmã dele. Do lado de Rue... não estou preparada para a família de Rue. Seus pais, cujos rostos ainda demonstram os sinais da tristeza recente. Seus cinco irmãos menores que se parecem tanto com ela. Os portes leves, os luminosos olhos castanhos. Eles formam um aglomerado de pequenos pássaros escuros.

O aplauso cessa e o prefeito faz o discurso em nossa honra. Duas menininhas aparecem com enormes buquês de flores. Peeta faz a sua parte da resposta manuscrita e, então, eu surpreendo meus próprios lábios concluindo o texto. Felizmente, minha mãe e Prim ensaiaram bastante comigo para que eu pudesse fazer a leitura de cor e salteada.

Peeta estava com seus comentários escritos em um cartão, mas ele não o pega. Ao contrário, fala com seu estilo simples e vitorioso sobre Thresh e Rue chegando entre os oito finalistas, sobre como ambos me mantiveram viva – portanto, mantendo-o vivo – e sobre como isso é uma dívida que nós jamais poderemos ressarcir. E então ele hesita antes de acrescentar algo que

não estava escrito no cartão. Talvez, porque ele pensasse que Effie pudesse obrigá-lo a retirar caso soubesse.

– Isso não tem como substituir as perdas de vocês, mas, como símbolo de nosso agradecimento, gostaríamos que cada família dos tributos do Distrito 11 recebesse um mês de nossos ganhos a cada ano enquanto estivermos vivos.

A multidão só conseguiu reagir com arquejos e murmúrios. Não há nenhum precedente para o que Peeta fez. Nem sei se isso é legal. Provavelmente nem ele sabe, portanto ele resolveu não perguntar, para o caso de não ser. Quanto às famílias, elas simplesmente olhavam fixamente para nós em estado de choque. As vidas delas foram mudadas para sempre quando Thresh e Rue faleceram, mas esse presente efetivará uma nova mudança. Um mês de ganho de um tributo vitorioso pode facilmente sustentar uma família por um ano. Enquanto estivermos vivos, eles não passarão fome.

Olho para Peeta e ele me dá um sorriso triste. Ouço a voz de Haymitch. – *O seu desempenho podia estar bem pior do que isso*. – Naquele momento, é impossível imaginar como eu poderia fazer melhor do que aquilo. O momento... é perfeito. Então, quando me levanto na ponta dos pés para beijá-lo, o gesto não parece nem um pouco forçado.

O prefeito dá um passo à frente e presenteia a ambos com uma placa que é tão grande que preciso baixar o meu buquê para segurá-la. A cerimônia está para terminar quando reparo em uma das irmãs de Rue olhando para mim. Ela deve ter mais ou menos nove anos e é quase uma cópia exata de Rue, até no jeito de ficar de pé com os braços ligeiramente estendidos. Apesar das boas notícias a respeito dos ganhos, ela não está feliz. Na realidade, está parecendo recriminar alguma coisa. Será porque eu não salvei Rue?

Não. É porque ainda não agradeci a ela, penso.

Uma onda de vergonha percorre todo o meu corpo. A menina está certa. Como é que posso ficar ali parada, passiva e muda, deixando todas as palavras ao encargo de Peeta? Se tivesse vencido, Rue jamais teria deixado a minha morte passar em branco. Lembro de como cuidei, na arena, para que ela ficasse coberta de flores, para garantir que a perda dela não passasse despercebida. Mas aquele gesto não vai significar coisa alguma se eu não sustentá-lo agora.

– Esperem! – Dou um passo à frente desajeitadamente, pressionando a placa contra meu peito. O tempo que me foi designado para falar chegou e passou, mas preciso falar algo. Minhas dívidas são grandes. E mesmo que eu tivesse prometido todos os meus ganhos para as famílias, isso não seria uma desculpa para o meu silêncio hoje. – Esperem por favor. – Eu não sei como começar, mas assim que começo, as palavras jorram da minha boca como se estivessem sendo formadas no fundo da minha mente há bastante tempo.

– Desejo transmitir meus agradecimentos aos tributos do Distrito 11 – digo. Olho para a dupla de mulheres do lado de Thresh. – Só falei com Thresh uma única vez. Tempo suficiente para que ele poupasse a minha vida. Não o conhecia, mas sempre o respeitei. Pelo poder que ele tinha. Por sua recusa em disputar os Jogos em quaisquer termos que não fossem os dele. Os Carreiristas queriam se associar a ele desde o início, mas ele jamais aceitou a parceria. Eu o respeitava por isso.

Pela primeira vez, a senhora corcunda – será a avó de Thresh? – levanta a cabeça e um rastro de sorriso surge em seus lábios.

A multidão ficou em silêncio, em um silêncio tão grande que imagino como é que eles vão lidar com isso. Devem estar todos prendendo a respiração.

Volto-me para a família de Rue.

– Mas tenho a sensação de ter conhecido Rue, e ela vai estar sempre comigo. Todas as coisas bonitas fazem com que eu me lembre dela. Eu a vejo nas flores amarelas que crescem na Campina perto de minha casa. Eu a vejo nos tordos que cantam nas árvores. Mas, acima de tudo, eu a vejo em minha irmã, Prim. – Minha voz não expressa muita confiança, mas estou quase terminando. – Obrigada por suas crianças. – Levanto o queixo para me dirigir à multidão. – E obrigada a todos vocês pelo pão.

Fico lá parada, sentindo-me arrasada e apequenada, milhares de olhos fixos sobre mim. Há uma longa pausa. Então, de algum lugar na multidão, alguém assobia a melodia de quatro notas dos tordos que Rue cantava. A que sinalizava o fim do dia de trabalho nos pomares. A que significava segurança na arena. No fim da melodia, encontrei a pessoa que estava assobiando, um homem idoso desgastado pelo tempo vestindo uma camisa vermelha desbotada e macacão. Seus olhos encontraram os meus.

O que acontece em seguida não é um acidente. É muito bem-executado para ser algo espontâneo, porque acontece em total uníssono. Todas as

pessoas na multidão pressionam os três dedos médios de suas mãos esquerdas contra os lábios e os estendem na minha direção. É o nosso sinal no Distrito 12, o último adeus que dei a Rue na arena.

Se eu não tivesse falado com o presidente Snow, esse gesto talvez me levasse às lágrimas. Mas com suas recentes ordens para acalmar os distritos ainda frescas em meus ouvidos, a manifestação me enche de pavor. O que ele vai pensar dessa saudação pública à garota que desafiou a Capital?

O impacto do que acabei de fazer me atinge em cheio. Não foi intencional – quis apenas expressar os meus agradecimentos –, mas acabei provocando uma coisa perigosa. Um ato de discordância das pessoas do Distrito 11. É exatamente esse tipo de coisa que eu deveria estar desencorajando!

Tento pensar em algo a dizer que pudesse solapar o que acabou de acontecer, que pudesse negar a manifestação, mas ouço uma leve estática indicando que o meu microfone foi cortado e que o prefeito reassumiu o controle da cerimônia. Peeta e eu agradecemos uma última rodada de aplausos. Ele me conduz de volta à porta, sem saber que alguma coisa deu errado.

Tenho uma sensação engraçada e preciso parar por um momento. Pedacinhos de luz do sol dançam diante de meus olhos.

– Você está se sentindo bem? – pergunta Peeta.

– Só um pouco tonta. O sol está brilhante demais – digo. Vejo o buquê na mão dele. – Esqueci minhas flores – murmuro.

– Eu pego – diz ele.

– Pode deixar – respondo.

Estaríamos seguros no interior do Edifício de Justiça nesse momento, se eu não tivesse parado, se não tivesse esquecido as flores. Em vez disso, da zona profundamente sombreada da varanda, nós vemos a coisa toda.

Um par de Pacificadores arrastando o homem idoso que assobiara em direção ao topo da escada. Forçando-o a se ajoelhar diante da multidão. E colocando uma bala em sua cabeça.

O homem acaba de desabar no chão quando uma parede de uniformes brancos de Pacificadores bloqueia a nossa visão. Vários soldados estão com armas automáticas em punho nos empurrando de volta à porta.

– Estamos indo! – diz Peeta, empurrando o Pacificador que está me pressionando. – Nós já entendemos, beleza? Vamos lá, Katniss. – Ele me abraça e me guia de volta ao Edifício de Justiça. Os Pacificadores seguem um ou dois passos atrás de nós. Assim que chegamos ao interior do prédio, as portas são fechadas e ouvimos as botas dos Pacificadores se dirigindo de volta à multidão.

Haymitch, Effie, Portia e Cinna esperam embaixo da tela cheia de estática que está montada na parede, seus rostos tensos devido à ansiedade.

– O que aconteceu? – Effie se apressa a perguntar. – A imagem saiu do ar logo depois do lindo discurso de Katniss, e então Haymitch disse que teve a impressão de ter ouvido um tiro, e eu disse que isso era ridículo, mas quem sabe? Tem lunático por tudo quanto é canto!

– Não aconteceu nada, Effie. Foi o motor de um caminhão velho que explodiu – diz Peeta, equilibradamente.

Mais dois tiros. A porta não abafa muito bem o som. Quem foi agora? A avó de Thresh? Uma das irmãs de Rue?

– Vocês dois. Venham comigo – diz Haymitch. Peeta e eu o seguimos, deixando os outros para trás. Os Pacificadores que estão estacionados ao redor do Edifício da Justiça dão pouca importância aos nossos movimentos agora que estamos em segurança no interior do prédio. Subimos uma magnífica escadaria de mármore em curva. No topo, há um longo corredor com um carpete puído. Portas duplas estão abertas, nos dando as boas-vindas ao interior da primeira sala que encontramos. O teto deve ficar a uns seis metros de altura. Desenhos de frutas e flores estão esculpidos no friso, e crianças pequenas e gorduchas com asas olham para nós de cada ângulo da sala. Vasos de flores exalam um aroma doce que me dá coceira nos olhos. Nossos trajes de noite estão pendurados na parede. Essa sala foi preparada para nosso uso, mas o tempo que ficamos lá mal dá pra

deixarmos nossos presentes. Então Haymitch arranca os microfones de nossos peitos, enfia-os debaixo da almofada de um sofá e acena para nós.

Até onde sei, Haymitch só esteve ali uma única vez, quando participou de sua própria Turnê da Vitória décadas atrás. Mas ele deve ter uma memória fantástica ou instintos confiáveis, porque nos conduz através de um emaranhado de escadarias tortuosas e corredores cada vez mais estreitos. Às vezes, ele para e força alguma porta. Pelo chiado de protesto das dobradiças dá para dizer que faz um bom tempo que ela não é aberta. Por fim, subimos uma escada que dá num alçapão. Quando Haymitch empurra a porta para o lado, entramos no domo do Edifício da Justiça. É um lugar imenso, cheio de móveis quebrados, pilhas de livros, escadas de biblioteca e armas enferrujadas. A poeira não é retirada há anos. A luz luta para penetrar no ambiente através de quatro janelas quadradas encardidas em cada lado do domo. Haymitch dá um chute no alçapão e se vira para nós.

– O que aconteceu? – pergunta ele.

Peeta relata tudo o que ocorreu na praça. O assobio, a saudação, nossa hesitação na varanda, o assassinato do velho.

– Haymitch, o que está acontecendo?

– Vai ser melhor você mesma falar – diz Haymitch para mim.

Eu não concordo. Acho que vai ser cem vezes pior se eu mesma falar. Mas conto tudo a Peeta com o máximo de calma que consigo reunir. Sobre o presidente Snow, a inquietação nos distritos. Não omito nem mesmo o beijo em Gale. Exponho os detalhes de como nós todos estamos em perigo, de como o país inteiro está em perigo por causa do meu truque com as amoras.

– Era para eu consertar as coisas nessa turnê. Fazer todo mundo acreditar que agi por amor. Acalmar as coisas. Mas, obviamente, tudo o que fiz hoje foi deixar três pessoas mortas, e agora todo mundo na praça vai ser punido. – Sinto-me tão mal que sou obrigada a sentar no sofá, apesar das molas e do estofo expostos.

– Aí eu também acabei piorando as coisas. Dando o dinheiro – diz Peeta. De repente ele dá um soco num abajur precariamente colocado em cima de um engradado e o objeto voa pela sala despedaçando-se no chão. – Isso precisa acabar. Agora. Esse... esse... joguinho de vocês dois ficarem contando segredos um para o outro e escondendo de mim como se eu fosse uma pessoa inconsequente, ou idiota ou fraca demais pra lidar com eles.

– Não é bem assim, Peeta... – começo.

– É exatamente assim! – ele berra comigo. – Também tenho várias pessoas de quem gosto, Katniss! Família e amigos no Distrito 12 que vão morrer exatamente como as de que você gosta se a gente não resolver isso aqui. Quer dizer então que, depois de tudo o que gente passou na arena, não tenho nem o direito de ouvir a verdade de você?

– Você é sempre tão confiável e uma pessoa tão boa, Peeta – diz Haymitch –, e ainda por cima tão inteligente ao se colocar diante das câmeras que nem passou pela minha cabeça perturbar essa harmonia.

– Bom, você me superestimou. Porque eu realmente fiz uma besteira danada hoje. O que você acha que vai acontecer com os membros das famílias de Rue e Thresh? Você acha que vão receber a parte que merecem de nossos ganhos? Você acha que dei a eles um futuro brilhante? Porque acho que eles vão ter sorte se sobreviverem a esse dia! – Peeta joga mais uma coisa pelos ares, uma estátua dessa vez. Eu nunca o vi se comportar dessa maneira.

– Ele tem razão, Haymitch – digo. – Nós erramos em não contar tudo pra ele. Mesmo lá na Capital.

– Mesmo na arena, vocês dois tinham uma espécie de sistema montado, não tinham? – pergunta Peeta. A voz dele está mais calma agora. – Uma coisa da qual eu não fazia parte.

– Não. Não oficialmente. Eu só conseguia saber o que Haymitch queria que eu fizesse a partir das coisas que ele enviava, ou não enviava – digo.

– Bom, eu nunca tive essa oportunidade. Porque ele nunca me enviou nada até você aparecer – diz Peeta.

Eu não tinha pensado muito sobre isso. Qual deve ter sido a perspectiva de Peeta quando apareci na arena com um remédio para queimaduras e pão ao passo que ele, que estava à beira da morte, não tinha recebido nada. Era como se Haymitch estivesse me mantendo viva e deixando ele morrer.

– Veja bem, garoto... – começa Haymitch.

– Não precisa se preocupar, Haymitch. Sei que você precisava escolher um de nós. E eu também queria que ela tivesse sido a escolhida. Mas isto aqui é diferente. Há pessoas mortas lá fora. E mais pessoas vão morrer a menos que a gente trabalhe muito bem. Todos nós sabemos que sou melhor

do que Katniss na frente das câmeras. Ninguém precisa me dizer o que tenho de falar. Mas preciso saber no que estou me metendo – diz Peeta.

– De agora em diante, você será informado de tudo – promete Haymitch.

– Acho bom – diz Peeta. Ele nem se dá o trabalho de olhar para mim antes de sair.

A poeira que levantou fica pairando no ar à procura de novos lugares onde pousar. Meus cabelos, meus olhos, meu broche de ouro brilhante.

– Você me escolheu, Haymitch? – pergunto.

– Escolhi, sim – diz ele.

– Por quê? Você gosta mais dele – digo.

– É verdade. Mas lembre-se, até eles mudarem as regras, a minha única esperança era tirar um de vocês de lá com vida – diz ele. – Pensei que, já que ele estava tão decidido a te proteger, bom, cá entre nós três, talvez nós conseguíssemos trazer você para casa.

– Oh. – É tudo o que consigo dizer.

– Você vai ver as escolhas que terá de fazer. Se a gente sobreviver a isso – diz Haymitch –, você vai aprender.

Bom, uma coisa eu aprendi hoje. Esse lugar não é uma versão maior do Distrito 12. Nossa cerca não é vigiada e quase nunca está eletrificada. Nossos Pacificadores não são bem-vindos, mas também não são tão brutais. Nossas dificuldades cotidianas evocam mais fadiga do que fúria. Aqui no 11, eles sofrem muito mais agudamente e sentem um desespero muito maior. O presidente Snow está certo. Uma fagulha poderia ser suficiente para inflamá-los.

As coisas estão acontecendo com muita rapidez para que eu possa processar tudo. O aviso, os tiros, o reconhecimento de que posso ter iniciado alguma coisa que terá grandes consequências. Tudo isso é improvável demais. E uma coisa seria eu ter planejado criar uma agitação tão grande, mas dadas as circunstâncias... como foi que consegui causar tanto problema?

– Vamos. A gente precisa participar do jantar – diz Haymitch.

Fico debaixo do chuveiro o tempo que me é permitido e em seguida saio para ser arrumada. A equipe de preparação parece indiferente aos eventos do dia. Estão todos excitadíssimos com o jantar. Nos distritos, eles são suficientemente importantes para participar, ao passo que na Capital quase nunca recebem convites para as festas mais prestigiosas. Enquanto

tentam adivinhar quais pratos serão servidos, não paro de ver o tiro estourando os miolos do homem idoso. Nem presto atenção ao que estão fazendo comigo até quase o momento de sair, quando finalmente me olho no espelho. Um vestido rosa-chá sem alça roça os meus sapatos. Meus cabelos estão presos atrás da cabeça e caem pelas costas numa chuva de anéis.

Cinna aparece atrás de mim e coloca um resplandecente xale prateado em meus ombros. Ele me olha no espelho.

– Gosta?

– É lindo. Como sempre – digo.

– Vamos ver como é que ele fica com um sorriso – diz ele delicadamente. É a senha para me alertar que em um minuto as câmeras estarão de volta. Dou um jeito de erguer os cantos dos lábios. – Lá vamos nós.

Quando nos reunimos para descer para o jantar, dá para ver que Effie está irritada. Certamente, Haymitch não contou para ela o que aconteceu na praça. Não ficaria surpresa se Cinna e Portia soubessem, mas ao que parece existe um acordo tácito para que Effie fique fora do circuito das más notícias. Mas não demora muito até que o problema apareça.

Effie recapitula o cronograma da noite e em seguida o joga para o lado.

– E então, graças a Deus, vamos entrar naquele trem e dar o fora daqui – diz ela.

– Algo errado, Effie? – pergunta Cinna.

– Não gosto do jeito como a gente tem sido tratado. Jogados dentro de caminhões sem poder pisar na plataforma. E depois, mais ou menos uma hora atrás, decidi dar uma olhada em volta do Edifício da Justiça. Vocês sabem que sou meio especialista em arquitetura – diz ela.

– Ah, sim, ouvi falar – diz Portia, antes que a pausa ficasse longa demais.

– Então, estava apenas dando uma olhadinha ao redor porque as ruínas dos distritos vão dar o que falar esse ano, quando dois Pacificadores apareceram e me mandaram voltar aos meus aposentos. Um deles inclusive encostou a arma em mim! – diz Effie.

Não consigo parar de pensar que isso foi o resultado direto de Haymitch, Peeta e eu termos desaparecido no início do dia. É reconfortante, na verdade, pensar que Haymitch talvez tenha agido de modo correto. Que

ninguém estaria monitorando o domo empoeirado onde nós conversamos. Embora eu aposte que agora estejam.

Effie parece tão perturbada que eu a abraço espontaneamente.

– Que coisa horrível, Effie. De repente seria melhor a gente nem ir a esse jantar. Pelo menos até eles pedirem desculpas. – Sei que ela jamais concordaria com isso, mas seu estado de espírito melhora consideravelmente diante da sugestão, diante do reconhecimento de sua reclamação.

– Não, eu consigo. É parte do meu trabalho lidar com os altos e baixos. E a gente não pode deixar vocês dois perderem o jantar – diz ela. – Mas obrigada pela sugestão, Katniss.

Effie nos coloca em formação para a entrada. Primeiro as equipes de preparação, depois ela, os estilistas, Haymitch. Peeta e eu, é claro, vamos por último.

Em algum lugar mais abaixo, músicos começam a tocar. Quando a primeira onda de nossa pequena procissão começa a descer os degraus, Peeta e eu ficamos de mãos dadas.

– Haymitch diz que errei em brigar com você. Você estava apenas agindo de acordo com as suas instruções – diz Peeta. – E também não é verdade que eu não tenha omitido coisas de você no passado.

Lembro do choque ao ouvir Peeta confessando seu amor por mim na frente de Panem inteira. Haymitch sabia disso e não tinha me dito nada.

– Acho que eu mesma também quebrei algumas coisas depois daquela entrevista.

– Só uma urna – diz ele.

– E as suas mãos. Mas esse tipo de atitude não faz mais sentido, faz? Mentirmos um pro outro?

– Nenhum sentido – diz Peeta. Ficamos no topo da escada, quinze passos atrás de Haymitch de acordo com a orientação de Effie. – Foi só uma vez mesmo que você beijou Gale?

Fico tão atônita que respondo:

– Foi. – Com tudo o que aconteceu hoje, será que essa pergunta realmente o estava atormentando tanto?

– Quinze. Vamos nessa – diz ele.

Uma luz nos atinge, e exibo o mais esplêndido sorriso que alguém pode imaginar.

Descemos os degraus e somos tragados pelo que se torna uma indistinta coleção de jantares, cerimônias e viagens de trem. Todo dia é a mesma coisa. Acordar. Se vestir. Andar em meio a multidões entusiasmadas. Ouvir um discurso em nossa honra. Fazer um discurso de agradecimento em retribuição, mas apenas o que a Capital nos forneceu, jamais acrescentar quaisquer adendos pessoais a partir de agora. Às vezes uma breve turnê: uma olhadinha no mar em um distrito, florestas altíssimas em outro, fábricas feiosas, campos de trigo, refinarias fedorentas. Vestir os trajes de noite. Participar do jantar. Trem.

Durante as cerimônias, somos solenes e respeitosos, mas sempre grudados um no outro, pelas mãos, pelos braços. Nos jantares, ficamos à beira do delírio em nosso amor recíproco. Nós nos beijamos, dançamos, somos pegos tentando dar uma escapadinha para ficarmos a sós. No trem, ficamos silenciosamente tristes enquanto tentamos avaliar o efeito que estaríamos provocando.

Mesmo sem nossos discursos pessoais para desencadear discordâncias – não é preciso dizer que os que fizemos no Distrito 11 foram editados antes de o evento ser transmitido – dá para sentir algo no ar, uma panela no fogo a ponto de transbordar. Não em todos os lugares. Algumas multidões expressam a sensação típica do gado a caminho do matadouro que eu sei que o Distrito 12 normalmente projeta nas cerimônias dos vitoriosos. Mas em outros – particularmente no 8, no 4 e no 3 – existe uma genuína felicidade estampada nos rostos das pessoas assim que nos veem e, por trás dessa felicidade, fúria. Quando eles cantam o meu nome, é mais um grito de vingança do que um viva. Quando os Pacificadores aparecem para silenciar uma multidão indisciplinada, ela intensifica a postura em vez de recuar. E sei que não há nada que eu jamais possa fazer para mudar isso. Nenhuma demonstração de amor, embora crível, mudaria essa maré. Se o fato de eu ter estendido aquelas amoras foi um ato de insanidade temporária, então essas pessoas também vão abraçar a insanidade.

Cinna afrouxa minha roupa na cintura. A equipe de preparação ameniza as olheiras. Effie começa a me dar pílulas para dormir, mas elas não funcionam. Não tão bem. Adormeço apenas para ser despertada por pesadelos que aumentam em quantidade e intensidade. Peeta, que passa grande parte da noite vagando pelo trem, ouve os meus gritos enquanto luto para escapar da névoa proporcionada pelas drogas que apenas prolongam os horríveis sonhos. Ele consegue me acordar e me acalmar. Em seguida, deita

na minha cama e me abraça até que eu adormeça novamente. Depois disso, recuso as pílulas. Mas todas as noites deixo que ele deite na minha cama. Administramos a escuridão da mesma maneira que fazíamos na arena, abraçados um ao outro, vigiando os perigos que podem surgir a qualquer momento. Nada mais acontece, mas nosso arranjo rapidamente se torna objeto de fofocas no trem.

Quando Effie menciona o assunto comigo, penso, *Ótimo. De repente a história vai chegar no presidente Snow*. Digo a ela que faremos um esforço para sermos mais discretos, mas não fazemos nada disso.

As aparições consecutivas no 2 e no 1 são especialmente horripilantes. Cato e Clove, os tributos do Distrito 2, poderiam ter voltado para casa se Peeta e eu não tivéssemos. Eu matei pessoalmente a garota, Glimmer, e o garoto do Distrito 1. Enquanto tento evitar olhar para a família dele, descubro que seu nome era Marvel. Como é possível que eu não soubesse? Tenho a impressão de que antes dos Jogos eu não tinha prestado atenção, e depois não queria saber.

Quando chegamos à Capital, já estamos desesperados. Fazemos aparições intermináveis para multidões embevecidas. Não há nenhum perigo de um levante aqui entre os privilegiados, entre aqueles cujos nomes jamais são colocados nas bolinhas da colheita, cujos filhos jamais morrem pelos crimes supostamente cometidos gerações atrás. Não precisamos convencer ninguém na Capital de nosso amor, apenas nos ater ao tênue fio de esperança de que ainda conseguiremos alcançar algumas daquelas pessoas que fracassamos em convencer nos distritos. O que quer que façamos, parece muito pouco, e já um tanto quanto tardio.

De volta a nossos antigos aposentos no Centro de Treinamento, sou eu quem sugere o pedido de casamento em público. Peeta concorda, mas em seguida desaparece em seu quarto por um bom tempo. Haymitch me diz para deixá-lo em paz.

– Pensei que ele quisesse – digo.

– Não dessa maneira – diz Haymitch. – Ele queria que a coisa fosse pra valer.

Volto para o meu quarto e me deito debaixo das cobertas, tentando não pensar em Gale e sem conseguir pensar em mais nada.

Naquela noite, no palco diante do Centro de Treinamento, somos submetidos a uma série de perguntas. Caesar Flickerman, em seu cintilante terno azul, seus cabelos, pálpebras e lábios ainda tingidos de pó de arroz

azul, conduz impecavelmente a entrevista. Quando pergunta sobre o nosso futuro, Peeta se ajoelha, extravasa seu coração e implora para que eu me case com ele. Eu, é claro, aceito. Caesar mal consegue se conter, a audiência da Capital fica histérica, tomadas das multidões em toda Panem mostram um país embriagado de felicidade.

O presidente Snow em pessoa faz uma visita surpresa para nos congratular. Ele bate na mão de Peeta e lhe dá um tapinha de aprovação no ombro. Ele me abraça, envolvendo-me com seu cheiro de sangue e rosas, e planta um beijo suave em meu rosto. Quando se afasta, seus dedos enterrados em meus braços, seu rosto sorrindo para o meu, ouso erguer as sobrancelhas. Elas perguntam o que a minha boca não pode perguntar. *Eu consegui? Foi suficiente? Entregar tudo a você, manter o jogo rolando, prometer me casar com Peeta. Isso foi suficiente?*

Como resposta, ele faz uma negativa com a cabeça de maneira quase imperceptível.

Naquele movimento ligeiro, vejo o fim da esperança, o começo da destruição de tudo que me é mais caro no mundo. Não consigo adivinhar que forma de punição ocorrerá, a que distância será jogada a rede, mas quando tudo estiver terminado, é muito provável que nada mais reste. Então é fácil imaginar que num momento como esse, eu seria acometida por completo desespero. Isso é o mais estranho. O que mais sinto é alívio. Sinto que posso desistir do jogo. Que a pergunta sobre se consigo ter sucesso nesse empreendimento foi respondida, mesmo que essa resposta tenha sido um sonoro não. Que se tempos desesperadores clamam por medidas desesperadas, então estou livre para agir tão desesperadamente quanto desejar.

Só que não aqui, não ainda. É essencial voltar para o Distrito 12, porque a parte principal de qualquer plano incluirá minha mãe e minha irmã, Gale e sua família. E Peeta, se eu conseguir que ele nos acompanhe. Acrescento Haymitch à lista. Essas são as pessoas que devo levar comigo quando fugir para os confins da natureza. Como vou convencê-los, para onde ir no meio do inverno, o que será preciso para que escapemos de ser capturados são perguntas sem respostas. Mas pelo menos agora sei o que devo fazer.

Então em vez de ficar me contorcendo no chão chorando, estico o corpo com uma confiança que não tinha há muitas semanas. Meu sorriso, apesar de até certo ponto insano, não é forçado. E assim, eu mais do que depressa mobilizo o meu visual de menininha-quase-catatônica-de-tanta-felicidade quando o presidente Snow silencia a audiência e diz:

– O que você acha de realizarmos o casamento deles bem aqui na Capital?

Caesar Flickerman pergunta se o presidente tem uma data em vista.

– Oh, antes de marcarmos uma data, é melhor acertarmos com a mãe de Katniss – diz o presidente. A audiência dá uma sonora gargalhada e o presidente me abraça. – Se todo o país se concentrar nisso, talvez vocês consigam se casar antes dos trinta.

– Provavelmente o senhor terá de formular uma nova lei – digo, dando uma risadinha.

– Se for necessário, assim será – diz o presidente com um bom humor conspiratório.

Ah, como nós dois nos divertimos.

A festa, realizada na sala de banquetes da mansão do presidente Snow, é incrível. O teto com pé-direito de 12 metros de altura foi transformado num céu noturno, e as estrelas estão dispostas exatamente como estão no meu distrito. Tenho a impressão de que elas também são assim quando vistas da Capital, mas quem pode saber? Aqui tem sempre luz demais na cidade para que as estrelas possam ser vistas. Mais ou menos no meio do caminho entre o chão e o teto, músicos flutuam no que parecem nuvens brancas e fofas, mas não consigo ver o que as mantém no ar. Mesas tradicionais de jantar foram substituídas por inúmeros sofás e cadeiras estofados, alguns dos quais cercando as lareiras, outros ao lado de aromáticos jardins floridos ou fontes cheias de peixes exóticos, de modo que as pessoas possam comer e beber, e fazer o que quer que desejem no mais completo conforto. Há uma grande área ladrilhada no centro da sala que funciona como pista de dança, como palco para apresentações performáticas de artistas que entram e saem e como um outro local para se misturar com os convidados extravagantemente vestidos.

Mas a verdadeira estrela do evento é a comida. Mesas decoradas com as mais finas iguarias estão alinhadas nas paredes. Tudo o que se pode imaginar, e coisas com que ninguém jamais sonharia, estão à disposição dos convidados. Bois, porcos e cabritos inteiros girando nas grelhas. Imensos pratos de aves recheadas com frutas aromatizadas e nozes. Criaturas dos oceanos salpicadas de molho ou implorando para serem mergulhadas em misturas apimentadas. Incontáveis queijos, pães, legumes, doces, cachoeiras de vinho e rios de destilados que brilham nas chamas.

Meu apetite voltou junto com meu desejo de retaliação. Após semanas me sentindo preocupada demais para comer, estou faminta.

– Quero provar tudo nesta sala – digo a Peeta.

Percebo que ele está tentando ler minha expressão, tentando entender a minha transformação. Como ele não sabe que o presidente Snow acha que eu fracassei, ele só pode imaginar que eu acreditei que tivemos sucesso. Talvez eu até sinta uma felicidade genuína com nosso noivado. Seus olhos

refletem sua perplexidade, mas apenas brevemente, porque estamos sendo filmados.

– Então é melhor você se apressar – diz ele.

– Tudo bem, só uma provinha de cada prato – digo. Minha promessa é quase que imediatamente quebrada diante da primeira mesa, que contém mais ou menos uns vinte tipos de sopa, quando encontro um caldo cremoso de abóbora salpicado de nozes moídas e pequenas sementes pretas. – Eu poderia comer isto aqui a noite inteira! – exclamo. Mas não como. Fraquejo novamente diante de um caldo verde que só consigo descrever como algo tão saboroso quanto a primavera, e mais uma vez experimento uma sopa rosada fumegante acompanhada de framboesas.

Rostos aparecem, nomes são trocados, retratos tirados, beijos dados e recebidos nas mais diversas faces. Aparentemente, meu broche com o tordo lançou uma nova moda que virou a sensação da temporada, porque diversas pessoas aparecem para me mostrar seus acessórios. Meu pássaro foi copiado em fivelas de cintos, bordado em lapelas de seda, até mesmo tatuado em lugares íntimos. Todos querem usar o símbolo da vencedora. Só consigo imaginar o quanto isso não deve estar levando o presidente Snow à loucura. Mas o que ele pode fazer? Os Jogos foram um tremendo sucesso aqui, onde as amoras foram apenas um símbolo de uma garota desesperada tentando salvar seu namorado.

Peeta e eu não fazemos nenhum esforço para achar companhia, mas somos constantemente assediados. Somos o que ninguém deseja perder nessa festa. Eu me comporto como quem está deliciada, mas meu interesse por essas pessoas que vivem na Capital é zero. Elas servem apenas para me distrair da comida.

Todas as mesas apresentam novas tentações, e mesmo seguindo o meu restrito regime de provar apenas um pouquinho de cada prato, começo a me empanturrar rapidamente. Pego uma pequena ave assada, dou uma mordida e minha língua fica inundada de molho de laranja. Delicioso. Mas convenço Peeta a comer o resto porque quero continuar experimentando tudo, e a ideia de desperdiçar comida, como vejo tantas pessoas fazendo de modo tão prosaico, me é abominável. Depois de mais ou menos dez mesas, estou completamente cheia, e nós só experimentamos um pequeno número dos pratos disponíveis.

Só então a minha equipe de preparação se junta a nós. Eles estão beirando a incoerência, navegando entre o álcool que consumiram e o

êxtase que estão sentindo por estar participando de um evento daquela magnitude.

– Por que vocês não estão comendo? – pergunta Octavia.

– Eu comi, mas não consigo colocar mais nada na boca – digo. Todos eles riem como se isso fosse a coisa mais boba que já ouviram em toda a vida.

– Isso não é empecilho para ninguém! – diz Flavius. Eles nos levam até uma mesa que contém pequenas taças de vinho cheias de um líquido transparente. – Beba isto!

Peeta pega uma taça, dá um gole, e eles ficam nervosos.

– Aqui não! – berra Octavia.

– Você precisa fazer isso lá dentro – diz Venia, apontando para as portas que vão dar no toalete. – Senão você vai sujar o chão todo!

Peeta olha para a taça novamente e raciocina.

– Vocês estão querendo dizer que isso aqui vai me dar vontade de vomitar?

Minha equipe de preparação ri histericamente.

– É claro, pra você poder continuar comendo – diz Octavia. – Eu já estive lá duas vezes. Todo mundo faz isso, senão como é que você vai conseguir se divertir num banquete como esse?

Fico muda, olhando as tacinhas bonitinhas e tudo o que elas representam. Peeta coloca a dele na mesa com tamanha precisão que alguém poderia até pensar que o objeto ia explodir.

– Vamos dançar, Katniss.

Música ecoa das nuvens à medida que ele me afasta da equipe, da mesa, e me leva para a pista. Conhecemos apenas alguns passos de dança em nosso distrito, a partir de músicas tocadas por violinos e flautas e que requerem uma boa dose de espaço. Mas Effie nos mostrou alguns temas bem populares na Capital. A música é lenta e divagante, de modo que Peeta me puxa de encontro a seus braços e nos movemos num círculo praticamente sem dar nenhum passo. Daria para dançar essa música em cima de um prato de torta. Ficamos em silêncio por um tempo. Então, Peeta fala com uma voz tensa:

– Você segue em frente, imaginando que pode lidar com isso, imaginando que, de repente, eles não são tão maus assim, e aí você... – Ele se interrompe.

A única coisa em que consigo pensar é nos corpos flácidos de nossas crianças em nossa mesa de cozinha, enquanto minha mãe receita o que os pais não têm condições de dar a elas. Mais comida. Agora que somos ricos, ela manda um pouco para elas levarem para casa. Mas antigamente, com muita frequência, não havia nada a ser dado e a criança não tinha como ser salva. E aqui na Capital eles vomitam pelo prazer de encher seus corpos ininterruptamente. Não por causa de alguma enfermidade do corpo ou da mente, nem por causa de alguma comida estragada. É o que todo mundo faz numa festa. É o que é esperado. Faz parte da diversão.

Um dia, quando dei uma passada na casa de Hazelle para deixar um pouco de caça, Vick estava doente com uma tosse forte. Como faz parte da família de Gale, o menino deve comer melhor do que noventa por cento do restante do Distrito 12. Mas ainda assim ele passou mais ou menos quinze minutos falando a respeito de como eles tinham aberto uma lata de melaço de milho do Dia da Parcela e cada um tinha colocado uma colher no pão e que talvez comessem ainda mais no fim da semana. E de como Hazelle tinha dito que ele podia colocar um pouquinho numa xícara de chá para melhorar sua tosse, mas ele não achava isso certo a menos que os outros também pudessem fazer a mesma coisa. Se a coisa é assim na casa de Gale, como deverá ser nas outras casas?

– Peeta, eles trazem a gente para cá para lutar até a morte para se divertirem – digo. – Na boa, isso aqui não é nada em comparação com a arena.

– Eu sei, sei disso. É que às vezes não aguento mais. Tem horas que... eu nem sei o que fazer. – Ele faz uma pausa e em seguida sussurra. – De repente a gente está errado, Katniss.

– Em relação a quê? – pergunto.

– Em relação a tentar aquietar as coisas nos distritos – diz ele.

Minha cabeça se move rapidamente de um lado para o outro, mas não parece que alguém tenha ouvido alguma coisa. A equipe de filmagem está distraída numa mesa de mariscos, e os casais dançando ao redor de nós ou estão bêbados demais ou entretidos demais uns com os outros para notar alguma coisa.

– Desculpa – diz ele. Ele deveria se desculpar mesmo. Isso não é lugar para ficar dando voz a tais pensamentos.

– Em casa conversamos sobre isso – digo a Peeta.

Só então Portia aparece com um homem grande que me parece vagamente familiar. Ela o apresenta como Plutarch Heavensbee, o novo Chefe dos Idealizadores dos Jogos. Plutarch pergunta a Peeta se tem permissão para dançar comigo. Peeta está novamente com o rosto que usa diante das câmeras e me passa de bom grado, alertando o homem para que não fique muito grudado em mim.

Não quero dançar com Plutarch Heavensbee. E não quero sentir as mãos dele, uma pousada sobre a minha, a outra na minha cintura. Não estou acostumada a ser tocada, exceto por Peeta ou por meus familiares, e coloco Idealizadores dos Jogos abaixo de vermes na escala de criaturas que eu quero que tenham contato com a minha pele. Mas ele parece sentir isso e me mantém quase a distância de seus braços estendidos enquanto movimentamos nossos corpos na pista.

Ficamos de papo sobre a festa, sobre o entretenimento, sobre a comida, e então ele faz uma piada sobre ter deixado de tomar ponche desde os treinamentos. Não entendo a piada, e só então percebo que ele é o homem que caiu para trás em cima da tigela de ponche quando atirei uma flecha nos Idealizadores dos Jogos durante a sessão de treinamento. Bom, não foi bem assim. Estava atirando uma flecha numa maçã que estava na boca de um porco assado. Mas fiz todo mundo saltar.

– Oh, foi você que... – Rio, me lembrando dele se encharcando de ponche ao cair.

– Foi, sim. E você vai ficar satisfeita em saber que eu nunca me recuperei daquilo – diz Plutarch.

Quero observar que, da mesma maneira, vinte e dois tributos mortos jamais se recuperarão dos Jogos que ele ajudou a criar. Mas digo apenas:

– Bom. Quer dizer então que você é o chefe dos Idealizadores dos Jogos esse ano? Isso deve ser uma grande honra.

– Cá entre nós, não havia muitas pessoas interessadas no emprego – diz ele. – Há muita responsabilidade em relação a como serão os Jogos.

Pode crer, o último cara na função está morto, penso. Ele deve saber a respeito de Seneca Crane, mas não parece minimamente preocupado.

– Você já está planejando os Jogos do Massacre Quaternário? – pergunto.

– Ah, sim. Bom, eles estão sendo preparados há anos, é claro. Arenas não são construídas num dia. Mas o, digamos, sabor dos Jogos está sendo

determinado agora. Acredite ou não, tenho uma reunião da área de estratégia marcada para hoje à noite – diz ele.

Plutarch dá um passo para trás e puxa do bolso do colete um relógio de ouro preso a uma corrente. Ele abre a tampa com o dedo, verifica a hora e franze a testa.

– Preciso ir andando. – Ele vira o relógio para que eu possa ver o visor. – Começa à meia-noite.

– Parece tarde para... – digo, mas então algo me distrai. Plutarch passa o polegar sobre o visor de cristal do relógio e, por um instante, uma imagem surge, brilhando como se estivesse iluminada por uma vela. Mais um tordo. Exatamente como o broche em meu vestido. Só que esse desaparece. Ele fecha o relógio.

– Muito bonito – digo.

– Ah, é muito mais do que bonito. É singular – diz ele. – Se alguém perguntar por mim, diga que fui para casa dormir. As reuniões devem ser mantidas em segredo. Mas pensei que seria seguro contar pra você.

– Com certeza. Seu segredo está seguro comigo – digo.

Enquanto apertamos nossas mãos, ele se curva ligeiramente, um gesto comum aqui na Capital.

– Bom, Katniss, vejo você nos Jogos, quando o verão chegar. Muitas felicidades em seu noivado, e boa sorte com sua mãe.

– Vou precisar mesmo – digo.

Plutarch desaparece e vago em meio à multidão, atrás de Peeta, enquanto estranhos me parabenizam, pela minha vitória nos Jogos, pela minha escolha de batom. Eu respondo, mas estou na verdade pensando em Plutarch exibindo seu bonito e exclusivo relógio para mim. Havia alguma coisa estranha nele. Quase clandestina. Mas o quê? Talvez ele pense que mais alguém vai roubar sua ideia de colocar no visor do relógio um tordo em fuga. Sim, provavelmente ele pagou uma fortuna por isso e agora não tem como mostrar o relógio para ninguém porque tem medo de que alguém possa fazer uma imitação barata do objeto. Só na Capital.

Encontro Peeta admirando uma mesa de bolos decorados com o máximo de esmero. Padeiros vieram da cozinha especialmente para conversar com ele sobre decoração de bolos, e dá para vê-los tropeçando uns nos outros para responder às perguntas que ele faz. Acatando um pedido de Peeta, eles reúnem uma amostra de pequenos bolos para ele levar

para o Distrito 12, onde poderá examinar o trabalho dos padeiros da Capital com tranquilidade.

– Effie disse que a gente precisa estar no trem a uma da manhã. Eu me pergunto que horas devem ser agora – diz ele, olhando ao redor.

– Quase meia-noite – respondo. Arranco uma flor de chocolate de um bolo com os dedos e dou uma mordidinha, ultrapassando totalmente qualquer preocupação com as boas maneiras.

– Hora de agradecer e dizer adeus! – gorjeia Effie, agarrando o meu cotovelo. Esse é um desses momentos em que eu simplesmente amo a pontualidade compulsiva dela. Recolhemos Cinna e Portia, e Effie nos acompanha pela sala para que possamos nos despedir de pessoas importantes. Em seguida, nos conduz até a porta.

– A gente não devia agradecer ao presidente Snow? – pergunta Peeta. – Afinal isso aqui é a casa dele.

– Ah, ele não é muito de festa, não. Ocupado demais – diz Effie. – Já cuidei para que os bilhetes e presentes necessários sejam enviados a ele amanhã. Olha só quem chegou! – Effie faz um leve aceno a dois atendentes da Capital que estão carregando um embriagado Haymitch.

Percorremos as ruas da Capital num carro com janelas escuras. Atrás de nós, um outro carro leva as equipes de preparação. A quantidade de pessoas comemorando nas ruas é tão grande que torna o tráfego lento. Mas Effie é meticulosa como uma cientista, de modo que exatamente a uma da manhã estamos de volta ao trem que logo em seguida parte da estação.

Haymitch é depositado em seu compartimento. Cinna pede chá e nos sentamos ao redor da mesa, enquanto Effie recita seu cronograma e nos lembra que ainda estamos em turnê.

– Temos que pensar no Festival da Colheita no Distrito 12. Então, sugiro que a gente tome esse chá e siga diretamente para cama. – Ninguém discute.

Quando abro os olhos, estamos no início da tarde. Minha cabeça está apoiada no braço de Peeta. Não me lembro de ele ter vindo na noite passada. Eu me viro, com cuidado para não perturbá-lo, mas ele já está acordado.

– Nenhum pesadelo – diz ele.

– O quê? – pergunto.

– Você não teve nenhum pesadelo na noite passada – diz ele.

Ele tem razão. Pela primeira vez em séculos dormi a noite inteira sem distúrbios.

– Mas tive um sonho – digo, relembrando. – Estava seguindo um tordo na floresta. Por um bom tempo. Era Rue, na realidade. Enfim, quando o tordo cantava, ele tinha a voz dela.

– Para onde ela te levou? – pergunta Peeta, tirando algumas mechas de cabelo da minha testa.

– Não sei. A gente nunca chegou – digo. – Mas estava me sentindo feliz.

– Bom, você dormiu como quem está feliz – diz ele.

– Peeta, como é que pode eu nunca saber quando você está tendo um pesadelo? – digo.

– Não sei. Acho que não grito e nem esperneio, ou qualquer coisa assim. Fico paradinho, paralisado de terror, e só – diz ele.

– Você devia me acordar – digo, pensando em como eu interrompia o sono dele duas ou três vezes numa noite ruim. Em quanto tempo era preciso para me acalmar.

– Não é necessário. Meus pesadelos normalmente têm a ver com perder você – diz ele. – Eu fico legal logo que percebo que você está aqui.

Argh. Peeta faz comentários como esse de uma maneira tão indiferente que tenho a nítida sensação de estar levando um soco no estômago. Ele não está respondendo honestamente à minha pergunta. Ele não está me pressionando para responder da mesma maneira, para fazer alguma declaração de amor. Mas ainda assim sinto-me péssima, como se eu estivesse usando-o de um jeito terrível. Estou? Não sei. Só sei que, pela primeira vez, tenho a sensação de estar agindo de modo imoral ao permitir que ele fique aqui na minha cama. O que é irônico, já que agora estamos oficialmente noivos.

– Vai ser pior quando a gente estiver em casa e eu estiver dormindo sozinho novamente – diz ele.

– É isso aí, estamos quase chegando em casa.

A agenda para o Distrito 12 inclui um jantar na casa do prefeito Undersee, hoje à noite, e um desfile dos vitoriosos na praça durante o Festival da Colheita, amanhã. Nós sempre celebramos o Festival da Colheita no último dia da Turnê da Vitória, mas normalmente isso significa uma refeição em casa ou com amigos, se você tiver como arcar com os

custos. Este ano será um evento público e, como a Capital vai bancar, todas as pessoas do distrito inteiro ficarão com as barrigas cheias.

Grande parte de nossa preparação ocorrerá na casa do prefeito, já que nós voltamos a nos cobrir de peles para as aparições ao ar livre. Ficamos pouquíssimo tempo na estação de trem, o suficiente para dar sorrisos e acenar enquanto entrávamos em nosso carro. E só conseguimos ver nossos familiares muito mais tarde, na hora do jantar.

Estou contente pelo fato de o evento ocorrer na casa do prefeito em vez de no Edifício da Justiça, onde está o monumento à memória de meu pai, onde eles me levaram depois da colheita para aquelas atrozes despedidas à minha família. O Edifício da Justiça está muito cheio de tristeza.

Mas gosto da casa do prefeito Undersee, principalmente agora que sua filha, Madge, e eu somos amigas. Nós sempre fomos, de uma certa forma. A amizade tornou-se oficial quando ela foi se despedir de mim antes de minha partida para os Jogos. Quando ela me deu aquele broche com o tordo para que eu tivesse sorte. Depois que voltei para casa, começamos a passar um bom tempo juntas. Acontece que Madge também tem muitas horas vagas para preencher. Era um pouco esquisto de início porque não sabíamos o que fazer. Ouço outras garotas de nossa idade conversando sobre garotos, ou sobre outras garotas, ou sobre roupas. Madge e eu não somos fofoqueiras e roupas me entediam tanto que sinto até vontade de chorar. Mas depois de alguns começos incertos, percebi que ela estava louca para visitar a floresta, de modo que a levei até lá algumas vezes e mostrei a ela como se usa o arco e flecha. Ela está tentando me ensinar a tocar piano, mas o que mais gosto é de ouvi-la tocar. Às vezes comemos na casa uma da outra. Madge gosta mais da minha. Seus pais parecem ser legais, mas eu acho que ela não os vê assiduamente. O pai dela precisa administrar o Distrito 12 e a mãe dela tem dores de cabeça fortíssimas que a obrigam a ficar na cama por dias e dias.

– De repente seria uma boa você levá-la até a Capital – eu disse durante uma das vezes em que isso aconteceu. Não estávamos tocando piano naquele dia porque mesmo dois andares abaixo o som piorava ainda mais as dores da mãe dela. – Aposto que lá eles conseguem curá-la.

– Acho que sim. Mas ninguém vai para Capital, a não ser a convite – disse Madge, entristecida. Até os privilégios dos prefeitos são limitados.

Quando chegamos à casa do prefeito, tenho tempo apenas de dar um rápido abraço em Madge antes que Effie comece a me empurrar em direção ao terceiro andar onde vou me aprontar. Depois que estou preparada e trajada com um longo vestido prateado, ainda tenho uma hora para matar antes do jantar, de modo que dou uma escapadinha para me encontrar com ela.

O quarto de Madge fica no segundo andar com vários outros aposentos de hóspedes e o estúdio de seu pai. Estico a cabeça no estúdio para dar um alô para o prefeito, mas o local está vazio. A televisão está ligada, e paro para assistir a algumas tomadas minhas e de Peeta na festa da Capital, ontem à noite. Dançando, comendo, beijando. Isso deve estar passando em todas as casas de Panem nesse exato momento. A audiência não deve estar estar mais aguentando olhar para a cara dos amantes desafortunados do Distrito 12. Sei que eu mesma não aguento mais.

Estou saindo da sala quando um bipe chama a minha atenção. Viro-me e vejo a tela da televisão ficar preta. Em seguida as palavras "ÚLTIMAS NOTÍCIAS DO DISTRITO 8" começam a piscar. Instintivamente, compreendo que isso não é para mim, mas alguma coisa destinada somente ao prefeito. Tenho de ir embora. Rapidamente. Em vez disso, me flagro aproximando-me ainda mais do aparelho de TV.

Uma locutora que nunca vi antes aparece. Uma mulher de cabelos grisalhos e com uma voz rouca que exprime autoridade. Ela avisa que as condições estão piorando e que um alerta Nível 3 foi acionado. Forças adicionais estão sendo enviadas para o Distrito 8, e toda a produção têxtil está suspensa.

Eles cortam a mulher e mostram agora a praça principal no Distrito 8. Eu a reconheço porque estive lá na semana passada. Ainda há cartazes com o meu rosto balançando ao vento em cima dos telhados. Abaixo, há uma cena de tumulto. A praça está tomada de pessoas aos berros, seus rostos escondidos por pedaços de pano e máscaras improvisadas, atirando tijolos. Prédios estão em chamas. Pacificadores atiram na multidão, matando quem estiver na frente.

Nunca vi nada parecido em toda a minha vida, mas só posso estar testemunhando uma única coisa. Isso é o que o presidente Snow chama de levante.

Uma bolsa de couro cheia de comida e um cantil com chá quente. Um par de luvas revestidas de pele que Cinna deixou para trás. Três galhos, arrancados das árvores nuas, estão na neve, apontando na direção que eu seguirei. Isso é o que deixo para Gale em nosso local de encontro habitual no primeiro domingo depois do Festival da Colheita.

Prossegui em meio à floresta fria e enevoada, abrindo uma trilha que não será familiar a Gale, mas que é simples para meus pés acharem. Ela me leva ao lago. Não tenho mais confiança de que nosso local de encontro regular continue oferecendo privacidade, e vou precisar disso e muito mais para poder cuspir minhas entranhas hoje para Gale. Mas será que ele ao menos virá? Se não vier, não terei outra escolha a não ser me arriscar a ir até a casa dele na calada da noite. Há coisas que ele precisa saber... coisas que eu preciso que ele me ajude a entender...

Assim que as implicações do que eu estava vendo na televisão do prefeito Undersee me atingiram em cheio, fui até a porta e me dirigi ao corredor. Bem na hora, também, porque o prefeito subiu a escada segundos depois. Eu acenei para ele.

– Atrás de Madge? – disse ele, num tom de voz amigável.

– Estou, sim. Quero mostrar meu vestido para ela – disse.

– Bom, você sabe onde ela está. – Nesse exato momento, foi possível ouvir um outro ruído de bipe vindo do escritório. O rosto dele ficou grave. – Com licença – disse ele. O prefeito entrou em seu escritório e fechou bem a porta.

Esperei no corredor até conseguir me recompor do choque. Lembrei a mim mesma que deveria agir com naturalidade. Então encontrei Madge no quarto dela, sentada em frente à cômoda, penteando seus cabelos louros e ondulados diante do espelho. Estava usando o mesmo bonito vestido branco que vestira no dia da colheita. Ela viu meu reflexo atrás de si e sorriu.

– Olha só. Parece até que você acabou de chegar das ruas da Capital.

Eu me aproximei. Meus dedos tocaram o tordo.

– E agora até no meu broche. Os tordos são uma febre na Capital, graças a você. Tem certeza de que não o quer de volta? – perguntei.

– Deixa de besteira, isso foi um presente – disse Madge. Ela prendeu os cabelos com uma festiva fita dourada.

– Afinal, onde foi que você o conseguiu? – perguntei.

– Era da minha tia – disse ela. – Mas acho que está na família há muito tempo.

– É uma coisa engraçada, essa escolha de um tordo – comentei. – Sabe, por causa de tudo o que aconteceu na rebelião. Aquela história dos gaios tagarelas se voltando contra a Capital e coisa e tal.

Os gaios tagarelas eram bestantes, pássaros do sexo masculino geneticamente aprimorados, criados como armas pela Capital, para espionar os rebeldes nos distritos. Eles conseguiam lembrar e repetir longas passagens de conversas humanas. Por isso eram enviados para áreas de rebelião, com o intuito de capturar nossas palavras e retransmiti-las para a Capital. Os rebeldes entenderam a artimanha e fizeram com que eles se voltassem contra a Capital enviando-os de volta para casa cheios de mentiras. Quando isso foi descoberto, os gaios tagarelas foram abandonados para que morressem. Em poucos anos foram extintos, mas não antes de se acasalarem com fêmeas de tordos, criando uma espécie completamente nova.

– Mas os tordos nunca foram armas – disse Madge. – Eles só cantam, certo?

– Acho que sim – eu disse. Mas não é verdade. O nosso tordo não é apenas um pássaro que canta. Ele é a criatura que a Capital jamais imaginou que pudesse existir. Nunca passou pela cabeça deles que seus gaios tagarelas altamente controlados pudessem ter seus cérebros adaptados à natureza, que pudessem transmitir seu código genético, que pudessem adquirir uma nova forma. Eles não conseguiram prever a vontade que os pássaros tinham de permanecer vivos.

Agora, enquanto caminho pela neve, vejo os tordos saltando de galho em galho, absorvendo as melodias dos outros pássaros, replicando-as e em seguida transformando-as em algo totalmente novo. Como sempre, eles me fazem lembrar de Rue. Penso no sonho que tive ontem à noite no trem, no qual era um tordo e a seguia. Gostaria muito de poder ter dormido um pouco mais e descoberto para onde ela estava tentando me levar.

É uma longa caminhada até o lago, não resta dúvida. Se decidir realmente me seguir, Gale ficará exausto por causa desse excessivo uso de uma energia que poderia ser mais bem-utilizada numa caçada. Ele estava

conspicuamente ausente do jantar na casa do prefeito, muito embora o resto de sua família tivesse comparecido. Hazelle disse que ele estava em casa, doente, o que obviamente era uma mentira. Tampouco que ele estava caçando. Isso provavelmente era verdade.

Depois de algumas horas, chego a uma casa velha perto da margem do lago. Talvez a palavra "casa" seja um pouquinho exagerada. O local possui apenas um único cômodo com mais ou menos 4m2. Meu pai achava que muito tempo atrás havia muitos prédios – ainda dá pra ver algumas das fundações – e pessoas iam até lá para pescar no lago. Essa casa sobreviveu às outras porque é feita de concreto. Piso, telhado, teto. Apenas uma das quatro janelas de vidro continua lá, entortada e amarelada devido ao tempo. Não há água encanada nem eletricidade, mas a lareira ainda funciona, e no canto tem uma pilha de lenha que meu pai e eu juntamos anos atrás. Faço uma fogueira pequena, esperando que a névoa obscureça qualquer indício de fumaça. Enquanto o fogo vai aumentando, tiro a neve que se acumulou debaixo das janelas vazias, usando uma vassourinha feita com um galho que meu pai fez para mim quando eu tinha uns oito anos de idade e brincava de casinha lá. Então, sentei em cima da pequenina lareira de concreto, me aquecendo ao fogo e esperando por Gale.

Surpreendentemente, não demora muito até ele aparecer. Um arco preso no ombro, um peru selvagem morto, que ele deve ter encontrado ao longo do caminho, pendurado no cinto. Gale fica parado na entrada, como se estivesse ponderando se entra ou não. Ele está segurando a bolsa de couro com comida, intocada, o cantil, as luvas de Cinna. Presentes que ele se recusa a aceitar porque está com raiva de mim. Eu sei exatamente como ele está se sentindo. Por acaso eu não fiz a mesma coisa com a minha mãe?

Olho bem em seus olhos. Seu estado de espírito não consegue disfarçar nem um pouco a sensação de ter sido traído, proporcionada pelo meu noivado com Peeta. Essa vai ser a minha última chance, esse encontro de hoje, de não perder Gale para sempre. Eu poderia levar horas tentando explicar, e mesmo assim ele talvez me recusasse. Em vez disso, vou direto ao cerne de minha defesa.

– O presidente Snow em pessoa ameaçou mandar matar você – digo.

Gale ergue ligeiramente as sobrancelhas, mas não há uma real demonstração de medo ou mesmo de espanto.

– Mais alguém?

– Bom, na verdade ele não me deu nenhuma lista. Mas dá para adivinhar muito bem que as nossas famílias estão nela – digo.

É o suficiente para que ele se aproxime do fogo. Ele se agacha diante da lareira e se aquece.

– A menos que a gente faça o quê?

– A menos que nada, por enquanto – digo. Obviamente, isso requer muito mais do que uma explicação, mas eu não tenho ideia de por onde começar, portanto fico lá sentada olhando de maneira sinistra para o fogo.

Depois de mais ou menos um minuto assim, Gale quebra o silêncio.

– Bom, obrigado pelo aviso.

Volto-me para ele, pronta para rebater, mas percebo o reflexo em seu olho. Eu me odeio por sorrir. Esse não é um momento engraçado, mas acho que é peso demais para ser jogado em cima de alguém. Nós todos seremos obliterados independentemente de qualquer coisa.

– Quer saber, eu tenho um plano.

– Ah, maneiro. Aposto que é a coisa mais fantástica do mundo – diz ele. E joga as luvas no meu colo. – Toma aí. Eu não quero as luvas velhas do seu noivo.

– Ele não é meu noivo. Isso é parte da nossa encenação, só isso. E essas luvas não são dele. São de Cinna – digo.

– Então me devolve – diz ele. Gale recoloca as luvas, flexiona os dedos e balança a cabeça como quem aprova. – Pelo menos, vou morrer com conforto.

– Muito otimista da sua parte. É claro que você não sabe o que aconteceu – digo.

– Vamos ouvir, então – diz ele.

Decido começar com a noite em que Peeta e eu fomos coroados como vitoriosos dos Jogos Vorazes, e Haymitch me alertou a respeito da fúria da Capital. Conto para ele sobre a inquietude que me perseguiu até mesmo depois de eu voltar para casa. A visita do presidente Snow, os assassinatos no Distrito 11, a tensão nas multidões, o esforço de última hora representado pelo noivado, a indicação do presidente de que isso não fora o suficiente, minha certeza de que terei de pagar pelo que tem ocorrido.

Gale não me interrompe em momento algum. Enquanto falo, ele enfia as luvas no bolso e se ocupa em transformar a comida na bolsa de couro em uma refeição para nós dois. Torrando pães e queijo, cortando maçãs, colocando castanhas para assar no fogo. Observo as mãos dele, seus dedos

belos e capazes. Cheios de cicatrizes, como os meus estavam antes que a Capital apagasse todas as marcas da minha pele, mas fortes e habilidosos. Mãos que possuem o poder de cavar nas minas, mas também a precisão para montar uma armadilha delicada. Mãos nas quais confio.

Faço uma pausa para tomar um pouco de chá do cantil antes de contar para ele a respeito de meu retorno ao lar.

– Bom, você fez mesmo uma bagunça danada – diz.

– Ainda nem terminei.

– Já ouvi o suficiente por hoje. Vamos pular logo para esse seu plano – diz.

Respiro fundo.

– A gente foge.

– O quê? – pergunta ele. Isso o pegou realmente de surpresa.

– Vamos para floresta e sumimos de vista – digo. Está impossível interpretar o rosto dele. Será que vai rir de mim, desprezar a ideia como se fosse apenas uma tolice? Eu me levanto, agitada, preparando-me para uma discussão. – Você mesmo disse que a gente podia fazer isso! Naquela manhã da colheita. Você disse...

Ele dá um passo à frente e sinto-me erguida do chão. A sala começa a girar, e sou obrigada a prender os braços em torno do pescoço de Gale para me firmar. Ele está rindo, feliz.

– Ei! – protesto, mas também estou rindo.

Gale me coloca no chão, mas não me solta.

– Tudo bem, vamos fugir – diz ele.

– Jura? Você não acha que fiquei maluca? Você vai comigo? – Um pouco do peso esmagador começa a se transferir para os ombros de Gale.

– Acho que você ficou maluca sim, e mesmo assim eu vou com você – diz ele. Ele está falando sério. Não apenas falando sério, como também aprovando a ideia. – A gente consegue. Sei que a gente consegue. Vamos sair daqui e nunca mais voltar!

– Tem certeza? – digo. – Porque vai ser difícil, com as crianças e coisa e tal. Eu não vou entrar seis quilômetros na floresta para depois você ficar...

– Eu tenho certeza. Tenho cem por cento de certeza absoluta. – Ele curva a testa para baixo para que ela encoste na minha e me puxa para perto dele. Sua pele, todo o seu ser, irradia calor por estar tão próximo ao fogo, e fecho os meus olhos, absorvendo sua quentura. Respiro o cheiro do couro umedecido pela neve, de fumaça e de maçãs, o cheiro de todos aqueles dias

de inverno que compartilhamos antes dos Jogos. Não tento me mover. E por que deveria, afinal de contas? Sua voz se transforma num sussurro. – Eu te amo.

Esse é o motivo.

Eu nunca vejo essas coisas chegando. Elas acontecem rápido demais. Num segundo você está propondo um plano de fuga e no outro... você é obrigada a lidar com uma coisa como essa. Dou o que deve ser a pior resposta possível.

– Eu sei.

Soa péssimo. É como se estivesse supondo que ele não conseguiria deixar de me amar, mas ao mesmo tempo eu não sentisse nada por ele. Gale começa a se afastar.

– Eu sei! E você... você sabe o que representa para mim. – Não é suficiente. Ele se solta de mim. – Gale, eu não consigo pensar em mais ninguém desse jeito, agora. A única coisa em que consigo pensar, todo dia, todo santo dia da minha vida desde que Prim foi escolhida na colheita, é em como estou assustada. E parece que não tem muito espaço pra mais nada. Se a gente pudesse ir pra algum lugar seguro, de repente, eu poderia agir de modo diferente. Sei lá.

Consigo vê-lo engolindo a decepção.

– Então, vamos nessa, vamos descobrir. – Ele se vira para o fogo, onde as castanhas estão começando a queimar. Ele as revira na lareira. – Vamos precisar convencer a minha mãe.

Acho que ele vai de qualquer jeito. Mas a felicidade voou para longe, deixando um rastro bastante familiar em seu lugar.

– E a minha também. Vou ter que fazê-la enxergar a luz da razão. Vou ter que levá-la para uma longa caminhada. Vou ter que fazê-la ver que a gente não tem como sobreviver de outro jeito.

– Ela vai entender. Assisti a muita coisa dos Jogos com ela e com a Prim. Ela não vai dizer não para você – diz Gale.

– Espero que não. – A temperatura na casa parece ter caído vinte graus em questão de segundos. – Haymitch vai ser o verdadeiro desafio.

– Haymitch? – Gale abandona as castanhas. – Você não vai falar para ele vir com a gente, vai?

– Eu preciso, Gale. Não posso deixá-lo, e nem Peeta porque eles... – A carranca que ele faz corta meu raciocínio. – O que é?

– Desculpa. Não tinha percebido que o nosso grupo era tão grande – rebate ele.

– Ele seria torturado até a morte, para revelar o meu paradeiro – digo.

– E a família de Peeta? Eles jamais virão com a gente. Na realidade, eles provavelmente dedurariam a gente em dois minutos. E acho que ele é esperto o suficiente pra sacar isso. E se ele decidir ficar aqui? – pergunta ele.

Tento parecer indiferente, mas a minha voz sai engasgada.

– Então ele fica.

– Você o deixaria para trás? – pergunta Gale.

– Para salvar Prim e minha mãe, eu deixaria, sim – respondo. – Quer dizer, não! Vou dar um jeito de ele ir com a gente.

– E eu, você me deixaria para trás? – A expressão de Gale está dura como uma pedra agora. – Se, por exemplo, eu não conseguisse convencer a minha mãe a arrastar três crianças pro meio do mato no inverno.

– Hazelle não vai se recusar. Ela vai enxergar a razão – digo.

– E se ela não enxergar, Katniss? E aí? – demanda ele.

– Nesse caso você vai ser obrigado a levá-la à força, Gale. Você acha que estou inventando tudo isso? – A minha voz também está se elevando por causa da raiva.

– Não. Eu não sei. De repente o presidente está apenas lhe manipulando. Enfim, ele está produzindo o seu casamento. Você viu como a multidão na Capital reagiu. Eu não acho que ele tenha condições de lhe matar. Ou de matar Peeta. Como é que ele vai sair dessa? – diz Gale.

– Bom, com um levante no Distrito 8, duvido que ele esteja gastando muito tempo escolhendo o meu bolo de casamento! – grito.

Assim que as palavras saem de minha boca, sinto vontade de recolhê-las. O efeito que elas causam em Gale é imediato – o rubor em suas bochechas, o brilho em seus olhos acinzentados.

– Tem um levante no 8? – diz ele numa voz abafada.

Tento voltar atrás. Reduzir a tensão dele, assim como tentei reduzir a tensão nos distritos.

– Não sei bem se é um levante. Está rolando uma certa inquietação. Pessoas nas ruas... – digo.

Gale agarra o meu ombro.

– O que foi que você viu?

– Pessoalmente, nada! Eu só ouvi algumas coisas. – Como de costume, a informação é insuficiente e veio tarde demais. Eu desisto e conto para ele. – Vi uma coisa na televisão do prefeito. Uma coisa que não era para eu ter visto. Tinha uma multidão, e focos de fogo, e os Pacificadores estavam atirando nas pessoas, mas todo mundo estava reagindo... – Mordi o lábio e lutei para continuar descrevendo a cena. Em vez disso, digo em voz alta as palavras que têm me comido por dentro. – E a culpa é minha, Gale. Por causa do que eu fiz na arena. Se eu tivesse simplesmente me matado com aquelas amoras, nada disso teria acontecido. Peeta poderia ter voltado para casa e todas as outras pessoas também estariam seguras.

– Seguras para fazer o quê? – diz ele, num tom de voz mais sereno. – Morrer de fome? Trabalhar como escravas? Mandar os filhos para colheita? Você não fez mal às pessoas, você deu uma oportunidade a elas. Elas só precisam ser corajosas o suficiente para agarrar essa oportunidade. Já se fala sobre isso nas minas. As pessoas que querem lutar. Você não vê? Está acontecendo! Está finalmente acontecendo! Se está ocorrendo mesmo um levante no Distrito 8, por que não aqui? Por que não em todos os distritos? Essa pode ser a coisa, a coisa que a gente tem...

– Pare com isso. Você não sabe do que está falando. Os Pacificadores, fora do 12, eles não são como Darius, ou como o Cray! As vidas das pessoas que vivem nos distritos significam menos do que nada para eles! – digo.

– É por isso que a gente tem de entrar para a luta! – responde ele, duramente.

– Não! A gente precisa sair daqui antes que eles matem a gente e um monte de outras pessoas também! – Estou berrando novamente, mas não consigo entender por que ele está fazendo isso. Por que ele não vê o que é tão absolutamente inegável?

Gale me empurra rispidamente para ao lado.

– Então vai embora você. Eu não saio daqui nem em um milhão de anos.

– Você estava super a fim de ir agora há pouco. Não vejo como um levante no Distrito 8 pode contribuir com alguma coisa além de tornar ainda mais importante a nossa fuga. Você está doido em relação a... – Não, não posso jogar Peeta na cara dele. – E a sua família?

– E as outras famílias, Katniss? As que não têm como fugir? Você não entende? A coisa não tem mais a ver apenas com a gente se salvar.

Principalmente se a rebelião já começou! – Gale balança a cabeça, sem esconder o desgosto que está sentindo por mim. – Você podia fazer tantas outras coisas. – Ele joga as luvas de Cinna em meus pés. – Eu mudei de ideia. Não quero nada feito na Capital. – E foi embora.

Olho para as luvas. Nada feito na Capital? Será que isso foi dirigido a mim? Será que ele pensa que eu agora não passo de um produto da Capital e que, portanto, sou algo intocável? A injustiça da ideia me enche de raiva. Mas a raiva está misturada ao medo em relação a que tipo de coisa louca ele pode vir a fazer em seguida.

Afundo perto do fogo, desesperada por conforto, para poder pensar em qual será meu próximo passo. Fico mais calma pensando que rebeliões não acontecem de um dia para o outro. Gale só vai poder falar com os mineiros amanhã. Então, se eu conseguir alcançar Hazelle antes, talvez ela o coloque nos eixos. Mas não posso ir agora. Se ele estiver lá, não vai me deixar entrar. Quem sabe hoje à noite, depois que todas as outras pessoas tiverem ido dormir... Hazelle normalmente trabalha até mais tarde lavando roupa. Então eu podia dar um pulo lá, dar uma batidinha na janela e contar a situação para que ela pudesse impedir que Gale fizesse alguma coisa estúpida.

Minha conversa com o presidente Snow no estúdio me volta à mente.

– Meus conselheiros estavam preocupados com a possibilidade de você ser uma pessoa difícil, mas você não está planejando ser uma pessoa difícil, está? – pergunta ele.

– Não – respondo.

– Foi o que eu disse para eles. Eu disse que uma garota que passou por tantos infortúnios para se manter viva não vai estar interessada em jogar tudo isso fora de mão beijada.

Penso em todas as dificuldades que Hazelle teve para manter aquela família viva. Certamente ela ficará do meu lado nessa questão. Ou será que não?

Já deve ser quase meio-dia agora, e os dias estão curtos demais. Não faz nenhum sentido ficar na floresta depois de escurecer, se não houver necessidade. Apago o que restou de meu foguinho, limpo os restos de comida e prendo as luvas de Cinna ao cinto. Acho que vou ficar com elas por um tempo. Caso Gale mude de ideia. Penso na expressão que ele tinha no rosto quando as jogou no chão. Como ele estava sentindo ojeriza por elas, por mim...

Caminho em meio à floresta e alcanço minha antiga casa enquanto o dia ainda está claro. Minha conversa com Gale foi obviamente um revés, mas ainda estou determinada a prosseguir com o plano de fugir do Distrito 12. Tomo a decisão de encontrar Peeta em seguida. De uma maneira estranha, tendo em vista que ele também viu um pouco do que vi na turnê, pode ser que ele seja persuadido mais facilmente do que Gale. Dou de cara com ele no instante em que está saindo da Aldeia dos Vitoriosos.

– Estava caçando? – pergunta ele. Dá para ver que ele não considera isso uma boa ideia.

– Não estava, não. Você está indo para a cidade? – pergunto.

– Estou. Vou jantar com minha família – diz ele.

– Bom, pelo menos posso caminhar com você. – A estrada da Aldeia dos Vitoriosos para a praça é pouco utilizada. É um lugar suficientemente seguro para se conversar. Mas parece que não estou conseguindo fazer com que as palavras saiam da minha boca. Fazer a proposta a Gale foi desastroso demais. Mordo meus lábios rachados. A praça fica mais próxima a cada passo que dou. Posso demorar um bom tempo para ter uma outra oportunidade. Respiro fundo e deixo as palavras saírem.

– Peeta, se eu te pedisse para fugir do distrito comigo, você concordaria?

Peeta pega o meu braço, fazendo-me parar. Ele não precisa verificar o meu rosto para ver que estou falando sério.

– Depende do motivo do pedido.

– Eu não consegui convencer o presidente Snow. Tem um levante ocorrendo no Distrito 8. A gente precisa se mandar daqui – digo.

– Quando você diz "a gente" você está se referindo a nós dois apenas? Não. Quem mais iria com a gente? – pergunta ele.

– Minha família. A sua, se eles quiserem ir. Haymitch, de repente – digo.

– E Gale? – diz ele

– Não sei. Pode ser que ele tenha outros planos.

Peeta balança a cabeça e me dá um sorriso pesaroso.

– Aposto que ele tem. Com certeza, Katniss, eu vou.

Sinto uma pontinha de esperança.

– Vai?

– Claro. Mas acho que você não vai de jeito nenhum – diz.

Balanço o braço.

– Então você não me conhece. Pode ficar pronto. A gente sai a qualquer momento. – Começo a andar e ele segue um ou dois passos atrás de mim.

– Katniss – diz Peeta. Não diminuo o ritmo. Se ele acha a ideia ruim, nem quero saber, porque é a única que tenho. – Katniss, para um instante. – Chuto um bolo de neve suja para fora da trilha e deixo que ele me alcance. O pó do carvão faz com que tudo fique com uma aparência particularmente horrível. – Eu vou mesmo, se você quiser que eu vá. Só acho que é melhor a gente discutir isso com Haymitch. A gente precisa ter certeza de que não vai piorar ainda mais as coisas pra todo mundo. – Ele levanta a cabeça. – O que é?

Eu levanto o queixo. Estava tão absorvida com as minhas próprias preocupações que nem notei o estranho ruído vindo da praça. Um assobio, o som de um impacto, a multidão inteira prendendo a respiração.

– Vamos – diz Peeta, seu rosto subitamente endurecido. Eu não sei por quê. Não consigo distinguir o som, nem mesmo adivinhar a situação. Mas significa alguma coisa ruim para ele.

Quando alcançamos a praça, fica claro que alguma coisa está acontecendo, mas a multidão está densa demais para que eu consiga enxergar. Peeta sobe num engradado encostado no muro da doceria e me oferece a mão enquanto vasculha a praça. Estou quase lá quando ele subitamente me impede de continuar.

– Desce. Sai daqui! – Ele está sussurrando, mas sua voz está ríspida em virtude da insistência.

– O que é? – tento forçar o caminho de volta ao topo do engradado.

– Vai pra casa, Katniss! Eu chego lá em um minuto, juro! – diz ele.

Seja lá o que for, é algo terrível. Solto a mão dele e começo a abrir caminho em meio à multidão. As pessoas me veem, reconhecem o meu rosto e em seguida exibem um olhar de pânico. Mãos me empurram para trás. Vozes sibilam.

– Sai daqui, garota.

– Só vai piorar as coisas.

– O que você quer fazer? Você quer que ele morra?

Mas a essa altura o meu coração está batendo com tanta rapidez que mal consigo ouvi-los. Sei apenas que o que quer que esteja ocorrendo no meio da praça tem a ver comigo. Quando finalmente alcanço um espaço

vazio, descubro que estou certa. E que Peeta estava certo. E que aquelas vozes também estavam certas.

Os pulsos de Gale estão amarrados a um poste de madeira. O peru selvagem que ele caçou mais cedo está pendurado acima dele, o prego enfiado no pescoço. Sua jaqueta está jogada no chão, a camisa está rasgada. Ele está tombado de joelhos e inconsciente, sustentado apenas pelas cordas em seus pulsos. O que antes eram suas costas é agora um pedaço de carne viva e ensanguentada.

Em pé atrás dele está um homem que nunca vi na vida, mas cujo uniforme eu reconheço. É o designado para ser o Chefe dos Pacificadores de nosso distrito. Mas esse não é o velho Cray. Esse é um homem alto e musculoso com vincos salientes nas calças.

As partes do retrato não se encaixam adequadamente até que eu vejo o braço dele levantando um chicote.

– Não! – grito, avançando. É tarde demais para impedir que o braço desça, e instintivamente sei que não terei forças para bloqueá-lo. Em vez disso, jogo-me diretamente entre o chicote e Gale. Abro os braços para proteger o máximo possível seu corpo estraçalhado, de modo que não há nada que possa desviar a chicotada. Levo todo o impacto do golpe no lado esquerdo de meu rosto.

A dor é excruciante e instantânea. Pontinhos distorcidos de luz cruzam a minha visão e caio de joelhos. Uma das mãos cobre o rosto enquanto a outra me impede de tombar no chão. Já consigo sentir a chibata se erguendo novamente, o inchaço fechando meu olho. As pedras embaixo de mim estão molhadas com o sangue de Gale, o ar impregnado do forte aroma.

– Para! Você vai matar ele! – berro.

Vislumbro o rosto de meu agressor. Duro, com linhas profundas, uma boca cruel. Cabelos grisalhos raspados quase até a raiz, olhos tão pretos que parecem apenas pupilas, um nariz longo e reto avermelhado devido ao ar frio. O poderoso braço se ergue novamente, seus olhos fixos em mim. Minha mão voa em direção ao meu ombro, faminta por uma flecha, mas, é claro, minhas armas estão guardadas na floresta. Cerro os dentes prevendo o golpe seguinte.

– Espere! – late uma voz. Haymitch aparece e se curva sobre um Pacificador deitado no chão. É Darius. Um enorme calombo púrpura está visível em meio aos cabelos ruivos de sua testa. Ele está inconsciente, mas ainda respirando. O que aconteceu? Será que ele tentou ajudar Gale antes de mim?

Haymitch o ignora e me coloca de pé rispidamente.

– Ah, excelente. – Sua mão segura o meu queixo e o ergue. – Ela tem uma sessão de fotos na semana que vem para escolher o vestido de casamento. O que é que eu vou falar pro estilista dela?

Identifico uma pontinha de compreensão nos olhos do homem com o chicote. Cheia de roupa por causa do frio, meu rosto sem maquiagem, minha trança enfiada cuidadosamente no casaco, não seria fácil me

reconhecer como a vitoriosa dos últimos Jogos Vorazes. Principalmente com metade do rosto inchado. Mas Haymitch aparece na televisão há anos, e seria muito difícil alguém se esquecer dele.

O homem pousa o chicote nos quadris.

– Ela interrompeu o castigo de um criminoso confesso.

Tudo no homem, sua voz autoritária, seu sotaque esquisito, alerta para uma ameaça desconhecida e perigosa. De onde ele vem? Do distrito 11? Do 3? Da própria Capital?

– Não estou nem aí se ela explodiu a droga do Edifício da Justiça! Olha só pro rosto dela! Você acha que o rosto dela vai estar em condições de ser filmado daqui a uma semana? – rosna Haymitch.

A voz do homem ainda está fria, mas consigo detectar um leve indício de dúvida.

– Isso não é problema meu.

– Ah, não? Bom, então vai começar a ser, meu amigo. A primeira coisa que vou fazer quando chegar em casa é telefonar para a Capital – diz Haymitch. – Vou descobrir quem foi que autorizou você a estragar o rostinho bonito da minha vitoriosa!

– Ele estava caçando ilegalmente. O que ela tem com isso, afinal de contas? – diz o homem.

– Ele é primo dela. – Peeta agora está segurando o meu outro braço, mas dessa vez delicadamente. – E ela é minha noiva. Então, se você quer bater nele, vai ter que passar por cima de nós dois.

De repente nós somos isso mesmo. As únicas três pessoas no distrito que poderiam fazer uma encenação como essa. Embora certamente seja uma coisa temporária. Haverá repercussões, não resta dúvida. Mas por enquanto, a única coisa que me importa é manter Gale vivo. O novo Chefe dos Pacificadores olha de relance para seu esquadrão de apoio. Aliviada, vejo que são todos rostos familiares, velhos amigos do Prego. Só de olhar para a expressão em seus rostos é possível dizer que eles não estão gostando do show.

Um deles, uma mulher chamada Purnia, que come regularmente na barraquinha de Greasy Sae, dá um passo à frente, o olhar severo.

– Acredito que, por ele ser um réu primário, o número necessário de chicotadas já foi dispensado, senhor. A menos que a sua sentença seja a morte, o que teríamos que executar com um pelotão de fuzilamento.

– Esse é o protocolo padrão aqui? – pergunta o Chefe dos Pacificadores.

– Sim, senhor – diz Purnia, e várias outras pessoas balançam a cabeça em concordância. Tenho certeza de que nenhuma delas na verdade sabe ao certo, tendo em vista que no Prego o protocolo padrão para alguém que aparece com um peru selvagem é todo mundo soltar fogos.

– Muito bem. Então tira o seu primo daqui, garota. E se ele recobrar os sentidos, lembre a ele que, da próxima vez em que caçar ilegalmente nas terras da Capital, vou reunir pessoalmente o pelotão de fuzilamento. – O Chefe dos Pacificadores enxuga a mão nas tiras do chicote, espirrando sangue em nós. Em seguida, ele o enrola e vai embora.

A maioria dos outros Pacificadores entra numa formação estranha atrás dele. Um pequeno grupo fica no local e segura o corpo de Darius pelas pernas e pelos braços. Olho para Purnia e pronuncio a palavra "obrigada" antes que ela se vá. Ela não responde, mas tenho certeza de que compreendeu.

– Gale. – Eu me viro, minhas mãos remexendo os nós que prendem seus pulsos. Alguém entrega uma faca e Peeta corta as cordas. Gale desaba no chão.

– Melhor levá-lo para sua mãe – diz Haymitch.

Não há maca, mas a senhora idosa da barraquinha de roupas nos vende a tábua que serve de balcão.

– Peço apenas para você não falar onde conseguiu isso – diz ela, empacotando rapidamente o restante de suas mercadorias. A maior parte da praça ficou vazia, o medo vencendo a compaixão. Mas depois do que acabou de acontecer, não posso culpar ninguém.

Quando deitamos Gale de bruços na tábua, já são poucas as pessoas que restam para carregá-lo. Haymitch, Peeta e alguns mineiros que trabalham na mesma equipe de Gale o erguem.

Leevy, uma menina que mora na Costura, a poucas casas da mina, segura o meu braço. Minha mãe salvou a vida de seu irmãozinho no ano passado, quando ele pegou sarampo.

– Precisa de ajuda para voltar para casa? – Seus olhos cinzentos estão amedrontados, porém determinados.

– Não, mas você pode ir até a casa da Hazelle e pedir para ela se encontrar com a gente? – pergunto.

– Claro – diz Leevy, girando sobre os calcanhares.

– Leevy! – digo. – Não a deixe trazer as crianças.

– Pode deixar. Vou ficar com elas – diz ela.

– Obrigada. – Pego a jaqueta de Gale e corro atrás dos outros.

– Coloca um pouco de neve em cima disso – ordena Haymitch por cima do ombro. Apanho um punhado de neve e aperto no rosto para anestesiar um pouco a dor. Meu olho esquerdo está lacrimejando intensamente agora e, na parca luminosidade, tudo que consigo fazer é seguir as botas à minha frente.

Enquanto caminhamos, ouço Bristel e Thom, os colegas de trabalho de Gale, juntando os pedaços da história. Gale deve ter ido para a casa de Cray, como já fez centenas de vezes, sabendo que Cray sempre paga bem por um peru selvagem. Mas o que ele encontrou foi o novo Chefe dos Pacificadores, um homem que eles ouviram alguém chamando de Romulus Thread. Ninguém sabe o que aconteceu com Cray. Ele estava comprando aguardente branca no Prego hoje de manhã, aparentemente ainda comandando o distrito, mas agora ninguém sabe onde ele se meteu. Thread prendeu Gale imediatamente e, é claro, como ele estava lá segurando um peru selvagem, não havia muito o que Gale pudesse dizer para se defender. Rumores acerca de seu infortúnio se espalharam com rapidez. Ele foi levado para a praça, forçado a confessar sua culpa e sentenciado a ser chicoteado imediatamente. Quando eu apareci, ele já havia levado pelo menos quarenta chicotadas. Ele desmaiou por volta da trigésima.

– Foi sorte ele estar apenas com um peru – diz Bristel. – Se ele estivesse carregando a quantidade de caça que costumava trazer, a coisa teria sido bem pior.

– Ele contou para o Thread que tinha achado o peru perdido na Costura. Disse que o bicho atravessou a cerca e ele foi lá e deu um golpe de porrete na cabeça dele. É crime da mesma maneira. Mas se se eles tivessem descoberto que ele tinha estado na floresta usando armas, com certeza o teriam matado na hora – diz Thom.

– E o Darius? – pergunta Peeta.

– Depois de mais ou menos umas vinte chicotadas, ele apareceu e disse que já era suficiente. Só que ele não fez a coisa de um jeito inteligente e oficial, como a Purnia. Ele agarrou o braço de Thread e o cara bateu com o cabo do chicote na cabeça dele. Acho que não dá pra ele ter muita esperança – diz Bristel.

– Acho que não dá para nenhum de nós ter muita esperança – diz Haymitch.

A neve volta a cair, grossa e úmida, tornando a visibilidade ainda mais difícil. Vou cambaleando até a minha casa atrás dos outros, usando meus ouvidos muito mais do que os olhos para me guiar. Uma luz dourada colore a neve assim que a porta se abre. Minha mãe, que, sem dúvida alguma, estava esperando por mim após um longo dia de ausência sem explicação, analisa a cena.

– O novo Chefe – diz Haymitch, e ela balança a cabeça ligeiramente para ele, como se nenhuma outra explicação fosse necessária.

Encho-me de admiração, como aliás sempre acontece, ao vê-la transformar-se de uma mulher que me chama para matar uma aranha em uma mulher totalmente imune ao medo. Quando uma pessoa doente ou quase morrendo é levada para ela... essa é a única hora em que penso que minha mãe sabe quem ela é. Em questão de segundos a comprida mesa da cozinha foi esvaziada, um tecido branco esterilizado foi colocado em cima dela e Gale para lá foi içado. Minha mãe pega um pouco de água de uma chaleira enquanto ordena que Prim traga uma série de coisas do armário de remédios. Ervas secas, soluções e frascos. Observo as mãos dela, os dedos longos e finos triturando um pouco disso, adicionando um pouco daquilo e colocando tudo dentro da bacia. Mergulhando um tecido no líquido quente enquanto dá instruções para que Prim prepare uma segunda infusão.

Minha mãe olha de relance na minha direção.

– Ele fez um corte no seu olho?

– Não, só ficou inchado – digo.

– Coloca mais um pouco de neve em cima – instrui ela. Mas está mais do que evidente que eu não sou a prioridade.

– Vai dar para salvá-lo? – pergunto a minha mãe. Ela não diz nada enquanto rasga o tecido e o segura no ar para que esfrie um pouco.

– Não se preocupe – diz Haymitch. – Antes de Cray, as chicotadas eram bem frequentes. A gente sempre trazia as vítimas para cá.

Não consigo me lembrar de uma época anterior a Cray, uma época em que havia um Chefe dos Pacificadores que costumava chicotear com assiduidade. Mas minha mãe devia ter mais ou menos a mesma idade que tenho hoje e ainda trabalhava na farmácia com seus pais. Naquela época, ela já devia ter mãos curadoras.

Cada vez com mais delicadeza, ela começa a limpar a carne mutilada das costas de Gale. Sinto um enjoo no estômago, infrutífero, o resto da neve pingando da minha luva e formando uma poça no chão. Peeta me coloca numa cadeira e aperta um pano com neve fresca no meu rosto.

Haymitch fala para Bristel e Thom irem para casa, e eu o vejo colocando algumas moedas nas mãos deles.

– Não sei o que vai acontecer com a turma de vocês – diz Haymitch. Eles balançam a cabeça e aceitam o dinheiro.

Hazelle chega, sem fôlego e atarantada, neve recém-caída nos cabelos. Sem dizer uma palavra, ela se senta num banquinho perto da mesa, pega a mão de Gale e a encosta em seus lábios. Minha mãe não dá atenção nem mesmo a ela. Ela adentrou aquela zona especial que inclui apenas ela mesma e o paciente, e ocasionalmente Prim. O resto pode muito bem esperar.

Mesmo sob os cuidados de suas mãos experientes, demora muito tempo para limpar os ferimentos, verificar que partes de pele dilaceradas podem ser salvas, aplicar um unguento e um curativo leve. À medida que o sangue começa a clarear, consigo ver onde cada golpe da chibata aterrissou e sinto o açoite ressoando no único corte que tenho no rosto. Multiplico a minha própria dor uma, duas, quarenta vezes e só posso torcer para que Gale permaneça inconsciente. É claro que isso é pedir muito. Assim que os últimos curativos são colocados, um gemido escapa de seus lábios. Hazelle acaricia seus cabelos e sussurra alguma coisa enquanto minha mãe e Prim vasculham seu parco estoque de analgésicos em busca do tipo normalmente acessível apenas a médicos. Eles são difíceis de ser encontrados, são caros e sempre bastante procurados. Minha mãe precisa guardar os mais fortes para as piores dores, mas qual é a pior dor? Para mim, é sempre a dor atual. Se eu estivesse no comando, esses analgésicos acabariam em um dia, porque tenho pouquíssima capacidade de observar pessoas sofrendo. Minha mãe tenta guardá-los para aqueles que estão realmente à beira da morte, para que se afastem do mundo em paz.

Como Gale está voltando a si, elas decidem dar a ele uma mistura de ervas que pode ser ingerida oralmente.

– Isso não vai ser suficiente – digo. Elas me encaram. – Isso não vai ser suficiente. Eu sei a dor que ele está sentindo. Isso não alivia nem uma dor de cabeça mais forte.

– Vamos combinar as ervas com um xarope sonífero, Katniss, e ele vai aguentar. As ervas são mais para a inflamação... – começa a dizer minha mãe, com toda a calma do mundo.

– Dá logo esse remédio para ele! – berro com ela. – Dá logo! Afinal de contas, quem são vocês para ficarem decidindo quanta dor ele é capaz de suportar?

Gale começa a se agitar ao ouvir a minha voz, na tentativa de entrar em contato comigo. O movimento faz com que saia sangue de seu curativo e um som agonizante escapa de sua boca.

– Tirem-na daqui – diz minha mãe. Haymitch e Peeta literalmente me carregam do recinto enquanto eu grito as maiores obscenidades para ela. Eles me prendem em cima da cama em um dos quartos vagos até eu parar de lutar.

Enquanto estou lá deitada, soluçando, lágrimas tentando irromper de meus olhos, ouço Peeta sussurrar para Haymitch algo sobre o presidente Snow, algo sobre o levante no Distrito 8.

– Ela quer que a gente fuja daqui – diz ele, mas se Haymitch tem uma opinião sobre isso, ele não a extravasa.

Depois de um tempo, minha mãe aparece e cuida de meu rosto. Em seguida, segura a minha mão, acariciando o meu braço, enquanto Haymitch a informa acerca do ocorrido com Gale.

– Quer dizer então que começou tudo de novo? – diz ela. – Como antes?

– Ao que parece – responde ele. – Quem imaginaria que iríamos lamentar a saída do velho Cray?

De qualquer maneira, ninguém gostava de Cray por causa do uniforme que ele usava, mas era o hábito que ele tinha de atrair mulheres jovens esfomeadas para sua cama em troca de dinheiro que o tornava um objeto de ódio no distrito. Nos tempos realmente ruins, as mais famintas se reuniam na frente de sua porta à noite em busca de uma chance de ganhar algumas moedas para alimentar suas famílias, vendendo seus próprios corpos. Se eu tivesse idade suficiente na época que meu pai morreu, haveria uma grande chance de estar entre elas. Em vez disso, aprendi a caçar.

Não sei exatamente o que a minha mãe quer dizer com tudo começando de novo, mas estou zangada demais e sentindo muitas dores para perguntar. Mas a ideia de que tempos piores estão voltando está registrada em minha cabeça, porque quando a campainha toca, eu salto

imediatamente da cama. Quem poderia ser a essa hora da noite? Só pode haver uma resposta. Pacificadores.

– Eles não podem pegar Gale – digo.

– Talvez estejam atrás de você – me lembra Haymitch.

– Ou de você – digo.

– Aqui não é a minha casa – observa Haymitch. – Mas vou abrir a porta.

– Não, eu vou – diz minha mãe, com tranquilidade.

Entretanto, todos nós acabamos indo, seguindo-a pelo corredor até a insistente campainha. Quando ela abre a porta, não vemos nenhum esquadrão de Pacificadores, mas uma figura solitária com neve dos pés à cabeça. Madge. Ela me estende uma caixinha de cartolina molhada.

– Use isso aqui no seu amigo – diz ela. Tiro a tampa da caixa, revelando meia dúzia de ampolas com um líquido transparente. – Isso é da minha mãe. Ela disse que eu podia pegar. Use isso, por favor. – Ela corre de volta para a tempestade antes que possamos impedi-la.

– Que garota maluca – murmura Haymitch enquanto seguimos minha mãe até a cozinha.

O que quer que minha mãe tivesse dado a Gale, eu estava certa, não foi suficiente. Seus dentes estão cerrados e sua carne brilha de suor. Minha mãe enche uma seringa com o líquido transparente de uma das ampolas e aplica em seu braço. Quase que imediatamente, o rosto dele começa a relaxar.

– Que troço é esse? – pergunta Peeta.

– Vem da Capital. É chamado morfináceo – responde minha mãe.

– Eu nem sabia que Madge conhecia Gale – diz Peeta.

– A gente vendia framboesas para ela – digo, quase com raiva. Mas afinal de contas estou com raiva do quê? Certamente não do fato de ela ter trazido o remédio.

– Ela deve gostar muito dessas frutas – diz Haymitch.

É isso o que me deixa irritada. É a conclusão de que existe alguma coisa entre Gale e Madge. E eu não gosto disso.

– Ela é minha amiga. – É tudo o que digo.

Agora que Gale ficou totalmente inconsciente devido ao analgésico, todos parecem estar mais tranquilos. Prim nos convence a comer um pouco de cozido e pão. Um quarto é oferecido a Hazelle, mas ela precisa voltar para casa por causa das outras crianças. Haymitch e Peeta estão dispostos a

ficar, mas minha mãe também os despacha para casa. Ela sabe que não faz sentido tentar a mesma coisa comigo e me deixa cuidar de Gale enquanto ela e Prim descansam.

Sozinha na cozinha com Gale, eu me sento no banquinho de Hazelle e seguro a mão dele. Depois de um tempo, meus dedos acham seu rosto. Toco partes dele que jamais tive motivos para tocar antes. Suas densas e escuras sobrancelhas, a curva da bochecha, a linha do nariz, a nuca. Percorro o desenho da barbicha em seu queixo e finalmente sigo em direção a seus lábios. Suaves e grossos, ligeiramente rachados. Sua respiração aquece a minha pele enregelada.

Será que todo mundo parece mais jovem quando está dormindo? Porque nesse exato momento ele poderia muito bem ser o garoto com quem eu dei de cara na floresta anos atrás, o que me acusou de roubar suas armadilhas. Que dupla nós éramos – órfãos de pai, assustados, mas também intensamente comprometidos em manter nossas famílias vivas. Desesperados, ainda que não mais sozinhos depois daquele dia, porque havíamos encontrado um ao outro. Penso em uma centena de momentos vividos na floresta, preguiçosas tardes de pescaria, o dia em que eu o ensinei a nadar, a vez em que torci o joelho e ele me levou para casa no colo. Um sempre contando com o outro, tomando conta do outro, forçando o outro a ser corajoso.

Pela primeira vez, inverto nossas posições em minha cabeça. Em minha mente, observo Gale se oferecendo para salvar Rory na colheita, ele sendo arrancado de minha vida, tornando-se o amante de alguma garota estranha para permanecer vivo, e, então, voltando para casa com ela. Morando perto dela. Prometendo se casar com ela.

O ódio que eu sinto por ele, pela garota-fantasma, por tudo, é tão real e imediato que chega a me sufocar. Gale é meu. Eu sou dele. Qualquer outra coisa é impensável. Por que terá sido necessário que sua vida ficasse a um centímetro de se extinguir sob aquele chicote para que eu pudesse enxergar isso?

Porque sou egoísta. Sou covarde. Sou o tipo de garota que, mesmo podendo ser claramente útil em alguma coisa, fugiria para continuar viva e deixaria para trás para sofrer e morrer aqueles que não tinham como segui-la. Essa é a garota com quem Gale se encontrou hoje na floresta.

Não é surpresa nenhuma eu ter vencido os Jogos. Nenhuma pessoa decente jamais consegue essa proeza.

Você salvou Peeta, penso, sem muito ardor.

Mas agora questiono inclusive isso. Eu sabia muito bem que minha vida no Distrito 12 se tornaria impossível se eu deixasse aquele garoto morrer.

Pouso a cabeça na beirada da mesa, tomada de desprezo por mim mesma. Desejando ter morrido na arena. Desejando que Seneca Crane tivesse me despedaçado da maneira que o presidente Snow disse que ele deveria ter feito quando estendi aquelas amoras.

As amoras. Percebo que a resposta para quem eu sou reside naquele punhado de frutas venenosas. Se as estendi para salvar Peeta porque sabia que seria rejeitada se voltasse para casa sem ele, então, sou uma pessoa desprezível. Se as estendi porque o amava, ainda assim, sou autocentrada, embora perdoável. Mas se eu as estendi para desafiar a Capital, sou alguém de valor. O problema é que não sei exatamente o que estava se passando dentro de mim naquele momento.

Será possível que as pessoas nos distritos estejam com a razão? Que aquilo tenha sido um ato de rebelião, mesmo que feito de modo inconsciente? Porque no fundo, no fundo, devo saber que manter a mim mesma, ou à minha família, ou aos meus amigos vivos fugindo não é o suficiente. Mesmo que eu conseguisse. Isso não consertaria nada. Isso não impediria as pessoas de se ferirem da mesma maneira que Gale hoje.

A vida no Distrito 12 não é de fato tão diferente da vida na arena. Em determinado ponto, você precisa parar de correr, se virar e encarar quem quer que queira ver você morta. A coisa mais difícil é encontrar a coragem para fazer isso. Bom, não é difícil para Gale. Ele é um rebelde nato. Eu sou a que faz planos de fuga.

– Desculpa – sussurro. Curvo-me e o beijo.

Seus cílios se mexem e ele olha para mim em meio a uma névoa de opiáceos.

– E aí, Catnip.

– E aí, Gale.

– Pensei que a uma hora dessas você já estaria longe – diz ele.

Minhas escolhas são simples. Posso morrer como uma presa na floresta ou posso morrer aqui ao lado de Gale.

– Eu não vou para lugar nenhum. Vou ficar bem aqui e arrumar todo tipo de encrenca que for possível.

– Eu também – diz Gale. Ele só consegue dar um sorriso antes que as drogas o levem novamente para o estado de inconsciência.

Alguém dá uma sacudida em meu ombro e eu me sento. Caí no sono com o rosto em cima da mesa. O pano branco deixou marcas na minha bochecha sã. A outra, a que levou a chicotada de Thread, lateja dolorosamente. Gale está morto para o mundo, mas seus dedos estão entrelaçados nos meus. Sinto cheiro de pão recém-saído do forno e viro o meu pescoço rígido para dar de cara com Peeta, olhando para mim com uma expressão para lá de triste. Tenho a sensação de que ele estava nos observando há algum tempo.

– Vai para a cama, Katniss. Eu cuido dele agora – diz.

– Peeta. Sobre o que eu disse ontem, sobre fugir... – começo.

– Eu sei – diz ele. – Você não precisa explicar nada.

Vejo os pães na bancada na luz pálida e enevoada da manhã. As sombras azuladas abaixo dos olhos dele. Fico me perguntando se ele dormiu mesmo. Se dormiu, não foi por muito tempo. Penso em como ele concordou em ir comigo ontem, em como ele ficou ao meu lado para proteger Gale, na disposição que ele demonstrou para me acompanhar em tudo e em como eu faço tão pouco em retribuição. Não importa o que eu faça, estarei magoando alguém.

– Peeta...

– Vai dormir, certo?

Subo a escada, rastejo para debaixo das cobertas e imediatamente caio no sono. Em determinado momento, Clove, a garota do Distrito 2, entra em meus sonhos. Ela vai em meu encalço, me prende no chão e puxa uma faca para cortar o meu rosto, abrindo um talho bem grande. Em seguida Clove começa a se transformar, seu rosto se alonga virando uma espécie de tromba, pelos escuros brotam de sua pele, suas unhas crescem e se transmutam em longas garras, mas seus olhos permanecem imutáveis. Ela se torna a forma bestante de si mesma, o ser com aspecto de lobo criado pela Capital que nos aterrorizou na última noite em que estivemos na arena. Jogando a cabeça para trás, ela emite um uivo arrepiante que é detectado por outros bestantes nas proximidades. Clove começa a limpar o sangue que flui do meu ferimento, cada lambida proporcionando uma nova onda de

dor em meu rosto. Dou um grito estrangulado e acordo sobressaltada, suando e tremendo. Cubro com a mão a bochecha machucada e lembro a mim mesma que não foi Clove, mas sim Thread quem me fez esse ferimento. Gostaria que Peeta estivesse aqui para me abraçar, até lembrar que não devo mais desejar esse tipo de coisa. Escolhi Gale e a rebelião. Um futuro com Peeta é ideia da Capital, não minha.

O inchaço ao redor do meu olho diminuiu e consigo abri-lo um pouco. Puxo as cortinas e vejo que a nevasca piorou e se transformou numa tempestade de neve em grande escala. Não há nada além da intensa brancura e do vento uivante, cujo som é extraordinariamente parecido com o dos bestantes.

Dou boas-vindas à tempestade, com seus ventos ferozes e a neve que cai sem perdão. Isso pode ser suficiente para afastar os verdadeiros lobos, também conhecidos como Pacificadores, da minha casa. Alguns dias para pensar. Para elaborar um plano. Com Gale, Peeta e Haymitch à mão. Essa tempestade é uma bênção.

Entretanto, antes de descer para encarar essa nova vida, levo algum tempo tentando compreender o que isso vai significar. Menos de um dia atrás, estava preparada para fugir da cidade com meus entes queridos no meio do inverno, com a possibilidade bastante real de sermos perseguidos pela Capital. Um empreendimento precário na melhor das hipóteses. Mas agora estou me comprometendo a algo ainda mais arriscado. Combater a Capital é garantia, em todos os sentidos, de uma retaliação rápida da parte deles. Devo aceitar que a qualquer momento poderei ser presa. Haverá uma batida na porta, como a de ontem à noite, e um grupo de Pacificadores aparecendo para me levar. Talvez haja tortura. Mutilações. Uma bala na minha cabeça em plena praça, se tiver sorte o suficiente para ter um fim tão rápido. A Capital possui uma criatividade quase infinita em matéria de arranjar meios de matar pessoas. Imagino essas coisas e fico aterrorizada, mas vamos encarar os fatos: eles já estão me acossando, de uma forma ou de outra. Fui um tributo nos Jogos. Fui ameaçada pelo presidente. Levei uma chicotada na cara. Eu já sou um alvo.

Agora vem a parte mais difícil. Preciso encarar o fato de que a minha família e meus amigos talvez venham a compartilhar a minha sina. Prim. Basta pensar em Prim e toda a minha determinação se desintegra. É meu dever protegê-la. Puxo o cobertor e cubro a cabeça. Minha respiração está

tão acelerada que gasto todo o oxigênio e começo a ficar sufocada. Não posso permitir que a Capital faça algum mal a Prim.

E então eu me dou conta. Eles já fizeram. Mataram o pai dela naquelas minas abomináveis. Ficaram sentados de braços cruzados enquanto ela quase morria de fome. Eles a escolheram para ser um tributo e depois a fizeram assistir à sua irmã lutar até a morte nos Jogos. Ela sofreu muito mais do que eu sofri quando tinha doze anos de idade. E até mesmo isso não passa de uma pálida comparação com a vida de Rue.

Jogo o cobertor para o lado e sugo o ar frio que atravessa a janela.

Prim... Rue... por acaso não são elas o principal motivo de eu tentar lutar? Porque o que foi feito com elas é algo tão errado, tão além de qualquer justificativa, tão malévolo que não me dá nenhuma outra escolha? Porque ninguém tem o direito de tratá-las como elas foram tratadas?

Sim. Isso é o que deve ser lembrado quando o medo ameaça me engolir. O que estou a ponto de fazer, independentemente do que nós todos sejamos forçados a suportar, é em função delas. É tarde demais para ajudar Rue, mas talvez não seja tarde demais para aquelas cinco carinhas que olharam para mim na praça do Distrito 11. Talvez não seja tarde demais para Rory e Vick e Posy. Talvez não seja tarde demais para Prim.

Gale tem razão. Se as pessoas tiverem coragem, isso pode ser uma oportunidade. Ele também tem razão quando diz que, já que fui eu quem começou tudo isso, eu ainda poderia fazer muito. Embora não faça a menor ideia do que fazer. Mas decidir não fugir é um primeiro passo crucial.

Tomo uma chuveirada, e nessa manhã o meu cérebro não está juntando listas de suprimentos para serem levados para os confins da natureza, mas sim tentando entender como as pessoas organizaram aquele levante no Distrito 8. Tantas pessoas, tão claramente desafiando a Capital. Será que foi pelo menos planejado, ou será que foi alguma coisa que simplesmente irrompeu após tantos anos de ódio e ressentimento? Como poderíamos fazer algo similar aqui? Será que as pessoas do Distrito 12 participariam ou será que se trancariam em suas casas? Ontem a praça ficou vazia muito rapidamente depois do castigo de Gale. Mas será que não foi porque todos nós nos sentimos impotentes demais e não temos a menor ideia do que fazer? Precisamos que alguém nos guie e nos assegure de que a empreitada é possível. Acho que não sou essa pessoa. Posso ter sido a catalisadora da rebelião, mas um líder deve ser alguém com convicção, e eu mal consigo convencer a mim mesma. Alguém com uma coragem inquebrantável, e eu

ainda estou trabalhando com afinco para encontrar a minha própria. Alguém com palavras claras e persuasivas, e estou frequentemente com a língua presa.

Palavras. Penso em palavras e penso em Peeta. Como as pessoas acolhem tudo o que ele diz. Ele poderia colocar multidões em ação, aposto, se assim quisesse. Ele encontraria sem dificuldade as palavras que deveria dizer. Mas tenho certeza de que essa ideia jamais passou pela sua cabeça.

Desço e encontro minha mãe e Prim cuidando de um Gale prostrado. O efeito do remédio deve estar passando, pela cara que ele está fazendo. Eu me preparo para mais uma luta, mas tento manter a voz calma.

– Não dá para você dar mais uma dose para ele?

– Vou dar, se for necessário. Achamos melhor tentar a cobertura de neve primeiro – diz minha mãe. Ela retirou os curativos. Dá para ver nitidamente o calor que irradia das costas dele. Ela coloca um pano limpo em cima da carne torturada e faz um gesto com a cabeça para Prim.

Prim surge, mexendo o que parece ser uma grande tigela cheia de neve. Mas está com uma cor levemente esverdeada e tem um aroma agradável. Cobertura de neve. Ela começa a aplicar cuidadosamente o material no pano. Quase consigo ouvir o chiado da pele martirizada de Gale recebendo a mistura. Os olhos dele se abrem levemente, perplexos, e então ele deixa escapar um som de alívio.

– É muita sorte nossa estar nevando – diz minha mãe.

Imagino como deve ser se recuperar de chicotadas durante o verão, com o calor sufocante e a água morna saindo da torneira.

– O que você fazia nos meses mais quentes? – pergunto.

Um ruga aparece entre as sobrancelhas de minha mãe quando ela responde:

– Tentava afastar as moscas.

Meu estômago fica embrulhado diante da resposta. Ela enche um lenço com a mistura de neve e eu o encosto em meu rosto. A dor vai embora instantaneamente. É o gelo da neve, sim, mas qualquer que seja a mistura de ervas que minha mãe adicionou também ajuda a anestesiar.

– Ah, que maravilha isso aqui. Por que você não colocou essa mistura nele ontem à noite?

– Eu precisava ajeitar o ferimento antes – diz ela.

Não sei o que isso significa exatamente, mas, contanto que funcione, quem sou eu para questioná-la? Ela sabe o que está fazendo, minha mãe.

Sinto uma pontinha de remorso em relação a ontem à noite, às coisas horríveis que eu berrei para ela enquanto Peeta e Haymitch me arrastavam da cozinha.

– Desculpe. Desculpe por ter berrado com você ontem.

– Já ouvi coisas piores – diz ela. – Você viu como as pessoas agem quando alguém que elas amam está sofrendo.

Alguém que elas amam. As palavras deixam a minha língua dormente como se estivesse cheia de cobertura de neve. É claro que eu amo Gale. Mas a que tipo de amor ela está se referindo? O que estou querendo dizer quando digo que amo Gale? Não sei. Eu realmente o beijei ontem à noite, num momento em que as minhas emoções estavam ensandecidas. Mas tenho certeza de que ele não se lembra disso. Lembra? Espero que não. Se lembrar, tudo vai ficar mais complicado e eu não posso ficar pensando em beijos quando tenho uma rebelião para incitar. Balanço ligeiramente a cabeça para me livrar do pensamento.

– Onde está Peeta? – pergunto.

– Foi para casa assim que ouvimos você se mexendo na cama. Ele não queria sair daqui sozinho durante a nevasca – diz minha mãe.

– Ele chegou bem? – pergunto. Numa nevasca você pode ficar perdido e ficar vagando a esmo.

– Por que você não liga para ele para se certificar? – ela pergunta.

Vou para o escritório, uma sala que tenho evitado bastante desde o meu encontro com o presidente Snow, e disco o número de Peeta. Depois de chamar algumas vezes, ele atende.

– Oi. Eu só queria ter certeza de que você tinha chegado bem.

– Katniss, eu moro a três casas de você – diz ele.

– Eu sei, mas com esse tempo, sei lá.

– Bom, estou bem, sim. Obrigado pela preocupação. – Há uma longa pausa. – Como está o Gale?

– Tudo bem com ele. Minha mãe e Prim estão aplicando cobertura de neve nele agora.

– E o seu rosto? – pergunta ele.

– Eu também coloquei um pouquinho da mistura. Você viu Haymitch hoje?

– Dei uma olhada nele. Bêbado até a raiz dos cabelos. Mas acendi a lareira dele e deixei alguns pães.

– Eu queria conversar com... com vocês dois. – Não ouso acrescentar mais nada pelo telefone, que certamente deve estar grampeado.

– Provavelmente você vai ter de esperar até que o tempo melhore – diz ele. – Nada vai acontecer antes disso, de qualquer maneira.

– Nada mesmo – concordo.

A tempestade de neve leva dois dias para ir embora, deixando um saldo de montes de neve mais altos do que a minha cabeça. Mais um dia até que a trilha que vai da Aldeia dos Vitoriosos à praça seja desobstruída. Durante esse tempo, ajudo a cuidar de Gale, aplico cobertura de neve em meu rosto, tento lembrar tudo que posso a respeito do levante no Distrito 8, caso nos seja de alguma utilidade. O inchaço em meu rosto diminui ainda mais, deixando-me uma ferida que coça bastante e um olho bem preto. Mas ainda assim, na primeira oportunidade que tenho, telefono para Peeta para ver se ele quer dar um pulo na cidade comigo.

Nós acordamos Haymitch e o arrastamos conosco. Ele reclama, mas não tanto quanto de costume. Todos nós sabemos que precisamos discutir o que aconteceu e não pode ser em um lugar tão perigoso quanto nossas casas na Aldeia dos Vitoriosos. Na realidade, esperamos até que a aldeia fique bem para trás para abrirmos a boca. Eu passo o tempo estudando os paredões de quatro metros formados pela neve que se juntou de cada lado da estreita trilha que acabou de ser desobstruída, imaginando se eles não vão desabar em cima de nós.

Finalmente, Haymitch quebra o silêncio.

– Quer dizer então que estamos todos nos dirigindo para o grande desconhecido, não é? – pergunta ele, olhando para mim.

– Não – digo. – Não mais.

– Você analisou as fraquezas desse plano, não analisou queridinha? – pergunta ele. – Alguma ideia nova?

– Quero começar um levante.

Haymitch apenas ri. Não se trata nem de um riso maldoso, o que é mais perturbador ainda. É a prova de que ele não consegue nem mesmo me levar a sério.

– Bom, eu quero beber alguma coisa. Mas depois me dá a sua opinião, certo? – diz ele.

– Então qual é o seu plano?

– O meu plano é garantir que tudo saia perfeito para o seu casamento – diz Haymitch. – Liguei para remarcar a sessão de fotos sem dar muitos

detalhes.

– Você nem tem telefone – digo.

– Effie mandou consertar. Você sabia que ela me perguntou se eu gostaria de levar você até o altar? Disse para ela que quanto mais cedo melhor.

– Haymitch. – Consigo ouvir o tom de súplica surgindo em minha voz.

– Katniss. – Ele me imita. – Não vai funcionar.

Calamos a boca quando uma turma de homens com pás passa por nós, seguindo em direção à Aldeia dos Vitoriosos. Talvez eles possam dar um jeito naqueles paredões de neve de quatro metros de altura. E quando eles saem de vista, a praça já está bem próxima. Nós entramos nela e tudo para simultaneamente.

Nada vai acontecer durante a nevasca. Essa era a conclusão a que Peeta e eu havíamos chegado. Mas nós não podíamos estar mais equivocados. A praça foi transformada. Um cartaz enorme com a insígnia de Panem está pendurado no telhado do Edifício da Justiça. Pacificadores vestindo uniformes imaculadamente brancos marcham sobre os paralelepípedos limpos há pouco tempo. Ao longo dos telhados dos prédios, mais soldados ocupam nichos portando metralhadoras. O mais inquietante é uma fileira de novas construções – um pelourinho oficial, diversas cercas de estacas e um cadafalso – montados no centro da praça.

– Thread trabalha rápido – diz Haymitch.

Algumas ruas depois da praça, vejo uma chama subindo ao céu. Nenhum de nós tem nada a dizer a respeito. Só pode ser o Prego virando fumaça. Penso em Greasy Sae, Ripper, em todos os meus amigos que retiram seus sustentos de lá.

– Haymitch, você não acha que ainda havia alguém no...

– Eu não consigo terminar a sentença.

– Que nada, eles são espertos. Você também seria, se tivesse passado mais tempo por aqui – diz ele. – Bom, é melhor eu ver qual o estoque de álcool etílico disponível na farmácia.

Ele atravessa pesadamente a praça e eu olho para Peeta.

– Para que ele quer isso? – Então eu percebo a resposta. – A gente não pode deixar ele beber isso. Ele vai se matar, ou no mínimo ficar cego. Tenho um pouco de aguardente branca em casa.

– Eu também. De repente isso o segura um pouco até a Ripper achar uma maneira de retomar seu negócio – diz Peeta. – Preciso verificar como

está a minha família.

– Preciso ver Hazelle. – Agora, estou preocupada. Achava que ela estaria lá em casa assim que a neve fosse retirada. Mas não há nenhum sinal dela.

– Eu também vou. Vou dar uma passadinha lá na padaria quando estiver voltando para casa – diz ele.

– Obrigada. – De repente, me sinto bastante assustada pelo que talvez encontre pela frente.

As ruas estão quase desertas, o que não seria tão incomum nesse momento do dia se as pessoas estivessem nas minas e as crianças na escola. Mas não estão. Vejo rostos nos observando das portas, através das persianas.

Um levante, penso. *Que idiota eu sou*. Existe uma imperfeição inerente no plano que tanto Gale quanto eu fomos cegos demais para enxergar. Um levante requer infringir a lei, desbancar a autoridade. Nós fizemos isso durante todo o tempo em que estivemos vivos, ou pelo menos nossas famílias fizeram. Caça ilegal, comércio no mercado negro, fazer pouco da Capital na floresta. Mas para a maior parte das pessoas no Distrito 12, uma ida ao Prego para comprar alguma coisa seria arriscada demais. E eu na expectativa de que eles se reunissem na praça com tijolos e tochas? A mera visão de mim e de Peeta já é suficiente para que as pessoas afastem seus filhos das janelas e fechem a cortina.

Encontramos Hazelle em sua casa, cuidando de uma Posy bem doente. Reconheço as marcas do sarampo.

– Não tinha como deixá-la aqui sozinha – diz ela. – Sabia que Gale estaria sendo cuidado pelas melhores mãos do mundo.

– É claro – digo. – Ele está bem melhor. Minha mãe acha que ele vai voltar para as minas daqui a algumas semanas.

– De qualquer maneira, pode ser que elas ainda não estejam abertas daqui a duas semanas – diz Hazelle. – O boato que está circulando é que vão ficar fechadas por tempo indeterminado. – Ela olha com inquietude para o tanque vazio.

– Você também está parada?

– Não oficialmente – diz Hazelle. – Mas agora está todo mundo com medo de me mandar trabalho.

– De repente é a neve – arrisca Peeta.

– Não, Rory deu uma volta rápida pelas ruas hoje de manhã. Ao que tudo indica, não tem nenhuma roupa para lavar – diz ela.

Rory abraça Hazelle.

– A gente vai ficar bem.

Tiro um pouco de dinheiro do bolso e coloco em cima da mesa.

– Minha mãe vai mandar alguma coisa para Posy.

Quando estamos do lado de fora, me viro para Peeta.

– Volta você. Eu quero dar uma passada no Prego.

– Eu vou com você – diz ele.

– Não. Já arrumei encrenca demais para você.

– Então evitar um passeio pelo Prego... vai resolver tudo pra mim? – Ele sorri e pega a minha mão. Juntos, nós percorremos as ruas da Costura até chegarmos ao edifício em chamas. Eles não se importaram nem mesmo em deixar alguns Pacificadores no local. Sabem que ninguém tentaria salvá-lo.

O calor das chamas derrete a neve que está em volta e uma água preta escorre na direção dos meus pés.

– É toda aquela poeira do carvão, dos tempos passados – afirmo. Estava em todos os cantos e em todos os orifícios. Até nos rodapés. É incrível o local não ter caído antes. – Eu quero achar a Greasy Sae.

– Hoje não, Katniss. Acho que a gente não vai ajudar ninguém fazendo visitas numa situação como essa.

Retornamos à praça. Compro alguns bolos na padaria do pai de Peeta enquanto eles jogam conversa fora, falando do tempo. Ninguém menciona os horrendos instrumentos de tortura que estão a poucos metros da porta. A última coisa que noto ao sairmos da praça é que eu não reconheço nem um rosto sequer entre os Pacificadores.

À medida que os dias vão passando, as coisas vão ficando de mal a pior. As minas permanecem fechadas há duas semanas e a essa altura metade do Distrito 12 já está passando fome. O número de crianças candidatando-se a tésseras aumenta vertiginosamente, mas elas quase sempre não recebem nenhuma porção de grãos. A escassez de comida começa, e mesmo aqueles com dinheiro voltam das lojas de mãos vazias. Quando as minas são reabertas, os salários são reduzidos, as horas de trabalho estendidas e os mineiros enviados para trabalhar em locais flagrantemente perigosos. A comida prometida para o Dia da Parcela e ansiosamente esperada chega estragada e emporcalhada por roedores. As

instalações na praça ficam bastante movimentadas, pessoas são arrastadas para o local e punidas por delitos há tanto tempo ignorados que havíamos esquecido que eram ilegais.

Gale vai para casa sem que mencionemos uma única vez a palavra rebelião. Mas não consigo parar de pensar que tudo que ele testemunhar nas ruas apenas fortalecerá sua decisão de se revoltar. As condições duras nas minas, os corpos torturados na praça, a fome nos rostos de seus familiares. Rory candidatou-se a ésseras, uma coisa sobre a qual Gale nem consegue falar, mas isso ainda não é o suficiente devido à pequena disponibilidade e aos preços cada vez mais altos dos alimentos.

A única notícia boa é que consegui convencer Haymitch a contratar Hazelle para trabalhar como sua empregada, o que resulta em algum dinheiro extra para ela e uma fantástica elevação na qualidade de vida dele. É estranho entrar na casa dele e encontrá-la limpa e agradável, e com comida no fogão. Ele mal repara porque está lutando uma batalha inteiramente diferente. Peeta e eu tentamos racionar a quantidade de bebida de que dispúnhamos, mas o estoque está quase no fim, e a última vez em que vi Ripper, ela estava presa no tronco.

Sinto-me como uma pária ao caminhar pelas ruas. Todos me evitam em público agora. Mas em casa não me falta companhia. Um constante suprimento de doentes e feridos é depositado em nossa cozinha diante de minha mãe, que há muito parou de cobrar por seus serviços. Mas seu estoque de remédios está se esgotando tão rapidamente que logo, logo só lhe restará a neve para tratar seus pacientes.

A floresta, é claro, está proibida. Absolutamente proibida. Impensável. Nem mesmo Gale desafia a lei agora. Mas numa manhã, eu resolvo desafiá-la. E não é a casa cheia de doentes e moribundos, as costas ensanguentadas, as crianças com as caras chupadas, as botas que marcham nas ruas ou a miséria onipresente que me levam a passar por baixo da cerca. É a chegada numa noite de um caixote cheio de vestidos de casamento com um bilhete de Effie, dizendo que o presidente Snow aprovou pessoalmente esses modelos.

O casamento. Será que ele está realmente planejando levar a ideia a cabo? O que, em seu cérebro distorcido, isso vai alcançar? Será para o benefício daqueles que residem na Capital? Um casamento foi prometido, um casamento será realizado. E em seguida? Ele nos matará? Como uma lição para os distritos? Não sei. Não consigo ver nenhum sentido nisso. Eu

me viro e me remexo na cama até não aguentar mais. Tenho de sair daqui. Pelo menos por algumas horas.

Minhas mãos cavam o meu closet até encontrarem o traje de material isolante que Cinna fez para meus momentos de lazer durante a Turnê da Vitória. Botas à prova d'água, um casaco de neve que me cobre dos pés à cabeça, luvas térmicas. Adoro o meu velho equipamento de caçada, mas a caminhada que estou planejando fazer hoje é mais apropriada para esse tipo de roupa high-tech. Desço a escada na pontinha dos pés, encho minha bolsa de comida e saio de casa às escondidas. Esgueirando-me por ruelas e becos, chego ao ponto mais vulnerável da cerca, mais próximo a Rooba, o açougueiro. Como muitos trabalhadores cruzam esse caminho para chegar às minas, a neve está toda marcada de pegadas. As minhas não serão notadas. Com todo o seu aparato de segurança, Thread prestou pouca atenção à cerca, quem sabe imaginando que a temperatura inclemente e os animais selvagens fossem suficientes para manter todos devidamente seguros em suas casas. Mesmo assim, no instante em que me coloco embaixo da grade, cubro minhas pegadas até que as árvores as escondam para mim.

O dia está nascendo quando retiro meu arco e minhas flechas e começo uma marcha forçada pela floresta coberta de neve. Estou decidida, por algum motivo, a chegar no lago. Talvez para me despedir do local, de meu pai e dos tempos felizes que passamos ali, porque sei que provavelmente jamais voltarei a colocar os pés lá. Talvez só então eu seja capaz de respirar bem fundo novamente. Uma parte de mim não está realmente se importando com a possibilidade de ser capturada, contanto que eu veja o local mais uma vez.

O percurso leva duas vezes o tempo habitual. As roupas de Cinna retêm muito bem o calor de meu corpo, e chego encharcada de suor sob o casaco de neve, enquanto meu rosto está dormente por causa do frio. O brilho intenso do sol de inverno refletido na neve fez brincadeiras com a minha visão, e estou tão exausta e envolvida em meus próprios sonhos desesperados que não noto os sinais. Uma tênue fumaça da chaminé, as marcas de pegadas recentes, o cheiro de agulhas de pinheiro queimadas. Estou literalmente a alguns metros da porta da casa de cimento quando paro bruscamente. E não é por causa da fumaça ou das pegadas ou do cheiro. É por causa do inconfundível clique de uma arma atrás de mim.

Segunda natureza. Instinto. Eu me viro pegando a flecha, embora já saiba que as chances não estejam a meu favor. Vejo o uniforme branco de um Pacificador, o queixo pontudo, a íris levemente castanha aonde a minha flecha encontrará seu alvo. Mas a arma está caindo no chão e uma mulher desarmada está estendendo algo para mim em sua mão enluvada.

– Pare! – grita ela.

Fico trêmula, incapaz de processar essa mudança de rumo. Talvez eles tenham ordens para me levar com vida para que possam me torturar até que eu incrimine todas as pessoas com quem convivi até hoje. *É isso aí, boa sorte então*, penso. Meus dedos estão totalmente decididos a lançar a flecha quando vejo o objeto na luva. É um pequeno círculo branco achatado que parece um pãozinho. Na verdade é mais parecido como um biscoito. Cinza e úmido nas bordas. Mas uma imagem está claramente estampada no centro dele.

O meu tordo.

PARTE II

“O MASSACRE”

Isso não faz sentido. Um pão estilizado com o meu pássaro. Ao contrário das sofisticadas representações que vi na Capital, essa aqui definitivamente não expressa a moda.

– O que é isso? O que significa? – pergunto rispidamente, ainda preparada para matar.

– Significa que estamos do seu lado – diz uma voz trêmula atrás de mim.

Eu não a vi quando me aproximei. Ela devia estar na casa. Não tiro os olhos de meu alvo atual. Provavelmente a recém-chegada está armada, mas estou apostando que ela não vai arriscar me deixar ouvir o clique que vai significar a minha morte iminente, sabendo que eu mataria sua companheira instantaneamente.

– Vá para algum lugar onde eu possa vê-la – ordeno.

– Ela não pode... – começa a mulher com o biscoito.

– Vá! – grito. Ouço um passo e um som de algo sendo arrastado. Ouço o esforço que o movimento requer. Uma outra mulher, ou talvez eu devesse dizer que é apenas uma menina, já que parece ter a minha idade, surge mancando. Está vestida com um uniforme de Pacificador que não lhe cai bem e um manto de pele branco feito para uma pessoa muito maior do que ela. Ela não está com nenhuma arma visível. Suas mãos estão ocupadas em equilibrar-se numa muleta tosca feita de um galho quebrado. A ponta de sua bota direita não consegue tirar a neve do caminho, por isso o som de algo sendo arrastado.

Examino o rosto da menina, que está bem vermelho devido ao frio. Seus dentes são tortos e há uma marquinha vermelha de nascença sobre um de seus olhos cor de chocolate. Ela não é uma Pacificadora. Tampouco uma cidadã da Capital.

– Quem é você? – pergunto, com cautela, porém menos beligerante.

– Meu nome é Twill – diz a mulher. Ela é mais velha. Talvez uns trinta e cinco anos. – E essa é a Bonnie. Nós fugimos do Distrito 8.

Distrito 8! Então elas devem estar sabendo do levante!

– Onde vocês conseguiram os uniformes?

– Roubei da fábrica – diz Bonnie. – A gente os produz lá. Só que eu pensei que esse aqui seria para... para uma outra pessoa. Por isso o tamanho errado.

– A arma pertence a um Pacificador morto – diz Twill, seguindo meus olhos.

– O biscoito na sua mão. Com o pássaro. Do que se trata? – pergunto.

– Você não sabe, Katniss? – Bonnie parece estar genuinamente surpresa.

Elas me reconhecem. É claro que elas me reconhecem. Meu rosto está descoberto e estou aqui parada nos arredores do Distrito 12, apontando uma flecha para elas. Quem mais eu poderia ser?

– Sei que ele combina com o broche que eu usei na arena.

– Ela não sabe – diz Bonnie suavemente. – De repente ela não está sabendo de nada.

Subitamente sinto a necessidade de estar por dentro das coisas.

– Sei que vocês fizeram um levante no 8.

– Fizemos, e é por isso que fomos obrigadas a sair de lá – diz Twill.

– Bom, agora vocês estão livres. O que pretendem fazer em seguida? – pergunto.

– Estamos indo para o Distrito 13 – responde Twill.

– Treze? – digo. – Não existe nenhum 13. Ele foi tirado do mapa.

– Setenta e cinco anos atrás – diz Twill.

Bonnie se mexe apoiada na muleta e faz uma careta.

– O que houve com a sua perna?

– Torci o tornozelo. Minhas botas são grandes demais – diz Bonnie.

Mordo o lábio. Meu instinto me diz que elas estão falando a verdade. E por trás dessa verdade encontra-se uma grande quantidade de informação que eu gostaria muito de obter. Dou um passo à frente e pego a arma de Twill antes de baixar o arco. Então eu hesito um momento, lembrando de outro dia nessa mesma floresta, quando Gale e eu assistimos a um aerodeslizador surgir do nada e capturar dois fugitivos da Capital. O garoto recebeu um golpe de lança e morreu na hora. A garota ruiva – descobri mais tarde quando estive na Capital – foi mutilada e transformada numa serva muda, tornando-se uma Avox.

– Alguém está perseguindo vocês?

– Achamos que não. Achamos que eles imaginam que nós duas morremos numa explosão na fábrica – diz Twill. – E só não morremos por

muito pouco.

– Tudo bem, vamos entrar – digo, indicando com a cabeça a casa de cimento. Eu as sigo, levando a arma comigo.

Bonnie vai direto para a lareira e se abaixa sobre o capote de um Pacificador ali disposto. Ela estica as mãos na frente da tênue chama que queima em uma das pontas de um pedaço de madeira chamuscado. Sua pele é tão pálida que parece transparente, e consigo ver o fogo brilhar no corpo dela. Twill tenta arrumar o manto, que devia pertencer a ela própria, ao redor da trêmula garota.

Uma lata foi cortada em dois, a borda perigosamente exposta. Está em cima das cinzas, cheio de agulhas de pinheiro imersas em água fumegante.

– Está fazendo chá? – pergunto.

– Na verdade, a gente não tem muita certeza. Lembro de ter visto alguém fazendo isso com agulhas de pinheiro nos Jogos Vorazes alguns anos atrás. Pelo menos até onde sei, eram agulhas de pinheiro – diz Twill, franzindo o cenho.

Lembro do Distrito 8, um horroroso espaço urbano fedendo a resíduos industriais, pessoas residindo em apartamentos caindo aos pedaços. Quase nenhuma planta à vista. Nenhuma oportunidade, nenhuma mesmo, de alguém entender como funciona a natureza. É um milagre essas duas terem conseguido chegar vivas até aqui.

– Estão sem comida? – pergunto.

Bonnie balança a cabeça em concordância.

– Pegamos o que pudemos, mas quase não havia alimento disponível. E já faz um bom tempo que a coisa está assim. – O tremor na voz dela derrete as minhas últimas defesas. Ela não passa de uma garota ferida e malnutrida fugindo da Capital.

– Bom, então hoje vocês estão com sorte – digo, despejando o conteúdo da minha bolsa no chão. As pessoas estão morrendo de fome em todo o distrito e ainda assim nós temos muito mais do que o suficiente. Então faço algumas distribuições por conta própria. Tenho as minhas prioridades: a família de Gale, Greasy Sae, alguns dos outros comerciantes do Prego que perderam seus negócios. Minha mãe tem outras pessoas para ajudar, na maior parte pacientes. Na manhã de hoje, propositalmente, coloquei comida em excesso na bolsa que uso nas caçadas, sabendo que minha mãe veria a despensa vazia e imaginaria que eu estaria fazendo a minha peregrinação usual aos famintos. Na verdade, estava ganhando

tempo para ir para o lago sem que ela ficasse preocupada. Tinha a intenção de entregar a comida hoje à noite, quando voltasse, mas agora vejo que isso não vai acontecer.

Da bolsa, puxo dois pãezinhos frescos com uma camada de queijo derretido em cima. Sempre temos um estoque desses pães lá em casa depois que Peeta descobriu que eles eram os meus favoritos. Jogo um para Twill, mas ela não consegue pegar, e coloco o outro no colo de Bonnie, já que sua coordenação olho-mão parece um pouco questionável no momento, e eu não quero que ele acabe no fogo.

– Oh – diz Bonnie. – Tudo isso é para mim?

Algo dentro de mim se contorce assim que me lembro de outra voz. Rue. Na arena. Quando dei para ela a coxa do ganso silvestre. *Oh, é a primeira vez que tenho uma coxa inteira só pra mim*. A descrença dos cronicamente famintos.

– É isso aí, pode comer – digo. Bonnie segura o pãozinho como se não conseguisse acreditar que fosse real e, então, enterra os dentes nele uma, duas, várias vezes, incapaz de se conter. – É melhor você mastigar um pouco. – Ela balança a cabeça, concordando, tentando diminuir o ritmo, mas sei o quanto é difícil quando o seu estômago está tão vazio. – Acho que o seu chá está pronto. – Tiro a lata das cinzas. Twill pega duas xícaras em sua mochila e ponho o chá no chão para esfriar um pouco. As duas se aconchegam uma na outra, comendo, soprando o chá e dando pequenos goles na bebida escaldante enquanto preparo o fogo. Espero até elas começarem a chupar a gordura dos dedos para perguntar: – E aí, qual é a história de vocês?

E elas me contam.

Desde os Jogos Vorazes vem crescendo o descontentamento no Distrito 8. Ele sempre esteve lá, é claro, em alguma medida. Mas a diferença agora é que conversar já não é suficiente, e a ideia de agir passou de desejo à realidade. As fábricas têxteis que serviam Panem sempre tiveram máquinas barulhentas, e o som também permitia que as ideias circulassem livremente, as bocas próximas aos ouvidos, palavras que não eram notadas, que não eram controladas. Twill dava aulas na escola, Bonnie era uma de suas alunas, e quando o último sinal tocava, ambas trabalhavam durante quatro horas na fábrica especializada em uniformes de Pacificadores. Bonnie, que trabalhava no friorento posto de inspeção, levou meses para conseguir dois uniformes, uma bota aqui, uma calça ali. Elas

destinavam-se a Twill e a seu marido porque ficou acertado que, uma vez que o levante começasse, seria crucial espalhar a notícia para além do Distrito 8 para que o empreendimento adquirisse sucesso.

O dia em que eu e Peeta fomos até lá fazer nossa aparição por ocasião da Turnê da Vitória foi, na realidade, uma espécie de ensaio. As pessoas na multidão se posicionaram de acordo com suas equipes, perto dos prédios que seriam seus alvos quando a rebelião irrompesse. Esse era o plano: tomar os centros de poder na cidade, como o Edifício da Justiça, o quartel-general dos Pacificadores e o Centro de Comunicações, localizado na praça. E outros locais ainda: a linha férrea, o armazém de grãos, a estação de luz e o arsenal.

A noite do meu noivado, a noite em que Peeta caiu de joelhos e proclamou seu amor eterno por mim na frente das câmeras na Capital, foi a noite em que começou o levante. Era o disfarce ideal. Nossa entrevista da Turnê da Vitória com Caesar Flickerman era um programa a que todos assistiriam obrigatoriamente. Ele deu às pessoas do Distrito 8 um motivo para sair às ruas à noite, reunindo-se ou na praça ou em diversos centros comunitários ao redor da cidade para acompanhar pelos telões. Normalmente, tal atividade teria sido bastante suspeita. Ao contrário, todos encontravam-se em seus devidos lugares na hora marcada, oito da noite, quando as máscaras foram postas e o inferno se instaurou.

Pegos de surpresa e sobrepujados por uma impressionante quantidade de pessoas, os Pacificadores foram inicialmente dominados pelas massas. O Centro de Comunicações, o armazém e a estação de luz foram tomados. À medida que os Pacificadores iam caindo, armas eram apropriadas pelos rebeldes. Havia uma esperança de que isso não tivesse sido um ato de insanidade, que, de uma certa forma, se eles pudessem espalhar a notícia para outros distritos, uma real deposição do governo na Capital talvez fosse possível.

E aí, aconteceu. Pacificadores começaram a chegar aos milhares. Aerodeslizadores bombardearam as casamatas dos rebeldes, que viraram cinzas. No caos total que se seguiu, o máximo que as pessoas conseguiam fazer era chegar em casa com vida. A cidade foi dominada em menos de 48 horas. Então, por uma semana, as pessoas foram proibidas de deixar suas casas. Nada de comida, nada de carvão, todos impedidos de sair às ruas. A única vez que a televisão mostrou alguma coisa além de estática foi quando os suspeitos de terem sido os instigadores foram enforcados na praça.

Então, uma noite, enquanto todo o distrito estava quase morrendo de fome, veio a ordem para que tudo voltasse à normalidade.

Para Twill e Bonnie, isso significou voltar para a escola. Uma rua interditada por causa das bombas fez com que elas se atrasassem para o turno de trabalho na fábrica, de modo que elas ainda estavam a cerca de cem metros de distância quando o local foi pelos ares, matando todos que estavam em seu interior – incluindo o marido de Twill e toda a família de Bonnie.

– Alguém deve ter contado para o pessoal da Capital que a ideia do levante tinha começado lá – diz Twill, com a voz baixa.

As duas correram de volta para a casa de Twill, onde ainda se encontravam os uniformes dos Pacificadores. Juntaram o máximo de provisões que conseguiram, roubando livremente de vizinhos que agora tinham certeza estarem mortos, e seguiram para a estação ferroviária. Num armazém próximo aos trilhos, elas vestiram os uniformes dos Pacificadores e, disfarçadas, conseguiram entrar num vagão cheio de tecido que partia para o Distrito 6. Elas saíram do trem numa parada para reabastecimento no meio do caminho e seguiram viagem a pé. Ocultas pela floresta, mas usando os trilhos como guia, elas alcançaram os arredores do Distrito 12 dois dias atrás, onde foram forçadas a parar quando Bonnie torceu o tornozelo.

– Compreendo por que vocês estão correndo, mas o que esperam encontrar no Distrito 13? – pergunto.

Bonnie e Twill trocam olhares nervosos.

– A gente não tem muita certeza – diz Twill.

– Lá só tem destroços – digo. – Todo mundo já viu os filmes sobre o local.

– Mas é justamente isso. Eles têm usado o mesmo filme desde que eu me conheço por gente – diz Twill.

– É mesmo? – Tento lembrar, tento reunir em minha mente as imagens do 13 que vi na televisão.

– Você sabe como eles sempre mostram o Edifício da Justiça? – continua Twill. Balanço a cabeça em assentimento. Já vi a tomada milhares de vezes. – Se você prestar bem atenção, você vai ver. No alto da tela, bem no canto direito.

– Vou ver o quê? – pergunto.

Twill estende novamente o biscoito com o pássaro.

– Um tordo. Só dá pra ver ele voando por alguns segundos. O mesmo tordo todas as vezes.

– No nosso distrito, o pessoal acha que eles ficam repassando o mesmo filme antigo o tempo todo porque a Capital não pode mostrar o que realmente está acontecendo lá agora – diz Bonnie.

Murmuro como quem não está acreditando.

– Vocês estão indo pro Distrito 13 com base nisso? A tomada de um pássaro? Vocês acham que vão encontrar uma nova cidade com pessoas passeando pelas ruas? E a Capital achando isso tudo muito natural?

– Não – diz Twill seriamente. – A gente acha que as pessoas foram morar no subterrâneo quando tudo na superfície foi destruído. A gente acha que eles conseguiram sobreviver. E a gente também acha que a Capital os deixa em paz porque, antes dos Dias Escuros, a principal atividade industrial do Distrito 13 era energia nuclear.

– Eles trabalhavam em minas de grafite – digo. Mas, hesito, porque essa é a informação que me foi dada pela Capital.

– Eles tinham algumas minas pequenas, é verdade. Mas não o suficiente para justificar uma população daquele tamanho. Isso, imagino, é a única coisa que a gente sabe com certeza – diz Twill.

Meu coração está acelerado. E se elas estiverem certas? Será que isso poderia ser verdade? Será que poderia haver um outro lugar para fugirmos além da natureza selvagem? Algum lugar seguro? Se existe uma comunidade no Distrito 13, não seria melhor ir para lá, onde talvez eu seja capaz de conseguir alguma coisa, em vez de ficar aqui esperando a minha morte? Mas também tem o seguinte... se há pessoas no Distrito 13, com armas poderosas...

– Por que elas não ajudaram a gente? – digo, irritada. – Se isso é verdade, por que elas deixam a gente vivendo dessa maneira? Com todos morrendo de fome e com as matanças nos Jogos? – E, de repente, começo a odiar essa imaginária cidade subterrânea do Distrito 13 e todos que estão vivendo lá e assistindo à nossa morte. Eles não são melhores do que a Capital.

– A gente não sabe – sussurra Bonnie. – Nesse exato momento, a gente está apenas se agarrando à esperança de que eles existem mesmo.

Isso faz com que eu readquira a consciência. Essa história não passa de delírio. O Distrito 13 não existe porque a Capital jamais permitiria que existisse. Elas provavelmente estão equivocadas em relação ao filme.

Tordos são tão raros quanto rochas. E tão resistentes quanto. Se eles conseguiram sobreviver ao bombardeio inicial do 13, provavelmente estão vivendo agora em condições melhores do que nunca.

Bonnie não tem casa. Sua família está morta. Voltar para o Distrito 8 ou se mudar para algum outro distrito seria impossível. É claro que a ideia de um Distrito 13 independente e próspero a comove. Eu não tenho coragem de dizer que o que ela está perseguindo é um sonho tão imaterial quanto uma fumacinha. Talvez ela e Twill possam tentar viver de alguma maneira na floresta. Duvido muito, mas elas estão num estado tão lastimável que eu me sinto na obrigação de procurar ajudá-las.

Primeiro, dou a elas toda a comida que está na minha bolsa, grãos e feijão seco na maior parte, mas há o suficiente para sustentá-las por enquanto, se forem cuidadosas. Então levo Twill para a floresta e tento explicar a ela os rudimentos da caça. Ela tem uma arma que, caso seja necessário, pode converter energia solar em mortíferos raios de energia que podem durar indefinidamente. Quando ela consegue matar o primeiro esquilo, o coitado do bichinho parece mais um pedaço de carne queimada, porque foi atingido diretamente no corpo. Mas mostro a ela como tirar a pele e limpar a carne. Com alguma prática, ela vai dominar o procedimento. Corto uma nova muleta para Bonnie. De volta à casa, dou para a garota uma camada extra de meias e a mando enfiá-las nas botas para caminhar durante o dia, e depois usá-las nos pés à noite. Por fim, eu as ensino a acender adequadamente um fogo.

Elas imploram por detalhes acerca da situação no Distrito 12 e conto como é a vida sob o jugo de Thread. Percebo que elas consideram isso uma informação importante para levar até aqueles que governam o Distrito 13 e finjo que concordo com elas, para não destruir suas esperanças. Mas, quando o grau de luminosidade marca o fim do dia, não tenho mais tempo para entretê-las.

– Preciso ir agora – digo.

Elas são só agradecimentos e me abraçam efusivamente.

Lágrimas escapam dos olhos de Bonnie.

– Não consigo acreditar que a gente conheceu você de verdade. Praticamente só se fala de você desde que...

– Eu sei. Eu sei. Desde que eu peguei aquelas amoras – digo, fatigada.

Quase não sinto a caminhada de volta para casa, mesmo com a neve começando a cair. Minha mente está girando com as novas informações

acerca do levante no Distrito 8 e a improvável, embora tentadora, possibilidade de existência do Distrito 13.

As palavras de Bonnie e Twill confirmaram uma coisa: o presidente Snow tem me feito de boba. Nem todos os beijos e carinhos do mundo poderiam ter impedido a agitação que estava se instaurando no Distrito 8. Sim, eu ter estendido as amoras foi a fagulha, mas não tinha como controlar o fogo. Ele devia saber disso o tempo todo. Então por que me fazer aquela visita, por que me mandar persuadir a multidão de meu amor por Peeta? Isso era obviamente um estratagema para me distrair e para impedir que eu fizesse mais alguma coisa que pudesse inflamar os distritos. E, é claro, para entreter as pessoas na Capital. Tenho a impressão de que o casamento é apenas uma extensão necessária disso.

Estou me aproximando da cerca quando um tordo surge num galho e produz um trinado para mim. Diante dessa visão, percebo que não obtive em momento algum uma explicação completa sobre o pássaro no biscoito e sobre o que ele significa.

"Significa que a gente está do seu lado", foi o que Bonnie disse. Eu tenho pessoas do meu lado? Qual lado? Por acaso, sou inadvertidamente o rosto da rebelião pela qual todos anseiam? Será que o tordo em meu broche se transformou num símbolo da resistência? Se é esse o caso, o meu lado não está indo muito bem. Basta olhar para o que aconteceu no 8 para se ter certeza disso.

Guardo as armas no tronco oco próximo a minha antiga casa na Costura e vou em direção à cerca. Estou de joelhos, me preparando para entrar na Campina, mas ainda estou tão preocupada com os eventos do dia que é necessário o guincho de uma coruja para me trazer de volta ao mundo.

Na penumbra, a grade parece tão inócua quanto de costume. Mas o que me faz afastar a mão é o som, como um zumbido de uma árvore cheia de ninhos de teleguiadas, indicando que a cerca está ligada e em altíssima tensão.

Meus pés recuam automaticamente e me misturo com as árvores. Cubro a boca com a luva para dispersar o branco da minha respiração no ar gelado. Adrenalina percorre todo o meu corpo, apagando todas as preocupações do dia, enquanto me concentro na ameaça imediata que se encontra diante de mim. O que está acontecendo? Será que Thread acionou a eletricidade da cerca como uma precaução a mais de segurança? Ou será que ele de algum modo sabe que hoje eu escapei? Será que ele está determinado a me manter do lado de fora do Distrito 12 até que possa me prender? Até que possa me arrastar para a praça para ser presa no tronco ou para ser chicoteada ou enforcada?

Acalme-se, ordeno a mim mesma. Não que essa seja a primeira vez que eu tenha ficado presa do lado de fora do distrito por causa de uma cerca eletrificada. Isso já aconteceu algumas vezes ao longo dos anos, mas Gale estava sempre comigo. Nós dois simplesmente procurávamos uma árvore confortável para esperar até que a energia fosse desativada, o que sempre ocorria, mais cedo ou mais tarde. Quando eu demorava a chegar, Prim tinha o hábito de ir até a Campina para verificar se a cerca estava eletrificada ou não, só para poupar minha mãe de preocupações.

Mas hoje minha família jamais imaginaria que eu estivesse na floresta. Inclusive tomei algumas providências para que isso não passasse pela cabeça delas. Então, se eu não aparecer, elas certamente ficarão preocupadas. E tem uma parte de mim que também está preocupada, porque não tenho certeza de que isso é apenas uma coincidência: o fato de a energia ser ativada exatamente no mesmo dia que eu volto à floresta. Pensava que ninguém tinha visto eu me esgueirar por baixo da cerca, mas quem sabe? As paredes têm olhos. Alguém relatou ter visto Gale me beijando naquele mesmo ponto. Mesmo assim, isso foi à luz do dia e antes de eu passar a ser mais cuidadosa com o meu comportamento. Será que poderia haver por aqui câmeras de segurança? Havia pensado nisso antes. Será que essa foi a maneira pela qual o presidente Snow ficara sabendo do beijo? Estava escuro quando eu me meti lá embaixo e o meu rosto estava

envolto por um cachecol. Mas a lista de suspeitos que invadem a floresta provavelmente é pequena demais.

Meus olhos espiam através das árvores, para além da cerca, na Campina. Tudo o que vejo é a neve iluminada aqui e ali pela luz das janelas na borda da Costura. Nenhum Pacificador à vista, nenhum sinal de que eu esteja sendo perseguida. Quer Thread saiba ou não que saí do distrito hoje, sei que o curso da minha ação deve ser o mesmo: atravessar novamente a cerca sem ser vista e fingir que nunca saí.

Qualquer contato com a grade ou com os fios de arame farpado que guarnecem o topo significaria uma eletrocução instantânea. Acho que não consigo passar por baixo da cerca sem me arriscar a ser detectada, e, de qualquer maneira, o chão é duro e gelado. Isso me deixa com uma única escolha. De uma forma ou de outra, terá que ser essa mesmo.

Começo a andar rente às árvores em busca de uma árvore com um galho alto e comprido o suficiente para se encaixar nas minhas necessidades. Depois de andar quase dois quilômetros, dou de cara com um antigo bordo que talvez sirva. Mas o tronco é largo demais e muito cheio de neve para que eu possa subir, e não tem nenhum galho baixo. Subo em uma árvore próxima e salto desajeitadamente no bordo, quase escorregando no galho pegajoso. Mas consigo me equilibrar e lentamente sigo em direção à ponta de um galho que se debruça sobre o arame farpado.

Quando olho para baixo, lembro por que Gale e eu sempre esperamos na floresta em vez de tentar vencer a cerca. Ficar a uma altura suficiente para evitar o risco de ser frito significa ficar a mais ou menos seis metros do chão. Imagino que o meu galho deva estar a uns sete metros. É um pulo perigoso, mesmo para alguém que tem anos de experiência em árvores. Mas que outra chance eu tenho? Podia ir atrás de um outro galho, mas agora já está quase escuro. A neve que não para de cair vai obscurecer qualquer luar. Aqui, pelo menos, consigo ver que tem um montinho de neve que vai acolchoar minha aterrissagem. Mesmo que pudesse achar uma outra árvore, o que é duvidoso, quem pode saber no que eu estaria pulando? Prendo a minha bolsa vazia no pescoço e lentamente vou baixando o corpo até ficar pendurada apenas pelas mãos. Por um instante, reúno a coragem necessária. Em seguida solto os dedos.

Sinto que estou caindo, e então atinjo o chão com um solavanco que me sobe à coluna. Um segundo depois, minhas costas atingem em cheio o chão. Eu me deito na neve, tentando avaliar os estragos. Sem me levantar,

já posso dizer, pela dor no calcanhar esquerdo e no cóccix, que estou machucada. A única dúvida é sobre a gravidade das lesões. Estou esperando hematomas, mas, quando me esforço para me levantar, desconfio que também quebrei alguma coisa. Mas consigo andar, então começo a me movimentar, tentando esconder da melhor forma possível que estou mancando.

Minha mãe e Prim não podem saber que estive na floresta. Preciso arrumar alguma espécie de álibi, por mais forçado que seja. Algumas das lojas na praça ainda estão abertas, de modo que eu entro em uma e compro panos brancos para fazer curativo. Nosso estoque em casa está quase acabando, de qualquer modo. Em outra, compro um saco de balas para Prim. Enfio uma das balas na boca, sentindo a menta derreter na minha língua, e percebo que é a primeira vez que como alguma coisa desde que o dia começou. Tinha a intenção de fazer uma refeição no lago, mas assim que vi o estado de Twill e Bonnie, me pareceu errado não dar tudo o que tinha para elas.

Quando chego em casa, meu calcanhar esquerdo já não suporta peso algum. Decido dizer para minha mãe que estava tentando consertar um vazamento no telhado da nossa antiga casa e escorreguei. Quanto à comida perdida, eu não vou me deter muito em explicar para quem ela foi entregue. Arrasto-me porta adentro, pronta para desabar na frente do fogo. Mas em vez disso, tomo mais um susto.

Dois Pacificadores, um homem e uma mulher, estão de pé na entrada de nossa cozinha. A mulher permanece impassível, mas eu vislumbro uma pontinha de surpresa no rosto do homem. Ninguém me esperava. Eles sabem que eu estava na floresta e que a uma hora dessas deveria estar presa na armadilha.

– Oi – digo, com uma voz neutra.

Minha mãe aparece atrás de mim, mas se mantém à distância.

– Aí está ela, bem na hora do jantar – diz ela, com um tom até certo ponto esfuziante demais. Estou bastante atrasada para o jantar.

Penso em tirar as botas, como faria normalmente, mas duvido muito que consiga tirá-las sem revelar os meus machucados. Em vez disso, tiro apenas o meu manto molhado e sacudo a neve dos cabelos.

– Será que eu posso ajudar em alguma coisa? – pergunto aos Pacificadores.

– Thread, o Chefe dos Pacificadores, nos mandou trazer uma mensagem para você – diz a mulher.

– Eles estão esperando você há horas – acrescenta minha mãe.

Eles esperavam que eu não aparecesse. Para confirmar que eu tinha sido eletrocutada na cerca ou ficado presa na floresta, de modo que eles pudessem levar os meus familiares para serem interrogados.

– Deve ser uma mensagem importante – digo.

– Nós poderíamos saber onde você esteve, senhorita Everdeen? – pergunta a mulher.

– É mais fácil perguntar onde eu *não estive* – digo, com um som exasperado. Entro na cozinha, forçando-me a usar o pé normalmente, muito embora cada passo proporcione uma dor excruciante. Passo entre os Pacificadores e chego inteira à mesa. Jogo a minha bolsa e me viro para Prim, que está absolutamente imóvel ao lado da lareira. Haymitch e Peeta também estão lá, sentados em duas cadeiras de balanço idênticas, disputando uma partida de xadrez. Eles estavam lá por acaso ou tinham sido "convidados" pelos Pacificadores? De um jeito ou de outro, fico contente em vê-los.

– E aí, onde é que você esteve afinal? – diz Haymitch com uma voz entediada.

– Bom, eu não fui conversar com o Homem dos Bodes a respeito de cruzar a cabra de Prim porque alguém me forneceu informações completamente imprecisas sobre o local onde ele mora – digo a Prim enfaticamente.

– De jeito nenhum – diz Prim. – Eu disse o endereço direitinho.

– Você disse que ele morava ao lado da entrada oeste da mina.

– A estrada leste – corrige Prim.

– Você falou oeste com todas as letras porque depois eu disse "Perto da pilha de escória?", e aí você disse "Isso".

– A pilha de escória, perto da entrada *leste* – diz Prim, pacientemente.

– Não. Quando é que você disse isso?

– Ontem à noite – se intromete Haymitch.

– Com certeza ela falou leste – acrescentou Peeta. Ele olha para Haymitch e os dois riem. Faço uma cara feia para Peeta e ele tenta parecer contrito. – Desculpa, mas é o que eu sempre digo. Você não escuta quando as pessoas falam com você.

– Aposto que hoje as pessoas disseram que ele não morava lá e você continuou sem escutar ninguém – diz Haymitch.

– Cala a boca, Haymitch – digo, indicando claramente que ele está certo.

Haymitch e Peeta dão uma gargalhada e Prim se permite um sorriso.

– Beleza. Uma outra pessoa então pode cuidar do nocaute da idiota da cabra – digo, o que só faz eles rirem ainda mais. E penso: *É por isso que eles chegaram tão longe, Haymitch e Peeta. Nada tira a calma deles*.

Olho para os Pacificadores. O homem está sorrindo, mas a mulher não parece convencida.

– O que há dentro da bolsa? – pergunta ela de modo incisivo.

Eu sei que ela espera encontrar caça e plantas silvestres. Algo que claramente me condenaria. Despejo o conteúdo em cima da mesa.

– Pode olhar.

– Ah, que bom – diz minha mãe, examinando o pano. – Nós estamos quase sem curativo.

Peeta vai até a mesa e abre o saco de balas.

– Ohhhh, bala de menta – diz ele, enfiando uma na boca.

– Elas são minhas. – Tento pegar a bolsa. Ele a arremessa para Haymitch, que enfia um punhado de balas na boca antes de passar a bolsa para uma Prim que está morrendo de rir. – Nenhum de vocês merece essas balas!

– Por quê? Porque a gente estava com a razão? – Peeta me abraça. Emito um leve gemido de dor quando o meu cóccix reclama. Tento transformá-lo num som de indignação, mas dá para ver em seus olhos que ele sabe que estou ferida. – Tudo bem, Prim falou oeste. Eu ouvi oeste em alto e bom som. E todos nós somos uns idiotas. Que tal?

– Melhor assim – digo, e aceito o beijo dele. Então, olho para os Pacificadores como se estivesse subitamente me lembrando que eles estavam lá. – Vocês têm uma mensagem pra mim?

– De Thread, Chefe dos Pacificadores – diz a mulher. – Ele queria que você soubesse que a cerca em torno do Distrito 12 agora terá eletricidade 24 horas por dia.

– Não foi sempre assim? – pergunto, talvez de um modo exageradamente inocente.

– Ele pensou que talvez você pudesse se interessar em passar essa informação ao seu primo – diz a mulher.

– Obrigada. Vou dizer a ele. Tenho certeza que todos nós vamos dormir bem mais tranquilos agora que a segurança resolveu esse lapso. – Estou indo longe demais, eu sei, mas o comentário me dá uma sensação de satisfação.

O queixo da mulher fica tenso. Nada está saindo como o planejado, mas ela não tem mais o que falar. Ela me cumprimenta com um leve movimento de cabeça e sai, o homem atrás dela. Quando minha mãe tranca a porta depois deles saírem, eu desabo na mesa.

– O que houve? – diz Peeta, me segurando com firmeza.

– Ah, dei uma pancada no pé esquerdo. No calcanhar. E o meu cóccix também não teve muita sorte hoje. – Ele me ajuda a chegar em uma das cadeiras de balanço e me sento na almofada.

Minha mãe tira as minhas botas.

– O que aconteceu?

– Eu escorreguei e caí – digo. Quatro pares de olhos me encaram em total descrença. – Na neve. – Mas todos nós sabemos que a casa deve estar grampeada e que não é seguro falar abertamente. Não aqui, não agora.

Depois de tirar a meia, os dedos de minha mãe tocam os ossos de meu calcanhar esquerdo e eu estremeço.

– Pode ser que esteja quebrado. Ela verifica o outro pé. – Este aqui parece bom. – Ela avalia que meu cóccix está bastante contundido.

Prim foi encarregada de pegar meu pijama e meu robe. Depois que troco de roupa, minha mãe faz um bolinho de neve para o meu calcanhar e o coloca em cima de uma almofada. Como três tigelas de cozido e metade de um pão enquanto os outros jantam à mesa. Olho para o fogo, pensando em Bonnie e Twill, esperando que a neve intensa tenha apagado minhas pegadas.

Prim se aproxima e se senta no chão perto de mim, encostando a cabeça no meu joelho. Chupamos balas de menta enquanto penteio seus macios cabelos louros para trás das orelhas.

– Como foi na escola? – pergunto.

– Tudo bem. A gente aprendeu um monte de coisa sobre derivados de carvão. – Ficamos olhando o fogo por um tempo. – Você vai experimentar os seus vestidos de casamento?

– Hoje não. Talvez amanhã.

– Espera até eu chegar, hein? – pede ela.

– Com certeza. – *Se eles não me prenderem antes*.

Minha mãe me dá uma xícara de chá de camomila com uma dose de xarope sonífero, e as minhas pálpebras começam a ficar pesadas imediatamente. Ela enrola o meu pé machucado, e Peeta se oferece para me levar para a cama. Faço uma tentativa de me apoiar em seu ombro, mas estou tão sonolenta que ele me pega no colo e me leva para o quarto no segundo andar. Peeta me coloca na cama e me dá boa-noite, mas pego sua mão e não o deixo sair. Um efeito colateral do xarope sonífero é deixar as pessoas menos inibidas, como a aguardente branca, e sei que preciso controlar a língua. Mas não quero que ele vá embora. Na realidade, quero que ele se deite na cama comigo, que esteja ao meu lado quando os pesadelos chegarem. Por algum motivo que eu não tenho exatamente como precisar, sei que não tenho permissão para fazer esse pedido.

– Fica mais um pouco. Fica até eu dormir – digo.

Peeta se senta ao meu lado na cama, aquecendo a minha mão nas suas.

– Eu quase pensei que você tivesse mudado de ideia hoje. Quando se atrasou para o jantar.

Estou zonza, mas consigo adivinhar o que ele está querendo dizer. Com a cerca eletrificada e eu demorando a aparecer e os Pacificadores esperando, ele pensou que eu tivesse fugido, talvez com Gale.

– Não, eu lhe disse. – Levanto sua mão e encosto o rosto nela, absorvendo o leve aroma de canela e aneto dos pães que ele deve ter assado hoje. Quero contar para ele sobre Twill e Bonnie, e sobre o levante e a fantasia a respeito do Distrito 13, mas não é seguro e sinto que estou caindo no sono, de modo que só consigo pronunciar mais uma sentença: – Fica comigo.

À medida que as espirais do xarope sonífero vão me levando para longe, eu o ouço sussurrar uma palavra, mas não consigo distinguir qual foi.

Minha mãe me deixa dormir até o meio-dia, e então me acorda para examinar o calcanhar. Ela me obriga a ficar uma semana de cama e não me oponho porque me sinto péssima. Não apenas o meu calcanhar e o cóccix. Todo o meu corpo dói de exaustão. Então deixo que minha mãe trate de mim e me dê o café da manhã na cama, e coloque outra coberta em cima de mim. Então, fico lá deitada, olhando o céu de inverno através da janela, imaginando como tudo isso vai acabar. Penso muito em Bonnie e Twill, e na pilha de vestidos de casamento que estão me esperando lá embaixo, e se Thread vai descobrir como eu voltei e virá me prender. É engraçado, porque

ele poderia simplesmente me prender de qualquer maneira com base em crimes do passado, mas talvez ele precise de algum motivo realmente irrefutável para fazê-lo, já que agora sou uma vitoriosa. E imagino se o presidente Snow está em contato com Thread. Acho improvável que ele alguma vez tenha ouvido falar do velho Cray, mas agora que sou um problema nacional tão grande, será que ele está meticulosamente orientando Thread? Ou será que Thread está agindo por conta própria? De qualquer maneira, tenho certeza de que ambos concordam em me manter presa aqui dentro do distrito com aquela cerca. Mesmo que eu pudesse vislumbrar alguma forma de escapar – talvez levar uma corda até o galho daquele bordo e escalá-lo –, não teria como fugir com minha família e meus amigos agora. De qualquer modo, disse para Gale que ficaria e lutaria.

Durante alguns dias, dou um salto todas as vezes que ouço uma batida na porta. Todavia, nenhum Pacificador aparece para me prender, de modo que, em determinado momento, começo finalmente a relaxar. Minha certeza fica ainda mais forte quando Peeta me conta casualmente que a energia está desligada em algumas partes da cerca porque uma equipe de trabalhadores está fixando a base da grade no chão. Thread deve acreditar que, de alguma maneira, eu passei por baixo, mesmo com aquela mortífera corrente elétrica ao longo dela. Pacificadores ocupados com alguma coisa que não seja maltratar as pessoas é uma quebra da rotina do distrito.

Peeta vem me visitar todos os dias para me trazer pães de queijo e começa a me ajudar a trabalhar no livro da família. É uma coisa antiga, feita de pergaminho e couro. Algum herborista do lado da família de minha mãe começou a escrevê-lo séculos atrás. O livro é composto de páginas e mais páginas de desenhos a nanquim de plantas com descrições de seus usos medicinais. Meu pai acrescentou uma seção sobre plantas comestíveis que foi o manual que me ajudou a nos manter vivas depois de sua morte. Há um bom tempo desejo registrar meus próprios conhecimentos nele. Coisas que aprendi por experiência própria ou com Gale, e também as informações que obtive quando estava treinando para os Jogos. Só não fiz isso porque não tenho pendores artísticos e é absolutamente crucial que os desenhos sejam feitos nos mínimos detalhes. É aí que entra Peeta. Algumas das plantas ele já conhece, de outras nós possuímos amostras secas, e outras eu preciso descrever. Ele faz os esboços num caderno até eu ficar satisfeita com o resultado. Em seguida, deixo-o desenhar as plantas no

livro. Depois disso, escrevo cuidadosamente tudo o que sei sobre o espécime.

É um trabalho silencioso e interessante que ajuda a desviar minha mente dos problemas. Gosto de observar suas mãos enquanto ele trabalha, fazendo uma página em branco florescer a partir do nanquim, adicionando toques de cor a nosso livro anteriormente preto e amarelado. Seu rosto adquire uma expressão especial quando ele se concentra. Seu semblante normalmente tranquilo é substituído por algo mais intenso e retraído que sugere a existência de todo um mundo trancado dentro dele. Eu havia observado essas características antes: na arena, ou quando ele se dirigia às multidões, ou naquela vez em que ele afastou de mim as armas dos Pacificadores no Distrito 11. Não sei muito bem o que apreender disso. Também fico um pouco fixada em seus cílios, que normalmente não são muito visíveis por serem louros demais. Mas de perto, à luz que entra pela fresta da janela, eles possuem uma coloração levemente dourada e são tão longos que não sei como não ficam emaranhados uns nos outros quando ele pisca.

Uma tarde, Peeta parou de desenhar uma floração e levantou os olhos tão subitamente que fiquei sobressaltada, como se tivesse sido pega espionando-o, o que talvez eu estivesse mesmo fazendo, de um jeito meio estranho. Mas ele disse apenas:

– Acho que essa é a primeira vez que a gente faz uma coisa normal juntos, sabia?

– É mesmo – concordo. Todo o nosso relacionamento foi maculado pelos Jogos. Normalidade jamais fez parte disso. – É legal mudar um pouco.

Todas as tardes, ele me leva para baixo a fim de que eu possa respirar outros ares, e deixo todo mundo nervoso ligando a televisão. Normalmente, apenas assistimos à TV quando é obrigatório, porque a mistura de propaganda oficial e exibições do poder da Capital – incluindo clipes dos setenta e cinco anos dos Jogos Vorazes – é absolutamente insuportável. Mas, agora, estou atrás de uma coisa especial. O tordo sobre o qual Bonnie e Twill estão baseando todas as suas esperanças. Sei que isso provavelmente não passa de uma tolice, mas, se for mesmo, preciso deixar logo essa possibilidade de lado. E apagar para sempre da minha cabeça a ideia de um próspero Distrito 13.

A primeira imagem que observo está em uma reportagem falando sobre os Dias Escuros. Vejo os destroços fumegantes do Edifício da Justiça no Distrito 13 e consigo apenas um vislumbre em preto e branco da lateral inferior da asa de um tordo voando no canto direito da tela. Na verdade, isso não prova coisa alguma. Não passa de uma tomada antiga que cai bem com uma história antiga.

Entretanto, vários dias depois, uma outra coisa me chama a atenção. O locutor principal está lendo um texto sobre a escassez de grafite que afetava a manufatura de artigos no Distrito 3. Eles cortam para o que supostamente é uma tomada ao vivo de uma repórter encapsulada em um traje antirradiação de pé em frente às ruínas do Edifício da Justiça no Distrito 13. Através de sua máscara, ela relata que, infelizmente, um estudo acabou de determinar que as minas do Distrito 13 ainda contêm resíduos tóxicos demais para que seja possível uma aproximação. Fim da história. Mas, pouco antes de eles cortarem e entrarem novamente com o locutor principal, vejo o inconfundível lampejo da asa do mesmo tordo.

A repórter foi simplesmente incorporada ao filme antigo. Ela não está em hipótese alguma no Distrito 13. O que nos leva a perguntar: *o que há lá?*

Ficar quieta na cama torna-se mais difícil depois disso. Quero fazer alguma coisa, descobrir mais a respeito do Distrito 13 ou ajudar a destruir o regime da Capital. Em vez disso, fico sentada me empanturrando de pão feito de queijo e observando Peeta desenhar. Haymitch aparece vez ou outra para me trazer notícias da cidade, que são sempre ruins. Mais pessoas sendo punidas ou morrendo de fome.

O inverno já começa a ir embora quando o meu pé é considerado curado. Minha mãe prescreve exercícios e me deixa andar um pouco por conta própria. Numa noite, vou dormir determinada a ir até a cidade no dia seguinte, mas acordo e encontro Venia, Octavia e Flavius dando risinhos para mim.

– Surpresa! – berram eles. – Chegamos cedo!

Depois que levei aquela chicotada na cara, Haymitch conseguiu adiar a visita deles por vários meses para que eu pudesse ficar curada. Só os esperava para dali a três semanas. Mas tento me comportar como se estivesse sentindo o maior prazer do mundo pelo fato de que a minha sessão de fotos para o casamento finalmente iria se realizar. Minha mãe pendurou todos os vestidos, o que significa que eles estão prontinhos mas, honestamente, não cheguei a experimentar um único sequer.

Depois do tradicional melodrama sobre como a minha beleza está deteriorada, eles vão direto ao trabalho. A maior preocupação é o meu rosto, embora imagine que minha mãe tenha feito um belo trabalho nele. Sobrou apenas uma tênue faixa rosada na minha bochecha. A chicotada não é de domínio público, portanto, digo para eles que escorreguei na neve e me cortei. Então, me dou conta de que essa é a mesma desculpa que encontro para ter machucado o pé, o que vai fazer com que tenha muitos problemas para andar de salto alto. Mas Flavius, Octavia e Venia não são tipos desconfiados, então, estou segura nesse quesito.

Como só preciso aparecer sem pelos visíveis por algumas horas e não por várias semanas, sou raspada em vez de depilada. Ainda sou obrigada a submergir numa banheira com alguma espécie de substância, mas não é nada atroz, e, antes que possa perceber, nós já estamos na parte dos meus

cabelos e da maquiagem. A equipe, como de costume, está cheia de novidades, e normalmente me esforço ao máximo para ignorar. Mas, então, Octavia faz um comentário que me chama a atenção. É uma observação prosaica, na realidade, sobre como ela não conseguia comprar camarão para uma festa, mas encasquetei com a coisa.

– Por que você não conseguiu comprar camarão? Está fora da estação? – pergunto.

– Ah, Katniss, a gente não consegue nenhum fruto do mar há semanas! – diz Octavia. – É porque o clima anda muito ruim no Distrito 4.

Minha mente começa a chacoalhar. Frutos do mar em falta. Há semanas. Do Distrito 4. O tumulto nas ruas praticamente visível a todos durante a Turnê da Vitória. E, de repente, tenho certeza absoluta de que o Distrito 4 se revoltou.

Começo a questioná-los casualmente sobre que outras dificuldades esse inverno tem lhes proporcionado. Eles não estão acostumados com a escassez, então, qualquer perturbação, por menor que seja, ocasiona um impacto em suas vidas. Quando estou pronta para ser vestida, as reclamações acerca das dificuldades de adquirir os mais diversos produtos – de caranguejo a chips musicais para os cabelos – me deu uma noção de quais distritos podem estar efetivamente se rebelando. Frutos do mar do Distrito 4. Equipamentos eletrônicos do Distrito 3. E, é claro, tecidos do Distrito 8. Só de pensar numa rebelião em tantas frentes já fico tremendo de medo e excitação.

Quero perguntar muitas outras coisas, mas Cinna aparece para me dar um abraço e ver como está a maquiagem. Sua atenção recai diretamente na cicatriz em minha bochecha. Algo me diz que ele não acredita na história do escorregão no gelo, mas não me faz nenhuma pergunta a respeito. Simplesmente ajusta o pó de arroz em meu rosto e o pouco que restava da chicotada desaparece.

Lá embaixo, a sala está livre de móveis e iluminada para a sessão de fotos. Effie está num momento de grande prazer dando ordens para todo mundo, mantendo todos no rígido cronograma. Isso provavelmente é uma coisa boa porque há cinco vestidos e cada um deles requer seu próprio chapéu, penteado, maquiagem, cenário e iluminação, seus próprios sapatos, suas próprias joias. Lacinhos bege, rosas e cachinhos. Seda marfim, tatuagens douradas e plantas. Um feixe de diamantes e um véu de joias e luar. Seda branca bem pesada e mangas que caem de meus pulsos em

direção ao chão, e pérolas. Assim que uma foto é aprovada, vamos diretamente preparar a seguinte. Sinto-me como uma massa de pão, sendo socada e remodelada inúmeras vezes. Minha mãe consegue me dar alguma coisa para comer e tomo alguns goles de chá enquanto eles trabalham em mim, mas quando a sessão está encerrada, já estou faminta e exausta. Tenho a esperança de passar algum tempo com Cinna agora, mas Effie arranca todo mundo da sala e sou obrigada a me contentar com a promessa de um telefonema.

A noite cai e o meu pé dói por conta de tantos sapatos malucos, de modo que abandono quaisquer pensamentos de ir até a cidade. Em vez disso, subo e retiro as camadas de maquiagem e condicionadores e tinturas, e então começo a secar os cabelos ao fogo. Prim, que chegou da escola a tempo de ver os dois últimos vestidos, fala sem parar sobre eles com minha mãe. As duas parecem extremamente felizes com a sessão de fotos. Quando caio na cama, percebo que é porque elas imaginam que isso significa que estou segura. Que a Capital fez vista grossa para minha interferência nas chicotadas já que, de qualquer maneira, ninguém vai ter tanto trabalho e tantas despesas com alguém que eles planejam matar. Certo.

Em meu pesadelo, estou usando o vestido de noiva de seda, mas ele está rasgado e cheio de lama. As mangas compridas são constantemente assoladas por espinhos e galhos enquanto corro pela floresta. O bando de tributos bestantes se aproxima cada vez mais de mim até que me alcança com seus hálitos quentes e suas garras pingando sangue. Berro até acordar.

Está muito perto de amanhecer para que me preocupe em tentar voltar a dormir. Além do mais, hoje realmente preciso sair de casa e conversar com alguém. Gale estará indisponível nas minas. Mas preciso de Haymitch ou Peeta ou de qualquer outra pessoa com quem possa compartilhar o fardo de tudo o que aconteceu comigo desde que estive no lago. Foras da lei fugitivos, cercas eletrificadas, um Distrito 13 independente, escassez de produtos na Capital. Tudo.

Tomo o café da manhã com minha mãe e Prim, e saio atrás de um confidente. O ar está quente com a sensação de esperança trazida pela primavera. A primavera seria um bom momento para um levante, acho. Todos se sentem menos vulneráveis assim que termina o inverno. Peeta não está em casa. Acho que ele já foi para a cidade. Mas fico surpresa em ver Haymitch perambulando pela cozinha tão cedo. Entro em sua casa sem bater. Ouço Hazelle no andar de cima, varrendo o chão da casa agora

impecável. Haymitch não está totalmente bêbado, mas tampouco parece muito firme. Acho que os boatos sobre Ripper ter voltado aos negócios devem ser verdadeiros. Estou pensando que talvez fosse melhor deixá-lo dormir quando ele sugere uma caminhada até a cidade.

Haymitch e eu agora podemos conversar numa espécie de método taquigráfico. Em poucos minutos, eu o pus a par das novidades e ele também me contou sobre os boatos de levantes no Distrito 7 e no 11. Se meus cálculos estiverem corretos, isso significaria que quase a metade dos distritos, pelo menos, tentou se rebelar.

– Você ainda acha que não vai funcionar aqui? – pergunto.

– Ainda não. Aqueles outros distritos são bem maiores. Mesmo que metade do povo se acovarde em suas casas, os rebeldes ainda assim têm uma grande chance. Aqui no 12, tem que ser todo mundo ou nada.

Eu não tinha pensado nisso. Em como nos falta uma quantidade suficiente de pessoas para garantir a força da ação.

– Mas quem sabe em algum momento? – insisto.

– Quem sabe. Mas somos poucos, somos fracos e não produzimos armas nucleares – diz Haymitch, com um toque de sarcasmo. Ele não se entusiasmou muito com a minha história do Distrito 13.

– O que você acha que eles vão fazer, Haymitch? Com os distritos que estão se rebelando?

– Bom, você ouviu o que eles fizeram no 8. Você viu o que eles fizeram aqui, e aquilo foi sem provocação – diz Haymitch. – Se as coisas realmente saírem de controle, acho que não vão se importar nem um pouco em aniquilar mais um distrito, da mesma forma que fizeram com o 13. Fazer do distrito um exemplo, entendeu?

– Quer dizer, então, que você acha que o 13 foi realmente destruído? No fim das contas, Bonnie e Twill estavam certas em relação ao filme do tordo – digo.

– Certo, mas o que isso prova? Nada, na verdade. Existem diversos motivos que poderiam explicar o fato de terem utilizado um filme antigo. Talvez o visual seja mais impactante. E é bem mais fácil, não é? Basta apertar alguns botões na sala de edição em vez de pegar um avião até o local para fazer um outro filme, você não acha? – diz ele. – Essa ideia que o 13, de alguma maneira, teria ressurgido das cinzas e que a Capital estaria ignorando tudo isso me soa como o tipo de boato que as pessoas desesperadas adoram abraçar.

– Eu sei. Eu só estava na esperança.

– Exatamente. Porque você está desesperada – diz Haymitch.

Não discuto porque é óbvio que ele tem razão.

Prim volta da escola transbordando de entusiasmo. Os professores anunciaram que hoje à noite haveria uma programação obrigatória.

– Acho que vai ser a sua sessão de fotos!

– Não pode ser, Prim. As fotos foram feitas ontem – digo a ela.

– Bom, alguém ouviu isso – diz ela.

Estou na esperança de que ela esteja errada. Não tive tempo de preparar Gale para nada disso. Desde que ele foi chicoteado, só o vejo quando ele vai lá em casa para minha mãe verificar como andam os ferimentos. Ele é frequentemente escalado para trabalhar sete dias por semana nas minas. Nos poucos minutos de privacidade que tivemos, quando o acompanhava até a cidade, percebi que os indícios de um levante no 12 foram sufocados pelas medidas ferrenhas impostas por Thread. Ele sabe que não vou fugir. Mas também deve saber que se nós não nos revoltarmos no 12, estou destinada a me tornar a esposa de Peeta. Quando ele me vir usando aqueles esplêndidos vestidos de noiva na tela de sua televisão... o que passará pela sua cabeça?

Quando nos reunimos diante da televisão às sete e meia, descubro que Prim estava certa. É isso, lá está Caesar Flickerman falando diante de uma plateia de pé em frente ao Centro de Treinamento, dirigindo-se a uma multidão receptiva, com informações acerca de minhas núpcias. Ele apresenta Cinna, que tornou-se uma estrela da noite para o dia com os trajes que criou para mim nos Jogos e, após um minuto de um bate-papo bem-humorado, somos levados a nos voltar para a tela gigantesca.

Agora vejo como eles conseguiram me fotografar ontem e apresentar o programa especial na noite de hoje. Inicialmente, Cinna elaborou duas dúzias de vestidos de noiva. Desde então, ele vem fazendo uma seleção mais aprimorada das amostras, criando os vestidos e escolhendo os acessórios. Aparentemente, na Capital, ocorreram oportunidades para se votar nos vestidos favoritos em cada estágio do processo. Tudo isso está culminando com tomadas minhas usando os últimos seis vestidos, que, seguramente, foram inseridos no programa sem maiores dificuldades. Cada tomada é recebida por uma avassaladora reação da plateia. Pessoas gritando e dando vivas a seus modelos favoritos, vaiando aqueles que não gostam. Após votar, e provavelmente apostar no vencedor, as pessoas estão muito

interessadas em meu vestido de noiva. É bizarro assistir a tudo isso sabendo que não tive o trabalho de experimentar um único vestido sequer antes da chegada das câmeras. Caesar anuncia que as partes interessadas devem dar seus votos definitivos até o meio-dia do dia seguinte.

– Vamos fazer Katniss Everdeen vestir-se com estilo em sua cerimônia de casamento! – grita ele para a multidão. Estou a ponto de desligar a televisão, mas, então, Caesar começa a dizer que nós devemos ficar sintonizados para o próximo grande evento da noite. – É isso aí, esse ano será o aniversário de 75 anos dos Jogos Vorazes, e isso significa que é o ano de nosso terceiro Massacre Quaternário!

– O que eles vão fazer? – pergunta Prim. – Ainda faltam vários meses.

Nos voltamos para nossa mãe, cuja expressão está solene e distante, como se estivesse se lembrando de alguma coisa.

– Deve ser a leitura do cartão.

O hino é tocado e minha garganta fica apertada de nojo quando o presidente Snow sobe ao palco. Ele é seguido por um jovem vestido com um terno branco, segurando uma caixa de madeira comum. O hino acaba e o presidente Snow começa a falar, para lembrar a todos dos Dias Escuros, dos quais nasceram os Jogos Vorazes. Quando as leis relacionadas aos Jogos foram elaboradas, elas ditaram que, a cada 25 anos o aniversário seria marcado por um Massacre Quaternário. Elas convocariam uma versão glorificada dos Jogos com o intuito de refrescar a memória daqueles que foram mortos pela rebelião dos distritos.

Essas palavras não poderiam ser mais diretas, já que desconfio que diversos distritos estão se rebelando nesse exato momento.

O presidente Snow continua nos contando o que aconteceu nas últimas edições do Massacre Quaternário.

– No aniversário de 25 anos, para que os rebeldes se lembrassem de que seus filhos estavam morrendo por seus pais terem escolhido iniciar a violência, cada distrito fez uma votação para escolher os tributos que o representariam.

Imagino como eles devem ter se sentido. Selecionando as crianças que deveriam ir. Acho que é pior ser entregue por seu próprio vizinho do que ter seu nome tirado em uma bola.

– No aniversário de cinquenta anos – continua o presidente –, para que ninguém se esquecesse de que dois rebeldes haviam morrido para cada

cidadão da Capital, cada distrito teve de enviar duas vezes o número de tributos.

Imagino ter de encarar um campo com quarenta e sete em vez de vinte e três. Chances piores, menos esperança e, no final, mais crianças mortas. Esse foi o ano em que Haymitch venceu...

– Eu tinha uma amiga que foi nesse ano – diz minha mãe, com tranquilidade. – Maysilee Donner. Seus pais eram donos da doceria. Depois eles me deram o passarinho dela. Um canário que cantava.

Prim e eu trocamos um olhar. É a primeira vez que ouvimos falar de Maysilee Donner. Talvez porque minha mãe soubesse que ficaríamos interessadas em saber como ela havia morrido.

– E agora nós temos a honra de realizar o terceiro Massacre Quaternário – diz o presidente. O garotinho de branco dá alguns passos à frente, estendendo a caixa enquanto a abre. Vemos as fileiras muito bem-arrumadas de envelopes amarelados. Quem quer que tenha pensado o sistema do Massacre Quaternário tinha em vista séculos de Jogos Vorazes. O presidente retira um envelope visivelmente marcado com o número 75. Ele passa um dedo embaixo da aba e puxa um pedacinho de papel quadrado. Sem hesitar, ele lê: – No aniversário de setenta e cinco anos, para que os rebeldes não se esqueçam de que até mesmo o mais forte dentre eles não pode superar o poder da Capital, o tributo masculino e o tributo feminino serão coletados a partir do rol de vitoriosos vivos.

Minha mãe dá um gritinho fraco e Prim enterra o rosto nas mãos, mas eu me sinto como as pessoas que estou vendo na multidão pelo aparelho de TV. Ligeiramente perplexa. O que isso significa? O rol de vitoriosos vivos?

Então entendo o que isso significa. Pelo menos, para mim. O Distrito 12 tem apenas três vitoriosos vivos para serem escolhidos. Dois do sexo masculino. Uma do sexo feminino...

Vou voltar para a arena.

Meu corpo reage antes da mente e saio correndo porta afora pela grama da Aldeia dos Vitoriosos em direção à escuridão. A umidade do piso encharcado deixa as minhas meias molhadas e fico ciente da mordida aguda do vento, mas não paro. Ir para onde? Para onde? Para a floresta, é claro. Estou na cerca antes do zumbido me fazer lembrar de como estou presa numa armadilha. Recuo, arquejando, giro nos calcanhares e volto a correr.

A próxima coisa que sei é que estou de joelhos e com as mãos no chão, no porão de uma das casas vazias na Aldeia dos Vitoriosos. Tênues veios de luar surgem através das janelas acima de minha cabeça. Estou molhada, com frio e sem fôlego, mas minha tentativa de fuga não fez nada para subjugar a histeria que está crescendo dentro de mim. Ela vai me nocautear, a menos que seja expelida. Enrolo a frente de minha camisa, enfio-a na boca e começo a gritar. O quanto isso dura eu não sei. Mas, quando paro, minha voz quase não existe mais.

Eu me encolho toda e observo os pedaços de luar no piso de cimento. De volta à arena. De volta ao local dos pesadelos. É para lá que vou. Tenho de admitir que não previ esse desfecho. Vi uma infinidade de outras coisas. Eu me vi sendo humilhada em público, torturada e executada. Fugindo para a vastidão selvagem, perseguida por Pacificadores e aerodeslizadores. Casando com Peeta e tendo nossos filhos obrigados a entrar na arena. Mas jamais passou pela minha cabeça que eu mesma teria de voltar a disputar os Jogos Vorazes. Por quê? Porque isso não tem precedentes. Os vitoriosos são dispensados das colheitas para sempre. Esse é o acordo se você vence. Até agora.

Encontro uma espécie de pano, do tipo que os pintores usam quando estão trabalhando. Cubro-me com ele como se fosse um cobertor. Ao longe, alguém está me chamando. Mas, no momento, dou-me o direito de não pensar nem nas pessoas que mais amo. Penso apenas em mim. E no que me espera.

O pano é duro, mas me mantém aquecida. Meus músculos relaxam, meus batimentos cardíacos diminuem seu ritmo. Vejo a caixa de madeira

nas mãos do garotinho. O presidente Snow pegando o envelope amarelado. Será possível que aquilo seja mesmo o Massacre Quaternário registrado setenta e cinco anos atrás? Parece improvável. É uma resposta perfeita demais para os problemas que a Capital está enfrentando hoje. Livrar-se de mim e subjugar os distritos. Tudo muito bem-arrumado num pequeno e único pacote.

Ouço a voz do presidente Snow em minha cabeça. *"No aniversário de setenta e cinco anos, para que os rebeldes não se esqueçam de que até mesmo o mais forte dentre eles não pode superar o poder da Capital, o tributo masculino e o tributo feminino serão coletados a partir do rol de vitoriosos vivos."*

Sim, os vitoriosos são os nossos mais fortes. São os que sobreviveram à arena e escaparam das agruras da pobreza que estrangula o resto de nós. Eles, ou será que deveria dizer nós, somos a própria esperança encarnada onde não há nenhuma esperança. E agora vinte e três de nós serão mortos para mostrar como até mesmo a esperança era uma ilusão.

Estou contente por só ter vencido no ano passado. Do contrário, teria conhecido todos os outros vitoriosos, não somente porque os vejo na televisão, mas também porque são convidados em todos os Jogos. Mesmo que não estejam trabalhando como mentores, como Haymitch sempre precisa fazer, a maioria volta à Capital a cada ano para o evento. Acho que muitos deles são amigos. Ao passo que no meu caso, o único amigo com o qual terei de me preocupar em matar será Peeta ou Haymitch. *Peeta ou Haymitch!*

Sento-me com o corpo reto, arrancando de mim o pano. O que foi que acabou de me passar pela cabeça? Não existe nenhuma situação onde eu me imagine efetivamente matando Peeta ou Haymitch. Mas um deles estará na arena comigo, e isso é um fato. Eles podem até ter decidido entre eles quem será. Quem quer que seja escolhido primeiro, o outro terá a opção de se apresentar como voluntário para tomar seu lugar. Já sei o que vai acontecer. Peeta pedirá que Haymitch o deixe ir para a arena comigo independentemente de qualquer coisa. Por minha causa. Para me proteger.

Ando pelo porão, atrás de uma saída. Como foi que entrei aqui? Vou tateando pela escada até a cozinha e vejo que a janela de vidro na porta foi despedaçada. Deve ter sido por isso que a minha mão parece estar sangrando. Corro de volta para o ar da noite e vou diretamente para a casa de Haymitch. Ele está sentado sozinho à mesa da cozinha, uma garrafa de

aguardente branca pela metade em uma das mãos, sua faca na outra. Bêbado como um gambá.

– Ah, aí está ela. Totalmente acabada. Finalmente fez a continha, queridinha? Descobriu que não vai lá para dentro sozinha? E agora você veio aqui para me pedir... o quê? – diz ele.

Não respondo. A janela está escancarada e o vento sopra em cima de mim como se eu estivesse ao ar livre.

– Tenho que admitir que para o garoto foi mais fácil. Ele estava aqui antes mesmo de eu arrancar o selo da garrafa. Implorando por mais uma oportunidade de entrar. Mas o que você pode dizer? – Ele faz uma imitação da minha voz. – "Toma o lugar dele, Haymitch, porque, como tudo é igual mesmo, prefiro que o Peeta faça alguma coisa com o resto da vida dele"?

Mordo o lábio porque assim que ele diz isso, temo que seja exatamente o que quero. Que Peeta viva, mesmo que isso signifique que Haymitch seja obrigado a morrer. Não, eu não penso assim. Ele é um horror, é claro, mas Haymitch agora faz parte da minha família. *O que eu vim fazer aqui, afinal?*, penso. *O que eu poderia querer aqui?*

– Vim beber alguma coisa com você – digo.

Haymitch dá uma gargalhada e bate a garrafa na mesa bem na minha frente. Passo a manga da camisa na tampa e dou uns goles antes de engasgar. Levo alguns minutos para me recompor e, mesmo assim, meus olhos e meu nariz ainda estão escorrendo. Mas dentro de mim, a bebida parece fogo e eu gosto da sensação.

– De repente, seria melhor você, mesmo – digo com muita segurança, enquanto puxo uma cadeira. – De qualquer modo, você odeia a vida.

– É bem verdade – diz Haymitch. – E como na última vez eu tentei manter *você* viva... parece que dessa vez vou me sentir na obrigação de salvar o garoto.

– Esse é um outro ponto importante – digo, esfregando o nariz e virando mais uma vez a garrafa.

– O argumento de Peeta é que já que escolhi você, agora tenho uma dívida com ele. Qualquer coisa que ele queira. E o que ele quer é a chance de entrar de novo para proteger você.

Eu sabia. Seguindo essa linha, Peeta não é tão imprevisível. Enquanto eu estava zanzando pelo piso daquele porão, pensando somente em mim mesma, ele estava aqui, pensando somente em mim. Vergonha não é uma palavra forte o suficiente para descrever o que estou sentindo agora.

– Você podia viver cem vidas e ainda assim não merecer aquele cara, sabia? – diz Haymitch.

– Eu sei, eu sei – digo bruscamente. – Sem dúvida nenhuma, ele é o que tem o caráter mais elevado entre nós três. E aí, o que é que você vai fazer?

– Não sei – suspira Haymitch. – De repente, voltar para lá com você, se eu puder. Se o meu nome for pego na colheita, não vai mudar nada. Ele vai se apresentar como voluntário para tomar o meu lugar.

Ficamos em silêncio por alguns instantes.

– Seria ruim para você na arena, hein? Conhecendo todos os outros e coisa e tal – pergunto.

– Ah, acho que dá para apostar que vai ser insuportável para mim onde quer que eu esteja. – Ele faz um movimento com a cabeça indicando a garrafa. – Pode me devolver agora?

– Não – digo, abraçando-a. Haymitch pega outra garrafa embaixo da mesa e gira a tampa. Mas percebo que não estou aqui apenas para tomar um drinque. Há mais alguma coisa que quero pedir a Haymitch. – Tudo bem, já saquei o que eu vou pedir – digo. – Se for Peeta e eu nos Jogos, dessa vez a gente vai tentar manter *ele* vivo.

Alguma coisa brilha nos olhos cansados de Haymitch. Dor.

– Como você mesmo disse, a coisa vai ser ruim independentemente de como você fizer. E seja lá o que Peeta quiser, é a vez dele de ser salvo. Nós dois devemos isso a ele. – Minha voz adquire um tom de súplica. – Além do mais, a Capital me odeia tanto que para eles é melhor que eu esteja morta. Talvez assim ele tenha uma chance. Por favor, Haymitch. Diz que você vai me ajudar.

Ele faz uma carranca para a garrafa, sopesando as minhas palavras, e por fim diz:

– Tudo bem.

– Obrigada – digo. Eu deveria me encontrar com Peeta agora, mas não quero. Minha cabeça está girando por causa da bebida, e estou tão acabada que não dá nem para garantir que coisas ele poderia me obrigar a aceitar. Não, agora preciso ir para casa encarar a minha mãe e Prim.

Enquanto cambaleio em direção à minha casa, a porta da frente se abre e Gale me pega nos braços.

– Eu estava errado. A gente deveria ter ido embora daqui quando você disse – sussurra ele.

– Não – digo. Estou com dificuldades para me concentrar, e a bebida vaza da minha garrafa e escorre pela jaqueta de Gale, mas ele parece não se importar.

– Ainda dá tempo.

Por cima do seu ombro, vejo minha mãe e Prim agarradas uma à outra na entrada. Nós fugimos. Elas morrem. E agora tenho Peeta para proteger. Fim da discussão.

– É, sim.

Meus joelhos cedem e ele me pega no colo. Quando o álcool domina minha mente, ouço o vidro se despedaçar no chão. Isso parece apropriado, já que obviamente não consigo segurar mais nada na vida com firmeza.

Quando acordo, quase não consigo chegar ao toalete antes da aguardente branca voltar a dar sinal. O líquido queima saindo tanto quanto queimava entrando, e o gosto agora é duas vezes pior. Estou tremendo e suando quando termino de vomitar, mas pelo menos grande parte do material está fora do meu organismo. Todavia, o suficiente alcançou a minha corrente sanguínea, ocasionando um latejar em minha cabeça, deixando a boca ressecada e o estômago em pandemônio.

Abro o chuveiro e fico debaixo da ducha morna por um minuto até perceber que ainda estou com a roupa de baixo. Minha mãe deve ter apenas tirado as minhas roupas imundas e me enfiado na cama. Jogo a calcinha e o sutiã molhados na pia e ponho xampu na cabeça. Minhas mãos ardem, e só então reparo os pontos, pequenos e equidistantes na palma de uma das mãos e na lateral da outra. Vagamente, lembro-me de ter quebrado o vidro da janela na noite passada. Eu me esfrego dos pés à cabeça, parando apenas para vomitar mais uma vez debaixo do chuveiro. É principalmente bile, e desce pelo ralo junto com as bolhas cheirosas do sabonete.

Finalmente limpa, pego o robe e me dirijo à cama, ignorando os cabelos pingando. Entro debaixo das cobertas, certa de que essa é a sensação que se tem quando se é envenenada. Os passos na escada renovam o pânico da noite passada. Não estou preparada para ver minha mãe e Prim. Preciso me controlar para ficar calma e demonstrar segurança, como fiz quando nos despedimos no dia da última colheita. Preciso ser forte. Luto para manter o corpo ereto, tiro os cabelos molhados de minhas têmporas latejantes e me preparo para esse encontro. Elas aparecem na entrada, trazendo chá e torradas, seus rostos cheios de preocupação. Abro a boca,

planejando começar com algum tipo de piada, e acabo tendo uma crise de choro.

Até parece que eu conseguiria ser forte.

Minha mãe se senta ao meu lado e Prim escorrega para se deitar perto de mim, e ambas me abraçam, emitindo sons tranquilizadores até meu pranto praticamente cessar. Em seguida, Prim pega uma toalha e seca os meus cabelos, desfazendo os nós enquanto minha mãe me convence a comer uma torrada e a tomar um pouco de chá. Elas me vestem com um pijama confortável e colocam mais cobertores em cima de mim, e novamente caio no sono.

Dá para dizer, pela luz, que estamos no fim da tarde quando desperto novamente. Tem um copo de água na minha mesinha de cabeceira e engulo o líquido sofregamente. Meu estômago e minha cabeça ainda estão pesados, mas bem melhores do que estavam antes. Eu me levanto, me visto e faço uma trança nos cabelos. Antes de descer, paro no primeiro degrau da escada, sentindo-me ligeiramente constrangida em relação à maneira como lidei com a notícia do Massacre Quaternário. Minha fuga errática, minha bebedeira com Haymitch, o ataque de choro. Dadas as circunstâncias, imagino que mereça um dia de indulgência. Mas estou contente por não encontrar nenhuma câmera aqui.

Embaixo, minha mãe e Prim me abraçam novamente, mas não estão exageradamente emotivas. Sei que estão se contendo para tornar as coisas mais fáceis para mim. Olhando para o rosto de Prim, é difícil imaginar que ela seja a mesma menininha frágil que deixei em casa no dia da colheita nove meses atrás. A combinação dessa provação e tudo o que se seguiu – a crueldade no distrito, o desfile dos doentes e feridos que ela frequentemente trata sozinha, agora que as mãos de minha mãe estão ocupadas demais –, essas coisas fizeram com que ela ficasse anos mais velha. Ela também cresceu bastante; estamos praticamente com a mesma altura agora, mas não é isso que a faz parecer tão mais velha.

Minha mãe serve uma caneca de caldo para mim, e peço uma segunda caneca para levar para Haymitch. Em seguida atravesso o gramado até a casa dele. Ele está apenas acordando e aceita a caneca sem fazer nenhum comentário. Ficamos lá sentados, quase em paz, bebericando nosso caldo e observando o sol se pôr através da janela da sala. Escuto alguém andando no andar de cima e imagino que seja Hazelle, mas alguns minutos depois

Peeta desce e joga uma caixa de papelão cheia de garrafas vazias de bebida em cima da mesa, com um ar de quem está terminando uma tarefa.

– Pronto, acabou – diz ele.

Todos os recursos de Haymitch são necessários para que ele consiga ao menos fixar os olhos sobre as garrafas, de modo que quem fala sou eu.

– Acabou o quê?

– Joguei toda a bebida no ralo – diz Peeta.

Isso parece tirar Haymitch de seu estupor, e ele remexe a caixa em total descrença.

– Você fez o quê?

– Despejei tudo no ralo – diz Peeta.

– Ele vai comprar mais – digo.

– Não, não vou – diz Peeta. – Eu fui atrás da Ripper hoje de manhã e falei que se a visse vendendo alguma coisa para qualquer um de vocês dois eu a deduraria na hora. Eu também paguei a ela, para garantir, mas acho que ela não está nem um pouco a fim de voltar para as mãos dos Pacificadores.

Haymitch dá um golpe com a faca, mas Peeta desvia com tanta facilidade que chega a ser patético. Sinto a raiva tomando conta de mim.

– Desde quando é da sua conta o que ele faz ou deixa de fazer?

– É totalmente da minha conta. Apesar das brigas, dois de nós estarão na arena novamente tendo o outro como mentor. Não podemos nos dar o luxo de ter algum bêbado na equipe. Principalmente você, Katniss – diz Peeta, olhando para mim.

– O quê? – rebato completamente indignada. Teria sido mais convincente se a minha ressaca já tivesse passado. – Ontem foi a única vez na vida que fiquei bêbada.

– É isso aí, e dá só uma olhada no seu estado – diz Peeta. Não sei o que esperava do meu primeiro encontro com Peeta depois do anúncio. Alguns abraços e beijos. Um pouco de conforto, quem sabe. Não isso. Viro-me para Haymitch.

– Não se preocupa, não. Vou conseguir mais bebida para você.

– Então, vou dedurar vocês dois. Vou deixar vocês dois ficarem sóbrios no tronco – diz Peeta.

– Qual é o motivo de tudo isso? – pergunta Haymitch.

– O motivo é que dois de nós vão voltar da Capital. Um mentor e um vitorioso – diz Peeta. – Effie está me enviando gravações de todos os

vitoriosos ainda vivos. Vamos assistir aos Jogos deles e aprender tudo que pudermos sobre como eles lutam. Vamos ganhar peso e ficar fortes. Vamos começar a nos comportar como Carreiristas. E um de nós vai sair vitorioso novamente, gostem vocês ou não! – Ele sai da sala, batendo com força a porta da frente.

Haymitch e eu estremecemos com o barulho.

– Não gosto de pessoas cheias de certeza – digo.

– E o que há para se gostar? – diz Haymitch, que começa a chupar as sobras das garrafas vazias.

– Você e eu. Somos nós que ele deseja de volta para casa, de acordo com o plano dele.

– Bom, nesse caso, quem está sendo bobo é ele – diz Haymitch.

Mas depois de alguns dias concordamos em nos comportar como Carreiristas, porque essa também é a melhor maneira de deixar Peeta preparado. Todas as noites, assistimos a antigas reprises dos Jogos que os vitoriosos ainda vivos venceram. Percebo que jamais nos encontramos com nenhum deles na Turnê da Vitória, o que, olhando em retrospecto, parece estranho. Quando levanto a questão, Haymitch diz que a última coisa que o presidente Snow poderia querer era mostrar Peeta e eu – principalmente eu – criando laços de amizade com outros vitoriosos em distritos potencialmente rebeldes. Vitoriosos possuem um status especial e, se parecesse que eles estavam apoiando o meu desafio à Capital, isso poderia ser algo politicamente perigoso. Fazendo o ajuste pela idade, percebo que alguns de nossos oponentes podem ser mais velhos, o que é ao mesmo tempo triste e reconfortante. Peeta faz copiosas anotações, Haymitch disponibiliza informações sobre as personalidades dos vitoriosos e, lentamente, começamos a ficar a par de nossa competição.

Todas as manhãs, fazemos exercícios para fortalecer nossos corpos. Corremos, e levantamos coisas, e alongamos nossos músculos. Todas as tardes, trabalhamos habilidades de combate, arremesso de facas, luta corpo a corpo; eu, inclusive, os ensino a subir em árvores. Oficialmente, os tributos não deveriam treinar, mas ninguém tenta nos impedir. Até mesmo nos anos regulares, os tributos dos Distritos 1, 2 e 4 se mostram aptos a manusear lanças e espadas. Isso aqui não é nada comparado ao que eles fazem.

Depois de todos os anos de maus tratos, o corpo de Haymitch resiste a se aprimorar. Ele ainda é notavelmente forte, mas uma corridinha já o deixa

sem fôlego. E qualquer pessoa imaginaria que um cara que dorme toda noite segurando uma faca pudesse ser efetivamente capaz de acertar a parede de uma casa com uma, mas suas mãos tremem tanto que são necessárias semanas para que ele consiga ao menos isso.

Peeta e eu, entretanto, estamos excepcionais sob o novo regime. Pelo menos, tenho algo a fazer. Pelo menos, todos nós temos algo a fazer além de aceitar a derrota. Minha mãe prepara uma dieta especial para ganharmos peso. Prim trata de nossos músculos combalidos. Madge nos traz escondido os jornais de seu pai, vindos da Capital. Predições a respeito de quem será o vitorioso dos vitoriosos nos colocam entre os favoritos. Até mesmo Gale se junta ao grupo aos domingos: embora não goste nem um pouco de Peeta ou de Haymitch, ensina-nos tudo o que sabe sobre armadilhas. É esquisito para mim participar de conversas com Peeta e Gale, mas parece que eles colocaram de lado quaisquer diferenças que porventura tivessem a meu respeito.

Uma noite, enquanto caminho para a cidade na companhia de Gale, ele admite:

– Seria melhor se ele fosse uma pessoa fácil de odiar.

– Nem precisa dizer isso logo pra mim – digo. – Se eu pudesse tê-lo odiado na arena, não estaríamos todos metidos nessa encrenca agora. Ele estaria morto e eu seria uma vitoriosa única e feliz da vida.

– E onde *nós* estaríamos, Katniss? – pergunta Gale.

Faço uma pausa, sem saber o que dizer. Onde eu estaria com meu falso primo que não seria meu primo se não fosse por Peeta? Será que ele ainda assim teria me beijado? E será que eu teria retribuído o beijo se tivesse tido liberdade para fazê-lo? Será que eu teria me aberto para ele, acalmada pela certeza do dinheiro e da comida farta? E a ilusão da segurança de ser uma vitoriosa poderia ter proporcionado circunstâncias diferentes? Mas ainda assim a colheita não deixaria de assomar sobre nós, sobre nossos filhos. Independentemente do que eu quisesse...

– Caçando. Como todos os domingos – respondo. Sei que ele não estava esperando uma resposta literal, mas isso é o máximo que posso dar com honestidade. Gale sabe que eu o escolhi em detrimento de Peeta quando não fugi. Para mim, não há sentido em falar sobre coisas que talvez pudessem ter sido. Mesmo que tivesse matado Peeta na arena, ainda assim não estaria disposta a me casar com ninguém. Só aceitei o noivado para salvar as vidas das pessoas, e o tiro saiu completamente pela culatra.

De um jeito ou de outro, temo que qualquer espécie de cena emocional com Gale possa induzi-lo a fazer alguma coisa drástica. Como iniciar aquele levante nas minas. E como diz Haymitch, o Distrito 12 não está preparado para isso. Aliás, eles estão menos preparados do que antes do anúncio do Massacre Quaternário, porque na manhã seguinte mais cem Pacificadores chegaram de trem.

Como não estou planejando reavivar tudo isso mais uma vez, quanto mais cedo Gale me deixar partir, melhor. Planejo, isto sim, dizer uma ou outra coisa a ele depois da colheita, quando tivermos a permissão para uma hora de despedidas. Contar para Gale o quanto ele tem sido essencial para mim durante todos esses anos. O quanto a minha vida tem sido melhor por conviver com ele. Por amá-lo, mesmo que seja apenas na maneira limitada que me é permitida.

Mas nunca tenho a chance.

O dia da colheita é quente e abafado. A população do Distrito 12 espera na praça, suando e em silêncio, sob a mira de metralhadoras. Estou sozinha numa pequena área cercada, com Peeta e Haymitch numa cerca similar, à minha direita. A colheita leva apenas um minuto. Effie, resplandecente numa peruca de ouro metálico, não está com sua verve habitual. Ela precisa remexer durante um bom tempo a bola com os nomes das garotas para poder agarrar o único pedaço de papel que todo mundo sabe que contém o meu nome. Em seguida ela pega o nome de Haymitch. Ele quase não tem tempo para me lançar um olhar triste antes de Peeta se apresentar como voluntário para substituí-lo.

Somos imediatamente levados para o interior do Edifício da Justiça para nos encontramos com Thread, o Chefe dos Pacificadores, que está nos esperando.

– Novo procedimento – diz ele com um sorriso. Somos levados a sair pela porta dos fundos, colocados num carro e conduzidos para a estação ferroviária. Não há câmeras na plataforma, nenhuma multidão para nos saudar no caminho. Haymitch e Effie aparecem, escoltados por guardas. Pacificadores nos apressam para o interior do trem e batem a porta. As rodas começam a girar.

E fico olhando pela janela, observando o Distrito 12 desaparecer, com todas as minhas despedidas ainda presas nos lábios.

Permaneço na janela até bem depois da floresta engolir o último resquício da minha casa. Dessa vez, não tenho a mais remota esperança de voltar. Antes dos meus primeiros Jogos, prometi a Prim que faria tudo que pudesse para vencer, e agora jurei a mim mesma que farei tudo o que puder para manter Peeta vivo. Jamais farei essa viagem de volta.

Eu tinha, na verdade, decidido quais seriam as últimas palavras que diria aos entes queridos. Qual seria a melhor maneira de fechar as portas e deixá-los tristes, porém seguros. E agora a Capital também me roubou isso.

– A gente escreve cartas, Katniss – diz Peeta, atrás de mim. – Vai ser melhor assim, de qualquer maneira. Dar um pedaço de nós que eles vão poder guardar. Haymitch pode entregar para a gente se... elas precisarem ser entregues.

Balanço a cabeça em concordância e vou direto para o meu compartimento. Sento-me na cama, ciente de que jamais escreverei as tais cartas. Elas vão ser como o discurso que tentei escrever em honra a Rue e Thresh no Distrito 11. As coisas pareciam claras em minha cabeça, e mesmo quando eu estava falando diante da multidão, mas as palavras nunca saíram direito da caneta. Além do mais, era para elas serem acompanhadas de abraços e beijos e uma carícia nos cabelos de Prim, um carinho no rosto de Gale, um aperto na mão de Madge. Elas não podem ser entregues com uma caixinha de madeira contendo o meu corpo frio e rígido.

Magoada demais para poder chorar, tudo o que eu quero é me enroscar na cama e dormir até chegarmos à Capital amanhã de manhã. Mas tenho uma missão. Não, é mais do que uma missão. É o meu último desejo. *Manter Peeta vivo*. E, por mais improvável que esse objetivo possa parecer diante da raiva da Capital, é importante que eu esteja na minha melhor forma. Isso não vai acontecer se eu ficar chorando por todas as pessoas amadas que deixei para trás. *Deixe-as*, digo a mim mesma. *Dê um tchau e esqueça-as*. Esforço-me ao máximo, pensando nelas uma a uma, soltando-as da gaiola protetora que se encontra dentro de mim, como se elas fossem pássaros, e depois trancando a porta para que elas não possam retornar.

Quando Effie bate na porta para me chamar para o jantar, já estou completamente esvaziada. Mas a leveza não é totalmente desagradável.

A refeição é contida. Tão contida, na verdade, que há longos períodos de silêncio, aliviados apenas pela retirada de pratos e a apresentação de outros. Uma sopa fria de creme de vegetais. Bolos de peixe com massa cremosa e molho de limão-doce. Aqueles passarinhos recheados com molho de laranja, com arroz selvagem e agrião. Torta de chocolate com morango.

Peeta e Effie fazem tentativas ocasionais de entabular alguma conversa que rapidamente desaparece no ar.

– Adoro o seu novo penteado, Effie – diz Peeta.

– Obrigada. Eu o fiz especialmente para combinar com o broche de Katniss. Estava pensando que, de repente, a gente poderia conseguir uma fita de ouro para você usar no tornozelo e talvez uma pulseira de ouro para Haymitch ou algo assim que nos dê a cara de uma equipe – diz Effie.

Evidentemente, Effie não sabe que o meu broche com o tordo é agora um símbolo usado pelos rebeldes. Pelo menos no Distrito 8. Na Capital, o tordo ainda é uma lembrança divertida de uma edição particularmente excitante dos Jogos Vorazes. O que mais poderia ser? Rebeldes de verdade não colocam um símbolo secreto em algo tão durável quanto uma joia. Colocam num pãozinho que pode ser comido em um segundo se necessário for.

– Acho que isso é uma grande ideia – diz Peeta. – Que tal, Haymitch?

– É isso aí, pouco importa – diz Haymitch. Ele não está bebendo, mas dá para perceber que gostaria muito de estar. Effie mandou recolher seu próprio vinho quando viu o esforço que ele estava fazendo, mas o estado de Haymitch é francamente deplorável. Se ele fosse o tributo, não estaria devendo nada a Peeta e poderia ficar bêbado o quanto quisesse. Agora, ele vai precisar de toda a sua energia para manter Peeta vivo numa arena repleta de seus antigos amigos, e provavelmente fracassará.

– De repente, a gente podia conseguir uma peruca para você também – digo, numa tentativa de tornar o clima um pouco mais ameno. Ele apenas olha para mim como quem diz me deixa em paz, e todos nós comemos nossa torta de chocolate em silêncio.

– Não seria melhor a gente assistir à reprise das colheitas? – diz Effie, passando um guardanapo de linho branco nos cantos da boca.

Peeta vai pegar seu caderno de anotações sobre os vitoriosos que ainda permanecem vivos, e nos reunimos no compartimento com a televisão para ver com quem competiremos na arena. Estamos todos a postos quando o hino começa a ser tocado e a reprise anual das cerimônias de colheita nos doze distritos tem início.

Na história dos Jogos, houve setenta e cinco vitoriosos. Cinquenta e nove dos quais ainda estão vivos. Reconheço muitos dos rostos por tê-los visto em ação como tributos ou como mentores nos Jogos anteriores, ou por tê-los visto nas reprises a que temos assistido recentemente. Alguns estão tão velhos ou arrasados por doenças, drogas ou bebida que nem consigo situá-los. Como se poderia esperar, os grupos de tributos Carreiristas dos Distritos 1, 2 e 4 são os maiores. Mas todos os distritos conseguiram enviar pelo menos um vitorioso do sexo masculino e outro do sexo feminino.

As colheitas passam rapidamente. Peeta, estudioso, coloca estrelas ao lado dos nomes dos tributos escolhidos em seu caderno. Haymitch observa, seu rosto desprovido de qualquer emoção, quando amigos seus sobem ao palco. Effie sussurra comentários nervosos tais como: “Oh, Cecelia não” ou “Bom, Chaff nunca conseguiu ficar mesmo longe de uma luta”, e suspira com frequência.

Quanto a mim, tento fazer algum registro mental dos outros tributos, mas, como no ano passado, apenas alguns ficam realmente na minha cabeça. Tem o casal de irmã e irmão do Distrito 1, dotados de uma beleza clássica, que foram vitoriosos em anos consecutivos quando eu era pequena. Brutus, um voluntário do Distrito 2, que deve ter pelo menos quarenta anos e, aparentemente, mal pode esperar para voltar à arena. Finnick, o cara boa-pinta e bronzeado do Distrito 4 que foi coroado dez anos atrás com 14 anos de idade. Uma mulher histérica com cabelos castanhos soltos também foi chamada do 4, mas rapidamente substituída por uma voluntária, uma mulher de oitenta anos que precisa de uma bengala para andar até o palco. Então aparece Johanna Mason, a única vitoriosa ainda viva do sexo feminino do Distrito 7, que venceu alguns anos atrás fingindo ser fraca. A mulher do 8 que Effie chama de Cecelia parece estar na casa dos trinta e precisa se soltar dos três filhos que sobem para se grudar a ela. Chaff, um homem do 11 que sei que é um dos amigos particulares de Haymitch, também foi chamado.

Eu sou chamada. Em seguida, Haymitch. E Peeta se apresenta como voluntário. Uma das anunciantes, na verdade, fica com lágrimas nos olhos

porque parece que não teremos chance alguma – nós, os amantes desafortunados do Distrito 12. Então ela se apruma para dizer que aposta que "esses serão os melhores Jogos de todos os tempos!".

Haymitch sai do compartimento sem dizer uma palavra, e Effie, depois de fazer alguns comentários sobre um ou outro tributo, nos deseja boa-noite. Fico lá sentada observando Peeta arrancar as páginas dos vitoriosos que não foram selecionados.

– Por que você não vai dormir um pouco? – diz ele.

Porque eu não sei como lidar com os pesadelos. Não sem você, penso. Eles com certeza serão horrorosos nessa noite. Mas dificilmente terei coragem para pedir a Peeta que durma comigo. Nós mal nos tocamos desde aquela noite em que Gale foi chicoteado.

– O que você vai fazer? – pergunto.

– Só vou dar uma revisada nas anotações. Tentar entender com clareza o que a gente vai enfrentar. Mas converso sobre isso com você de manhã. Vai dormir, Katniss.

Então, vou para a cama e, como o previsto, algumas horas depois acordo com um pesadelo no qual aquela mulher idosa do Distrito 4 se transforma em um rato enorme e morde a minha cara. Sei que estava berrando, mas ninguém aparece. Peeta não aparece, nem mesmo um dos atendentes da Capital. Visto um robe para tentar acalmar o arrepio que toma conta do meu corpo. Permanecer no meu compartimento é impossível, de modo que decido encontrar alguém que possa me preparar um chá ou um chocolate quente ou qualquer coisa assim. Talvez Haymitch ainda esteja acordado. Ele certamente ainda não foi dormir.

Peço a um atendente um leite morno, a coisa mais tranquilizadora que me ocorre agora. Ouço vozes vindo da sala de televisão, entro e vejo Peeta. Ao lado dele no sofá está a caixa que Effie enviou com as gravações das antigas edições dos Jogos Vorazes. Reconheço o episódio no qual Brutus tornou-se vitorioso.

Peeta se levanta e tira a fita quando me vê.

– Não conseguiu dormir?

– Não por muito tempo – digo. Fecho o robe com mais firmeza enquanto me lembro da mulher idosa se transformando no rato.

– Quer falar sobre isso? – pergunta Peeta. Às vezes ajuda, mas apenas balanço a cabeça em negativa, sentindo-me fraca por saber que pessoas que ainda nem comecei a combater já estão me assustando.

Quando Peeta estende os braços, vou diretamente para ele. É a primeira vez desde que anunciaram o Massacre Quaternário que ele me oferece algum tipo de afeto. Ele tem sido mais um treinador bastante exigente, sempre cobrando, sempre insistindo para eu e Haymitch corrermos mais rápido, comermos mais, conhecermos nossos inimigos melhor. Amante? Pode esquecer. Ele abandonou qualquer pretensão de ao menos ser meu amigo. Abraço-o com força antes que ele me mande fazer algumas flexões de braço ou coisa parecida. Ao contrário, ele me abraça mais ainda e enterra o rosto em meus cabelos. Calor irradia do ponto onde seus lábios tocam o meu pescoço, lentamente espalhando-se pelo resto do meu corpo. A sensação é tão boa, tão extraordinariamente boa, que sei que não serei eu a primeira a deixá-la escapar.

E por que eu deveria fazer isso? Eu disse adeus a Gale. Jamais o verei novamente, isso é líquido e certo. Nada que eu faça agora poderá magoá-lo. Ele não verá isso ou, se vier a ver, pensará que estou atuando para as câmeras. Isso, pelo menos, é menos um peso em cima dos meus ombros.

A chegada do atendente da Capital com o leite morno é o que nos separa. Ele coloca a bandeja com o bule de cerâmica fumegante e duas canecas em cima da mesa.

– Trouxe uma outra caneca – diz o rapaz.

– Obrigada.

– E acrescentei um pouquinho de mel no leite. Para ficar mais doce. E um leve toque de canela. – O rapaz olha para nós como se quisesse dizer mais alguma coisa, e então balança ligeiramente a cabeça e sai do compartimento.

– Qual é a dele? – pergunto.

– Acho que ele se sente mal por nossa causa – diz Peeta.

– Certo – digo, servindo o leite.

– Estou falando sério. Eu não acredito que todas as pessoas na Capital vão ficar felizes vendo a gente voltar para a arena – diz Peeta. – Ou os outros vitoriosos. Eles criam laços com seus campeões.

– O que eu acho é que eles vão esquecer tudo isso assim que o sangue começar a espirrar – digo, sem papas na língua. Honestamente, se tem uma coisa com a qual não estou minimamente preocupada é em imaginar como o Massacre Quaternário vai afetar o humor da Capital. – Então você está assistindo a todas as fitas novamente?

– Na verdade, não. Só estou meio que dando uma olhada para ver as diferentes técnicas de combate das pessoas.

– Quem é o próximo?

– Você escolhe – diz Peeta, estendendo a caixa.

As fitas estão marcadas com o anos dos Jogos e o nome do vitorioso. Remexo o conteúdo e, de repente, encontro uma a que nós não assistimos. A edição dos Jogos é a de número cinquenta. Isso coincide com o segundo Massacre Quaternário. E o nome do vitorioso é Haymitch Abernathy.

– A gente nunca assistiu a esse aqui – digo.

Peeta balança a cabeça.

– Não. Eu sabia que Haymitch não queria que a gente visse. Da mesma maneira que a gente não queria rever nossos próprios Jogos. E como nós todos fazemos parte da mesma equipe, não achei que valesse tanto a pena.

– A pessoa que venceu a edição vinte e cinco está aqui?

– Acho que não. Quem quer que tenha sido já deve estar morto agora, e Effie só me mandou vitoriosos que a gente talvez tivesse de enfrentar. – Peeta balança a fita de Haymitch no ar. – Por quê? Você acha que a gente devia assistir?

– É o único Massacre que temos para ver. Talvez a gente conseguisse pescar alguma coisa interessante sobre como eles trabalham – digo. Mas sinto-me estranha. Parece uma tremenda invasão à privacidade de Haymitch. Não sei por que deveria ser, já que a coisa toda foi de caráter público. Mas é. Tenho de admitir que também estou extremamente curiosa. – A gente não precisa contar para Haymitch.

– Tudo bem – concorda Peeta. Ele coloca a fita e me enrosco perto dele no sofá com a caneca de leite, que está realmente delicioso com o mel e a canela, e me entretenho com a quinquagésima edição dos Jogos Vorazes. Depois do hino, mostram o presidente Snow pegando o envelope do segundo Massacre Quaternário. Ele parece mais jovem, porém igualmente repelente. Ele lê o quadradinho de papel com a mesma voz onerosa que usou conosco, informando a Panem que em honra do Massacre Quaternário, haverá duas vezes o número de tributos. Os editores cortam para a colheita, onde anunciam nome após nome após nome.

Quando chegamos ao Distrito 12, já estou completamente chocada pela impressionante quantidade de crianças indo para a morte certa. Há uma mulher, não Effie, chamando os nomes no 12, mas ela ainda começa com “Primeiro as damas!” Ela chama o nome de uma garota que mora na

Costura, dá para ver pela aparência dela, e então ouço o nome "Maysilee Donner".

– Oh! – digo. – Ela era amiga da minha mãe. – A câmera a encontra na multidão, grudada a duas outras garotas. Todas louras. Todas filhas de mercadores, com toda certeza.

– Acho que a sua mãe a está abraçando – diz Peeta, em voz baixa. E ele está certo. Enquanto Maysilee Donner corajosamente desgruda-se e se encaminha para o palco, vislumbro minha mãe com a minha idade. E ninguém exagerou sua beleza. Segurando sua mão e chorando está uma outra garota que se parece muito com Maysilee. Mas também se parece muito com uma outra pessoa que eu conheço.

– Madge – digo.

– Aquela é a mãe dela. Ela e Maysilee eram gêmeas ou qualquer coisa assim. Meu pai uma vez mencionou isso.

Penso na mãe de Madge. A mulher do prefeito Undersee. Que passa a metade da vida na cama, imobilizada com dores terríveis, distante do mundo. Penso em como nunca percebi que ela e minha mãe compartilhavam essa ligação. Em Madge aparecendo naquela tempestade de neve para trazer analgésicos para Gale. Em meu broche com o tordo e em como ele significa uma coisa completamente diferente agora que sei que sua antiga dona era a tia de Madge, Maysilee Donner, um tributo que foi assassinado na arena.

O nome de Haymitch é chamado por último. É mais chocante vê-lo do que ver minha mãe. Jovem. Forte. Difícil de admitir, mas até que ele era boa-pinta. Seus cabelos escuros e ondulados, aqueles olhos cinzentos e brilhantes típicos da Costura, já naquela época perigosos.

– Oh, Peeta, você não acha que foi ele que matou Maysilee, acha? – explodo. Não sei por quê, mas não consigo suportar essa ideia.

– Com quarenta e oito jogadores? Eu diria que as chances são poucas.

A carruagem parte – nela, os garotos do Distrito 12 vão vestidos em horríveis trajes de mineiros – e as entrevistas surgem na tela. Há um tempinho para focalizar todos eles. Mas como Haymitch vai ser o vitorioso, conseguimos ver uma entrevista completa dele com Caesar Flickerman, cuja aparência é exatamente a mesma de sempre em seu terno de noite azul brilhante. Apenas seus cabelos, pálpebras e lábios na cor verde-escura estão diferentes.

– E então, Haymitch, o que você acha dos Jogos terem cem por cento a mais de competidores do que o usual? – pergunta Caesar.

Haymitch dá de ombros.

– Eu não vejo muita diferença nisso. Eles vão continuar sendo cem por cento tão estúpidos quanto sempre foram, de modo que imagino que as minhas chances serão as mesmas, *grosso modo*.

A audiência cai na gargalhada e Haymitch retribui com um meio sorriso. Cortante. Arrogante. Indiferente.

– Ele não precisava ir tão longe assim, precisava? – pergunto.

Agora estamos na manhã em que os Jogos começam. Nós assistimos do ponto de vista de um dos tributos que está ascendendo através do tubo da Sala de Lançamento em direção à arena. Não consigo evitar um leve arquejo. A descrença está refletida nos rostos dos jogadores. Até as sobrancelhas de Haymitch se erguem de prazer, embora se juntem quase que imediatamente para formar uma carranca.

É o local mais impressionante que se pode imaginar. A Cornucópia dourada está fincada no meio de uma campina verde com lindas flores espalhadas aqui e ali. O céu está azul e com algumas nuvenzinhas brancas. Vistosos pássaros voam acima. Pela forma como os tributos estão cheirando o ar, o aroma deve ser fantástico. Uma tomada aérea mostra que a campina se estende por quilômetros. Bem ao longe, em uma direção, parece haver uma floresta, na outra, uma montanha coberta de neve.

A beleza desorienta muitos dos jogadores, pois, quando soa o gongo, a maioria parece estar tentando acordar de um sonho. Não Haymitch, entretanto. Ele está na Cornucópia, armado até os dentes e com uma mochila cheia de suprimentos escolhidos a dedo. Ele se encaminha para a floresta enquanto a maioria dos outros ainda está saindo de seus pratos.

Dezoito tributos são mortos no banho de sangue do primeiro dia. Outros começam a morrer depois e fica claro que quase tudo naquele lugar bonitinho – as apetitosas frutas pendendo dos galhos, a água nas correntes cristalinas, até mesmo o aroma das flores quando inaladas diretamente – é mortalmente venenoso. Apenas a água da chuva e a comida na Cornucópia são seguras para o consumo. Há também um grupo grande de dez tributos Carreiristas vasculhando a área da montanha atrás de vítimas.

Haymitch tem seus próprios problemas na floresta, onde os fofos esquilos dourados são, na verdade, carnívoros e atacam em bandos, e as

picadas das borboletas proporcionam agonia, se não morte. Mas ele persiste em seu avanço, sempre mantendo a distante montanha atrás de si.

Maysilee Donner também demonstra ter ela própria recursos suficientes para uma garota que sai da Cornucópia apenas com uma pequena mochila. Dentro, ela encontra uma tigela, um pouco de carne desidratada e uma zarabatana com duas dúzias de dardos. Fazendo uso dos venenos prontamente disponíveis, ela logo transforma a zarabatana em uma arma mortífera, mergulhando os dardos em substâncias letais e direcionando-os para os corpos dos oponentes.

No decorrer de quatro dias, a pitoresca montanha torna-se um vulcão em erupção que varre mais uma dúzia de jogadores, e com esses se excluem cinco do bando de Carreiristas. Com a montanha cuspindo fogo líquido e a campina não oferecendo nenhuma possibilidade de esconderijo, os treze tributos restantes – incluindo Haymitch e Maysilee – não têm outra escolha a não ser confinar-se na floresta.

Haymitch parece inclinado a continuar na mesma direção, distante da agora vulcânica montanha, mas um emaranhado de cercas vivas densamente entrelaçadas o obriga a dar a volta e retornar para o centro da floresta, onde encontra três dos Carreiristas e saca sua faca. Eles podem ser bem maiores e mais fortes, mas Haymitch possui uma velocidade invejável e já matou dois quando o terceiro o desarma. Esse Carreirista está a ponto de cortar seu pescoço quando um dardo o derruba.

Maysilee Donner sai da floresta.

– Nós viveríamos mais se cooperássemos um com o outro.

– Acho que você acabou de provar essa tese – diz Haymitch, esfregando o pescoço. – Aliados? – Maysilee balança a cabeça em concordância. E lá estão eles, instantaneamente ligados por um desses pactos que qualquer pessoa seria pressionada a romper se quisesse voltar com vida para seu distrito.

Exatamente como Peeta e eu, eles têm mais chances juntos. Conseguem descansar mais, bolar um sistema para assegurar mais água da chuva, lutar como uma equipe e dividir a comida das mochilas dos tributos mortos. Mas Haymitch ainda está determinado a seguir caminho.

– Por quê? – continua perguntando Maysilee, e ele a ignora até que ela se recusa a dar mais um passo sequer sem uma resposta.

– Porque esse lugar tem de acabar em algum ponto, certo? – diz Haymitch. – A arena não pode ser interminável.

– O que você espera encontrar? – pergunta Maysilee.

– Eu não sei. Mas, de repente, tem alguma coisa que a gente possa usar.

Quando finalmente conseguem ultrapassar aquela cerca impossível usando um lança-chamas encontrado na mochila de um dos Carreiristas mortos, eles se encontram em terra firme e plana que vai dar num penhasco. Bem abaixo, é possível avistar pedras pontudas.

– Isso é tudo, Haymitch. Vamos voltar – diz Maysilee.

– Não, vou ficar aqui.

– Tudo bem. Só restam cinco de nós. Acho que vou me despedir de você agora. – Não quero que sejamos os próximos.

– Tudo bem – concorda ele. E só. Ele não lhe estende a mão e nem mesmo olha para ela. E ela se afasta.

Haymitch caminha ao longo da borda do penhasco como se estivesse tentando descobrir alguma coisa. Seu pé desloca uma pedrinha que cai no abismo, aparentemente para sempre. Mas um minuto mais tarde, enquanto ele está sentado para descansar, a pedrinha volta voando para o lado dele. Haymitch olha a pedra, confuso, e então seu rosto adquire uma estranha intensidade. Ele joga uma pedra do tamanho de seu punho no penhasco e espera. Quando ela voa de volta para sua mão, ele começa a rir.

Nesse instante ouvimos Maysilee começando a gritar. A aliança está desfeita, ela a rompeu, de modo que ninguém poderia culpá-lo por ignorá-la. Mas Haymitch corre atrás dela, assim mesmo. Ele chega a tempo apenas de assistir ao último membro de um bando de pássaros cor-de-rosa, dotados de bicos longos e finos, despedaçá-la a partir do pescoço. Ele segura a mão de Maysilee enquanto ela morre, e só consigo pensar em Rue e em como eu também cheguei atrasada para salvá-la.

Mais tarde naquele dia, mais um tributo é morto em combate e um terceiro é comido por um bando daqueles esquilos fofos, deixando Haymitch e uma garota do Distrito 1 disputando a coroa. Ela é maior do que ele e tão veloz quanto, e quando a luta inevitável ocorre, a coisa é sangrenta e horrenda, e ambos recebem o que poderiam muito bem ser considerado ferimentos mortais, quando Haymitch é finalmente desarmado. Ele cambaleia em meio às lindas árvores da floresta, pressionando seus ferimentos enquanto ela se arrasta atrás dele, carregando um machado que deveria ser o responsável pelo golpe mortal nele. Haymitch corre para seu penhasco e acaba de alcançar a borda quando ela arremessa o machado. Ele

desaba no chão e o objeto voa em direção ao abismo. Agora também sem arma, a garota fica parada tentando estancar o sangue que se esvai do vazio onde antes se encontrava um de seus olhos. Ela está pensando que talvez consiga superar Haymitch, que está começando a ter convulsões no chão. Mas o que ela não sabe é que o machado vai retornar. E depois de voar por cima da saliência, o objeto se crava em sua cabeça. Ouve-se o tiro do canhão, seu corpo é removido e os trompetes soam, anunciando a vitória de Haymitch.

Peeta para a fita e ficamos lá sentados em silêncio por um tempo.

Finalmente Peeta diz:

– Aquele campo de força na base do penhasco era como o da cobertura do Centro de Treinamento. O que lhe traz de volta se você tentar se jogar para cometer suicídio. Haymitch descobriu um jeito de transformar a coisa em uma arma.

– Não apenas contra os outros tributos, mas também contra a Capital – digo. – Você sabe que eles não esperavam que isso acontecesse. Isso não era para fazer parte da arena. Nunca foi ideia deles alguém usar isso como arma. Ele ter descoberto a coisa deixou todo mundo na Capital com cara de otário. Aposto que eles se divertiram muito, tentando explicar isso aí. Aposto que é por isso que não me lembro de ter visto esse programa na televisão. É quase tão ruim quanto a gente com as amoras!

Não consigo deixar de rir, rir mesmo, pela primeira vez em meses. Peeta só balança a cabeça como se eu tivesse ficado louca – e talvez eu tenha ficado, um pouco.

– Quase, mas não tanto – diz Haymitch atrás de nós. Giro o corpo, temendo que ele esteja com raiva por termos assistido à fita, mas ele só dá um risinho debochado e toma um gole de uma garrafa de vinho. Sobriedade, até parece. Imagino que deveria estar irritada por ele estar bebendo novamente, mas estou ocupada com uma outra sensação.

Passei todas essas semanas conhecendo os meus competidores, sem nem mesmo pensar em quem eram meus parceiros de equipe. Agora uma nova espécie de confiança está se iluminando dentro de mim, porque acho que finalmente sei quem é Haymitch. E estou começando a saber quem sou. E, certamente, duas pessoas que causaram tantos problemas à Capital vão conseguir pensar em uma maneira de fazer com que Peeta volte com vida para casa.

Tendo passado inúmeras vezes pela preparação com Flavius, Venia e Octavia, tenho em mente que o processo deveria ser apenas uma velha rotina para a sobrevivência. Mas não previ a provação emocional que está à minha espera. Em determinado momento da preparação, cada um deles se esvai em lágrimas pelo menos duas vezes, e Octavia fica choramingando baixinho durante toda a manhã. Acontece que eles realmente se ligaram a mim, e a ideia do meu retorno à arena os devastou. Combine isso com o fato de que, ao me perder, eles perderão os bilhetes de entrada para todos os grandes eventos sociais, especialmente o meu casamento, e a coisa toda torna-se insuportável. Como a ideia de ser forte para qualquer outra pessoa jamais passou por suas cabeças, encontro-me na posição de ser obrigada a consolá-los. Como sou a pessoa a caminho do matadouro, a coisa é, de certa forma, perturbadora.

Todavia, é interessante quando penso no que Peeta disse sobre o atendente no trem demonstrar infelicidade em relação aos vitoriosos terem de lutar novamente. Sobre as pessoas na Capital não estarem gostando disso. Ainda acho que tudo isso vai ser esquecido assim que soar o gongo, mas até que é surpreendente saber que as pessoas na Capital sentem algo por nós. Elas certamente não se importam nem um pouco em assistir a crianças sendo assassinadas ano após ano. Mas talvez conheçam bem demais os vitoriosos, principalmente aqueles que são celebridades há anos, para se esquecerem que são seres humanos. Seria, talvez, como assistir a seus próprios amigos morrerem. Ou como se os Jogos fossem para nós que residimos nos distritos.

Quando Cinna aparece, já estou irritadiça e exausta por ter de consolar a equipe de preparação, principalmente porque as constantes lágrimas me fazem lembrar daqueles que estão indubitavelmente se derramando em lágrimas em casa. Em pé em meu robe fino, com minha pele pinicando e o coração a mil, sei que não consigo suportar mais nenhum olhar de lamentação. Então, assim que ele entra, eu solto:

– Juro que se você chorar, eu te mato aqui e agora.

Cinna apenas sorri.

– Você teve uma manhã encharcada?

– Dava até para me torcer – respondo.

Cinna me abraça e me conduz ao local aonde vamos almoçar.

– Não se preocupe. Eu sempre canalizo minhas emoções para o trabalho. Assim não causo mal nenhum a ninguém além de mim mesmo.

– Não aguento passar por tudo isso de novo – aviso a ele.

– Eu sei. Vou falar com eles.

O almoço faz com que eu me sinta um pouco melhor. Faisão com uma seleção de gelatinas multicoloridas e pequenas versões de legumes verdadeiros, nadando na manteiga, e purê de batatas com salsa. De sobremesa, mergulhamos pedaços de fruta num pote com chocolate derretido, e Cinna precisa pedir mais um pote porque eu começo a comer o chocolate com uma colher.

– E então, o que é que vamos usar na cerimônia de abertura? – finalmente pergunto, enquanto raspo o segundo pote. – Lanternas de cabeça ou fogo? – Sei que o passeio de carruagem vai requerer que Peeta e eu estejamos vestidos com algo relacionado a carvão.

– Alguma coisa nessa linha – diz ele.

Quando chega a hora de vestir o traje para a cerimônia de abertura, minha equipe de preparação aparece, mas Cinna os dispensa dizendo que eles haviam feito um trabalho tão espetacular durante a manhã que não restava mais nada a ser feito. Eles saem para se recuperar, deixando-me, graças a Deus, nas mãos de Cinna. Ele primeiro faz o meu cabelo no estilo trançado que a minha mãe lhe havia apresentado e em seguida passa para a maquiagem. No ano passado, ele usou pouco para que a audiência pudesse me reconhecer quando pousasse na arena. Mas agora o meu rosto está quase obscurecido pelos contornos dramáticos e pelas sombras escuras. Sobrancelhas bem arqueadas, ossos das faces proeminentes, olhos em chamas, lábios lilases. O traje parece enganadoramente simples a princípio, apenas um macacão preto e justo que me cobre do pescoço até embaixo. Ele coloca uma coroa pela metade como a que eu recebi quando fui celebrada como vitoriosa, mas ela é feita de um material pesado e preto, não de ouro. Então, ajusta a luz no recinto para imitar o crepúsculo e aperta um botão dentro do tecido na altura do meu pulso. Olho para baixo, fascinada, enquanto o meu conjunto lentamente ganha vida, primeiro com uma suave luz dourada, mas gradualmente se transformando no laranja avermelhado do carvão no fogo. Parece que estou coberta de brasas

brilhantes – não, que sou uma brasa brilhante saída diretamente de nossa lareira. As cores sobem e descem, transmutam-se e misturam-se, exatamente como o carvão.

– Como você fez isso? – pergunto, maravilhada.

– Portia e eu passamos várias horas juntos olhando fogueiras – diz Cinna. – Agora olha só pra você.

Ele gira o meu corpo na direção do espelho para que eu possa absorver todo o efeito. Não estou vendo uma garota, nem mesmo uma mulher, mas algum ser de outro mundo que poderia muito bem ter saído do vulcão que destruiu tantas vidas no Massacre de Haymitch. A coroa preta, que agora parece vermelha como ferro em brasa, lança estranhas sombras em meu rosto dramaticamente maquiado. Katniss, a garota em chamas, deixou para trás suas chamas bruxuleantes, os mantos cheios de joias e as suaves túnicas à luz de velas. Ela agora está tão mortífera quanto o próprio fogo.

– Eu acho que... era exatamente disso que eu precisava para enfrentar os outros – digo.

– Sim, acho que seus dias de batom cor-de-rosa e fitinhas ficaram para trás – diz Cinna. Ele toca novamente o botão em meu pulso, apagando a luz. – Não vamos acabar com a bateria do seu traje. Dessa vez, quando você estiver na carruagem, nada de acenos, nada de sorrisos. Eu só quero que você olhe direto para frente, como se a audiência não merecesse receber o seu olhar.

– Finalmente, uma coisa que vou fazer muito bem – digo.

Cinna tem mais algumas coisas para cuidar, de modo que decido descer para o térreo do Centro de Regeneração, que abriga o imenso local de reunião dos tributos e suas carruagens antes da cerimônia de abertura. Estou na esperança de encontrar Peeta e Haymitch, mas eles ainda não chegaram. Ao contrário do ano anterior, quando todos os tributos foram praticamente colados em suas carruagens, a cena agora é bem social. Os vitoriosos, não só os tributos desse ano como também seus mentores, estão em meio a pequenos grupos, conversando. É claro que todos se conhecem e eu não conheço ninguém, e não sou de fato o tipo de pessoa que sai por aí se apresentando. Portanto, simplesmente acaricio o pescoço de um dos meus cavalos e tento não ser notada.

Não funciona.

O ruído de alguém mastigando alguma coisa atinge os meus ouvidos antes mesmo que eu o perceba ao meu lado, e, quando viro a cabeça, os

famosos olhos verdes da cor do mar de Finnick Odair estão a alguns centímetros dos meus. Ele coloca um torrão de açúcar na boca e se apoia em meu cavalo.

– Oi, Katniss – diz ele, como se nos conhecêssemos há anos, quando, na verdade, mal fomos apresentados um ao outro.

– Oi, Finnick – digo com o mesmo jeito casual, embora esteja me sentindo desconfortável com sua proximidade, principalmente pelo fato de ele estar com tantas partes do corpo expostas.

– Quer um torrão de açúcar? – diz ele, oferecendo a mão, que está cheia. – É para os cavalos, na realidade, mas quem se importa? Eles podem comer açúcar anos e anos ao passo que eu e você... bom, se a gente encontra alguma coisa doce pela frente é melhor agarrar com rapidez.

Finnick Odair é meio que uma lenda viva em Panem. Desde que venceu a sextagésima quinta edição dos Jogos Vorazes, quando tinha apenas quatorze anos, ele é até hoje um dos mais jovens vitoriosos. Como reside no Distrito 4, ele era um Carreirista, de modo que as chances que tinha de vencer já eram em si bem altas, mas o que nenhum treinador podia se gabar de ter dado a ele era sua extraordinária beleza. Alto, atlético, pele dourada, cabelos cor de bronze e aqueles olhos incríveis. Enquanto outros tributos naquele ano se digladiavam para conseguir um punhado de grãos ou alguns fósforos como dádiva, Finnick jamais quis nada, nem comida, nem remédios, nem armas. Seus competidores levaram mais ou menos uma semana para perceber que ele deveria ser o alvo prioritário, mas então já era tarde demais. Ele já era um bom lutador com as lanças e facas que tinha descoberto na Cornucópia. Quando recebeu um paraquedas prateado contendo um tridente – que talvez seja a dádiva mais cara que já vi ser dada na arena –, tudo acabou. O ramo de atividades do Distrito 4 é a pesca. Ele viveu em barcos toda a vida. O tridente era uma extensão natural e mortífera de seu braço. Ele teceu uma rede a partir de uma espécie de trepadeira que encontrou, usou-a para prender seus oponentes para que pudesse espetá-los com o tridente, e em questão de dias a coroa era dele.

Os cidadãos da Capital babam por ele desde então.

Por causa de sua juventude, não puderam de fato tocar nele pelos dois primeiros anos. Mas, logo depois que completou dezesseis, passava o seu tempo nos Jogos perseguido por pessoas que estavam desesperadamente apaixonadas. Ninguém retém seus favores por muito tempo. Ele consegue passar por quatro ou cinco em sua visita anual. Velhas ou novas, lindas ou

comuns, ricas ou muito ricas, ele as acompanha e recebe seus presentes extravagantes, mas nunca fica, e uma vez que parte, nunca volta.

Não posso negar que Finnick é uma das pessoas mais impressionantes e sensuais do planeta. Mas posso honestamente dizer que nunca me senti atraída por ele. Talvez ele seja bonitinho demais, ou talvez seja fácil demais de se conseguir, ou talvez seja fácil demais de se perder.

– Não, obrigada – digo, referindo-me ao açúcar. – Mas eu adoraria pegar emprestada a sua roupa qualquer dia desses.

Ele está usando uma rede dourada com um nó estrategicamente disposto em sua virilha, o que faz com que, tecnicamente, não esteja nu, mas próximo demais. Tenho certeza de que o estilista dele pensa que quanto mais de Finnick estiver aparente para a audiência, melhor.

– Você está absolutamente aterrorizante nessa produção. O que foi que aconteceu com aqueles vestidos de menininha? – diz. Ele umedece lentamente os lábios com a língua. Provavelmente isso leva a maioria das pessoas à loucura. Mas, por algum motivo, a única coisa que me vem à cabeça é o velho Cray salivando por alguma pobre jovem morta de fome.

– Eles ficaram pequenos em mim – digo.

Finnick pega o colarinho do meu traje e passa os dedos em cima.

– É uma coisa horrível essa história do Massacre. Você podia ter se dado muito bem na Capital. Joias, dinheiro, qualquer coisa que quisesse.

– Não gosto de joias, e tenho mais dinheiro do que preciso. Você gasta o seu em quê, Finnick? – digo.

– Ah, eu não lido com uma coisa comum como dinheiro há anos.

– Então, como é que elas pagam pelo prazer da sua companhia?

– Com segredos – diz ele suavemente. Ele inclina a cabeça de modo que seus lábios ficam quase em contato com os meus. – E você, garota em chamas? Tem algum segredo que valha o meu tempo?

Por algum motivo estúpido, enrubesço, mas luto para permanecer firme.

– Não, sou um livro aberto – sussurro de volta. – Todo mundo parece saber meus segredos antes de eu mesma saber deles.

Ele sorri.

– Infelizmente, acho que isso é verdade. – Seus olhos brilham levemente. – Peeta está vindo aí. É uma pena você ter sido obrigada a cancelar seu casamento. Sei como isso deve estar sendo terrível para você. – Ele joga mais um torrão de açúcar na boca e vai embora gingando.

Peeta está ao meu lado, vestido com um traje idêntico ao meu.

– O que Finnick Odair queria? – pergunta.

Eu me viro, ponho os lábios próximos aos de Peeta e deixo cair as pálpebras imitando Finnick.

– Ele me ofereceu um torrão de açúcar e quis saber todos os meus segredos – digo, com a voz mais sedutora que consigo.

Peeta ri.

– Argh. Não brinca.

– É sério – digo. – Conto mais quando a minha pele parar de pinicar.

– Você acha que a gente teria terminado assim se apenas um de nós tivesse sobrevivido? – pergunta ele, olhando para os outros tributos ao redor. – Será que a gente seria apenas mais uma atração do show de horrores?

– Com certeza. Principalmente você.

– Ah, é? E por que principalmente eu? – diz ele, com um sorriso.

– Porque você tem um fraco por coisas bonitas e eu não – digo com um ar de superioridade. – Eles seduziriam você com os encantos da Capital e você ficaria completamente perdido.

– Se sentir atraído por beleza não é a mesma coisa que ser fraco – observa Peeta. – Exceto, talvez, no que diz respeito a você. – A música está começando e eu vejo as portas largas se abrindo para a primeira carruagem, ouço o rugir da multidão. – Vamos? – Ele estende a mão para me ajudar a entrar na carruagem.

Eu subo e o puxo em seguida.

– Fique parado – digo, e endireito a coroa dele. – Você viu o seu terno ligado? Vamos ficar fabulosos mais uma vez.

– Sem dúvida. Mas Portia está dizendo que a gente precisa ficar com um ar de superioridade. Não podemos acenar e coisa e tal – diz ele. – Onde eles estão afinal de contas?

– Eu não sei. – Examino a procissão de carruagens. – De repente, é melhor a gente seguir em frente e ligar essas roupas.

– Fazemos isso e, assim que começamos a brilhar, vejo várias pessoas apontando para nós e comentando umas com as outras, e sei que, mais uma vez, seremos os principais destaques da cerimônia de abertura. Estamos quase na porta. Estico a cabeça e olho ao redor, mas nem Portia nem Cinna, que ficaram conosco até o último segundo no ano passado, estão visíveis

em lugar nenhum. – A gente tem de ficar de mãos dadas esse ano? – pergunto.

– Eu imagino que eles tenham deixado para gente decidir – diz Peeta.

Olho para aqueles olhos azuis que nenhuma quantidade excessiva de maquiagem consegue deixar verdadeiramente mortíferos e me lembro como, não mais do que um ano atrás, estava preparada para matá-lo. Convencida de que ele estava tentando me matar. Agora tudo se inverteu. Estou determinada a mantê-lo vivo, ciente de que o preço será a minha própria vida, mas a parte de mim que não é tão corajosa quanto eu gostaria que fosse está contente por ser Peeta, e não Haymitch, quem está ao meu lado. Nossas mãos acham umas às outras sem maiores discussões. É claro que vamos entrar nisso como um único ser.

A voz da multidão se transforma num grito universal enquanto nos movemos em direção à tênue luz noturna, mas nenhum dos dois reage. Simplesmente fixo os olhos num ponto distante e finjo que não existe nenhuma audiência, nenhuma histeria. Não consigo evitar uma olhadinha em nós dois nas imensas telas ao longo do caminho, e não estamos apenas bonitos, estamos escuros e poderosos. Não, mais do que isso. Nós, amantes desafortunados do Distrito 12, que sofremos tanto e desfrutamos tão pouco as recompensas de nossa vitória, não estamos procurando os favores dos fãs, não estamos agraciando-os com nossos sorrisos, ou recebendo seus beijos. Nós não queremos perdão.

E eu adoro isso. Poder finalmente ser eu mesma.

Ao contornarmos o Círculo da Cidade, vejo que alguns outros estilistas tentaram roubar a ideia que Cinna e Portia tiveram de iluminar seus tributos. Os trajes dotados de luz elétrica do Distrito 3, onde eles produzem artigos eletrônicos, pelo menos fazem sentido. Mas o que estão fazendo aqueles pastores do Distrito 10, que estão vestidos de vacas, com cintos flamejantes? Cozinhando a si mesmos? Patético.

Peeta e eu, por outro lado, estamos tão fascinantes com nossos trajes de carvão com formas mutantes, que a maioria dos outros tributos está olhando fixamente para nós. Nossa aparência é particularmente atraente para o par do Distrito 6, que todos sabem serem viciados em morfináceos. Ambos pele e osso, com a pele caída e amarelada. Eles não conseguem desviar os olhos hipertrofiados, nem mesmo quando o presidente Snow começa a falar de seu balcão, dando-nos as boas-vindas ao Massacre. O hino é executado e, enquanto damos nossa última volta ao redor do

círculo... espera um pouquinho. Estou enganada, ou estou mesmo vendo o presidente com os olhos fixos em mim?

Peeta e eu esperamos até que as portas do Centro de Treinamento tenham sido fechadas atrás de nós para relaxarmos. Cinna e Portia estão lá, satisfeitos com nossas performances, e Haymitch também fez uma aparição esse ano, só que não está na nossa carruagem, mas com os tributos do Distrito 11. Eu o vejo balançando a cabeça em nossa direção e, então, eles o seguem e nos saúdam.

Conheço Chaff de vista porque fiquei anos assistindo-o passar garrafas para frente e para trás com Haymitch na televisão. Ele tem a pele escura, mais ou menos 1,80m de altura e um de seus braços termina num cotoco, porque ele perdeu a mão nos Jogos que venceu, trinta anos atrás. Tenho certeza de que ofereceram a ele algum tipo de substituto artificial, como fizeram com Peeta quando tiveram de amputar sua perna, mas imagino que ele não aceitou.

A mulher, Seeder, tem quase a aparência de alguém da Costura, com sua pele morena e cabelos lisos com alguns fios grisalhos. Apenas seus olhos castanhos a identificam como proveniente de outro distrito. Ela deve ter por volta de sessenta anos, mas ainda parece forte, e não há nenhum sinal de que tenha ficado dependente de bebida ou morfináceos, ou qualquer outro tipo de substância química como forma de escape ao longo dos anos. Antes de qualquer um de nós dizer uma palavra, ela me abraça. Sei, de alguma maneira, que o motivo deve ser Rue e Thresh. Antes de pensar, sussurro:

– E as famílias?

– Estão todos vivos – diz ela suavemente antes de me deixar partir.

Chaff me abraça com seu braço bom e me dá um beijo grande bem na boca. Recuo, sobressaltada, enquanto ele e Haymitch caem na gargalhada.

Esse é praticamente todo o tempo de que dispomos antes que os atendentes da Capital comecem a nos dirigir com firmeza para os elevadores. Tenho a nítida sensação de que eles não estão se sentindo confortáveis com o clima de camaradagem reinante entre os vitoriosos, que parecem não estar dando a mínima. Enquanto caminho em direção ao elevador, minha mão ainda grudada à de Peeta, alguém surge ao meu lado. A garota retira um adereço de cabeça com galhos e folhas e o joga atrás de si sem se preocupar em olhar onde a coisa está caindo.

Johanna Mason. Do Distrito 7. Madeira e papel, portanto, a árvore. Ela venceu retratando a si mesma de modo bastante convincente como uma pessoa fraca e desamparada para que pudesse assim ser ignorada. Então demonstrou uma perversa habilidade para cometer assassinatos. Ela sacode os cabelos pontudos e revira os grandes olhos castanhos.

– Não é um horror esse traje que fizeram para mim? A minha estilista é a maior idiota da Capital. Nossos tributos são árvores há quarenta anos por culpa dela. Gostaria muito de ter tido o Cinna. Você está fantástica.

Papo de garota. O tipo de coisa em que sempre fui muito ruim. Opiniões sobre roupas, cabelo, maquiagem. Então eu minto.

– Pode crer, ele está me ajudando a desenhar a minha própria linha de roupas. Você devia ver o que ele consegue fazer com veludo. – Veludo. O único tecido que consegui encontrar na minha mente naquele instante.

– Eu vi. Na sua turnê. Aquele sem alça que você usou no Distrito 2? O azul com os diamantes? Tão lindo que senti vontade de entrar na tela e arrancar de você – diz Johanna.

Aposto que sentiu mesmo, penso. *Levando também alguns centímetros da minha carne*.

Enquanto esperamos os elevadores, Johanna se livra do restante de sua árvore, deixando-a cair no chão, e depois a chuta para longe, revoltada. Com exceção da pantufa verde-floresta, ela não está mais com um fio de tecido sequer sobre o corpo.

– Assim é melhor.

Acabamos entrando no mesmo elevador que ela, e Johanna passa a viagem inteira, até o sétimo andar, de papo com Peeta sobre suas pinturas enquanto a luz do traje ainda brilhante dele se reflete nos seios nus dela. Quando ela sai, o ignoro, mas sei que ele está dando uma risadinha. Solto bruscamente a mão dele assim que as portas se fecham atrás de Chaff e Seeder, deixando-nos sozinhos, e ele tem um ataque de riso.

– O que é? – digo, agredindo-o quando chegamos em nosso andar.

– É você, Katniss. Você não vê? – diz ele.

– Eu o quê? – pergunto.

– O motivo de todo mundo estar agindo desse jeito. Finnick com seus torrões de açúcar e Chaff lhe beijando, e toda aquela coisa com a Johanna tirando a roupa. – Ele tenta assumir um tom um pouco mais sério, mas sem sucesso. – Eles estão de brincadeira com você porque você está tão... enfim, você sabe.

– Não, eu não sei – digo. E eu realmente não faço a menor ideia do que ele está falando.

– É como daquela vez que você cismava em não olhar pra mim pelado na arena, mesmo eu estando praticamente morto. Você é tão... pura – diz ele finalmente.

– Não sou, não! – digo. – Desde o ano passado eu praticamente arranco a sua roupa sempre que tem alguma câmera por perto!

– Tudo bem, mas... o que eu quero dizer é que, para a Capital, você é pura – diz ele, tentando visivelmente reduzir a minha irritação. – Para mim, você é perfeita. Eles só estão implicando com você.

– Não, eles estão rindo de mim, e você também está!

– Não. – Peeta balança a cabeça, mas ainda está lutando contra um sorriso. Estou reavaliando seriamente a questão sobre quem deveria mesmo sair com vida desses Jogos quando o outro elevador se abre.

Haymitch e Effie juntam-se a nós, aparentemente satisfeitos com alguma coisa. Então, o rosto de Haymitch adquire uma feição dura.

O que foi que fiz agora?, quase digo, mas vejo que ele está olhando fixamente para a entrada da sala de jantar atrás de mim.

Effie pisca na mesma direção e então diz, esfuziante:

– Parece que esse ano eles fizeram uma produção que deixou vocês dois idênticos.

Viro-me e encontro a garota ruiva Avox que me serviu ano passado até o começo dos Jogos. Penso em como é legal ter uma amiga aqui. Reparo que o jovem ao lado dela, outro Avox, também é ruivo. Isso deve ser o que Effie quis dizer quando se referiu à produção deles.

Então um calafrio percorre o meu corpo. Porque o conheço também. Não da Capital, mas de anos e anos de conversa mole no Prego, contando piada com a sopa de Greasy Sae, e daquele último dia observando-o inconsciente na praça enquanto Gale se esvaía em sangue.

Nosso novo Avox é Darius.

Haymitch agarra o meu punho como se estivesse prevendo o meu próximo movimento, mas fico tão muda quanto Darius, depois de ter sido torturado pela Capital. Haymitch uma vez me disse que eles faziam alguma coisa com as línguas dos Avox para que eles jamais voltassem a falar. Na minha cabeça ouço a voz de Darius, brincalhona e vivaz, soando em meio ao Prego para implicar comigo. Não como os meus amiguinhos vitoriosos estão gozando com a minha cara agora, mas de uma maneira que indicava que nós gostávamos genuinamente um do outro. Se Gale pudesse vê-lo agora...

Sei que qualquer movimento na direção de Darius, qualquer gesto de reconhecimento, resultaria apenas em punição para ele. Então simplesmente olhamos um nos olhos do outro. Darius, agora um escravo mudo; eu, agora a caminho da morte. O que diríamos um para o outro, de qualquer modo? Que um está desolado com o destino do outro? Que um está sofrendo pela dor do outro? Que estamos felizes por ter tido a chance de nos conhecermos?

Não, Darius não deveria estar feliz por ter me conhecido. Se eu estivesse lá para deter Thread, ele não teria se apresentado para salvar Gale. Não teria virado um Avox. E, mais especificamente, não seria agora o meu Avox, porque o presidente Snow obviamente o colocou aqui por minha causa.

Solto-me do aperto de Haymitch e me encaminho para meu antigo quarto, trancando a porta atrás de mim. Sento na cama, cotovelos nos joelhos, testa nas mãos, e observo meu traje brilhante na escuridão, imaginando estar em minha antiga casa no Distrito 12, aninhada ao lado do fogo. A luz desaparece lentamente à medida que a energia acaba.

Quando Effie por fim bate na porta para me convocar para o jantar, eu me levanto e tiro o traje, dobro-o cuidadosamente e o coloco em cima da mesa com a minha coroa. No banheiro, lavo as listras escuras da maquiagem que ficaram em meu rosto. Visto uma camisa simples e calças compridas, e desço o corredor em direção à sala de jantar.

Não presto atenção a muita coisa no jantar, exceto no fato de que Darius e a ruiva Avox são nossos serviçais. Effie, Haymitch, Cinna, Portia e Peeta estão todos lá, falando sobre a cerimônia de abertura, suponho. Mas o único momento em que realmente me sinto presente é quando deixo cair no chão de propósito um prato com ervilhas e, antes que qualquer pessoa possa me ajudar, me agacho para limpar tudo. Darius está bem ao meu lado quando entrego o prato, e nós dois ficamos juntos por alguns segundos, fora da vista de todos, enquanto recolhemos as ervilhas. Por um instante, apenas nossas mãos se encontram. Consigo sentir sua pele áspera sob o molho amanteigado do prato. No aperto desesperado de nossos dedos estão todas as palavras que jamais seremos capazes de pronunciar um para o outro. Então, Effie fica cacarejando atrás de mim com o discurso:

– Isso não é coisa para você fazer, Katniss! – E ele se solta de mim.

Quando nós vamos assistir à reprise da cerimônia de abertura, encaixo-me entre Cinna e Haymitch no sofá porque não quero ficar perto de Peeta. Essa coisa horrível com Darius pertence a mim e a Gale, e talvez até a Haymitch, mas não a Peeta. Talvez ele conhecesse Darius de vista, mas Peeta não frequentava o Prego como o resto de nós. Além do mais, ainda estou com raiva por ele ter rido de mim com os outros vitoriosos, e a última coisa que quero é a solidariedade e o consolo dele. Não mudei de ideia em relação a salvá-lo na arena, mas não devo nada a ele além disso.

Enquanto assisto à procissão em direção ao Círculo da Cidade, penso em como já é suficientemente desagradável nos obrigarem a usar esses trajes e a desfilar pelas ruas em carruagens nos anos regulares. Pôr crianças em trajes como esse já é uma bobagem, mas vitoriosos envelhecidos é de dar pena. Alguns dos que estão do lado jovem, como Johanna e Finnick, ou cujos corpos não estão em péssimas condições, como Seeder e Brutus, ainda conseguem manter um pouco de dignidade. Mas a maioria, que está nas garras da bebida, dos morfináceos ou da doença, parece grotesca em seus trajes, retratando vacas, e árvores, e pães. No ano passado ficamos de papo sobre cada competidor, mas hoje à noite surge apenas um ou outro comentário. Não é surpresa nenhuma a multidão ficar enlouquecida quando eu e Peeta aparecemos, com a aparência tão jovem, e forte, e bela, em nossos trajes resplandecentes. A própria imagem do que os tributos deveriam ser.

Assim que a apresentação acaba, levanto e agradeço a Cinna e Portia pelo fantástico trabalho que fizeram e vou para a cama. Effie nos lembra

que devemos nos encontrar cedo no café da manhã, para que possamos montar nossa estratégia de treinamento, mas até a voz dela parece vazia. Pobre Effie. Ela finalmente teve um ano decente nos Jogos com Peeta e comigo, e agora tudo se transformou numa tremenda bagunça, à qual nem mesmo ela consegue dar um tom positivo. Nos termos da Capital, imagino que isso represente uma verdadeira tragédia.

Logo depois de ir para a cama, ouço uma leve batida na porta, mas a ignoro. Não quero Peeta esta noite. Principalmente com Darius por perto. Para mim, a presença dele aqui é quase tão desagradável quanto seria a de Gale. Gale. Como serei capaz de tirá-lo da cabeça com Darius rondando os corredores?

Línguas aparecem intensamente em meus pesadelos. Primeiro eu assisto, paralisada e indefesa, a mãos enluvadas executarem a sangrenta dissecação na boca de Darius. Então, estou numa festa onde todos usam máscaras e alguém com uma língua molhada para fora da boca, que suponho ser Finnick, me persegue, mas quando ele me agarra e tira a máscara, é o presidente Snow, e de seus lábios grossos escorre uma saliva sangrenta. Finalmente estou de volta à arena, minha própria língua seca como uma lixa, enquanto tento alcançar uma fonte de água que se afasta sempre que estou a ponto de tocá-la.

Quando acordo, vou cambaleando em direção ao banheiro e bebo água da torneira até não aguentar mais. Tiro as roupas encharcadas de suor e volto para a cama, nua, e consigo, de uma forma ou de outra, voltar a dormir.

Na manhã seguinte, demoro o máximo que posso a descer para o café da manhã porque realmente não quero discutir nossa estratégia de treinamento. O que há para se discutir? Cada vitorioso já sabe o que todos os outros podem fazer. Ou pelo menos do que eram capazes no passado, de qualquer modo. Então Peeta e eu continuaremos a agir como se estivéssemos apaixonados e é isso aí. De um jeito ou de outro, simplesmente não estou a fim de conversar sobre isso, principalmente com Darius, mudo, em pé ali por perto. Tomo uma longa chuveirada, visto lentamente o traje que Cinna deixou para o treinamento e peço, através de um microfone, para trazerem comida em meu quarto. Em um minuto, salsichas, ovos, batatas, pão, suco e chocolate quente aparecem na minha frente. Como um pouco, tentando arrastar ao máximo os minutos até as dez da manhã, quando seremos obrigados a descer para o Centro de

Treinamento. Lá pelas nove e meia, Haymitch já está batendo em minha porta, obviamente de saco cheio comigo e me mandando descer para a sala de jantar AGORA! Ainda assim, escovo os dentes antes de sair do quarto, matando mais cinco minutos.

A sala de jantar está vazia, com exceção de Peeta e Haymitch, cujo rosto está vermelho devido à bebida e à raiva. No pulso, ele está usando uma pulseira de ouro maciço com um desenho de chamas – isso deve ser a concessão feita ao plano de Effie de fazer com que nós todos usássemos um símbolo em comum –, que ele gira contrariado. É uma pulseira bem bonita, na realidade, mas o movimento faz ela parecer uma coisa restritiva, uma algema, muito mais do que uma joia.

– Você está atrasada – rosna.

– Desculpe, dormi demais depois que os pesadelos com línguas mutiladas me deixaram acordada quase a noite inteira. – Tenho a intenção de parecer hostil, mas minha voz engasga no fim da sentença.

Haymitch me olha com cara feia e em seguida suaviza.

– Tudo bem, pouco importa. Hoje, no treinamento, vocês têm duas tarefas. Primeira, continuar apaixonados um pelo outro.

– Obviamente – digo.

– E segunda, fazer algumas amizades.

– Não. Não confio em nenhum deles, não suporto a maioria deles e prefiro operar apenas com nós dois mesmo.

– Isso foi o que eu disse antes, mas... – começa Peeta.

– Mas isso não vai ser suficiente – insiste Haymitch. – Dessa vez vocês vão precisar de mais aliados.

– Por quê? – pergunto.

– Porque vocês estão com uma desvantagem específica. Os outros competidores se conhecem há anos. Então quem vocês acham que eles vão escolher como os primeiros alvos?

– Nós. E nada que a gente faça vai conseguir destruir nenhuma amizade antiga – digo. – Então por que se importar com isso?

– Porque vocês podem lutar. Vocês são populares com a multidão. Isso ainda pode fazer de vocês aliados desejáveis. Mas só se permitirem que os outros saibam que vocês estão dispostos a se aliar a eles – diz Haymitch.

– Você está querendo dizer que quer ver a gente no bando de Carreiristas este ano? – pergunto, incapaz de esconder meu desagrado. Tradicionalmente, os tributos dos Distritos 1, 2 e 4 se juntam,

possivelmente selecionando também alguns outros combatentes excepcionais, e caçam os competidores mais fracos.

– Essa tem sido a nossa estratégia, certo? Treinar como Carreiristas – opõe-se Haymitch. – E quem faz parte ou não do bando de Carreiristas geralmente é escolhido antes de os Jogos começarem. Peeta quase não conseguiu entrar no bando no ano passado.

Penso no ódio que senti quando descobri que Peeta estava com os Carreiristas durante os últimos Jogos.

– Quer dizer, então, que é para a gente tentar se juntar a Finnick e Brutus, é isso o que você está dizendo?

–Não necessariamente. Todo mundo aqui é vitorioso. Façam o seu próprio bando, se preferirem. Escolham quem vocês quiserem. Eu sugeriria Chaff e Seeder. Embora Finnick não devesse ser ignorado – diz Haymitch. – Tentem se aliar com alguém que possa ser de alguma utilidade para vocês. Lembrem-se, vocês não estão mais num ringue cheio de crianças tremendo de medo. Todos eles são assassinos altamente experientes, independentemente da forma física na qual pareçam se encontrar.

Talvez ele esteja certo. Só tem um problema: em quem poderíamos confiar? Seeder, quem sabe. Mas será que quero mesmo fazer um pacto com ela, tendo que possivelmente matá-la mais tarde? Não. Mesmo assim, fiz um pacto com Rue sob as mesmas circunstâncias. Digo a Haymitch que tentarei, mesmo imaginando que me sentirei muito mal com tudo isso.

Effie aparece cedo demais para nos levar porque no ano passado, apesar de termos chegado na hora, fomos os últimos dois tributos a aparecer. Mas Haymitch diz que não quer que ela nos leve para o ginásio. Nenhum dos outros vitoriosos vai aparecer com a babá, e como somos os mais jovens, é ainda mais importante que pareçamos autoconfiantes. Então ela tem que se contentar em nos levar até o elevador, mexendo em nossos cabelos e apertando o botão para nós.

É uma viagem tão curta que realmente não há tempo nenhum para conversar, mas quando Peeta pega a minha mão, não a recuso. Posso tê-lo ignorado na noite anterior em caráter privado, mas no treinamento temos de nos comportar como uma equipe inseparável.

Effie não precisava ter se preocupado com a possibilidade de sermos os últimos a chegar. Apenas Brutus e a mulher do Distrito 2, Enobaria, estão presentes. Enobaria parece ter uns trinta anos e tudo o que lembro dela é que, lutando corpo a corpo, ela matou um tributo, rasgando seu

pescoço com os dentes. Ela ficou tão famosa por esse ato que, depois de se tornar vitoriosa, teve seus dentes cosmeticamente modificados, para que cada um terminasse com uma ponta afiada como uma presa e fosse banhado em ouro. Enobaria possui inúmeros admiradores na Capital.

Às dez horas, apenas metade dos tributos está no local. Atala, a mulher que administra o treinamento, começa seu discurso bem na hora, sem se perturbar com a pequena audiência. Talvez ela já esperasse por isso. Estou meio que aliviada, porque isso significa que há uma dúzia de pessoas pelas quais não sou obrigada a fingir amizade. Atala percorre a lista de estações, que incluem não só combate, como também habilidades de sobrevivência, e nos libera para treinar.

Digo a Peeta que acho melhor nos dividirmos, cobrindo assim mais territórios. Quando ele se dirige para o arremesso de lanças na companhia de Brutus e Chaff, me encaminho para a estação de elaboração de nós. Quase ninguém se dá o trabalho de visitá-la. Gosto do treinador e ele se lembra de mim com carinho, talvez porque tenhamos passado um bom tempo juntos no ano passado. Ele fica contente quando mostro que ainda sei montar a armadilha que deixa um inimigo pendurado por uma perna em uma árvore. Com certeza, ele observou minhas armadilhas na arena ano passado e agora me vê como uma aluna dileta já em estágio avançado, de modo que peço que ele recapitule todos os tipos de nó que podem vir a ser úteis e uns poucos que provavelmente jamais utilizarei. Ficaria contente de passar a manhã sozinha com ele, mas depois de mais ou menos uma hora e meia, alguém me abraça por trás, seus dedos facilmente terminando o complicado nó que eu estava suando para terminar. É claro que é Finnick, que parece ter passado toda a infância brandindo tridentes e manipulando cordas para produzir lindos nós para redes, imagino. Observo-o por um minuto enquanto pega uma corda comprida, faz um nó, e em seguida finge que está se enforcando por pura diversão.

Desvio o olhar e me dirijo para uma outra estação desocupada onde os tributos podem aprender a fazer fogueiras. Já faço excelentes fogueiras, mas ainda sou bem dependente de fósforos para acendê-las. Então o treinador me faz trabalhar com uma pedrinha, aço e um pedaço de tecido chamuscado. A coisa é muito mais difícil do que parece e, mesmo trabalhando com o máximo de dedicação, levo mais ou menos uma hora para acender o fogo. Levanto os olhos com um sorriso triunfante apenas para descobrir que tenho companhia.

Os dois tributos do Distrito 3 estão ao meu lado, lutando para iniciar um fogo decente com fósforos. Penso em ir embora, mas quero muito tentar usar a pedrinha novamente e, como tenho mesmo que reportar a Haymitch que tentei fazer amigos, esses dois bem que poderiam ser uma escolha suportável. Ambos são pequenos de estatura, com a pele acinzentada e os cabelos pretos. A mulher, Wiress, tem provavelmente a idade de minha mãe e fala com uma voz tranquila e inteligente. Mas reparo instantaneamente que ela tem o vício de deixar as palavras no ar no meio das sentenças, como se estivesse se esquecendo que havia uma outra pessoa conversando com ela. Beetee, o homem, é mais velho e até certo ponto inquieto. Ele usa óculos, mas passa muito tempo olhando por baixo das lentes. São um pouco estranhos, mas tenho certeza absoluta de que nenhum dos dois vai tentar me deixar desconfortável tirando a própria roupa. E eles são do Distrito 3. Talvez possam até confirmar minhas suspeitas de que há um levante ocorrendo por lá.

Dou uma olhada geral no Centro de Treinamento. Peeta está numa área destinada a arremesso de facas. Os viciados em morfináceos do Distrito 6 estão numa estação de camuflagem, pintando os rostos uns dos outros com vívidas pinceladas em cor-de-rosa. O tributo do sexo masculino do Distrito 5 está vomitando vinho em cima do piso da luta de espadas. Finnick e a mulher idosa de seu distrito estão na estação de arco e flecha. Johanna Mason está novamente nua e passando óleo na pele para uma lição de luta livre. Decido ficar atenta.

Wiress e Beetee são uma boa companhia. Parecem suficientemente amigáveis, mas não metem o nariz onde não devem. Conversamos sobre nossos talentos; eles me contam que ambos inventam coisas, o que faz com que o meu suposto interesse por moda pareça pouco convincente. Wiress pega uma espécie de dispositivo para costura no qual vem trabalhando.

– Isso aqui sente a densidade do tecido e seleciona a força necessária – diz ela, e então fica absorvida com um pouco de palha seca antes de continuar o discurso.

– A força do fio – Beetee termina de explicar. – Automaticamente. Ele elimina o erro humano. – Em seguida, ele fala sobre seu recente sucesso criando um chip de música pequeno o suficiente para ser escondido num grão de purpurina, mas que pode abrigar horas e horas de música. Lembro de Octavia falando sobre isso durante a sessão de fotos para o casamento, e vejo nisso uma possível chance de fazer uma alusão ao levante.

– Ah, sim. Todo mundo na minha equipe de preparação estava preocupado alguns meses atrás, acredito, porque não conseguiam comprar um desses – digo, casualmente. – Acho que vários pedidos do Distrito 3 tiveram problemas de atraso na entrega.

Beetee me examina por baixo dos óculos.

– Eu sei. Você ouviu falar de problemas similares na produção de carvão esse ano? – pergunta ele.

– Não. Bom, a gente perdeu algumas semanas quando eles substituíram o Chefe dos Pacificadores e sua equipe, mas nada muito relevante – digo. – Para a produção, quero dizer. Duas semanas sentado em casa sem fazer nada significam duas semanas de fome para a maioria dos trabalhadores e suas famílias.

Acho que eles compreendem o que estou tentando dizer. Que nós não tivemos nenhum levante.

– Oh, que pena – diz Wiress, com uma voz ligeiramente desapontada. – Achei o seu distrito muito... – Ela se perde um pouco, distraída por alguma outra coisa em sua cabeça.

– Interessante – completa Beetee. – Nós dois achamos.

Tenho uma sensação ruim, sabendo que o distrito deles deve ter sofrido muito mais do que o nosso. Sinto que tenho de defender o meu povo.

– Bom, a população não é tão grande no 12. É claro que ninguém diria isso hoje em dia pela quantidade de Pacificadores que andam por lá. Mas acho que temos lá o nosso interesse.

Quando mudamos para a estação de abrigo, Wiress para e olha para as arquibancadas onde os Idealizadores dos Jogos estão zanzando de um lado para ao outro, comendo e bebendo, às vezes notando a nossa presença.

– Olha – diz ela, balançando ligeiramente a cabeça na direção deles. Levanto os olhos e vejo Plutarch Heavensbee em seu magnífico manto púrpura com o colarinho revestido com pele e que o designa como Chefe dos Idealizadores dos Jogos. Ele está comendo uma perna de peru.

Não sei por que isso merece algum comentário, mas digo:

– É isso aí, ele foi promovido a Chefe dos Idealizadores dos Jogos esse ano.

– Não, não. Lá no canto da mesa. Dá para ver... – diz Wiress.

Beetee aperta os olhos embaixo dos óculos.

– Acabei de distinguir.

Olho naquela direção, perplexa. E, então, vejo. Um pedacinho de espaço com mais ou menos 15cm^2 no canto da mesa parece estar quase vibrando. É como se o ar estivesse se mexendo em diminutas ondas visíveis, distorcendo as bordas rígidas da madeira e uma taça de vinho que alguém deixou por lá.

– Um campo de força. Eles colocaram um campo de força entre os Idealizadores dos Jogos e nós. Fico imaginando o motivo – diz Beetee.

– Provavelmente eu – confesso. – No ano passado, dei uma flechada neles durante minha sessão de treinamento particular. – Beetee e Wiress olham para mim com curiosidade. – Eu fui provocada. Quer dizer então que todos os campos de força possuem um ponto como aquele ali?

– Uma brecha – diz Wiress, vagamente.

– Na armadura, diria eu – completa Beetee. – O ideal seria que fosse invisível, não acha?

Quero perguntar mais coisas a eles, mas o almoço é anunciado. Olho para Peeta, mas ele está com um grupo de mais ou menos dez vitoriosos, então decido comer com o pessoal do Distrito 3 mesmo. Talvez consiga convencer Seeder a se juntar a nós.

Quando nos dirigimos ao refeitório, vejo que alguns membros da gangue de Peeta têm outras ideias. Eles estão arrastando todas as mesas menores para formar uma mesa grande de modo que somos todos obrigados a comer juntos. Agora não sei o que fazer. Mesmo na escola, costumava evitar uma mesa cheia de gente. Para ser franca, provavelmente teria me sentado sempre sozinha se Madge não tivesse adquirido o costume de se juntar a mim. Acho que teria comido com Gale, só que, como temos uma diferença de dois anos, nosso almoço nunca era servido na mesma hora.

Pego uma bandeja e começo a percorrer os carrinhos de comida que estão dispostos na sala. Peeta me alcança no cozido.

– Como andam as coisas?

– Tudo bem. Tudo ótimo. Gosto dos vitoriosos do Distrito 3 – digo. – Wiress e Beetee.

– É mesmo? Todo mundo os acha uma piada.

– Por que será que isso não me surpreende? – Penso em Peeta, sempre cercado por uma multidão de amigos na escola. Na verdade, é impressionante que ele alguma vez tenha reparado em mim, exceto, talvez, para pensar que eu era esquisita.

– Johanna colocou os apelidos de Pancada e Faísca neles – diz ele. – Acho que ela é Pancada e ele é Faísca.

– Então sou uma idiota por pensar que talvez eles pudessem ser de alguma utilidade? Por causa de uma coisa que Johanna Mason disse enquanto passava óleo nos peitos para lutar – rebato.

– Na realidade, acho que o apelido existe há anos. Não estava querendo ofender ninguém. Só estou compartilhando informações.

– Bom, Wiress e Beetee são inteligentes. Eles inventam coisas. Só de olhar eles conseguiram perceber que um campo de força tinha sido colocado entre nós e os Idealizadores dos Jogos. E se a gente precisa de aliados, quero que sejam eles. – Jogo a colher de volta na panela do cozido, espirrando molho em nós dois.

– Por que você está tão irritada? – pergunta Peeta, limpando o molho da camisa. – É porque fiquei implicando com você no elevador? Desculpe. Pensei que fosse achar engraçado.

– Esquece isso – digo balançando a cabeça. – São muitas coisas.

– Darius.

– Darius. Os Jogos. Haymitch obrigando a gente a se enturmar com os outros – digo.

– Pode ser apenas eu e você, sabia?

– Eu sei. Mas de repente Haymitch tem razão. Não fala para ele que eu disse isso, mas normalmente ele tem razão. No que diz respeito aos Jogos.

– Bom, você pode ter a palavra final sobre nossos aliados. Mas, nesse exato momento, estou inclinado a pegar Chaff e Seeder – diz Peeta.

– Para mim Seeder está beleza, mas não Chaff. – Pelo menos ainda não.

– Vem comer comigo. Prometo que não vou deixar que ele lhe beije de novo – diz Peeta.

Chaff não parece tão chato no almoço. Ele está sóbrio e, apesar de falar alto demais e contar piadas grosseiras em excesso, a maioria é sobre ele mesmo. Consigo ver porque ele se encaixaria tão bem com Haymitch, cujos pensamentos são sempre tão soturnos. Mas ainda não tenho certeza se estou preparada para participar da mesma equipe que ele.

Esforço-me ao máximo para ser mais sociável, não apenas com Chaff, mas também com o grupo em geral. Depois do almoço, participo da estação dos insetos comestíveis com os tributos do Distrito 8 – Cecelia, que deixou três filhos em casa, e Woof, um cara realmente velho que é difícil de se

ouvir e que não parece ter a menor ideia do que está acontecendo, já que passa o tempo todo tentando enfiar besouros venenosos na boca. Gostaria muito de poder mencionar que conheci Twill e Bonnie na floresta, mas não consigo descobrir como fazer isso. Cashmere e Gloss, o casal de irmãos do Distrito 1, me convidam a me juntar a eles e passamos um tempo fazendo redes de dormir. Eles são educados, porém reservados, e eu passo o tempo todo pensando em como matei os dois tributos do distrito deles, Glimmer e Marvel, ano passado, e que eles provavelmente os conheciam e talvez tenham até sido seus mentores. Tanto a minha rede, quanto a tentativa de me conectar com eles são medíocres, na melhor das hipóteses. Junto-me a Enobaria no treinamento de espada e trocamos algumas palavras, mas é visível que nenhuma das duas partes está interessada em montar uma equipe. Finnick aparece novamente quando estou pegando dicas de pescaria, mas praticamente apenas para me apresentar a Mags, a senhora idosa que também é do Distrito 4. Entre seu sotaque característico e seu modo de falar confuso – ela possivelmente teve um derrame –, não consigo distinguir mais do que uma palavra a cada quatro pronunciadas por ela. Mas juro que ela consegue fazer um anzol decente a partir de qualquer coisa – um espinho, um ossinho da sorte, um brinco. Depois de um tempo, deixo de me concentrar no treinador e apenas tento copiar o que quer que Mags esteja fazendo. Quando faço um gancho bastante razoável a partir de um prego torto e o prendo com alguns fios de meu cabelo, ela me olha com um sorriso desdentado e faz um comentário ininteligível que imagino ser um cumprimento. Subitamente, lembro de como ela se apresentou como voluntária para substituir uma mulher jovem e histérica de seu distrito. Não pode ter sido porque ela imaginava ter alguma chance de vencer. Ela fez aquilo para salvar a garota, exatamente como eu me apresentei no ano passado para salvar Prim. E decido que a quero em minha equipe.

Ótimo. Agora preciso voltar e contar a Haymitch que quero uma mulher de oitenta anos além de Pancada e Faísca como aliados. Ele vai adorar.

Então desisto de tentar fazer amizades e vou direto para o treinamento de arco e flecha em busca de alguma sanidade. É uma maravilha estar lá, experimentar todos aqueles arcos e flechas diferentes. O treinador, Tax, vendo que os alvos parados não ofereciam desafio para mim, começa a lançar ao ar uns ridículos pássaros falsos para que eu os atinja. Inicialmente parece uma coisa imbecil, mas depois até que fica divertido. Muito mais

parecido com caçar uma criatura que está se movendo. Como estou acertando tudo, ele começa a aumentar o número de pássaros que joga para o ar. Esqueço o resto do ginásio, os vitoriosos, toda a minha tristeza e me perco nas flechadas. Quando consigo abater cinco pássaros em uma rodada, percebo que está tudo tão quieto que dá até para ouvir cada um deles caindo no chão. Viro-me e vejo que a maioria dos vitoriosos parou para assistir à minha performance. Os rostos deles exprimem tudo, de inveja a ódio e admiração.

Depois do treinamento, Peeta e eu nos juntamos e ficamos esperando que Haymitch e Effie apareçam para o jantar. Quando somos chamados para a refeição, Haymitch vai logo em cima de mim.

– Quer dizer então que metade dos vitoriosos instruiu seus mentores a solicitar você como aliada? Sei que isso não pode ser em virtude da sua personalidade solar.

– Eles a viram atirar com o arco e flecha – diz Peeta, com um sorriso. – Para falar a verdade, eu a vi atirando com o arco e flecha de verdade, pela primeira vez. Eu mesmo estou quase fazendo uma solicitação formal.

– Você é assim tão boa? – pergunta Haymitch. – Tão boa que até Brutus quer você?

Dou de ombros.

– Mas eu não quero Brutus. Quero Mags e o Distrito 3.

– É claro que quer. – Haymitch suspira e pede uma garrafa de vinho. – Vou dizer para todo mundo que você ainda está se decidindo.

Depois da minha exibição com o arco e flecha, ainda sou vítima de algumas implicâncias, mas não tenho mais a sensação de que estão gozando com a minha cara. Na verdade, a sensação que tenho é de ter sido, de alguma maneira, iniciada no círculo dos vitoriosos. Durante os dois dias seguintes, passo um tempo com quase todo mundo que estará na arena. Inclusive os morfináceos que, com a ajuda de Peeta, me pintam com um campo de flores amarelas como pano de fundo. Até com Finnick, que me dá uma hora de aula de tridente em troca de uma hora de instruções de arco e flecha. E quanto mais conheço essas pessoas, pior. Porque, no geral, não as odeio. E de algumas até gosto. E várias delas estão tão arrasadas que meu instinto natural seria protegê-las. Mas todas elas devem morrer para que eu consiga manter Peeta vivo.

O último dia de treinamento se encerra com nossas sessões particulares. Cada um de nós fica quinze minutos diante dos Idealizadores

dos Jogos, com o intuito de maravilhá-los com nossas habilidades, mas não sei o que teríamos de mostrar a eles. Há muita brincadeira sobre isso na hora do almoço. O que teríamos de fazer? Cantar, dançar, tirar a roupa, contar piadas. Mags, que agora consigo entender um pouco melhor, decide que vai tirar uma soneca e pronto. Não sei o que vou fazer. Dar algumas flechadas, quem sabe. Haymitch disse para surpreendê-los, se pudesse, mas não me ocorre nenhuma ideia.

Na condição de representante feminina do 12, sou escalada para ser a última. A sala de jantar vai ficando cada vez mais quieta à medida que os tributos começam a sair para realizar suas apresentações. É mais fácil manter o jeito irreverente e invencível que adotamos quando estamos num grupo maior. À medida que as pessoas vão desaparecendo porta afora, tudo em que consigo pensar é que todos ali possuem no máximo mais alguns dias de vida.

Peeta e eu ficamos finalmente sozinhos. Ele segura a minha mão por cima da mesa.

– Já decidiu o que vai fazer para entreter os Idealizadores dos Jogos?

Balanço a cabeça em negativa.

– Esse ano não vai dar mesmo para usá-los como alvo, com aquele campo de força e coisa e tal. De repente vou fazer alguns anzóis. E você?

– Não faço a menor ideia. Sempre fico pensando em fazer um pão ou qualquer coisa assim – diz ele.

– Faz mais algumas camuflagens – sugiro.

– Se os morfináceos tiverem deixado alguma coisa para mim – diz ele, debochado. – Os caras ficaram grudados nessa estação desde que o treinamento começou.

Permanecemos sentados em silêncio durante um tempo e, então, liberto o fardo que está preso não só na minha mente como também na dele.

– Como é que a gente vai matar esse pessoal, Peeta?

– Não sei. – Ele curva a testa em direção às nossas mãos entrelaçadas.

– Não os quero como aliados. Por que será que o Haymitch quis que a gente os conhecesse melhor? – pergunto. – Vai ser bem mais difícil do que da primeira vez. Com exceção de Rue, talvez. Mas imagino que nunca conseguiria matá-la mesmo. Ela era parecida demais com Prim.

Peeta levanta os olhos para mim, a testa vincada em pensamento.

– A morte dela foi a pior de todas, não foi?

– Nenhuma delas foi bonita – digo, pensando no fim que tiveram Glimmer e Cato.

Peeta é chamado, e fico sozinha esperando. Quinze minutos se passam. Em seguida meia hora. Quase quarenta minutos depois, sou chamada.

Quando entro, sinto o cheiro forte de detergente e reparo que uma das esteiras foi arrastada para o centro da sala. O clima é bem diferente do ano passado, quando os Idealizadores dos Jogos estavam meio bêbados e beliscando distraidamente os petiscos do banquete à disposição deles. Eles sussurram entre eles, aparentemente chateados. O que será que Peeta fez? Será que foi algo que os deixou irritados?

Sinto uma pontinha de preocupação. Isso não é nada bom. Não quero que Peeta seja escolhido como alvo da raiva dos Idealizadores dos Jogos. Isso faz parte das minhas funções. Afastar Peeta dos problemas. Mas como foi que ele os deixou irritados? Porque eu adoraria fazer exatamente isso e muito mais. Destruir a empáfia daqueles que usam seus cérebros para encontrar maneiras divertidas de nos matar. Fazer com que eles percebam que, apesar de sermos vulneráveis às crueldades da Capital, eles também são.

Vocês fazem ideia do quanto eu os odeio?, penso. *Vocês, que deram seus talentos para os Jogos, vocês fazem ideia?*

Tento olhar para Plutarch Heavensbee, mas parece que ele está me ignorando deliberadamente, como fez durante todo o período de treinamento. Lembro de como ele me procurou para dançar, de como estava satisfeito em me mostrar o tordo em seu relógio. Seu jeito amigável não tem lugar aqui. E como poderia ter, já que sou um mero tributo e ele é o Chefe dos Idealizadores dos Jogos? Tão poderoso, tão distante, tão seguro...

De repente, sei exatamente o que vou fazer. Algo que vai acabar com qualquer coisa que Peeta tenha feito. Dirijo-me à estação de elaboração de nós e pego uma corda comprida. Começo a manipulá-la, mas é difícil porque nunca fiz realmente esse nós sem ajuda de ninguém. Eu só observei os dedos espertos de Finnick, e eles se moviam com muita rapidez. Depois de mais ou menos dez minutos, estou com um nó bastante respeitável. Arrasto um dos bonecos-alvo para o meio da sala e, usando algumas barras de ferro, penduro-o pelo pescoço. Amarrar suas mãos atrás das costas seria perfeito, mas acho que eu perderia tempo demais. Corro para a estação de camuflagem, onde alguns dos outros tributos, sem dúvida nenhuma os morfináceos, fizeram uma bagunça colossal. Mas acho uma garrafinha de

suco de amoras cor de sangue cheia até a metade que vai me servir muito bem. O tecido cor de carne da pele do boneco funciona como uma ótima tela absorvente. Usando os dedos, escrevo cuidadosamente duas palavras com o suco vermelho no corpo do boneco, escondendo-as de todos. Em seguida, me afasto rapidamente para observar a reação nos rostos dos Idealizadores dos Jogos assim que eles começam a ler o nome que está escrito no corpo do boneco.

SENECA CRANE.

O efeito nos Idealizadores dos Jogos é imediato e satisfatório. Vários deixam escapar uns gritinhos. Outros soltam as taças de vinho, que se despedaçam musicalmente no chão. Dois parecem estar pensando seriamente na possibilidade de desmaiar. A aparência de choque é unânime.

Agora, tenho a atenção de Plutarch Heavensbee. Ele olha fixamente para mim enquanto o suco do pêssego que esmagou em sua mão escorre por seus dedos. Por fim, ele limpa a garganta e diz:

– Pode ir agora, senhorita Everdeen.

Curvo a cabeça respeitosamente e me viro para sair, mas no último instante não consigo resistir e acabo jogando a garrafinha de suco atrás de mim. Ouço o conteúdo da embalagem espirrando no boneco-alvo, enquanto mais algumas taças de vinho se quebram. Quando o elevador se fecha na minha frente, vejo que ninguém se mexeu.

Aquilo os surpreendeu, penso. Foi uma ação imprudente e perigosa, e sem dúvida nenhuma, pagarei dez vezes por ela. Mas, por enquanto, sinto algo similar a um regozijo e me permito saborear a sensação.

Quero encontrar Haymitch imediatamente e lhe contar sobre a sessão, mas não há ninguém por perto. Imagino que estejam se preparando para o jantar e decido tomar um banho, já que minhas mãos estão impregnadas de suco. Debaixo do chuveiro, começo a ponderar acerca da sabedoria de meu último truque. A questão que agora deveria ser o meu guia é: "Isso vai ajudar a manter Peeta vivo?" Indiretamente, isso provavelmente não vai ajudar. O que acontece no treinamento é altamente secreto, portanto, não faz sentido tomar alguma medida contra mim, já que ninguém vai saber qual foi a minha transgressão. Na realidade, no ano passado, fui recompensada pela minha petulância. Mas esse aqui foi um tipo diferente de crime. Se os Idealizadores dos Jogos ficarem zangados comigo e decidirem me punir na arena, Peeta também poderia sofrer as represálias por tabela. Talvez eu tenha sido impulsiva demais. Mesmo assim... não posso dizer que esteja arrependida.

Quando estamos todos reunidos para o jantar, noto que as mãos de Peeta estão ligeiramente manchadas com uma variedade de cores, muito

embora seus cabelos ainda estejam molhados do banho. Ele deve ter feito alguma coisa relacionada a camuflagem, afinal de contas. Assim que a sopa é servida, Haymitch vai direto ao ponto que está na cabeça de todos.

– E então, como é que foi a sessão particular de vocês?

Troco olhares com Peeta. De alguma maneira, não estou tão ansiosa para descrever em palavras o que eu fiz. Na calma da sala de jantar, parece algo muito radical.

– Você primeiro – digo a ele. – Deve ter sido uma coisa bem especial mesmo. Precisei esperar quarenta minutos para entrar.

Peeta parece estar acometido pela mesma relutância que estou experimentando.

– Bom, eu... eu fiz uma camuflagem, como você sugeriu, Katniss. – Ele hesita. – Não exatamente uma camuflagem. Enfim, usei tintura.

– Para fazer o quê? – pergunta Portia.

Penso em como os Idealizadores dos Jogos estavam atarantados quando entrei no ginásio para a minha sessão. O cheiro de detergente. A esteira disposta naquele ponto no centro do ginásio. Será que isso foi feito para esconder alguma coisa que eles não foram capazes de limpar?

– Você pintou alguma coisa, não foi? Um quadro.

– Você viu? – pergunta Peeta.

– Não. Eles fizeram questão de esconder tudo.

– Bom, isso deve ser um procedimento padrão. Eles não podem deixar um tributo saber o que o outro fez – diz Effie, sem demonstrar preocupação. – O que você pintou, Peeta? – Ela parece um pouco triste. – Foi um retrato de Katniss?

– Por que ele pintaria um retrato meu, Effie? – pergunto, mais ou menos perturbada.

– Para mostrar que ele vai fazer tudo que puder para defender você. Pelo menos, isso é o que todo mundo na Capital está esperando. Ele não se apresentou como voluntário para ir com você? – diz Effie, como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Na verdade, fiz um retrato de Rue – diz Peeta. – Da aparência dela depois que Katniss cobriu seu corpo com flores.

Faz-se uma longa pausa na mesa enquanto todos absorvem a notícia.

– E o que exatamente você estava tentando conseguir com isso? – pergunta Haymitch com um tom de voz bem-medido.

– Não tenho certeza. Só queria fazer com que eles se sentissem responsáveis, pelo menos por um instante – diz Peeta, por terem matado aquela garotinha.

– Mas isso é uma coisa horrível. – Effie parece estar a ponto de chorar. – Esse tipo de pensamento, Peeta... isso é proibido. Absolutamente proibido. Você só vai trazer mais problemas para você e para Katniss.

– Tenho que concordar com Effie nesse ponto – diz Haymitch. Portia e Cinna permanecem em silêncio, mas seus rostos estão muito sérios. É claro que eles têm razão. Mas mesmo estando preocupada, acho fantástico o que ele fez.

– Imagino que esse seja um momento ruim para dizer que enforquei um boneco-alvo com o nome Seneca Crane pintado em cima – digo. Minhas palavras têm o efeito desejado. Depois de um instante de descrença, todo o clima de desaprovação reinante na sala me atinge como uma tonelada de tijolos.

– Você... enforcou... Seneca Crane? – diz Cinna.

– Enforquei sim. Estava exibindo minhas novas habilidades com nós e a cabeça dele foi parar, nem sei bem como, no meio do nó.

– Oh, Katniss – diz Effie com a voz abafada. – Como é que você sabia disso, para começo de conversa?

– Isso é segredo? O presidente Snow não deu a entender que era. Na verdade, ele parecia bem ansioso para que eu soubesse – digo. Effie sai da mesa com o guardanapo preso ao rosto. – Agora consegui perturbar Effie. Deveria ter mentido e dito que tinha dado umas flechadas.

– Imagina se a gente tivesse planejado tudo isso – diz Peeta, dando um sorrisinho discreto na minha direção.

– E não planejaram? – pergunta Portia. Seus dedos fecham suas pálpebras com firmeza, como se estivesse querendo se livrar de uma luz muito intensa.

– Não – digo, olhando para Peeta com um novo tipo de apreensão. – Nenhum dos dois tinha a menor ideia do que o outro ia fazer.

– E, Haymitch? – diz Peeta. – Decidimos que não queremos nenhum outro aliado na arena.

– Bom. Assim não vou me responsabilizar por terem matado algum amigo meu com toda essa estupidez de vocês – diz ele.

– Era exatamente o que a gente estava pensando – digo a ele.

Terminamos a refeição em silêncio, mas quando nos levantamos para ir até a sala de estar, Cinna me dá um abraço apertado e diz:

– Vamos lá ver como é que foram essas notas do treinamento.

Ficamos reunidos ao redor da televisão e uma Effie de olhos vermelhos se junta a nós. Os rostos dos tributos aparecem, distrito por distrito, e suas notas piscam debaixo de suas fotos. De um a doze. Previsivelmente, as notas mais altas vão para Cashmere, Gloss, Brutus, Enobaria e Finnick. De baixas a médias para os outros.

– Alguma vez já deram zero para alguém? – pergunto.

– Não, mas há uma primeira vez para tudo – responde Cinna.

E acontece que ele está certo. Porque quando Peeta e eu tiramos ambos doze novamente, nós entramos para a história dos Jogos Vorazes. Mas ninguém está com muito espírito para comemorações.

– Por que eles fizeram isso? – pergunto.

– Para que os outros não tenham nenhuma escolha a não ser colocar vocês como alvos preferenciais – diz Haymitch friamente. – Vão dormir. Não suporto mais olhar para cara de vocês.

Peeta me leva até meu quarto em silêncio, mas antes que possa me dar boa-noite eu o abraço e apoio a cabeça em seu peito. Suas mãos deslizam pelas minhas costas e seu rosto encosta em meus cabelos.

– Desculpe se piorei tudo – digo.

– Você não piorou mais do que eu. Mas venha cá, por que você fez isso afinal?

– Não sei. Para mostrar que sou mais do que uma simples peça dos Jogos deles, talvez?

Ele ri um pouco, sem dúvida lembrando da noite antes dos Jogos do ano passado. Estávamos no terraço, nenhum dos dois conseguia dormir. Peeta dissera algo parecido com isso na ocasião, mas eu não entendi o que ele queria dizer. Agora eu entendo.

– Eu também – diz ele. – E não estou dizendo que não vou tentar. Enfim, tentar levar você de volta para casa. Mas para ser totalmente honesto em relação a isso...

– Se você quer mesmo ser totalmente honesto em relação a isso, então, você não acha que o presidente Snow, provavelmente, deu ordens diretas para eles não deixarem a gente sair com vida daquela arena?

– Isso passou pela minha cabeça – diz Peeta.

Passou pela minha também. Repetidamente. Mas, apesar de saber que jamais sairei com vida daquela arena, ainda estou me fiando à esperança de que Peeta sairá. Afinal, não foi ele quem estendeu aquelas amoras. Fui eu. Ninguém jamais duvidou que a desobediência de Peeta era motivada pelo amor. Então talvez o presidente Snow prefira mantê-lo vivo, arrasado e magoado, como um alerta em carne e osso para os outros.

– Mas mesmo que isso aconteça, todo mundo vai saber que perdemos lutando, certo? – pergunta Peeta.

– Todo mundo – respondo. E pela primeira vez me distancio da tragédia pessoal que tem me consumido desde o anúncio do Massacre. Lembro do velho que eles mataram no Distrito 11, de Bonnie e Twill, e dos boatos dos levantes. Sim, todos nos distritos vão me assistir para ver como vou lidar com essa sentença de morte, esse ato final do domínio do presidente Snow. Eles vão procurar algum sinal de que suas batalhas não foram em vão. Se eu conseguir deixar claro que ainda estou desafiando a Capital até o fim, a Capital terá me matado... mas não ao meu espírito. Existe por acaso melhor maneira de dar esperança aos rebeldes?

A beleza dessa ideia é que a minha decisão de manter Peeta vivo às custas de minha própria vida é em si um ato de desobediência. Uma recusa em disputar os Jogos Vorazes de acordo com as regras da Capital. Minha agenda pessoal se junta completamente com minha agenda pública. E se eu realmente puder salvar Peeta... em termos de uma revolução, isso seria o ideal. Porque terei mais valor morta. Eles podem me transformar em alguma espécie de mártir para a causa e colocar o meu retrato em cartazes, e isso vai servir mais para conquistar seguidores do que qualquer coisa que eu pudesse fazer se estivesse viva. Mas Peeta teria mais valor vivo, o que é algo trágico, porque ele será capaz de transformar sua dor em palavras que, por sua vez, transformarão o povo.

Peeta ficaria louco se soubesse que eu estava pensando esse tipo de coisa, de modo que digo apenas:

– Então o que a gente devia fazer nos nossos últimos dias?

– Só quero passar todos os minutos possíveis do resto da minha vida com você – responde Peeta.

– Vem cá, então – digo, puxando-o para o meu quarto.

Parece um grande luxo dormir novamente com Peeta. Não havia percebido até agora o quanto estava sedenta de contato humano. Da sensação de tê-lo ao meu lado no escuro. Gostaria muito de não ter

desperdiçado as últimas noites evitando-o. Mergulho no sono, envolvida em seu calor, e quando abro novamente os olhos, a luz do sol está entrando pelas janelas.

– Sem pesadelos – diz ele.

– Sem pesadelos – confirmo. – E você?

– Nada. Já tinha esquecido de como era uma verdadeira noite de sono.

Ficamos deitados por um tempo, sem nenhuma pressa para começar o dia. Amanhã à noite será a entrevista na televisão, então hoje Effie e Haymitch vão passar o dia nos orientando. Mais salto alto e comentários sarcásticos, acho. Mas então a ruiva Avox entra com um bilhete de Effie dizendo que, devido à nossa recente turnê, tanto ela quanto Haymitch concordaram que sabemos nos comportar em público adequadamente. As sessões de treinamento foram canceladas.

– É mesmo? – diz Peeta, pegando o bilhete na minha mão e examinando-o. – Você sabe o que isso significa? Teremos o dia inteiro para nós dois.

– Mas é muito ruim a gente não poder ir a lugar algum – digo, em tom de lamentação.

– Quem disse que não?

O terraço. Pedimos um monte de comida, pegamos alguns cobertores e vamos direto para o terraço fazer um piquenique. Um piquenique de um dia inteiro no jardim repleto de sininhos de vento. Nós comemos. Ficamos deitados ao sol. Arranco algumas trepadeiras e uso o meu recém-adquirido conhecimento para dar nós e tecer redes. Peeta me desenha. Inventamos um jogo com o campo de força que cerca o terraço – um de nós joga uma maçã em cima do outro e a outra pessoa tem que pegá-la.

Ninguém nos perturba. No fim da tarde, deito-me com a cabeça no colo de Peeta e faço uma coroa de flores enquanto ele mexe nos meus cabelos, afirmando que está treinando fazer nós. Depois de um tempo, suas mãos ficam paradas.

– O que é?

– Gostaria muito de poder congelar esse momento, bem aqui, nesse instante, e viver assim para sempre – diz ele.

Normalmente essa espécie de comentário, o tipo que indica seu eterno amor por mim, faz com que eu me sinta mal e culpada. Mas estou me sentindo tão aconchegada e relaxada, e além de qualquer preocupação com

um futuro que jamais terei, que simplesmente deixo a palavra me escapar dos lábios:

– Tudo bem.

Posso ouvir o sorriso na voz dele.

– Então você permite?

– Permito.

Os dedos dele voltam para os meus cabelos e adormeço, mas ele me desperta para que eu veja o pôr do sol. É uma espetacular tonalidade alaranjada por trás dos arranha-céus da Capital.

– Imaginei que você não fosse querer perder isso.

– Obrigada – digo. Porque consigo contar nos dedos o número de vezes em que vi o sol se pondo e não quero perder mais nenhum.

Não nos juntamos aos outros para o jantar e ninguém nos convoca.

– Estou contente. Estou cansado de deixar todo mundo triste ao meu redor – diz Peeta. – Todo mundo chorando. Ou Haymitch... – Ele não precisa continuar.

Ficamos no terraço até a hora de dormir e então voltamos em silêncio para o meu quarto sem encontrar ninguém.

Na manhã seguinte, somos despertados pela equipe de preparação. A visão de Peeta e eu dormindo juntos é demais para Octavia, porque ela irrompe em lágrimas imediatamente.

– Você lembra o que o Cinna disse para a gente – diz Venia rigidamente. Octavia balança a cabeça em concordância e continua soluçando.

Peeta precisa voltar para seu quarto para a preparação, e sou deixada sozinha com Venia e Flavius. O costumeiro blá-blá-blá foi suspenso. Na realidade, há pouquíssima conversa além de pedidos para eu levantar o queixo ou fazer algum comentário sobre técnicas de maquiagem. Quase na hora do almoço, sinto alguma coisa pingando em meu ombro e me viro para encontrar Flavius, que está cortando os meus cabelos com lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto. Venia o encara com seriedade, então ele coloca delicadamente a tesoura em cima da mesa e sai.

Então resta somente Venia, cuja pele é tão pálida que suas tatuagens parecem estar saltando para fora dela. Quase rígida de determinação, ela faz meu cabelo, unhas e maquiagem; os dedos voando velozmente para compensar a ausência dos outros membros da equipe. O tempo todo, ela

evita o meu olhar. Só quando Cinna aparece para aprovar o meu visual e dispensá-la é que ela pega as minhas mãos, olha-me bem nos olhos e diz:

– Nós todos gostaríamos que você soubesse o... privilégio que tem sido para nós cuidar para que você fique cada vez mais linda. – Em seguida, sai às pressas da sala.

Minha equipe de preparação. Meus tolos, superficiais e afetuosos bichinhos de estimação, com suas obsessões por penas e festas, quase despedaçam o meu coração com sua despedida. Está mais do que claro pelas últimas palavras de Venia que todos nós sabemos que não voltarei. *Será que o mundo todo sabe disso?*, imagino. Olho para Cinna. Ele sabe, com certeza. Mas, como prometeu, não há perigo de escorrerem lágrimas de seus olhos.

– E então, o que vou vestir hoje à noite? – pergunto, examinando a bolsa que guarda o meu vestido.

– O presidente Snow escolheu ele mesmo o vestido – diz Cinna. Ele puxa o zíper da bolsa, exibindo um dos vestidos de noiva que usei na sessão de fotos. Seda branca e pesada com um decote baixo, e a cintura justa e mangas que caem dos punhos em direção ao chão. E pérolas. Pérolas por toda parte. Costuradas no vestido e em cordões em meu pescoço e formando a coroa para o véu. – Embora eles tenham anunciado o Massacre Quaternário na noite da sessão de fotos, as pessoas ainda assim votaram em seus vestidos favoritos, e este aqui foi o vencedor. O presidente disse que é para você usá-lo hoje à noite. Nossas objeções foram ignoradas.

Passo os dedos num pedacinho de seda, tentando entender os motivos do presidente Snow. Acho que como eu era a grande agressora, minha dor, minha perda e minha humilhação deveriam ser bem destacadas. Esse vestido, ele pensa, vai deixar isso claro. Transformar meu véu de noiva em uma mortalha é algo tão bárbaro que o golpe me atinge em cheio, me deixando com uma desagradável dor interior.

– Bom, seria uma pena desperdiçar um vestido tão bonito. – É tudo o que digo.

Cinna me ajuda a colocar o vestido com cuidado. Assim que ele se ajusta em meus ombros, me encolho com o fardo.

– Ele sempre foi assim tão pesado? – pergunto. Lembro de vários vestidos serem densos, mas esse aqui parece pesar uma tonelada.

– Tive de fazer algumas ligeiras alterações por causa da iluminação – diz Cinna. Balanço a cabeça, mas não consigo ver o que uma coisa tem a

ver com a outra. Ele calça os meus sapatos, coloca as joias e o véu. Retoca a maquiagem. Faz com que eu ande.

– Você está estonteante – diz ele. – Agora, Katniss, como esse corpete é bem justo, não quero que você levante os braços acima da cabeça. Bom, pelo menos até o rodopio.

– Vou rodopiar novamente? – pergunto, pensando em meu vestido do ano passado.

– Tenho certeza de que Caesar vai pedir para você dar um giro. E se ele não pedir, você mesma sugere. Só que não de imediato. Guarde a coisa para o final triunfal – instrui-me Cinna.

– Você me faz um sinal para que eu saiba quando – digo.

– Tudo bem. Algum plano para a entrevista? Sei que Haymitch deixou vocês dois por conta própria.

– Não, este ano vou improvisar. O mais engraçado é que não estou nem um pouco nervosa. – E não estou mesmo. Por mais que o presidente Snow me odeie, essa audiência da Capital é minha.

Encontramos com Effie, Haymitch, Portia e Peeta no elevador. Peeta está usando um elegante fraque e luvas brancas. O tipo de coisa que os noivos costumam usar quando se casam aqui na Capital.

No meu distrito, tudo é bem mais simples. Uma mulher normalmente aluga um vestido branco que foi usado centenas de vezes. O homem usa alguma coisa limpa que não seja roupa de trabalhar nas minas. Eles preenchem alguns formulários no Edifício da Justiça e recebem uma casa. Família e amigos se reúnem para uma refeição ou um pedaço de bolo, se puderem bancar. Mesmo que não possam, sempre tem uma canção tradicional que cantamos quando o novo casal cruza a soleira da casa. E temos nossa pequena cerimônia particular, onde eles acendem sua primeira fogueira, torram alguns pães e os compartilham. Talvez seja uma coisa antiquada, mas ninguém se sente realmente casado no Distrito 12 até que o pão seja torrado.

Os outros tributos já se reuniram fora do palco e estão conversando baixinho, mas quando Peeta e eu chegamos, todos ficam em silêncio. Percebo que estão olhando torto para meu vestido de noiva. Será que estão com inveja de sua beleza? Do poder que ele talvez tenha de manipular a multidão?

Finalmente Finnick diz:

– Não consigo acreditar que Cinna tenha mandado você vestir essa coisa.

– Ele não tinha outra escolha. Foi uma ordem do presidente Snow – digo, até certo ponto na defensiva. Não vou permitir que ninguém critique Cinna.

Cashmere joga seus abundantes cabelos louros para trás e dispara:

– Bom, você está ridícula. – Ela agarra a mão de seu irmão e o coloca no lugar para liderar nossa procissão em direção ao palco. Os outros tributos começam a se alinhar também. Estou confusa porque, apesar de estarem todos com raiva, alguns deles estão nos dando tapinhas de solidariedade nos ombros, e Johanna Mason, inclusive, para e endireita o meu colar de pérolas.

– Faz ele pagar por isso, certo? – diz ela.

Concordo balançando a cabeça, mas não sei o que ela está querendo dizer. Não até todos estarmos sentados no palco e depois de Caesar Flickerman, cabelos e rosto tingidos de lavanda esse ano, ter feito seu discurso de abertura e os tributos começado suas entrevistas. Essa é a primeira vez que percebo a profundidade da traição sentida entre os vitoriosos e a raiva que a acompanha. Mas eles são muito espertos, fantasticamente espertos em relação a como devem jogar esse jogo, porque tudo se reflete no governo e no presidente Snow em particular. Não todos. Há também os antigos, como Brutus e Enobaria, que só estão aqui para mais uma edição dos Jogos, e aqueles perplexos demais ou drogados demais ou perdidos demais para se juntar aos outros no ataque. Mas há vitoriosos suficientes ainda com a inteligência e os nervos para sair lutando.

Cashmere dá o pontapé inicial com um discurso sobre como ela simplesmente não consegue parar de chorar quando pensa em como as pessoas na Capital devem estar sofrendo porque nos perderão. Gloss recorda a delicadeza demonstrada aqui com ele e sua irmã. Beetee questiona a legalidade do Massacre em seu modo nervoso e ansioso, imaginando se o evento tem sido examinado escrupulosamente por especialistas ultimamente. Finnick recita um poema que escreveu para seu único amor verdadeiro na Capital, e mais ou menos uma centenas de pessoas parecem a ponto de desmaiar porque têm certeza de que ele está se referindo a elas. Quando Johanna Mason se levanta, já começa perguntando se alguma coisa não pode ser feita em relação a essa situação. Certamente

os criadores do Massacre Quaternário jamais previram tamanha paixão se formando entre os vitoriosos e o povo da Capital. Ninguém poderia ser cruel a ponto de cortar laços tão profundos. Seeder rumina em voz baixa a respeito de como, no Distrito 11, todos imaginam que o presidente Snow seja todo-poderoso. Então, se é mesmo todo-poderoso, por que ele não muda o Massacre? E Chaff, que vem logo atrás dela, insiste em que o presidente poderia mudar o Massacre se assim quisesse, mas ele não deve achar que isso tenha grande importância para muita gente.

Quando sou apresentada, a audiência já está em pandarecos. As pessoas choraram e caíram e até mesmo clamaram por mudanças. A visão que eles têm de mim naquele vestido de casamento branco de seda praticamente causa um tumulto. Não há mais eu, não há mais amantes desafortunados vivendo felizes para sempre, não há mais casamento. Posso até ver o profissionalismo de Caesar exibindo algumas falhas enquanto ele tenta acalmar todos para que eu possa falar, mas meus três minutos estão se esgotando rapidamente.

Finalmente ocorre uma calmaria e ele começa:

– Então, Katniss, obviamente essa é uma noite muito emotiva para todos. Você gostaria de falar alguma coisa?

Minha voz treme enquanto falo:

– Só que sinto muitíssimo por vocês não poderem comparecer ao meu casamento... mas estou contente por vocês pelo menos poderem me ver no meu vestido. Ele não é a coisa mais... a coisa mais linda do mundo? – Não preciso olhar para Cinna para localizar o sinal. Sei que esse é o momento certo. Começo a rodopiar lentamente, levantando as mangas do pesado vestido acima da cabeça.

Quando ouço os gritos da multidão, acho que é porque devo estar maravilhosa. Então reparo que uma coisa está se erguendo ao meu redor. Fumaça. De fogo. Não daquele material luminoso que usei no ano passado na carruagem, mas uma coisa muito mais real que devora o meu vestido. Começo a entrar em pânico quando a fumaça fica mais densa. Pedaços queimados de seda preta voam pelo ar, e pérolas começam a cair no palco. De alguma maneira, estou com medo de parar porque o meu corpo não parece estar queimando e sei que Cinna deve estar por trás do que quer que esteja acontecendo. Então, continuo girando e girando. Por um átimo de segundo, estou arquejando, completamente engolfada por estranhas chamas. Então, de imediato, o fogo desaparece. Começo a parar

lentamente, imaginando se estou nua e por que Cinna resolveu queimar o meu vestido de noiva.

Mas não estou nua. Estou num vestido com o exato desenho de meu vestido de casamento, só que da cor de carvão e feito de pequenas penas. Surpresa, levanto minhas longas e fluidas mangas no ar, e é aí que vejo a mim mesma na tela da televisão. Vestida toda de preto, exceto pelos pedacinhos brancos em minhas mangas. Ou será que deveria dizer asas?

Porque Cinna me transformou num tordo.

Ainda estou esfumaçando um pouco, portanto, é com uma mão hesitante que Caesar se aproxima para tocar o aparato em minha cabeça. A parte branca desapareceu com o fogo, deixando um véu liso e preto ajustado ao decote do vestido na parte de trás.

– Penas – diz Caesar. – Você está igual a um pássaro.

– Um tordo, eu acho – digo, batendo levemente as asas. – É o pássaro no broche que uso como símbolo.

Uma sombra de reconhecimento pisca no rosto de Caesar, e posso dizer que ele sabe que o tordo não é apenas um símbolo. Que ele passou a significar tantas coisas mais. Que o que será visto como uma troca de roupa vistosa na Capital repercutirá de uma maneira totalmente diferente nos distritos. Mas ele tenta lidar da melhor forma possível com a situação.

– Bom, vamos tirar o chapéu para o seu estilista. Acho que ninguém discordará de que isso é a coisa mais espetacular que jamais foi vista em uma entrevista. Cinna, você merece os nossos aplausos! – Caesar faz um gesto para que Cinna se levante. Ele o faz e se curva ligeiramente para a audiência. E subitamente sinto um medo enorme por ele. O que ele foi fazer? Algo terrivelmente perigoso. Um ato de rebelião em si. E ele o fez por mim. Eu lembro de suas palavras...

"Não se preocupe. Eu sempre canalizo as minhas emoções para o trabalho. Assim, não causo mal nenhum a ninguém além de mim mesmo."

... e eu sinto medo de ele ter causado mal a si mesmo de um modo irreversível. O impacto de minha flamejante transformação não passará despercebida ao presidente Snow.

A audiência, que até então estivera num silêncio proporcionado pela mais pura perplexidade, irrompe num aplauso selvagem. Mal consigo ouvir o sinal que indica que meus três minutos estão encerrados. Caesar me agradece e retorno ao meu assento, meu vestido agora mais leve do que o ar.

Quando passo por Peeta, que está se encaminhando para sua entrevista, seus olhos não se encontram com os meus. Sento-me cuidadosamente, mas

fora as fumacinhas aqui e ali, parece que, no geral, nada de grave aconteceu comigo, de modo que volto minha atenção para ele.

Caesar e Peeta são bastante entrosados desde a primeira vez que apareceram juntos no ano passado. O diálogo fácil entre os dois, com perguntas e respostas rápidas pautadas pelo bom humor e a habilidade de transitar para momentos de cortar o coração, como aquele em que Peeta confessou estar apaixonado por mim, tornaram os dois um enorme sucesso de audiência. Eles abrem a entrevista sem nenhum esforço com algumas piadas a respeito de incêndios, e penas, e frangos cozidos em excesso. Mas qualquer pessoa consegue ver que Peeta está preocupado, de modo que Caesar conduz a conversa para o assunto que está nas mentes de todos.

– E então, Peeta, como foi que você se sentiu quando, depois de tudo que passou, você descobriu que haveria o Massacre? – pergunta Caesar.

– Fiquei chocado. Enfim, num momento estou vendo Katniss linda naqueles vestidos de noiva e no outro... – Peeta hesita.

– Você se deu conta de que jamais haveria um casamento? – pergunta Caesar delicadamente.

Peeta faz uma longa pausa, como se estivesse decidindo alguma coisa. Ele olha para a audiência fascinada, em seguida para o chão e então finalmente para Caesar.

– Caesar, você acha que todos esses nossos amigos aqui conseguem guardar um segredo?

Um riso desconfortável emana da audiência. O que será que ele está querendo dizer com isso? Guardar um segredo de quem? O nosso mundo inteiro está assistindo.

– Tenho certeza absoluta disso – diz Caesar.

– Nós já estamos casados – diz Peeta, tranquilamente. A multidão reage com um pasmo generalizado, e sou obrigada a enterrar o rosto nas dobras de minha saia para que ninguém veja o meu pânico. Onde será que ele pretende chegar com isso, afinal de contas?

– Mas... como isso é possível? – pergunta Caesar.

– Ah, não foi um casamento oficial. Nós não fomos até o Edifício da Justiça ou qualquer coisa assim. Mas temos o nosso ritual de casamento no Distrito 12. Não sei como funciona nos outros distritos. Mas lá nós fazemos assim – diz Peeta, e descreve brevemente a história dos pães torrados.

– Os familiares de vocês estavam lá? – pergunta Caesar.

– Não, não contamos para ninguém. Nem para Haymitch. E a mãe de Katniss jamais teria aprovado uma coisa como essa. Mas veja bem, sabíamos que se nos casássemos na Capital, o ritual dos pães torrados não aconteceria. E nenhum dos dois queria, na verdade, esperar mais. Aí, num belo dia, resolvemos fazer a coisa – diz Peeta. – E, na nossa visão, estamos mais casados do que se tivéssemos assinado qualquer papel ou participado de qualquer festa de arromba.

– Quer dizer então que isso se deu antes do anúncio do Massacre? – diz Caesar.

– Claro que foi antes. Tenho certeza de que nunca faríamos isso depois de saber – diz Peeta, começando a parecer chateado. – Mas quem poderia adivinhar que uma coisa como essa iria ocorrer? Ninguém. Nós passamos pelos Jogos, nós fomos os vitoriosos, todo mundo parecia tão entusiasmado por nos ver juntos e aí, do nada... enfim, como é que poderíamos prever que uma coisa assim aconteceria?

– Vocês não poderiam, Peeta. – Caesar o abraça. – Como você mesmo disse, ninguém poderia. Mas tenho de confessar que estou contente por vocês dois terem tido pelo menos alguns meses de felicidade juntos.

Aplausos frenéticos. Como se tivesse sido encorajada, paro de observar as minhas penas e permito que a audiência veja o meu trágico sorriso de agradecimento. Os resíduos de fumaça das penas deixaram meus olhos lacrimejantes, o que acrescenta um toque perfeito à encenação.

– Eu não estou contente – diz Peeta. – Gostaria que pudéssemos ter esperado até que a coisa toda fosse feita de maneira oficial.

Isso deixa até Caesar surpreso.

– Certamente, um curto tempo é melhor do que tempo nenhum, você não acha?

– Talvez eu pudesse pensar assim também, Caesar – diz Peeta, amargurado –, não fosse pelo bebê.

Pronto. Ele fez novamente. Soltou uma bomba que aniquila os esforços de qualquer tributo que veio antes de mim. Bom, talvez não. Talvez esse ano ele tenha apenas acendido o fusível da bomba que os próprios vitoriosos estavam construindo. Na esperança de que alguém fosse capaz de detoná-la. Talvez pensando que ela estivesse no meu vestido de noiva. Desconhecendo o quanto confio nos talentos de Cinna, ao passo que Peeta não precisa de nada além de sua sagacidade.

Assim que explode, a bomba lança para todos os lados acusações de injustiça, barbarismo e crueldade. Até mesmo os mais ferrenhos adoradores da Capital, os mais sedentos pelos Jogos Vorazes, as pessoas que mais aprovam o banho de sangue não têm como ignorar, pelo menos por um instante, o quanto a coisa toda é hedionda.

Estou grávida.

A audiência não consegue absorver a notícia de imediato. Ela precisa atingir a todos, ser deglutida e confirmada por outras vozes antes que a multidão comece a soar como uma manada de animais feridos, gemendo, berrando, gritando por ajuda. E eu? Sei que meu rosto está sendo projetado num close extremo em todas as telas, mas não faço o menor esforço para escondê-lo. Porque, por um momento, inclusive, estou ponderando acerca do que Peeta acabou de dizer. Isso não é por acaso a coisa que eu mais abominava em relação ao casamento, em relação ao futuro? A perda de meus filhos para os Jogos? E agora isso poderia ser verdade, não poderia? Se eu não tivesse passado a minha vida construindo camadas e mais camadas de defesa até me encolher toda diante de uma mera sugestão de um casamento ou de uma família.

Caesar não consegue mais controlar a multidão, nem mesmo quando o sinal toca. Peeta balança a cabeça para se despedir e volta para seu assento sem falar mais nada. Posso ver os lábios de Caesar se mexendo, mas o lugar está um caos total e não consigo escutar uma palavra sequer. Só a explosão do hino, num volume tão alto que eu o sinto vibrando em meus ossos, nos deixa saber em que parte estamos no programa. Automaticamente me levanto e, ao fazê-lo, sinto a aproximação de Peeta. Lágrimas escorrem por seu rosto enquanto seguro sua mão. O quanto essas lágrimas podem ser reais? Será que isso é um reconhecimento de que ele foi acometido pelos mesmos temores que eu? Os mesmos que todos os vitoriosos? Que cada pai ou mãe em todos os distritos de Panem?

Volto os olhos para a multidão, mas os rostos da mãe e do pai de Rue dançam na frente de meus olhos. A dor deles. A perda deles. Volto-me espontaneamente para Chaff e ofereço-lhe minha mão. Sinto meus dedos envolvendo o cotoco que agora completa seu braço e o seguro com firmeza.

E então acontece. Ao longo de toda a fileira, os vitoriosos começam a se dar as mãos. Alguns de imediato, como os morfináceos, ou Wiress e Beetee. Outros ainda sem muita certeza, porém capturados pelas demandas daqueles que estão ao lado, como Brutus e Enobaria. Quando as últimas

notas do hino são ouvidas, todos nós, os vinte e quatro tributos estamos em pé formando uma linha contínua no que deve ser a primeira demonstração pública de unidade entre os distritos desde os Dias Escuros. É visível a percepção da cena à medida que as telas começam a ficar escuras. Mas já é tarde demais. Em meio à confusão, eles não nos cortaram a tempo. Todo mundo viu.

Agora há um tumulto no palco à medida que as luzes começam a se apagar e somos obrigados a voltar para o Centro de Treinamento aos tropeções. Eu me soltei de Chaff, mas Peeta me guia até o elevador. Finnick e Johanna tentam se juntar a nós, mas um Pacificador aflito os bloqueia e subimos sozinhos.

No momento em que saímos do elevador, Peeta agarra os meus ombros e diz:

– A gente não tem muito tempo. Quero que você me diga agora se preciso pedir desculpas por alguma coisa.

– Não precisa. – Foi um grande salto que ele deu sem o meu consentimento, mas estou muito feliz por não ter sabido de nada de antemão, por não ter tido tempo de criticar a iniciativa dele, por não ter permitido que qualquer culpa em relação a Gale desviasse a minha atenção do que eu realmente sinto pelo que Peeta fez. E eu me sinto forte.

Bem distante daqui existe um lugar chamado Distrito 12, onde minha mãe, minha irmã e meus amigos terão de lidar com as consequências dessa noite. A poucos minutos de viagem em um aerodeslizador, encontra-se uma arena onde, amanhã, Peeta e eu, e os outros tributos, enfrentaremos nossa própria punição. Mas mesmo que todos nós tenhamos um fim terrível, alguma coisa aconteceu naquele palco na noite de hoje que não poderá mais ser desfeita. Nós, vitoriosos, encenamos nosso próprio levante e, talvez, apenas talvez, a Capital não seja capaz de contê-lo.

Esperamos os outros voltarem, mas quando os elevadores se abrem, apenas Haymitch aparece.

– Está uma loucura lá. Todo mundo foi mandado para casa e eles cancelaram a reprise das entrevistas na televisão.

Peeta e eu saímos correndo em direção à janela e tentamos entender a agitação nas ruas.

– O que estão dizendo? – pergunta Peeta. – Eles estão pedindo que o presidente pare os Jogos?

– Acho que nem eles mesmos sabem o que pedir. A situação toda é inédita. Até a ideia de se opor à agenda política da Capital é uma fonte de confusão para as pessoas aqui – diz Haymitch. – Mas não há chance de o presidente Snow cancelar os Jogos. Vocês sabem disso, não sabem?

Eu sei. É claro que ele jamais poderia recuar agora. A única opção que lhe resta é reagir, e reagir com dureza.

– Os outros foram para casa? – pergunto.

– Mandaram que fossem. Não sei que sorte eles estão tendo ao passar no meio daquela multidão – diz Haymitch.

– Então a gente nunca mais vai ver a Effie – diz Peeta. Nós não a vimos na manhã em que os Jogos começaram no ano passado. – Você transmite a ela, por favor, os nossos agradecimentos.

– Mais do que isso. Faz uma coisa bem especial. Afinal de contas, é a Effie – digo. – Diz para ela o quanto estamos agradecidos e como ela foi a melhor acompanhante do mundo, e diz para ela também... diz para ela que nós a adoramos.

Por um tempo, ficamos apenas lá parados em silêncio, atrasando o inevitável. Então Haymitch diz:

– Acho que esse é o momento em que também me despeço de vocês.

– Algum último conselho? – pergunta Peeta.

– Fiquem vivos – diz Haymitch, de modo taciturno. Agora isso soa quase como uma piada antiga para nós. Ele nos abraça rapidamente e sou capaz de dizer que isso é o máximo que ele consegue suportar. – Vão dormir. Vocês precisam descansar.

Sei que deveria dizer um monte de coisas a Haymitch, mas não consigo pensar em nada que ele já não saiba, na verdade, e minha garganta está tão apertada que duvido muito que algo pudesse sair da minha boca de qualquer maneira. Então, mais uma vez, deixo Peeta falar por nós dois.

– Se cuida, Haymitch – diz ele.

Nós nos dirigimos ao quarto, mas na porta a voz de Haymitch nos faz parar.

– Katniss, quando você estiver na arena – começa ele, e em seguida para. Ele está me dando uma bronca que me faz ter certeza de que eu já o estou decepcionando.

– O quê? – pergunto, na defensiva.

– Basta se lembrar de quem é o inimigo – diz Haymitch. – Isso é tudo. Agora vai. Saiam daqui.

Descemos o corredor. Peeta quer passar no seu quarto para tomar um banho e retirar a maquiagem, e se encontrar comigo depois, mas não o deixo fazer isso. Tenho certeza de que, assim que a porta se fechar entre nós ela vai ser trancada e terei de passar a noite sem ele. Além do mais, tenho chuveiro no quarto. Eu me recuso a soltar a mão dele.

Nós dormimos? Não sei. Passamos a noite abraçados numa espécie de limbo entre sonhos e vigílias. Sem conversar. Ambos com medo de perturbar um ao outro, na esperança de sermos capazes de guardar alguns minutos preciosos de descanso que possam ser usados em alguma outra oportunidade.

Cinna e Portia chegam com a manhã, e sei que Peeta terá que ir embora. Os tributos entram na arena sozinhos. Ele me dá um beijinho discreto.

– A gente se vê – diz ele.

– A gente se vê.

Cinna, que me ajudará a vestir o traje para os Jogos, me acompanha ao terraço. Estou a ponto de pisar nos degraus da escada do aerodeslizador quando me lembro:

– Não me despedi de Portia.

– Eu falo com ela – diz Cinna.

A corrente elétrica me deixa paralisada na escada até que o médico injeta o rastreador no meu antebraço esquerdo. Agora eles sempre serão capazes de me localizar na arena. O aerodeslizador decola, e olho pela janela até baixarem as persianas.

Cinna continua insistindo para que eu coma algo e, diante das minhas negativas, insiste para que eu beba alguma coisa. Consigo bebericar um pouco de água pensando nos dias de desidratação que quase me mataram no ano passado. Pensando em como vou precisar ter forças para manter Peeta vivo.

Quando alcançamos a Sala de Lançamento na arena, tomo um banho. Cinna trança os meus cabelos nas costas e me ajuda a vestir o traje por cima de uma roupa de baixo bem simples. Este ano, o traje dos tributos é um macacão azul justinho no corpo, feito de um material diáfano, com um zíper na frente. Um cinto de dez centímetros de largura revestido de plástico púrpura brilhante. Um par de sapatos de nylon com solas de borracha.

– O que você acha? – pergunto, estendendo o tecido para Cinna examinar.

Ele franze a testa enquanto esfrega o fino material entre os dedos.

– Não sei. Isso aqui não vai garantir muita proteção contra o frio ou a água.

– E contra o sol? – pergunto, visualizando um sol implacável em um deserto estéril.

– Possivelmente. Se recebeu algum tipo de tratamento – diz ele. – Ah, já ia esquecendo. – Ele tira do bolso o meu broche com o tordo e o prende no macacão.

– Meu vestido estava fantástico ontem à noite. – Fantástico e imprudente. Mas Cinna já deve estar sabendo.

– Imaginei que talvez você gostasse – diz ele com um sorriso contido.

Nós nos sentamos, exatamente como fizemos no ano passado, de mãos dadas até que a voz diz que devo me preparar para o lançamento. Ele me acompanha até o prato de metal circular e fecha o zíper do meu macacão até o pescoço.

– Lembre-se, garota em chamas – diz ele –, ainda estou apostando em você. – Ele me beija na testa e dá um passo para trás quando o cilindro de vidro desliza para baixo ao meu redor.

– Obrigada – digo, embora, ele provavelmente não possa me ouvir. Levanto o queixo, mantendo a cabeça bem no alto, da maneira como ele sempre diz para eu fazer, e espero o prato subir. Mas ele não sobe. E continua sem subir.

Olho para Cinna, erguendo as sobrancelhas em busca de alguma explicação. Ele apenas balança ligeiramente a cabeça, tão perplexo quanto eu. Por que será que eles estão demorando tanto?

De repente, a porta atrás dele se abre com um estrondo e três Pacificadores entram no recinto. Dois deles prendem os braços de Cinna em suas costas e o algemam enquanto o terceiro o atinge na têmpora com tanta força que ele cai de joelhos no chão. Mas eles continuam batendo nele com luvas revestidas de metal, abrindo feridas em seu rosto e corpo. Estou quase arrebentando a cabeça de tanto berrar, dando socos no vidro rígido, tentando me aproximar dele. Os Pacificadores me ignoram completamente enquanto arrastam o corpo inerte de Cinna para fora do recinto. Tudo o que resta são manchas de sangue no chão.

Enojada e aterrorizada, sinto o prato começar a se erguer. Ainda estou encostada no vidro quando a brisa atinge meus cabelos e me forço a ficar na posição ereta. Bem na hora, porque o vidro está recuando e estou em pé na arena. Alguma coisa parece estar errada com a minha visão. O solo está brilhante demais e continua ondulando. Estreito os olhos em direção aos meus pés e vejo que meu prato de metal está cercado por ondas azuis que sobem por cima de minhas botas. Lentamente, levanto os olhos e consigo distinguir a água se espalhando por todas as direções.

Só consigo formar um único pensamento claro.

Esse não é um lugar para uma garota em chamas.

PARTE III

“O INIMIGO”

– Senhoras e senhores, está aberta a septuagésima quinta edição dos Jogos Vorazes! – A voz de Claudius Templesmith, o locutor oficial dos Jogos Vorazes, martela meus ouvidos. Tenho menos de um minuto para me situar. Então, o gongo vai soar e os tributos ficarão livres para sair de seus pratos de metal. Mas sair e ir para onde?

Não consigo ordenar os pensamentos. A imagem de Cinna, agredido e ensanguentado, me consome. Onde estará ele agora? O que estarão fazendo com ele? Torturando-o? Matando-o? Transformando-o em um Avox? Obviamente, o ataque a ele foi orquestrado para me desorientar, assim como a presença de Darius em meus aposentos. E isso me desorientou verdadeiramente. Tudo o que quero fazer é desabar em meu prato de metal. Mas não posso fazer isso depois do que acabei de testemunhar. Tenho de ser forte. Devo isso a Cinna, que arriscou tudo ao sabotar o presidente Snow, transformando a seda de meu vestido de noiva em plumagem de tordo. E devo aos rebeldes que, encorajados pelo exemplo de Cinna, talvez estejam lutando nesse exato momento para derrubar a Capital. Minha recusa em disputar os Jogos nos termos da Capital será o meu último ato de rebelião. Então, cerro os dentes e me convenço de que devo participar da disputa.

Onde você está? Ainda não consigo entender onde me encontro. *Onde você está?*, exijo de mim mesma uma resposta e lentamente o mundo começa a entrar em foco. Água azul. Céu róseo. Sol quente batendo de modo inclemente. Tudo bem, tem a Cornucópia, o brilhante chifre metálico de ouro a mais ou menos quarenta metros de onde estou. A princípio, ela parece estar em cima de uma ilha circular. Mas, após um exame mais escrupuloso, vejo as finas faixas de terra irradiando-se do círculo como os raios de uma roda. Acho que são dez ou doze, e parecem equidistantes uma da outra. Entre os raios, apenas água. Água e um par de tributos.

Então é isso. Há doze raios, cada qual com dois tributos equilibrados em pratos de metal entre eles. O outro tributo na minha fatia aquosa é o velho Woof do Distrito 8. A distância que me separa dele à minha direita é a mesma que me separa da faixa de terra à minha esquerda. Além da água, para onde quer que se olhe, há uma praia estreita e depois uma densa área

verde. Vasculho o círculo de tributos atrás de Peeta, mas ele deve estar fora de meu campo de visão devido à Cornucópia.

Pego um punhado de água e cheiro. Em seguida, encosto a ponta de meu dedo molhado na língua. Como suspeitava, a água é salgada. Exatamente como as ondas que Peeta e eu encontramos em nossa breve turnê na praia do Distrito 4. Mas pelo menos parece limpa.

Não há barcos nem cordas, nem mesmo algum pedaço de madeira à deriva em que se agarrar. Não, há apenas uma maneira de se alcançar a Cornucópia. Quando o gongo soa, nem hesito antes de mergulhar à minha esquerda. É uma distância maior do que a que estou acostumada, e cortar as ondas requer um pouco mais de habilidade do que nadar em meu tranquilo lago em casa, mas meu corpo parece estranhamente leve, e avanço na água sem muito esforço. Talvez seja o sal. Saio da água, pingando, subo na faixa de terra e corro pela areia em direção à Cornucópia. Não vejo mais ninguém convergindo para o meu lado, embora o chifre dourado esteja bloqueando uma boa parcela da minha visão. Mas não permito que a lembrança dos adversários diminua meu ritmo. Agora estou pensando como uma Carreirista, e a primeira coisa que quero é pôr as mãos em alguma arma.

Ano passado, os suprimentos foram bem espalhados ao redor da Cornucópia, sendo que os itens mais valiosos ficavam próximos ao chifre. Mas esse ano os objetos parecem estar empilhados na boca, que fica a sete metros do chão. Meus olhos instantaneamente percebem um arco dourado à distância de meu braço e o agarro.

Tem alguém atrás de mim. Não sei bem, mas acho que fui alertada por um suave movimento na areia ou talvez apenas por uma mudança nas correntes de ar. Puxo uma flecha da aljava que ainda está engatada na pilha e preparo o arco enquanto me viro.

Finnick, lindo e com o corpo brilhando, está a alguns metros de distância com um tridente em posição de ataque. Uma rede está pendendo de sua outra mão. Ele está sorrindo um pouco, mas os músculos na parte superior de seu corpo estão enrijecidos e preparados para o ataque.

– Você também sabe nadar – diz ele. – Onde foi que aprendeu isso no Distrito 12?

– A gente tem uma banheira bem grande lá em casa – respondo.

– Deve ter mesmo. Você gosta da arena?

– Não particularmente. Mas você tem cara de quem gosta. Eles devem ter construído isso aqui especialmente para você – digo, com uma pontinha de amargura. De qualquer modo é o que parece, com tanta água. Aposto que apenas alguns vitoriosos sabem nadar. E não havia nenhuma piscina no Centro de Treinamento, nenhuma chance de aprender. Ou você chegava aqui sabendo nadar ou seria obrigado a aprender numa velocidade assustadora. Até a participação no banho de sangue inicial depende da capacidade de ultrapassar vinte metros de água. Isso dá ao Distrito 4 uma enorme vantagem.

Por um momento, ficamos petrificados, avaliando um ao outro, nossas armas, nossas habilidades. Então Finnick de repente dá um sorrisinho e diz:

– Que sorte sermos aliados, não é mesmo?

Prevendo uma armadilha, estou a ponto de lançar uma flecha, na esperança de que ela atinja o coração dele antes que o tridente me empale, quando ele mexe a mão e algo em seu pulso reflete a luz do sol. Uma pulseira de ouro maciço com adornos em forma de chamas. A mesma que lembro de ter visto no pulso de Haymitch na manhã em que comecei o treinamento. Rapidamente, me passa pela cabeça que Finnick pode ter roubado o objeto para me enganar, mas algo me diz que esse não é o caso. Haymitch deu a pulseira a ele. Como um sinal para mim. Uma ordem, na realidade. Para que eu confie em Finnick.

Ouço outros passos se aproximando. Preciso decidir de imediato.

– Tudo bem! – digo com raiva, porque muito embora Haymitch seja meu mentor e esteja tentando me manter viva, isso me deixa irritada. Por que ele não me disse antes que tinha feito esse acordo? Provavelmente porque Peeta e eu havíamos dito que não queríamos aliados. Agora Haymitch escolheu um por conta própria.

–Abaixe-se! – ordena Finnick com uma voz tão poderosa, tão diferente de seu costumeiro ronronar sedutor, que obedeço na hora. Seu tridente sai voando por cima da minha cabeça e ouve-se um doentio som de impacto quando a arma atinge seu alvo. O homem do Distrito 5, o bêbado que vomitou durante a luta de espada, cai de joelhos no chão enquanto Finnick retira o tridente de seu peito.

– Nunca confie em ninguém do 1 ou do 2 – diz Finnick.

Não há tempo para questionar a afirmação. Libero a aljava de flechas.

– Cada um pega um lado? – digo. Ele balança a cabeça em concordância e disparo em volta da pilha. Mais ou menos quatro raios

além, Enobaria e Gloss estão alcançando a terra. Ou eles são nadadores lentos ou pensaram que talvez a água pudesse conter outros perigos, o que poderia muito bem ser verdade. Às vezes não é bom imaginar muitos cenários possíveis. Mas agora que estão na areia, eles vão chegar aqui em questão de segundos.

– Alguma coisa útil? – ouço Finnick gritar.

Rapidamente vasculho a pilha ao meu lado e encontro maçãs, arcos, flechas, tridentes, facas, lanças, machados, objetos metálicos que nem sei dizer o nome... e nada mais.

– Armas! – grito de volta. – Só armas!

– A mesma coisa aqui – confirma ele. – Pegue o que quiser e vamos embora daqui!

Atiro uma flecha em Enobaria, que se aproximou perigosamente, mas ela estava esperando o tiro e mergulha de volta na água antes de ser atingida pelo projétil. Gloss não é tão rápido, e eu meto uma flecha em sua panturrilha enquanto ele mergulha nas ondas. Ponho a tiracolo um arco sobressalente e uma segunda aljava de flechas, prendo duas facas compridas e um furador no cinto, e me encontro com Finnick em frente à pilha.

– Faça alguma coisa em relação àquilo, certo? – diz ele. Vejo Brutus correndo em nossa direção. Seu cinto está desatado e esticado entre suas mãos como uma espécie de escudo. Atiro nele e ele consegue bloquear a flecha com o cinto antes que ela possa dilacerar seu fígado. Do local onde ela atingiu o cinto espirra um líquido de cor purpúrea, cobrindo seu rosto. Enquanto engato uma outra flecha, Brutus cai no chão, rola os poucos metros que faltam até a água e submerge. Ouve-se um clangor de metal atrás de mim.

– Vamos dar o fora daqui – digo a Finnick.

Essa última altercação deu a Enobaria e a Gloss tempo para alcançar a Cornucópia. Brutus está numa área de alcance de tiro e, com certeza, Cashmere também deve estar em algum lugar nas proximidades. Esses quatro Carreiristas clássicos, sem dúvida nenhuma, possuem uma aliança previamente determinada. Se a minha única preocupação fosse minha própria segurança, talvez eu pudesse estar disposta a enfrentá-los com Finnick ao meu lado. Mas é em Peeta que estou pensando. Eu o avisto agora, ainda preso em seu prato de metal. Vou embora e Finnick me segue sem questionar, como se soubesse que esse seria o meu próximo passo.

Quando estou o mais perto que consigo chegar, começo a retirar as facas de meu cinto, preparando-me para nadar até ele e conseguir, de uma forma ou de outra, resgatá-lo.

Finnick toca o meu ombro.

– Eu o pego.

Uma sensação de desconfiança toma conta de mim. Será que tudo isso não passaria de um estratagema? De Finnick, para ganhar a minha confiança, então nadar e afogar Peeta?

– Eu consigo – insisto.

Mas Finnick deixou cair todas as suas armas no chão.

– É melhor não se exceder nos exercícios na condição em que você se encontra – diz ele, e se abaixa para acariciar o meu abdome.

Ah, certo. Era para eu estar grávida, penso. Enquanto estou tentando pensar no que isso significa e em como eu deveria reagir – quem sabe vomitar ou algo assim – Finnick se posiciona na margem da água.

– Me dê cobertura – diz ele. Ele desaparece com um mergulho perfeito.

Levanto o arco para manter afastados quaisquer agressores na Cornucópia, mas ninguém parece interessado em nos perseguir. Como era previsível, Gloss, Cashmere, Enobaria e Brutus se juntaram, o bando já formado e recolhendo as armas. Um rápido exame do resto da arena mostra que a maioria dos tributos ainda está presa em seus pratos. Espere aí, não! Tem alguém em pé no raio à minha esquerda, o que está em posição oposta a Peeta. É Mags. Mas ela nem se encaminha para a Cornucópia nem tenta fugir. Ao contrário, se joga na água e começa a nadar na minha direção, sua cabeça grisalha acima das ondas. Bom, ela é velha, mas imagino que, depois de oitenta anos vivendo no Distrito 4, ela consiga não se afogar.

Finnick agora alcançou Peeta e o está rebocando, um braço atravessado no peito dele enquanto o outro se encarrega de levá-los adiante na água num ritmo tranquilo. Peeta deixa-se levar sem nenhuma resistência. Não sei o que Finnick disse ou fez que o convenceu a confiar sua vida a ele – mostrou-lhe a pulseira, quem sabe. Ou então o fato de ele ter me visto talvez tenha sido suficiente. Quando eles alcançam a areia, eu ajudo a içar Peeta até a terra firme.

– Oi, de novo – diz ele, e me dá um beijo. – Temos aliados.

– Temos, sim. Exatamente como Haymitch queria – respondo.

– Diga-me, a gente fez acordo com mais alguém?

– Só com Mags, eu acho. Eu indico com a cabeça a mulher idosa vindo teimosamente em nossa direção.

– Bom, não posso deixar Mags para trás – diz Finnick. – Ela é uma das poucas pessoas que realmente gostam de mim.

– Não tenho nenhum problema com a Mags – digo. – Principalmente agora que estou vendo a arena. Os anzóis dela são provavelmente a nossa única chance de conseguir comida.

– Katniss a queria desde o primeiro dia – diz Peeta.

– Katniss possui uma notável capacidade para fazer bons julgamentos – diz Finnick. Ele vai até a água e, com uma das mãos, resgata Mags como se ela pesasse não mais do que um filhote de cachorro. Ela faz alguma observação que inclui a palavra "boia", e então dá um tapinha no cinto.

– Olha, ela tem razão. Alguém descobriu. – Finnick aponta para Beetee. Ele está se debatendo nas ondas, mas consegue manter a cabeça acima da superfície.

– O quê? – digo.

– Os cintos. Eles são dispositivos que flutuam – diz Finnick. – Você precisa dar um impulso para frente, mas eles não vão deixar você se afogar.

Quase peço a Finnick para esperar, para pegar Beetee e Wiress e levá-los conosco, mas Beetee está a três raios de distância e nem consigo ver onde está Wiress. Até onde sei, Finnick os mataria com a mesma rapidez que matou o tributo do Distrito 5, de modo que, em vez disso, sugiro que sigamos em frente. Dou um arco para Peeta, uma aljava de flechas e uma faca, deixando o resto comigo. Mas Mags cutuca o meu braço e reclama até eu dar o furador para ela. Satisfeita, ela encaixa o cabo entre as gengivas e estende os braços para Finnick. Ele joga a rede por cima do ombro, coloca Mags em cima dela, agarra seu tridente com a mão livre e saímos correndo da Cornucópia.

Onde termina a areia, uma floresta com árvores altas começa a surgir. Não, não exatamente uma floresta. Pelo menos, não o tipo de floresta que conheço. *Selva*. A palavra estrangeira, quase obsoleta, me vem à mente. Alguma coisa que eu ouvi de alguma outra edição dos Jogos Vorazes ou que aprendi com meu pai. A maioria das árvores é desconhecida para mim, com troncos lisos e poucos galhos. A terra é muito preta e esponjosa, obscurecida por emaranhados de trepadeiras com florações coloridas. Apesar do sol forte e brilhante, o ar é morno e pesado de tanta umidade, e tenho a sensação de que jamais me sentirei realmente seca aqui. O fino

tecido azul de meu macacão faz com que a água do mar evapore facilmente, mas ele já começou a grudar no corpo em função do suor.

Peeta vai na frente, cortando a densa vegetação com sua faca longa. Deixo Finnick em segundo lugar porque muito embora ele seja bem mais poderoso, suas mãos estão ocupadas com Mags. Além disso, apesar de ele ser um ás com o tridente, essa é uma arma menos adequada à selva do que as minhas flechas. Não demora muito até que, com a íngreme inclinação e o calor, todos comecem a ficar sem fôlego. Entretanto, Peeta e eu treinamos intensamente, e Finnick é um espécime cuja capacidade física é tão impressionante que até mesmo com Mags nos ombros nós conseguimos subir rapidamente por mais ou menos um quilômetro até ele solicitar uma parada para descansar. E acho que foi muito mais por causa de Mags do que por ele próprio.

A folhagem nos tira a vista da roda, de modo que escalo uma árvore com galhos emborrachados para ter uma visão melhor. Então, me dou conta do que preferia não ter visto.

Ao redor da Cornucópia, o solo parece estar sangrando, a água possui estrias purpúreas. Corpos estão jogados no chão e flutuando no mar, mas a essa distância, com todos vestidos exatamente da mesma maneira, não consigo dizer quem está vivo e quem está morto. Tudo o que eu posso dizer é que algumas das diminutas figuras azuladas ainda estão lutando. Bom, o que poderia imaginar? Que a cadeia de tributos de mãos dadas na noite de ontem resultaria em alguma espécie de trégua universal na arena? Não, jamais acreditei em tal coisa. Mas imagino ter tido a esperança de que as pessoas pudessem demonstrar um pouco de... de quê? Comedimento? Relutância, pelo menos. Antes de saltar diretamente para o modo massacre. *E vocês todos se conheciam*, penso. *Vocês se comportavam como se fossem amigos*.

Tenho somente um amigo verdadeiro aqui. E ele não é do Distrito 4.

Deixo a brisa leve e úmida refrescar as minhas bochechas enquanto decido. Apesar da pulseira, eu deveria simplesmente acabar com a história e dar uma flechada em Finnick. Não há, de fato, nenhum futuro nessa aliança. E ele é perigoso demais para ser deixado à solta. Essa confiança hesitante que temos agora parece ser a minha única chance de matá-lo. Poderia facilmente acertá-lo nas costas enquanto conversamos. É algo deplorável, é claro, mas por acaso seria mais deplorável se eu esperasse? Se eu o conhecesse melhor? Se eu passasse a dever ainda mais a ele? Não, a

hora é essa. Dou uma última olhada nas figuras que estão se digladiando no solo sangrento, para fortalecer a minha resolução, e então desço da árvore.

Mas quando aterrisso descubro que Finnick acompanhou meus pensamentos. Como se ele soubesse o que acabei de ver e como isso teria me afetado. Ele está com um dos tridentes erguido numa posição casualmente defensiva.

– O que está acontecendo lá embaixo, Katniss? Estão todos de mãos dadas? Fizeram votos de não violência? Jogaram as armas no mar em desafio à Capital? – pergunta Finnick.

– Não – digo.

– Não – repete Finnick. – Porque seja lá o que tenha acontecido no passado, agora é mais do que o passado. E ninguém nessa arena foi vitorioso por acaso. – Ele olha para Peeta por um instante. – Talvez com exceção de Peeta.

Então, Finnick sabe o que Haymitch e eu sabemos. A respeito de Peeta. A respeito de ele ser muito mais bondoso do que qualquer um de nós. Finnick tirou a vida daquele tributo do 5 sem piscar um olho. E quanto tempo eu levei para me tornar mortífera? Atirei para matar quando mirei Enobaria, Gloss e Brutus. Peeta teria pelo menos tentado fazer alguma negociação antes. Teria tentado ver se alguma aliança mais ampla não seria possível. As pessoas nessa arena não foram coroadas por conta da compaixão.

Olho fixamente para ele, avaliando sua velocidade contra a minha. O tempo que será necessário para que uma flecha atravesse seu cérebro contra o tempo que o tridente dele levará para atingir o meu corpo. Dá para ver que ele está esperando que eu faça o primeiro movimento. Calculando se deveria primeiro me bloquear ou ir diretamente para o ataque. Dá para sentir que ambos acabamos de encontrar uma solução para o impasse quando Peeta se coloca deliberadamente entre nós.

– Quantos estão mortos mesmo? – pergunta ele.

Sai daí seu idiota, penso. Mas ele permanece firmemente plantado entre nós dois.

– É difícil dizer – respondo. – Pelo menos seis, eu acho. E eles ainda estão lutando.

– Vamos seguir em frente. A gente precisa achar água – diz ele.

Até agora não apareceu nenhum sinal de córrego ou fonte de água, e água salgada não pode ser consumida. Mais uma vez, penso nos últimos

Jogos, quando quase morri desidratada.

– É melhor a gente achar isso logo – diz Finnick. – A gente precisa estar escondido quando os outros vierem nos caçar à noite.

A gente. Nós. Caçar. Tudo bem, de repente matar Finnick se revelasse uma atitude um pouco prematura. Ele tem sido prestativo até agora. Ele possui efetivamente o selo de aprovação de Haymitch. E quem sabe o que a noite pode nos trazer? Se o que está ruim piorar ainda mais, sempre vou poder matá-lo enquanto ele estiver dormindo. Portanto, resolvo deixar o momento passar. E Finnick procede da mesma maneira.

A ausência de água intensifica a minha sede. Fico atenta enquanto continuamos nossa jornada morro acima, mas sem nenhuma sorte. Depois de mais ou menos um quilômetro, vejo o fim da linha de árvores e presumo que estamos alcançando o cume da montanha.

– De repente teremos mais sorte do outro lado. Talvez a gente ache uma fonte ou algo assim.

Mas não há outro lado. Sei disso antes de qualquer outra pessoa, muito embora esteja na posição mais distante do topo. Meus olhos captam um pequeno quadrado engraçado cheio de ondulações pendurado no ar como se fosse uma placa de vidro retorcido. A princípio, penso que se trata do reflexo brilhante de posição à medida que me movo. E só então eu faço a ligação entre o quadrado, Wiress e Beetee no Centro de Treinamento, e percebo o que se encontra diante de nós. Meu grito de alerta está apenas se formando em meus lábios quando a faca de Peeta surge no ar para retalhar algumas trepadeiras.

Ouve-se um zunido agudo. Por um instante, as árvores somem de vista e eu vejo um espaço aberto por sobre uma curta faixa de terra deserta. Então Peeta é lançado para trás, rechaçado pelo campo de força, fazendo com que Finnick e Mags caiam no chão.

Corro para o local onde ele está deitado, imóvel numa rede de trepadeiras.

– Peeta?

Há um leve odor de cabelo queimado. Chamo novamente, sacudindo-o ligeiramente, mas ele não reage. Meus dedos tocam seus lábios, onde não há respiração, muito embora momentos atrás ele estivesse ofegante. Grudo o ouvido em seu peito, no ponto onde sempre descanso a cabeça, onde sei que ouvirei a batida forte e constante de seu coração.

Ao contrário, só há silêncio.

– Peeta! – grito. Eu o sacudo com mais força, chego até a bater na cara dele, mas é inútil. Seu coração parou. Estou batendo no vazio. – Peeta!

Finnick encosta Mags numa árvore e me empurra para o lado.

– Deixe-me tentar. – Seus dedos tocam pontos do pescoço de Peeta, percorrem os ossos em suas costelas e coluna. Em seguida, ele fecha as narinas de Peeta.

– Não! – berro, jogando-me em cima de Finnick, pois certamente a intenção dele é se certificar de que Peeta esteja morto, afastar qualquer esperança de que ele recobre a vida. A mão de Finnick se ergue e me bate com tanta força no peito que saio voando em direção ao tronco de uma árvore próxima. Fico tonta, por um instante, pela dor, por tentar readquirir o fôlego enquanto vejo Finnick fechar novamente o nariz de Peeta. De onde estou, puxo uma flecha, posiciono-a no arco e estou a ponto de lançá-la quando sou detida pela visão de Finnick beijando Peeta. E a coisa é tão bizarra, mesmo para alguém como Finnick, que me contenho. Não, ele não está beijando Peeta. Ele manteve o nariz de Peeta fechado mas a boca bem aberta, e está soprando ar em seus pulmões. Posso ver, posso realmente ver o peito de Peeta subindo e descendo. Então Finnick puxa o zíper da parte de cima do macacão de Peeta e começa a pressionar com as mãos o ponto em cima de seu coração. Agora que me recuperei do choque, compreendo o que ele está tentando fazer.

De vez em quando, via a minha mãe tentar algo similar, mas não com frequência. De uma forma ou de outra, se o seu coração para de bater no Distrito 12, é muito pouco provável que a sua família consiga levá-lo até minha mãe em tempo hábil. Portanto, os pacientes mais comuns dela apareciam por conta de queimaduras ou ferimentos, ou por qualquer outra enfermidade. Ou por inanição, evidentemente.

Mas o mundo de Finnick é diferente. Seja lá o que for que ele esteja fazendo, não é a primeira vez. Dá para ver um ritmo e um método em sua ação. E vejo que a ponta da flecha está agora direcionada para o chão enquanto me curvo para observar, desesperada, torcendo para que haja algum indício de sucesso. Minutos agonizantes se arrastam à medida que

minhas esperanças diminuem. No momento em que estou admitindo que já é tarde demais, que Peeta está morto, perdido, para sempre inatingível, ele tosse ligeiramente e Finnick finalmente se senta no chão.

Deixo as minhas armas na terra enquanto me grudo a ele.

– Peeta? – digo suavemente. Afasto os fios louros e molhados de seus cabelos e percebo a pulsação retumbando em contato com os meus dedos, encostados em seu pescoço.

Seus cílios se abrem e seus olhos encontram os meus.

– Cuidado – diz ele fracamente. – Tem um campo de força lá na frente.

Eu rio, mas há lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

– Deve ser bem mais forte do que aquele do terraço do Centro de Treinamento – diz ele. – Mas estou bem. Só um pouco abalado.

– Você estava morto! Seu coração parou! – disparo, antes de avaliar se isso era realmente uma boa ideia. Ponho a mão na boca porque estou começando a emitir aqueles horrorosos ruídos de quem está engasgado. O que ocorre sempre que estou soluçando.

– Bom, parece que agora está tudo bem – diz ele. – Está tudo bem, Katniss. – Balanço a cabeça em concordância, mas os sons que escapam de minha boca não param. – Katniss? – Agora Peeta está preocupado comigo, o que aumenta ainda mais a insanidade de tudo isso.

– Está tudo bem, são só os hormônios dela – diz Finnick. – Por causa do bebê. – Olho para ele, sentado em cima dos joelhos, mas ainda arquejando um pouco por conta da escalada, do calor e do esforço de trazer Peeta de volta da morte.

– Não. É que... – Eu me afasto, mas sou interrompida por uma rodada de soluços ainda mais histérica que parece apenas confirmar o que Finnick dissera a respeito do bebê. Ele olha para mim e eu o encaro com fúria em meio às lágrimas. É uma idiotice, eu sei, o fato de os esforços dele me deixarem tão irritada. Tudo o que eu queria era manter Peeta vivo, e não estava conseguindo, mas Finnick sim, e eu deveria estar apenas agradecida. E estou. Mas também estou furiosa porque isso significa que jamais deixarei de ter uma dívida com Finnick Odair. Jamais. Então como é que vou poder matá-lo enquanto ele dorme?

Espero ver uma expressão sarcástica e convencida em seu rosto, mas o olhar dele parece estranhamente enigmático. Ele olha para mim e em seguida para Peeta, como se estivesse tentando entender alguma coisa, e

então sacode ligeiramente a cabeça, tentando se livrar da ideia que estava tendo.

– Como é que você está? – pergunta ele a Peeta. – Você acha que consegue seguir caminho?

– Não, ele precisa descansar – digo. Meu nariz está escorrendo loucamente e não disponho nem de um pedaço de pano rasgado para usar como lenço. Mags arranca um pouco de musgo de uma árvore e me dá. Estou péssima demais para ao menos questionar a iniciativa. Assoo o nariz fazendo barulho e enxugo as lágrimas de meu rosto. Caiu bem o musgo. Absorvente e surpreendentemente suave.

Noto um brilho dourado no peito de Peeta. Eu me aproximo e retiro o disco que está pendurado numa corrente em volta de seu pescoço. Meu tordo foi gravado nele.

– Esse é o seu símbolo? – pergunto.

– É sim. Você se importa de eu usar o seu tordo? Queria que a gente combinasse – diz ele.

– É claro que não me importo. – Forço um sorriso. Peeta aparecendo na arena usando um tordo é não só uma bênção como também uma maldição. Por um lado, isso deveria servir como estímulo para os rebeldes no distrito. Por outro, é difícil imaginar que possa passar despercebido ao presidente Snow, o que torna a tarefa de manter Peeta vivo ainda mais difícil.

– Quer dizer então que você quer montar acampamento aqui? – pergunta Finnick.

– Não acho que isso seja uma opção – responde Peeta. – Ficar aqui. Sem água. Sem proteção. Estou me sentindo bem, juro. Se a gente pudesse ir um pouquinho mais devagar, acho que não haveria problema.

– Mais devagar é melhor do que parado. – Finnick ajuda Peeta a se levantar enquanto me recomponho. Desde que acordei hoje de manhã, assisti a Cinna sendo brutalmente agredido, aterrissei em uma outra arena e vi Peeta morrer. No entanto, estou contente por Finnick continuar com o joguinho da gravidez comigo, porque, pelo ponto de vista de um patrocinador, não estou lidando tão bem assim com as coisas.

Verifico as minhas armas, que sei que estão em perfeitas condições, porque isso faz com que eu pareça mais no controle da situação.

– Vou na frente – anuncio.

Peeta começa a fazer uma objeção, mas Finnick o corta de imediato.

– Não, deixe-a ir. – Ele franze a testa para mim. – Você sabia que aquele campo de força estava lá, não sabia? Bem no último segundo você percebeu, não foi? Você começou a dar o alarme. – Eu balanço a cabeça em concordância. – Como é que você sabia?

Hesito. Revelar que sei o truque de Beetee e Wiress para identificar um campo de força poderia ser perigoso. Não sei se os Idealizadores dos Jogos repararam ou não o momento em que eles dois fizeram a observação durante o treinamento. De uma forma ou de outra, possuo uma informação valiosa. E se eles souberem que eu sei, talvez façam algo para alterar o campo de força para que eu fique impossibilitada de ver a aberração daqui para a frente. Então eu minto.

– Não sei. É como se eu tivesse ouvido a coisa. Escutem. – Todos nós ficamos imóveis. Há o som de insetos, pássaros, a brisa na folhagem.

– Não estou escutando nada – diz Peeta.

– Mas tem um som, sim – insisto. – É parecido com o som da cerca no Distrito 12 quando a eletricidade está acionada, só que bem menos intenso. – Todos escutam, agora com muita atenção. Eu também, embora não haja coisa alguma para se escutar. Agora! – digo. – Vocês não conseguem ouvir? Vem do local à direita de onde Peeta recebeu o choque.

– Também não estou ouvindo nada – diz Finnick. – Mas se você está, por favor vá na frente.

Decido continuar com o jogo, por mais que ele não tenha nenhum valor.

– Que estranho – digo. Balanço a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse confusa. – Só consigo escutar pelo meu ouvido esquerdo.

– O que foi reconstruído pelos médicos? – pergunta Peeta.

– Isso – digo, e em seguida dou de ombros. – Talvez eles tenham feito um trabalho melhor do que haviam imaginado. Vocês sabem como são essas coisas, às vezes escuto coisas engraçadas naquele lado. Coisas que vocês normalmente não achariam que possuem um som. Tipo asas de inseto. Ou neve batendo no chão. – Perfeito. Agora toda a atenção vai se voltar para os cirurgiões que consertaram o meu ouvido surdo depois dos Jogos do ano passado, e eles vão ter de explicar por que eu escuto como um morcego.

– Você – diz Mags, cutucando-me para andar, e então sigo em frente. Como devemos nos mover lentamente, Mags prefere caminhar com a ajuda de um galho que Finnick rapidamente transformou em uma bengala para

ela. Ele também faz um cajado para Peeta, o que é bom porque, apesar de seus protestos, acho que tudo o que Peeta realmente deseja é se deitar. Finnick se mantém atrás, de modo que pelo menos uma pessoa fica em alerta cuidando da retaguarda.

Caminho com o campo de força à minha direita porque esse é supostamente o lado do meu ouvido sobre-humano. Mas como tudo isso não passa de invenção, corto um cacho de nozes que estão penduradas como se fossem uvas numa árvore próxima e as jogo na frente à medida que vou andando. Essa também é uma boa ideia, já que estou com a sensação de estar com mais frequência perdendo do que avistando os pontos que indicam a presença do campo de força. Sempre que uma noz atinge o campo de força, sobe uma fumacinha antes de ela aterrissar no chão aos meus pés, preta e com a casca quebrada.

Depois de alguns minutos, ouço um barulho atrás de mim e me viro para ver Mags descascando uma das nozes e enfiando-a em sua boca já aberta.

– Mags! Cospe isso. Ela pode estar envenenada.

Ela resmunga qualquer coisa e me ignora, lambendo os beiços com visível prazer. Olho na direção de Finnick em busca de ajuda, mas ele apenas ri.

– Acho que vamos descobrir – diz ele.

Sigo em frente, pensando em Finnick, que salvou a velha Mags, mas permite que ela coma nozes estranhas. Que recebeu o selo de aprovação de Haymitch. Que trouxe Peeta dos mortos. Por que ele não o deixou morrer e pronto? Ele não teria culpa nenhuma. Nunca imaginaria que ele pudesse ter poderes para revivê-lo. Por que ele teria vontade de salvar Peeta? E por que ele estava tão determinado a se aliar a mim? Disposto a me matar também, se fosse o caso. Mas deixando a escolha de lutarmos ou não um contra o outro inteiramente para mim.

Continuo andando e jogando nozes, às vezes vislumbrando um pedacinho do campo de força, tentando enveredar pela esquerda para achar um ponto por onde possa passar, escapar da Cornucópia e achar água, se tiver sorte. Mas, depois de mais ou menos uma hora nesse ritmo, eu me dou conta de que só estamos perdendo tempo. Nós não estamos fazendo nenhum progresso seguindo pela esquerda. Na realidade, o campo de força parece estar nos conduzindo através de uma trilha curva. Paro e olho para Mags mancando atrás de mim e para o rosto suado de Peeta.

– Vamos dar uma parada – digo. – Preciso dar uma outra olhada de cima.

A árvore que escolho parece ser ainda mais alta do que as outras. Escalo os galhos retorcidos, mantendo-me o mais próxima possível do tronco. Não dá para dizer o quão facilmente esses galhos emborrachados podem ceder. Mesmo assim, subo a uma altura além do limite do bom senso porque há algo que preciso ver. Quando agarro um pedaço do tronco não muito mais largo do que um cepo, balançando o corpo para frente e para trás na brisa úmida para me manter equilibrada, minhas suspeitas se confirmam. Há uma razão para não podermos virar à esquerda, uma razão para jamais conseguirmos. Do precário ponto de observação em que me encontro, consigo ver o formato de toda a arena pela primeira vez. Um círculo perfeito. Com uma roda perfeita no meio. O céu acima da circunferência da selva está tingido com uma tonalidade rósea e uniforme. E acho que consigo distinguir um ou dois daqueles quadrados ondulados, brechas na armadura, como Wiress e Beetee os chamaram, porque eles revelam o que deveria estar oculto e são, portanto, um ponto frágil. Só para ter certeza absoluta, atiro uma flecha no espaço vazio acima das copas das árvores. Há uma explosão de luz, uma súbita ocorrência de céu azul real, e a flecha é jogada de volta à selva. Desço para dar aos outros a má notícia.

– O campo de força deixou a gente preso num círculo. Um domo, para falar a verdade. Não sei até que altura ele vai. Tem a Cornucópia, o mar e depois a selva cercando tudo. Muito certinho. Muito simétrico. E não muito grande – digo.

– Você viu água? – pergunta Finnick.

– Só a água salgada do local onde os Jogos começaram.

– Deve haver alguma outra fonte – diz Peeta, franzindo a testa. – Ou então estaremos todos mortos em questão de dias.

– Bom, a vegetação é densa. Pode ser que haja fontes ou córregos em algum lugar – digo, cheia de dúvidas. Sinto instintivamente que a Capital talvez esteja querendo que esses Jogos impopulares terminem o mais rápido possível. Talvez Plutarch Heavensbee já tenha recebido ordens para acabar conosco. – De qualquer modo, não faz sentido tentar descobrir o que existe do outro lado da montanha, porque a resposta é nada.

– Deve haver água potável entre o campo de força e a roda – insiste Peeta. Todos nós sabemos o que isso significa. Voltar. Voltar para os

Carreiristas e para o banho de sangue. Com Mags mal conseguindo andar e Peeta fraco demais para lutar.

Decidimos descer a encosta algumas centenas de metros e continuar contornando o círculo. Para ver se há alguma água naquele nível. Permaneço na dianteira, ocasionalmente jogando uma noz à minha esquerda, mas agora estamos bem fora do alcance do campo de força. O sol bate inclemente sobre nossas cabeças, transformando o ar em vapor, pregando peças nos nossos olhos. Lá pelo meio da tarde, está claro que Peeta e Mags não têm como continuar.

Finnick escolhe um local mais ou menos dez metros abaixo do campo de força para montarmos acampamento, dizendo que poderemos usá-lo como uma arma, desviando a rota de nossos inimigos para eles caso nos ataquem. Então ele e Mags puxam lâminas da grama que cresce em tufos que chegam a um metro e meio de altura e começam a tecê-las para fazer esteiras. Como Mags parece não ter tido nenhum efeito colateral por ingerir as nozes, Peeta colhe uma grande quantidade delas e as frita sacudindo-as junto ao campo de força. Ele tira metodicamente a casca e empilha o conteúdo comestível em cima de uma folha. Monto guarda, inquieta e calorenta, e com os nervos à flor da pele em virtude das emoções do dia.

Com sede. Estou com muita sede. Finalmente, não consigo mais suportar.

– Finnick, por que você não monta guarda enquanto vou atrás de água? – digo. Ninguém se entusiasmou muito com a ideia de eu sair sozinha, mas a ameaça da desidratação paira sobre nós.

– Não se preocupe, não vou me distanciar muito – prometo a Peeta.

– Eu também vou – diz ele.

– Não, vou ver se consigo caçar alguma coisa. – Eu não acrescento "E você não pode vir comigo porque faz muito barulho", mas está implícito. Ele iria não só espantar as presas, como também me colocar em perigo com seus passos pesados. – Não demoro.

Movimento-me sorrateiramente em meio às árvores, feliz por ver que o solo é bem propício a um caminhar sem ruído. Sigo por uma diagonal, mas não encontro nada além de mais vegetação densa.

O som do canhão faz com que eu pare. O banho de sangue na Cornucópia deve ter acabado. O número de tributos mortos está agora disponível. Conto os tiros, cada qual representando um vitorioso morto.

Oito. Não tanto quanto no ano passado. Mas parece mais, já que eu conheço a maioria dos nomes.

Subitamente fraca, encosto numa árvore para descansar, sentindo o calor drenar a umidade do meu corpo como uma esponja. Fica difícil engolir e a fadiga está tomando conta de mim. Tento esfregar a mão na barriga, na esperança de que alguma mulher solidária se torne minha patrocinadora e Haymitch possa assim enviar um pouco de água. Sem sorte. Desabo no chão.

Em minha imobilidade, começo a notar os animais: estranhos pássaros com uma plumagem brilhante, lagartixas de árvore com línguas azuis e alguma coisa que parece um cruzamento de ratazana com gambá, grudada aos galhos próximos ao tronco. Atiro em um desses últimos – que cai da árvore – para olhar mais detidamente.

É horrível mesmo, um grande roedor com uma pelagem cinza, pontinhos pretos e dois caninos de dar medo, projetando-se do lábio inferior. Enquanto tiro sua pele e suas entranhas, reparo uma outra coisa. Seu focinho está molhado. Como o de um animal que acabou de beber água de um riacho. Excitada, começo pela árvore onde ele estava e sigo lentamente numa espiral. Não pode ser muito distante dali a fonte de água daquela criatura.

Nada. Não encontro nada. Nem uma única gota d'água. Por fim, sabendo que Peeta ficaria preocupado, volto para o acampamento, ainda com mais calor e mais frustrada do que nunca.

Assim que chego, vejo que os outros fizeram uma transformação no local. Mags e Finnick criaram uma espécie de tenda a partir da esteiras feitas de grama, aberta de um lado, mas com três paredes, piso e telhado. Mags também fez diversas tigelas, que Peeta encheu de nozes torradas. Seus rostos se voltam para mim, esperançosos, mas balanço a cabeça.

– Não. Nada de água. Mas deve ter em algum lugar por lá. Ele sabia onde – digo, estendendo o roedor para que todos pudessem ver. – Ele tinha acabado de beber água quando foi flechado por mim, mas não consegui achar a fonte. Eu juro, percorri todo o terreno num raio de trinta metros.

– A gente pode comê-lo? – pergunta Peeta.

– Não tenho certeza. Mas a carne não parece muito diferente da carne de esquilo. Ele tem que ser cozido... – Hesito enquanto penso em tentar acender uma fogueira ali sem nenhum auxílio. Mesmo que conseguisse,

tem a questão da fumaça. Estamos tão juntos nessa arena que não há chance de escondê-la.

Peeta tem uma outra ideia. Ele pega um pedaço da carne do roedor, espeta-a num galho pontudo e a deixa cair no campo de força. Há um crepitar rápido e o galho voa de volta. O pedaço de carne está preto do lado de fora, mas bem cozido do lado de dentro. Damos a ele uma salva de palmas, mas paramos rapidamente ao lembrar onde estávamos.

O sol branco se põe no céu róseo enquanto nos reunimos na tenda. Ainda estou cautelosa em relação às nozes, mas Finnick diz que Mags as reconheceu de outros Jogos. Não me preocupei em perder tempo na estação de plantas comestíveis no treinamento porque isso não me deu trabalho algum no ano passado. Estou arrependida. Pois certamente encontraria por lá algumas das plantas desconhecidas que agora me cercam. E assim poderia aprender mais sobre o local para onde estava sendo enviada. Mags parece bem, entretanto, e ela está comendo as nozes há horas. Então pego uma e dou uma leve mordida. Tem um sabor suave e levemente adocicado que me lembra castanha. Acho que está tudo bem. O roedor tem um sabor forte de carne de caça, mas é surpreendentemente suculento. Para falar a verdade, não é uma refeição ruim para a nossa primeira noite na arena. Se ao menos tivéssemos alguma coisa líquida para ajudar a comida a descer.

Finnick faz várias perguntas sobre o roedor, que decidimos chamar de rato de árvore. Em que altura ele estava, quanto tempo eu o observei antes de atirar, e o que ele estava fazendo. Não me lembro de o bicho estar fazendo alguma coisa em especial. Farejando atrás de insetos ou qualquer coisa assim.

Estou abominando essa noite. Pelo menos a grama bem-tecida oferece alguma proteção contra quaisquer intrusos que possam vir rastejando furtivamente pelo solo da selva com o passar do tempo. Mas, pouco tempo antes de o sol deslizar abaixo do horizonte, uma pálida lua aparece no céu, tornando as coisas ao redor razoavelmente visíveis. Nossa conversa sofre uma interrupção porque sabemos o que virá. Ficamos enfileirados na entrada da tenda e Peeta segura a minha mão.

O céu fica bem claro quando a insígnia da Capital aparece como se estivesse flutuando em pleno espaço. Enquanto escuto os acordes do hino, penso: *Vai ser mais difícil para Finnick e Mags*. Mas acontece que para mim também é bastante difícil. Ver os rostos dos oito tributos mortos projetados no céu.

O homem do Distrito 5, o que Finnick matou com seu tridente, é o primeiro a aparecer. Isso significa que todos os tributos de 1 a 4 estão vivos – os quatro Carreiristas, Beetee e Wiress e, é claro, Mags e Finnick. O homem do Distrito 5 é seguido pelo morfináceo do 6, Cecelia e Woof do 8, os dois do 9, a mulher do 10 e Seeder, do 11. A insígnia da Capital retorna com uma última melodia e em seguida o céu fica escuro, com exceção da lua.

Ninguém fala. Não posso fingir que conhecia bem qualquer um deles. Mas estou pensando naquelas três crianças agarradas a Cecelia quando ela foi levada. A delicadeza de Seeder comigo em nossa reunião. Até mesmo a imagem do morfináceo de olhos vítreos pintando flores amarelas em meu rosto me dá uma dor no coração. Todos mortos. Todos já no passado.

Não sei quanto tempo poderíamos ficar sentados aqui se não fosse pela chegada do paraquedas prateado que desce em meio à vegetação para aterrissar diante de nós. Ninguém vai pegá-lo.

– De quem vocês acham que é? – finalmente digo.

– Não dá para dizer – diz Finnick. – Por que não deixamos que Peeta fique com ele, já que ele morreu hoje?

– Peeta desata a corda e aplaina o círculo de seda. No paraquedas encontra-se um pequeno objeto de metal que não sei o que é.

– O que é isso? – pergunto. Ninguém sabe. Nós o passamos de mão em mão, cada um examinando o objeto. É um tubo oco de metal, ligeiramente afunilado em uma das extremidades. Na outra extremidade um pequeno bocal curva-se para baixo. É vagamente familiar. A parte de uma bicicleta que poderia ter se soltado, uma haste de cortina, na verdade poderia ser qualquer coisa.

Peeta sopra em uma das extremidades para ver se faz algum barulho. Não faz. Finnick enfia seu dedo mindinho, tentando ver se é alguma arma. Inútil.

– Você consegue pescar com isso, Mags? – pergunto. Mags, que consegue pescar com praticamente tudo, balança a cabeça em negativa e resmunga.

Pego o objeto e o deslizo para frente e para trás na palma da mão. Como somos aliados, Haymitch deve estar trabalhando com os mentores do Distrito 4. A escolha dessa dádiva tem a mão dele. Isso significa que é algo valioso. Pode inclusive salvar alguma vida. Relembro o ano passado, quando eu queria tanto água, mas ele não mandava porque sabia que eu

poderia encontrar se tentasse. As dádivas de Haymitch, ou a falta delas, carregam consigo mensagens de peso. Quase consigo ouvir a voz dele me dando uma bronca: *Use o seu cérebro se é que possui um. O que é isso?*

Enxugo o suor dos olhos e estendo a dádiva ao luar. Movo-a para um lado e para o outro, vendo-a a partir dos mais diferentes ângulos, cobrindo partes dela e então revelando-as. Tentando fazer com que ela divulgue seus propósitos para mim. Finalmente, frustrada, enfio uma das extremidades na terra.

– Desisto. De repente se a gente se juntar a Beetee e a Wiress eles vão descobrir do que se trata essa coisa.

Eu me estico, pressionando meu rosto quente na esteira de grama, olhando a coisa com irritação. Peeta aperta um ponto tenso entre os meus ombros e me permito um momento de relaxamento. Imagino por que esse lugar não refrescou nem um pouco agora que o sol já foi embora. Imagino o que estará acontecendo no meu distrito.

Prim. Minha mãe. Gale. Madge. Penso neles me assistindo de suas casas. Pelo menos espero que estejam em casa. Que não tenham sido presos por Thread. Que não tenham sido castigados como Cinna está sendo. Como Darius está sendo. Castigados por minha causa. Todos eles.

Começo a sofrer por eles, pelo meu distrito, pela minha floresta. Uma floresta decente com árvores robustas, cheia de comida e de presas que não nos metem medo. Córregos e riachos. Brisas refrescantes. Não, ventos frios para soprar para longe esse calor sufocante. Invoco um vento assim em minha mente, permitindo que ele congele minhas bochechas e deixe meus dedos dormentes e, de imediato, o pedaço de metal parcialmente enterrado na terra preta adquire um nome.

– Uma cavilha! – exclamo, levantando o corpo.

– O quê? – pergunta Finnick.

Arranco o objeto do solo e o limpo. Tampo com a mão a extremidade afunilada e olho para o bocal. Sim, já vi uma coisa dessas antes. Num dia frio e ventoso muito tempo atrás quando estava na floresta com meu pai. Inserida profundamente num buraco feito na lateral de um bordo. Uma trilha para a seiva fluir em direção ao nosso balde. Xarope de bordo podia deixar até o nosso pão duro saboroso. Depois que meu pai morreu, não sei o que aconteceu com as várias cavilhas que ele tinha. Provavelmente estão escondidas em algum lugar da floresta, onde jamais serão encontradas.

– Isso aqui é uma cavilha. Funciona como uma torneira. Você coloca numa árvore e a seiva sai por ela. – Olho para os sinuosos troncos verdes ao meu redor. – Bom, tem que ser tipo certo de árvore.

– Seiva? – pergunta Finnick. Eles também não têm o tipo certo de árvore no litoral.

– Para fazer xarope – diz Peeta. – Mas deve haver algo mais dentro dessas árvores.

Ficamos imediatamente de pé. Nossa sede. A falta de fontes de água. Os dentes afiados e o focinho molhado do rato de árvore. Só pode haver uma coisa que valha a pena dentro desses troncos. Finnick vai martelar a cavilha na casca verde da maciça árvore com uma pedra, mas eu o detenho.

– Espera aí. Você pode estragar a coisa. Primeiro a gente precisa fazer um buraco – digo.

Não há nada que possamos usar para fazer um buraco, de modo que Mags oferece seu furador e Peeta o insere profundamente no tronco, enterrando a broca uns cinco centímetros na árvore. Ele e Finnick se revezam abrindo o buraco com o furador e as facas até que ele possa acomodar a cavilha. Eu a encaixo cuidadosamente e todos nós ficamos parados à espera. A princípio, nada acontece. Então uma gota d'água escorre pelo bocal e aterrissa na mão de Mags. Ela lambe a mão e a estica em busca de mais.

Girando e ajustando a cavilha conseguimos uma fina corrente de água. Revezamos nossas bocas debaixo da torneira, molhando nossas línguas ressecadas. Mags traz uma cesta, e a grama está tão bem-tecida que retém a água. Enchemos a cesta e a passamos de mão em mão, dando profundos goles e, mais tarde, luxuriosamente, espirramos o líquido em nossos rostos sujos. Como tudo aqui, a água é quente, mas esse não é o momento de ser exigente.

Sem a sede para nos distrair, nos damos conta do quanto estamos exaustos e fazemos preparativos para a noite. No ano passado, eu sempre tentava deixar meu equipamento pronto caso precisasse de uma fuga rápida no meio da noite. Esse ano, não há mochila para ser preparada. Somente as minhas armas que, de qualquer maneira, não vão ficar longe de mim. Então, penso na cavilha e a retiro do tronco. Arranco uma trepadeira bem dura das folhas da árvore, enfio-a no centro oco do objeto e amarro a cavilha em meu cinto.

Finnick se oferece para ser o primeiro a montar guarda e eu concordo, ciente de que terá de ser um de nós dois até que Peeta tenha descansado o suficiente. Deito-me no chão da tenda ao lado de Peeta e peço a Finnick para me acordar quando estiver cansado. Em vez disso, sou arrancada de meu sono horas mais tarde pelo que parece ser o badalar de um sino. Bong! Bong! Não é exatamente como o que eles tocam no Edifício da Justiça no Ano Novo, mas é razoavelmente semelhante para que eu o identifique. Peeta e Mags não são acordados por ele, mas Finnick está com o mesmo semblante atento que eu. As badaladas param.

– Contei doze – diz ele.

Concordo, balançando a cabeça. Doze. O que isso significa? Uma badalada para cada distrito? Talvez. Mas por quê?

– Deve significar alguma coisa. Você faz alguma ideia do quê?

– Nenhuma – diz ele.

Esperamos novas instruções, quem sabe uma mensagem de Claudius Templesmith. Um convite para um banquete. A única coisa digna de nota aparece ao longe. Uma rajada de eletricidade extremamente brilhante atinge uma árvore imensa e em seguida uma tempestade de raios surge no céu. Imagino que seja indicação de chuva, de uma fonte de água para aqueles que não possuem mentores tão espertos quanto Haymitch.

– Vá dormir, Finnick. Já está mesmo na minha vez de ficar de vigia – digo.

Finnick hesita, mas ninguém pode ficar acordado para sempre. Ele se coloca na entrada da tenda, uma das mãos agarrada ao tridente, e aos poucos cai num sono irrequieto.

Sento-me com a flecha engatada no arco, observando a selva, que está fantasmagoricamente pálida e verde ao luar. Depois de mais ou menos uma hora, os raios param. Mas ouço a chuva chegando, batendo nas folhas a algumas centenas de metros além. Fico esperando que ela nos alcance, mas isso nunca acontece.

O som de um canhão me deixa sobressaltada, embora não chame muito a atenção de meus companheiros adormecidos. Não há sentido em acordá-los por isso. Um outro vitorioso morto. Nem me dou o direito de imaginar quem deve ser.

A chuva imprecisa para subitamente, como ocorreu com a tempestade na arena ano passado.

Momentos depois de parar, vejo a névoa deslizando suavemente do ponto onde o temporal acabara de ocorrer. *Apenas uma reação. Chuva fresca sobre o solo quente*, penso. Ela continua a se aproximar num ritmo constante. Os pequenos anéis espiralados avançando e em seguida se recurvando como dedos, dando a impressão de que estão puxando tudo atrás deles. À medida que observo, sinto os pelos do meu pescoço se eriçando. Há algo errado com essa névoa. A progressão da linha da frente é uniforme demais para ser natural. E se não for natural...

Um odor doce e enjoativo começa a invadir minhas narinas e vou atrás dos outros, gritando para que acordem.

Nos poucos segundos necessários para despertá-los, começo a sentir as queimaduras.

Diminutas pontadas que ardem bastante. Onde quer que as gotículas de neblina toquem a minha pele.

– Corram! – grito para os outros. – Corram!

Finnick acorda instantaneamente, levantando-se para enfrentar um inimigo. Mas quando vê a parede de névoa, joga uma ainda adormecida Mags nas costas e sai correndo. Peeta está de pé, mas não tão alerta. Agarro o braço dele e começo a arrastá-lo na direção da selva atrás de Finnick.

– O que é isso? O que é isso? – diz ele, atônito.

– Algum tipo de névoa. Gás venenoso. Corra, Peeta! – insisto. Dá para dizer que, por mais que ele tenha negado durante o dia, os efeitos colaterais de ter sido atingido pelo campo de força foram significativos. Ele está lento, muito mais lento do que o habitual. E o emaranhado de trepadeiras e vegetação rasteira, que me desequilibra ocasionalmente, faz com que ele tropece a cada passo.

Volto os olhos para a parede de névoa que se estende numa linha reta até onde consigo enxergar e em todas as direções. Um terrível impulso de fugir, de abandonar Peeta e me salvar, toma conta de mim. Seria tão simples sair correndo dali, talvez até subir numa árvore que esteja acima da linha da névoa, que parece atingir uns doze metros. Lembro de como fiz exatamente isso quando os bestantes apareceram nos últimos Jogos. Saí em disparada e só pensei em Peeta depois de ter alcançado a Cornucópia. Mas desta vez eu aprisiono o meu terror, empurro-o para baixo e permaneço ao lado dele. Dessa vez, a minha sobrevivência não é a meta. A de Peeta, sim. Penso nos olhos grudados nas telas de TV nos distritos, vendo se vou fugir, como deseja a Capital, ou se vou manter a minha posição.

Seguro com firmeza a mão dele e digo:

– Preste atenção nos meus passos. Tente pisar apenas onde eu piso. – Isso ajuda. Parece que estamos nos movendo com mais rapidez, mas nunca o suficiente para uma parada para descanso, e a neblina continua em nossos calcanhares. Gotículas soltam-se do paredão vaporoso. Elas queimam, mas não como fogo. É menos uma sensação de calor e mais uma sensação de dor intensa à medida que o produto químico encosta em nossa pele, gruda-

se a ela e penetra suas camadas como se fosse uma broca. Nossos macacões não ajudam em nada. Parece até que estamos vestidos com lenços de papel tendo em vista a limitadíssima proteção que estes trajes fornecem.

Finnick, que inicialmente saíra correndo a toda velocidade, para quando percebe que estamos com problemas. Mas isso não é algo contra o qual nós possamos lutar. A única coisa que podemos fazer é escapar. Ele grita palavras de estímulo, tentando nos incentivar a correr, mas o som de sua voz apenas funciona como se fosse um guia para nós.

A perna artificial de Peeta agarra em um nó de plantas rasteiras e ele tomba antes que eu consiga segurá-lo. Enquanto o ajudo a se levantar, me dou conta de algo ainda mais assustador do que as bolhas e mais debilitante do que as queimaduras. O lado esquerdo do rosto dele está caído, como se todos os músculos ali estivessem mortos. A pálpebra está caída, quase escondendo seu olho. Sua boca se contorce num ângulo estranho em direção ao chão.

– Peeta... – começo. E é então que sinto os espasmos percorrendo o meu braço.

Seja lá que espécie de produto químico esteja contido na névoa, causa mais danos do que queimaduras – ele atinge nossos nervos. Uma espécie totalmente nova de medo toma conta de mim e empurro Peeta para frente, o que só faz com que ele caia novamente. Quando consigo colocá-lo de pé, meus dois braços já estão formigando descontroladamente. A névoa se aproximou de nós, sua densidade a menos de um metro de distância. Há algo errado com as pernas de Peeta; ele está tentando andar, mas elas se movem de um jeito espasmódico, semelhante ao de uma marionete.

Sinto-o avançando e percebo que Finnick voltou para nos ajudar e está içando Peeta. Encaixo o meu ombro, que ainda parece estar sob meu controle, embaixo do braço de Peeta e me esforço ao máximo para acompanhar as passadas rápidas de Finnick. Estamos a mais ou menos dez metros de distância da névoa quando Finnick para.

– Não está funcionando. Vou ter de carregá-lo. Você consegue levar a Mags? – ele me pergunta.

– Consigo – digo, resoluta, embora meu coração esteja quase na boca. É verdade que Mags não pode pesar mais do que trinta quilos, mas eu também não sou grande. Mesmo assim, tenho certeza de que já carreguei pesos maiores. Se ao menos meus braços parassem de tremer tanto. Agacho e ela se posiciona em cima de meu ombro, da mesma maneira que faz com

Finnick. Lentamente, estico as pernas e, com os joelhos firmes, consigo levá-la. Finnick agora está com Peeta enganchado em suas costas e seguimos em frente, Finnick na dianteira, eu seguindo a trilha que ele está abrindo em meio às trepadeiras.

A névoa vem vindo, silenciosa, constante e firme, exceto pelos anéis que mais parecem garras. Embora meu instinto seja correr diretamente para longe dela, percebo que Finnick está se movendo numa diagonal montanha abaixo. Ele está tentando manter distância do gás enquanto nos faz contornar em direção à água que cerca a Cornucópia. Sim, água, penso, à medida que as gotículas ácidas penetram mais profundamente em minha pele. Agora estou muito grata a mim mesma por não ter matado Finnick, porque, do contrário, como teria tirado Peeta de lá com vida? Muito grata por ter mais alguém do meu lado, mesmo que seja apenas temporariamente.

Quando caio, não é por culpa de Mags. Ela está fazendo tudo o que pode para ser uma passageira fácil, mas a questão é que o peso está excessivo para mim. Principalmente agora que minha perna direita parece estar ficando rígida. Nas duas primeiras vezes que caio no chão, consigo voltar a me levantar, mas na terceira não consigo convencer minha perna a cooperar. Enquanto luto para me levantar, ela cede, e Mags rola para o chão antes de mim. Oscilo para um lado e para o outro, tentando usar trepadeiras e troncos para me equilibrar.

Finnick está novamente ao meu lado com Peeta nas costas.

– Não dá – digo. – Você consegue levar os dois? Vá na frente, já os alcanço. – Uma proposta até certo ponto duvidosa, mas pronuncio as palavras com o máximo de certeza que consigo reunir.

Posso ver os olhos verdes de Finnick ao luar. Posso vê-los muito bem. Como se fossem olhos de gato, com uma estranha qualidade reflexiva. Talvez porque estejam brilhando devido às lágrimas.

– Não – diz ele. – Não consigo carregar os dois. Meus braços não estão funcionando. – É verdade. Os braços dele estão tremendo descontroladamente ao lado de seu corpo. Suas mãos estão vazias. Dos três tridentes, resta apenas um, e está nas mãos de Peeta. – Sinto muito, Mags, não vai dar.

O que acontece em seguida é tão rápido e sem sentido que não consigo nem mesmo me mexer para impedir. Mags se levanta, beija os lábios de Finnick e então cambaleia diretamente para a névoa. Imediatamente, seu

corpo é tomado por contorções selvagens e ela cai no chão numa dança horrível.

Quero gritar, mas minha garganta está em fogo. Dou um inútil passo na direção dela quando escuto o estouro do canhão, e sei que o coração dela parou, sei que ela está morta.

– Finnick? – chamo, com a voz rouca, mas ele já está de costas para a cena, já está se afastando novamente da névoa. Arrastando minha perna inútil atrás dele, sigo-o aos tropeções, sem a menor ideia de que outra coisa poderia fazer.

O tempo e o espaço perdem o sentido à medida que a névoa parece invadir o meu cérebro, confundindo meus pensamentos, tornando tudo irreal. Algum desejo animal de sobrevivência muito bem-entranhado faz com que eu continue andando tropegamente atrás de Finnick e Peeta, que continue a me mover, embora provavelmente já esteja morta. Partes de mim estão mortas, ou visivelmente morrendo. E Mags está morta. Isso é algo que sei, ou talvez apenas ache que sei, porque não faz o menor sentido.

O luar resplandecendo nos cabelos cor de bronze de Finnick, dores agudas me atormentando, uma perna transformada em madeira. Sigo Finnick até ele desabar no chão, Peeta ainda em cima dele. Pareço não ter mais nenhuma habilidade para impedir meu próprio movimento para a frente e simplesmente arremesso a mim mesma até tropeçar nos corpos prostrados dos dois, apenas mais uma para a pilha. *Todos nós vamos morrer aqui neste local, neste momento e desta maneira*, penso. Mas o pensamento é abstrato e bem menos alarmante do que as atuais agonias de meu corpo. Ouço Finnick gemer e se arrastar com dificuldade para longe de nós. Agora consigo ver a parede de névoa, que adquiriu uma tonalidade pérola. Talvez sejam meus olhos pregando peças em mim, ou o luar, mas parece que a névoa está se transformando. Sim, ela está se tornando mais espessa, como se tivesse sido pressionada contra uma janela de vidro e estivesse sendo forçada a se condensar. Estreito os olhos ainda mais e percebo que os dedos não estão mais proeminentes na superfície da névoa. Na realidade, ela parou completamente de avançar. A exemplo de outros horrores que testemunhei nessa arena, esse atingiu o fim de seu território. Ou isso, ou Os Idealizadores dos Jogos decidiram não nos matar ainda.

– Parou – tento dizer, mas a única coisa que me escapa da boca inchada é um horrível som rouco. – Parou – digo novamente, e dessa vez preciso ser mais clara porque não só Peeta como também Finnick se volta

para a névoa. Ela agora começa a subir, como se estivesse sendo lentamente aspirada em direção ao céu. Observamos até ela ser totalmente sugada e não sobrar mais nenhum resquício.

Peeta se afasta de Finnick, que se deita de costas. Ficamos lá deitados arquejando, nos contorcendo, nossas mentes e corpos invadidos pelo veneno. Depois de alguns minutos, Peeta faz um gesto vago para o alto.

– Ma-acos. – Olho para cima e avisto um par do que imagino serem macacos. Nunca vi um macaco vivo; não há nada parecido com isso em nossa floresta. Mas devo ter visto alguma foto, ou visto algum em um dos Jogos, porque assim que vejo as criaturas, a mesma palavra me vem à mente. Acho que esses possuem pelo laranja, embora seja difícil precisar, e têm mais ou menos a metade do tamanho de um ser humano adulto. Imagino que os macacos sejam um bom sinal. Certamente eles não ficariam zanzando por aí se o ar estivesse envenenado. Por um tempo, ficamos em silêncio, observando uns aos outros, humanos e macacos. Então Peeta faz um esforço para se colocar de joelhos e rasteja encosta abaixo. Todos nós rastejamos, já que caminhar agora parece uma atividade tão fantástica quanto voar; rastejamos até as trepadeiras darem lugar a uma estreita faixa de areia formando uma praia onde a água morna que cerca a Cornucópia bate em nossos rostos. Afasto-me como se tivesse sido tocada por uma chama.

Esfregar água salgada num ferimento. Pela primeira vez aprecio essa expressão de verdade, porque o sal na água torna a dor em meus ferimentos tão insuportável que quase desmaio. Mas há uma outra sensação, de tranquilidade. Experimento, colocando cautelosamente apenas a minha mão na água. Torturante, sim, mas cada vez menos. E através da camada azul da água vejo uma substância leitosa limpando os ferimentos de minha pele. À medida que a brancura diminui, também a dor diminui. Tiro o cinto e o macacão, que não passa de um trapo cheio de furos. Meus sapatos e minha roupa de baixo estão inexplicavelmente intactos. Pouco a pouco, uma pequena parte de cada membro por vez, molho os ferimentos e tiro o veneno. Peeta parece estar fazendo a mesma coisa. Mas Finnick se afastou da água ao primeiro contato e está deitado de bruços na areia, ou sem vontade ou sem capacidade de purgar suas próprias feridas.

Finalmente, após sobreviver ao pior, abrindo os olhos debaixo d'água, esfregando água nas narinas e resfolegando, e inclusive gargarejando repetidamente para lavar a garganta, estou suficientemente apta a ajudar

Finnick. Alguma sensação voltou à minha perna, mas meus braços ainda estão acometidos por espasmos. Não consigo arrastar Finnick para a água, e possivelmente a dor o mataria, de qualquer modo. Então encho de água as minhas mãos trêmulas e despejo em cima dos punhos dele. Como ele não está submerso, o veneno sai de seus ferimentos da mesma maneira que entrou, em filetes de névoa que tomo grande cuidado para não tocar. Peeta está suficientemente recuperado para me ajudar. Ele corta o macacão de Finnick. Em algum lugar encontra duas conchas que funcionam muito melhor do que nossas mãos. Escolhemos molhar primeiro os braços de Finnick, já que estão em estado tão lastimável, e muito embora uma grande quantidade de material branco saia deles, ele não nota. Finnick permanece deitado, olhos fechados, vez por outra deixando escapar um gemido.

Dou uma olhada ao redor com uma certeza cada vez maior do quanto a nossa posição aqui é perigosa. É noite, é verdade, mas essa lua ilumina demais para garantir algum esconderijo. Temos sorte por ninguém haver nos atacado até agora. Podíamos vê-los vindo da Cornucópia, mas se todos os quatro Carreiristas atacassem, seríamos sobrepujados por eles. Se eles não nos avistassem de início, os gemidos de Finnick entregariam nossa posição em pouco tempo.

– A gente precisa botá-lo mais em contato com a água – sussurro. Mas não podemos mergulhá-lo logo de cabeça, não enquanto ele estiver nessas condições. Peeta indica com a cabeça os pés de Finnick. Pego um e ele pega o outro, puxamos seu corpo num giro de 180 graus e começamos a arrastá-lo para a água salgada. Só alguns centímetros de cada vez. Seus tornozelos. Esperamos alguns minutos. Até o meio da panturrilha. Esperamos. Seus joelhos. Nuvenzinhas brancas rodopiam de seu corpo e ele dá um grunhido. Continuamos a desintoxicá-lo pouco a pouco. Descubro que quanto mais tempo fico sentada na água, melhor me sinto. Não apenas a minha pele, mas meu cérebro e meu controle muscular continuam melhorando. Vejo o rosto de Peeta começando a voltar ao normal, sua pálpebra se abrindo, a careta abandonando sua boca.

Finnick começa lentamente a reviver. Seus olhos se abrem, fixam-se em nós e demonstram que ele está ciente de estar sendo ajudado. Descanso a cabeça dele em meu colo e imergimos todo o seu corpo, do pescoço para baixo, por mais ou menos dez minutos. Peeta e eu trocamos um sorriso quando Finnick levanta os braços acima da água salgada.

– Só falta a sua cabeça, Finnick. Essa é a pior parte, mas depois você vai se sentir bem melhor se conseguir aguentar – diz Peeta. Nós o ajudamos a se sentar e oferecemos nossas mãos para ele apertar enquanto molha os olhos, o nariz e a boca. Sua garganta ainda está irritada demais para que ele possa falar.

– Vou tentar tirar água de uma árvore – digo. Meus dedos remexem o cinto e encontram a cavilha ainda pendurada pelas trepadeiras.

– Deixa primeiro eu fazer o buraco – diz Peeta. – Você fica com ele. Você é a que cura.

Isso é uma piada, penso. Mas não digo em voz alta, tendo em vista que Finnick já tem muito com que se preocupar. Ele pegou a pior parte da névoa, embora eu não saiba ao certo o porquê. Talvez porque ele seja o maior ou talvez por ter feito o maior esforço. E também, é claro, tem Mags. Ainda não entendo o que foi que aconteceu lá. Por que será que ele simplesmente a abandonou para carregar Peeta? Por que será que ela não apenas não questionou a atitude, como inclusive correu diretamente para a morte sem um segundo sequer de hesitação? Será que foi porque ela era velha demais e seus dias estavam contados, de qualquer maneira? Será que eles achavam que Finnick tinha mais chances de vencer se tivesse Peeta e eu como aliados? O olhar depauperado de Finnick me diz que agora não é o momento de perguntar.

Em vez disso, tento me recompor. Resgato meu broche com o tordo do macacão arruinado e prendo-o na alça da camiseta. O cinto de flutuação deve ser resistente a ácido, já que parece estar novinho em folha. Sei nadar, portanto o cinto de flutuação não é de fato necessário, mas Brutus bloqueou a minha flecha com ele, de modo que eu o recoloco pensando que talvez possa vir a me oferecer alguma proteção. Desfaço a trança de meus cabelos e os penteio com os dedos, perdendo vários fios, já que as gotículas de névoa fizeram um estrago e tanto. Em seguida, refaço a trança com o que restou.

Peeta encontrou uma boa árvore a mais ou menos dez metros de distância da estreita faixa de areia. Nós mal conseguimos vê-la, mas o som da faca dele contra o tronco de madeira é cristalino. Imagino o que terá acontecido com o furador. Ou Mags o deixou cair ou foi com ele em direção à névoa. De uma forma ou de outra, o objeto não existe mais.

Entrei um pouco mais no banco de areia, flutuando ora de costas, ora de bruços. Se a água salgada curou Peeta e eu, parece que ela está operando

uma completa transformação em Finnick. Ele começa a se mexer lentamente, testando primeiro os membros, e gradativamente começa a nadar. Mas não da maneira como estou nadando, com braçadas ritmadas e constantes. É como assistir a algum estranho animal voltando à vida. Ele mergulha e volta à tona, espirrando água pela boca, rola seguidamente no que parece um bizarro movimento de chave de fenda que me deixa tonta só de olhar. E então, quando fica submerso por um bom tempo que tenho certeza de que se afogou, sua cabeça surge bem ao meu lado e me assusto.

– Não faz isso – digo.

– O quê? Voltar à tona ou submergir?

– As duas coisas. Nenhuma das duas. Pouco importa. Fique aí direitinho debaixo d'água e comporte-se. Ou então, se você está se sentindo assim tão bem, vamos lá ajudar o Peeta.

Bastou o curto espaço de tempo necessário para atravessar a borda da selva para que eu ficasse ciente da mudança. Pode-se creditar isso aos anos que passei caçando, ou então talvez o meu ouvido reconstruído funcione um pouco melhor do que era de se esperar. O que importa é que estou sentindo a massa de corpos vivos suspensos acima de nós. Eles não precisam falar ou gritar. A mera respiração de tantos seres já é o suficiente.

Toco o braço de Finnick e ele segue o meu olhar em direção ao alto. Não sei como eles chegaram tão silenciosamente. Talvez não tenham chegado. Estávamos absortos demais cuidando de nossos corpos. Durante esse tempo, eles se reuniram. Não cinco ou dez, mas dezenas de macacos estão pendurados nos galhos das árvores da selva. O par que avistamos assim que nos livramos da névoa podia muito bem ser um comitê de boas-vindas. Este grupo aqui parece ameaçador.

Armo o meu arco com duas flechas e Finnick ajusta o tridente na mão.

– Peeta – digo com o máximo de calma possível. – Vou precisar que você me ajude com uma coisa aqui.

– Tudo bem, só um minutinho. Acho que acabei de conseguir – diz ele, ainda ocupado com a árvore. – Prontinho. Você pegou a cavilha?

– Peguei. Mas a gente achou uma coisa que é melhor você dar uma olhada – continuo, dosando a voz. – Só que você vai ter de se mover silenciosamente para não assustá-los. – Por algum motivo, não quero que ele note os macacos, ou mesmo olhe na direção deles. Há criaturas que interpretam uma mera troca de olhares como agressão.

Peeta se volta para nós, arfando devido ao trabalho na árvore. O tom da minha solicitação é tão esquisito que o alerta para alguma eventual irregularidade.

– Tudo bem – diz ele, casualmente. Ele começa a se mover em meio à selva e, embora eu saiba que está tentando ao máximo não fazer barulho, esse nunca foi o seu ponto forte, mesmo quando tinha duas pernas. Mas não tem problema, ele está se movendo, os macacos estão mantendo suas posições. Quando chega a apenas cinco metros da praia percebe a presença deles. Ele olha para cima por um segundo apenas, mas é como se tivesse detonado uma bomba. Os macacos explodem numa massa histérica de pelos laranjas convergindo sobre ele.

Nunca vi um animal se mover com tanta rapidez. Eles deslizam pelas trepadeiras como se estivessem besuntadas. Dão saltos impossíveis entre uma árvore e outra. Dentes à mostra, pelos eriçados, garras proeminentes, afiadas como lâminas. Posso até não ter muita familiaridade com macacos, mas animais não se comportam assim no mundo natural.

– *Bestantes!* – grito assim que Finnick e eu nos jogamos na folhagem.

Sei que o número de flechas deve ser suficiente. E é. Naquela luminosidade fantasmagórica, vou derrubando um macaco atrás do outro, mirando olhos, corações e pescoços de modo que cada flecha signifique uma morte. Mas ainda assim, isso não seria suficiente sem que Finnick espetasse os animais como se fossem peixes, jogando-os para o lado e Peeta destroçando-os com sua faca. Sinto garras em minha perna, em minhas costas, antes que qualquer um deles tenha tempo de acertar o agressor. O ar fica pesado com as plantas pisoteadas, o odor de sangue e o fedor rançoso dos macacos. Peeta, Finnick e eu nos posicionamos em um triângulo separados por alguns metros e de costas uns para os outros. Meu coração fica acelerado quando meus dedos pegam a última flecha. Então, lembro que Peeta também está com uma aljava. E não está atirando, está usando apenas a faca. Tiro a minha própria faca, mas os macacos são mais rápidos, conseguem se desviar para um lado e para o outro em tal velocidade que é praticamente impossível reagir.

– Peeta! – grito. – As suas flechas.

Peeta se vira para testemunhar o meu aperto e está pegando a aljava quando a coisa acontece. Um macaco salta de uma árvore para acertar o peito dele. Estou sem flecha, não tenho como atirar. Escuto o barulho do tridente de Finnick encontrando um outro alvo e sei que sua arma está

ocupada. O braço de Peeta fica inoperante no momento em que tenta retirar a aljava com as flechas. Jogo a minha faca no bestante que se aproxima mas a criatura dá um salto mortal, desviando-se da lâmina e mantendo sua trajetória.

Sem arma, indefesa, faço a única coisa que me passa pela cabeça naquele instante. Correr até Peeta e derrubá-lo no chão para proteger o corpo dele com o meu, muito embora saiba que não conseguirei fazer isso a tempo.

Ela entretanto, consegue. Materializando-se, ao que parece, do nada. Num determinado momento em lugar nenhum, no outro, girando na frente de Peeta. Já ensanguentada, a boca aberta num grito agudo, as pupilas tão dilatadas que seus olhos mais parecem buracos negros.

A insana morfinácea do Distrito 6 abre seus braços esqueléticos como se fosse abraçar o macaco, e o bicho enterra os dentes em seu peito.

Peeta solta a aljava e enterra a faca nas costas do macaco, apunhalando-o seguidamente até a fera parar de mordê-la. Ele chuta o bestante para longe, preparando-se para mais um embate. Agora estou com as flechas dele, o arco preparado e Finnick atrás de mim respirando com força, mas não engajado ativamente no combate.

– Pode vir! Pode vir! – grita Peeta, arfando de tanta raiva. Mas alguma coisa aconteceu com os macacos. Eles estão se retirando, voltando para a árvore, desaparecendo na selva, como se alguma voz oculta os estivesse convocando. A voz de um Idealizador dos Jogos dizendo a eles que já é o suficiente.

– Pega ela – digo a Peeta. – Vamos dar cobertura.

Peeta ergue cuidadosamente a morfinácea e a carrega para a praia enquanto Finnick e eu mantemos nossas armas prontas. Mas, com exceção das carcaças laranjas que estão no chão, não há mais nenhum macaco por perto. Peeta deita a morfinácea na areia. Corto o material que cobre o peito dela, deixando à mostra os quatro ferimentos profundos. O sangue escorre lentamente, fazendo com que pareçam muito menos mortíferos do que são. O verdadeiro estrago é interno. Pela posição dos cortes, tenho certeza de que a fera rompeu algum órgão vital, um pulmão, quem sabe até o coração.

Ela fica deitada na areia, arquejando como um peixe fora d'água. Pele frouxa, doentiamente esverdeada, costelas tão proeminentes quanto as de uma criança morta por inanição. Certamente ela tinha condições financeiras para se alimentar adequadamente, mas viciou-se em morfináceos da mesma maneira que Haymitch viciou-se em álcool, imagino. Tudo nela indica desperdício – seu corpo, sua vida, o olhar vago. Seguro uma de suas mãos trêmulas sem saber ao certo se elas se mexem devido ao veneno que afetou nosso sistema nervoso, ao choque do ataque ou à abstinência das drogas que a sustentavam. Não há nada que possamos fazer. Nada a não ser ficar ao seu lado enquanto ela morre.

– Vou vigiar as árvores – diz Finnick antes de se afastar. Eu também gostaria de me afastar, mas ela aperta a minha mão com tanta força que seria obrigada a usar de uma certa brutalidade para tirar seus dedos, e não

tenho força para esse tipo de crueldade. Penso em Rue, em como talvez eu pudesse cantar uma música ou algo assim. Mas nem sei o nome da morfinácea, muito menos se ela gosta de música. Só sei que ela está morrendo.

Peeta se agacha do outro lado e acaricia seus cabelos. Quando ele começa a falar numa voz suave tudo parece quase sem nenhum sentido, mas as palavras não são para mim.

– Com as minhas tintas lá em casa eu consigo fazer qualquer cor imaginável. Rosa. Claro como a pele de um bebê. Ou forte como um ruibarbo. Verde como a grama da primavera. Azul brilhante como gelo na água.

A morfinácea olha fixamente para Peeta, atenta a suas palavras.

– Uma vez passei três dias misturando tintas até encontrar o tom certo para a luz do sol batendo numa pelagem branca. Na verdade, eu não parava de pensar que se tratava de amarelo, mas era muito mais do que isso. Camadas de todos os tipos de cor. Uma após a outra – diz Peeta.

A respiração da morfinácea está perdendo ritmo e se transformando em arquejos superficiais. Sua mão livre toca o sangue em seu peito, fazendo os pequenos movimentos giratórios com os quais ela tanto amava pintar.

– Ainda não sei como fazer um arco-íris. Eles aparecem muito subitamente e somem logo. Nunca tenho tempo suficiente para capturar as suas cores. Só um pouquinho de azul aqui um pouquinho de púrpura ali. E aí tudo desaparece novamente. De volta ao ar – diz Peeta.

A morfinácea parece hipnotizada pelas palavras de Peeta. Em transe. Ela levanta uma mão trêmula e pinta no rosto de Peeta o que penso ser talvez uma flor.

– Obrigado – sussurra ele. – É lindo.

Por um momento, o rosto da morfinácea se ilumina num sorriso e ela emite um som agudo. Então ela respira pela última vez e o canhão dispara. O aperto em minha mão se desfaz.

Peeta a leva para a água. Ele volta e se senta ao meu lado. A morfinácea flutua na direção da Cornucópia por um tempo e então um aerodeslizador aparece e uma garra com quatro dentes desce, a envolve e a carrega pela noite escura. Ela se vai.

Finnick se junta a nós, as mãos cheias de flechas minhas ainda molhadas com o sangue dos macacos. Ele as solta ao meu lado na areia.

– Pensei que talvez você pudesse querer isso aqui.

– Obrigada – digo. Entro na água e lavo os resquícios nojentos dos animais, não só das armas como também de meus ferimentos. Quando volto para a selva para pegar um pouco de musgo para secá-las, todos os corpos dos macacos já desapareceram.

– Para onde eles foram? – pergunto.

– A gente não sabe exatamente. As trepadeiras se mexeram e eles sumiram – diz Finnick.

Olhamos para a selva, entorpecidos e exaustos. Em meio ao silêncio, reparo que os pontos onde as gotículas de névoa tocaram em minha pele secaram. Eles pararam de doer e começaram a coçar. Intensamente. Tento pensar nisso como um bom sinal. Que estão sarando. Olho de relance para Peeta, para Finnick e vejo que ambos estão coçando seus rostos machucados. Sim, até mesmo a beleza de Finnick foi maculada pelo que aconteceu na noite de hoje.

– Não cocem – digo, louca para coçar também. Mas sei que esse é o conselho que minha mãe daria. – Vocês só vão causar uma infecção. Vocês acham que é seguro fazer uma nova tentativa de conseguir água?

Voltamos à árvore que Peeta estava martelando. Finnick e eu ficamos com nossas armas a postos enquanto ele enfia a cavilha, mas nenhuma ameaça aparece. Peeta descobriu um bom veio, e a água começa a jorrar pela cavilha. Matamos nossa sede e deixamos a água cair sobre nossos corpos irritados pela coceira. Enchemos um punhado de conchas com água potável e voltamos para a praia.

Ainda é noite, embora a manhã já não esteja muito distante. A menos que os Idealizadores dos Jogos queiram que esteja.

– Por que vocês dois não descansam um pouco? – digo. – Eu vigio por um tempo.

– Não, Katniss, prefiro que eu mesmo faça isso – diz Finnick. Olho bem nos olhos dele, em seu rosto, e percebo que ele mal consegue conter as lágrimas. Mags. O mínimo que posso fazer é dar a privacidade necessária para que ele chore a ausência da amiga.

– Tudo bem, Finnick, obrigada – digo. Eu me deito na areia com Peeta, que adormece de imediato. Olho a noite, pensando na diferença que faz um dia. Como ontem de manhã Finnick estava na minha lista de morte e agora estou disposta a dormir tendo-o como meu guardião. Ele salvou Peeta e deixou Mags morrer não sei por quê. Só sei que jamais conseguirei pagar a

dívida que tenho com ele. Tudo o que posso fazer no momento é dormir e deixar que ele sofra sua perda em paz. E é o que faço.

Estamos no meio da manhã quando abro os olhos novamente. Peeta ainda está ao meu lado. Acima de nós, uma esteira de grama suspensa sobre galhos protege nossos rostos do sol. Sento-me e vejo que as mãos de Finnick não ficaram paradas. Duas tigelas tecidas a partir de grama estão cheias de água fresca. Uma terceira contém diversos crustáceos.

Finnick está sentado na areia, abrindo-os com uma pedra.

– Eles são mais gostosos frescos – diz ele, arrancando um naco de carne de uma concha e enfiando-o na boca. Seus olhos ainda estão inchados, mas finjo não notar.

Meu estômago começa a se manifestar com o cheiro da comida e me aproximo para pegar um pouco. A visão das minhas unhas empapadas de sangue me detém. Fiquei coçando a pele até sair sangue, enquanto dormia.

– Sabe que se você ficar coçando pode dar uma infecção? – diz Finnick.

– Foi o que ouvi falar – digo. Vou até a água salgada e lavo o sangue, tentando decidir o que eu odeio mais, a dor ou a coceira. De saco cheio, volto correndo para a praia, viro o rosto para cima e exclamo:

– Ei, Haymitch, se você não estiver bêbado demais, uma coisinha qualquer para nossa pele até que não seria ruim.

A rapidez com a qual o paraquedas aparece acima de mim chega a ser até engraçada. Eu me aproximo e o tubo aterrissa bem em cima da minha mão aberta.

– Já era tempo – digo, mas não consigo manter a carranca na minha cara. Haymitch. O que eu não daria para ter cinco minutos de conversa com ele.

Desabo na areia perto de Finnick e tiro a tampa do tubo. Lá dentro tem um unguento escuro e viscoso com um cheiro forte, uma combinação de alcatrão e agulhas de pinheiro. Torço o nariz, passo uma gota do medicamento na palma da mão e começo a massagear a perna. Um som de prazer escapa da minha boca à medida que o preparado acaba com a coceira. Ele também faz com que minha pele cheia de feridas adquira uma tétrica coloração esverdeada. Enquanto começo a passar o creme na outra perna, jogo o tubo para Finnick, que olha para mim cheio de desconfiança.

– É como se você estivesse entrando em decomposição – diz Finnick. Mas acho que a coceira fala mais alto, porque depois de um minuto Finnick

também começa a tratar de sua pele. Na boa, a combinação das feridas com o unguento é de dar medo. Não consigo deixar de me divertir com a inquietação dele.

– Coitado do Finnick. Por acaso, essa é a primeira vez na vida que você não está com a aparência bonitinha? – digo.

– Deve ser. A sensação é completamente nova. Como foi que você conseguiu lidar com isso ao longo de todos esses anos? – pergunta ele.

– Simplesmente evitando os espelhos. Com o tempo você acaba esquecendo.

Nós nos esfregamos de cima a baixo, às vezes até nos revezando em passar o unguento nas costas um do outro nas partes onde a camiseta não protege a pele.

– Vou acordar o Peeta – digo.

– Não, espere – diz Finnick. – Vamos fazer isso juntos. Vamos botar as nossas cabeças juntas na frente dele.

Bom, há tão poucas oportunidades para brincadeiras na minha vida que concordo. Nós nos posicionamos um de cada lado de Peeta, nos curvamos até que nossos rostos estejam a centímetros do nariz dele, e o sacudimos.

– Peeta. Peeta, acorda – digo numa voz suave e cantada.

As pálpebras dele se mexem e então ele dá um salto como se tivesse acabado de ser esfaqueado.

– Ah!

Finnick e eu caímos para trás na areia, rindo até não poder mais. Todas as vezes que tentamos parar, vemos a tentativa que Peeta faz para manter uma expressão desdenhosa e a vontade de rir reaparece. Quando conseguimos nos recompor, começo a pensar que talvez Finnick Odair seja uma pessoa legal, afinal de contas. Pelo menos não tão frívolo ou metido como havia imaginado. Nem um pouco desagradável, para ser sincera. E no momento exato em que estou tirando essa conclusão, um paraquedas aterrissa perto de nós com um pão recém-saído do forno. Lembrando como no ano passado as dádivas de Haymitch eram normalmente programadas para mandar uma mensagem, dou um recado a mim mesma. *Faça amizade com Finnick. Você vai conseguir comida*.

Finnick gira o pão em suas mãos, examinando a casca. Um pouco possessivo demais. Não há necessidade disso. Ele possui aquela tonalidade esverdeada das algas marinhas que os pães do Distrito 4 sempre possuem.

Todos nós sabemos que o pão pertence a ele. Talvez ele tenha acabado de perceber o quanto é precioso, e que talvez jamais tenha outra oportunidade de ver um pão como aquele em sua vida. Talvez alguma lembrança de Mags esteja associada à casca. Mas ele só diz o seguinte:

– Isso aqui vai cair muito bem com os crustáceos.

Enquanto ajudo Peeta a cobrir a pele com o unguento, Finnick limpa habilidosamente a carne dos crustáceos. Nos reunimos e comemos a deliciosa carne com o pão salgado do Distrito 4.

Estamos parecendo monstros – o unguento parece estar fazendo com que algumas feridas descasquem –, mas estou contente pelo medicamento. Não apenas porque ele fornece alívio contra a coceira, mas também porque age como proteção contra aquele fortíssimo sol branco no céu cor-de-rosa. Pela posição, estimo que devam ser mais ou menos dez da manhã, que estamos na arena há mais ou menos um dia. Onze de nós estão mortos. Treze vivos. Em algum lugar da selva, dez estão escondidos. Três ou quatro deles são os Carreiristas. Eu, para falar a verdade, não sinto muita vontade de tentar lembrar quem são os outros.

Para mim, a selva evoluiu rapidamente de um local de proteção para uma sinistra armadilha. Sei que em algum ponto seremos forçados a entrar novamente em seus domínios, ou para caçar ou para sermos caçados, mas no presente momento estou planejando ficar bem aqui em nossa pequena praia. E não estou ouvindo Peeta ou Finnick sugerindo que façamos o contrário. Por um tempo, a selva parece quase estática, zunindo, fervilhando, mas não exibindo seus perigos. Então, ao longe, ouve-se o grito. Da posição contrária à nossa, uma parte da selva começa a vibrar. Uma enorme onda surge bem no alto da montanha, acima das árvores, rugindo encosta abaixo. Ela atinge a água do mar com tamanha força que, muito embora estejamos bem distantes dela, a onda chega até nossos joelhos fazendo com que tudo ao nosso redor flutue na água. Nós três conseguimos recolher as coisas, sem deixar que nada seja levado pela onda, com exceção de nossos macacões saturados de produtos químicos, tão estragados que ninguém se importa de perdê-los.

Um canhão soa. Vemos o aerodeslizador aparecer sobre a nossa área no local onde a onda começou e pegar um corpo do meio das árvores. *Doze*, penso.

O círculo de água lentamente se acalma, após absorver a gigantesca onda. Arrumamos novamente as nossas coisas na areia molhada e estamos

a ponto de nos sentar quando eu os vejo. Três figuras, a mais ou menos dois raios de distância, adentrando a praia tropegamente.

– Olhem lá – digo silenciosamente, indicando com a cabeça a direção de onde vêm os recém-chegados. Peeta e Finnick seguem o meu olhar. Como se tivéssemos combinado antes, nós três nos escondemos nas sombras da selva.

O trio está em péssimo estado – dá para ver de imediato. Um está sendo praticamente arrastado por um segundo, e o terceiro vaga em círculos, como se estivesse fora de si. Estão com uma cor de tijolo bem intensa, como se houvessem sido mergulhados em tinta e depois deixados para secar.

– Quem são? – pergunta Peeta. – Ou, o que são? Bestantes?

Pego uma flecha, preparando-me para o ataque. Mas a única coisa que acontece é que aquele que estava sendo arrastado desaba na praia. O que estava arrastando pisa no chão, frustrado e, num aparente ataque de fúria, se vira e empurra o que vagava fora de si.

O rosto de Finnick se ilumina.

– Johanna! – chama ele, e corre atrás dos seres avermelhados.

– Finnick! – ouço a voz de Johanna responder.

Troco olhares com Peeta.

– E agora? – pergunto.

– A gente não pode abandonar o Finnick – diz ele.

– Imagino que não. Vamos lá, então – digo, irritada, porque mesmo que tivesse elaborado uma lista de aliados, Johanna Mason definitivamente não figuraria nela. Seguimos pela praia até o local onde Finnick e Johanna acabaram de se encontrar. À medida que nos aproximamos, vejo quem são os companheiros dela e a confusão se instaura. É Beetee, de costas no chão, e Wiress que acabou de se levantar e continua girando em círculos.

– Ela está com Wiress e Beetee.

– Pancada e Faísca? – diz Peeta, igualmente confuso. – Preciso descobrir como isso aconteceu.

Quando os alcançamos, Johanna está fazendo um gesto na direção da selva e falando apressadamente com Finnick.

– A gente pensou que se tratava de chuva, por causa do relâmpago, e estava todo mundo morrendo de sede. Mas quando ela começou a descer, a gente viu que na verdade era sangue. Sangue espesso e quente. Não dava para ver, não dava para dizer se era ou não sem beber um pouco. A gente

simplesmente veio cambaleando de um lado pro outro, tentando sair de lá. Foi quando Blight atingiu o campo de força.

– Sinto muito, Johanna – diz Finnick. Demoro um instante para localizar Blight. Acho que ele era o companheiro masculino de Johanna, os dois do Distrito 7, mas quase não me lembro de tê-lo visto. Por falar nisso, acho que ele nem apareceu para treinar.

– Tudo bem. Bom, ele não era grande coisa, mas era do meu distrito – diz ela. – E me deixou sozinha com aqueles dois. – E com o sapato ela cutuca Beetee, que está praticamente inconsciente. – Ele estava com uma faca nas costas na Cornucópia. E ela...

Olhamos na direção de Wiress, que gira sem parar, coberta de sangue seco, e murmura:

– Tique-taque, tique-taque.

– É isso aí, a gente sabe. Tique-taque. Pancada está em estado de choque – diz Johanna. Isso parece atrair Wiress para Johanna. Ela emborca o corpo na direção de Johanna, que a empurra duramente para a praia.

– Fique aí quietinha, certo?

– Deixe-a em paz – rebato.

Johanna estreita seus olhos castanhos para mim com ódio.

– Deixá-la em paz? – sibila ela. Ela dá um passo à frente antes que eu possa reagir e me dá um tapa com tanta força que vejo estrelinhas. – Quem você pensa que os tirou daquela selva de sangue para você? Sua... – Finnick pega Johanna, que não para de se debater, coloca-a no ombro e a carrega até a água. Ele a molha repetidamente enquanto ela berra um monte de coisas realmente insultuosas para mim. Mas eu não atiro. Porque ela está com Finnick e porque ela disse que os tirou de lá para mim.

– O que ela quis dizer? Ela os tirou de lá para mim? – pergunto a Peeta.

– Não sei. No começo, você queria ficar com eles – lembra ele.

– É verdade, eu quis. No começo. – Mas isso não responde nada. Olho para o corpo inerte de Beetee. – Mas eles não vão ficar muito tempo comigo se a gente não fizer alguma coisa.

Peeta pega Beetee nos braços, eu pego Wiress pela mão e voltamos para nosso pequeno acampamento na praia. Sento Wiress no banco de areia para que ela se lave um pouco, mas ela apenas esfrega as mãos uma na outra e vez por outra murmura:

– Tique-taque.

Tiro o cinto de Beetee e encontro um pesado cilindro de metal preso ao lado por uma corda feita com trepadeiras. Não sei dizer do que se trata, mas se ela achava que valia a pena guardar, não sou em quem vai jogar fora. Jogo o objeto na areia. As roupas de Beetee estão empapadas de sangue e coladas no corpo dele, de modo que Peeta o segura na água enquanto eu as tiro. Leva algum tempo para tirar o macacão, e então descobrimos que a roupa de baixo dele também está encharcada de sangue. Não há alternativa a não ser despi-lo para que possamos limpá-lo, mas sou obrigada a dizer que isso não me impressiona mais. Esse ano a mesa de nossa cozinha tem estado cheia de homens nus. Você meio que se acostuma depois de um certo tempo.

Estiramos a esteira de Finnick e deitamos Beetee de bruços para podermos examinar suas costas. Tem um corte com mais ou menos 12 centímetros de comprimento que vai do ombro às costelas. Felizmente, não é muito profundo. Mas além de ele ter perdido muito sangue – dá para ver pela palidez da pele –, os ferimentos continuam sangrando.

Sento nos calcanhares, tentando pensar. O que tenho para usar? Água do mar? Sinto-me como a minha mãe, tendo apenas a neve como recurso para qualquer tratamento. Olho na direção da selva. Aposto que existe uma farmácia completa ali. Se ao menos soubesse como usá-la. Mas essas não são as minhas plantas. Então, penso no musgo que Mags me deu para assoar o nariz.

– Já volto – digo a Peeta.

Felizmente, a coisa parece ser bastante comum na selva. Arranco um punhado das árvores próximas e volto para a praia. Faço um chumaço espesso com o musgo, coloco-o em cima do corte de Beetee e o prendo, atando trepadeiras ao redor do corpo dele. Despejamos um pouco d'água em cima dele, e em seguida o puxamos para a sombra no limite da selva.

– Acho que isso é o máximo que a gente pode fazer – digo.

– Está bom. Você é muito boa nesse negócio de curar – diz ele. – Está no seu sangue.

– Não – digo, sacudindo a cabeça. – Tenho o sangue do meu pai. – O tipo que acelera durante uma caçada, não durante uma epidemia. – Vou ver como está a Wiress.

Pego um punhado de musgo para utilizar como paninho e me junto a Wiress no banco de areia. Ela não resiste quando lhe tiro a roupa e esfrego sua pele para tirar o sangue. Mas seus olhos estão dilatados de medo e,

quando falo, ela não responde, exceto para dizer com uma urgência cada vez maior:

– Tique-taque.

Ela parece estar tentando me dizer alguma coisa, mas sem Beetee para explicar seus pensamentos, fico perdida.

– É isso aí. Tique-taque – digo. Isso parece acalmá-la um pouco. Lavo o macacão dela até que praticamente não haja mais nenhum traço de sangue e a ajudo a vesti-lo novamente. Ele não está estragado como os nossos. O cinto dela está bom, de modo que também o recoloco. Em seguida lavo a roupa de baixo dela e de Beetee.

Quando estou enxaguando o macacão de Beetee, uma Johanna brilhando de tão limpa e um descascado Finnick já estão ao nosso lado. Durante um certo tempo, Johanna bebe água aos borbotões e se empanturra de crustáceos enquanto tento convencer Wiress a engolir alguma coisa. Finnick conta sobre a névoa e os macacos com uma voz fria e quase clínica, evitando o detalhe mais importante da história.

Todos se oferecem para montar guarda enquanto os outros descansam, mas no fim Johanna e eu assumimos o posto. Eu porque estou realmente descansada, ela porque simplesmente se recusa a se deitar. Nós duas ficamos sentadas em silêncio na praia até os outros adormecerem.

Johanna olha de relance para Finnick, para se certificar, e então se volta para mim e diz:

– Como foi que vocês perderam Mags?

– Na névoa. Finnick estava com Peeta. Eu fiquei carregando Mags durante um tempo. Depois não aguentei mais. Finnick disse que não conseguia carregar os dois. Ela deu um beijo nele e foi andando direto para a névoa venenosa – digo.

– Você sabia que ela era a mentora de Finnick? – diz Johanna, em tom acusatório.

– Não, não sabia – digo.

– Ela era quase da família dele – diz ela alguns instantes depois, mas agora com menos veneno nas palavras.

Observamos a água bater nas roupas de baixo.

– E aí, o que é que você estava fazendo com Pancada e Faísca? – pergunto.

– Eu lhe disse. Peguei-os para você. Haymitch disse que para gente ser aliada eu tinha de levá-los para você – diz Johanna. – Foi isso o que você

disse para ele, não foi?

Não, penso. Mas balanço a cabeça em concordância.

– Obrigada. Eu agradeço.

– Espero que sim. – Ela me lança um olhar cheio de desprezo, como se eu fosse o maior dos empecilhos em sua vida. Imagino se isso não é exatamente como ter uma irmã mais velha que realmente odeia você.

– Tique-taque – ouço atrás de mim. Viro-me e vejo que Wiress veio se arrastando até onde estamos. Seus olhos estão fixos na selva.

– Ah, meu Deus, não é que ela voltou? Tudo bem, vou dormir. Você e a Pancada podem montar guarda sozinhas – diz Johanna. Ela se afasta e se deita ao lado de Finnick.

– Tique-taque – sussurra Wiress. Coloco-a na minha frente e faço com que se deite, acariciando seu braço para tranquilizá-la. Ela aos poucos cai no sono, agitando-se incessantemente, ocasionalmente suspirando sua frase: – Tique-taque.

– Tique-taque – concordo suavemente. – Hora de dormir. Tique-taque. Durma.

O sol se ergue no céu até ficar exatamente em cima de nossas cabeças. *Deve ser meio-dia*, penso, distraída. Não que isso tenha alguma importância. Do outro lado da água, à direita, vejo o brilho intenso quando o raio atinge a árvore e a tempestade elétrica recomeça. Bem na mesma área em que ocorreu na noite de ontem. Alguém deve ter se movido em direção àquela região e desencadeado o ataque. Fico sentada por um tempo, observando os raios, mantendo Wiress calma, sossegada numa paz interior pelo bater das águas. Penso na noite anterior, em como o relâmpago começou logo depois que o sino soou. Doze badaladas.

– Tique-taque – diz Wiress, sua consciência voltando à superfície por um momento e logo depois de volta para as profundezas.

Doze badaladas ontem à noite. Como se fosse meia-noite. Em seguida o relâmpago. O sol acima de nós agora. Como se fosse a lua. E o raio.

Lentamente, levanto-me e dou uma geral na arena. O raio ali. Na fatia seguinte do bolo veio a chuva de sangue, onde Johanna, Wiress e Beetee foram pegas. Estávamos na terceira seção, bem ao lado daquela, quando a névoa apareceu. E, assim que ela foi sugada para longe, os macacos começaram a se reunir na quarta. Tique-taque. Minha cabeça gira para o outro lado. Algumas horas atrás, por volta das dez, aquela onda veio da

segunda seção à esquerda de onde o relâmpago está agora surgindo. Meio-dia. Meia-noite. Meio-dia.

– Tique-taque – diz Wiress em seu sono. À medida que o raio cessa e a chuva de sangue começa bem à direita dele, suas palavras começam subitamente a fazer sentido.

– Oh, meu Deus – digo entre os dentes. – Tique-taque. – Meus olhos vasculham ao redor do círculo total da arena e sei que ela está certa. – Tique-taque. Isto aqui é um relógio.

Um relógio. Quase consigo ver os ponteiros batendo no mostrador de doze seções da arena. Cada hora inaugura um novo horror, uma nova arma imaginada por um Idealizador dos Jogos, e encerra a anterior. Raios, chuva de sangue, névoa, macacos – essas foram as primeiras quatro horas no relógio. E às dez, a onda. Não sei o que acontece nas outras sete, mas sei que Wiress está certa.

No momento, a chuva de sangue está caindo e estamos na praia abaixo do segmento dos macacos, próximos demais da névoa para o meu gosto. Será que os vários ataques ocorrem apenas no limite da selva? Não necessariamente. Com a chuva não foi assim. Se aquela névoa vazar da selva, ou se os macacos voltarem...

– Acordem – ordeno, sacudindo Peeta, Finnick e Johanna. – Acordem, a gente precisar ir embora daqui. – Há tempo suficiente, entretanto, para explicar a teoria do relógio para eles. Para explicar o tique-taque de Wiress e como os movimentos dos ponteiros invisíveis desencadeiam uma força mortífera em cada seção.

Acho que convenci todos que estão conscientes, com exceção de Johanna, que tem uma propensão natural a se opor a qualquer coisa que sugiro. Mas inclusive ela concorda que é melhor estar segura do que se arrepender depois.

Enquanto os outros recolhem os poucos itens que carregamos e vestem novamente o macacão em Beetee, eu acordo Wiress. Ela desperta em pânico:

– Tique-taque!

– É isso aí, tique-taque, a arena é um relógio. É um relógio, Wiress, você tem razão – digo. – Você tem razão.

Alívio se estampa no rosto dela – imagino que seja porque alguém finalmente compreendeu o que ela provavelmente sabe desde o primeiro badalar dos sinos.

– Meia-noite.

– Começa à meia-noite – confirmo.

Uma lembrança luta para aflorar em meu cérebro. Vejo um relógio. Um relógio de bolso, na palma da mão de Plutarch Heavensbee. *Começa à meia-noite*, disse Plutarch. E, então, meu tordo se iluminou brevemente e desapareceu. Olhando em retrospecto, é como se ele tivesse me dado uma pista a respeito da arena. Mas por que ele teria feito isso? Naquele momento, eu era um tributo desses Jogos tanto quanto ele. Talvez ele tenha pensado que a informação me ajudasse se eu me tornasse mentora. Ou talvez esse tivesse sido o plano desde sempre.

Wiress balança a cabeça indicando a chuva de sangue.

– Uma e meia – diz ela.

– Exatamente. Uma e meia. E às duas, uma terrível névoa venenosa vai começar ali – digo, apontando para a selva ao nosso lado. – Então vamos ter que seguir agora para um lugar seguro. – Ela sorri e se levanta, obedientemente. – Está com sede? – Estendo para ela a tigela de grama e ela bebe um quarto do conteúdo. Tendo superado a inabilidade para se comunicar, ela agora voltou a funcionar normalmente.

Verifico as minhas armas. Amarro a cavilha e o tubo de medicamento no paraquedas e prendo tudo no meu cinto usando algumas trepadeiras.

Beetee ainda está bastante fora do mundo, mas quando Peeta tenta levantá-lo, ele se opõe.

Ele murmura alguma coisa.

– Ela está bem aqui – diz Peeta a ele. – Wiress está bem. Ela também vai com a gente.

Mas ainda assim, Beetee reluta.

– O fio – ele volta a murmurar.

– Ah, já sei o que quer – diz Johanna, impacientemente. Ela atravessa a praia e pega o cilindro que tiramos do cinto dele para dar banho. O objeto está revestido por uma camada de sangue coagulado. – Essa coisa aí não tem valor nenhum. É uma espécie de fio que ele acha que pertence a Wiress ou sei lá o quê. Foi assim que ele recebeu a facada. Correndo até o alto da Cornucópia para pegar esse negócio. Não sei que tipo de arma é esse troço. Imagino que dê para puxar uma parte e usar como um garrote ou alguma coisa assim. Mas na boa, vocês conseguem imaginar Beetee ou Wiress matando alguém com um garrote?

– Ele venceu os Jogos com um fio desses. Montando aquela armadilha elétrica – diz Peeta. – Foi a melhor arma que ele conseguiu bolar.

Tem alguma coisa estranha no fato de Johanna não destrinchar isso tudo. Alguma coisa que não soa verdadeira. Alguma coisa suspeita.

– Parece que não seria difícil você sacar isso – digo –, já que foi você mesma quem botou nele o apelido de Faísca.

Os olhos de Johanna estreitam-se perigosamente para mim.

– É isso aí, foi mancada minha, não foi? – diz. – Acho que devo ter me distraído demais, mantendo seus amiguinhos vivos. Enquanto você estava... fazendo o que mesmo? Matando Mags?

Meus dedos apertam o cabo da faca que está presa em meu cinto.

– Vai em frente. Experimenta. Não estou nem aí se você está toda ferrada. Vou cortar o seu pescoço de um jeito ou de outro – diz Johanna.

Sei que não tenho como matá-la nesse momento. Mas é apenas uma questão de tempo, Johanna e eu. Até que uma acabe com a outra.

– De repente, é melhor todos olharmos bem onde estamos pisando – diz Finnick, lançando um olhar dardejante na minha direção. Ele pega o fio e o coloca no peito de Beetee. – Aí está o seu fio, Faísca. Preste bem atenção em onde você vai plugá-lo, certo?

Peeta levanta o não mais relutante Beetee.

– Para onde a gente vai?

– Gostaria de ir para a Cornucópia e observar. Só para ter certeza de que estamos certos em relação ao relógio – diz Finnick. O plano parece tão bom quanto qualquer outro. Além do mais, não me importaria de ter mais uma chance de botar as mãos nas armas. E agora somos seis. Mesmo sem considerar Beetee e Wiress, contamos com quatro bons combatentes. É bem diferente da situação em que me encontrava à mesma altura no ano passado, quando era obrigada a fazer tudo por conta própria. Sim, é maravilhoso ter aliados, contanto que você consiga ignorar o pensamento de que terá de matá-los em algum momento.

Beetee e Wiress provavelmente encontrarão alguma maneira de morrer por conta própria. Se tivermos de fugir de alguma coisa, até onde eles conseguirão chegar? Johanna, francamente, eu mataria com facilidade se fosse para proteger Peeta. Ou talvez simplesmente para calar a boca dela. O que realmente preciso é que alguém acabe com Finnick por mim, já que receio não ter condições de fazer isso pessoalmente. Não depois de tudo o que ele fez por Peeta. Penso em dar um jeito de fazer com que ele se encontre com os Carreiristas. É muita frieza da minha parte, eu sei. Mas quais são as minhas opções? Agora que sabemos a respeito do relógio, ele

provavelmente não vai morrer na selva, de modo que alguém terá de matá-lo em combate.

Como esses pensamentos são extremamente repelentes, minha mente tenta freneticamente mudar de assunto. Mas a única coisa que me distrai de minha atual situação é fantasiar maneiras de matar o presidente Snow. Sonhos não muito adequados a uma adolescente de dezessete anos, imagino, mas bastante prazerosos.

Percorremos a faixa de areia mais próxima, nos aproximando com cuidado da Cornucópia, caso algum Carreirista esteja escondido lá. Duvido que haja algum, porque estamos na praia há horas e não há o menor sinal de vida no local. A área está abandonada, como esperávamos. Restam apenas o grande chifre dourado e a pilha de armas.

Quando Peeta deita Beetee no pedacinho de sombra proporcionado pela Cornucópia, ele chama Wiress. Ela se agacha ao lado dele e ele coloca a espiral de fio nas mãos dela.

– Limpa isso aqui, por favor – ele pede.

Wiress balança a cabeça em concordância e dá uma corridinha até a margem da água, onde molha a espiral. Ela começa a cantar bem baixinho uma canção engraçada sobre um camundongo correndo para cima de um relógio. Deve ser para crianças, mas parece deixá-la feliz.

– Ah, não. Essa musiquinha de novo, não – diz Johanna, enrolando os olhos. – Ela cantou isso aí horas e horas antes de começar com o tique-taque.

De repente Wiress se levanta, endireita a postura e aponta para a selva.

– Duas – diz ela.

Sigo o dedo dela até o local onde a parede de névoa está começando a se projetar em direção à praia.

– É isso mesmo, olhem lá, Wiress tem razão. São duas horas e a névoa começou.

– Como um relógio suíço – diz Peeta. – Você foi muito esperta sacando isso, Wiress.

Wiress sorri e volta a cantar, e a molhar a espiral de fio.

– Ah, ela é mais do que esperta – diz Beetee. – Ela é intuitiva. Nós todos nos viramos para olhar para Beetee, que parece estar voltando à vida. – Ela consegue sentir as coisas antes de qualquer outra pessoa. Como um canário em alguma mina de carvão no seu distrito.

– Como assim? – pergunta Finnick, olhando para mim.

– É um passarinho que nós levamos para as minas para nos avisar se o ar está ruim.

– E ele faz o quê? Morre? – pergunta Johanna.

– Primeiro, ele para de cantar. É aí que você tem que cair fora. Mas se o ar estiver ruim demais, ele morre, sim. E você também. – Não estou a fim de falar sobre passarinhos que morrem. Eles me trazem lembranças da morte de meu pai, da morte de Rue, da morte de Maysilee Donner e de minha mãe herdando o passarinho dela. Ah, que maravilha, e agora estou pensando em Gale bem nas profundezas daquela mina horrível com a ameaça do presidente Snow pairando sobre a sua cabeça. Como é fácil fazer parecer que ocorreu um acidente lá embaixo. Um canário silencioso, uma fagulha e nada mais.

Volto a pensar em matar o presidente.

Apesar de sua irritação com Wiress, Johanna está contente como eu jamais a vi nessa arena. Enquanto aumento meu estoque de flechas, ela cisca aqui e ali até encontrar um par de machados com uma aparência letal. Parece uma escolha esquisita até que a vejo arremessar um deles com tanta força que o objeto fica grudado na superfície dourada da Cornucópia. É claro. Johanna Mason. Distrito 7. Lenhadores. Aposto que ela arremessa machados desde que engatinhava. É como Finnick e seu tridente. Ou Beetee e seu fio. Rue e seus conhecimentos de plantas. Percebo que isso é mais uma desvantagem que os tributos do Distrito 12 vêm sendo obrigados a encarar ao longo de todos esses anos. Só entramos nas minas após completar dezoito anos. Parece que a maioria dos outros tributos aprende alguma coisa sobre as atividades de seus distritos bem cedo. Há coisas que se faz em uma mina que poderiam ser bastante úteis nos Jogos. Usar uma picareta. Explodir coisas. É uma vantagem que você acaba tendo. Como ocorreu com o fato de eu saber caçar. Mas nós aprendemos essas coisas muito tarde.

Enquanto remexíamos as armas, Peeta permanecia agachado no chão desenhando alguma coisa com a ponta de sua faca numa folha grande e lisa que ele tinha trazido da selva. Olho por cima do seu ombro e vejo que ele está criando um mapa da arena. No centro está a Cornucópia em seu círculo de areia com as doze faixas estiradas para fora. Parece uma torta cortada em doze fatias iguais. Há um outro círculo representando a linha da água e um ligeiramente maior indicando o limite da selva.

– Olha só como a Cornucópia está posicionada – diz ele para mim.

Examino a Cornucópia e vejo o que ele está querendo dizer.

– As extremidades na direção das doze horas – digo.

– Certo, então isso aqui é o topo do nosso relógio – diz ele, e rapidamente rabisca os números um a doze ao redor do mostrador do relógio. – De doze a um é a zona dos raios. – Ele escreve *raio* com uma letrinha miúda na fatia correspondente, e então vai no sentido horário acrescentando *sangue*, *névoa* e *macacos* nas seções seguintes.

– E de dez a onze é a onda – digo. Ele a adiciona. Finnick e Johanna juntam-se a nós nesse momento, armados até os dentes com tridentes, machados e facas.

– Vocês repararam alguma coisa diferente nas outras seções? – pergunto a Johanna e a Beetee, já que talvez eles possam ter visto algo que nós não vimos. Mas tudo o que eles viram foi sangue em abundância. – Acho que podia haver qualquer coisa por lá.

– Eu vou marcar os lugares onde a gente sabe que a arma dos Idealizadores dos Jogos nos segue pela selva, assim a gente vai poder ficar afastado deles – diz Peeta, desenhando linhas diagonais na névoa e praias com ondas. Em seguida, ele se senta. – Bom, de qualquer modo, é muito mais do que o que a gente sabia hoje de manhã.

Balançamos nossas cabeças em concordância, e é nesse instante que eu reparo. O silêncio. Nosso canário parou de cantar.

Não espero. Engato uma flecha no arco enquanto me viro e avisto Gloss com o corpo pingando, e Wiress deslizando em direção ao chão, o pescoço cortado num sorriso de um vermelho vívido. A ponta da minha flecha desaparece na têmpora direita dele e, no tempo que eu levo para colocar outra flecha no arco, Johanna enterrou a lâmina de um de seus machados no peito de Cashmere. Finnick rechaça uma lança que Brutus lança em Peeta e leva uma facada de Enobaria na coxa. Se não houvesse uma Cornucópia atrás da qual pudessem se agachar, eles estariam mortos, ambos os tributos do Distrito 2. Avanço em perseguição a eles. *Bum! Bum! Bum!* O canhão confirma que não há jeito de ajudar Wiress e nenhuma necessidade de concluir o serviço em Gloss ou em Cashmere. Meus aliados e eu estamos contornando o chifre, começando a caçar Brutus e Enobaria, que estão correndo a toda velocidade por uma faixa de areia em direção à selva.

Subitamente, o chão treme abaixo de meus pés e sou jogada para o lado na areia. O círculo de terra que sustenta a Cornucópia começa a girar

com rapidez, com muita rapidez mesmo, e vejo a selva virando um borrão. Sinto a força centrífuga puxando-me para a água e enterro as mãos e os pés na areia, tentando negociar meu equilíbrio no solo instável. Entre a areia voando por todos os lados e a tonteira, sou obrigada a manter os olhos bem fechados. Não há literalmente nada que possa fazer a não ser me manter onde estou até que, na ausência de um processo gradual de desaceleração, paramos bruscamente.

Tossindo e enjoada, vou aos poucos me recuperando até encontrar meus companheiros na mesma condição. Finnick, Johanna e Peeta se seguraram. Os três cadáveres foram lançados em direção à água salgada.

A coisa toda, desde o momento em que senti a falta da canção de Wiress até agora, não pode ter levado mais do que um ou dois minutos. Ficamos lá sentados, arfando e tirando areia de nossas bocas.

– Onde está Faísca? – diz Johanna. Estamos de pé. Uma volta trôpega ao redor da Cornucópia confirma que ele não está mais aqui. Finnick o avista a mais ou menos vinte metros na água, o corpo quase afundando, e nada para içá-lo.

É então que me lembro do fio e de como o objeto era importante para ele. Olho freneticamente ao redor. Onde está? Onde está? E então eu o vejo, ainda grudado nas mãos de Wiress na água. Meu estômago se contrai só de pensar no que terei de fazer em seguida.

– Preciso de cobertura – digo para os outros.

Solto as armas e corro pela faixa de terra. Sem diminuir a velocidade, mergulho na água e vou em busca do corpo dela. Com o canto do olho, vejo o aerodeslizador aparecendo acima de nossas cabeças, a garra começando a descer para levá-la. Mas não paro. Continuo nadando com toda a força que consigo reunir e bato no corpo. Subo à tona arfando, tentando evitar engolir a água cheia de sangue que se espalha do ferimento aberto em seu pescoço. Ela está flutuando de costas, sustentada por seu cinto e pela morte, mirando o sol inclemente. Enquanto dou minhas braçadas, preciso arrancar o fio dos seus dedos, porque ela o apertava com muita força ao morrer. Não há nada que possa fazer a não ser baixar suas pálpebras, sussurrar um adeus e nadar para longe. Quando termino de puxar o fio para a areia e saio da água, seu corpo já não está mais lá. Mas ainda consigo sentir o gosto do seu sangue, misturado à água salgada.

Caminho de volta à Cornucópia. Finnick trouxe Beetee de volta com vida, que embora um pouco encharcado, está sentado e resfolegando. Ele

teve o bom senso de manter os óculos no rosto, de modo que pelo menos está conseguindo enxergar. Coloco a roda de fio no colo dele. Está resplandecente, nenhum sinal de sangue. Ele desenrola um pedaço do fio e o passa nos dedos. Pela primeira vez eu vejo a coisa, e não é parecido com nenhum fio que tenha visto até hoje. Tem uma cor levemente dourada e é tão fino quanto um fio de cabelo. Imagino seu comprimento total. Deve haver quilômetros e quilômetros do material preenchendo aquele cilindro grande. Mas não pergunto porque sei que ele está pensando em Wiress.

Olho para os rostos sérios dos outros. Agora Finnick, Johanna e Beetee perderam todos os seus parceiros de distrito. Vou até Peeta e o abraço e, por um tempo, ficamos todos em silêncio.

– Vamos dar o fora desta ilha fedorenta – diz Johanna por fim. Agora só existe a questão de nossas armas, que mantivemos em grande quantidade. Felizmente as trepadeiras aqui são fortes, e a cavilha e o tubo com o medicamento enrolados no paraquedas ainda estão presos no meu cinto. Finnick tira a camiseta e a amarra em volta do ferimento que a faca de Enobaria fez em sua coxa; não é profundo. Beetee acha que agora consegue andar, se formos devagar, de modo que eu o ajudo a se levantar. Decidimos nos encaminhar para a praia na posição das doze horas. Isso deve nos fornecer horas de calma e nos manter limpos de quaisquer resíduos envenenados. E, então, Peeta, Johanna e Finnick dirigem-se cada um para uma direção diferente.

– Doze horas, certo? – diz Peeta. – A extremidade das doze horas.

– Antes de eles girarem a gente – diz Finnick. – Estava me orientando pelo sol.

– O sol só indica que você está em quatro horas, Finnick – digo.

– Acho que Katniss está dizendo que saber a hora não significa que você saiba necessariamente onde a posição das quatro horas está localizada no relógio. Você talvez tenha uma ideia geral da direção. A menos que esteja imaginando que eles também possam ter mudado o anel externo da selva – diz Beetee.

Não, Katniss está dizendo algo muito mais básico do que isso. Beetee articulou uma teoria que vai muito além do comentário que fiz sobre o sol. Mas eu simplesmente balanço a cabeça como se estivesse esse tempo todo na mesma página que ele.

– Sim, então qualquer uma dessas trilhas poderia conduzir para doze horas – digo.

Contornamos a Cornucópia, vasculhando a selva. Ela possui uma inexplicável uniformidade. Lembro da árvore alta que levou o primeiro raio às doze horas, mas cada setor possui uma árvore similar àquela. Johanna acha que devemos seguir as pegadas de Enobaria e Brutus, mas elas foram pelos ares ou apagadas pela água. Não há como dizer qual é a localização das coisas.

– Jamais deveria ter mencionado o relógio – digo, amargamente. – Agora eles também tiraram da gente essa vantagem.

– Apenas temporariamente – diz Beetee. – Às dez vamos ver a onda novamente e estaremos de volta à trilha.

– Exato, eles não podem redesenhar a arena inteira – diz Peeta.

– Pouco importa – diz Johanna impacientemente. – Você tinha de contar para a gente ou então a gente nunca teria movido o nosso acampamento para começo de conversa, sua cabeça de vento. – Ironicamente, a resposta lógica porém insultuosa dela é a única que me reconforta. Sim, eu tinha de contar para que eles pudessem se mover. – Vamos embora, preciso de água. Alguém aqui tem uma boa intuição?

Escolhemos uma trilha ao acaso, sem fazer a menor ideia da hora para a qual estamos nos dirigindo. Quando alcançamos a selva, espiamos seu interior na tentativa de decifrar o que poderia haver lá dentro.

– Bom, deve estar na hora dos macacos. E não estou vendo nenhum por aqui – diz Peeta. – Vou tentar tirar água de alguma árvore.

– Não, é a minha vez – diz Finnick.

– Pelo menos posso dar cobertura – diz Peeta.

– Katniss pode fazer isso – diz Johanna. – Você precisa desenhar um novo mapa para nós. O outro foi levado pelas águas. – Ela arranca uma enorme folha de uma árvore e entrega a ele.

Por um instante, desconfio de que eles estejam tentando nos dividir para nos matar. Mas isso não faz sentido. Terei vantagem sobre Finnick se ele estiver cuidando da árvore e Peeta é bem maior do que Johanna. Então sigo Finnick por mais ou menos quinze metros no interior da selva até ele encontrar uma árvore boa e começar a golpeá-la para fazer um buraco com sua faca.

Enquanto estou lá parada, armas de prontidão, não consigo perder a sensação desconfortável de que algo está acontecendo e de que isso só pode ter relação com Peeta. Refaço nossos passos, começando do momento em que o gongo soou, atrás da origem do meu desconforto. Finnick retirando

Peeta de seu prato metálico. Finnick ressuscitando Peeta depois que o campo de força fez com que seu coração parasse. Mags correndo em direção à névoa para que Finnick pudesse carregar Peeta. A morfinácea se jogando na frente dele para bloquear o ataque do macaco. A luta com os Carreiristas foi rápida demais, mas não é que Finnick impediu que a lança de Brutus atingisse Peeta mesmo que isso tenha significado levar a facada de Enobaria na coxa? E inclusive agora, Johanna mandou-o desenhar o mapa numa folha em vez de deixá-lo se arriscar na selva...

Não há dúvidas em relação a isso. Por motivos que me são inteiramente insondáveis, alguns dos outros vitoriosos estão tentando mantê-lo vivo, mesmo que isso signifique sacrificar a si mesmos.

Estou embasbacada. Por um lado porque esse é o meu trabalho. Por outro, porque não faz sentido. Somente um de nós pode sair daqui com vida. Então por que será que eles escolheram proteger Peeta? O que Haymitch poderia ter dito a eles? O que será que ele deu em troca para fazer com que eles colocassem a vida de Peeta acima de suas próprias vidas?

Conheço meus próprios motivos para manter Peeta vivo. Ele é meu amigo, e essa é a minha maneira de desafiar a Capital, de subverter os terríveis Jogos que eles organizam. Mas se não tivesse laços verdadeiros com ele, o que poderia me convencer a salvá-lo, a escolhê-lo em detrimento de mim mesma? Certamente ele é corajoso, mas nós todos temos sido suficientemente corajosos para sobreviver aos Jogos. Há essa questão da bondade que é difícil relegar, mas ainda assim... e quando penso no assunto, o que será que Peeta consegue fazer tão melhor do que o resto de nós? Ele consegue usar as palavras. Ele ofuscou todos os outros tributos em ambas as entrevistas. E talvez seja por causa dessa bondade subjacente que ele consiga colocar uma multidão – não, um país inteiro – a seu lado, proferindo uma simples sentença.

Lembro de haver pensado que essa era a dádiva que o líder de nossa revolução deveria possuir. Será que Haymitch convenceu os outros disso? De que a língua de Peeta teria muito mais poder contra a Capital do que qualquer força física que o resto de nós poderia sustentar? Não sei. Isso ainda parece um salto realmente longo para alguns dos tributos. Enfim, estamos falando aqui de Johanna Mason. Mas que outra explicação poderia haver para o esforço em conjunto que eles realizaram no sentido de mantê-lo vivo?

– Katniss, está com aquela cavilha aí? – pergunta Finnick, trazendo-me de volta à realidade. Corto a trepadeira que amarra a cavilha em meu cinto e estendo o tubo de metal para ele.

É nesse momento que ouço o berro. Tão cheio de medo e dor que congela o meu sangue. E tão familiar. Deixo cair a cavilha, esqueço onde estou ou do que está na minha frente, só sei que tenho de alcançá-la, de protegê-la. Corro feito uma louca na direção da voz, sem a menor preocupação com o perigo, arrebentando trepadeiras e galhos, atropelando qualquer coisa que me impeça de alcançá-la.

De alcançar minha irmãzinha.

Onde ela está? O que eles estão fazendo com ela?

– Prim? – grito. – Prim! – Ouço apenas um outro grito agonizante como resposta. *Como ela veio parar aqui? Por que ela está fazendo parte dos Jogos?* – Prim!

Trepadeiras arranham meu rosto e meus braços, plantas rasteiras agarram meus pés. Mas estou me aproximando dela. Estou ficando mais próxima. Bem próxima agora. Suor escorre pelo meu rosto, picando os ferimentos do ácido que estão sarando. Arquejo, tentando aspirar um pouco do ar quente e úmido que parece estar sem oxigênio algum. Prim emite um som tão perdido e irremediável que nem consigo imaginar o que eles poderiam ter feito para motivá-lo.

– Prim! – Avanço de encontro à parede de plantas, adentro uma pequena clareira e o som se repete diretamente acima de mim. Acima de mim? Minha cabeça gira para trás. Será que eles estão com ela em cima das árvores? Procuro desesperadamente nos galhos, mas não vejo nada. – Prim? – digo, em tom de súplica. Eu a ouço, mas não consigo vê-la. O choro seguinte dela repercute, claro como um sino, e não há dúvida quanto à origem. Ele vem da boca de um pequeno pássaro de crista preta, empoleirado num galho a mais ou menos três metros acima da minha cabeça. E então eu entendo.

É um gaio tagarela.

Eu nunca vira um antes – pensava que eles já estivessem extintos – e, por um instante, enquanto encosto no tronco da árvore com a mão em cima da pontada que sinto no lado do corpo, eu o examino. O bestante, o precursor, o pai. Produzo uma imagem mental de um tordo, misturo-a com o gaio tagarela e, é claro, consigo ver como eles se reproduziram para gerar o meu tordo. Não há nada no pássaro que indique que ele seja um bestante. Nada, exceto os sons horrivelmente semelhantes à voz de Prim que escapam de sua boca. Eu o silencio com uma flecha no pescoço. O pássaro cai no chão. Retiro a flecha e torço o pescoço do bicho só para garantir. Em seguida arremesso a coisinha desprezível na selva. Nem a fome mais intensa do mundo me convenceria a comer aquele troço.

Aquilo não foi real, digo a mim mesma. *Da mesma maneira que os lobos bestantes no ano passado não eram de fato os tributos mortos. Isso não passa de um truque sádico dos Idealizadores dos Jogos.*

Finnick chega correndo na clareira e me encontra limpando a flecha com um pouco de musgo.

– Katniss?

– Está tudo bem, está tudo bem – digo, embora não esteja me sentindo nem um pouco bem. – Pensei ter ouvido a minha irmã, mas... – O berro penetrante me interrompe bruscamente. Uma outra voz, não a de Prim, talvez a de uma mulher jovem. Não a reconheço. Mas o efeito em Finnick é instantâneo. A cor desaparece de seu rosto e eu percebo que suas pupilas estão se dilatando de medo. – Finnick, espera! – digo, me aproximando para convencê-lo, mas ele saiu em disparada. Saiu correndo atrás da vítima, da mesma maneira insana como eu saí correndo atrás de Prim. – Finnick! – grito, mas sei que ele não vai se virar e esperar que lhe dê uma explicação racional. Então tudo o que eu posso fazer é segui-lo.

Não preciso de esforço para rastreá-lo, muito embora ele esteja se movendo velozmente, já que as marcas que seus pés deixam no caminho são bem visíveis. Mas o pássaro está a pelo menos quatrocentos metros de distância, grande parte do percurso morro acima e, quando eu o alcanço, já estou sem fôlego. Ele está contornando uma árvore gigante. O tronco deve ter mais de um metro de diâmetro e os galhos só começam a surgir a partir dos cinco metros de altura. Os berros da mulher emanam de algum ponto na folhagem, mas o gaio tagarela está escondido. Finnick também está gritando sem parar.

– Annie! Annie!

Ele está em estado de pânico e completamente inabordável, de modo que faço o que faria de um jeito ou de outro. Escalo a árvore adjacente, localizo o gaio tagarela e o abato com uma flecha. O bicho cai de imediato e aterrissa bem aos pés de Finnick. Ele o pega, lentamente estabelecendo a conexão, mas quando desço para me juntar a ele, o estado em que se encontra é ainda mais desesperador do que antes.

– Está tudo bem, Finnick. É apenas um gaio tagarela. Eles estão pregando peças na gente – digo. – A coisa não é real. Não é a sua... Annie.

– Não, não é a Annie. Mas a voz era dela. Os gaios tagarelas imitam o que ouvem. Onde foi que eles pegaram esses berros, Katniss? – diz ele.

Sinto as minhas bochechas empalidecerem à medida que as palavras dele começam a fazer sentido em minha mente.

– Ah, não, Finnick, você não está querendo dizer que eles...

– Estou, sim. É exatamente isso o que estou pensando – diz ele.

Visualizo Prim numa sala branca, atada a uma mesa, enquanto figuras usando togas e máscaras extraem esses sons dela. Em algum lugar, eles a estão torturando, ou a torturaram, para conseguir esses sons. Meus joelhos viram água e desabo no chão. Finnick está tentando me dizer algo, mas não consigo ouvi-lo. O que finalmente consigo ouvir é um outro pássaro começando a cantar em algum ponto à minha esquerda. E dessa vez a voz é de Gale.

Finnick pega o meu braço antes que eu corra.

– Não. Não é ele. – Ele começa a me puxar morro abaixo, na direção da praia. – Vamos sair daqui agora! – Mas a voz de Gale é tão cheia de dor que não consigo deixar de lutar para alcançá-la. – Não é ele, Katniss! É um bestante! – Finnick grita para mim. – Vamos embora! – Ele me empurra, quase me arrasta, praticamente me carrega, até que eu consigo processar as suas palavras. Ele está certo, não passa de outro gaio tagarela. Não vou ajudar Gale abatendo o bicho. Mas isso não muda o fato de que a voz pertence a Gale e que, em algum lugar, em algum momento, alguém o forçou a emitir esses sons.

Contudo, paro de lutar com Finnick e, a exemplo da noite da névoa, fujo do que não consigo combater. Do que só pode me trazer danos. Só que dessa vez é o meu coração, e não o meu corpo, que está se desintegrando. Isso deve ser uma outra arma do relógio. Quatro horas, eu acho. Quando os ponteiros batem quatro horas, os macacos vão para casa e os gaios tagarelas aparecem para brincar. Finnick está certo – sair daqui é a única coisa a fazer. Embora não haja nada que Haymitch porventura pudesse mandar num paraquedas para ajudar, ou a Finnick ou a mim, a nos recuperarmos das feridas que os pássaros infligiram.

Avisto Peeta e Johanna em pé ao lado das fileiras de árvores e sou tomada de um misto de alívio e raiva. Por que será que Peeta não foi me ajudar? Por que será que ninguém foi atrás de nós? Ele continua lá parado, as mãos erguidas com as palmas voltadas para nós, os lábios movendo-se, mas sem que as palavras nos alcancem. Por quê?

A parede é tão transparente que Finnick e eu damos de cara com ela e somos lançados para trás no solo da selva. Tive sorte. Meu ombro recebeu a

pior parte do impacto ao passo que Finnick foi de cara e agora seu nariz está esguichando sangue. É por isso que Peeta e Johanna, e inclusive Beetee, que vejo sacudir tristemente a cabeça atrás deles, não vieram em nosso auxílio. Uma barreira invisível bloqueia a área à nossa frente. Não é um campo de força. Dá para tocar à vontade a superfície dura e lisa. Mas a faca de Peeta e o machado de Johanna não conseguem perfurá-la. Eu sei, sem precisar verificar mais do que alguns metros para um lado, que ela compreende toda a fatia das quatro horas. Que nós ficaremos presos como ratos nessa armadilha até que a hora passe.

Peeta pressiona a mão na superfície e coloco a minha na frente da dele, como seu pudesse senti-lo através da parede. Vejo seus lábios se mexendo, mas não consigo ouvi-lo, não consigo ouvir nada do lado de fora da fatia. Tento entender o que ele está dizendo, mas não consigo me concentrar, de modo que apenas olho fixamente para ele, fazendo o possível para manter minha sanidade.

Então os pássaros começam a chegar. Um atrás do outro. Empoleirando-se nos galhos circundantes. E um coro de horror cuidadosamente orquestrado começa a vazar de suas bocas. Finnick desiste de imediato, agachando-se no chão, apertando as mãos nos ouvidos como se estivesse tentando esmagar seu crânio. Tento lutar um pouco. Esvaziando a minha aljava de flechas nos pássaros hediondos. Mas cada vez que um deles cai morto, um outro rapidamente toma o seu lugar. E finalmente desisto e me enrosco ao lado de Finnick, tentando bloquear os excruciantes sons de Prim, Gale, minha mãe, Madge, Rory, Vick, até Posy, a pequena e indefesa Posy...

Sei que tudo acabou quando sinto as mãos de Peeta em mim, sinto que estou sendo erguida do chão e retirada da selva. Mas meus olhos continuam cerrados, as mãos nos ouvidos, os músculos rígidos demais para relaxar. Peeta me segura no colo, falando palavras tranquilizadoras, embalando-me delicadamente. É necessário um longo tempo até que eu comece a relaxar o aperto férreo que impus a meu corpo. E quando o faço, o tremor começa.

– Está tudo bem , Katniss – sussurra ele.

– Você não ouviu as vozes – respondo.

– Eu ouvi Prim. Bem no início. Mas não era ela – diz ele. – Era um gaio tagarela.

– Era ela. Em algum lugar. O gaio tagarela apenas gravou a voz dela – digo.

– Não, isso é o que eles querem que a gente pense. Da mesma maneira que fiquei imaginando se os olhos de Glimmer estavam naquele bestante no ano passado. Mas os olhos não eram de Glimmer. E aquela não era a voz de Prim. Ou então, se era mesmo, eles pegaram de alguma entrevista ou qualquer coisa assim e distorceram o som. Fizeram com que dissesse as coisas que ela estava dizendo – diz ele.

– Não, eles a estavam torturando – respondo. – Ela provavelmente está morta.

– Katniss, Prim não está morta. Como é que poderiam ter matado Prim? Estamos quase entre os oitos finalista. E aí o que acontece depois? – diz Peeta.

– Mais sete de nós morrem – digo, sem nenhuma esperança.

– Não, nós voltamos para casa. O que acontece quando eles atingem os oito últimos tributos nos Jogos? – Ele levanta o meu queixo para que eu possa olhar para ele, forçando um contato visual. – O que acontece? Nos oito finalista?

Sei que ele está tentando me ajudar, então me obrigo a pensar.

– Nos últimos oito? – repito. – Eles entrevistam nossas famílias e amigos em nossos distritos.

– Exatamente – diz Peeta. – Eles entrevistam nossos familiares e amigos. E como é que eles vão poder fazer isso se mataram todos eles?

– Não mataram? – pergunto, ainda na dúvida.

– Não. É assim que a gente sabe que a Prim está viva. Ela vai ser a primeira a ser entrevistada, não é? – pergunta ele.

Quero acreditar nele. Muito. Só que... aquelas vozes...

– Primeiro Prim. Depois a sua mãe. Seu primo Gale. Madge – continua ele. – Aquilo foi um truque, Katniss. Um truque horrível. Mas somos as únicas pessoas que podem sofrer com ele. Somos nós que estamos disputando os Jogos. Não eles.

– Você realmente acredita nisso? – digo.

– Acredito, sim – diz Peeta. Eu tremo, pensando em como Peeta consegue fazer qualquer pessoa acreditar em qualquer coisa. Olho na direção de Finnick em busca de confirmação e vejo que ele está com os olhos fixos em Peeta, nas palavras dele.

– Você acredita nisso, Finnick? – pergunto.

– Pode ser verdade. Sei lá – diz ele. – Beetee, você acha que poderiam ter feito isso? Poderiam ter pego a voz normal de alguém e fazê-la

parecer...

– Ah, sim. Não é nem assim tão difícil, Finnick. Nossos filhos aprendem uma técnica similar na escola – diz Beetee.

– É claro que Peeta está certo. O país inteiro adora a irmãzinha de Katniss. Se eles tivessem realmente matado a garota dessa maneira, provavelmente um levante generalizado estaria ocorrendo nesse exato momento – diz Johanna, friamente. – E eles não têm nenhum interesse em que isso aconteça, têm? – Ela joga a cabeça para trás e grita: – O país inteiro se rebelando? Ninguém na Capital ia querer que uma coisa dessas acontecesse!

Fico boquiaberta devido ao choque. Ninguém jamais fala esse tipo de coisa nos Jogos. Com toda a certeza eles fizeram um corte em Johanna, tiraram-na de cena na mesa de edição. Mas eu a ouvi, e nunca mais poderei pensar nela nos mesmos termos de antes. Ela jamais ganhará nenhum prêmio por sua delicadeza, mas certamente é uma mulher corajosa. Ou louca. Ela pega algumas conchas e se encaminha para a selva.

– Vou pegar água – diz ela.

Não posso deixar de segurar a mão dela quando ela passa por mim.

– Não vai lá, não. Os pássaros... – Lembro que os pássaros já não devem estar mais lá, mas ainda assim não gostaria que ninguém fosse para lá. Nem mesmo ela.

– Eles não podem me fazer nenhum mal. Não sou como vocês. Não há mais ninguém no mundo que eu ame – diz Johanna, e solta a mão com uma sacudida impaciente. Quando ela me traz de volta uma concha com água, eu a pego com um silencioso balançar de cabeça em agradecimento, ciente do quanto ela desprezaria a pena contida em minha voz.

Enquanto Johanna pega água e recolhe as minhas flechas, Beetee remexe o fio e Finnick vai até a água. Eu também preciso me lavar, mas permaneço nos braços de Peeta, ainda abalada demais para me mover.

– Quem foi que eles usaram contra Finnick? – pergunta ele.

– Uma pessoa chamada Annie – digo.

– Deve ser Annie Cresta – diz ele.

– Quem? – pergunto.

– Annie Cresta. Ela é a garota que Mags salvou ao se apresentar como voluntária. Ela venceu mais ou menos cinco anos atrás – diz Peeta.

Isso deve corresponder ao verão seguinte à morte de meu pai, quando eu estava começando a alimentar a minha família, quando todo o meu ser

estava ocupado em lutar contra a inanição.

– Não me lembro muito bem dos Jogos desse ano – digo. – Esse foi o ano do terremoto?

– Foi, sim. Annie foi a que enlouqueceu quando seu companheiro de distrito foi decapitado. Saiu correndo a esmo e se escondeu. Mas um terremoto destruiu uma barragem e grande parte da arena foi inundada. Ela venceu porque era a melhor nadadora – diz Peeta.

– Ela melhorou depois disso? – pergunto. – Enfim, o estado mental dela melhorou?

– Não sei. Não me lembro de ela ter participado novamente de alguma edição dos Jogos. Mas ela não parecia muito estável durante a colheita deste ano – diz Peeta.

Então ela é o amor de Finnick, penso. *Ninguém daquela fileira de amantes bonitinhas que ele tem na Capital, mas uma pobre coitada louca de seu distrito.*

Um canhão soa e nos reúne na praia. Um aerodeslizador aparece no que nós estimamos ser a zona de transição entre seis e sete horas. Observamos a garra mergulhar cinco vezes para retirar os pedaços de um corpo totalmente destroçado. É impossível saber de quem. Seja lá o que acontece às seis horas nesse relógio, nunca vou querer saber.

Peeta desenha um novo mapa na folha, acrescentando um GT para os gaios tagarelas na seção de transição entre quatro e cinco horas, e escrevendo simplesmente "bestante" naquela em que vimos o tributo despedaçado. Agora temos uma boa ideia do que sete das doze horas proporcionarão. E se há algo de positivo no ataque dos gaios tagarelas, é que ele nos permitiu saber novamente onde estamos no mostrador do relógio.

Finnick tece mais uma cesta de água e uma rede para pescar. Dou uma nadada rápida e passo mais um pouco de unguento na pele. Em seguida, sento na margem da água para lavar o peixe que Finnick pescou e para assistir ao pôr do sol abaixo do horizonte. A lua brilhante já está no céu, preenchendo a arena com aquele estranho crepúsculo. Estamos a ponto de parar para o jantar de peixe cru quando o hino começa a tocar. E depois os rostos...

Cashmere. Gloss. Wiress. Mags. A mulher do Distrito 5. A morfinácea que deu a vida por Peeta. Blight. O homem do Distrito 10.

Oito mortos. Mais oito da primeira noite. Dois terços de nós riscados do mapa em um dia e meio. Isso deve ser alguma espécie de recorde.

– Eles estão realmente acabando com a gente – diz Johanna.

– Quem falta? Além de nós cinco e do Distrito 2? – pergunta Finnick.

– Chaff – diz Peeta, sem precisar pensar a respeito. Talvez Peeta estivesse de olho nele por causa de Haymitch.

Um paraquedas aterrissa com uma pilha de pãezinhos quadrados que cabem na boca.

– Isso aqui é do seu distrito, não é, Beetee? – pergunta Peeta.

– É, sim. Do Distrito 3 – diz ele. – Quantos tem?

Finnick conta os pãezinhos, girando cada um deles nas mãos antes de colocá-los em ordem. Não sei o que rola entre Finnick e pães em geral, mas parece que ele adora manuseá-los.

– Vinte e quatro – diz ele.

– Duas dúzias certinho, então – diz Beetee.

– Exatamente vinte e quatro – diz Finnick. – Como é que a gente vai fazer a divisão?

– Cada um fica com três, e quem quer que ainda esteja vivo no café da manhã pode ficar com o resto – diz Johanna. Não sei porque isso me faz rir um pouco. Acho que é porque é a mais pura verdade. Assim que começo a rir, Johanna olha para mim de um jeito quase aprovador. Não, aprovador não. Mas, quem sabe, satisfeito.

Esperamos a onda gigantesca inundar a seção entre dez e onze horas, esperamos a água baixar, e então vamos para a praia montar o acampamento. Teoricamente, deveríamos estar a salvo da selva pelas próximas doze horas. Há um coro desagradável de cliques, provavelmente produzido por algum tipo de inseto do mal, vindo da fatia das onze às doze horas. Mas seja lá o que está produzindo o som, permanece nos limites da selva e nos mantemos afastados dessa parte da praia, caso eles estejam apenas esperando pelo som descuidado de um passo para nos atacar com seu enxame.

Não sei como Johanna ainda está de pé. Ela só teve uma hora de sono desde que os Jogos começaram. Peeta e eu nos apresentamos como voluntários para o primeiro turno de vigilância porque estamos mais descansados e porque queremos ter um pouco de tempo a sós. Os outros saem imediatamente, embora o sono de Finnick seja inquieto. De vez em quando, ouço-o murmurar o nome de Annie.

Peeta e eu ficamos sentados na areia úmida, cada um olhando em uma direção, meu ombro e meu quadril direitos encostados nos dele. Vigio a água enquanto ele vigia a selva, o que é melhor para mim. Ainda estou assombrada pelas vozes dos gaios tagarelas, sons que os insetos não conseguem apagar, infelizmente. Depois de um tempo, descanso a cabeça no ombro dele. Sinto sua mão acariciar os meus cabelos.

– Katniss – diz ele, suavemente. – Não adianta nada fingir que a gente não sabe o que o outro está tentando fazer. – Não, acho que não adianta mesmo, mas também não é nem um pouco divertido conversar sobre isso. Bom, pelo menos para nós não é. Os telespectadores da Capital vão ficar colados em suas poltronas para não perderem uma maldita palavra sequer.

– Não sei que tipo de acordo você imagina que fez com Haymitch, mas você precisa saber que ele também me fez promessas. – É claro que também sei disso. Haymitch disse que eles poderiam me deixar viva para que Peeta não ficasse desconfiado. – Então acho que a gente pode imaginar que ele estava mentindo para um de nós.

Isso atrai a minha atenção. Um acordo duplo. Uma promessa dupla. E somente Haymitch sabe qual é real. Levanto a cabeça e encontro os olhos de Peeta.

– Por que você está dizendo isso agora?

– Porque não quero que você se esqueça de como as nossas circunstâncias são diferentes. Se você morrer, e eu continuar vivo, acaba a vida para mim no Distrito 12. Você é toda a minha vida – diz ele. – Eu nunca mais seria feliz. – Começo a me opor, mas ele coloca um dedo nos meus lábios. – Para você a coisa é diferente. Não estou dizendo que não seria difícil. Mas existem outras pessoas que fazem com que a sua vida valha a pena ser vivida.

Peeta tira do pescoço a correntinha com o disco de ouro. Ele a segura à luz do luar para que eu possa ver claramente o tordo. Em seguida, o polegar dele desliza por uma lingueta que eu não havia percebido antes e o disco se abre. Ele não é sólido, como tinha imaginado, mas é um estojinho. E dentro do estojinho estão fotos. No lado direito, minha mãe e Prim, rindo. E no esquerdo, Gale, sorrindo, na verdade.

Não há nada no mundo que pudesse me quebrar com mais rapidez nesse momento do que esses três rostos. Depois do que ouvi hoje de tarde... isso é a arma perfeita.

– Sua família precisa de você, Katniss – diz Peeta.

Minha família. Minha mãe. Minha irmã. E meu falso primo Gale. Mas a intenção de Peeta é clara. Que Gale faz realmente parte da minha família, ou fará algum dia, se eu continuar viva. Que me casarei com ele. Então Peeta está me dando sua vida e Gale ao mesmo tempo. Para que eu saiba que jamais deveria ter dúvidas quanto a isso. Tudo. Isso é o que Peeta quer que eu leve dele.

Espero que ele mencione o bebê, que faça seu joguinho para as câmeras, mas ele não faz. E é assim que sei que nada disso faz parte dos Jogos. Que ele está me dizendo a verdade acerca de seus sentimentos.

– Ninguém precisa realmente de mim – diz ele, e não há nenhuma autocomiseração na voz dele. É verdade que a família de Peeta não precisa dele. Eles sentirão a sua morte, assim como um punhado de amigos. Mas continuarão com suas vidas. Até mesmo Haymitch, com a ajuda de uma grande quantidade de aguardente branca, seguirá com sua vida. Percebo que apenas uma pessoa ficará irreversivelmente devastada pela morte de Peeta. Eu.

– Eu preciso – digo. – Eu preciso de você. – Ele parece chateado. Respira fundo como se estivesse a ponto de iniciar uma longa discussão, e isso não é bom, não é nada bom, porque ele vai começar a falar sobre Prim, minha mãe e tudo o mais, e vou acabar ficando confusa. Então, antes que ele possa falar, paro os lábios dele com um beijo.

Estou sentindo novamente aquela coisa. Aquela coisa que só senti uma única vez antes. Ano passado na caverna, quando estava tentando fazer com que Haymitch nos enviasse comida. Beijei Peeta umas mil vezes durante aqueles Jogos e depois. Mas houve apenas um beijo que fez com que eu sentisse algo se agitando bem dentro de mim. Um único beijo que fez com que eu quisesse mais. Mas o ferimento na minha cabeça começou a sangrar e ele me convenceu a deitar.

Dessa vez, não há nada além de nós para nos interromper. E, depois de algumas tentativas, Peeta desiste de falar. A sensação dentro de mim fica mais quente e se espalha pelo meu peito, percorre todo o meu corpo, braços e pernas, e vai até as extremidades do meu ser. Em vez de me satisfazer, os beijos têm o efeito oposto. Fazem com que minha necessidade seja ainda maior. Pensava ser uma espécie de especialista em fome, mas essa fome aqui é de um tipo totalmente diverso.

É a primeira manifestação da tempestade – o raio atingindo a árvore à meia-noite – que nos traz de volta à realidade. Ela também desperta

Finnick. Ele se senta no chão com um grito agudo. Vejo os dedos dele escavando a areia enquanto se assegura de que quaisquer pesadelos que porventura ele tenha tido não eram reais.

– Não consigo mais dormir – diz ele. – Um de vocês devia descansar. – Só então ele parece notar nossas expressões, a maneira como estamos abraçados um ao outro. – Ou os dois. Posso vigiar sozinho.

Mas Peeta não permite.

– É perigoso demais – diz ele. – Eu não estou cansado. Você dorme, Katniss. – Não me oponho porque preciso realmente dormir se pretendo estar em boas condições físicas para mantê-lo vivo. Deixo-o me conduzir até o local onde estão os outros. Ele põe a corrente com o estojinho em meu pescoço e então pousa a mão em cima do ponto onde nosso bebê estaria. – Você vai ser uma excelente mãe, sabia? – Então me beija uma última vez e volta para Finnick.

A referência que ele faz ao bebê sinaliza que nosso tempo de folga dos Jogos se encerrou. Que ele sabe que a audiência vai estar imaginando por que ele não usou o argumento mais persuasivo em seu arsenal. Que os patrocinadores devem ser manipulados.

Mas enquanto estico o corpo na areia começo a imaginar: será que haveria outros significados? Será que aquelas palavras poderiam funcionar como lembretes endereçados a mim, significando que eu ainda poderia algum dia ter filhos com Gale? Bom, se foi esse o caso, ele cometeu um erro. Porque, por um lado, isso jamais fez parte do meu plano. E por outro, se apenas um de nós pode efetivamente ter filhos, qualquer um pode ver que essa pessoa deveria ser Peeta.

Enquanto adormeço, tento imaginar aquele mundo, em algum lugar do futuro, sem Jogos, sem Capital. Um lugar como a campina na canção que cantei para Rue quando ela estava morrendo. Onde o filho de Peeta poderia estar seguro.

Quando acordo, tenho uma breve, porém deliciosa, sensação de felicidade que está de uma forma ou de outra conectada com Peeta. Felicidade, é claro, é um completo absurdo a essa altura, já que, pelo andar da carruagem, estarei morta em um dia. E esse é o cenário mais otimista, se eu for capaz de eliminar o restante do grupo, incluindo a mim mesma, e fazer com que Peeta seja coroado como vencedor do Massacre Quaternário. Ainda assim, a sensação é tão inesperada e gostosa que me grudo a ela, ao menos por alguns momentos. Antes que a areia dura, o sol quente e a coceira na minha pele exijam um retorno à realidade.

Todos já estão de pé e observando a descida de um paraquedas na praia. Junto-me a eles para uma outra entrega de pão. É idêntica àquela que recebemos na noite anterior. Vinte e quatro pãezinhos do Distrito 3. Isso nos dá trinta e três ao todo. Cada um de nós pega cinco, deixando outro de reserva. Ninguém diz, mas oito será a conta exata da divisão depois da próxima morte. De alguma maneira, à luz do dia, fazer piada sobre quem vai estar ali para comer os pãezinhos perdeu toda a graça.

Quanto tempo ainda vai durar essa aliança? Acho que ninguém esperava que o número de tributos baixasse tão rapidamente. E se eu estiver errada a respeito dos outros estarem protegendo Peeta? Se tudo foi puramente acidental, ou se não passou de uma estratégia a fim de ganhar a nossa confiança para que nos tornássemos vítimas fáceis, ou será que não estou entendendo o que realmente está acontecendo? Espere aí, não há nenhum *se* em relação a isso. Eu *não* estou entendendo o que está acontecendo. E se não estou entendendo, é hora de Peeta e eu darmos o fora daqui.

Sento-me ao lado de Peeta na areia para comer meus pãezinhos. Por algum motivo, é difícil olhar para ele. Talvez tenha sido por causa de todos aqueles beijos ontem à noite, embora nós dois nos beijarmos não seja mais nenhuma novidade. Talvez nem tenha representado nenhuma diferença para ele. Pode ser que seja por eu saber que nos resta tão pouco tempo. E por estarmos envolvidos em tantas propostas cruzadas no que concerne a quem deve sobreviver nesses Jogos.

Depois de comermos, pego a mão dele e o levo até a água.

– Vamos. Vou te ensinar a nadar.

Preciso levá-lo para longe dos outros, para um local onde possamos discutir a separação. A coisa vai ser espinhosa, porque assim que eles perceberem que estamos rompendo a aliança, nos tornaremos alvos instantâneos.

Se estivesse realmente ensinando-o a nadar, eu o mandaria tirar o cinto, já que o objeto o mantém à tona, mas o que isso importa agora? Então, apenas mostro a ele as braçadas básicas e o deixo praticar na água rasa. No início, reparo Johanna nos vigiando com os olhos, mas com o tempo ela perde o interesse e vai tirar uma soneca. Finnick está tecendo uma nova rede a partir de trepadeiras e Beetee está brincando com o fio. Sei que o momento chegou.

Enquanto Peeta estava nadando, descobri uma coisa. As feridas que restam em mim estão começando a descascar. Esfregando delicadamente um punhado de areia para cima e para baixo em meu braço, limpo o que sobrou dos ferimentos, revelando uma pele nova por baixo. Interrompo o treinamento de Peeta sob o pretexto de mostrar a ele como se livrar das feridas que coçam e, enquanto nós dois nos esfregamos, menciono a nossa fuga.

– Escuta, agora só restam oito. Acho que está na hora de a gente se mandar – digo baixinho, embora duvide que algum tributo possa me ouvir.

Peeta balança a cabeça em concordância, e vejo que ele está avaliando a minha proposta. Calculando se nossas chances serão grandes.

– Quer saber? – diz ele. – Vamos ficar por aqui até que Brutus e Enobaria estejam mortos. Acho que Beetee está tentando montar alguma armadilha para eles agora. Depois disso, prometo que a gente vai embora.

Eu não estou totalmente convencida. Mas se sairmos agora, teremos dois grupos de adversários em nosso encalço. Talvez três, porque quem é que pode saber o que se passa pela cabeça de Chaff? Além do mais, tem o relógio para enfrentarmos. E também temos de pensar em Beetee. Johanna só o trouxe por minha causa, e se sairmos, ela certamente o matará. Então eu lembro. Não posso proteger Beetee também. Só pode haver um único vitorioso e tem de ser Peeta. Preciso aceitar isso. Tenho de tomar decisões baseadas apenas na sobrevivência dele.

– Tudo bem – digo. – Vamos ficar até que os Carreiristas estejam mortos. Mas depois vamos embora. – Eu me viro e aceno para Finnick. –

Ei, Finnick, venha cá! A gente descobriu como deixar você bonitinho de novo!

Nós três raspamos as feridas de nossos corpos, ajudando os outros a tirá-las de suas costas, e saímos com a mesma coloração rosada do céu. Aplicamos uma outra rodada de remédio porque a pele parece delicada demais para a luz do sol, mas a aparência não é nem um pouco ruim e vai ser uma boa camuflagem na selva.

Beetee nos chama, e parece que durante todas essas horas remexendo o fio, ele efetivamente bolou um plano.

– Acho que todos nós concordamos que nossa próxima tarefa é matar Brutus e Enobaria – diz ele, suavemente. – Duvido que nos ataquem novamente de maneira direta agora que estão em número menor. Poderíamos caçá-los, imagino, mas é um trabalho perigoso e exaustivo.

– Você acha que eles descobriram a coisa do relógio? – pergunto.

– Se não descobriram, vão descobrir logo, logo. Talvez não de maneira tão específica quanto nós. Mas eles devem estar sabendo que pelo menos algumas das zonas estão protegidas por campos de força e que o mecanismo segue um modelo circular. E também o fato de que o nosso último combate foi interrompido pela intervenção de um Idealizador dos Jogos não vai passar despercebido a eles. Sabemos que isso foi uma tentativa de nos desorientar, mas eles devem estar se perguntando por que isso foi feito, o que também pode fazer com que percebam que a arena é um relógio – diz Beetee. – Então acho que nossa melhor opção vai ser montar nossa própria armadilha.

– Espere aí que vou acordar a Johanna – diz Finnick. – Ela vai ficar uma fera se achar que perdeu alguma coisa assim tão importante.

– Ou não – murmuro, já que ela está sempre uma fera, mas não o impeço, porque eu mesma ficaria com raiva se fosse excluída de um plano a essa altura do campeonato.

Quando ela se junta a nós, Beetee pede que nos afastemos um pouquinho para que ele tenha espaço para trabalhar na areia. Rapidamente desenha um círculo e o divide em doze fatias. É a arena, não representada com os traços precisos de Peeta, mas com as linhas toscas de um homem cuja mente está ocupada por outras coisas bem mais complexas.

– Se vocês fossem Brutus e Enobaria, sabendo o que sabem agora sobre a selva, onde vocês se sentiriam mais seguros? – pergunta Beetee. Não há nenhum traço de superioridade ou condescendência em sua voz, e

ainda assim não consigo deixar de pensar que ele me faz lembrar um professor tentando dar uma aula para algumas crianças. Talvez seja a diferença de idade, ou simplesmente o fato de Beetee provavelmente ser um milhão de vezes mais inteligente do que nós.

– Onde estamos agora. Na praia – diz Peeta. – É o local mais seguro.

– Então por que eles não estão na praia? – diz Beetee.

– Porque nós estamos aqui – diz Johanna, impaciente.

– Exato. Nós estamos aqui, nós tomamos posse da praia. Agora, para onde vocês iriam? – diz Beetee.

Penso na selva mortífera, na praia ocupada.

– Eu me esconderia no limite da selva. Assim poderia fugir se alguém me atacasse. E também poderia espionar a posição dos outros.

– E também para comer – diz Finnick. – A selva é cheia de criaturas e plantas estranhas. Mas, observando a gente, eu saberia que a comida do mar é segura.

Beetee sorri para nós como se as respostas que demos tivessem superado todas as suas expectativas.

– É isso, muito bom. Agora o que eu proponho é isso aqui: um ataque às doze horas. O que acontece exatamente ao meio-dia e à meia-noite?

– O raio atinge a árvore – digo.

– Sim. Então o que estou sugerindo é que, depois do raio do meio-dia, mas antes do raio da meia-noite, passemos o meu fio daquela árvore até a água salgada que é, evidentemente, altamente condutora de energia. Quando o raio surgir, a eletricidade vai viajar pelo fio em direção não só à água, mas também à praia circundante, que ainda vai estar molhada por causa da onda das dez horas. Qualquer um em contato com aquelas superfícies naquele momento específico será eletrocutado – diz Beetee.

Há uma longa pausa enquanto nós todos digerimos o plano de Beetee. Parece um pouco fantástico demais para mim, até mesmo impossível. Mas por quê? Já montei milhares de armadilhas. Por acaso, isso não é apenas uma armadilha de maiores proporções e dotada de componentes mais científicos? Será que funcionaria? Como é que podemos ao menos questioná-la, nós, tributos treinados para pescar, cortar lenha e retirar carvão? O que podemos saber sobre utilizar os recursos energéticos do céu?

Peeta questiona:

– Esse fio vai mesmo ser capaz de conduzir tanta energia assim, Beetee? Ele tem uma aparência tão frágil, parece que vai pegar fogo num

instante.

– Vai sim. Mas só quando a corrente tiver passado por ele. Ele vai funcionar mais ou menos como um fusível, na verdade. Só que a eletricidade vai viajar por ele – diz Beetee.

– Como é que você sabe? – pergunta Johanna, demonstrando claramente ainda não estar convencida.

– Sei porque fui eu que inventei isso – diz Beetee, como se estivesse ligeiramente surpreso. – Na verdade ele não é um fio comum. Assim como o raio não é um raio natural e nem a árvore é uma árvore verdadeira. Você conhece árvores melhor do que qualquer um de nós aqui, Johanna. Elas já estariam destruídas depois dos raios, não estariam?

– Estariam, sim – diz ela, de modo taciturno.

– Não se preocupem com o fio. Ele vai fazer exatamente o que estou falando – assegura-nos Beetee.

– E onde é que nós vamos estar quando isso acontecer? – pergunta Finnick.

– Na selva, a uma distância segura – responde Beetee.

– Então os Carreiristas também estarão seguros, a menos que estejam próximos da água – observo.

– Exato – diz Beetee.

– Mas toda a comida do mar ficará cozida – diz Peeta.

– Provavelmente muito mais do que cozida – diz Beetee. – Muito provavelmente, teremos eliminado definitivamente a capacidade do mar de nos fornecer comida. Mas vocês encontraram outros itens comestíveis na selva, não é, Katniss?

– Encontramos, sim. Nozes e ratos – digo. – E temos patrocinadores.

– Bom, nesse caso, acho que comida não será problema – diz Beetee. – Mas como somos aliados e o empreendimento necessitará de todos os nossos esforços, a decisão de tentar ou não isso cabe a vocês quatro.

Nós *somos* alunos mesmo. Completamente incapazes de contrapor a teoria dele com qualquer coisa que não sejam as preocupações mais elementares. A maioria das quais nem tem qualquer relação com o plano real dele. Olho para os rostos desconcertados dos outros.

– Por que não? – digo. – Se isso falhar, nenhum mal foi feito. Se funcionar, há uma chance bem razoável de matar todos eles. E mesmo que não morram e a gente só consiga acabar com a comida do mar, Brutus e Enobaria também perdem a água como fonte de comida.

– Na minha opinião, a gente deve tentar – diz Peeta. – Katniss tem razão.

Finnick olha para Johanna e ergue as sobrancelhas. Ele não vai participar disso sem ela.

– Tudo bem – diz ela, por fim. – De qualquer maneira, é melhor do que ir atrás deles na selva. Duvido que eles entendam o nosso plano, já que nem a gente consegue entender a coisa muito bem.

Beetee quer inspecionar a árvore do raio antes de atar o fio. A se julgar pelo sol, são mais ou menos nove da manhã. De qualquer modo, temos de deixar a nossa praia logo, logo. Então desmontamos o acampamento, caminhamos até a praia que faz limite com a seção do raio e nos encaminhamos para a selva. Beetee ainda está fraco demais para subir a encosta por conta própria, de modo que Finnick e Peeta se revezam carregando-o. Deixo Johanna seguir à frente porque é uma linha bem reta até a árvore e imagino que ela não terá chance de fazer com que o grupo se perca demais. Além disso, posso causar muito mais estragos com uma aljava cheia de flechas do que ela com dois machados, de modo que sou a mais apta a cuidar da retaguarda.

O ar denso e abafado pesa sobre mim. O calor não deu nenhuma trégua desde o começo dos Jogos. Gostaria muito que Haymitch parasse de nos mandar aqueles pãezinhos do Distrito 3 e nos conseguisse um pouco mais daquelas coisas do Distrito 4, porque já suei litros nos últimos dois dias e, muito embora tenha comido peixe, estou ansiando por um pouco de sal no organismo. Um pedaço de gelo seria uma outra boa ideia. Ou água gelada. Estou grata pelo fluido das árvores, mas ele tem a mesma temperatura que a água salgada, e o ar, e os outros tributos, e eu. Não passamos de um robusto caldo morno.

Quando estamos nos aproximando da árvore, Finnick sugere que eu assuma a dianteira.

– Katniss consegue ouvir o campo de força – explica ele para Beetee e Johanna.

– Ouvir o campo de força? – pergunta Beetee.

– Só por causa do ouvido reconstruído pela Capital – digo. Adivinha quem eu não estou enganando com essa história? Beetee. Porque certamente ele se lembra de ter me mostrado como avistar um campo de força, e talvez seja impossível alguém ouvir campos de força, de um modo

ou de outro. Mas, seja lá por quais razões, ele não questiona a minha afirmação.

– Então, que Katniss vá na frente e não se fala mais nisso – diz ele, fazendo uma pausa para enxugar o vapor de seus óculos. – Não podemos brincar com campos de força.

A árvore do raio é inconfundível, sua imensa altura destacando-se bastante em relação às outras. Pego um punhado de nozes e faço todo mundo parar enquanto me movo lentamente encosta acima, jogando as nozes na minha frente. Mas vejo o campo de força quase que imediatamente, inclusive antes de ele ser atingido por uma das nozes, porque ele se encontra a apenas quinze metros de distância. Meus olhos, que estão varrendo a vegetação à frente, avistam o quadrado ondulado bem no alto e à minha direita. Jogo uma noz bem na minha frente e a escuto crepitar em confirmação.

– Fiquem embaixo da árvore do raio – digo aos outros.

Dividimos as tarefas. Finnick protege Beetee enquanto ele examina a árvore, Johanna a fura em busca de água, Peeta colhe nozes e eu caço nas redondezas. Os ratos de árvore parecem não ter nenhum medo de humanos, de modo que abato três deles com facilidade. O som da onda das dez horas me faz lembrar que deveria voltar; retorno aos outros e limpo a caça. Em seguida, desenho uma linha na terra a alguns centímetros do campo de força para funcionar como um lembrete de que devemos nos manter afastados, e Peeta e eu começamos a assar nozes e a incinerar cubos de rato.

Beetee ainda está às voltas com a árvore, fazendo não sei o quê, medindo isso e aquilo. Em determinado momento, ele arranca uma casca do tronco da árvore, junta-se a nós e a joga contra o campo de força. Ela é repelida e aterrissa no chão, brilhando. Em poucos instantes a casca volta à sua cor original.

– Bom, isso explica muita coisa – diz Beetee. Olho para Peeta e sou obrigada morder o lábio para não rir, já que isso não explica absolutamente nada a ninguém, exceto a Beetee.

Mais ou menos nessa hora, ouvimos cliques vindos do setor adjacente ao nosso. Isso significa que são onze horas. Faz muito mais barulho na selva do que fazia na praia na noite anterior. Ouvimos atentamente.

– Não é uma coisa mecânica – diz Beetee, decidido.

– Eu diria que são insetos – digo. – Talvez besouros.

– Alguma coisa com antenas – acrescenta Finnick.

O som fica mais intenso, como se alertado para a proximidade de carne viva por nossas palavras abafadas. Seja lá o que estiver produzindo esses cliques, aposto que pode nos deixar no osso em questão de segundos.

– De qualquer maneira, é melhor a gente sair daqui – diz Johanna. – Falta menos de uma hora para o raio aparecer.

Entretanto, não vamos tão longe assim. Vamos apenas para a árvore idêntica na seção da chuva de sangue. Fazemos uma espécie de piquenique, agachados no chão, comendo nossa carne de caça e nossas nozes, esperando o raio que logo se faz presente. Por solicitação de Beetee, subo na copa da árvore quando os cliques começam a desaparecer. Quando o raio estoura, é um brilho extremamente intenso, mesmo daqui, mesmo com a forte luz do sol. Ele envolve completamente a árvore distante, deixando-a com um forte brilho azulado e fazendo com que o ar ao redor fique carregado de eletricidade. Desço e relato minhas descobertas a Beetee, que parece satisfeito, mesmo que minhas palavras não sejam lá muito científicas.

Fazemos uma rota circundante para voltar à praia das dez horas. A areia é macia e úmida, limpa pela onda recente. Beetee nos dá a tarde de folga enquanto trabalha em seu fio. Como o objeto é sua arma e não precisamos nos submeter tão inteiramente aos conhecimentos dele, há uma sensação esquisita de estarmos saindo mais cedo da escola. De início, nos revezamos tirando sonecas no limite sombreado da selva, mas no final da tarde todos estão acordados e inquietos. Decidimos fazer uma espécie de banquete com os frutos do mar, já que talvez essa seja a nossa última chance de aproveitá-los. Sob a orientação de Finnick cravamos lanças em peixes e catamos crustáceos, até mergulhamos para pegar ostras. Gosto mais dessa última parte, não por ter um grande apetite por ostras. Só comi ostra uma vez na vida, na Capital, e não consegui me virar muito bem com aquelas coisas escorregadias. Mas é maravilhoso mergulhar e ficar embaixo d'água, é como estar num mundo totalmente diferente. A água é muito clara, e cardumes de peixes das matizes mais brilhantes e estranhas flores aquáticas decoram o leito arenoso.

Johanna monta guarda enquanto Finnick, Peeta e eu limpamos e arrumamos os frutos do mar. Peeta acaba de abrir uma ostra quando eu o ouço dar uma gargalhada.

– Olha só isso aqui! – Ele está segurando uma pérola resplandecente, perfeita, mais ou menos do tamanho de uma ervilha. – Você sabia que se

você pressionar bastante o carvão ele se transforma em pérolas? – diz ele seriamente para Finnick.

– Não, não se transforma – diz Finnick, dando a conversa por encerrada. Mas eu me descontrolo, lembrando que foi assim que uma inábil Effie Trinket nos apresentou ao povo da Capital ano passado, quando ainda ninguém nos conhecia. Como carvão pressionado para se transformar em pérolas a partir de nossa existência pesada. Beleza surgida da dor.

Peeta limpa a pérola na água e a estende para mim.

– Para você.

Seguro a pérola na palma da minha mão e examino sua superfície iridescente à luz do sol. Sim, vou ficar com ela. Pelas poucas horas que me restam de vida, vou ficar com ela bem grudada em mim. Este último presente de Peeta. O único que realmente posso aceitar. Talvez ela me dê força nos momentos finais.

– Obrigada – digo, fechando a mão nela. Olho friamente nos olhos azuis da pessoa que é agora o meu grande oponente, a pessoa que me manteria viva às custas de sua própria vida. E prometo a mim mesma que derrotarei o plano dessa pessoa.

Encaro o riso seco daqueles olhos, que agora fixam-se tanto nos meus que é como se pudessem ler os meus pensamentos.

– O estojinho não funcionou, não é mesmo? – diz Peeta, embora Finnick esteja bem ali. Embora todos possam ouvi-lo. – Katniss?

– Funcionou, sim.

– Mas não da maneira como eu queria que funcionasse – diz ele, evitando olhar para mim. Depois disso ele não olha para mais nada além das ostras.

Justamente quando estamos a ponto de começar a comer, um paraquedas aparece com dois suplementos para nossa refeição. Um potinho com molho vermelho picante e mais uma porção de pãezinhos do Distrito 3. Finnick, é claro, começa a contá-los imediatamente.

– Vinte e quatro novamente – diz ele.

Trinta e quatro pãezinhos, nesse caso. Então cada um de nós pega cinco, deixando sete, que jamais poderão ser divididos igualmente. É pão para uma única pessoa.

A carne do peixe de água salgada, os crustáceos suculentos. Até mesmo as ostras parecem apetitosas, muito melhoradas pelo molho. Nós nos refestelamos até que ninguém consegue mais dar uma dentada, e ainda

assim sobra bastante comida. Entretanto, não vamos poder ficar com a sobra, de modo que jogamos tudo de volta no mar para que os Carreiristas não se aproveitem dela quando sairmos. Ninguém se importa com as conchas. A onda deverá se encarregar de levá-las.

Não há nada a fazer a não ser esperar. Peeta e eu nos sentamos na beira da água, de mãos dadas, mudos. Ele fez seu discurso ontem à noite, mas não fez com que eu mudasse de ideia, e nada que eu diga poderá mudar a decisão dele. O tempo dos presentes persuasivos acabou.

Mas tenho a pérola, presa num paraquedas com a cavilha, e o remédio na minha cintura. Espero que ela consiga voltar para o Distrito 12.

Certamente minha mãe e Prim garantirão que ela retorne a Peeta antes de enterrarem o meu corpo.

O hino começa, mas não há rostos no céu na noite de hoje. A audiência vai ficar agitada, sedenta por sangue. A armadilha de Beetee é tão promissora que os Idealizadores dos Jogos decidiram não empreender novos ataques. Talvez estejam simplesmente curiosos para ver se ela vai funcionar.

Quando Finnick e eu julgamos ser mais ou menos nove horas, saímos de nosso acampamento repleto de conchas, nos dirigimos para a praia das doze horas e rapidamente começamos a avançar encosta acima para a árvore do raio à luz do luar. Nossos estômagos cheios nos deixam mais desconfortáveis e sem fôlego do que estávamos durante a escalada matinal. Começo a lamentar aquelas últimas ostras.

Beetee pede para Finnick o auxiliar e o resto do grupo monta guarda. Antes mesmo de atar qualquer fio à árvore, Beetee desenrola metros e metros do material. Ele pede para Finnick amarrá-lo com firmeza ao redor de um galho quebrado e depositá-lo no chão. Em seguida os dois ficam em pé, cada um de um lado da árvore, passando o cilindro um para o outro enquanto enrolam o fio em volta do tronco. De início parece arbitrário, mas então vejo um padrão, como um intrincado emaranhado, se revelando à luz do luar no lado de Beetee. Imagino se faz alguma diferença a maneira de o fio ser colocado, ou se isso é feito apenas para aumentar a especulação da audiência. Aposto que a maioria das pessoas que estão assistindo entende tanto de eletricidade quanto eu.

O trabalho no tronco fica completo no exato instante em que ouvimos a onda bater. Nunca compreendi em que ponto das dez horas ela irrompe. Deve haver algum tipo de aumento gradual, depois a onda propriamente dita e em seguida as consequências da inundação. Mas o céu está me dizendo que são dez e meia.

É nesse momento que Beetee revela o resto do plano. Como nos movemos rapidamente através das árvores, ele quer que Johanna e eu levemos o fio pela selva, desenrolando-o à medida que seguimos. Devemos depositá-lo ao longo da praia das doze horas e jogar o cilindro de metal, com o que quer que tenha sobrado, bem no fundo do mar, e nos certificar de

que ele afundou mesmo. Em seguida, devemos correr para a selva. Se formos agora, nesse instante, poderemos fazer tudo com uma boa margem de segurança.

– Quero ir com elas para montar guarda – diz Peeta, imediatamente. Depois daquele momento com a pérola, sei que ele está menos disposto do que nunca a permitir que eu escape de seu controle.

– Você é lento demais. E além do mais, vou precisar de você nessa extremidade. Katniss vai montar guarda – diz Beetee. – Não há tempo para discutir isso. Sinto muito. Para as garotas escaparem de lá com vida, é preciso que elas partam agora mesmo. – Ele entrega o fio a Johanna.

Não gosto mais do plano do que Peeta. Como é que vou poder protegê-lo a distância? Mas Beetee tem razão. Com aquela perna, Peeta é lento demais para descer a encosta a tempo. Johanna e eu somos mais rápidas e mais habituadas a pisar no tipo de solo da selva. Não consigo imaginar nenhuma alternativa. E se confio em alguém aqui além de Peeta, esse alguém é Beetee.

– Está tudo bem – digo a Peeta. – A gente solta o fio e volta direto pra cá.

– Mas não para a zona do raio – lembra Beetee. – Vocês precisam ir para a árvore no setor de transição entre duas horas e uma hora. Se vocês acharem que o tempo está se esgotando, sigam para a fatia seguinte. Mas nem pensem em voltar para a praia até que eu tenha condições de avaliar o estrago.

Coloco as mãos no rosto de Peeta.

– Não se preocupe. A gente se vê à meia-noite. – Dou um beijo nele e, antes que possa se opor ainda mais, solto-me e me viro para Johanna. – Está pronta?

– Por que não? – diz Johanna, dando de ombros. Está claro que ela acha essa parceria tão desagradável quanto eu. Mas estamos todos presos na armadilha de Beetee. – Você monta guarda, eu desenrolo o fio. Depois podemos trocar.

Sem falar mais, descemos a encosta. Na realidade, há pouquíssimas discussões entre nós. Avançamos num ritmo bastante razoável, uma desenrolando o fio, a outra montando guarda. Mais ou menos na metade do percurso, ouvimos os cliques ficando mais intensos, indicando que passa das onze.

– É melhor a gente correr com isso – diz Johanna. – Quero estar bem longe dessa água quando o raio chegar. Sei lá se o Faísca fez algum cálculo errado.

– Me deixa com o fio um pouco – digo. É um trabalho mais pesado dispor o fio do que montar guarda, e o turno dela foi bem longo.

– Aqui – diz Johanna, passando o fio para mim.

Nossas mãos ainda estão no cilindro de metal quando ocorre uma ligeira vibração. Subitamente, o fino fio dourado cai em cima de nós, emaranhando-se em rolinhos ao redor de nossos punhos. Então a extremidade cortada vai até nossos pés.

Levamos apenas um segundo para registrar essa rápida mudança. Johanna e eu nos entreolhamos, mas nenhuma das duas tem algo a dizer. Alguém não muito acima de nós cortou o fio. E vai estar em cima da gente a qualquer momento.

Minha mão se livra do fio e está tocando as penas de uma flecha quando o cilindro de metal se choca contra a lateral da minha cabeça. A próxima coisa que sei é que estou deitada de costas nas trepadeiras, uma terrível dor na têmpora esquerda. Há algo de errado com meus olhos. Minha visão está embaçada, sem foco, enquanto luto para fazer com que as duas luas flutuando no céu voltem a ser uma só. Está difícil respirar, e percebo que Johanna está sentada em meu peito, me prendendo pelos ombros com os joelhos.

Sinto uma pontada no antebraço esquerdo. Tento movê-lo, mas ainda estou muito incapacitada. Johanna está enterrando alguma coisa, acho que a ponta de sua faca, em mim, girando-a. Tenho uma sensação excruciante de estar sendo cortada, e uma coisa quente e viscosa escorre pelo meu pulso, enchendo a minha mão. Ela baixa o meu braço com firmeza e cobre metade do meu rosto com sangue.

– Fique abaixada! – sibila ela. O peso dela abandona o meu corpo e fico sozinha.

Fique abaixada?, penso. *O quê? O que está acontecendo?* Meus olhos se fecham, bloqueando o mundo inconsistente, enquanto tento dar algum sentido a minha situação.

Só consigo pensar em Johanna empurrando Wiress para a praia. "*Fique abaixada, certo?* " Mas ela não atacou Wiress. Não dessa maneira. Mas, de qualquer maneira, eu não sou Wiress. Eu não sou Pancada. "*Fique abaixada, certo?* " ecoa em meu cérebro.

Passos se aproximando. Dois pares. Pesados, sem a preocupação de esconder seu paradeiro.

A voz de Brutus:

– Ela está mortinha! Vamos embora, Enobaria! – Pés se movendo na noite.

Estou? Minha consciência vai e volta em busca de uma resposta. Estou mesmo mortinha? Não estou em posição de postular um argumento em contrário. Na realidade, pensar racionalmente já é uma luta em si. Disso eu sei muito bem. Johanna me atacou. Bateu com toda força aquele cilindro na minha cabeça. Cortou meu braço, provavelmente causando danos irreparáveis em veias e artérias, e em seguida Brutus e Enobaria apareceram antes que ela tivesse tempo para acabar comigo.

A aliança está rompida. Finnick e Johanna devem ter entrado num acordo a respeito de nós ontem à noite. Eu sabia que devíamos ter saído naquela manhã. Não sei qual é a posição de Beetee. Mas sou uma presa fácil, assim como Peeta.

Peeta! Meus olhos ficam arregalados de pânico. Peeta está esperando na árvore, sem desconfiar de nada e despreparado. Talvez Finnick já até o tenha matado a uma hora dessas.

– Não – sussurro.

Aquele fio foi cortado de uma distância curta pelos Carreiristas. Finnick, Beetee e Peeta – eles não têm como saber o que está acontecendo por aqui. Eles só podem estar imaginando o que aconteceu, por que o fio ficou solto ou voltou de repente para a árvore. Isso, em si, não pode ser um sinal para matar, pode? Certamente isso foi apenas Johanna decidindo que chegara a hora de romper conosco. De me matar. De fugir dos Carreiristas. Para em seguida levar Finnick para a luta o mais rápido possível.

Eu não sei. Eu não sei. Só sei que preciso voltar para onde está Peeta e mantê-lo vivo. Toda a minha força de vontade é necessária para que me sente, comece a me arrastar para o lado de uma árvore e depois me ponha de pé. É sorte eu ter algo em que me segurar, porque a selva está balançando para a frente e para trás. De um momento para o outro, eu me curvo e vomito o banquete de frutos do mar até que não haja mais uma única ostra em meu organismo. Trêmula e ensopada de suor, avalio minhas condições físicas.

Quando levanto o braço machucado, sangue espirra em meu rosto e o mundo dá mais uma sacudida alarmante. Fecho bem os olhos e me grudo na

árvore até que as coisas fiquem um pouco mais firmes. Então dou alguns passos cuidadosos em direção a uma árvore vizinha, arranco um pouco de musgo e, sem examinar mais detidamente o ferimento, coloco uma atadura no braço. Melhor. Com certeza é melhor nem olhar. Em seguida permito que minha mão toque hesitantemente o ferimento em minha cabeça. Tem um galo enorme, mas não há muito sangue. Obviamente, devo estar com algumas contusões internas, mas não pareço em risco de sangrar até morrer. Pelo menos não pela cabeça.

Seco as mãos no musgo e seguro o arco com meu braço ferido e trêmulo. Prendo uma flecha na corda. E começo a subir a encosta.

Peeta. Meu desejo de morrer. Minha promessa. De mantê-lo vivo. Meu coração se enche um pouco de esperança quando me dou conta de que ele deve estar vivo porque não houve nenhum tiro de canhão. Talvez Johanna estivesse agindo sozinha, ciente de que Finnick ficaria do lado dela assim que ela explicasse suas intenções. Embora seja difícil adivinhar o que acontece entre aqueles dois, penso em como ele olhou para ela atrás de confirmação antes de concordar em ajudar na montagem da armadilha de Beetee. Existe uma aliança muito mais profunda baseada em anos de amizade e quem sabe no que mais. Portanto, se Johanna se voltou contra mim, não devo mais confiar em Finnick.

Chego a essa conclusão somente alguns segundos antes de ouvir alguém descendo às pressas a encosta e vindo na minha direção. Nem Peeta nem Beetee teriam condições de se mover nessa velocidade. Agacho-me atrás de uma cortina de trepadeiras, escondendo-me bem a tempo. Finnick passa voando por mim, sua pele acinzentada devido ao remédio, saltando pela vegetação rasteira como um cervo. Logo ele alcança o local onde eu fui atacada. Deve estar vendo o sangue.

– Johanna! Katniss! – grita ele. Fico parada até ele seguir na direção em que foram Johanna e os Carreiristas.

Movimento-me o mais rápido que posso sem gerar um turbilhão ao meu redor. Minha cabeça lateja com o ritmo acelerado do meu coração. Os insetos, possivelmente excitados pelo cheiro de sangue, aumentaram a intensidade dos cliques até que o barulho se transforma num rugido contínuo em meus ouvidos. Não, espera aí. Talvez meus ouvidos estejam na verdade sentindo o efeito da agressão que sofri. Só vou poder saber com certeza quando os insetos se calarem. Mas quando os insetos ficarem em silêncio o raio vai surgir. Preciso ir mais rápido. Preciso pegar Peeta.

O ribombar de um canhão faz com que eu pare de súbito. Alguém morreu. Sei que com todo mundo agora correndo para cima e para baixo, armado e assustado, qualquer um pode ter sido a vítima. Mas seja lá quem for, acho que essa morte vai desencadear uma espécie de salve-se quem puder essa noite. As pessoas vão matar antes e questionar os motivos depois. Forço minhas pernas a correr.

Alguma coisa agarra meus pés e caio esparramada no chão. Sinto a coisa me envolvendo, prendendo meu corpo em fibras resistentes. Uma rede! Isso deve ser uma das redes bacaninhas de Finnick, posicionada para me capturar, e ele deve estar nas proximidades, tridente na mão. Debato-me por alguns instantes, conseguindo apenas fazer com que a rede me prenda ainda mais, e então, à luz da lua, vislumbro um pouco de sua composição. Confusa, levanto o braço e vejo que ela está presa num emaranhado de fios dourados brilhantes. Isso aqui não é em hipótese alguma uma das redes de Finnick, mas sim o fio de Beetee. Cuidadosamente, me levanto e descubro que estou em cima de uma parte do material que ficou presa num tronco no caminho de volta à árvore do raio. Lentamente, começo a me soltar do fio, piso fora de seu alcance e continuo subindo a encosta.

Pelo lado bom, estou na trilha certa e não fico tão desorientada pela contusão na cabeça a ponto de perder meu senso de direção. Pelo lado ruim, o fio me fez lembrar da tempestade e do raio que estão a caminho. Ainda consigo ouvir os insetos, mas será que eles estão começando a sumir?

Mantenho os rolinhos de fio alguns metros à minha esquerda para funcionar de guia enquanto corro, mas tomo muito cuidado para não tocar neles. Se aqueles insetos estão sumindo e o primeiro raio estiver a ponto de surgir, então todo o poder contido nele vai passar por este fio e qualquer pessoa em contato com ele morrerá.

A árvore aparece à minha frente, seu tronco com ornamentos dourados. Diminuo a velocidade, tento me mover sem despertar atenção, mas o que tenho mesmo é sorte por conseguir me manter na posição ereta. Procuro algum sinal dos outros. Ninguém. Ninguém está lá.

– Peeta? – chamo suavemente. – Peeta?

Recebo um gemido suave como resposta e giro o corpo para encontrar uma figura deitada numa parte mais alta do chão.

– Beetee! – exclamo. Saio em disparada e me ajoelho ao seu lado. O gemido deve ter sido involuntário. Ele não está consciente, embora eu não veja nenhum ferimento, exceto um corte abaixo do cotovelo. Pego um

punhado de musgo e envolvo desajeitadamente o local enquanto tento despertá-lo. – Beetee! Beetee! O que está acontecendo? Quem foi que deu essa facada em você? Beetee! – Eu o sacudo de um jeito que jamais se deve sacudir uma pessoa ferida, mas não sei mais o que fazer. Ele geme novamente e ergue ligeiramente a mão para impedir minha ação.

Nesse momento reparo que ele está segurando uma faca, uma faca que Peeta estava carregando antes, acho, e que está mais ou menos envolvida no fio. Perplexa, levanto-me e ergo o fio, confirmando que ele está atado à árvore. Levo um instante para me lembrar do segundo fio, mais curto, com o qual Beetee envolveu um galho e deixou no chão antes mesmo de começar seu trabalho na árvore. Pensava que ele tinha alguma significância elétrica, que tinha sido deixado de lado para ser usado mais tarde. Mas nunca foi, porque provavelmente há aqui uns vinte a vinte e cinco metros.

Aperto os olhos com força na direção do alto da encosta e percebo que estamos a apenas alguns passos do campo de força. Lá está o quadrado revelador, bem no alto e à minha direita, exatamente como estava hoje de manhã. O que foi que Beetee fez? Será que ele tentou de fato enfiar a faca no campo de força da maneira como Peeta fez por acidente? E qual é o papel do fio? Será que esse era o seu plano B? Se a eletrificação da água falhou, será que ele quis mandar a energia do raio para o campo de força? O que isso proporcionaria, de qualquer maneira? Nada? Algo fabuloso? Nos fritaria? O campo de força também deve ser, em sua maior parte, energia, penso. O do Centro de Treinamento era invisível. Esse aqui parece, de certa forma, espelhar a selva. Mas vi que ele fraquejou ao ser atingido pela faca de Peeta e pela minha flecha. O mundo real repousa bem atrás dele.

Meus ouvidos não estão vibrando. Foram os insetos, afinal de contas. Estou ciente disso agora porque eles estão desaparecendo rapidamente e não ouço nada além dos sons da selva. Beetee está imprestável. Não consigo despertá-lo. Não consigo salvá-lo. Não sei o que ele estava tentando fazer com a faca e o fio, e ele é incapaz de explicar. A atadura de musgo em meu braço está encharcada, e ficar aqui enganando a mim mesma não vai adiantar nada. Minha cabeça está tão leve que sinto que vou perder os sentidos em questão de minutos. Preciso me afastar dessa árvore e...

– Katniss! – ouço a voz dele, embora esteja a uma longa distância. Mas o que ele está fazendo? Peeta já deve ter percebido que todos estão em nosso encalço a uma hora dessas. – Katniss!

Não posso protegê-lo. Não consigo me mover com rapidez e minhas habilidades com o arco e flecha estão, na melhor das hipóteses, questionáveis. Faço a única coisa que posso para afastar os agressores dele e atraí-los para mim.

– Peeta! – berro. – Peeta! Eu estou aqui! Peeta! – Sim, vou atraí-los, qualquer um que esteja na minha vizinhança, vou afastá-los de Peeta e atraí-los para mim e para a árvore do raio que logo, logo vai virar uma arma em si. – Estou aqui! Estou aqui! – Ele não vai conseguir. Não com aquela perna e de noite. Ele nunca vai chegar a tempo. – Peeta!

Está funcionando. Ouço-os se aproximando. Dois deles. Avançando em meio à selva. Meus joelhos começam a fraquejar e me abaixo perto de Beetee, depositando o peso do corpo em meus calcanhares. Meu arco e as flechas preparados. Se eu conseguir acabar com esses, será que Peeta sobreviverá aos outros?

Enobaria e Finnick alcançam a árvore do raio. Eles não conseguem me ver, sentada acima deles na encosta, minha pele camuflada com o unguento. Miro o pescoço de Enobaria. Com sorte, quando eu a matar, Finnick se agachará atrás da árvore para se proteger no exato momento em que o raio surgir. E vai ser a qualquer momento. Ouço apenas um leve clique de inseto aqui e ali. Posso matá-los agora. Posso matar ambos agora.

Um outro som de canhão.

– Katniss! – A voz de Peeta uiva para mim. Mas dessa vez não respondo. Beetee ainda está respirando debilmente ao meu lado. Ele e eu logo morreremos. Finnick e Enobaria morrerão. Peeta está vivo. Dois canhonaços são ouvidos. Brutus, Johanna, Chaff. Dois deles já estão mortos. Isso deixará Peeta com apenas um tributo para matar. E isso é o melhor que consigo fazer. Um inimigo.

Inimigo. Inimigo. A palavra está puxando uma lembrança recente. Puxando-a para o presente. O olhar de Haymitch. "*Katniss, quando você estiver na arena...*" A bronca, a apreensão. "*O quê?* " Ouço minha própria voz ficar embargada enquanto reajo à alguma acusação que não foi feita. "*Basta se lembrar de quem é o inimigo*", disse Haymitch. "*Isso é tudo."*

As últimas palavras de conselho de Haymitch para mim. Por que precisaria me lembrar? Eu sempre soube quem era o inimigo. Quem nos deixa morrer de fome, nos tortura e nos mata na arena. Quem logo vai matar todas as pessoas que amo.

Meu arco cai à medida que começo a me dar conta do que ele quis dizer. Sim, sei quem é o inimigo. E não é Enobaria.

Finalmente, vejo claramente a faca de Beetee. Minhas mãos trêmulas deslizam o fio do cabo, o enrolam na flecha logo acima das penas e o prendem com um nó aprendido no treinamento.

Eu me levanto, virando-me para o campo de força, revelando-me inteiramente, mas sem me importar mais com isso. Só me importando com o local para onde devo dirigir a ponta da flecha, para onde Beetee teria jogado a faca se tivesse tido condições de escolher. Meu arco aponta para o quadrado ondulante, a falha, a... como foi que ele se referiu a isso naquele dia? A brecha na armadura. Deixo a flecha voar, vejo-a atingir sua marca e desaparecer, puxando o fio de ouro.

Meus cabelos ficam arrepiados e o raio atinge a árvore.

Uma intensa luz branca percorre o fio e, apenas por um momento, o domo explode numa cegante luz azul. Sou jogada para trás e caio no chão, o corpo imprestável, paralisada, olhos arregalados à medida que pedacinhos de matéria chovem sobre mim. Não consigo alcançar Peeta. Não consigo nem alcançar minha pérola. Meus olhos se esforçam para capturar uma última imagem de beleza que eu possa levar comigo.

Pouco antes de as explosões começarem, acho uma estrela.

Tudo parece irromper de uma vez só. A terra explode numa chuva de sujeira e matéria vegetal. Árvores ficam em chamas. Até mesmo o céu se enche de uma luminosidade colorida e fulgurante. Não consigo imaginar por que o céu está sendo bombardeado até perceber que os Idealizadores dos Jogos estão soltando fogos de artifício lá em cima, enquanto a destruição real ocorre no solo. Caso não seja uma diversão suficiente assistir à obliteração da arena e dos tributos restantes. Ou talvez para iluminar nossos fins escabrosos.

Será que eles vão permitir que alguém sobreviva? Será que haverá um vitorioso da septuagésima quinta edição dos Jogos Vorazes? Talvez não. Afinal, o que é esse Massacre Quaternário senão... o que foi mesmo que o presidente Snow leu naquele cartão?

"... para que os rebeldes não se esqueçam de que até mesmo o mais forte dentre eles não pode superar o poder da Capital..."

Nem mesmo o mais forte dos fortes triunfará. Talvez eles jamais tenham tido a intenção de ter um vitorioso nestes Jogos. Ou talvez meu ato final de rebelião os tenha forçado a isso.

Sinto muito, Peeta, penso. *Sinto muito não ter tido condições de te salvar*. Salvá-lo? É muito mais provável que tenha roubado a última chance que ele tinha de viver ao destruir aquele campo de força. Talvez, se todos tivéssemos jogado de acordo com as regras, eles tivessem permitido que ele continuasse vivo.

O aerodeslizador se materializa acima de mim sem aviso. Se houvesse silêncio, e um tordo pousasse perto de mim, eu teria ouvido a selva ficar quieta e então o chamado do pássaro que precede o surgimento da aeronave da Capital. Mas meus ouvidos jamais poderiam distinguir uma coisa tão delicada no meio desse bombardeio.

A garra desce da parte inferior até ficar diretamente sobre a minha cabeça. As garras de metal deslizam sob o meu corpo. Quero gritar, correr, sair batida dali, mas estou paralisada, indefesa, incapaz de fazer qualquer coisa além de fervorosamente esperar que a morte me atinja antes que seja obrigada dar de cara com as figuras sombrias que estão à minha espera lá

em cima. Eles não pouparam a minha vida para me dar a coroa de vitoriosa, mas para fazer da minha morte uma cerimônia tão lenta e pública quanto possível.

Meus piores temores são confirmados assim que percebo que o rosto que me recebe no interior do aerodeslizador pertence a Plutarch Heavensbee, Chefe dos Idealizadores dos Jogos. Que bagunça eu fiz nestes lindos Jogos com o astuto tique-taque do relógio e o campo de vitoriosos. Ele sofrerá por seu fracasso, provavelmente perderá a vida, mas não antes de me ver punida. Sua mão vem na minha direção, acho que para me bater, mas ele faz algo pior. Com o polegar e o indicador, ele fecha as minhas pálpebras, sentenciando-me à vulnerabilidade da escuridão. Eles podem fazer qualquer coisa comigo agora, eu nem terei condições de ver o que vai acontecer.

Meu coração bate com tanta força que o sangue começa a sair por baixo da minha atadura de musgo encharcada. Meus pensamentos se tornam nebulosos. É possível que eu sangre até morrer antes que eles consigam me ressuscitar. Na minha mente, sussurro um muito obrigada a Johanna Mason pelo excelente ferimento que ela infligiu em mim enquanto perco os sentidos.

Quando volto a um estado de semiconsciência, sinto que estou deitada numa mesa coberta por um revestimento. Há uma sensação de tubos furando o meu braço esquerdo. Estão tentando me manter viva porque, se eu morrer tranquila e silenciosamente, será uma vitória pessoal. Ainda estou totalmente incapaz de me mover, de mexer as pálpebras, de levantar a cabeça. Mas meu braço direito voltou a ter condições de se mexer um pouco. Ele cai ao lado do meu corpo como uma nadadeira, não, como alguma coisa com menos vida, como um porrete. Na verdade não tenho nenhuma coordenação motora, nenhuma prova de que ainda tenho dedos. No entanto, consigo balançar meu braço até arrancar os tubos. Um bipe é acionado, mas não consigo permanecer acordada para descobrir quem ele está convocando.

Na próxima vez que volto à tona, minhas mãos estão amarradas à mesa, os tubos de volta ao meu braço. Entretanto, consigo abrir os olhos e erguer a cabeça ligeiramente. Estou numa sala grande com teto rebaixado e luz prateada. Há duas fileiras de camas, uma de frente para a outra. Posso ouvir a respiração do que suponho serem meus companheiros vitoriosos. Bem na minha frente, vejo Beetee com mais ou menos dez máquinas

diferentes ligadas a ele por fios. *Deixem a gente morrer!*, berro em minha mente. Bato a cabeça com força na mesa e desmaio novamente.

Quando finalmente, verdadeiramente, acordo, as restrições já não estão mais lá. Levanto a mão e descubro que tenho dedos que se movem novamente ao meu comando. Sento-me e me seguro na mesa revestida até que a sala entre em foco. Meu braço esquerdo está com um curativo, mas os tubos estão soltos ao lado da cama.

Estou sozinha, com exceção de Beetee, que ainda está deitado na minha frente, sustentado por seu exército de máquinas. Onde estão os outros, então? Peeta, Finnick, Enobaria e... e... mais um, certo? Ou Johanna ou Chaff ou Brutus ainda estava vivo quando o bombardeio começou. Tenho certeza de que eles vão querer fazer de nós todos um exemplo. Mas para onde foram levados? Será que foram levados do hospital para a prisão?

– Peeta – sussurro. Quero tanto protegê-lo. Ainda estou decidida a isso. Como fracassei em mantê-lo seguro em vida, preciso encontrá-lo, matá-lo agora antes que a Capital escolha os meios agonizantes de sua morte. Deslizo as pernas para fora da mesa e dou uma olhada ao redor em busca de alguma arma. Há algumas seringas esterilizadas num saco plástico em cima de uma mesa, ao lado da cama de Beetee. Perfeito. Tudo o que preciso é de ar e uma mira perfeita em uma de suas veias.

Faço uma pausa por um momento e avalio a possibilidade de matar Beetee. Mas se eu fizer isso, os monitores vão começar a soar e eu serei pega antes de chegar em Peeta. Faço uma promessa silenciosa de voltar e acabar com ele, se puder.

Estou nua, exceto por uma camisola, de modo que deslizo a seringa para baixo do curativo que cobre o ferimento em meu braço. Não há guardas na porta. Sem dúvida nenhuma, estou a quilômetros abaixo do Centro de Treinamento ou em alguma casamata da Capital, e a possibilidade de fuga é praticamente inexistente. Pouco importa. Não vou fugir, só vou terminar o meu serviço.

Percorro sorrateiramente um corredor estreito em direção a uma porta de metal que está ligeiramente aberta. Alguém está atrás dela. Tiro a seringa e a seguro com força. Espremendo o corpo contra a parede, escuto as vozes lá dentro.

– As comunicações foram cortadas no 7, 10 e 12. Mas o 11 agora está com o controle dos transportes, portanto há pelo menos uma esperança de

que consigam tirar alguma comida de lá.

Plutarch Heavensbee. Eu acho. Embora tenha apenas falado com ele uma vez. Uma voz áspera faz uma pergunta.

– Não, sinto muito. Não há como levá-lo ao 4. Mas recebi ordens especiais para que ela seja retirada, se possível. É o máximo que posso fazer, Finnick.

Finnick. Minha cabeça luta para entender a conversa, para entender o fato de que ela está acontecendo entre Plutarch Heavensbee e Finnick. Será que ele está assim tão íntimo da Capital a ponto de ter tido seus crimes perdoados? Ou será que ele realmente não fazia a menor ideia das intenções de Beetee? Ele resmunga mais alguma coisa. Uma coisa com o peso do desespero.

– Não seja idiota. Essa é a pior coisa que você poderia fazer. Ela morreria com certeza. Enquanto *você* estiver vivo, eles *a* manterão viva como isca – diz Haymitch.

Haymitch! Dou um soco na porta e caio dentro da sala. Haymitch, Plutarch e um Finnick bem acabadinho estão sentados ao redor de uma mesa onde se encontra uma refeição que ninguém está comendo. A luz da manhã é filtrada pelas janelas curvas e, ao longe, vejo as copas das árvores que formam uma floresta. Nós estamos voando.

– Terminou de se machucar, queridinha? – diz Haymitch, a irritação visível em sua voz. Mas quando tombo para frente, ele se levanta e me segura pelo punho, equilibrando-me. Ele olha para a minha mão. – Quer dizer então que são você e uma seringa contra a Capital? Está vendo? É por isso que ninguém deixa você fazer os planos. – Olho fixamente para ele, sem entender o que está querendo dizer. – Solta isso. – Sinto a pressão aumentar no meu punho direito até que minha mão é forçada a se abrir e solto a seringa. Ele me senta em uma cadeira perto de Finnick.

Plutarch coloca uma tigela de caldo na minha frente. Um pãozinho. Desliza a colher para a minha mão.

– Coma – diz ele, com uma voz muito mais delicada do que a utilizada por Haymitch.

Haymitch senta-se bem na minha frente.

– Katniss, vou explicar o que aconteceu. Não quero que você faça nenhuma pergunta até eu terminar. Está entendendo?

Balanço a cabeça entorpecidamente.

Havia um plano para nos tirar da arena desde o momento em que o Massacre Quaternário foi anunciado. Os tributos vitoriosos do 3, 4, 6, 7, 8 e 11 tinham graus variáveis de conhecimento acerca disso. Plutarch Heavensbee é membro, há vários anos, de um grupo secreto que tem por meta destruir o regime da Capital. Ele garantiu que o fio estivesse entre as armas. Beetee estava encarregado de fazer um buraco no campo de força. O pão que recebemos na arena era um código para a hora do resgate. O distrito de onde provinha o pão indicava o dia. Três. O número de pãezinhos a hora. Vinte e quatro. O aerodeslizador pertence ao Distrito 13. Bonnie e Twill, as mulheres do Distrito 8 que conheci na floresta, tinham razão em relação a sua existência e a sua capacidade de defesa. Estamos atualmente dando voltas no ar até chegar no Distrito 13. Enquanto isso, a maioria dos distritos em Panem está vivenciando uma rebelião em escala total.

Haymitch faz uma pausa para ver se estou seguindo a narrativa. Ou talvez tenha parado por um tempo.

É muita coisa para ser apreendida, esse plano muito bem-detalhado do qual eu era uma peça, assim como estava destinada a ser uma peça nos Jogos Vorazes. Usada sem consentimento, sem conhecimento. Pelo menos nos Jogos Vorazes eu sabia que estava sendo um joguete.

Meus supostos amigos foram bem mais eficientes em esconder os fatos.

– Você não me contou. – Minha voz está tão áspera quanto a de Finnick.

– Nem você nem Peeta foram informados. Não podíamos correr esse risco – diz Plutarch. – Eu estava inclusive preocupado com a possibilidade de você mencionar a minha indiscrição com o relógio durante os Jogos. – Ele pega o relógio de bolso e passa o polegar em cima do cristal, acendendo o tordo. – Mas é claro que, no momento em que mostrei isso a você, estava apenas dando uma dica sobre a arena. Como mentora. Pensei que isso talvez funcionasse como um primeiro passo no sentido de ganhar a sua confiança. Nunca sonhei que você voltaria a ser tributo.

– Ainda não entendo por que Peeta e eu não fomos informados sobre o plano – digo.

– Porque assim que o campo de força explodisse, vocês seriam as primeiras pessoas que eles tentariam capturar, e quanto menos vocês soubessem, melhor – diz Haymitch.

– Os primeiros? Por quê? – digo, tentando seguir a cadeia de pensamento.

– Pela mesma razão que o resto de nós concordou em morrer para manter você viva – diz Finnick.

– Não, Johanna tentou me matar – digo.

– Johanna bateu em você para arrancar o rastreador do seu braço e fazer com que Brutus e Enobaria se afastassem de você – diz Haymitch.

– O quê? – A minha cabeça está doendo tanto que quero que eles parem de falar em círculos. – Não sei o que vocês estão...

– Tínhamos que salvá-la porque você é o tordo, Katniss – diz Plutarch. – Enquanto você viver, a revolução vive.

O pássaro, o broche, a canção, as amoras, o relógio, o biscoito, o vestido em chamas. Eu sou o tordo. O que sobreviveu apesar dos planos da Capital. O símbolo da rebelião.

Foi o que suspeitei na floresta quando encontrei Bonnie e Twill fugindo. Embora nunca tivesse realmente entendido a magnitude disso tudo. Mas não era mesmo para eu entender. Penso em Haymitch debochando dos meus planos de fugir do Distrito 12, de começar o meu levante pessoal, até mesmo da própria noção de que o Distrito 13 poderia existir. Subterfúgios e mentiras. E se ele conseguia fazer isso, por trás de sua máscara de bebedeira e sarcasmo, sobre o que mais ele mentiu? Eu sei sobre o que mais.

– Peeta – sussurro, meu coração acelerando.

– Os outros mantiveram Peeta vivo porque, se ele morresse, nós sabíamos que não haveria chance de manter você na aliança – diz Haymitch. – E não podíamos correr o risco de deixar você desprotegida. – As palavras dele são concretas, sua expressão imutável, mas ele não consegue esconder o tom cinzento que recobre seu rosto.

– Onde está Peeta? – sibilo para ele.

– Ele foi pego pela Capital junto com Johanna e Enobaria– diz Haymitch. E finalmente ele tem a decência de desviar o olhar.

Tecnicamente, estou desarmada. Mas ninguém deveria jamais subestimar os danos causados por unhas afiadas, principalmente se o alvo estiver despreparado. Avanço na mesa e ataco Haymitch com elas, arrancando sangue de um de seus olhos. E logo estamos ambos gritando coisas terríveis, muito terríveis um para o outro, e Finnick está tentando me arrastar de lá, e sei que Haymitch está se esforçando ao máximo para não

me partir ao meio, mas eu sou o tordo. Eu sou o tordo e já é insuficientemente difícil me manter viva na atual situação.

Outras mãos ajudam Finnick e volto para a minha mesa, o corpo contido, meus punhos amarrados, de modo que bato com a cabeça seguidamente na mesa, mais enfurecida do que nunca. Uma agulha é espetada em meu braço, e minha cabeça dói tanto que paro de lutar, e simplesmente emito um horrível lamento semelhante ao de um animal moribundo até minha voz desaparecer.

A droga proporciona uma sedação, de modo que fico presa numa tristeza nebulosa e dolorosa pelo que parece uma eternidade. Eles recolocam os tubos e falam comigo com vozes tranquilas que jamais me alcançam. Só consigo pensar em Peeta, deitado numa cama similar em algum lugar, enquanto eles tentam, por meios brutais, fazer com que ele forneça informações que nem sonharia possuir.

– Katniss. Katniss, eu sinto muito. – A voz de Finnick vem da cama próxima à minha e desliza para a minha consciência. Talvez porque nós dois estejamos vivenciando o mesmo tipo de dor. – Eu queria voltar para resgatar Peeta e Johanna, mas não conseguia me mover.

Não respondo. As boas intenções de Finnick Odair significam menos do que nada para mim.

– A situação é melhor para ele do que para Johanna. Eles vão entender com muita rapidez que ele não sabe nada. E não vão matá-lo se acharem que podem usá-lo contra você – diz Finnick.

– Como uma isca? – digo olhando para o teto. – Da mesma maneira que vão usar Annie como isca, Finnick?

Ouço-o chorar, mas não dou a mínima. Provavelmente eles nem vão perder tempo interrogando-a, já que a consciência dela submergiu há tanto tempo. Submergiu profundamente na época em que disputou seus Jogos. Há uma boa chance de eu estar me encaminhando para o mesmo fim. Talvez já esteja ficando louca e ninguém tenha coragem para me dizer. Eu me sinto louca o bastante.

– Gostaria muito que ela estivesse morta – diz ele. – Eu gostaria muito que todos eles estivessem mortos, e nós também. Seria melhor.

Bom, não existe uma boa resposta para isso. Mal consigo me opor a isso, já que eu mesma estava andando com uma seringa na mão para matar Peeta quando dei de cara com eles. Será que realmente quero que ele morra? O que eu quero... o que eu quero é tê-lo de volta. Mas jamais o terei

de volta agora. Mesmo que as forças rebeldes pudessem de alguma maneira derrubar a Capital, com certeza o último ato do presidente Snow seria cortar o pescoço de Peeta. Não. Eu jamais o terei de volta. Nesse caso, é melhor que ele esteja morto.

Mas será que Peeta vai saber disso ou será que ele vai continuar lutando? Ele é muito forte, além de ser um excelente mentiroso. Será que ele acha que tem alguma chance de sobreviver? Será que ele ao menos se importa se tem ou não? De qualquer maneira, ele não estava fazendo planos nesse sentido. Já havia se despedido da vida. Talvez esteja até feliz, se sabe que fui resgatada. Talvez esteja sentindo que cumpriu sua missão de me manter viva.

Acho que o odeio ainda mais do que odeio Haymitch.

Eu desisto. Paro de falar, e de responder, recuso comida e água. Eles podem enfiar o que quer que desejem em meu braço, mas é necessário muito mais do que isso para manter uma pessoa viva, uma vez que ela perdeu a vontade de viver. Tenho inclusive uma noção engraçada de que, se eu morrer mesmo, quem sabe Peeta não tenha permissão para continuar vivo? Não como uma pessoa livre, mas como um Avox ou coisa que o valha, atendendo os futuros tributos do Distrito 12. Então, talvez ele consiga encontrar alguma maneira de fugir. Minha morte ainda poderia salvá-lo, na realidade.

Se não puder, pouco importa. É suficiente morrer só para perturbar as coisas. Só para castigar Haymitch que, de todas as pessoas nesse mundo podre, transformou Peeta e a mim em peças dos Jogos dele. Confiei nele. Coloquei o que tinha de mais precioso nas mãos dele. E ele me traiu.

"*Está vendo? É por isso que ninguém deixa você fazer os planos*", disse ele.

É verdade. Ninguém em sã consciência me deixaria fazer algum plano. Porque, obviamente, não consigo distinguir um amigo de um inimigo.

Muitas pessoas vêm conversar comigo, mas faço com que todas as palavras delas pareçam os cliques dos insetos na selva. Distantes e sem sentido. Perigosas, mas somente se abordadas. Sempre que as palavras começam a ficar compreensíveis, gemo até me darem mais analgésicos, e isso ajeita as coisas.

Até que, em determinado momento, abro os olhos e encontro alguém que não consigo impedir que me olhe. Alguém que não vai implorar, ou

explicar, ou pensar que pode alterar meu desejo com solicitações humildes, porque ele é a única pessoa que sabe como eu funciono.

– Gale – sussurro.

– Oi, Catnip. – Ele se aproxima e tira alguns fios de cabelo de meus olhos. Um lado do rosto dele foi queimado recentemente. Seu braço está numa tipoia, e vejo ataduras por baixo da camisa de mineiro que ele usa. O que aconteceu com ele? Como ele pode estar aqui? Alguma coisa muito ruim aconteceu em casa.

Não é exatamente uma questão de esquecer Peeta, mas sim de lembrar dos outros. Basta um olhar para Gale e eles avançam em direção ao presente, exigindo serem reconhecidos.

– Prim? – arquejo.

– Ela está viva. Assim como a sua mãe. Tirei-as de lá a tempo.

– Elas não estão no Distrito 12?

– Depois dos Jogos, eles mandaram aviões. Jogaram bombas incendiárias. – Ele hesita. – Bom, você sabe o que aconteceu com o Prego.

Eu sei. Vi a coisa acontecendo. Aquele antigo armazém coberto de poeira de carvão. O distrito inteiro coberto de poeira preta. Uma nova espécie de horror começa a tomar forma dentro de mim, enquanto imagino as bombas incendiárias atingindo a Costura.

– Elas não estão no Distrito 12? – repito. Como se pronunciar as palavras pudesse de alguma forma evitar a verdade.

– Katniss – diz Gale suavemente.

Reconheço aquela voz. É a mesma que ele usa para abordar animais feridos antes de lhes dar o golpe fatal. Levanto a mão instintivamente para bloquear as palavras, mas ele a segura com firmeza.

– Não fala – sussurro.

Mas Gale não costuma esconder segredos de mim.

– Katniss, o Distrito 12 não existe mais.

FIM DO LIVRO DOIS

Copyright © 2009 *by* Suzanne Collins

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br
www.facebook.com/roccojovensleitores
www.facebook.com/jogosvorazesatrilogia

A ESPERANÇA

O último livro da trilogia
JOGOS VORAZES

SUZANNE COLLINS

ROCCO JOVENS LEITORES

SUZANNE
COLLINS
A ESPERANÇA
Tradução
Alexandre D'Elia
ROCCO

Para Cap,
Charlie e Isabel

PARTE I

“AS CINZAS”

Olho para os meus sapatos, observando a fina camada de cinza impregnar o couro gasto. Era aqui que ficava a cama que eu dividia com a minha irmã Prim. Ali ficava a mesa da cozinha. Os tijolos da chaminé, que desabou numa pilha de entulho chamuscado pelo fogo, fornecem um ponto de referência para o resto da casa. Não fosse isso, como conseguiria me orientar nesse mar de cinzas?

Quase nada restou do Distrito 12. Um mês atrás, os bombardeios da Capital bloquearam as casas dos pobres mineiros na Costura, as lojas na cidade, até mesmo o Edifício da Justiça. A única área que escapou à incineração foi a Aldeia dos Vitoriosos. Não sei exatamente por quê. Talvez para que as pessoas obrigadas a vir da Capital em função de algum negócio tivessem um local agradável para ficar. Um ou outro repórter. Algum comitê avaliando a condição das minas de carvão. Um esquadrão de Pacificadores em busca de refugiados que tivessem voltado ao distrito.

Mas ninguém voltou, exceto eu. E apenas para uma breve visita. As autoridades no Distrito 13 foram contra a minha volta. Elas entenderam que seria um empreitada onerosa e sem sentido, tendo em vista que pelo menos uma dúzia de aerodeslizadores invisíveis estão voando acima da minha cabeça para garantir minha proteção e não existe nenhuma informação relevante que possa conseguir aqui. Entretanto, eu precisava ver o meu distrito. Precisava tanto que transformei o desejo em condição para cooperar com quaisquer dos planos deles.

Finalmente, Plutarch Heavensbee, o Chefe dos Idealizadores dos Jogos que havia organizado os rebeldes na Capital, levantou as mãos e disse:

– Deixe-a ir. Melhor perder um dia do que mais um mês. Talvez um giro rápido pelo 12 seja exatamente o que ela precisa para se convencer de que estamos do mesmo lado.

Do mesmo lado. Sinto uma pontada na têmpora esquerda e pressiono a mão no local. Exatamente onde Johanna Mason me atingiu com o rolo de fio. As lembranças rodopiam na minha cabeça enquanto tento separar o que é verdade do que é falso. Que série de eventos me levou a ficar de pé sobre as ruínas da minha cidade? É difícil porque os efeitos da concussão que ela

me proporcionou não diminuíram completamente e meus pensamentos ainda tendem a se misturar. Também, os remédios que eles usam para controlar minha dor e o meu estado de espírito às vezes me fazem ver coisas. Eu acho. Ainda não estou inteiramente convencida de que estava tendo uma alucinação na noite em que o chão do meu quarto de hospital se transformou num tapete de cobras se contorcendo.

Uso a técnica que um dos médicos me sugeriu. Começo com as coisas mais simples que sei que são verdadeiras e sigo em direção às mais complicadas. A lista começa a ficar enrolada na minha cabeça...

Meu nome é Katniss Everdeen. Tenho dezessete anos. O meu lar é o Distrito 12. Participei dos Jogos Vorazes. Escapei. A Capital me odeia. Peeta foi levado como prisioneiro. Imaginam que ele esteja morto. Há uma grande chance de ele estar morto. Provavelmente é melhor que esteja morto...

– Katniss. Você acha que é melhor eu descer? – A voz de Gale, meu melhor amigo, me alcança pelo capacete que os rebeldes insistiram que eu usasse. Ele está lá em cima no aerodeslizador, me vigiando cuidadosamente, pronto para descer se algo de errado acontecer. Percebo que estou agachada no chão agora, os cotovelos nas coxas, minha cabeça apertada entre as mãos. Devo estar com a aparência de uma pessoa à beira de um colapso nervoso. Isso não vai dar certo. Não agora que eles finalmente estão começando a retirar minha medicação.

Estico o corpo e dispenso a oferta dele.

– Não, estou legal. – Para reforçar minhas palavras, começo a me afastar de minha antiga casa e tomo o caminho da cidade. Gale pediu para ser deixado no 12 comigo, mas não insistiu no assunto quando recusei sua companhia. Ele compreende o fato de eu não querer ninguém comigo hoje. Nem mesmo ele. Certos passos você tem de dar sozinho.

O verão está tremendamente quente e seco como um osso. Quase não houve chuva para dispersar as pilhas de cinza deixadas pelo ataque. Elas mudam de posição aqui e ali, em reação aos meus passos. Não há nenhuma brisa para espalhá-las. Mantenho os olhos no local que lembro ser a estrada, porque assim que adentrei a Campina não fui cuidadosa e topei com uma pedra. Só que não era uma pedra – era o crânio de alguém. Ele rolou pelo chão e parou com a face voltada para cima e, por um longo tempo, não consegui parar de encarar aqueles dentes, imaginando de quem

seriam, pensando em como os meus provavelmente teriam a mesma aparência sob circunstâncias similares.

Permaneço na estrada por puro hábito, mas é uma escolha ruim, porque ela está cheia do que sobrou daqueles que tentaram fugir. Alguns foram totalmente incinerados. Outros, porém, provavelmente assolados pela fumaça, escaparam do pior das chamas e agora encontravam-se nos mais desagradáveis estágios de decomposição, exalando mau cheiro, com a carne decomposta à espera de abutres e cobertos de moscas. *Eu matei você*, penso enquanto passo por uma pilha. *E você*. *E você*.

Porque eu fiz mesmo isso. Foi a minha flecha, apontada para a brecha do campo de força que cercava a arena, que proporcionou esses bombardeios como retaliação. Isso fez com que Panem inteira se transformasse num verdadeiro caos.

Na minha cabeça, ouço as palavras do presidente Snow, pronunciadas na manhã em que eu deveria começar a Turnê da Vitória. "Katniss Everdeen, a garota em chamas, você acendeu uma fagulha que, se não for contida, pode crescer e se transformar num inferno que destruirá Panem." Acontece que ele não estava exagerando ou simplesmente tentando me assustar. Talvez estivesse tentando genuinamente conseguir minha ajuda. Mas eu já havia colocado em funcionamento algo que não tinha como controlar.

Queimando. Ainda queimando, penso, entorpecida. As chamas nas minas de carvão soltam fumaça preta ao longe. Todavia, não sobrou ninguém para se importar com isso. Mais de noventa por cento da população do distrito está morta. Os mais ou menos oitocentos que restaram estão refugiados no Distrito 13 – o que, até onde eu sei, é a mesma coisa que não ter mais casa para o resto da vida.

Sei que não devia pensar nisso; sei que deveria estar grata pela maneira como fomos recebidos. Doentes, feridos, esfomeados e de mãos vazias. Mesmo assim, não consigo tirar da cabeça o fato de que o Distrito 13 foi decisivo na destruição do 12. Isso não me absolve de culpa – há culpa suficiente para me manter ocupada. Mas, sem eles, eu não teria feito parte de um complô mais amplo para derrubar a Capital ou tido os recursos para fazê-lo.

Os cidadãos do Distrito 12 não contavam com um movimento de resistência organizado. Não tiveram voz ativa em nada disso. Eles tinham apenas a infelicidade de me ter como um dos seus. Entretanto, alguns

sobreviventes acham que é boa sorte finalmente se ver livre do Distrito 12. Ter escapado da interminável escassez de alimentos e da opressão, das perigosas minas, do chicote de nosso último Chefe dos Pacificadores, Romulus Thread. O simples fato de ter um novo lar é visto como uma maravilha já que, até pouco tempo atrás, nem imaginávamos que o Distrito 13 ainda existia.

O crédito pela fuga dos sobreviventes repousa diretamente nos ombros de Gale, embora ele relute em aceitar o fato. Assim que o Massacre Quaternário terminou – assim que fui retirada da arena –, a eletricidade no Distrito 12 foi cortada, as televisões foram apagadas e a Costura ficou num silêncio tão grande que as pessoas podiam ouvir os batimentos cardíacos umas das outras. Ninguém fez nada para protestar ou para comemorar o que havia acontecido na arena. No entanto, no decorrer de quinze minutos, o céu ficou recheado de aeronaves e bombas começaram a chover sobre a cabeça de todos.

Foi Gale quem pensou na Campina, um dos poucos locais que não eram repletos de velhas casas de madeira cobertas de poeira de carvão. Ele conduziu tantos quanto conseguiu naquela direção, incluindo minha mãe e Prim. Ele formou a equipe que pôs abaixo a cerca – agora apenas uma inofensiva barreira de correntes, com a eletricidade desligada – e acompanhou as pessoas até a floresta. Ele as levou para o único local que lhe ocorreu, o lago que meu pai me mostrara quando eu era pequena. E foi de lá que eles observaram as chamas devastarem tudo o que conheciam no mundo.

Pela manhã, os bombardeiros já haviam ido embora há muito tempo, as chamas estavam se extinguindo, e os últimos grupos já haviam se reunido. Minha mãe e Prim haviam montado uma área médica para os feridos e estavam tentando tratá-los com o que quer que conseguissem obter na floresta. Gale tinha dois conjuntos de arco e flecha, uma faca de caça, uma rede de pesca e mais de oitocentas pessoas aterrorizadas para alimentar. Com a ajuda daqueles cujos corpos estavam aptos, eles conseguiram se virar por três dias. E foi então que o aerodeslizador inesperadamente chegou para evacuá-los para o Distrito 13, onde havia compartimentos brancos e limpos de sobra, prontos para serem habitados. Além de roupa em abundância e três refeições por dia. Os compartimentos tinham a desvantagem de serem no subterrâneo, as roupas eram idênticas e a comida era relativamente sem sabor, mas para os refugiados do 12, essas

eram considerações de menor importância. Eles estavam a salvo. Eles estavam recebendo cuidados. Estavam vivos e foram ansiosamente bem recebidos.

Esse entusiasmo foi interpretado como gentileza. Mas um homem chamado Dalton, um refugiado do Distrito 10 que conseguira chegar ao 13 a pé alguns anos antes, vazou para mim o verdadeiro motivo.

– Eles precisam de você. De mim. Eles precisam de todos nós. Pouco tempo atrás ocorreu uma espécie de epidemia de varíola que matou um montão deles e deixou outros tantos inférteis. Uma nova leva de reprodutores. É assim que eles nos enxergam. – No 10 ele trabalhara em um dos ranchos de carne, mantendo a diversidade genética do gado com a implantação de embriões de vaca congelados muito tempo atrás. Ele provavelmente está certo em relação ao 13, porque não parece haver crianças suficientes por lá. Mas e daí? Nós não estamos sendo mantidos em currais, estamos sendo treinados para trabalhar, as crianças estão sendo educadas. Aqueles que têm mais de quatorze anos obtiveram o direito de ingressar no exército e são chamados respeitosamente de "soldados". Cada refugiado teve direito automático a cidadania concedido pelas autoridades do 13.

Mesmo assim, eu os odeio. Mas, é claro, agora odeio quase todo mundo. Eu mesma mais do que qualquer outra pessoa.

A superfície abaixo de meus pés fica dura e, debaixo do carpete de cinzas, sinto as pedras do calçamento da praça. Ao redor do perímetro existe uma borda rasa de refugos onde ficavam as lojas. Uma pilha de dejetos escurecidos substituiu o Edifício da Justiça. Caminho até o local aproximado da padaria que a família de Peeta possuía. Não restou muita coisa além da protuberância derretida do forno. Os pais de Peeta, seus dois irmãos mais velhos... nenhum deles conseguiu chegar ao 13. Menos de uma dúzia de pessoas do Distrito 12 tidas como abastadas escapou do fogo. De um jeito ou de outro, Peeta não teria o que rever aqui. Exceto a mim...

Afasto-me da padaria e dou uma topada em alguma coisa, perco o equilíbrio e acabo sentada em cima de um pedaço de metal aquecido pelo sol. Fico imaginando o que teria sido aquilo, e então me lembro da recente renovação empreendida por Thread na praça. Troncos, pelourinhos e isso aqui, o que restou do patíbulo. Ruim. Isso é ruim. Isso traz de volta uma enxurrada de imagens que me atormentam, acordada ou durante o sono. Peeta sendo torturado – afogado, queimado, dilacerado, mutilado,

espancado e recebendo choques elétricos – pela Capital, que tenta conseguir informações sobre a rebelião de que ele não dispõe. Fecho bem os olhos e tento alcançá-lo em meio às centenas e centenas de quilômetros para fazer com que meus pensamentos penetrem na mente dele, para informá-lo de que não está sozinho. Mas ele está. E não tenho como ajudá-lo.

Correr. Correr para longe da praça e em direção ao único local que o fogo não destruiu. Passo pelos destroços da casa do prefeito, onde a minha amiga Madge morava. Nenhuma notícia dela ou de sua família. Será que foram evacuados para a Capital por causa da posição do pai dela, ou será que foram deixados nas chamas? Cinzas erguem-se do chão ao meu redor, e ponho a bainha da minha saia na frente da boca. O que ameaça fazer com que eu vomite não é imaginar o que estou aspirando, mas quem.

A grama ficou esturricada e a neve cinzenta caiu aqui também, mas as doze casas de boa qualidade da Aldeia dos Vitoriosos estão intactas. Entro como um raio na casa em que morei no último ano, bato a porta com força e me encosto nela. O lugar parece intocado. Limpo. Assustadoramente quieto. Por que será que voltei ao 12? Como essa visita pode me ajudar a responder à pergunta da qual não consigo escapar?

– O que é que vou fazer? – sussurro para as paredes. Porque realmente não sei.

As pessoas não param de falar ao meu redor. Falam, falam, falam. Plutarch Heavensbee. Sua contadora assistente, Fulvia Cardew. Um amontoado de líderes de distritos. Oficiais militares. Mas não Alma Coin, a presidenta do 13, que apenas observa. Ela deve ter uns cinquenta anos, seus cabelos grisalhos caem como um lençol por cima dos ombros. Sou um tanto quanto fascinada pelos cabelos dela. São tão uniformes, tão perfeitos, com um caimento tão preciso. Seus olhos são cinzentos, mas não como os olhos das pessoas da Costura. Eles são bem pálidos, como se quase toda a cor tivesse sido sugada deles. Da cor da neve caída no chão que você gostaria que derretesse.

O que eles querem é que eu assuma verdadeiramente o papel que designaram para mim. O símbolo da revolução. O Tordo. Não é suficiente o que fiz no passado, desafiando a Capital nos Jogos, fornecendo um ponto de reorganização. Devo agora tornar-me a líder real, o rosto, a voz, o corpo da revolução. A pessoa com quem os distritos – a maioria dos quais estão agora abertamente em guerra com a Capital – podem contar para incendiar

a trilha em direção à vitória. Não vou ter de fazer isso sozinha. Eles têm toda uma equipe para me auxiliar, para me vestir, para escrever meus discursos, orquestrar minhas aparições – como se isso não soasse horrivelmente familiar – e tudo o que tenho de fazer é desempenhar o meu papel. Às vezes os ouço e às vezes apenas observo a linha perfeita do penteado de Coin e tento decidir se aquilo não é uma peruca. Por fim, saio da sala porque minha cabeça começa a doer ou porque está na hora de comer ou porque se eu não voltar para a superfície imediatamente, é bem provável que comece a berrar. Não me preocupo em dizer coisa alguma. Eu simplesmente me levanto e saio.

Ontem à tarde, quando a porta estava se fechando atrás de mim, ouvi Coin dizer:

– Eu disse para você que devíamos ter resgatado o garoto primeiro. – Falava de Peeta. Eu estou totalmente de acordo. Ele teria sido um excelente porta-voz.

E quem foi que eles fisgaram da arena em vez disso? Eu, que me recuso a cooperar. Beetee, um antigo inventor do 3, que raramente vejo porque foi levado para o setor de desenvolvimento de armas assim que conseguiu se sentar no leito hospitalar. Eles literalmente empurraram a cama dele até uma área supersecreta e agora ele só aparece de vez em quando para fazer as refeições. Ele é muito inteligente e está bastante disposto a ajudar, mas não é o que podemos chamar de um sujeito totalmente dedicado à causa. Aí temos também Finnick Odair, o símbolo sexual do distrito de pesca, que manteve Peeta vivo na arena quando eu não tinha mais condições de cuidar disso. Eles também querem transformar Finnick num líder rebelde, mas primeiro terão de conseguir mantê-lo acordado por mais de cinco minutos. Mesmo quando está consciente, você precisa falar tudo três vezes com ele para que a coisa entre em seu cérebro. Os médicos dizem que isso é resultado do choque que ele recebeu na arena, mas sei que a coisa é bem mais complicada. Sei que Finnick não consegue se concentrar em nada no 13 porque está tentando com muito afinco ver o que está acontecendo na Capital com Annie, a garota louca de seu distrito que é a única pessoa no mundo que ele ama.

Apesar das sérias reservas, fui obrigada a perdoar Finnick por seu papel na conspiração que me trouxe até aqui. Ele, pelo menos, faz alguma ideia do que estou passando. E é preciso muita energia para ficar com raiva de alguém que chora tanto.

Circulo pela casa com pés de caçadora, relutando em produzir alguma espécie de som. Pego algumas lembranças: uma foto de meus pais no dia do casamento, uma fitinha de cabelo azul para Prim, o livro da família sobre plantas medicinais e comestíveis. O livro cai aberto numa página com flores amarelas e o fecho rapidamente porque foi o pincel de Peeta que as pintou.

O que eu vou fazer?

Existe algum sentido em fazer o que quer que seja? Minha mãe, minha irmã e a família de Gale estão finalmente a salvo. Quanto ao restante do 12, as pessoas ou estão mortas, o que é irreversível, ou protegidas no 13. Sobram então os rebeldes nos distritos. É claro que odeio a Capital, mas não confio no fato de que, ao assumir o papel de Tordo, estarei beneficiando aqueles que estão tentando derrubá-la. Como posso ajudar os distritos se todas as vezes que me movo o resultado é sofrimento e perdas de vidas? O velho que recebeu um tiro no Distrito 11 por assobiar. O castigo imposto ao 12 depois que intervim nas chicotadas de Gale. Meu estilista, Cinna, sendo arrastado, ensanguentado e inconsciente, da Sala de Lançamentos, antes dos Jogos. As fontes de Plutarch acreditam que ele tenha sido morto durante o interrogatório. O brilhante, enigmático e adorável Cinna está morto por minha causa. Afasto de mim o pensamento porque é exageradamente doloroso remoê-lo sem perder inteiramente os frágeis sustentáculos que mantêm minha sanidade sob controle.

O que vou fazer?

Tornar-me o Tordo... Será possível que algo de bom que eu venha a realizar supere os estragos decorridos de minhas ações? Quem pode me dar uma resposta confiável? Certamente não aquele pessoal do 13. Juro que, agora que a minha família e a de Gale estão fora de perigo, eu podia muito bem fugir. Exceto por uma única questão ainda não resolvida.

Peeta. Se pudesse ter certeza de que ele está morto, poderia simplesmente desaparecer na floresta e jamais olhar para trás. Mas até ter essa certeza, estou presa aqui.

Giro o corpo ao som de um sibilo. Na porta da cozinha, as costas arqueadas, as orelhas achatadas, encontra-se o gato mais horroroso da face da terra.

– Buttercup – digo. Milhares de pessoas estão mortas, mas ele sobreviveu e até parece bem alimentado. Com o quê? Ele pode entrar e sair da casa através da janela que sempre deixamos aberta na despensa. Deve

estar comendo ratos do campo. Eu me recuso a imaginar quaisquer alternativas.

Eu me agacho e lhe estendo a mão.

– Vem cá, garoto. – Pouco provável. Ele está com raiva por ter sido abandonado. Além do mais, não estou oferecendo comida, e minha habilidade para providenciar alguma coisa para ele comer sempre foi a qualidade que mais o fazia se aproximar de mim. Durante certo tempo, quando costumávamos nos encontrar na antiga casa porque os dois detestavam a nova, parecia que nossos laços estavam se estreitando um pouco. Com toda certeza essa fase acabou. Ele pisca aqueles desagradáveis olhos amarelos.

– Quer ver a Prim? – pergunto. O nome dela desperta sua atenção. Além de seu próprio nome, essa é a única palavra que significa algo para ele. Ele dá um miado enferrujado e se aproxima de mim. Eu o pego nas mãos, afago seu pelo e então vou até o closet, pego minha bolsa de caça e o enfio lá dentro sem a menor cerimônia. Não há outra maneira de levá-lo no aerodeslizador, e ele é a coisa mais importante do mundo para minha irmã. Sua cabra, Lady, um animal que realmente vale alguma coisa, infelizmente não deu as caras.

No meu capacete, ouço a voz de Gale me dizendo que devo voltar. Mas a bolsa de caça me lembrou de mais uma coisa que quero. Prendo a correia da bolsa nas costas e subo correndo a escada em direção ao meu quarto. Dentro do closet, está pendurada a jaqueta de caça de meu pai. Antes do Massacre Quaternário, eu a peguei na antiga casa e a trouxe para cá, imaginando que sua presença pudesse trazer algum conforto para minha mãe e minha irmã quando eu estivesse morta. Graças a Deus fiz isso porque, do contrário, a jaqueta teria virado cinzas.

O couro macio dá uma sensação tranquilizante e, por um momento, eu me acalmo com as lembranças das horas que passei agarrada a ela. Então, inexplicavelmente, as palmas das minhas mãos começam a suar. Uma estranha sensação me sobe pela nuca. Eu me viro rapidamente para encarar o quarto e o encontro vazio. Arrumado. Tudo em seu devido lugar. Não havia nenhum som que pudesse me assustar. O que foi, então?

Meu nariz coça. É o cheiro. Doentio e artificial. Uma pincelada branca escapa de um vaso de flores secas em meu vestíbulo. Eu me aproximo dele com passos cautelosos. Lá, obscurecendo suas primas, encontra-se uma flor branca recém-colhida. Perfeita. Até o último espinho e pétala sedosa.

E sei imediatamente quem a enviou para mim.

O presidente Snow.

Quando começo a ficar engasgada devido ao fedor, me afasto e saio dali. Há quanto tempo ela está lá? Um dia? Uma hora? Os rebeldes fizeram uma varredura de segurança na Aldeia dos Vitoriosos antes de receber permissão para vir até aqui, atrás de explosivos, dispositivos de escuta, qualquer coisa fora do comum. Mas talvez a rosa não parecesse relevante para eles. Somente para mim.

No térreo, arranco a bolsa de caça da cadeira, sacudindo-a rente ao chão até me lembrar de que há algo dentro. No gramado, aceno freneticamente para o aerodeslizador enquanto Buttercup se debate. Dou uma cotovelada nele, que fica furioso. Um aerodeslizador aparece e uma escada é baixada. Piso nela e a corrente me congela até eu ser erguida a bordo.

Gale me ajuda a sair da escada.

– Tudo bem?

– Ahã. – Enxugo o suor da testa com a manga da camisa.

Ele deixou uma rosa para mim! Eu quero gritar, mas esse com certeza não é o tipo de informação possível de compartilhar com alguém como Plutarch nas imediações. Em primeiro lugar, porque isso vai fazer com que eu pareça louca. Ou como se tivesse imaginado a coisa, o que é bem possível, ou tendo uma reação exagerada, o que me obrigaria a retornar ao território dos sonhos induzido pelas drogas do qual estou tentando tanto escapar. Ninguém vai compreender totalmente – como aquilo não é apenas uma flor, nem mesmo apenas a flor do presidente Snow, mas uma promessa de vingança – porque ninguém mais estava sentado naquele escritório com ele quando me ameaçou antes da Turnê da Vitória.

Posicionada em meu vestíbulo, aquela rosa branca como a neve é uma mensagem pessoal para mim. Ela fala de um assunto não concluído. Ela sussurra: *Posso achá-la. Posso alcançá-la. Talvez a esteja vigiando agora.*

Alguma aeronave da Capital está passando em alta velocidade para nos fazer voar pelos ares? Enquanto sobrevoamos o Distrito 12, observo ansiosamente a paisagem em busca de sinais de um possível ataque, mas não há nada nos perseguindo. Depois de vários minutos, quando escuto uma troca de palavras entre Plutarch e o piloto, confirmando que o espaço aéreo está liberado, começo a relaxar um pouco.

Gale balança a cabeça para os uivos que escapam de minha bolsa de caça.

– Agora sei por que você precisava voltar.

– Se houvesse ao menos uma chance de recuperá-lo. – Jogo a bolsa no assento, onde a hedionda criatura começa a soltar um rosnado lento e gutural. – Ah, cala essa boca – digo para a bolsa enquanto desabo no assento acolchoado próximo à janela em frente a ela.

Gale senta do meu lado.

– Foi muito ruim lá embaixo?

– Pior impossível – respondo. Olho bem nos olhos dele e vejo meu próprio pesar refletido ali. Nossas mãos se encontram, apegando-se com rapidez a uma parte do 12 que Snow, de um modo ou de outro, não conseguiu destruir. Ficamos sentados em silêncio o resto da viagem até o 13, um percurso que não dura mais do que quarenta e cinco minutos. Uma mera semana de viagem a pé. Bonnie e Twill, as refugiadas do Distrito 8 que encontrei na floresta no inverno passado, não estavam tão distantes de seu destino, afinal de contas. Entretanto, ao que tudo indica, elas não conseguiram atingir seu objetivo. Quando eu perguntei por elas no 13, ninguém parecia saber de quem eu estava falando. Imagino que tenham morrido na floresta.

Do céu, o 13 parece tão alegre quanto o 12. Os destroços não estão soltando fumaça, como a Capital mostra na TV, mas praticamente não há o menor sinal de vida na superfície. Nos setenta e cinco anos que se passaram desde os Dias Escuros – quando dizem que o 13 foi bloqueado na guerra entre a Capital e os distritos –, quase todas as novas construções foram feitas abaixo da superfície da terra. Já havia uma instalação substancial

aqui, desenvolvida ao longo de séculos para servir ou como esconderijo clandestino para líderes do governo em tempos de guerra ou como último recurso para a humanidade se a vida acima da superfície se tornasse inviável. O mais importante para as pessoas do 13 era o fato de o distrito ser o centro do programa de desenvolvimento de armas nucleares da Capital. Durante os Dias Escuros, os rebeldes no 13 arrancaram o controle das forças do governo, apontaram seus mísseis nucleares para a Capital e em seguida propuseram um acordo: eles se fingiriam de mortos e em troca seriam deixados em paz. A Capital possuía outro arsenal nuclear a oeste, mas não conseguiria atacar o 13 sem que houvesse retaliação. O governo central foi obrigado a aceitar a proposta. A Capital demoliu os resquícios visíveis do distrito e cortou todos os acessos do exterior. Talvez os líderes da Capital tivessem pensado que, sem ajuda, o 13 morreria. Em determinados momentos, isso quase ocorreu, mas eles sempre conseguiam se manter devido a um rígido sistema de compartilhamento de recursos, uma extrema disciplina e uma constante vigilância contra qualquer possibilidade de ataque por parte da Capital.

Agora os cidadãos vivem quase que exclusivamente no subterrâneo. Você pode sair para fazer exercícios e tomar banho de sol, mas somente em momentos bem específicos de sua programação diária. Você não pode descumprir sua programação diária. Todas as manhãs, você é obrigado a enfiar seu braço direito num dispositivo na parede. Ele faz uma tatuagem na parte interna de seu antebraço onde está descrita a programação do seu dia numa desagradável tinta roxa. *7:00 – Café da manhã. 7:30 – Tarefas de Cozinha. 8:30 – Centro Educacional, Sala 17*. E assim por diante. A tinta não pode ser removida até as *22:00 – Banho*. É nesse momento que seja lá o que for que faz com que a tinta seja resistente a água pare de funcionar, e a programação inteira escorre pelo ralo. A luz que se apaga às 22:30 sinaliza que qualquer pessoa não designada para exercer alguma função no turno da noite deve estar na cama.

No início, quando estava doente demais no hospital, eu conseguia escapar da tatuagem. Mas assim que me mudei para o Compartimento 307 com minha mãe e irmã, fui obrigada a seguir o programa. Mas, exceto nos horários das refeições, eu simplesmente ignoro as palavras impressas em meu braço. Volto para nosso compartimento ou fico zanzando pelo 13 ou durmo um pouco em algum lugar escondido. Num duto de ar abandonado. Atrás das bombas de água na lavanderia. Existe um closet no Centro

Educacional que é uma maravilha porque parece que ninguém jamais precisa de suprimentos escolares. Eles são tão frugais com as coisas aqui que o desperdício é praticamente uma atividade criminosa. Felizmente, as pessoas do 12 jamais viveram a cultura do desperdício. Mas uma vez eu vi Fulvia Cardew fazer uma bolinha com uma folha de papel com apenas algumas palavras escritas; dava para imaginar que ela tinha acabado de assassinar alguém pela maneira como olharam para ela. Seu rosto ficou vermelho como um tomate, fazendo com que as rosas prateadas incrustadas em suas bochechas gorduchas ficassem ainda mais destacadas. O próprio retrato do excesso. Um dos meus poucos prazeres no13 é ficar observando o punhado de "rebeldes" mimados da Capital se contorcendo ao tentar se encaixar nesse rígido modelo social.

Não sei quanto tempo vou conseguir sustentar minha completa desconsideração pela pontual precisão no que concerne aos compromissos solicitados por meus anfitriões. Atualmente, eles me deixam em paz porque sou classificada como mentalmente desorientada – é exatamente isso o que está escrito na minha pulseira médica de plástico –, e todo mundo precisa tolerar minhas andanças a esmo. Mas isso não pode durar para sempre. E tampouco a paciência deles com o assunto Tordo.

Da plataforma de pouso, Gale e eu descemos um lance de escadarias até o Compartimento 307. Podíamos pegar o elevador, só que ele me lembra demais do que me levava para a arena. Estou com muita dificuldade para me acostumar a passar tanto tempo no subterrâneo. Mas depois do encontro surreal com a rosa, pela primeira vez a descida faz com que eu me sinta segura.

Hesito em frente à porta com o número 307, antecipando as perguntas de meus familiares.

– O que falo para elas sobre o 12? – pergunto a Gale.

– Duvido que peçam detalhes. Elas viram tudo queimando. Elas vão estar preocupadas mesmo é em saber como você está lidando com isso. – Gale toca minha bochecha. – Assim como eu.

Pressiono o meu rosto contra a mão dele durante um momento.

– Eu vou sobreviver.

Então respiro fundo e abro a porta. Minha mãe e minha irmã estão em casa para *18:00 – Meditação*, meia hora de inatividade antes do jantar. Vejo a preocupação em seus rostos enquanto tentam avaliar o meu estado emocional. Antes que alguém possa perguntar o que quer que seja, esvazio

a bolsa de caça e passamos para *18:00 – Adoração de Gato*. Prim se senta no chão chorando e embalando o horroroso Buttercup, que interrompe seu ronronar apenas para miar vez por outra na minha direção. Ele olha para mim com um jeito particularmente arrogante quando ela amarra a fitinha azul em seu pescoço.

Minha mãe abraça com força a foto de seu casamento e em seguida a coloca, junto com o livro de plantas, em cima de nosso armário fornecido pelo governo. Penduro a jaqueta de meu pai nas costas da cadeira. Por um momento, o lugar fica parecido com o nosso lar. Então acho que a viagem ao 12 não foi um completo desperdício.

Estamos nos encaminhando para a sala de jantar para *18:30 – Jantar* quando o comunipulso de Gale começa a soar. Parece um relógio grande, mas recebe mensagens impressas. Ter direito a um comunipulso é um privilégio especial reservado às pessoas que são importantes à causa, um status que Gale conseguiu ao resgatar os cidadãos do 12.

– Eles precisam de nós dois no Comando – diz ele.

Seguindo alguns passos atrás de Gale, tento me controlar antes de ser jogada no que certamente será mais uma incessante sessão Tordo. Paro um instante na entrada do Comando, a sala high-tech de reuniões do conselho de guerra equipada com paredes falantes computadorizadas, mapas eletrônicos que mostram os movimentos das tropas em vários distritos e uma gigantesca mesa triangular com painéis de controle que eu não tenho permissão para tocar. Todavia, ninguém repara em minha presença porque estão todos reunidos diante de uma tela de TV, na extremidade da sala, que transmite notícias da Capital vinte e quatro horas por dia. Estou pensando que talvez consiga dar uma escapadela quando Plutarch, cuja ampla estrutura estava bloqueando a TV, me avista e acena com urgência para que me junte a eles. Avanço relutantemente, tentando imaginar como aquilo poderia ser de meu interesse. É sempre a mesma coisa. Filmes de guerra. Propaganda política. Reprises das bombas caindo no Distrito 12. Uma mensagem sinistra do presidente Snow. Então é quase divertido ver Caesar Flickerman, o eterno apresentador dos Jogos Vorazes, com seu rosto pintado e seu terno cintilante, preparando-se para uma entrevista. Até a câmera se afastar e eu perceber que seu convidado é Peeta.

Um som escapa da minha boca. A mesma combinação de arquejo e gemido que acontece quando estamos submersos na água, com tão pouco oxigênio que a dor começa a se instalar em nosso corpo. Empurro as

pessoas para o lado até ficar bem em frente a ele, minha mão pousada na tela. Procuro em seus olhos algum sinal de dor, algum reflexo de agonia ou tortura. Não há nada. Peeta parece saudável e até mesmo robusto. Sua pele está brilhando, sem marcas de maus tratos, daquele jeito maquiagem-de-corpo-inteiro. Ele está controlado, com o ar sério. Não consigo reconciliar essa imagem com o garoto agredido e ensanguentado que frequenta os meus sonhos.

Caesar acomoda-se de modo mais confortável em sua cadeira em frente a Peeta e olha para ele durante um longo tempo.

– E então... Peeta... bem-vindo.

Peeta sorri ligeiramente.

– Aposto que você pensou que tivesse feito a sua última entrevista comigo, Caesar.

– Confesso que foi exatamente o que pensei – diz Caesar. – Na noite anterior ao Massacre Quaternário... bem, quem poderia imaginar que nos encontraríamos novamente?

– Isso não fez parte do meu plano, com toda certeza – diz Peeta franzindo a festa.

Caesar aproxima-se um pouco dele.

– Acho que ficou claro para todos nós qual era o seu plano. Sacrificar-se na arena de modo que Katniss Everdeen e o filho de vocês pudessem sobreviver.

– Foi isso. Claro e simples assim. – Os dedos de Peeta percorrem o desenho do estofamento no braço da cadeira. – Mas outras pessoas também tinham seus planos.

Sim, outras pessoas tinham seus planos, penso. Será que Peeta adivinhou, então, como os rebeldes nos usaram como joguetes? Como meu resgate foi arranjado desde o início? E finalmente, como nosso mentor, Haymitch Abernathy, nos traiu por uma causa pela qual ele fingia não ter nenhum interesse?

No silêncio que se segue, reparo as linhas que se formaram entre as sobrancelhas de Peeta. Ele adivinhou ou foi informado a respeito? Mas a Capital não o matou e nem mesmo o puniu. Até esse exato momento, isso excede as minhas mais loucas esperanças. Absorvo a intensidade dele, a sanidade de seu corpo e de sua mente. Isso percorre o meu corpo como o morfináceo que me administraram no hospital, anestesiando a dor das últimas semanas.

– Por que você não nos conta como foi aquela última noite na arena? – sugere Caesar. – Ajude-nos a entender melhor algumas coisas.

Peeta balança a cabeça em concordância, mas leva um bom tempo para começar a falar.

– Aquela última noite... para falar sobre aquela última noite... bom, antes de tudo, você precisa imaginar como era estar na arena. Era como ser um inseto preso debaixo de um vaso cheio de ar esfumaçado. E por todos os lados, selva... verde e viva, e o tique-taque. Aquele relógio gigantesco batendo e sua vida se extinguindo a cada badalada. Cada hora prometendo algum novo horror. Você precisa imaginar que nos dois últimos dias, dezesseis pessoas morreram, algumas delas tentando fazer com que você continuasse vivo. No ritmo que as coisas estavam seguindo, os últimos oito estariam mortos pela manhã. Exceto um. O vitorioso. E o seu plano é que você não será ele.

Meu corpo começa a suar em função da lembrança. Minha mão desliza pela tela e paira ao meu lado, mole, inerte. Peeta não precisa de um pincel para pintar imagens dos Jogos. Ele também trabalha muito bem com as palavras.

– Uma vez na arena, o resto do mundo se torna distante – continua ele. – Todas as pessoas e coisas de que você gostava ou amava praticamente deixam de existir. O céu róseo e os monstros na selva e os tributos que querem seu sangue se tornam sua realidade última, a única que jamais importou em sua vida. Por pior que se sinta com relação a isso, você vai ter de matar, porque na arena você só consegue um único desejo. E custa muito caro.

– Custa sua vida – diz Caesar.

– Ah, não. Custa muito mais do que sua vida. Assassinar pessoas inocentes? – diz Peeta. – Custa tudo o que você é.

– Tudo o que você é – repete Caesar em voz baixa.

Um silêncio caiu sobre o recinto, e consigo senti-lo espalhando-se por toda Panem. Uma nação curvando-se diante das telas da TV. Porque ninguém jamais falou antes como é de fato estar na arena.

Peeta prossegue:

– Então você se agarra a seu desejo. E naquela última noite, sim, meu desejo era salvar Katniss. Mas mesmo sem saber a respeito dos rebeldes, a sensação que eu tinha não era nada boa. Tudo estava complicado demais.

Acabei me arrependendo de não ter fugido com ela antes, como ela própria havia sugerido. Mas naquele estágio não era mais possível voltar atrás.

– Você estava envolvido demais no plano de Beetee, de eletrificar o lago salgado – diz Caesar.

– Ocupado demais brincando de ser aliado dos outros. Eu nunca deveria ter deixado que eles nos separassem! – explode Peeta. – Foi aí que perdi Katniss.

– Quando vocês ficaram na árvore do raio e ela e Johanna Mason levaram o rolo de fio até a água – esclarece Caesar.

– Eu não queria fazer isso! – Peeta fica vermelho de tanta agitação. – Mas não tinha como discutir com Beetee sem indicar que estávamos a ponto de romper a aliança. Quando aquele fio foi cortado, foi uma loucura só. Só consigo lembrar de alguns detalhes aqui e ali. Eu tentando encontrá-la. Assistindo a Brutus matar Chaff. Eu mesmo matando Brutus. Sei que ela estava me chamando. Então o raio atingiu a árvore e o campo de força ao redor da arena... explodiu.

– Katniss o explodiu, Peeta – diz Caesar. – Você viu o filme.

– Ela não sabia o que estava fazendo. Nenhum de nós conseguia acompanhar o plano de Beetee. Você pode vê-la tentando entender o que tinha de fazer com aquele fio – rebate Peeta.

– Tudo bem. Só que parece suspeito – diz Caesar. – É como se ela sempre tivesse feito parte do plano dos rebeldes.

Peeta está de pé, curvando-se em direção ao rosto de Caesar, as mãos grudadas nos braços da cadeira de seu entrevistador.

– É mesmo? E também fazia parte do plano quase ser morta por Johanna? Ficar paralisada com aquele choque? Detonar a bomba? – Agora ele está berrando. – Ela não sabia, Caesar! Nenhum de nós sabia nada, exceto que estávamos tentando manter um ao outro vivos!

Caesar coloca a mão no peito de Peeta num gesto ao mesmo tempo conciliatório e de autoproteção.

– Tudo bem, Peeta, acredito em você.

– Tudo bem. – Peeta se afasta de Caesar, retirando as mãos de sua cadeira e passando-as pelos cabelos, massageando seus cachos louros cuidadosamente penteados. Ele desaba na cadeira, irritado.

Caesar espera um momento, estudando Peeta.

– E quanto ao seu mentor, Haymitch Abernathy?

O rosto de Peeta endurece.

– Não sei o que Haymitch sabia.

– Será possível que ele fizesse parte da conspiração? – pergunta Caesar.

– Ele nunca mencionou nada a respeito – diz Peeta.

Caesar pressiona:

– E o que diz o seu coração?

– Que não devia ter confiado nele – diz Peeta. – Isso é tudo.

Não vejo Haymitch desde que o ataquei no aerodeslizador, deixando longas marcas de unhas em seu rosto. Sei que tem sido ruim para ele aqui. O Distrito 13 proíbe qualquer produção ou consumo de bebibas alcoólicas, e mesmo o álcool hospitalar é guardado num armário com cadeado. Finalmente, Haymitch está sendo obrigado a permanecer sóbrio, sem nenhum estoque secreto ou misturas caseiras para aliviar sua transição. Eles o detiveram até não haver nele mais nenhum resquício de álcool, já que ele não foi considerado apto para fazer aparições públicas. Deve ser uma experiência excruciante, mas perdi toda a simpatia que tinha por Haymitch quando percebi como ele havia nos enganado. Espero que ele esteja assistindo à transmissão da Capital agora, para poder ver que Peeta também o abandonou.

Caesar dá um tapinha no ombro de Peeta.

– Podemos parar agora, se você preferir.

– Tinha mais alguma coisa a ser discutida? – diz Peeta, zombeteiro.

– Eu ia perguntar a sua opinião sobre a guerra, mas se você está tão chateado... – começa Caesar.

– Oh, não estou tão chateado a ponto de não dar essa resposta. – Peeta respira fundo e então olha diretamente para a câmera. – Quero que todos vejam isso, estando você na Capital ou com os rebeldes. Parem por um instante e pensem no que poderia significar essa guerra. Para os seres humanos. Nós quase nos extinguimos lutando uns contra os outros antes. Agora nosso número é ainda menor. Nossas condições mais fracas. É isso mesmo o que queremos fazer? Aniquilarmos uns aos outros definitivamente? Na esperança de que... o quê?

Algumas espécies decentes herdem os destroços cheios de cinza da Terra?

– Acho que eu não... não sei se estou entendendo muito bem... – diz Caesar.

– Nós não podemos ficar lutando uns contra os outros, Caesar – explica Peeta. – Não vão sobrar pessoas suficientes para seguir em frente. Se as pessoas não se livrarem de suas armas, e estou frisando: isso é para ontem, tudo vai acabar de um jeito ou de outro.

– Quer dizer então... que você está conclamando um cessar-fogo? – pergunta Caesar.

– Estou, sim. Estou conclamando um cessar-fogo – diz Peeta, com uma aparência de cansaço. – Agora, por que não pedimos aos guardas para me levarem de volta aos meus aposentos para que eu possa construir mais cem casas com cartas de baralho?

Caesar vira-se para a câmera.

– Tudo bem. Acho que podemos parar por aqui. Então voltemos para nossa programação normal.

Começa a tocar uma música e eles saem de cena. Então aparece uma mulher lendo uma lista de itens em falta na Capital: fruta fresca, baterias solares, sabonete. Eu a observo com uma atenção pouco comum, porque sei que todos estarão esperando para ver qual será a minha reação diante da entrevista. Mas não há nenhuma possibilidade de processar tudo aquilo tão rapidamente – a alegria de ver Peeta vivo e saudável, sua defesa de minha inocência em colaborar com os rebeldes e sua inegável cumplicidade com a Capital agora que ele acabou de conclamar um cessar-fogo. Oh, ele fez a coisa soar como se estivesse condenando ambos os lados na guerra. Mas nessa altura, com apenas vitórias insignificantes para os rebeldes, um cessar-fogo só poderia resultar num retorno a nossa situação anterior. Ou pior.

Atrás de mim, ouço as acusações contra Peeta se formando. As palavras traidor, mentiroso e inimigo ecoam das paredes. Como não posso nem me juntar ao ultraje dos rebeldes e nem me opor a ele, decido que a melhor coisa a fazer é sair dali. Assim que alcanço a porta, a voz de Coin ergue-se acima das dos outros.

– Você não foi dispensada, soldado Everdeen.

Um dos homens de Coin coloca a mão em meu braço. Não é realmente um gesto agressivo, mas, depois da arena, reajo defensivamente a qualquer toque não familiar. Eu me solto e disparo corredor afora. Atrás de mim, ouço um som de correria, mas não paro. Minha mente faz um rápido inventário de meus escassos esconderijos e acabo no closet de suprimentos, enroscada contra um engradado de giz.

– Você está vivo – sussurro, pressionando as palmas das mãos em minhas bochechas, sentindo um sorriso tão grande que deve parecer uma careta. Peeta está vivo. E é um traidor. Mas, no momento, eu não ligo. Não para o que ele diz, ou para quem ele diz, apenas para o fato de que ele ainda é capaz de falar.

Depois de algum tempo, a porta se abre e alguém entra. Gale desliza para o meu lado, sangue escorrendo por seu nariz.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Entrei na frente de Boggs – responde ele, dando de ombros. Uso a manga da camisa para limpar seu nariz. – Cuidado!

Tento ser mais delicada. Dou umas batidinhas em vez de esfregar.

– Qual deles é Boggs?

– Ah, você sabe. O braço direito de Coin. O que tentou impedir você de sair. – Ele afasta a minha mão. – Para! Você vai me fazer sangrar até morrer!

O gotejar de sangue transformou-se num fluxo contínuo. Desisto das tentativas de primeiros socorros.

– Você lutou com Boggs?

– Não, só fiquei no caminho quando ele tentou seguir você. O cotovelo dele atingiu o meu nariz – diz Gale.

– Provavelmente você vai ser punido – digo.

– Já fui. – Ele estende o punho. Olho sem entender. – Coin tirou o meu comunipulso.

Mordo o lábio, tentando permanecer séria. Mas a coisa parece ridícula demais.

– Sinto muito, soldado Gale Hawthorne.

– Não precisa, soldado Katniss Everdeen. – Ele dá um risinho. – De qualquer maneira, eu me sentia um idiota andando para cima e para baixo com aquela coisa. – Nós dois começamos a rir. – Acho que fui rebaixado, isso sim.

Essa é uma das poucas coisas boas em relação ao Distrito 13. Ter Gale de volta. Com a pressão do casamento arranjado pela Capital entre Peeta e eu já encerrada, conseguimos reconquistar nossa antiga amizade. Ele não faz maiores avanços – tentar me beijar ou conversar sobre amor. Ou porque estive doente demais, ou porque ele está disposto a me dar mais espaço, ou porque ele sabe que é simplesmente cruel demais com Peeta nas mãos da

Capital. Seja lá qual for o caso, eu tenho novamente alguém a quem contar meus segredos.

– Quem são essas pessoas? – pergunto.

– Eles são a gente. Se nós tivéssemos bombas nucleares em vez de montes de carvão – responde ele.

– Eu gosto de pensar que o 12 não teria abandonado o resto dos rebeldes na época dos Dias Escuros – digo.

– Talvez a gente tivesse, sim. Se foi assim mesmo, restava a rendição ou iniciar uma guerra nuclear – diz Gale. – De certa forma, é incrível eles terem ao menos sobrevivido.

Talvez seja porque eu ainda tenha as cinzas do meu próprio distrito em meus sapatos mas, pela primeira vez, dou ao povo do 13 algo que tenho me recusado a conceder a eles: crédito. Por terem permanecido vivos contra todas as expectativas. Os primeiros anos deles devem ter sido terríveis, amontoados nas câmaras abaixo da superfície depois de sua cidade ter sido bombardeada até virar poeira. População dizimada, nenhum possível aliado a quem recorrer em busca de ajuda. Ao longo dos últimos setenta e cinco anos, eles aprenderam a ser autossuficientes, transformaram seus cidadãos num exército e contruíram uma nova sociedade sem ajuda de ninguém. Eles seriam ainda mais poderosos se aquela epidemia de varíola não tivesse achatado a taxa de natalidade do distrito e os tornado tão desesperados por um novo núcleo genético e novos reprodutores. Talvez sejam militaristas, excessivamente programados e, de certa forma, pouco propensos ao bom humor. Mas eles estão aqui. E dispostos a tomar a Capital.

– Mesmo assim, eles demoraram demais para aparecer – comento.

– A coisa não era simples. Eles tinham de construir uma base rebelde na Capital, arranjar algum tipo de espaço subterrâneo nos distritos – diz ele. – E aí eles precisavam de alguém para fazer toda essa coisa entrar nos eixos e funcionar. Eles precisavam de você.

– Eles precisavam de Peeta também, mas parece que se esqueceram disso – digo.

A expressão de Gale adquire um tom sombrio.

– Talvez Peeta tenha feito um estrago danado hoje. A maioria dos rebeldes vai ignorar o que ele disse imediatamente, é claro. Mas há distritos onde a resistência está mais fraca. O cessar-fogo é obviamente uma ideia de Snow. Mas parece uma coisa bem razoável saindo da boca de Peeta.

Fico com medo da resposta que Gale dará, mas pergunto assim mesmo:

– Por que você acha que ele disse isso?

– Pode ser que tenha sido torturado. Ou persuadido. A minha aposta é que ele fez alguma espécie de acordo para proteger você. Ele lançaria a ideia do cessar-fogo se Snow deixasse ele apresentar você como uma garota grávida e confusa que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo quando foi levada como prisioneira pelos rebeldes. Desse jeito, se os distritos perdem, ainda assim existe uma chance de você ser perdoada. Se você desempenhar o seu papel direito. – Eu ainda devo estar com a aparência perplexa porque Gale solta a frase seguinte muito lentamente. – Katniss... ele ainda está tentando manter você viva.

Manter-me viva? Mas então eu compreendo. Os Jogos ainda estão em curso. Nós saímos da arena, mas como Peeta e eu não fomos mortos, seu último desejo de preservar a minha vida ainda está de pé. Sua ideia é fazer com que eu fique quieta, a salvo e aprisionada enquanto a guerra se desenrola. Então nenhuma das partes terá motivos reais para me matar. E Peeta? Se os rebeldes vencerem, será desastroso para ele. Se a Capital vencer, quem sabe? De repente, nós dois teremos permissão para permanecer vivos – se eu desempenhar o meu papel direito – para assistirmos ao prosseguimento dos Jogos...

Imagens passam como um raio na minha mente: a lança perfurando o corpo de Rue na arena, Gale pendendo inconsciente no pelourinho, a terra devastada repleta de cadáveres em que se transformou o meu distrito. E por quê? Por quê? À medida que meu sangue esquenta, começo a me lembrar de outras coisas. Meu primeiro vislumbre de um levante no Distrito 8. Os vitoriosos de mãos dadas na noite anterior ao Massacre Quaternário. E como não foi nenhum acidente eu ter acertado aquela flecha no campo de força da arena. Como eu queria que ela se alojasse bem no coração do meu inimigo.

Levanto-me às pressas, derrubando uma caixa de cem lápis e espalhando-os pelo chão.

– O que houve? – pergunta Gale.

– Não pode haver cessar-fogo. – Eu me abaixo para pegar os bastões de grafite acinzentados e recolocá-los na caixa. – A gente não pode voltar atrás.

– Eu sei. – Gale pega um punhado de lápis e os dispõe no chão num alinhamento perfeito.

– Seja lá qual tenha sido o motivo para Peeta dizer o que disse, ele está errado. – Os lápis imbecis não entram na caixa e eu quebro vários deles por pura frustração.

– Eu sei. Me dá isso aí. Você está triturando os lápis. – Ele puxa a caixa das minhas mãos e os recoloca com movimentos ágeis e concisos.

– Ele não sabe o que eles fizeram com o 12. Se ele tivesse como ver o que está lá no chão... – começo a dizer.

– Katniss, não estou discutindo com você. Se pudesse apertar um botão e matar cada alma viva que trabalha para a Capital, eu faria isso sem pensar duas vezes. – Ele desliza o último lápis para dentro da caixa e fecha a tampa. – A questão é: o que é que você vai fazer?

Acontece que a pergunta que tem me consumido só tem recebido uma única resposta possível até agora. Mas foi necessário o ardil de Peeta para que eu a reconhecesse.

O que eu vou fazer?

Respiro fundo. Meus braços se erguem ligeiramente – como se relembrando as asas em preto e branco que Cinna me deu –, e então os repouso novamente.

– Eu vou ser o Tordo.

Os olhos de Buttercup refletem a tênue luminosidade da luz de segurança em cima da porta, enquanto ele, encaixado confortavelmente no braço de Prim, está de volta à sua velha função: protegê-la à noite. Ela está aconchegada em minha mãe. Adormecidas, ambas estão com a mesma aparência que tinham na manhã da colheita que me levou à minha primeira participação nos Jogos Vorazes. Tenho uma cama só para mim porque estou me recuperando e porque ninguém consegue dormir comigo de um jeito ou de outro, com todos os pesadelos que fazem com que eu me debata o tempo todo.

Depois de me mexer e de mudar de posição por horas, finalmente aceito que essa noite será de *vigília*. Sob os olhos atentos de Buttercup, ando nas pontinhas dos pés pelo piso frio de ladrilho até o vestíbulo.

A gaveta do meio contém minhas roupas enviadas pelo governo. Todo mundo usa as mesmas calças e camisas na cor cinza, a camisa enfiada na cintura. Debaixo das roupas, guardo os poucos itens que levava comigo quando fui tirada da arena. Meu broche com o tordo. O pingente de Peeta, o medalhão em forma de caixinha dourada com fotos de minha mãe, de Prim e de Gale dentro. Um paraquedas prateado que prende uma cavilha para tirar seiva de árvore e a pérola que Peeta me deu algumas horas antes de eu explodir o campo de força. O Distrito 13 confiscou meu tubo de unguento para pele, de ser usado no hospital, e o meu arco e flecha porque somente guardas têm permissão para portar armas. Eles estão guardados num cofre dentro do armário.

Tateio em busca do paraquedas e deslizo os dedos no interior da gaveta até que eles tocam a pérola. Eu me recosto na cama com as pernas cruzadas e começo a esfregar a superfície lisa e iridescente da pérola de um lado para o outro em meus lábios. Por alguma razão, o contato é tranquilizador. Um beijo frio de quem me deu o presente.

– Katniss? – sussurra Prim. Ela está acordada, olhando para mim em meio à escuridão. – Algum problema?

– Nada. Só tive um sonho ruim. Vai dormir. – É automático. Fazer um escudo para não deixar que as coisas ruins cheguem aos ouvidos de minha

mãe e Prim.

Com cuidado para não despertar minha mãe, Prim sai da cama, pega Buttercup e senta-se ao meu lado. Ela toca a mão que estava segurando a pérola.

– Você está fria. – Ela pega um cobertor extra ao pé da cama, coloca-o sobre nós três e me envolve não só em seu calor como também no calor do pelo de Buttercup. – Você pode me contar, você sabe disso. Sou boa em guardar segredos. Até mesmo da mamãe.

Ela não existe mais. A menininha com as fraldas da camisa para fora como se fosse o rabo de um pato, a menina que precisava de ajuda para alcançar os pratos e que implorava para ver os bolos confeitados na vitrine da padaria. O tempo e a tragédia forçaram-na a crescer rapidamente – pelo menos é o que penso – e se transformar numa jovem que dá pontos em ferimentos e sabe que nossa mãe tem uma ótima audição.

– Amanhã de manhã vou concordar em ser o Tordo – digo a ela.

– Porque você quer ou porque você se sente forçada a fazer isso? – pergunta ela.

Eu rio um pouco.

– As duas coisas, acho. Não, eu quero, sim. Eu preciso, se isso ajudar os rebeldes a derrotar Snow. – Aperto a pérola com mais força na mão. – Só que... Peeta. Tenho medo de que a nossa vitória possa fazer com que os rebeldes o executem como traidor.

Prim pondera.

– Katniss, acho que você não está entendendo o quanto você é importante para a causa. Pessoas importantes normalmente têm o que desejam. Se você quiser manter Peeta a salvo dos rebeldes, você vai conseguir.

Acho que sou importante. Eles passaram por muitos apuros para me resgatar. Eles me levaram para o 12.

– Você quer dizer que... eu poderia exigir que dessem imunidade a Peeta? E eles teriam de concordar com isso?

– Acho que você poderia exigir praticamente qualquer coisa e eles teriam de concordar. – Prim franze a testa. – Só que... como é que você vai poder ter certeza que eles vão cumprir a promessa?

Eu me lembro de todas as mentiras que Haymitch contou para Peeta e para nos convencer a fazer tudo o que ele queria. O que poderia impedir os rebeldes de renegar o acordo? Uma promessa verbal feita a portas fechadas,

até mesmo um documento escrito – tudo isso poderia evaporar facilmente depois da guerra. A existência e a validade deles poderia ser negada. Nenhuma testemunha no Comando teria algum valor. Na realidade, provavelmente seriam eles próprios os responsáveis por assinar o pedido de execução de Peeta. Vou precisar de uma rede bem mais ampla de testemunhas. Vou precisar de todos que conseguir obter.

– A coisa vai ter de ser pública – digo. Buttercup balança o rabo num gesto que interpreto como aquiescência. – Vou mandar Coin anunciar a minha decisão na frente de toda a população do 13.

Prim sorri.

– Ah, isso é uma boa. Não é nenhuma garantia, mas assim vai ser bem mais difícil para eles não cumprir a promessa.

Sinto o tipo de alívio que se segue a uma solução real.

– Eu devia acordar você com mais frequência, patinho.

– Eu adoraria – diz Prim. Ela me dá um beijo. – Tenta dormir agora, certo? – E é o que faço.

De manhã, vejo que *7:00 – Café da manhã* é diretamente seguido de *7:30 – Comando*, o que é bom, já que vai ser uma oportunidade para começar a mexer os pauzinhos. Na sala de refeições, coloco a programação diária, que inclui uma espécie de número de identificação, na frente de um sensor. Assim que deslizo a bandeja ao longo da prateleira de metal diante da comida, vejo que o café da manhã é a dieta confiável de sempre – uma tigela de cereais quente, uma xícara de leite e uma pequena porção de frutas ou legumes. Hoje, purê de nabo. Tudo isso vem das fazendas subterrâneas do 13. Eu me sento à mesa designada para a família Everdeen e para a família Hawthorne e alguns outros refugiados e boto a comida para dentro com muita vontade de repetir. Mas não existe isso aqui. Nutrição para eles é quase uma ciência. Você sai com calorias suficientes para se manter até a próxima refeição, nem mais nem menos. O tamanho da porção é baseado em sua idade, altura, tipo físico, estado de saúde e quantidade de trabalho físico requerido para realizar sua programação diária. As pessoas do 12 já estão recebendo porções ligeiramente maiores do que os nativos do 13, num esforço para que o peso delas aumente. Imagino que soldados esqueléticos se cansem muito rapidamente. Mas está funcionando. Em apenas um mês, estamos começando a ficar com um aspecto mais saudável, especialmente as crianças.

Gale põe a bandeja ao meu lado e tento não ficar olhando para seu purê de nabo de maneira excessivamente patética, porque realmente quero comer mais, e ele é rápido demais para me passar sua comida. Embora volte a minha atenção para o guardanapo muito bem dobrado, uma colherada de nabo é depositada na minha tigela.

– Você precisa parar com isso – digo. Mas como já estou ingerindo a coisa, minhas palavras não soam muito convincentes. – Estou falando sério, de repente isso é até proibido ou sei lá o quê. – Eles têm regras bastante rígidas com relação à comida. Por exemplo, se você não termina de comer e resolve guardar para depois, não vai poder sair da sala de jantar com a comida. Aparentemente, nos primeiros dias, houve incidentes com pessoas tentando estocar comida. Para algumas pessoas como Gale e eu, que fomos encarregados do suprimento alimentar de nossas famílias por anos e anos, é difícil aceitar. Sabemos como é sentir fome, mas não como ouvir o que outros têm a nos dizer sobre o que devemos fazer com as provisões de que dispomos. Em algumas coisas, o Distrito 13 é ainda mais controlador do que a Capital.

– O que eles podem fazer? Eles já tiraram o meu comunipulso – diz Gale.

Enquanto raspo a minha tigela, tenho uma inspiração.

– Ei, de repente essa podia ser uma das minhas condições para eu ser o Tordo.

– Eu poder dar mais nabo para você? – diz ele.

– Não, nós podermos caçar. – Isso atrai a atenção dele. – A gente teria que dar tudo para a cozinha. Mas, mesmo assim, a gente podia... – Eu não preciso terminar porque ele sabe. Íamos poder ficar na superfície. Na floresta. Nós íamos poder voltar a ser nós mesmos.

– Faz isso – diz ele. – A hora é essa. Você podia pedir a Lua e eles teriam de arranjar um jeito de consegui-la para você.

Ele não sabe que já estou pedindo a Lua ao exigir que eles poupem a vida de Peeta. Antes que eu possa decidir contar ou não para ele, uma campainha sinaliza o fim do horário de refeição. Só pensar em ter de encarar Coin sozinha já me deixa nervosa.

– Qual é a sua programação para hoje?

Gale olha para o braço.

– Aula de História Nuclear. Onde, pelo visto, sua ausência tem sido notada.

– Preciso aparecer no Comando. Vem comigo? – pergunto.

– Tudo bem. Mas pode ser que eles me expulsem depois do que ocorreu ontem. – Assim que nos livramos das bandejas, ele diz: – Quer saber, acho que você também devia colocar o Buttercup na sua lista de exigências. Acho que a ideia de bichinhos de estimação sem utilidade não é muito comum por aqui.

– Ah, eles vão arranjar uma função para ele. Vão tatuar as tarefas na pata dele todos os dias – digo. Mas tomo uma nota mental para incluí-lo por conta de Prim.

Quando chegamos ao Comando, Coin, Plutarch e todas as outras pessoas já estão reunidas. A visão de Gale faz as sobrancelhas se erguerem, mas ninguém o expulsa. Minhas anotações mentais estão ficando confusas demais, de modo que peço de imediato um pedaço de papel e um lápis. Meu aparente interesse nos procedimentos – a primeira vez que isso acontece desde que cheguei aqui – os deixa surpresos. Diversos olhares são trocados. Provavelmente eles tinham preparado alguma espécie de discurso extraespecial para mim. Mas, em vez disso, Coin me entrega pessoalmente o material e todo mundo espera em silêncio enquanto me sento à mesa e começo a rabiscar a minha lista. *Buttercup. Caçadas. A imunidade de Peeta. Anunciada em público*.

É isso. Provavelmente essa é a minha única chance de barganhar. *Pense. O que mais você quer?* Eu o sinto, em pé ao meu lado. *Gale*, acrescento à lista. Acho que não consigo fazer isto sem ele.

A dor de cabeça está vindo e meus pensamentos começam a ficar emaranhados. Fecho os olhos e começo a recitar silenciosamente.

Meu nome é Katniss Everdeen. Tenho dezessete anos. Meu lar é o Distrito 12. Eu participei dos Jogos Vorazes. Eu escapei. A Capital me odeia. Peeta foi levado prisioneiro. Ele está vivo. Ele é um traidor, mas está vivo. Eu preciso mantê-lo vivo...

A lista. Ainda parece pequena demais. Eu devia tentar pensar em algo maior, além de nossa situação atual, em que tenho uma importância crucial. No futuro, pode ser que eu não tenha mais nenhum valor. Será que não devia estar pedindo mais? Para a minha família? Para o restante do meu povo? Minha pele coça com as cinzas dos mortos. Sinto o impacto doentio do crânio contra o meu sapato. O cheiro de sangue e de rosas pinica o meu nariz.

O lápis se move ao longo da página por conta própria. Abro os meus olhos e vejo as letras trêmulas. *EU MATO SNOW*. Se ele for capturado, quero o privilégio.

Plutarch tosse discretamente.

– Já terminou? – Levanto os olhos e reparo no relógio. Estou sentada ali há vinte minutos. Finnick não é o único com problemas de atenção.

– Já – respondo. Minha voz soa áspera, de modo que eu limpo a garganta. – Já terminei, sim. Este aqui é o acordo. Vou ser o Tordo de vocês.

Espero para que eles possam emitir seus sons de alívio, congratularem-se entre si, dar tapinhas nas costas uns dos outros. Coin permanece tão impassiva como sempre, observando-me, nem um pouco impressionada.

– Mas tenho algumas condições. – Aliso a lista e começo: – Minha família fica com nosso gato. – A menor das minhas solicitações desencadeia uma discussão. Os rebeldes da Capital nem sequer veem isso como um assunto (é claro que posso ficar com o meu bichinho de estimação), enquanto aqueles do 13 revelam quais dificuldades extremas isso apresenta. Finalmente fica decidido que nos mudaremos para o nível superior, que possui o luxo de uma janela de 20cm acima do chão. Buttercup pode ir e vir para cuidar de seus assuntos. Ele deverá se alimentar por conta própria. Se perder o toque de recolher, vai ficar do lado de fora. Se causar algum problema de segurança, vai ser executado imediatamente.

Parece razoável. Não muito diferente de como ele tem vivido desde que saímos do 12. Com exceção da execução. Se ele ficar magro demais, posso jogar algumas entranhas para ele, se a minha solicitação seguinte for acatada.

– Eu quero caçar. Com Gale. Na floresta – digo. Isso deixa todo mundo imóvel.

– Nós não vamos muito longe. Vamos usar os nossos arcos e flechas. Vocês vão poder ter mais carne para a cozinha – acrescenta Gale.

Eu me apresso antes que eles possam dizer não.

– É que eu não... eu não consigo respirar trancada aqui como uma... Eu teria mais agilidade, ficaria mais rápida se... se pudesse caçar.

Plutarch começa a explicar os inconvenientes – os perigos, a segurança extra, o risco de ferimentos –, mas Coin o corta.

– Não, deixe eles irem. Dê-lhes duas horas por dia, deduzidas do tempo de treinamento. Um raio de quinhentos metros. Com unidades de comunicação e tornozeleiras de rastreamento. Qual é o próximo pedido?

Faço uma varredura em minha lista.

– Gale, vou precisar que ele fique comigo para fazer isso.

– Fique com você como? Fora do alcance das câmeras? Ao seu lado o tempo todo? Você quer que ele seja apresentado como seu novo amante? – pergunta Coin.

Ela não disse isso com nenhuma malícia particular – muito pelo contrário, suas palavras são bastante realistas. Mas minha boca ainda está aberta devido ao choque.

– O quê?

– Acho que devemos dar prosseguimento ao romance em curso. Um afastamento rápido de Peeta poderia fazer com que a audiência perdesse a simpatia por ele – diz Plutarch. – Principalmente tendo em vista que eles pensam que ela está esperando um filho dele.

– Concordo. Então, diante das câmeras, Gale pode ser simplesmente retratado como um companheiro rebelde. Tudo bem assim? – diz Coin. Eu apenas olho para ela. Ela repete a si mesma impacientemente. – Para Gale. Isso é suficiente?

– Nós sempre vamos ter a possibilidade de trabalhá-lo como seu primo – diz Fulvia.

– Nós não somos primos – Gale e eu falamos ao mesmo tempo.

– Certo, mas seria melhor continuarmos com essa ideia só pra manter as aparências diante das câmeras – diz Plutarch. – Fora das câmeras, ele é todo seu. Mais alguma coisa?

Fico nervosa pelo rumo que essa conversa está tomando. As implicações de que eu poderia me livrar tão facilmente de Peeta, de eu estar apaixonada por Gale, de que a coisa toda não passou de uma encenação. Minhas bochechas começam a queimar. A própria noção de que estou dedicando qualquer pensamento a quem eu quero que seja apresentado como meu amante, dadas as nossas circunstâncias atuais, é indigna. Deixo a minha raiva me impelir em direção à exigência mais grandiosa.

– Quando a guerra terminar, se vencermos, Peeta será perdoado.

Silêncio sepulcral. Sinto o corpo de Gale tenso. Imagino que deveria ter lhe contado antes, mas não tinha certeza de como ele reagiria. Não

quando a coisa envolvia Peeta.

– Nenhuma forma de punição será infligida – continuo. Um novo pensamento me ocorre. – O mesmo serve para os outros tributos capturados, Johanna e Enobaria. – Francamente, não dou a mínima para Enobaria, aquela psicopata do Distrito 2. Na realidade nem gosto dela, mas me parece errado deixá-la fora disso.

– Não – diz Coin secamente.

– Veja bem – rebato –, elas não têm culpa por terem sido abandonadas por vocês na arena. Quem pode saber o que a Capital está fazendo com elas?

– Elas serão julgadas com outros criminosos de guerra e tratadas da maneira como o tribunal achar adequado – diz ela.

– Elas vão receber imunidade! – Percebo que estou levantando da cadeira, minha voz cheia e ressonante. – Você vai prometer isso pessoalmente na frente de toda a população do Distrito 13 e do que restou do 12. Logo. Hoje. E vai ser gravado para as futuras gerações. Você vai considerar a si mesma e ao seu governo responsáveis pela segurança delas, ou então pode começar a procurar outro Tordo!

Minhas palavras pairam no ar por um longo momento.

– É ela mesmo! – Eu ouço Fulvia sibilar para Plutarch. – Bem ali. Como a roupa, o canhão como pano de fundo e um pouquinho de fumaça.

– Sim, é isso o que queremos – diz Plutarch, entre os dentes.

Eu quero lançar um olhar de fúria para eles, mas sinto que seria um erro deixar de prestar atenção em Coin. Posso vê-la calculando o custo de meu ultimato, sopesando-o contra o meu possível valor.

– O que diz, presidenta? – pergunta Plutarch. – A senhora poderia emitir um perdão oficial, dadas as circunstâncias. O garoto... ele é inclusive menor de idade.

– Tudo bem – diz Coin finalmente. – Mas é melhor você desempenhar bem a sua função.

– Eu vou desempenhar depois que a senhora fizer o pronunciamento – digo.

– Convoque uma assembleia de segurança nacional durante a Reflexão hoje – ordena ela. – Vou dar o pronunciamento nesse momento. Mais alguma coisa na sua lista, Katniss?

Meu papel está amassado em minha mão. Eu o desamasso na mesa e leio as letras tremidas.

– Só mais uma coisinha. Eu mato Snow.

Pela primeira vez, vejo um indício de sorriso nos lábios da presidenta.

– Quando o momento chegar, você será chamada.

Talvez ela esteja certa. Eu certamente não sou a única pessoa que deseja a morte de Snow. E acho que posso ter certeza de que ela de fato realizaria o trabalho.

– Muito bem.

Os olhos de Coin fixaram-se em seu braço, o relógio. Ela também tem uma programação a seguir.

– Então vou deixá-la em suas mãos, Plutarch. – Ela sai da sala, seguida por sua equipe, deixando apenas Plutarch, Fulvia, Gale e eu mesma.

– Excelente. Excelente. – Plutarch desaba em seu assento, os cotovelos em cima da mesa, esfregando os olhos. – Sabe do que eu sinto falta? Mais do que de qualquer coisa? Café. Pergunto para você, seria assim tão impensável ter alguma coisa pra ajudar a gente a engolir aqueles nabos e aquela gororoba de cereais?

– A gente não pensou que as coisas aqui fossem assim tão rígidas – explica Fulvia enquanto massageia os ombros de Plutarch. – Não nos altos escalões.

– Ou pelo menos podia haver a opção de um esqueminha paralelo – diz Plutarch. – Enfim, até o 12 tinha um mercado negro, certo?

– É isso aí, o Prego – diz Gale. – É onde a gente fazia nossas vendas.

– Pois é, está vendo? E olha só como vocês dois são éticos! Virtualmente incorruptíveis. – Plutarch suspira. – Ah, bom, guerras não duram para sempre. Então, estou feliz por ter vocês na equipe. – Ele estende a mão para o lado, onde Fulvia já está colocando um caderno de desenho grande, encadernado em couro. – No geral, você sabe o que estamos lhe pedindo, Katniss. Estou ciente de que você tem sentimentos contraditórios quanto a participar. Espero que isso aqui ajude.

Plutarch desliza o caderno de desenho na minha direção. Por um instante, olho para ele desconfiada. Então a curiosidade me vence. Abro a capa e encontro um desenho de mim, em pé e com ares de força, num uniforme preto. Somente uma pessoa poderia ter desenhado o traje. À primeira vista, totalmente utilitário, mas examinando calmamente, uma obra de arte. A linha do capacete, a curva do peitoral, o ligeiro enchimento das mangas que permite que as dobras brancas sob os braços fiquem aparentes. Nas mãos dele, eu sou novamente um tordo.

– Cinna – sussurro.

– Exato. Ele me fez prometer que não lhe mostraria esse livro até que você decidisse por conta própria ser o Tordo. Pode acreditar, fiquei bastante tentado – diz Plutarch. – Vamos lá, folheie o caderno.

Viro as páginas lentamente, vendo cada detalhe do uniforme. As camadas da armadura cuidadosamente cortadas, as armas escondidas nas botas e no cinto, o reforço especial em cima do coração. Na última página, embaixo de um esboço de meu broche com o tordo, Cinna escreveu: *Ainda estou apostando em você.*

– Quando foi que ele... – Minha voz falha.

– Vamos ver. Bom, depois do anúncio do Massacre Quaternário. Algumas semanas antes dos Jogos talvez? Não tem somente esboços. Nós temos seus uniformes. Ah, e Beetee tem uma coisa realmente especial esperando por você lá no arsenal. Não vou estragar a surpresa dando dicas – diz Plutarch.

– Você vai ser a rebelde mais bem-vestida da história – diz Gale, com um sorriso. De repente, percebo que ele estava me escondendo isso. Como Cinna, ele sempre quis que eu tomasse essa decisão.

– Nosso plano é lançar um Assalto Televisivo – diz Plutarch. – Fazer uma série do que chamamos de pontoprop, a abreviação de "pontos de propaganda", com você e transmiti-los para toda a população de Panem.

– Como? A Capital tem o controle total das transmissões – diz Gale.

– Mas nós temos Beetee. Mais ou menos dez anos atrás, ele praticamente redesenhou a rede subterrânea que transmite toda a programação. Ele acha que existe uma chance razoável de fazermos isso. É claro que vamos precisar de algo para transmitir. Assim, Katniss, o estúdio espera o ar da sua graça. – Plutarch vira-se para sua assistente. – Fulvia?

– Plutarch e eu temos conversado sobre como conseguir isso. Achamos que talvez seja melhor construir você, nossa líder rebelde, do exterior... para o interior. É o seguinte: vamos arranjar o visual de Tordo mais estonteante do mundo e depois trabalhar a sua personalidade até que você mereça vesti-lo! – diz ela, animadamente.

– Vocês já têm o uniforme dela – diz Gale.

– Verdade, mas ela está ferida e ensanguentada? Está brilhando com a chama da rebelião? O quanto podemos deixá-la com o corpo cinza de fuligem sem que isso agrida as pessoas? De qualquer modo, ela precisa ser alguma coisa. Enfim, isso aqui – Fulvia se aproxima rapidamente de mim,

enquadrando o meu rosto com as mãos –, obviamente não vai poder ser. – Jogo a cabeça para trás por puro reflexo, mas ela já está ocupada juntando suas coisas. – Então, tendo isso em mente, nós temos mais uma surpresinha para você. Vem, vem.

Fulvia acena para nós, e Gale e eu a seguimos com Plutarch até o corredor.

– Tão bem-intencionado e ao mesmo tempo tão ofensivo – sussurra Gale em meu ouvido.

– Bem-vindos à Capital – retruco. Mas as palavras de Fulvia não fazem nenhum efeito em mim. Aperto bem o caderno de desenho nos braços e me concedo uma sensação de esperança. Isso deve ser a decisão correta. Se Cinna assim desejava.

Entramos num elevador, e Plutarch verifica suas anotações.

– Vamos ver. Compartimento Três-Nove-Zero-Oito. – Ele aperta um botão onde está marcado *39*, mas nada acontece.

– Você vai precisar usar a chave – diz Fulvia.

Plutarch puxa debaixo de sua camisa uma chave presa a um fino cadeado e a insere numa fechadura em que eu não havia reparado antes. As portas se fecham.

– Ah, pronto.

O elevador desce dez, vinte, mais de trinta níveis, mais abaixo do que eu jamais teria imaginado que o Distrito 13 iria. A porta se abre para um amplo corredor branco com portas vermelhas alinhadas que parecem até decorativas em comparação às cinzas dos andares de cima. Cada uma tem um número muito nítido. *3901, 3902, 3903*...

Assim que saltamos do elevador, observo o elevador se fechar e uma grade deslizar para ficar na frente das portas. Quando me viro, um guarda se materializou de uma das salas na extremidade do corredor. Uma porta se fecha silenciosamente atrás dele enquanto ele marcha na nossa direção.

Plutarch vai ao seu encontro, erguendo a mão em saudação, e nós seguimos atrás dele. Algo parece estar muito errado aqui embaixo. É mais do que o elevador com segurança reforçada ou a claustrofobia de estar tão fundo no subterrâneo ou o cheiro cáustico de antisséptico. Uma olhada para o rosto de Gale e já posso adivinhar que ele está com a mesma impressão que eu.

– Bom-dia, estávamos atrás de... – começa Plutarch.

– Vocês estão no andar errado – diz o guarda abruptamente.

– É mesmo? – Plutarch olha de novo para suas anotações. – Eu tenho Três-Nove-Zero-Oito escrito bem aqui. Será que não dá para você dar uma ligada lá para cima e...

– Sinto muito, mas sou obrigado a mandar vocês saírem daqui agora. Discrepâncias nas tarefas podem ser endereçadas ao Escritório Central – diz o guarda.

Está bem na nossa frente. Compartimento 3908. Apenas a alguns passos de distância. A porta – na verdade, todas as portas – parece incompleta. Sem maçanetas. Elas devem se abrir apenas com as dobradiças, como aquela por onde saiu o guarda.

– Onde fica isso mesmo? – pergunta Fulvia.

– A senhora vai achar o Escritório Central no Nível Sete – diz o guarda, estendendo os braços para nos conduzir até o elevador.

Do outro lado da porta do 3908 escapa um som. Apenas um leve ganido. Como algo que um cachorro acovardado pudesse fazer para não ser atacado, só que humano demais e bem familiar. Meus olhos encontram os de Gale por um momento, mas é um tempo suficientemente longo para duas pessoas que trabalham juntas como nós dois. Deixo o caderno de desenho de Cinna cair aos pés do guarda com um estrondo. Um segundo depois de ele se abaixar para pegá-lo, Gale também se abaixa, batendo intencionalmente a cabeça na dele.

– Ah, desculpa – diz ele com um sorriso leve, pegando os braços do guarda como se estivesse tentando se equilibrar e levando-o ligeiramente para longe de mim.

Essa é a minha chance. Passo como um raio ao redor do guarda distraído, abro a porta onde está escrito 3908 e os encontro. Seminus, cheios de hematomas e acorrentados à parede.

Os membros da minha equipe de preparação.

O fedor de corpos sujos, urina e infecção rompe a nuvem de antisséptico. As três figuras só são reconhecíveis por seus estilos peculiares e arrebatadores: as tatuagens faciais douradas de Venia. Os cachos cor de laranja em formato de saca-rolha de Flavius. A pele com uma tonalidade levemente esverdeada de Octavia, que agora encontra-se excessivamente flácida, como se o seu corpo fosse um balão desinflando lentamente.

Ao me verem, Flavius e Octavia se encolhem junto à parede de ladrilhos como se estivessem antecipando um ataque, muito embora eu jamais houvesse cometido nenhuma agressão contra eles. Pensamentos indelicados foram as piores ofensas que cometi, e essas jamais saíram da minha boca, então por que será que estão se encolhendo dessa maneira?

O guarda está ordenando que eu saia, mas pela movimentação que se segue sei que Gale conseguiu detê-lo de alguma maneira. Em busca de respostas, vou até Venia, que sempre foi a mais forte. Eu me agacho e pego suas mãos gélidas, que se agarram às minhas como se fossem garras.

– O que aconteceu, Venia? – pergunto. – O que vocês estão fazendo aqui?

– Eles levaram a gente. Da Capital – diz ela, com a voz áspera.

Plutarch entra atrás de mim.

– O que está acontecendo aqui afinal de contas?

– Quem levou vocês? – eu a pressiono.

– Umas pessoas – diz ela vagamente. – Na noite em que você explodiu tudo.

– A gente imaginou que pudesse ser reconfortante você ter sua equipe regular – diz Plutarch atrás de mim. – Cinna solicitou isso.

– Cinna solicitou *isso*? – rosno para ele. Porque se existe algo que eu sei é que Cinna jamais teria aprovado o uso de violência nessas três pessoas, que ele administrava com gentileza e paciência. – Por que eles estão sendo tratados como criminosos?

– Honestamente, eu não sei. – Há algo na voz dele que me faz acreditar em suas palavras, e a palidez no rosto de Fulvia confirma a minha hipótese. Plutarch vira-se para o guarda, que acabou de surgir na porta com

Gale logo atrás. – Fui informado de que eles estavam apenas confinados. Por que estão sendo castigados?

– Por roubarem comida. Nós tivemos de deter todos eles depois de uma altercação a respeito de alguns pães – diz o guarda.

As sobrancelhas de Venia juntam-se como se ela ainda estivesse tentando entender o sentido de tudo aquilo.

– Ninguém falava nada com a gente. A gente estava com muita fome. Ela só pegou uma fatia de pão.

Octavia começa a soluçar, abafando o som na túnica esfarrapada. Penso em como, da primeira vez que eu sobrevivi à arena, Octavia passou para mim um pãozinho por debaixo da mesa porque não conseguia suportar me ver com tanta fome. Rastejo em direção à sua forma trêmula.

– Octavia? – Eu a toco e ela estremece. – Octavia? Vai ficar tudo bem. Eu vou tirar vocês daqui, certo?

– Isto aqui parece uma atitude extrema – diz Plutarch.

– Eles estão aqui porque pegaram uma fatia de pão? – diz Gale.

– Ocorreram infrações repetidas que levaram a isso. Eles foram alertados. Mesmo assim, pegaram mais pão. – O guarda faz uma pausa por um instante, como se estivesse confuso com nossa estupidez. – É proibido pegar pão.

Não consigo fazer com que Octavia descubra o rosto, mas ela o levanta ligeiramente. Os grilhões em seus pulsos movem-se alguns centímetros, revelando feridas em carne viva.

– Vou levar você para minha mãe. – Eu me dirijo ao guarda. – Solte-os.

O guarda balança a cabeça.

– Não está autorizado.

– Solte-os! Agora! – berro.

Isso quebra a compostura dele. Cidadãos medianos não se dirigem a ele dessa forma.

– Eu não tenho ordens de soltura. E você não possui autoridade para...

– Pode fazer isso com a minha autoridade – diz Plutarch. – Nós viemos pegar esses três mesmo. Eles são necessários para a Defesa Especial. Assumo total responsabilidade.

O guarda sai para fazer uma ligação. Ele volta com um molho de chaves. O pessoal da equipe foi forçado a ficar numa posição tão contraída, e por tanto tempo, que mesmo quando os grilhões são retirados, eles têm

dificuldade para caminhar. Gale, Plutarch e eu temos de ajudá-los. O pé de Flavius agarra numa grade de metal em cima de uma abertura circular no chão e o meu estômago se contrai quando penso nos motivos que levariam um recinto a necessitar de um ralo. As manchas de miséria humana que devem ter sido retiradas com uma mangueira desses ladrilhos...

No hospital, encontro minha mãe, a única pessoa em quem confio para cuidar deles. Ela leva um minuto para reconhecer os três, devido à condição em que se encontram, mas já tem um olhar de consternação estampado no rosto. E eu sei que não é por ter visto corpos violentados, porque isso era o material de trabalho diário dela no Distrito 12, mas pela percepção de que esse tipo de coisa ocorre também no 13.

Minha mãe foi recebida de braços abertos no hospital, mas ela é vista mais como uma enfermeira do que como uma médica, apesar de uma vida inteira dedicada à cura. Mesmo assim, ninguém interfere quando ela guia o trio até uma sala de exames para avaliar seus ferimentos. Eu me planto num banquinho no corredor do lado de fora da entrada do hospital, esperando ouvir seu diagnóstico. Ela será capaz de ler em seus corpos a dor infligida a eles.

Gale senta-se perto de mim e coloca o braço em meu ombro.

– Ela vai curá-los. – Balanço a cabeça em concordância, imaginando se ele está pensando no brutal flagelo ao qual ele próprio foi submetido no 12.

Plutarch e Fulvia sentam-se no banquinho em frente a nós, mas não fazem nenhum comentário sobre o estado dos membros da minha equipe de preparação. Se eles não tinham conhecimento dos maus tratos que eles vinham sofrendo, então o que eles apreendem desse gesto da presidenta Coin? Decido ajudá-los.

– Acho que todos nós fomos colocados de sobreaviso – digo.

– O quê? Não. O que você quer dizer com isso? – pergunta Fulvia.

– Castigar a minha equipe de preparação é um alerta – falo para ela. – Não apenas a mim. Mas a vocês também. Sobre quem está realmente no controle e o que acontece se não for obedecido. Se vocês tinham alguma ilusão sobre ter poder, é melhor se desfazerem dela agora. Aparentemente, um pedigree da Capital não significa proteção aqui. De repente até piora a situação.

– Não há comparação entre Plutarch, que arquitetou a insurreição rebelde, e aqueles três maquiadores – diz Fulvia friamente.

Eu dou de ombros.

– Se você está dizendo, tudo bem. Mas o que aconteceria se vocês caíssem em desgraça com a Coin? A minha equipe de preparação foi sequestrada. Eles podem pelo menos ter esperanças de algum dia voltar para a Capital. Gale e eu podemos viver na floresta. Mas e vocês? Para onde vocês dois fugiriam?

– Talvez sejamos um pouco mais necessários ao esforço de guerra do que você estima – diz Plutarch, sem demonstrar preocupação.

– Claro que são. Os tributos também eram necessários para os Jogos. Até deixarem de ser – digo. – E aí nós passamos a ser bem dispensáveis, certo, Plutarch?

Isso põe um fim à conversa. Esperamos em silêncio até minha mãe vir nos encontrar.

– Eles vão ficar bem – relata ela. – Não há nenhum ferimento fatal.

– Bom. Esplêndido – diz Plutarch. – Quando vão poder voltar ao trabalho?

– Provavelmente amanhã – responde ela. – Vocês sabem que encontrarão alguma instabilidade emocional depois de tudo que passaram. Eles estavam particularmente despreparados para algo desse tipo, acostumados com a vida que levavam na Capital.

– E alguém aqui por acaso está? – diz Plutarch.

Ou porque a equipe de preparação está incapacitada ou porque estou muito nervosa, Plutarch me libera de tarefas referentes ao Tordo pelo restante do dia. Gale e eu nos encaminhamos para o almoço, onde nos servem cozido de feijão e cebola, uma fatia grossa de pão e um copo d'água. Depois da história de Venia, o pão entala na minha garganta, de modo que eu deslizo o que sobrou para a bandeja de Gale. Nenhum dos dois fala muito durante o almoço, mas quando nossas tigelas ficam vazias, Gale arregaça a manga e revela sua programação.

– Eu tenho treinamento agora.

Arregaço a minha manga e estendo o braço ao lado do dele.

– Eu também. – Então me lembro que treinamento agora significa caçar.

Minha ansiedade para escapar para a floresta, mesmo que apenas por duas horas, suplanta minhas preocupações momentâneas. Uma imersão no verde e na luz do sol certamente me ajudará a organizar meus pensamentos. Assim que saímos dos corredores principais, Gale e eu corremos como

crianças até o arsenal e, quando chegamos, já estou sem fôlego e tonta. Uma lembrança de que ainda não estou totalmente recuperada. Os guardas nos fornecem nossas velhas armas, assim como facas e um saco de aniagem para desempenhar a função de bolsa de caça. Eu tolero o rastreador grudado em meu tornozelo, tento parecer estar escutando quando eles explicam como usar o comunicador de mão. A única coisa que fica na minha cabeça é que a coisa possui um relógio, e que devemos voltar para o 13 na hora designada ou nossos privilégios de caça serão revogados. Essa é uma regra que eu acho que necessitará de um esforço especial da minha parte para ser cumprida.

Saímos e nos dirigimos à área de treinamento cercada que fica ao lado da floresta. Guardas abrem os portões bem azeitados sem fazer nenhum comentário. Nós teríamos muita dificuldade para passar por essa cerca por conta própria – nove metros de altura, eletricidade sempre acionada e rolos de ferro afiados como lâminas no alto. Nos movemos pela floresta até a vista da cerca ficar obscurecida. Numa pequena clareira, paramos e jogamos nossas cabeças para trás para absorver a luz do sol. Estico os braços ao lado do corpo e começo a girar lentamente para não ficar tonta.

A falta de chuva que eu vi no 12 destruiu as plantas aqui também, deixando algumas com folhas quebradiças, formando um carpete crocante sob meus pés. Tiramos nossos sapatos. De qualquer maneira, os meus não são confortáveis, já que, seguindo o espírito desperdício-zero-desejo-zero que vigora no 13, recebi um par que ficou pequeno em uma outra pessoa. Aparentemente, estamos andando de modo engraçado porque os sapatos estão com um formato bastante esquisito.

Caçamos, como nos velhos tempos. Em silêncio, sem precisar de palavras para nos comunicar, porque aqui na floresta nos movemos como duas partes de um mesmo ser. Antecipando os movimentos um do outro, dando cobertura um ao outro. Quanto tempo faz? Oito meses? Nove? Quanto tempo, desde que tivemos essa liberdade pela última vez? Não é exatamente a mesma coisa, devido a tudo o que aconteceu, aos rastreadores em nossos tornozelos e ao fato de que eu preciso descansar com frequência. Mas é o mais próximo da felicidade que imagino poder conseguir nas atuais circunstâncias.

Os animais aqui não são nem um pouco desconfiados. Aquele momento extra que levam identificando nosso odor estranho significa sua morte. Em uma hora e meia nós temos uma dúzia dos mais variados tipos –

coelhos, esquilos e perus –, e decidimos parar para passar o tempo restante num laguinho que deve ser alimentado por uma fonte subterrânea, já que a água é fria e doce.

Quando Gale se oferece para limpar a caça, não me oponho. Enfio algumas folhas de menta na boca, fecho os olhos e me recosto numa pedra, absorvendo os sons, permitindo que o escorchante sol da tarde queime a minha pele, quase em paz até a voz de Gale me interromper.

– Katniss, por que você se importa tanto com a sua equipe de preparação?

Abro os olhos para ver se ele está brincando, mas ele está com a testa franzida olhando para o coelho que está esfolando.

– E por que eu não deveria me importar?

– Hum, vamos ver. Porque eles passaram o último ano deixando você bonitinha para a carnificina? – sugere ele.

– A coisa é mais complicada do que isso. Eu os conheço. Eles não são maldosos ou cruéis. Eles não são nem inteligentes. Fazer mal a eles é como fazer mal a uma criança. Eles não entendem... enfim, eles não sabem... – Minhas palavras ficam engasgadas.

– Eles não sabem o quê, Katniss? – diz ele. – Que os tributos, que são as verdadeiras crianças nessa história, não esse seu trio de aberrações, são forçados a lutar até a morte? Que você estava indo para uma arena para servir de diversão para o povo? Isso por acaso era um grande segredo na Capital?

– Não. Mas eles não veem isso da maneira que a gente vê – digo. – Eles são criados com isso e...

– Você está mesmo defendendo esse pessoal? – Ele retira a pele do coelho com um movimento rápido.

Isso dói, porque na verdade eu estou, sim, e é ridículo. Luto para encontrar uma posição lógica.

– Eu acho que estou defendendo qualquer pessoa que seja tratada dessa forma por pegar uma fatia de pão. De repente, isso me lembra demais o que aconteceu com você com aquele peru!

No entanto, ele está certo. Parece estranho o meu nível de preocupação com a equipe de preparação. Eu deveria odiá-los e querer que fossem enforcados. Mas eles são tão ignorantes, e pertenciam a Cinna, e ele está do meu lado, certo?

– Não estou procurando briga – diz Gale. – Mas não acho que Coin estava enviando uma mensagem grandiosa para você ao punir esses caras por terem desobedecido às regras daqui. Provavelmente ela imaginou que você veria isso como um favor. – Ele enfia o coelho no saco e se levanta. – É melhor a gente ir andando se quisermos chegar na hora.

Ignoro a mão que ele oferece e me levanto desequilibradamente.

– Beleza. – Nenhum dos dois fala nada no caminho de volta, mas assim que passamos pelo portão, penso em uma outra coisa. – Durante o Massacre Quaternário, Octavia e Flavius tiveram de parar de trabalhar porque não conseguiam parar de chorar por eu estar voltando para a arena. E Venia mal conseguiu se despedir de mim.

– Vou tentar me lembrar disso enquanto eles estiverem... refazendo você – diz Gale.

– Faça isso – respondo.

Entregamos a carne para Greasy Sae na cozinha. Ela até que gosta bastante do Distrito 13, embora ache que falta um pouco de imaginação aos cozinheiros. Mas uma mulher que oferece um cão selvagem palatável e cozido de ruibarbo está fadada a se sentir com as mãos atadas aqui.

Exausta devido à caçada e à falta de sono, volto ao meu compartimento e o encontro vazio. Só então me lembro de que nos mudamos por causa de Buttercup. Subo até o andar de cima e encontro o Compartimento E. É exatamente igual ao Compartimento 307, exceto pela janela – sessenta centímetros de largura por vinte de altura – centralizada no topo da parede externa. Há uma pesada placa de metal que se fecha sobre ela, mas nesse exato momento ela está aberta, e um certo gato não está à vista em lugar nenhum. Eu me estico na cama, e um feixe de luz vespertina brinca em cima de meu rosto. Quando dou por mim, minha irmã está me acordando para *18:00 – Meditação*.

Prim me diz que eles estão anunciando a assembleia desde o almoço. A população inteira, exceto aqueles necessários para realizar trabalhos essenciais, são convocados a comparecer. Seguimos as orientações até o Coletivo, uma imensa sala que comporta facilmente os milhares de pessoas que vão aparecer. Dá para dizer que o local foi construído para uma reunião maior, e provavelmente recebeu uma antes da epidemia de varíola. Prim aponta silenciosamente os efeitos adversos disseminados por esse desastre – as cicatrizes de varíola nos corpos das pessoas, as crianças ligeiramente desfiguradas.

– Eles sofreram muito por aqui – diz ela.

Depois desta manhã, não estou com espírito para sentir pena do 13.

– Não mais do que a gente sofreu no 12 – digo. Vejo minha mãe conduzir um grupo de pacientes em cadeiras de rodas, ainda vestindo suas roupas de hospital. Finnick destaca-se entre eles, a aparência perplexa, porém deslumbrante. Nas mãos ele segura um pedaço de corda fina, menos de trinta centímetros de comprimento, curto demais até mesmo para ele transformar num laço utilizável. Seus dedos se movem com rapidez, automaticamente atando e desatando vários nós enquanto seu olhar se mantém ao longe. Provavelmente isso faz parte da terapia pela qual ele está passando. Dirijo-me até ele e digo:

– Oi, Finnick. – Parece que ele não percebe a minha presença, então eu o cutuco para conseguir sua atenção. – Finnick! Como é que você vai?

– Katniss – diz ele, apertando minha mão. Aliviado por ver um rosto familiar, imagino. – Por que estamos nos reunindo aqui?

– Eu falei para Coin que seria o Tordo dela. Mas fiz com que ela prometesse que daria imunidade aos outros tributos se os rebeldes vencerem – digo a ele. – Em público, para que possa haver muitas testemunhas.

– Ah, muito bom. Porque eu me preocupo com isso em relação a Annie. Fico com medo de ela dizer inadvertidamente alguma coisa que possa ser considerada traição – diz Finnick.

Annie. Oh, oh. Eu me esqueci completamente dela.

– Não se preocupe, eu cuidei dela. – Aperto a mão de Finnick e me encaminho diretamente para o pódio na frente da sala. Coin, que está olhando para o pronunciamento que fará, ergue as sobrancelhas para mim. – Preciso que você acrescente Annie Cresta à lista de imunidades – digo a ela.

A presidenta franze o cenho ligeiramente.

– Quem é essa?

– Ela é... – Quem mesmo? Eu nem sei como devo me referir a ela. – Ela é amiga de Finnick Odair. Do Distrito 4. Uma outra vitoriosa. Ela foi presa e levada para a Capital quando a arena explodiu.

– Ah, aquela garota louca. Isso não será realmente necessário – diz ela. – Nós não costumamos punir ninguém assim tão frágil.

Penso na cena que testemunhei hoje de manhã. Em Octavia acorrentada à parede. Em como Coin e eu devemos ter definições

amplamente diferentes para fragilidade. Mas digo apenas:

– Não? Então não vai ser problema acrescentar a Annie.

– Tudo bem – diz a presidenta, escrevendo a lápis o nome de Annie. – Você quer ficar aqui em cima comigo na hora do pronunciamento? – Sacudo a cabeça em negativa. – Eu imaginei que não. É melhor correr e se perder no meio da multidão. Já vou começar. – Volto para onde está Finnick.

Palavras são outra coisa não desperdiçada no 13. Coin pede a atenção da audiência e diz a eles que eu aceitei ser o Tordo, contanto que os outros vitoriosos – Peeta, Johanna, Enobaria e Annie – recebam um perdão total por qualquer estrago que tenham causado à causa rebelde. Em meio ao ruído que escapa da multidão, ouço discordâncias. Suponho que ninguém tenha duvidado de que eu quisesse ser o Tordo. Mas estabelecer um preço – um preço que poupa a vida de possíveis inimigos – os enfurece. Permaneço indiferente aos olhares hostis que encontro pelo caminho.

A presidenta permite alguns minutos de descanso, e então continua em seu estilo ríspido. Só que agora as palavras que saem de sua boca são novas para mim.

– Mas em retribuição a essa solicitação sem precedentes, a soldado Everdeen prometeu dedicação total à nossa causa. Subentende-se que qualquer desvio de sua missão, seja em motivação, seja em ação, será visto como rompimento de nosso acordo. A imunidade seria extinta e o destino dos quatro vitoriosos determinado pela lei que governa o Distrito 13. Assim como o destino dela própria. Muito obrigada.

Em outras palavras, se eu sair da linha, estamos todos mortos.

Mais uma força a ser enfrentada. Mais um jogador poderoso que decidiu me usar como uma peça em seus jogos, embora as coisas jamais pareçam seguir de acordo com o plano. Primeiro havia os Idealizadores dos Jogos, transformando-me em sua estrela e depois lutando para se recuperar daquele punhado de amoras venenosas. Depois o presidente Snow, tentando me usar para apagar o incêndio da rebelião, só para fazer com que qualquer movimento meu passasse a ser altamente inflamável. Em seguida, os rebeldes me aprisionando na garra de metal que me alçou da arena, designando-me para ser seu Tordo, e depois sendo obrigados a se recuperar do choque de que talvez eu não quisesse as asas. E agora Coin, com seu pulso forte recheado de ogivas nucleares e seu distrito-máquina muito bem azeitado, descobrindo que é ainda mais difícil cuidar de um Tordo do que capturar um. Mas ela foi a mais rápida em perceber que eu tinha planos próprios e que, portanto, não era totalmente confiável. Ela foi a primeira a me caracterizar publicamente como uma ameaça.

Passo os dedos na espessa camada de bolhas em minha banheira. A limpeza que fazem em mim é apenas um passo preliminar no sentido de determinar meu novo visual. Com meus cabelos deteriorados pelo ácido, a pele queimada e as horríveis cicatrizes, a equipe de preparação tem de me deixar bonitinha e, depois, me queimar e produzir cicatrizes mais atraentes em mim.

– Refaçam-na em Base Zero de Beleza – ordena Fulvia de imediato hoje de manhã. – Vamos trabalhar a partir daí. – Base Zero de Beleza consiste no visual que uma pessoa teria se saísse da cama com a aparência perfeita, porém natural. Significa que as minhas unhas estão bem-feitas mas não pintadas. Meus cabelos macios e brilhantes, mas não estilizados. Minha pele lisa e limpa, mas sem maquiagem. Pelos do corpo depilados e hematomas apagados, mas sem nenhum aprimoramento visível. Tenho a impressão de que Cinna deu as mesmas instruções no meu primeiro dia como tributo na Capital. Só que aquilo foi diferente, já que eu era uma participante dos Jogos. Na condição de rebelde, imaginei que ficaria mais

parecida comigo mesma. Mas pelo que vejo uma rebelde que aparece na TV tem os próprios parâmetros com os quais deve conviver.

Depois de tirar o creme do corpo, eu me viro e encontro Octavia à minha espera com uma toalha. Ela está muito diferente daquela mulher que conheci na Capital, despojada das roupas extravagantes, da maquiagem pesada, dos cabelos tingidos e das joias e badulaques com os quais adornava seus cabelos. Lembro de uma ocasião em que ela apareceu com tranças cor-de-rosa cintilantes, decoradas com luzinhas coloridas em formato de camundongo. Ela me disse que tinha vários camundongos de estimação em casa. Na época, a imagem me causou repulsa, já que consideramos camundongos uma praga, a não ser que estejam cozidos. Mas talvez Octavia gostasse deles por serem pequenos, macios e estridentes. Como ela. Enquanto ela me seca, tento me familiarizar com a Octavia versão Distrito 13. Seus cabelos verdadeiros têm na verdade uma coloração ruiva muito bonita. Seu rosto é comum, mas possui uma doçura inegável. Ela é mais jovem do que eu imaginava. Talvez na casa dos vinte e poucos anos. Despojada das unhas decorativas de dez centímetros, seus dedos parecem quase gorduchos, e não conseguem parar de tremer. Tenho vontade de falar para ela que está tudo bem, que eu garanto que Coin nunca mais vai fazer mal a ela. Mas os hematomas multicoloridos florescendo em sua pele esverdeada só me fazem lembrar do quanto sou impotente.

Também Flavius parece empalidecido sem seu batom púrpura e suas roupas chamativas. Mas conseguiu deixar suas tranças cor de laranja em formato de saca-rolha mais ou menos como estavam antes. Venia é quem parece menos mudada. Seus cabelos azul-piscina estão baixos no lugar dos tufos de antes e dá para ver as raízes crescendo em tom grisalho. Entretanto, as tatuagens sempre foram sua característica mais marcante, e estão douradas e chocantes como sempre. Ela aparece e tira a toalha das mãos de Octavia.

– Katniss não vai machucar a gente – diz ela a Octavia em voz baixa, porém firme. – Katniss nem sabia que a gente estava aqui. As coisas vão melhorar agora. – Octavia acena ligeiramente com a cabeça, mas não ousa me olhar nos olhos.

Não é uma tarefa simples fazer com que eu volte a ter Base Zero de Beleza, mesmo com o elaborado arsenal de produtos, ferramentas e geringonças eletrônicas que Plutarch teve a presteza de trazer da Capital. O pessoal da minha equipe vai muito bem, até tentar cuidar do ponto em meu

braço de onde Johanna arrancou o rastreador. Ninguém da equipe médica estava preocupado com aparência quando costuraram o buracão que encontraram pela frente. Agora tenho uma cicatriz inchada e protuberante que ocupa um espaço do tamanho de uma maçã. Normalmente, a manga da minha camisa a cobre mas, do jeito que o traje do Tordo de Cinna foi desenhado, as mangas param logo abaixo do cotovelo. A preocupação é tão grande que Fulvia e Plutarch são chamados para discutir a questão. Eu juro, a visão da coisa desencadeia uma ânsia de vômito em Fulvia. Para alguém que trabalha com um Idealizador dos Jogos, ela é extremamente sensível. Mas imagino que ela esteja acostumada a ver coisas desagradáveis apenas nas telas de TV.

– Todo mundo sabe que eu tenho uma cicatriz aqui – digo, mal-humorada.

– Saber que ela existe é uma coisa. Vê-la é algo totalmente diferente – diz Fulvia. – É uma coisa verdadeiramente repulsiva. Plutarch e eu vamos pensar em alguma coisa durante o almoço.

– Vai ficar bom – diz Plutarch, balançando a mão como quem dá pouca importância ao fato. – De repente, a gente põe uma tira no braço ou qualquer coisa assim.

Irritada, eu me visto para me dirigir à sala de jantar. Minha equipe de preparação se amontoa num pequeno grupo ao lado da porta.

– Eles vão trazer comida para vocês aqui? – pergunto.

– Não – diz Venia. – A gente precisa ir para a sala de jantar.

Dou um suspiro profundo ao me imaginar entrando na sala de jantar com esses três atrás de mim. Mas as pessoas sempre me encaram, de um jeito ou de outro. Vai ser a mesma coisa de sempre.

– Vou mostrar para vocês onde fica – digo. – Vamos lá.

Os olhares velados e os murmúrios silenciosos que eu normalmente evoco não são nada comparados à reação proporcionada pela visão da minha bizarra equipe de preparação. As bocas abertas, os dedos apontados, as exclamações.

– Ignorem tudo e vamos em frente – digo à minha equipe de preparação. Olhos baixos, com movimentos mecânicos, eles me seguem na fila, aceitando tigelas de peixe acinzentado, cozido de quiabo e copos d'água.

Nos sentamos à mesa ao lado de um grupo da Costura. Eles demonstram um pouco mais de controle do que as pessoas do 13, embora a

atitude possa ser principalmente em função do constrangimento. Leevy, que era meu vizinho no 12, dá um alô cauteloso aos membros da equipe, e a mãe de Gale, Hazelle, que deve saber a respeito da prisão deles, estende uma colher do cozido e diz:

– Não se preocupem. O gosto é melhor do que aparência.

Mas é Posy, a irmã de cinco anos de idade de Gale, quem mais ajuda. Ela desliza no banquinho até Octavia e toca a pele dela com um dedinho hesitante.

– Você está verde. Você está doente?

– É a moda, Posy. É como usar batom – digo.

– É para deixar a gente mais bonita – sussurra Octavia, e consigo ver as lágrimas ameaçando desaguar por seus cílios.

Posy pondera a explicação e diz, resoluta:

– Acho que você fica bonita em qualquer cor.

O mais diminuto dos sorrisos se forma nos lábios de Octavia.

– Obrigada.

– Se você quiser realmente impressionar Posy, você vai ter de tingir a pele de rosa – diz Gale, jogando a bandeja ao meu lado. – É a sua cor favorita. – Posy dá uma risadinha e desliza de volta para perto de sua mãe. Gale faz um movimento com a cabeça indicando a tigela de Flavius. – Eu não deixaria isso aí ficar frio. Não melhora em nada a consistência.

Todos começam a comer. O gosto do cozido não é ruim, mas ele tem uma textura meio grudenta que é difícil de encarar. É como se você precisasse engolir cada pedaço três vezes para a coisa descer efetivamente.

Gale, que não é muito de falar durante as refeições, faz um esforço para manter a conversa fluindo, fazendo perguntas sobre maquiagem. Sei que é uma tentativa de aliviar o clima. Nós discutimos na noite anterior depois que ele sugeriu que eu não deixara nenhuma escolha a Coin a não ser contrapor minha exigência de segurança para os vitoriosos com outra exigência dela própria.

– Katniss, ela está administrando esse distrito. Ela não pode acatar a sua exigência se der a entender que a presidenta está se curvando à sua vontade.

– Você está querendo dizer que ela não consegue suportar nenhuma dissensão, mesmo que seja justa? – eu contrapusera.

– O que eu estou querendo dizer é que você a deixou numa posição ruim. Ao fazê-la dar imunidade a Peeta e aos outros, quando nós nem

sabemos que tipo de estrago eles podem causar – dissera Gale.

– Então, eu devia ter simplesmente seguido com o programa e deixado os outros tributos assumirem seus riscos? Não que isso importe, porque é exatamente o que nós todos estamos fazendo de um jeito ou de outro! – Foi nesse momento que bati a porta na cara dele. Eu não havia me sentado com ele no café da manhã, e quando Plutarch o enviou ao treinamento hoje de manhã, eu o deixei ir embora sem dizer uma única palavra. Sei que ele só falou aquilo por se preocupar comigo, mas eu realmente preciso que ele fique do meu lado, não do lado de Coin. Como é possível que ele não saiba disso?

Depois do almoço, Gale e eu estamos programados para descer até a Defesa Especial para nos encontrarmos com Beetee. No elevador, Gale finalmente diz:

– Você ainda está zangada.

– E você ainda não pediu desculpas – respondo.

– Eu ainda sustento o que disse antes. Você quer que eu minta? – pergunta ele.

– Não, quero que você repense e apareça com uma opinião correta – digo. Mas isso só o faz rir. Terei de deixar a coisa ficar por isso mesmo. Não há sentido em tentar ditar o que Gale deve pensar. O que, para ser honesta, é uma das razões de eu confiar nele.

A Defesa Especial está situada num nível quase tão baixo quanto os calabouços onde encontramos a equipe de preparação. É uma colmeia de salas cheias de computadores, laboratórios, equipamentos de pesquisa e medição.

Quando perguntamos por Beetee, somos conduzidos através de um labirinto até alcançarmos uma enorme divisória de vidro. Lá dentro, encontra-se a primeira coisa bonita que vi até hoje nas instalações do Distrito 13: a réplica de um gramado, cheio de árvores de verdade, plantas com flores e beija-flores cheios de vida. Beetee está sentado imóvel numa cadeira de rodas no centro do gramado, observando um pássaro verde pairar em pleno ar enquanto absorve o néctar de uma grande floração laranja. Seus olhos acompanham o pássaro que voa para longe, e ele percebe a nossa presença. Ele acena amigavelmente para que nos juntemos a ele do lado de dentro.

O ar é fresco e respirável, não úmido e abafado como eu presumira. De todos os lados, ouvimos o barulhinho do bater de pequenas asas, que eu

costumava confundir com o som de insetos em nossa floresta no 12. Sou obrigada a imaginar que espécie de acaso feliz permitiu que um lugar tão agradável pudesse ter sido construído aqui.

Beetee ainda exibe a palidez de alguém que está em plena convalescença, mas por atrás daqueles óculos mal ajustados, seus olhos estão cheios de entusiasmo.

– Eles não são magníficos? O 13 tem estudado a aerodinâmica deles nesse local há anos. Voos para a frente e para trás, e velocidades que chegam a atingir quase cem quilômetros por hora. Quem me dera poder fazer asas como essas para você, Katniss!

– Duvido muito que eu pudesse controlar asas desse tipo, Beetee – digo sorrindo.

– Um segundo aqui e no outro já estão longe. Você consegue abater um beija-flor com uma flecha? – pergunta ele.

– Nunca tentei. Não tem muita carne neles – respondo.

– Não. E você não é de caçar por esporte – diz ele. – Mas aposto que seria difícil acertar um bicho como esse.

– De repente daria para pegar algum com uma armadilha – diz Gale. Seu rosto assume aquela aparência distante que indica que ele está maquinando alguma coisa. – Pegue uma rede bem fininha. Cerque uma área e deixe uma abertura de alguns metros quadrados. Coloque dentro algumas flores com néctar como isca. Enquanto eles estão comendo, feche a abertura. Eles voariam para tentar fugir por causa do barulho, mas só encontrariam a extremidade da rede.

– Será que isso funcionaria? – pergunta Beetee.

– Não sei. É só uma ideia – diz Gale. – Eles poderiam muito bem ser mais espertos que a armadilha.

– Poderiam sim. Mas você está explorando o instinto natural que eles têm para fugir do perigo. Pensar como a sua presa... é dessa maneira que se acha as vulnerabilidades dela – diz Beetee.

Eu me lembro de uma coisa na qual não gosto de pensar. Nos preparativos para o Massacre, vi um vídeo em que Beetee, ainda garoto, conectava dois fios que eletrocutavam um grupo de meninos que estavam em seu encalço. Os corpos em convulsão, as expressões grotescas. Beetee, nos momentos que levaram à sua vitória naqueles Jogos Vorazes de tanto tempo atrás, observou outras pessoas morrerem. Não foi culpa sua.

Somente legítima defesa. Nós todos estávamos agindo única e exclusivamente em legítima defesa...

De repente, desejo sair da sala de beija-flores antes que alguém comece a montar uma armadilha.

– Beetee, Plutarch disse que você tinha alguma coisa para mim.

– Certo. Tenho, sim. Seu novo arco. – Ele aperta um controle manual no braço da cadeira e gira para fora da sala. Enquanto o seguimos pelos corredores sinuosos da Defesa Especial, ele explica a cadeira. – Eu posso andar um pouquinho agora. Só que me canso facilmente. É mais fácil para mim circular por aí com este troço. Como anda o Finnick?

– Ele... tem tido alguns problemas de concentração – respondo. Não quero falar que ele teve um colapso nervoso completo.

– Problemas de concentração, é? – Beetee sorri impiedosamente. – Se você soubesse pelo que Finnick tem passado nos últimos anos, você ia ver como é impressionante ele ainda estar conosco. Mas, por favor, diga para ele que eu ando trabalhando num novo tridente, certo? Algo para ele se distrair um pouco. – Distração parece ser a última coisa de que Finnick precisa, mas prometo dar o recado.

Quatro soldados guardam a entrada para o hall onde está escrito ARMAS ESPECIAIS. Verificar as programações impressas em nossos antebraços é apenas o primeiro passo. Nós também temos impressões digitais, análise de retina e DNA, e temos de passar por detectores de metal especiais. Beetee precisa sair de sua cadeira de rodas no lado de fora, embora eles forneçam outra para ele assim que passamos pela segurança. Acho a coisa toda bizarra porque não consigo imaginar que alguém criado no Distrito 13 possa ser uma ameaça contra a qual o governo deveria se proteger. Será que essas precauções foram instauradas por causa do recente influxo de imigrantes?

Na porta do arsenal, encontramos uma segunda rodada de verificação de identificação – como se o meu DNA pudesse ter mudado no tempo que levei para caminhar os vinte metros do corredor –, e finalmente recebemos permissão para entrar na coleção de armamentos. Tenho de admitir que o arsenal me deixa sem fôlego. Fileiras e fileiras de armas de fogo, lançadores, explosivos, veículos blindados.

– É claro que a Divisão Aérea ocupa outro espaço – diz Beetee.

– É claro – digo, como se isso fosse evidente. Não sei onde um simples arco e flecha poderia encontrar um lugarzinho em meio a tantos

equipamentos high-tech, mas então damos de cara com uma parede repleta de arcos altamente letais. Eu já brinquei muito com as armas da Capital nos treinamentos, mas nenhuma delas desenhada para combate militar. Concentro minha atenção num arco de aparência mortífera que está tão cheio de miras e equipamentos e coisa e tal que tenho certeza de que não consigo nem erguê-lo, quanto mais usá-lo.

– Gale, de repente você vai querer experimentar algumas dessas coisinhas – diz Beetee.

– É sério? – pergunta Gale.

– Em algum momento, você vai receber uma arma de combate, é evidente. Mas se você aparecer como parte da equipe de Katniss no plano, uma dessas aqui chamaria mais a atenção. Pensei que talvez você pudesse encontrar alguma que lhe servisse bem – diz Beetee.

– Com certeza. – As mãos de Gale se fecham em torno do mesmo arco para o qual eu estava olhando momentos atrás, e ele o prende no ombro. Aponta ao redor da sala, olhando pela mira.

– Isso não parece muito justo com o cervo – digo.

– Eu não ia usar isso aqui num cervo, ia? – responde ele.

– Volto já – diz Beetee. Ele aperta um código num painel e uma pequena passagem se abre. Eu observo até que ele desaparece por completo e a porta se fecha.

– Quer dizer então que seria mais fácil para você usar essa coisa em pessoas? – pergunto.

– Eu não disse isso. – Gale põe o arco ao seu lado. – Mas se tivesse tido uma arma que pudesse ter impedido o que eu vi acontecer no 12... se tivesse tido uma arma que pudesse ter mantido você longe da arena... teria usado.

– Eu também – admito. Mas não sei o que dizer a ele sobre a sensação que se tem depois que você mata uma pessoa. Sobre como a pessoa morta jamais se afasta de você.

Beetee gira de volta com um estojo retangular alto e preto posicionado de um jeito esquisito entre o descanso do pé e seu ombro.

– Para você.

Coloco o estojo no chão e destravo as linguetas na lateral. A parte de cima se abre sem fazer barulho. No interior do estojo, em cima de um leito de veludo marrom, encontra-se um estonteante arco preto.

– Oh – sussuro com admiração. Ergo-o cuidadosamente para admirar o belíssimo equilíbrio, o elegante desenho e a curvatura, que de certa forma sugere as asas de um pássaro abertas em pleno voo. Há algo mais. Tenho de mantê-lo bem imóvel para ter certeza de que não estou imaginando coisas. Não, o arco está vivo em minhas mãos. Eu o pressiono contra o rosto e sinto o ligeiro zumbido viajar através dos ossos do meu rosto. – O que ele está fazendo? – pergunto.

– Dizendo oi – explica Beetee com um sorrisinho. – Ele ouviu sua voz.

– Ele reconhece a minha voz? – pergunto.

– Apenas a sua – diz ele. – Veja bem, eles queriam que eu desenhasse um arco que fosse puramente aparência. Como parte de seu traje, entende? Mas eu ficava pensando: que desperdício. Enfim, e se você precisar dele em algum momento? Como algo mais do que apenas um acessório de moda? Aí deixei o lado de fora simples e o lado de dentro regido pela minha imaginação. Mas fica melhor se explicado na prática. Querem experimentar?

Nós dois queremos. Um alvo já foi preparado. As flechas que Beetee desenhou não são menos notáveis do que o arco. Com o equipamento completo, consigo atirar com acuidade a uma distância de cem metros. A variedade de flechas – de lâmina afiada, incendiária, explosiva – transforma o arco numa arma multiuso. Cada uma delas é identificável a partir de uma ponta com coloração característica. Tenho a opção de interrupção da ação com o uso da voz a qualquer momento, mas não faço a menor ideia de por que eu deveria usar algo assim. Para desativar as propriedades especiais do arco preciso apenas dizer “boa-noite” a ele. Então ele vai dormir até que o som da minha voz o acorde novamente.

Já estou de ótimo humor quando volto para a equipe de preparação, deixando Beetee e Gale para trás. Permaneço sentada pacientemente durante o restante do trabalho de pintura e visto o meu traje, que agora inclui um curativo ensanguentado por cima da cicatriz do braço para indicar que estive recentemente em combate. Venia afixa meu broche com o tordo em cima de meu coração. Pego meu arco e a aljava com as flechas normais feitas por Beetee, ciente de que eles jamais me deixariam andar por aí com as carregadas. Então vamos para o palco de som, onde tenho a sensação de ficar por várias horas enquanto eles ajustam os níveis de maquiagem, iluminação e fumaça. Por fim, os comandos via intercomunicador vindos das pessoas invisíveis nas misteriosas cabines

envidraçadas tornam-se menos frequentes a cada minuto. Fulvia e Plutarch passam mais tempo me estudando e menos tempo me ajustando. Finalmente, silêncio no set. Por uns bons cinco minutos sou simplesmente avaliada de alto a baixo. Então Plutarch diz:

– Acho que serve.

Alguém me acena para que eu siga em direção a um monitor. Eles passam de novo os últimos minutos da fita e observo a mulher na tela. Seu corpo parece maior em estatura, mais imponente do que o meu. Seu rosto está manchado, porém sexy. Suas sobrancelhas pretas são desenhadas num ângulo desafiador. Fios de fumaça – sugerindo que ela acabou de ser apagada ou está a ponto de pegar fogo – erguem-se de suas roupas. Não sei quem é essa pessoa.

Finnick, que estava zanzando pelo set havia algumas horas, aparece atrás de mim e diz com um tiquinho de seu antigo humor:

– Ou eles vão querer te matar, ou te beijar, ou ser você.

Todos estão bastante animados, bastante satisfeitos com seus trabalhos. Está quase na hora da pausa para o jantar, mas eles insistem em continuar. Amanhã vamos nos concentrar em discursos e entrevistas, e terei de fingir que estou nas batalhas dos rebeldes. Hoje eles só querem um slogan, só uma frase de efeito que possam transformar num curto pontoprop para ser mostrado a Coin.

– Povo de Panem, nós lutamos, nós ousamos, nós acabamos com nossa fome por justiça!

Isso é uma frase de efeito. Dá para dizer pela maneira com a qual eles a apresentam que eles passaram meses, talvez anos, trabalhando nela e estão bem orgulhosos do feito. Entretanto, na minha opinião, ela parece uma frase longa demais. E rígida. Não consigo me imaginar falando-a realmente na vida real – a menos que estivesse usando um sotaque da Capital e fazendo uma gozação em virtude disso. Como nas ocasiões em que Gale e eu costumávamos imitar Effie Trinket falando: "Que a sorte esteja sempre com vocês!" Mas Fulvia está bem no meu rosto, descrevendo uma batalha em que acabei de estar, e como meus companheiros de batalha estão todos mortos ao meu redor, e como, para reunir os que estão vivos, devo me virar para a câmera e gritar a frase!

Sou levada de volta ao meu lugar, e a máquina de fumaça começa a funcionar. Alguém pede silêncio, as câmeras começam a filmar, e escuto:

“Ação!” Então seguro meu arco acima da cabeça e berro com todo o ódio que consigo reunir:

– Povo de Panem, nós lutamos, nós ousamos, nós acabamos com nossa fome por justiça!

Há um silêncio sepulcral no set. E perdura. E perdura.

Por fim, o intercomunicador chia e o riso azedo de Haymitch preenche o estúdio. Ele se contém apenas o tempo suficiente para dizer:

– E é assim, meus amigos, que morre uma revolução.

O choque de ouvir a voz de Haymitch ontem, de descobrir que ele estava não apenas atuante como também tinha novamente uma boa dose de controle sobre a minha vida, me deixou enfurecida. Saí na mesma hora do estúdio e me recusei a admitir qualquer coisa acerca dos comentários que ele fizera hoje na cabine. Mesmo assim, percebi imediatamente que ele estava certo em relação ao meu desempenho.

Foi preciso a manhã inteira para que ele convencesse os outros de minhas limitações. Que não tenho como realizar a tarefa. Não posso ficar em pé num estúdio de TV usando um traje e uma maquiagem numa nuvem de fumaça falsa e insuflar os distritos à vitória. Na realidade, é incrível a quantidade de tempo que consegui sobreviver diante das câmeras. O crédito disso vai, evidentemente, para Peeta. Sozinha, não tenho como ser o Tordo.

Nós nos reunimos ao redor da enorme mesa no Comando. Coin e seu pessoal. Plutarch, Fulvia e a minha equipe de preparação. Um grupo do 12 que inclui Haymitch e Gale, mas também alguns outros cujas presenças eu não consigo explicar, tais como Leevy e Greasy Sae. No último minuto, Finnick entra empurrando a cadeira de rodas de Beetee, acompanhado de Dalton, o especialista em gado do 10. Tenho a impressão de que Coin reuniu essa estranha coleção de pessoas para testemunhar o meu fracasso.

Entretanto, é Haymitch quem dá as boas-vindas a todos e, por suas palavras, compreendo que eles vieram por conta de um convite pessoal dele. Esta é a primeira vez que nos reunimos numa sala desde que eu o agredi com as minhas unhas. Evito olhar diretamente para ele, mas vislumbro seu reflexo em um dos brilhantes consoles de controle ao longo da parede. Ele está com a aparência ligeiramente amarelada e perdeu muito peso, o que o deixa com um aspecto encolhido. Por um segundo, tenho medo de que ele esteja morrendo. Preciso lembrar a mim mesma que não dou a mínima para isso.

A primeira coisa que Haymitch faz é mostrar o filme que acabamos de fazer. Ao que tudo indica, atingi novamente o fundo do poço sob a orientação de Plutarch e Fulvia. Não apenas a minha voz como também o

meu corpo estão com um jeito retorcido e desconjuntado, como se eu fosse uma marionete sendo manipulada por forças invisíveis.

– Tudo bem – diz Haymitch quando o filme acaba. – Alguém gostaria de discordar do fato de que esse negócio aqui não ajuda em nada a gente a ganhar a guerra? – Ninguém discorda. – Isso poupa tempo. Então vamos todos ficar em silêncio por um minuto. Quero que vocês todos pensem em um incidente em que Katniss Everdeen tenha genuinamente emocionado vocês. Não quando vocês estavam com inveja do penteado dela, ou quando o vestido dela pegou fogo ou quando ela deu uma flechada mais ou menos decente. Não quando Peeta estava fazendo vocês gostarem dela. Quero ouvir um momento em que *ela* fez com que vocês sentissem algo real.

Silenciosas espreguiçadas e começo a pensar que a coisa não vai terminar nunca, quando Leevy resolve falar.

– Quando ela se apresentou como voluntária para tomar o lugar de Prim na colheita. Porque tenho certeza de que ela pensou que morreria.

– Bom. Excelente exemplo – diz Haymitch. Ele pega um marcador roxo e escreve num caderninho. – Apresentou-se como voluntária para tomar o lugar da irmã na colheita. – Haymitch olha ao redor da mesa. – Quem mais?

Fico surpresa com o fato de que a próxima pessoa a falar é Boggs, que considero um robô musculoso que faz tudo o que Coin manda.

– Quando ela cantou aquela canção. Enquanto a garotinha morria. – Em algum lugar da minha mente uma imagem aflora: Boggs com um menino em seu colo. Na sala de jantar, acho. Talvez ele não seja um robô, afinal de contas.

– Quem foi que não ficou com um nó na garganta diante daquilo, hein? – diz Haymitch, tomando nota.

– Chorei quando ela drogou Peeta para conseguir dar o remédio a ele e quando ela deu o beijo de despedida nele! – solta Octavia. Então ela cobre a boca, como se tivesse certeza absoluta de que cometera um erro grave ao dizer aquilo.

Mas Haymitch apenas balança a cabeça em concordância.

– Ah, é isso aí. Drogou Peeta para salvar a vida dele. Muito bom.

Os momentos começam a aparecer com mais densidade e com mais velocidade, sem seguir uma ordem específica. Quando fiz de Rue uma aliada. Quando estendi a mão para Chaff na noite da entrevista. Quando tentei carregar Mags. E mais de uma vez, quando entreguei aquelas amoras

que significavam coisas diferentes para pessoas diferentes. Amor por Peeta. Recusa em ceder com chances quase impossíveis de sucesso. Desafio à desumanidade da Capital.

Haymitch levanta o caderninho.

– Então, a questão é a seguinte, o que tudo isso aqui tem em comum?

– São atitudes de Katniss – diz Gale, baixinho. – Ninguém disse o que ela tinha de fazer ou dizer.

– Sem roteiro, com certeza! – diz Beetee. Ele se aproxima e dá um tapinha na minha mão. – Então, a melhor coisa a fazer é deixar você em paz, certo?

As pessoas riem. Até eu mesma rio um pouquinho.

– Bom, isso tudo é muito bonitinho, mas não ajuda muito – diz Fulvia, irritada. – Infelizmente, as oportunidades que ela tem para ser maravilhosa são bem limitadas aqui no 13. O que significa que, a menos que você esteja sugerindo que ela seja lançada no meio do combate...

– É *exatamente isso* que estou sugerindo – diz Haymitch. – Vamos colocá-la no campo de batalha e deixar as câmeras filmando tudo.

– Mas as pessoas acham que ela está grávida. – Aponta Gale.

– Vamos espalhar o boato de que ela perdeu o bebê durante o choque elétrico na arena – responde Plutarch. – É muito triste. Muito infeliz, mesmo.

A ideia de me mandar para o combate é controversa. Mas o plano de Haymitch é bem amarradinho. Se desempenho bem o meu papel somente em circunstâncias da vida real, então é para elas que devo seguir.

– Sempre que a gente dá alguma orientação a ela, ou define linhas de atuação, o máximo que a gente pode esperar conseguir é o básico. A coisa tem de vir dela. É isso o que comove as pessoas.

– Mesmo que a gente seja cuidadoso, não vai dar para garantir a segurança dela – diz Boggs. – Ela vai ser alvo de tudo quanto é...

– Eu quero ir – me intrometo. – Aqui não ajudo em nada os rebeldes.

– E se você for morta? – pergunta Coin.

– É só filmar. Depois você vai poder usar o filme, de um jeito ou de outro – respondo.

– Ótimo – diz Coin. – Mas vamos dar um passo de cada vez. Ache uma situação menos perigosa, da qual você possa tirar mais espontaneidade. – Ela contorna o Comando, estudando os mapas iluminados dos distritos que mostram o posicionamento atual das tropas na guerra. – Levem-na para o 8

hoje à tarde. Houve um intenso bombardeio pela manhã, mas o ataque parece ter tomado seu próprio rumo. Eu a quero armada e com um esquadrão de guarda-costas. Equipe de câmeras no chão. Haymitch, você vai estar voando e em contato com ela. Vamos ver o que acontece lá. Alguém tem mais algum comentário a fazer?

– Lavem o rosto dela – diz Dalton. Todos se voltam para ele. – Ela ainda é uma menina e vocês a fazem ficar com uma cara de 35 anos. Não me parece correto. Parece ideia do pessoal da Capital.

Quando Coin dá a reunião por encerrada, Haymitch pergunta se pode conversar comigo a sós. Os outros saem, com exceção de Gale, que permanece ao meu lado sem muita convicção de que essa é a atitude certa a tomar.

– Com o que você está preocupado? – pergunta Haymitch a ele. – Sou eu quem precisa de guarda-costas.

– Está tudo bem – digo a Gale, e ele vai embora. Então ouve-se apenas o ruído dos instrumentos, o zumbido do sistema de ventilação.

Haymitch senta-se à minha frente.

– Teremos que trabalhar juntos novamente. Então vamos lá, fala logo.

Penso na conversa agressiva e cruel que tivemos no aerodeslizador. A amargura que se seguiu a ela. Mas tudo o que eu digo é:

– Não consigo acreditar que você não tenha resgatado Peeta.

– Eu sei – responde ele.

Há uma sensação de incompletude. E não por ele não haver se desculpado. Mas porque éramos uma equipe. Nós tínhamos um acordo para manter Peeta em segurança. Um acordo trôpego e irrealista feito na calada da noite, mas mesmo assim, um acordo. E no fundo do meu coração, sei que ambos fracassamos.

– Agora você diz isso – digo a ele.

– Não consigo acreditar que você o tenha deixado fora de seu alcance naquela noite – diz Haymitch.

Balanço a cabeça em concordância. É isso.

– Não paro de pensar nisso. O que eu poderia ter feito para que ele ficasse ao meu lado sem que a gente fosse obrigado a romper a aliança. Mas nada me ocorre.

– Você não tinha escolha. E mesmo que eu pudesse ter convencido Plutarch a ficar e a resgatar Peeta naquela noite, o aerodeslizador teria sido abatido. Nós mal conseguimos sair de lá naquelas condições. – Finalmente

olho nos olhos de Haymitch. Olhos da Costura. Cinzentos e profundos, com olheiras escuras de noites sem dormir. – Ele ainda não está morto, Katniss.

– Nós ainda estamos no jogo – tento dizer com otimismo, mas minha voz fica embargada.

– Ainda estamos no jogo. E ainda sou seu mentor. – Haymitch aponta o marcador de texto para mim. – Quando você estiver no chão, lembre que eu estou lá em cima. Terei a melhor visão, então faça o que eu disser para fazer.

– Vamos ver – respondo.

Volto para a Sala de Transformação e observo as camadas de tintura desaparecerem pelo ralo assim que começo a esfregar o rosto. A pessoa no espelho parece maltrapilha, com a pele desnivelada e os olhos cansados, mas se parece comigo. Arranco a braçadeira, deixando à mostra a horrorosa cicatriz do rastreador. Pronto. Isso também se parece comigo.

Como vou estar numa zona de combate, Beetee me ajuda com a armadura que Cinna desenhou. Um capacete de metais entrelaçados que se encaixa muito bem na minha cabeça. O material é flexível como tecido, e pode ser retirado como se fosse um capuz, caso eu não queira ficar com ele o tempo todo. Um colete para reforçar a proteção sobre meus órgãos vitais. Um dispositivo auricular ligado ao meu colarinho por um fio. Beetee prende a meu cinto uma máscara que não preciso usar a menos que ocorra um ataque com gás.

– Se você perceber alguém caindo por motivos inexplicáveis, coloque isso imediatamente – diz ele. Finalmente, ele prende uma aljava dividida em três cilindros de flechas em minhas costas. – Lembre-se: lado direito, fogo. Lado esquerdo, explosivos. Centro, flechas normais. Você provavelmente não vai precisar delas, mas é melhor prevenir do que remediar.

Boggs aparece para me escoltar até a Divisão Aérea. Assim que o elevador chega, Finnick surge num estado de agitação.

– Katniss, eles não querem me deixar ir! Eu falei para eles que estou bem, mas eles não me deixam nem entrar no aerodeslizador!

Examino Finnick – suas pernas nuas à mostra entre o pijama de hospital e os chinelos, os cabelos despenteados, a corda com um meio nó enroscada em seus dedos, o olhar enlouquecido – e sei que qualquer súplica da minha parte será infrutífera. Nem mesmo eu acho uma boa ideia deixá-lo ir conosco. Então, dou um tapa na testa e digo:

– Ih, esqueci. É a droga dessa concussão. Eu tinha de ter falado que era para você se apresentar ao Beetee no Arsenal Especial. Ele desenhou um novo tridente para você.

A palavra tridente parece fazer com que o antigo Finnick volte à superfície.

– É mesmo? E o que é que ele faz?

– Não sei. Mas se for alguma coisa parecida com o meu arco e flecha, você vai adorar – digo. – Mas você vai precisar treinar com ele.

– Certo. É óbvio. Acho melhor eu dar uma passada lá embaixo – diz ele.

– Finnick? – digo. – Que tal vestir uma calça?

Ele olha para as próprias pernas como se estivesse reparando pela primeira vez nas roupas que estava usando. Em seguida arranca o traje hospitalar e fica apenas de cueca.

– Por quê? Você acha que isso aqui... – Ele faz uma pose ridiculamente provocante. – Pode tirar a atenção dos outros?

Não posso deixar de rir porque é engraçado, e é ainda mais engraçado porque deixa Boggs extremamente desconfortável, e fico feliz porque Finnick está realmente parecendo o cara que conheci no Massacre Quaternário.

– Sou apenas um ser humano, Odair. – Eu entro antes que as portas do elevador se fechem. – Desculpe – digo para Boggs.

– Não precisa. Imaginei que você... lidou bem com isso – diz ele. – De qualquer maneira, é melhor do que eu ser obrigado a prendê-lo.

– É isso aí – respondo. Olho de esguelha para ele. Ele provavelmente está na faixa dos quarenta e poucos anos, tem cabelos grisalhos cortados bem rentes e olhos azuis. Postura incrível. Ele hoje falou duas vezes de um jeito que me faz pensar que ele prefere que sejamos amigos em vez de inimigos. Talvez eu devesse lhe dar uma chance. Mas ele parece entrosado demais com Coin...

Há uma série de cliques bem audíveis. O elevador para e em seguida começa a se mover lateralmente para a esquerda.

– Ele anda de lado? – pergunto.

– Anda, sim. Existe toda uma rede de trilhas de elevador nos subterrâneos do 13 – responde ele. – Essa aqui fica logo acima do aro de transporte que vai dar na quinta plataforma de decolagem. Vai levar a gente para o Hangar.

O Hangar. Os calabouços. Defesa Especial. Algum lugar onde a comida é produzida. A energia gerada. A água e o ar purificados.

– O 13 é ainda maior do que eu imaginava.

– Mas não dá para a gente receber muito crédito por tudo isso – diz Boggs. – Nós basicamente herdamos o local. Fazemos o possível para manter tudo funcionando.

Os cliques retornam. Voltamos a descer ligeiramente – apenas alguns níveis – e as portas se abrem no Hangar.

– Oh! – deixo escapar involuntariamente diante da visão da frota. Fileiras e fileiras de diferentes tipos de aerodeslizadores. – Vocês também herdaram isso aí?

– Alguns nós produzimos. Outros faziam parte da força aérea da Capital. Eles foram atualizados, é claro – diz Boggs.

Sinto novamente aquela pontinha de ódio do 13.

– Quer dizer então que vocês tinham tudo isso aí e deixaram o restante dos distritos sem defesa contra a Capital.

– Não é assim tão simples – rebate ele. – Nós só tivemos condições de lançar um contra-ataque recentemente. Mal conseguíamos nos manter vivos. Depois que derrotamos e executamos as pessoas da Capital, restou um pequeno grupo que sabia pilotar. Podíamos ter lançado mísseis nucleares neles, é verdade. Mas sempre tem aquela questão maior: se nos engajássemos nesse tipo de guerra com a Capital, será que sobraria alguma vida humana?

– Isso parece com o que Peeta disse. E vocês todos chamaram-no de traidor; eu me oponho.

– Porque ele conclamou um cessar-fogo – diz Boggs. – Você pode reparar que nenhum dos lados lançou um ataque nuclear. Estamos trabalhando à moda antiga. Por aqui, soldado Everdeen. – Ele indica um dos menores aerodeslizadores.

Subo a escada e o encontro lotado, com a equipe de TV e o equipamento. Todas as outras pessoas estão vestidas com macacões militares cinza escuros, inclusive Haymitch, embora ele pareça não estar gostando do colarinho apertado.

Fulvia Cardew chega esbaforida e demonstra um ar de frustração quando vê meu rosto limpo.

– Todo aquele trabalho jogado pelo ralo. Não estou colocando a culpa em você, Katniss. Só que são pouquíssimas as pessoas que já nascem com o

rosto pronto para as câmeras. Como ele. – Ela agarra Gale, que está conversando com Plutarch, e o gira em nossa direção. – Ele não é lindo?

Gale realmente está fantástico naquele uniforme, eu acho. Mas a pergunta nos deixa constrangidos, devido a nossa história. Fico tentando pensar numa resposta sagaz quando Boggs diz bruscamente:

– Bom, não espere que a gente fique impressionado. Acabamos de ver Finnick Odair só de cuecas. – Decido que vou gostar de Boggs.

Há um alerta sobre a proximidade do momento da decolagem e aperto o meu cinto de segurança no assento ao lado de Gale, de frente para Haymitch e Plutarch. Pairamos por uma série de túneis que se abrem para uma plataforma. Alguma espécie de dispositivo que lembra um elevador levanta a aeronave lentamente através dos níveis. De imediato, estamos do lado de fora, cercados de árvores, e em seguida somos alçados da plataforma e ficamos envoltos em nuvens.

Agora que o tumulto de atividades que levaram à misão está acabado, percebo que não faço a menor ideia do que vou encarar nessa viagem ao Distrito 8. Na realidade, sei muito pouco sobre a real situação da guerra. Ou sobre o que seria preciso para vencê-la. Ou sobre o que aconteceria se nós vencêssemos.

Plutarch tenta delinear tudo para mim de forma muito simples. Em primeiro lugar, todos os distritos estão neste exato momento em guerra com a Capital, exceto o 2, que sempre teve uma relação favorável com nossos inimigos, apesar de sua participação nos Jogos Vorazes. Eles conseguem mais comida e melhores condições de vida. Depois dos Dias Escuros e da suposta destruição do 13, o Distrito 2 tornou-se o novo centro de defesa da Capital, embora seja publicamente apresentado como o lar das pedreiras nacionais, da mesma maneira que o 13 era conhecido por suas minas de grafite. O Distrito 2 não apenas industrializa armas como também treina e até mesmo fornece Pacificadores.

– Você está querendo dizer... que alguns dos Pacificadores nasceram no 2? – pergunto. – Achava que todos eles viessem da Capital.

Plutarch balança a cabeça em concordância.

– Isso é o que querem que a gente pense. E alguns realmente vêm da Capital. Mas a população de lá jamais teria como sustentar um exército desse tamanho. E depois também tem o problema de recrutar cidadãos criados na Capital para levar uma vida de privações nos distritos. Um compromisso de vinte anos com os Pacificadores, nada de casamento, nada

de filhos. Alguns entram nessa pela honra, outros veem como uma oportunidade para fugir das punições. Por exemplo, junte-se aos Pacificadores e suas dívidas são perdoadas. Muitas pessoas na Capital estão atoladas em dívidas, mas nem todas são aptas às tarefas militares. Então é no Distrito 2 que vamos buscar o contingente adicional de soldados. É uma maneira de as pessoas escaparem da pobreza e de uma vida nas pedreiras. Elas são criadas dentro de uma concepção guerreira. Você viu como as crianças de lá são ansiosas para se apresentar como tributos voluntários.

Cato e Clove. Brutus e Enobaria. Vi a ânsia deles e também a sede por sangue que demonstravam ter.

– Mas todos os outros distritos estão do nosso lado? – pergunto.

– Estão. Nossa meta é ir tomando os distritos um a um, deixando o Distrito 2 para o fim. Assim, cortamos a linha de fornecimento da Capital. Então, quando ela estiver enfraquecida, invadimos a própria Capital – diz Plutarch. – Isso vai ser um tipo de desafio completamente diferente. Mas vamos superar esse obstáculo quando o momento chegar.

– Se vencermos, quem vai ficar no governo? – pergunta Gale.

– Todos – diz Plutarch a ele. – Vamos formar uma república em que as pessoas de cada distrito e da Capital vão poder eleger seus próprios representantes para serem suas vozes num governo centralizado. Não olhem com essa desconfiança toda; isso já funcionou antes.

– Nos livros – murmura Haymitch.

– Nos livros de história – diz Plutarch. – E se nossos ancestrais conseguiam, então também vamos conseguir.

Francamente, nossos ancestrais não parecem merecer esse respaldo todo. Enfim, olha o estado em que nos deixaram, com as guerras e o planeta destroçado. Visivelmente não davam a mínima para o que poderia vir a acontecer com as pessoas que viveriam depois deles. Mas essa ideia de república soa como um aprimoramento, tendo em vista o nosso governo atual.

– E se a gente perder? – pergunto.

– Se a gente perder? – Plutarch olha na direção das nuvens, e um sorriso irônico franze seus lábios. – Aí eu diria que a edição dos Jogos Vorazes do ano que vem vai ser absolutamente inesquecível. Isso me faz lembrar de uma coisa. – Ele pega um vidrinho no bolso, coloca na mão algumas pílulas roxas e as estende para nós. – A gente chamou isso aí de paralisador noturno em sua homenagem, Katniss. Os rebeldes não podem se

dar o luxo de ter nenhum de nós capturado no atual estágio. Mas prometo que não vai doer nada.

Pego a cápsula, sem saber ao certo onde colocá-la. Plutarch dá um tapinha num ponto em meu ombro, na frente da minha manga esquerda. Eu o examino e encontro um bolso diminuto que não só guarda como também esconde a pílula. Mesmo se minhas mãos estiverem amarradas, vou conseguir curvar a cabeça naquela direção e dar uma mordida para liberá-la.

Cinna, ao que parece, pensou em tudo.

O aerodeslizador faz uma descida rápida em espiral numa estrada ampla nos arredores do 8. Quase que imediatamente, as portas se abrem, a escada desce e somos cuspidos em direção ao asfalto. No instante em que a última pessoa desembarca, o equipamento se retrai. Então a aeronave alça voo e desaparece. Sou deixada com um corpo de guarda-costas formado por Gale, Boggs e dois outros soldados. A equipe de TV consiste em um par de cinegrafistas corpulentos da Capital com pesadas câmeras móveis que se encaixam em seus corpos como cascas de insetos, uma diretora chamada Cressida que tem a cabeça raspada onde se vê uma planta trepadeira tatuada, e Messalla, seu assistente, um jovem muito magro com vários conjuntos de brincos. Observando cuidadosamente, vejo que sua língua também foi furada e contém um pedaço de metal com uma bolinha de prata.

Boggs sai correndo na estrada em direção a uma fileira de armazéns assim que um segundo aerodeslizador aparece, já prestes a aterrissar. Este traz engradados com suprimentos medicinais e uma equipe de seis médicos – dá para dizer só de olhar para aqueles característicos uniformes brancos. Seguimos Boggs por um beco entre dois armazéns cinza. Somente uma ou outra escada de acesso ao telhado interrompe as paredes de metal manchadas. Quando emergimos na rua, é como se tivéssemos entrado em outro mundo.

Os feridos em decorrência dos bombardeios desta manhã estão sendo trazidos. Em macas caseiras, em carrinhos de mão, em carroças, presos nos ombros de outras pessoas e amparados em braços firmes. Ensanguentados, desmembrados, inconscientes. Propelidos por pessoas desesperadas a um armazém com uma letra H pintada de maneira desleixada acima da porta. É a cena da minha antiga cozinha, onde minha mãe tratava os moribundos, multiplicada por dez, por cinquenta, por cem. Eu esperava edifícios bombardeados e em vez disso me vejo confrontada por corpos humanos destroçados.

É aqui que estão planejando me *filmar*? Eu me viro para Boggs.

– Isso não vai funcionar – digo. – Não vou ficar legal aqui.

Ele deve estar vendo o pânico em meus olhos, porque para um instante e coloca as mãos em meus ombros.

– Vai ficar, sim. Deixe que eles lhe vejam e pronto. Isso vai fazer mais por eles do que qualquer médico do mundo poderia.

Uma mulher orientando os pacientes que chegam nos avista, olha meio de relance e depois vai embora. Seus olhos castanhos-escuros estão inchados de fadiga e ela está com cheiro de metal e suor. Um curativo na altura de sua garganta precisava ter sido trocado três dias atrás. A correia da arma automática presa em suas costas está enterrada em seu pescoço e ela muda o apoio do ombro para reposicioná-la. Com um movimento do polegar, ela manda os médicos entrarem no armazém. Eles obedecem sem questionamentos.

– Essa é a comandante Paylor, do 8 – diz Boggs. – Comandante, a soldado Katniss Everdeen.

Ela parece jovem para ser comandante. Trinta e poucos anos. Mas há um tom de autoridade em sua voz que faz com que você sinta que a designação não foi arbitrária. Ao lado dela, em meu traje novinho em folha, escovado e brilhante, me sinto como um pintinho recém-saído do ovo, não testado e apenas aprendendo a navegar no mundo.

– Eu sei quem ela é – diz Paylor. – Quer dizer então que você está viva. A gente não tinha muita certeza. – Estou enganada ou existe uma pontinha de acusação na voz dela?

– Nem eu ainda estou muito certa disso – respondo.

– Estava se recuperando – diz Boggs, dando um tapinha na cabeça. – Uma concussão séria. – Ele baixa a voz. – Aborto. Mas ela insistiu em vir para ver seus feridos.

– Bom, temos muitos por aqui – diz Paylor.

– Você acha que essa é uma boa ideia? – diz Gale, franzindo o cenho para o hospital. – Juntar os feridos dessa maneira?

Eu não acho. Qualquer tipo de doença contagiosa poderia se espalhar por este local como fogo na floresta.

– Acho que é um pouco melhor do que deixá-los morrer – diz Paylor.

– Não foi isso o que eu quis dizer – responde Gale.

– Bom, atualmente essa é a minha outra opção. Mas se você aparecer com uma terceira e convencer Coin a bancar, sou toda ouvidos. – Paylor faz um gesto para que eu me dirija à porta. – Pode entrar, Tordo. E por favor, traga seus amigos.

Olho de relance para o circo de horrores que é a minha equipe, preparo-me mentalmente e sigo-a em direção ao hospital. Uma espécie de cortina industrial pesada percorre o comprimento do edifício, formando um corredor razoavelmente grande. Cadáveres encontram-se enfileirados lado a lado, a cortina roçando suas cabeças, panos brancos escondendo seus rostos.

– Construímos um cemitério coletivo, alguns quarteirões a oeste daqui, mas ainda não posso ocupar o meu contingente de homens para levar esses corpos para lá – diz Paylor. Ela encontra uma fenda na cortina e a abre.

Meus dedos envolvem o pulso de Gale.

– Não saia do meu lado – digo, baixinho.

– Estou aqui – responde ele, baixinho.

Passo pela cortina e os meus sentidos são tomados de assalto. Meu primeiro impulso é cobrir o nariz para não sentir o fedor de roupa de cama suja, de carne putrefata e vômito, tudo adensado pelo calor do armazém. Eles abriram claraboias em zigue-zague no telhado de metal, mas qualquer ar que consegue entrar não tem condições de se impor sobre a névoa logo abaixo. Os tênues raios de luz fornecem a única iluminação disponível e, à medida que os meus olhos se ajustam, consigo distinguir fileiras e fileiras de feridos, em macas, em catres, no chão, porque são muitos disputando o espaço. O zumbido de moscas pretas, o gemido das pessoas agonizando e os soluços dos familiares que os acompanham combinam-se num coro angustiante.

Não temos hospitais de verdade nos distritos. Morremos em casa, o que, nesse momento, parece uma alternativa muito mais aprazível em relação ao que se encontra diante de meus olhos. Então me lembro de que muitas dessas pessoas provavelmente perderam suas casas nos bombardeios.

Suor começa a escorrer pelas minhas costas, a preencher as palmas das minhas mãos. Respiro pela boca numa tentativa de diminuir o mau cheiro. Pontos pretos nadam em meu campo de visão, e penso que existe uma possibilidade muito grande de eu vir a desmaiar. Mas então avisto Paylor, que está me observando muito detidamente, esperando para ver do que sou feita, e se algum deles estava com razão quando imaginaram que podiam contar comigo. Então me solto de Gale e forço a mim mesma a penetrar

ainda mais fundo no armazém, para passar pelo espaço estreito entre duas fileiras de camas.

– Katniss? – Uma voz grasna à minha esquerda, destacando-se em meio ao barulho geral. – Katniss? – A mão de alguém me alcança do meio da névoa. Eu a aperto em busca de apoio. Presa à mão encontra-se uma jovem com uma das pernas machucada. Sangue se espalha pelos curativos pesados, que estão repletos de moscas. O rosto reflete a dor que ela está sentindo, mas também algo mais, algo que parece completamente incongruente em relação à situação pela qual ela passa. – É você mesma?

– Sou eu, sim – digo.

Júbilo. Essa é a expressão que vejo no rosto dela. Ao som da minha voz, ele se ilumina, o sofrimento se apaga momentaneamente.

– Você está viva! A gente não sabia. As pessoas diziam que você estava, mas a gente não sabia! – diz ela, animada.

– Eu fiquei muito mau mesmo. Mas melhorei – digo. – E é o que vai acontecer com você.

– Eu preciso contar para o meu irmão! – Ela luta para se sentar e chama alguém a algumas camas de distância. – Eddy! Eddy! Ela está aqui! Katniss Everdeen!

Um menino, provavelmente com uns 12 anos de idade, volta-se para nós. Curativos tampam metade de seu rosto. A lateral da boca que consigo ver abre-se como se para proferir uma exclamação. Vou até ele, retiro os cachos castanhos molhados de suor de sua testa. Murmuro uma saudação. Ele não consegue falar, mas seu olho bom fixa-se em mim com muita intensidade, como se ele estivesse tentando memorizar cada detalhe de meu rosto.

Ouço o meu nome ecoar em meio ao ar quente, espalhando-se pelo hospital.

– Katniss! Katniss Everdeen! – Os sons de dor e pesar começam a diminuir, a ser substituídos por palavras de expectativa. De todos os lados, vozes clamam por mim. Começo a me mover, apertando as mãos que me são esticadas, tocando as partes sãs daqueles incapazes de mexer seus membros, dizendo “oi”, “como você está”, “que bom te conhecer”. Nada muito importante, nenhuma palavra fantástica de inspiração. Mas pouco importa. Boggs tem razão. É o fato de eles me verem com vida, essa é a verdadeira inspiração.

Dedos famintos me devoram, querendo sentir minha carne. Quando um homem ferido agarra meu rosto com as duas mãos, transmito um agradecimento silencioso a Dalton por sugerir que eu retirasse a maquiagem. Como me sentiria ridícula, perversa, apresentando aquela máscara pintada da Capital a essas pessoas. O estrago, a fadiga, as imperfeições. É assim que eles me reconhecem, é por isso que pertenço a eles.

Apesar de sua controvertida entrevista com Caesar, muitos perguntam por Peeta, me asseguram que sabem que ele estava falando sob pressão. Dou o melhor de mim para parecer otimista em relação a nosso futuro, mas as pessoas ficam verdadeiramente devastadas quando descobrem que perdi o bebê. Eu quero consertar o erro e contar para uma mulher que não para de chorar que a história toda é uma farsa, uma parte do jogo. Mas apresentar Peeta como mentiroso não ajudaria a imagem dele. Ou a minha. Ou a causa.

Começo a entender muito bem o quanto as pessoas se engajaram para me proteger. O que significo para os rebeldes. Minha batalha em curso contra a Capital, que frequentemente parecia uma jornada solitária, não foi empreendida sozinha. Eu tinha milhares e milhares de pessoas dos distritos ao meu lado. Eu era o Tordo delas muito antes de aceitar o papel.

Uma nova sensação começa a germinar dentro de mim. Mas só consigo defini-la quando estou em pé em cima de uma mesa, acenando para me despedir de todas aquelas pessoas que cantavam meu nome com suas vozes roucas. Poder. Tenho uma espécie de poder que jamais soube que possuía. Snow soube disso assim que entreguei aquelas amoras. Plutarch soube quando me resgatou da arena. E Coin sabe agora. Sabe tanto que deve lembrar publicamente a seu povo que não sou eu quem está no comando.

Quando estamos lá fora novamente, encosto-me no armazém, tentando recuperar o fôlego, aceitando o cantil de água oferecido por Boggs.

– Você foi ótima – diz ele.

Bom, não desmaiei ou vomitei ou saí correndo gritando. O que fiz, fundamentalmente, foi surfar na onda de emoção que inundava o local.

– Pegamos umas coisas bem legais aqui – diz Cressida. Olho para os cinegrafistas-insetos, suor escorrendo por seus equipamentos. Messalla rabiscando anotações. Tinha até esquecido que estavam me filmando.

– Eu não fiz grande coisa, é sério – digo.

– Você precisa dar a si mesma um pouco de crédito pelo que fez no passado – diz Boggs.

O que foi que eu fiz no passado? Penso na trilha de destruição atrás de mim – meus joelhos enfraquecem e me sento.

– Mais ou menos...

– Bom, você não é nem de longe uma pessoa perfeita. Mas na época que a gente vive, é melhor você aceitar isso – diz Boggs.

Gale se agacha ao meu lado, sacudindo minha cabeça.

– Não consigo acreditar que você tenha sido tocada por todas aquelas pessoas. Estava esperando você sair correndo pela porta a qualquer momento.

– Cala essa boca – digo, rindo.

– Sua mãe vai ficar muito orgulhosa quando assistir ao filme – diz ele.

– Minha mãe não vai nem reparar em mim. Ela vai ficar horrorizada demais com as condições deste lugar. – Volto-me para Boggs e pergunto: – É assim em todos os distritos?

– É, sim. A maioria está sendo atacada. Estamos tentando levar ajuda sempre que possível, mas não é o suficiente. – Ele para por um minuto, distraído por algo em seu dispositivo auricular. Percebo que não ouvi a voz de Haymitch uma vez sequer, e mexo em meu próprio dispositivo, imaginando se não está quebrado. – Temos de ir para a pista de pouso. Imediatamente – diz Boggs, oferecendo uma das mãos para me levantar. – Temos um problema.

– Que tipo de problema? – pergunta Gale.

– Bombardeios a caminho – diz Boggs. Ele se posiciona atrás de mim e enfia o capacete de Cinna na minha cabeça. – Vamos embora!

Sem saber ao certo o que está acontecendo, começo a correr ao longo da parte frontal do armazém, seguindo na direção do beco que leva à pista de pouso. Mas não sinto nenhuma ameaça imediata. O céu está limpo, azul e sem nenhuma nuvem. A rua está deserta, exceto pelas pessoas carregando os feridos para o hospital. Não há inimigos, não há alarme. Então as sirenes começam a soar. Em questão de segundos, uma formação de aerodeslizadores da Capital em formato de V, voando baixo, surge acima de nossas cabeças e as bombas começam a cair. Eu voo pelos ares, caindo em frente à parede frontal do armazém. Sinto uma dor lancinante logo acima da parte de trás de meu joelho. Alguma coisa também atingiu minhas costas, mas não parece ter penetrado meu colete. Tento me levantar, mas Boggs me empurra de volta para o chão, protegendo meu corpo com o dele.

O chão ondula embaixo de mim à medida que as bombas vão caindo uma após a outra e explodindo no terreno.

É uma sensação horripilante ficar presa contra a parede enquanto as bombas caem do céu como chuva. Qual era mesmo aquela expressão que meu pai usava para caças fáceis? *É como atirar em peixes dentro de um barril*. Nós somos os peixes e a rua é o barril.

– Katniss! – Eu me assusto com a voz de Haymitch em meu ouvido.

– O quê? Sim, o quê? Estou aqui! – respondo.

– Ouça o que eu vou dizer. Nós não podemos aterrissar durante o bombardeio, mas é de suma importância que você não seja avistada – diz ele.

– Então eles não sabem que estou aqui? – Eu imaginava, como de costume, que era a minha presença que causava o castigo.

– A Inteligência acha que não. Eles acham que o bombardeio já estava programado – diz Haymitch.

Agora a voz de Plutarch aparece, calma, porém vigorosa. A voz de um Chefe dos Idealizadores dos Jogos acostumado a dar as cartas sob pressão:

– Três armazéns abaixo de onde vocês estão, tem um de cor azul-claro. Lá existe um bunker no canto extremo norte. Vocês conseguem chegar lá?

– Vamos fazer o possível – diz Boggs. Plutarch deve estar nos ouvidos de todos, porque meus guarda-costas e minha equipe estão se levantando. Meu olhar procura instintivamente Gale e vê que ele está de pé, aparentemente sem ferimentos.

– Vocês têm mais ou menos quarenta e cinco segundos até a próxima onda de bombas – diz Plutarch.

Dou um grito de dor quando apoio o peso do meu corpo na minha perna direita, mas sigo em frente. Não há tempo para examinar a contusão. De qualquer maneira, é melhor não olhar agora. Felizmente, estou usando sapatos desenhados por Cinna. Eles se prendem com firmeza no asfalto ao contato e se livram dele na saída. Eu ficaria na mão naquele par mal ajustado que me foi designado pelo 13. Boggs vai na frente, mas ninguém mais passa por mim. Ao contrário, seguem no meu ritmo, protegendo meus flancos, minhas costas. Me forço a correr à medida que os segundos se esvaem. Passamos pelo segundo armazém cinza e corremos ao longo de um edifício marrom e sujo. No alto, vejo uma fachada num tom azul desbotado. O bunker. Nós acabamos de alcançar um outro beco, precisamos apenas atravessá-lo para chegar à porta, quando a onda seguinte de bombas

tem início. Mergulho instintivamente no beco e rolo na direção da parede azul. Desta vez é Gale quem se joga em cima de mim para proporcionar mais uma camada de proteção contra as bombas. O bombardeio parece durar mais desta vez, mas estamos mais distantes dele.

Eu me viro para o outro lado e olho fixamente para Gale. Por um instante, o mundo recua e existe apenas o rosto afogueado dele, sua pulsação visível em sua têmpora, seus lábios ligeiramente separados enquanto ele tenta tomar fôlego.

– Você está bem? – pergunta ele, suas palavras quase encobertas por uma explosão.

– Estou, sim. Acho que não me viram – respondo. – Enfim, eles não estão seguindo a gente.

– Não, o alvo deles é outro – diz Gale.

– Eu sei, mas é que não tem mais nada lá além do... – A percepção nos atinge ao mesmo tempo.

– O hospital. – Instantaneamente, Gale se levanta e começa a gritar para os outros. – Eles estão atacando o hospital!

– Não é problema de vocês – diz Plutarch com firmeza. – Entrem logo nesse bunker.

– Mas só tem gente ferida lá! – digo.

– Katniss. – Ouço o tom de alerta na voz de Haymitch e sei o que vem por aí. – Nem pense em... – Arranco o dispositivo auricular e deixo-o pendurado pelo fio. Livre dessa distração, ouço outro som. Tiros de metralhadora vindo do telhado do armazém marrom do outro lado do beco. Alguém está contra-atacando o fogo. Antes que alguém possa me impedir, disparo até uma escada de acesso e começo a escalá-la. Escalar. Uma das coisas que faço melhor.

– Não pare! – ouço Gale falar atrás de mim. Em seguida escuto o som de sua bota na cara de alguém. Se ela pertence a Boggs, Gale vai pagar por isso com juros mais tarde. Chego ao telhado e me arrasto até o revestimento de alcatrão. Paro por tempo suficiente para puxar Gale para cima e deixá-lo ao meu lado. Em seguida, nós dois partimos em direção à fileira de ninhos de metralhadora no lado do armazém voltado para a rua. Cada um deles parece estar sendo operado por uns poucos rebeldes. Deslizamos até um ninho com um par de soldados e ficamos agachados atrás da barreira.

– Boggs sabe que vocês estão aqui em cima? – À minha esquerda, vejo Paylor atrás de uma das metralhadoras olhando para nós com uma expressão surpresa.

Tento ser evasiva, mas sem mentir descaradamente.

– Ele sabe onde nós estamos, sim.

Paylor ri.

– Aposto que sabe. Vocês foram treinados para este tipo de situação? – Ela dá um tapa em sua arma.

– Eu fui. No 13 – diz Gale. – Mas eu preferia usar minhas próprias armas.

– Sim, temos nossos arcos. – Ergo o meu e então percebo o quanto ele devia parecer um objeto decorativo. – Ele é mais mortífero do que parece.

– É bom que seja – diz Paylor. – Tudo bem. Esperamos pelo menos mais três ondas. Eles precisam soltar os escudos de visão antes de jogar as bombas. Essa é a nossa chance. Fiquem abaixados! – Me posiciono, apoiada em um joelho para atirar.

– Melhor começar com fogo – diz Gale.

Balanço a cabeça concordando e puxo uma flecha da aljava direita. Se errarmos nossos alvos, estas flechas vão aterrissar em algum lugar – provavelmente os armazéns do outro lado da rua. Um incêndio pode ser contido, mas o estrago que um explosivo é capaz de fazer pode ser irreparável.

Subitamente, eles aparecem no céu, dois quarteirões à frente, talvez uns cem metros acima de nós. Sete pequenos bombardeiros numa formação em V.

– Ganso! – berro para Gale. Ele vai saber exatamente o que isso significa. Durante a temporada das migrações, quando caçamos aves selvagens, desenvolvemos um sistema de divisão dos pássaros para que os dois não atirassem no mesmo alvo. Pego a parte mais extrema do V, Gale pega a mais próxima, e alternamos flechadas no pássaro da frente. Não há tempo para mais discussões. Avalio o tempo dos aerodeslizadores e lanço minha flecha. Pego a asa interna de um deles, fazendo com que arda em chamas. Gale erra a aeronave da ponta. Um incêndio aflora no telhado vazio de um armazém à nossa frente. Ele pragueja entre os dentes.

O aerodeslizador que atingi gira no ar e sai de formação, mas ainda assim solta suas bombas. Só que não desaparece. Tampouco isso acontece

com um outro que imagino ter sido atingido por um canhão. O estrago deve impedir que o escudo de visão seja reativado.

– Bom tiro – diz Gale.

– Eu nem estava mirando aquele lá – murmuro. Havia me concentrado na aeronave na frente dele. – Eles são mais rápidos do que a gente imagina.

– Posições! – grita Paylor. A onda seguinte de aerodeslizadores já está surgindo.

– Fogo não é uma boa – diz Gale. Concordo com ele e nós dois engatilhamos flechas com explosivos nas pontas. De qualquer modo, aqueles armazéns do outro lado da rua parecem desertos.

Enquanto as aeronaves voam silenciosamente, tomo outra decisão.

– Vou me levantar! – grito para Gale, e me levanto. É a posição em que consigo os tiros mais precisos. Eu me adianto a Gale e acerto em cheio a aeronave da ponta, fazendo um buraco em sua barriga. Gale explode a cauda de um outro. Ele dá uns piparotes e se arrebenta no meio da rua, produzindo uma série de explosões à medida que seu carregamento é detonado.

Sem aviso, uma terceira formação em V aparece. Desta vez, Gale acerta em cheio a aeronave da ponta. Arranco a asa do segundo bombardeiro, fazendo com que ele gire em direção ao que está atrás. Juntos, eles colidem no telhado do armazém em frente ao hospital. Um quarto bombardeiro é abatido por um tiro de canhão.

– Tudo bem, é isso – diz Paylor.

Chamas e uma densa fumaça preta dos destroços obscurecem nossa visão.

– Eles atingiram o hospital?

– É bem provável – diz ela, duramente.

Enquanto corro na direção da escada na extremidade do armazém, a visão de Messalla e de um dos insetos emergindo de trás de um duto de ar me surpreende. Eu pensei que eles ainda estivessem agachados no beco.

– Estou começando a gostar desse pessoal – diz Gale.

Desço desajeitadamente a escada. Quando meus pés atingem o chão, encontro um guarda-costas, Cressida e o outro inseto esperando. Espero resistência, mas Cressida apenas acena para que eu vá na direção do hospital. Ela está berrando:

– Não estou nem aí, Plutarch! Preciso de mais cinco minutos e pronto! – Pouquíssimo disposta a questionar um passe livre, vou para a rua.

– Oh, não – sussurro assim que avisto o hospital. O que antes era o hospital. Ando em meio aos feridos, passo pelos destroços queimados das aeronaves, os olhos fixos no desastre à minha frente. Pessoas gritando, correndo freneticamente de um lado para o outro, mas incapazes de ajudar. As bombas fizeram o telhado do hospital desabar e deixaram o edifício em chamas, prendendo os pacientes em seu interior. Um grupo de resgate se reuniu, tentando abrir uma trilha para o interior do edifício. Mas eu já sei o que eles vão encontrar. Se os destroços e as chamas não os atingiram, a fumaça o fez.

Gale está perto do meu ombro. O fato de que ele não está fazendo nada apenas confirma minhas suspeitas. Mineiros não abandonam um acidente até que não haja mais esperanças.

– Vamos embora, Katniss. Haymitch está dizendo que eles conseguem um aerodeslizador para a gente agora – diz ele. Mas, ao que parece, eu não consigo me mover.

– Por que eles fariam uma coisa dessas? Por que eles atacariam pessoas que já estavam morrendo? – pergunto a ele.

– Para assustar os outros. Para impedir que os feridos procurem ajuda – diz Gale. – Aquelas pessoas que você conheceu eram dispensáveis. Enfim, para Snow. Se a Capital vencer, o que vai fazer com um monte de escravos arrasados?

Lembro de todos aqueles anos na floresta, ouvindo Gale arengar contra a Capital. E eu, sem prestar muita atenção. Imaginando por que ele ao menos se importava em dissecar seus motivos. Porque pensar como nossos inimigos poderia vir a ser de alguma importância. Com toda certeza, poderia ter sido no dia de hoje. Quando Gale questionou a existência do hospital, ele não estava pensando em doença, mas nisso. Porque ele nunca subestima a crueldade daqueles que enfrentamos.

Viro as costas lentamente para o hospital e encontro Cressida, flanqueada pelos insetos, de pé alguns metros à minha frente. Seu jeito impassível. Frio até.

– Katniss – diz ela –, o presidente Snow acabou de ordenar a transmissão do bombardeio ao vivo. Depois ele fez uma aparição para dizer que essa era a maneira dele de enviar uma mensagem aos rebeldes. E você? Gostaria de dizer alguma coisa aos rebeldes?

– Gostaria, sim – sussurro. A luz vermelha que pisca em uma das câmeras fica em cima do meu olho. Sei que estou sendo gravada. – Sim –

digo com mais intensidade. Todos estão se afastando de mim, Gale, Cressida, os insetos... deixando o palco para mim. Mas permaneço concentrada na luz vermelha. – Quero dizer aos rebeldes que estou viva. Que estou bem aqui no Distrito 8, onde a Capital acabou de bombardear um hospital cheio de homens desarmados, mulheres e crianças. Não haverá sobreviventes. – O choque que eu estava sentindo dá lugar à fúria. – Quero dizer às pessoas que, se por um segundo passou pelas cabeças de vocês que a Capital vai nos tratar com justiça se houver um cessar-fogo, vocês estão se iludindo. Porque vocês sabem quem eles são e o que fazem. – Minhas mãos se movem automaticamente, como se para indicar a totalidade do horror ao meu redor. – Isto aqui é o que eles fazem! E temos de reagir!

Avanço em direção à câmera agora, levada à frente pela minha raiva.

– O presidente Snow diz que está nos enviando uma mensagem? Bom, tenho uma para ele. Você pode nos torturar e nos bombardear e queimar nossos distritos até que eles virem cinzas, mas está vendo isto aqui? – Uma das câmeras segue o local que eu aponto com a mão: as aeronaves queimando no telhado do armazém em frente a nós. A insígnia da Capital em uma das asas brilha visivelmente em meio às chamas. – Está pegando fogo! – Estou gritando agora, disposta a ter certeza de que ele não perderá nenhuma palavra. – Se nós queimarmos, você queimará conosco!

Minhas últimas palavras pairam no ar. Eu me sinto suspensa no tempo. Pairando sobre uma nuvem de calor que é gerada não pelo que me cerca, mas por meu próprio ser.

– Corta! – A voz de Cressida me puxa de volta à realidade, me apaga. Ela balança a cabeça como quem dá um sinal de aprovação. – Fechamos assim.

Boggs aparece e aperta meu braço com força, mas não estou planejando fugir agora. Olho na direção do hospital – bem a tempo de ver o resto da estrutura ceder – e perco a vontade de lutar. Todas essas pessoas, as centenas de feridos, os parentes, os médicos do 13, não mais existem. Eu me viro para Boggs, vejo seu rosto inchado em decorrência da bota de Gale. Não sou nenhuma especialista, mas tenho certeza absoluta de que o nariz dele está quebrado. Entretanto, o tom de sua voz é mais resignado que raivoso.

– Vamos voltar para a pista de pouso. – Dou um passo à frente obedientemente e estremeço assim que fico ciente de minha dor atrás do joelho direito. A corrente de adrenalina que suplantou a sensação já passou, e as partes de meu corpo se juntam num coro de reclamações. Estou arrasada e ensanguentada, e parece que alguém está martelando minha têmpora esquerda do interior do meu crânio. Boggs examina rapidamente meu rosto, em seguida me pega no colo e sai correndo em direção à pista. Na metade do caminho, vomito em seu colete à prova de bala. É difícil afirmar com certeza porque ele está sem fôlego, mas tenho a impressão de que suspirou.

Um pequeno aerodeslizador, diferente do que nos transportou até aqui, nos espera na pista. Assim que minha equipe está a bordo, decolamos. Nenhum assento confortável ou janelas desta vez. Parece que estamos em alguma espécie de aeronave de carga. Boggs faz atendimento de primeiros socorros nas pessoas para que elas aguentem até chegarmos ao 13. Quero tirar meu colete, já que também tem uma razoável quantidade de vômito nele, mas está frio demais para pensar nessa possibilidade. Eu me deito no chão com a cabeça no colo de Gale. A última coisa que lembro é de Boggs estendendo alguns sacos de aniagem em cima de mim.

Quando acordo, estou aquecida e medicada em minha antiga cama de hospital. Minha mãe está lá, verificando meus sinais vitais.

– Como é que você está se sentindo?

– Meio caindo aos pedaços, mas bem – digo.

– Só ficamos sabendo que vocês iam quando já estavam lá – diz ela.

Sinto uma pontada de culpa. Quando sua família foi obrigada a enviar você aos Jogos Vorazes duas vezes, esse não é exatamente um detalhe que você deve negligenciar.

– Desculpa. Eles não estavam esperando um ataque. Era só para eu fazer uma visita aos pacientes – explico. – Da próxima vez, vou mandar esclarecerem tudo para você.

– Katniss, ninguém esclarece nada para mim – diz ela.

É verdade. Nem mesmo eu. Pelo menos desde que meu pai morreu. Por que fingir?

– Bom, vou mandar... lhe informarem, de um jeito ou de outro.

Na mesinha de cabeceira, encontra-se um pedaço de estilhaço de bomba que eles retiraram de minha perna. Os médicos estão mais preocupados com o estrago que meu cérebro pode ter sofrido por causa das explosões, já que minha concussão nem sequer sarou completamente. Mas não estou com visão dupla ou qualquer coisa assim, e consigo pensar com clareza suficiente. Dormi a tarde toda e a noite toda, e estou esfomeada. Meu café da manhã é decepcionantemente pequeno. Apenas alguns cubos de pão mergulhados em leite morno. Fui convocada para uma reunião de manhã cedo no Comando. Começo a me levantar e então me dou conta de que eles planejam rolar minha cama de hospital direto para lá. Quero caminhar, mas isso está vetado, de modo que negocio a utilização de uma cadeira de rodas. Estou me sentindo bem, na realidade. Exceto por minha cabeça, e minha perna, e os machucados doloridos e a náusea que me atinge alguns minutos depois que eu como alguma coisa. Talvez a cadeira de rodas seja uma boa ideia.

Enquanto me empurram, começo a ficar inquieta em relação ao que terei de encarar. Gale e eu desobedecemos a ordens diretas ontem, e Boggs tem a contusão para provar. Certamente haverá repercussões, mas será que a ponto de Coin anular nosso acordo para a imunidade dos vitoriosos? Será que tirei de Peeta qualquer proteção, por menor que fosse, que eu pudesse dar a ele?

Quando chego ao Comando, as únicas pessoas que estão lá são Cressida, Messalla e os insetos. Messalla está radiante e diz:

– Aí está a nossa pequena estrela! – E os outros estão sorrindo tão abertamente que não consigo evitar de retribuir o sorriso. Eles me impressionaram no 8, seguindo-me até o telhado durante o bombardeio, fazendo Plutarch recuar para poderem fazer as tomadas que queriam. Eles

fazem mais do que apenas cumprir com seu trabalho, eles sentem prazer em fazê-lo. Como Cinna.

Tenho um estranho pensamento de que se estivéssemos na arena juntos, eu os pegaria como aliados. Cressida, Messala e...

– Preciso parar de chamar vocês de "insetos" – exclamo, dirigindo-me aos cinegrafistas. Explico que não sabia seus nomes e que as suas roupas me sugeriam uma semelhança com criaturas cascudas. A comparação não parece irritá-los. Mesmo sem as cascas, eles se parecem muito uns com os outros. Os mesmos cabelos cor de areia, barbas ruivas e olhos azuis. O que tem as unhas roídas se apresenta como Castor e o outro, que é seu irmão, como Pollux. Eu espero Pollux dizer um oi, mas ele apenas balança a cabeça. De início, penso que ele é tímido ou um homem de poucas palavras. Mas há algo nele que me deixa intrigada, a posição de seus lábios, o esforço extra que faz para engolir, e percebo antes mesmo de Castor me dizer. Pollux é um Avox. Cortaram a língua dele e nunca mais ele vai poder falar. E não preciso mais imaginar o que fez com que ele arriscasse tudo para ajudar a desbancar a Capital.

À medida que a sala vai enchendo, eu me preparo para uma recepção menos agradável. Mas as únicas pessoas que registram algum tipo de negatividade são Haymitch, que está sempre com esse tipo de expressão, e uma Fulvia Cardew de cara amarrada. Boggs está usando uma máscara de plástico cor de carne que vai do lábio superior à testa – eu estava certa em relação ao nariz quebrado – de modo que é difícil decifrar sua expressão. Coin e Gale estão no meio de uma conversa que parece amigável.

Quando Gale desliza para o assento ao lado da cadeira de rodas, eu pergunto:

– Fazendo novas amizades?

Os olhos dele piscam para a presidenta e vice-versa.

– Bom, um de nós tem de ser acessível. – Ele toca delicadamente a minha têmpora. – Como você está se sentindo?

Os legumes servidos no café da manhã pareciam ser cozido de alho e abóbora. Quanto mais pessoas se agregam, mais forte o cheiro. Meu estômago embrulha e as luzes parecem ter ficado subitamente mais brilhantes.

– Mais ou menos – respondo. – E você, como está?

– Estou bem. Tiraram alguns estilhaços de mim. Nada de mais – diz ele.

Coin dá início à reunião.

– Nosso Assalto Televisivo foi oficialmente lançado. Se algum de vocês perdeu ontem a transmissão das vinte horas de nosso primeiro pontoprop, ou as dezessete reapresentações que Beetee conseguiu levar ao ar desde então, vamos começar a transmiti-lo novamente. – Transmitir novamente? Então eles não apenas conseguiram tomadas utilizáveis como já montaram um pontoprop e o transmitiram repetidamente. As palmas de minhas mãos ficam úmidas diante da expectativa de me ver na TV. E se eu ainda estiver horrível? E se estiver rígida e inútil como no estúdio, e eles simplesmente desistiram de conseguir qualquer coisa melhor? Telas individuais surgem em cima da mesa, as luzes diminuem ligeiramente e um silêncio toma conta da sala.

A princípio, minha tela está preta. Então uma fagulha diminuta pisca no centro. Ela aumenta de tamanho, se espalha, comendo silenciosamente a escuridão até que a tela inteira fica em chamas com um fogo tão real e intenso que imagino estar sentindo o calor emanando dela. A imagem de meu broche com o tordo emerge, cintilando em vermelho-ouro. A voz profunda e nítida que povoa meus sonhos começa a falar. Claudius Templesmith, o locutor oficial dos Jogos Vorazes, diz:

– Katniss Everdeen, a garota em chamas, agora queima.

Subitamente, lá estou eu, substituindo o tordo, em pé diante de chamas e fumaça verdadeiras do Distrito 8.

– *Quero dizer aos rebeldes que estou viva. Que estou bem aqui no Distrito 8, onde a Capital acabou de bombardear um hospital cheio de homens desarmados, mulheres e crianças. Não haverá sobreviventes*. – Corte para o hospital desabando, o desespero dos que estão vendo a cena enquanto prossigo narrando: – *Quero dizer às pessoas que, se por um segundo passou pelas cabeças de vocês que a Capital vai nos tratar com justiça se houver um cessar-fogo, vocês estão se iludindo. Porque vocês sabem quem eles são e o que fazem*. – De volta a mim agora, minhas mãos se levantando para indicar o ultraje ao meu redor. – *Isto aqui é o que eles fazem! E temos de reagir!* – Agora vem uma montagem verdadeiramente fantástica da batalha. As primeiras bombas caindo, nós correndo, sendo jogados pelos ares, um close no meu ferimento, que parece bem feio e ensanguentado, escalando o telhado, mergulhando nos ninhos e depois algumas tomadas impressionantes dos rebeldes, Gale, e principalmente eu, abatendo aquelas aeronaves no céu. Corte, e voltam a me mostrar na frente

da câmera. – *O presidente Snow diz que está nos enviando uma mensagem? Bom, tenho uma para ele. Você pode nos torturar e nos bombardear e queimar nossos distritos até que eles virem cinzas, mas está vendo isto aqui?* – Estamos com a câmera, seguindo a trilha das aeronaves que queimam no telhado do armazém. Foco na insígnia da Capital numa asa, que se mistura com a imagem do meu rosto, gritando para o presidente: – *Está pegando fogo! Se nós queimarmos, você queimará conosco!* – Chamas tomam conta da tela novamente. Sobrepostas nelas em fortes letras pretas estão as palavras:

SE NÓS QUEIMARMOS,
VOCÊ QUEIMARÁ CONOSCO

As palavras pegam fogo e a tela inteira queima até ficar totalmente preta.

Há um momento de entusiasmo silencioso, então aplausos seguidos de pedidos para que o filme seja exibido novamente. Coin indulgentemente aperta a tecla e, desta vez, como sei o que vai acontecer, tento fingir que estou assistindo ao programa em minha TV, na minha casa na Costura. Um discurso contra a Capital. Jamais houve algo assim na TV. Pelo menos desde que eu existo.

Quando a tela fica preta depois de queimar uma segunda vez, desejo saber mais.

– Isso passou em toda Panem? O pessoal da Capital viu isso?

– Na Capital, não – diz Plutarch. – Não conseguimos suplantar o sistema deles, embora Beetee esteja trabalhando nisso. Mas passou em todos os distritos. Passamos até no 2, o que pode ser ainda mais importante do que passar na Capital, a essa altura do campeonato.

– Claudius Templesmith está com a gente? – pergunto.

Isso faz com que Plutarch dê uma boa risada.

– Só a voz dele. Mas isso veio de graça. Nem precisamos fazer edição especial. Ele disse aquela mesma frase na primeira vez que você participou dos Jogos Vorazes. – Ele dá um tapa na mesa. – Que tal mais uma rodada de aplausos para Cressida, sua equipe fantástica e, é claro, para o nosso talento na frente das câmeras!

Eu também bato palmas, até perceber que sou eu o talento na frente das câmeras e que talvez seja um pouco estranho ficar batendo palmas para mim mesma, mas ninguém está prestando atenção. Ainda assim, não posso

deixar de reparar a irritação estampada no rosto de Fulvia. Imagino como tudo isso deve estar sendo difícil para ela. Assistir à ideia de Haymitch obter sucesso sob a direção de Cressida quando a orientação do estúdio dela foi um desastre total.

Coin parece ter alcançado o fim de sua tolerância pela autocongratulação.

– Sim, muito merecido. O resultado superou todas as nossas expectativas. Mas sou obrigada a questionar a ampla margem de risco com a qual vocês estiveram dispostos a operar. Sei que o bombardeio não estava previsto. Entretanto, dadas as circunstâncias, acho que devemos discutir a decisão de enviar Katniss a uma situação de combate real.

A decisão? De me enviar para o combate? Então ela não sabe que eu desconsiderei flagrantemente as ordens que me foram dadas, arranquei meu dispositivo auricular e fugi de meus guarda-costas? O que mais esconderam dela?

– Foi uma situação difícil – diz Plutarch, franzindo a testa. – Mas o consenso geral foi que não conseguiríamos nada que merecesse ser usado se a deixássemos trancada em algum bunker sempre que alguém desse um tiro.

– E você encarou isso sem problema? – pergunta a presidenta.

Gale precisa me dar um chute debaixo da mesa para que eu perceba que ela está falando comigo.

– Ah, sim! Sem problema. Eu me senti bem. Fazendo alguma coisa, só para variar.

– Bom, vamos ser um pouco mais criteriosos com o nível de exposição dela. Principalmente agora que a Capital sabe o que ela pode fazer – diz Coin. Um ruído de concordância perpassa toda a mesa.

Ninguém censurou a mim ou Gale. Nem Plutarch, cuja autoridade nós ignorávamos, nem Boggs com seu nariz quebrado, nem os insetos que levamos para o fogo, nem Haymitch que... não, espera um pouco. Haymitch está sorrindo de forma mortífera para mim e dizendo com doçura:

– É isso aí, a gente não ia querer perder o nosso pequeno Tordo quando ele finalmente começou a cantar. – Guardo isso em minha mente para não acabar sozinha numa sala com ele, porque está mais do que visível que ele está tendo pensamentos vingativos em relação àquele ridículo dispositivo auricular.

– Então, o que mais vocês planejaram? – pergunta a presidenta.

Plutarch balança a cabeça para Cressida, que consulta uma prancheta.

– Temos umas tomadas maravilhosas de Katniss no hospital no 8. A gente deve fazer um outro pontoprop usando essas imagens com o seguinte tema: "Porque vocês sabem quem eles são e o que fazem." Vamos nos concentrar em Katniss interagindo com os pacientes, especialmente as crianças, o bombardeio do hospital, e os destroços. Messalla está fazendo a edição de tudo isso. Também estamos pensando em fazer um programa Tordo. Salientar alguns dos melhores momentos de Katniss entrecortados por cenas de levantes rebeldes e tomadas de guerra. Podemos chamar isso de "Em chamas". E aí a Fulvia apareceu com uma ideia realmente brilhante.

A expressão de quem comeu limão está bem estampada no rosto sobressaltado de Fulvia, mas ela se recupera.

– Bom, não sei o quanto isso é brilhante, mas estava pensando que podíamos fazer uma série de pontoprops chamada "Nós lembramos". Em cada um dos programas podíamos mostrar um dos tributos mortos. A pequena Rue do 11 ou a velha Mags do 4. A ideia é pontuar cada distrito com um toque bem pessoal.

– Um tributo a seus tributos, seria mais ou menos isso – diz Plutarch.

– Isso é brilhante, de verdade, Fulvia – digo, com toda sinceridade. – É a maneira perfeita de lembrar as pessoas do motivo pelo qual a gente está lutando.

– Acho que podia dar certo – diz ela. – Pensei que a gente talvez pudesse usar Finnick para fazer a introdução e narrar os quadros. Se houver interesse neles.

– Francamente, acho que quanto mais pontoprops "Nós lembramos" a gente puder fazer melhor – diz Coin. – Vocês podem começar a produzir isso hoje mesmo?

– É claro – diz Fulvia, sua raiva obviamente arrefecida em função da reação positiva a sua ideia.

Cressida suavizou tudo no departamento de criação com seu gesto. Elogiou Fulvia pelo que é, de fato, uma ideia realmente boa, e abriu caminho para continuar a própria representação do Tordo transmitida na TV. O interessante é que Plutarch parece não ter nenhuma necessidade de dividir o crédito com ela. Tudo o que ele quer é que o Assalto Televisivo funcione. Lembro que Plutarch é um Chefe dos Idealizadores dos Jogos, não um membro da equipe de produção. Não um pedaço nos Jogos.

Portanto, seu valor não é definido por um único elemento, mas pelo sucesso global da produção. Se nós vencermos a guerra, aí sim Plutarch receberá seus aplausos. E ficará à espera de sua recompensa.

A presidenta manda todo mundo trabalhar, de modo que Gale me empurra de volta ao hospital. Rimos um pouco de como a verdade não veio à tona. Gale diz que ninguém quis demonstrar incompetência ao admitir que não tiveram como nos controlar. Eu sou mais gentil, dizendo que eles provavelmente não quiseram colocar em risco a chance de nos levar novamente para o exterior, agora que conseguiram tomadas tão boas. Provavelmente, ambas são verdade. Gale precisa se encontrar com Beetee no Arsenal Especial, e eu vou tirar uma soneca.

Parece que só fechei os olhos por uns poucos minutos, mas quando eu os abro, estremeço diante da visão de Haymitch sentado a alguns centímetros da minha cama. Esperando. Possivelmente há várias horas, se o relógio estiver certo. Penso em berrar para pedir a presença de uma testemunha, mas serei obrigada a encará-lo mais cedo ou mais tarde.

Haymitch curva-se para a frente e balança alguma coisa num arame branco bem fino na frente do meu nariz. É difícil focalizar o objeto, mas tenho certeza de que sei do que se trata. Ele solta a coisa no lençol.

– Isso aí é o seu dispositivo auricular. Vou dar a você apenas mais uma chance de usar a coisa. Se você retirar esse troço do ouvido mais uma vez, vou mandar encaixarem isto aqui em você. – Ele estende uma espécie de capacete de metal que instantaneamente chamo de grilhão de cabeça. – É uma unidade de áudio alternativa que fica presa ao redor do seu crânio e embaixo do seu queixo e só pode ser aberta com uma chave. E eu vou ficar com a única chave. Se, por alguma razão, você for suficientemente esperta para incapacitá-lo – Haymitch joga o grilhão de cabeça em cima da cama e pega um diminuto chip prateado –, vou autorizar que este transmissor aqui seja implantado cirurgicamente em seu ouvido para que eu possa falar com você vinte e quatro horas por dia.

Haymitch na minha cabeça o tempo todo. Aterrorizante.

– Vou ficar com o dispositivo auricular – murmuro.

– Perdão? – diz ele.

– Vou ficar com o dispositivo auricular! – digo, alto o suficiente para acordar metade do hospital.

– Tem certeza? Porque as três opções me deixam igualmente satisfeito – diz ele.

– Tenho certeza, sim – respondo. Envergo o arame do dispositivo auricular no meu punho de modo protetor e arremesso o grilhão de cabeça de volta ao rosto dele com a mão livre, mas ele o pega com facilidade. Provavelmente estava esperando que o jogasse. – Mais alguma coisa?

Haymitch se levanta para ir embora.

– Enquanto estava esperando... comi o seu almoço.

Meus olhos absorvem a tigela de cozido vazia e a bandeja em cima da mesa.

– Vou te denunciar – resmungo para o travesseiro.

– Faça isso, queridinha. – Ele sai, seguro por saber que eu não sou do tipo que denuncia.

Quero voltar a dormir, mas estou inquieta. Imagens de ontem começam a invadir o presente. O bombardeio, as aeronaves se espatifando e explodindo, os rostos dos feridos que não existem mais. Imagino a morte vindo de todos os lados. O último momento antes de ver uma bomba atingir o chão, sentir a asa da minha aeronave explodindo e a estonteante queda em direção ao esquecimento, o telhado do armazém desabando em cima de mim enquanto estou presa em meu leito, indefesa. Coisas que vi, em pessoa ou em filme. Coisas que causei ao retesar meu arco. Coisas que jamais serei capaz de apagar da minha memória.

No jantar, Finnick traz sua bandeja até a minha cama para que possamos assistir juntos ao mais recente pontoprop na TV. Ele recebeu um quarto no meu antigo andar, mas tem tantas recaídas mentais que ainda vive basicamente no hospital. Os rebeldes colocam no ar o pontoprop "Porque vocês sabem quem eles são e o que fazem" que Messalla editou. A filmagem é entrecortada por clipes curtos de estúdio com Gale, Boggs e Cressida descrevendo o incidente. É duro assistir à minha recepção no hospital do 8 já que eu sei o que está para acontecer. Quando as bombas começam a chover no telhado, enterro a cabeça em meu travesseiro, e volto a levantar o rosto para um breve clipe onde apareço no fim, depois que todas as vítimas estão mortas.

Pelo menos Finnick não aplaude nem demonstra alegria quando tudo acaba. Ele simplesmente diz:

– As pessoas precisavam saber que aquilo estava acontecendo. E agora elas sabem.

– Vamos desligar isso, Finnick, antes que passem de novo – peço a ele. Mas quando a mão de Finnick começa a se mover na direção do controle

remoto, eu grito: – Espera aí! – A Capital está apresentando um segmento especial e alguma coisa nele me parece familiar. Sim, é Caesar Flickerman. E posso adivinhar quem será o convidado dele.

A transformação física de Peeta me deixa chocada. O garoto saudável de olhos claros que vi alguns dias atrás perdeu pelo menos seis quilos e desenvolveu um tremor nervoso nas mãos. Ele continua parecendo arrumadinho. Mas por baixo da maquiagem que não consegue cobrir o inchaço sob seus olhos, e das roupas de boa qualidade que não conseguem esconder a dor que está sentindo quando se mexe, encontra-se uma pessoa extremamente maltratada.

Minha mente gira incessantemente, tentando dar sentido ao que estou vendo. Eu o vi há pouco tempo! Quatro – não, cinco – acho que foi há cinco dias. Como ele decaiu tão rapidamente? O que podem ter feito com ele num espaço de tempo tão curto? Então eu percebo. Repasso em minha cabeça o máximo que consigo da entrevista com Caesar, em busca de alguma coisa que a situasse no tempo. Não há nada. Eles poderiam ter gravado aquela entrevista um ou dois dias depois de eu ter explodido a arena e então feito o que quer que tivessem pretendido fazer com ele desde então.

– Oh, Peeta... – sussurro.

Caesar e Peeta trocam algumas palavras vazias antes de Caesar perguntar a ele sobre os boatos de que eu estaria gravando pontoprops para os distritos.

– Eles a estão usando, é óbvio – diz Peeta. – Para estimular os rebeldes. Duvido que ela ao menos saiba o que está acontecendo na guerra. O que está em jogo.

– Tem alguma coisa que você gostaria de dizer a ela? – pergunta Caesar.

– Tem, sim – diz Peeta. Ele olha diretamente para a câmera, bem nos meus olhos. – Não seja boba, Katniss. Pense por você mesma. Eles transformaram você numa arma que pode ser instrumento da destruição da humanidade. Se você possui alguma influência real, use-a para frear essa coisa. Use-a para parar a guerra antes que seja tarde demais. Pergunte a si mesma: você realmente confia nas pessoas com quem está trabalhando? Você realmente sabe o que está acontecendo? E se você não sabe... descubra.

Tela preta. Insígnia de Panem. Fim do programa.

Finnick aperta o botão de desligar no controle remoto. Em um minuto, as pessoas estarão aqui para fazer o controle de estragos quanto às condições de Peeta e às palavras que saíram de sua boca. Terei de repudiá-las. Mas a verdade é a seguinte: não confio nos rebeldes, nem em Plutarch, e nem em Coin. Não posso confiar que me dizem a verdade. Não serei capaz de esconder isso. Passos se aproximam.

Finnick aperta com força os meus braços.

– A gente não viu isso.

– O quê? – pergunto.

– A gente não viu o Peeta. Só o pontoprop no 8. Depois a gente desligou o aparelho porque as imagens começaram a te chatear. Entendeu? – pergunta ele. Balanço a cabeça em concordância. – Termina seu jantar. – Eu me controlo o suficiente, de modo que no momento em que Plutarch e Fulvia entram, estou com a boca cheia de pão e repolho. Finnick está falando sobre como Gale ficou bem na TV. Parabenizamos a todos pelo pontoprop. Deixamos claro que foi tão poderoso que desligamos a TV logo em seguida. Eles parecem aliviados. Eles acreditam em nós.

Ninguém menciona Peeta.

Paro de tentar dormir depois que minhas primeiras tentativas são interrompidas por pesadelos indescritíveis. Depois disso, fico apenas deitada, sem me mexer, e finjo estar ressonando sempre que alguém aparece para ver como estou. De manhã, recebo alta do hospital e sou instruída a não cometer excessos. Cressida me pede para gravar algumas frases para um novo pontoprop Tordo. No almoço, continuo esperando que as pessoas toquem no assunto da aparição de Peeta, mas ninguém o faz. Alguém deve ter visto o programa além de Finnick e eu.

Tenho treinamento, mas Gale está agendado para trabalhar com Beetee com armas ou qualquer coisa assim, de modo que recebo permissão para levar Finnick para a floresta. Vagamos pelo local durante um tempo e depois enfiamos nossos comunicadores debaixo de um arbusto. Quando estamos a uma distância segura, sentamos no chão e conversamos sobre o programa de Peeta.

– Não ouvi qualquer palavra sobre isso. Ninguém contou nada para você? – diz Finnick. Sacudo a cabeça em negativa. Ele faz uma pausa antes de perguntar: – Nem o Gale? – Estou presa a um fio de esperança de que Gale honestamente não sabe nada a respeito da mensagem de Peeta. Mas tenho uma sensação ruim de que ele sabe. – De repente ele está tentando encontrar um momento para contar com privacidade.

– De repente – digo.

Ficamos em silêncio por tanto tempo que um cervo surge, ao alcance da minha mira. Eu o abato com uma flecha. Finnick o carrega para a cerca.

Para o jantar, temos picadinho de cervo cozido. Gale me leva de volta ao Compartimento E depois de comermos. Quando pergunto a ele como andam as coisas, novamente não há nenhuma menção a Peeta. Assim que minha mãe e minha irmã pegam no sono, apanho a pérola na gaveta e passo uma segunda noite de insônia agarrada a ela, rememorando as palavras de Peeta. “Pergunte a si mesma, você realmente confia nas pessoas com quem está trabalhando? Você realmente sabe o que está acontecendo? E se você não sabe... descubra.” Descubra. O quê? Com quem? E como Peeta sabe alguma coisa além do que a Capital lhe diz? Aquilo não passa de um

pontoprop da Capital. Mais barulho. Mas se Plutarch acha que isso é apenas a reprodução do discurso da Capital, por que ele não comentou nada comigo sobre o programa? Por que ninguém contou nada para mim ou para Finnick?

Subjacente a esse debate encontra-se a verdadeira fonte de minha inquietação: Peeta. O que fizeram com ele? E o que estão fazendo com ele nesse exato momento? Com toda certeza, Snow não engoliu a história de que Peeta e eu não sabíamos nada acerca da rebelião. E suas suspeitas foram reforçadas, agora que surgi como o Tordo. Tudo o que Peeta pode fazer é tentar adivinhar quais são as táticas dos rebeldes ou então inventar alguma coisa para dizer a seus torturadores. Mentiras, uma vez descobertas, seriam severamente punidas. Como ele deve estar se sentindo abandonado por mim. Em sua primeira entrevista, ele tentou me proteger não só da Capital como também dos rebeldes, e não apenas eu fracassei em protegê-lo como também cuidei para que horrores ainda maiores o atingissem.

Assim que amanhece, enfio meu antebraço na parede e vejo com olhos grogues a programação do dia. Imediatamente depois do café da manhã, estou designada para a Produção. Na sala de jantar, enquanto tomo os cereais quentes com leite e beterraba amassada, avisto um comunipulso no braço de Gale.

– Quando foi que você recebeu isso de volta, soldado Hawthorne? – pergunto.

– Ontem. Eles acharam que, como eu ia a campo com você, isso aqui podia ser um sistema de comunicação seguro – diz Gale.

Ninguém jamais me ofereceu um comunipulso. Fico imaginando: caso eu pedisse um, será que receberia?

– Bom, acho que um de nós tem de estar acessível – digo, com um tom de irritação em minha voz.

– O que você está querendo dizer com isso? – diz ele.

– Nada. Só estou repetindo o que você disse – respondo. – Concordo totalmente com a ideia de que a pessoa acessível deve ser você. Só espero ainda ter acesso a você da mesma maneira.

Nossos olhares se cruzam, e me dou conta do quanto estou furiosa com Gale. Que não acredito nem por um segundo que ele não tenha visto o pontoprop de Peeta. Que me sinto completamente traída por ele não ter me contado nada sobre isso. Nos conhecemos bem demais para que ele não possa ler o meu estado de espírito e adivinhar o que o causou.

– Katniss... – começa ele. A admissão de culpa já presente em seu tom de voz.

Agarro minha bandeja, dirijo-me à área de depósito e jogo os pratos em cima da bancada. Quando chego ao corredor, ele já me alcançou.

– Por que você não disse alguma coisa? – pergunta ele, pegando o meu braço.

– Por que *eu* não disse? – Puxo o meu braço para me soltar. – Por que você não disse, Gale? E, por falar nisso, eu disse sim, quando lhe perguntei ontem à noite como andavam as coisas!

– Desculpa, tá? Eu não sabia o que fazer. Queria contar para você, mas todo mundo estava com medo de que se você visse o pontoprop de Peeta você ia passar mal – diz ele.

– Eles estavam certos. Eu passei mal, sim. Mas passei mais mal ainda vendo que você mentiu para mim por causa de Coin. – Nesse momento, o comunipulso dele começa a soar. – Olha ela aí. É melhor ir correndo. Você tem várias coisas para contar a ela.

Por um momento, uma dor muito real aparece estampada no rosto dele. Em seguida, a raiva fria a substitui. Ele se vira e vai embora. Talvez eu tenha sido rancorosa demais, não tenha dado a ele tempo suficiente para se explicar. Talvez todos estejam apenas tentando me proteger ao mentirem para mim. Eu não ligo. Não aguento mais as pessoas mentindo para mim pelo meu próprio bem. Porque, na realidade, elas fazem isso principalmente pelo bem delas próprias. Mintam para Katniss sobre a rebelião para que ela não faça nenhuma loucura. Enviem-na para a arena sem que ela saiba de nada para que possamos depois tirá-la de lá. Não conte para ela sobre o pontoprop de Peeta porque ela pode vir a passar mal com isso, e já está sendo suficientemente difícil extrair um bom desempenho dela nas atuais circunstâncias.

Estou realmente passando mal. Estou desiludida. E cansada demais para um dia de produção. Mas já estou na Maquiagem, então entro. Hoje, descubro, vamos retornar ao Distrito 12. Cressida quer fazer entrevistas fora do roteiro com Gale e comigo, lançando luz sobre nossa cidade arrasada.

– Se vocês dois estiverem dispostos – diz Cressida, olhando bem para mim.

– Pode contar comigo – digo. Eu me levanto, calada e rígida, um manequim, enquanto minha equipe de preparação me veste, me penteia e

aplica maquiagem no meu rosto. Não o suficiente para aparecer num programa, apenas o suficiente para tirar as marcas de olheira de meus olhos insones.

Boggs me escolta até o Hangar, mas nossa conversa não vai além do cumprimento preliminar. Sou grata por ter sido poupada de uma nova troca de palavras sobre minha desobediência no 8, principalmente agora que a máscara dele parece tão desconfortável.

No último instante, lembro de enviar uma mensagem a minha mãe, dizendo que estou saindo do 13, salientando que não será nada perigoso. Embarcamos num aerodeslizador para a curta viagem até o 12 e sou encaminhada a um assento na mesa onde Plutarch, Gale e Cressida estão debruçados sobre um mapa. Plutarch está vibrando de satisfação ao me mostrar os efeitos que sucederam a exibição dos primeiros pontoprops. Os rebeldes, que mal estavam conseguindo manter uma posição em diversos distritos, voltaram a lutar. Eles, na verdade, tomaram o 3 e o 11 – este último bastante crucial, já que é o principal fornecedor de bens alimentícios à Capital – e também fizeram incursões nas cercanias de vários outros distritos.

– Esperançoso. Realmente muito esperançoso – diz Plutarch. – Fulvia vai ter a primeira rodada dos quadros "Nós lembramos" pronta hoje à noite, de maneira que vamos poder focar nos distritos individualmente com seus respectivos mortos. Finnick está absolutamente maravilhoso.

– É muito doloroso de assistir, para falar a verdade – diz Cressida. – Ele conhecia muitos deles pessoalmente.

– Isso é o que faz a coisa ser tão efetiva – diz Plutarch. – Direto do coração. Vocês todos estão maravilhosos. Coin não podia estar mais satisfeita.

Então Gale não contou nada para eles. Sobre eu fingir não ter visto Peeta e sobre minha raiva diante da maneira pela qual eles esconderam tudo de mim. Mas imagino agora que já seja tarde demais porque, ainda assim, não posso deixar o que ele fez passar. Não tem problema. Ele também não está falando comigo.

Somente quando aterrissamos na Campina percebo que Haymitch não está entre nós. Quando pergunto a Plutarch o motivo de sua ausência, ele simplesmente balança a cabeça e diz:

– Ele não conseguiu encarar.

– Haymitch? Não conseguir encarar alguma coisa? É muito mais provável que ele tenha tirado o dia de folga – digo.

– Acho que as palavras que ele utilizou efetivamente foram "eu não conseguiria encarar aquilo lá sem uma garrafa" – diz Plutarch.

Reviro os olhos, já há muito tempo desprovida de paciência com meu mentor, com sua fraqueza em relação à bebida e com o que ele consegue ou não confrontar. Mas, uns cinco minutos depois do meu retorno ao 12, descubro que eu mesma gostaria muito de ter trazido uma garrafa. Eu pensava que havia superado a destruição do 12 – ouvira falar, vira tudo na TV e vagara em meio às cinzas. Então por que tudo à minha volta causa uma pontada de dor? Será que fiquei simplesmente longe demais de lá antes para registrar totalmente a perda de meu mundo? Ou será o olhar de Gale ao absorver a destruição que faz com que a atrocidade adquira uma sensação de coisa nova?

Cressida dirige a equipe para começar na minha antiga casa. Pergunto a ela o que quer que eu faça.

– O que você estiver a fim de fazer – diz ela.

Em pé na minha cozinha, não estou a fim de fazer coisa alguma. Na realidade, me flagro olhando fixamente para o céu – o único teto que resta – porque inúmeras lembranças estão me afogando. Depois de um tempo, Cressida diz:

– Está ótimo, Katniss. Vamos avançar.

Gale não se sente muito à vontade em seu antigo endereço. Cressida o filma em silêncio por alguns minutos, mas assim que ele puxa das cinzas o único resquício de sua vida anterior – um atiçador de metal retorcido – ela começa a lhe fazer perguntas sobre sua família, seu emprego, sua vida na Costura. Ela o faz retornar à noite do bombardeio e reencená-la, a começar por sua casa, seguindo pela Campina e através da floresta até o lago. Caminho lentamente atrás da equipe de filmagem e os guarda-costas, sentindo que a presença deles é uma violação de minha amada floresta. Esse é um lugar particular, um santuário, já corrompido pela maldade da Capital. Mesmo depois de deixarmos para trás os tocos chamuscados que estão perto da cerca, ainda tropeçamos sobre corpos em decomposição. Temos mesmo que gravar isso para que todos vejam?

Quando alcançamos o lago, Gale parece haver perdido a habilidade de falar. Todos estão pingando de suor – especialmente Castor e Pollux em suas cascas de inseto –, e Cressida propõe uma parada. Pego um punhado

de água do lago, desejando poder mergulhar e nadar sozinha sem ser observada. Vago pelo local durante um tempo. Quando volto à pequena casa de concreto ao lado do lago, paro na entrada e vejo Gale colocando o atiçador retorcido que ele salvara na parede ao lado da lareira. Por um momento, tenho a visão de um estranho, solitário, em algum ponto distante do futuro, vagando perdido na imensidão selvagem e dando de cara com esse pequeno refúgio, com a pilha de lenha, com a lareira e com o atiçador. Imaginando como tudo aquilo veio a acontecer. Gale se vira e encontra meus olhos, e sei que ele está pensando em nosso último encontro aqui. Quando discutimos a respeito dos prós e contras de fugir. Se tivéssemos fugido, será que o Distrito 12 ainda estaria de pé? Acho que sim. Mas a Capital ainda estaria controlando Panem da mesma forma.

Sanduíches de queijo são passados de mão em mão e comemos à sombra das árvores. Eu me sento intencionalmente na parte mais extrema do grupo, perto de Pollux, para não precisar conversar. Na verdade, ninguém está falando muito. Na relativa tranquilidade, os pássaros retornam à floresta. Cutuco Pollux com o cotovelo e aponto um pequeno pássaro preto com uma coroa. Ele salta para um outro galho, abrindo momentaneamente as asas, exibindo as áreas brancas de sua plumagem. Pollux faz um gesto indicando meu broche e ergue as sobrancelhas de maneira questionadora. Balanço a cabeça, confirmando que é um tordo. Levanto um dedo para dizer "Espera, eu vou te mostrar", e assovio um chamado de pássaro. O tordo levanta a cabeça e retribui o assovio. Então, para minha surpresa, Pollux assovia ele próprio algumas notas. O pássaro responde imediatamente. O rosto de Pollux adquire uma expressão de puro deleite e ele começa uma série de intercâmbios melódicos com o tordo. Minha hipótese é que essa é a primeira conversa que ele tem depois de muitos anos. Música atrai tordos como flores atraem abelhas e, em pouco tempo, ele está com uma dúzia deles empoleirados em galhos acima de nossas cabeças. Ele dá um tapinha no meu braço e usa um graveto para escrever na terra: CANTA?

Normalmente, eu declinaria, mas é meio que impossível dizer não a Pollux, dadas as circunstâncias. Além do mais, as vozes de canto dos tordos são diferentes de seus assovios, e gostaria muito de ouvi-las. Então, antes de ao menos pensar no que estou fazendo, canto as quatro notas de Rue, as notas que ela usava para sinalizar o fim do dia de trabalho no 11. As notas que acabaram se tornando a trilha sonora de seu assassinato. Os pássaros

não conhecem isso. Eles pegam a frase simples e a sacodem para a frente e para trás entre eles em doce harmonia. Exatamente como fizeram nos Jogos Vorazes antes que os bestantes surgissem do meio das árvores, nos perseguissem até a Cornucópia e triturassem Cato lentamente até ele virar um pedaço de carne ensanguentada...

– Quer ouvi-los cantar uma canção de verdade? – pergunto, de repente. Qualquer coisa que interrompa aquelas lembranças. Estou de pé, movendo-me em direção às árvores, pousando a mão no tronco áspero de um bordo onde estão empoleirados os pássaros. Eu não canto "A árvore-forca" em voz alta há dez anos, porque ela é proibida, mas lembro cada palavra da letra. Começo suavemente, docemente, como fazia meu pai.

"Você vem, você vem
Para a árvore
Onde eles enforcaram um homem que dizem matou três.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca."

Os tordos começam a alterar suas canções assim que ficam cientes de minha nova oferta.

"Você vem, você vem
Para a árvore
Onde o homem morto clamou para que seu amor fugisse.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca."

Eu agora tenho a atenção dos pássaros. Com mais um verso, certamente eles terão captado a melodia, já que é bem simples e se repete quatro vezes com poucas variações.

"Você vem, você vem

Para a árvore
Onde eu mandei você fugir para nós dois ficarmos livres.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca."

Silêncio nas árvores. Apenas o farfalhar de folhas na brisa. Mais nenhum pássaro, tordo ou outro qualquer. Peeta está certo. Eles ficam em silêncio quando eu canto. Exatamente como faziam com meu pai.

"Você vem, você vem
Para a árvore
Usar um colar de corda, e ficar ao meu lado
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca."

Os pássaros estão esperando que eu continue. Mas acabou. Esse foi o último verso. Na quietude, me lembro da cena. Estava em casa depois de um dia na floresta com meu pai. Sentada no chão com Prim, que ainda estava engatinhando, cantando "A árvore-forca". Fazendo colares a partir de pedacinhos de corda, como dizia a canção, sem saber o verdadeiro significado das palavras. Mas a canção tinha uma harmonia simples e fácil e, naquela época, eu conseguia memorizar quase qualquer coisa com música depois de ouvir uma ou duas vezes. Subitamente, minha mãe arrancou os colares de corda e começou a berrar com meu pai. Comecei a chorar porque minha mãe nunca gritava, e então Prim começou a choramingar e fugi de casa para me esconder. Como eu tinha um único esconderijo – na Campina embaixo de um arbusto de madressilva –, meu pai me encontrou imediatamente. Ele me acalmou e disse que estava tudo bem, mas que era melhor não cantarmos nunca mais aquela canção. Minha mãe só queria que eu a esquecesse. Então, é claro, cada palavra ficou imediata e irrevogavelmente marcada em meu cérebro.

Nós nunca mais a cantamos, meu pai e eu, e nem mesmo falamos nela. Depois que ele morreu, ela costumava voltar bastante à minha cabeça. Mais

velha, comecei a entender a letra. No início, parece que um cara está tentando fazer com que sua namorada vá encontrá-lo secretamente à meia-noite. Mas é um local esquisito para um encontro romântico, uma árvore-forca, onde um homem foi enforcado, acusado de assassinato. A amante do assassino deve ter tido algo a ver com a morte, ou talvez eles fossem apenas puni-la de um jeito ou de outro, porque o cadáver dele clamava para que ela fugisse. Isso é estranhamente óbvio, a parte do cadáver falante, mas é apenas na terceira estrofe que "A árvore-forca" começa a ficar inquietante. Você percebe que a pessoa que está cantando a canção é o assassino morto. Ele ainda está na árvore-forca. E, muito embora ele tenha mandado sua amante fugir, continua perguntando se ela não vai se encontrar com ele. A frase "Onde eu mandei você fugir para nós dois ficarmos livres" é a mais problemática, porque a princípio você pensa que ele está falando sobre quando a mandou fugir, presumivelmente para que ela ficasse em segurança. Mas então você imagina se ele não quis dar a entender que era para ela fugir para ele. Para a morte. No último verso, fica claro que é isso o que ele está esperando. Sua amante, com seu colar de corda, morta, pendurada ao seu lado na árvore.

Eu antes achava que o assassino era o tipo de cara mais nojento que pode existir no mundo. Agora, com duas passagens pelos Jogos Vorazes na bagagem, decido não julgá-lo sem saber mais detalhes. Talvez a amante dele já estivesse condenada à morte e o objetivo dele era facilitar as coisas. Fazer com que ela soubesse que ele a estava esperando. Ou talvez ele pensasse que o lugar onde a estava deixando fosse pior do que a morte. Por acaso, eu não quis matar Peeta com aquela seringa para salvá-lo da Capital? Será que essa era realmente a minha única opção? Provavelmente não, mas na ocasião, não consegui pensar em nenhuma outra.

Entretanto, imagino que minha mãe tenha pensado que a coisa toda era complicada demais para uma menina de sete anos de idade. Especialmente uma que fazia seus próprios colares de corda. Não que enforcamentos só acontecessem nas histórias. Inúmeras pessoas eram executadas dessa maneira no 12. Pode apostar que ela não queria que eu cantasse aquilo na minha aula de música. Provavelmente, ela tampouco iria gostar que eu fizesse isso aqui para o Pollux, mas pelo menos eu não estou – espera aí, não, eu estou enganada. Quando olho de esguelha vejo que Castor estivera me filmando esse tempo todo. E Pollux está com lágrimas escorrendo pelo rosto, porque sem dúvida nenhuma a minha canção alucinada fez com que

ele se lembrasse de algum terrível incidente em sua vida. Ótimo. Suspiro e me recosto no tronco. É então que os tordos começam a cantar sua versão de "A árvore-forca". Nas suas bocas, é lindo demais. Consciente de que estou sendo filmada, eu permaneço imóvel até ouvir a voz de Cressida:

– Corta!

Plutarch vai até mim, rindo.

– Onde é que você arruma esse tipo de coisa? Ninguém acreditaria nisso se a gente tivesse inventado! – Ele me abraça e dá um beijo estalado em cima da minha cabeça. – Você é ouro em pó!

– Eu não estava fazendo isso para as câmeras – digo.

– Que sorte elas estarem ligadas – diz ele. – Vamos lá, pessoal, vamos voltar para a cidade!

Enquanto caminhamos pela floresta, alcançamos uma pedra grande, e Gale e eu viramos nossas cabeças na mesma direção, como um par de cães sentindo um cheiro no vento. Cressida nota e pergunta o que há naquela direção. Admitimos, sem precisar olhar um para o outro, que aquele é o nosso velho ponto de encontro de caçadas. Ela quer ver, mesmo depois de eu ter dito que realmente não valeria muito a pena.

Não é nada além de um lugar onde eu era feliz, penso.

Nossa saliência na pedra com vista para o vale. Talvez um pouco menos verde que de costume, mas os arbustos de amoras-pretas estão repletos de frutas. Aqui tiveram início incontáveis dias de caçadas e montagens de armadilhas, de pescarias e coletas, de andanças em dupla pela floresta, liberando nossos pensamentos enquanto enchíamos nossas bolsas de caça. Esta era a passagem não apenas para nosso sustento como também para nossa sanidade. E nós éramos a chave um do outro.

Não há Distrito 12 de onde escapar agora, não há mais Pacificadores para enganar, nenhuma boca faminta para alimentar. A Capital acabou com tudo isso, e estou a ponto de perder Gale também. A cola da necessidade mútua que nos ligou tão firmemente durante todos esses anos está derretendo. Espaços escuros, não iluminados, aparecem entre nós. Como é possível que, hoje, diante do horrível desaparecimento do 12, estejamos com tanta raiva que nem conseguimos dirigir a palavra um ao outro?

Gale mentiu para mim. É fato. Isso foi inaceitável, mesmo que ele estivesse preocupado com o meu bem-estar. Mas seu pedido de desculpas pareceu sincero. E joguei isso na cara dele com um insulto para garantir que doesse. O que está acontecendo conosco? Por que agora estamos

constantemente em conflito? Está tudo muito confuso, mas de certa forma sinto que se voltasse à raiz dos nossos problemas, minhas ações apareceriam no centro deles. Será que quero mesmo afastá-lo de mim?

Meus dedos envolvem uma amora-preta e a arrancam do pé. Eu a enrolo delicadamente entre o polegar e o indicador. De repente, viro-me para ele e arremesso a fruta na sua direção.

– E que a sorte... – digo. Eu a jogo bem alto para que ele tenha tempo suficiente para decidir se a joga para o lado ou se a aceita.

Os olhos de Gale estão fixos em mim, não na amora, mas no último instante, ele abre a boca e a pega. Ele mastiga, engole e há uma longa pausa antes de ele dizer:

– ... esteja sempre a seu lado. – Mas ele realmente diz.

Cressida nos manda sentar na reentrância da rocha, onde é impossível não haver emoção, e nos incentiva a falar sobre caça. O que nos levava a entrar na floresta, como nos conhecemos, nossos momentos favoritos. O gelo entre nós derrete, começamos a rir um pouco enquanto relatamos infortúnios com abelhas, cães selvagens e gambás. Quando a conversa passa a ser sobre qual é a sensação de traduzir nossas habilidades com armas para o bombardeio do 8, paro de falar. Gale diz apenas:

– De um atraso enorme.

Quando alcançamos a praça da cidade, a tarde já está se transformando em noite. Levo Cressida até os destroços da padaria e peço para ela filmar alguma coisa. A única emoção que consigo reunir é exaustão.

– Peeta, esta é a sua casa. Não há notícias de nenhum de seus familiares desde o bombardeio. O 12 não existe mais. E você clama por um cessar-fogo? – Olho para o vazio. – Não sobrou ninguém para ouvir você.

Quando estamos em pé diante do pedaço de metal que fora o patíbulo, Cressida pergunta se algum de nós dois alguma vez foi torturado. Como resposta, Gale tira a camisa e vira as costas para a câmera. Olho para as marcas das chicotadas, e novamente escuto o assovio do chicote, vejo seu corpo ensanguentado e inconsciente, pendurado pelos pulsos.

– Para mim já chega – anuncio. – Eu me encontro com vocês na Aldeia dos Vitoriosos. Preciso pegar uma coisa para... minha mãe.

Imagino que tenha andado até aqui, mas as próximas ações que realizo em sã consciência são me sentar no chão na frente dos armários da cozinha de nossa casa na Aldeia dos Vitoriosos. Enfileirar meticulosamente os jarros de cerâmica e as garrafas de vidro dentro de uma caixa. Colocar

curativos de algodão limpos entre eles para impedir que se quebrem. Embrulhar diversos maços de flores secas.

Subitamente, lembro da rosa em meu vestíbulo. Era de verdade? Se era, será que ainda está lá em cima? Tenho de resistir à tentação de verificar. Se ela estiver lá, só vai me deixar assustada, de novo. Eu me apresso com o pacote.

Quando os armários ficam vazios, levanto-me e descubro que Gale apareceu em minha cozinha. É perturbador esse jeito que ele tem de aparecer sem fazer nenhum barulho. Ele está encostado na mesa, os dedos bem abertos em cima da madeira. Ponho a caixa entre nós dois.

– Lembra? – pergunta ele. – Foi aqui que você me beijou.

Então a pesada dose de morfináceo administrada após as chicotadas não foi suficiente para apagar aquilo da memória dele.

– Achei que você não se lembraria disso – digo.

– Eu precisaria estar morto para não lembrar. Talvez nem assim – diz ele. – Talvez eu seja aquele homem de "A árvore-forca". Ainda esperando por uma resposta. – Gale, que eu nunca vira chorar, está com lágrimas nos olhos. Para impedir que elas escorram, eu me aproximo e encosto a minha boca na dele. Estamos com gosto de calor, cinzas e miséria. Ele se afasta primeiro e dá um sorriso debochado. – Eu sabia que você ia me beijar.

– Como? – pergunto. Porque nem eu mesma sabia.

– Porque sinto dor – diz ele. – Essa é a única forma de ter a sua atenção. – Ele pega a caixa. – Não se preocupe, Katniss. Vai passar. – Ele sai antes que eu possa responder.

Estou fatigada demais para lidar com esse último ataque. Passo a curta viagem de volta ao 13 encolhida em meu assento, tentando ignorar Plutarch falando sem parar sobre um de seus assuntos favoritos – armas que a humanidade não tem mais à sua disposição. Aviões que voam bem alto, satélites militares, desintegradores celulares, mísseis teleguiados, armas biológicas com datas de validade. Abandonadas por causa da destruição da atmosfera ou por falta de recursos ou por escrúpulos morais. Dá para ouvir o lamento na voz de um Chefe dos Idealizadores dos Jogos que não consegue parar de sonhar com esses brinquedinhos, que é obrigado a se contentar com aerodeslizadores e mísseis terra a terra e antigas armas básicas.

Depois de tirar meu traje de Tordo, vou direto para a cama sem comer. Mesmo assim, Prim precisa me sacudir para me acordar de manhã. Após o

café da manhã, ignoro a minha programação e tiro uma soneca no closet de suprimentos. Quando acordo, rastejando do meio das caixas de giz e lápis, já é novamente hora do jantar. Tomo uma porção extra de sopa de ervilha e estou sendo encaminhada de volta ao Compartimento E quando Boggs me intercepta.

– Tem reunião no Comando. Desconsidere sua programação atual – diz ele.

– Certo – digo.

– Você seguiu a programação hoje? – pergunta ele, exasperado.

– Quem é que pode saber? Eu sou mentalmente desorientada. – Levanto o punho para mostrar minha pulseira médica e percebo que ela não está mais lá. – Está vendo? Nem consigo lembrar que eles tiraram a minha pulseira. Por que eles me querem no Comando? Perdi alguma coisa?

– Acho que Cressida queria mostrar para você os pontoprops do 12. Mas imagino que você vai assistir quando eles forem ao ar – diz ele.

– Preciso de uma programação para isso. Para quando os pontoprops forem ao ar – digo. Ele me lança um olhar, mas não faz mais nenhum comentário.

As pessoas lotaram o Comando, mas guardaram um lugar para mim entre Finnick e Plutarch. As telas já estão em cima da mesa, mostrando a programação regular da Capital.

– O que está acontecendo? A gente não vai assistir aos pontoprops do 12? – pergunto.

– Ah, não – diz Plutarch. – Enfim, possivelmente. Não sei exatamente que tomadas Beetee planejou usar.

– Beetee acha que encontrou uma maneira de penetrar na programação que vai ao ar no país inteiro – diz Finnick. – Para que os nossos pontoprops também passem na Capital. Ele está trabalhando nisso agora na Defesa Especial. Tem programa ao vivo hoje à noite. Snow vai aparecer ou qualquer coisa assim. Acho que está começando.

A insígnia da Capital aparece, com o hino tocando ao fundo. Em seguida, estou olhando diretamente nos olhos de cobra do presidente Snow enquanto ele saúda a nação. Ele parece estar entrincheirado atrás do pódio, mas a rosa branca em sua lapela está totalmente visível. A câmera se afasta para incluir Peeta ao lado, em frente a um mapa projetado de Panem. Ele está sentado numa cadeira elevada, os sapatos apoiados em um degrau de metal. O pé de sua perna de prótese está batendo num ritmo estranhamente

irregular. Gotas de suor romperam a camada de pó de arroz em seu lábio superior e em sua testa. Mas é seu olhar – raivoso ainda que desfocado – o que mais me assusta.

– Ele está pior – sussurro. Finnick agarra a minha mão para me dar apoio, e tento me controlar.

Peeta começa a falar num tom frustrado sobre a necessidade do cessar-fogo. Ele salienta o estrago feito a infraestruturas essenciais de vários distritos e, à medida que fala, partes do mapa vão se iluminando para mostrar as imagens da destruição. Uma represa destruída no 7. Um trem descarrilado com uma faixa de dejetos tóxicos vazando dos vagões. Um celeiro desabando depois de um incêndio. Tudo isso ele atribui a ações rebeldes.

Bam! Sem aviso, estou subitamente na TV, em pé em cima dos destroços de uma padaria.

Plutarch se levanta com um pulo.

– Ele conseguiu! Beetee penetrou na transmissão!

A sala está reagindo de maneira alvoroçada quando Peeta retorna, distraído. Ele me viu no monitor. Ele tenta retomar seu discurso, passando a comentar o bombardeio de uma estação de tratamento de água, quando um clipe de Finnick falando sobre Rue o substitui na tela. E então a coisa toda se transforma numa batalha de transmissões, com os técnicos da Capital tentando barrar o ataque de Beetee. Mas eles não estão preparados, e Beetee, aparentemente prevendo que não teria como manter o controle, possui um arsenal de clipes de cinco a dez segundos com os quais consegue trabalhar. Assistimos à apresentação oficial se deteriorar enquanto recebe uma saraivada de pontoprops escolhidos a dedo.

Plutarch está tendo espasmos de prazer e a grande maioria está cumprimentando Beetee, mas Finnick permanece imóvel e calado ao meu lado. Olho para Haymitch do outro lado da sala e vejo meu próprio horror espelhado em seus olhos. O reconhecimento de que, a cada grito de entusiasmo, Peeta escapole cada vez mais de nossas mãos.

A insígnia da Capital está de volta, acompanhada de um áudio uniforme. Isso dura mais ou menos vinte segundos até Snow e Peeta reaparecerem. O set está um caos. Conseguimos ouvir conversações frenéticas das cabines deles. Snow avança, dizendo que é muito óbvio que os rebeldes estão tentando agora tumultuar a disseminação de informação que eles consideram incriminatórias, mas tanto a verdade quanto a justiça

prevalecerão. A transmissão inteira vai voltar ao ar quando a segurança estiver reinstalada. Ele pergunta a Peeta se, tendo em vista a demonstração dessa noite, ele pensa em se separar de Katniss Everdeen.

À menção de meu nome, o rosto de Peeta se contorce num esforço.

– Katniss... como você imagina que tudo isso vai acabar? O que restará? Ninguém está seguro. Nem na Capital e nem nos distritos. E você... no 13... – Ele respira fundo, como se estivesse lutando para conseguir oxigênio; seus olhos com uma aparência insana. – Estará morta de manhã!

Em off, Snow ordena:

– Interrompa a transmissão!

Beetee transforma tudo num caos ao mostrar em intervalos de três segundos um fotograma comigo em pé na frente do hospital. Mas entre as imagens, ficamos cientes da ação em tempo real que está se desenrolando no set. As tentativas de Peeta de continuar falando. A câmera arrancada de alguém e filmando o ladrilho branco do chão. O som de botas. O impacto do golpe que é inseparável do grito de dor emitido por Peeta.

E o sangue dele espalhando-se pelo ladrilho.

PARTE II

“O ASSALTO”

O grito começa a se formar nas minhas costas e percorre o meu corpo até se comprimir na minha garganta. Estou muda como uma Avox, engasgada em meu pesar. Mesmo que pudesse liberar os músculos do pescoço, deixar o som explodir no espaço, será que alguém notaria? A sala está uma balbúrdia. Perguntas e pedidos chegam de todos os lados enquanto tentam decifrar as palavras de Peeta. "E você... no 13... morta de manhã!" No entanto, ninguém está fazendo nenhuma pergunta sobre o mensageiro cujo sangue foi substituído pela estática.

Uma voz chama a atenção dos outros.

– Calem a boca! – Todos os pares de olhos fixam-se sobre Haymitch. – Isso não é nenhum grande mistério! O garoto está dizendo que estamos a ponto de ser atacados. Aqui. No 13.

– Como ele teria essa informação?

– Por que a gente acreditaria nele?

– Como você sabe?

Haymitch dá um rosnado de frustração.

– Estão batendo nele enquanto a gente está aqui conversando. Do que mais vocês precisam? Katniss, me ajuda aqui por favor!

Preciso me sacudir um pouquinho para que as palavras saiam de minha boca.

– Haymitch tem razão. Não sei onde Peeta conseguiu a informação. Nem mesmo se ela é verdadeira. Mas ele acredita que sim. E eles estão... – Eu não consigo dizer em voz alta o que Snow está fazendo com ele.

– Você não o conhece – diz Haymitch a Coin. – Nós, sim. Coloque seu pessoal de prontidão.

A presidenta não parece alarmada, apenas um tanto ou quanto perplexa com a guinada nos eventos. Ela pondera as palavras, batendo um dedo suavemente na borda do painel de controle à sua frente. Quando fala, se dirige a Haymitch com uma voz equilibrada.

– É claro, estamos preparados para tal cenário. Embora tenhamos décadas de apoio à suposição de que mais ataques diretos ao 13 seria contraproducente à causa da Capital. Mísseis nucleares liberariam radiação

na atmosfera, com incalculáveis danos ao meio ambiente. Até mesmo um bombardeio rotineiro poderia estragar acentuadamente nossas instalações militares, as quais sei que eles têm esperança em reconquistar. E, é claro, esse tipo de atitude é um convite ao contra-ataque. É concebível que, devido à nossa aliança atual com os rebeldes, esses riscos possam ser vistos como aceitáveis.

– Você acha? – diz Haymitch, com certo exagero de sinceridade, mas as sutilezas da ironia frequentemente passam despercebidas no 13.

– Acho, sim. De qualquer modo, vamos ingressar na instrução de treinamento de Nível Cinco de segurança – diz Coin. – Vamos dar início ao confinamento. – Ela começa a digitar rapidamente no teclado, autorizando sua decisão. Assim que levanta a cabeça, ela tem início.

Houve duas instruções de treinamento de níveis baixos desde que cheguei ao 13. Não me lembro muito bem da primeira. Eu estava na UTI, no hospital, e acho que os pacientes foram dispensados, já que a complicação de nos transferir em função de uma instrução de treinamento superava os benefícios. Lembro vagamente de uma voz mecânica instruindo as pessoas a se congregar em zonas amarelas. Durante a segunda, uma instrução de treinamento de Nível Dois dirigida a crises menores – tais como uma quarentena temporária enquanto cidadãos eram examinados para saber se estavam contaminados durante uma epidemia de gripe –, tínhamos de voltar para nossos alojamentos. Fiquei atrás de uma bomba hidráulica na lavanderia, ignorei os bipes incessantes do sistema de som e observei uma aranha construir sua teia. Nenhuma das duas experiências me preparou para as ensurdecedoras e atordoantes sirenes que agora permeiam o 13. Não há como desconsiderar esse som, que parece produzido para lançar a população inteira num frenesi. Mas isso aqui é o 13 e esse tipo de coisa não acontece.

Finnick e eu deixamos o Comando guiados por Boggs. Passamos por um corredor até chegarmos a uma porta e depois a uma ampla escadaria. Uma massa humana está convergindo para formar um rio que flui apenas para baixo. Ninguém grita ou tenta empurrar os outros. Nem mesmo as crianças opõem resistência. Nós descemos, degrau após degrau, mudos, porque nenhuma palavra poderia ser ouvida em meio ao som da sirene. Procuro minha mãe e Prim, mas é impossível ver quem quer que seja além das pessoas que estão bem ao meu redor. Entretanto, as duas estão

trabalhando no hospital hoje à noite, de modo que não há nenhuma chance de elas perderem a instrução de treinamento.

Meus ouvidos latejam e os olhos estão pesados. Estamos nos recônditos de uma mina de carvão. A única vantagem é que quanto mais profundamente entramos, menos estridentes se tornam as sirenes. É como se a função delas fosse nos afastar fisicamente da superfície, o que acho que é exatamente o que acontece. Grupos de pessoas começam a se desgarrar para o interior de recintos cujas portas estão marcadas, e mesmo assim Boggs continua me levando para baixo, até que finalmente a escada acaba na extremidade de uma enorme caverna. Começo a caminhar diretamente para dentro dela e Boggs me impede, mostrando que devo colocar minha programação na frente de um scanner para que a minha entrada seja registrada. Sem sombra de dúvida, a informação vai para um computador em algum lugar para garantir que ninguém fique perdido.

Parece impossível determinar se esse lugar é natural ou feito pelo homem. Certas áreas das paredes são pedra, enquanto vigas de metal e concreto reforçam pesadamente outras. Há beliches bem entalhados nas paredes de pedra. Há uma cozinha, banheiros, uma estação de primeiros socorros. Este lugar foi projetado para uma permanência duradoura.

Letreiros brancos com letras e números aparecem em intervalos ao redor da caverna. Enquanto Boggs diz para mim e para Finnick que devemos nos dirigir à área referente aos aposentos que nos foram designados – no meu caso E, de Compartimento E –, Plutarch aparece.

– Ah, encontrei vocês – diz ele. Os eventos recentes exerceram pouco efeito sobre o humor de Plutarch. Ele ainda possui aquela alegre cintilância no rosto, que sucedeu ao êxito de Beetee no Assalto Televisivo. Olhos na floresta, não nas árvores. Não na punição de Peeta ou no iminente bombardeio do 13. – Katniss, obviamente esse é um momento ruim para você, ainda por cima com o contratempo do Peeta, mas você precisa ficar ciente de que os outros vão continuar de olho em você.

– O quê? – pergunto. Não consigo acreditar que ele realmente acabou de rebaixar as duríssimas circunstâncias em que se encontra Peeta a um reles contratempo.

– As outras pessoas no bunker vão seguir seu exemplo de como reagir a tudo isso. Se você estiver calma e corajosa, os outros também vão tentar ficar assim. Se você entrar em pânico, ele pode se espalhar como um incêndio – explica Plutarch. Eu apenas olho fixamente para ele. – Está

pegando fogo, de um certo modo – continua ele, como se eu estivesse sendo lenta na compreensão.

– Por que eu simplesmente não finjo que estou diante das câmeras, Plutarch? – pergunto.

– Isso! Perfeito. As pessoas ficam sempre bem mais corajosas com uma audiência – diz ele. – Olha só a coragem que Peeta acabou de demonstrar!

Tenho de me conter para não dar um tapa na cara dele.

– Preciso voltar para a Coin antes do confinamento. Continue trabalhando bem! – diz ele, e vai embora.

Atravesso o recinto até a grande letra E na parede. Nosso espaço consiste em um quadrado de quatro por quatro metros de chão de pedra delineado por linhas pintadas. Entalhados na parede encontram-se dois beliches – um de nós vai dormir no chão – e um espaço em forma de cubo ao nível do chão para estocagem. Um pedaço de papel branco, coberto com um plástico transparente, contém as palavras PROTOCOLO DO BUNKER. Olho fixamente para manchinhas pretas no lençol. Por um tempo, elas ficam obscurecidas pelos resíduos de sangue que não consigo apagar da minha visão. Lentamente, as palavras entram em foco. A primeira seção é denominada “Ao chegar”.

1. Certifique-se de que todos os membros de seu Compartimento estejam registrados.

Minha mãe e Prim ainda não chegaram, mas eu fui uma das primeiras pessoas a chegar no bunker. As duas provavelmente estão ajudando a realocar os pacientes do hospital.

2. Dirija-se à Estação de Suprimentos e garanta um pacote para cada membro de seu Compartimento. Prepare sua Área de Habitação. Devolva o(s) pacote(s).

Vasculho a caverna até localizar a Estação de Suprimentos, uma sala profunda que começa num balcão. Há pessoas atrás do balcão, mas já existe uma intensa movimentação no local. Vou até lá, entrego a carta de nosso

compartimento e requisito três pacotes. Um homem verifica uma folha, puxa os pacotes especificados de uma estante e os coloca em cima do balcão. Depois de acomodar um deles nas costas e agarrar os outros dois com as mãos, eu me viro e encontro um grupo formando-se rapidamente atrás de mim.

– Com licença – digo enquanto carrego meus suprimentos em meio às outras pessoas. É uma questão de *timing*? Ou será que Plutarch está certo? Será que essas pessoas estão embasando seu comportamento no meu?

De volta a nosso espaço, abro um dos pacotes e encontro um colchão fino, roupa de cama, dois conjuntos de roupas cinzentas, uma escova de dentes, uma escova de cabelo e uma lanterna. Ao examinar o conteúdo dos outros pacotes, descubro que a única diferença é que eles contêm trajes não só na cor cinza como também na cor branca. Os trajes brancos devem ser para minha mãe e para Prim, caso elas precisem realizar tarefas médicas. Depois de fazer as camas, guardar as roupas e devolver os pacotes, não tenho mais nada para fazer além de observar a última regra:

3. Espere novas instruções.

Sento de pernas cruzadas no chão e espero. Um fluxo constante de pessoas começa a encher o local, ocupando espaços, recolhendo suprimentos. Não demora muito e o local já está lotado. Imagino se minha mãe e Prim vão passar a noite no lugar para onde os pacientes do hospital foram levados. Mas, não, acho que não. Elas estavam na lista. Já estou começando a ficar ansiosa quando minha mãe aparece. Olho atrás dela para um mar de estranhos.

– Onde está Prim? – pergunto.

– Ela não está aqui? – responde ela. – Era para ela ter vindo direto do hospital. Ela saiu dez minutos antes de mim. Onde ela está? Para onde ela pode ter ido?

Fecho os olhos com força por um instante, para rastreá-la como rastrearia uma presa em uma caçada. Vejo-a reagindo às sirenes, correndo para ajudar os pacientes, balançando a cabeça para os que gesticulam indicando que ela deve descer para o bunker, e então hesito com ela na escada. Em dúvida por um momento. Mas por quê?

Meus olhos se abrem de súbito.

– O gato! Ela foi atrás dele!

– Ah, não – diz minha mãe. Nós duas sabemos que estou certa. Começamos a empurrar a onda de pessoas que se aproxima, tentando sair do bunker. Lá em cima, consigo vê-los se preparando para fechar as grossas portas de metal. Girando lentamente cada lado das rodas de metal para dentro. De algum modo, sei que assim que estiverem lacradas, nada no mundo convencerá os soldados a abri-las. Talvez até seja algo fora da alçada deles. Empurro as pessoas para o lado indiscriminadamente enquanto grito para eles esperarem. O espaço entre as portas diminui para um metro, trinta centímetros; restam apenas alguns centímetros quando enfio a mão na abertura.

– Abre isso aí! Deixe-me sair! – grito.

Um sentimento de consternação está bem visível nos rostos dos soldados à medida que eles revertem as rodas um pouquinho. Não o suficiente para me deixar passar, mas o suficiente para evitar que meus dedos sejam esmagados. Aproveito a oportunidade para encaixar meu ombro na abertura.

– Prim! – berro para a escada. Minha mãe implora aos guardas enquanto tento me esgueirar pela abertura. – Prim!

Então eu ouço. O tênue som de passos na escada.

– Estamos chegando! – ouço minha irmã gritar.

– Segure a porta! – Esse era Gale.

– Eles estão chegando! – digo aos guardas, e eles abrem a porta uns trinta centímetros. Mas não ouso me mexer (com medo de que nos tranquem do lado de fora) até que Prim aparece, suas bochechas em fogo devido à corrida, carregando Buttercup. Eu a puxo para dentro e Gale a segue, torcendo para o lado um braço cheio de bagagem para entrar no bunker. As portas são fechadas com um clangor final.

– Onde é que você estava com a cabeça? – Sacudo Prim com raiva e em seguida a abraço, esmagando Buttercup entre nós duas.

A explicação de Prim já está em seus lábios.

– Não podia deixá-lo para trás, Katniss. Seria a segunda vez. Você devia tê-lo visto correndo de um lado para o outro e miando. Ele teria voltado para proteger a gente.

– Tudo bem, tudo bem. – Respiro fundo algumas vezes para me acalmar, dou um passo para trás e ergo Buttercup pelo cangote. – Eu devia tê-lo afogado quando tive a oportunidade. – As orelhas dele se abaixam e

ele ergue uma pata. Eu silvo antes que ele tenha chance de fazê-lo, o que parece perturbá-lo um pouco, já que ele imagina que silvos sejam uma demonstração sonora de desprezo exclusiva dele. Em retaliação, ele solta um inofensivo miado de gatinho que faz com que minha irmã apareça imediatamente para defendê-lo.

– Ah, Katniss, não implique com ele – diz ela, segurando-o novamente nos braços. – Ele já está irritado demais.

A suposição de que eu havia ferido os sentimentozinhos felinos daquele ser desagradável é simplesmente um convite a mais provocações. Mas Prim está genuinamente perturbada por causa dele. Então, em vez disso, visualizo o pelo de Buttercup sendo usado como forro para um par de luvas, uma imagem que me ajudou a lidar como ele ao longo dos anos.

– Tudo bem, desculpe. Estamos embaixo do E grande na parede. É melhor acomodá-lo logo antes que ele pire completamente. – Prim sai correndo, e dou de cara com Gale. Ele está segurando a caixa de suprimentos médicos de nossa cozinha no 12. Local de nossa última conversa, de nosso beijo, de todas as repercussões e tudo o mais. Minha bolsa de caçada está pendurada no seu ombro.

– Se Peeta estiver mesmo certo, isso aqui não teria a menor chance – diz ele.

Peeta. Sangue como gotas de chuva na janela. Como lama úmida nas botas.

– Obrigada por... tudo. – Pego as nossas coisas. – O que você estava fazendo nos nossos quartos?

– Dando uma geral pela segunda vez – diz ele. – Estamos no quarenta e sete se você precisar de mim.

Praticamente todos se retiraram para seus espaços quando as portas se fecharam, de modo que consigo chegar em nosso novo lar com pelo menos quinhentas pessoas me observando. Tento parecer extracalma para compensar a minha frenética correria em meio à multidão. Como se isso enganasse alguém. Até parece que funciono como exemplo para alguém. Ah, quem se importa? Todos pensam que sou maluca mesmo. Um homem, que acho que derrubei no chão, olha para mim e esfrega o cotovelo, ressentido. Eu quase silvo para ele também.

Prim instalou Buttercup no beliche inferior, enrolado num cobertor de modo que apenas o rosto dele fica visível. É assim que ele gosta de ficar quando há trovão, a única coisa que realmente o assusta. Minha mãe coloca

sua caixa cuidadosamente no cubo. Eu me agacho, as costas apoiadas na parede, para verificar o que Gale conseguiu resgatar na minha bolsa de caçada. O livro das plantas, a jaqueta de caçada, a foto do casamento de meus pais e o conteúdo pessoal da minha gaveta. Meu broche de tordo agora vive no traje de Cinna, mas tem o medalhão em forma de caixinha dourada e o paraquedas prateado com a cavilha e a pérola de Peeta. Dou um nó para prender a pérola no canto do paraquedas e enfio tudo bem no fundo da bolsa, como se fosse a vida de Peeta e ninguém tivesse o direito de tirá-la enquanto ela estivesse sob a minha guarda.

O tênue som das sirenes interrompe bruscamente meus pensamentos. A voz de Coin surge no sistema de áudio do distrito, agradecendo a todos por uma evacuação exemplar dos níveis superiores. Ela salienta que isso não é uma instrução de treinamento, já que Peeta Mellark, o vitorioso do Distrito 12, possivelmente fez na TV uma referência a um ataque ao 13 hoje à noite.

É nesse momento que a primeira bomba cai. Há uma sensação inicial de impacto seguida por uma explosão que ressoa nas partes mais recônditas de meu ser, no revestimento de meus intestinos, no tutano de meus ossos, nas raízes de meus dentes. *Nós todos vamos morrer*, penso. Meus olhos se voltam para cima, na expectativa de ver rachaduras gigantescas percorrendo o teto, enormes pedaços de pedra chovendo sobre nós, mas o bunker em si sofre apenas um ligeiro tremor. As luzes se apagam e experimento a desorientação proporcionada pela escuridão total. Indiscerníveis sons humanos – gritos espontâneos, respirações entrecortadas, choros de bebês, um trechinho musical de uma gargalhada insana – dançam ao redor do ar carregado. Então, ouve-se o zumbido de um gerador, e um brilho tênue e oscilante substitui a poderosa iluminação que é a norma no 13. É parecido com o que tínhamos em nossas casas no 12, quando as velas e o fogo queimavam baixinho nas noites de inverno.

Me aproximo de Prim na penumbra, agarro sua perna com a mão e me puxo para perto dela. Sua voz permanece equilibrada ao falar ternamente com Buttercup.

– Está tudo bem, bebê, está tudo bem. Estamos seguros aqui embaixo.

Minha mãe nos abraça. Deixo-me sentir jovem por um momento e descansar a cabeça em seu ombro.

– Isto não é nem um pouco parecido com as bombas que caíram no 8 – digo.

– Provavelmente foi um míssil de bunker – diz Prim, mantendo a voz tranquilizadora por causa do gato. – Ficamos sabendo deles durante a orientação para os novos cidadãos. Eles são projetados para penetrar bem fundo no chão antes de explodir. Porque não há mais sentido em bombardear a superfície do 13.

– Nuclear? – pergunto, sentindo um calafrio percorrendo o meu corpo.

– Não necessariamente – diz Prim. – Alguns deles possuem somente uma grande quantidade de explosivos em seu interior. Mas... pode ser de um tipo ou de outro, acho.

O brilho tênue torna difícil ver as pesadas portas de metal no fim do bunker. Será que elas seriam de alguma proteção contra um ataque nuclear? E mesmo que fossem cem por cento eficientes em bloquear a radiação, o que é realmente improvável, será que seríamos algum dia capazes de sair deste lugar? A ideia de passar seja lá o que resta de minha vida neste cofre de pedra me deixa horrorizada. Eu quero sair correndo como uma louca e exigir ser liberada para encarar o que quer que haja acima de mim. É inútil. Eles jamais me deixariam sair, e eu poderia dar início a uma correria capaz de fazer com que pessoas fossem pisoteadas.

– Estamos tão fundo no subterrâneo que tenho certeza de que estamos em segurança – diz minha mãe sem muita firmeza. Será que ela está pensando em meu pai sendo lançado pelos ares depois da explosão nas minas? – Mas era imprevisível. Por sorte Peeta teve meios para nos alertar.

Os meios. Um termo geral que de alguma forma inclui tudo o que era necessário para ele soar o alarme. O conhecimento, a oportunidade, a coragem. E mais uma coisa que não consigo definir. Peeta parecia estar empreendendo uma espécie de batalha em sua mente, lutando para que a mensagem saísse. Por quê? A facilidade com a qual ele manipula as palavras é seu grande talento. Será que a dificuldade que ele teve foi resultado de tortura? De algo mais? Loucura, talvez?

A voz de Coin, quem sabe um pouquinho mais soturna, preenche o bunker, o volume do som oscilando com as luzes.

– Aparentemente, a informação de Peeta Mellark era correta e temos agora uma grande dívida de gratidão com ele. Os sensores indicam que o primeiro míssil não foi nuclear, mas bastante poderoso. Esperamos outros. Durante o ataque, os cidadãos devem permanecer nas áreas que lhes foram designadas a menos que sejam notificados para agirem de outra maneira.

Um soldado diz à minha mãe que ela está sendo requisitada na estação de primeiros socorros. Ela reluta em nos deixar, mesmo sabendo que estará a não mais do que trinta metros de distância de nós.

– Ficaremos bem, pode deixar – digo a ela. – Você acha que alguma coisa pode passar por esse aí? – Aponto para Buttercup, que mia para mim de um modo tão pouco entusiasmado que todos nós somos obrigados a rir um pouco. Até eu estou com pena dele. Depois que minha mãe sai, sugiro: – Por que você não sobe com ele, Prim?

– Sei que é besteira... mas tenho medo de que o beliche desabe em cima de nós dois durante o ataque – diz ela.

Se os beliches desabarem, o bunker inteiro terá cedido e enterrado todos nós, mas decido que esse tipo de lógica realmente não ajudará em nada. Ao contrário, tiro tudo do cubo de estocagem e faço uma cama para Buttercup dentro dele. Em seguida, coloco um colchão na frente dele para minha irmã e eu compartilharmos.

Em pequenos grupos, somos liberados para usar o banheiro e escovar os dentes, porém os banhos de chuveiro foram cancelados. Eu me enrosco com Prim no colchão, fazendo uma dupla camada de cobertores porque a caverna emite uma umidade friorenta. Buttercup, acabrunhado, mesmo com a constante atenção de Prim, aninha-se no cubo e exala hálito de gato na minha cara.

Apesar das condições desagradáveis, estou contente por ter tempo para ficar com minha irmã. Minha extrema preocupação desde que cheguei aqui – não, desde os primeiros Jogos, na realidade – impediu que eu desse a atenção necessária a ela. Não tenho cuidado dela da maneira que deveria, da maneira que eu costumava cuidar. Afinal de contas, foi Gale quem verificou nosso compartimento, não eu. Algo que preciso compensar de alguma maneira.

Percebo que jamais tive a preocupação de perguntar como ela está lidando com o choque de vir para cá.

– E aí, está gostando do 13, Prim? – pergunto.

– Nesse exato instante? – pergunta ela. Nós duas rimos. – Eu às vezes sinto muita falta de casa. Mas aí lembro que não sobrou nada para a gente sentir falta. Sinto-me mais segura aqui. A gente não precisa se preocupar com você aqui. Bom, pelo menos não da mesma maneira. – Ela faz uma pausa, e então um sorriso tímido lhe atravessa os lábios. – Acho que vão me treinar para ser médica.

É a primeira vez que eu ouço isso.

– Bom, é claro que vão. Eles seriam muito burros se não fizessem isso.

– Eles me observam quando ajudo no hospital. Já estou fazendo os cursos de medicina. É só coisa de iniciante. Já aprendi muito disso em casa. Mesmo assim, ainda tenho muita coisa a aprender – diz ela.

– Isso é ótimo – digo. Prim médica. Ela nem podia sonhar com algo assim no 12. Uma coisa pequena e silenciosa, como um fósforo sendo riscado, ilumina a sombra dentro de mim. Esse é o tipo de futuro que uma rebelião poderia proporcionar.

– E você, Katniss? Como é que você está se virando? – A ponta do dedo dela realiza movimentos curtos e delicados entre os olhos de Buttercup. – E não vai me dizer que você está bem.

É verdade. Seja lá qual for o oposto de bem, é exatamente assim que estou me sentindo. Então vou em frente e conto para ela sobre Peeta, sua deterioração na TV, e como penso que eles devem estar acabando com a vida dele neste exato momento. Buttercup precisa confiar em si mesmo por um tempo, porque Prim agora volta sua atenção para mim. Puxando-me para mais perto, acariciando os meus cabelos com os dedos. Parei de falar porque realmente não há mais nada a ser dito e há uma espécie de dor pungente onde meu coração se encontra. Talvez eu esteja tendo inclusive um ataque cardíaco, mas não parece algo que valha a pena ser mencionado.

– Katniss, não acho que o presidente Snow vai matar Peeta – diz ela. É claro que ela diz isso; é o que ela imagina que vai me acalmar. Mas suas palavras seguintes vêm como uma surpresa. – Se ele fizer isso, ele não vai ter mais ninguém que você queira. Ele não vai mais ter nenhuma forma de ferir você.

De repente, lembro de uma outra garota, uma que havia visto todo o mal que a Capital tinha a oferecer. Johanna Mason, a tributo do Distrito 7 na última arena. Eu estava tentando impedir que ela entrasse na selva onde os gaios tagarelas estavam imitando as vozes de pessoas queridas sendo torturadas, mas ela foi logo me cortando, dizendo: “Eles não podem me fazer nenhum mal. Não sou como vocês. Não há mais ninguém no mundo que eu ame.”

Então descubro que Prim tem razão, que Snow não pode se dar ao luxo de desperdiçar a vida de Peeta, principalmente agora que o Tordo está causando tanto tumulto. Ele já matou Cinna. Destruiu minha casa. Minha

família, Gale e até mesmo Haymitch estão fora de seu alcance. Peeta é tudo o que lhe resta.

– Então, o que você acha que vão fazer com ele? – pergunto.

Prim parece ter mil anos de vida quando responde:

– O que for necessário para quebrar você.

O que vai me quebrar?

Essa é a questão que me consome ao longo dos três dias seguintes, enquanto esperamos para ser libertados de nossa prisão de segurança. O que vai me quebrar em um milhão de pedacinhos de modo que eu fique além de qualquer possibilidade de conserto, além de qualquer possibilidade de utilização? Não menciono isso a ninguém, mas a questão devora minhas horas de vigília e se enreda por meus pesadelos.

Quatro outros mísseis de bunker são lançados durante esse período, todos eles imensos, todos eles bastante destrutivos, mas não há urgência no ataque. As bombas são espalhadas ao longo das intermináveis horas, de modo que justamente quando você pensa que o bombardeio acabou, mais uma explosão lança ondas de choque em suas entranhas. O ataque parece mais ter o intuito de nos manter confinados que de dizimar completamente o 13. Aleijar o distrito, sim. Obrigar as pessoas a ter muito o que fazer para que o lugar volte a funcionar. Mas destruí-lo? Não. Coin estava certa nesse ponto. Você não destrói o que deseja adquirir no futuro. Imagino que o que eles realmente desejam, a curto prazo, seja interromper os Assaltos Televisivos e me manter afastada das TVs de Panem.

Quase não recebemos informação a respeito do que está acontecendo. Nossas telas nunca estão ligadas, e recebemos apenas breves atualizações em áudio de Coin sobre a natureza das bombas. Certamente, a guerra ainda está em curso, mas estamos totalmente no escuro em relação às condições gerais das batalhas.

No interior do bunker, cooperação é a ordem do dia. Aderimos a uma rígida programação de refeições e banhos, exercício e sono. Pequenos períodos de socialização são liberados para aliviar o tédio. Nosso espaço torna-se bastante popular porque não só crianças como também adultos têm uma fascinação por Buttercup. Ele adquiriu status de celebridade com seu jogo noturno de Gato Louco. Criei isso por acaso alguns anos atrás, durante um blecaute de inverno. Você simplesmente move o raio de uma lanterna no chão e Buttercup tenta pegá-lo. Acho que isso faz com que ele pareça idiota. Inexplicavelmente, todos aqui o acham inteligente e adorável.

Ganho até um par de pilhas especiais – um enorme desperdício – para ser usado com esse propósito. Os cidadãos do 13 são verdadeiramente ávidos por diversão.

É na terceira noite, durante nosso joguinho, que respondo a pergunta que está me consumindo. O Gato Louco torna-se uma metáfora da minha situação. Eu sou Buttercup. Peeta, a coisa que quero tanto proteger, é a luz. No tempo durante o qual Buttercup sente que tem uma chance de pegar a luz elusiva com suas patas, ele fica com o pelo eriçado de tanta agressividade. (É assim que tenho estado desde que saí da arena, com Peeta vivo.) Quando as luzes se apagam totalmente, Buttercup fica temporariamente irritado e confuso, mas se recupera e começa a fazer outras coisas. (É isso que aconteceria se Peeta morresse.) Mas a única coisa que faz com que Buttercup perca inteiramente o controle é deixar a luz acesa, porém totalmente fora de seu alcance, bem no alto da parede, fora inclusive do alcance de seus habilidosos saltos. Ele corre de um lado para o outro pela parede, choraminga e não consegue se conformar ou se distrair. Ele fica apático até que eu apague as luzes. (Isso é o que Snow está tentando fazer comigo agora, só que não sei qual é a forma do jogo dele.)

Talvez essa minha percepção seja tudo de que Snow necessita. Pensar que Peeta está em suas mãos e sendo torturado para revelar informações dos rebeldes é ruim. Mas pensar que ele está sendo torturado especificamente para me incapacitar é insuportável. E é sob o peso dessa revelação que começo a ser verdadeiramente quebrada.

Depois do Gato Louco, somos dirigidos a nossas camas. A energia vai e vem; às vezes as luminárias ficam totalmente acesas, em outras, somos obrigados a estreitar os olhos no breu. Na hora de dormir, eles colocam as luminárias em estado de quase escuridão e acionam as luzes de segurança em cada espaço. Prim, que decidiu que as paredes permanecerão firmes, está aconchegada em Buttercup no beliche inferior. Minha mãe está no superior. Eu me ofereço para pegar um beliche, mas elas insistem para que eu fique no colchão do chão, já que me debato demais quando estou dormindo.

Não estou me debatendo agora, já que meus músculos estão rígidos devido à tensão para me manter controlada. A dor em meu coração retorna, e imagino diminutas fissuras espalhando-se a partir dele pelo meu corpo. Por meu torso, braços e pernas, pelo meu rosto, marcando-o com as

rachaduras. Uma boa sacudida de um míssil de bunker e eu poderia me despedaçar em incontáveis cacos afiados.

Quando a maioria inquieta e agitada adormece, me solto cuidadosamente do cobertor e ando na pontinha dos pés pela caverna até encontrar Finnick, sentindo, por algum motivo não especificado, que ele irá compreender. Ele está sentado sob a luz de segurança em seu espaço, fazendo um nó em sua corda, nem mesmo fingindo descansar. Enquanto sussurro minha descoberta do plano de Snow para me quebrar, uma ideia me ocorre. Essa estratégia é notícia velha demais para Finnick. Foi isso que o quebrou.

– É isso que estão fazendo com você, usando a Annie, não é? – pergunto.

– Bom, eles não a prenderam porque pensavam que ela fosse uma rica fonte de informações sobre os rebeldes – diz ele. – Eles sabem que eu nunca teria corrido o risco de contar para ela qualquer coisa desse tipo. Para própria proteção dela.

– Oh, Finnick. Sinto muito – digo.

– Não, eu é que sinto muito. Por não ter conseguido, de uma forma ou de outra, alertar você sobre isso – diz ele.

De repente, uma lembrança aflora. Estou amarrada a uma cama, louca de raiva e pesar depois do resgate. Finnick está tentando me consolar em relação a Peeta. "Eles vão entender muito rápido que ele não sabe nada. E eles não vão matá-lo se acharem que podem usá-lo contra você."

– Mas você me alertou, sim. No aerodeslizador. Só que quando você disse que eles usariam Peeta contra mim, pensei que quisesse dizer que a coisa funcionaria como uma isca. Para me atrair de alguma maneira para dentro da Capital – digo.

– Eu não devia nem ter dito isso. Era tarde demais para ter alguma serventia para você. Como eu não tinha lhe alertado antes do Massacre Quaternário, devia ter ficado calado sobre a maneira como Snow funciona. – Finnick dá um puxão na extremidade de sua corda e um intricado nó transforma-se novamente numa linha reta. – É que eu não entendia tudo muito bem quando lhe conheci. Depois da primeira vez que você participou dos Jogos Vorazes, pensei que o romance fosse uma encenação que você tinha inventado. Todos nós esperávamos que você fosse continuar com essa estratégia. Mas foi só quando Peeta deu de cara com aquele campo de força e quase morreu que eu... – Finnick hesita.

Relembro a arena. Como solucei quando Finnick reviveu Peeta. O olhar de quem não estava entendendo nada no rosto de Finnick. O modo como ele perdoou meu comportamento, botando a culpa em minha suposta gravidez.

– Que você o quê?

– Que eu soube que tinha julgado você de maneira equivocada. Que você realmente o ama. Não estou dizendo de que modo isso acontece. De repente nem você mesma sabe. Mas qualquer pessoa que preste atenção consegue ver o quanto você gosta dele – diz ele, com delicadeza.

Qualquer pessoa? Na visita de Snow antes da Turnê da Vitória, ele me desafiou a apagar quaisquer dúvidas de meu amor por Peeta. "Convença a mim", disse Snow. Ao que parece, sob aquele céu quente e cor-de-rosa com a vida de Peeta no limbo, eu finalmente o convenci. E ao fazê-lo, dei a ele a arma de que precisava para me quebrar.

Finnick e eu ficamos sentados em silêncio por um longo tempo, observando os nós surgindo e desaparecendo, até eu finalmente conseguir perguntar:

– Como é que você suporta?

Finnick olha para mim com a descrença estampada no rosto.

– Eu não suporto, Katniss! Eu obviamente não suporto. Eu me arrasto dos pesadelos todas as manhãs e descubro que não há nenhum alívio em estar acordado. – Algo em minha expressão faz com que ele interrompa o discurso. – É melhor não ceder a isso. É dez vezes mais demorado se recuperar da crise do que entrar nela.

Bom, ele deve saber. Respiro fundo, forçando-me a manter intacta a minha integridade física e moral.

– Quanto mais você conseguir se distrair, melhor – diz ele. – A primeira coisa que a gente vai fazer amanhã é providenciar uma corda para você. Até lá, pode ficar com a minha.

Passo o resto da noite em meu colchão fazendo nós obsessivamente, erguendo-os para a inspeção de Buttercup. Se algum deles parece suspeito, ele o acerta em pleno ar e lhe dá algumas dentadas até se certificar de que está morto. De manhã, meus dedos estão doendo, mas continuo insistindo.

Com vinte e quatro horas de tranquilidade atrás de nós, Coin finalmente anuncia que podemos deixar o bunker. Nossos antigos aposentos foram destruídos pelos bombardeios. Todos devem seguir orientações precisas sobre como chegar a seus novos compartimentos. Limpamos nosso

espaço de acordo com a orientação, e seguimos em fila obedientemente até a porta.

Antes que eu chegue na metade do caminho, Boggs aparece e me tira da fila. Ele faz um sinal para que Gale e Finnick se juntem a nós. Pessoas se afastam para nos deixar passar. Algumas inclusive sorriem para mim, já que a brincadeira do Gato Louco parece ter feito com que eu parecesse ainda mais adorável aos olhos delas. Passamos pela porta, subimos a escada, percorremos o corredor até um dos elevadores multidirecionais e finalmente chegamos à Defesa Especial. Nada ao longo de nosso percurso foi destruído, mas ainda estamos numa profundidade muito grande.

Boggs nos guia até o interior de uma sala virtualmente idêntica ao Comando. Coin, Plutarch, Haymitch, Cressida e todos os outros ao redor da mesa parecem exaustos. Alguém finalmente mudou as regras em relação ao café – embora eu tenha certeza de que ele é visto apenas como um estimulante emergencial –, e Plutarch está com ambas as mãos apertadas em volta de sua xícara como se a qualquer momento ela pudesse lhe ser retirada.

Vão direto ao assunto:

– Precisamos de vocês quatro equipados e acima da superfície – diz a presidenta. – Vocês têm duas horas para realizar tomadas que mostrem os estragos feitos pelos bombardeios, definir que as unidades militares do 13 continuam não apenas funcionais como também mantêm domínio da situação e, o mais importante, que o Tordo ainda está vivo. Alguma pergunta?

– Podemos tomar um café? – pergunta Finnick.

Xícaras fumegantes são entregues. Olho para o brilhante líquido preto sem demonstrar nenhum prazer, já que jamais fui muito fã da bebida, mas pensando que talvez ela possa me ajudar a me manter de pé. Finnick joga um pouco de creme na minha xícara e pega o açucareiro.

– Quer um cubinho de açúcar? – pergunta ele com sua antiga voz sedutora. Foi assim que nos conhecemos, com Finnick me oferecendo açúcar. Cercados por cavalos e carruagens, vestidos e pintados para a multidão, antes de nos tornarmos aliados. Antes que eu pudesse fazer a menor ideia do que o motivava. A lembrança coloca um sorriso em meu rosto. – Aqui, o gosto fica bem melhor – diz ele com sua verdadeira voz, botando três cubos na minha xícara.

Assim que me viro para sair e vestir meu traje de Tordo, me dou conta de que Gale está observando a mim e a Finnick com um olhar de infelicidade. O que é agora? Será que ele pensa que existe alguma coisa acontecendo entre nós? Talvez ele tenha me visto indo para o espaço de Finnick ontem à noite. Devo ter passado pelo espaço dos Hawthorne para chegar lá. Acho que provavelmente ele não viu a coisa com bons olhos. Procurei a companhia de Finnick ao invés da dele. Bom, que ótimo. Estou com queimaduras de corda em meus dedos, mal consigo manter os olhos abertos e uma equipe de cinegrafistas está esperando que eu faça alguma coisa brilhante. E Snow está com Peeta. Gale pode pensar o que bem entender.

Na minha nova Sala de Transformação, na Defesa Especial, minha equipe de preparação me enfia no traje de Tordo, penteia meus cabelos e aplica o mínimo de maquiagem antes mesmo de o café esfriar. Em dez minutos, o elenco e a equipe do próximo pontoprop estão percorrendo o circuito em direção ao exterior. Engulo o café enquanto seguimos viagem, descobrindo que o creme e o açúcar melhoram acentuadamente o sabor. Enquanto boto para dentro o que restou de líquido no fundo da xícara, sinto um ligeiro zumbido começando a correr por minhas veias.

Depois de subir uma última escada, Boggs atinge uma alavanca que abre um alçapão. Ar fresco sopra do exterior. Absorvo largas golfadas e pela primeira vez me permito sentir o quanto eu odiava o bunker. Emergimos na floresta, e minhas mãos passam pelas folhas sobre a minha cabeça. Algumas estão apenas começando a mudar de cor.

– Que dia é hoje? – pergunto a ninguém em particular. Boggs me diz que setembro começa na semana seguinte.

Setembro. Isso significa que Snow está com as garras em Peeta há cinco, quem sabe seis, semanas. Examino uma folha na palma da mão e vejo que estou tremendo. Não consigo fazer com que o meu corpo pare. Culpo o café e tento me concentrar para diminuir a intensidade da respiração, que está rápida demais para o meu ritmo.

Destroços começam a se revelar em grande quantidade no solo da floresta. Chegamos à primeira cratera, trinta metros de largura e não sei dizer quantos metros de profundidade. Muitos. Boggs diz que qualquer pessoa nos primeiros dez níveis provavelmente teria morrido. Contornamos o fosso e seguimos.

– Vocês conseguem reconstruir isso? – pergunta Gale.

– Vai demorar um bom tempo. Aquele lugar ali não tinha muita coisa. Alguns geradores e uma fazenda de avicultura – diz Boggs. – A gente vai lacrar e pronto.

As árvores desaparecem à medida que entramos na área no interior da cerca. As bordas das crateras estão repletas de uma mistura de detritos novos e velhos. Antes do bombardeio, quase nada do atual 13 ficava acima da superfície. Algumas guaritas. A área de treinamento. Mais ou menos uns trinta centímetros do piso superior de nosso edifício – onde a janela de Buttercup se projeta – com vários metros de aço em cima. Nem mesmo isso deveria suportar mais do que um ataque superficial.

– Quanto tempo o aviso do garoto deu a vocês? – pergunta Haymitch.

– Mais ou menos dez minutos antes de nossos próprios sistemas detectarem os mísseis – diz Boggs.

– Mas ajudou, certo? – pergunto. Não vou conseguir suportar se ele disser não.

– Com toda a certeza – responde Boggs. – A evacuação dos civis foi completa. Segundos são de suma importância quando você está sendo atacado. Dez minutos significaram vidas salvas.

Prim, eu acho. E Gale. Eles estavam no bunker apenas alguns minutos antes de o primeiro míssil nos atingir. Peeta pode muito bem tê-los salvo. Acrescente os nomes deles à lista de coisas que jamais deixarei de dever a ele.

Cressida tem a ideia de me filmar em frente às ruínas do antigo Edifício da Justiça, o que parece até uma piada, já que a Capital o tem utilizado como pano de fundo para transmissões de notícias falsas há anos, para mostrar que o distrito não existe mais. Agora, com o ataque recente, o Edifício de Justiça está a mais ou menos dez metros da borda de uma nova cratera.

Assim que nos aproximamos do que era antes a grandiosa entrada do prédio, Gale aponta algo e o grupo todo diminui o passo. De início, não sei qual é o problema, mas então vejo que o piso está carregado de rosas recém-colhidas, vermelhas e cor-de-rosa.

– Não toquem nelas! – berro. – Elas são para mim!

O enjoativo cheiro adocicado atinge o meu nariz, e meu coração começa a martelar no peito. Então eu não estava imaginando coisas. A rosa em meu vestíbulo. Diante de mim encontra-se a segunda encomenda de Snow. Lindas rosas vermelhas e cor-de-rosa com longos caules, as próprias

flores que decoravam o set onde Peeta e eu demos nossa entrevista pós-vitória. Flores não para uma pessoa, mas para um casal de amantes.

Explico aos outros da melhor forma possível. Após uma inspeção, elas parecem flores inofensivas, talvez geneticamente aprimoradas. Duas dúzias de rosas. Ligeiramente murchas. Muito provavelmente jogadas após o último bombardeio. Uma equipe com roupas especiais as recolhe e as leva para longe. Entretanto, tenho certeza de que eles não encontrarão nada de extraordinário nelas. Snow sabe exatamente o que está fazendo comigo. É como ver Cinna sendo agredido brutalmente do meu tubo para transporte de tributos. Projetado para me deixar desequilibrada.

Como naquele momento, tento reunir minhas forças e reagir. Mas assim que Cressida posiciona Castor e Pollux, sinto minha ansiedade crescendo. Estou muito cansada, pilhada demais, e totalmente incapaz de manter a mente em qualquer coisa que não seja Peeta, depois que vi as rosas. O café foi um erro enorme. O que eu não precisava era de um estimulante. Meu corpo treme visivelmente e tenho a sensação de que não consigo respirar. Depois de dias no bunker, preciso estreitar os olhos independentemente de para qual direção me vire, e as luzes doem. Mesmo na brisa fria, suor escorre pelo meu rosto.

– E aí, o que exatamente vocês precisam que eu faça mesmo? – pergunto.

– Só umas frases curtinhas que mostrem que você está viva e ainda lutando – diz Cressida.

– Tudo bem. – Eu me posiciono e então olho diretamente a luz vermelha. Olhando. Olhando. – Desculpe, não tenho nada a dizer.

Cressida vai até onde estou.

– Você está se sentindo bem? – Aceno que sim com a cabeça. Ela tira um pequeno pedaço de tecido do bolso e enxuga meu rosto. – Que tal a gente fazer o velho esquema pergunta e resposta?

– Beleza. Isso ajuda, acho. – Cruzo os braços para esconder o tremor. Olho de relance para Finnick, que levanta o polegar para mim. Mas ele próprio parece estar bem trêmulo.

Cressida está posicionada novamente.

– E então, Katniss. Você sobreviveu ao bombardeio que a Capital infligiu ao 13. Como ele pode ser comparado ao que você experimentou no 8?

– Dessa vez estávamos muito no subterrâneo, não havia um perigo real. O 13 está vivo e bem, assim como... – Minha voz fica embargada, com uma sonoridade seca e estridente.

– Tenta falar a frase de novo – diz Cressida. – O 13 está vivo e bem, assim como eu.

Respiro fundo, tentando forçar a entrada de ar em meu diafragma.

– O 13 está vivo assim como... – Não, está errado.

Juro que ainda consigo sentir o cheiro daquelas rosas.

– Katniss, só essa frase e chega por hoje. Prometo – diz Cressida. – O 13 está vivo e bem, assim como eu.

Balanço os braços para me soltar um pouco. Coloco os punhos na cintura. Então os deixo cair. Minha boca está ficando com uma quantidade ridícula de saliva e sinto vômito no fundo da garganta. Engulo com força e abro a boca para fazer com que a droga da frase saia e eu possa ir me esconder na floresta e... é então que começo a chorar.

É impossível ser o Tordo. Impossível completar até mesmo essa única sentença. Porque agora sei que tudo que disser recairá diretamente sobre Peeta. Resultará em tortura para ele. Mas não na morte dele, não, nada tão misericordioso como isso. Snow garantirá que a vida dele seja muito pior do que a morte.

– Corta – ouço Cressida falar calmamente.

– Qual é o problema com ela? – diz Plutarch entre os dentes.

– Ela percebeu como Snow está usando Peeta – diz Finnick.

Há algo parecido com um suspiro coletivo de lamentação, emitido pelo semicírculo de pessoas espalhadas diante de mim. Porque agora estou ciente disso. Porque jamais haverá uma maneira de não voltar a estar ciente disso. Porque, além da desvantagem militar que a perda de um Tordo acarreta, estou quebrada.

Diversos pares de braços me abraçariam. Mas, no fim das contas, a única pessoa que realmente quero que me console é Haymitch, porque ele também ama Peeta. Eu me aproximo dele e digo algo como seu nome e lá está ele, me abraçando e dando um tapinha nas minhas costas.

– Está tudo bem. Vai ficar tudo bem, queridinha. – Ele me coloca sentada em cima de um pilar de mármore e continua me abraçando enquanto soluço.

– Eu não consigo mais fazer isso – digo.

– Eu sei – diz ele.

– Eu só consigo pensar no que... ele vai fazer com o Peeta... por eu ser o Tordo! – extravaso.

– Eu sei. – Haymitch me abraça com mais intensidade.

– Você viu? Você viu como ele agiu de modo estranho? O que eles estão... fazendo com ele? – Estou arfando em busca de ar entre um soluço e outro, mas consigo articular uma última frase. – Foi culpa minha! – E então começo a me expressar no limite da histeria, sinto uma agulha no meu braço e o mundo começa a girar até sumir de vez.

Seja lá o que for que eles me injetaram, deve ter sido forte, porque só recobro os sentidos depois de um dia inteiro. Todavia, meu sono não foi tranquilo. Tenho a sensação de estar emergindo de um mundo repleto de locais sombrios e assustadores por onde viajava sozinha. Haymitch está sentado na cadeira ao lado da minha cama, a pele pálida, os olhos vermelhos. Eu me lembro de Peeta e começo a tremer novamente.

Haymitch se aproxima de mim e aperta meu ombro.

– Está tudo bem. Vamos tentar libertar o Peeta.

– O quê? – Isso não faz sentido.

– Plutarch está enviando uma equipe de resgate. Ele tem um pessoal infiltrado. Ele acha que conseguimos tirar Peeta de lá com vida – diz ele.

– Por que a gente não fez isso antes? – pergunto.

– Porque é custoso. Mas todos concordam que isso é a coisa a ser feita. É a mesma escolha que fizemos na arena. Fazer tudo o que for possível para que você siga em frente. Não podemos perder o Tordo agora. E você não consegue fazer sua parte a menos que saiba que Snow não vai poder descontar em Peeta. – Haymitch me oferece uma xícara. – Tome, beba um pouco.

Eu me sento lentamente e tomo um gole da água.

– O que você quer dizer com custoso?

Ele dá de ombros.

– Os disfarces vão pelos ares. Pessoas podem morrer. Mas não se esqueça que elas estão morrendo todos os dias. E não é só Peeta; nós também vamos tirar Annie de lá, por causa do Finnick.

– Onde é que ele está? – pergunto.

– Atrás daquela tela, dormindo por conta do sedativo. Ele ficou enlouquecido logo depois que a gente nocauteou você – diz Haymitch. Eu sorrio ligeiramente, e me sinto um pouquinho menos fraca. – Pode crer. O remédio é excelente mesmo. Com vocês dois imprestáveis, sobrou para o

Boggs organizar a missão de resgate de Peeta. Estamos oficialmente passando só reprises.

– Bom, se Boggs está liderando a missão, já é um bom indício – digo.

– Ah, ele está comandando a operação. Era para ser apenas com voluntários, mas ele fingiu não reparar quando balancei a mão no ar – diz Haymitch. – Está vendo? Ele já demonstrou uma boa capacidade de julgamento.

Tem alguma coisa errada. Haymitch está tentando me entusiasmar de um modo um pouco exagerado. Esse não é bem o estilo dele.

– E aí, quem mais se apresentou como voluntário?

– Acho que foram sete ao todo – diz ele, evasivamente.

Estou com um pressentimento ruim na boca do estômago.

– Quem mais, Haymitch? – insisto.

Haymitch finalmente abandona a encenação bem-intencionada.

– Você sabe quem mais, Katniss. Você sabe quem foi o primeiro a se apresentar.

É claro que sei.

Gale.

Pode ser que hoje eu perca os dois.

Tento imaginar um mundo onde as vozes de Gale e Peeta tenham deixado de existir. Em que suas mãos estejam inertes. Seus olhos fechados. Estou de pé em cima de seus corpos, dando uma última olhada, saindo da sala onde estão deitados. Mas quando abro a porta para pisar no mundo, a única coisa que existe é um tremendo vazio. Um nada cinzento e pálido que é tudo o que me espera no futuro.

– Você quer que eu peça para eles lhe darem um sedativo até que tudo esteja terminado? – pergunta Haymitch. Ele não está brincando. Esse é um homem que passou a vida adulta no fundo de uma garrafa, tentando se anestesiar contra os crimes perpetrados pela Capital. O garoto de dezesseis anos de idade que venceu o segundo Massacre Quaternário deve ter tido pessoas a quem amou, familiares, amigos, uma paixão, quem sabe, e que lutou para rever. Onde estão essas pessoas agora? Como é possível que, até o momento em que Peeta e eu fomos jogados em cima dele, não tenha havido absolutamente ninguém em sua vida? O que Snow fez com essas pessoas?

– Não – digo. – Quero ir para a Capital. Quero fazer parte da missão de resgate.

– Eles já foram – diz Haymitch.

– Há quanto tempo eles saíram? Posso alcançá-los. Eu posso... – O quê?! O que posso fazer?

Haymitch balança a cabeça.

– Não há a menor chance de isso acontecer. Você é valiosa demais e vulnerável demais. Havia uma ideia de mandá-la para outro distrito para desviar a atenção da Capital enquanto o resgate ocorria. Mas ninguém achou que você pudesse lidar com isso.

– Por favor, Haymitch! – Agora estou implorando. – Preciso fazer alguma coisa. Não posso ficar aqui sentada esperando ouvir se eles morreram ou não. Deve ter alguma coisa que eu possa fazer!

– Tudo bem. Deixe-me falar com Plutarch. Fique quietinha aí. – Mas eu não consigo. Os passos de Haymitch ainda estão ecoando no corredor

externo quando me insiro na fenda da cortina divisória e encontro Finnick de bruços esparramado na cama, mãos contorcidas no travesseiro. Embora seja uma atitude covarde (até mesmo cruel) despertá-lo de sua sombria e muda paisagem entorpecida para trazê-lo de volta à bruta realidade, sigo em frente e faço isso porque não consigo suportar encarar tudo sozinha.

Enquanto explico a situação, a agitação inicial dele reduz-se misteriosamente.

– Você não vê, Katniss? Isso vai decidir tudo. De um jeito ou de outro. No fim do dia, ou eles estarão mortos ou estarão aqui conosco. É mais do que... é mais do que a gente poderia sonhar!

Bom, essa é uma visão aprazível de nossa situação. E ainda assim, há algo tranquilizador na ideia de que esse tormento pode vir a terminar.

A cortina é afastada e lá está Haymitch. Ele tem um serviço para nós dois, se conseguirmos nos controlar. Eles ainda precisam de tomadas do 13 após o bombardeio.

– Se a gente conseguir esse material nas próximas horas, Beetee pode colocar isso no ar até o momento do resgate, e de repente até desvia a atenção da Capital para outros pontos.

– Sim, uma distração – diz Finnick. – Meio que um chamariz.

– O que a gente realmente precisa é de uma coisa que seja tão atraente que nem mesmo o presidente Snow seria capaz de ignorar. Vocês têm algo assim? – pergunta Haymitch.

Realizar um serviço que pode vir a ajudar a missão me deixa ligada. Enquanto ponho o café da manhã para dentro e me preparo, tento pensar no que poderia dizer. O presidente Snow deve estar imaginando como aquele piso salpicado de sangue e suas rosas está me afetando. Se ele quer me ver quebrada, então terei de estar inteira. Mas não acho que vou convencê-lo de coisa alguma gritando algumas frases de efeito desafiadoras diante das câmeras. Rompantes têm vida curta. São as histórias que duram.

Não sei se isso vai funcionar, mas quando a equipe de TV está toda reunida na superfície, pergunto a Cressida se ela não podia começar me perguntando aguma coisa sobre Peeta. Sento em cima do pilar de mármore caído, onde tive minha crise nervosa, e fico esperando a luz vermelha e a pergunta de Cressida.

– Como você conheceu Peeta?

E então faço aquilo que Haymitch queria desde a minha primeira entrevista. Me abro.

– Quando conheci Peeta, eu tinha onze anos e estava quase morta. – Falo sobre aquele dia horrível em que tentei vender as roupas de bebê na chuva, de como a mãe de Peeta me enxotou da porta da padaria e de como ele levou uma surra por ter me levado os pães que salvaram as nossas vidas. – Nós nunca havíamos nem conversado um com o outro. A primeira vez na vida em que falei com Peeta foi no trem, indo para os Jogos.

– Mas ele já estava apaixonado por você – diz Cressida.

– Acho que sim. – Dou um leve sorriso.

– Como é que vocês estão lidando com a separação? – pergunta ela.

– Não muito bem. Sei que a qualquer momento Snow pode acabar com a vida dele. Principalmente depois de ele ter alertado o 13 do bombardeio. É terrível conviver com uma coisa assim – digo. – Mas justamente por causa de tudo pelo que ele tem sido obrigado a passar, não tenho mais nenhuma reserva em fazer o que quer que seja necessário para destruir a Capital. Finalmente estou livre. – Levanto os olhos para o céu e observo o voo de um gavião. – O presidente Snow uma vez admitiu que a Capital era frágil. Na época, não entendi o que aquilo significava. Era difícil ver com clareza porque eu tinha muito medo. Agora não tenho mais. A Capital é frágil porque depende dos distritos para tudo. Comida, energia, até mesmo para recrutar os Pacificadores que nos policiam. Se proclamarmos nossa liberdade, a Capital entra em colapso. Presidente Snow, graças a você, estou oficialmente proclamando a minha hoje.

Minha atuação, se não foi esfuziante, foi suficiente. Todos amam a história dos pães. Mas é minha mensagem ao presidente Snow que faz com que as rodas no cérebro de Plutarch comecem a girar. Ele convoca Finnick e Haymitch às pressas e eles têm uma conversa breve, porém intensa, e posso ver que Haymitch não está nem um pouco contente. Plutarch parece vencer a discussão – Finnick está pálido, mas balançando a cabeça e concordando ao final.

Quando Finnick se move para tomar meu lugar diante da câmera, Haymitch diz a ele.

– Você não é obrigado a fazer isso.

– Sou, sim. Se for para ajudá-la. – Finnick embola a corda que está em sua mão. – Estou pronto.

Não sei o que esperar. Uma história de amor com Annie? Um relato dos abusos no Distrito 4? Mas Finnick Odair toma um rumo completamente diferente.

– O presidente Snow costumava... me vender... ou seja, vender meu corpo. – Finnick começa num tom neutro, remoto. – Não fui o único. Se um vitorioso é considerado desejável, o presidente o dá como recompensa ou permite que as pessoas o comprem por uma quantidade exorbitante de dinheiro. Se você se recusa, ele mata alguém que você ama. Então você aceita.

Então isso explica tudo. O desfile de amantes de Finnick na Capital. Não se tratava exatamente de amantes no sentido real do termo. Apenas pessoas como Cray, nosso antigo Pacificador Chefe, que comprava garotas desesperadas para devorá-las e descartá-las simplesmente porque podia fazer isso. Eu queria interromper a gravação e pedir perdão a Finnick por todos os pensamentos falsos que tive em relação a ele desde que o conheci. Mas temos um serviço a fazer, e sinto que o papel de Finnick será bem mais efetivo que o meu.

– Não fui o único, mas fui o mais popular – diz ele. – E talvez o mais indefeso, porque as pessoas que eu amava também eram. Para que elas se sentissem melhor, meus patrões me davam presentes em dinheiro ou joias, mas descobri uma forma de pagamento muito mais valiosa.

Segredos, imagino. Essa era a forma de pagamento que Finnick recebia de seus amantes, só que eu imaginava que o acordo houvesse sido definido por ele.

– Segredos – diz ele, ecoando meus pensamentos. – E é aí que vai querer ficar sintonizado, presidente Snow, porque muitos deles eram a seu respeito. Mas vamos começar com alguns dos outros.

Finnick começa a tecer uma tapeçaria tão rica em detalhes que não é possível duvidar de sua autenticidade. Narrativas que giram em torno de apetites sexuais excêntricos, traições amorosas, ganância sem fim e sangrentos jogos de poder. Segredos embriagados, sussurrados em úmidos travesseiros na calada da noite. Finnick era alguém comprado e vendido. Um escravo de distrito. Um belo escravo, certamente, mas de fato inofensivo. A quem ele contaria? E quem acreditaria nele se o fizesse? Mas alguns segredos são deliciosos demais para não serem compartilhados. Não conheço as pessoas que Finnick está nomeando – todas parecem ser proeminentes cidadãos da Capital –, mas compreendo, só de ouvir as fofocas da minha equipe de preparação, a atenção que o mais suave deslize de julgamento pode acarretar. Se um penteado feio pode levar a horas de fofoca, o que não produzirão acusações de incesto, punhaladas pelas costas,

chantagens e incêndios criminosos? Mesmo com as ondas de choque e recriminação rolando pela Capital, seus residentes estarão esperando, como estou agora, ouvir o que o presidente tem a dizer.

– E agora, chegamos a nosso bom presidente Coriolanus Snow – diz Finnick. – Um homem tão jovem quando alçado ao poder. E tão sagaz em mantê-lo. Como, vocês devem estar se perguntando, ele conseguiu isso? Uma palavra. Isso é tudo o que vocês realmente precisam saber. Veneno. – Finnick rememora a ascensão política de Snow, sobre a qual eu não sei nada, e segue até sua chegada à presidência, apontando caso após caso das misteriosas mortes dos adversários dele ou, pior ainda, de seus aliados que tinham o potencial para se tornarem ameaças. Pessoas caindo mortas em algum banquete ou transformando-se lenta e inexplicavelmente em sombras ao longo de meses. A culpa atribuída a frutos do mar estragados, algum vírus elusivo ou alguma negligenciada fraqueza na aorta. Snow bebia ele próprio das taças envenenadas para evitar suspeitas. Mas antídotos nem sempre funcionam. Dizem que é por isso que ele usa as rosas com cheiro forte de perfume. Dizem que é para encobrir o aroma de sangue das feridas que ele tem na boca e que jamais irão sarar. Dizem, dizem, dizem... Snow possui uma lista e ninguém sabe quem será o próximo.

Veneno. A arma perfeita para uma cobra.

Como minha opinião acerca da Capital e de seu nobre presidente já estão tão em baixa, não posso dizer que as alegações de Finnick tenham me deixado chocada. Elas parecem fazer muito mais efeito nos rebeldes exilados da Capital, como o pessoal da minha equipe, e em Fulvia – até Plutarch reage ocasionalmente com surpresa, talvez imaginando como uma determinada fofoca pode ter lhe passado despercebida. Quando Finnick termina, eles deixam as câmeras ligadas até que, finalmente, ele próprio acaba dizendo:

– Corta.

A equipe corre para editar o material, e Plutarch puxa Finnick para uma conversinha, provavelmente para ver se ele tem mais alguma história. Sou deixada com Haymitch em meio aos destroços, imaginando se o destino de Finnick poderia ter sido também o meu. Por que não? Snow podia ter conseguido um preço realmente muito bom por uma garota em chamas.

– Foi isso que aconteceu com você? – pergunto a Haymitch.

– Não. Minha mãe e meu irmão mais novo. Minha namorada. Todos eles foram mortos duas semanas depois que fui coroado vitorioso. Por causa da minha proeza com o campo de força – responde ele. – Snow não tinha ninguém para usar contra mim.

– Fico surpresa por ele não o ter simplesmente matado – digo.

– Ah, não. Eu era um exemplo a ser seguido pelos jovens Finnicks e Johannas e Cashmeres. Eu sinalizava o que poderia acontecer com um vitorioso que causava problemas – diz Haymitch. – Mas ele sabia que não tinha nenhum poder sobre mim.

– Até eu e Peeta aparecermos – digo suavemente. Não recebo nem um dar de ombros em retribuição.

Com nosso serviço realizado, a única coisa que resta a mim e a Finnick é esperar. Tentamos preencher os minutos arrastados na Defesa Especial. Fazemos nós. Remexemos nossas tigelas de almoço. Lançamos coisas em um alvo. Em função do perigo de detecção, nenhuma comunicação chega da equipe de resgate. Às 15:00, a hora designada, estamos tensos e calados nos fundos de uma sala cheia de telas e computadores, e observamos enquanto Beetee e sua equipe tentam se apoderar das transmissões. Sua costumeira distração inquieta é substituída por uma determinação que jamais vi nele. Grande parte da minha entrevista nem chega a ser editada, apenas o suficiente para mostrar que estou viva e ainda na luta. A estrela do dia é o relato picante e repelente que Finnick faz da Capital. Será que a habilidade de Beetee está se aprimorando? Ou será que sua contraparte na Capital está fascinada demais para querer retirar Finnick do ar? Pelos sessenta minutos seguintes, a transmissão da Capital alterna-se entre o noticiário vespertino padrão, Finnick, e tentativas de interromper a transmissão toda. Mas a equipe de tecnologia dos rebeldes consegue impedir até mesmo essa última tentativa de censura e, num verdadeiro golpe, assume o controle durante quase todo o ataque a Snow.

– Deixa passar! – diz Beetee, levantando as mãos, liberando a transmissão da Capital. Ele enxuga o rosto com um pedaço de pano. – Se eles ainda não saíram de lá, estão todos mortos. – Ele gira em sua cadeira para ver Finnick e eu reagindo a suas palavras. – Mas o plano foi bom. Plutarch mostrou para vocês?

É claro que não. Beetee nos leva até uma outra sala e nos mostra como a equipe, com a ajuda de rebeldes infiltrados, tentará libertar os vitoriosos de uma prisão subterrânea. Parece que a operação envolveu a disseminação

de gás paralisante pelo sistema de ventilação, o corte da energia elétrica, a detonação de uma bomba no prédio do governo situado a vários quilômetros da prisão e, agora, a transmissão via TV. Beetee fica contente por acharmos o plano difícil de entender, porque, sendo assim, nossos inimigos acharão a mesma coisa.

– Tipo aquela sua armadilha de eletricidade na arena? – digo.

– Exatamente. E você viu como aquilo funcionou bem? – diz Beetee.

Bom... para ser honesta, não vi, não, penso.

Finnick e eu tentamos ficar no Comando, para onde certamente convergirão as primeiras notícias do resgate, mas somos barrados porque sérios assuntos de guerra estão sendo discutidos no local. Nos recusamos a sair da Defesa Especial e acabamos esperando por notícias na sala dos beija-flores.

Fazendo nós. Fazendo nós. Mudos. Fazendo nós. Tique-taque. Isso é um relógio. Não pense em Gale. Não pense em Peeta. Fazendo nós. Não queremos jantar. Dedos em carne viva e sangrando. Finnick finalmente desiste e assume a posição curvada que usou na arena quando os gaios tagarelas atacaram. Aperfeiçoo meu nó em miniatura. As palavras de "A árvore-forca" se repetem na minha cabeça. Gale e Peeta. Peeta e Gale.

– Você se apaixonou de cara pela Annie, Finnick? – pergunto.

– Não. – Um longo tempo decorre antes dele acrescentar: – Ela foi me cercando aos poucos.

Vasculho meu coração, mas, no momento, a única pessoa que eu tenho a sensação de estar me cercando é Snow.

Deve ser meia-noite, deve ser o dia seguinte quando Haymitch abre a porta e diz:

– Eles voltaram. Estão precisando da gente no hospital. – Minha boca se abre com uma torrente de perguntas que ele corta de imediato com um: – Isso é tudo o que sei.

Quero correr, mas Finnick está agindo de um modo muito estranho, como se tivesse perdido a habilidade de se mover, então pego a mão dele e o conduzo como a uma criança pequena. Através da Defesa Especial, para dentro do elevador que vai em todas as direções e até a ala do hospital. O local está um caos, com médicos gritando e feridos sendo empurrados em suas camas pelos corredores.

Somos atingidos de raspão por uma cama com rodinhas onde está deitada uma jovem bastante magra com a cabeça raspada. Seu corpo exibe

hematomas e feridas purulentas. Johanna Mason. Que efetivamente conhecia alguns segredos dos rebeldes. Pelo menos no que dizia respeito a mim. E foi assim que ela pagou por isso.

Pelo vão de uma porta, vislumbro Gale, nu da cintura para cima, suor escorrendo pelo rosto enquanto um médico remove alguma coisa de seu ombro com um par de pinças. Ferido, mas vivo. Eu o chamo, começo a correr até ele, mas uma enfermeira me empurra para trás e me expulsa de lá aos berros.

– Finnick! – Soa algo entre um grito e um berro de alegria. Uma jovem linda, mas um pouquinho desgrenhada (cabelos pretos despenteados, olhos verdes da cor do mar) corre na nossa direção, coberta apenas com um lençol. – Finnick! – E, de repente, é como se não houvesse mais ninguém no mundo além daqueles dois, cada qual avançando freneticamente para alcançar o outro. Eles se encontram, se agarram, perdem ambos o equilíbrio e se chocam contra a parede, onde permanecem. Como se formassem um único ser. Indivisível.

Uma pontinha de ciúme me atinge. Não de Finnick ou de Annie, mas da certeza deles. Ninguém que os visse duvidaria do amor de um pelo outro.

Boggs, parecendo um pouco exaurido, mas sem ferimentos, encontra a mim e Haymitch.

– Tiramos todos de lá. Exceto Enobaria. Mas como ela é do 2, duvidamos que esteja detida, de um modo ou de outro. Peeta está no fim do corredor. Os efeitos do gás só agora estão começando a passar. É melhor você estar lá quando ele acordar.

Peeta.

Vivo e bem – talvez não tão bem, mas vivo e aqui. Longe de Snow. Em segurança. Aqui. Comigo. Daqui a um minuto vou poder tocá-lo. Vou poder vê-lo sorrir, ouvi-lo rir.

Haymitch está rindo para mim.

– Vamos lá, então – diz ele.

Minha cabeça está leve de tanta excitação. O que vou dizer? Ah, quem se importa com o que vou dizer? Peeta vai ficar extasiado independentemente do que eu diga ou faça. Ele provavelmente vai me dar um beijo. Imagino se a sensação vai ser igual à daqueles últimos beijos na praia da arena, os beijos sobre os quais não ousei refletir até agora.

Peeta já está acordado, sentado na lateral da cama, a aparência perplexa enquanto um trio de médicos o avalia, coloca uma luz em seus olhos, verifica sua pulsação. Fico desapontada pelo fato de que o meu rosto não será o primeiro que ele terá visto depois de acordar, mas ele agora o está vendo. Suas feições exibem descrença e algo mais intenso que não consigo apreender exatamente. Desejo? Desespero? Certamente ambos, pois ele dispensa os médicos, levanta-se de imediato e vai até mim. Corro para recebê-lo, meus braços estendidos para abraçá-lo. Suas mãos também estão vindo ao meu encontro, para acariciar meu rosto, eu imagino.

Meus lábios estão começando a formar o nome dele quando suas mãos apertam o meu pescoço.

O imobilizador gelado aperta o meu pescoço e faz com que o tremor fique ainda mais difícil de ser controlado. Pelo menos não estou mais no tubo claustrofóbico – com aquelas máquinas clicando e chiando ao meu redor – escutando uma voz desencorpada me mandando ficar imóvel enquanto tento convencer a mim mesma de que ainda consigo respirar. Mesmo agora, depois de me garantirem que não há danos permanentes, continuo sedenta por ar.

As principais preocupações da equipe médica – danos na minha medula espinhal, nas vias respiratórias e nas artérias – foram afastadas. Hematomas, rouquidão, laringe inflamada, essa estranha tosse – nada disso é motivo de preocupação. Tudo vai melhorar. O Tordo não vai perder sua voz. Onde está, quero perguntar, o médico que diz se estou ou não ficando louca? Só que não tenho permissão para falar agora. Não posso nem agradecer a Boggs quando ele aparece para ver como estou. Para me examinar e me dizer que já viu ferimentos muito piores em soldados quando eles ensinam a controlar o vômito nos treinamentos.

Foi Boggs quem afastou Peeta de mim com um golpe antes que ele pudesse causar estragos permanentes. Sei que Haymitch teria vindo em minha defesa se não estivesse tão absolutamente despreparado. Pegar tanto eu quanto Haymitch desatentos no mesmo momento é uma coisa rara. Mas estávamos tão absorvidos em salvar Peeta, tão torturados por saber que ele estava nas mãos da Capital, que a felicidade de tê-lo de volta nos cegou. Se eu tivesse tido uma reunião particular com Peeta, ele teria me matado. Agora que ele está enlouquecido.

Não, enlouquecido, não, lembro a mim mesma. Telessequestrado. Essa é a palavra que ouvi, dita por Plutarch e Haymitch enquanto a minha cama estava sendo empurrada pelo corredor. Telessequestrado. Não sei o que isso significa.

Prim, que apareceu momentos depois do ataque e tem ficado o mais perto possível de mim desde então, me coloca outro cobertor.

– Acho que eles logo, logo vão tirar esse imobilizador, Katniss. Aí você vai parar de sentir tanto frio. – Minha mãe, que estava auxiliando uma

complicada cirurgia, ainda não foi informada do ataque de Peeta. Prim pega uma das minhas mãos, que está fechada num punho, e a massageia até ela se abrir e sangue começar a fluir novamente através dos meus dedos. Ela está começando a repetir o processo na outra mão quando os médicos aparecem, retiram o colar e me injetam qualquer coisa para a dor e o inchaço. Eu me deito, de acordo com as instruções que recebi, com a cabeça imóvel para não agravar os hematomas no pescoço.

Plutarch, Haymitch e Beetee estão no corredor esperando que os médicos os liberem para entrar e me ver. Não sei se contaram para Gale, mas como ele não está aqui suponho que não tenham contado. Plutarch acompanha os médicos até a porta e tenta mandar Prim embora também, mas ela diz:

– Não. Se você me forçar a sair daqui, eu vou agora mesmo na sala de cirurgia contar para minha mãe tudo o que aconteceu. E vou logo avisando, ela não gosta muito da ideia de um Idealizador dos Jogos exercendo controle sobre a vida de Katniss. Principalmente sabendo como você cuidou mal dela.

Plutarch parece ofendido, mas Haymitch está morrendo de rir.

– Eu deixaria isso para lá, Plutarch – diz ele. Prim fica.

– Então, Katniss, a condição de Peeta foi um choque para todos nós – diz Plutarch. – Só conseguimos reparar na deterioração do estado dele nas últimas duas entrevistas. Obviamente, ele estava sofrendo maus-tratos, e atribuímos suas atuais condições psicológicas a isso. Agora acreditamos que algo mais estava acontecendo. Que a Capital o tem sujeitado a uma técnica bastante incomum conhecida como telessequestro. Beetee?

– Sinto muito – diz Beetee –, mas não posso dizer para você todas as especificidades da coisa, Katniss. A Capital é muito sigilosa em relação a essa forma de tortura, e acho que os resultados são bastante inconsistentes. Disso nós temos certeza. É um tipo de condicionamento ao medo. O termo telessequestro vem de uma junção de palavras do grego antigo cujo significado, adaptado aos nossos dias, é "capturar a mente", ou melhor ainda, "tomar posse da mente". Acreditamos que o termo tenha recebido esse nome porque a técnica envolve o uso de veneno de teleguiadas, de onde vem o prefixo. Você foi picada em sua primeira participação nos Jogos Vorazes, de modo que, ao contrário da maioria de nós, você possui conhecimento em primeira mão dos efeitos de veneno.

Terror. Alucinações. Devastadoras imagens dignas de pesadelos em que eu perdia meus entes queridos. Porque o veneno tem como alvo a parte do cérebro que controla o medo.

– Tenho certeza que você lembra de como a experiência foi assustadora. Você também sofreu confusão mental em seguida? – pergunta Beetee. – Uma sensação de ser incapaz de julgar o que é verdade e o que é falso? A maioria das pessoas que foi picada e continuou viva para contar a história relata alguma coisa assim.

Sim. Aquele encontro com Peeta. Mesmo depois de eu já estar com a mente limpa, não tinha certeza se ele havia salvo a minha vida enfrentando Cato ou se isso não passava de imaginação minha.

– Rememorar torna-se mais difícil porque as lembranças podem ser mudadas. – Beetee dá um tapinha na testa. – Levadas para a parte mais importante da sua mente, alteradas e salvas novamente numa forma revisada. Agora imagine que eu peça para você se lembrar de algo, ou com uma sugestão verbal ou fazendo você assistir a algum evento gravado, e enquanto essa experiência é refrescada em sua mente, eu lhe dou uma dose de veneno de teleguiada. Não o suficiente para induzir um blecaute de três dias. Apenas o suficiente para incutir em sua memória medo e dúvida. E é isso o que seu cérebro põe nos arquivos de longa duração.

Começo a ficar enjoada. Prim faz a pergunta que está na minha cabeça.

– Foi isso o que eles fizeram com Peeta? Pegaram as lembranças que ele tinha de Katniss e distorceram todas elas para que ficassem aterrorizantes?

Beetee faz que sim com a cabeça.

– Tão aterrorizantes que ele passaria a vê-la com uma ameaça à própria vida. Tão aterrorizantes que talvez ele tentasse matá-la. Sim, essa é a nossa teoria atualmente.

Cubro o rosto com os braços porque isso não está acontecendo. Não é possível. Alguém fazer Peeta esquecer que me ama? Ninguém poderia fazer uma coisa dessas.

– Mas tem como reverter isso, não tem? – pergunta Prim.

– Hum... temos pouquíssima informação sobre isso – diz Plutarch. – Na verdade, nenhuma. Se alguma vez houve a tentativa de uma recuperação de uma vítima de telessequestro, nós não temos acesso a esses registros.

– Bom, vocês vão tentar, não vão? – persiste Prim. – Vocês não vão simplesmente deixá-lo trancado em alguma sala acolchoada e ficar assistindo ao seu sofrimento, vão?

– É claro que vamos tentar, Prim – diz Beetee. – Só que não temos como saber o grau de sucesso dessa empreitada. Se é que teremos sucesso. Minha aposta é que eventos assustadores são os mais difíceis de serem anulados. Afinal de contas, são deles que a gente se lembra com mais naturalidade.

– E fora as lembranças que ele tem de Katniss, ainda não sabemos o que mais foi mexido – diz Plutarch. – Estamos reunindo uma equipe de profissionais militares e de saúde mental para empreendermos um contra-ataque. Eu, pessoalmente, estou otimista com a recuperação completa dele.

– Está, é? – pergunta Prim, causticamente. – E o que você acha, Haymitch?

Mudo os braços ligeiramente de posição, de modo a poder ver a expressão de Haymitch através do espaço entre eles. Ele parece exausto e desencorajado ao admitir:

– Acho que Peeta pode vir a ter alguma melhora. Mas... acho que ele nunca mais vai ser o mesmo. – Junto novamente os braços, acabando com o espaço de visão, me desligando completamente deles todos.

– Pelo menos ele está vivo – diz Plutarch, como se estivesse perdendo a paciência. – Snow executou o estilista de Peeta e sua equipe de preparação com transmissão ao vivo e a cores hoje à noite. Não fazemos a menor ideia do que aconteceu com Effie Trinket. Peeta sofreu danos, mas está aqui com a gente. E isso é com toda certeza uma melhora em relação à situação dele 24 horas atrás. Não vamos esquecer disso, certo?

A tentativa de Plutarch levantar o meu astral – enfeitada com a notícia de outros quatro, possivelmente cinco, assassinatos – evidentemente saiu pela culatra. Portia. A equipe de preparação de Peeta. Effie. O esforço de conter as lágrimas faz minha garganta latejar até eu ficar novamente arfando. Por fim, eles não têm escolha a não ser me dar um sedativo.

Quando acordo, imagino se essa vai ser a única maneira de me fazer dormir a partir de agora, com drogas injetadas em meu braço. Estou contente por não ter a obrigação de falar pelos próximos dias, porque não há nada que eu queira dizer. Ou fazer. Na realidade, sou uma paciente-modelo, minha letargia é encarada como prudência, obediência às ordens médicas. Não sinto mais vontade de chorar. Na realidade, consigo apenas

me ater a um simples pensamento: uma imagem do rosto de Snow acompanhado de um sussurro em minha cabeça. *Eu vou matar você*.

Minha mãe e Prim se revezam nos meus cuidados, tentam me convencer a engolir pedacinhos de comida macia. Pessoas aparecem periodicamente para me atualizar sobre as condições de Peeta. Os altos níveis de veneno de teleguiadas estão sendo drenados de seu corpo. Ele está sendo tratado apenas por estranhos, nativos do 13 – ninguém de casa ou da Capital recebeu permissão para vê-lo –, para impedir que quaisquer lembranças perigosas possam aflorar. Uma equipe de especialistas trabalha horas a fio bolando uma estratégia para sua recuperação.

Gale não tem permissão para me visitar, já que está confinado a uma cama com uma espécie de ferimento no ombro. Mas na terceira noite, depois de eu ter sido medicada e de as luzes terem sido apagadas para a hora de dormir, ele desliza silenciosamente para dentro do meu quarto. Ele não fala, apenas passa os dedos nos hematomas em meu pescoço com um toque tão leve quanto as asas de uma mariposa, me beija entre os olhos e desaparece.

Na manhã seguinte, recebo alta do hospital com instruções para me movimentar lentamente e falar apenas o necessário. Recebo a tatuagem com a programação, de modo que vagueio sem destino até Prim ser dispensada de suas tarefas no hospital e me levar para o mais recente compartimento ocupado por nossa família. Número 2212. Idêntico ao último, mas sem janela.

Buttercup agora tem direito a uma porção diária de comida e a um espaço com areia que é mantido embaixo da pia do banheiro. Assim que Prim me põe na cama, ele salta em cima do meu travesseiro, disputando a atenção dela. Ela o acomoda nos braços, mas continua concentrada em mim.

– Katniss, sei que essa coisa toda com Peeta é horrível para você. Mas não se esqueça de que Snow trabalhou nele por várias semanas, e nós só estamos com ele há alguns dias. Existe uma chance de que o velho Peeta, o que te ama, ainda esteja lá dentro. Tentando reatar o contato com você. Não desista dele.

Olho para minha irmãzinha e penso em como ela herdou as melhores qualidades que nossa família tem a oferecer: as mãos curadoras de minha mãe, a cabeça equilibrada de meu pai e minha combatividade. Mas também há algo mais, algo totalmente dela própria. Uma habilidade para olhar a

bagunça caótica da vida e enxergar as coisas como elas efetivamente são. Será possível que ela esteja correta? Que Peeta poderia realmente voltar para mim?

– Preciso voltar ao hospital – diz Prim, colocando Buttercup em cima da cama ao meu lado. – Vocês dois fazem companhia um ao outro, certo?

Buttercup pula para fora da cama e a segue até a porta, reclamando em altos brados depois de ser deixado para trás. Nós somos tudo, menos companhia um para o outro. Depois de, quem sabe, trinta segundos, sei que não consigo ficar confinada naquela cela subterrânea e deixo Buttercup se virar por lá sozinho. Eu me perco diversas vezes, mas por fim consigo encontrar o caminho até a Defesa Especial. Todos que cruzam o meu caminho olham fixamente para os hematomas, e não consigo evitar o acanhamento a ponto de me sentir compelida a levantar a gola até as orelhas.

Gale também deve ter recebido alta do hospital hoje de manhã, porque o encontro em uma das salas de pesquisa com Beetee. Eles estão imersos em alguma coisa, as cabeças curvadas sobre um desenho, fazendo uma medição. Versões do desenho enchem a mesa e o chão. Grudadas nos painéis de cortiça na parede e ocupando várias telas de computador estão outros desenhos do mesmo tipo. Nos esboços de um deles, reconheço a armadilha de Gale.

– O que é isso aí? – pergunto, a voz rouca, tirando a atenção deles da folha de papel.

– Ah, Katniss, você nos encontrou – diz Beetee, entusiasmado.

– Qual é? Isso aí é segredo? – Sei que Gale tem ficado aqui embaixo trabalhando bastante com Beetee, mas imaginava que eles estivessem mexendo com arco e flecha e armas.

– Nem um pouco. Mas eu senti uma pontinha de culpa em relação a isso. Por roubar Gale de você durante tanto tempo – admite Beetee.

Como passei grande parte do meu tempo no 13, desorientada, preocupada, com raiva, me recuperando, ou hospitalizada, eu não posso dizer que as ausências de Gale tenham me perturbado. Além disso, as coisas não têm sido exatamente harmoniosas entre nós dois. Mas eu deixo Beetee pensar que me deve essa.

– Espero que você esteja ocupando o tempo dele com alguma coisa útil.

– Vem ver – diz ele, fazendo um gesto para que eu me aproxime da tela de um computador.

É isso o que eles andam fazendo. Pegando as ideias fundamentais das armadilhas de Gale e adaptando-as a armas contra seres humanos. Principalmente bombas. Tem menos a ver com a mecânica das armadilhas do que com a psicologia por trás delas. Espalhar minas por uma determinada área que fornece alguma coisa essencial à sobrevivência. Um suprimento de água ou de comida. Assustar as presas de modo que um grande número delas fuja para uma destruição ainda maior. Colocar os filhotes em perigo para minar o alvo realmente desejado, os pais. Atrair a vítima para o que parece um abrigo seguro – onde a morte a espera. Em determinado ponto, Gale e Beetee deixam a natureza para trás e se concentram mais em impulsos humanos. Tais como a compaixão. Uma bomba explode. Um tempo é fornecido para que as pessoas corram para ajudar os feridos. Então uma segunda bomba, mais poderosa ainda, também acaba com a vida deles.

– Isso parece ultrapassar alguns limites – digo. – Quer dizer então que agora vale tudo? – Os dois me encaram. Beetee com dúvidas, Gale com hostilidade. – Acho que não existe um código de regras do que poderia ser inaceitável um ser humano fazer com outro ser humano.

– Claro que existe. Beetee e eu estamos seguindo o mesmo código de regras que o presidente Snow usou quando telessequestrou Peeta – diz Gale.

Cruel, mas direto ao ponto. Vou embora sem fazer mais nenhum comentário. Sinto que, se não for lá para fora imediatamente, vou entrar em combustão, mas ainda estou na Defesa Especial quando sou parada por Haymitch.

– Venha cá – diz ele. – Precisamos de você no hospital.

– Para quê? – pergunto.

– Eles vão tentar alguma coisa em Peeta – responde ele. – Vão mandar a pessoa mais inócua do 12 que eles encontrarem. Vão tentar achar alguém com quem Peeta possa compartilhar lembranças da infância, mas nada muito próximo de você. Estão rastreando várias pessoas nesse exato momento.

Sei que isso vai ser uma tarefa difícil, já que qualquer pessoa com quem Peeta compartilhe lembranças de infância seria muito provavelmente da nossa cidade, e quase ninguém de lá escapou das chamas com vida. Mas quando chegamos ao quarto do hospital que foi transformado em espaço de

trabalho da equipe de recuperação de Peeta, lá está ela sentada batendo papo com Plutarch. Delly Cartwright. Como sempre, ela sorri para mim como se eu fosse sua melhor amiga no mundo. Ela sorri dessa maneira para todos.

– Katniss! – grita ela.

– Oi, Delly – digo. Tinha ouvido que ela e seu irmão mais novo haviam sobrevivido. Os pais dela, que administravam a sapataria na cidade, não tiveram a mesma sorte. Ela parece mais velha, com as roupas comuns do 13 que não enaltecem ninguém, seus longos cabelos louros numa trança prática em vez de cachos. Delly está um pouco mais magra do que me lembro, mas ela era uma das poucas crianças no Distrito 12 com alguns quilinhos a mais. A dieta daqui, o estresse, o pesar de ter perdido seus pais, tudo contribuiu, sem dúvida nenhuma. – Como você está? – pergunto.

– Ah, foram muitas mudanças de uma vez só. – Os olhos dela enchem-se de lágrimas. – Mas todo mundo é muito legal aqui no 13, você não acha?

Delly está falando sério. Ela gosta sinceramente das pessoas. Todas as pessoas, não apenas de um grupo seleto que ela passou anos e anos tentando entender e aceitar.

– Eles fizeram um esforço danado para fazer com que a gente se sentisse em casa – digo. Acho que essa é uma opinião justa sem ser exagerada. – Foi você que escolheram para ver o Peeta?

– Acho que sim. Coitado do Peeta. Coitada de você. Jamais entenderei a Capital – diz ela.

– De repente, é melhor nem entender mesmo – respondo.

– Delly conhece Peeta há muito tempo – diz Plutarch.

– Ah, sim! – O rosto de Delly se ilumina. – Brincávamos juntos desde bem pequenininhos. Eu costumava falar para todo mundo que ele era meu irmão.

– O que você acha? – pergunta Haymitch. – Será que pode aparecer alguma coisa que o faça lembrar de você?

– Nós todos éramos da mesma turma. Mas a gente não se cruzava muito – digo.

– Katniss sempre foi incrível, nunca nem sonhei que ela pudesse reparar em mim – diz Delly. – O jeito como ela caçava e frequentava o Prego, e tudo o mais. Todo mundo a admirava muito.

Não só Haymitch como também eu olhamos intensamente para o rosto dela para ver se ela não estava de gozação. Delly descrevia a coisa como se

eu não tivesse quase nenhum amigo porque intimidava as pessoas por ser tão excepcional. Não é verdade. Eu não tinha quase nenhum amigo porque não era simpática. Se Delly quer me transformar nessa coisa maravilhosa, o problema é dela.

– Delly sempre tem as melhores opiniões de todo mundo – explico. – Acho que Peeta não teria lembranças ruins associadas a ela. – Então eu lembro. – Espera um pouco. Na Capital. Quando menti sobre ter reconhecido a garota Avox. Peeta salvou a minha pele dizendo que ela era parecida com a Delly.

– Eu lembro – diz Haymitch. – Mas eu não sei. Não era verdade. Delly não estava realmente lá. Não acho que isso possa competir com anos e anos de lembranças da infância.

– Principalmente com uma companhia tão agradável quanto a de Delly – diz Plutarch. – Vamos fazer uma tentativa.

Plutarch, Haymitch e eu vamos para a sala de observação, perto do local onde Peeta está confinado. Está cheia, com dez membros de sua equipe de recuperação armados de canetas e pranchetas. O vidro com visibilidade de um único lado e o dispositivo de áudio nos permitem ver Peeta sem que ele nos veja. Ele está deitado na cama, os braços amarrados com correias. Não está lutando para se libertar, mas suas mãos mexem-se continuamente. Sua expressão parece mais lúcida do que quando tentou me estrangular, mas ainda assim, não parece pertencer a ele.

Quando a porta se abre silenciosamente, os olhos dele ficam arregalados de espanto, e então parecem confusos. Delly atravessa a sala hesitantemente, mas assim que se aproxima dele irrompe naturalmente em seu rosto um sorriso.

– Peeta? É a Delly. Do Distrito 12.

– Delly? – Algumas das nuvens parecem desanuviar. – Delly. É você?

– Sou eu, sim! – diz ela, com um óbvio alívio. – Como é que você está se sentindo?

– Horrível. Onde é que nós estamos? O que foi que aconteceu? – pergunta Peeta.

– Pronto, começou – diz Haymitch.

– Disse para ela evitar qualquer menção a Katniss ou à Capital – diz Plutarch. – O que importa é ver quantas lembranças do Distrito 12 ela consegue reviver.

– Bom... estamos no Distrito 13. Agora nós moramos aqui – diz Delly.

– Isso é o que aquelas pessoas têm falado. Mas isso não faz sentido. Por que a gente não está no nosso distrito? – pergunta Peeta.

Delly morde o lábio.

– Houve um... acidente. Eu também sinto muita falta de casa. Eu estava pensando agora mesmo naqueles desenhos a giz que a gente costumava fazer nas pedras do calçamento. Os seus eram maravilhosos. Lembra quando você fez um animal diferente para cada um?

– Lembro. Porcos e gatos e coisa e tal – diz Peeta. – Você falou que houve um... acidente?

Posso ver o brilho do suor na testa de Delly enquanto ela tenta contornar a pergunta.

– Foi ruim. Ninguém... pôde ficar lá – diz ela, com a voz entrecortada.

– Vai em frente, garota – diz Haymitch.

– Mas sei que você vai gostar daqui, Peeta. As pessoas são mesmo muito legais com a gente. Tem sempre comida e roupa limpa, e a escola é muito mais interessante – diz Delly.

– Por que a minha família não veio me ver? – pergunta Peeta.

– Eles não podem. – Delly voltou a chorar. – Muitas pessoas não conseguiram sair do 12. Então teremos de construir uma nova vida aqui. Tenho certeza de que eles precisam de um bom padeiro. Você lembra quando seu pai deixava a gente fazer biscoitinhos de menina e de menino?

– Houve um incêndio – diz Peeta, subitamente.

– Isso – sussurra ela.

– Eles queimaram o 12, não foi? Por causa dela – diz Peeta com raiva. – Por causa de Katniss! – Ele começa a puxar as correias.

– Não, Peeta. Não foi culpa dela – diz Delly.

– Ela falou isso para você? – pergunta ele.

– Tire-a de lá – diz Plutarch. A porta se abre imediatamente e Delly começa a se dirigir a ela lentamente.

– Ela não precisou dizer nada. Eu... – começa Delly.

– Porque ela está mentindo! Ela é uma mentirosa! Você não pode acreditar em nada do que ela diz! Ela é uma espécie de bestante que a Capital criou para usar contra todos nós! – grita Peeta.

– Não, Peeta. Ela não é uma... – tenta Delly mais uma vez.

– Não confie nela, Delly – diz Peeta com uma voz frenética. – Eu confiei e ela tentou me matar. Ela matou meus amigos. Minha família. Nem se aproxime dela! Ela é uma bestante!

A mão de alguém passa pela porta, puxa Delly para fora, e a porta volta a se fechar. Mas Peeta continua berrando:

– Uma bestante! Ela é uma bestante nojenta!

Não apenas ele me odeia e quer me matar, como também deixou de acreditar que sou humana. Ser estrangulada foi menos doloroso.

Ao meu redor, os membros da equipe de recuperação tomam notas enlouquecidamente, registrando cada palavra. Haymitch e Plutarch agarram os meus braços e me impelem para fora da sala. Eles me encostam numa parede no silencioso corredor. Mas sei que Peeta continua gritando atrás da porta e do vidro.

Prim estava errada. Peeta está irrecuperável.

– Não consigo mais ficar aqui – digo, entorpecidamente. – Se vocês querem que eu seja o Tordo, precisam me levar para longe daqui.

– Para onde você quer ir? – pergunta Haymitch.

– Para a Capital. – É o único local que me vem à cabeça, onde eu tenho um serviço a fazer.

– Não vai dar – diz Plutarch. – Não até que os distritos estejam em nosso poder. A notícia boa é que os combates estão quase acabados em todos, com exceção do 2. Mas aquele lá é uma noz difícil de se quebrar.

É isso aí. Primeiro os distritos. Em seguida a Capital. E depois vou poder caçar Snow.

– Ótimo – digo. – Então me manda para o 2.

O Distrito 2 é bem grande, como era de se esperar, composto de uma série de aldeias espalhadas nas montanhas. Cada uma era originalmente uma mina ou uma pedreira, embora agora muitas delas sirvam para abrigar e treinar os Pacificadores. Nada disso representaria um grande desafio, já que os rebeldes possuem a força aérea do 13 a seu lado, exceto por um detalhe: no centro do distrito encontra-se uma montanha virtualmente impenetrável que abriga o coração do exército da Capital.

Apelidamos a montanha de Noz desde que transmiti o comentário de Plutarch, "uma noz difícil de se quebrar", para os líderes rebeldes exaustos e desencorajados que aqui estão. A Noz foi construída imediatamente depois dos Dias Escuros, quando a Capital perdera o 13 e estava desesperada por uma nova fortificação subterrânea. Eles tinham alguns de seus recursos militares situados nos arredores da própria Capital – mísseis nucleares, aeronaves, soldados –, mas uma significativa fatia de seu poder estava agora sob controle de um inimigo. É claro, não havia nenhuma esperança de conseguirem fazer uma cópia do 13, que foi um trabalho de séculos. Todavia, nas velhas minas do vizinho Distrito 2, enxergaram uma oportunidade. Do céu, a Noz parecia apenas mais uma montanha com poucas entradas. Mas em seu interior havia vastos espaços cavernosos onde grandes pedaços de pedra haviam sido cortados, içados até a superfície e transportados através de estradas estreitas e escorregadias para a construção de edifícios nos mais distantes lugares. Havia inclusive um sistema de trem para facilitar o transporte de mineiros da Noz ao centro da principal cidade no Distrito 2. Ele seguia direto até a praça que Peeta e eu visitamos durante a Turnê da Vitória, onde ficamos em pé na ampla escadaria de mármore do Edifício da Justiça, tentando não olhar muito de perto as pesarosas famílias de Cato e Clove ali reunidas.

Não era o terreno dos sonhos de ninguém, assolado por deslizamentos de terra, inundações e avalanches. Mas as vantagens superavam as preocupações. À medida que penetravam cada vez mais fundo na montanha, os mineiros deixavam enormes pilares e paredões de pedra para sustentar a infraestrutura. A Capital reforçou esses apoios e transformou a

montanha em sua nova base militar. Enchendo-a de computadores e salas de reuniões, acampamentos de tropas e arsenais. Ampliando as entradas para permitir a decolagem de aerodeslizadores do hangar, instalando lançadores de mísseis. Mas, no geral, deixando o exterior da montanha basicamente como sempre foi. Um emaranhado grosseiro de rochas, árvores e vida selvagem. Uma fortaleza natural para protegê-los de seus inimigos.

Em comparação com os outros distritos, a Capital mimava os habitantes daqui. Só de olhar os rebeldes do Distrito 2 já se percebe que eles foram decentemente alimentados e bem-cuidados na infância. Alguns acabavam por trabalhar na pedreira e nas minas. Outros eram educados para empregos na Noz ou entravam para as fileiras de Pacificadores. Treinados desde a juventude e duros no combate. Os Jogos Vorazes eram uma oportunidade para fazer fortuna e adquirir uma espécie de glória não vista em nenhuma outra parte. É claro, as pessoas do 2 engoliam a propaganda da Capital muito mais facilmente que o resto de nós. Abraçavam seu estilo de vida. Mas, apesar de tudo isso, ao fim do dia, continuavam sendo escravos. E se isso passava despercebido aos cidadãos que se tornavam Pacificadores ou trabalhavam na Noz, não era ignorado pelos cortadores de pedra que formavam a espinha dorsal da resistência aqui.

Quando cheguei, duas semanas atrás, as coisas estavam como ainda estão agora. As aldeias do lado de fora do distrito estão nas mãos dos rebeldes, a cidade dividida, e a Noz intocável como sempre. Suas poucas entradas imensamente fortificadas, seu coração envolto em segurança pela montanha. Apesar de todos os outros distritos estarem agora livres do controle da Capital, o 2 permanece sob seu domínio.

Todos os dias, faço o possível para ajudar. Visito os feridos. Gravo curtos pontoprops com a equipe de filmagem. Não tenho permissão para entrar em combate, mas sou convidada para as reuniões que discutem a situação de guerra, o que é muito mais do que se fazia no 13. Aqui é muito melhor. Mais livre, nenhuma programação tatuada no braço, menos exigências em relação aos meus horários. Vivo acima da superfície nas aldeias dos rebeldes ou em cavernas nas cercanias. Por motivo de segurança, sou frequentemente realocada. Durante o dia, tenho salvo-conduto para caçar, contanto que leve comigo um guarda e não me distancie em demasia. No ar gelado e rarefeito da montanha, sinto um

pouco da minha força física retornando, minha mente expulsando os resquícios de nebulosidade. Mas essa clareza mental proporciona uma consciência ainda mais aguda do que foi feito com Peeta.

Snow o roubou de mim, deturpou-o até torná-lo irreconhecível e o tornou um de seus presentes para mim. Boggs, que veio para o 2 comigo, disse que mesmo com todo o planejanento, foi fácil demais resgatar Peeta. Ele acredita que se o 13 não tivesse feito o esforço, Peeta teria sido entregue a mim de um jeito ou de outro. Teria sido deixado em algum distrito em guerra ou talvez no próprio 13. Amarrado com fitas e com o meu nome escrito numa etiqueta. Programado para me assassinar.

Só agora que ele foi corrompido, consigo apreciar totalmente o verdadeiro Peeta. Até mais do que teria apreciado se ele tivesse morrido. A delicadeza, o equilíbrio, a afetuosidade que deixavam um inesperado rastro de calor humano. Tirando Prim, minha mãe e Gale, quantas pessoas no mundo me amam incondicionalmente? Acho que no meu caso, a resposta agora é capaz de ser ninguém. Às vezes, quando estou sozinha, tiro a pérola de seu domicílio, o meu bolso, e tento me lembrar do garoto com o pão, os braços fortes que espantavam meus pesadelos no trem, os beijos na arena. Para me obrigar a pôr um nome naquilo que perdi. Mas qual a utilidade disso? Acabou. Ele não existe mais. Seja lá o que tenha existido entre nós dois, acabou. Tudo que resta é a minha promessa de matar Snow. Lembro disso dez vezes por dia.

No 13, a reabilitação de Peeta prossegue. Muito embora eu não pergunte, Plutarch me fornece atualizações entusiasmadas pelo telefone, do tipo:

– Boas notícias, Katniss! Acho que ele está quase convencido de que você não é um bestante! – Ou: – Hoje permitiram que ele comesse sozinho um pouco de pudim!

Quando a palavra passa para Haymitch, ele admite que Peeta não está melhor. O único e dúbio raio de esperança veio da minha irmã.

– Prim apareceu com a ideia de tentar telessequestrá-lo de volta – conta Haymitch. – Mencionar as lembranças distorcidas que ele tem de você e depois dar a ele uma dose cavalar de um calmante, tipo morfináceo. Nós só tentamos isso em uma lembrança específica. A gravação de vocês dois na caverna, quando você contou para ele aquela história da compra da cabra para Prim.

– E houve alguma melhora? – pergunto.

– Bom, se confusão extrema significa melhora em relação a terror extremo, então a resposta é sim – diz Haymitch. – Mas não tenho muita certeza disso. Ele perdeu a habilidade de falar por várias horas. Entrou num certo estado de estupor. Quando voltou a si, a única pergunta que fez foi sobre a cabra.

– Certo – digo.

– E como andam as coisas por aí? – pergunta ele.

– Nenhum avanço – respondo.

– Estamos enviando uma equipe para ajudar com a montanha. Beetee e alguns dos outros – diz ele. – Você sabe, os cérebros.

Quando os cérebros são selecionados, não fico surpresa de ver o nome de Gale na lista. Imaginei que Beetee fosse trazê-lo, não por sua *expertise* tecnológica, mas na esperança de que ele pudesse, de alguma maneira, pensar num jeito de prender a montanha numa armadilha. Originalmente, Gale ofereceu-se para vir comigo para o 2, mas percebi que o estaria afastando do trabalho com Beetee. Disse para ele ficar lá onde era mais necessário. Não disse para ele que sua presença aqui tornaria ainda mais difícil meu luto por Peeta.

Gale me encontra assim que eles chegam no fim da tarde. Estou sentada em cima de uma tora de madeira no limite da minha aldeia atual, depenando um ganso. Mais ou menos uma dúzia dessas aves estão empilhadas aos meus pés. Uma grande quantidade deles está migrando por aqui desde que cheguei, o que os tornam presas fáceis. Sem dizer uma palavra, Gale acomoda-se ao meu lado e começa a retirar as penas de uma das aves. Estamos quase na metade da operação quando ele diz:

– Alguma chance de a gente comer isso aqui?

– Claro. A maioria vai para a cozinha do acampamento, mas eles sabem que vou dar alguns para quem quer que passe a noite comigo – digo. – Por me proteger.

– A honra já não é suficiente? – diz ele.

– Deveria ser – respondo. – Mas tem um boato por aí que diz que tordos são prejudiciais à saúde.

Depenamos em silêncio por mais algum tempo. Então ele diz:

– Eu vi Peeta ontem. Através do vidro.

– O que você achou? – pergunto.

– Uma coisa egoísta – diz Gale.

– Que você não precisa mais sentir ciúmes dele? – Meus dedos dão um puxão, e uma nuvem de penas flutua ao nosso redor.

– Não, justamente o oposto. – Gale puxa uma pena do meu cabelo. – Eu pensei... que nunca vou poder competir com aquilo. Por mais doloroso que seja para mim. – Ele gira a pena entre o polegar e o indicador. – Não tenho nenhuma chance se ele não melhorar. Você nunca vai ser capaz de abandoná-lo. Você sempre vai sentir que está cometendo um erro estando comigo.

– Do jeito que sempre senti que estava cometendo um erro beijando-o, justamente por sua causa – digo.

Gale olha fixamente para mim.

– Se eu pensasse que isso é verdade, quase poderia viver com a outra parte do problema.

– É verdade – admito. – Mas também é verdade o que você disse sobre Peeta.

Gale emite um som de desespero. No entanto, depois de deixarmos as aves e nos apresentarmos como voluntários para voltar à floresta e colher gravetos para a fogueira noturna, acabo nos braços de Gale. Seus lábios roçam os hematomas que estão sumindo em meu pescoço e sobem até minha boca. Apesar do que sinto por Peeta, é nesse momento que aceito no fundo do meu coração que ele jamais voltará para mim. Ou que eu jamais voltarei para ele. Vou ficar no 2 até que ele caia e depois vou para a Capital e matarei Snow. Em seguida, morrerei pela encrenca em que me meti. E ele morrerá insano e me odiando. Então, na tênue luminosidade, fecho os olhos e beijo Gale para compensar todos os beijos que deixei de dar, e porque não importa mais, e porque estou tão desesperadamente solitária que não consigo mais suportar.

O toque, o sabor e o calor de Gale me fazem lembrar que pelo menos o meu corpo ainda está vivo e, por enquanto, essa é uma sensação bem-vinda. Esvazio a mente e deixo as sensações percorrerem meu corpo, feliz por estar leve e solta. Quando Gale se afasta ligeiramente, avanço para não perder o contato, mas sinto a mão dele em meu queixo.

– Katniss – diz ele. No instante em que abro os olhos, o mundo parece desconjuntado. Essa não é a nossa floresta nem as nossas montanhas, nem o nosso caminho. Minha mão dirige-se automaticamente para a cicatriz em minha têmpora esquerda, que associo à confusão. – Agora me beije. – Perplexa, os olhos arregalados, fico lá parada enquanto ele se curva na

minha direção e pressiona os lábios nos meus durante um breve espaço de tempo. Ele examina o meu rosto detidamente. – Em que você está pensando?

– Sei lá – sussurro.

– Então é como se eu estivesse beijando uma pessoa bêbada. Não conta – diz ele, numa tentativa fraca de rir. Ele colhe um punhado de gravetos e os joga em meus braços vazios, fazendo com que eu volte à realidade.

– Como é que você sabe? – pergunto, principalmente para disfarçar o meu embaraço. – Você já beijou uma pessoa bêbada? – Imagino que Gale pode muito bem ter beijado várias garotas no 12. Ele certamente tinha várias ofertas à disposição. Eu nunca pensei muito nisso antes.

Ele apenas balança a cabeça.

– Não, mas não é muito difícil imaginar como seria.

– Quer dizer então que você nunca beijou nenhuma outra garota? – pergunto.

– Eu não disse isso. Você sabe que você só tinha 12 anos quando a gente se conheceu. E além do mais você era um saco. Eu tinha a minha vida pessoal além de caçar com você – diz ele, com os braços cheios de lenha.

De repente, fico genuinamente curiosa.

– Quem foi que você beijou? E onde?

– Foram tantas vezes que é até difícil lembrar. Atrás da escola, na pilha de escória, em vários lugares e ocasiões – diz ele.

Reviro os olhos.

– Então, quando foi que me transformei em alguém tão especial? Quando eles me carregaram à força para a Capital?

– Não. Mais ou menos seis meses antes disso. Logo depois do ano-novo. A gente estava no Prego, tomando aquela sopa na Greasy Sae. E o Darius estava implicando com você, falando qualquer coisa sobre trocar um coelho por um beijo. Aí percebi... eu fiquei chateado – diz ele.

Lembro bem daquele dia. Um frio de amargar e já bem escuro às quatro da tarde. Nós tínhamos caçado, mas a neve pesada tinha nos obrigado a voltar para a cidade. O Prego estava cheio de gente atrás de abrigo por causa do mau tempo. A sopa de Greasy Sae, feita a partir dos ossos de um cachorro selvagem que tínhamos matado uma semana antes, estava com um gosto bem abaixo do padrão usual dela. Mesmo assim, estava quente, e eu estava morrendo de fome quando comecei a dar minhas

colheradas, sentada com as pernas cruzadas no balcão. Darius estava encostado num dos suportes da barraquinha, fazendo cócegas na minha bochecha com a ponta da minha trança enquanto eu empurrava a mão dele para longe. Ele estava explicando por que um de seus beijos valia um coelho, ou possivelmente dois, já que todos sabem que homens ruivos são os mais viris. E Greasy Sae e eu estávamos rindo porque ele era tão ridículo e persistente, e não parava de apontar para as mulheres que estavam no Prego, dizendo que elas haviam pago muito mais do que um coelho para desfrutar de seus lábios.

– Está vendo aquela ali com o cachecol verde? Vai lá e pergunta para ela. Se você precisa de alguma referência.

Um milhão de quilômetros daqui, um bilhão de dias atrás, isso aconteceu.

– Darius estava apenas fazendo uma brincadeira – digo.

– Provavelmente. Só que você seria a última a sacar isso se ele não estivesse – diz Gale. – Olha o Peeta, por exemplo. Ou eu mesmo. Ou até o Finnick. Eu estava começando a ficar preocupado com o interesse dele por você, mas agora parece que ele voltou ao normal.

– Você não conhece o Finnick se acha que ele poderia me amar – digo.

Gale dá de ombros.

– Sei que ele estava desesperado. Isso faz as pessoas cometerem todo tipo de loucura.

Não posso deixar de pensar que isso foi dirigido a mim.

Bem cedo na manhã seguinte, os cérebros se reúnem para discutir o problema da Noz. Sou convidada à reunião, embora não tenha muito com o que contribuir. Evito a mesa de conferência e me acomodo no amplo parapeito da janela que tem uma vista para a montanha em questão. A comandante do 2, uma mulher de meia-idade chamada Lyme, nos conduz por um tour virtual da Noz, seu interior e fortificações, e relembra as tentativas fracassadas de tomá-la. Cruzei com ela algumas vezes desde que cheguei, e estava tomada pela sensação de que já a vira antes. Ela é bastante fácil de se lembrar, com mais de um metro e oitenta de altura e extremamente musculosa. Mas somente quando vejo um clipe com ela no campo de batalha, liderando um ataque à entrada principal da Noz, é que algo estala dentro de mim e percebo que estou na presença de outra vitoriosa. Lyme, a tributo do Distrito 2, que venceu os Jogos Vorazes aproximadamente uma geração atrás. Effie nos enviou o vídeo dela, entre

outros, para nos preparar para o Massacre Quaternário. Eu provavelmente a vi na TV algumas vezes, durante os Jogos, ao longo dos anos, mas ela não é muito de aparecer. Depois da minha recente descoberta do tratamento dado a Haymitch e Finnick, a única coisa em que consigo pensar é: o que a Capital fez com ela após ela ter se sagrado vitoriosa?

Quando Lyme termina a apresentação, as perguntas dos cérebros têm início. Horas se passam, e o almoço começa e termina enquanto eles tentam bolar um plano realista para tomar a Noz. Mas, apesar de Beetee achar que talvez seja capaz de invadir alguns sistemas de computador, e de haver alguma discussão a respeito de colocar em ação um punhado de espiões infiltrados, ninguém tem de fato qualquer ideia inovadora. À medida que a tarde se encaminha para o fim, as conversas retornam a uma estratégia que foi tentada repetidamente: o ataque às entradas. Posso ver a frustração de Lyme crescendo porque tantas variações desse plano já fracassaram, tantos soldados de seu exército foram mortos nessas tentativas. Finalmente, ela explode:

– A próxima pessoa que sugerir que a gente ataque as entradas vai ter de apresentar uma maneira brilhante de fazer isso porque vai ser ela mesma a líder dessa missão!

Gale, que é inquieto demais para ficar sentado à mesa por mais de algumas horas, fica alternando entre andar de um lado para o outro e dividir comigo o parapeito da janela. Ele parece ter aceitado logo de início as ponderações de Lyme acerca da impossibilidade de as entradas serem tomadas, e abandonou por completo a discussão. Durante a última hora, ficou sentado quieto, a testa vincada em concentração, observando a Noz através da janela de vidro. No silêncio que se segue ao ultimato de Lyme, ele fala:

– É realmente necessário a gente tomar a Noz? Será que não seria suficiente se a gente apenas a incapacitasse?

– Isso seria um passo na direção certa – diz Beetee. – O que você tem em mente?

– Pense na coisa como se fosse um covil de cães selvagens – continua Gale. – Você não vai entrar lá lutando contra eles. Então você tem duas chances. Prender os cães no local ou obrigá-los a sair de lá.

– Nós já tentamos bombardear as entradas – diz Lyme. – Elas estão colocadas muito profundamente na pedra para sofrer qualquer estrago.

– Eu não estava pensando nisso – diz Gale. – Estava pensando em usar a montanha. – Beetee se levanta e se junta a Gale na janela, espiando através de seus óculos mal encaixados. – Está vendo ali, ao longo das encostas?

– Trilhas de avalanche – diz Beetee entre os dentes. – Pode ser complicado. Teríamos de desenhar a sequência da detonação com muito cuidado e, uma vez começada, não teríamos esperança de controlá-la.

– Não vamos precisar controlar nada se abandonarmos a ideia de tomar posse da Noz – diz Gale. – Só vamos precisar fechar o local.

– Você está sugerindo que a gente desencadeie avalanches e bloqueie as entradas? – pergunta Lyme.

– É isso aí – diz Gale. – A gente prende o inimigo lá dentro, impedimos a entrada de qualquer suprimento. Tornamos impossível a decolagem dos aerodeslizadores.

Enquanto todos avaliam o plano, Boggs folheia uma pilha de desenhos e esquemas da Noz e franze a testa.

– A gente vai correr o risco de matar todo mundo lá dentro. Olha só o sistema de ventilação. É rudimentar, na melhor das hipóteses. Não é nem um pouco parecido com o que a gente tem no 13. Ele depende totalmente do bombeamento de ar das encostas da montanha. Se você bloquear esses dutos, vai sufocar quem quer que esteja preso lá dentro.

– Eles poderiam escapar através do túnel do trem até a praça – diz Beetee.

– Não se a gente explodir o túnel – diz Gale, bruscamente. A intenção dele, o objetivo final dele, fica muito claro. Gale não tem interesse em preservar a vida de ninguém na Noz. Não tem interesse em enjaular as presas para uso posterior.

Esta é uma de suas armadilhas mortais.

As implicações do que Gale está sugerindo aterrissam silenciosamente no recinto. É possível ver a reação se formando nos rostos de todos. As expressões variam de prazer a inquietação, de pena a satisfação.

– Os trabalhadores são, em sua maioria, cidadãos do 2 – diz Beetee de modo neutro.

– E daí? – diz Gale. – Nós nunca mais vamos poder voltar a confiar neles mesmo.

– Eles deveriam ter, pelo menos, uma chance de rendição – diz Lyme.

– Bom, isso é um luxo que ninguém nos deu quando bombardearam o 12, mas vocês todos são muito mais simpáticos com a Capital aqui – diz Gale. Pelo olhar de Lyme eu diria que ela poderia muito bem dar um tiro nele, ou pelo menos mandá-lo para a forca. Ela provavelmente levaria vantagem sobre ele, com todo o treinamento ao qual foi submetida. Mas a raiva dela parece apenas deixá-lo enfurecido e ele berra:

– Nós assistimos a nossas crianças queimando até a morte e não havia nada que a gente pudesse fazer!

Tenho de fechar os olhos por um minuto, à medida que a imagem explode ao meu redor. Ela tem o efeito desejado. Quero que todo mundo naquela montanha morra. Estou a ponto de dizer isso. Mas acontece que... eu também sou uma menina do Distrito 12. Não sou o presidente Snow. Não posso fazer nada a respeito. Não posso condenar alguém à morte como ele está sugerindo.

– Gale – digo, pegando o braço dele e tentando falar num tom racional. – A Noz é uma velha mina. Seria como causar um gigantesco acidente numa mina de carvão. – Certamente as palavras são suficientes para fazer qualquer pessoa do 12 pensar duas vezes antes de ir em frente com esse plano.

– Mas não tão rápido como aquele que matou nossos pais – retruca ele. – Todo mundo acha isso um problema? Nossos inimigos poderem talvez contar com algumas horas para refletir sobre o fato de que estão morrendo, em vez de serem simplesmente despedaçados numa explosão?

Nos velhos tempos, quando não passávamos de duas crianças caçando fora do 12, Gale dizia coisas assim e outras ainda piores. Mas naquela época, aquilo não passava de palavras. Aqui, colocadas em prática, elas tornam-se atos que jamais poderão ser desfeitos.

– Você não sabe como essas pessoas do Distrito 2 foram acabar na Noz – digo. – Elas podem ter sido coagidas. Elas podem estar sendo mantidas lá contra a vontade delas. Algumas trabalham como espiões para nós. Você também vai matá-las?

– Sim, eu sacrificaria algumas pessoas para libertar as restantes – responde ele. – E se eu fosse um espião lá dentro eu diria: "Que venham as avalanches!"

Sei que ele está dizendo a verdade. Que Gale sacrificaria sua vida dessa maneira pela causa – ninguém duvida disso. Talvez se nós todos fizéssemos a mesma coisa, se fôssemos os espiões e essa escolha nos fosse dada. Acho que eu faria isso. Mas é uma decisão fria de se tomar para outras pessoas e para aquelas que as amam.

– Você disse que a gente tinha duas escolhas – diz Boggs. – Prender todo mundo numa armadilha ou obrigá-los a sair de lá. Acho que a gente deve tentar fazer a avalanche na montanha, mas sem destruir o túnel de trem. As pessoas vão poder escapar para a praça, onde a gente vai estar esperando por elas.

– Bem armados, espero eu – diz Gale. – Pode ter certeza de que eles vão estar.

– Bem armados. Vamos levar todo mundo como prisioneiro – concorda Boggs.

– Vamos informar o 13 agora – sugere Beetee. – Vamos deixar a presidenta Coin opinar.

– Ela vai querer bloquear o túnel – diz Gale com convicção.

– Sim, provavelmente. Mas também tem o seguinte: Peeta estava certo no pontoprop dele. Em relação ao perigo de nos matarmos mutuamente. Tenho brincado com alguns números, feito algumas continhas de vítimas e feridos e... acho que pelo menos vale uma conversa – diz Beetee.

Somente algumas pessoas são convidadas a tomar parte nessa conversa. Gale e eu somos liberados com o restante. Eu o levo para caçar para que ele possa esfriar um pouco a cabeça, mas ele não toca no assunto. Deve estar irritado demais comigo por eu ter me oposto a ele.

O telefonema é dado, uma decisão é tomada e, ao anoitecer, estou paramentada com meu traje de Tordo, com meu arco e flecha preso no ombro e um dispositivo auricular que me conecta a Haymitch no 13 – para a eventualidade de surgir uma boa oportunidade para um pontoprop. Esperamos no terraço do Edifício da Justiça com uma visão nítida de nosso alvo. Nossos aerodeslizadores são inicialmente ignorados pelos comandantes na Noz, porque no passado eles representavam tanto problema quanto moscas zumbindo em cima de um pote de mel. Mas depois de duas rodadas de bombas nas elevações mais altas da montanha, as aeronaves recebem a devida atenção. Quando as baterias antiaéreas da Capital começam a atirar, já é tarde demais.

O plano de Gale ultrapassa as expectativas de todos. Beetee estava certo em relação a ser impossível controlar as avalanches uma vez que elas são desencadeadas. As encostas da montanha são naturalmente instáveis mas, enfraquecidas pelas explosões, parecem quase fluidas. Seções inteiras da Noz desabam diante de nossos olhos, obliterando qualquer sinal de que seres humanos alguma vez puseram os pés no local. Ficamos mudos, diminutos e insignificantes. Enterrando as entradas sob toneladas de rocha. Levantando uma nuvem de sujeira e destroços que escurece o céu. Transformando a Noz num túmulo.

Imagino o inferno no interior da montanha. Sirenes soando. Luzes tremeluzindo na escuridão. Poeira de rocha estrangulando o ar. Os berros das pessoas, presas e em pânico, cambaleando desvairadamente em busca de uma saída, e descobrindo que as entradas, a plataforma de lançamento e os próprios dutos de ventilação estão soterrados, e que a rocha está bloqueando a entrada. Fios elétricos à solta, incêndios aqui e ali, fragmentos e dejetos transformando trilhas conhecidas em verdadeiros labirintos. Pessoas esmurrando portas, empurrando umas às outras, rastejando como formigas à medida que o morro as soterra cada vez mais, ameaçando esmagar suas frágeis cascas.

– Katniss? – A voz de Haymitch está em meu dispositivo auricular. Tento responder ao chamado e descubro que as minhas duas mãos estão bem apertadas na minha boca. – Katniss!

No dia em que meu pai morreu, as sirenes soaram durante o meu almoço na escola. Ninguém esperou até ser dispensado e ninguém imaginou que alguém esperaria. A reação a um acidente de mina era algo fora do controle até mesmo da Capital. Corri até a sala de Prim. Ainda me

lembro dela, pequenininha aos sete anos de idade, muito pálida, mas sentada com o corpo ereto e as mãos dobradas em cima da mesa. Esperando que eu a pegasse como prometera que faria se as sirenes soassem. Ela se levantou rapidamente, agarrou a manga do meu casaco e seguimos em meio ao fluxo intenso de pessoas que invadiram as ruas para se aglomerar na entrada principal da mina. Encontramos nossa mãe segurando com firmeza a corda que fora rapidamente colocada para manter a multidão afastada do local. Em retrospecto, imagino que já devia saber que havia algum problema naquela altura. Não fosse assim, por que estaríamos procurando por ela quando o inverso é que deveria estar acontecendo?

Os elevadores estavam chiando, os cabos praticamente destruídos pelo fogo, enquanto vomitavam mineiros escurecidos pela fumaça em direção à luz do dia. Com cada grupo vinham gritos de alívio, parentes passando por baixo da corda para conduzir seus maridos, esposas, crianças, pais e irmãos. Ficamos paradas no ar gelado enquanto o tempo fechava naquela tarde, uma neve ligeira cobrindo a terra. Os elevadores agora se moviam mais lentamente e desovavam menos seres vivos. Eu me ajoelhei no chão e pressionei as mãos nas cinzas, desejando ardentemente puxar meu pai para sua liberdade. Se existe uma sensação de maior desamparo do que tentar alcançar alguém que você ama e que está preso debaixo da terra, devo admitir que a desconheço. Os feridos. Os corpos. A espera em meio à noite. Cobertores colocados em seus ombros por estranhos. Uma caneca com alguma coisa quente que você não bebe. E então, finalmente, de madrugada, a pesarosa expressão no rosto do capitão da mina que só podia significar uma única coisa.

O que foi que nós fizemos?

– Katniss! Você está aí? – Haymitch deve estar a essa altura planejando me enfiar um grilhão de cabeça.

Abaixo as mãos.

– Estou.

– Entre. Pode ser que a Capital tente retaliar com o que sobrou da força aérea deles – instrui ele.

– Certo. – Todos no terraço, exceto os soldados manuseando as metralhadoras, começam a entrar. À medida que começo a descer a escada, não consigo evitar roçar os dedos nas imaculadas paredes brancas de mármore. Tão frias e belas. Nem mesmo na Capital existe algo que possa se comparar à magnificência desse antigo prédio. Mas não há flexibilidade

na superfície, meu corpo é o único sustentáculo, já sem nenhum calor. A pedra supera as pessoas o tempo todo.

Eu me sento na base de um dos gigantescos pilares no grande hall de entrada. Através das portas, consigo ver a extensão de mármore branco que leva até os degraus na praça. Eu me lembro de como estava enjoada no dia em que Peeta e eu estivemos lá para receber as congratulações pela vitória nos Jogos. Esgotada pela Turnê da Vitória, fracassando em minha tentativa de acalmar os distritos, encarando as lembranças de Clove e Cato, especialmente a morte lenta e horripilante de Cato nas mãos dos bestantes.

Boggs se agacha ao meu lado, sua pele pálida em meio às sombras.

– Nós não bombardeamos o túnel do trem, fique sabendo. Provavelmente algumas pessoas vão conseguir escapar de lá.

– E depois vamos atirar nelas assim que derem as caras por aqui? – pergunto.

– Só se for necessário – responde ele.

– Nós mesmos podíamos enviar alguns trens para ajudar a evacuar os feridos – digo.

– Não. Foi decidido que a gente deixaria o túnel por conta deles. Assim, eles podem usar todas as trilhas para tirar as pessoas de lá – diz Boggs. – Além do mais, isso vai dar tempo para levarmos o resto dos nossos soldados para a praça.

Algumas horas atrás, a praça era uma terra de ninguém, a linha de frente da batalha entre os rebeldes e os Pacificadores. Quando Coin aprovou o plano de Gale, os rebeldes empreenderam um intenso ataque e obrigaram as forças da Capital a recuar diversos quarteirões, o que nos garantiria o controle da estação ferroviária na eventualidade da queda da Noz. Bom, ela caiu. A realidade foi absorvida. Quaisquer sobreviventes fugirão para a praça. Posso ouvir os canhões recomeçando a atirar, já que os Pacificadores, sem dúvida nenhuma, estão tentando reagir com o intuito de resgatar seus camaradas. Nossos próprios soldados estão sendo trazidos para se opor a essa iniciativa.

– Você está gelada – diz Boggs. – Vou ver se encontro um cobertor. – Ele sai antes que eu consiga protestar. Não quero cobertor nenhum, mesmo que o mármore continue a sugar o calor do meu corpo.

– Katniss – diz Haymitch em meu ouvido.

– Ainda estou aqui – respondo.

– Uma mudança de rumo interessante ocorreu com o Peeta hoje de tarde. Pensei que você quisesse ficar sabendo – diz ele. “Interessante” não me soa bem. A coisa não está melhor. Mas realmente não tenho escolha a não ser ouvir. – Nós mostramos a ele aquele clipe com você cantando “A árvore-forca”. Isso nunca foi ao ar, de modo que a Capital não pôde usar a gravação quando ele estava sendo telessequestrado. Ele diz que reconheceu a canção.

Por um instante, meu coração para de bater. Então me dou conta de que isso só pode ser mais alguma confusão proporcionada pelo soro das teleguiadas.

– Isso não é possível, Haymitch. Ele nunca me ouviu cantando essa canção.

– Você, não. Seu pai. Ele ouviu seu pai cantando a música num dia em que foi negociar alguma coisa na padaria. Peeta era pequeno, provavelmente seis ou sete anos, mas ele se lembrou da canção porque estava ouvindo com atenção para ver se os pássaros paravam de cantar – diz Haymitch. – Acho que eles pararam.

Seis ou sete anos. Isso teria sido antes de minha mãe banir a canção. Talvez até por volta da época em que eu mesma estava aprendendo a cantá-la.

– Eu também estava lá?

– Acho que não. De qualquer maneira, ele não fala nada sobre você. Mas essa é a primeira ligação com você que não desencadeou nenhum colapso nervoso – diz Haymitch. – Pelo menos, já é alguma coisa, Katniss.

Meu pai. Parece que ele está por todo lado hoje. Morrendo na mina. Cantando na consciência confusa de Peeta. Tremeluzindo no olhar que Boggs dirige a mim enquanto coloca o cobertor de maneira protetora em meus ombros. Sinto tanta falta dele que chega a doer.

Os tiros de canhões estão realmente se intensificando lá fora. Gale aparece correndo com um grupo de rebeldes, ansioso para entrar na batalha. Não faço nenhum pedido para me juntar aos combatentes. Não que eles fossem permitir, evidentemente. De uma forma ou de outra, não tenho estômago para isso, meu sangue está frio. Gostaria muito que Peeta estivesse aqui – o antigo Peeta – porque ele seria capaz de expressar por que é tão errado trocar tiros quando as pessoas, quaisquer que sejam, estão tentando achar um meio viável de sair da montanha. Ou será que é a minha própria história que está me deixando tão sensível? Por acaso não estamos

em guerra? Essa não é simplesmente mais uma maneira de matar nossos inimigos?

A noite cai rapidamente. Holofotes gigantescos e brilhantes são acesos, iluminando a praça. Todas as lâmpadas devem estar queimando com intensidade total também no interior da estação ferroviária. Mesmo da posição em que me encontro, do outro lado da praça, consigo ver claramente através do vidro do prédio alto e estreito. Seria impossível perder a chegada de algum trem, ou mesmo uma única pessoa. Mas as horas passam e ninguém aparece. A cada minuto que se passa, fica cada vez mais difícil imaginar que alguém tenha sobrevivido ao assalto à Noz.

Já é bem depois da meia-noite quando Cressida vem atar um microfone especial ao meu traje.

– Para que isso? – pergunto.

A voz de Haymitch surge para dar a explicação.

– Sei que você não vai gostar disso, mas a gente precisa que você faça um discurso.

– Um discurso? – digo, sentindo uma náusea quase que imediata.

– Vou ditá-lo, linha por linha – assegura ele. – Você só vai precisar repetir o que eu disser. Escuta, não há o menor sinal de vida na montanha. Nós vencemos, mas o combate continua. Então a gente pensou... não seria interessante você aparecer na entrada do Edifício da Justiça e discursar dizendo para todo mundo que a Noz foi derrotada, que a presença da Capital no Distrito 2 está encerrada? Assim talvez você consiga convencer o restante das tropas deles a se render.

Observo a escuridão além da praça.

– Não consigo nem ver as tropas deles daqui.

– É para isso que serve o microfone – diz ele. – Você vai aparecer numa transmissão. Não só a sua voz, através do sistema de áudio de emergência deles, como também a sua imagem vai surgir onde quer que as pessoas tenham acesso a alguma tela de TV.

Sei que há algumas telas de TV enormes aqui na praça. Eu as vi durante a Turnê da Vitória. Podia até funcionar, se eu fosse boa nesse tipo de coisa. O que não é o caso. Eles também tentaram fazer com que eu fizesse discursos naqueles primeiros experimentos com os pontoprops, e o resultado foi um fiasco.

– Você poderia salvar muitas vidas, Katniss – diz Haymitch por fim.

– Tudo bem. Vou tentar – digo a ele.

É estranho ficar em pé do lado de fora, ao pé da escada, totalmente paramentada, intensamente iluminada, mas sem nenhuma audiência visível a quem endereçar meu discurso. É como se eu estivesse dando um show para a lua.

– Vamos fazer isso rapidinho – diz Haymitch. – Você está exposta demais.

Minha equipe de TV, posicionada na praça com câmeras especiais, indica que está pronta. Digo a Haymitch que pode seguir em frente e então dou um clique no microfone e ouço cuidadosamente a primeira frase do discurso que ele dita para mim. Uma enorme imagem minha surge em cores vivas em uma das telas da praça assim que dou início:

– Povo do Distrito 2, quem se dirige a vocês é Katniss Everdeen. Estou falando da escada do Edifício da Justiça, onde...

Dois trens surgem chiando lado a lado na estação ferroviária. Assim que as portas se abrem, pessoas saem de dentro deles envoltas numa nuvem de fumaça que trouxeram da Noz. Elas devem ter notado pelo menos um indício do que estaria à espera delas na praça, porque dá para ver que estão tentando agir de maneira evasiva. A maioria delas se joga no chão e uma chuva de balas do interior da estação apaga as luzes. Elas vieram armadas, como previra Gale, mas também feridas. Os gemidos podem ser ouvidos no ar silencioso da noite.

Alguém apaga as luzes na escada, deixando-me na proteção da sombra. Uma chama brilha no interior da estação – um dos trens deve estar pegando fogo – e uma espessa fumaça preta toma conta das janelas. Sem escolha, as pessoas começam a invadir a praça aos borbotões, engasgadas, porém brandindo suas armas de modo desafiador. Meus olhos vasculham rapidamente os terraços que contornam a praça. Cada um deles foi fortificado com ninhos de metralhadoras operadas por rebeldes. O reflexo do luar ilumina as barricadas molhadas de óleo.

Um jovem cambaleia para fora da estação, uma das mãos pressionando um pedaço de pano ensanguentado no rosto, a outra carregando uma arma. Quando ele tropeça e cai de cara no chão, vejo as marcas de queimadura na parte de trás de sua camisa, a carne vermelha por baixo. E subitamente, ele se transforma em mais uma vítima de queimaduras de um acidente de mina.

Meus pés voam escada abaixo e começo a correr até ele.

– Parem! – grito para os rebeldes. – Parem de atirar! – As palavras ecoam ao redor e além da praça, à medida que o microfone amplia a minha voz. – Parem! – Estou me aproximando do jovem, me abaixando para ajudá-lo, quando ele consegue se arrastar até ficar de joelhos e aponta a arma para a minha cabeça.

Dou alguns passos para trás instintivamente, ergo o arco acima da cabeça e mostro que as minhas intenções são pacíficas. Agora que ele está com ambas as mãos na arma, reparo no buraco irregular em sua bochecha onde alguma coisa – uma pedra caída talvez – furou sua carne. Ele cheira a coisas queimadas, cabelo, carne e combustível. Seus olhos estão enlouquecidos de dor e medo.

– Não se mexa – sussurra a voz de Haymitch em meu ouvido. Sigo sua ordem, percebendo que isso é o que todo o Distrito 2, quem sabe toda Panem, deve estar assistindo nesse momento. O Tordo à mercê de um homem que não tem nada a perder.

A fala enrolada do rapaz é praticamente incompreensível.

– Me dê um motivo para eu não atirar em você agora mesmo!

O resto do mundo recua. Existe apenas meu olhar para os olhos infelizes do homem da Noz que pede um motivo. Certamente eu deveria ser capaz de fornecer milhares deles. Mas as palavras que escapam de meus lábios são:

– Eu não consigo.

Logicamente, a próxima coisa a acontecer deveria ser o homem puxar o gatilho. Mas ele está perplexo, tentando compreender minhas palavras. Experimento minha própria confusão enquanto percebo que o que acabei de dizer é completamente verdadeiro e que o nobre impulso que me levou até aquela escada foi substituído pelo desespero.

– Eu não consigo. Esse é o problema, não é? – Abaixo o arco. – A gente explodiu a sua mina. Vocês transformaram o meu distrito num monte de cinzas. Temos todos os motivos para nos matarmos. Então vá em frente. Faça a felicidade da Capital. *Eu* parei de matar os escravos deles. – Solto o arco e o chuto com a bota. Ele desliza na pedra e se acomoda nos joelhos dele.

– Eu não sou escravo deles – murmura o homem.

– Eu sou – digo. – Foi por isso que matei Cato... e ele matou Thresh... e ele matou Clove... e ela tentou me matar. E por aí vai, e por aí vai, e quem

é que vence? Com certeza não somos nós. Não os distritos. Sempre a Capital. Mas estou cansada de ser uma pecinha nos Jogos deles.

Peeta. No terraço naquela noite antes de nossos primeiros Jogos Vorazes. Ele entendeu isso muito antes até de colocarmos os pés na arena. Espero que ele esteja assistindo agora, que se lembre daquela noite exatamente como ela aconteceu, e que talvez me perdoe quando eu morrer.

– Continue falando. Conte para eles como foi assistir à queda da montanha – insiste Haymitch.

– Quando vi a montanha caindo hoje à noite, pensei... eles fizeram isso mais uma vez. Mandaram-me matar vocês: o povo dos distritos. Mas por que será que fiz isso? O Distrito 12 e o Distrito 2 não têm por que lutar um contra o outro, isso é uma invenção da Capital. – O jovem pisca para mim sem compreender coisa alguma. Caio de joelhos diante dele, minha voz baixa e urgente. – E por que vocês estão enfrentando os rebeldes nos terraços dos prédios? Por que vocês estão lutando contra a Lyme, que foi a vencedora de vocês? Com pessoas que foram seus vizinhos, de repente até familiares de vocês?

– Eu não sei – diz o homem. Mas ele não deixa de apontar a arma para mim.

Eu me levanto e giro lentamente o corpo para me dirigir às metralhadoras.

– E vocês aí em cima? Eu nasci numa cidade mineira. Desde quando mineiros condenam outros mineiros a esse tipo de morte e depois ficam em alerta para matar quem quer que consiga rastejar com vida do meio dos escombros?

– Quem é o inimigo? – sussurra Haymitch.

– Essas pessoas. – Indico os corpos feridos na praça. – Elas não são nossas inimigas! – Eu me volto novamente para a estação ferroviária. – Os rebeldes não são seus inimigos! Nós todos temos um único inimigo, e é a Capital! Esta é a nossa chance de pôr um fim ao poder deles, mas precisamos de todas as pessoas de todos os distritos para conseguir isso!

As câmeras estão focalizadas em mim enquanto estendo as mãos ao homem, aos feridos, aos rebeldes relutantes em toda Panem.

– Por favor! Juntem-se a nós!

Minhas palavras pairam no ar. Olho para a tela, na esperança de vê-los gravando alguma onda de reconciliação surgindo em meio à multidão.

Em vez disso, assisto a mim mesma levando um tiro na TV.

“Sempre.”

Na fase final do morfináceo, Peeta sussurra a palavra e vou atrás dele. É um mundo diáfano, em tons violáceos, sem bordas salientes e com muitos lugares para se esconder. Avanço em meio a bancos de nuvens, sigo trilhas tênues, capturo o aroma de canela ou de aneto. Assim que sinto a mão dele em meu rosto, tento prendê-la, mas ela se dissolve em meus dedos como se fosse névoa.

Quando finalmente começo a voltar à superfície, no interior do esterilizado quarto de hospital no 13, eu lembro. Estava sob a influência do remédio para dormir. Eu machucara o calcanhar depois de saltar de um galho por cima da cerca eletrificada e cair de volta no 12. Peeta me colocara na cama e eu lhe pedira para ficar comigo enquanto adormecia. Ele sussurrara alguma coisa e eu não conseguira entender exatamente o quê. Mas alguma parte do meu cérebro captara sua única palavra de resposta e a deixara nadar em meus sonhos para agora me provocar. “Sempre.”

Os morfináceos anestesiam os extremos de todas as sensações de modo que, em vez de sentir uma pontada de pesar, sinto apenas um vazio. Um vazio de arbustos mortos onde costumavam florescer flores. Infelizmente, não sobrou o suficiente da droga em minhas veias para que eu ignore a dor no lado esquerdo do meu corpo. Foi ali que a bala me atingiu. Minhas mãos remexem os grossos curativos que envolvem as costelas e imagino o que ainda estou fazendo aqui.

Não foi ele, o homem ajoelhado diante de mim na praça, o jovem queimado que viera da Noz. Ele não puxou o gatilho. Foi alguém mais distante, na multidão. A sensação foi mais de ter sido golpeada por uma marreta do que de penetração. Tudo após aquele momento de impacto é confusão crivada por tiros. Tento me sentar na cama, mas a única coisa que consigo fazer é gemer.

A cortina branca que divide minha cama da cama do próximo paciente é puxada, e Johanna Mason olha para mim. A princípio, sinto-me ameaçada, porque ela me atacou na arena. Preciso lembrar a mim mesma

que ela fez isso para salvar minha vida. Fazia parte do complô rebelde. Mas, ainda assim, isso não significa que ela não me despreze. Talvez a forma como ela me tratou não tenha passado de uma ação da Capital. Será?

– Estou viva – digo, a voz rouca.

– Sem dúvida, sua desmiolada. – Johanna se aproxima e se joga em cima da minha cama, produzindo pontadas agudas de dor em meu peito. Quando ela dá uma risadinha para o meu desconforto, compreendo que não estamos protagonizando nenhuma adorável cena de reencontro. – Ainda está um pouco dolorido? – Com mão de especialista, ela rapidamente retira o tubo de morfináceo do meu braço e o engata em um buraquinho preso com esparadrapo em seu próprio braço. – Eles começaram a cortar o meu suprimento alguns dias atrás. Estou com medo de me transformar numa dessas aberrações do 6. Tive de tomar emprestado um pouco do seu quando a barra estava limpa. Achei que você não fosse ligar.

Ligar? Como posso ligar depois de ela ter sido ela quase torturada até a morte por Snow, depois do Massacre Quaternário? Não tenho esse direito, e ela sabe disso.

Johanna suspira à medida que o morfináceo entra em sua corrente sanguínea.

– De repente eles estavam prestes a fazer uma descoberta importante no 6. Você se enche de droga e pinta flores no corpo. Não é uma vida tão ruim assim. De qualquer maneira, eles parecem mais felizes do que o resto de nós.

Nas semanas que se passaram desde que saí do 13, ela ganhou um pouco de peso. Uma suave camada de cabelo castanho brotou em sua cabeça raspada, ajudando a esconder algumas das cicatrizes. Mas se ela está pegando um pouco do meu morfináceo, está ainda lutando.

– Eles mandam um médico de cabeça me visitar todo dia. A ideia é ajudar na minha recuperação. Como se algum cara que passou a vida nessa toca de coelho pudesse me colocar nos eixos. Um idiota completo. Pelo menos umas vinte vezes por sessão ele me lembra de que estou em total segurança. – Consigo dar um sorriso. É realmente uma imbecilidade dizer algo assim, principalmente para uma vitoriosa. Como se esse tipo de estado de espírito realmente existisse, em algum lugar do planeta, para quem quer que seja. – E você, Tordo? Você se sente em total segurança?

– Ah, pode crer. Até levar aquele tiro – digo.

– Por favor. Aquela bala nem tocou em você. Cinna cuidou disso – diz ela.

Penso nas camadas de armadura protetora em meu traje de Tordo. Mas a dor veio de algum lugar.

– Costelas quebradas, talvez?

– Nem isso. Mas machucou legal. O impacto rompeu seu baço. Eles não conseguiram reparar o dano. – Ela balança a mão como quem despreza a importância do acontecimento. – Não se preocupe, você não precisa de baço. E se precisasse, eles arrumariam um para você, não é mesmo? Por acaso não é tarefa de todos mantê-la viva?

– É por isso que você me odeia? – pergunto.

– Em parte – admite ela. – Ciúme certamente tem a ver. Eu também acho você um pouquinho difícil de engolir. Esse seu romancezinho pegajoso e toda essa encenação da defensora-dos-fracos-e-oprimidos. Só que não é encenação, o que faz com que você fique ainda mais insuportável. Por favor, sinta-se à vontade para levar isso para o lado puramente pessoal.

– *Você* devia ser o Tordo. Ninguém ia precisar ditar as frases para você – digo.

– Verdade. Mas ninguém gosta de mim – diz ela.

– Mas confiaram em você. Para me tirar de lá – lembro a ela. – E têm medo de você.

– Aqui, talvez. Na Capital, eles agora têm medo é de você. – Gale aparece na entrada, e Johanna retira habilidosamente o tubo de morfináceo de seu braço e o recoloca no meu. – Seu primo não tem medo de mim – diz ela, confidencialmente. Ela sai rapidamente da minha cama e se dirige à porta, cutucando a perna de Gale com os quadris ao passar por ele. – Tem, lindinho? – Ouvimos sua gargalhada enquanto ela desaparece corredor afora.

Ergo as sobrancelhas para ele enquanto ele pega a minha mão.

– Morro de medo – diz ele. Eu rio, mas o riso vira uma careta. – Fácil. – Ele acaricia o meu rosto enquanto a dor diminui. – Você precisa parar de se meter em encrencas desse jeito.

– Eu sei. Mas alguém explodiu uma montanha – respondo.

Em vez de recuar, ele se aproxima, investigando meu rosto.

– Você acha que sou frio e insensível.

– Sei que você não é. Mas eu não vou dizer que está tudo bem – digo.

Agora ele recua, de modo quase impaciente.

– Katniss, que diferença existe realmente entre esmagar nossos inimigos numa mina e fazê-los voar pelos ares com uma das flechas de Beetee? O resultado é o mesmo.

– Eu não sei. A gente estava sendo atacado no 8, para começo de conversa. O hospital estava sendo atacado – digo.

– Sim, e aqueles aerodeslizadores vinham do Distrito 2 – diz ele. – Então, ao acabar com todos eles, a gente impediu ataques posteriores.

– Mas essa linha de pensamento... Você pode acabar transformando isso num argumento para matar qualquer pessoa, a qualquer momento. Você pode acabar justificando o envio de crianças para os Jogos Vorazes com o intuito de impedir que os distritos se rebelem – respondo.

– Eu não engulo essa – diz ele.

– Eu, sim – respondo. – Devem ter sido as minhas idas à arena.

– Ótimo. A gente sabe como discordar um do outro – diz ele. – A gente sempre soube. De repente, isso é uma boa. Entre nós, agora tem o Distrito 2.

– É mesmo? – Por um momento, uma sensação de triunfo se acende dentro de mim. Então penso nas pessoas na praça.

– Houve luta depois que levei o tiro?

– Não muita. Os trabalhadores da Noz começaram a xingar os soldados da Capital. Os rebeldes ficaram apenas sentados assistindo – diz ele. – Para falar a verdade, o país inteiro ficou apenas sentado assistindo.

– Bom, isso é o que eles fazem melhor – digo.

Qualquer pessoa que perdesse um órgão importante pensaria que isso lhe daria o direito de ficar deitada por algumas semanas mas, por algum motivo, meus médicos querem que eu me levante e me mexa quase que imediatamente. Mesmo com o morfináceo, as dores internas são intensas durante os primeiros dias, mas em seguida diminuem consideravelmente. O dolorido das costelas machucadas, entretanto, promete perdurar por um bom tempo. Começo a me ressentir do fato de Johanna estar desfrutando de meu suprimento de morfináceo, mas ainda assim permito que ela pegue o que bem entender.

Boatos acerca da minha morte têm se espalhado, de modo que eles enviam a equipe para me filmar no leito do hospital. Exibo meus pontos e os impressionantes hematomas, e congratulo os distritos pela exitosa

batalha que empreenderam em prol da unidade. Em seguida, aviso à Capital que muito em breve estaremos lá.

Como parte de minha reabilitação, faço caminhadas curtas na superfície todos os dias. Numa determinada tarde, Plutarch se junta a mim e dá as últimas notícias sobre nossa atual situação. Agora que o Distrito 2 se aliou a nós, os rebeldes estão respirando um pouco para se reagruparem. Fortificando linhas de suprimentos, cuidando dos feridos, reorganizando as tropas. A Capital, como o 13 durante os Dias Escuros, encontra-se completamente desprovida de ajuda externa enquanto mantém a ameaça de um ataque nuclear sobre seus inimigos. Ao contrário do 13, a Capital não está em posição de reinventar-se e tornar-se autossuficiente.

– Ah, a cidade talvez seja capaz de se manter por um tempo – diz Plutarch. – Certamente, existe um estoque de recursos para fins emergenciais. Mas a diferença significativa entre o 13 e a Capital são as expectativas do populacho. O 13 estava acostumado à dureza, ao passo que na Capital, a única coisa que eles conhecem é *Panem et Circenses*.

– O que é isso? – Eu reconheço Panem, é claro, mas o resto não faz sentido para mim.

– É um ditado de milhares de anos atrás, escrito numa língua chamada latim sobre um lugar chamado Roma – explica ele. – *Panem et Circenses* se traduz por "pão e circo". O escritor queria dizer que em retribuição a barrigas cheias e diversão, seu povo desistira de suas responsabilidades políticas e, portanto, abdicara de seu poder.

Penso na Capital. No excesso de comida. E na diversão mais importante de todas: os Jogos Vorazes.

– Quer dizer então que é para isso que servem os distritos. Para fornecer o pão e o circo.

– Sim. E enquanto isso perdurasse, a Capital poderia continuar controlando seu pequeno império. Neste exato momento, ela não pode fornecer nem uma coisa nem outra, pelo menos não no padrão a que as pessoas estão acostumadas – diz Plutarch. – Nós temos a comida e estou a ponto de orquestrar um pontoprop de entretenimento que certamente será bastante popular. Afinal de contas, todo mundo adora casamentos.

Fico imóvel, congelada, enjoada com a ideia que ele está sugerindo. Encenar, de alguma maneira, um casamento pervertido entre mim e Peeta. Não consigo encarar aquele vidro desde que voltei e, seguindo uma solicitação pessoal minha, só recebo notícias sobre as condições de Peeta

da boca de Haymitch. Ele fala muito pouco sobre isso. Técnicas diferentes estão sendo tentadas. Jamais será possível encontrar uma maneira de deixá-lo totalmente curado. E agora eles querem que eu me case com Peeta para fazer um pontoprop?

Plutarch apressa-se em me acalmar.

– Ah, não, Katniss. Não é o seu casamento. É o casamento de Finnick e Annie. Você só vai precisar aparecer na frente da câmera e fingir que está feliz por eles.

– Essa é uma das poucas coisas que não precisam do meu fingimento, Plutarch – digo a ele.

Os dias seguintes trazem uma azáfama de atividades à medida que o evento começa a ser planejado. As diferenças entre a Capital e o 13 são expostas em alto-relevo por conta do evento. Quando Coin diz "casamento", ela quer dizer duas pessoas assinando uma folha de papel e recebendo um novo compartimento. Plutarch quer dizer centenas de pessoas vestidas com suas melhores roupas numa celebração de três dias. É divertido ver todos eles discutindo acaloradamente os detalhes da cerimônia. Plutarch precisa lutar por cada convidado, por cada nota musical. Depois que Coin veta um jantar, qualquer espécie de diversão e o consumo de álcool, Plutarch berra:

– Qual é o sentido de se fazer um pontoprop se ninguém estiver se divertindo?

É difícil convencer um Idealizador dos Jogos a controlar seus gastos. Mas mesmo uma celebração tranquila provoca uma comoção no 13, onde parece não haver nem mesmo feriados. Quando é anunciado que as crianças estão sendo convocadas para cantar a canção de casamento do Distrito 4, praticamente todas elas aparecem. Não faltam voluntários para ajudar na decoração. Na sala se jantar, as pessoas conversam animadamente a respeito do evento.

Talvez seja mais do que a festividade. Talvez seja porque estamos tão famintos para que alguma coisa boa aconteça que queremos fazer parte de tudo. Isso explicaria por que – quando Plutarch tem um ataque de nervos sobre o que a noiva vestirá – me apresento como voluntária para levar Annie até minha casa no 12, onde Cinna deixou uma variedade de roupas de gala num grande closet no andar de baixo. Todos os vestidos de noiva que ele desenhou para mim voltaram para a Capital, mas existem alguns deles que vesti na Turnê da Vitória. Sou um pouco cautelosa em relação à

convivência com Annie, já que tudo o que realmente sei dela é que Finnick a ama e que todo mundo pensa que ela é louca. Na viagem de aerodeslizador, percebo que ela é menos louca do que instável. Ela ri em momentos esquisitos durante a conversa ou para de falar sobre determinado assunto subitamente, distraindo-se com outra coisa. Aqueles olhos verdes fixam-se sobre um ponto com tamanha intensidade que você acaba tentando entender o que ela está vendo no meio do nada. Às vezes, sem nenhum motivo aparente, ela pressiona as duas mãos nos ouvidos como se estivesse tentando bloquear algum som doloroso. Tudo bem, ela é estranha, mas se Finnick a ama, isso já é mais do que suficiente para mim.

Tenho permissão para que minha equipe de preparação me acompanhe, o que me deixa aliviada por não ter de tomar nenhuma decisão concernente a moda. Quando abro o closet, todos ficam em silêncio porque a presença de Cinna é forte demais no fluir dos tecidos. Então Octavia cai de joelhos, esfrega a barra de uma saia no rosto e começa a chorar convulsivamente.

– Faz tanto tempo – diz ela, arquejando –, desde a última vez que vi alguma coisa bonita na minha vida.

Apesar das reservas do lado de Coin em relação ao excesso de extravagância, e do lado de Plutarch em relação à falta de brilho, o casamento é um sucesso estrondoso. Os trezentos convidados sortudos foram selecionados do 13 e os muitos refugiados vestem roupas do dia a dia, a decoração é feita de folhagens de outono, a música fica a cargo de um coro de crianças acompanhado de um solitário violinista que veio do 12 com seu instrumento. Então, trata-se de um evento simples, frugal, para os padrões da Capital. Pouco importa, porque nada pode competir com a beleza do casal. Não estou me referindo às finas vestimentas emprestadas – Annie está usando um vestido de seda verde que usei no 5, Finnick um dos ternos de Peeta posteriormente modificado –, embora elas sejam arrebatadoras. Quem consegue desviar o olhar dos rostos radiantes de duas pessoas para quem esse dia já foi considerado uma verdadeira impossibilidade? Dalton, o cara do gado do 10, conduz a cerimônia, já que ela é similar às que costumam ser feitas em seu distrito. Mas há toques característicos do Distrito 4. Uma rede tecida de capim comprido que cobre o casal durante os votos, o toque com água salgada nos lábios um do outro e a antiga canção de casamento, que compara a união a uma viagem do oceano.

Não, não preciso fingir estar feliz por eles.

Depois do beijo que sela a união, os aplausos e o brinde com sidra, o violinista entoa uma melodia que faz com que todas as cabeças do 12 se virem. Podemos ser o menor e mais pobre distrito de Panem, mas sabemos dançar. Nada foi oficialmente programado em relação a isso, mas Plutarch, que está convocando o pontoprop da sala de controle, deve estar com os dedos cruzados. Sem pestanejar, Greasy Sae agarra a mão de Gale e o puxa para o centro do salão, onde ficam frente a frente. Pessoas aparecem para se juntar a eles, formando duas longas fileiras. E a dança tem início.

Estou em pé ao lado da pista de dança, batendo palmas ao ritmo, quando uma mão ossuda me belisca acima do cotovelo. Johanna me dá uma bronca.

– Você vai perder a oportunidade de deixar o Snow ver você dançando? – Ela tem razão. O que poderia demonstrar a ideia de vitória com mais intensidade do que um feliz Tordo rodopiando ao som de música? Encontro Prim na multidão. Como as noites de inverno nos deram muito tempo para praticar, nós somos parceiras muito boas. Espanto para longe as preocupações dela com relação às minhas costelas e tomamos nossos lugares na fila. Dói, não resta dúvida, mas a satisfação de saber que Snow está me assistindo dançar com minha irmãzinha reduz quaisquer outras sensações a pó.

A dança nos transforma. Ensinamos os passos aos convidados do Distrito 13. Insistimos num número especial para a noiva e o noivo. Damos as mãos uns aos outros e fazemos um círculo gigante onde as pessoas exibem suas habilidades com os pés. Faz muito tempo que não acontece nada tão bobo, alegre ou engraçado. Isso poderia continuar por toda a noite, não fosse o último evento planejado para o pontoprop de Plutarch. Que, aliás, eu desconheço, mas era para ser mesmo uma surpresa.

Quatro pessoas trazem um enorme bolo de uma das salas adjacentes. A maioria dos convidados recua, dando passagem a essa raridade, a essa estonteante criação com ondas de glacê azul e verde e cobertura branca, nadando com peixes e barcos a vela, focas e anêmonas. Mas avanço em meio à multidão para confirmar o que já sabia à primeira vista. Com a mesma certeza de que os pontos do bordado no vestido de Annie foram feitos pela mão de Cinna, as flores em glacê naquele bolo foram feitas pela mão de Peeta.

Isso pode parecer algo menor, mas fala bem alto. Haymitch tem ocultado muitas coisas de mim. O garoto que vi da última vez, berrando e

esperneando, tentando se livrar de suas amarras, jamais poderia ter feito uma coisa dessas. Jamais poderia ter tido a concentração necessária, mantido as mãos firmes, bolado algo tão perfeito para Finnick e Annie. Como se estivesse prevendo minha reação, Haymitch aparece ao meu lado.

– Vamos ter uma conversa, você e eu – diz ele.

No salão, distante das câmeras, eu pergunto:

– O que está acontecendo com ele?

Haymitch balança a cabeça.

– Eu não sei. Ninguém sabe. Às vezes ele tem atitudes quase racionais, aí de repente, sem nenhum motivo, sai dos trilhos novamente. Fazer o bolo foi uma espécie de terapia. Ele tem trabalhado nele há dias. Quando olhava para ele... ele quase parecia ser a pessoa que sempre foi.

– Quer dizer então que ele cuidou de tudo sozinho? – pergunto. A ideia me deixa nervosa em cinco níveis diferentes.

– Ah, não. Ele preparou o glacê cercado por vários guardas. Ele ainda está sendo mantido em confinamento. Mas conversei com ele – diz Haymitch.

– Cara a cara? – pergunto. – E ele não pirou?

– Não. Ficou muito zangado comigo, mas por todos os motivos certos. Porque não contei para ele sobre o complô dos rebeldes e sei lá mais o quê. – Haymitch faz uma pausa por um momento, como se estivesse decidindo alguma coisa. – Ele disse que gostaria de vê-la.

Estou num barco a vela de glacê, cercada por ondas azuis e verdes, o deque balançando sob os meus pés. As palmas das minhas mãos estão pressionadas na parede para que eu consiga me equilibrar. Isso não fazia parte do plano. Eliminei Peeta no 2. Em seguida eu deveria partir para a Capital, matar Snow e ser resgatada. O tiro foi apenas um contratempo passageiro. Jamais deveria ouvir as palavras: "Ele disse que gostaria de vê-la." Mas agora que ouvi, não há como recusar.

Meia-noite e estou em pé do lado de fora da cela dele. Quarto de hospital. Tivemos de esperar que Plutarch terminasse suas tomadas do casamento que, apesar da falta do que ele chama de espalhafato, deixou-o satisfeito.

– A melhor coisa em relação à Capital basicamente ignorar o 12 todos esses anos é que vocês ainda possuem alguma espontaneidade. A audiência gosta de consumir esse tipo de coisa. Tipo quando Peeta anunciou que

estava apaixonado por você ou quando você fez aquele truque com as amoras. Isso fica perfeito na TV.

Eu gostaria de poder me encontrar com Peeta em particular. Mas a plateia de médicos reuniu-se atrás do vidro com visibilidade de um lado só, pranchetas a postos, canetas posicionadas. Quando Haymitch me dá o sinal de ok no meu dispositivo auricular, abro lentamente a porta.

Aqueles olhos azuis fixam-se instantaneamente em mim. Ele está com três correias em cada braço, e um tubo que pode liberar em sua corrente sanguínea uma droga paralisante para a eventualidade de perder o controle. Todavia, ele não luta para se soltar, apenas me observa com o olhar cauteloso de alguém que ainda não descartou a possibilidade de que está na presença de um bestante. Eu me aproximo até ficar a mais ou menos um metro de distância da cama. Não há nada que possa fazer com as minhas mãos, de modo que cruzo os braços na altura das costelas num gesto de proteção antes de falar.

– Oi.

– Oi – responde ele. – É parecida com a voz dele, é quase a voz dele, exceto pelo fato de que há algo de novo nela. Um certo tom de desconfiança e desaprovação.

– Haymitch disse que você queria falar comigo – digo.

– Antes de mais nada, olha só como você está. – É como se ele estivesse esperando que eu me transformasse num lobo híbrido, babando bem diante de seus olhos. Ele olha tão fixamente para mim, e por tanto tempo, que acabo olhando furtivamente para o vidro, esperando alguma instrução de Haymitch, mas meu dispositivo auricular permanece mudo. – Você não é muito formidável, é? Ou particularmente bonita?

Sei que ele passou pelo inferno e retornou, e no entanto, de algum jeito, a observação não é muito bem digerida por mim.

– Bom, você também já teve uma aparência melhor.

O conselho de Haymitch para que eu recue fica abafado por causa da gargalhada de Peeta.

– E não demonstra nem um pouquinho de simpatia. Dizer uma coisa dessas depois de tudo pelo que passei.

– É isso aí. Nós todos passamos por várias dificuldades. E você era o que mais demonstrava simpatia. Não eu. – Estou fazendo tudo errado. Não sei por que estou tão na defensiva. Ele foi torturado! Ele foi telessequestrado! O que há de errado comigo? De repente, acho que poderia

muito bem gritar com ele, nem tenho muita certeza sobre o quê, de modo que decido sair de lá. – Escuta, não estou me sentindo muito bem. De repente dou uma passada por aqui amanhã.

Mal cheguei à porta quando a voz dele me faz parar.

– Katniss. Eu me lembro do pão.

O pão. Nosso único momento de contato verdadeiro antes dos Jogos Vorazes.

– Eles passaram para você o vídeo em que falo sobre isso – digo.

– Não. Existe um vídeo em que você fala sobre isso? Por que a Capital não usou esse vídeo contra mim? – pergunta ele.

– Eu fiz no dia em que você foi resgatado – respondo. A dor no meu peito aperta as minhas costelas como um torno. A dança foi um erro.

– Então do que você lembra?

– De você. Na chuva – diz ele, suavemente. – Remexendo a nossa lixeira. Do pão queimando. Da minha mãe batendo em mim. Eu levando o pão para o porco, mas, em vez disso, dando-o para você.

– É isso aí. Foi exatamente isso o que aconteceu – digo. – No dia seguinte, depois da escola, eu quis agradecer. Mas não sabia como.

– Nós estávamos lá fora no fim do dia. Tentei olhar para você. Você desviou o olhar. E então... por algum motivo, acho que você colheu um dente-de-leão. – Balanço a cabeça concordando. Ele realmente se lembra. Jamais falei nada sobre aquele momento em voz alta. – Devo tê-la amado muito.

– Você me amou, sim. – Minha voz fica engasgada e finjo tossir.

– E você me amou? – pergunta ele.

Mantenho os olhos no chão de ladrilhos.

– Todo mundo diz que sim. Todo mundo diz que é por isso que Snow mandou torturarem você. Para me quebrar.

– Isso não é resposta – diz ele. – Não sei o que pensar quando me mostram alguns daqueles vídeos. Naquela primeira arena, parecia que você tinha tentado me matar com aquelas teleguiadas.

– Estava tentando matar todos vocês – digo. – Você me forçou a subir na árvore.

– Depois, rolou um monte de beijo. Não pareceu muito espontâneo da sua parte. Você gostou de ter me beijado? – pergunta ele.

– Algumas vezes – admito. – Você sabe que as pessoas estão assistindo à gente agora?

– Eu sei. E o Gale? – continua ele.

Minha raiva está retornando. Não estou nem aí para a recuperação dele; isso não é da conta das pessoas que estão atrás daquele vidro.

– Ele também não beija mal – digo, curta e grossa.

– E era tranquilo para nós dois? Você beijando outro? – pergunta ele.

– Não. Não era tranquilo para nenhum dos dois. Mas eu não estava pedindo sua permissão – digo a ele.

Peeta ri novamente, de um modo frio, com desprezo.

– Cara, você não existe, hein?

Haymitch não protesta quando saio de lá. Entro no corredor. Passo pela colmeia dos compartimentos. Encontro uma chaminé ligeiramente quente na lavanderia atrás da qual me escondo. Demora um bom tempo até eu conseguir chegar no fundo da questão acerca do motivo pelo qual estou tão irritada. Assim que chego à conclusão, é algo quase aterrorizante demais para admitir. Todos esses meses achando que era líquido e certo que Peeta me considerava uma pessoa maravilhosa agora fazem parte do passado. Finalmente, ele está conseguindo me ver como eu realmente sou. Violenta. Não confiável. Manipuladora. Mortífera.

E eu o odeio por isso.

Atacada pelas costas. É como me sinto quando Haymitch me dá a informação no hospital. Desço correndo os degraus até o Comando, a mente a mil por hora, e dou de cara com uma reunião de guerra.

– Que história é essa de que não vou para a Capital? Eu tenho de ir! Eu sou o Tordo! – digo.

Coin mal tira os olhos da tela de seu computador.

– E, na condição de Tordo, sua meta principal de unificar os distritos contra a Capital foi alcançada. Não se preocupe, se tudo der certo, mandamos você para lá no momento da rendição.

Rendição?

– Aí já vai ser tarde demais! Vou perder todo o combate. Vocês precisam de mim, sou a melhor atiradora que vocês têm! – grito. Eu não costumo me gabar assim, mas pelo menos isso deve estar próximo de ser verdade. – Gale vai?

– Gale participou dos treinamentos todos os dias, exceto quando estava ocupado com outras tarefas que lhe confiamos. Temos confiança de que ele conseguirá se virar bem no campo de batalha – diz Coin. – De quantas sessões de treinamento você estima ter participado?

Zero. Esse é o número.

– Bom, às vezes eu estava caçando. E... treinei com Beetee lá no Arsenal Especial.

– Não é a mesma coisa, Katniss – diz Boggs. – Todos nós sabemos que você é inteligente e corajosa e que atira muito bem. Mas precisamos de soldados no campo de batalha. Você não entende nada sobre cumprimento de ordens, e não se encontra exatamente em suas melhores condições físicas.

– Isso não foi nenhum problema para vocês quando eu estava no 8. Ou no 2, diga-se de passagem – retruco.

– Você não teve autorização prévia para entrar em combate em nenhuma das duas ocasiões – diz Plutarch, fuzilando-me com um olhar indicador de que estou a ponto de revelar muito mais do que deveria.

Não, a batalha durante os bombardeios no 8 e minha intervenção no 2 foram espontâneas, espinhosa e definitivamente não autorizadas.

– E ambas deixaram ferimentos em você – lembra-me Boggs. Subitamente, me vejo através de seus olhos. Uma pirralha de dezessete anos que mal consegue respirar, já que suas costelas ainda não estão totalmente curadas. Desgrenhada. Indisciplinada. Convalescendo. Não um soldado, mas alguém que necessita de cuidados.

– Mas preciso ir – digo.

– Por quê? – pergunta Coin.

Não posso dizer exatamente que é porque preciso acertar as minhas contas pessoais com Snow. Ou que a ideia de permanecer aqui no 13 com a última versão de Peeta enquanto Gale vai para a guerra me é insuportável. Mas não me faltam motivos para querer combater na Capital.

– Por causa do 12. Porque destruíram meu distrito.

A presidenta pondera minhas palavras por alguns instantes. Olha para mim como se estivesse me avaliando.

– Bom, você tem três semanas. Não é muita coisa, mas pode começar a treinar. Se o Comitê de Tarefas julgá-la capaz, é possível que seu caso seja reavaliado.

É isso. O máximo de esperança que posso ter. Imagino que seja culpa minha. Desrespeitei minha programação todos os dias, a não ser que ela se ajustasse a algum interesse particular. Não me parecia ser exatamente uma prioridade ficar correndo num campo com uma arma com tantas outras coisas acontecendo ao meu redor. E agora estou pagando pela minha negligência.

De volta ao hospital, encontro Johanna na mesma situação, cuspindo marimbondos. Conto a ela o que Coin me disse.

– De repente você também pode treinar.

– Beleza. Eu vou treinar. Mas vou para essa droga de Capital nem que seja obrigada a matar todos os tripulantes de um aerodeslizador e tenha que pilotar eu mesma até lá – diz Johanna.

– Acho que é melhor não mencionar esse tipo de coisa no treinamento – digo. – Mas é bom saber que vou ter uma carona.

Johanna dá um risinho, e sinto uma ligeira, porém significativa, guinada em nosso relacionamento. Não tenho como afirmar que somos efetivamente amigas, mas possivelmente a palavra “aliadas” se encaixaria muito bem. Isso é bom. Vou precisar de uma aliada.

Na manhã seguinte, quando nos apresentamos para o treinamento às 7:30, a realidade me dá um tapa na cara. Fomos inseridas numa turma mais ou menos de iniciantes, pessoas de quatorze ou quinze anos, o que parece um pouco indigno até ficar óbvio que eles estão em condições muito melhores que as nossas. Gale e as outras pessoas já escolhidas para ir para a Capital estão numa fase diferente de treinamento, muito mais avançada. Depois de alguns alongamentos – bem dolorosos – temos algumas horas de exercício de musculação – bem dolorosos – e uma corrida de seis quilômetros – que me deixou morta. Mesmo com os insultos motivacionais de Johanna me impulsionando, desabo depois de pouco mais de um quilômetro.

– São minhas costelas – explico à treinadora, uma mulher de meia-idade simples e direta a quem devemos nos dirigir como soldado York. – Ainda estão machucadas.

– Bom, vou lhe dizer uma coisa, soldado Everdeen, isso aí vai levar pelo menos mais um mês até sarar por conta própria – diz ela.

Balanço a cabeça.

– Não disponho de um mês.

Ela me olha de alto a baixo.

– Os médicos não ofereceram nenhum tratamento?

– Tem tratamento para isso? – pergunto. – Eles disseram que iam curar naturalmente.

– Isso é o que eles dizem. Mas podem acelerar o processo se eu fizer uma recomendação. Mas vou logo avisando, a coisa não vai ser divertida – diz ela.

– Por favor. Preciso ir para a Capital – digo.

A soldado York não questiona isso. Ela rabisca alguma coisa num bloco e me manda diretamente para o hospital. Eu hesito. Não quero perder mais nenhum treinamento.

– Volto para o treino da tarde – digo em tom de promessa. Ela apenas franze os lábios.

Depois de vinte e quatro picadas de agulha em minhas costelas, fico deitada em meu leito hospitalar, os dentes cerrados a fim de impedir a mim mesma de gritar para que tragam minhas gotas de morfináceo. A droga fica ao lado de minha cama para que eu tome uma dose caso seja necessário. Não a tenho usado ultimamente, mas a mantive ali por causa de Johanna. Hoje eles fizeram um exame de sangue em mim para se certificar de que eu

não tinha mais nenhum sinal do analgésico na corrente sanguínea, já que a mistura das duas drogas – o morfináceo e seja lá o que eles colocaram em mim que deixou minhas costelas pegando fogo – pode causar efeitos colaterais adversos. Deixaram bem claro que eu teria alguns dias bem difíceis. Mas pedi que prosseguissem com a operação.

A noite não está das melhores em nosso quarto. Dormir, nem pensar. Acho que estou até sentindo o cheiro do anel de carne queimando ao redor do meu peito, e Johanna está lutando contra os sintomas da abstinência. Mais cedo, quando pedi desculpas por cortar seu suprimento de morfináceo, ela desprezou o problema, dizendo que isso teria de acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas, às três da manhã, sou alvo de toda e qualquer blasfêmia que o Distrito 7 tem a oferecer. De madrugada, ela me arrasta para fora da cama, determinada a me levar para o treinamento.

– Acho que não consigo – confesso.

– Consegue, sim. Nós duas conseguimos. Somos vitoriosas, lembra? Somos as que conseguem sobreviver a qualquer coisa que atirem na gente – rosna ela para mim. Johanna está doentiamente verde, e trêmula como uma folha. Eu me visto.

Só mesmo sendo uma vitoriosa para acordar viva de manhã. Começo a achar que vou perder Johanna quando percebemos que está chovendo forte lá fora. O rosto dela adquire uma tonalidade acinzentada e parece que ela parou de respirar.

– É só água. Não vai nos matar – digo. Ela cerra os dentes e pisa firme na lama. A chuva nos deixa encharcadas assim que começamos a exercitar nossos corpos e a correr ao redor da pista. Paro mais uma vez depois de um quilômetro, e tenho de resistir à tentação de tirar a camisa para que a água gelada queime minhas costelas. Forço a ingestão do meu almoço de campo composto de peixe aguado e bife cozido. Johanna mal chega à metade de sua tigela e já está colocando tudo para fora. De tarde, aprendemos a montar nossas armas. Eu consigo, mas Johanna não é capaz de manter as mãos firmes o suficiente para juntar as partes. Quando York se vira de costas, eu a ajudo na tarefa. Muito embora a chuva prossiga, a tarde me parece um grande avanço porque alcançamos os alvos de tiro. Por fim, algo no qual sou boa. São necessários alguns ajustes antes de passar de um arco e flecha para uma arma de fogo, mas no fim do dia já estou com o melhor aproveitamento da turma.

Acabamos de entrar no hospital quando Johanna declara:

– Isso precisa acabar. Essa história de morarmos no hospital. Todo mundo acha que somos pacientes.

Para mim isso não é problema. Posso me mudar para o compartimento da nossa família, mas Johanna jamais teve direito a um. Quando ela tenta ser dispensada do hospital, eles se negam a permitir que viva sozinha, mesmo que apareça para conversas diárias com o médico-chefe. Acho que devem ter somado dois com dois em relação ao consumo de morfináceos, e isso apenas piorou a maneira como veem a instabilidade dela.

– Ela não vai ficar sozinha. Vou dividir o quarto com ela – anuncio. Há algumas discordâncias, mas Haymitch fica do nosso lado. Finalmente, na hora de dormir, temos um compartimento em frente ao de Prim e de minha mãe, que concorda em ficar de olho em nós.

Depois que tomo uma chuveirada e Johanna meio que se esfrega com um pano úmido, ela faz uma inspeção esmiuçada no local. Quando abre a gaveta que contém meus poucos itens pessoais, ela a fecha com rapidez.

– Desculpe.

Penso que não há nada na gaveta de Johanna além de suas roupas cedidas pelo governo. Que ela não possui coisa alguma no mundo que possa dizer que pertence a ela.

– Não tem problema. Pode olhar minhas coisas à vontade.

Johanna abre meu medalhão em forma de estojo e estuda as fotos de Gale, Prim e minha mãe. Ela abre o paraquedas prateado, puxa a cavilha e a desliza no dedo mindinho.

– Só de olhar para isso já fico com sede. – Então ela encontra a pérola que Peeta me deu. – Isso aqui é a...

– É isso aí – digo. – Sobreviveu, de um jeito ou de outro. Não quero falar sobre Peeta. Uma das melhores coisas em relação ao treinamento é que me impede de pensar nele.

– Haymitch disse que ele está melhorando – diz ela.

– Talvez. Mas ele mudou – digo.

– Assim como você. Assim como eu. E Finnick e Haymitch e Beetee. Annie Cresta então, nem se fala. A arena nos deixou totalmente pirados, você não acha? Ou você ainda se sente como a menina que se apresentou como voluntária para a irmã? – pergunta ela.

– Não – respondo.

– Essa talvez seja a única coisa em que eu dê razão ao meu médico de cabeça. Não há volta. Então, é melhor a gente se acostumar com as

mudanças. – Ela recoloca minhas lembrancinhas com todo o cuidado na gaveta e sobe na cama em frente à minha no instante em que as luzes se apagam. – Você não está com medo de eu te matar hoje à noite, está?

– Como se eu não soubesse me defender de você – respondo. Em seguida nós duas rimos, já que nossos corpos estão tão arrasados que será um milagre se conseguirmos acordar no dia seguinte. Mas acordamos. Acordamos todas as manhãs. No fim da semana, minhas costelas já estão praticamente boas e Johanna consegue montar seu rifle sem ajuda.

A soldado York balança a cabeça, indicando aprovação assim que damos o dia por encerrado.

– Ótimo trabalho, soldados.

Quando saímos do alcance dos ouvidos dela, Johanna murmura:

– Acho que vencer os Jogos foi mais fácil. – Mas a cara dela diz que está satisfeita.

Na realidade, estamos quase de bom humor quando nos dirigimos à sala de jantar, onde Gale está esperando para comer comigo. Receber uma porção gigantesca de bife cozido também não estraga meu estado de espírito.

– Os primeiros lotes de comida chegaram hoje de manhã – diz Greasy Sae. – Isso aí é carne de boi de verdade, do Distrito 10. Não tem nada a ver com aqueles seus cachorros selvagens.

– Não me lembro de você torcendo nariz para eles – rebate Gale.

Nos juntamos a um grupo que inclui Delly, Annie e Finnick. É impressionante ver a transformação de Finnick desde que ele se casou. Suas encarnações anteriores – o decadente galã da Capital que conheci antes do Massacre, o enigmático aliado na arena, o jovem arrasado que tentava ajudar a me manter inteira –, tudo isso foi substituído por alguém que irradia vida. Os verdadeiros encantos de Finnick, o humor discreto e uma natureza tranquila, estão à mostra pela primeira vez. Ele nunca solta a mão de Annie. Nem quando estão andando, nem quando estão comendo. Duvido que ao menos cogite a possibilidade. Ela está perdida em algum torpor de felicidade. Há ainda momentos em que você pode dizer que alguma coisa escorrega pelo cérebro dela e um outro mundo a torna cega para nós. Mas umas poucas palavras de Finnick a fazem retornar.

Delly, que conheço desde pequena, mas para quem nunca dei muita bola, cresceu na minha estima. Ela ficou sabendo o que Peeta disse a mim naquela noite depois do casamento, mas não é fofoqueira. Haymitch diz

que ela é a pessoa que melhor me defende quando Peeta começa a reclamar de mim. Sempre tomando meu partido, pondo a culpa das percepções negativas que ele tem na tortura empreendida pela Capital. Ela tem mais influência sobre ele do que qualquer uma das outras pessoas, porque ele realmente a conhece. De qualquer modo, mesmo que ela esteja adocicando demais meus pontos positivos, fico muito agradecida. Francamente, até que um pouco de açúcar não faz mal a ninguém.

Estou esfomeada e o cozido está tão delicioso – carne, batata, nabo e cebola num caldo grosso – que preciso me forçar a diminuir o ritmo. Por todos os cantos da sala de jantar dá para sentir o efeito rejuvenescedor que uma boa refeição pode proporcionar. Como ela pode deixar as pessoas mais gentis, mais engraçadas, mais otimistas e fazer com que se lembrem que não é um erro continuar vivendo. É melhor que qualquer remédio. Então, tento fazer com que ela dure e me junto à conversa. Molho o pão no caldo e o mastigo enquanto escuto Finnick contar uma história ridícula sobre uma tartaruga marinha nadando com o chapéu dele. Rio antes de perceber que ele está lá em pé. Bem em frente à mesa em que estou, atrás da cadeira vazia próxima à Johanna. Observando-me. Engasgo momentaneamente quando o pão embebido no caldo gruda-se em minha garganta.

– Peeta! – diz Delly. – Que legal ver você... andando por aí.

Dois guardas enormes estão em pé atrás dele. Ele está segurando sua bandeja de modo esquisito, equilibrada nas pontas dos dedos, já que seus pulsos estão algemados com uma corrente curta entre eles.

– Qual é a dessas pulseirinhas bacanas? – pergunta Johanna.

– Ainda não estou totalmente confiável – diz Peeta. – Não posso nem me sentar aqui sem a permissão de vocês. – Ele indica os guardas com um movimento de cabeça.

– É claro que ele pode se sentar aqui. Somos amigos há muito tempo – diz Johanna, dando um tapinha no espaço ao lado dela. Os guardas fazem um gesto com a cabeça e Peeta se senta. – A cela de Peeta ficava ao lado da minha na Capital. Estamos bem familiarizados com os gritos um do outro.

Annie, que está sentada do outro lado de Johanna, faz aquele gesto de cobrir os ouvidos e abandonar a realidade. Finnick olha com raiva para Johanna enquanto abraça Annie.

– O que é? Meu médico de cabeça fala o tempo todo que não devo censurar meus pensamentos. Faz parte da minha terapia – responde Johanna.

A vida escapou de nossa festinha. Finnick murmura alguma coisa com Annie até que ela lentamente retira as mãos. Em seguida, há um longo silêncio enquanto as pessoas fingem comer.

– Annie – diz Delly, esfuziante –, você sabia que foi o Peeta que decorou o seu bolo de casamento? No nosso distrito, a família dele administrava a padaria e ele fazia o glacê.

Annie olha para Johanna cautelosamente.

– Obrigada, Peeta. Estava lindo.

– Foi um prazer, Annie – diz Peeta, e ouço aquele velho tom de delicadeza em sua voz que imaginava haver sumido para sempre. Não que ele esteja sendo direcionado a mim. Mas mesmo assim...

– Se a gente quer mesmo participar daquela caminhada, é melhor irmos logo – diz Finnick a ela. Ele ajeita as bandejas de ambos de modo a poder carregá-las com uma das mãos enquanto com a outra segura a dela com firmeza. – Bom te ver, Peeta.

– Seja legal com ela, Finnick. Ou pode ser que eu tente tirá-la de você. – Poderia muito bem ser uma piada se o tom não fosse tão frio. Tudo que a mensagem transmite é equivocado. A desconfiança aberta em relação a Finnick, a implicação de que Peeta está de olho em Annie, de que Annie poderia abandonar Finnick, de que eu nem mesmo existo.

– Ah, Peeta – diz Finnick com leveza –, não me obrigue a ficar arrependido por ter feito o seu coração voltar a bater. – Ele acompanha Annie depois de olhar para mim com preocupação.

Depois que eles se foram, Delly diz com um tom de voz reprobatório:

– Ele salvou mesmo sua vida, Peeta. Mais de uma vez.

– Por ela. – Ele balança ligeiramente a cabeça para mim. – Pela rebelião. Não por mim. Não devo nada a ele.

Eu não devia morder a isca, mas é exatamente o que faço.

– Talvez não. Mas Mags está morta e você está vivo. Isso deveria representar alguma coisa.

– É isso aí, várias coisas deveriam representar alguma coisa que parecem não estar representando, Katniss. Tenho algumas lembranças que não fazem sentido para mim, e acho que nenhuma delas foi tocada pela Capital. Várias noites no trem, por exemplo – diz ele.

Novamente as implicações. De que aconteceram mais coisas no trem do que o que foi dito. De que o que aconteceu efetivamente – aquelas noites em que eu só mantive a sanidade porque ele estava me abraçando – não tem

mais importância. Tudo é uma mentira, tudo não passa de uma maneira de utilizá-lo indevidamente.

Peeta faz um leve gesto com a colher, ligando Gale a mim.

– Quer dizer então que vocês dois agora são oficialmente um casal. Ou será que ainda estão arrastando aquela coisa dos amantes desafortunados?

– Ainda estão arrastando – diz Johanna.

Espasmos fazem com que Peeta fique de punhos cerrados, e em seguida suas mãos se abrem de modo exageradamente bizarro. Isso é o máximo que ele consegue fazer para mantê-las afastadas do meu pescoço? Sinto a tensão nos músculos de Gale ao meu lado e temo uma briga. Mas Gale diz simplesmente:

– Eu não teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos.

– O quê? – pergunta Peeta.

– Você – responde Gale.

– Você vai ter que ser um pouco mais específico – diz Peeta. – O que em mim?

– O fato de terem substituído você pela versão bestante do mal de você mesmo – diz Johanna.

Gale termina seu leite.

– Terminou? – pergunta ele. Eu me levanto e vamos depositar nossas bandejas. Na porta, um homem idoso me para porque ainda estou segurando o restante do pão ensopado de caldo. Algo em meu semblante, ou quem sabe o fato de não ter feito nenhuma tentativa de escondê-lo, faz com que ele se aproxime de mim com jeito. Ele permite que eu enfie o pão na boca e vá embora. Gale e eu estamos quase no compartimento quando ele volta a me dirigir a palavra.

– Eu não esperava por isso.

– Eu disse para você que ele me odiava – digo.

– O problema é o jeito como ele odeia. É tão... familiar. Eu já me senti assim também – admite ele. – Quando eu via você beijando ele na TV. Só que eu sabia que não estava sendo totalmente justo. Ele não tem como ver isso.

Alcançamos a porta.

– De repente, ele só está me vendo como realmente sou. Preciso dormir.

Gale segura o meu braço antes que eu consiga entrar.

– Quer dizer então que é isso que você está pensando agora? – Dou de ombros. – Katniss, estou falando na condição de seu amigo mais antigo. Acredite em mim quando digo que ele não está vendo o que você realmente é. – Ele me dá um beijo no rosto e vai embora.

Eu me sento na cama, tentando enfiar as informações dos livros de Táticas Militares na cabeça enquanto lembranças de minhas noites com Peeta no trem me tiram a atenção. Depois de mais ou menos vinte minutos, Johanna entra e se joga na minha cama.

– Você nem pegou a melhor parte. Delly perdeu a paciência com Peeta pela maneira como ele tratou você. Ela ficou uma fera. Era como se alguém estivesse dando um monte de garfadas num ratinho. A sala de jantar inteira ficou ligada na cena.

– O que Peeta fez? – pergunto.

– Ele começou a discutir consigo mesmo como se houvesse duas pessoas ali. Os guardas tiveram de levá-lo embora. A parte boa foi que ninguém reparou que eu terminei de comer o cozido dele. – Johanna esfregou a mão na barriga estufada. Olho para a camada de sujeira embaixo de suas unhas. Fico imaginando se as pessoas do 7 costumam tomar banho de vez em quando.

Passamos algumas horas fazendo perguntas uma para a outra sobre termos militares. Faço uma visita à minha mãe e Prim. Depois de voltar ao compartimento, tomar banho e encarar a escuridão durante um tempo, finalmente pergunto:

– Johanna, você conseguia mesmo ouvir ele gritando?

– Isso foi uma parte da coisa – diz ela. – Tipo os gaios tagarelas na arena. Só que era real. E não parou depois de uma hora. Tique-taque.

– Tique-taque – sussurro de volta.

Rosas. Bestantes em forma de lobo. Tributos. Golfinhos de glacê. Amigos. Tordos. Estilistas. Eu.

Tudo aos berros em meus sonhos nessa noite.

Eu me jogo no treinamento com uma postura de vingança. Como, vivo e respiro os exercícios físicos, as instruções de emergência, o treinamento com as armas, as palestras sobre táticas. Uma parte do grupo é transferida para uma turma adicional que me dá esperança de que eu possa vir a ser uma combatente na guerra em curso. Os soldados a chamam simplesmente de Quarteirão, mas a tatuagem em meu braço refere-se a ela como C.R.S., abreviatura para Combate de Rua Simulado. Bem no fundo do 13, construíram um quarteirão urbano artificial, simulando a Capital. O instrutor nos divide em esquadrões de 8 e tentamos cumprir missões – ganhar posições, destruir um alvo, dar uma busca numa residência – como se estivéssemos realmente lutando no meio da Capital. A coisa é montada de forma que tudo que pode acontecer de errado com você acontece de fato. Um passo em falso detona uma mina terrestre, um atirador de elite aparece no alto de um telhado, sua arma emperra, uma criança chorando leva você a uma emboscada, o líder de seu esquadrão – que é apenas uma voz no programa – é atingido por um morteiro e você é obrigada a descobrir o que fazer sem as ordens. Uma parcela de você sabe que a coisa é falsa e que ninguém vai te matar. Se você detona uma mina terrestre, ouve a explosão e tem de fingir que está caindo morta. Mas em outras circunstâncias, a sensação é de que a coisa é bem real por lá – os soldados inimigos vestidos com uniformes de Pacificadores, a confusão de uma bomba incendiária. Há até ataques com gás. Johanna e eu somos as únicas que conseguimos vestir as máscaras a tempo. O restante de nosso esquadrão fica nocauteado por dez minutos. E o supostamente inofensivo gás do qual ingeri golfadas me dá uma dor de cabeça chatinha pelo resto do dia.

Cressida e sua equipe filmam Johanna e eu no treinamento de tiro ao alvo. Sei que Gale e Finnick também estão sendo filmados. Faz parte de uma nova série de pontoprops para mostrar os rebeldes se preparando para a invasão da Capital. No geral, as coisas estão indo muito bem.

Então Peeta começa a aparecer em nossos exercícios matinais. Os grilhões foram retirados, mas ele ainda está constantemente acompanhado por um par de guardas. Depois do almoço, eu o vejo do outro lado do

campo, em instruções de segurança com um grupo de iniciantes. Não sei o que estão pensando. Se uma briguinha com Delly pode fazer com que ele comece a discutir consigo mesmo, ele não deveria estar aprendendo a montar uma arma.

Quando confronto Plutarch em relação a isso, ele me assegura de que tudo está sendo feito exclusivamente para as câmeras. Eles têm tomadas de Annie casando e de Johanna acertando alvos, mas toda Panem está querendo saber como estará Peeta. É necessário que vejam que ele está lutando com os rebeldes, não para Snow. E talvez se pudessem conseguir apenas algumas tomadas de nós dois, não necessariamente nos beijando, apenas com a aparência feliz por voltarmos a estar juntos...

Eu me afasto da conversa nesse instante. Isso não vai acontecer.

Em meus raros momentos de inatividade, assisto ansiosamente aos preparativos para as invasões. Vejo equipamentos e provisões sendo preparados, divisões sendo agrupadas. Dá para dizer quando alguém recebeu ordens porque a pessoa ganha um corte de cabelo bem curto, a marca de alguém que está indo para a batalha. Há muitas conversas acerca da ofensiva inicial, que terá o intuito de assegurar os túneis de trens que alimentam a Capital.

Poucos dias antes de as primeiras tropas iniciarem sua movimentação, Coin inesperadamente diz a Johanna e a mim que nos recomendou para a prova, e que devemos nos apresentar imediatamente. Há quatro partes: uma corrida de obstáculos que mede a aptidão física, uma prova escrita sobre táticas, um teste de proficiência em armas e uma situação de combate simulado no Quarteirão. Não tenho nem tempo de ficar nervosa para as três primeiras e me sair bem, mas há alguma coisa ainda não concluída no Quarteirão. Alguma espécie de problema técnico no qual estão trabalhando. Um grupo nosso troca informações. Isso parece bastante verdadeiro: você participa da prova sozinha. Não há como prever em que situação será jogado. Um garoto diz, entre os dentes, que ouviu falar que a prova é elaborada para apontar as fraquezas individuais de cada um.

Minhas fraquezas? Isso é uma porta que não quero nem abrir. Mas acho um local quieto e tento avaliar quais poderiam ser. A extensão da lista me deprime. Falta de força física bruta. Quantidade mínima de treinamento. E, de uma forma ou de outra, minha condição de Tordo não parece ser nenhuma vantagem numa situação em que tentam nos misturar

num bando de pessoas. Poderiam me encostar na parede sob incontáveis aspectos.

Johanna e mais três pessoas são chamadas antes de mim; balanço a cabeça para ela, transmitindo-lhe coragem. Gostaria de estar no topo da lista porque agora estou de fato repensando a coisa toda. Quando o meu nome é chamado, já não sei mais qual deveria ser a minha estratégia. Felizmente, assim que chego ao Quarteirão, uma determinada quantidade de treinamento começa efetivamente a fazer efeito. É uma situação de emboscada. Pacificadores aparecem quase que instantaneamente e tenho de chegar a um ponto de encontro para me juntar a meu esquadrão, que se encontra espalhado pelo local. Navego lentamente pela rua, derrubando Pacificadores à medida que sigo em frente. Dois no telhado à minha esquerda, outro na porta logo à frente. É desafiador, mas não tão difícil quanto imaginava. Há uma sensação irritante de que se a coisa é simples demais, devo estar fazendo algo errado. Estou a alguns prédios de minha meta quando as coisas começam a esquentar. Meia dúzia de Pacificadores atacam da esquina. Estão mais armados que eu, mas reparo numa coisa. Um tambor de gasolina repousado descuidadamente em cima da sarjeta. É isso. Meu teste. Perceber que explodir o tambor é a única maneira de realizar a missão. Assim que avanço para cumprir a tarefa, o líder de meu esquadrão, que até esse momento tem sido bastante inútil, ordena com a voz tranquila que me deite no chão. Todos os meus instintos berram para que eu ignore a voz, para que puxe o gatilho, para que faça os Pacificadores voarem pelos ares. E, subitamente, percebo o que os militares pensam ser a minha maior fraqueza. Desde meu primeiro momento nos Jogos, quando corri atrás daquela mochila laranja, passando pelo tiroteio no 8 e chegando na minha impulsiva corrida pela praça no 2. Não consigo obedecer às ordens.

Me jogo no chão com tanta força e com tanta rapidez que vou precisar tirar cascalho do meu queixo por uma semana. Uma outra pessoa explode o tanque de gasolina. Os Pacificadores morrem. Chego ao ponto de encontro. Quando saio do Quarteirão em sua extremidade, um soldado me parabeniza, carimba minha mão com o número de esquadrão 451 e fala para eu me apresentar ao Comando. Quase tonta devido ao sucesso, corro pelos corredores, trombando com as quinas, descendo os degraus desabaladamente porque o elevador é lento demais. Dou de cara com a sala antes de me dar conta da esquisitice da situação. Eu não devia estar no

Comando; devia estar passando a máquina nos cabelos. As pessoas ao redor da mesa não são soldados recém-formados, mas os que dão as cartas.

Boggs sorri e balança a cabeça quando me vê.

– Vamos ver isso. – Insegura agora, estendo a minha mão carimbada. – Você está comigo. É uma unidade especial de atiradores de elite. Junte-se a seu esquadrão. – Ele faz um aceno de cabeça para um grupo que está alinhado na parede. Gale. Finnick. Cinco outros que nem conheço. Meu esquadrão. Não só estou dentro como também vou trabalhar sob o comando de Boggs. Com meus amigos. Sinto-me forçada a dar passos calmos e dignos de um soldado em direção a eles, em vez de ficar aos pulos para cima e para baixo.

Nós também devemos ser importantes, porque estamos no Comando, o que não tem nada a ver com um determinado Tordo. Plutarch está debruçado sobre um amplo painel disposto no centro da mesa. Está explicando alguma coisa sobre a natureza do que encontraremos na Capital. Começo a pensar que essa é uma apresentação horrível – porque mesmo na pontinha dos pés não consigo enxergar o que há no painel – até ele apertar um botão. Uma imagem holográfica de um quarteirão da Capital projeta-se no ar.

– Isso, por exemplo, é a área ao redor de uma das barracas de campanha dos Pacificadores. Não desprovido de importância, mas não o mais crucial dos alvos e, no entanto, olhem bem. – Plutarch insere alguma espécie de código no teclado e luzes começam a piscar. Elas piscam numa coleção de cores e em diferentes velocidades. – Cada luz dessas é chamada de casulo. Elas representam obstáculos diferentes, a natureza deles poderia ser qualquer coisa, desde uma bomba até um bando de bestantes. Fiquem atentos, seja lá o que contenham, são projetados ou para prender ou para matar vocês. Alguns estão lá desde os Dias Escuros, outros foram desenvolvidos ao longo dos anos. Para ser sincero, eu mesmo criei um razoável número deles. Este programa, que um dos nossos carregou consigo escondido quando saímos da Capital, é nossa informação mais recente. Eles não sabem que está em nossas mãos. Mas mesmo assim, é provável que novos casulos tenham sido ativados nos últimos meses. Isso é o que vocês terão de encarar.

Não estou muito certa de que meus pés estão se movendo em direção à mesa, até ficar a alguns centímetros do holograma. Estendo a mão e toco uma luz verde que pisca rapidamente.

Alguém faz a mesma coisa. Finnick, obviamente. Porque apenas um vitorioso veria o que estou vendo tão imediatamente. A arena. Cheia de casulos controlados por Idealizadores dos Jogos. Os dedos de Finnick acariciam um estável brilho vermelho em cima de uma porta.

– Senhoras e senhores...

A voz dele é baixinha, mas a minha ecoa pela sala.

– Está aberta a septuagésima sexta edição dos Jogos Vorazes!

Eu rio. Rapidamente. Antes que alguém tenha tempo de registrar o que está por trás das palavras que acabei de proferir. Antes que as sobrancelhas se ergam, que objeções sejam proferidas, que a soma de dois mais dois seja efetuada e que a solução seja eu ser mantida o mais distante possível da Capital. Porque uma vitoriosa livre-pensadora, com raiva e com uma cicatriz psicológica espessa demais para ser penetrada, talvez seja a última pessoa que alguém vai querer ver em nosso esquadrão.

– Nem sei por que vocês se deram ao trabalho de colocar Finnick e eu no treinamento, Plutarch – digo.

– Pois é, nós já somos os dois soldados mais bem equipados que vocês têm – acrescenta Finnick com arrogância.

– Não pense que esse fato me escapa – diz ele, balançando a cabeça impacientemente. – Agora, de volta a seus postos, soldados Odair e Everdeen. Preciso terminar esta apresentação.

Voltamos a nossos lugares, ignorando os olhares questionadores lançados em nossa direção. Adoto uma atitude de extrema concentração enquanto Plutarch prossegue, balanço a cabeça em concordância aqui e ali, mudo de posição para obter uma visão melhor e o tempo todo me seguro para aguentar firme até chegar à floresta e poder berrar à vontade. Ou xingar à vontade. Ou chorar à vontade. Ou de repente as três coisas ao mesmo tempo.

Se isso foi um teste, Finnick e eu passamos. Quando Plutarch termina e a reunião é interrompida, tenho um momento desagradável ao descobrir que há uma ordem especial para mim. Mas é simplesmente uma solicitação para que eu não use o corte de cabelo militar porque gostariam que o Tordo parecesse o máximo possível com a menina na arena no tão esperado momento da rendição. Enfim, para as câmeras. Dou de ombros para comunicar que o comprimento dos meus cabelos é um assunto que me é completamente indiferente. Me dispensam sem maiores comentários.

Finnick e eu andamos na direção um do outro no corredor.

– O que vou dizer a Annie? – pergunta ele entre os dentes.

– Nada – respondo. – É isso o que a minha mãe e minha irmã vão ouvir de mim. – Já é ruim demais sabermos que estamos retornando a uma arena totalmente equipada. Não vai adiantar nada deixar esse rojão cair em cima de nossos entes queridos.

– Se ela descobrir sobre esse holograma... – começa ele.

– Ela não vai descobrir. Aquilo é informação altamente sigilosa. Deve ser – digo. – De qualquer maneira, não se trata dos verdadeiros Jogos. Diversas pessoas vão conseguir sobreviver. Estamos reagindo de modo exagerado simplesmente porque... bom, você sabe por quê. Você ainda está a fim de ir, não está?

– Claro que estou. Quero destruir Snow tanto quanto você – diz ele.

– Não vai ser como das outras vezes – digo com firmeza, tentando também convencer a mim mesma. Então, a verdadeira beleza da situação se revela. – Dessa vez, Snow também vai ser um dos jogadores.

Antes de podermos continuar, Haymitch aparece. Ele não estava na reunião e não está pensando em arenas, mas em outra coisa.

– Johanna voltou para o hospital.

Na minha cabeça Johanna estava bem, havia passado na prova, mas simplesmente não fora designada para nenhuma unidade de atiradores de elite. Ela é uma fera lançando machados, mas não passa da média com uma arma de fogo.

– Ela se machucou? O que aconteceu?

– Foi enquanto ela estava no Quarteirão. Eles tentam desencavar as fraquezas potenciais dos soldados. Aí inundaram a rua – diz Haymitch.

Isso não ajuda muito. Johanna sabe nadar. Pelo menos, acho que lembro de tê-la visto nadar durante o Massacre Quaternário. Não como Finnick, evidentemente, mas nenhum de nós é como Finnick.

– E aí?

– Foi assim que ela foi torturada na Capital. Molharam-na toda e depois deram choques elétricos – diz Haymitch. – No Quarteirão, ela teve uma espécie de revertério. Entrou em pânico, ficou sem saber onde estava. Voltou a ser sedada. – Finnick e eu ficamos lá parados, como se tivéssemos perdido a habilidade de responder. Penso em por que Johanna nunca toma banho. Em como ela fez um tremendo esforço para sair na chuva naquele dia, como se a chuva fosse ácida. Eu atribuíra a miséria dela aos sintomas de abstinência dos morfináceos.

– Vocês dois deviam fazer uma visitinha a ela. Vocês são a coisa mais parecida com amigos que ela talvez tenha – diz Haymitch.

Isso piora a coisa toda. Não sei exatamente o que existe entre Johanna e Finnick. Mas da minha parte, eu mal a conheço. Nenhum familiar. Nenhum amigo. Nem mesmo algum símbolo do 7 para colocar ao lado de seus uniformes em sua gaveta anônima. Nada.

– É melhor avisar o Plutarch. Ele não vai ficar contente – continua Haymitch. – Ele quer que as câmeras sigam o máximo possível de vitoriosos na Capital. Ele acha que o programa fica melhor assim.

– Você e Beetee vão? – pergunto.

– O máximo possível de vitoriosos jovens e atraentes – corrige Haymith. – O que significa que não iremos. Vamos ficar por aqui.

Finnick vai diretamente visitar Johanna, mas eu demoro mais alguns minutos do lado de fora até Boggs aparecer. Ele agora é meu comandante, de modo que imagino que seja a pessoa a quem eu devo pedir quaisquer favores especiais. Quando digo a ele o que quero fazer, ele me dá um passe para que eu vá à floresta durante a Reflexão, contanto que fique a uma distância visível dos guardas. Corro até o meu compartimento, pensando em usar o paraquedas, mas ele contém um excesso de lembranças desagradáveis. Em vez disso, cruzo o corredor e pego uma das bandagens brancas de algodão que trouxe do 12. Quadradas. Robustas. Exatamente do que preciso.

Na floresta, acho um pinheiro e arranco várias agulhas dos galhos. Depois de fazer uma pilha bem arrumadinha no meio da bandagem, junto os lados, dou uma sacudida, e amarro-os bem apertado com uma trepadeira, fazendo um embrulho do tamanho de uma maçã.

Na porta do quarto de hospital, observo Johanna por um momento e percebo que grande parte de sua ferocidade encontra-se em suas atitudes abrasivas. Desprovida disso, como acontece agora, existe apenas uma jovem magra, olhos arregalados lutando para permanecer despertos contra o poder das drogas. Aterrorizada com o que o sono acarretará. Cruzo o quarto até ela e estendo o embrulho.

– O que é isso? – diz ela, a voz rouca. Pontas molhadas de seus cabelos formam pequenos pregos acima de sua testa.

– Fiz para você. É uma coisa para você botar na gaveta. – Ponho o objeto nas mãos dela. – Cheire.

Ela ergue o embrulho na altura do nariz e aspira de modo hesitante.

– Tem cheiro de casa. – Os olhos dela se enchem de lágrimas.

– Era exatamente o que eu esperava. Já que você vem do 7 e coisa e tal – digo. – Lembra quando a gente se conheceu? Você era uma árvore. Bom, por pouquíssimo tempo.

De repente, ela aperta meu pulso com extrema força.

– Você precisa matá-lo, Katniss.

– Pode ficar despreocupada. – Resisto à tentação de dar um puxão para soltar o braço.

– Jure. Jure por alguma coisa que você acha importante – sussurra ela.

– Juro. Pela minha vida. – Mas ela não solta o meu braço. – Pela vida dos meus familiares – repito. Acho que minha preocupação com minha própria sobrevivência não é suficientemente convincente. Ela me solta e esfrego o pulso. – Afinal de contas, por que você acha que estou indo, sua desmiolada?

Isso faz com que ela ria um pouquinho.

– Eu só precisava ouvir da sua boca. – Ela pressiona o embrulho com agulhas de pinheiro no nariz e fecha os olhos.

Os dias restantes passam como um turbilhão. Depois de um breve exercício a cada manhã, meu esquadrão pratica tiro ao alvo em tempo integral nos treinamentos. Pratico quase sempre com uma arma de fogo, mas eles reservam uma hora por dia para armas da especialidade de cada um, o que significa que passo a usar o arco e flecha do Tordo, Gale seu arco pesadamente militarizado. O tridente que Beetee desenhou para Finnick possui diversas características especiais, mas a mais notável é que ele pode arremessá-lo, apertar um botão numa pulseira de metal no pulso e fazer com que ele volte a sua mão sem precisar ir atrás dele.

Às vezes atiramos em bonecos de Pacificadores para ficarmos familiarizados com as fraquezas nos equipamentos de proteção que eles usam. As falhas nas armaduras, por assim dizer. Se você atinge alguma parte do corpo, é recompensado com um esguicho de sangue falso. Nossos bonecos ficam encharcados de tinta vermelha.

É tranquilizador ver como é alto o nível geral de acertos no alvo em nosso grupo. Junto com Finnick e Gale, o esquadrão inclui cinco soldados do 13. Jackson, uma mulher de meia-idade que é a vice-comandante, abaixo apenas de Boggs, parece meio lenta, mas acerta coisas que nem conseguimos enxergar sem uma mira telescópica. Bons olhos para coisas distantes, diz ela. Há uma dupla de irmãs gêmeas na casa dos vinte anos de

sobrenome Leeg – nós as chamamos de Leeg 1 e Leeg 2 por motivos de clareza – que são tão similares de uniforme que só consigo distinguir uma da outra quando reparo que Leeg 1 possui estranhos pontinhos amarelados nos olhos. Os caras mais velhos, Mitchell e Homes, não são muito de falar, mas tiram a poeira das suas botas a cinquenta metros de distância. Vejo outros soldados que também são muito bons, mas só consigo compreender inteiramente a categoria na qual estamos incluídos na manhã em que Plutarch se junta a nós.

– Soldado Quatro-Cinco-Um, você foi selecionada para uma missão especial – começa ele. Mordo a parte interna do lábio, esperando com todas as minhas forças que a missão seja assassinar Snow. – Temos inúmeros atiradores de elite, mas uma grande escassez de cinegrafistas. Portanto, escolhemos a dedo vocês 8 para serem o que chamamos "Esquadrão Estelar". Vocês serão as caras da invasão que as pessoas verão na TV.

Decepção, choque e em seguida raiva acometem todo o grupo.

– Você está dizendo que não vamos participar de verdade dos combates? – rebate Gale.

– Vocês estarão em combate, mas talvez nem sempre na linha de frente. Se é que alguém consegue isolar uma linha de frente nesse tipo de guerra – diz Plutarch.

– Nenhum de nós quer isso. – A observação de Finnick é seguida por um ruído geral de concordância, mas permaneço em silêncio. – Nós vamos lutar.

– Vocês serão tão úteis quanto possível ao esforço de guerra – diz Plutarch. – E foi decidido que vocês são da mais alta importância na TV. Olhem só o efeito que Katniss proporcionou aparecendo naquele traje de Tordo. Mudou por completo o rumo da rebelião. Vocês notaram que é a única que não está reclamando? É porque ela compreende o poder daquela tela de TV.

Na realidade, Katniss não está reclamando porque ela não tem a menor intenção de ficar com o "Esquadrão Estelar", mas reconhece a necessidade de chegar à Capital para que tenha condições de levar a cabo qualquer plano que seja. No entanto, demonstrar uma exagerada concordância também pode gerar suspeitas.

– Mas não é tudo fingimento, é? – pergunto. – Isso seria um desperdício de talento.

– Não se preocupe – diz Plutarch. – Vocês terão inúmeros alvos reais a atingir. Mas não fiquem muito chateados. Já tenho um trabalhão danado sem precisar substituir vocês. Agora sigam para a Capital e deem um grande show.

Eu me despeço de minha família na manhã em que partimos. Não contei para elas o quanto as defesas da Capital espelham as armas na arena, mas o simples fato de eu ir para a guerra já é suficientemente terrível. Minha mãe me abraça com força por um longo tempo. Sinto lágrimas em seu rosto, algo que ela evitou quando fui escalada para os Jogos.

– Não se preocupe. Estarei absolutamente segura. Não sou nem um soldado de verdade. Só uma das marionetes que o Plutarch põe na TV – digo, tranquilizando-a.

Prim me acompanha até a porta do hospital.

– Como é que você está se sentindo?

– Melhor, sabendo que o lugar onde você está é inalcançável para Snow – digo.

– Da próxima vez que a gente se encontrar, estaremos livres dele – diz Prim com firmeza. Então ela me abraça com ardor. – Tome cuidado.

Penso na possibilidade de dar um último adeus a Peeta, mas acabo achando que tal atitude seria ruim para nós dois. No entanto, deslizo a pérola para o bolso de meu uniforme. Um símbolo do garoto com o pão.

Um aerodeslizador nos leva, para surpresa de todos, para o 12, onde uma área de transporte improvisada foi montada do lado de fora da zona de fogo. Nada de trens de luxo desta vez, mas um utilitário lotado até o limite de sua capacidade, com soldados vestidos em seus uniformes cinzentos, dormindo com as cabeças apoiadas em seus fardos. Depois de alguns dias de viagem, desembarcamos no interior de um dos túneis da montanha que leva à Capital e fazemos o restante do percurso de seis horas a pé, tomando cuidado para pisar apenas numa linha verde brilhante que marca o caminho seguro para conseguirmos voltar à superfície.

Chegamos ao acampamento rebelde, uma faixa de terra que compreende dez quarteirões do lado de fora da estação de trem onde Peeta e eu fizemos nossas chegadas anteriores. O local já está apinhado de soldados. O Esquadrão 451 recebe um espaço onde deverá montar suas barracas. Essa área está em nosso poder há mais de uma semana. Rebeldes expulsaram os Pacificadores, perdendo centenas de vidas no processo. As forças da Capital bateram em retirada e se reagruparam no interior da

cidade. Entre nós, encontram-se ruas repletas de minas, vazias e convidativas. Cada casulo terá de ser removido antes de avançarmos.

Mitchell pergunta sobre bombardeios de aerodeslizadores – estamos nos sentindo bastante expostos a céu aberto –, mas Boggs diz que essa não é uma questão relevante. A maior parte da força aérea da Capital foi destruída no 2 durante nossa invasão. Se alguma aeronave permaneceu intacta, estarão agarrados a ela. Provavelmente para Snow e seu círculo de pessoas poderem escapar no último minuto para um bunker presidencial em algum ponto do país. Nossos próprios aerodeslizadores foram abatidos depois que os mísseis antiaéreos dizimaram as primeiras ondas de bombardeio. Essa guerra será levada a cabo nas ruas com – esperamos – danos apenas superficiais à infraestrutura e um mínimo de vítimas. Os rebeldes querem a Capital, assim como a Capital queria o 13.

Depois de três dias, grande parte do Esquadrão 451 corre riscos de uma deserção em massa devido ao tédio. Cressida e sua equipe fazem tomadas de nosso grupo atirando. Dizem que fazemos parte da equipe de desinformação. Se os rebeldes atirarem apenas nos casulos de Plutarch, a Capital levará mais ou menos dois minutos para perceber que estamos de posse do holograma. De modo que são horas e horas perdidas despedaçando coisas que não têm importância, para despistar o inimigo. Na maior parte das vezes apenas aumentamos a pilha de vidro colorido que se espatifou após as explosões dos prédios coloridos. Desconfio de que eles estejam entrecortando essas tomadas com a destruição de significativos alvos na Capital. De vez em quando, os serviços de um atirador de elite de verdade são requisitados. Oito mãos se levantam, mas Gale, Finnick e eu jamais somos escolhidos.

– A culpa é sua por ficar tão bem diante das câmeras – digo a Gale. Se beleza matasse.

Acho que ninguém sabe muito bem o que fazer conosco, principalmente comigo. Trouxe meu traje de Tordo, mas só fui filmada com o uniforme. Às vezes uso uma arma, às vezes me pedem para atirar com o arco e flecha. É como se não quisessem desperdiçar inteiramente o Tordo, mas ao mesmo tempo estivessem dispostos a rebaixar meu papel à condição de reles soldado. Como não ligo, é muito mais divertido do que irritante imaginar as discussões em curso no 13.

Nas horas em que estou claramente aborrecida com a falta de uma efetiva participação da nossa parte, mantenho-me ocupada com minha

própria agenda. Cada um possui um mapa de papel da Capital. A cidade forma quase um quadrado perfeito. Linhas dividem o mapa em quadrados menores, com letras ao longo do topo e números nas laterais para formar uma grade. Absorvo a imagem, gravando cada interseção e rua lateral, mas isso não passa de um paliativo. Os comandantes aqui estão trabalhando com o holograma de Plutarch. Cada um possui um dispositivo manual chamado Holo que produz imagens como a que vi no Comando. Eles podem dar um zoom em qualquer área da grade e ver quais casulos os esperam. O Holo é uma unidade independente, um mapa embelezado, na realidade, já que não pode nem enviar nem receber sinais. Mas é bem superior à minha versão em papel.

Um Holo é ativado pela voz de um comandante específico dando seu nome. Uma vez funcionando, responde às outras vozes no esquadrão de modo que, digamos, se Boggs foi morto ou está bastante ferido, alguém possa assumir o comando. Se alguém no esquadrão repetir a palavra "cadeado" três vezes seguidas, o Holo explodirá, levando tudo pelos ares num raio de cinco metros. Isso se dá por motivos de segurança na eventualidade de uma captura. Fica subentendido que todos podemos fazer isso sem hesitação.

Então o que preciso é roubar o Holo ativado de Boggs e sumir antes que alguém note. Acho que seria mais fácil roubar os dentes dele.

Na quarta manhã, a soldado Leeg 2 atinge um casulo rotulado. Ele não solta um enxame de mosquitos bestantes, para os quais os rebeldes estão preparados, mas lança dardos de metal para todos os lados. Um deles atinge o cérebro dela. Ela morre antes que os médicos a alcancem. Plutarch promete uma substituição rápida.

Na noite seguinte, o mais novo membro de nosso esquadrão chega. Sem grilhões. Sem guardas. Vindo a pé da estação de trem com a arma balançando na correia pendurada no ombro. Há choque, confusão, resistência, mas o 451 está estampado na mão de Peeta com tinta fresca. Boggs o alivia do peso da arma e vai dar um telefonema.

– Não vai ter problema – diz Peeta, dirigindo-se a nós todos. – A própria presidenta me designou. Ela decidiu que os pontoprops precisavam de um pouco mais de animação.

De repente, precisam mesmo. Mas se Coin mandou Peeta para cá, ela também decidiu uma outra coisa. Que sou mais útil a ela morta do que viva.

PARTE III

“A ASSASSINA”

Na verdade, eu nunca havia visto Boggs com raiva antes. Não o vi com raiva quando desobedeci às suas ordens ou quando vomitei em cima dele. Nem mesmo quando Gale quebrou seu nariz. Mas ele fica com raiva ao voltar de sua conversa telefônica com a presidenta. A primeira coisa que faz é instruir a soldado Jackson, sua vice-comandante, a montar um sistema de vigilância sobre Peeta com dois guardas 24 horas por dia. Em seguida, me leva para dar uma volta ao redor do acampamento, driblando as várias barracas espalhadas pelo local até nosso esquadrão ficar a uma razoável distância.

– Ele vai tentar me matar de uma forma ou de outra – digo. – Principalmente aqui. Onde existem tantas lembranças ruins para estimular o ódio dele.

– Vou mantê-lo a distância, Katniss – diz Boggs.

– Por que Coin me quer morta agora? – pergunto.

– Ela nega ter essa intenção – responde ele.

– Mas a gente sabe que é verdade – digo. – E você deve ter pelo menos alguma teoria a respeito.

Boggs lança sobre mim um olhar longo e duro antes de responder.

– Tudo que eu sei é o seguinte. A presidenta não gosta de você. Nunca gostou. Era Peeta que ela queria que tivesse sido resgatado da arena, mas ninguém mais concordou com isso. As coisas ficaram piores quando você a forçou a dar imunidade aos vitoriosos. Mas até mesmo isso podia ser deixado para lá em vista de seu excelente desempenho.

– Então qual é o problema? – insisto.

– Em algum momento do futuro próximo, esta guerra estará resolvida. Um novo líder será escolhido – diz Boggs.

Abro bem os olhos.

– Boggs, ninguém acha que eu vou ser a líder.

– Não. Não acham – concorda ele. – Mas você vai dar seu apoio a alguém. Seria para a presidenta Coin? Ou para alguma outra pessoa?

– Não sei. Nunca pensei nisso – digo.

– Se sua resposta imediata não é Coin, então você representa uma ameaça. Você é a cara da rebelião. Você talvez tenha mais influência que qualquer outra pessoa – diz Boggs. – Ficou claro que você, no máximo, só tolera a mulher.

– Então ela vai me matar para calar minha boca. – No instante em que digo essas palavras, tenho a plena convicção de que são verdadeiras.

– Ela não precisa de você agora como ponto de apoio. Como ela mesma disse, seu objetivo primário, unir os distritos, obteve sucesso – lembra Boggs. – Esses pontoprops atuais poderiam ser feitos sem você. Tem só uma última coisinha que você poderia fazer para adicionar fogo a essa rebelião.

– Morrer – digo baixinho.

– Sim. Nos fornecer um mártir por quem lutar – diz Boggs. – Mas isso não vai acontecer se eu estiver montando guarda, soldado Everdeen. Estou planejando uma vida bem longa para você.

– Por quê? Esse tipo de pensamento só vai lhe trazer problemas. Você não me deve nada.

– Porque você lutou por isso e se tornou merecedora – diz ele. – Agora volta lá para o seu esquadrão.

Sei que deveria me sentir agradecida por Boggs ficar de olho em mim, mas na verdade o que sinto mesmo é frustração. Enfim, como é que agora vou conseguir roubar o Holo dele e desertar? Traí-lo já foi bastante complicado sem toda essa nova camada de dívida. Já devo muito a ele por ter salvo a minha vida.

Ver a causa de meu dilema atual fincando calmamente sua barraca em nosso acampamento me deixa furiosa.

– Que horas eu monto guarda? – pergunto a Jackson.

Ela estreita os olhos para mim na dúvida, ou talvez esteja apenas tentando focalizar o meu rosto.

– Não coloquei você no rodízio.

– Por que não? – pergunto.

– Não sei ao certo se você conseguiria atirar no Peeta, se fosse necessário – diz ela.

Eu falo bem alto para que todo o esquadrão possa me ouvir com clareza.

– Eu não atiraria no Peeta. Ele já era. Johanna tem razão. Seria exatamente como atirar em um bestante da Capital. – É boa a sensação de

dizer algo horrível sobre ele, em voz alta, em público, depois de toda a humilhação por que passei desde que ele voltou.

– Bom, esse tipo de comentário também não ajuda nem um pouco a colocar você na função – diz Jackson.

– Coloque-a no rodízio – ouço Boggs dizer atrás de mim.

Jackson balança a cabeça e faz uma observação:

– De meia-noite às quatro. Você fica comigo.

A campainha do jantar soa, e Gale e eu entramos na fila da cantina.

– Você quer que eu o mate? – pergunta ele de modo incisivo.

– Isso faria com que nós dois fôssemos mandados de volta com toda certeza – digo. Mas, apesar de estar furiosa, a brutalidade da oferta me abala. – Posso muito bem lidar com ele.

– Você está querendo dizer até o seu aerodeslizador decolar? Você e o seu mapa de papel e possivelmente um Holo, se você conseguir colocar as mãos nele? – Então Gale ficou atento aos meus preparativos. Espero que não tenham sido tão óbvios aos outros. Porém, nenhum deles conhece a minha mente como Gale. – Você não está planejando me deixar para trás, está? – pergunta ele.

Até aquele momento, eu estava. Mas ter meu companheiro de caçadas como guarda-costas não me parece uma má ideia.

– Na condição de sua companheira em armas, devo recomendar veementemente que você permaneça com seu esquadrão. Mas não posso impedir você de ir, posso?

Ele dá um sorrisinho.

– Não. A menos que você queira que eu alerte o resto do exército.

O esquadrão 451 e a equipe de TV pegam o jantar na cantina e se reúnem num círculo tenso para comer. A princípio, acho que Peeta é a causa da inquietude, mas no fim da refeição, percebo que não poucos olhares antipáticos foram dirigidos a mim. Essa é uma virada rápida, já que tenho certeza absoluta de que no momento em que Peeta apareceu, a equipe inteira estava preocupada com o quanto ele poderia ser perigoso, principalmente em relação a mim. Mas só consigo entender quando recebo um telefonema de Haymitch.

– O que você está tentando fazer? Provocar o garoto até ele ter um ataque? – pergunta ele.

– É claro que não. Só quero que ele me deixe em paz – digo.

– Bom, ele não tem como fazer isso. Não depois de tudo que a Capital o obrigou a suportar – diz Haymitch. – Escute, Coin pode tê-lo mandado na esperança de que ele te mate, mas Peeta não sabe disso. Ele não entende o que aconteceu com ele. O que significa que você não pode culpá-lo por...

– Não estou culpando ele! – digo.

– Está, sim! Você não para de puni-lo por coisas que estão fora do controle dele. Agora, não estou dizendo que você não devia ter em mãos uma arma carregada 24 horas por dia. Mas acho que já está mais do que na hora de botar na cabeça uma historinha: se você tivesse sido levada pela Capital, e telessequestrada, e depois tivesse tentado matar Peeta, você acha que ele estaria tratando você assim? – pergunta Haymitch.

Fico em silêncio. Não estaria. Ele não estaria me tratando assim em hipótese alguma. Ele estaria tentando me trazer de volta a todo custo. Não me mandaria calar a boca, não me abandonaria, nem se dirigiria a mim com hostilidade em todas as ocasiões.

– Você e eu, nós fizemos um acordo para tentar salvar a vida dele. Você lembra disso? – diz Haymitch. Como não respondo, ele bate o telefone depois de um curto: "Tente se lembrar."

O dia de outono vai de fresco a frio. A maior parte do esquadrão está enfiada em seus sacos de dormir. Alguns dormem a céu aberto, perto do aquecedor no centro de nosso acampamento, ao passo que outros retiram-se para suas barracas. Leeg 1 finalmente perdeu o controle emocional em relação à morte de sua irmã, e seus soluços abafados furam as telas das barracas e nos alcançam. Eu me comprimo em minha barraca, refletindo sobre as palavras de Haymitch. Percebendo, envergonhada, que minha fixação em assassinar Snow me fez ignorar um problema muito mais difícil. Tentar resgatar Peeta do mundo sombrio no qual o telessequestro o enredou. Não sei como encontrá-lo, muito menos como fazer para tirá-lo dessa situação. Não consigo nem mesmo bolar um plano. Isso faz a tarefa de cruzar uma arena cheia, localizar Snow e colocar uma bala em sua cabeça parecer uma brincadeira de criança.

À meia-noite, rastejo para fora da barraca e me posiciono num banquinho perto do aquecedor para montar guarda com Jackson. Boggs disse para Peeta dormir onde todos pudessem vê-lo. Mas ele não está dormindo. Ao contrário, está sentado com a bolsa encostada no peito, tentando desajeitadamente fazer nós num pedaço curto de corda. Conheço isso bem. É a corda que Finnick me emprestou naquela noite no bunker. Ao

vê-la em suas mãos, é como se Finnick estivesse ecoando o que Haymitch acabara de dizer, que eu abandonara Peeta. Talvez agora fosse um bom momento para começar a consertar isso. Se pudesse imaginar algo para dizer. Mas não posso. Então não faço nada. Deixo apenas os sons das respirações dos soldados preencherem a noite.

Depois de mais ou menos uma hora, Peeta fala:

– Esses últimos dois anos devem ter sido exaustivos para você. Tentar decidir se me mata ou não. Uma eterna dúvida.

Isso me parece absolutamente injusto, e o meu primeiro impulso é dizer alguma coisa agressiva. Mas revisito minha conversa com Haymitch e tento dar o primeiro passo hesitante na direção de Peeta.

– Eu nunca quis matar você. Exceto quando pensei que você estava ajudando os Carreiristas a me matar. Depois daquilo, sempre pensei em você como... um aliado. – Essa é uma palavra boa e segura. Desprovida de qualquer obrigação emocional, porém não ameaçadora.

– Aliada. – Peeta pronuncia a palavra lentamente, saboreando-a. – Amiga. Amante. Vitoriosa. Inimiga. Noiva. Alvo. Bestante. Vizinha. Caçadora. Tributo. Aliada. Vou adicionar essa palavra à lista das que eu uso para tentar te entender. – Ele mexe a corda entre os dedos. – O problema é que não consigo mais dizer o que é real e o que é inventado.

A parada do ritmo da respiração sugere que ou as pessoas acordaram ou jamais chegaram a adormecer. Desconfio que a segunda opção é a correta.

A voz de Finnick se ergue do meio das sombras.

– Então você devia perguntar, Peeta. É o que a Annie faz.

– Perguntar a quem? – diz Peeta. – Em quem posso confiar?

– Bom, em nós, para começo de conversa. Somos o seu esquadrão – diz Jackson.

– Vocês são meus guardas – observa ele.

– Isso também. Mas você salvou muitas vidas no 13. Não é o tipo de coisa que a gente esquece.

No silêncio que se segue, tento imaginar não ser capaz de distinguir a ilusão da realidade. Não saber se Prim ou minha mãe me amam. Se Snow é meu inimigo. Se a pessoa em frente ao aquecedor me salvou ou me sacrificou. Com pouquíssimo esforço, minha vida rapidamente se transforma num pesadelo morfináceo. Quero, de um momento para o outro, contar tudo para Peeta a respeito de quem ele é, e de quem eu sou, e de

como nós acabamos aqui. Mas não sei como começar. Inútil. Sou uma inútil.

Alguns minutos antes das quatro, Peeta volta-se novamente para mim.

– Sua cor favorita... é verde?

– Isso aí. – Então penso em algo para acrescentar. – E a sua é laranja.

– Laranja? – Ele não parece muito convencido.

– Não laranja muito vívido. Laranja suave. Tipo o do pôr do sol – digo. – Pelo menos foi o que você me disse uma vez.

– Jura? – Ele fecha os olhos ligeiramente, talvez tentando visualizar aquele pôr do sol, e em seguida balança a cabeça afirmativamente. – Obrigado.

Porém, mais palavras se seguem:

– Você é pintor. Você é padeiro. Gosta de dormir com a janela aberta. Nunca põe açúcar no chá. E sempre dá dois nós nos cadarços.

Então mergulho na minha barraca antes de fazer algo estúpido como chorar.

De manhã, Gale, Finnick e eu vamos atirar em alguns vidros dos prédios para a equipe de cinegrafistas. Quando voltamos ao acampamento, Peeta está sentado num círculo com soldados do 13, que estão armados, mas falando abertamente com ele. Jackson inventou um jogo chamado "verdadeiro ou falso" para ajudar Peeta. Ele menciona alguma coisa que imagina haver acontecido, e eles dizem a ele se é verdade ou se foi imaginado, normalmente adicionando à resposta uma breve explicação.

– A maioria das pessoas do 12 foi morta no incêndio.

– Verdadeiro. Menos de novecentas pessoas do seu distrito conseguiram chegar com vida ao 13.

– O incêndio foi culpa minha.

– Falso. O presidente Snow destruiu o 12 pelo mesmo motivo que destruiu o 13, para enviar uma mensagem aos rebeldes.

Isso parece uma boa ideia até eu perceber que sou a única pessoa que poderá confirmar ou negar a maioria das dúvidas que pesam sobre ele. Jackson nos divide em turnos. Ela combina Finnick, Gale e eu com um soldado do 13. Dessa maneira, Peeta sempre terá acesso a alguém que o conhece mais pessoalmente. Não é uma conversa equilibrada. Peeta passa um longo tempo avaliando até mesmo pequenos pedaços de informação, tipo onde as pessoas compravam sopa em nosso distrito. Gale o informa acerca de vários detalhes do 12; Finnick é o especialista em ambos os Jogos

de Peeta, já que foi mentor no primeiro e tributo no segundo. Mas como a maior confusão de Peeta gira em torno de mim – e nem tudo pode ser simplesmente explicado –, nossos intercâmbios são dolorosos e pesados, muito embora toquemos apenas nos detalhes mais superficiais. A cor do meu vestido no 7. Minha preferência por pãozinho de queijo. O nome de nossa professora de matemática quando éramos pequenos. Reconstruir sua memória a respeito de mim é excruciante. Talvez não seja nem mesmo possível depois do que Snow fez com ele. Mas me parece correto ajudá-lo a tentar.

Na tarde seguinte, recebemos a notificação de que o esquadrão inteiro está sendo requisitado para encenar um pontoprop razoavelmente complicado. Peeta estava certo em relação a uma coisa: Coin e Plutarch estão descontentes com a qualidade das tomadas que estão recebendo do Esquadrão Estrela. Chatas demais. Pouquíssimo estimulantes. A reação óbvia é lembrar que nunca nos deixam fazer coisa alguma além das representações teatrais com as nossas armas. Entretanto, isso não tem a ver com uma defesa de nossa atuação, tem a ver com a invenção de um produto que seja minimamente utilizável. Então, hoje, um quarteirão especial foi separado para as filmagens. Há no local, inclusive, dois casulos ativos. Um deles libera uma torrente de tiros. O outro prende o invasor numa rede para interrogá-lo ou executá-lo, dependendo da preferência da pessoa que tiver efetuado a captura. Mas ainda assim é um quarteirão residencial sem importância, desprovido de qualquer consequência estratégica.

A equipe de TV tem a intenção de proporcionar uma sensação de perigo intenso liberando bombas de fumaça e acrescentando efeitos sonoros de tiros. Vestimos um pesado equipamento de proteção, inclusive a equipe de filmagem, como se estivéssemos nos encaminhando para o coração da batalha. Aqueles que têm armas de sua especialidade recebem permissão para levá-las consigo, junto com as outras armas. Boggs também devolve a Peeta sua arma, embora deixe bem claro, em alto e bom som, que está carregada apenas com balas de festim.

Peeta dá de ombros.

– De qualquer modo, não sou muito bom de mira. – Ele parece entretido em observar Pollux, mas o faz com tanta atenção que sua atitude acaba gerando certa preocupação. Então, finalmente, ele chega a uma conclusão e começa a falar agitadamente: – Você é um Avox, não é? Dá para ver pelo jeito como você engole. Havia dois Avox comigo na prisão.

Darius e Lavinia, mas os guardas só os chamavam de ruivos. Eles tinham sido serviçais no Centro de Treinamento, então foram presos também. Assisti aos dois sendo torturados até a morte. Ela teve sorte. Eles usaram uma voltagem excessiva e o coração dela parou de bater. Mas ele levou dias para morrer. Surras, mutilações. Não paravam de fazer perguntas, mas ele não tinha como falar, só conseguia emitir uns horríveis sons animalescos. Eles não queriam informações, entende? Eles queriam que eu visse tudo.

Peeta olha ao redor para nossos rostos aturdidos, como se estivesse esperando uma resposta. Como nenhuma resposta surge, ele pergunta:

– Verdadeiro ou falso? – A falta de resposta o deixa ainda mais irritado. – Verdadeiro ou falso? – exige ele.

– Verdadeiro – diz Boggs. – Pelo menos, pelo que eu sei... é verdadeiro.

Peeta desaba.

– Foi o que pensei. Não havia nada... grandioso nisso. – Ele se afasta do grupo, murmurando alguma coisa sobre dedos dos pés e das mãos.

Eu me aproximo de Gale, pressiono a testa na armadura onde deveria estar seu peito, sinto seu braço me puxando ainda mais contra seu corpo. Finalmente sabemos o nome da garota que testemunhamos a Capital abduzir na floresta do 12 e o destino do nosso amigo Pacificador que tentou manter Gale vivo. Esta não é a hora de relembrar momentos felizes. Eles perderam suas vidas por minha causa. Eu os acrescento à minha lista pessoal de mortes que começaram na arena e que agora inclui milhares de nomes. Quando levanto os olhos, vejo que o efeito sobre Gale foi diferente. Sua expressão diz que não existem montanhas suficientes a serem esmagadas, cidades suficientes a serem destruídas. Seu olhar promete morte.

Com o pavoroso relato de Peeta ainda fresco em nossas cabeças, avançamos pelas ruas cheias de vidro quebrado até alcançarmos nosso alvo, o quarteirão que devemos tomar. É uma meta real, apesar de pequena, que temos de conquistar. Nos reunimos ao redor de Boggs para examinar a projeção da rua fornecida pelo Holo. O casulo que atira está posicionado a mais ou menos um terço do caminho de descida, logo acima do toldo de um apartamento. Deveríamos ser capazes de acertá-lo com balas. O casulo com a rede encontra-se na extremidade, quase na outra esquina. Isso requer alguém para ativar o mecanismo do sensor corporal. Todos se apresentam como voluntários, com exceção de Peeta, que parece não estar entendendo

muito bem o que está acontecendo. Eu não sou escolhida. Sou enviada a Messalla, que coloca um pouco de maquiagem em meu rosto para os close-ups previstos.

O esquadrão se posiciona sob a orientação de Boggs, e então somos obrigados a esperar que Cressida também coloque os cinegrafistas em posição. Ambos estão à nossa esquerda, com Castor na parte da frente e Pollux na traseira, de modo a garantir que não filmem um ao outro. Messalla libera algumas cargas de fumaça na atmosfera. Como isso é não apenas uma missão como também um tiroteio, estou a ponto de perguntar quem está no comando, meu comandante ou minha diretora, quando Cressida grita:

– Ação!

Descemos lentamente a rua enevoada, exatamente como em nossos exercícios no Quarteirão. Todos têm pelo menos uma seção de janelas para explodir, mas Gale foi designado para o verdadeiro alvo. Quando ele atinge o casulo, damos cobertura – agachados nas entradas dos prédios ou deitados nas lindas pedrinhas laranjas e rosas do pavimento – enquanto uma torrente de balas passa de um lado para o outro sobre nossas cabeças. Depois de um tempo, Boggs dá a ordem para avançar.

Antes de levantarmos, Cressida nos impede, já que necessita de algumas tomadas em close-up. Nos revezamos reencenando nossas reações. Caindo no chão, fazendo careta, mergulhando em buracos. Sabemos que se trata de um assunto sério, mas a coisa toda parece um pouco ridícula. Principalmente quando fica claro que não sou a pior atriz do esquadrão. Nem de longe. Estamos todos rindo tão intensamente da tentativa de Mitchell projetar sua ideia de desespero, que inclui dentes cerrados e narinas bem abertas, que Boggs é obrigado a nos repreender.

– Entre nos eixos, Quatro-Cinco-Um – diz ele com firmeza. Mas dá para ver que ele mesmo está contendo um sorriso enquanto verifica o casulo seguinte. Posicionando o Holo para encontrar a melhor luminosidade em meio ao ar esfumaçado. Ainda nos encarando enquanto seu pé esquerdo dá um passo para trás em direção à calçada de pedras laranja. Detonando a bomba que arranca suas pernas.

É como se, num instante, uma janela pintada se despedaçasse revelando um mundo horrendo atrás dela. As gargalhadas dão lugar a berros, sangue mancha as pedras em tom pastel, fumaça de verdade escurece o material dos produtos de efeitos especiais feitos para a TV.

Uma segunda explosão parece dividir o ar e faz meus ouvidos retinirem. Mas não consigo identificar de onde veio.

Alcanço Boggs antes de qualquer outra pessoa, tento dar sentido à carne rasgada, aos membros arrancados, tento encontrar alguma coisa para estancar o fluxo vermelho que escapa de seu corpo. Homes me empurra para o lado, abrindo rapidamente um kit de primeiros socorros. Boggs agarra meu pulso. Seu rosto, cinza por causa da fumaça e da proximidade da morte, parece estar murchando. Mas as palavras que ele pronuncia em seguida são uma ordem:

– O Holo.

O Holo. Cambaleio ao redor, cavando em meio a pedaços de ladrilho pegajosos devido ao sangue, tremendo assim que encontro fragmentos de carne ainda quente. Encontro-o cravado numa escada junto com uma das botas de Boggs. Pego o objeto, limpo-o com minhas próprias mãos e o devolvo a meu comandante.

Homes está amparando o que restou da coxa esquerda de Boggs numa espécie de bandagem de compressão, mas ela já está empapada de sangue. Ele está tentando fazer um torniquete para atar a outra acima do joelho ainda existente. O restante do esquadrão se reuniu numa formação protetora ao redor da equipe e de nós. Finnick está tentando ressuscitar Messalla, que foi lançado contra um muro pela explosão. Jackson está berrando no bocal de um comunicador de campo, tentando sem sucesso, pedir, ao acampamento para que nos envie médicos, mas sei que já é tarde demais. Quando eu era pequena, observando minha mãe trabalhar, aprendi que uma vez que uma poça de sangue alcança determinado tamanho, não há mais remédio.

Eu me ajoelho ao lado de Boggs, preparada para repetir o papel que desempenhei com Rue e com a morfinácea do 6, dando a ele a oportunidade

de ser amparado por alguém enquanto sua vida lhe é tirada. Mas Boggs está com ambas as mãos trabalhando no Holo. Ele está teclando um comando, pressionando o polegar na tela para o reconhecimento de sua impressão digital, falando uma série de letras e números em resposta a uma solicitação. Uma barra de luz verde sai do Holo e ilumina seu rosto. Ele diz:

– Inapto a comandar. Transferindo evacuação com prioridade de segurança para o soldado Quatro-Cinco-Um do esquadrão, Katniss Everdeen. – Tudo o que ele consegue fazer é virar o Holo na direção do meu rosto. – Diz o seu nome.

– Katniss Everdeen – digo na barra verde. Subitamente, ela me prende em sua luz. Não consigo me mexer, não consigo nem mesmo piscar enquanto imagens tremeluzem rapidamente diante de meus olhos. Estarei sendo escaneada? Gravada? Cegada? A luz desaparece, e sacudo a cabeça para me livrar dela. – O que foi que você fez?

– Preparar para retirada! – berra Jackson.

Finnick está berrando algo de volta, gesticulando para a extremidade do quarteirão por onde entramos. Um material preto e oleoso jorra da rua como se fosse um gêiser, serpenteando por entre os prédios, criando uma impenetrável parede de escuridão. Não parece ser nem líquido nem gasoso, nem mecânico nem natural. Certamente é letal. Não há possibilidade de voltar por onde entramos.

Um tiroteio ensurdecedor tem início quando Gale e Leeg 1 explodem uma trilha do outro lado das pedras na direção da extremidade do quarteirão. Não sei o que estão fazendo até que uma outra bomba, a dez metros de distância, é detonada, abrindo um buraco na rua. Então me dou conta de que essa é uma tentativa rudimentar de desativar as minas. Homes e eu agarramos Boggs e começamos a arrastá-lo atrás de Gale. A agonia se instala e ele está gritando de dor, e eu quero parar, para achar uma maneira melhor, mas o negrume está se erguendo acima dos prédios, inchando, rolando na nossa direção como se fosse uma onda.

Sou puxada para trás, solto Boggs e dou de cara com as pedras. Peeta olha para mim, entorpecido, enlouquecido, de volta à terra dos telessequestrados, sua arma apontada para mim, descendo para esmagar o meu crânio. Rolo para o lado, ouço a coronha bater com força na rua, percebo os corpos desabando com o canto do olho enquanto Mitchell se joga sobre Peeta e o imobiliza no chão. Mas Peeta, sempre tão poderoso e

agora aditivado pela insanidade das teleguiadas, dá um chute na barriga de Mitchell e o lança mais para baixo no quarteirão.

Ouve-se um estalo bem alto de uma armadilha quando o casulo é detonado. Quatro cabos, atados a faixas nos prédios, explodem as pedras, arrastando a rede que prende Mitchell. A situação não faz sentido algum – o fato de ele começar a sangrar instantaneamente – até que vemos as farpas protuberantes saindo dos fios de arame que o envolvem. Entendo imediatamente. Aquilo decorava o topo da cerca ao redor do 12. Enquanto grito para ele não se mover, tapo a boca com a mão por causa do mau cheiro do negrume, espesso, com textura de alcatrão. A onda atingiu o topo e começou a cair.

Gale e Leeg 1 atiram na fechadura da porta da frente do edifício da esquina e então começam a atirar nos cabos que prendem a rede de Mitchell. Outros ficam contendo Peeta. Volto correndo para Boggs; Homes e eu o arrastamos para dentro do apartamento de alguém através da sala de estar revestida de veludo rosa e branco, passando por um corredor com várias fotos de família penduradas na parede e chegando à cozinha com piso de mármore, onde desabamos no chão. Castor e Pollux carregam um Peeta que não para de se contorcer. De alguma maneira, Jackson consegue colocar algemas nele, mas isso só o deixa ainda mais selvagem e eles são forçados a prendê-lo num closet.

Na sala de estar, a porta da frente é batida com força, pessoas gritam. Em seguida, passos pesados são ouvidos no corredor à medida que a onda preta passa ribombando pelo prédio. Da cozinha, podemos ouvir as janelas gemendo, sendo despedaçadas. O venenoso cheiro de alcatrão impregna o ar. Finnick carrega Messalla. Leeg 1 e Cressida entram na sala atrás deles aos tropeções e tossindo.

– Gale! – berro.

E lá está ele, fechando com força a porta da cozinha atrás de si, e consegue expelir uma única palavra:

– Gás!

Castor e Pollux pegam toalhas, aventais para pôr em cima das rachaduras e aberturas da parede enquanto Gale vomita numa pia amarela.

– Mitchell? – pergunta Homes. Leeg 1 simplesmente balança a cabeça.

Boggs gruda o Holo em minha mão. Seus lábios estão se movendo, mas não consigo entender o que está dizendo. Inclino o ouvido na direção de sua boca para captar seu sussurro áspero:

– Não confie neles. Não recue. Mate Peeta. Faça o que você veio fazer.

Eu me afasto para poder ver o seu rosto.

– O quê? Boggs? Boggs? – Seus olhos ainda estão abertos, porém mortos. Apertado em minha mão, colado nela com o sangue dele, está o Holo.

O som dos pés de Peeta batendo na porta do closet interrompe a respiração entrecortada dos outros. Mesmo batendo, a energia dele parece fluir. Os chutes diminuem e se transformam numa batucada irregular. Em seguida, não ouvimos mais nada. Imagino se ele também não estará morto.

– Ele morreu? – pergunta Finnick, olhando para Boggs. Faço que sim com a cabeça. – Precisamos sair daqui. Agora. A gente acabou de ativar uma rua inteira de casulos. Podem apostar que nos pegaram nos vídeos de segurança.

– Seguramente – diz Castor. – Todas as ruas estão recheadas de câmeras de segurança. Aposto que liberaram a onda preta manualmente quando nos viram gravando o pontoprop.

– Nossos radiocomunicadores ficaram mudos quase que imediatamente. Provavelmente algum dispositivo de pulsação eletromagnética. Mas vou levá-los de volta ao acampamento. Me dá o Holo. – Jackson estende a mão para pegar a unidade, mas eu a grudo contra o peito.

– Não. Boggs deu para mim – digo.

– Deixe de ser ridícula – rebate ela. É claro que pensa que o objeto pertence a ela. Ela é a vice-comandante.

– É verdade – diz Homes. – Ele transferiu a evacuação com prioridade de segurança para ela quando estava morrendo. Eu vi.

– E por que ele faria uma coisa dessas? – pergunta Jackson.

Por quê, realmente? Minha cabeça está girando em função dos terríveis eventos dos últimos cinco minutos – Boggs mutilado, morrendo, morto; a fúria homicida de Peeta; Mitchell ensanguentado e preso na rede, e sendo engolido por aquela maldita onda preta. Eu me viro para Boggs, querendo muito que ele estivesse vivo. Subitamente certa de que ele, e talvez somente ele, está totalmente do meu lado, penso em suas últimas ordens...

"Não confie neles. Não recue. Mate Peeta. Faça o que você veio fazer."

O que ele quis dizer? Não confiar em quem? Nos rebeldes? Coin? Nas pessoas que estão olhando para mim agora? Não vou recuar, mas ele

precisa saber que não posso simplesmente dar um tiro na cabeça de Peeta. Posso? Deveria? Será que Boggs adivinhou que o que eu realmente vim fazer aqui é desertar e matar Snow por conta própria?

Não consigo dar sentido a tudo isso agora, de modo que decido apenas levar a cabo as duas primeiras ordens: não confiar em ninguém e penetrar mais fundo na Capital. Mas como posso justificar isso? O que posso fazer para que me deixem ficar com o Holo?

– Porque estou numa missão especial para a presidenta Coin. Acho que Boggs era a única pessoa que sabia disso.

A história não convence Jackson em hipótese alguma.

– Para fazer o quê?

Por que não contar a verdade a eles? Seria tão plausível quanto qualquer outra ideia que me viesse à cabeça. Mas a coisa deve parecer uma missão real, não uma vingança.

– Para assassinar o presidente Snow antes que as perdas de vidas nesta guerra tornem nossa população insustentável.

– Não acredito em você – diz Jackson. – Na condição de sua comandante atual, ordeno que você transfira para mim a evacuação com prioridade de segurança.

– Não – digo. – Isso seria uma violação direta das ordens da presidenta Coin.

Armas são apontadas. Metade do esquadrão para Jackson, metade para mim. Alguém está prestes a morrer, quando Cressida fala:

– É verdade. É por isso que a gente está aqui. Plutarch quer que isso seja transmitido pela TV. Ele acha que se a gente conseguir filmar o Tordo assassinando Snow, isso acabará a guerra.

As palavras fazem com que Jackson pare por um instante. Então ela faz um gesto com a arma na direção do closet.

– E por que ele está aqui?

Aí eu sou obrigada a dar razão a ela. Não consigo imaginar nenhum motivo racional para Coin enviar um garoto instável, programado para me matar, a uma missão tão importante. Isso realmente enfraquece minha história. Cressida volta a me socorrer:

– Porque as duas entrevistas pós-Jogos com Caesar Flickerman foram filmadas nos aposentos pessoais do presidente Snow. Plutarch acha que Peeta pode ser de alguma utilidade como guia num local que mal conhecemos.

Quero perguntar a Cressida por que ela está mentindo por mim, por que está lutando para que continuemos com nossa missão autodesignada. Agora não é o momento.

– Temos de sair daqui! – diz Gale. – Estou com a Katniss. Se vocês não querem ir com a gente, voltem para o acampamento. Mas vamos sair daqui agora!

Homes abre o closet e coloca nos ombros um Peeta inconsciente.

– Pronto.

– Boggs? – diz Leeg 1.

– Não podemos levá-lo. Ele entenderia – diz Finnick. Ele solta a arma de Boggs do ombro dele e a prende no seu. – Vá na frente, soldado Everdeen.

Não sei como ir na frente. Olho para o Holo em busca de orientação. Ele ainda está ativado, mas pode muito bem estar morto, com essa ajuda enorme que está me dando. Não há tempo para ficar mexendo nos botões, tentando entender como operá-lo.

– Não sei como usar isto aqui. Boggs disse que você me ajudaria – digo a Jackson. – Ele disse que eu podia contar com você.

Jackson me dá uma bronca, tira de mim o Holo e tecla um comando. Uma interseção aparece.

– Se a gente sair pela porta da cozinha, tem um pequeno pátio e depois os fundos de uma outra unidade de prédios de esquina. Estamos olhando para uma panorâmica das quatro ruas que se encontram na interseção.

Tento me localizar enquanto observo o cruzamento no mapa piscando com casulos em todas as direções. Esses são apenas os casulos que Plutarch sabe que existem. O Holo não indicava que o quarteirão de onde acabamos de sair estava minado, que possuía o gêiser preto ou que a rede era feita de arame farpado. Além disso, pode ser que haja Pacificadores com os quais teremos de lidar, agora que sabem qual é a nossa posição. Mordo a parte interna do lábio, sentindo os olhos de todos sobre mim.

– Vistam suas máscaras. Vamos sair por onde entramos.

Objeções instantâneas. Ergo minha voz.

– Se a onda era assim tão poderosa, então pode ter ativado e absorvido outros casulos em nosso caminho.

Todos param para avaliar minhas palavras. Pollux faz alguns sinais rápidos para seu irmão.

– Pode ser que também tenha estragado as câmeras – traduz Castor. – Pode ter tapado as lentes.

Gale coloca uma de suas botas na bancada e examina a mancha preta em seu dedo. Raspa-a com uma faca de cozinha que achou em cima da bancada.

– Não é corrosiva. Acho que a intenção era sufocar ou envenenar a gente.

– Provavelmente essa é a nossa melhor hipótese – diz Leegs 1.

Máscaras são colocadas. Finnick ajusta a máscara de Peeta sobre seu rosto sem vida. Cressida e Leeg 1 erguem um tonto Messalla entre elas.

Fico esperando que alguém assuma a posição dianteira quando me lembro de que agora esse é o meu trabalho. Empurro a porta da cozinha e não encontro nenhuma resistência. Uma camada de cinco centímetros de gosma preta espalhou-se a partir da sala de estar e tomou mais ou menos setenta e cinco por cento do corredor. Quando a testo cautelosamente com a ponta da bota, descubro que possui consistência gelatinosa. Levanto o pé e, depois de esticar ligeiramente, a gosma volta para baixo. Dou três passos no gel e olho para trás. Nenhuma pegada. É a primeira coisa boa que aconteceu hoje. O gel torna-se ligeiramente mais espesso à medida que atravesso a sala de estar. Abro a porta da frente esperando que litros e litros da substância caiam e invadam o recinto, mas o produto mantém sua forma.

O quarteirão laranja e rosa parece ter sido mergulhado numa cintilante tinta preta que ainda não secou por inteiro. Pedras de calçamento, edifícios, até mesmo os telhados estão cobertos com o gel. Um armário grande pende acima da rua. Duas formas projetam-se dela. Um cano de revólver e a mão de um ser humano. Mitchell. Espero na calçada, olhando para ele até que o grupo todo esteja ao meu lado.

– Se alguém precisa voltar, por quaisquer motivos, a hora é essa – digo. – Nenhuma pergunta vai ser feita, ninguém vai ficar chateado. – Ninguém parece inclinado a recuar. Então começo a me mover em direção ao interior da Capital, ciente de que não dispomos de muito tempo. O gel está mais profundo aqui, dez a doze centímetros, e emite um som de sucção cada vez que se levanta o pé, mas ainda está cobrindo as nossas pegadas.

A onda deve ter sido enorme, com um tremendo poder, já que afetou diversos quarteirões à frente. E embora pise com cuidado, acho que meus instintos estavam certos em relação a ela ter detonado os outros casulos. Um quarteirão está salpicado de corpos dourados de teleguiadas. Devem ter

sido soltas apenas para sucumbir ao gás. Um pouco mais além, um prédio de apartamentos inteiro desabou e jaz numa pilha sob o gel. Cruzo em disparada pelas interseções, com a mão levantada para que os outros esperem enquanto procuro por possíveis problemas, mas a onda parece haver desmantelado os casulos com muito mais competência do que qualquer esquadrão de rebeldes poderia ter feito.

No quinto quarteirão, posso dizer que alcançamos o ponto onde a onda começou a diminuir. O gel tem apenas dois centímetros de espessura, e consigo ver os terraços com sua coloração azul-bebê projetando-se do outro lado da interseção seguinte. A luz da tarde esmaeceu, e nós precisamos muito encontrar um abrigo e montar um plano. Escolho um apartamento a dois terços do caminho, descendo o quarteirão. Homes arrebenta a tranca e ordeno que os outros entrem. Permaneço na rua por apenas um minuto, observando a última de nossas pegadas sumir de vista e em seguida fecho a porta atrás de mim.

Lanternas dispostas em nossas armas iluminam uma grande sala de estar com paredes espelhadas que refletem nossos rostos a todo momento. Gale verifica as janelas, que não apresentam nenhum sinal de estrago, e retira a máscara.

– Está tudo tranquilo. Dá para sentir o cheiro, mas não está muito forte.

O apartamento parece ter sido decorado exatamente da mesma maneira que o primeiro, no qual entramos para buscar refúgio. O gel escurece qualquer luz natural que venha da frente, mas um pouco de luz vaza das persianas na cozinha. Ao longo do corredor, existem dois quartos com banheiros. Uma escada em espiral na sala de estar leva a um espaço aberto que compreende grande parte do segundo andar. Não há janelas aqui, mas as luzes foram deixadas acesas, provavelmente por alguém fugindo precipitadamente. Uma gigantesca tela de TV, desligada, mas brilhando suavemente, ocupa uma das paredes. Cadeiras sofisticadas e sofás encontram-se espalhados pela sala. É aqui que nos reunimos, nos jogamos em cima de tapeçarias, tentamos recuperar o fôlego.

Jackson está com a arma apontada para Peeta, muito embora ele ainda esteja algemado e inconsciente, atravessado num sofá azul onde Homes o depositou. O que vou fazer com ele, afinal de contas? E com a equipe? Com todo mundo, para ser franca, tirando Gale e Finnick? Porque eu preferiria ir atrás de Snow com esses dois a ir sozinha. Mas não posso liderar dez

pessoas através da Capital numa missão falsa, mesmo que conseguisse ler o Holo. Será que deveria, será que poderia tê-los mandado de volta quando tive chance? Ou será que era perigoso demais? Não só para eles pessoalmente como também para a minha missão. Talvez não devesse ter dado ouvidos a Boggs, porque talvez ele estivesse em uma espécie de estado delirante que antecede a morte. Talvez eu devesse simplesmente confessar tudo, mas nesse caso, Jackson assumiria o comando e acabaríamos de volta ao acampamento. Onde eu teria de prestar contas a Coin.

No momento em que a complexidade da bagunça para a qual arrastei todo mundo começa a entupir meu cérebro, uma série de explosões ao longe faz com que a sala trema.

– Não foi perto daqui – assegura Jackson. – A uns quatro ou cinco quarteirões daqui.

– Onde a gente deixou o Boggs – diz Leegs 1.

Embora ninguém tenha feito nenhum movimento naquela direção, o aparelho de TV ganha vida, emitindo um som bem agudo e fazendo com que metade de nosso grupo se ponha de pé.

– Está tudo bem! – fala Cressida. – É apenas uma transmissão de emergência. Toda TV da Capital é ativada automaticamente quando isso acontece.

Lá estamos nós na tela, logo depois que a bomba acabou com Boggs. Uma voz ao fundo narra para a audiência o que está vendo enquanto aparecemos tentando nos reagrupar, reagir aos esguichos de gel preto da rua, não perder o controle da situação. Assistimos ao caos que se segue até a onda escurecer as câmeras. A última coisa que vemos é Gale, sozinho na rua, tentando atirar através dos cabos nos quais Mitchell está pendurado.

A repórter identifica Gale, Finnick, Boggs, Peeta, Cressida e eu pelos nomes.

– Não tem nenhuma tomada aérea. Boggs devia estar certo em relação ao número de aerodeslizadores deles – diz Castor. Não notei isso, mas acho que é o tipo de coisa em que um cinegrafista repara de imediato.

A cobertura continua do pátio atrás do apartamento onde nos abrigamos. Pacificadores estão alinhados no telhado em frente ao nosso esconderijo anterior. Projéteis são lançados na direção da fileira de apartamentos, desencadeando a explosão em série que ouvimos, e o prédio desaba numa pilha de entulho e poeira.

Agora há um corte para um noticiário ao vivo. Uma repórter está de pé no telhado com os Pacificadores. Atrás dela, o quarteirão de prédios de apartamentos está em chamas. Bombeiros tentam controlar o fogo com mangueiras. Nossa morte é dada como certa.

– Finalmente um pouco de sorte – diz Homes.

Acho que ele tem razão. Certamente é melhor que sermos perseguidos pela Capital. Mas fico só imaginando como isso estará repercutindo no 13. Onde minha mãe e Prim, Hazelle e as crianças, Annie, Haymitch e várias outras pessoas do 13 pensam que acabaram de nos ver morrendo.

– Meu pai. Ele acabou de perder minha irmã e agora... – diz Leeg 1.

Acompanhamos o filme que se segue. Exultantes em sua vitória, principalmente sobre mim. Separando material para fazer uma montagem do Tordo ascendendo ao poder dos rebeldes – acho que eles já tinham esse conteúdo preparado há algum tempo porque parece muito bem-acabado –, e então entrando ao vivo para que alguns repórteres possam debater meu muito merecido fim. Mais tarde, prometem, Snow fará um pronunciamento oficial. A tela escurece.

Os rebeldes não fizeram nenhuma tentativa de invasão durante a transmissão, o que me leva a acreditar que imaginam que as imagens retratam a verdade. Se é assim, realmente estamos por conta própria.

– Então, agora que a gente está morto, qual é o próximo passo? – pergunta Gale.

– Isso não é uma coisa óbvia? – Ninguém sabia que Peeta recuperara a consciência. Não sei há quanto tempo ele observava tudo, mas a julgar pelo olhar de tristeza em seu rosto, tempo suficiente para ver o que aconteceu na rua. A maneira como enlouqueceu, tentou quebrar a minha cabeça e jogou Mitchell no casulo. Ele se senta com um esforço doloroso e dirige suas palavras a Gale: – Nosso próximo passo... é me matar.

Isso significa que duas solicitações pela morte de Peeta foram feitas em menos de uma hora.

– Deixe de ser ridículo – diz Jackson.

– Acabei de matar um membro do nosso esquadrão! – grita Peeta.

– Você o empurrou para longe de você. Não tinha como saber que ele acionaria a rede naquele ponto exato – diz Finnick, tentando acalmá-lo.

– Que diferença faz? Ele morreu, não foi? – Lágrimas começam a escorrer pelo rosto de Peeta. – Eu não sabia. Eu nunca me vi desse jeito antes. Katniss tem razão. Sou um monstro. Sou um bestante. Snow me transformou numa arma!

– Isso não é culpa sua, Peeta – diz Finnick.

– Vocês não podem me levar. É só uma questão de tempo até eu matar alguém novamente. – Peeta olha para nossos rostos imersos em pensamentos conflitantes. – Talvez vocês achem que é mais gentil simplesmente me deixar em algum lugar. Permitir que eu assuma os riscos sozinho. Mas isso é a mesma coisa que me entregar à Capital. Vocês acham que estariam me fazendo um favor me devolvendo a Snow?

Peeta. De volta às mãos de Snow. Torturado e flagelado até que nenhum pedaço de seu ser anterior tivesse condições de algum dia voltar a emergir.

Por algum motivo, a última estrofe de "A árvore-forca" começa a percorrer a minha mente. A estrofe em que o homem prefere que sua amante morra a ser obrigada a encarar as maldades que a esperam no mundo.

"Você vem, você vem
Para a árvore
Usar um colar de corda, e ficar ao meu lado
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca."

– Eu mato você antes que isso aconteça – diz Gale. – Prometo.

Peeta hesita, como se estivesse avaliando a confiabilidade dessa oferta, e então balança a cabeça.

– Não me parece uma boa ideia. E se você não estiver presente para fazer isso? Quero uma daquelas pílulas de veneno como as que vocês todos têm.

Cadeado. Há uma pílula no acampamento, no compartimento especial na manga de meu traje de Tordo. Mas há uma outra no bolso da frente de meu uniforme. Interessante eles não terem separado uma para Peeta. Talvez Coin tenha pensado que ele pudesse ingeri-la antes de ter a oportunidade de me matar. Não está claro se Peeta quer dizer que se mataria agora para nos poupar da tarefa de matá-lo, ou apenas se a Capital o levasse novamente preso. No estado em que ele se encontra, eu diria que a ação teria muito mais chances de ocorrer mais cedo do que mais tarde. Certamente, isso tornaria as coisas mais fáceis para todos nós. Não sermos obrigados a dar um tiro nele. Certamente, simplificaria o problema de lidar com seus rompantes homicidas.

Não sei se são os casulos, ou o medo, ou ter visto Boggs morrer, mas sinto a arena ao meu redor. É como se eu jamais houvesse saído dela, na realidade. Mais uma vez, estou lutando não apenas pela minha própria sobrevivência, como também pela de Peeta. Como Snow ficaria satisfeito, como ele se divertiria se conseguisse me fazer matar Peeta. Se conseguisse colocar na minha consciência a morte de Peeta pelo tempo que me resta de vida.

– Não tem a ver com você – digo. – Estamos numa missão. E você é necessário nela. – Olho para o restante do grupo. – Vocês acham que a gente consegue encontrar comida por aqui?

Além do kit médico e das câmeras, não temos nada além de uniformes e armas.

Metade do grupo fica para vigiar Peeta ou para acompanhar a transmissão de Snow, enquanto os outros vão à caça de alguma coisa para comer. Messalla prova-se de extrema utilidade porque morou numa réplica quase perfeita deste apartamento e sabe onde seria mais provável as pessoas guardarem comida. Alerta-nos, por exemplo, para a existência de um local de estocagem escondido por um painel espelhado no quarto, ou para a facilidade de se retirar a tela de ventilação no corredor. Assim, muito

embora os armários da cozinha estejam vazios, encontramos mais de trinta itens comestíveis enlatados e diversas caixas de biscoito.

A pilhagem desagrada os soldados criados no 13.

– Isso por acaso não é ilegal? – diz Leeg 1.

– Muito pelo contrário. Na Capital você seria considerada uma idiota se não fizesse isso – diz Messalla. – Mesmo antes do Massacre Quaternário, as pessoas já começavam a estocar suprimentos escassos.

– Enquanto outras pessoas não tinham nada – diz Leeg 1.

– Correto – diz Messalla. – É assim que funciona aqui.

– Felizmente, ou então a gente não teria jantar – diz Gale. – Cada um pega uma lata.

Alguns de nosso grupo parecem relutantes em fazê-lo, mas esse é um método tão bom quanto qualquer outro. Eu realmente não estou no clima para dividir tudo em onze partes iguais de acordo com idade, peso e desempenho físico. Mexo na pilha, prestes a escolher uma sopa de bacalhau, quando Peeta estende uma lata para mim.

– Aqui.

Eu pego, sem saber o que esperar. No rótulo está escrito COZIDO DE CARNEIRO.

Comprimo os lábios ao rememorar a chuva pingando através das pedras, minhas ineptas tentativas de paquera e o aroma do meu prato favorito no ar gelado da Capital. Então, alguma parte disso tudo também deve ter permanecido na cabeça dele. O quanto estávamos felizes, o quanto estávamos esfomeados, o quanto estávamos próximos um do outro quando aquela cesta de piquenique chegou do lado de fora de nossa caverna.

– Obrigada. – Abro a lata. – Tem até ameixa seca. – Entorto a tampa e uso-a como uma colher improvisada para levar um pouco do conteúdo até a boca. Agora este lugar também tem o mesmo sabor da arena.

Estamos passando de mão em mão uma caixa de biscoitos finos com recheio de creme quando o sinal sonoro da TV retorna. A insígnia da Capital se ilumina na tela e lá permanece enquanto o hino é executado. E então começam a mostrar imagens dos mortos, exatamente como faziam com os tributos na arena. Começam com os quatro rostos de nossa equipe de TV, seguidos de Boggs, Gale, Finnick, Peeta e eu. Com exceção de Boggs, não se preocupam em mostrar os soldados do 13, ou porque não fazem a menor ideia de quem sejam ou porque sabem que não terão a menor importância para a audiência. Então o homem em pessoa aparece,

sentado em sua escrivaninha, uma bandeira desfraldada atrás de si, a rosa branca recém-colhida brilhando na lapela. Há uma boa possibilidade de ele ter recebido alguns retoques recentemente, porque seus lábios estão mais inchados que o habitual. E sua equipe de preparação realmente precisa usar uma mão mais leve em sua maquiagem.

Snow parabeniza os Pacificadores pelo trabalho magistral, exalta-os por livrar o país da ameaça chamada Tordo. Com a minha morte, ele prevê uma guinada nos rumos da guerra, já que os desmoralizados rebeldes não têm mais a quem seguir. E o que era eu, de fato? Uma garota pobre e instável com um pequeno talento com arco e flecha. Não uma grande pensadora, não uma mente prodigiosa por trás da rebelião, meramente um rosto pinçado da patuleia porque havia chamado a atenção da nação com minhas travessuras nos Jogos. Mas necessária, extremamente necessária, porque os rebeldes não possuem nenhum líder real entre eles.

Em algum ponto do Distrito 13, Beetee aperta um botão, porque agora não é o presidente Snow, mas sim a presidenta Coin que está nos encarando. Ela se apresenta a Panem, identifica-se como a liderança dos rebeldes e então faz um discurso me enaltecendo. Glórias para a garota que sobreviveu à Costura e aos Jogos Vorazes, e em seguida transformou um país de escravos num exército de combatentes pela liberdade.

– Viva ou morta, Katniss Everdeen continuará sendo a cara da rebelião. Se algum dia vocês vacilarem em sua determinação, pensem no Tordo, e nele vocês encontrarão a força de que necessitam para livrar Panem de seus opressores.

– Eu não fazia ideia do quanto era importante para ela – digo, o que suscita uma risada de Gale e olhares questionadores da parte dos outros.

Em seguida aparece uma fotografia minha tremendamente modificada, com a aparência bela e firme e com chamas tremeluzindo atrás de mim. Nenhuma palavra. Nenhum slogan. Meu rosto é tudo de que precisam agora.

Beetee devolve as rédeas a um Snow bastante controlado. Tenho a sensação de que o presidente imaginava que o canal de emergência fosse impenetrável, e de que alguém vai acabar morto hoje à noite por conta da brecha de segurança.

– Amanhã de manhã, quando retirarmos o corpo de Katniss Everdeen das cinzas, veremos exatamente quem é o Tordo. Uma garota morta que não tem como salvar ninguém, nem a ela própria. – Insígnia, hino e fim.

– Só que você não vai encontrá-la – diz Finnick para a tela vazia, dando voz ao que todos nós provavelmente estamos pensando. O período de carência será breve. Assim que começarem a escavar aquele monte de cinzas e se darem conta de que faltam onze corpos, chegarão à conclusão de que escapamos.

– Pelo menos, vamos ter umas horas de vantagem – digo. De repente, sinto-me extremamente cansada. Tudo que quero é me deitar num daqueles sofisticados sofás verdes e dormir. Acomodar o corpo naquelas almofadas acolchoadas e desmaiar. Em vez disso, pego o Holo e insisto para que Jackson me ensine os comandos mais básicos (que trata-se, na verdade, de inserir as coordenadas da interseção de grade do mapa mais próximo) de modo que eu possa pelo menos começar a operar a coisa sozinha. Como o Holo projeta tudo que nos cerca, sinto um aperto ainda maior no coração. Devemos estar chegando mais perto dos alvos cruciais porque o número de casulos aumentou consideravelmente. Como é possível que possamos avançar no interior desse buquê de luzes piscando sem sermos detectados? Não é possível. E se não é possível, estamos presos numa rede como pássaros. Decido que é melhor não adotar nenhuma espécie de atitude superior quando estiver com estas pessoas. Principalmente com os meus olhos se dirigindo constantemente para aquele sofá verde. Então eu digo: – Alguma ideia?

– Por que a gente não começa excluindo possibilidades? – diz Finnick. – A rua não é uma possibilidade.

– Os terraços são tão ruins quanto a rua – diz Leeg 1.

– Ainda podemos ter uma chance de sair daqui, de voltar para o local por onde entramos – diz Homes. – Mas isso significaria o fracasso da missão.

Uma pontada de culpa me atinge, já que fui eu mesma quem idealizou a tal missão.

– A intenção nunca foi todos nós seguirmos em frente. Vocês só tiveram o azar de estar comigo.

– Bom, esse é um ponto polêmico. Estamos com você agora – diz Jackson. – Sendo assim, não podemos ficar aqui parados. Não podemos nos mover para cima. Não podemos nos mover para os lados. Tenho a impressão que só nos resta uma opção.

– O subsolo – diz Gale.

O subsolo. Que eu odeio. Como minas, túneis e o 13. Subsolo, onde tenho pavor de morrer, o que é uma idiotice porque mesmo que eu morra na superfície, a primeira coisa que vão fazer é me enterrar de um modo ou de outro.

O Holo consegue mostrar casulos no subsolo assim como no nível da rua. Quando descemos para o subsolo, vejo que as linhas limpas e confiáveis do plano da rua estão entrelaçadas por uma confusão de túneis que serpenteiam em todas as direções. Mas os casulos parecem menos numerosos lá embaixo.

Duas portas abaixo, um tubo vertical conecta nossa fileira de apartamentos aos túneis. Para alcançar o tubo do apartamento, vamos precisar comprimir nossos corpos para fazê-los passar por um poço de manutenção que percorre o comprimento do prédio. Podemos entrar no cabo através dos fundos de um closet no andar de cima.

– Tudo bem, então. Vamos dar a impressão que a gente nunca esteve aqui – digo. Apagamos todos os sinais de nossa presença. Jogamos as latas vazias numa lixeira, colocamos no bolso as ainda cheias para usar mais tarde, viramos as almofadas dos sofás que foram manchados de sangue, apagamos quaisquer traços de gel dos ladrilhos. Não há como consertar a fechadura da porta da frente, mas utilizamos uma segunda tranca da porta, o que, pelo menos, a impedirá de se abrir ao menor contato.

Finalmente, só nos resta enfrentar Peeta. Ele se planta no sofá azul, se recusando a mover-se.

– Eu não vou. Se eu for, ou revelo a posição de vocês ou acabo machucando mais alguém.

– O pessoal do Snow vai encontrá-lo – diz Finnick.

– Então deixe uma pílula comigo. Só vou engolir se for preciso – diz Peeta.

– Essa opção não existe. Vem com a gente – diz Jackson.

– Ou o quê? Você me dá um tiro? – pergunta Peeta.

– A gente vai dar um jeito de você ficar desacordado e depois te arrastar pelo caminho – diz Homes. – O que vai não só nos obrigar a andar mais lentamente como também pode deixar a gente numa situação perigosa.

– Parem de agir com tanta nobreza! Eu não estou nem aí se vou morrer ou não. – Ele se volta para mim, agora implorando: – Katniss, por favor. Você não entende que quero abandonar tudo?

A questão é que eu entendo, de fato. Por que não posso simplesmente deixá-lo ir? Dou uma pílula para ele, puxo o gatilho? É porque me preocupo demais com Peeta ou porque me preocupo demais com a possibilidade de deixar Snow vencer? Será que eu o transformei numa peça de meus Jogos particulares? Isso é uma coisa desprezível, mas não sei ao certo se eu não seria capaz de algo assim. Se for verdade, seria mais gentil matar Peeta aqui e agora. Mas, para o bem ou para o mal, não sou motivada pela gentileza.

– Estamos perdendo tempo. Você virá voluntariamente ou vamos precisar te nocautear?

Peeta enterra a cabeça nas mãos por alguns instantes e então se levanta para nos acompanhar.

– Tiramos as algemas dele? – pergunta Leeg 1.

– Não! – rosna Peeta, trazendo as algemas para junto de si.

– Não – repito. – Mas quero ficar com a chave. – Jackson a passa para mim sem dizer uma palavra. Deslizo-a para o bolso da calça, onde ela faz um clique ao se chocar com a pérola.

Quando Homes força a abertura de pequena porta de metal para o poço de manutenção, encontramos outro problema. Não há possibilidade de as cascas de insetos conseguirem passar pela estreita passagem. Castor e Pollux retiram-nas e desatrelam câmeras de apoio de emergência. Cada uma tem o tamanho de uma caixa de sapato e provavelmente opera com o mesmo nível de qualidade. Messalla não consegue imaginar nenhuma maneira melhor de esconder as volumosas cascas, de modo que acabamos jogando-as no closet. Deixar para trás uma pista fácil como aquela me frustra, mas o que mais podemos fazer?

Mesmo seguindo de um em um, segurando nossas mochilas e equipamentos pelos lados, a passagem é bastante apertada. Andamos de lado cuidadosamente até o primeiro apartamento e entramos no segundo. Nesse, um dos quartos tem uma porta onde está escrito SERVIÇO em vez de um banheiro. Atrás da porta está a sala com a entrada para o tubo.

Messalla franze a testa para a tampa larga e circular, por um momento retornando a seu próprio mundo extravagante.

– É por isso que ninguém quer a unidade do meio. Trabalhadores entrando e saindo o tempo todo, sem um segundo banheiro. Mas o aluguel é muito mais barato. – Então ele nota a expressão descontraída no rosto de Finnick e acrescenta: – Pouco importa.

A tampa do tubo é fácil de abrir. Uma escada ampla com degraus emborrachados permite uma descida rápida e fácil em direção aos intestinos da cidade. Nos reunimos ao pé da escada, esperando nossos olhos se ajustarem às réstias de luz, respirando a mistura de produtos químicos, bolor e esgoto.

Pollux, pálido e suado, se aproxima e agarra o pulso de Castor. Como se pudesse cair se não houvesse alguém para ampará-lo.

– Meu irmão trabalhou aqui embaixo depois que virou Avox – diz Castor. É claro. Quem mais eles conseguiriam para cuidar da manutenção dessas passagens úmidas, malcheirosas e cheias de casulos? – Levamos cinco anos e muito dinheiro para conseguir levá-lo de volta à superfície. Não viu a luz do sol uma única vez nesse tempo todo.

Em condições melhores, num dia com menos horrores e mais descanso, alguém certamente saberia o que dizer. Em vez disso, ficamos todos ali parados por um bom tempo, tentando formular uma resposta.

Finalmente, Peeta vira-se para Pollux e diz:

– Bom, então você acabou de virar o nosso ativo mais precioso. – Castor ri e Pollux consegue exprimir um sorriso.

Chegamos à metade do caminho no primeiro túnel quando percebo o que foi tão notável em relação à conversa. Peeta soou como o antigo Peeta, o que sempre era capaz de pensar na coisa certa a dizer quando ninguém mais conseguia. Irônico, incentivador, um pouquinho engraçado, mas não à custa de ninguém. Olho de relance para ele, caminhando atrás de mim sob o olhar atento de seus guardas, Gale e Jackson, olhos fixos no chão, ombros curvados para frente. Nenhum entusiasmo. Mas, naquele momento, ele estava realmente ali.

Peeta definiu muito bem. Pollux acaba se provando mais valioso do que dez Holos. Há uma rede simples de amplos túneis que corresponde diretamente ao mapa da rua principal acima, subjacente às principais avenidas e cruzamentos. É chamado Transferência, já que pequenos caminhões o utilizam para fazer entregas de mercadorias por toda a cidade. Durante o dia, seus muitos casulos são desativados, mas à noite o local é um campo minado. Entretanto, centenas de passagens adicionais, poços de serviços, linhas férreas e tubos de esgoto formam um labirinto de múltiplos níveis. Pollux conhece detalhes que acarretariam desastres para um novato, como por exemplo, quais plantas poderiam exigir o uso de máscaras de gás ou conter fios eletrificados ou ratazanas do tamanho de castores. Ele nos

alerta para o fluxo de água que jorra periodicamente pelos esgotos, antecipa o momento em que os Avox trocarão de turno, nos conduz ao interior de bombas-d'água úmidas e obscuras para evitar a passagem quase silenciosa dos trens de carga. Mais importante de tudo, ele tem conhecimento das câmeras de TV. Não há muitas aqui nesse lugar sombrio e brumoso, exceto na Transferência. Mas ficamos bem afastados delas.

Sob a orientação de Pollux, fazemos um bom tempo – um ótimo tempo, se compararmos com a viagem na superfície. Depois de mais ou menos seis horas, a fadiga toma conta do grupo. São três da madrugada, de modo que imagino que ainda tenhamos algumas horas antes de darem pela falta de nossos corpos, de darem uma busca pelas pilhas de entulho em todo o quarteirão de apartamento, caso tivéssemos tentado escapar através dos poços, e de a caçada ter início.

Quando sugiro uma pausa para descanso, Pollux acha uma pequena e aconchegante sala repleta de máquinas com várias manivelas e mostradores luminosos. Ele levanta os dedos para indicar que devemos sair de lá em quatro horas. Jackson estrutura uma programação para os turnos de vigilância e, como não estou no primeiro turno, encaixo o corpo no espaço exíguo entre Gale e Leeg 1, e durmo imediatamente.

Parece que se passaram apenas alguns minutos quando Jackson me acorda e diz que é minha vez de montar guarda. São seis horas, e daqui a uma hora devemos partir. Jackson diz para eu comer uma lata de comida e ficar de olho em Pollux, que insistiu em montar guarda a noite inteira.

– Ele não consegue dormir.

Eu me arrasto a um estado relativamente alerta, como uma lata de cozido de batata e feijão, e me sento encostada na parede de frente para a porta. Pollux parece completamente desperto. Provavelmente reviveu aqueles cinco anos de prisão a noite toda. Tiro o Holo e consigo inserir nossas coordenadas de grade e escanear os túneis. Como o esperado, mais casulos surgem à medida que nos aproximamos do centro da Capital. Por um tempo, Pollux e eu mexemos no Holo, vendo que armadilhas se encontram em quais locais. Quando minha cabeça começa a girar, entrego o aparelho a ele e me recosto na parede. Olho para os soldados adormecidos, para a equipe, para os amigos, e imagino quantos voltarão a ver o sol.

Quando meus olhos fixam-se em Peeta, cuja cabeça repousa bem ao lado dos meus pés, vejo que ele está acordado. Gostaria muito de poder interpretar o que está acontecendo na cabeça dele, gostaria muito de poder

entrar lá e desembaraçar a bagunça de mentiras. Mas me conformo em fazer algo ao meu alcance.

– Você comeu? – pergunto. Um ligeiro balançar de cabeça indica que não. Abro uma lata de sopa de galinha e arroz e entrego a ele, mantendo a tampa comigo caso ele tente cortar os pulsos com ela ou algo assim. Ele se senta e entorta a lata, engolindo a sopa sem se importar realmente em mastigá-la. O fundo da lata reflete as luzes das máquinas, e lembro-me de algo que está na minha cabeça desde ontem. – Peeta, quando você perguntou o que aconteceu a Darius e Lavinia, e Boggs disse para você que aquilo era verdade, você disse que achava que era. Porque não havia nada grandioso nisso. O que quis dizer com isso?

– Ah, não sei exatamente como explicar – diz ele. – No início, tudo não passava de uma confusão total. Agora consigo entender determinadas coisas. Acho que existe um padrão emergindo. As lembranças que eles alteraram com o veneno das teleguiadas possuem características bem estranhas. Como se fossem intensas demais ou as imagens não fossem estáveis. Você lembra como foi quando a gente foi picado?

– As árvores se despedaçaram. Havia gigantescas borboletas coloridas. Caí num fosso cheio de bolhas laranjas. – Reflito sobre isso. – Bolhas laranjas brilhantes.

– Certo. Mas nada em relação a Darius ou Lavinia foi assim. Acho que ainda não tinham aplicado nenhum veneno em mim – diz ele.

– Bom, isso é uma coisa boa, não é? – pergunto. – Se você consegue separar as duas experiências, então consegue distinguir qual é a verdadeira.

– Sim. E se eu conseguisse criar asas, poderia voar. Só que as pessoas não conseguem criar asas – diz ele. – Verdadeiro ou falso?

– Verdadeiro – digo. – Mas as pessoas não precisam de asas para sobreviver.

– Tordos precisam. – Ele termina a sopa e devolve a lata para mim.

Na luz fluorescente, os círculos embaixo dos olhos dele parecem hematomas.

– Ainda dá tempo. Você devia dormir. – Sem esboçar resistência, ele se deita, mas apenas observa o ponteiro que se mexe de um lado para o outro em um dos mostradores. Lentamente, como eu faria com um animal ferido, estico a mão e acaricio alguns fios de cabelo em sua testa. Ele fica paralisado diante de meu toque, mas não o rechaça. Então continuo

acariciando delicadamente os cabelos dele. É a primeira vez que o toco voluntariamente desde a última arena.

– Você ainda está tentando me proteger. Verdadeiro ou falso? – sussurra ele.

– Verdadeiro – respondo. A resposta parece requerer mais explicações. – Porque isso é o que você e eu fazemos. Protegemos um ao outro. – Depois de mais ou menos um minuto, ele cai no sono.

Pouco antes das sete, Pollux e eu nos juntamos aos outros para acordá-los. Há os costumeiros bocejos e suspiros que acompanham o despertar. Mas meus ouvidos também estão captando uma outra coisa. Quase um sibilo. Talvez seja apenas vapor escapando de uma bomba-d'água ou o barulho distante de um dos trens...

Peço ao grupo ficar em silêncio para fazer uma interpretação mais apurada do som. Há um sibilo, sim, mas não é um som contínuo. Parecem mais múltiplas exalações que formam palavras. Uma única palavra. Ecoando através dos túneis. Uma palavra. Um nome. Repetido inúmeras vezes.

– Katniss.

O período de carência terminou. Talvez Snow tenha mandado seus homens cavarem a noite inteira. Ou pelo menos, assim que o incêndio acabou. Encontraram os restos mortais de Boggs, sentiram-se brevemente tranquilizados e então, à medida que as horas começaram a passar sem a descoberta de novos troféus, a desconfiança se instalou. Em determinado ponto, perceberam que haviam sido enganados. E o presidente Snow não tolera ser feito de bobo. Não importa se nos perseguiram até o segundo apartamento ou se imaginaram que havíamos ido diretamente para o subsolo. Sabem que estamos aqui embaixo agora e liberaram alguma coisa, um bando de bestantes provavelmente, com o intuito de nos encontrar.

– Katniss. – Dou um salto em função da proximidade do som. Procuro freneticamente sua fonte, o arco preparado, em busca de um alvo a atingir. – Katniss. – Os lábios de Peeta mal se mexem, mas não há a menor dúvida, o nome também veio de sua boca. Logo quando eu começava a pensar que ele estava ficando um pouquinho melhor, quando começava a pensar que talvez pudesse estar se reaproximando de mim, aqui está a prova da profundidade atingida pelo veneno de Snow. – Katniss. – Peeta está programado para responder ao coro sibilante, a se juntar à caçada. Está começando a se agitar. Não há escolha. Posiciono meu arco para penetrar o cérebro dele. Ele não sentirá dor alguma. Subitamente, ele se senta, os olhos arregalados, em estado de alerta, sem ar.

– Katniss! – Ele joga a cabeça na minha direção, mas parece não reparar o meu arco, a flecha à espera. – Katniss! Vá embora daqui!

Eu hesito. Sua voz é de alarme, mas não de insanidade.

– Por quê? De onde vem esse som?

– Não sei. Só sei que o propósito dele é matar você – diz Peeta. – Corra! Saia daqui agora! Vá embora!

Depois do meu momento de confusão pessoal, concluo que não preciso matá-lo. Relaxo o arco. Absorvo os rostos ansiosos ao meu redor.

– Seja lá o que for isso, está atrás de mim. Agora talvez seja a hora de a gente se separar.

– Mas somos a sua guarda – diz Jackson.

– E a sua equipe – acrescenta Cressida.

– Não vou sair de perto de você – diz Gale.

Olho para a equipe, armada somente de câmeras e pranchetas. E lá está Finnick com duas armas e um tridente. Sugiro que ele dê uma de suas armas para Castor. Ejeto o cartucho vazio da arma de Peeta, coloco um com balas de verdade e dou uma arma a Pollux. Como Gale e eu temos nossos arcos, entregamos nossas armas a Messalla e Cressida. Não há tempo para mostrar a eles coisa alguma a não ser como se puxa o gatilho mas, de uma curta distância, talvez isso já seja suficiente. É melhor que estar inteiramente indefeso. Agora a única pessoa sem arma é Peeta, mas qualquer um que esteja sussurrando meu nome junto com um bando de bestantes evidentemente não precisará de uma.

Saímos da sala sem deixar nada para trás a não ser nosso cheiro. Não há nenhuma maneira de apagarmos isso por enquanto. Imagino que os seres sibilantes estão nos rastreando através dele, porque não deixamos praticamente nenhum rastro físico. Os narizes dos bestantes são anormalmente aguçados, mas possivelmente o tempo que passamos chafurdando na água naquelas bombas-d'água molhadas ajudará a despistá-los.

Fora do zumbido da sala, o som sibilante torna-se mais nítido. Mas também é possível obter um sentido melhor da localização dos bestantes. Estão atrás de nós, ainda a uma distância razoável. Snow provavelmente mandou soltá-los no subsolo perto do local onde encontrou o corpo de Boggs. Teoricamente, deveríamos estar com uma boa margem de vantagem sobre eles, embora eles certamente sejam mais rápidos que nós. Minha mente vaga em direção às criaturas com aspecto de lobo na primeira arena, aos macacos no Massacre Quaternário, às monstruosidades que testemunhei na TV ao longo dos anos, e imagino que formas terão esses bestantes. Seja lá o que Snow tenha imaginado, me deixará terrivelmente apavorada.

Pollux e eu bolamos um plano para a fase seguinte da jornada e, como ele envolve nos afastarmos do sibilo, não vejo nenhum motivo para alterá-lo. Se nos movermos com rapidez, pode ser que alcancemos a mansão de Snow antes de os bestantes nos alcançarem. Mas com a velocidade vem uma certa falta de cuidado: a pisada errada que resulta num esguicho de água, o barulho acidental de uma arma colidindo com uma bomba-d'água,

até mesmo meus próprios comandos emitidos com uma voz alta demais para uma postura que se quer discreta.

Acabamos de cobrir mais três quarteirões, aproximadamente, através de uma bomba-d'água transbordante e um trecho de um trilho de trem inutilizado quando os berros começam. Profundos, guturais. Fazendo tremer as paredes do túnel.

– Avox – diz Peeta imediatamente. – Esse era o som que Darius fazia quando era torturado.

– Os bestantes devem tê-los encontrado – diz Cressida.

– Então não estão apenas atrás de Katniss – diz Leegs 1.

– Provavelmente vão matar todo mundo. Só que não vão parar até chegar nela – diz Gale. Depois das horas que passou estudando com Beetee, há uma grande chance de ele estar certo.

E cá estou eu de novo. Com pessoas morrendo por minha causa. Amigos, aliados, pessoas totalmente estranhas, perdendo suas vidas pelo Tordo.

– Deixem-me continuar sozinha. Assim eles vão atrás de mim. Eu transfiro o Holo para Jackson. Vocês podem terminar a missão.

– Ninguém vai concordar com isso! – diz Jackson, exasperada.

– Estamos perdendo tempo! – diz Finnick.

– Ouçam – sussurra Peeta.

Os gritos pararam, e na ausência deles o meu nome repercutiu, deixando todos nós sobressaltados diante de sua proximidade. Está abaixo assim como atrás de nós agora.

– Katniss.

Cutuco Pollux no ombro e começamos a correr. O problema é que havíamos planejado descer a um nível mais baixo, mas agora isso está fora de cogitação. Quando chegamos aos degraus que levam mais para baixo, Pollux e eu começamos a fazer uma varredura em busca de uma possível alternativa ao Holo, quando começo a ficar enjoada.

– Botem as máscaras! – ordena Jackson.

Não há necessidade de máscaras. Todos estão respirando o mesmo ar. Sou a única a botar para fora o meu cozido porque sou a única que está acusando uma reação ao odor. Que sobe pela escada. Que atravessa o esgoto. Rosas. Começo a tremer.

Giro o corpo para me afastar do cheiro e dou de cara com a Transferência. Ruas de ladrilhos lisos em tom pastel, exatamente como os

de cima, porém margeadas por paredes de tijolos brancos em vez de casas. Uma estrada onde veículos de transporte podem circular sem dificuldades, sem os congestionamentos da Capital. Agora desprovida de qualquer outra coisa além de nós. Levanto meu arco e mando pelos ares o primeiro casulo com uma flecha explosiva que mata o ninho de ratos comedores de carne em seu interior. Em seguida, corro até a interseção seguinte, onde sei que um passo em falso fará com que o chão abaixo de mim se desintegre, transformando-nos em alimento de uma coisa rotulada de MOEDOR DE CARNE. Dou um grito de aviso aos outros para que fiquem comigo. Faço um plano para que contornemos a esquina e depois detonemos o Moedor de Carne, mas um outro casulo não registrado está à nossa espera.

A coisa acontece silenciosamente. Eu não teria percebido absolutamente nada se Finnick não tivesse me forçado a parar com um puxão.

– Katniss! – grita ele.

Giro o corpo de volta, a flecha em posição de tiro, mas o que pode ser feito? Duas flechas de Gale já estão pousadas sem utilidade ao lado da larga faixa de luz dourada que irradia do teto em direção ao chão. Lá dentro, Messalla está imóvel como uma estátua, apoiado na ponta dos pés, a cabeça curvada para trás, preso pelo feixe. Não tenho como dizer se ele está berrando, embora sua boca esteja bastante aberta. Nós observamos, absolutamente impotentes, a carne escorrer de seu corpo como cera.

– Não dá para ajudá-lo! – Peeta começa a empurrar as pessoas para a frente. – Não dá! – Surpreendentemente, ele é o único ainda em condições de nos fazer sair dali. Não sei por que ele mantém o controle quando deveria estar se preparando para arrebentar os meus miolos, mas isso pode acontecer a qualquer minuto. Com a pressão de sua mão contra meu ombro, viro as costas para a coisa aterradora que é Messalla; forço os meus pés a seguirem em frente, com rapidez, com tanta rapidez que mal consigo frear o corpo antes de chegar na interseção seguinte.

Uma torrente de balas proporciona uma chuva de reboco para todos os lados. Torço a cabeça de um lado para o outro, procurando o casulo até que me viro e vejo o esquadrão de Pacificadores marchando pela Transferência em nossa direção. Como o casulo Moedor de Carne está bloqueando nosso caminho, não há nada a fazer a não ser atirar de volta. Eles têm um contingente duas vezes maior do que o nosso, mas nós ainda temos seis

membros originais do Esquadrão Estrela que não estão tentando correr e atirar ao mesmo tempo.

Peixes num barril, penso, enquanto manchas vermelhas surgem em seus uniformes brancos. Três quartos deles estão caídos e mortos quando outros começam a surgir da lateral do túnel, o mesmo pelo qual me joguei para me afastar do cheiro, dos...

Aqueles ali não são Pacificadores.

Eles são brancos, possuem quatro membros, têm mais ou menos o tamanho de um ser humano adulto, mas as comparações param por aí. Nus, com longos rabos reptilianos, costas arqueadas e cabeças protuberantes. Como um enxame, investem contra os Pacificadores, vivos e mortos, grudam as bocas em seus pescoços e arrancam as cabeças com capacete e tudo. Aparentemente, possuir um pedigree da Capital é tão inútil aqui quanto era no 13. Ao que parece, os Pacificadores levam apenas alguns segundos para serem decapitados. Os bestantes jogam-se de barriga e correm de quatro atrás de nós.

– Por aqui! – grito, abraçando a parede e dando uma guinada radical para a direita para evitar um casulo. Quando todos se juntam a mim, atiro na interseção e o Moedor de Carne é ativado. Imensos dentes mecânicos invadem a rua e mastigam o ladrilho até transformar tudo em pó. Isso deveria impossibilitar qualquer tentativa dos bestantes de nos seguir, mas não tenho tanta certeza. Os bestantes lobos e os bestantes macacos que conheci podiam saltar uma distância incrivelmente grande.

O coro sibilante queima meus ouvidos, e o fedor das rosas faz as paredes girarem diante de meus olhos.

Agarro o braço de Pollux.

– Esqueça a missão. Qual é o caminho mais rápido até a superfície?

Não há tempo para verificar o Holo. Seguimos Pollux por mais ou menos dez metros ao longo da Transferência e atravessamos uma passagem. Percebo que o ladrilho transforma-se em concreto e que estou rastejando por um poço apertado e malcheiroso em direção a uma saliência com mais ou menos trinta centímetros de largura. Estamos no esgoto principal. Um metro abaixo, um caldo venenoso de dejetos humanos, lixo e detritos químicos borbulha ao nosso lado. Partes da superfície do líquido estão pegando fogo, outras emitem nuvens de vapor de aspecto aterrorizante. Uma rápida olhada e você já sabe que, se cair lá dentro, jamais voltará. Movendo-se na saliência escorregadia com o máximo de

rapidez que nossa ousadia permite, atingimos uma ponte estreita e a atravessamos. Num buraco na extremidade, Pollux dá um tapa numa escada e aponta o poço. É isso. Nossa saída.

Um olhar de relance para nossa turma me diz que há algo estranho.

– Espere aí! Onde estão Jackson e Leeg 1?

– Ficaram no Moedor para conter os bestantes – diz Homes.

– O quê? – Eu estou avançando para a ponte, sem querer deixar ninguém nas mãos daqueles monstros, quando ele me puxa de volta.

– Não joga no lixo as vidas delas, Katniss. Não dá mais para elas. Olha só! – Homes indica o cano, por cuja saliência os bestantes agora se arrastam rapidamente.

– Fique atrás de mim! – grita Gale. Com suas flechas de pontas explosivas, ele despedaça as fundações da lateral mais extrema da ponte. O resto desaba numa pilha de destroços no exato momento em que os bestantes a alcançam.

Pela primeira vez, dou uma boa olhada neles. Uma mistura de seres humanos e lagartos e sabe-se lá mais o quê. Pele branca e firme de répteis salpicadas de sangue, mãos e pés com garras, seus rostos uma mistura de características conflitantes. Sibilando, berrando meu nome agora, enquanto seus corpos se contorcem em fúria. Debatendo-se com rabos e garras, arrancando enormes pedaços uns dos outros ou de si mesmos com bocas grandes e espumosas, enlouquecidos pela necessidade de me destruir. Meu cheiro deve ser tão evocativo para eles quanto o deles é para mim. Mais ainda, porque apesar de sua toxicidade, os bestantes começam a se jogar no esgoto malcheiroso.

Do lado da nossa margem, todos abrem fogo. Escolho minhas flechas sem discrição, mandando as normais, com fogo, ou explosivas em direção aos corpos dos bestantes. Eles são mortais, mas quase não parecem. Nenhum ser natural poderia continuar avançando com duas dúzias de balas em seu corpo. Sim, podemos matá-los em determinado momento, só que eles são muitos, uma fonte inesgotável que vaza da bomba-d'água, nem sequer hesitando em se jogar no esgoto.

Mas não é a quantidade deles que faz com que minhas mãos fiquem tão trêmulas.

Nenhum bestante é do bem. Todos têm a intenção de causar algum dano a você. Alguns tiram sua vida, como os macacos. Outros sua sanidade mental, como as teleguiadas. Entretanto, as verdadeiras atrocidades, as

mais assustadoras, incorporam uma perversão psicológica elaborada para aterrorizar a vítima. A visão do bestante lobo com os olhos dos tributos mortos. O som dos gaios tagarelas replicando os torturados gritos de Prim. O cheiro das rosas de Snow misturado com o sangue das vítimas. Perceptíveis no esgoto. Suplantando inclusive esse mau cheiro. Fazendo meu coração disparar, minha pele virar gelo, tornando meus pulmões incapazes de sugar o ar. É como se Snow estivesse respirando bem na minha cara, me dizendo que é hora de morrer.

Os outros estão gritando para mim, mas não pareço ter capacidade de resposta. Braços fortes me levantam enquanto explodo a cabeça de um bestante cujas garras acabaram de ferir o meu tornozelo. Alguém bate o meu corpo com força na escada. Minhas mãos são jogadas contra os degraus. Com ordens para que eu suba. Meus membros de madeira, típicos de uma marionete, obedecem. O movimento faz com que meus sentidos voltem lentamente. Detecto uma pessoa acima de mim. Pollux. Peeta e Cressida abaixo. Alcançamos uma plataforma. Mudamos para uma segunda escada. Degraus pegajosos devido ao suor e ao bolor. Na plataforma seguinte, minha mente clareou e a realidade do que está acontecendo me acerta em cheio. Começo a empurrar freneticamente as pessoas escada acima. Peeta. Cressida. É isso aí.

O que foi que eu fiz? Abandonei os outros para enfrentarem o quê? Desço às pressas a escada quando uma das minhas botas dá um chute em alguém.

– Suba! – rosna Gale para mim. Volto novamente para cima, içando-o, focando a penumbra em busca de mais. – Não. – Gale vira o meu rosto para o dele e balança a cabeça. Uniforme rasgado. Ferimento aberto no lado do pescoço.

Ouve-se um grito humano da parte inferior.

– Tem alguém ainda vivo – imploro.

– Não, Katniss, eles não estão vindo – diz Gale. – Só os bestantes.

Incapaz de aceitar, direciono o foco de luz da arma de Cressida para o poço. Bem abaixo, só consigo distinguir Finnick, lutando para se manter de pé enquanto três bestantes o atacam. Quando um deles puxa sua cabeça com força para trás com o intuito de dar a mordida da morte, ocorre uma coisa bizarra. É como se eu fosse Finnick, assistindo a imagens da minha vida passando em minha mente. O mastro de um barco, um paraquedas prateado, Mags rindo, um céu cor-de-rosa, o tridente de Beetee, Annie em

seu vestido de casamento, ondas batendo nas rochas. Em seguida, tudo se acaba.

Puxo o Holo de meu cinto e consigo cuspir as palavras:

– Cadeado, cadeado, cadeado. – Eu o solto. Agacho-me contra a parede com os outros no exato momento em que a explosão destrói a plataforma, e pedaços de bestante e carne humana são lançados da bomba-d'água e caem em cima de nós como se fossem chuva.

Ouve-se um clangor de metal quando Pollux joga uma cobertura em cima da bomba-d'água e a lacra. Pollux, Gale, Cressida, Peeta e eu. Somos tudo o que resta. Mais tarde, os sentimentos humanos chegarão. Agora estou consciente apenas da necessidade animal de manter os remanescentes de nosso grupo com vida.

– A gente não pode parar aqui.

Alguém aparece com um curativo. Nós o amarramos em volta do pescoço de Gale. Colocamos ele de pé. Apenas uma figura permanece encolhida na parede.

– Peeta – digo. Não há resposta. Será que ele apagou? Eu me agacho na frente dele, puxando as mãos algemadas de seu rosto. – Peeta? – Seus olhos são como poças pretas, as pupilas dilatadas de tal modo que as íris azuis desapareceram por completo. Os músculos em seus pulsos estão duros como metal.

– Me deixa – sussurra ele. – Não aguento seguir em frente.

– Aguenta. Aguenta, sim! – digo a ele.

Peeta sacode a cabeça.

– Estou perdendo a noção. Vou ficar maluco. Como eles.

Como os bestantes. Como uma fera raivosa inclinada a cortar a minha garganta. E aqui, finalmente aqui nesse local, nessas circunstâncias, terei realmente de matá-lo. E Snow vencerá. Um ódio quente e amargo percorre meu corpo. Snow já venceu demais por hoje.

É uma possibilidade remota, talvez seja suicídio, mas faço a única coisa que me vem à cabeça. Eu me aproximo e dou um beijo na boca de Peeta. O corpo inteiro dele começa a tremer, mas mantenho meus lábios pressionados até ser obrigada a respirar. Minhas mãos deslizam por seus pulsos para pegá-los.

– Não deixe que ele o tire de mim.

Peeta está arquejando intensamente enquanto luta contra os pesadelos que atormentam sua cabeça.

– Não. Eu não quero...

Seguro as mãos deles com tanta força que chega a doer.

– Fique comigo.

As pupilas dele se contraem até virarem pontinhos pretos, dilatam-se novamente com rapidez e então retornam a algo que parece um estado de normalidade.

– Sempre – murmura ele.

Ajudo Peeta a se levantar e me dirijo a Pollux.

– Qual é a distância até a rua? – Ele indica que ela está exatamente acima de nós. Subo a última escada e abro a tampa que dá na área de serviço de alguém. Estou me levantando quando uma mulher abre a porta. Ela está usando um robe de seda azul-turquesa com peixes exóticos bordados. Seus cabelos cor de magenta estão eriçados como uma nuvem e decorados com borboletas douradas. Gordura da salsicha parcialmente comida que ela está segurando mancha seu batom. A expressão em seu rosto diz que ela me reconhece. Ela abre a boca para gritar por ajuda.

Sem hesitar, dou um tiro em seu coração.

Para quem a mulher pensou em gritar permanece um mistério, porque depois de dar uma busca no apartamento, descobrimos que ela estava sozinha. Talvez o grito tenha sido para algum vizinho, ou simplesmente uma expressão de medo. De um modo ou de outro, não havia mais ninguém para ouvi-la.

Esse apartamento seria um local perfeito para ficarmos entocados por algum tempo, mas isso é um luxo que está acima das nossas possibilidades reais.

– Quanto tempo você acha que a gente tem até que descubram que alguns de nós poderiam ter sobrevivido? – pergunto.

– Acho que podem chegar a qualquer momento – responde Gale. – Eles sabiam que a gente estava se encaminhando para as ruas. Provavelmente a explosão vai fazê-los perder alguns minutos. Depois vão começar a procurar o ponto por onde a gente saiu.

Vou até uma janela que dá para a rua e, quando espio pela persiana, não vejo nenhum Pacificador, mas sim um amontoado de pessoas entretidas em seus afazeres. Durante nossa jornada subterrânea, deixamos as zonas evacuadas bem para trás e voltamos à superfície num lugar bastante movimentado da Capital. Essa multidão representa a nossa única chance de fuga. Não tenho um Holo, mas tenho Cressida. Ela se junta a mim na janela, confirma que conhece nossa localização e me dá a boa notícia que não estamos a muitos quarteirões de distância da mansão do presidente.

Uma olhadinha em meus companheiros me diz que não é hora de um ataque sorrateiro a Snow. Gale ainda está perdendo sangue do ferimento no pescoço, que ainda nem limpamos. Peeta está sentado num sofá de veludo com os dentes enterrados em uma almofada, ou lutando contra um ataque de loucura ou contendo um grito. Pollux está choramingando encostado na viga de uma lareira ornamentada. Cressida está em pé ao meu lado, resoluta, mas tão pálida que seus lábios parecem sem sangue. Eu ainda estou cheia de ódio. Quando a energia que o motiva diminuir, ficarei impraticável.

– Vamos dar uma verificada nos closets dela – digo.

Em um quarto, encontramos centenas de itens de vestuário da mulher: vestidos, casacos, pares de sapatos, um arco-íris de perucas, maquiagem suficiente para pintar uma casa inteira. Num quarto do outro lado do corredor, há uma seleção similar de itens masculinos. Talvez pertencentes ao marido dela. Talvez a algum amante que teve a sorte de não estar presente hoje de manhã.

Grito para os outros se vestirem. Diante da visão dos pulsos ensanguentados de Peeta, enfio a mão no bolso para pegar a chave das algemas, mas ele se solta de mim.

– Não – diz ele. – Não faça isso. Elas me ajudam a manter o controle.

– Pode ser que você precise de suas mãos – diz Gale.

– Quando sinto que estou começando a delirar, enfio os pulsos com toda a força nas algemas, e a dor me ajuda a retomar o foco – diz Peeta. Eu as deixo onde estão.

Por sorte, está frio, de modo que podemos esconder grande parte de nossos uniformes e armas debaixo de longos casacos e capuzes. Penduramos nossas botas pelos cadarços ao redor dos pescoços e as escondemos. Para substituí-las, calçamos sapatos ridículos. O verdadeiro desafio, evidentemente, são nossos rostos. Cressida e Pollux correm o risco de serem identificados por conhecidos, Gale poderia ser familiar por conta dos pontoprops e dos noticiários, e Peeta e eu somos conhecidos por todos os cidadãos de Panem. Rapidamente, começamos a ajudar uns aos outros a aplicar densas camadas de maquiagem, a vestir perucas e óculos escuros. Cressida enrola cachecóis ao redor do meu rosto e do de Peeta.

Sinto o relógio batendo e o tempo se esgotando, mas paro apenas por alguns instantes para encher os bolsos de comida e de suprimentos de primeiros socorros.

– Fiquem juntos – digo, na porta da frente. Então seguimos diretamente para a rua. Começou a nevar. Pessoas agitadas passam ao nosso lado, falando de rebeldes e de fome, e de mim em seus afetados sotaques da Capital. Atravessamos a rua, passamos por mais alguns prédios de apartamentos. Assim que viramos a esquina, três dúzias de Pacificadores passam correndo por nós. Abrimos caminho para eles, como cidadãos costumam fazer, esperamos até que a multidão retorne a seu fluxo normal e continuamos a andar. – Cressida – sussurro. – Está conseguindo pensar em algum lugar?

– Estou tentando – diz ela.

Cobrimos mais um quarteirão e as sirenes começam a soar. Através da janela de um apartamento, vejo uma reportagem de emergência e fotos de nossos rostos piscando na tela. Eles ainda não identificaram quem morreu em nosso grupo, porque vejo que as fotos de Castor e Finnick aparecem na tela. Logo, logo, qualquer transeunte será tão perigoso quanto um Pacificador.

– Cressida?

– Lembrei de um lugar. Não é o ideal, mas a gente pode tentar – diz ela. Nós a seguimos por mais alguns quarteirões e passamos por um portão para entrar no que parece uma residência particular. É uma espécie de atalho, porque depois de caminharmos por um jardim muito bem cuidado, passamos por outro portão e saímos numa pequena rua de fundos que se conecta a duas avenidas principais. Há algumas lojas apertadinhas, e uma que compra bens usados, outra que vende joias falsas. Apenas algumas pessoas estão por perto, e não prestam nenhuma atenção em nós. Cressida começa a tagarelar numa voz aguda sobre roupas de baixo feitas com pelo de animais e sobre como esse tipo de coisa é essencial durante os meses frios: – Espera só até você ver os preços! Pode acreditar em mim, é metade do que você paga nas avenidas!

Paramos diante de uma loja cuja fachada está encardida e o interior repleto de manequins vestindo roupas de baixo feitas de pelo. O lugar nem parece estar aberto, mas Cressida passa pela porta, acionando um sininho dissonante. Dentro da loja estreita, parcamente iluminada e com prateleiras e mais prateleiras de mercadorias, o cheiro de pelo de animal penetra meu nariz. Os negócios devem estar devagar, já que somos os únicos clientes. Cressida segue diretamente para uma figura curvada sentada nos fundos da loja. Eu a sigo, passando os dedos pelos macios itens de vestuário que encontro pelo caminho.

Atrás do balcão está sentada a pessoa mais estranha que já vi na vida. É um exemplo extremo de cirurgia plástica que deu errado, porque certamente nem mesmo na Capital um rosto como esse poderia ser considerado atraente. A pele foi muito puxada para trás e recebeu uma tatuagem de listras pretas e douradas. O nariz foi achatado até praticamente deixar de existir. Eu já vira bigode de gato em pessoas na Capital antes, mas nada assim tão comprido. O resultado é uma máscara grotesca e semifelina que agora nos encara com olhos estreitos e desconfiados.

Cressida tira a peruca, revelando suas madeixas.

– Tigris – diz ela. – Estamos precisando de ajuda.

Tigris. No fundo do meu cérebro, o nome toca um sininho. Ela era um artefato – uma versão mais jovem e menos perturbadora de si mesma – na primeira versão dos Jogos Vorazes que lembro ter visto. Uma estilista, acho. Não me lembro para qual distrito. Não o 12. Então ela deve ter feito diversas operações e ultrapassado o limite que separa a normalidade da repelência.

Quer dizer então que esse é o destino dos estilistas quando deixam de ser úteis? Lojas de roupas de baixo com temas tristes onde esperam a morte. Longe do olhar público.

Olho para o rosto dela, imaginando se seus pais realmente lhe deram o nome de Tigris, inspirando sua mutilação, ou se ela escolheu o estilo e mudou o nome para combinar com as listras.

– Plutarch disse que você era confiável – acrescenta Cressida.

Maravilha, ela faz parte do grupo de Plutarch. Então, se a primeira coisa que fizer não for nos entregar à Capital, será avisar Plutarch e, por extensão, Coin, de nosso paradeiro. Não, a loja de Tigris não é o ideal, mas é tudo que temos no momento. Se ao menos ela nos ajudar. Ela divide sua atenção entre um velho aparelho de TV no balcão e nós, como se estivesse tentando nos reconhecer. Para ajudá-la, puxo o cachecol, retiro a peruca e me aproximo para que a luz da tela ilumine o meu rosto.

Tigris rosna baixinho, um rosnado não muito diferente do que o que Buttercup talvez utilizasse para me cumprimentar. Ela escorrega de seu banquinho e desaparece atrás de uma prateleira de perneiras revestidas com pelo. Há o som de alguma coisa deslizando, e então a mão dela emerge e acena para nós. Cressida olha para mim, como se a perguntar: “Tem certeza?”, mas que outra escolha nós temos? Voltar para as ruas sob essas condições será a garantia de nossa captura ou mesmo de nossa morte. Contorno as peles e descubro que Tigris empurrou para trás um painel na base da parede. Atrás dele, parece que existe a parte de cima de uma íngreme escadaria de pedra. Ela faz um gesto para que eu entre.

Tudo em relação à situação cheira a armadilha. Tenho um momento de pânico e acabo me voltando para Tigris, procurando aqueles olhos alaranjados. Por que será que ela está fazendo isso? Ela não é nenhum Cinna, alguém disposto a se sacrificar por outras pessoas. Essa mulher era a corporificação da superficialidade da Capital. Ela era uma das estrelas dos Jogos Vorazes até que... até que deixou de ser. Então é isso? Amargura?

Ódio? Vingança? Na realidade, essa ideia me deixa reconfortada. Uma necessidade de vingança pode perdurar por muito tempo. Principalmente se for reforçada por cada olhada no espelho.

– Snow baniu você dos Jogos? – pergunto. Ela apenas olha para mim. Em alguma parte o rabo de tigre se mexe em total desprazer. – Porque eu vou matá-lo, sabia? – Sua boca se abre no que interpreto como um sorriso. Tranquila por não identificar a situação como uma loucura total, penetro no espaço.

Mais ou menos na metade dos degraus que levam ao subsolo, meu rosto encosta numa corrente pendurada e eu a puxo, iluminando o refúgio com uma tremeluzente lâmpada fluorescente. É um pequeno porão sem porta ou janelas. Amplo e pouco profundo. Provavelmente apenas um espaço entre dois porões de verdade. Um lugar cuja existência poderia passar despercebida a menos que você tivesse um olho bastante aguçado para dimensões. É frio e úmido, com pilhas de peles que acho que não sabem o que é a luz do sol há anos. A menos que fôssemos dedurados por Tigris, não acredito que alguém conseguiria nos encontrar num lugar como este. Quando alcanço o piso de concreto, meus companheiros já estão nos degraus. O painel desliza de volta para a posição de origem. Ouço a prateleira com as roupas de baixo sendo deslocada sobre rodinhas que rangem. Tigris patinhando de volta ao banquinho. Fomos engolidos por sua loja.

Bem na hora, também, porque Gale parece estar prestes a ter um colapso. Fazemos uma cama de peles, tiramos suas camadas de armas e o ajudamos a se deitar de costas. Nos fundos do porão, existe uma pia a mais ou menos trinta centímetros do chão com um ralo embaixo. Eu giro a torneira e, depois de muita ferrugem, água limpa começa a fluir. Limpamos o ferimento no pescoço de Gale e percebo que os curativos não serão suficientes. Ele vai precisar de alguns pontos. Tem uma agulha e uma linha esterilizada no kit de primeiros socorros, mas o que nos falta é um médico. Passa pela minha cabeça a possibilidade de colocar Tigris na função. Como estilista, ela deve saber como usar uma agulha. Mas isso deixaria a loja abandonada, e ela já está fazendo o suficiente. Aceito que sou, provavelmente, a pessoa mais qualificada para desempenhar a tarefa, cerro os dentes e faço uma fileira de suturas toscas. Não fica bonitinho, mas funciona. Despejo remédio em cima e cubro com uma bandagem. Dou a ele alguns analgésicos.

– Pode descansar agora – digo. Ele apaga como uma lâmpada.

Enquanto Cressida e Pollux fazem ninhos de peles para cada um de nós, cuido dos pulsos de Peeta. Tiro delicadamente o sangue com água, ponho antisséptico e faço curativos abaixo dos punhos.

– Você precisa deixá-los limpos, senão a infecção pode se espalhar e...

– Eu sei o que significa veneno na corrente sanguínea, Katniss – diz Peeta. – Mesmo a minha mãe não sendo curandeira.

Sou catapultada de volta no tempo para um outro ferimento, um outro conjunto de curativos.

– Você disse essa mesma coisa para mim nos primeiros Jogos Vorazes. Verdadeiro ou falso?

– Verdadeiro – diz ele. – E você arriscou sua vida para pegar o remédio que me salvou?

– Verdadeiro – digo, dando de ombros. – Você era o motivo de eu estar viva para fazer isso.

– Era mesmo? – O comentário o lança num estado de confusão mental. Alguma lembrança brilhante deve estar lutando para obter a atenção dele, porque seu corpo fica tenso e seus pulsos recentemente envoltos em bandagens retesam-se contra as algemas de metal. Então toda a energia se esvai de seu corpo. – Katniss, estou tão cansado.

– Vá dormir – digo. Ele só acata a minha proposta depois que recoloco suas algemas e as prendo em um dos suportes da escada. Não pode ser confortável ficar ali deitado com os braços acima da cabeça. Mas, depois de alguns minutos, ele também desmaia.

Cressida e Pollux fizeram camas para nós, organizaram nossa comida e nossos suprimentos médicos, e agora perguntam o que quero fazer em relação à montagem de um esquema de vigilância. Olho para a palidez de Gale, para as algemas de Peeta. Pollux não dorme há dias, e Cressida e eu apenas tiramos uma soneca por poucas horas. Se uma tropa de Pacificadores passasse por aquela porta, estaríamos presos numa armadilha como ratos. Estamos completamente à mercê de uma tigresa decrépita de quem só posso esperar uma paixão açambarcadora pela morte de Snow.

– Honestamente, acho que não faz nenhum sentido a gente montar guarda. Vamos simplesmente tentar dormir um pouco – digo. Eles balançam a cabeça entorpecidamente, e nos enfurnamos em nossas peles. O fogo dentro de mim se apagou, e com ele a minha força. Me rendo à pele suave e bolorenta e ao esquecimento.

Tenho apenas um único sonho de que me lembro. Uma coisa longa e exaustiva na qual estou tentando chegar ao Distrito 12. O lar que estou procurando está intacto, as pessoas vivas. Effie Trinket, conspícua em uma vívida peruca cor-de-rosa e um vestido feito sob medida, viaja comigo. Fico tentando me livrar dela em vários lugares, mas ela reaparece inexplicavelmente ao meu lado, insistindo que, na condição de minha acompanhante, é responsável por fazer com que eu siga a programação. Só que a programação está constantemente mudando, obstruída pela falta do carimbo de algum funcionário ou atrasada quando Effie quebra um de seus saltos altos. Acampamos por dias num banquinho de uma estação acinzentada no Distrito 7, esperando um trem que nunca chega. Quando acordo, tenho a sensação de que, de alguma maneira, fiquei ainda mais esgotada por esse pesadelo que pelas minhas costumeiras incursões por sangue e terror.

Cressida, a única pessoa acordada, diz que estamos no fim da tarde. Como uma lata de cozido de carne e empurro tudo para dentro com a ajuda de muita água. Em seguida, encosto na parede do porão e começo a relembrar os eventos do último dia. De morte a morte. Contando-as nos dedos. Uma, duas – Mitchell e Boggs, no quarteirão. Três – Messalla pulverizada pelo casulo. Quatro, cinco – Leeg 1 e Jackson sacrificando-se no Moedor de Carne. Seis, sete, Oito – Castor, Homes e Finnick sendo decapitados pelos bestantes lagartos com cheiro de rosa. Oito mortos em 24 horas. Eu sei que isso aconteceu e, no entanto, não parece real. Certamente, Castor está adormecido debaixo daquela pilha de peles, Finnick vai descer correndo os degraus daqui a um minuto, Boggs vai me contar seu plano para nossa fuga.

Acreditar que estão mortos é aceitar que os matei. Tudo bem, talvez não Mitchell e Boggs – eles morreram numa missão verdadeira. Mas os outros perderam suas vidas me defendendo numa missão que eu idealizei. Meu plano para assassinar Snow parece bastante idiota agora. Bastante idiota comigo aqui sentada tremendo nesse porão, contando nossas perdas, passando os dedos pelos enfeites nas botas de prata de cano alto que roubei da casa daquela mulher. Ah, sim – esqueci daquilo. Eu também a matei. Agora também estou tirando vidas de cidadãos desarmados.

Acho que já está na hora de me entregar.

Quando todos finalmente acordam, eu confesso. Como menti sobre a missão, como coloquei todos em risco em busca de vingança. Há um longo

silêncio depois que termino. Então Gale diz:

– Katniss, nós todos sabíamos que você estava mentindo quando disse que Coin estava mandando você assassinar Snow.

– Vocês sabiam, pode ser. Os soldados do 13, não – respondo.

– Você realmente acha que Jackson acreditava que você tinha ordens de Coin? – pergunta Cressida. – É claro que não acreditava. Mas ela confiava em Boggs, e ele claramente queria que você seguisse adiante com isso.

– Nunca contei para Boggs o que eu planejava fazer – digo.

– Você contou para todo mundo no Comando! – diz Gale. – Isso foi uma das suas condições para ser o Tordo: "Eu mato Snow."

Essas coisas parecem desconectadas. Negociar com Coin pelo privilégio de executar Snow depois da guerra e essa fuga desautorizada pela Capital.

– Mas não assim – digo. – Foi um desastre completo.

– Acho que isso teria sido considerado uma missão altamente bem-sucedida – diz Gale. – Nós nos infiltramos no acampamento inimigo, mostrando que as defesas da Capital podem ser invadidas. Conseguimos tomadas de nós mesmos em todos os noticiários da Capital. Instauramos o caos em toda a cidade com eles tentando nos encontrar.

– Pode acreditar em mim, Plutarch está entusiasmadíssimo – acrescenta Cressida.

– Isso porque ele não está nem aí para as pessoas que morrem – digo. – Contanto que os Jogos dele sejam um sucesso.

Cressida e Gale seguem na mesma toada, tentando me convencer. Pollux balança a cabeça em concordância para as palavras deles para transmitir seu apoio. Apenas Peeta não dá opinião.

– O que você acha, Peeta? – finalmente pergunto a ele.

– Eu acho... que você ainda não faz a menor ideia do efeito que exerce. – Ele desliza as algemas para cima do suporte e se senta. – Nenhuma das pessoas que perdemos eram idiotas. Elas sabiam o que estavam fazendo. Elas seguiram você porque acreditavam que você realmente era capaz de matar Snow.

Não sei por que a voz dele me alcança quando nenhuma outra consegue. Mas se ele estiver certo, e acho que está, tenho com os outros uma dívida que só poderá ser paga de uma única maneira. Tiro do bolso do

uniforme o meu mapa de papel e o espalho no chão com uma nova determinação.

– Onde estamos, Cressida?

A loja de Tigris situa-se a mais ou menos cinco quarteirões do Círculo da Cidade e da mansão de Snow. Estamos a uma distância tranquila, numa zona em que os casulos ficam desativados para a segurança dos residentes. Temos disfarces que, quem sabe com algumas melhorias adquiridas junto ao estoque peludo de Tigris, talvez possam nos levar até lá em segurança. Mas depois o quê? Certamente a mansão contará com guardas muito bem armados, câmeras de segurança 24 horas por dia e estará recheada de casulos que podem ser ativados por um simples interruptor.

– O que a gente precisa é fazê-lo sair da casa – diz Gale para mim. – Aí um de nós pode dar um tiro nele.

– Será que ele ainda aparece em público? – pergunta Peeta.

– Acho que não – diz Cressida. – Pelo menos, em todos os discursos recentes que vi, ele estava dentro da mansão. Mesmo antes de os rebeldes chegarem aqui. Imagino que ele tenha ficado mais vigilante depois que Finnick colocou no ar os seus crimes.

É isso mesmo. Não são apenas as Tigris da Capital que odeiam Snow, mas uma rede de pessoas que sabem o que ele fez com seus amigos e com seus familiares. Só alguma coisa beirando um milagre poderia convencê-lo a sair. Alguma coisa como...

– Aposto que ele sairia por minha causa – digo. – Se eu fosse capturada. Ele ia querer que isso fosse o mais público possível. Ele ia querer minha execução nos degraus da frente da casa dele. – Deixo minhas palavras serem absorvidas. – Então Gale podia dar um tiro nele da plateia.

– Não. – Peeta balança a cabeça em discordância. – Há muitas alternativas a esse plano. Pode ser que Snow decida manter você presa para obter informações com uso de tortura. Ou mandar executá-la em praça pública sem que ele esteja presente. Ou matá-la dentro da mansão e depois exibir seu corpo na frente da casa.

– Gale? – digo.

– Essa parece uma solução extrema demais para assumirmos de imediato – diz ele. – De repente, se tudo o mais falhar. Vamos continuar pensando.

No silêncio que se segue, ouvimos os suaves passos de Tigris em cima. Deve ser o fim do expediente. Ela está trancando a loja, fechando as

persianas, quem sabe. Alguns minutos depois, o painel no topo da escada desliza e se abre.

– Subam – diz ela, com uma voz grave. – Tem comida aqui para vocês. – É a primeira vez que ela fala desde a nossa chegada. Se é uma coisa natural ou adquirida depois de anos de prática, eu não sei, mas há alguma coisa em seu jeito de falar que sugere o ronronar de um gato.

Enquanto subimos a escada, Cressida pergunta:

– Você entrou em contato com Plutarch?

– Não havia como – diz Tigris, dando de ombros. – Ele vai entender que você está numa casa segura. Não se preocupe.

Eu, me preocupar? Estou me sentindo imensamente aliviada por saber que não receberei – nem terei de ignorar – ordens diretas do 13. Nem terei de inventar alguma defesa viável para as decisões que tomei ao longo dos últimos dias.

Na loja, o balcão contém algumas fatias de pão embolorado, um pedaço de queijo mofado e metade de uma garrafa de mostarda. Isso me lembra que nem todo mundo na Capital possui os estômagos cheios ultimamente. Me sinto na obrigação de contar a Tigris sobre nosso suprimento de comida, mas ela dispensa minhas objeções balançando a mão.

– Eu não como praticamente nada – diz ela. – E além disso, só como carne crua. – Isso parece uma encenação um pouco exagerada, mas não questiono. Apenas raspo o mofo do queijo e divido a comida entre todos nós.

Enquanto comemos, assistimos ao noticiário mais recente da Capital. O governo diminuiu o número de rebeldes sobreviventes para cinco de nós. Polpudas recompensas são oferecidas por informações que levem à nossa captura. Eles enfatizam o quanto somos perigosos. Mostram nossas trocas de tiros com os Pacificadores, embora excluam os bestantes arrancando as cabeças deles. Fazem um trágico tributo à mulher deitada onde a deixamos, com minha flecha ainda em seu coração. Alguém refez sua maquiagem para as câmeras.

Os rebeldes deixam a transmissão da Capital seguir sem interrupções.

– Os rebeldes fizeram algum pronunciamento hoje? – pergunto a Tigris. Ela balança a cabeça. – Duvido que Coin saiba o que fazer comigo agora que continuo viva.

Tigris dá uma gargalhada gutural.

– Ninguém sabe o que fazer com você, guria. – Então ela me faz pegar um par de perneiras de pelo, apesar de eu não ter como pagar por elas. É o tipo de presente que você é obrigada a aceitar. E, de qualquer maneira, está frio no porão.

Lá embaixo, após a ceia, continuamos a vasculhar nossas mentes em busca de um plano. Nada de bom aparece, mas concordamos que não podemos mais sair em um grupo de cinco e que deveríamos tentar nos infiltrar na mansão do presidente antes de eu me transformar em isca. Aceito esse segundo ponto para evitar mais discussões. Se decidir efetivamente me entregar, isso não requererá a permissão e a participação de mais ninguém.

Trocamos os curativos, algemamos Peeta de volta a seu suporte e nos deitamos para dormir. Algumas horas depois, desperto novamente e fico ciente de uma conversa silenciosa. Peeta e Gale. Não consigo deixar de ouvir às escondidas.

– Obrigado pela água – diz Peeta.

– Sem problema – responde Gale. – De qualquer forma, acordo dez vezes por noite.

– Para ter certeza de que Katniss ainda está aqui? – pergunta Peeta.

– Alguma coisa por aí – admite Gale.

Há uma longa pausa antes de Peeta falar novamente:

– Aquilo que a Tigris disse foi engraçado. Sobre não saber o que fazer com ela.

– Bom, nós nunca soubemos – diz Gale.

Ambos riem. É tão estranho ouvi-los conversando dessa maneira. Quase como amigos. Que eles não são. Jamais foram. Embora não sejam exatamente inimigos.

– Sabia que ela ama você? – diz Peeta. – Ela me disse com todas as letras depois que você foi chicoteado.

– Não acredite nisso – responde Gale. – O jeito como ela beijou você no Massacre Quaternário... Bom, ela nunca me beijou daquela maneira.

– Aquilo era apenas uma encenação – diz Peeta, embora haja uma pontinha de dúvida em sua voz.

– Não, você a conquistou. Desistiu de tudo por ela. De repente, essa é a única maneira de ela ficar convencida do seu amor. – Há uma longa pausa. – Eu devia ter me apresentado como voluntário para tomar o seu lugar na primeira vez que ela foi aos Jogos. Para protegê-la.

– Você não poderia ter feito isso – diz Peeta. – Ela nunca ia te perdoar por isso. Você tinha de tomar conta da família dela. Para Katniss, elas são mais importantes do que a própria vida.

– Bom, isso logo, logo vai deixar de ser uma questão. Acho pouquíssimo provável nós três estarmos vivos no fim dessa guerra. E se estivermos, acho que vai ser um problema de Katniss. Quem ela vai escolher. – Gale boceja. – A gente devia dormir um pouco.

– É isso aí. – Ouço as algemas de Peeta deslizarem pelo suporte à medida que ele assenta o corpo. – Fico pensando como será que ela vai decidir.

– Ah, isso eu sei. – Consigo apenas captar as últimas palavras de Gale através da camada de pelo. – Katniss vai escolher aquele sem o qual ela acha impossível conseguir sobreviver.

Um arrepio percorre meu corpo de alto a baixo. Será que sou assim tão fria e calculista? Gale não disse, “Katniss vai escolher aquele cuja ausência a deixaria com o coração destroçado”, ou mesmo “aquele sem o qual ela achar que não pode viver”. Essas possibilidades teriam sugerido que eu estava motivada por uma espécie de paixão. Mas meu melhor amigo prevê que escolherei a pessoa sem a qual acho “impossível conseguir sobreviver”. Não há a menor indicação de que amor, desejo, ou mesmo compatibilidade exercerá alguma influência sobre mim. Vou apenas conduzir uma fria avaliação do que os meus parceiros potenciais podem me oferecer. Como se, no fim, a questão fosse se, entre um padeiro e um caçador, quem teria mais condições de estender ao máximo possível minha longevidade. É uma coisa horrível o que Gale acabou de dizer, e também o fato de Peeta não refutá-lo. Principalmente quando todas as minhas emoções foram tomadas e exploradas pela Capital e pelos rebeldes. No momento, a escolha seria simples. Posso sobreviver muito bem sem nenhum dos dois.

De manhã, não tenho tempo ou energia para cuidar de mágoas. Durante um café da manhã na madrugada, composto de patê de fígado e biscoitos de figo, nos reunimos ao redor da TV de Tigris para uma das invasões de Beetee. Houve um novo desenrolar na guerra. Aparentemente inspirado pela onda preta, algum comandante rebelde munido de uma mente empreendedora apareceu com a ideia de confiscar os automóveis abandonados das pessoas e enviá-los sem ninguém para as ruas. Os carros não acionam todos os casulos, mas certamente atingem a maioria. Por volta das quatro da manhã, os rebeldes começaram a abrir três trilhas separadas – identificadas simplesmente como linhas A, B e C – em direção ao coração da Capital. Como consequência, tomaram posse de vários quarteirões com pouquíssimas vítimas.

– Isso não vai durar muito – diz Gale. – Na realidade, estou surpreso por eles terem conseguido manter isso por tanto tempo. A Capital vai reagir desativando casulos específicos e depois acionando-os manualmente quando os alvos aparecerem. – Poucos minutos depois de sua previsão, vemos exatamente o que ele descreveu acontecer na tela da TV. Um

esquadrão manda um carro para um quarteirão, ativando quatro casulos. Tudo parece estar bem. Três batedores aparecem em seguida e vão em segurança até o fim da rua. Mas quando um grupo de vinte soldados rebeldes os seguem, são despedaçados por uma fileira de roseiras em frente a uma floricultura.

– Aposto que Plutarch está se roendo de raiva por não estar na sala de controle num momento como esse – diz Peeta.

Beetee devolve a transmissão à Capital, onde uma repórter com a aparência sombria anuncia os quarteirões que os civis têm de evacuar. Entre a notícia que ela apresenta e a história anterior, consigo fazer uma marcação no meu mapa de papel para ter as posições relativas dos exércitos em guerra.

Escuto uma correria na rua, me dirijo à janela e espio pela fresta das persianas. À luz da manhã, vejo um espetáculo bizarro. Refugiados dos quarteirões agora ocupados estão correndo em disparada na direção do centro da Capital. Os mais desesperados estão vestidos apenas de pijama e chinelo, ao passo que os mais preparados estão envoltos em camadas de roupas. Eles carregam tudo: de cachorrinhos de colo a caixas de joias e vasos de plantas. Um homem num robe acolchoado segura uma banana madura. Confusas, crianças adormecidas seguem aos tropeços atrás de seus pais, espantadas demais ou perplexas demais para chorar. Pedaços delas surgem rapidamente em minha linha de visão. Um par de olhos castanhos arregalados. Um braço agarrando uma boneca favorita. Um par de pés descalços, azulados devido ao frio, pisando nas pedras de calçamento desniveladas da ruela. Vê-las me faz lembrar das crianças do 12 que morreram fugindo dos bombardeios. Saio da janela.

Tigris se oferece para ser nossa espiã durante aquele dia, já que é a única que não está com a cabeça a prêmio. Depois de nos colocar em segurança no subsolo, ela vai até a Capital recolher quaisquer informações que possam vir a ser úteis.

No porão, ando de um lado para o outro, levando os outros à loucura. Alguma coisa me diz que não tirar vantagem da torrente de refugiados é um erro. Que melhor camuflagem para uma fuga poderíamos conseguir? Por outro lado, cada pessoa dispersa vagando nas ruas significa mais um par de olhos à procura de cinco rebeldes à solta. Mas também tem o seguinte: o que ganhamos permanecendo aqui? Tudo o que estamos realmente fazendo é devastar nosso pequeno estoque de comida e esperar... o quê? Que os

rebeldes tomem a Capital? Isso ainda pode levar semanas para acontecer, e não tenho tanta certeza do que faria se eles conseguissem. Não sairia às ruas para cumprimentá-los. Coin mandaria me arrastar de volta para o 13 antes que eu pudesse dizer "cadeado, cadeado, cadeado". Não percorri todo esse caminho, e perdi todas essas pessoas, para me entregar àquela mulher. Eu mato Snow. Além do mais, haveria uma infinita quantidade de coisas em relação aos últimos dias que eu não teria como explicar com facilidade. Várias das quais, se viessem à luz, provavelmente liquidariam o meu acordo para a imunidade dos vitoriosos. E, esquecendo de mim, tenho uma sensação de que alguns dos outros vão precisar muito disso. Como Peeta. Que, independentemente de como se interprete a coisa, pode ser visto no filme jogando Mitchell naquele casulo da rede. Posso imaginar muito bem o que o tribunal de guerra de Coin vai fazer com essa imagem.

No final da tarde, já estamos começando a ficar inquietos em relação à longa ausência de Tigris. As conversas passam a girar em torno das possibilidades de ela ter sido detida e presa, de nos ter entregue voluntariamente, ou simplesmente ter sido ferida durante a onda de refugiados. Mas por volta das seis horas, nós a ouvimos chegar. Há um som de passos no andar de cima e em seguida ela abre o painel. O maravilhoso aroma de carne frita impregna o ar. Tigris nos preparou um prato de presunto fatiado com batatas. É a primeira comida quente que ingerimos em dias e, enquanto espero que ela encha o meu prato, corro sérios riscos de começar a babar.

Enquanto mastigo, tento prestar atenção a Tigris nos contando como adquiriu os alimentos, mas a principal coisa que absorvo é que roupa de baixo de pelo é um item de comércio altamente valioso no momento. Principalmente para pessoas que saíram de suas casas sem roupa. Muitas delas ainda estão na rua tentando encontrar abrigo para passar a noite. Aquelas que vivem nos melhores apartamentos da parte interna da cidade não abriram suas portas para receber os desalojados. Pelo contrário, a maioria passou a tranca na porta, baixou as persianas e fingiu estar ausente. Agora o Círculo da Cidade está repleto de refugiados, e os Pacificadores vão de porta em porta, invadindo locais, se preciso for, para distribuir pessoas pelas casas.

Na TV, assistimos a um ríspido Pacificador-Chefe detalhar regras específicas acerca de quantas pessoas por centímetro quadrado espera-se que cada residente acomode. Ele lembra aos cidadãos da Capital que a

temperatura vai cair bem abaixo de zero essa noite e alerta-os de que o presidente espera que eles sejam anfitriões não somente dispostos como também entusiasmados nesse tempo de crise. Em seguida, são mostradas algumas tomadas bastante encenadas de cidadãos preocupados, dando as boas-vindas em suas casas a refugiados agradecidos. O Pacificador-Chefe diz que o presidente em pessoa ordenou que parte de sua mansão fosse preparada para receber cidadãos amanhã. Ele acrescenta que os lojistas também devem estar preparados para emprestar seus espaços se assim for solicitado.

– Tigris, podia ser você – diz Peeta. Percebo que ele tem razão. Que mesmo essa lojinha estreita que mais parece um corredor poderia ser apropriada à medida que o número de pessoas aumenta. Então ficaremos realmente presos no porão, em constante perigo de sermos descobertos. De quantos dias dispomos? Um? Talvez dois?

O Pacificador-Chefe prossegue com mais instruções para a população. Ao que parece, ocorreu essa noite um incidente funesto no qual uma multidão agrediu até a morte um jovem parecido com Peeta. A partir desse momento, quem avistar um rebelde deverá avisar imediatamente as autoridades, que cuidarão da identificação e posterior prisão do suspeito. Eles mostram uma foto da vítima. Fora alguns cachos obviamente tingidos, ele parece tanto com Peeta quanto eu.

– As pessoas enlouqueceram de vez – murmura Cressida.

Assistimos a uma breve atualização sobre a posição dos rebeldes, na qual ficamos sabendo que diversos outros quarteirões foram tomados no dia de hoje. Anoto as interseções no mapa e as analiso.

– A Linha C fica a apenas quatro quarteirões daqui – anuncio. De alguma maneira, isso me deixa ainda mais ansiosa do que imaginar Pacificadores em busca de casas. Fico bastante prestativa.

– Deixe-me lavar os pratos.

– Eu ajudo. – Gale recolhe os pratos.

Sinto os olhos de Peeta nos seguindo para fora da sala. Na cozinha apertada nos fundos da loja de Tigris, encho a pia de água quente e sabão.

– Você acha que é verdade? – pergunto. – Que Snow vai deixar os refugiados entrarem na mansão?

– Acho que agora ele precisa fazer isso, pelo menos para as câmeras – diz Gale.

– Sairei daqui de manhã – digo.

– Vou com você – diz Gale. – O que a gente vai fazer com os outros?

– Pollux e Cressida poderiam ser úteis. Eles são bons guias – digo. Pollux e Cressida não são exatamente o problema. – Mas Peeta é muito...

– Imprevisível – finaliza Gale. – Você acha que ele ainda aceitaria ser deixado para trás?

– Podemos usar o argumento de que ele vai pôr a gente em perigo – digo. – De repente ele até fica aqui, se a gente for convincente.

Peeta encara nossa sugestão de modo bastante racional. Ele concorda prontamente quando sugerimos que sua presença poderia colocar os outros quatro em risco. Começo a achar que isso tudo pode funcionar, que ele pode simplesmente ficar sentado ali no porão de Tigris enquanto a guerra prossegue lá fora, quando ele anuncia que vai sair por conta própria.

– Para fazer o quê? – pergunta Cressida.

– Não sei exatamente o quê. A única coisa que talvez ainda tenha condições de fazer é causar uma distração. Vocês viram o que aconteceu com aquele homem que se parecia comigo – diz ele.

– E se você... perder o controle? – digo.

– Você está querendo dizer, se eu me transformar num bestante? Bom, se eu sentir que isso está para acontecer, tento voltar para cá – diz ele, tranquilizando-me.

– E se Snow pegar você de novo? – pergunta Gale. – Você não tem nem arma.

– Serei obrigado a correr esse risco – diz Peeta. – Assim como todos vocês. – Os dois trocam um longo olhar, e então Gale enfia a mão no bolso da frente. Coloca seu tablete de cadeado na mão de Peeta. Este o mantém pousado na palma da mão aberta, nem rejeitando nem aceitando. – E você?

– Não se preocupe. Beetee me mostrou como detonar minhas flechas explosivas com a mão. Se isso falhar, tenho minha faca. E vou ter também a Katniss – diz Gale com um sorriso. – Ela não vai dar a eles a satisfação de me levarem com vida.

Imaginar Gale sendo arrastado pelos Pacificadores reinicia a canção em minha cabeça...

Você vem, você vem

Para a árvore

– Pegue isso aí, Peeta – digo com a voz tensa. Eu me aproximo e fecho os dedos dele sobre a pílula. – Não vai ter ninguém lá para ajudar você.

Passamos uma noite intranquila, despertados pelos pesadelos uns dos outros, mentes zunindo com os planos do dia seguinte. Fico aliviada quando chega cinco horas e podemos dar início a seja lá o que esse dia tenha reservado para nós. Comemos uma mistura dos alimentos que sobraram – pêssegos em lata, biscoitos e escargot –, deixando uma lata de salmão para Tigris como um mísero agradecimento por tudo o que ela fez por nós. O gesto parece emocioná-la, de alguma maneira. Seu rosto se contorce numa expressão estranha e ela se põe a agir. Passa a hora seguinte transformando-nos, os cinco. Ela nos veste de modo que as roupas comuns escondam nossos uniformes antes de vestirmos nossos casacos e capas. Cobre nossa botas militares com uma espécie de mocassim de pelo. Prende nossas perucas com alfinetes, limpa os restos berrantes da maquiagem que aplicamos tão apressadamente em nossos rostos e nos pinta novamente. Ajusta nossa roupa de baixo de modo a ocultar nossas armas. Então nos dá bolsas de mão e trouxas cheias de badulaques para carregarmos. No fim, estamos com a exata aparência de refugiados escapando dos rebeldes.

– Jamais subestimem o poder de uma estilista brilhante – diz Peeta. É difícil dizer, mas acho que há uma boa chance de Tigris ter enrubescido debaixo daquelas listras.

Não há nenhuma notícia nova de alguma utilidade na TV, mas o beco parece estar tão cheio de refugiados quanto na manhã anterior. Nosso plano é entrar sorrateiramente no meio da multidão em três grupos. Primeiro Cressida e Pollux, que funcionarão como guias enquanto mantêm uma distância segura de nós. Depois Gale e eu, que temos a intenção de nos posicionar entre os refugiados designados para a mansão no dia de hoje. Depois Peeta, que seguirá atrás de nós, preparado para criar algum tumulto se necessário for.

Tigris observa através da persiana para definir o momento certo, destranca a porta e faz um gesto com a cabeça para Cressida e Pollux.

– Cuidem-se – diz Cressida, e os dois desaparecem.

Nós os seguiremos em um minuto. Tiro a chave, retiro as algemas de Peeta e as guardo no bolso. Ele esfrega os pulsos. Flexiona-os. Sinto uma espécie de desespero tomando conta de mim. É como se estivesse de volta ao Massacre Quaternário, com Beetee dando a Johanna e a mim aquele rolo de fio.

– Escute – digo. – Veja se não faz nenhuma bobagem.

– Não. Isso aqui seria um último recurso. Totalmente – diz ele.

Eu o abraço, sinto seus braços hesitarem antes de me abraçar. Não tão firmes quanto foram um dia, mas ainda aconchegantes e fortes. Mil momentos invadem minha mente. Todas as vezes que esses braços foram o meu único refúgio contra o mundo. Talvez não totalmente apreciados naquela época, mas muito ternos em minha memória, e agora desaparecidos para sempre.

– Tudo bem, então. – Eu o solto.

– Está na hora – diz Tigris. Beijo o rosto dela, aperto minha capa vermelha com capuz, puxo o cachecol para cima do nariz e sigo Gale em direção ao ar frígido da rua.

Flocos de neve pontudos e gelados agridem a parte da minha pele que ficou exposta. O sol nascente está tentando furar a penumbra sem muito sucesso. Há luz suficiente para ver as formas amontoadas próximas, e pouco mais do que isso. Condições perfeitas, realmente, exceto pelo fato de não conseguir localizar Cressida e Pollux. Gale e eu baixamos nossas cabeças e andamos junto com os refugiados. Posso ouvir o que perdi espiando pelas persianas ontem. Choro, gemido, respiração pesada. E, não muito distante dali, tiroteio.

– Para onde a gente está indo, tio? – pergunta um garotinho trêmulo a um homem curvado, segurando um pequeno cofre.

– Para a mansão do presidente. Eles vão arranjar um lugar novo para a gente morar – diz o homem, arfando.

Saímos do beco e caímos em uma das avenidas principais.

– Fiquem à direita! – ordena uma voz, e vejo os Pacificadores dispersos no meio da multidão, conduzindo o fluxo humano. Rostos assustados espiam pelas janelas de vidro laminado das lojas, que já estão ficando repletas de refugiados. Nesse ritmo, Tigris poderá ter novos convidados já na hora do almoço. Foi bom para todo mundo termos saído de lá no momento em que saímos.

Agora está mais claro, mesmo com a neve ficando mais intensa. Avisto Cressida e Pollux mais ou menos trinta metros à nossa frente, andando lentamente junto com a multidão. Estico a cabeça e olho para trás para ver se consigo localizar Peeta. Não consigo, mas avistei uma menininha com um olhar bastante inquisitivo, usando um casaco amarelo-limão. Cutuco Gale e diminuo o passo ligeiramente para permitir que um paredão de pessoas se colocasse entre nós duas.

– Talvez seja melhor a gente se separar – digo, entre os dentes. – Tem uma garota ali que...

Um tiroteio é ouvido em meio à multidão e diversas pessoas próximas a mim desabam no chão. Gritos penetram o ar quando uma segunda saraivada de balas derruba um grupo atrás de nós. Gale e eu nos jogamos na rua, rastejamos dez metros até as lojas e nos abrigamos atrás de uma vitrine de botas de salto alto do lado de fora de uma sapataria.

Uma fileira de sapatos bloqueia a visão de Gale.

– Quem é? Você consegue ver? – pergunta ele. O que consigo ver, entre pares alternados de botas de couro em tonalidades lavanda e menta é uma rua cheia de corpos. A menininha que estava me observando está ajoelhada ao lado de uma mulher inerte, berrando e tentado reanimá-la. Uma outra rajada de balas penetra em seu casaco amarelo na altura do peito, manchando-o de vermelho, fazendo a menina tombar de costas. Por um instante, olhando para aquela diminuta forma esmagada, perco a habilidade de formar palavras. Gale me dá uma cotovelada de leve. – Katniss?

– Estão atirando do telhado aqui de cima da gente – digo a Gale. Observo mais algumas rodadas de tiros, vejo os uniformes brancos caindo nas ruas cheias de neve. – Estão tentando acertar os Pacificadores, mas não são exatamente os melhores atiradores do mundo. Devem ser rebeldes. – Não sinto um jorro de alegria, embora, teoricamente, meus aliados tenham conseguido efetuar a invasão. Continuo olhando petrificada para aquele casaco amarelo-limão.

– Se a gente começar a atirar, já era – diz Gale. – O mundo inteiro vai saber que somos nós.

É verdade. Nossas únicas armas são nossos fabulosos arcos. Dar uma flechada seria como anunciar a ambos os lados que estamos aqui.

– Não – digo, com vigor. – Temos de chegar no Snow.

– Então é melhor a gente começar a se mexer antes que o quarteirão inteiro vá pelos ares – diz Gale. Abraçando o muro, continuamos ao longo da rua. Só que o muro é formado principalmente por vitrines. Uma fileira de mãos suadas e rostos boquiabertos está grudada no vidro. Puxo meu cachecol mais para cima do rosto enquanto disparamos por entre cartazes publicitários. Atrás de uma prateleira com fotos emolduradas de Snow, encontramos um Pacificador ferido encostado num muro de tijolos. Ele nos pede ajuda. Gale dá uma joelhada na lateral da cabeça do homem e pega

sua arma. Na interseção, ele atira em um segundo Pacificador e nós dois ficamos de posse de armas de fogo.

– E aí, quem a gente deve ser agora? – pergunto.

– Cidadãos desesperados da Capital – diz Gale. – Os Pacificadores vão achar que estamos do lado deles e, se gente tiver sorte, os rebeldes vão achar alvos mais interessantes.

Fico remoendo a sabedoria embutida nesse nosso último papel enquanto passamos a jato pela interseção, mas quando alcançamos o quarteirão seguinte, já não importa mais quem somos. Ou o que qualquer outra pessoa é. Porque ninguém está olhando para nós. Os rebeldes estão aqui, é fato. Transbordando a avenida, abrigando-se em umbrais, atrás de veículos, disparando tiros, vozes roucas berrando ordens enquanto se preparam para enfrentar um exército de Pacificadores que marcha na nossa direção. Pegos no fogo cruzado estão os refugiados, desarmados, desorientados, muitos deles feridos.

Um casulo foi ativado à nossa frente, liberando uma golfada de vapor que escalda todo mundo no caminho, deixando as vítimas rosadas e completamente sem vida. Depois disso, o pouco sentido de ordem que ainda havia se desfaz. À medida que os arabescos de vapor remanescentes se misturam com a neve, a visibilidade se estende apenas à parte traseira do cano da minha arma. Pacificador, rebelde, cidadão, quem vai saber? Tudo que se move é um alvo. As pessoas atiram por puro reflexo, e eu não sou nenhuma exceção. O coração retumbando, a adrenalina me queimando por inteiro, todos são meus inimigos. Exceto Gale. Meu parceiro de caçadas, a única pessoa para quem dou as costas. Não há nada a fazer além de me mover para frente, matando quem quer que se coloque em nosso caminho. Pessoas gritando, pessoas sangrando, pessoas mortas por todos os lados. Quando alcançamos a próxima esquina, o quarteirão inteiro à nossa frente se ilumina num intenso brilho púrpura. Recuamos, nos agachamos embaixo de uma escada e estreitamos os olhos para a luz. Alguma coisa está acontecendo com aqueles que estão sendo iluminados por ela. Estão sendo assaltados por... pelo quê? Um som? Uma onda? Um laser? Armas caem de suas mãos, dedos grudam-se em seus rostos, enquanto sangue jorra de todos os orifícios visíveis – olhos, narizes, bocas, ouvidos. Em menos de um minuto, todos estão mortos e o brilho desaparece. Cerro os dentes e corro, saltando sobre corpos, os pés escorregando no sangue e nas vísceras. O

vento faz com que a neve se transforme em rajadas cegantes, mas não bloqueia o som de uma outra onda de botas vindo na nossa direção.

– Abaixe! – grito para Gale, e o som da voz sai estridente. Caímos ali mesmo. Meu rosto aterrissa numa poça ainda quente do sangue de alguém, mas me finjo de morta, permaneço imóvel enquanto as botas marcham sobre nós. Algumas evitam os corpos. Outras esmagam minha mão, pisam nas minhas costas, chutam a minha cabeça ao passar. Quando as botas dão um refresco, abro os olhos e balanço a cabeça para Gale.

No quarteirão seguinte, encontramos mais refugiados aterrorizados, porém menos soldados. Justamente quando parece que seremos brindados com uma pausa, ouvimos o som de algo se quebrando, como um ovo atingindo a lateral de uma tigela, só que amplificado mil vezes. Paramos, olhamos ao redor em busca do casulo. Não há nada. Então sinto as pontas das minhas botas começando a se curvar ligeiramente.

– Corra! – grito para Gale. Não há tempo para explicações mas, em alguns segundos, a natureza do casulo torna-se clara para todos. Uma fenda se abriu no centro do quarteirão. Os dois lados da rua ladrilhada ficam dobrados como se fossem duas abas, tragando lentamente as pessoas para o interior do que quer que exista abaixo da terra.

Fico dividida entre sair correndo diretamente para a próxima interseção ou tentar chegar nas portas ao longo da rua para invadir um prédio. Em consequência, acabo me movendo ligeiramente na diagonal. À medida que a aba continua se abrindo, descubro que meus pés estão lutando cada vez com mais dificuldade para me manter equilibrada nos ladrilhos escorregadios. É como correr ao longo da encosta de uma montanha cheia de neve que fica mais íngreme a cada passo. Ambos os meus destinos – a interseção e os prédios – estão a alguns metros de distância quando sinto a aba cedendo. Não há nada a fazer além de usar meus últimos segundos de contato com os ladrilhos para disparar em direção à interseção. Enquanto minhas mãos agarram-se à lateral, percebo que as abas estão totalmente voltadas para baixo. Meus pés balançam no ar, não há onde pisar. De uns quinze metros abaixo, um repulsivo fedor atinge minhas narinas, como o de cadáveres apodrecidos no calor do verão. Formas pretas rastejam nas sombras, silenciando quem quer que tenha sobrevivido à queda.

Um grito estrangulado irrompe em minha garganta. Ninguém vem me ajudar. Estou perdendo a pegada na saliência de gelo quando vejo que estou a apenas dois metros mais ou menos do canto do casulo. Movo minhas

mãos lentamente ao longo da saliência, tentando bloquear os sons aterrorizantes de baixo. Quando minhas mãos se engancham no canto, giro minha bota direita por cima da lateral. Ela se gruda em alguma coisa e me arrasto cuidadosamente até o nível da rua. Arquejando, tremendo, rastejo para fora e agarro um poste de luz para usar como âncora, embora o piso esteja perfeitamente plano.

– Gale? – grito para o abismo, sem me importar em ser reconhecida. – Gale?

– Aqui! – Olho para a esquerda, perplexa. A aba inclinou tudo, até a própria base dos prédios. Uma dúzia ou mais de pessoas conseguiram chegar lá e agora estão penduradas em qualquer coisa em que possam segurar. Maçanetas, aldravas, caixas de correio. Três portas abaixo de mim, Gale está grudado ao ferro decorativo que envolve a porta de um apartamento. Ele podia facilmente entrar se a porta estivesse aberta. Mas, apesar de seus repetidos chutes nela, ninguém aparece para ajudá-lo.

– Proteja-se! – Levanto minha arma. Ele se vira para o outro lado e dou vários tiros na fechadura até que a porta voa para dentro do imóvel, aterrissando numa pilha no chão. Por um momento, experimento o entusiasmo de resgatá-lo. Então mãos com luvas brancas descem com força sobre ele.

Gale encontra os meus olhos, balbucia alguma coisa que não consigo entender. Não sei o que fazer. Não posso deixá-lo, mas também não posso alcançá-lo. Seus lábios se mexem novamente. Balanço a cabeça para indicar que estou confusa. A qualquer minuto, eles vão perceber quem capturaram. Os Pacificadores estão agora içando Gale.

– Saia daí! – ouço-o berrar.

Eu me viro e me afasto correndo do casulo. Totalmente só, agora. Gale prisioneiro. Cressida e Pollux poderiam estar dez vezes mortos. E Peeta? Não pus os olhos nele desde que saímos da loja de Tigris. Me fio à ideia de que ele pode ter voltado. Sentido um ataque e retornado ao porão enquanto ainda estava sob controle. Talvez tenha percebido que não havia necessidade para uma distração quando a Capital já havia fornecido tantas. Não havia necessidade de ser isca e ser obrigado a ingerir o cadeado – o cadeado! Gale está sem nenhum! E apesar de toda aquela conversa sobre detonar suas flechas com a mão, ele jamais terá essa chance. A primeira coisa que os Pacificadores farão é tirar todas as suas armas.

Caio num umbral, lágrimas fazendo meus olhos arderem. Atire em mim. Era isso que ele estava balbuciando. Eu devia ter atirado nele! Esse era o meu trabalho. Essa era nossa promessa tácita, de todos nós, uns aos outros. E não fiz isso e agora a Capital vai matá-lo ou torturá-lo ou telessequestrá-lo ou – as rachaduras começam a se abrir dentro de mim, ameaçando me partir em pedaços. Tenho uma única esperança. Que a Capital caia, deposite suas armas e entregue os prisioneiros antes que possam fazer algum mal a Gale. Mas não consigo ver isso acontecendo com Snow ainda vivo.

Uma dupla de Pacificadores passa por mim correndo, mal olhando para a garota da Capital choramingando junto ao umbral. Contenho as lágrimas, enxugo as existentes antes que congelem e readquiro o controle. Tudo bem, ainda sou uma refugiada anônima. Ou será que os Pacificadores que pegaram Gale me vislumbraram enquanto eu fugia? Retiro a capa e a viro pelo avesso, deixando o revestimento preto à mostra em vez do exterior vermelho. Disponho o capuz de tal modo que esconda meu rosto. Mantendo a arma grudada em meu peito, dou uma geral no quarteirão. Há apenas um punhado de andarilhos com aspecto entorpecido. Sigo logo atrás de um par de homens velhos que não reparam a minha presença. Ninguém vai esperar me ver na companhia de velhos. Quando alcançamos o fim da interseção seguinte, eles param e quase dou uma topada neles. É o Círculo da Cidade. Em frente ao amplo espaço circundado por vistosos edifícios situa-se a mansão do presidente.

O Círculo está cheio de pessoas zanzando de um lado para o outro, gemendo, ou simplesmente se sentando e deixando a neve acumular em torno delas. Eu me encaixo de imediato. Começo a tecer meu caminho em direção à mansão, tropeçando em tesouros abandonados e em membros congelados pela neve. Mais ou menos na metade do caminho, me dou conta da barricada de concreto. Tem mais ou menos um metro de altura e se estende num grande retângulo em frente à mansão. Qualquer pessoa imaginaria que o local estivesse vazio, mas está repleto de refugiados. Talvez seja esse o grupo que foi escolhido para ser abrigado na mansão. Mas, à medida que me aproximo, reparo em outra coisa. Todos do lado de dentro da barricada são crianças. De bebês engatinhando a adolescentes. Assustadas e enregeladas. Amontoadas em grupos ou agitando-se entorpecidamente no chão. Eles não estão sendo conduzidos à mansão. Estão sendo colocados em currais, vigiados por todos os lados por

Pacificadores. Vejo de imediato que aquilo não é para a proteção deles. Se a Capital estivesse disposta a salvaguardá-los, eles estariam no interior de um bunker em algum lugar. Aquilo é para a proteção de Snow. As crianças formam seu escudo humano.

Há uma comoção e a multidão avança para a esquerda. Sou alcançada por corpos maiores, jogada para os lados, empurrada para fora do caminho. Escuto gritos de "Os rebeldes! Os rebeldes!", e sei que eles devem ter conseguido efetuar a invasão. O impulso faz com que eu bata com força em um pau de bandeira, e o agarro com firmeza. Usando a corda que está pendurada no alto, puxo a mim mesma e escapo do aperto dos corpos. Sim, consigo ver o exército dos rebeldes tomando conta do Círculo, empurrando os refugiados de volta às avenidas. Vasculho a área em busca de casulos que certamente serão detonados. Mas isso não acontece. O que acontece é o seguinte:

Um aerodeslizador com a insígnia da Capital materializa-se sobre a barricada das crianças. Dezenas de paraquedas prateados chovem sobre elas. Mesmo nesse caos, as crianças sabem o que existe dentro dos paraquedas prateados. Comida. Remédios. Dádivas. Eles os abrem ansiosamente, os dedos congelados lutando com as cordas. O aerodeslizador desaparece, cinco segundos se passam e então mais ou menos vinte paraquedas explodem simultaneamente.

Um ganido pode ser ouvido em meio à multidão. A neve está vermelha e repleta de diminutos corpos despedaçados. Muitas das crianças morrem imediatamente, mas outras estão deitadas no chão na mais completa agonia. Algumas cambaleiam em silêncio, mirando os paraquedas que sobraram em suas mãos, como se eles ainda contivessem algo precioso. Posso afirmar que os Pacificadores não sabiam que isso iria acontecer pela maneira como estão arrancando as barricadas, abrindo caminho até as crianças. Um outro grupo de uniformes brancos passa pela abertura. Mas esses não são Pacificadores. São médicos. Médicos rebeldes. Eu reconheceria aqueles uniformes em qualquer lugar. Eles se metem em meio às crianças como um enxame de abelhas, brandindo kits médicos.

Primeiro vislumbro a trança loira nas costas dela. Em seguida, assim que ela arranca o casaco para cobrir uma criança que não para de chorar, reparo na fralda da camisa para fora da calça. Tenho a mesma reação que tive no dia em que Effie Trinket chamou o nome dela na colheita. Pelo menos, devo ter perdido os sentidos, porque me encontro na base do pau de

bandeira, incapaz de compreender o que aconteceu nos últimos segundos. Então continuo avançando em meio à multidão, exatamente como fiz antes. Tentando gritar o nome dela com uma intensidade que consiga superar o barulho reinante. Estou quase lá, quase na barricada, quando penso que ela está me ouvindo. Porque por um segundo apenas ela me avista, seus lábios formando o meu nome.

E é então que os paraquedas restantes explodem.

Verdadeiro ou falso? Estou pegando fogo. As bolas de chama que irromperam dos paraquedas passaram zunindo sobre as barricadas, cortaram o ar gelado e aterrissaram na multidão. Eu estava começando a girar o corpo quando uma delas me atingiu, percorreu com sua língua a parte de trás do meu corpo e me transformou em algo novo. Uma criatura tão inextinguível quanto o sol.

Um bestante do fogo conhece apenas uma única sensação: agonia. Nenhuma visão, nenhum som, nenhuma sensação além da implacável queimadura na carne. Talvez haja períodos de inconsciência, mas qual é a importância disso se não consigo encontrar refúgio neles? Sou o pássaro de Cinna, inflamado, voando freneticamente para escapar de algo inescapável. As penas flamejantes que crescem de meu corpo. O bater das asas apenas faz com que as chamas se movam. Estou me consumindo, porém indefinidamente.

Por fim, minhas asas começam a falhar, perco altura, e a gravidade me impulsiona em direção a um mar da cor dos olhos de Finnick e cheio de espuma. Flutuo sobre minhas costas, que continuam queimando debaixo d'água, mas a agonia dá lugar à dor. Quando fico à deriva e incapaz de navegar é que eles aparecem. Os mortos.

Os que eu amava voam como pássaros no céu aberto acima de mim. Adejando, girando no ar, me chamando para que me junte a eles. Quero muito segui-los, mas a água salgada satura minhas asas, tornando impossível levantá-las. Os que eu odiava foram para a água, horrendos seres cheios de escamas que estraçalham minha carne salgada com dentes pontudos. Mordendo sem dar descanso. Arrastando-me para o fundo.

O pequeno pássaro branco tingido de rosa mergulha, enterra suas garras em meu peito e tenta me manter na superfície.

– Não, Katniss! Não! Você não pode ir!

Mas os que eu odiava estão vencendo, e se ela ficar grudada em mim também não terá mais chance.

– Prim, me solta!

E por fim ela o faz.

Bem no fundo do mar, sou abandonada por todos. Existe apenas o som da minha respiração, o enorme esforço que é necessário para inalar água e depois tirá-la dos meus pulmões. Quero parar, tento prender a respiração, mas o mar força a entrada e se coloca contra minha vontade.

– Deixe-me morrer. Deixe que eu me junte aos outros – imploro ao que quer que esteja me prendendo lá. Não há resposta.

Presa há dias, anos, séculos quem sabe. Morta, mas sem permissão para morrer. Viva, mas totalmente morta. Tão só que qualquer pessoa, qualquer coisa, independentemente do quanto essa pessoa ou essa coisa fossem horríveis, seria bem-vinda. Mas quando finalmente recebo uma visita, é uma experiência agradável. Morfináceo. Viajando pelas minhas veias, aliviando a dor, iluminando meu corpo de modo que ele se recoloque na direção do ar e fique novamente na espuma.

Espuma. Estou realmente flutuando na espuma. Posso senti-la abaixo das pontas dos meus dedos, acomodando parte do meu corpo nu. Há muita dor, mas também há algo que se parece com a realidade. A lixa na minha garganta. O cheiro de remédio queimado da primeira arena, e tento voltar ao fundo para tentar compreendê-los. Mas não há como voltar. Gradativamente, sou forçada a aceitar quem sou. Uma menina gravemente queimada e sem asas. Sem fogo. E sem irmã.

Na brancura cegante do hospital da Capital, os médicos fazem mágica comigo. Costurando novas camadas de pele em meu corpo em carne viva. Convencendo as células a pensar que pertencem a mim. Manipulando as partes do meu corpo, envergando e esticando os membros para assegurar um encaixe perfeito. Não paro de ouvir que tenho muita sorte. Meus olhos foram poupados. A maior parte do meu rosto foi poupada. Meus pulmões estão reagindo bem ao tratamento. Vou ficar novinha em folha.

Quando minha pele suave fica rígida o suficiente para suportar a pressão dos lençóis, mais visitantes aparecem. O morfináceo abre a porta para os mortos e para os vivos sem discriminações. Haymitch, amarelo e sério. Cinna, costurando um novo vestido de noiva. Delly, com sua conversa fiada sobre como as pessoas são legais. Meu pai canta todas as quatro estrofes de “A árvore-forca” e me lembra que minha mãe – que dorme numa cadeira entre um turno e outro – não pode saber disso.

Um dia eu acordo, seguindo todas as expectativas, e sei que não terei permissão de viver em meu mundo de sonhos. Terei de me alimentar pela

boca. Mover eu própria os meus músculos. Ir ao banheiro. Uma breve aparição da presidenta Coin confirma isso.

– Não se preocupe – diz ela. – Eu o guardei para você.

A perplexidade dos médicos só aumenta em relação aos motivos pelos quais eu não consigo falar. Muitos testes são feitos e, apesar de haver danos às minhas cordas vocais, o problema não parece decorrer disso. Finalmente, dr. Aurelius, o médico-chefe, aparece com a teoria de que me tornei uma Avox mental em vez de física. Que o meu silêncio ocorre em função de um trauma emocional. Embora tenha sido apresentado a uma centena de remédios possíveis, ele pede que me deixem em paz. Então, não pergunto sobre ninguém ou sobre coisa alguma, mas as pessoas trazem para mim um fluxo estável de informações. Sobre a guerra: a Capital foi tomada no dia em que os paraquedas caíram, a presidenta Coin agora está no comando de Panem e tropas foram enviadas para sufocar os pequenos bolsões de resistência da Capital. Sobre o presidente Snow: ele está detido, esperando o julgamento e a quase certa execução. Sobre a equipe que me auxiliaria no assassinato: Cressida e Pollux foram enviados aos distritos para fazer a cobertura dos destroços da guerra. Gale, que levou três tiros numa tentativa de fuga, está eliminando Pacificadores no 2. Peeta ainda está na unidade de queimaduras. Ele conseguiu, por fim, chegar ao Círculo da Cidade. Sobre a minha família: minha mãe sufoca o pesar com trabalho.

Desprovida de trabalho, o pesar me sufoca. Tudo que faz com que eu continue seguindo em frente é a promessa de Coin. De que eu posso matar Snow. E quando isso for feito, nada mais restará.

Por fim, recebo alta do hospital e um quarto na mansão da presidenta para compartilhar com a minha mãe. Ela quase nunca fica lá, faz as refeições e dorme no trabalho. Haymitch acaba sendo incumbido de cuidar de mim, de garantir que eu coma e tome os medicamentos. Não é uma tarefa das mais simples. Retorno ao meu antigo hábito do Distrito 13. Vagar pela mansão sem autorização. Entrar em quartos e escritórios, salões de baile e banheiros. Procurar pequenos espaços para me esconder. Um closet cheio de peles. Um gabinete na biblioteca. Uma banheira há muito tempo esquecida numa sala ocupada por móveis descartados. Meus lugares são parcamente iluminados e quietos, e impossíveis de serem descobertos. Eu me enrosco, fico menor, tento desaparecer completamente. Envolta em silêncio, giro minha pulseira onde está escrito MENTALMENTE DESORIENTADA várias vezes em torno do pulso.

Meu nome é Katniss Everdeen. Tenho dezessete anos. Meu lar é o Distrito 12. Não existe mais Distrito 12. Eu sou o Tordo. Eu derrubei a Capital. O presidente Snow me odeia. Ele matou a minha irmã. Agora eu vou matá-lo. E então os Jogos Vorazes acabarão...

Periodicamente, descubro que estou de volta ao meu quarto, sem ter certeza se fui levada pela necessidade de morfináceo ou se Haymitch me encontrou. Como a comida, tomo o remédio e sou aconselhada a tomar banho. Não é a água o que me preocupa, mas o espelho que reflete meu corpo nu de bestante-fogo. Os enxertos de pele ainda retêm uma coloração rosada de bebê recém-nascido. A pele tida como destruída, porém salva, parece vermelha, quente, e derretida em alguns pontos. Pedaços do meu antigo eu brilham numa palidez branca. Sou algo como uma bizarra colcha de retalhos de pele. Partes de meus cabelos foram totalmente queimados; o resto foi completamente cortado num comprimento esquisito. Katniss Everdeen, a garota em chamas. Eu não ligaria muito para isso, exceto pelo fato de que a visão de meu corpo me traz lembranças de dor. E os motivos pelos quais eu senti dor. E o que aconteceu pouco antes de a dor começar. E como assisti à minha irmãzinha tornar-se uma tocha humana.

Fechar os olhos não ajuda. O fogo queima mais intensamente na escuridão.

Dr. Aurelius aparece de vez em quando. Gosto dele porque não fica falando coisas idiotas do tipo: que estou totalmente a salvo, ou que ele sabe que não consigo ver isso agora, mas algum dia serei feliz novamente, ou mesmo que as coisas agora vão ficar melhores em Panem. Ele apenas pergunta se estou com vontade de conversar e, como não respondo, ele cai no sono, na cadeira. Na realidade, acho que as visitas dele são motivadas em larga medida pela necessidade que ele tem de tirar uma soneca. O arranjo funciona para nós dois.

O momento se aproxima, embora não soubesse dizer as horas e os minutos com exatidão. O presidente Snow foi julgado e condenado à morte. Haymitch me conta, ouço conversas a esse respeito quando passo pelos guardas nos corredores. Meu traje de Tordo chega em meu quarto. Também meu arco, não parecendo gasto, mas sem aljava ou flechas. Ou porque ficaram inutilizadas ou, mais provável, porque não tenho permissão para portar armas. Imagino vagamente se deveria estar, de uma forma ou de outra, me preparando para o evento, mas nada me ocorre.

Num determinado fim de tarde, depois de um longo período numa poltrona acolchoada perto da janela, situada atrás de uma tela pintada, eu me levanto e dobro à esquerda em vez de à direita. Me encontro em uma parte estranha da mansão, e imediatamente fico desorientada. Ao contrário da área onde ficam meus aposentos, não parece haver ninguém por perto a quem perguntar. Mas eu gosto disso. Gostaria muito de ter achado este lugar antes. É tão silencioso, com carpetes grossos e pesadas tapeçarias que abafam o som. Suavemente iluminado. Cores neutras. Tranquilo. Até eu sentir o cheiro de rosas. Mergulho atrás de uma cortina, trêmula demais para correr, enquanto espero os bestantes. Finalmente, percebo que não há nenhum bestante a caminho. Então que cheiro é esse que estou sentindo? Rosas de verdade? Será possível que poderia estar perto do jardim onde crescem as tais coisas nefastas?

Enquanto percorro sorrateiramente o corredor, o odor fica ainda mais acentuado. Talvez não tão forte quanto o dos bestantes de verdade, porém mais puro, porque não está competindo com esgoto nem com explosivos. Dobro uma esquina e flagro a mim mesma olhando para dois guardas surpresos. Não Pacificadores, é claro. Não existem mais Pacificadores. Mas também não são os soldados bem-apessoados de uniforme cinza do 13. Esses dois, um homem e uma mulher, usam as roupas rasgadas e puídas dos rebeldes de verdade. Ainda com curativos e com a aparência desolada, eles estão agora vigiando a porta que dá acesso às rosas. Quando tento entrar, as armas deles formam um X na minha frente.

– Você não pode entrar, mocinha – diz o homem.

– Soldado – corrige a mulher. – Você não pode entrar, soldado Everdeen. Ordens da presidenta.

Fico lá, em pé pacientemente, esperando que eles baixem suas armas, que eles compreendam, sem que precise lhes dizer nada, que atrás daquela porta encontra-se algo de que necessito. Apenas uma rosa. Uma única flor. Para ser colocada na lapela de Snow antes de eu atirar nele. Minha presença parece preocupar os guardas. Eles estão discutindo a possibilidade de ligar para Haymitch, quando uma mulher fala atrás de mim:

– Deixem-na entrar.

Eu conheço a voz, mas não consigo identificá-la de imediato. Não é da Costura, não é do 13, definitivamente não é da Capital. Giro a cabeça e me encontro cara a cara com Paylor, a comandante do 8. Ela parece ainda mais arrebentada do que estava no hospital, mas quem não parece estar assim?

– Eu assumo a responsabilidade – diz Paylor. – Ela tem direito a qualquer coisa que esteja atrás daquela porta. – Esses guardas são soldados dela, não de Coin. Eles abaixam as armas sem questionamentos e me deixam passar.

No fim de um corredor curto, abro as portas de vidro e piso no interior do cômodo. Agora o cheiro já está tão forte que começa a se estabilizar, como se meu nariz não conseguisse absorver mais do que aquilo. O ar úmido e suave proporciona uma sensação boa na minha pele quente. E as rosas são gloriosas. Fileiras e mais fileiras de suntuosas florações: um tom de rosa luxuriante, um laranja da cor do pôr do sol e até mesmo um azul pálido. Vago pelas fileiras de plantas cuidadosamente podadas, olhando, mas não tocando, porque aprendi da pior forma possível o quanto essas belezinhas podem ser mortíferas. Sei no exato instante em que a vejo, coroando o topo de um arbusto esguio. Um magnífico botão branco apenas começando a se abrir. Puxo a manga esquerda da camisa por cima da mão para que minha pele não seja obrigada a tocá-la, pego uma tesoura de poda e estou acabando de posicioná-las no talo quando ele fala:

– Essa é bonita.

Minha mão se contorce, a tesoura se fecha, ferindo o talo.

– As cores são adoráveis, é claro, mas nada fala a língua da perfeição como o branco.

Ainda não consigo vê-lo, mas sua voz parece se elevar de um leito adjacente de rosas. Pegando delicadamente o talo do botão através do tecido da manga, giro o corpo lentamente e o encontro sentado num banquinho encostado à parede. Ele está muito bem tratado e muito bem-vestido como sempre, mas suportando o peso dos grilhões nos pulsos e nos tornozelos, e os dispositivos de rastreamento. Na luz clara, sua pele está pálida, com uma tonalidade doentiamente esverdeada. Ele está segurando um lenço branco com pontinhos de sangue recente. Mesmo nesse estado deteriorado, seus olhos de serpente brilham com intensidade e frieza.

– Tinha esperança de que você achasse o caminho até meus aposentos.

Os aposentos dele. Invadi a casa dele, da mesma maneira que ele invadiu a minha no ano passado, sibilando ameaças com seu hálito sangrento de rosa. Esta estufa é um dos quartos dele, talvez seu favorito; talvez em tempos melhores ele cuidasse das plantas pessoalmente. Mas agora o local faz parte de sua prisão. Foi por isso que os guardas me impediram de entrar. E foi por isso que Paylor me deixou entrar.

Eu tinha imaginado que ele estaria preso no mais fundo calabouço que a Capital tinha a oferecer, não confortavelmente instalado no colo de tanto luxo. No entanto, Coin o deixou aqui. Para estabelecer um precedente, acredito eu. Para que, se no futuro ela viesse a cair em desgraça, estaria subentendido que presidentes – inclusive os mais desprezíveis – receberiam tratamento especial. Afinal de contas, quem é que pode saber quando o poder dela própria se esvairá?

– Há muitas coisas que devíamos discutir, mas tenho a sensação de que sua visita será breve. Então, vamos logo às coisas mais importantes. – Ele começa a tossir, e quando retira o lenço da boca, fica ainda mais vermelho. – Queria que você soubesse o quanto estou sentido com a morte de sua irmã.

Mesmo em meu estado drogado e amortecido, essas palavras me proporcionam uma dor pungente que percorre todo o meu corpo. Me lembrando que não há limites para a crueldade dele. E que ele irá para sua sepultura tentando me destruir.

– Uma tamanha perda, absolutamente desnecessária. Qualquer um poderia ver que o jogo já estava acabado naquele estágio. Na verdade, eu estava prestes a emitir uma rendição oficial quando soltaram aqueles paraquedas. – Os olhos dele estão grudados nos meus, de modo a não perder um segundo sequer de minha reação. Mas o que ele disse não faz sentido. Quando *eles* soltaram os paraquedas? – Bom, não passou realmente pela sua cabeça que eu dei aquela ordem, passou? Esqueça o fato óbvio de que se eu tivesse um aerodeslizador funcionando à minha disposição, eu o estaria usando em uma tentativa de fuga. Mas, fora isso, a que propósito isso serviria? Ambos sabemos que não vejo problema em matar crianças, mas não tolero desperdícios fúteis. Tiro vidas por motivos bem específicos. E não havia nenhum motivo para que eu destruísse um cercado cheio de crianças da Capital. Verdadeiramente nenhum motivo.

Imagino se o próximo ataque de tosse será encenado para que eu possa ter tempo de absorver suas palavras. Ele está mentindo. É claro que está mentindo. Mas também tem algo lutando para se libertar da mentira.

– Entretanto, devo admitir que Coin executou um movimento de mestre. A ideia de que eu estava bombardeando nossas próprias crianças indefesas pôs por terra instantaneamente qualquer fidelidade que meu povo ainda pudesse ter em relação a mim. Não houve mais nenhuma resistência efetiva após isso. Você sabia que isso foi transmitido ao vivo? Dá para

enxergar o dedo de Plutarch nisso. E nos paraquedas. Bom, é esse tipo de pensamento que você procura num Chefe dos Idealizadores dos Jogos, não é? – Snow limpa os cantos da boca. – Tenho certeza de que ele não estava focando a sua irmã, mas esse tipo de coisa acontece.

Não estou com Snow agora. Estou de volta ao 13, ao Arsenal Especial, com Gale e Beetee. Olhando para os desenhos baseados nas armadilhas de Gale. Que brincava com a solidariedade humana. A primeira bomba matou as vítimas. A segunda, a equipe de resgate. Lembrando as palavras de Gale: "Beetee e eu estamos seguindo o mesmo código de regras que o presidente Snow usou quando telessequestrou Peeta."

– A minha falha – diz Snow –, foi ter sido lento demais em entender o plano de Coin. Deixar que a Capital e os distritos destruíssem uns aos outros e depois avançar para tomar o poder com o 13 praticamente sem nenhum arranhão. Não se engane, desde o início ela tinha a intenção de tomar meu lugar. Isso não devia ter me surpreendido. Afinal de contas, foi o 13 que iniciou a rebelião que levou aos Dias Escuros e depois abandonou o resto dos distritos quando a maré virou. Mas eu não estava acompanhando os movimentos de Coin. Estava acompanhando os seus, Tordo. Temo que nós dois tenhamos sido feitos de bobos.

Me recuso a aceitar que isso seja verdade. Há coisas às quais é impossível sobreviver. Pronuncio minhas primeiras palavras desde a morte de minha irmã:

– Eu não acredito em você.

Snow balança a cabeça numa fingida decepção.

– Ah, minha querida srta. Everdeen. Pensei que nós havíamos acordado não mentir um para o outro.

No corredor, encontro Paylor em pé exatamente no mesmo ponto.

– Achou o que estava procurando? – pergunta ela.

Ergo a rosa branca em resposta e em seguida passo por ela aos tropeções. Devo ter conseguido voltar para o meu quarto, porque a próxima coisa que sei é que estou enchendo um copo com água da torneira do banheiro e enfiando a rosa nele. Caio de joelhos no ladrilho frio, e estreito os olhos para a flor, já que é difícil de focalizar a brancura na forte luz fluorescente. Meu dedo pega a parte interna da pulseira, girando-a como se fosse um torniquete, machucando o meu pulso. Espero que a dor me ajude a permanecer no mundo real da mesma maneira que ajudou Peeta. Eu preciso aguentar. Preciso saber a verdade sobre o que aconteceu.

Há duas possibilidades, embora os detalhes associados a elas possam variar. A primeira, como eu acreditava, era que a Capital enviara aquele aerodeslizador, soltara os paraquedas e sacrificara as vidas de suas crianças, ciente de que os rebeldes recém-chegados iriam socorrê-las. Há evidências que sustentam isso. A insígnia da Capital no aerodeslizador, a falta de qualquer tentativa de explodir o inimigo em pleno ar e o longo histórico que a Capital possui na utilização de crianças como bucha de canhão em sua batalha contra os distritos. E há também o relato de Snow. Afirmando que um aerodeslizador da Capital pilotado por rebeldes bombardeou as crianças para que a guerra tivesse um fim rápido. Mas se foi esse o caso, por que a Capital não atirou no inimigo? Será que o elemento surpresa os deixou sem ação? Será que não tinham mais nenhuma defesa? Crianças são preciosas para o 13, pelo menos foi o que sempre pareceu. Bom, talvez não eu. Uma vez que eu tivesse sobrevivido à minha utilidade, seria considerada dispensável. Embora ache que faz muito tempo que não sou mais considerada criança nessa guerra. E por que fariam isso, sabendo que seus próprios médicos provavelmente responderiam ao chamado e seriam atingidos pelo segundo ataque? Eles não fariam isso. Não poderiam fazer isso. Snow está mentindo. Está me manipulando como sempre fez. Esperando me colocar contra os rebeldes e possivelmente destruí-los. Sim. É claro.

Então o que será que está me perturbando? Primeiro, as tais bombas que explodiram duas vezes. Não que a Capital não pudesse ter a mesma arma, é que eu tenho certeza de que os rebeldes tinham. O invento de Gale e Beetee. Também tem o fato de que Snow não fez nenhuma tentativa de fuga, e sei que ele é um sobrevivente consumado. Parece difícil acreditar que ele não tivesse um esconderijo em algum lugar, algum bunker com estoque de provisões onde pudesse viver o resto de sua vidinha de serpente. E, finalmente, tem a avaliação que ele faz de Coin. O que é irrefutável é o fato de ela ter feito exatamente o que ele disse. Deixou a Capital e os distritos enfrentarem-se uns aos outros no campo de batalha e depois apareceu toda lépida e fagueira para tomar o poder. Mesmo que esse tenha sido o plano dela, isso não significa que ela tenha soltado aqueles paraquedas. A vitória já estava nas mãos dela. Tudo estava nas mãos dela.

Exceto eu.

Relembro a reação de Boggs quando admiti que não havia pensado muito a respeito de quem seria o sucessor de Snow. “Se sua resposta imediata não é Coin, então você representa uma ameaça. Você é a cara da rebelião. Você talvez tenha mais influência que qualquer outra pessoa. Ficou claro que você, no máximo, só tolera a mulher.”

De repente, estou pensando em Prim, que ainda não tinha nem quatorze anos, não tinha nem idade suficiente para receber o título de soldado, mas trabalhava, de uma forma ou de outra, nas linhas de frente. Como uma coisa como essa foi acontecer? Que minha irmã de fato desejou estar naquele lugar, disso não tenho a menor dúvida. Que ela seria mais capaz que muitos outros mais velhos do que ela é fato. Mas apesar de tudo isso, alguém num posto muito elevado teria de aprovar o envio de uma menina de treze anos ao campo de batalha. Será que Coin fez isso na esperança de que a perda de Prim pudesse me tirar completamente a razão? Ou, pelo menos, me colocar firmemente do lado dela? Eu nem teria precisado testemunhar a coisa em pessoa. Inúmeras câmeras fariam a cobertura direto do Círculo da Cidade, captando o momento para a eternidade.

Não, agora estou ficando louca, estou resvalando para um certo estado de paranoia. Muitas pessoas saberiam da missão. Notícias se espalhariam. Ou não? Quem teria de saber além de Coin, Plutarch e um grupo pequeno, leal ou facilmente descartável?

Preciso muito de ajuda para elucidar essa questão, só que todos em quem eu confio estão mortos. Cinna, Boggs. Finnick. Prim. Tem o Peeta, mas ele não poderia fazer muito mais do que especular, e quem pode saber em que estado se encontra a cabeça dele, além disso? Resta apenas Gale. Ele está muito longe, mas mesmo que estivesse ao meu lado, será que poderia me abrir para ele? O que poderia dizer, como poderia dizer isso sem dar a entender que foi a bomba dele que matou Prim? A impossibilidade dessa ideia, mais que qualquer outra, é o que me faz pensar que Snow deve estar mentindo.

Por fim, só há uma pessoa a quem recorrer que talvez possa saber a verdade sobre o que aconteceu e talvez ainda esteja do meu lado. A simples menção do assunto será arriscada. Mas apesar de pensar que Haymitch pode muito bem ter feito de mim um joguete na arena, não acho que ele me trairia pela Coin. Independentemente de todos os problemas que podemos ter um com o outro, preferimos resolver nossas diferenças cara a cara.

Passo pela porta cambaleando, atravesso o corredor e entro em seu quarto. Ao perceber que ninguém atende às minhas batidas, empurro a porta e entro. Ugh. É impressionante a rapidez com a qual ele consegue arrasar um espaço. Pratos de comida pela metade, cacos de vidro de garrafas de bebida e pedaços de móveis quebrados, oriundos de algum rompante de embriaguez estão espalhados por seus aposentos. Ele está deitado na cama, desgrenhado e sujo, envolto num emaranhado de lençóis, desmaiado.

– Haymitch – digo, sacudindo a perna dele. É claro que isso é insuficiente. Mas faço mais algumas tentativas antes de despejar a água da jarra em seu rosto. Ele volta a si com um arquejo, debatendo-se cegamente com a faca em punho. Aparentemente, o término do reinado de Snow não significou o término do terror dele.

– Ah. Você – diz ele. Percebo, por sua voz, que ainda está bem alto.

– Haymitch – começo.

– Escuta só isso. O Tordo reencontrou sua voz. – Ele ri. – Bom, Plutarch vai ficar feliz. – Ele toma um gole de uma garrafa. – Por que estou todo encharcado? – Solto a jarra d'água em cima de uma pilha de roupa suja atrás de mim de modo pouco convincente.

– Preciso da sua ajuda – digo.

Haymitch arrota, enchendo o ar com vapores de aguardente branca.

– O que é, queridinha? Mais algum problema com garotos? – Não sei por quê, mas isso me magoa de um jeito que Haymitch raramente consegue. E deve ter ficado estampado em meu rosto, porque mesmo em seu estado de embriaguez, ele tenta reconsiderar. – Tudo bem, não foi engraçado. – Já estou na porta pronta para ir embora. – Eu disse que não foi engraçado! Volte aqui! – Pelo barulho que o corpo dele emitiu ao atingir o chão, imagino que tenha tentado me seguir, mas não há sentido em voltar.

Ando em zigue-zague pela mansão e desapareço dentro de um guarda-roupa cheio de coisas de seda. Arranco tudo dos cabides até obter uma pilha e então me enfurno dentro dela. Em meu bolso, encontro um tablete de morfináceo e o engulo a seco para segurar o acesso de histeria que se aproxima. Mas não é o suficiente para colocar as coisas nos eixos. Ouço Haymitch me chamando ao longe, mas ele não vai me achar no estado em que se encontra. Principalmente aqui nesse novo local que descobri. Envolta em seda, me sinto uma lagarta num casulo à espera da metamorfose. Sempre supus que essa fosse uma condição tranquila. No início, é. Mas à medida que a noite avança, sinto-me mais e mais presa numa armadilha, sufocada pelos tecidos escorregadios, incapaz de emergir e me transformar em algo belo. Eu me contorço, tentando me livrar de meu corpo arruinado e desvendar o segredo do surgimento de asas perfeitas. Apesar do enorme esforço, permaneço uma criatura hedionda, minha forma atual moldada pelo fogo através da explosão das bombas.

O encontro com Snow abre a porta para meu antigo repertório de pesadelos. É como ser novamente picada por teleguiadas. Uma onda de imagens horrendas com uma breve pausa que confundo com o despertar – só para descobrir uma nova onda me atormentando. Quando os guardas finalmente me localizam, estou sentada no chão do guarda-roupa, num emaranhado de seda, berrando sem parar. No primeiro momento, luto com eles, até que me convencem de que estão tentando me ajudar, retiram camada por camada das roupas que estavam me sufocando e me acompanham de volta a meu quarto. No caminho, passamos por uma janela e vejo a manhã cinza e cheia de neve se espalhando pela Capital.

Um Haymitch cheio de ressaca espera com um punhado de pílulas e uma bandeja de comida que nenhum de nós dois tem estômago para encarar. Ele faz uma tímida tentativa de fazer com que eu fale novamente, mas, vendo que é inútil, me manda para uma banheira que alguém encheu. A banheira é funda e tem três degraus. Eu me abaixo na água morna e me

sento, com espuma até o pescoço, na esperança de que os remédios façam logo efeito. Meus olhos fixam-se na rosa que desabrochou durante a noite, preenchendo o ar esfumaçado com seu perfume forte. Eu me levanto e pego a toalha para abafar o cheiro quando ouço uma batida hesitante e a porta do banheiro se abre revelando três rostos familiares. Eles tentam sorrir para mim, mas nem mesmo Venia consegue esconder o choque diante da visão de meu destroçado corpo de bestante.

– Surpresa! – grita Octavia, e em seguida tem um ataque de choro. Começo a me esforçar para entender o motivo do reaparecimento deles quando percebo que só pode ser isso: hoje é o dia da execução. Vieram me preparar para as câmeras. Vieram me transformar novamente em Base Zero de Beleza. Não são à toa as lágrimas de Octavia. É uma tarefa impossível.

Eles mal conseguem tocar a colcha de retalhos que é a minha pele por temerem me machucar, então eu mesma me lavo e me seco. Digo a eles que a dor agora é praticamente imperceptível, mas Flavius ainda estremece enquanto cobre meu corpo com um robe. No quarto, encontro mais uma surpresa. Sentada numa cadeira com o corpo ereto. Brilhante devido à peruca em tom dourado metálico e aos sapatos de salto alto em couro legítimo, segurando uma prancheta. Não mudou nada, a não ser pelo olhar vago.

– Effie – digo.

– Oi, Katniss. – Ela se levanta e me beija no rosto como se nada houvesse acontecido desde o nosso último encontro, na noite anterior ao Massacre Quaternário. – Bom, parece que teremos mais um grande, grande, grande dia pela frente. Então por que você não começa a sua preparação enquanto eu verifico em que pé está a organização do evento?

– Tudo bem – digo, com ela já de costas para mim.

– Dizem que Plutarch e Haymitch passaram um sufoco danado para conseguir que ela não fosse morta – comenta Venia entre os dentes. – Ela foi presa depois que você fugiu, então isso acabou ajudando.

É meio forçação de barra, uma Effie Trinket rebelde. Mas não quero que Coin a mate, de modo que faço uma anotação mental para apresentá-la assim se alguém perguntar alguma coisa.

– Eu acho que, afinal de contas, foi bom vocês três terem sido sequestrados por Plutarch.

– Nós somos a única equipe de preparação ainda viva. E todos os estilistas do Massacre Quaternário estão mortos – diz Venia. Ela não diz

quem os matou especificamente. Fico imaginando se isso tem alguma importância. Ela pega cautelosamente uma das minhas mãos cheias de cicatrizes e a segura para realizar uma inspeção. – Agora, o que você pensou para as unhas? Vermelho ou quem sabe bem preto?

Flavius efetua um milagre estético em meus cabelos, conseguindo distribuí-los igualmente na frente e fazendo com que os cachos mais longos escondam os pontos calvos na parte de trás. Meu rosto, poupado das chamas, não apresenta nenhum desafio novo, além dos já tradicionais. Assim que visto o traje do Tordo, de Cinna, as únicas cicatrizes visíveis estão no pescoço, nos antebraços e nas mãos. Octavia prende meu broche em cima do coração e damos um passo para trás para olhar no espelho. Não consigo acreditar o quanto eles conseguiram fazer com que eu parecesse normal pelo lado de fora, quando pelo lado de dentro estou tão devastada.

Ouço alguém batendo na porta e Gale entra.

– Posso falar com você um minutinho? – pergunta ele. No espelho, observo minha equipe de preparação. Sem saber ao certo para onde ir, eles dão alguns encontrões uns nos outros e então se fecham no banheiro. Gale se aproxima atrás de mim e examinamos um o reflexo do outro. Estou atrás de algo em que me apoiar, algum sinal da garota e do garoto que se conheceram por acaso na floresta cinco anos atrás e se tornaram inseparáveis. Fico imaginando o que teria acontecido a eles se os Jogos Vorazes não tivessem colhido a garota. Se ela teria se apaixonado pelo garoto, ou mesmo se casado com ele. E em algum momento do futuro, quando os irmãos e irmãs estivessem crescidos, fugido com ele para a floresta e abandonado o 12 para sempre. Será que eles teriam sido felizes naquele ambiente selvagem, ou será que a tristeza sombria e distorcida entre os dois teria crescido, mesmo sem a ajuda da Capital?

– Trouxe isso aqui para você. – Gale estende uma aljava. Quando a pego, reparo que contém uma única flecha comum. – É para ser uma coisa simbólica. Você dando o último tiro da guerra.

– E se eu errar? – digo. – Será que Coin vai retirar a flecha e trazê-la de volta para mim? Ou vai simplesmente dar um tiro ela própria na cabeça de Snow?

– Você não vai errar. – Gale ajusta a aljava em meu ombro.

Ficamos lá parados, cara a cara, sem trocar olhares.

– Você não foi me visitar no hospital. – Ele não responde, então por fim eu digo apenas: – Aquela bomba era das suas?

– Não sei. E Beetee também não sabe – diz ele. – Faz alguma diferença? Você nunca vai deixar de pensar nisso.

Ele espera que eu negue; quero negar, mas é verdade. Até agora consigo ver o lampejo que a detonou; sentir o calor das chamas. E jamais serei capaz de separar aquele momento de Gale. Meu silêncio é minha resposta.

– A minha única responsabilidade era cuidar da sua família – diz ele. – Vê se atira direito, certo? – Ele toca minha bochecha e sai. Quero chamá-lo de volta e dizer que estava enganada. Que vou achar uma maneira de fazer as pazes com isso. Lembrar as circunstâncias sob as quais ele criou a bomba. Levar em consideração meus próprios crimes indesculpáveis. Desenterrar a verdade sobre quem soltou os paraquedas. Provar que não foram os rebeldes. Perdoá-lo. Mas como não consigo, serei obrigada a conviver com a dor.

Effie aparece para me conduzir às pressas a alguma espécie de reunião. Pego meu arco e no último minuto me lembro da rosa, brilhando em seu copo com água. Quando abro a porta do banheiro, encontro minha equipe de preparação sentada em fila na borda da banheira, curvada e derrotada. Lembro que não sou a única pessoa cujo mundo lhe foi retirado abruptamente.

– Vamos nessa – digo a eles. – Temos uma audiência esperando por nós.

Espero uma reunião de produção na qual Plutarch me instruirá sobre onde terei de ficar e me dará a deixa para atirar em Snow. Em vez disso, sou enviada a uma sala na qual seis pessoas estão sentadas ao redor de uma mesa. Peeta, Johanna, Beetee, Haymitch, Annie e Enobaria. Todos estão usando os uniformes cinzentos dos rebeldes do 13. Ninguém está com uma aparência exatamente boa.

– O que é isto? – digo.

– Não temos certeza – responde Haymitch. – Parece ser uma reunião dos vitoriosos que sobraram.

– Nós somos tudo que sobrou? – pergunto

– O preço da celebridade – diz Beetee. – Fomos alvejados dos dois lados. A Capital matou os vitoriosos que eles desconfiavam serem rebeldes. Os rebeldes mataram os que eles pensavam serem aliados da Capital.

Johanna franze o cenho para Enobaria.

– E o que é que ela está fazendo aqui afinal de contas?

– *Ela* está sob a proteção do que nós chamamos de Acordo do Tordo – diz Coin ao entrar, atrás de mim. – No qual Katniss Everdeen concordou em apoiar os rebeldes em troca de imunidade para os vitoriosos capturados. Katniss sustentou sua parte no acordo. E devemos fazer o mesmo.

Enobaria sorri para Johanna.

– Não fica aí toda prosa, não – diz Johanna. – A gente vai acabar com você de um jeito ou de outro.

– Sente-se, por favor, Katniss – diz Coin, fechando a porta. Sento-me entre Annie e Beetee, colocando a rosa de Snow em cima da mesa com todo o cuidado. Como de costume, Coin vai direto ao ponto: – Chamei vocês aqui para estabelecer um debate. Hoje executaremos Snow. Nas semanas anteriores, centenas de seus cúmplices na opressão a Panem foram julgados e agora estão à espera de suas próprias execuções. Todavia, o sofrimento nos distritos foi tão extremo que essas medidas parecem insuficientes às vítimas. Na realidade, muitas delas estão clamando por uma completa aniquilação de todos os portadores de cidadania da Capital. Entretanto, no interesse de manter uma população sustentável, não podemos nos dar a esse luxo.

Através da água no copo, vejo uma imagem distorcida de uma das mãos de Peeta. As marcas de queimadura. Nós dois somos agora bestantes do fogo. Meus olhos viajam até o local onde as chamas lamberam sua testa, crestando suas sobrancelhas, mas poupando seus olhos. Aqueles mesmos olhos azuis que costumavam encontrar os meus para em seguida desviarem-se para outra direção na época da escola. Exatamente como estão fazendo agora.

– Então, uma alternativa foi colocada na mesa. Como meus colegas e eu não estamos conseguindo chegar a um consenso, foi acordado que deixaremos os vitoriosos decidirem. Uma maioria de quatro aprovará o plano. Ninguém poderá se abster de votar – diz Coin. – O que foi proposto é que em vez de eliminar toda a população da Capital, nós tenhamos uma edição final e simbólica dos Jogos Vorazes, usando as crianças relacionadas diretamente àqueles que tinham mais poder.

Todas as sete pessoas se voltam para ela.

– O quê? – diz Johanna.

– Nós realizaremos uma outra edição dos Jogos Vorazes, usando crianças da Capital – diz Coin.

– Isso só pode ser uma piada – diz Peeta.

– Não. Eu também deveria dizer a vocês que, se realizarmos os Jogos, será de conhecimento público que ele terá sido feito com a aprovação de vocês, embora o conteúdo individual de seus votos seja mantido em segredo para a sua própria segurança – diz Coin.

– Isso por acaso foi ideia de Plutarch? – pergunta Haymitch.

– A ideia foi minha – diz Coin. – Ela me pareceu equilibrar a necessidade de vingança com o mínimo desperdício de vidas. Podem votar.

– Não! – explode Peeta. – Eu voto não, é claro! A gente não pode ter mais uma edição dos Jogos Vorazes!

– Por que não? – retruca Johanna. – Parece bastante justo para mim. O Snow tem até uma neta. Eu voto sim.

– Eu também – diz Enobaria, quase indiferente. – Deixe-os sentir o sabor do próprio remédio.

– Foi por causa disso que a gente se rebelou! Vocês se esqueceram? – Peeta olha para todos nós. – Annie?

– Estou com Peeta. Não – diz ela. – E Finnick também votaria assim se estivesse aqui.

– Mas não está, porque os bestantes do Snow acabaram com ele – lembra Johanna.

– Não – diz Beetee. – Isso estabeleceria um precedente ruim. Precisamos parar de enxergar uns aos outros como inimigos. No atual estágio, união é essencial para a nossa sobrevivência. Não.

– Restam Katniss e Haymitch – diz Coin.

Quer dizer então que foi assim? Mais ou menos setenta e cinco anos atrás? Será que um grupo de pessoas se sentou ao redor de uma mesa e votou por dar início aos Jogos Vorazes? Será que houve dissensão? Será que alguém defendeu o perdão e foi derrotado pelos que clamavam pela morte das crianças dos distritos? O cheiro da rosa de Snow se enrosca em meu nariz e desce pela minha garganta, comprimindo-a em desespero. Todas aquelas pessoas que eu amava, mortas. E nós aqui discutindo os próximos Jogos Vorazes numa tentativa de evitar novas perdas de vida. Nada mudou. Nada jamais mudará agora.

Eu sopeso minhas opções com muito cuidado, avalio todas as possibilidades. Sem tirar os olhos da rosa, digo:

– Eu voto sim... pela Prim.

– Haymitch, só falta você – diz Coin.

Um Peeta furioso martela Haymitch com a atrocidade à qual ele próprio poderia se tornar afiliado, mas sinto que Haymitch está olhando para mim. Então, esse é o momento. Em que descobrimos como somos tão exatamente iguais, e o quanto ele verdadeiramente me compreende.

– Estou com o Tordo – diz ele.

– Excelente. Isso encerra a votação – diz Coin. – Agora podemos de fato tomar nossos lugares para a execução.

Quando ela passa por mim, levanto o copo com a rosa.

– Você pode cuidar para que Snow esteja usando isso aqui bem em cima do coração?

Coin sorri.

– É claro. E com certeza ele ficará sabendo dos Jogos.

– Obrigada – digo.

Algumas pessoas entram na sala, cercam-me. O último retoque de pó de arroz, as instruções de Plutarch enquanto sou conduzida às portas da frente da mansão. O Círculo da Cidade está apinhado, transbordando de gente até as ruas adjacentes. Os outros tomam seus lugares do lado de fora. Guardas. Funcionários. Líderes rebeldes. Vitoriosos. Ouço os gritos entusiasmados que indicam que Coin apareceu na sacada. Então Effie Trinket me dá um tapinha no ombro, e avanço em direção ao gelado sol de inverno. Caminho até minha posição, acompanhada do ensurdecedor rugido da multidão. Como fui orientada, me viro para que possam ver meu perfil, e espero. Quando Snow é levado para fora, a audiência enlouquece. Suas mãos são presas atrás de um pilar, o que é desnecessário. Ele não vai a lugar nenhum. Não há para onde ir. Aquilo ali não é o palco espaçoso diante do Centro de Treinamento, mas a varanda estreita em frente à mansão da presidenta. Não é surpresa nenhuma ninguém ter se preocupado em mandar me treinar. Ele está a dez metros de distância.

Sinto o arco vibrando em minha mão. Levo a outra mão às costas e agarro uma flecha. Posiciono-a, miro na rosa, mas observo o rosto dele. Ele tosse, e um fio de sangue escorre por seu queixo. Sua língua pende por entre os lábios inchados. Examino seus olhos em busca do menor sinal do que quer que seja: medo, remorso, raiva. Mas encontro apenas a mesma expressão divertida que encerrou nossa última conversa. É como se ele estivesse falando as palavras novamente: “Ah, minha querida srta. Everdeen. Pensei que havíamos acordado não mentir um para o outro.”

Ele está certo. Nós fizemos esse acordo.

A ponta da minha flecha move-se para cima. Solto a corda. E a presidenta Coin desaba na lateral da varanda, mergulhando no chão. Morta.

Na reação estupefata que se segue, reconheço um som. A risada de Snow. Uma horrível gargalhada gutural acompanhada de sangue espumoso que irrompe quando a tosse começa. Vejo-o curvar-se para a frente, cuspindo a própria vida, até que os guardas o tiram de meu campo de visão.

À medida que os uniformes cinzentos começam a convergir sobre mim, imagino que tipo de coisas o meu breve futuro como assassina da nova presidenta de Panem terá me reservado. O interrogatório, a provável tortura, a líquida e certa execução pública. Ter de, mais uma vez, dar minhas despedidas ao punhado de pessoas que ainda ocupam algum espaço em meu coração. A perspectiva de encarar minha mãe, que agora ficará totalmente só no mundo, decide o desfecho da história.

– Boa noite – sussurro para o arco em minha mão, sentindo-o ficar imóvel. Ergo meu braço esquerdo e giro o pescoço para baixo com o intuito de arrancar a pílula que está na manga do meu uniforme. Em vez disso, meus dentes mordem carne. Puxo a cabeça de volta em total confusão e descubro-me olhando fixamente para os olhos de Peeta, só que dessa vez eles não procuram um outro lugar para mirar. Sangue escorre das marcas de dentes na mão que ele colocou em cima da minha pílula-cadeado. – Me solta! – rosno, tentando puxar o meu braço do aperto dele.

– Não posso – diz ele. Enquanto me afastam de Peeta, sinto o bolso ser arrancado da minha manga, vejo a pílula roxa cair no chão, observo o último presente de Cinna ser esmagado sob a bota de um guarda. Me transformo num animal selvagem, chutando, unhando, mordendo, fazendo seja lá o que for para me soltar da rede de mãos que me prendem, à medida que a multidão se aglomera ao meu redor. Os guardas me levantam acima do tumulto, onde continuo a me debater enquanto sou transportada por cima da massa de gente. Começo a gritar por Gale. Não consigo encontrá-lo em meio à turba, mas ele saberá o que quero. Um tiro certeiro para acabar logo com tudo. Só que não há flecha, não há bala. Será possível que ele não consiga me ver? Não. Acima de nós, nas telas gigantescas dispostas ao redor do Círculo da Cidade, todos podem assistir nos mínimos detalhes ao que está se passando. Ele vê, ele sabe, mas não dá prosseguimento ao ato.

Da mesma maneira que eu também não dei quando ele foi capturado. Belos caçadores e amigos que nós somos.

Estou por conta própria.

Na mansão, me algemam e colocam uma venda em meus olhos. Sou meio arrastada, meio carregada através de longas passagens, para cima e para baixo em elevadores, e depositada num piso acarpetado. As algemas são retiradas e uma porta bate atrás de mim. Quando tiro a venda, descubro que estou em meu antigo cômodo no Centro de Treinamento. Onde morei durante aqueles últimos e preciosos dias antes dos meus primeiros Jogos Vorazes e do Massacre Quaternário. A cama contém apenas o colchão, o closet está escancarado, revelando o vazio em seu interior, mas eu reconheceria esse quarto em qualquer lugar.

É uma luta para conseguir me levantar e tirar o meu traje de Tordo. Estou bastante machucada e talvez esteja com um ou dois dedos quebrados, mas foi minha pele que mais sofreu na luta com os guardas. O novo material rosado ficou arrebentado como se fosse papel-toalha e sangue escorre através das células produzidas em laboratório. Mas nenhum médico dá as caras, e como estou totalmente em outra para me importar com isso, rastejo para o colchão na expectativa de sangrar até morrer.

Mas não sou aquinhoada com essa sorte. De noite, o sangue coagula, deixando-me rígida, dolorida e pegajosa, porém ainda viva. Eu me dirijo ao chuveiro, mancando, e programo o ciclo mais suave de que consigo me lembrar, sem sabonete ou produtos capilares, e me agacho sob o jato de água morna, cotovelos sobre os joelhos, mãos na cabeça.

Meu nome é Katniss Everdeen. Por que não estou morta? Eu devia estar morta. Seria melhor para todo mundo seu eu estivesse morta...

Quando saio do boxe e piso no capacho, o ar quente assa minha pele estragada. Não há nenhuma roupa limpa para vestir. Nem mesmo uma toalha para enrolar no corpo. De volta ao quarto, descubro que o traje do Tordo sumiu. Em seu lugar, encontra-se um roupão de papel. Uma refeição foi enviada da cozinha misteriosa junto com uma caixa com os remédios que devo tomar de sobremesa. Como a comida, tomo as pílulas, esfrego a pomada na pele. Preciso me concentrar agora em como farei para me suicidar.

Me enrosco no colchão manchado de sangue, não com frio, mas me sentindo nua demais apenas com o papel para cobrir meu corpo sensível. Pular pela janela não é uma opção – o vidro deve ter uns trinta centímetros

de espessura. Sei fazer um excelente nó, mas não há onde me pendurar. Existe a possibilidade de eu ingerir todas as pílulas de uma vez e morrer de overdose, só que não tenho certeza se estou ou não sendo vigiada 24 horas por dia. Até onde sei, estou sendo transmitida ao vivo nesse exato momento, enquanto comentaristas tentam analisar o que poderia ter me motivado a matar Coin. A vigilância torna praticamente impossível quaisquer tentativas de suicídio. Tirar a minha vida é privilégio da Capital. Mais uma vez.

O que posso fazer é desistir. Decido ficar deitada na cama sem comer, beber ou tomar os remédios. Eu também poderia fazer isso. Simplesmente morrer. Se não fosse pela crise de abstinência dos morfináceos. Não aos pouquinhos como no hospital no 13, mas cheia de sintomas. Devo estar recebendo uma dose bem grande porque quando a ânsia pela droga se instala, acompanhada por tremores, dores lancinantes e um frio insuportável, minha firmeza é esmagada como uma casca de ovo. Fico de joelhos, passando os dedos no carpete para achar aquelas preciosas pílulas que joguei para o alto num momento de maior coragem. Faço uma revisão nos meus planos suicidas no sentido de obter uma morte lenta através da ingestão de morfináceos. Vou me tornar um esqueleto de pele amarelada e olhos enormes. Estou seguindo o plano há alguns dias, fazendo grandes progressos, quando uma coisa inesperada acontece.

Começo a cantar. Na janela, no chuveiro, enquanto durmo. Hora após hora de baladas, canções de amor, árias de montanha. Todas as canções que meu pai me ensinou antes de morrer, pois certamente houve pouquíssima música em minha vida desde então. O incrível é a clareza com que me lembro delas. As canções, as letras. Minha voz, a princípio áspera e se perdendo nas notas mais altas, depois de um aquecimento transforma-se em algo esplêndido. Uma voz que deixaria os tordos em silêncio e em seguida se apressando para se juntar a mim. Os dias passam, as semanas passam. Observo a neve caindo na saliência do lado de fora da janela. E durante todo esse tempo, minha própria voz é a única que ouço.

Afinal de contas, o que estão fazendo? Por que essa demora toda lá fora? Qual o motivo de tanta dificuldade para organizar a execução de uma garota assassina? Continuo com minha própria aniquilação. Meu corpo mais magro do que jamais esteve e minha batalha contra a fome tão ferrenha que às vezes minha parte animal cede à tentação do pão com manteiga ou do rosbife. Mas ainda assim, estou vencendo. Por alguns dias,

sinto-me bastante mal e penso que posso estar finalmente caminhando em direção ao fim da vida, quando percebo que meus tabletes de morfináceos estão se esgotando. Estão tentando fazer com que eu me acostume aos poucos à falta da substância. Mas por quê? Certamente um Tordo drogado será colocado diante da multidão com muito mais facilidade. E então um terrível pensamento me acomete. E se não tiverem a intenção de me matar? E se tiverem outros planos para mim? Uma nova maneira de me transformar, de me treinar e de me usar?

Não participarei disso. Se não conseguir me matar neste quarto, aproveitarei a primeira oportunidade que tiver para terminar o trabalho. Eles podem me engordar. Eles podem refazer todo o meu corpo, me dar roupas elegantes e me deixar novamente bonita. Eles podem bolar armas de sonho que ganharão vida em minhas mãos, mas jamais farão novamente a lavagem cerebral para me convencer da necessidade de utilizá-las. Não tenho mais nenhum compromisso com aqueles monstros chamados seres humanos. Eu mesma me desprezo por fazer parte deles. Acho que Peeta tinha certa razão quando disse que poderíamos destruir uns aos outros e deixar que outras espécies decentes assumissem o planeta. Porque há algo significativamente errado com uma criatura que sacrifica as vidas de seus filhos para resolver suas diferenças. Para onde quer que você se vire, você enxergará esse tipo de visão de mundo. Snow pensava que os Jogos Vorazes eram uma forma de controle eficiente. Coin pensava que os paraquedas apressariam o fim da guerra. Mas no fim, a quem tudo isso beneficia? A ninguém. A verdade é que viver num mundo onde esse tipo de coisa acontece não traz benefícios a ninguém.

Após dois dias deitada em cima do colchão sem esboçar nenhuma tentativa de comer, beber ou mesmo ingerir um tablete de morfináceo, a porta do meu quarto se abre. Alguém contorna a cama e entra no meu campo de visão. Haymitch.

– Seu julgamento acabou – diz ele. – Vamos embora. Vamos para casa.

Casa? Do que ele está falando? Minha casa já era. E mesmo que fosse possível ir para esse lugar imaginário, estou fraca demais para me mover. Estranhos aparecem. Reidratam-me e me dão comida. Banham-me e me vestem. Um me levanta como se eu fosse uma boneca esfarrapada e me carrega até o terraço, me põe dentro de um aerodeslizador e aperta meu cinto de segurança. Haymitch e Plutarch sentam-se à minha frente. Em alguns instantes, estamos voando.

Jamais vi Plutarch em tão bom humor. Ele está resplandecente.

– Você deve estar querendo fazer milhões de perguntas! – Como eu não reajo, ele as responde assim mesmo.

Depois que eu atirei a flecha em Coin, houve um pandemônio. Quando o distúrbio arrefeceu, descobriram o corpo de Snow, ainda atado ao pilar. Há opiniões divergentes em relação à causa de sua morte: se ele morreu sufocado de tanto rir ou se foi esmagado pela multidão. Na verdade, ninguém se importa muito. Uma eleição de emergência foi organizada e Paylor foi eleita presidenta. Plutarch foi apontado secretário de comunicações, o que significa que ele é o responsável por decidir a programação que vai ao ar. O primeiro grande evento televisionado foi o meu julgamento, no qual ele também foi uma testemunha com status de estrela. Testemunhando a meu favor, evidentemente. Embora grande parte do crédito pela minha absolvição deva ser dado ao dr. Aurelius, que aparentemente fez valer suas sonecas, apresentando-me como uma irremediável lunática abalada por traumas de guerra. Uma condição para minha soltura é que eu continue sob seus cuidados, embora seja necessário que as consultas se deem pelo telefone porque ele jamais moraria num lugar abandonado como o 12, onde ficarei confinada até que outras decisões sejam tomadas. A verdade é que ninguém sabe exatamente o que fazer comigo agora que a guerra acabou, apesar de que, se porventura uma outra se tornar iminente, Plutarch tenha certeza de que encontrariam um lugar para mim. Em seguida Plutarch dá uma boa gargalhada. Ao que parece, ele nunca se irrita ao perceber que ninguém ri de suas piadas.

– Você está se preparando para mais uma guerra, Plutarch? – pergunto.

– Ah, não agora. Agora estamos naquele período tranquilo onde todo mundo concorda que os nossos horrores recentes jamais deveriam se repetir – diz ele. – Mas o pensamento em prol do coletivo normalmente possui vida curta. Somos seres volúveis e idiotas com uma péssima capacidade para lembrar das coisas e com uma enorme volúpia pela autodestruição. Mas quem sabe? De repente vai ser isso mesmo, Katniss.

– O quê? – pergunto.

– O nosso tempo atual. Pode ser que a gente esteja testemunhando a evolução da raça humana. Pense nisso. – E então pergunta se eu gostaria de cantar num novo programa que ele está lançando daqui a algumas semanas. Alguma coisa que levantasse o astral seria ótimo. Ele vai mandar a equipe me fazer uma visita.

Fazemos um breve pouso no Distrito 3 para Plutarch sair. Ele vai se encontrar com Beetee para fazer as atualizações tecnológicas do sistema de transmissão. Suas palavras de despedida a mim são:

– Não suma.

Quando voltamos para a companhia das nuvens, olho para Haymitch e digo:

– E aí, por que é que você está voltando ao 12?

– Parece que nem na Capital existe um lugar para mim – diz ele.

A princípio, não questiono suas palavras. Mas dúvidas começam a surgir em minha cabeça. Haymitch não assassinou ninguém. Ele poderia ir para qualquer lugar. Se está voltando para o 12 é porque recebeu ordens para isso.

– Você precisa tomar conta de mim, não é? Como meu mentor. – Ele dá de ombros. Então eu percebo o que isso significa. – Minha mãe não vai voltar.

– Não, não vai – diz ele. Ele puxa um envelope do bolso do paletó e o entrega a mim. Examino a escrita delicada e delineada com perfeição. – Ela está ajudando a montar um hospital no Distrito 4. Ela quer que você ligue para ela assim que a gente chegar. – Meu dedo percorre o gracioso rodopio das letras. – Você sabe por que ela não pode voltar. – Sim, eu sei por quê. Porque com meu pai e Prim e as cinzas, o lugar é insuportavelmente doloroso. Mas, aparentemente, não para mim. – Você quer saber que outras pessoas também não estarão lá?

– Não – digo. – Quero ter uma surpresa.

Como um bom mentor, Haymitch me faz comer um sanduíche e em seguida finge acreditar que durmo durante o resto da viagem. Ele se ocupa entrando e saindo de todos os compartimentos do aerodeslizador, encontrando garrafas de bebida e estocando-as em sua bolsa. Já é noite quando aterrissamos no verde da Aldeia dos Vitoriosos. Metade das casas estão com luzes nas janelas, incluindo a de Haymitch e a minha. A de Peeta não. Alguém acendeu um fogo na minha cozinha. Eu me sento na cadeira de balanço em frente a ele, com a carta de minha mãe firmemente presa em minha mão.

– Bom, amanhã a gente se vê – diz Haymitch.

Assim que o ruído das garrafas na bolsa dele desaparece, sussurro:

– Duvido muito.

Não consigo sair da cadeira. As outras dependências da casa se agigantam à minha frente, frias, vazias e escuras. Enrolo-me em um velho xale e observo as chamas. Acho que adormeço, porque a próxima coisa de que me lembro é que já está de manhã e Greasy Sae está fazendo barulho no fogão. Ela prepara ovos e torradas para mim, e fica lá sentada até eu terminar de comer. Não conversamos muito. Sua netinha, a que vive em seu próprio mundo, pega uma bola de linha azul da cesta de tricô de minha mãe. Greasy Sae fala para ela colocá-la de volta no lugar, mas deixo-a ficar com a bola. Ninguém que sobrou nesta casa sabe tricotar. Depois do café da manhã, Greasy Sae lava os pratos e vai embora, mas retorna na hora do jantar para me fazer comer novamente. Não sei se está apenas sendo uma boa vizinha ou se está sendo paga pelo governo para fazer isso, só sei que ela aparece duas vezes por dia. Ela cozinha e eu como. Tento decidir qual será meu próximo passo. Agora não há mais nenhum empecilho para que eu siga com a minha vida. Mas parece que ainda estou esperando alguma coisa.

Às vezes, o telefone toca e toca e toca, mas não atendo. Haymitch nunca me visita. Talvez ele tenha mudado de ideia e ido embora, apesar de eu desconfiar de que está mesmo é bêbado. Ninguém aparece além de Greasy Sae e sua neta. Após meses de confinamento solitário, elas parecem uma multidão.

– Hoje está um clima de primavera. Você precisa dar uma volta por aí – diz ela. – Vá caçar.

Eu não saí de casa. Não saí nem da cozinha a não ser para ir ao pequeno banheiro a alguns passos dela. Estou com as mesmas roupas que estava usando quando saí da Capital. O que faço é ficar sentada perto do fogo. Olhar as cartas não abertas que se empilham em cima do consolo da lareira.

– Não tenho arco.

– Dá uma olhada no corredor – diz ela.

Depois que ela vai embora, penso em fazer uma incursão ao corredor. Descarto a ideia. Mas depois de várias horas, acabo indo, andando em silêncio, com meias nos pés, de modo a não acordar os fantasmas. No estúdio, onde tomei meu chá com o presidente Snow, encontro uma caixa com a jaqueta de caçadas de meu pai, nosso livro de plantas, a foto de casamento de meus pais, a cavilha que Haymitch me enviou na arena e o medalhão em formato de caixinha que Peeta me deu na arena-relógio. Os

dois arcos e uma aljava de flechas que Gale resgatou na noite do bombardeio repousam em cima da escrivaninha. Visto a jaqueta de caça e deixo o restante das coisas onde estão. Adormeço no sofá da sala de estar. Um terrível pesadelo se segue e estou deitada numa cova bem funda e todas as pessoas mortas que conheço de nome aparecem e jogam uma pá de cinzas em cima de mim. É um sonho bem longo, por causa da extensão da lista de pessoas, e quanto mais fundo me enterram, mais difícil se torna respirar. Tento gritar, implorando para que parem, mas as cinzas enchem minha boca e meu nariz, e não consigo emitir nenhum som. E a pá continua cavando, cavando, cavando...

Acordo sobressaltada. Uma tênue luz matinal surge nas bordas das persianas. A escavação da pá continua. Ainda meio dentro do pesadelo, disparo corredor afora, saio pela porta da frente e contorno a lateral da casa, porque agora tenho certeza absoluta de que conseguirei gritar com os mortos. Quando o vejo, paro de imediato. Seu rosto está vermelho pelo esforço de escavar a terra sob as janelas. Num carrinho de mão, há cinco arbustos descuidados.

– Você voltou – digo.

– Dr. Aurelius só me deixou sair da Capital ontem – diz Peeta. – A propósito, ele disse para eu falar para você que ele não vai poder ficar fingindo para sempre que está te tratando. Você vai ter de atender o telefone alguma hora.

Ele parece bem. Magro e coberto de cicatrizes de queimadura, como eu, mas seus olhos perderam aquela aparência nublada, torturada. Está franzindo ligeiramente as sobrancelhas enquanto me observa. Faço um esforço mais ou menos contido para tirar o cabelo da frente dos olhos e percebo que ele está emaranhado. Sinto-me na defensiva.

– O que você está fazendo?

– Fui até a floresta agora de manhã e colhi isso aqui. Para ela – diz ele. – Pensei que a gente podia de repente plantá-las ao longo da lateral da casa.

Olho para as plantas, os bolos de terra pendurados das raízes, e respiro fundo à medida que a palavra rosa é registrada em minha mente. Estou prestes a berrar as coisas mais horríveis para Peeta quando o nome verdadeiro me vem à mente. Não se trata de rosa comum, mas da Prímula Noturna. A flor em homenagem a qual minha irmã foi batizada. Balanço a cabeça para Peeta e corro de volta para casa, trancando a porta atrás de mim. Mas a coisa nefasta está no interior, não no exterior. Tremendo de

fraqueza e ansiedade, subo a escada correndo. Meu pé se prende no último degrau e dou de cara no chão. Forço-me a ficar de pé e entro no quarto. O cheiro está bastante tênue, mas ainda impregna o ar. Ela está lá. A rosa branca em meio às flores secas no vaso. Murcha e frágil, mas mantendo ainda aquela perfeição artificial cultivada na estufa de Snow. Agarro o vaso, desço até a cozinha e despejo o conteúdo em cima das brasas. À medida que as flores vão sendo consumidas pelo fogo, uma chama azul irrompe ao redor da rosa e a devora. O fogo vence novamente as rosas. Arrebento o vaso no chão para completar o serviço.

De volta ao segundo andar, abro as janelas do quarto para que o resto do fedor de Snow abandone definitivamente o ambiente. Mas ele perdura, em minhas roupas e em meus poros. Eu me dispo, e lascas de pele do tamanho de cartas de baralho grudam-se ao traje. Evitando o espelho, vou para debaixo do chuveiro e me esfrego para tirar o odor das rosas dos cabelos, do corpo e da boca. Com a pele rosada e pinicando, encontro alguma coisa limpa para vestir. Levo meia hora para pentear os cabelos. Greasy Sae abre a porta da frente. Enquanto ela prepara o café da manhã, alimento o fogo com as roupas que arranquei do corpo. Seguindo a sugestão dela, corto as unhas com uma faca.

Enquanto como os ovos, pergunto a ela:

– Para onde foi o Gale?

– Distrito 2. Arrumou um emprego bacaninha por lá. Eu o vejo de vez em quando na TV – diz ela.

Vasculho meu interior, tentando identificar raiva, ódio, anseio, mas encontro apenas alívio.

– Hoje vou sair para caçar – digo.

– Bom, até que uma caça recém-abatida cairia bem – responde ela.

Apanho o arco e flecha e vou em frente, na intenção de sair do 12 através da Campina. Perto da praça, encontram-se grupos de pessoas mascaradas e enluvadas com carroças puxadas por cavalos. Remexendo o que há abaixo da camada de neve neste inverno. Recolhendo restos. Uma carroça está estacionada em frente à casa do prefeito. Reconheço Thom, o antigo colega de trabalho de Gale, fazendo uma pausa para enxugar o suor do rosto com um trapo. Lembro de tê-lo visto no 13, mas ele deve ter voltado. Sua saudação me dá a coragem de perguntar:

– Acharam alguém lá dentro?

– Uma família inteira. E as duas pessoas que trabalhavam para eles – diz Thom.

Madge. Quieta, gentil e corajosa. A garota que me deu o broche, que me deu um nome. Engulo em seco. Imagino se ela se juntará ao meu elenco de pesadelos hoje à noite. Jogando cinzas na minha boca com uma pá.

– Pensei que, de repente, já que ele era o prefeito...

– Não acho que ser o prefeito do 12 melhorou muito as coisas para ele – diz Thom.

Balanço a cabeça concordando e sigo em frente, tomando cuidado para não olhar para a caçamba da carroça. Por toda a cidade, a Costura é a mesma coisa. A colheita dos mortos. À medida que me aproximo das ruínas de minha antiga casa, a estrada fica repleta de carroças. A campina não existe mais, ou pelo menos foi dramaticamente alterada. Um fosso profundo foi cavado, e estão enchendo o buraco de ossos, uma imensa sepultura coletiva para o meu povo. Contorno o buraco e entro na floresta em meu ponto costumeiro. Mas pouco importa. A cerca não está mais eletrificada e agora está com longos galhos para espantar os predadores. Mas vícios antigos são difíceis de abandonar. Penso em ir até o lago, mas estou tão fraca que mal consigo chegar ao meu ponto de encontro com Gale. Sento-me na rocha onde Cressida nos filmou, mas ela é larga demais sem o corpo dele ao meu lado. Diversas vezes fecho os olhos e conto até dez, pensando que assim que reabri-los, ele terá se materializado sem fazer barulho, como ocorria com frequência. Preciso lembrar que Gale está no 2 com um emprego legal, provavelmente beijando outra boca.

É o tipo de dia favorito da antiga Katniss. Começo de primavera. A floresta despertando após o longo inverno. Mas o jorro de energia que começou com as prímulas evanesceu. Quando volto à cerca, já estou enjoada e tonta, e Thom precisa me dar uma carona até minha casa, na carroça de pessoas mortas. E me ajudar a chegar ao sofá na sala, onde observo o pó rodopiar nos finos raios de luz vespertina.

Minha cabeça olha para os lados ao ouvir o silvo, mas levo um tempo para acreditar que é real. Como ele poderia ter chegado ali? Examino atentamente as marcas das garras deixadas por algum animal selvagem, a pata traseira que ele mantém ligeiramente acima do chão, os ossos protuberantes em seu rosto. Ele veio a pé, então, do 13 até aqui. Talvez eles o tenham expulsado ou talvez ele simplesmente não tenha suportado ficar lá sem ela e então voltou para procurá-la.

– Você só perdeu tempo. Ela não está aqui – digo a ele. Buttercup mia. – Ela não está aqui. Pode miar o quanto quiser. Você não vai achar a Prim. – Ao ouvir o nome dela, ele levanta a cabeça. Ergue as orelhas achatadas. Começa a miar cheio de esperança. – Vá embora! – Ele se desvia da almofada que jogo nele. – Vá embora! Não tem nada aqui para você! – Começo a tremer, furiosa com ele. – Ela não vai voltar! Ela nunca mais vai voltar para cá! – Pego outra almofada e me levanto para aprimorar a mira. Do nada, as lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. – Ela está morta. – Envolvo os braços em meu próprio corpo para aliviar a dor. Caio sobre os tornozelos, balançando a almofada, gritando: – Ela está morta, seu gato idiota. Morta! – Um novo som, parte choro, parte canto, escapa de meu corpo, dando voz ao meu desespero. Buttercup começa a choramingar também. Não importa o que eu faça, ele não arreda o pé de lá. Ele anda ao meu redor, fora de alcance, enquanto onda após onda de soluços sacodem o meu corpo, até que por fim caio inconsciente. Mas ele deve ter entendido. Ele deve saber que o impensável aconteceu e que sobreviver obrigará à execução de atos previamente impensáveis. Porque horas depois, quando volto a mim na cama, ele está lá ao luar. Agachado ao meu lado, olhos amarelos alertas, me protegendo da noite.

De manhã, permanece sentado estoicamente enquanto limpo os cortes, mas desenterrar o espinho de sua pata proporciona uma rodada daqueles miados de gatinho. Nós dois acabamos chorando novamente, só que dessa vez consolando um ao outro. Fortificada por isso, abro a carta de minha mãe que Haymitch me entregou, telefono para ela e também acabo chorando com ela. Peeta, segurando um pedaço de pão recém-saído do forno, aparece com Greasy Sae. Ela nos prepara o café da manhã e eu dou todo o meu bacon para Buttercup.

Lentamente, depois de muitos dias perdidos, volto à vida. Tento seguir o conselho do dr. Aurelius, simplesmente agir sem nenhum entusiasmo especial, e me surpreendo quando algo finalmente volta a fazer algum sentido. Converso com ele sobre a minha ideia do livro, e uma enorme caixa com folhas de papel de pergaminho chega no trem seguinte, vindo da Capital.

Tive a ideia a partir do livro de plantas de nossa família. O lugar onde registramos aquelas coisas que não se pode confiar à memória. A página começa com o rosto da pessoa. Uma foto, se for posível encontrar uma. Se não for, um desenho ou uma pintura de Peeta. Então, com a minha mais

cuidadosa escrita, surgem todos os detalhes que seria um crime esquecer. Lady lambendo a bochecha de Prim. O riso de meu pai. O pai de Peeta com os biscoitos. A cor dos olhos de Finnick. O que Cinna era capaz de fazer com um pedaço de seda. Boggs reprogramando o Holo. Rue na pontinha dos pés, os braços ligeiramente abertos, como se fosse um pássaro prestes a alçar voo. E assim por diante. Lacramos as páginas com sal marinho e promessas de viver bem para que as mortes tenham valido a pena. Haymitch finalmente se junta a nós, contribuindo com vinte anos de tributos que ele foi forçado e orientar. Adições tornam-se menores. Uma antiga lembrança que volta à tona. Uma antiga prímula preservada entre as páginas. Estranhos fragmentos de felicidade, como a foto do filho recém-nascido de Finnick e Annie.

Aprendemos a nos manter novamente ocupados. Peeta faz pão. Haymitch bebe até a bebida acabar, e então cria gansos até que o próximo trem chegue. Felizmente, os gansos podem cuidar muito bem de si mesmos. Não estamos sozinhos. Algumas centenas de outros retornam porque, independentemente do que tenha acontecido, este é o nosso lar. Com o fechamento das minas, eles aram as cinzas da terra e plantam comida. Máquinas vindas da Capital preparam o terreno para uma nova fábrica onde produziremos medicamentos. Embora ninguém cultive, a Campina fica verde novamente.

Peeta e eu voltamos a conviver. Ainda há momentos em que ele agarra as costas de uma cadeira e se segura até que os flashbacks tenham passado. Acordo de pesadelos com bestantes e crianças perdidas. Mas seus braços estão lá para me consolar. E por fim, sua boca. Na noite em que sinto aquela coisa novamente, a ânsia que tomou conta de mim na praia, sei que isso teria acontecido de um jeito ou de outro. Que aquilo de que necessito para sobreviver não é o fogo de Gale, aceso com raiva e ódio. Eu mesma tenho fogo suficiente. Necessito é do dente-de-leão na primavera. Do amarelo vívido que significa renascimento em vez de destruição. Da promessa de que a vida pode prosseguir, independentemente do quão insuportáveis foram as nossas perdas. Que ela pode voltar a ser boa. E somente Peeta pode me dar isso.

Então, depois, quando ele sussurra:

– Você me ama. Verdadeiro ou falso?

Eu digo a ele:

– Verdadeiro.

EPÍLOGO

Eles estão brincando na Campina. A menina com cabelos escuros e olhos azuis dança. O menino com cachos louros e olhos cinzentos se esforça para manter o ritmo dela com suas perninhas gorduchas de bebê. Foram necessários cinco, dez, quinze anos para que eu concordasse. Mas Peeta queria muito tê-los. Quando a senti pela primeira vez se agitando dentro de mim, fui consumida por um terror que parecia tão velho quanto a própria vida. Apenas a alegria de segurá-la nos braços pôde fazer com que o superasse. Carregá-lo foi um pouquinho mais fácil, mas não muito.

As perguntas estão apenas começando. As arenas foram completamente destruídas, os memoriais erguidos, não há mais Jogos Vorazes. Mas os professores dão aulas sobre eles nas escolas, e a menina sabe que desempenhamos um papel nesses eventos. O menino saberá daqui a alguns anos. Como posso falar para eles sobre aquele mundo sem deixá-los mortos de medo? Meus filhos, que não encaram com indiferença a letra da canção:

Bem no fundo da campina, embaixo do salgueiro
Um leito de grama, um macio e verde travesseiro
Deite a cabeça e feche esses olhos cansados
E quando eles se abrirem, o sol já estará alto nos prados.
Aqui é seguro, aqui é um abrigo
Aqui as margaridas lhe protegem de todo perigo
Aqui seus sonhos são doces e amanhã serão lei
Aqui é o local onde eu sempre lhe amarei.

Meus filhos, que não sabem que brincam num cemitério.

Peeta diz que vai ficar tudo bem. Temos um ao outro. E o livro. Podemos fazê-los compreender de uma maneira que os torne ainda mais corajosos. Mas um dia eu terei de dar uma explicação sobre os meus pesadelos. Por que eles acontecem. Por que eles realmente jamais acabarão.

Direi a eles como sobrevivo aos pesadelos. Direi a eles que nas manhãs desagradáveis, é impossível sentir prazer em qualquer coisa que seja, porque temo que essa coisa me possa ser tirada. É quando faço uma lista em minha cabeça com todos os atos de bondade que vi alguém

realizando. É como um jogo. Repetitivo. Até um pouco entediante após mais de vinte anos.

Mas há jogos muito piores do que esse.

FIM

AGRADECIMENTO

Gostaria de prestar meus tributos às seguintes pessoas que deram seu tempo, seu talento e seu apoio para Jogos Vorazes.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu extraordinário triunvirato de editores. Kate Egan, cujos insights, humor e inteligência me guiaram por 8 livros; Jen Rees, cuja clareza de visão capta coisas que nos são imperceptíveis; e David Leviathan, que se move com tanta desenvoltura por seus múltiplos papéis de Anotador, Mestre em Títulos e Diretor Editorial.

Em meio a rascunhos toscos, comida estragada, todos os altos e baixos, você está lá comigo, Rosemary Stimola, conselheira criativa de mão cheia e guardiã profissional na mesma medida, minha agente literária e minha amiga. E Jason Davis, meu agente de entretenimento há muitos anos, eu tenho muita sorte de ter você tomando conta de mim agora que rumamos para as telas.

Muito obrigada à designer Elizabeth B. Parisi e ao artista Tim O'Brien pelas capas dos livros que captaram com tanto sucesso não só os tordos como também a atenção do público.

Minhas saudações à incrível equipe da Scholastic por levar ao mundo os Jogos Vorazes: Sheila Marie Everett, Tracy van Straaten, Rachel Coun, Leslie Garych, Adrienne Vrettos, Nick Martin, Jacky Harper, Lizette Serrano, Kathleen Donohoe, John Mason, Stephanie Nooney, Karyn Browne, Joy Simpkins, Jess White, Dick Robinson, Ellie Berger, Suzanne Murphy, Andrea Davis Pinkney, toda a equipe de vendas da Scholastic e muitas outras pessoas que dedicaram tanta energia, inteligência e experiência a essa série.

Aos cinco amigos-escritores em quem confio mais intensamente, Richard Register, Mary Beth Bass, Christopher Santos, Peter Bakalian e James Proimos, muita gratidão por seus conselhos, perspectivas e risos.

Um carinho especial a meu falecido pai, Michael Collins, que plantou a semente para essa série com seu profundo compromisso em instruir seus filhos a respeito da guerra e da paz, e a minha mãe, Jane Collins, que me apresentou aos gregos, à ficção científica e à moda (embora essa última não tenha criado raízes); minhas irmãs, Kathy e Joanie; meu irmão, Drew, meus cunhados, Dixie e Charles Pryor; e os muitos membros de minha extensa família, cujo entusiasmo me fez seguir em frente.

E finalmente meu marido, Cap Pryor, que leu Jogos Vorazes em seu primeiro rascunho, insistiu em receber respostas a perguntas que nem mesmo eu havia imaginado, e permaneceu sendo meu ouvinte paciente ao longo de toda a série. Meu muito obrigado a ele e aos meus filhos maravilhosos, Charlie e Isabel, por me amarem dia após dia, por sua paciência e pela alegria que me proporcionam.

Copyright © 2010 *by* Suzanne Collins

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br
www.facebook.com/roccojovensleitores
www.facebook.com/jogosvorazesatrilogia

A AUTORA

Suzanne Collins nasceu nos Estados Unidos. Ela começou sua carreira escrevendo para programas infantis no canal Nickelodeon. Seus livros repetiram o sucesso dos roteiros. Ela vive com a família em Connecticut.

Produção do arquivo ePub: ROCCO DIGITAL

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C674t
Collins, Suzanne
Trilogia Jogos Vorazes [recurso eletrônico] : Jogos Vorazes, Em chamas, A esperança / Suzanne Collins ; tradução Alexandre D'Elia. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.
recurso digital

Tradução de: The Hunger Games : Catching fire : Mockingjay
ISBN 978-85-8122-302-5 (recurso eletrônico)

1. Sobreviventes - Literatura infantojuvenil. 2. Cinema - Literatura infantojuvenil. 3. Relações humanas - Literatura infantojuvenil. 4. Ficção científica americana. 5. Ficção infantojuvenil americana. 6. Livros eletrônicos. I. D'Elia, Alexandre. II. Título.
13-06375 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.